

PATRÍSTICA

SÃO JOÃO CRISÓSTOMO

Comentário às Cartas de São Paulo/3



SÃO JOÃO CRISÓSTOMO

COMENTÁRIO ÀS CARTAS DE SÃO PAULO/3

Homilias sobre as cartas:
Primeira e Segunda a Timóteo,
a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses,
Primeira e Segunda aos Tessalonicenses,
a Filemon, aos Hebreus



Índice

[APRESENTAÇÃO](#)

[HOMILIAS SOBRE A PRIMEIRA CARTA A TIMÓTEO](#)

[HOMILIAS SOBRE A SEGUNDA CARTA A TIMÓTEO](#)

[HOMILIAS SOBRE A CARTA A TITO](#)

[HOMILIAS SOBRE A CARTA AOS FILIPENSES](#)

[HOMILIAS SOBRE A CARTA AOS COLOSSENSES](#)

[HOMILIAS SOBRE A PRIMEIRA CARTA AOS TESSALONICENSES](#)

[HOMILIAS SOBRE A SEGUNDA CARTA AOS TESSALONICENSES](#)

[HOMILIAS SOBRE A CARTA A FILEMON](#)

[HOMILIAS SOBRE A CARTA AOS HEBREUS](#)

APRESENTAÇÃO

Suruiu, pelos anos 40, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos, conhecidos tradicionalmente como “Padres da Igreja”, ou “santos Padres”, e suas obras. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção “Sources Chrétiennes”, hoje com centenas de títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Suruiu a necessidade de “voltar às fontes” do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras destes autores antigos, pouco se fez. A Paulus Editora procura, agora, preencher esse vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as “fontes” do cristianismo para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. Paulus Editora quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos, não exaustiva, cuidadosamente traduzida e preparada, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.

Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar anotações excessivas, as longas introduções estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infindas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém, séria.

Cada obra tem uma introdução breve com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos devem-se ao fato de que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística e Padres ou Pais da Igreja. O termo patrologia designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga, incluindo também obras de escritores leigos. Por patrística se entende o estudo da doutrina, das origens dessa doutrina, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico, e da evolução do pensamento teológico dos pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão “teologia patrística” para indicar a doutrina dos padres da Igreja distinguindo-a da “teologia bíblica”, da “teologia escolástica”, da

“teologia simbólica” e da “teologia especulativa”. Finalmente, “Padre ou Pai da Igreja” se refere a escritor leigo, sacerdote ou bispo, da antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunho particularmente autorizado da fé. Na tentativa de eliminar as ambiguidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram em receber como “Pai da Igreja” quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e antiguidade. Mas os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e antiguidade são ambíguos. Não se espere encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a Antiguidade se estende um pouco mais, até a morte de s. João Damasceno (675-749).

Os “Pais da Igreja” são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda tradição posterior. O valor dessas obras que agora Paulus Editora oferece ao público pode ser avaliado neste texto: “Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim, arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar este fim. (...) Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem-disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual” (B. Altaner e A. Stuiber, Patrologia, São Paulo, Paulus, 1988, pp. 21-22).

A Editora

HOMILIAS SOBRE A PRIMEIRA CARTA A TIMÓTEO DE SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, PADRE DA IGREJA, ARCEBISPO DE CONSTANTINOPLA

INTRODUÇÃO

Timóteo era um dos discípulos do Apóstolo. Lucas, de acordo com os testemunhos dos irmãos de Listra e de Icônio (At 16,2), atesta que era um jovem admirável. Foi, ao mesmo tempo, discípulo e mestre. Era de tal forma prudente que, ouvindo dizer que Paulo anunciava o evangelho aos incircuncisos e sabendo que por isso se opôs a Pedro, preferiu não anunciar o contrário e também submeter-se à circuncisão. Foi circuncidado (At 16,3) naquela idade, e assim foi-lhe confiado todo o ministério. Certamente bastava para indicar quem ele era, o seu amor a Paulo, o qual em toda parte o atesta, por escrito e oralmente: “Sabeis que prova deu: como um filho ao lado do pai, ele serviu comigo à causa do evangelho” (Fl 2,22); e aos coríntios ainda escreve: “Enviei-vos Timóteo, meu filho amado e fiel no Senhor”; e mais uma vez: “Ninguém o menospreze! Pois trabalha na obra do Senhor, como eu” (1Cor 4,17; 16,11; 16,10). Escreve também aos hebreus, nesses termos: “Sabei que o nosso irmão Timóteo foi libertado” (Hb 13,23). Em toda parte é possível encontrar sinais dessa amizade. E os milagres então realizados demonstram o grande crédito de que gozava.

Se alguém quisesse saber por que se dirigiu somente a Tito e a Timóteo, apesar de Silas e Lucas serem igualmente virtuosos, responderia o próprio Paulo, ao escrever: “Somente Lucas está comigo” (2Tm 4,11). Dentre os que lhe faziam companhia achava-se também Clemente, do qual ele declara: “Em companhia de Clemente e dos demais colaboradores meus” (Fl 4,3). Por que motivo, então, se dirige apenas a Tito e a Timóteo? Porque já lhes entregara o governo de Igrejas; quanto aos outros, ainda os levava consigo nas viagens. Nesses trechos trata de alguns tópicos importantes. Timóteo era tão virtuoso que sua juventude não lhe ocasionava impedimento. Por isso escreve o Apóstolo: “*Que ninguém te despreze por seres jovem*”; [e ainda: “*Às moças, como a irmãs*” (1Tm 4,12; 5,2)]. Quando há virtude, há superabundância e nada se torna obstáculo. Ao dissertar a respeito dos bispos e abordar várias questões a eles relacionadas, jamais alude à idade. Se escreve: “*Mantendo os seus filhos na submissão*”; e: “*Esposo de uma única mulher*” (1Tm 3,4; 32), não quer dizer precisarem de mulher e filhos, mas tem em vista que se um secular for elevado a este múnus, saiba governar a casa, os filhos etc. Se ele se mostrar incapaz nestas funções, será possível confiar-lhe o governo de uma Igreja?

No entanto, por que envia a Carta ao discípulo, ao qual já confiara o múnus de ensinar? Acaso não importava fosse ele primeiro perfeitamente instruído e só depois enviado? Em verdade, ele não precisava dos conhecimentos de um discípulo, mas dos que competiam a um mestre. Observa, portanto, que, em toda a Carta, o Apóstolo emite ensinamentos convenientes aos mestres. E logo no início não declara: Não dêis atenção aos que ensinam de outra maneira; mas, o que exige? “*Admoestares a alguns a não ensinarem outra doutrina*” (1Tm 1,3).

PRIMEIRA HOMILIA

1,1. Paulo, apóstolo de Jesus Cristo, por ordem de Deus, nosso Salvador, e do Senhor Jesus Cristo, nossa esperança,

2. a Timóteo, meu verdadeiro filho na fé, graça, misericórdia e paz da parte de Deus, nosso Pai e de

Cristo Jesus, nosso Senhor.

Grande a dignidade do Apóstolo, grande e admirável! Notamos que Paulo sempre dá precedência à sua dignidade, não por usurpação de honrarias, mas porque lhe fora transmitida, juntamente com os inerentes deveres. Efetivamente, ao declarar que foi chamado (Rm 1,1) “por vontade de Deus”, e noutra passagem: “É antes uma obrigação que se me impõe”, e: “Desempenho um encargo” (1Cor 1,1; 9,16) aparta a possibilidade de qualquer ambição e arrogância. O usurpador de uma honra que Deus não lhe concedeu merece extrema repreensão; de outro lado, quem rejeita a oferta e escapa, contrai culpa diferente, a saber, de desobediência e rebelião. Paulo o exprime agora no começo da Carta a Timóteo, nesses termos: *“Paulo, apóstolo de Jesus Cristo, por ordem de Deus”*. Não afirma: Paulo foi chamado, e sim: *“Por ordem de Deus”*. Assim inicia, no intuito de evitar em Timóteo o erro humano de julgar que se dirigia igualmente a ele e aos demais discípulos. Mas, onde Deus lhe deu esta ordem? Encontra-se nos Atos dos Apóstolos que o Espírito Santo ordenou: “Separai-me Saulo e Barnabé” (At 13,2). E em todos os seus escritos ele acrescenta o título de “apóstolo”, prevenindo ao ouvinte que seu anúncio não é obra humana. De fato, o Apóstolo nada extrai de si próprio e, ao proferir a palavra “apóstolo”, remete a mente do ouvinte àquele que o enviou. Por isso, em todas as cartas, este título precede, tornando fidedigna a palavra: *“Paulo, apóstolo de Jesus Cristo, por ordem de Deus, nosso Salvador”*. Ora, nunca lhe aparece o Pai a dar ordens, mas sempre fala o próprio Cristo. Entretanto, o que diz? “Vai ao longe, aos gentios é que eu quero te enviar”; e ainda: “Deves comparecer perante César” (At 22,21; 27,24). Afirma que tudo o que o Filho ordena o Pai também preceitua, bem como o que diz o Espírito é igualmente do Filho. Eis, portanto, que é enviado pelo Espírito, separado pelo Espírito e assegura tratar-se de ordem de Deus. Por que razão? Afirmar o Apóstolo que foi enviado segundo a ordem do Pai não atenua o poder do Filho? Absolutamente, não. Repara na afirmação de que é comum o poder. Com efeito, havendo dito: *“Por ordem de Deus, nosso Salvador”*, acrescentou: *“E do Senhor Jesus Cristo, nossa esperança”*. Observa a propriedade dos termos. O Salmista também assim fala acerca do Pai: “A esperança dos confins da terra” (Sl 65,6); e ainda S. Paulo em outra passagem assim escreve: *“Pois se nós trabalhamos e lutamos, é porque colocamos a nossa esperança no Deus vivo e verdadeiro”* (1Tm 4,10). É forçoso que o mestre se sujeite a muitos perigos, bem mais do que os discípulos. Com efeito, “ferirei o pastor e as ovelhas do rebanho se dispersarão” (Zc 13,7; Mt 26,31). Sendo assim, o diabo com maior violência insufla sobre eles, porque, de fato, ferido o pastor, o rebanho se dispersa. Em verdade, matar as ovelhas diminui o rebanho, mas eliminar o pastor causa a ruína do rebanho inteiro. Por conseguinte, uma vez que ele com menos trabalho consegue resultado melhor, e por meio de uma só alma perde o todo, ataca especialmente os mestres. Por este motivo, o Apóstolo logo de início estimula, dizendo: Temos um Salvador que é Deus, e Cristo, nossa esperança. Sofremos muito, mas possuímos firme esperança; incorremos em perigos, em insídias, mas temos um Salvador, não homem apenas, mas Deus. O Salvador não é fraco, porque na realidade é Deus, e por maiores que forem os perigos, não haverão de nos vencer. Nem a esperança confunde, pois é Cristo. Apoiados nos dois, enfrentamos os perigos, e logo somos libertados, ou alimentamos as melhores esperanças. No entanto, por que jamais chama o Pai de apóstolo, e sim a Cristo? Considera ser tudo comum, e até afirma que o próprio Evangelho é de Deus. Por mais que sofrermos, diz ele, nada serão as dificuldades presentes.

“Timóteo, meu verdadeiro filho na fé”. Expressão repleta de conforto! Se demonstrara tamanha fé a ponto de tornar-se filho de Paulo, e não simplesmente filho, mas *“verdadeiro filho”*, deveria ter inteira confiança relativa ao futuro. É propriedade da fé não desanimar, nem se perturbar, por mais que os fatos pareçam opostos às promessas. Eis, contudo, que é filho, filho genuíno, não, contudo, de sua própria substância. Mas, então de qual? Acaso era um irracional? Todavia não era descendente de

Paulo, retrucas. É claro que não era. Então, o que era? Seria de substância diferente? Nem isto. Tendo empregado o termo: “*Filho*”, acrescentou: “*na fé*”, de sorte que assevera ser filho genuíno e provir do Apóstolo. Em nada diferia. Na fé era semelhante, segundo se observa também nos seres humanos. O filho assemelha-se ao pai, não, contudo, como em Deus, onde é maior a afinidade. Entre os homens, embora a substância seja a mesma, em muitos pontos eles diferem entre si. Ou diferem ou se assemelham pela cor, o porte, a prudência, o tempo, a decisão, as realidades espirituais, as corporais, as exterioridades etc. Em Deus, no entanto, nenhuma separação. A palavra: “*Por ordem*” é mais forte do que a expressão: “*Chamado*” (Rm 1,1), conforme se patenteia por outras passagens. De maneira semelhante àquele trecho: “*Timóteo, meu verdadeiro filho*”, ele se expressa na carta aos coríntios: “*Fui eu quem vos gerou em Cristo Jesus*”, isto é, “*na fé*”. Acrescentou o termo: “*Verdadeiro*”, a fim de assinalar semelhança apurada e maior do que a dos outros; e não só, mas ainda manifesta dileção e grande afeto por ele. Eis que emprega de novo: “*em*”, “*na fé*”: “*Meu verdadeiro filho na fé*”. Anota o grande elogio. Não apenas o chama de filho, mas de “*Verdadeiro filho*”. “*Graça, misericórdia e paz da parte de Deus, nosso Pai e de Cristo Jesus, nosso Senhor.*”

Por que nas outras cartas nunca precede a misericórdia, mas somente nesta? Vem do grande afeto. Formula vários votos em favor do filho, com temor e tremor. Preocupa-se a tal ponto que, embora jamais o tenha feito alhures, escreve acerca da saúde corporal, nesses termos: “*Toma um pouco de vinho por causa de teu estômago e de tuas frequentes fraquezas*” (1Tm 5,23). Os mestres precisam de maiores cuidados. “*Da parte de Deus, nosso Pai e de Cristo Jesus, nosso Senhor.*” Novamente um conforto. Pois Deus é Pai e cuida dos filhos seus. Escuta a palavra de Cristo: “*Quem dentre vós dará uma pedra a seu filho, se este lhe pedir pão?*” (Mt 7,9).

3. *Se eu te recomendei permanecer em Éfeso, quando estava de viagem para a Macedônia,*

Escuta a palavra suave, quase familiar, não qual fala de um mestre. Não diz: Ordenei, nem: Mandei, ou: Exortei. Como se exprime? “*Eu te recomendei.*” Não temos tais sentimentos para com todos os discípulos, e sim para com os mansos e virtuosos; relativamente aos demais, corruptos ou bastardos, procedemos de outro modo, conforme o Apóstolo escreve na passagem: “*Repreende-os com toda autoridade*” (Tt 2,15). Aqui, porém, vê o que diz:

foi para admoestares a alguns

Não: para recomendar, e sim: “*Para admoestares*”

a não ensinarem uma outra doutrina,

O que quer dizer? Acaso não bastava a Carta que Paulo lhes enviou? De fato, bastava; mas em geral os escritos são menosprezados. Ou provavelmente se deva dizer: Talvez tenha sido anterior à Carta. Ele passara muito tempo naquela cidade, onde havia o templo de Diana e onde padecera graves tribulações. Após ter se esvaziado o teatro e ele haver exortado os discípulos que convocara, embarcou; no entanto retornou. É razoável perguntar se então havia estabelecido ali Timóteo como chefe, pois diz: “*Para admoestares a alguns a não ensinarem uma outra doutrina*”. Não os cita nominalmente, a fim de não perderem o recato, uma vez que eram repreendidos publicamente. Ali havia dentre os judeus falsos apóstolos, que queriam arrastar os fieis novamente à Lei; por isso nas cartas sempre os incrimina. Agiam desta forma não tanto por caso de consciência quanto por vanglória e pela ambição de possuírem discípulos; eram movidos a disputar com São Paulo por inveja. É o que significa a expressão: “*Ensinarem uma outra doutrina*”.

4. *nem se ocuparem com fábulas e genealogias sem fim,*

Refere-se a fábulas, não à Lei, absolutamente; e sim, às falsas tradições, e aos ensinamentos

malvados e perversos. Provavelmente aqueles judeus tivessem tratado de futilidades, enumerando avós e bisavós, de tal sorte que conquistaram fama de perícia relativamente à história. *“Para admoestares a alguns a não ensinarem uma outra doutrina, nem se ocuparem com fábulas e genealogias sem fim”*. Qual o significado de: *“Sem fim”*? Sem finalidade, utilidade, ou dificilmente perceptível.

Vês que reprova estas indagações? Onde há fé, não há necessidade de investigação; onde não existe busca curiosa, há necessidade de investigação? De fato, a indagação exclui a fé. Pois quem levanta questões, ainda não encontrou; quem questiona não pode crer. Por este motivo ele diz: Não nos apliquemos a tais questões, pois, se estamos questionando, não há fé. A fé suaviza o raciocínio. Por que, então, diz Cristo: “Buscai e achareis; batei e vos será aberto”? (Mt 7,7) e: “Vós examinai as Escrituras porque julgais ter nelas a vida eterna” (Jo 5,39). A palavra: “Buscai” é empregada aqui no sentido de uma postulação e ardente desejo. Aqui se diz: “Examinai as Escrituras”, não para induzir ao labor das interrogações, mas para resolvê-las. De fato, disse: “Examinai as Escrituras”, isto é, a fim de termos solicitude por aprendê-las e conhecê-las; não para sempre procurarmos, e sim pormos um termo à busca. E com razão admoesta *“a alguns a não ensinarem uma outra doutrina, nem se ocuparem com fábulas e genealogias sem fim”*, as quais favorecem mais as discussões do que o *desígnio de Deus, que se realiza na fé*.

Com justeza disse: *“O desígnio de Deus”*. Deus, em verdade, quis conceder-nos dons grandiosos, mas nossa inteligência não abrange a grandeza de seu desígnio. Isto se faz pela fé, principal remédio das almas. A indagação, portanto, é oposta à economia de Deus. O que nos ministra a fé? A capacidade de captarmos seu benefício e melhorarmos, sem dúvidas nem contestações, e alcançarmos sossego. A indagação derruba o que a fé consumou e edificou, movendo buscas, e expulsando a fé.

“Nem se ocuparem com fábulas e genealogias sem fim.” Mas, perguntas, em que prejudicam as genealogias? Cristo dizia que importa conseguir a salvação por meio da fé; aqueles, ao invés, levantavam questões e diziam que as coisas não eram tais. Visto, porém, que a sentença era relativa ao presente, enquanto o acontecimento era futuro, a fé era necessária. Com efeito, para eles as observâncias legais eram impedimento à fé. Julgo que o Apóstolo alude também aos gentios, ao dizer: *“Fábulas e genealogias sem fim”*, porque eles citavam seus deuses.

Por conseguinte, não nos entreguemos às questões. Temos o título de fiéis porque acreditamos firmemente nas palavras e não duvidamos. Se fossem humanas, deveríamos examiná-las; mas se são palavras de Deus, importa somente respeitá-las e acreditar. Se não acreditarmos, nem nos convenceremos de que Deus existe. Sabes que Deus existe e reclamas prestação de contas? O primeiro indício de conheceres a Deus é crer no que ele diz, omitindo raciocínios e provas.

Até os gentios tinham tal conceito, pois acreditavam nos deuses, até sem comprovação. Por quê? Porque eram descendentes deles. Vês que também os gentios o sabiam? Mas por que falo de deuses? Davam crédito a um homem, prestidigitador e mago, a saber, Pitágoras. “Ele disse.” À semelhança do que acontecia nos templos, o silêncio era obrigatório, imposto de cima. Punha o dedo sobre a boca, apertava os lábios e exortava ao silêncio todos os que se apresentavam. Atitude honrosa! E não as nossas, que seriam ridículas? Não é excesso de loucura? São razoavelmente discutíveis as opiniões dos gentios, isto é, silogismos, dúvidas, deduções. Nossa doutrina disto se acha bem distante. Efetivamente, a sabedoria humana descobriu aquelas, a esta ensinou a graça espiritual; aquelas são próprias da estultice e insipiência, esta consiste em ensinamentos sapienciais. Ali não há discípulo nem mestre, mas todos levantam questões; aqui, mestre ou discípulo quer aprender de quem deve ensinar, obedecer sem duvidar. Crer, não disputar com raciocínios. Pela fé, em realidade, todos os

antigos se ilustraram e sem a fé tudo se arruinou.

Por que me refiro às realidades celestes? Se forem examinadas as terrenas, descobre-se que também dependem da fé e nem os pactos, nem as artes, nem seja o que for persistirá sem ela. Se nestas, onde tudo está cheio de falsidade, a fé é necessária, muito mais naquelas. Demos nossa adesão, portanto, delas nos acerquemos. Deste modo expeliremos da alma aquelas doutrinas perniciosas, isto é, sobre o dia do nascimento e a fatalidade. Se acreditas haver ressurreição e juízo, poderás expeli-las. Crê que Deus é justo e não acreditarás num destino injusto. Crê que existe a providência divina, e não acreditarás num destino que tudo abarca. Crê que há castigo e reino e não acreditarás que o destino arrebatou o que temos e nos sujeita à necessidade e à violência. Não semeies, não plantes, não milites, nada faças absolutamente; acontecerá o que depende do destino, quer queiras quer não. Por que precisamos de preces? Por que queres tornar-te cristão, se existe destino? Não terás culpa. Onde se originam as artes? Não é de nascença? Sim, e é fatalidade que alguém se torne sábio através de seus esforços. Ora, mostra-me quem aprendeu uma arte sem empregar esforços. Não conseguirás. Assim não foi pelo destino, mas pelos esforços que o alcançou. De onde vem, replicas, que é rico aquele malvado, perverso e desprovido de herança paterna, e outro, depois de inúmeros trabalhos, está sujeito à pobreza? Frequentemente se discutem tais coisas em torno da riqueza e da pobreza, não, porém, acerca do vício e da virtude. Com efeito, já não o dizes, mas mostra-me um malvado que se tornou diligente, ou um homem excelente que se tornou preguiçoso. Se o destino tem força, demonstre seu poder nas máximas realidades, a saber, na virtude e no vício, não na riqueza e na pobreza. E de onde vem que um vive doente, outro com boa saúde? De onde que um é ilustre, outro é torpe? De onde que a um tudo decorre segundo seu plano, a outro ocorrem inúmeros obstáculos? Desiste da ideia de fatalidade, e saberás. Crê firmemente na Providência divina e conhecerás claramente. Mas não posso, replicas. Tamanha confusão não permite cogitar da existência da providência. Se são obras de Deus, como posso acreditar que um Deus cheio de bondade dê riquezas ao devasso, ao celerado, ao cobiçoso e não ao honesto? De onde haurir a fé? Importa acreditar baseado na realidade. Muito bem. Então, o destino é justo ou injusto? É injusto, respondes. Quem, portanto, o fez? Acaso foi Deus? Não; mas é ingênito. E, sendo ingênito, fez tais coisas? É contraditório! Tudo isso, portanto, não vem de Deus. Examinemos, portanto, quem criou o céu. O destino, respondes. Quem criou a terra, o mar, as estações? Por conseguinte, criou seres inanimados em tão boa ordem, em tão grande harmonia, e ao invés em tanta desordem em nós, por cuja causa tudo criou? Seria como se alguém organizasse uma casa, provendo-a admiravelmente e não cuidasse absolutamente dos seus habitantes. Quem conserva a vicissitude das estações? Quem deu à natureza leis bem-ordenadas? Quem estabeleceu o curso do dia e da noite? Tudo isso é superior ao destino. Não, replicas, mas foram feitas automaticamente. E de que modo uma ordem tão perfeita foi automaticamente estabelecida? De onde, pois, replicas, vêm os ricos, os sadios, os ilustres, os que se tornaram ricos pela avareza, pela herança, ou pela violência? Por que, então, Deus permite que os malvados prosperem? Porque na terra não é dada a recompensa merecida, mas só no século futuro. Mostra-me um tal caso! Nesse meio-tempo, respondes, seja-me ela concedida aqui na terra; não me importa o que existe no além. De fato, não recebes porque procuras tanto. Se, no meio dos prazeres tanto a procuras, como se a preferisses, muito mais se gozasses de completo prazer. Por isso ele te mostra que as coisas terrenas nada valem, que são indiferentes. Se assim não fosse, se não fossem indiferentes, concedê-las-ia também a eles. Dize-me. Não é indiferente ser negro, ou alto, ou pequeno? Assim também ser rico. Dize-me. As coisas necessárias não foram dadas igualmente a todos, por exemplo, a disposição para a virtude, a distribuição dos dons espirituais? Se conhecesses os benefícios de Deus, de que aliás gozas com os demais, não te irritarias porque aqueles e estes têm gozo igual, nem desejarias esta abundância de bens, se conhecesses aquela igualdade. O criado que

recebe do dono alimento, roupa e casa, e goza disso tudo em companhia dos demais, não julgará possuir mais dos que os outros se tiver cabelos em demasia na cabeça, unhas mais compridas. De igual modo quem é tal, em vão se exalta, por causa do que goza temporariamente. Por isso Deus nos priva dessas coisas, para extinguir essa loucura, e transformar o desejo delas em aspiração pelas celestes. Nós, contudo, nem assim nos arrependemos. Uma criança que tem um brinquedo o prefere ao necessário; o pai a priva dessas infantilidades a fim de que, apesar de contrariada, seja levada ao que é perfeito. Assim Deus tudo faz para nos conduzir ao céu. Por que, então, retrucas, permite que os maus enriqueçam? Porque não se preocupa muito com eles. E por que também enriquece os justos? Ele não o faz, mas apenas permite. Tratamos disso fortuitamente, conforme se procede para com os que ignoram as Escrituras. Se quisesse acreditar e dar atenção às palavras divinas, não precisarias destas exposições. Pelas Escrituras tudo podemos conhecer. No intuito de te convenceres de que as riquezas, a saúde, a glória nada são, indicar-te-ei muitos que poderiam lucrá-las e não lucraram, que tendo saúde mortificam o corpo, que podendo gozar de glória tudo fazem por desprezá-la. Certamente nenhum homem bom se empenha em se tornar mau. Ponhamos termo à busca de bens terrenos e procuremos os celestes. Assim poderemos conquistá-los, e gozar das delícias eternas, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

SEGUNDA HOMILIA

1,5. *A finalidade desta admoestação é a caridade, que procede de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sem hipocrisia.*

6. *Desviando-se alguns desta linha, perderam-se num palavreado frívolo:*

7. *pretendendo passar por doutores da Lei, quando não sabem nem o que dizem nem o que afirmam tão fortemente.*

Nada prejudica tanto o gênero humano quanto desprezar a amizade, e não conservá-la com grande empenho, como, ao invés, nada tanto orienta bem a vida quanto por ela aspirar com vigor. Cristo o indica, dizendo: “Se dois de vós estiverem de acordo na terra sobre qualquer coisa que queiram pedir, isto lhes será concedido”; e ainda: “E pelo crescimento da iniquidade, o amor de muitos esfriará” (Mt 18,19; 24,12).

Foi esta a origem de todas as heresias. Por não serem amados, os irmãos felizes eram invejados; da inveja, porém, originou-se a ambição do domínio; e da ambição do domínio, as heresias. Por isso, Paulo, após dizer: “*Para admoestares a alguns a não ensinarem uma outra doutrina*”, sugere o modo de agir que o possibilita. Qual? A caridade. Assegura: “A finalidade da Lei é Cristo” (Rm 10,4), isto é, a plenitude, e estão de acordo; de igual modo, a este preceito une-se a caridade. A finalidade da medicina é a saúde, e onde existe saúde não se precisa de tratamento; assim, onde há caridade, não são necessários muitos preceitos. A qual caridade se refere o Apóstolo? À sincera, não apenas de palavras, mas de afetos, de sentimentos e de comiseração. “*De um coração puro*”, oriundo de uma vida reta, e de amizade sincera. Com efeito, uma vida impura produz divisões. “Pois quem faz o mal odeia a luz” (Jo 3,20). Existe também amizade entre os malvados, por exemplo, os ladrões amam os ladrões, o homicida aos homicidas, contudo não têm por origem “*uma boa consciência*”, mas uma perversa; nem “*um coração puro*” e sim um impuro, nem “*uma fé sem hipocrisia*”, mas uma fé simulada. A fé, de fato, exhibe a verdade, da fé nasce a caridade sincera. De fato, quem acredita em Deus, jamais desiste desta fé. “*Desviando-se alguns desta linha, perderam-se num palavreado frívolo.*” Com razão declara: “*Desviando-se*”. Em verdade, precisa-se de arte para retamente visar o alvo e não errar; de

igual modo necessita-se da orientação do Espírito. Com efeito, há muitas coisas que nos desviam do caminho reto e é necessário olhar para um só escopo. “*Pretendendo passar por doutores da Lei.*” Notas outra causa, a ambição de domínio. Por isso dizia Cristo: “Não vos façais chamar Rabbi” (Mt 23,8); e ainda o Apóstolo: “Nem eles observam a Lei. Mas querem se gloriar na vossa carne” (Gl 6,13).

Ambicionam a dignidade, diz ele, por isso não olham para a verdade. “*Não sabem nem o que dizem nem o que afirmam tão fortemente.*” Incrimina-os de desconhecerem a finalidade da Lei, e que ela devia vigorar até determinado tempo. Por que, então, dás o nome de pecado à falta cometida por ignorância? Não só porque desejavam ser doutores da Lei, mas também por não terem caridade é que procediam desta forma. Aliás, daí ainda surgia a ignorância. Pois, quando a alma se entrega às obras da carne, sua capacidade de penetração se embota. Tendo decaído em relação à caridade, resvala na disputa e obcecaram-se os olhos da mente. De fato, presa pela cupidez de certos bens temporais, ébria devido a este afeto, não é juiz imparcial da verdade. “*Não sabem nem o que afirmam tão fortemente.*” Provavelmente ao falarem acerca da Lei, proferiram muitas coisas acerca da purificação e de outros problemas materiais. Em seguida, havendo omitido a censura do que nada mais era senão sombra e sinal das realidades espirituais, o Apóstolo ataca assunto mais grato. Qual? Elogia a Lei, atribuindo ao Decálogo o nome de Lei. Com isso são rejeitadas as primeiras disposições. Pois se estas punem por si os transgressores, e são inúteis para nós, muito mais as outras.

8. Sabemos, com efeito, que a Lei é boa, conquanto seja usada segundo as regras,

9. sabendo que ela não é destinada ao justo,

É boa, diz ele, e não é. Que é isto? Perguntas. Se alguém não a usar “*segundo as regras*”, não é boa? Mesmo neste caso é boa, mas ele quer dizer o seguinte: Quando as cumprirás por obras? É o sentido da expressão: “*Segundo as regras*”. Se a exaltais por palavras, mas a transgredis pelas obras, não será “*Segundo as regras*”. Utiliza-a também ele, mas não para si.

Resta outro ponto a esclarecer. Qual? Se a usares legitimamente, a Lei te remete a Cristo. Sendo sua finalidade justificar o homem, e não o pode, transmite-o àquele a quem é possível. De outro lado a empregamos “*Segundo as regras*”, quando a observamos por superabundância. O que significa: Por superabundância? Não emprega bem o freio um cavalo que empina, ou que morde, mas aquele ao qual apenas serve de decoro; assim usa a Lei “*Segundo as regras*”, quem não age moderadamente por obrigação literal. Quem a usa “*Segundo as regras*”? Quem sabe que não necessita dela. Quem progrediu tanto na virtude que não a cumpre por medo, mas pela própria virtude, utiliza-a “*Segundo as regras*” e com segurança. Se alguém a usa desta forma, não é por medo, mas antes mantém diante dos olhos a condenação ao suplício ali encerrada. Aliás, o Apóstolo denomina justo quem pratica a virtude. De maneira excelente utiliza a Lei, portanto, quem não precisa ser guiada por ela.

Quando se propõem às crianças modelos de letras, aquela que não as faz segundo os modelos, mas de cor, possui maior perícia, e melhor utiliza as letras. Assim, quem transcende a lei não é orientado por ela. Pois quem não a cumpre por medo, mas por amor à virtude, melhor a cumpre. Não cumpre a lei de modo semelhante, portanto, quem tem medo do suplício e aquele que ambiciona honrarias; nem igualmente quem está sob a lei e aquele que se encontra acima da lei. De fato, viver acima da lei é usá-la “*segundo as regras*”. Usa bem a lei e a guarda aquele que realiza mais do que ela preceitua e não se guia por ela. A lei, quando muito, proíbe os crimes. Não é isso que constitui o justo, e sim as boas obras. Por conseguinte, quem se abstém do mal como os escravos, não realiza o escopo da lei, estabelecida para punir a transgressão. Pois, eles a cumprem por temor do suplício. “Queres então não

ter medo da autoridade? Pratica o bem” (Rm 13,3). Seria como se alguém dissesse: A lei ameaça com o suplício apenas os maus, mas onde está a utilidade da lei para aquele que pratica obras dignas de coroa? À semelhança do médico que é útil ao ferido ou ao doente, não, porém, ao de boa saúde.

é destinada aos iníquos e rebeldes, ímpios e pecadores,

Dá aos judeus a denominação de iníquos e rebeldes. “Mas o que a Lei produz é a ira” (Rm 4,15). Isso diz respeito aos que cometem o mal. O que importa ao que merece honra? “Da Lei vem só o conhecimento do pecado” (Rm 3,20). E em que importa ao justo? “A Lei não foi estabelecida para o justo.” Por quê? Porque está isento do suplício, nem espera aprender o que deve fazer pela lei, pois tem interiormente a graça do Espírito que o inspira. A lei foi promulgada para coagir por medo e ameaças. Não é, portanto, necessário freio para o cavalo obediente, nem instrução para quem não precisa de pedagogo; *“aos iníquos e rebeldes, ímpios e pecadores,”*

sacrílegos e profanadores, parricidas e matricidas,

Não se interrompe aqui, nem somente cita os pecados, mas também os enumera segundo as espécies, no intuito de incutir pudor por meio do magistério da lei. Em seguida, após haver enumerado as espécies, fala do que se deve evitar, embora dissera o suficiente. A quem se refere? Aos judeus. *“Aos matricidas e parricidas, sacrílegos e profanadores”*. Sugere-o ao dizer: *“Ímpios e pecadores”*. Sendo tais, era necessário impor-lhes a lei. Dize-me. Frequentemente não adoravam os ídolos? Não apedrejaram a Moisés? Não mancharam as mãos com o sangue dos parentes? Os profetas não os exprobravam em todo sentido? São exortações supérfluas para os que meditam as coisas celestes. *“Aos matricidas e parricidas, homicidas”,*

10. *impuros, pederastas, mercadores de escravos, mentirosos, perjuros, e a tudo o que se oponha à sã doutrina,*

Disse corretamente: *“a sã doutrina”*. Tudo aquilo era vício da alma corrupta.

11. *segundo o evangelho de glória do Deus bendito que me foi confiado.*

Por conseguinte, agora ainda a lei é necessária para confirmação do evangelho; ao fiel é desnecessária. Não o denomina *“evangelho da glória”* senão por causa dos que se envergonham diante das perseguições e da paixão de Cristo. Por este e outros motivos, fala em *“evangelho da glória”*, declarando que a paixão de Cristo é glória, ou sugere também acontecimentos futuros. Com efeito, embora o presente esteja cheio de torpezas e opróbrios, o futuro não é tal. O evangelho refere-se ao futuro, não ao presente. Por que, então, o anjo diz: “Eis que vos anuncio: Nasceu-vos hoje um Salvador” (Lc 2,10). O recém-nascido seria Salvador. Não foi imediatamente após ter nascido que fez milagres. *“Segundo o evangelho de glória do Deus bendito.”* *“Da glória”* significa o culto de Deus, ou indica que, se o presente está cheio de sua glória, muito mais o futuro, quando forem colocados seus inimigos sob seus pés, nada se lhe opuser, os justos virem todos aqueles eventos felizes que nem o olho viu, nem o ouvido ouviu, nem subiu ao coração do homem. “Onde eu estou, também eles estejam comigo, para que vejam a minha glória, glória que me deste” (Jo 17,24).

Aprendamos, portanto, quem são eles, e proclamemo-nos felizes, pensando de quantos bens haverão de fruir, de quanta glória, de quanta luz haverão de participar. A glória presente, de fato, não tem valor algum, é instável. Se durar, vai apenas até a morte e logo se extingue inteiramente. “Sua glória não descerá com ele” (Sl 49,18). A maior parte não dura aqui até o fim. Da glória do além, contudo, não se imagina coisa semelhante; mas, ao contrário, permanece, jamais terminará. As coisas de Deus são estáveis, não se sujeitam a mudança ou a um fim. Não é exterior, mas vem de dentro. Por exemplo, não será uma glória derivada de vestes suntuosas, nem da multidão de escravos, nem de

carros. Sem isso, o homem irradiará a glória ao seu redor. Agora, porém, se faltam estas coisas, não haverá glória; no além, é o oposto. Nas termas vemos nus os homens ilustres e os de nenhum valor, ou antes até os maus. Na praça, contudo, muitas vezes os ricos periclitam, se os escravos por algum motivo os abandonam. Lá, porém, todos têm consigo a glória por toda parte. Como os anjos, onde quer que apareçam, trazem a glória consigo, assim também sucede aos santos. Ou melhor, o sol não precisa de vestes, nem de qualquer coisa, mas logo que aparece emite seu fulgor; assim também então acontecerá.

Vamos, portanto, ao encalço daquela glória. Nada de mais respeitável! Abandonemos esta. Nada de mais vil! “Não te glories de tuas vestes” (Eclo 11,4), diz a Escritura. Outrora se dizia isto às crianças. O dançarino, a meretriz e o palhaço usam vestes mais atraentes e preciosas do que as tuas. Além disso, tu te glorias de objetos os quais, se forem roídos pela traça, privar-te-ão deste prazer. Vês quão incerto é o brilho desta vida? Glorias-te de coisas produzidas por vermes e que uns vermes estragam. Diz-se que existem certos animaizinhos da Índia que produzem esses fios (de seda). Podes comprar uma veste, se quiseses, de tecido celeste, um manto admirável e esplêndido, uma roupagem de ouro verdadeiro. Ouro que não é metal, extraído das minas pelas mãos dos condenados, mas é produto da virtude. Revistamo-nos da túnica não confeccionada por homens pobres e escravos, mas pelo próprio Senhor. Entretanto replicas: Foi entretecido ouro nesta vestimenta? E o que importa a ti? Todos, de fato, admiram o artífice e não aquele que a veste. Ele, em verdade, merece admiração. Igualmente admiramos nas vestes comuns não o lenho da oficina do tintureiro, que distende a veste, mas o artífice, embora aquele lenho a suporte e nele esteja amarrada. A veste é assim amarrada para ser sacudida e não ser roída pelas traças. Que grande demência não seria empregar tantos cuidados por um objeto de nenhum valor, e nada omitir, e atraiçoar a própria salvação, desprezar a geena, ofender a Deus e desprezar o Cristo faminto! O que dizer dos preciosos aromas indianos, arábicos, persas, secos, úmidos, dos unguentos, dos incensos, que se adquirem com imensas e inúteis despesas? Por que , ó mulher, enches de unguentos o corpo, interiormente cheio de imundície? Por que te preocupas com o que cheira mal, agindo como quem jogasse unguento na lama, ou irrigasse com bálsamo um tijolo. Existe, se quiseses, existe uma espécie de aromas, com os quais poderás ungir a alma; não é da Arábia, nem da Etiópia, nem da Pérsia, mas foi trazido do próprio céu. Não se compra com ouro, mas com uma boa intenção e *“uma fé sem hipocrisia”*. Compra esse unguento, cujo odor pode encher o orbe. Os apóstolos exalavam essa fragrância. “Somos o bom odor; para uns odor que leva à morte, para outros odor que leva à vida” (2Cor 2,15). O que quer dizer? Diz-se que até o cheiro do porco sufoca. Não somente o corpo dos apóstolos, mas também suas vestes exalavam um unguento espiritual. Assim as vestes de Paulo emitiam um bom odor que expelia os demônios. Que folhas, que louros, que mirra a suavidade e utilidade desse odor não superaria? Pois se expulsava os demônios, o que não realizaria? Preparemos tal unguento. A graça espiritual pela esmola o prepara. Emitiremos essa fragrância saindo deste mundo e os santos se voltarão para nós. Aqui todos se voltam para os que exalam bom odor; aonde for, seja nas termas, na igreja, ou em outra numerosa assembleia, todos se acercam deles, todos se voltam para eles. Assim também no outro mundo, quando entrarem as almas exalando fragrância espiritual, todos se surpreendem e cedem. Os demônios e toda a maldade não ousam, nem podem aproximar-se, porque seriam sufocados. Sejam os portadores daqueles aromas. Uns aromas criam a fama de lascívia; estes, contudo, de fortaleza e de milagre, e nos fornecem grande confiança. Na terra não germinam esses aromas, mas a virtude os gera; não fenecem, mas florescem, e tornam respeitáveis os que os possuem. Somos ungidos com tal unguento quando fomos batizados; então exalamos bom odor. Em seguida, a conservação do bom odor depende de nossos esforços. Por isso, antigamente, eram ungidos os sacerdotes, símbolo da virtude, porque o sacerdote deve emitir o bom

odor. Nada é mais fétido do que o pecado. Vê como o profeta pinta sua natureza: “Minhas chagas estão podres e supuram” (Sl 37,6).

Com efeito, o pecado é mais fétido do que qualquer espécie de podridão. O que, pergunto, mais fétido do que a luxúria? Se não o sentes ao cometer o pecado, depois de cometido, reflete, no que é, e então perceberás o mau cheiro, a imundície, a vergonha, a abominação.

Tal é o pecado. Antes de cometido, causa certo prazer; depois de perpetrado, cessa o gozo, fenece, e aparecem a dor e a tristeza. Ao invés, a justiça no início é laboriosa, no fim ocasiona prazer e repouso. No primeiro caso, o prazer não é prazer, pela expectativa da vergonha e do castigo; neste, o labor não é labor, pela esperança da retribuição. O que é, pergunto, a embriaguez? O prazer não dura somente enquanto se bebe? Ou antes, nem enquanto se bebe. Qual o prazer de cair na insensibilidade, perder a visão das coisas presentes, e tornar-se pior do que os loucos? Ou ainda, a própria fornicção não é prazer. Qual o prazer de ficar a alma privada do juízo, devido à paixão? Se constitui prazer, a sarna também causa prazer. Diria que é verdadeiro prazer a alma não ser tomada por alguma paixão corporal nem se desviar. Que prazer existe em ranger os dentes, virar os olhos, sentir cócegas, irritar-se inconvenientemente? Não há prazer, uma vez que nos esforçamos por disso nos libertar rapidamente, e após nos libertarmos sentimos pesar. Se é prazer, não te livres, mas conserva-o. Vês que de prazer tem apenas o nome? Ora, os nossos não são desta espécie, mas são realmente suaves; não são ardorosos, mas deixam a alma livre, cheia de alegria e suavidade. Tal era o prazer de Paulo, que dizia: “Com isso eu me regozijo. Mas eu me regozijo... Alegrai-vos sempre no Senhor!” (Fl 4,18; 4,4). Aqueles prazeres incluem torpeza e condenação, serpeiam ocultamente, repletos de inúmeras tristezas. Estes, porém, estão isentos de todos esses males. Vamos ao encalço destes, para também alcançarmos os bens futuros, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

TERCEIRA HOMILIA

1,12. *Sou agradecido para com aquele que me deu força, Cristo Jesus, nosso Senhor, que me julgou fiel, tomando-me para o seu serviço,*

13. *a mim que outrora era blasfemo, perseguidor e insolente. Mas obtive misericórdia, porque agi por ignorância, na incredulidade.*

14. *Superabundou, porém, para mim, a graça de nosso Senhor, com a fé e o amor que há em Cristo Jesus.*

Constatamos que a humildade traz muito lucro, mas não a encontramos facilmente. A humildade só em palavras é frequente, mais que suficiente, enquanto a verdadeira humildade, nunca. São Paulo, porém, de tal modo a buscava, que sempre excogitava ocasiões de se humilhar. Naturalmente aqueles que estão cientes de terem realizado grandes obras devem lutar pela aquisição da humildade; por isso é verossímil que ele teve de esforçar-se, exaltado pelo influxo na consciência do bem praticado. Vê, portanto, o que faz acerca deste assunto. Dissera: “*Segundo o evangelho de glória do Deus bendito, que me foi confiado*”, o evangelho, do qual não podem ser partícipes os que praticam ainda a Lei. São opostos e a distância é tão grande que as pessoas sujeitas à Lei ainda não são dignas de serem participantes do evangelho. Seria como assegurar que não é lícito entrarem no coro dos filósofos homens merecedores de vínculos e de castigo. Paulo se enaltecia e falava de feitos grandiosos; ao mesmo tempo se humilhava e aos outros persuadia a fazerem o mesmo. Tendo escrito: “*Que me foi confiado*”, logo se corrige, a fim de não julgares que ele assim se exprime por soberba. Vê, portanto, a

correção que utiliza, acrescentando: “*Sou agradecido para com aquele que me deu força, Cristo Jesus, nosso Senhor, que me julgou fiel, tomando-me para o seu serviço*”. Vês que sempre oculta suas boas obras e tudo refere a Deus, sem excluir o livre-arbítrio? Talvez dissesse um infiel: Se tudo é obra de Deus, e nós nada conferimos, mas ele nos transporta da malícia à filosofia, como se fôssemos madeira e pedras, por que agiu de tal forma para com Paulo e não relativamente a Judas? Respondendo a esta objeção, observa a prudência com a qual ele se expressa: “*Que me foi confiado*”, diz ele. Eis sua obra, sua dignidade; de fato, a obra não é toda dele. Vê o que diz: “*Sou agradecido para com aquele que me deu força, Cristo Jesus*”. Eis a obra de Deus. Em seguida, coloca a sua: “*Que me julgou fiel*”. Certamente, porque devia ser útil por si. “*Tomando-me para o seu serviço, a mim que outrora era blasfemo, perseguidor e insolente. Mas obtive misericórdia, porque agi por ignorância, na incredulidade.*” Repara que menciona sua obra e a de Deus, entretanto atribui mais à providência divina, e diminui a sua, de sorte que, conforme disse, não exclui o livre-arbítrio? O que significa: “*Aquele que me deu força*”. Escuta. Fora-lhe imposto ingente peso, e precisava muito da graça do alto. Pondera como era pesado opor-se diariamente aos opróbrios, às injúrias, às insídias, aos perigos, aos insultos, aos maus-tratos, aos perigos de morte. E não desanimar, nem cair ou ficar prostrado, mas cotidianamente ser atacado por inúmeros dardos, e manter-se destemido, com atitude firme. Não provinha das forças humanas, nem somente da graça de Deus, mas também do livre-arbítrio. Ouve que, antes do começo da pregação, diz Deus que o escolheu, pois conheceu de antemão o que ele haveria de ser: “Este homem é para mim um vaso escolhido para levar o meu nome diante dos gentios e dos reis” (At 9,15). Como os portadores na guerra da bandeira real, a qual se dá comumente o nome de lábaro, precisam de muita fortaleza e perícia para não a entregar às mãos dos inimigos, assim também os portadores do nome de Cristo, não só na guerra, mas também na paz, necessitam de muita fortaleza a fim de não o entregarem às línguas dos maldizentes, mas valorosamente carregarem e portarem a cruz. É necessária grande fortaleza para carregar o nome de Cristo. Com efeito, quem faz, diz ou sente algo de indigno, não é portador deste nome, não tem Cristo em si. Avança com pompa seu portador, não na praça, mas nos céus. Todos respeitam, e os anjos o escoltam e se admiram. “*Sou agradecido para com aquele que me deu força, Cristo Jesus, nosso Senhor.*” Vê como agradece-lhe também por seus dons. Afirmo que sabe agradecer-lhe por ser vaso de eleição. Apesar de ser obra tua, ó bem-aventurado Paulo! Deus não faz acepção de pessoas. Mas dou-lhe graças, diz ele, porque se dignou confiar-me este ministério; é um sinal de que me considerou fiel. O ecônomo duma casa agradece ao dono não só pela confiança nele depositada, mas também por constituir sinal de seu favor julgá-lo mais fiel do que os demais. O mesmo se diga em nosso caso. Em seguida, considera Paulo ao exaltar a misericórdia e o amor de Deus, com a narração de sua vida passada: “*A mim que outrora era blasfemo, perseguidor e insolente*”. E ao citar os judeus, ainda incrédulos, emprega termos mais parcimoniosos: “*Eu lhes rendo testemunho de que têm zelo de Deus, mas não é um zelo esclarecido*” (Rm 10,2). A si denomina “*Blasfemo, perseguidor e insolente*”. Nota quanto se diminui, que não é egoísta e possui uma alma humilde? Não lhe bastou declarar-se blasfemo e perseguidor, mas o fez com ênfase. Não me detinha num só crime, declara, nem me bastava blasfemar, mas perseguia também os que queriam viver piedosamente. A blasfêmia é grave loucura. “*Mas obtive misericórdia, porque agi por ignorância, na incredulidade.*”

Por que, então, os outros judeus não conseguiram misericórdia? Porque não agiram por ignorância, mas com conhecimento e bem cientes. E para o conheceres com exatidão, ouve o evangelista: “Muitos chefes creram nele, mas, por causa dos fariseus não o confessavam, pois amaram mais a glória dos homens do que a de Deus” (Jo 12,42-43). E Cristo diz ainda: “Como podereis crer, vós que recebeis glória uns dos outros”; e ainda: “Os pais (do cego) assim disseram por medo dos judeus”, para não

serem expulsos da sinagoga. Os próprios judeus ainda diziam: “Vede. Nada conseguimos. Todo mundo vai atrás dele!” (Jo 5,44; 9,22; 12,19).

Sempre os movia a ambição de domínio. Ora, eles próprios diziam: “Não é só Deus que pode perdoar pecados?” (Lc 5,21). E imediatamente Cristo operou o que eles asseveraram ser um sinal de Deus. Por conseguinte, não agiam por ignorância. Onde Paulo estava nesta ocasião? Talvez dirá alguém: Aos pés de Gamaliel, que nada possuía em comum com aquelas turbas de sediciosos. Gamaliel era um homem que não agia por ambição de domínio. Como, então, posteriormente Paulo se encontra no meio das turbas? Ele via que a doutrina aumentava e alcançava êxito, e todos lhe obedeciam. Durante a vida de Cristo, as turbas se aproximavam umas vezes dele, outras vezes dos mestres. Quando enfim se separaram, não agia Paulo movido pela ambição, como os demais, mas por zelo. Mas, por que ia a Damasco? Considerava aquela doutrina uma peste e receava que a pregação se difundisse por toda a parte. Os judeus não procediam dessa forma. Vê o que dizem: “Virão, destruindo nossa nação e a cidade” (cf. Jo 11,48). Que espécie de temor os atacava? Temor humano. Com razão se pergunta como se explica que, tendo o Apóstolo conhecido minuciosamente a Lei, no entanto nada sabia. Ele próprio disse: “Ele já havia prometido por meio dos seus profetas” (Rm 1,2). Como, pois, ignoras, se eras zeloso pelas leis paternas e foste instruído aos pés de Gamaliel (cf. At 22,3)? Aqueles que viviam nos lagos e nos rios e os publicanos acorreram e acolheram; tu, contudo, legisperito persegues? Por isso ele próprio se condena, dizendo: “Nem sou digno de ser chamado apóstolo” (Rm 15,9). Assim, confessa ignorância, gerada pela incredulidade, e em consequência disso consegue misericórdia. Qual o sentido da expressão: “*Que me julgou fiel*”? Ele não traiu os interesses do Senhor; dizia que tudo era dele, até mesmo o que lhe era próprio e não atribuía a si o que pertencia à glória de Deus. Escuta-o a proclamar em outra parte: “Amigos, que estais fazendo? Nós também somos homens, passíveis da mesma sorte que vós” (At 14,14). Isto é, “*Que me julgou fiel*”. E ainda em outra passagem: “Trabalhei mais do que todos eles; não eu, mas a graça de Deus que está comigo” (1Cor 15,10); e: “Pois é Deus quem opera em vós o querer e o operar” (Fl 2,13). Com isto afirma que merece castigo, pois a misericórdia é concedida a tais homens. E ainda diz em outro trecho: “O endurecimento atingiu uma parte de Israel” (Rm 11,25). “*Superabundou, porém, para mim, a graça de nosso Senhor, com a fé e o amor que há em Cristo Jesus.*” O que significa isto? No intuito de que, ao ouvir dizer: “*Mas obtive misericórdia*”, não julgues tratar-se apenas do seguinte: “*Era blasfemo, perseguidor e insolente*”, e portanto merecedor de suplício, não fui punido mas consegui misericórdia. Aconteceu somente que a misericórdia fez com que não sofresses castigo? Não; muito mais, e grandes bens foram acrescentados. Não somente Deus nos livrou de iminente castigo, mas transformou-nos em justos, filhos, irmãos, amigos, herdeiros e co-herdeiros. Por isso disse: “*Superabundou a graça*”, declarando que aqueles dons ultrapassaram a misericórdia. Ter esta atitude não é próprio de quem se compadece, mas de quem ama, e ama ardentemente. Tendo proferido muitas coisas acerca do amor de Deus, por ter se compadecido de um “*blasfemo, insolente e perseguidor*”, e por não se ter detido, mas dignou-se conceder maiores dons, novamente nos confirma na oposição aos infiéis, que julgam não haver livre-arbítrio, acrescentando: “*Com a fé e o amor que há em Cristo Jesus*”. Somente esta é nossa contribuição: Cremos que Deus pode nos salvar.

Amemo-lo, portanto, por Cristo. O que quer dizer: Por Cristo? Cristo, não a Lei, foi nosso intermediário. Vês de que bens para nós Cristo foi o autor, e de quais a Lei? Não somente disse que a graça abundou, mas “*superabundou*”. Em verdade, superabundou para nós, merecedores de mil suplícios, e de repente nos transferiu para a adoção. Eis novamente, “*em*” com o sentido de: “Por”. Não se precisa apenas de fé, mas também de caridade. De fato, existem atualmente muitos que

acreditam que Cristo é Deus, mas não o amam, nem fazem o que é próprio dos que amam. De que modo o amam, se a ele preferem todas as coisas: dinheiro, nascimento, destino, observâncias, augúrios, vaticínios? Dize-me. Se vivemos para ofendê-lo, que amor é este? Amai a Cristo ao menos de forma semelhante a alguém que possui um amigo, a quem dedica afeto ardente; amai assim aquele que por nós, seus inimigos, deu o Filho, sem mérito algum de nossa parte. Por que me refiro a méritos nossos? Praticáramos grandes pecados, e ousáramos ser malvados sem motivo. Ele, depois de mil benefícios e providências, nem assim nos rejeitou, antes por nós entregou o Filho, apesar de haveremos cometido enormes crimes. Nós, porém, depois de conseguirmos tais bens, após nos tornarmos amigos e recebermos tantos bens, nem assim o amamos como a um amigo. Que esperança nos resta? Talvez fiquéis horrorizados ao ouvir estas coisas; mas oxalá chegueis a ter horror das obras! E como é possível, perguntas, que amemos a Deus como amamos os amigos? Como? Tentarei mostrar-vos. Suplico-vos que não pareça apenas estar delirando; receio, porém, que as palavras não concordem com os fatos. Reflete, contudo. Pelos amigos, verdadeiramente amigos, frequentemente muitos de bom grado sofrem prejuízo; por Cristo, porém, não apenas ninguém suporta os danos, mas nem ao menos se contenta com os bens presentes. Por um amigo muitas vezes toleramos opróbrios e inimizades; por Cristo, contudo, ninguém quer ter inimizades, mas replica: É inútil amar, é vão não odiar. Nunca desprezamos um amigo faminto; a Cristo, contudo, que não nos procura cada dia para pedir grandes coisas, mas apenas um pão, nem mesmo o recebemos; e isto quando, saciados, arrotamos mau hálito, fartos nos estendemos no leito, exalamos o vinho da véspera, deliciamo-nos, fazendo doações em parte às meretrizes, em parte aos parasitas, parcialmente aos adutores, aos monstros, tolos e anões. Transformam-se em prazer estas falhas da natureza. Jamais invejamos os amigos, os verdadeiros amigos, nem os atacamos por causa de seu bem-estar. Relativamente a Cristo, contudo, assim procedemos, e verás que mais vale a amizade terrena do que o temor de Deus. De fato, respeita-se mais o fingido e invejoso do que a Deus. De que modo? Vou dizer. Embora ele veja o que se passa no coração, determinada pessoa não desiste de tramar dolo; se, porém, um homem observa, desaparece, envergonha-se. Por que assim me expribo? Aproximamo-nos do amigo aflito; se nos atrasarmos um pouquinho, receamos desaprovação. Mas nem uma visita ao menos fazemos a Cristo, às vezes moribundo nos vínculos. Não visitamos os amigos fiéis por serem fiéis, mas porque são amigos.

Vês que nada se faz por temor de Deus, nem por seu amor, mas a uns por amizade, a outros por hábito? Se vemos um amigo partir em viagem, choramos, gememos; morto, o pranteamos, embora saibamos que não estará separado de nós perpetuamente, mas na ressurreição haveremos de recuperá-lo. Mas, quando Cristo diariamente se afasta de nós, ou antes o repelimos cada dia, não lastimamos, nem pensamos cometer falta grave, em ação injusta, por afligi-lo, irritá-lo, fazer o que lhe desagrada. Mas ainda não é tão detestável se não o tratarmos qual amigo. Mostrarei que o temos por inimigo. De que modo? “O desejo da carne é inimigo de Deus” (Rm 8,7), diz Paulo. Sempre o trazemos conosco, mas afastamos o Cristo que vem ao nosso encontro, e bate à nossa porta (é o que acontece pelas más obras). Tratamos diariamente de ofendê-lo pela ambição, pelas rapinas. Elogia-se um homem que se destaca na eloquência e é útil à Igreja? Invejamo-lo, porque realiza as obras de Deus; aparentemente é a ele que invejamos, mas a inveja atinge a Cristo. Não, replicas, mas queremos ser úteis por nós mesmos e não por intermédio de outros. Não agimos por causa de Cristo, mas por nossa causa. Com efeito, se fosse por causa de Cristo, seria indiferente realizar a obra por outros ou por nós. Dize-me. Se um médico tem um filho em perigo de cegueira e não possui a faculdade de evitá-la, mas encontra outro médico que pode curá-lo, acaso o rejeita? Absolutamente, não. Mas lhe falaria mais ou menos assim: Que seja curado por mim ou por ti, não importa. Seja feito o que é útil. Por quê? Porque não olha seu bem, mas o do filho. Assim também nós, se olharmos os interesses de Cristo, diremos: Faça-

se o que é útil, por nosso intermédio ou por meio de um outro: “De qualquer maneira – ou com segundas intenções ou sinceramente – Cristo é proclamado” (Fl 1,18). Escuta o que Moisés dizia àqueles que queriam irritá-lo, quando Eldad e Medad profetizavam: “Estás ciumento por minha causa? Oxalá todo o povo do Senhor fosse profeta!” (Nm 11,29). Tudo isso deriva do amor da glória. Não é peculiar a adversários e inimigos?

Alguém te amaldiçoou? Ama-o. É possível? É possível, e muito, se o quiseres. Amar a quem de ti falar bem não é favor; não o fazes por causa do Senhor, mas para teu louvor. Alguém te prejudicou? Presta-lhe um benefício. Se, porém, pagares benefício com benefício, não é coisa grandiosa. Sofreste a maior injúria e dano? Procura retribuir com o oposto. Sim, suplico-te, disponhamos do que é nosso. Desistamos de injuriar e odiar os inimigos. Cristo nos ordena amar os inimigos e nós perseguimos a quem nos ama. Não, replicas. Assim todos nós falamos, mas não o manifestamos por obras. Tão grande é a cegueira do pecado que obramos o que é inexprimível em palavras. Renunciemos embora tardiamente ao que é prejudicial e pernicioso à salvação, a fim de conseguirmos em prol dos amigos o que é justo. “Quero que, onde eu estou, também eles estejam comigo, para que vejam a minha glória” (Jo 17,24). Possamos todos nós alcançá-lo, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

QUARTA HOMILIA

1,15. *Fiel é esta palavra e digna de toda aceitação: Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro.*

16. *Se por esta razão me foi feita misericórdia, foi para que em mim, o primeiro, Cristo Jesus demonstrasse toda a sua longanimidade, como exemplo para quantos nele hão de crer, para a vida eterna.*

Os benefícios de Deus são tão imensos e superam qualquer expectativa e esperança humanas que frequentemente são tidos por incríveis. Com efeito, foi-nos concedido o que a mente humana não havia excogitado, nem esperado. Por isso os apóstolos com frequência os mencionam, a fim de serem cridos os dons conferidos por Deus. Costumamos dizer acerca das dádivas maiores: Seria um sonho? Pois mal acreditamos. Assim procedemos relativamente aos dons de Deus. Em que dons quase não se acreditava? Que os inimigos, os pecadores, os não justificados nem pela Lei, nem pelas obras, de repente, apenas por meio da fé, haveriam de conquistar a primazia. O Apóstolo, por esta razão, tratou bastante do assunto na carta aos Romanos, e assaz nesta Carta. “*Fiel é esta palavra e digna de toda aceitação: Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro.*” Uma vez que os judeus principalmente eram atraídos pela Lei, convence-os a não se deixarem prender por ela, porque não lhes alcançava a salvação sem a fé. Luta, portanto, contra isso. Parecia incrível que um homem que inutilmente e em vão consumira a vida anterior em más obras, somente através da fé no final conseguisse a salvação. Por isso afirmou: “*Fiel é esta palavra*”. De fato, alguns não apenas não acreditavam, mas ainda incriminavam, conforme atualmente fazem os gentios, nesses termos: “Não haveríamos nós de fazer o mal para que venha o bem?”. Eles haviam ouvido o Apóstolo dizer: “Onde avultou o pecado, a graça superabundou” (Rm 3,8; 5,20), por isso, difamando o que é nosso, assim se exprimiam. O mesmo ao lhes falarmos da geena. E como, dizem, é digno de Deus que o homem perdoe o servo surpreendido no pecado, e Deus castigue perpetuamente? E, ao nos referirmos ao batismo e à remissão dos pecados por ele realizada, retrucam: Como seria digno de Deus perdoar os pecados daqueles que cometeram inúmeros crimes? Vês a mente perversa sempre mantendo

oposições? Ora, se a remissão é um mal, a punição é boa; se, porém, a punição é ruim, a remissão é boa. Falo de acordo com a opinião deles; segundo a nossa, ambas são boas. E demonstraremos noutra ocasião de que modo, porque agora não é possível. Sendo assunto muito profundo e necessitado de grande pesquisa, devo propô-lo à vossa caridade em ocasião oportuna; nesse ínterim, prossigamos em nosso propósito. “*Fiel é esta palavra.*” Donde vem que é fiel? Do que precede e da continuação. Vê que primeiro arranja o assunto, e após trata da questão. Tendo dito que ele, sendo blasfemo e perseguidor, obteve misericórdia, queria preparar e dispor. Não apenas, afirma, teve compaixão, mas tornou-me fiel. Não se deve descrever que se compadeceu. Ninguém que veja um ex-prisioneiro viver no palácio real duvidará de que ele conseguiu misericórdia, conforme se verificou em Paulo. Em si revela um sinal, e não se envergonha de se declarar pecador, ou melhor, alegra-se, porque assim pode manifestar o grande milagre da providência de Deus, que se dignou dedicar-lhe tanto amor. E, como em outra passagem dissera de si mesmo: “Quanto à justiça que há na Lei, irrepreensível” (Fl 3,6), aqui se nomeia pecador, e o primeiro dos pecadores. Com efeito, quanto à justiça que Deus operara, e que verdadeiramente se busca, eram pecadores os que viviam sob a Lei: “Todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus” (Rm 3,23). Não disse simplesmente justiça, mas “que há na Lei”. Alguém que possui muitas riquezas por si parece rico, mas, comparado com as dos tesouros régios, é paupérrimo e o primeiro dos pobres; assim também, comparados com os anjos, os homens são pecadores, até mesmo se justos. Se Paulo, contudo, que praticara a justiça da Lei, é o primeiro dos pecadores, quem se denominará justo? Ao dizer isso, não incrimina sua vida de ser lasciva. De modo algum. Mas comparada com aquela justiça, nada é. Não somente isso, mas também denomina pecadores aqueles que a possuam. “*Se por esta razão me foi feita misericórdia, foi para que em mim, o primeiro, Cristo Jesus demonstrasse toda a sua longanimidade, como exemplo para quantos nele hão de crer, para a vida eterna.*”

Vês que novamente se humilha e diminui, acrescentando um motivo mais leve? Pois, dizendo que obteve perdão devido à ignorância, não declara tão pecador aquele que obteve perdão, nem tão condenável. É grandioso, imenso, declarar que conseguiu misericórdia, para que nenhum pecador doravante desespere, mas confie que haverá de obtê-la. Por isso, tendo dito: “*Os pecadores, dos quais eu sou o primeiro*”, “*blasfemo, perseguidor e insolente*”, e: “Nem sou digno de ser chamado apóstolo” (1Cor 15,9) etc. nunca falara tão humildemente, conforme se evidencia por um exemplo. Imagine-se certa cidade, cujos cidadãos sejam todos ímprobos, uns mais, outros menos, no entanto todos réprobos. Um deles merece mais que todos pena e suplício, porque praticara toda espécie de crimes. Se alguém, entretanto, disser que o rei queria perdoar a todos, não se acreditaria tão facilmente, enquanto não se visse o pior de todos conseguir perdão. Não restaria dúvida alguma depois disso. É idêntico ao que Paulo declara: Deus, querendo certificar a todos os homens que tudo lhes perdoaria, escolheu o maior pecador. Se eu consigo o perdão, assegura, ninguém duvide a respeito dos demais. Mas se alguém dissesse por costume: Se a este Deus perdoar, a nenhum outro haverá de castigar. Desta forma demonstra que ele era indigno de perdão, mas ele foi o primeiro a obtê-lo, em vista da salvação dos restantes. Ninguém, portanto, duvide da salvação, diz ele, uma vez que eu a consegui.

E vê a humildade deste santo. Não disse: Para mostrar em mim a longanimidade, e sim: “*Toda a sua longanimidade*”. Como se dissesse: Em nenhum outro teve necessidade de usar de maior longanimidade, nem encontrou tão grande pecador que precisasse de toda a sua misericórdia, de toda a sua longanimidade e não só parcialmente, como aqueles que só parcialmente pecaram. “*Como exemplo para quantos nele hão de crer, para a vida eterna*”, isto é, como exortação, estímulo. Visto que falara algo de grandioso a respeito do Filho e manifestara tão grande amor, para que não se

julgasse que o Pai disso estava desprovido, refere-se também à glória paterna, nesses termos:

17. Ao Rei dos séculos, ao Deus incorruptível, invisível e único sábio, honra e glória pelos séculos dos séculos. Amém!

Por estes benefícios, glorificamos não apenas o Filho, mas também o Pai. Interroguemos, portanto, os hereges: Eis que afirmou: “Ao Deus único”, referindo-se ao Pai. Então o Filho não é Deus? E: “Único incorruptível”. Então o Filho não é incorruptível? Não possui ele próprio o que posteriormente nos concede? Sim, respondem. É Deus e incorruptível, mas não tal qual o Pai. O que dizes? Não é tal, é de substância inferior? Por conseguinte será menos incorrupto. Mas, o que seria superior ou inferior relativamente à incorrupção? A incorrupção não é outra coisa senão não estar sujeito à corrupção. A glória é maior ou menor, mas a incorrupção jamais é maior ou menor, como nem a saúde é menor ou maior. Ou uma coisa há de se corromper, ou não se corrompe absolutamente. Como? pergunta-se. Nós seremos igualmente incorruptíveis? Não; de forma alguma. Por quê? Porque ele é incorruptível por natureza, em nós, porém, é dádiva. Ao Filho, portanto, acontece o mesmo? Não; mas ele por natureza é tal. Qual a diferença? Porque ele por ninguém foi feito tal; o Filho o recebeu do Pai. Nós confessamos, não negamos, que o Filho foi gerado de modo incorruptível pelo Pai. Por conseguinte, dizem, glorificamos o Pai por tê-lo gerado dessa forma. Vês que o Pai é glorificado em grau máximo quando o Filho fizer coisas grandiosas? A ele tudo o que é do Filho se refere. Em consequência, tendo gerado um Filho poderoso, e tal qual ele é, não é tanto glória do Filho quanto do Pai, porque ele é assaz forte, basta a si próprio, não é fraco. A expressão: “Ao Rei dos séculos” foi proferida também a respeito do Filho, “pelo qual fez os séculos” (Hb 1,2). Essa passagem é também acerca dele. Para nós ambas as coisas, a formação e a criação, são distintas. Um constrói, opera, trabalha; outro domina. Por quê? Porque o construtor é menor. Em Deus, contudo, tal não acontece. O domínio não é de um e a criação de outro. Nem ao ouvir: “Pelo qual fez os séculos” excluo o Pai da formação; nem ao ouvir que o Pai é o “Rei dos séculos” retiro do Filho o domínio. Este e aquela são comuns a um e outro, ambos pertencem a cada um dos dois. O Pai criou o que o Filho formou e deu à luz. O Filho reina, porque é Senhor da criação. Não opera em vista de um salário, conforme acontece conosco, nem obedece a um outro como nós, mas atua por própria bondade e amor aos homens. Como? O Filho alguma vez foi visto? Ninguém pode dizê-lo. Qual o sentido, portanto, da locução: “Deus, incorruptível, invisível e único sábio”? O que quer dizer: “Não há outro nome, pelo qual devemos ser salvos” (At 4,12)? E ainda: “Em nenhum outro há salvação”. “Honra e glória pelos séculos dos séculos. Amém!” Não se presta honra e glória com palavras. Pois ele não nos honrou com palavras, mas na realidade e por obras, assim também nós o honremos pelos feitos e obras. Aliás, esta honra nos toca, e não a ele; ele não precisa de nossa honra, mas nós precisamos da honra que ele nos presta.

Por conseguinte, se o honrarmos, honramos a nós próprios. Como aquele que abre os olhos para ver a luz solar, é útil a si próprio, enquanto admira a beleza do astro, sem lhe conferir qualquer graça. Não o torna mais esplêndido, mas ele permanece como era, assim, e mais ainda, aquele que admira e honra a Deus, salva-se e obtém grande vantagem. De que maneira? Porque, atingindo a virtude, por ele é glorificado. “Porque eu honro aqueles que me honram” (1Sm 2,30). Como ele é glorificado, replicas, se não goza da glória que conferimos? Do mesmo modo que se diz que tem fome e sede. Torna seu tudo o que é nosso, para ao menos assim nos angariar; honras simultaneamente e injúrias, para enfim temermos. Nem assim somos atraídos.

Glorifiquemos, portanto, a Deus; exaltemo-lo corporal e espiritualmente. E de que forma é glorificado pelo corpo e pelo espírito? Aqui denomina espírito a alma, em oposição ao corpo. Como é

glorificado pelo corpo? Como pela alma? Pelo corpo glorifica quem não comete fornicção, não se embriaga, não é glutão, não cuida de ornamentar-se, só se preocupa com o suficiente para a saúde, não comete adultério. A mulher que não se perfuma com unguentos, que não usa pintura, que se contenta com o que Deus plasmou e nada sobrepõe. Por que, pergunto, acrescentas algo ao que Deus criou tão perfeito? Não te basta aquela formação? Tentas decorar a obra, como se fosses artífice mais hábil. Certamente não é isso; mas te adornas e injurias o Criador, para atraíres inúmeros amantes. E o que fazer? Perguntas. Não o quero, mas sou obrigada a agir dessa forma por causa do marido. Não costuma ter amantes aquela que não o quer. Deus te fez formosa para ser admirado também por esse motivo, não a fim de ser ofendido. Não lhe retribuas os dons desse modo, mas pela continência e honestidade. Deus te fez formosa para aumentar os prêmios da honestidade. Não é igual o procedimento da mulher que é cobiçada e guarda a castidade e a daquela que não é assediada e faz o mesmo. Ouves o que a Escritura diz de José? “Era belo de porte e tinha um rosto bonito” (Gn 39,6). O que nos adianta saber que José foi belo? Para serem mais admiradas sua beleza e honestidade. Deus te fez formosa, por que te fazes disforme? As que usam pintura assemelham-se a alguém que unja de lodo uma estátua de ouro. Colocas terra, um tanto vermelha e em parte branca. Mas as mulheres feias, respondes, o fazem com razão. Por quê? Dize-me. Para cobrir a fealdade? É inútil. Onde, pergunto, o que é natural é superado pelo produto dos esforços e da arte? Por que a fealdade entristece, se não é malvada? Escuta a palavra de determinado sábio: “Não detestes uma pessoa por sua aparência, e não elogies um homem por sua beleza” (Eccl 11,2). Antes admira a Deus, ótimo artífice, e não o que não é obra sua. Qual, pergunto, é o lucro da beleza? Nenhum, mas ocasiona muitas disputas, maiores incômodos, perigos, suspeitas. Ninguém suspeitará da mulher que não se destaca pela beleza; mas a formosa, se não tiver grande honestidade, logo terá má fama. Seu marido viverá com suspeitas. Quantos aborrecimentos! Não terá tanto prazer pela beleza, quanto tristeza pelo ciúme. O prazer fenece pelo costume, enquanto a mulher terá a nota de lascívia, dissolução, luxúria, e a mente se torna vã e assaz arrogante. A beleza acarreta tudo isso. Não se encontram esses obstáculos naquela que não é formosa. Os cães não atacam e ela apascenta-se tranquila qual ovelha, sem que o lobo perturbe ou assalte, enquanto o pastor fica sentado perto. Não há vantagem em ser formosa, ou em não ser; mas muito dano provém da que fornicar embora não seja formosa, e da que for malvada. Dize-me. O que importa nos olhos? Que sejam suaves, bem traçados, arredondados e azuis, ou que sejam agudos e penetrantes? Diriam que importam mais estes últimos, e evidencia-se por este exemplo: Qual o préstimo da lâmpada? Que resplandeça clara e ilumine toda a casa? Ou que seja bem traçada e arredondada? Diria que é a primeira que se deseja; a segunda é inútil. Por isso sempre dizemos à criada disto encarregada: Preparaste mal a lâmpada; a função da lâmpada é iluminar. Por conseguinte, não interessa que o olho seja tal e tal, contanto que preencha, como é justo, a sua função. E diz-se que é fraco se for obtuso, sem as devidas condições. Dizemos que tem olhos doentes quem não enxerga com os olhos abertos. Afirmamos ser péssimo quem não preenche suas funções; tais são os olhos péssimos. Dize-me. Que importa relativamente ao nariz? Que seja reto, bem proporcionado e simétrico, ou apto ao olfato, logo capte o odor e envie a sensação ao cérebro? É evidente a qualquer um. Vamos, pois. Examinemos a questão por meio de um exemplo. Dize-me. Quando diremos que foi bem-feito um instrumento fabricado para captar? Quando pode captar e reter bem, ou quando for belamente arranjado? Sem dúvida o primeiro. Quanto aos dentes, quais dizemos que são ótimos? Os que trituram e cortam o alimento, ou os que estão bem alinhados? Certamente os primeiros. Se examinarmos todo o corpo, e cada membro segundo este raciocínio, descobriremos que todo membro sadio é ótimo, contanto que possa cumprir exatamente sua função. Assim dizemos que um vaso é bom, e bons os animais e as plantas, não pela forma, nem pela cor, mas pelo serviço que prestam. Assim dizemos que o criado é

bom quando nos é útil para o serviço, não quando é formoso e suave. Vês o que é ser bela? Uma vez que usufruímos em comum das coisas maiores e admiráveis, em nada somos inferiores. Por exemplo: Vemos de igual maneira este mundo: o sol, a lua, as estrelas, respiramos do mesmo modo o ar, comumente usamos a água e o alimento, quer sejamos formosos ou feios. Mas se importa dizer algo de espantoso, são mais sadios que os formosos os que não têm tal beleza. Uns, para conservar a beleza, não se dão aos trabalhos, mas ao ócio e aos prazeres, que principalmente tiram a energia dos membros; os outros, porém, que não se preocupam com a forma, entregam-se inteiramente aos trabalhos. Glorifiquemos, portanto, a Deus, sejamos seus portadores em nosso corpo, não procuremos ornato. É cuidado inútil e supérfluo. Não ensinemos aos maridos a amarem somente o rosto; pois, se este é teu ornato, logo ele será aliciado pela meretriz, encantado somente pelo belo aspecto. Ao invés, se lhe ensinares costumes e amor honesto, não se dará facilmente à fornicção; não encontrará isto na meretriz, mas o contrário. Por conseguinte não lhe ensines a deixar-se atrair pelo riso, nem pelo aspecto dissoluto, para não preparares veneno contra ti. Ensina-lhe a alegrar-se com a honestidade. Poderás fazê-lo, quando tiveres este aspecto. Se te exaltares, fores lúbrica, como poderás empregar palavra respeitável? Quem não zombará e rirá de ti? Como ser portador de Deus no corpo? Praticando a virtude e ornando a alma; pois não há impedimento da parte dela. Glorificaremos a Deus, sendo sempre bons; e nos glorificaremos naquele dia, não de modo semelhante, mas muito mais. “Penso, com efeito, que os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deverá revelar-se em nós” (Rm 6,18). Possamos todos consegui-lo, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

QUINTA HOMILIA

1,18. *Esta é a instrução que te confio, Timóteo, meu filho, segundo as profecias pronunciadas outrora sobre ti: combate, firmado nelas, o bom combate,*

19. *com fé e boa consciência; pois alguns, rejeitando a boa consciência, vieram a naufragar na fé.*

É grande e admirável a dignidade da doutrina e do sacerdócio, que verdadeiramente é necessário o sufrágio de Deus para se escolher pessoa capaz. Assim acontecia antigamente e também agora acontece, se elegermos sem paixões humanas, sem considerações mundanas, nem por amizade ou ódio. Embora não sejamos tão participantes da graça do Espírito, basta o bom propósito para invocar a instituição do próprio Deus. De fato, os apóstolos não eram participantes do Espírito, quando escolheram Matias, mas assumindo o problema pela oração, incluíram-no no número dos apóstolos; não levavam em conta uma amizade humana. Assim devemos nós também fazer agora. Mas, por extrema covardia, rejeitamos até os fatos bem manifestos; se negligenciamos os manifestos, Deus nos revelará os obscuros? Se não fostes fiéis no pouco, foi dito, quem vos entregará o que é grande e verdadeiro?

Uma vez que então nada acontecia por consideração humana, os sacerdotes eram escolhidos por meio de profecia. O que significa “por meio de profecia”? Pelo Espírito Santo. Não é profecia apenas predizer o futuro, mas ainda tratar do presente, conforme sucedeu a Saul, designado por uma profecia, quando escondido “*no meio das bagagens*” (cf. 1Sm 10,22) ; com efeito, Deus faz revelações aos justos.

Era profecia a palavra: “Separai-me Paulo e Barnabé” (At 13,2). Timóteo também fora escolhido desta forma. Refere-se Paulo neste caso a muitas profecias, como aquela, em consequência da qual o

tomou, quando o circuncidou e quando o ordenou, conforme ele próprio escreve: “*Não descuides do dom da graça que há em ti*” (1Tm 4,14). Lembra-lhe quem o escolheu e ordenou a fim de animá-lo e torná-lo atento e vigilante. Seria como se dissesse: O próprio Deus que te escolheu foi quem confiou em ti; não foste elevado por sufrágio humano. Não inflijas injúria ou opróbrio à escolha de Deus. Em seguida, visto que proferira um preceito e era mais pesado, o que diz?

18. *Este é o preceito que te confio, Timóteo, meu filho,*

Ordena a um filho e filho genuíno. Não com autoridade ou despotismo, mas paternalmente: “*Timóteo, meu filho*”. O fato de recomendar significa solicitude pela sua observância e que não procede de nós. Não o adquirimos, mas Deus no-lo deu. E não apenas isto, mas ainda “*com fé e boa consciência*”. Guardemos, portanto o que ele nos deu. Se ele não tivesse vindo, não haveria fé, nem a vida pura recebida na infância. Seria como se dissesse: Não sou eu quem ordena, mas aquele que escolheu. Este o sentido da locução:

segundo as profecias pronunciadas outrora sobre ti

Escuta-as, obedece-lhes. Mas, o que ordenas?

combate, firmado nelas, o bom combate,

Foste escolhido para este fim: “*Combate o bom combate*”. Assevera que o combate é bom. Existe um mau combate, do qual se disse: “Como outrora entregastes vossos membros” para armas do pecado e da impureza (cf. Rm 6,19). Eles combatiam sob as ordens de um tirano; tu, porém, sob um rei.

Por que, então, o denomina combate? Manifesta ter arrebatado intensa guerra contra todos e mais ainda contra o mestre, que precisa de armas mais fortes, a saber, sobriedade e vigilância, e de manter-se desperto a fim de dirigir as lutas contra o sangue, estar de prontidão, não relaxar. “*Combate, firmado nelas.*” No exército, nem todos lutam de igual modo, mas em diversas posições; também na Igreja, um ocupa o lugar de mestre, outro de discípulo, e ainda outro de carente de conhecimentos; tu, porém, o de mestre. Em seguida, a fim de que ninguém julgasse ser suficiente, o que diz?

com fé e boa consciência;

Com efeito, o mestre deve ser primeiro mestre de si mesmo. O general, se não tiver sido ótimo soldado, jamais chegará a general. É idêntico o que acontece ao que ensina. Em outra passagem, o Apóstolo também assegura: “Não aconteça que, tendo proclamado a mensagem aos outros, venha eu mesmo a ser reprovado” (1Cor 9,27). “*Com fé e boa consciência*”, para deste modo chefiar o próximo. Ouvindo-o, apesar de doutores, não desdenhemos os avisos dos maiores. Pois, se Timóteo, ao qual nenhum de nós é comparável, acolhe preceitos e instruções, embora ocupe a categoria de mestre, muito mais convém a nós assim proceder.

Pois alguns, rejeitando a boa consciência, vieram a naufragar na fé.

Certamente, com razão. Uma vida é repreensível se gera modo de pensar semelhante; por isso se verifica que muitos caíram no profundo dos males e se converteram ao paganismo. Não querem atormentar-se com o medo do futuro, e tentam convencer-se de que nossos ensinamentos são falsos. E muitos se afastam da fé, porque procuram tudo entender por meio de raciocínios. Os raciocínios preparam o naufrágio, enquanto a fé é nave segura.

Os que a abandonam, necessariamente naufragam; e ele o demonstra por este exemplo:

20. *Dentre esses se encontram Himeneu e Alexandre,*

Corrige-nos através deste exemplo. Viste que são daquela época os que ensinavam perversamente,

que pesquisavam curiosamente, que se afastavam da fé, que exploravam os próprios raciocínios? O naufrago é despojado e destituído de tudo. Assim também os que abandonam a fé, nada mais possuem, não têm onde ficar, nem para onde ir. Não têm uma vida que lhes seja vantajosa, pois, se a cabeça está corrupta, o que adianta o restante do corpo? Se a fé sem uma vida honesta nada é, muito mais se for o contrário. Se Deus menospreza o que é seu por nossa causa, muito mais nós por causa dele devemos desprezar o que é nosso. Ao apóstata sucede que em parte alguma se detém, nada de cá para lá, até submergir.

os quais entreguei a Satanás, a fim de que aprendam a não mais blasfemar.

Vês que é blasfêmia inquirir com raciocínios as coisas divinas? De fato, o que tem de comum o raciocínio humano com elas? De que forma, porém, Satanás lhes ensina a não blasfemar? Se ensina a outros a não blasfemar, muito mais devia ensiná-lo a si mesmo. Se, de fato, até agora não pôde ensiná-lo a si mesmo, nem aos outros lhe será possível. Não disse: Para que lhes ensine a não blasfemar, e sim: *“A fim de que aprendam a não mais blasfemar”*. Não foi ele quem ensinou, mas aconteceu segundo o que em outra passagem o Apóstolo refere sobre o fornicador: “Entreguemos tal homem a Satanás para a perda da sua carne” (1Cor 5,5). Não para que se salve o corpo, mas “a fim de que o espírito seja salvo”. Não indica pessoa. Mas, de que modo tal acontecerá? Como os algozes, culpados de inúmeros crimes, corrigem os outros, assim também aqui sucede ao Maligno. E por que tu não os puniste, como àquele Barjesus, como Cefas a Ananias, mas o entregaste a Satanás? Não para serem punidos, mas para aprenderem. E certamente tinha autoridade, conforme diz: “Que preferis? Que eu vos visite com vara” (1Cor 4,21)? E ainda: “Nosso desejo não é parecer aprovados, e sim, que pratiquéis o bem”, e ainda: “O poder para construir, e não para destruir” (2Cor 13,7.10). Por que então invoca Satanás para o suplício? Afim de que o opróbrio fosse maior pela veemência do castigo; ou antes, ele próprio ensinava aos infiéis, porém entregava os desertores a Satanás. Por que, então, Pedro puniu a Ananias? Ananias também era infiel e ainda o punha à prova. A fim, portanto, de que os infiéis soubessem que não podiam ficar ocultos, por si mesmos eram punidos; os apóstolos, contudo, entregavam a Satanás os discípulos que apostatavam, demonstrando que não eram mantidos por própria virtude, mas pelo amparo dos apóstolos, que entregavam a Satanás quantos se haviam exaltado por orgulho. Quanto aos reis, nas guerras matam os inimigos com as próprias mãos, e entregam os súditos aos algozes; assim também sucede em nosso caso. Manifesta-se deste modo que tal acontecia por atuação dos apóstolos. Aliás, não era feito insignificante dar ordens ao diabo. Revelava que o diabo servia os apóstolos e cedia, apesar de constrangido. Por conseguinte, não constituía pequena manifestação da graça. Escuta de que maneira entregou: “Estando vós e o meu espírito reunidos com o poder de nosso Senhor Jesus Cristo, entregai tal homem a Satanás” (1Cor 5,4-5). Era, portanto, logo expulso por comum consenso, retirado do rebanho, abandonado, despojado, e entregue ao lobo. O Espírito representava para a Igreja o mesmo que a nuvem para o acampamento dos hebreus. Se alguém estivesse fora da Igreja, era queimado; era excomungado por julgamento dos apóstolos. Desta forma o Senhor entregou Judas a Satanás (cf. Jo 13,27). Imediatamente depois entrou nele Satanás. Pode-se dizer também que não castigavam por si mesmos aqueles que eles queriam corrigir; os incorrigíveis, contudo, eram castigados. Ao contrário, eram mais temíveis quando entregavam a outros. Desta forma também Jó foi entregue a Satanás; não por causa de seus pecados, mas a fim de se tornar mais ilustre.

Atualmente sucede muita coisa semelhante. Visto que os sacerdotes não conhecem todos os pecadores, nem os que indignamente participam dos mistérios, Deus frequentemente faz com que sejam entregues a Satanás. É por isso que advêm doenças, insídias, lutos, calamidades, ou coisas semelhantes. Paulo igualmente o declara, nesses termos: “Eis por que há entre vós tantos débeis e

enfermos e muitos morreram” (1Cor 11,27). E de que modo, perguntas, nos aproximaremos (dos mistérios) uma vez por ano? É péssimo não medires a dignidade do acesso pela pureza da alma, e sim por intervalo de tempo, considerando provir da piedade não te aproximares mais frequentemente. Ignoras que macula o acesso indigno, até mesmo que seja uma só vez; aceder dignamente, porém, com maior frequência, causa salvação. Aceder com frequência não é audácia, e sim o acesso indigno, até mesmo se for uma vez por ano. Nós, contudo, somos malvados e míseros, perpetrando inúmeros pecados durante o ano, sem o cuidado de apagá-los, julgando bastar que não o ousemos sempre e não ultrajemos o corpo de Cristo. Não pensamos que os que crucificaram a Cristo, só uma vez o fizeram. Acaso o crime é menor por ter sido uma vez apenas? Judas igualmente traiu uma só vez. E então? Ficou livre do suplício? Por que medimos esta questão pelo tempo? A pureza de consciência seja para nós ocasião de nos aproximarmos. O mistério de Páscoa não cresce por ser celebrado agora; é um só e o mesmo, idêntica a graça do Espírito. É sempre Páscoa. Vós que fostes iniciados bem o sabeis. Na Sexta-feira Santa, no Sábado e no Domingo, como no dia dos mártires, consuma-se o mesmo sacrifício: “Todas as vezes que comeis desse pão e bebeis desse cálice, anunciais a morte do Senhor” (1Cor 11,26). O sacrifício não foi circunscrito ao termo do tempo. Por que, perguntas, tem o nome de Páscoa? Porque então Cristo sofreu por nós. Agora, portanto, ninguém se aproxima de outro modo, diversamente. A força é uma só, uma a dignidade, uma a graça, um e mesmo o corpo. Aquele não é mais santo do que este, nem este inferior àquele. Vós o sabeis. Nada vedes de novo a não ser os véus ornamentais, e a esplêndida assembleia. Aqueles dias, porém, possuem algo de maior, porque neles teve início o dia salutar em que Cristo foi imolado; mas, quanto aos mistérios, não possuem prerrogativa alguma. Ao te aproximares do alimento material, lavas as mãos, purificas a boca; ao acederes ao alimento espiritual, não limpas a alma, mas achegas-te cheio de impurezas? E então? – dizes. Não bastam os quarenta dias de jejum para apagar o acúmulo de pecados? E qual o resultado? Dize-me. Se alguém antes de colocar unguento num lugar limpa-o, e pouco depois acrescenta esterco, o bom odor não se dissipa? É isto o que nos sucede. À medida de nossas forças, tornamo-nos dignos de nos aproximar; mas logo nos manchamos. Qual a utilidade? Dizemo-lo também dos que no espaço de quarenta dias podem se purificar. Suplico-vos. Não negligenciemos nossa salvação, não inutilizemos nosso labor. O homem que se converte do pecado, e mais adiante recai, é “como o cão que torna ao seu vômito” (Pr 26,11). Se agirmos conforme foi dito atentamente, poderemos alcançar os prêmios. Oxalá o obtenhamos todos nós, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

SEXTA HOMILIA

- 2,1. Eu recomendo, pois, antes de tudo, que se façam pedidos, orações, súplicas e ações de graças, por todos os homens,*
- 2. pelos reis e todos que detêm a autoridade, a fim de que levemos uma vida calma e serena, com toda piedade e dignidade.*
- 3. Eis o que é bom e aceitável diante de Deus, nosso Salvador,*
- 4. que quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade.*

O sacerdote é pai comum do mundo inteiro. Efetivamente, deve cuidar de todos, à semelhança de Deus, ao qual serve, enquanto sacerdote. Por isso diz o Apóstolo: “*Eu recomendo, pois, antes de tudo, que se façam pedidos, orações*”. Daí originam-se dois bens: de um lado, dissipa-se a aversão que

temos aos estranhos. Ninguém poderá odiar aquele em favor do qual emite preces. De outro lado, estes se tornam melhores, por causa das orações em seu favor e desistem das atitudes ferozes. Nada contribui tanto para a difusão da doutrina quanto amar e ser amado. Pondera como é grandioso ouvir menção de homens perversos, e de uns que flagelavam, expulsavam, matavam, enquanto as vítimas de tais tormentos oravam intensamente a Deus em prol dos que tais crimes cometiam.

Viste que desejava fosse o cristão superior a tudo isto? As criancinhas no colo do pai batem-lhe na face, mas com isso não diminui o afeto paterno. Assim também nós, batidos por estranhos, não devemos diminuir nossa benevolência para com eles. O que significa a locução: “*Antes de tudo*”? Quer dizer, no culto cotidiano. E sabem os iniciados que diariamente se fazem preces, à tarde e de manhã. Oramos “*por todos os homens, pelos reis e todos que detêm a autoridade*”. Ora, talvez diga alguém que não rezamos por todos, mas pelos fiéis. Por que, então, terá dito: “*Pelos reis*”? Os reis então não eram tementes a Deus, mas houve sucessão de reis ímpios durante longo tempo. Em seguida, a fim de evitar adulação, dissera: “*Por todos os homens*”, e depois: “*Pelos reis*”. Se dissesse apenas: “*Pelos reis*”, talvez alguém tivesse suspeitas. Além disso, era provável que o cristão, ao ouvir isso, esmorecesse e não admitisse a exortação de se oferecer preces na celebração dos mistérios em favor dos gentios. Vê o que diz, e a apresentação das vantagens, de sorte a tornar plausível a exortação. “*A fim de que levemos uma vida calma e serena.*” Isto é, a prosperidade deles nos proporciona tranquilidade. Da mesma forma, na Carta aos Romanos exorta-os a obedecerem às autoridades, dizendo: “É necessário submeter-se não somente por temor do castigo, mas também por dever de consciência” (cf. Rm 13,5). Com efeito, Deus estabeleceu as autoridades para o bem comum. Por conseguinte, não seria absurdo que lutassem e se equipassem para vivermos com tranquilidade e nós não apresentássemos súplicas por aqueles que enfrentam o perigo e combatem? Não é, portanto, adulação, mas ação justa. Se eles se preservassem e não guerreassem com êxito, estaríamos sem dúvida cheios de perturbação e de tumulto. Deveríamos guerrear, se eles fossem abatidos, ou fugir e perambular. Erguem-se como uma espécie de redutos, que conservam em paz para os que se acham dentro. “*Pedidos, orações, súplicas e ações de graças.*” Deve-se dar graças a Deus, em verdade, até pelos bens conferidos ao próximo. Por exemplo, dar graças porque faz seu sol levantar-se para bons e maus, e chover sobre justos e injustos. Vês que ele nos une e congrega não apenas pela oração, mas também pela ação de graças? Com efeito, quem deve dar graças a Deus pelos bens do próximo, deve também amá-lo e ser-lhe afeiçoado. Se importa dar graças pelo próximo, muito mais por aqueles que de nós se aproximam, em público ou em particular, de bom grado ou de má vontade, e ainda por aqueles que parecem molestar-nos. De fato, Deus dispõe tudo para nosso bem. Todas as nossas orações, portanto, incluem a ação de graças. Pois, se devemos suplicar em favor do próximo, não apenas pelos fiéis, mas também pelos infiéis, pondera o grande mal que consiste em orar contra os irmãos. O que dizes? Deus te ordenou orar pelos inimigos, e tu, ao invés, rezas contra um irmão? Não rezas contra ele, mas contra ti, porque irritas a Deus, ao proferires aquelas palavras ímpias: Mostra-lhe tal coisa, faze-lhe isto, vibra-lhe um golpe, retribui-lhe. Tais palavras estejam bem longe dos discípulos de Cristo, que são mansos, benignos. Nada de amargo saia da boca que mereceu participar de tão grande mistério, nada de duro profira a língua que entrou em contato com o corpo de Deus. Preservemo-la pura, não profiramos maldições. Pois, se os injuriosos não herdarão o reino (cf. 1Cor 6,10), muito menos os que lançam imprecações. É injúria proferir imprecações. A injúria e a prece distam muito entre si. Acha-se intercalado grande espaço. Suplicas a Deus que te seja propício, e rezas contra o próximo? Se não perdoares, não te será perdoado (cf. Mt 6,15). E tu, não apenas não perdoas, mas rogas a Deus que não perdoe? Viste o excesso de maldade? Se não perdoas, não serás perdoado. Como haverá o Senhor de perdoar a quem lhe pede que não perdoe? Não prejudicas o próximo, mas a

ti mesmo. Se devias ser ouvido em tuas preces, jamais serás atendido porque rezas com boca abominável. Abominável e impura, cheia de odor fétido, de impureza. Devias tremer por causa de teus pecados, e lutar com todo empenho, mas vens instigar a Deus contra teu irmão. Não temes, nem te preocupas com teus interesses? Não vês o que preparas contra ti mesmo? Imita ao menos os meninos, que frequentam a escola, e contemplam os colegas prestarem contas do que aprenderam, apanharem todos pela negligência, e cada qual depois de cuidadosamente examinado ser batido. Ficam morrendo de medo. E se algum dos discípulos muitas vezes bate, não se irritam, tolhidos de medo, sem ousarem interpelar o mestre; cuidam somente de sair incólumes e espreitam a oportunidade. Após a saída, feridos ou não e contentes, não pensam mais no caso. Tu, porém, de pé e despreocupado de teus pecados, não estremecees por relembrares os do próximo? E de que modo rogas a Deus? Ao rezares contra o próximo, agravas os pecados, e impedes que Deus te conceda o perdão. Queres, diz Deus, que severamente examine os males cometidos contra ti e pedes perdão dos teus pecados? Aprendamos, enfim, a ser cristãos. Se não sabemos rezar, o que, enfim, é rápido e fácil, o que sabemos? Aprendamos a rezar como cristãos. Aquelas súplicas são próprias dos gentios, dos judeus. As dos cristãos são o oposto, a saber, pedem perdão e remissão pelas faltas cometidas contra nós. “Somos amaldiçoados, e bendizemos; somos perseguidos, e suportamos, somos caluniados e consolamos” (1Cor 4,12). Escuta as palavras de Estêvão: “Senhor, não lhes imputes este pecado” (At 7,59). Não só não rezava contra eles, mas ainda em seu favor; tu, porém, não somente não rezas por eles, mas contra eles. Assim, portanto, ele é admirável e tu és péssimo. A quem havemos de admirar? Dize-me. Aqueles pelos quais rezou ou o suplicante? Certamente a este último. Se nós assim agimos, Deus muito mais. Queres atingir o inimigo? Ora por ele, mas não com má intenção, não para feri-lo, embora isto há de acontecer. Tu, porém, não vises a tal finalidade. Aquele santo sofria todas as injúrias e rezava por eles. Nós sofremos muito da parte dos inimigos, e é justo. Se, porém, aquele que padecia injustamente não ousou rezar contra os inimigos, que suplício não merecemos nós que sofremos conforme à justiça, e não só não rezamos pelos inimigos, mas também em oposição a eles? Julgas que ele te inflige golpes, mas de fato voltas a espada contra ti, não permitindo que o Juiz te perdoe, porque te irritas contra o próximo. “Com a medida com que medis sereis medidos, e com o julgamento com que julgais sereis julgados” (Mt 7,2). Sejamos, portanto, propensos ao perdão, a fim de que também da parte de Deus obtenhamos remissão.

Não desejo que apenas escuteis minhas exortações, mas também que as pratiquéis. Agora, de fato, só guardais lembrança das palavras, ou talvez, nem delas. À saída, se uma das pessoas que estiveram ausentes interrogar de que assunto tratamos, uns nem ao menos respondem, outros sabem um pouco e falam de um só que foi tratado: Não se deve guardar lembrança das injúrias, mas também rezar pelos inimigos; após, omitem tudo o que foi dito (pois não conseguem se lembrar); outros guardam na memória um pouco ou alguma coisa. Por isso, suplico, se não tirais lucro das palavras, não deis ouvidos. Qual a vantagem? Será maior pecado, mais grave o suplício, se após mil advertências nos determos no mesmo ponto. Deus delimitou que na oração nada peçamos de simplesmente material ou humano. Em verdade, conheceis, ó fiéis, o que haveis de suplicar, e sabeis que toda oração tem a característica de ser comum. Ora, replicas, não foi prescrito rezar pelos infiéis. Não conheceis a força, a profundidade da oração, nem o tesouro que encerra. Se alguém diligentemente perscrutar, encontrará. Quando o orante disser: “Seja feita a tua vontade assim na terra como no céu”, não estará sugerindo coisa diferente. De que modo? No céu não existe infiéis, ofensores. Não será lógico, portanto, atribuí-lo somente aos fiéis. Se a vontade de Deus fosse feita pelos fiéis, e não pelos infiéis, não se realizaria como no céu. Mas como? No céu, diz-se, não existem malvados. Aconteça o mesmo na terra. Atrai, ó Deus, todos os homens ao teu temor, transforma em anjos todos os homens, apesar de

serem nossos adversários e inimigos. Não vês a quantidade de blasfêmias diárias contra Deus? Quanta injúria lhe infligem infiéis e fiéis, por palavras e obras? E então? Por este motivo ele extingue o sol? Interrompe o curso da lua? Rasga o céu? Faz tremer a terra? Seca o mar? Exaure a fonte das águas? Contém os ventos? Absolutamente, não. Ao contrário, faz com que o sol desponte, caia a chuva, germinem os frutos e os alimentos anuais para os blasfemos, os insensatos, os abomináveis, os perseguidores; não um dia só, dois ou três, mas por toda a vida.

Imita-o também tu; imita-o à medida das forças humanas. Não podes fazer com que desponte o sol? Abstém-te das maldições. Não fazes a chuva cair? Não injurias. Não podes alimentar? Não sejas violento. Quanto às dádivas, bastam estes dizeres! Deus exhibe sua benevolência aos inimigos através das obras; tu, ao menos manifesta-a por palavras, reza pelo inimigo. Assim serás semelhante a teu Pai que está nos céus. Inúmeras vezes dissertamos a este respeito e não cessamos de dissertar; algo seja observado. Nós não nos entregamos ao torpor, não nos cansamos, nem nos enfastiamos de dar explicações; vós, ao menos, não vos mostreis fatigados de ouvir. Fica aborrecido quem não cumpre o que foi dito; quem segue, quer ouvir de boa vontade e com frequência, porque não é atacado, e sim elogiado. Com efeito, exaspera-se apenas quem não põe em prática o que foi falado. Daí vem que o orador se torna oneroso. Uma pessoa, por exemplo, dá esmola e em seguida outra fala a respeito deste assunto; não ouve sonolenta, mas se alegra pelos elogios e por ser bem proclamada a sua obra. Assim sucede conosco; uma vez que não esquecemos as injúrias, não praticamos essa boa obra, suportamos mal tais palavras. No caso de a pormos em prática, a exposição não provoca aborrecimento. Tendo em vista que não vos sejamos molestos, fazei o seguinte: Demonstrei-o por obras. Não cessaremos de repetir enquanto não o executardes. Agimos por máximo afeto e solicitude. Além disso, por causa do perigo em que incorremos. O trombeteiro tem de tocar, cumprir seu dever, mesmo que ninguém se apresente para a luta. Por conseguinte, não é para vos preparar maior castigo que o fazemos, mas, na medida do possível, para vos livrar. Além disso, a caridade nos impele; nossas entranhas ficam dilaceradas, o coração angustiado se algum desses males vos atinge. Oxalá não aconteça. O que dizemos agora não ocasiona despesas, nem gastos, não obriga a uma longa peregrinação; bastam vontade, palavras e escolha. Vigiem a boca, tranquem a porta para nada proferirmos que desagrade a Deus. Agimos em favor nosso, não no daqueles pelos quais rezamos. Sempre pensemos o seguinte: Quem bendiz o inimigo abençoa a si próprio, e quem maldiz a si mesmo amaldiçoa. Quem reza pelos inimigos reza para si, não por ele. Se assim nos portarmos, poremos em prática esta boa obra e conseguiremos os bens prometidos, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

SÉTIMA HOMILIA

2,2. A fim de que levemos uma vida calma e serena, com toda piedade e dignidade.

3. Eis o que é bom e aceitável diante de Deus, nosso Salvador,

4. que quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade.

Se o Apóstolo quer pôr termo às guerras, às lutas e aos tumultos das nações, e exorta o sacerdote a dirigir preces pelos reis e príncipes neste sentido, muito mais desta forma procedam os particulares. Três espécies de guerras são muito graves: Uma é a guerra em geral, em que nossos soldados são atacados pelos bárbaros; a segunda espécie consiste em nos atacarmos mutuamente mesmo em tempo de paz; a terceira, a guerra que declara cada qual a si próprio. É a pior de todas. A travada com os bárbaros não nos prejudica tanto. O que, pergunto, eles te causarão? Massacram, matam, mas não

arruinam a alma. Nem a segunda espécie de guerra, se o quisermos, poderá nos causar dano. Embora os outros nos ataquem, podemos ser pacíficos. Escuta o profeta: “Em troca de minha amizade me acusam, e eu fico suplicando”; e ainda: “Com os que odeiam a paz, eu sou pela paz”; e novamente: “Quando lhes falo, combatem-me sem motivo” (Sl 109,4; 120,7; 109,3). Da terceira espécie não podemos fugir sem incorrer em perigo. Se o corpo discorda da alma, excita graves concupiscências, fornece armas aos prazeres corporais, à ira, à inveja. Se esta guerra não terminar, não conseguiremos os bens prometidos. Quem não reprime esse tumulto necessariamente cairá e receberá ferimentos que geram a morte na geena. Diariamente, portanto, precisamos de muito cuidado e solicitude para que esta guerra não se declare em nós; ou não continue se declarada, mas seja reprimida e mitigada. Qual o proveito de todo o orbe gozar de profunda paz, enquanto lutas contra ti mesmo? Importa possuir a paz interior. Se dela gozarmos, nada do exterior poderá nos prejudicar. A paz de todos em comum contribui bastante para ela. Por isso diz o Apóstolo: “*A fim de que levemos uma vida calma e serena*”. Quem se perturba, enquanto reina a tranquilidade, é sumamente infeliz. Viste que o Apóstolo menciona a paz que classifico de terceira? Por isso, tendo dito: “*A fim de que levemos uma vida calma e serena*”, não se interrompe, mas acrescenta: “*Com toda piedade e dignidade*”. Quem não se firma nessa paz não pode viver “*com toda piedade e dignidade*”. Que paz existe quando os raciocínios e as questões perturbam a nossa fé? Quando são os espíritos impuros, que paz existe? No intuito de evitar que julgues tratar a expressão: “*A fim de que levemos uma vida calma e serena*” apenas da vida do comum dos homens, acrescentou: “*Com toda piedade e dignidade*”. De fato, é possível que levem uma vida calma e serena os gentios e também os impudicos, os pródigos e os que se revolvem nos prazeres; entre eles talvez encontrarás os que levem tal vida. No entanto, para saberes que não é isto, acrescentou: “*com toda piedade e dignidade*”. Aquela vida contém insídias, lutas, e a alma cotidianamente é ferida pelas perturbações dos pensamentos. Evidencia-se pelo suplemento, porém, que indica esta vida; é claro, porque não disse simplesmente: Com piedade, mas aditou as palavras: “*Com toda*”. Com esses termos parece que não só requer uma vida formulada na doutrina, mas também a que se firma no modo de praticá-la; pois em ambas se requer piedade. Qual a vantagem de ser piedoso segundo a fé, e na realidade ser ímpio? Escuta aquele santo em outra passagem, para que se entenda que é possível ser ímpio nas ações: “Afirmam conhecer a Deus, mas o negam com os seus atos” (Tt 1,16); e ainda: “*Renegou a fé e é pior do que um incrédulo*” (1Tm 5,8); de novo: “Alguém que traga o nome de irmão e, não obstante, seja impudico ou avarento ou idólatra” não honra a Deus (cf. 1Cor 5,11) e ainda: “O que odeia seu irmão” (1Jo 2,9) ignora a Deus. Viste quantas são as formas de impiedade? Por isso diz: “*Com toda piedade e dignidade*”. O fornicador não só é desonesto, mas também impudico. Igualmente o cobiçoso é dito desonesto e intemperante. A cupidez não é menos grave do que a concupiscência corporal. Quem não contém a cobiça é intemperante; quem não contém a concupiscência é intemperante. Por conseguinte, chamaria de intemperante também o irascível; e denominaria intemperante, desonesto e impudico o invejoso, o ambicioso de dinheiro, o doloso e todo pecado. “*Eis o que é bom e aceitável diante de Deus, nosso Salvador.*” O que significa: “*Eis o que é bom*”? Rezar por todos. Eis o que é agradável a Deus, o que ele quer, pois “*quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade*”.

Imita a Deus. Se “*quer que todos os homens sejam salvos*”, é justo rezar por todos. Se “*quer que todos os homens sejam salvos*”, tu também deves desejá-lo. Se o desejas, reza, pois rezar é próprio dos que o querem. Viste que sempre convence à alma que reze também pelos gentios? E indica o lucro que daí se retira: “*A fim de que levemos uma vida calma e serena*”, e o que é muito mais importante, que agrade a Deus e nos tornemos semelhantes a ele, tendo querer idêntico ao dele. Isso poderia amansar uma fera. Não temas, portanto, rezar pelos gentios; ele também o quer. Teme apenas quando emites

imprecações, o que ele não quer. Se importa rezar pelos gentios, é claro que se deve rezar também pelos hereges; por todos os homens, e não persegui-los. É bom por outro motivo, a saber, termos idêntica natureza. Deus, com efeito, louva e acolhe bem a benevolência e a amizade relativas ao próximo. Se, portanto, respondes, o próprio Deus quer dar, qual a necessidade de minhas preces? Conferem muito a eles e a ti, atraem ao amor, e não deixam que haja crueldade de feras; podem também atraí-los à fé. Muitos homens que entre si disputam com maldade, afastaram-se de Deus. Apela agora à salvação de Deus, que “*quer que todos os homens sejam salvos*”. Eis a verdadeira salvação; sem ela nada de grande. Seria outra espécie de salvação, mas só de nome e título. “*E cheguem ao conhecimento da verdade.*” De que verdade? Da fé nele. Pois dissera: Admoesta alguns a não ensinarem outra doutrina. Visando a que ninguém os tivessem por inimigos, procurando rixas, diz: “*Quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade*”. E acrescentou:

5. *Pois há um só Deus, e um só mediador entre Deus e os homens*

Dissera: “*e cheguem ao conhecimento da verdade*”, mostrando que o orbe não o possuía. Em seguida: “*Um só Deus*”, para revelar que não existem vários, conforme a opinião de muitos. Disse ter enviado o Filho por mediador, demonstrando que queria que todos fossem salvos. E então? O Filho não é Deus? Certamente. Como, então, diz que é um só? Para diferenciar dos ídolos, não para excluir o Filho. Com efeito, estava tratando acerca da verdade e do erro. O mediador deve participar de ambas, às quais serve de mediador. É próprio do mediador ser partícipe de uma e outra, entre as quais é mediador. Se a uma adere, mas se separa da outra, já não é mediador. Se, portanto, não é consorte da natureza do Pai, não é mediador, mas está separado. Como, pois, está conjunto à natureza humana, porque veio para junto dos homens, assim da natureza divina é consorte porque veio da parte de Deus. Como é intermediário entre as duas naturezas, devia estar perto de ambas. Um lugar intermediário acha-se próximo de dois lugares; assim também o intermediário de duas naturezas, deve ser participante de ambas. Como se fez homem, assim também era Deus. Um homem não se teria feito mediador, porque devia dialogar com Deus. Deus também não teria sido mediador, porque não o receberiam aqueles dos quais teria sido mediador. “Para nós, contudo, existe um só Deus, o Pai, e um só Senhor, Jesus Cristo” (1Cor 8,6). Assim também aqui disse: “*um*” e “*um*”. Não colocou: dois. Estando dissertando sobre a multiplicidade dos deuses, a fim de evitar que alguém arrebatasse o número dois para a multiplicidade dos deuses, empregou “*um*” e “*um*”. Viste como a Escritura se exprime cautelosamente? Um e um, dois; mas não dizemos isso, embora subentenda-se este raciocínio. Aqui não diz: Um e um, dois, nem o sujeita a raciocínio, e declara: Se gerou, sofreu. “*Pois há um só Deus, e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo.*”

6. *que se deu em resgate por todos. Este é o testemunho dado nos tempos estabelecidos*

Dize-me. Acaso também para os gentios? Sim. Cristo morreu também pelos gentios; tu, porém, não queres rezar por eles. Por que, perguntas, não acreditaram? Porque não quiseram. Ele fez a sua parte. Testifica-o a paixão. Veio para dar testemunho à verdade do Pai, e foi imolado. Por conseguinte, não somente o Pai lhe presta testemunho, mas também ele ao Pai. “Vim em nome de meu Pai”; e ainda: “Ninguém jamais viu a Deus”; de novo: “Que eles te conheçam a ti, o Deus único e verdadeiro”; mais: “Deus é espírito” (Jo 5,43; 1,18; 17,3; 4,24). Deu testemunho até a morte. A locução: “*Nos tempos estabelecidos*” significa: oportunos.

7. *e para o qual eu fui designado pregador e apóstolo – digo a verdade, não minto –, doutor das nações na fé e na verdade.*

Uma vez, portanto, que Cristo sofreu em favor dos gentios, e eu fui designado doutor das nações, por que tu não rezas por eles? Com razão, nesta passagem, depois de declarar ser fidedigno, disse:

“Para o qual eu fui designado pregador”, isto é, expressamente chamado. Nesse ponto, os outros apóstolos não se davam a muito trabalho. Em seguida, adicionou: *“Doutor das nações na fé e na verdade”*. Novamente: *“Na fé”*. Mas para que não julgues ao ouvir: *“Na fé”*, que se trata de falácia, adicionou: *“Na verdade”*. Se é na verdade, não pode ser mentira. Vês a graça difusa? Em prol dos judeus não se faziam orações nesse sentido; agora, contudo, a graça se propagou. Por isso ele declara que foi designado doutor dos gentios, sugerindo que por todo o orbe a graça se espalhou. *“Que se deu em resgate.”* Por que, então, foi entregue pelo Pai? Por efeito de seu amor. O que significa: *“Resgate”*? Estava para puni-los, mas não o fez. Estavam em iminente perigo. Em vez deles, entregou o Filho e enviou-nos quais arautos da cruz. Seria suficiente para atrair e mostrar o amor de Cristo. Em verdade, Deus nos manifestou coisas grandiosas e inenarráveis: Imolou-se a si próprio pelos inimigos, que o odiavam e se lhe opunham. O Senhor fez pelos servos o que ninguém fez pelos amigos, pelos filhos, pelos irmãos. O Senhor não era igual aos servos, mas tratava-se de Deus em favor dos homens e homens insignificantes. Com efeito, se fossem ilustres, amáveis, não seria tão espantoso; mas ultrapassa todo entendimento morrer por tais homens, ingratos e malvados. Deus fez por nós o que os homens não fazem por seus companheiros. E usufruindo de tão grande amor, ainda continuamos entorpecidos, sem amor a Cristo. Ele se imolou por nós; nós, contudo, o desprezamos, se necessitado de alimento. Não visitamos o doente e o nu. Que ira, que suplício, que geena tal atitude não merece? Se somente quisesse assumir os sofrimentos humanos, dizendo: Tenho fome e tenho sede, não provocaria geral aproximação? Mas, ó tirania das riquezas! Ou antes, ó maldade dos que espontaneamente se escravizam às riquezas! Não têm grande valor, mas nós somos relaxados e submissos, vis e terrenos, carnaís e insensatos. Sua força não é grande. O que, pergunto, elas podem? São estúpidas e insensíveis. Se nada é o diabo, o abominável demônio, de tal forma maligno que tudo confunde, que força tem o dinheiro? Se vês prata, considera-a estanho. Ora, não podes? Pensa que, de fato, é terra, pois na verdade é. Mas não aceitas esse raciocínio? Reflete que nós perecemos, que muitos que possuíam riquezas, quase nenhum lucro retiraram. Muitos que se gloriavam dessas coisas e se ostentavam, transformaram-se em cinza e pó, e agora sofrem penas extremas, mais pobres do que aqueles que vivem no barro e no lodo. Aqueles que dormem em leitos de marfim muitas vezes são mais miseráveis do que os que jazem na lama. Mas deleitam a vista? Ora, muitas outras coisas podem deleitar: as flores, o ar puro, o céu, o sol deleitam muito mais. O dinheiro muitas vezes cobre-se de ferrugem, donde muitos lhe dão o nome de preto, porque consta de moedas cunhadas que se tornaram negras. No sol, no céu, nos astros nada é negro. Muito maior é o deleite que há nas flores do que na cor do metal. Não é o brilho que deleita, mas a avareza, a injustiça, que deleita as almas, não o dinheiro. Rejeita-a e verás ser mais vil do que o lodo o que parecia precioso.

Elimina tal vício. Com efeito, quando pessoas febris veem lodo, anseiam por ele como se fosse uma fonte de águas. Os sadios normalmente nem água desejam. Elimina a doença, e as coisas aparecem como são. E para saberes que não minto, cito exemplos de muitos que assim agiram. Extingue o fogo (da cobiça), e verás que são coisas menos valiosas que as flores. O ouro é belo? É belo enquanto esmola, auxílio aos pobres, bem utilizado, não trancado, enterrado, ou empregado qual enfeite das mãos, dos pés, da cabeça. Não foi criado para aprisionarmos a imagem de Deus, mas para soltarmos os que lhe estão acorrentados. Emprega o ouro da seguinte maneira: Solta o prisioneiro, não prendas a alma livre. Dize-me: Por que dás preferência a objeto tão vil? Acaso não prende porque é ouro? O material é que vincula? De ouro ou de ferro, o resultado é igual, embora um seja mais pesado. O que o torna leve? A vanglória, exibição de correntes de ouro; era preferível incutir pudor. Se queres certificar-te, dá uma corrente a determinada mulher e leva-a ao deserto, onde ninguém a olha; considera ação grave e pesada. Tenhamos medo, caríssimos, de ouvir aquelas palavras terríveis:

“Amarrai-lhe as mãos e os pés” (Mt 22,13). Por que já te impões tal castigo, ó mulher? Nenhum prisioneiro usa igualmente cadeias nas mãos e nos pés. Por que acorrentas até a cabeça? Não basta vincular mãos e pés? Por que cercas o pescoço de inúmeras correntes? Não me refiro às preocupações consequentes: o medo, a angústia, a discórdia com o marido porque disso precisam, o terror mortal pela perda de algum objeto. É um prazer? Dize-me. O próximo se deleita com tal aspecto, e tu te sujeitas a vínculos, cuidados, perigos, incômodos, rixas cotidianas? Não merece total incriminação e condenação? Não procedamos assim, suplico-vos; mas solvamos os vínculos da iniquidade. Partamos o pão com o faminto. Façamos o restante que nos introduza confiantes perante Deus, a fim de conseguirmos os bens prometidos, em Cristo Jesus, nosso Senhor, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

OITAVA HOMILIA

2,8. *Quero, portanto, que os homens orem em todo lugar, erguendo mãos santas, sem ira e sem animosidade.*

9. *Quanto às mulheres, que tenham roupas decentes, se enfeitem com pudor e modéstia; nem tranças, nem objetos de ouro, pérolas ou vestuário suntuoso;*

10. *mas que se ornem, ao contrário, com boas obras, como convém a mulheres que se professam piedosas.*

Diz Cristo: “Quando orardes, não sejas como os hipócritas, porque eles gostam de fazer oração pondo-se em pé nas sinagogas e nas esquinas, a fim de serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo: Já receberam a sua recompensa. Mas tu, quando orares, entra no teu quarto e, fechando a porta, ora ao teu Pai ocultamente; e o teu Pai, que vê o que está oculto, te recompensará” (Mt 6,5-6). Por que, então, diz Paulo: “*Quero, portanto, que os homens orem em todo lugar, erguendo mãos santas, sem ira e sem animosidade*”? Não são preceitos opostos? De forma alguma; ou melhor, concordam inteiramente. De que maneira? Primeiro, explique-se o que significa: “*Entra no teu quarto*”, e a razão da ordem de orar “*em todo lugar*”, não na igreja, e não ser lícito orar em outra parte da casa, senão no quarto. Qual o sentido da locução? Cristo, ao ensinar que se deve fugir da vanglória, não diz simplesmente: Não em público, e sim: Reza ocultamente. Ao dizer: “*Não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita*” (Mt 6,3) não está se referindo apenas às mãos, mas ensina principalmente que se fuja da vanglória. Assim sugere igualmente nosso trecho.

Não determinou, portanto, onde rezar, mas somente preceituou que se escape da vanglória. Paulo, contudo, exprime-se de forma diversa sobre a oração dos judeus. Vê o que diz: “*Orem em todo lugar, erguendo mãos santas*”, o que não era lícito aos judeus. Não podiam aproximar-se de Deus, imolar e prestar culto em todo lugar, mas congregados de várias partes do mundo num só local, faziam as purificações no templo. O Apóstolo inclui advertência oposta e liberando desta obrigação, afirma: Entre nós não acontece como entre os judeus. Ordena que se façam orações por todos (uma vez que Cristo morreu por todos, e por todos o apregoo), portanto, em toda parte é bom orar. Doravante nenhum preceito existe a respeito do lugar, e sim relativo ao modo de rezar. Rezar em toda parte, ordena ele, em qualquer lugar levantar mãos santas. Tal a exigência. O que quer dizer: “*Santas*”? Puras. O que significa: Puras? Não lavadas, mas isentas de avareza, morticínios, rapinas, golpes. “*Sem ira e sem animosidades*.” O que é isto? Reza alguém com irritação? Significa: Sem recordação das injúrias. Seja puro o ânimo do orante, livre de paixão. Não te aproximes de Deus, trazendo inimizades. Ninguém venha com aversão e animosidade. Qual o sentido da expressão: “*Sem animosidade*”?

Ouçamos. Não duvidemos de que seremos ouvidos. “E tudo o que pedirdes com fé, em oração, o recebereis” (Mt 21,22); e ainda: “E quando estiverdes orando, se tiverdes alguma coisa contra alguém, perdoai-lhe” (Mc 11,23). Eis em que consiste orar “*Sem ira e sem animosidade*”. E de que maneira, perguntas, posso ter confiança de conseguir o que suplico? Não peças o oposto daquilo que ele está disposto a dar, nada de indigno do Rei, nada de mundano, mas tudo espiritual, aproximando-te sem ira, “*erguendo mãos puras e santas*”. Santas ao distribuírem esmolas. Se te aproximares deste modo, alcançarás aquilo que pedires. Pois, diz o evangelho: “Ora, se vós que sois maus sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o vosso Pai, que está nos céus” (Mt 7,11). Dá aqui o nome de “*animosidade*” à dúvida.

De modo semelhante, quero que as mulheres se aproximem de Deus “*erguendo mãos santas, sem ira e sem animosidade*”, não atendam às concupiscências, não roubem, não sejam avaras. O que importa não furtarem elas próprias, se roubarem por intermédio do marido? Paulo exige algo mais das mulheres. O quê? “*Que tenham roupas decentes, se enfeitem com pudor e modéstia; nem tranças, nem objetos de ouro, pérolas ou vestuário suntuoso; mas que se ornem, ao contrário, com boas obras, como convém a mulheres que se professam piedosas.*” De que roupas ele fala? Da túnica que cobre e orna tudo decentemente e não da indiscreta. A primeira é verdadeiro ornato, esta não. O que dizes? Vens suplicar a Deus e usas ornamentos de ouro e tranças? Vieste participar de um coro? Acaso de uma festa de casamento, de cortejos? Nestas ocasiões utilizam-se objetos áureos, tranças, magníficas vestimentas. Aqui não é necessário. Vieste rezar, suplicar perdão de teus pecados e ofensas, pedir ao Senhor que se torne propício; por que te ornamentas? Não é traje de um suplicante. Como poderás gemer? Chorar? Como orar intensamente enfeitada com tal vestimenta? Se chorares, tuas lágrimas serão ridículas. Não se deve chorar carregado de ouro. Seria encenação e hipocrisia. Não seria teatral derramar lágrimas enquanto a mente concebe tanta magnificência, tanta ambição? Renuncia a esta hipocrisia. De Deus não se zomba. É próprio dos palhaços e dançarinos que passam o dia no teatro. À mulher honesta nada disto convém. “*Que se enfeitem com pudor e modéstia.*”

Não imites as meretrizes. Pelo aspecto elas enredam os amantes. Muitas mulheres, por causa dos ornamentos, frequentemente se tornaram suspeitas, nada lucraram. Prejudicaram a muitos com esta aparência. Se a impudica se apresentar igual a uma mulher casta, nada lucra, porque um dia tudo tornará público quem julga o que está oculto. Também a mulher casta nada lucrará com a castidade, se pelo ornato das vestes procurar parecer impura. Causará grande dano para muitos. O que me importam, perguntas, as suspeitas alheias? Tu lhes proporcionas uma oportunidade, por causa da veste, do aspecto, dos movimentos. Por isso Paulo falou com insistência a respeito do traje, do pudor. Rejeita o que constitui apenas indícios de riqueza: ouro, pérolas, vestimentas suntuosas; quanto mais o produto de uma arte ociosa, como a pintura, o sombreado dos olhos, o andar elegante, a voz suave, o aspecto flexível e impuro, a apurada forma dos mantos e da túnica, o cinto artificioso, os calçados caprichosamente confeccionados. Ele o deu a entender, nesses termos: “*Que se enfeitem com modéstia*”, e ao enunciar: “*Com pudor*”. As atitudes acima não revelam pudor nem modéstia. Tolerai-me, eu vos peço. Se a repreensão consta de palavras claras, não é no intuito de ferir, de entristecer, mas para apartar do rebanho o que lhe é estranho. O apóstolo o proíbe às casadas, às que se entregam aos prazeres, às ricas e ainda mais às que abraçaram a virgindade. E qual a virgem, replicas, que se cobre de ouro? Qual a que usa tranças? Uma veste simples pode ser mais refinada do que outra espécie de traje. É possível que uma veste simples orne mais que a carregada de ouro. Quando a veste for de tal modo cerúlea e com muito cuidado ajustada pelo cinto ao peito quanto a dos dançarinos no teatro, de tal forma que nem seja folgada, nem apertada, mas justa, e drapeada junto do esterno, não será mais

apta a seduzir do que muitas vestes de seda? E se as sandálias pretas brilharem assaz, forem ponteagudas, à imitação do belo nas pinturas, de sorte que não atinjam muito o calcanhar? E se não pintares os olhos, mas os lavares com diligência e cuidado, colocares na fronte um véu muito mais alvo que o rosto, sobrepujares uma mantilha, para que a brancura por meio da cor negra se destaque de forma mais agradável? O que dizer das inúmeras rotações dos olhos? Do cinto, que ora se oculta, ora aparece, cingindo o peitoral? Pois também a este muitas vezes se descobre, mostrando a beleza do cinto, e joga-se a mantilha ao redor da cabeça. As mãos, à semelhança do que usam os atores, tão perfeitamente se cobrem de luvas que estas parecem inatas. O que dizer do andar, e de belos gestos, que mais do que todo ouro podem atrair os espectadores? Temamos, caríssimos, ouvir a palavra do profeta dos hebreus às mulheres, entregues às vaidades exteriores: “Em lugar de cinto, uma corda, em lugar do cabelo encrespado, a calvície” (Is 3,24). Mais atraentes do que os ornatos de ouro são estes, e muitos outros excogitados a fim de serem contemplados e cativarem os espectadores. Não é pecado leve, ou antes, muito grave, que provoca a ira de Deus e arruína o labor da virgindade.

Cristo é teu esposo; por que buscas amantes? Ele te acusa de adultério. Por que não colocas enfeites que lhe agradam, que ele aprecia, a saber, o pudor, a castidade, a honestidade, a veste modesta? É luxurioso, vergonhoso. Já não distinguimos as meretrizes das virgens. Vê a torpeza em que elas se lançaram. A virgem não deve ter ornato, estar vestida modesta e simplesmente; as outras mulheres inúmeras coisas excogitam para favorecer a beleza exterior. Desiste da loucura, ó mulher, transfere o zelo para a alma e o ornamento interior. O ornato externo não permite que seja belo teu íntimo. Quem se ocupa com ele menospreza o interior; mas quem despreza o exterior, emprega completo zelo no interior. Não digas: “Ai de mim, uso veste gasta, calçados rudes, véu sem valor. Seria ornato?” Não te iludas. É possível, conforme disse, com isso ornar-se mais do que com os outros enfeites; mais pelas vestes gastas do que por aquelas cuidadosamente confeccionadas e preparadas para delinear o corpo, manifestando despudor e elegância. É o que me dizes. O que dirás a Deus, que conhece a tua alma, tua atuação? Ora, não procedes assim para fornicares? Mas, qual a finalidade? Não é para seres admirada? Não te envergonhas, não te coras por querer provocar admiração? Mas, respondes, não é por isso que me visto com simplicidade. Deus conhece a veracidade do que afirmas. Acaso prestar-me-ás contas? Presta àquele que está presente a todos os atos, um dia os examinará, e diante do qual tudo será descoberto e evidente. Nós agora damos esta explicação a fim de não serdes culpadas na prestação de contas. Temos receio de que vos seja exprobrado o que o profeta dizia às mulheres judaicas: “Andam fazendo acenos com os olhos e caminham com passo afetado” (Is 3,16). Empreendestes grande luta, onde as armas são golpes e não ornatos, pugilato e não ações suaves. Não vês os pugilistas, os lutadores? Acaso se preocupam com o andar, o porte? De modo algum. Mas a tudo renunciando, tomam uma veste ungida com óleo, visam apenas ferir, sem serem atingidos. O diabo está presente, rangendo os dentes, olhando ao redor para te derrotar; tu, contudo, continuas preocupada com um ornato satânico? Nada quero dizer da voz que muitas se esforçam por bem colocar, os unguentos, e outras bagatelas. Por isso as mulheres mundanas zombam de nós. Pereceu a dignidade da virgindade. Ninguém mais trata com respeito as virgens, como seria justo; elas próprias agem de sorte a serem menosprezadas. Acaso não deviam, como se tivessem caído do céu, serem reverenciadas na Igreja de Deus? Atualmente, contudo, são desprezadas por culpa própria, não por causa das que são prudentes. Se a mulher que tem marido, filhos e casa para governar notar que tu, que devias estar crucificada, procuras melhor ornamentar-te, não zombará, não desprezará? Vês quanto esforço? Quanta solícitude? Com roupa de má qualidade superas a que se reveste com magnificência, enfeitas-te mais do que a mulher decorada com ornamentos áureos. Não queres o que te convém. Procuras o que não é adequado; entretando devias buscar boas obras. As virgens são menos respeitáveis do que as mulheres

mundanas, porque não manifestam obras dignas da virgindade. Não nos referimos a todas; ou antes, a todas: às culpadas para se arrependarem; às inocentes, para tentarem corrigir as demais. Mas acautelai-vos! A emenda atinja as obras. Não tencionamos provocar tristeza, e sim corrigir, gloriar-nos por vossa causa. Oxalá todos pratiquemos o que a Deus agrada, e vivamos a fim de glorificá-lo e alcançarmos os bens prometidos, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

NONA HOMILIA

2,11. *Durante a instrução a mulher conserve o silêncio, com toda submissão.*

12. *Eu não permito que a mulher ensine, ou domine o homem. Que ela conserve, pois, o silêncio.*

13. *Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva.*

14. *E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão.*

15. *Então, ela será salva pela sua maternidade, desde que, com modéstia, permaneça na fé, no amor e na santidade.*

Paulo exige das mulheres muita modéstia, grande honestidade. Por isso remonta não apenas à veste e ao manto, mas inclui a voz. E o que diz? “*Durante a instrução a mulher conserve o silêncio.*” O que significa isso? A mulher não fale na igreja, conforme declarava também na Carta aos Coríntios: “Não é conveniente que uma mulher fale nas assembleias”. Por quê? Porque a Lei as quer submissas. E ainda noutra passagem: “Se desejam instruir-se sobre algum ponto, interroguem os maridos em casa” (1Cor 14,35). Outrora, de fato, as mulheres, obedecendo a este preceito, calavam; agora, contudo, entre elas há grande tumulto, muito clamor, várias conversas; em parte alguma tanto quanto aqui. Verificarás que todas elas falam, e tanto, nem na praça, nem nas termas. Parecem ter vindo a fim de obterem oportunidade de tratar de inutilidades. Por isso tudo se revoluciona. Não pensam, não aprendem algo de útil, porque não sossegam. Qual a utilidade de nos dispormos a falar, se ninguém presta atenção? O silêncio é necessário de tal sorte que não se fale na igreja não só dos assuntos mundanos, mas nem dos espirituais. Eis o ornamento. A modéstia ornará melhor do que as vestes. Se a mulher se contiver, fará as orações com decência. “Não lhes é permitido tomar a palavra” (1Cor 14,34). Não lhes permito. Qual a consequência? Muitas. Falou sobre o silêncio, a honestidade, a modéstia. Disse: Não quero que elas falem. Retira-lhes qualquer motivo. Não ensinem, mas coloquem-se na posição de discípulos; demonstrem submissão através do silêncio. O sexo feminino é um tanto loquaz e por isso Paulo sempre o reprime. “*Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão.*” Importa às mulheres de nosso tempo? Sim, assegura. O gênero masculino alcançou honra maior. O homem foi plasmado primeiro. Em outro lugar trata da primazia, dizendo: “O homem não foi criado para a mulher, mas a mulher para o homem” (1Cor 11,9). Por que o assevera? A fim de atribuir ao homem múltipla prevalência. Em primeiro lugar porque tem a primazia no tempo; segundo, pelos acontecimentos. Ela ensinou uma vez ao homem, tudo subverteu e tornou-o culpado de desobediência. Deus a submeteu, porque empregou mal o domínio, ou antes a igualdade. “Teu desejo te levará ao teu marido” (Gn 3,16). Anteriormente não fora dito. Adão não foi seduzido? Não teria desobedecido se não tivesse sido seduzido? Atenção! “E a mulher respondeu: a serpente me seduziu” (Gn 3,13). Adão não disse: A mulher me seduziu, mas: “A mulher me deu, e eu comi”. Não é o mesmo ser enganado

por uma companheira, uma parente ou por um animal, um servo, submisso ao homem, o que constitui verdadeira sedução. Em comparação, portanto, com a mulher afirma-se que ele não foi seduzido, porque ela fora enganada por um súdito e subordinado e ele por uma mulher livre. Ainda relativamente a Adão não foi dito: “Viu que a árvore era boa ao apetite” (Gn 3,6), mas a respeito da mulher diz-se que comeu e deu ao marido. Por conseguinte, ele não prevaricou, vencido pela concupiscência, mas simplesmente obedeceu à mulher. A mulher ensinou uma vez, e tudo subverteu; por isso o Apóstolo disse: “Não lhe é permitido tomar a palavra”. Que importa às demais mulheres que ela o tenha feito? Importa certamente; o sexo é fraco e leviano. Aliás, o sermão trata de todo o sexo. Pois não disse: Eva foi seduzida, e sim: “*A mulher*”, designando mais o sexo em comum do que um nome. Como? Todo o sexo por causa dela caiu na prevaricação? Conforme se disse a respeito de Adão: “De modo semelhante à transgressão de Adão, que é figura daquele que devia vir” (Rm 5,14), assim também aqui o sexo feminino prevaricou, não o masculino. E então? Não haverá mais salvação? Sim, foi dito. Qual? Por intermédio dos filhos. Pois não foi dito a respeito de Eva: “*Desde que, com modéstia, permaneça na fé, no amor e na santidade*”, com sobriedade. Qual fé? Qual amor? Qual santidade com sobriedade? Seria como se dissesse: Não vos entristeçais, mulheres, porque vosso sexo é incriminado. Deus vos deu outra ocasião de salvação, a criação dos filhos, de sorte que não só por vós mesmas, mas também por meio de outrem podeis obter a salvação. Vede quantas questões surgem em torno de um mesmo assunto. “*A mulher foi seduzida, caiu em transgressão.*” Qual? Eva. Ela será salva pela procriação dos filhos? Não o afirma, mas que todo o sexo feminino conseguirá a salvação. Mas não foi ela que prevaricou? Sim; foi Eva quem prevaricou, mas o sexo feminino se salvará pela procriação dos filhos. Mas, por que não por própria virtude? Acaso exclui as outras? E as virgens? E as estéreis? As viúvas que antes de darem à luz perderam os maridos? Acaso estão perdidas? Não têm esperança alguma? Ora, as virgens são mais que todas comprovadas. O que significa isto?

Alguns afirmam que todo o sexo ficou sujeito por causa da criação da primeira mulher. (Eva fora formada em segundo lugar, foi submetida, e o sexo inteiro também ficou submetido). Assim, visto que ela prevaricou, também todo o sexo transgrediu. Mas não é razoável. No primeiro caso, tudo se originara de um dom de Deus (a criação), neste provém do pecado da mulher. O sentido é o seguinte: Todos os homens morrem por causa de um só, porque um só pecou; assim todo o sexo feminino prevaricou, porque a primeira mulher transgrediu. A mulher não se lastime. Deus lhe deu não pequeno consolo, o de dar filhos à luz. Ora, isto vem da natureza, replicas. E aquilo também vem da natureza; foi-lhe concedido não só o que é natural, mas também o relativo à criação dos filhos: “*Desde que, com modéstia, permaneça na fé, no amor e na santidade*”, com sobriedade, isto é, se depois do parto permanecer na caridade e castidade. Não conseguirão uma pequena recompensa, e sim a máxima por terem nutrido atletas de Cristo. Denomina santificação a vida correta, a sobriedade e a honestidade.

3,1. Fiel é esta palavra:

Refere-se ao acima mencionado. Não à locução:

se alguém aspira ao episcopado,

Era ambíguo e por isso disse: “*Fiel é esta palavra*”, a saber, que os pais poderão ganhar com a virtude dos filhos, bem como as mães, se os educarem honestamente. O que acontecerá se ela for malvada e cheia de inúmeros vícios? Acaso lucrará com a educação dos filhos? Não é mais provável que ela educará os filhos de acordo com os seus costumes? Ele não está tratando de qualquer uma, mas da mulher virtuosa, que receberá grande recompensa e retribuição.

Ouvi, pais e mães! Não faltará a recompensa devida à educação dos filhos. Ele o assevera na

sequência: “*Se tiver em seu favor o testemunho de suas boas obras*” (1Tm 5,10), se educou os filhos. Entre outras, refere-se a esta exigência. Não é sem importância consagrar ao próprio Deus os filhos que Ele deu. Com efeito, terão grande recompensa se lançarem bons fundamentos e boa base, bem como terão castigo se forem negligentes. Efetivamente, Eli pereceu por causa dos filhos. Devia repreendê-los. Admoestou, mas não à medida do necessário; como não queria aborrecê-los, causou-lhes a ruína a eles e a si próprio. Ouvi, pais! Instruí vossos filhos na disciplina e avisos do Senhor, com suma diligência.

A juventude é dura e difícil, e precisa de muitos instrutores, mestres, pedagogos, acompanhantes, nutritícios. Mal poderás contê-la apesar de tantos cuidados. A juventude é semelhante a um cavalo indômito e a uma fera selvagem. Se, portanto, colocarmos ótimos limites desde o princípio, desde a tenra idade, não precisaremos depois de muito labor, mas o hábito lhes servirá posteriormente de lei. Não deixemos que empreendam algo que seja agradável e prejudicial ao mesmo tempo, nem os acariciemos como a crianças. Conservemo-los principalmente na castidade, pois o vício oposto é o que mais arruína a juventude. Para tal fim empreguemos muito labor, máxima atenção.

Cedo lhes procuremos esposas, a fim de receberem a noiva com corpos puros e intactos. O amor é então mais ardente. Quem se conservou casto antes do matrimônio, se-lo-á muito mais depois; mas o que antes das núpcias aprendeu a fornicção, também depois a cometerá. “Para o homem sensual todo alimento é doce” (Eclo 23,24). Impõem-se-lhes coroas na cabeça, símbolo da vitória, porque anteriormente invictos; entrem coroados no tálamo, uma vez que não foram superados pela volúpia. Se dominados, entregues a meretrizes, por que, vencidos, trazem uma coroa na cabeça? Devemos dar-lhe estes avisos e preceitos, atemorizá-los, ameaçá-los, ora com isto, ora com aquilo. Possuímos grande tesouro, a saber, os filhos. Tenhamos solicitude por eles, tudo façamos para que o maligno não no-os arrebate. Sem dúvida, tudo nos é contrário. Fazemos o possível para que o campo se mantenha ótimo, e o entregarmos a um homem fiel. Procuramos asneiro, arrieiro, intendente e despenseiro ótimos. Mas descuidamos do mais precioso: Confiar o filho a quem possa proteger-lhe a castidade, embora ele nos deva ser mais caro do que todas as posses e por causa dele é que possuímos o restante. Preocupamo-nos com deixar-lhes propriedades, não com eles próprios. Vês que coisa absurda? Exercita-lhe a alma, e o restante virá depois. Se a alma não estiver bem, para nada servirá o dinheiro; ao invés, se honesta, a pobreza não a lesará. Quer deixá-lo rico? Ensina-lhe a honestidade. Desta maneira aumentará os bens; e se não aumentar, não ficará em piores condições do que as dos proprietários. Se for perverso, embora lhe transmitas inúmeros bens, não lhe legas um protetor, mas fica em situação pior do que a extrema pobreza. Aos filhos mal-educados é melhor a pobreza do que as riquezas. Com efeito, a pobreza, mesmo a contragosto, os retém na virtude; as riquezas, nem mesmo se o quiserem, permitem que sejam temperantes, mas os afastam, pervertem e projetam em inúmeros males. Mães, educai retamente vossas filhas. É fácil tarefa. Vigiai. Que permaneçam em casa. Sobretudo ensina-lhes a piedade para serem honestas e desprezarem o dinheiro, livres da vaidade. Conduzi-as assim até as núpcias. Bem formadas, não apenas preservar-se-ão a si próprias, mas também ao futuro esposo; não só ao esposo, mas igualmente aos filhos, nem apenas aos filhos, mas ainda aos netos. Pois, se a raiz é boa, os ramos também se expandem, e haverá total recompensa. Tudo realizemos, considerando não apenas o bem de uma alma, mas por meio de uma a de muitas. Despeçam-se da casa paterna para as núpcias, como o atleta sai da arena, instruídas cuidadosamente em toda ciência, qual fermento que leveda toda a massa. Ainda sejam os filhos tão respeitosos que se façam reconhecer mais pela honestidade e castidade, e alcancem grandes louvores perante Deus e os homens. Aprendam a controlar a alimentação, a abster-se de excessivos gastos, a economia, a

caridade, a submissão. Retribuam deste modo aos pais. E tudo redundará para a glória a Deus e a nossa salvação, em Cristo Jesus, nosso Senhor, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA HOMILIA

- 3,1. *se alguém aspira ao episcopado, boa obra deseja.*
2. *é preciso, porém, que o bispo seja irrepreensível, esposo de uma única mulher, sóbrio, cheio de bom senso, simples no vestir, hospitaleiro, competente no ensino,*
3. *nem dado ao vinho, nem violento, não tratante, mas indulgente, pacífico, desinteressado.*
4. *Que ele saiba governar bem a sua própria casa, mantendo os seus filhos na submissão, com toda dignidade.*

Prestes a tratar do episcopado, Paulo expõe de uma vez qual deve ser o bispo, não no intuito de admoestar a Timóteo, mas de falar e orientar aos demais através dele. E o que diz? “*Se alguém aspira ao episcopado*” não desaprovo. É um regímen. Não desaprovo que alguém aspire ao múnus de prepósito e sim apenas à ambição de domínio e autoridade. “*Boa obra deseja.*” De fato, Moisés o desejou, não, contudo, o poder; e de tal modo que ouviu a pergunta: “Quem te constituiu nosso chefe e nosso juiz?” (Ex 2,14). Se alguém o deseja desta forma, muito bem! Episcopado significa inspecionar em geral. “*É preciso, porém, que o bispo seja irrepreensível, esposo de uma única mulher.*” Não formula uma norma, como se fosse lícito apenas sob tal condição, mas quer impedir a imoderação, porque entre os judeus era permitido o segundo casamento e ter simultaneamente duas mulheres. “O matrimônio seja honrado” (Hb 13,4). Alguns pensam que determina ter uma só mulher. “*Irrepreensível.*” O termo indica o conjunto das virtudes. Por conseguinte, não é lícito desejar o ofício a quem tem pecados na consciência, e acha-se excluído pelas más obras. Não lhe cabe governar, mas necessita ser governado. O presidente seja mais brilhante que um facho, de vida impoluta, de sorte que todos o contemplem e conforme seu exemplo caracterizem a própria vida. Não é para exortar que Paulo procede desta forma, mas porque Timóteo devia instalar bispos. A esse respeito escreve também a Tito, dando instruções (Tt 1). Formula estes preceitos porque era provável que muitos tivessem o mesmo desejo. Seja “*Sóbrio*”, ou vigilante, isto é, perspicaz, sempre com inúmeros olhos, vista penetrante, e não tenha obcecados os olhos da mente. Com efeito, várias ocorrências impedem a visão clara da realidade; de fato, afluem aborrecimentos, preocupações, múltiplas confusões etc.

Seja vigilante e não trate somente dos próprios interesses, mas igualmente do bem alheio. Desperto e fervoroso, e diria, a exalar chamas. Mais que um general, tem de vigiar percorrendo o acampamento dia e noite, e servir, totalmente solícito e cuidadoso. “*Cheio de bom senso, simples no vestir, hospitaleiro.*” Uma vez que estas qualidades ocorrem também em muitos súditos (que nestes pontos igualem aos chefes), mostra que cabem especialmente aos bispos, acrescentando: “*Competente no ensino*”. Não se reclama tal qualidade de modo algum do subordinado, e sim especialmente daquele a quem foi confiado o governo. “*Nem dado ao vinho.*” Não se refere aqui ao alcoólico, mas ao injurioso e arrogante. “*Nem violento.*” Não se trata de quem levanta as mãos para bater. O que significa: “*Nem violento*”? Parece-me que insinua aqui alguns que intempestivamente inquietam a consciência dos irmãos. “*Não tratante, mas indulgente, pacífico, desinteressado. Que ele saiba governar bem a sua própria casa, mantendo os seus filhos na submissão, com toda dignidade.*” Se o casado pensa nas coisas do mundo, o bispo não se preocupe com as coisas mundanas, e é por isso que diz: “*Esposo de uma única mulher*”? Alguns afirmam que ele aqui sugere o que não tem mulher; mas quem possui

mulher deve ser como se não tivesse. Concede-o corretamente, segundo o costume da época. Se o quisessem poderiam fazê-lo honestamente. As riquezas dificilmente levam ao reino dos céus, e no entanto frequentemente os ricos ali entraram; o mesmo se dirá do casamento. O que replicas? Dize-mo. O Apóstolo asseverava acerca do bispo que não devia ser dado ao vinho, mas ser hospitaleiro; entretanto cabia-lhe tratar de coisas mais importantes. Por que não disse: O bispo deve ser um anjo, não sujeito a paixões humanas? Por que não falou de coisas grandiosas que Cristo mencionou, também exigidas dos súditos, a saber, serem crucificados e ter sempre a alma nas mãos (ou: aventurar)? Cristo também disse: “O bom pastor dá a vida por suas ovelhas” (Jo 10,11); e ainda: “Aquele que não toma a sua cruz e me segue não é digno de mim” (Mt 10,38), entretanto declarou Paulo: “*Não dado ao vinho*”. Belas esperanças, se o bispo precisar ser advertido a respeito deste assunto! Por que não dizes: Ele já deve ser transferido da terra? Mas, preceituas aos mundanos, e não ordenas ao bispo. O que lhes ordenas? “Mortificai, pois, os vossos membros terrenos” (Cl 3,5); e ainda: “Com efeito, quem morreu, ficou livre do pecado” (Rm 6,7); e novamente: “Os que são de Cristo, crucificaram a carne” (Gl 5,14); e ainda, palavra de Cristo: “Qualquer de vós que não renunciar a tudo o que possui”, não é digno de mim (cf. Lc 14,33). Por que, então, não disse isto? Porque encontrar-se-iam poucos que assim procedessem; eram necessários muitos bispos que presidissem a cada uma das cidades.

Uma vez que muitas insídias se armavam às Igrejas, propôs uma virtude moderada, não uma elevada, excelsa. Efetivamente, havia muitos “*sóbrios, cheios de bom senso, simples no vestir*”,

“*Mantendo os seus filhos na submissão, com toda dignidade.*” Convinha propor exemplos domésticos. Quem acreditaria que um estranho se submeteria se o filho não fosse submisso?

“*Que ele saiba governar bem a sua própria casa.*” Mesmo os pagãos dizem que só quem sabe governar bem a própria casa logo poderá cuidar dos negócios públicos. A Igreja é, de fato, semelhante a uma casa. Na casa há filhos, mulher e escravos, e o esposo governa a todos; assim também na Igreja outra coisa não há senão filhos, mulheres, servos. Se quem preside na Igreja tem participantes no domínio, numa casa o marido tem a esposa como consorte. Mas, na igreja, o bispo deve prover ao sustento das viúvas e das virgens? Numa casa o homem tem de nutrir os servos e as filhas. Aliás, é mais fácil reger a casa. Quem, porém, não administrar bem tais coisas, poderá reger o que pertence à Igreja? Em seguida, após dizer:

Pois se alguém não sabe governar bem a sua própria casa, como cuidará da Igreja de Deus?

6. Que ele não seja um neófito

Não se refere a um mais jovem, mas a um recém-convertido. Pois ele disse: “Eu plantei, Apolo regou, mas era Deus quem fazia crescer” (1Cor 3,6). Querendo, portanto, indicá-lo, assim se expressou. De fato, o que o impedia de dizer: Não seja um tanto jovem? Por que ele estabeleceu Timóteo, ainda um tanto jovem? Ele o atesta, dizendo-lhe: “*Que ninguém despreze a tua jovem idade*” (1Tm 4,12). Era porque nele reconhecia grande virtude, exímia perfeição no modo de vida. Conhecia-o muito bem, e escrevia: “Desde a infância conheces as sagradas Letras” (2Tm 3,15). Revela que ele praticava austero jejum a palavra, entre muitas outras, que Paulo lhe escrevia: “Toma um pouco de vinho por causa de tuas frequentes fraquezas” (1Tm 5,23). Todavia, se não conhecesse tal perfeição no discípulo, não teria escrito nem enviado tais mensagens. Visto que muitos dos gentios haviam aderido e eram batizados, diz: “*Que não seja um neófito*” elevado ao cume da autoridade, isto é, um recém-convertido. Se, pois, antes de ser discípulo, transformar-se rapidamente em mestre, exaltar-se-á com arrogância; se antes de aprender a obedecer tiver lugar entre os chefes, orgulhar-se-á. Por isso acrescentou:

a fim de que não se ensoberbeça e incorra na condenação que cabe ao diabo.

Isto é, na condenação que ele sofreu devido ao orgulho.

7. Além disso, é preciso que os de fora lhe deem um bom testemunho, para não cair no descrédito e nos laços do diabo.

Muito bem! Iria ser injuriado por eles e talvez por isso disse: “*Esposo de uma única mulher*”, apesar de ter dito noutra passagem: “Quisera que todos os homens fossem como sou” (1Cor 7,7), isto é, vivessem em continência. Para não concluir a questão com angústia, se exigisse tão apurado estilo de vida, procurou moderar a virtude. Devia instalar em cada cidade um chefe. Escuta o que escreve a Tito: “Para que constituas presbíteros em cada cidade,...como te prescrevi” (Tt 1,5). E se tiver bom testemunho e boa fama, mas não for tal? Certamente é difícil. Mal conseguem os que são retos ter boa fama junto dos inimigos. Não proferiu somente isto, pois não disse: Importa que tenha bom testemunho, e sim: Deve ter bom testemunho, isto é, mais outras qualidades; não somente isto. Se invejosa e falsamente detraírem, e de modo especial se forem pagãos? Isto não sucederá; eles também respeitarão um homem irrepreensível. De que modo? – perguntas. Escuta o que o Apóstolo fala de si mesmo: “Na boa e na má fama” (2Cor 6,8). Não lhe incriminavam a vida, e sim a pregação, por isso declara: “Na má fama”. Eram acusados de sedutores e prestidigitadores por causa da pregação. Assim agiam porque não podiam incriminar-lhes a vida. Por que, pois, ninguém disse acerca dos apóstolos que eram fornicadores, impudicos e avaros, e sim: Sedutores, com referência apenas à pregação? Acaso não era porque a vida era sem mácula? Sem dúvida. Por conseguinte, vivamos desta forma, e ninguém falará mal de nós, mesmo um inimigo, ou infiel. A vida honesta também para eles é respeitável; a verdade fecha a boca até dos inimigos. Como, porém, cair nos laços? Aquele que cair nos mesmos pecados que eles. A quem, contudo, for tal, logo o diabo lhe armará outro laço, rapidamente será arrebatado. Se, porém, faz-se mister o testemunho dos inimigos, muito mais o dos amigos. Ouve Cristo assegurar que aquele que leva vida inocente não pode ter má fama: “Brilhe a vossa luz diante dos homens, para que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem vosso Pai que está nos céus” (Mt 5,16). E se um caluniador atacar, perguntas, e por esta razão a calúnia perdurar? Pode acontecer. Mencione-se esta possibilidade, pois há motivo de temor. Deve, portanto, diz ele, ter um bom testemunho: “Brilhem vossas obras”. Ninguém diria que o sol é escuro. Nem mesmo um cego. Envergonhar-se-ia de se opor à opinião geral. Assim ninguém haverá de censurar o que for ótimo. Com efeito, os gentios podem caluniá-lo acerca da doutrina, não sobre a vida correta, que eles com os demais homens admiram assombrados.

Vivamos de modo que o nome de Deus não seja blasfemado. Nem glória humana, nem má fama; em ambas mantenhamos a correta medida.

“No seio da qual brilhaes como astros no mundo” (Fl 2,13). Ele nos deixou para sermos como astros, sermos constituídos mestres dos outros, sermos fermento, viver como anjos no meio dos homens, como homens entre crianças, como espirituais entre carnais, para os lucrarmos, sermos sementes, darmos muito fruto. Não há necessidade de sermão se nossa vida brilhar; são desnecessárias palavras se praticarmos boas obras. Não haveria pagãos se fôssemos verdadeiros cristãos, se observássemos os preceitos de Cristo, suportássemos injúrias, rapinas, abençoássemos quando amaldiçoados, se pagássemos o mal com o bem; ninguém seria tão feroz que não acorresse à verdadeira religião, se todos se portassem desta forma. Para vossa informação, Paulo era um só e atraiu a tantos. Se todos fôssemos assim, quantos mundos não atrairíamos? Eis que os cristãos são mais numerosos do que os pagãos. Nos ofícios, é possível uma só pessoa ensinar a cem crianças; em nosso caso, muitos são os doutores, e bem mais os discípulos, contudo ninguém adere. Com efeito, os

discípulos observam se existe virtude nos mestres. Verificando que são idênticos os desejos, que tendemos a igual meta, a saber, o domínio e a honra, de que maneira haverão de admirar o cristianismo? Veem que a vida de muitos é repreensível, e a alma se apega à terra. Admiramos igualmente o dinheiro, ou antes, muito mais; temos com eles horror da morte, medo da pobreza, pavor das doenças, ambição da glória e do poder; atormentamo-nos com o amor do dinheiro, captamos as oportunidades. Donde induzi-los a crer? Pelos milagres? Mas já não acontecem. Pela vida? Mas está estragada. Pela caridade? Mas nem vestígio se encontra. Por essa razão prestaremos contas não só de nossos pecados, mas ainda do dano causado ao próximo. Enfim, arrependamo-nos, sejamos vigilantes, manifestemos na terra cidadania celeste, digamos: “Mas a nossa cidade está nos céus” (Fl 3,20), e aqui mostremo-nos combatentes. Mas, houve entre nós, diz-se, grandes homens. Como posso acreditar? – dirá o pagão. Não vos vejo agindo como eles. Se importa recenseá-los, nós também, dizem eles, temos grandes filósofos, de vida admirável. Ora, apresenta-me outro Paulo, outro João; certamente não é possível. Não se rirá de nós o gentio ao nos expressarmos desta forma? Não persevera em sua ignorância, vendo que nosso raciocínio se baseia em palavras, não em obras? Agora cada um de vós se prontifica a morrer ou matar por causa de uma moeda. Por uma gleba de terra compareces a inúmeros tribunais; pela morte do filho revolves tudo. Omito atos lastimáveis: augúrios, vaticínios, consultas aos astros, horóscopos, emblemas, amuletos, oráculos, encantamentos, artes mágicas. Em verdade, é grave e pode provocar a ira de Deus ousarmos cometer tais pecados depois que ele enviou seu Filho. O que fazer? Nada, a não ser gemer; dificilmente uma minoria resta preservada. Os que se perdem alegram-se ao ouvir que não são os únicos a serem atingidos, e sim a maioria. Mas, que alegria é esta? De fato, por causa desta alegria são punidos. Não julgues que é alívio, conforme sucede na terra, ter no além companheiros de infelicidade. Donde se prova? Prová-lo-ei. Dize-me. Se for ordenado que alguém morra queimado, e depois ele vê seu filho queimado com ele e sente o cheiro exalado das carnes, não morrerá? Sem dúvida. Exporei de que maneira. Se os que não sofrem, diante deste espetáculo entorpecem e desfalecem, muito mais os que são atormentados. E não te espantes. Escuta o que afirma um sábio: “Então, também tu foste abatido como nós, acabaste igual a nós!” (Is 14,10). A natureza humana é propensa à comiseração e abate-se perante a infelicidade dos outros. Dize-me. O pai, vendo o filho na mesma tortura, terá consolo ou aumento da dor? E o marido relativamente à mulher? E um homem a outro homem? Não ficará mais abalado? Sim, respondes; mas no além não existem tais castigos. Eu também o sei; mas existem diversos, muito mais graves. O pranto será então inconsolável, quando mutuamente todos se veem atormentados. Dize-me. Os famintos sentem alívio nos males pela participação dos outros? Se o filho, o pai, a mulher, os netos estiverem sujeitos à mesma pena? E os amigos, será consolo? Não; certamente. Ao invés, a dor crescerá. Além desses males, existem outros que, embora comuns, não trazem consolo pela gravidade. Por exemplo, alguém que se encontra com outros no meio do fogo. Hão de se consolar reciprocamente? Dize-me. Por favor, se estivermos com febre ardente, não nos falhará qualquer consolo? Com razão. Pela prevalência dos males não se obterá consolo algum. Não vês que aquelas que perderam os esposos sabem quantas mulheres poderão mencionar idêntico pesar? Mas, com isto, o luto não diminui. Não alimentemos tal esperança, mas tenhamos um único consolo: Fazer penitência pelos pecados, e seguir o bom caminho que conduz ao céu, a fim de conseguirmos o reino dos céus, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA PRIMEIRA HOMILIA

3,8. *Os diáconos igualmente devem ser respeitáveis, de uma só palavra, não inclinados ao vinho, sem*

cobiçar lucros vergonhosos

9. *conservando o mistério da fé com uma consciência limpa.*

10. *Também estes sejam primeiramente experimentados e, em seguida, se forem irrepreensíveis, exerçam o seu ministério.*

Após tratar dos bispos, de suas características e indicar o que devem possuir e de que haverão de se abster, omitindo a ordem dos presbíteros, passa aos diáconos. Por quê? Porque não há grande diferença entre os presbíteros e os bispos. De fato, os presbíteros receberam o múnus de ensinar e presidem às igrejas; e também compete aos presbíteros o que ele enunciou a respeito dos bispos, que apenas pela ordenação são superiores aos presbíteros, e parecem prevalecer. “Os *diáconos igualmente*”, isto é, possuam as mesmas características. O que significa: as mesmas características? Serem irrepreensíveis, sóbrios, hospitaleiros, indulgentes, pacíficos, desinteresseiros. Tendo dito: “*Igualmente*”, indica a forma desejável, por meio do acréscimo: “*Respeitáveis, de uma só palavra*”, isto é, não falsos, fraudulentos. Nada degenera tanto quanto o dolo, nada tão prejudicial à Igreja como a falsidade. “*Não inclinados ao vinho, sem cobiçar lucros vergonhosos, conservando o mistério da fé com uma consciência limpa.*” Eis o que quer dizer: “*Irrepreensíveis*”. Vê, porém, que aqui igualmente emprega a expressão: “*Não seja um neófito*”. Quanto à expressão: “*Sejam primeiramente experimentados*”, como formulado em referência ao bispo, igualmente acrescentou a conexão; nada no intervalo. Por isso também aqui fora dito: “*Não seja um neófito*”. Não seria absurdo que numa casa não se confie ofício doméstico a um escravo recentemente comprado até que comprove seu bom espírito por muitas experiências, na Igreja de Deus o recém-vindo imediatamente fosse colocado nos primeiros lugares?

11. *Também as mulheres, diaconisas, devem ser respeitáveis, não maldizentes, sóbrias, fiéis em todas as coisas.*

Alguns julgam que se trata das mulheres em geral, mas não é isto. O que significaria inserir no contexto algo acerca de todas as mulheres? Mas fala sobre aquelas que possuíam a dignidade de diaconisas.

12. *Que os diáconos sejam esposos de uma única mulher,*

Diz-se que se aplica também às diaconisas; era muito necessário, útil e digno na Igreja. “*Que os diáconos sejam esposos de uma única mulher.*” Vê como exige dos diáconos essa virtude. Mesmo que não obtenham a mesma dignidade que os bispos, igualmente devem ser irrepreensíveis, castos.

que governem bem os seus filhos e sua própria casa.

13. *Pois aqueles que exercerem bem o diaconato conquistam para si mesmos um posto de honra, bem como muita segurança fundada na fé em Cristo Jesus.*

Sempre alude à educação dos filhos, a fim de que neste ponto não se escandalizem os demais. “*Pois aqueles que exercerem bem o diaconato conquistam para si mesmos um posto de honra*”, isto é, muito progresso, “*bem como muita segurança fundada na fé em Cristo Jesus*”. Como se dissesse: Os que se apresentarem vigilantes nos postos inferiores, logo chegarão aos supracitados.

14. *Escrevo-te estas coisas esperando encontrar-te dentro em breve.*

15. *Todavia, se eu tardar, saberás como proceder na casa de Deus, que é a Igreja do Deus vivo: coluna e sustentáculo da verdade.*

No intuito de evitar que o discípulo se entristeça diante destes preceitos, disse: Não escrevo assim porque não irei aí; eu irei, de fato. Se, contudo, eu tardar, não te aborreças, diz ele. Escreve a um para

afastar o pesar, aos outros para animá-los e torná-los mais diligentes. Muito alcançava por sua presença e sua promessa. Não te espantes que, apesar de prever tudo em espírito, no entanto ignorasse o seguinte: *“Esperando encontrar-te. Todavia, se eu tardar”*. Isto ele não sabia. Era guiado pelo Espírito, e não agia por vontade própria, entretanto provavelmente desconhecia o que havia de suceder. *“Saberás como proceder na casa de Deus, que é a Igreja do Deus vivo: coluna e sustentáculo da verdade”*. Não como o templo judaico. Contém a fé e a pregação, pois a verdade é coluna e sustentáculo da Igreja.

16. *Seguramente, grande é o mistério da piedade:*

Deus foi manifestado na carne, justificado no Espírito,

Eis o plano realizado em nosso favor (ou seja, a encarnação). Não me fales das campanhas, do Santo dos santos, do sumo sacerdote. A Igreja é coluna do orbe. Que medites acerca do mistério e estremeças. É mistério grande, mistério da piedade, claro, inquestionável. É indubitável. Dissertando acerca dos sacerdotes a coisa alguma alude, conforme se encontra no Levítico, e orienta o assunto em diferente direção, dizendo: “*Deus foi manifestado na carne*”, isto é, o Criador apareceu encarnado. “*Justificado no Espírito*”, isto é, a sabedoria foi justificada por seus filhos. Ou, não cometeu fraude, conforme diz o profeta:

“Se bem que não tivesse cometido pecado nem tivesse havido engano em sua boca” (Is 53,9).

contemplado pelos anjos,

Por conseguinte, os anjos contemplaram conosco o Filho de Deus, que antes não viam. Na verdade é grande mistério.

proclamado às nações, crido no mundo,

Em toda parte da terra foi ouvido e acreditado, segundo indica o profeta: “E por toda a terra seu som aparece” (Sl 19,5). Não penses que são simples palavras. Não o são, de fato, e sim repletas de segredos.

exaltado na glória.

(At 1,11), a saber, nas nuvens. “Esse Jesus, que vos foi arrebatado, virá do mesmo modo que o vistes partir.” Vê a prudência de São Paulo. Estando para admoestar não fossem dados ao vinho os que recebessem o diaconato, não ordenou: Não se embriaguem, e sim: “*Não sejam inclinados ao vinho*”. E com razão; uma vez que os que entravam no templo abstinham-se inteiramente do vinho, muito mais os diáconos tinham de assim proceder. O vinho tira o uso da razão, e na eventualidade de não produzir embriaguez, abate as forças da alma e debilita-lhe a coesão. Observa que sempre dá o nome de mistério ao plano realizado em nosso favor; e com razão. Não é notório a todos os homens, ou melhor, nem manifesto aos anjos. Como o conheceriam o que foi manifestado através da Igreja? Por isso disse: “*Seguramente, é grande*”. Em verdade, é grande: Deus se fez homem, e o homem se fez Deus. Homem, apareceu impecável, assumiu a natureza humana, foi proclamado no mundo. Os anjos o contemplaram conosco; é, de fato, mistério. Não proclamemos, portanto, publicamente o mistério, não o divulguemos por toda parte, vivamo-lo dignamente. Aqueles a quem os mistérios foram entregues, de fato, são grandes. Se um rei nos entregasse um segredo, dize-me, acaso não consideraríamos sinal de grande amizade? No entanto, agora Deus nos entregou seu mistério; em consequência, no caso de não acolhermos a grandeza do benefício, somos ingratos para com o benfeitor. Tenhamos horror de nos tornarmos insensíveis a tão imenso benefício. É mistério, conforme todos sabem. Ou melhor, antes nem todos o sabiam, mas agora já é notório.

Esforcemo-nos por sermos fiéis à guarda do mistério. Deus nos confiou tão grande mistério; nós, porém, a Deus nem o dinheiro confiamos. Em verdade, ele diz: Deposita-o junto de mim. Ninguém poderá arrebatá-lo, nem o verme, nem o ladrão danificá-lo, e promete-nos o cêntuplo. Não obedecemos. Ora, se fazemos um depósito junto de uma pessoa, não recebemos maior soma; talvez nos seja devolvido o todo e ficamos gratos. Roube-o aqui o ladrão, diz Deus, o prejuízo é meu. Não te direi: O ladrão tirou, a traça roeu. Ele devolverá o cêntuplo na terra, e acrescentará no além a vida eterna. E ninguém, contudo, quer depositar. Mas, replicas, só mais tarde é que vai me devolver. É indício de maior dom não devolver nesta vida transitória; ou antes, ele restitui também aqui o cêntuplo. Dize-me. Paulo não deixou aqui o cinzel? Pedro a vara e o anzol? Mateus o telônio? Entretanto, a terra inteira não estava mais à disposição deles do que à dos reis? Os recursos de todos

não eram depostos aos pés deles? Não se tornavam dispenseiros e senhores? Não lhes confiavam suas vidas? Acaso não dependiam da decisão deles? Não se inscreviam como servos? E agora ainda, não vemos coisa semelhante? Várias pessoas, frequentemente de condição humilde, trabalhadores com a enxada, às vezes sem o necessário alimento, e denominados monges, brilharam mais que todos e foram honrados pelos reis. Não é importante? Reflete. Trata-se de um acréscimo; o conjunto está reservado para o século futuro. Despreza as riquezas, se as queres possuir; se ambicionas enriquecer, sê pobre. Tais são as surpresas de Deus. Não quer que te enriqueças por teu próprio esforço, mas por sua graça. Deixa tais coisas para mim, diz ele; cuida dos bens espirituais, para compreenderes meu poder. Foge da escravidão e do jugo do dinheiro. Retido deste modo, serás pobre; quando desprezares, serás duplamente rico, porque as coisas materiais afluirão de todos os lados e não precisarás daquilo de que tantos precisam. Ser rico não é possuir bastante, mas precisar de pouco. Por isso, relativamente às necessidades, o rei em nada difere do pobre. A pobreza consiste em precisar dos outros. Nesse sentido o rei é pobre porque necessita dos súditos. Entretanto, não foi o que sucedeu a Paulo, que estava crucificado. De nada precisa, para seu sustento, bastam as mãos: “Estas mãos proveram às minhas necessidades e às de meus companheiros” (At 20,34). Assim declarou ele, que em outro lugar afirma: “Como nada tendo, embora tudo possuamos!” (2Cor 6,10). Ele, que pelos habitantes de Listra foi tido por um deus. Se queres conseguir os bens deste mundo, procura o céu e para gozar dos bens presentes, despreza-os. Diz, em verdade, Cristo: “Buscai, em primeiro lugar, o Reino de Deus, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6,33). Por que admiras coisas mínimas? Por que cobiças objetos desprovidos de valor? Até quando serás pobre, até quando mendigo? Olha para o céu, pensa nas riquezas lá existentes; zomba do ouro, aprende o modo de utilizá-lo e o que significa. Apenas no presente goza-se do que é transitório, só na vida atual do que desliza como a areia; ou antes, tal a gota d’água comparada com o imenso oceano são os bens presentes em comparação com os futuros. É uso, não posse, não propriedade. Como seria posse, se ao expirares, queiras ou não, os herdeiros receberão tudo, e novamente o passarão aos seus, e estes ainda a outros? Todos somos estrangeiros e talvez o dono da casa seja logo o mercenário; muitas vezes depois que o primeiro morre, o mercenário é supérstite, e tira maior proveito da casa. Se, de um lado, este teve recompensa, de outro lado o primeiro teve uma retribuição. Pois edificou e construiu com imenso trabalho e preocupação. É domínio apenas em palavras. Em realidade, todos somos senhores de bens alheios. São nossos apenas os bens que nos precederem no além. Os terrenos não nos pertencem, e sim aos vivos; ou antes, nos abandonam mesmo durante a vida. São nossas exclusivamente as boas obras espirituais, a esmola, a benignidade. Até os gentios dizem que os bens são externos, fora de nós. Façamos, portanto, com que se tornem íntimos. Não podemos partir da terra carregando dinheiro, mas podemos emigrar levando a esmola; ou antes, enviemo-la à frente, para nos preparar a morada nas eternas mansões.

A palavra *chremata*, ou riquezas, vem de *chechresthai*, de uso, não de domínio. As próprias posses prestam-se ao uso, não ao domínio. Dize-me. Quantos donos teve cada campo, e quantos terá? Reza um provérbio muito sábio (Não são desprezíveis os provérbios populares, se exprimem pensamento sábio): Campo, quantos donos tiveste, e quantos terás? Faz-se mister tal pergunta igualmente acerca das casas, do dinheiro. Só a virtude costuma migrar conosco, só a virtude passa para a vida do além. Renunciemos enfim, extingamos a ambição das riquezas, para nos inflamarmos no desejo dos bens celestes. Não podem estes dois amores apossarem-se de uma só alma. “Ninguém pode servir a dois senhores. Com efeito, ou odiará a um e amará o outro, ou se apegará ao primeiro e desprezará o segundo” (Mt 6,24). Vês, interrogo-te, um homem com vestes de seda, transportado por cavalos, de pescoço esticado, acompanhado de muitos servos, que abrem caminho na praça? Não te espantes, mas ri. Zomba agora como ao contemplares crianças que em brinquedo fazem-se de chefes. Em nada

diferem. Ou antes, é mais agradável o que faz a idade pueril com grande simplicidade. Ocasionalmente riso e prazer. Aquele primeiro caso é ridículo, vergonhoso. Dá glória a Deus porque te libertou de tal espetáculo e fausto. Se quiseres, apesar de tua origem humilde, suplantará aquele que está sentado no carro. De que maneira? Ele corporalmente se ergue um pouco acima da terra; mas a alma está abaixo: “Minhas forças já se me apegam à carne” (Sl 102,6). Tu, no entanto, mentalmente caminhas pelo céu. Mas ele tem satélites, que abrem caminho? E nisto mais honrado é ele ou o cavalo? O que há de pior que a insensatez de apartar os homens para que o animal passe com maior facilidade? Mas é honroso ser transportado por cavalos? No entanto, também os servos participam disto. Alguns, inchados de orgulho, sem necessidade, mantêm satélites atrás de si. O que é mais irracional? Querem exhibir-se por meio dos cavalos, das vestes preciosas, e do séquito. O que mais vil do que a glória, que consta de cavalos e servos? És virtuoso? Não empregues estes meios. Conserva teu próprio ornato, não te embelezas com a presença alheia, que os malvados, celerados, rústicos e todos os que são ricos podem obter. Também os palhaços e dançarinos vão em carros puxados por cavalos, e têm um servo precursor; no entanto são palhaços e dançarinos e não se tornam mais respeitáveis por causa dos cavalos e satélites. Quando uma alma não tem virtude alguma, inúteis e vãos são os acréscimos exteriores. Acrescente-se algo a paredes velhas e a um corpo frágil e continuam desagradáveis e frágeis. Assim aqui se há de dizer o mesmo. A alma não adquire vantagens das coisas exteriores; permanece igual, até mesmo cercada de mil ornamentos de ouro. Não admiremos, renunciemos às coisas temporais, adiramos às superiores, a saber, as espirituais, que nos tornam verdadeiramente respeitáveis, para conseguirmos os bens eternos etc.

DÉCIMA SEGUNDA HOMILIA

- 4,1. O Espírito diz expressamente que nos últimos tempos alguns renegarão a fé, dando atenção a espíritos sedutores e a doutrinas demoníacas,*
- 2. por causa da hipocrisia dos mentirosos, que têm a própria consciência cauterizada;*
- 3. eles proibirão o casamento, exigirão a abstinência de certos alimentos, quando Deus os criou para serem recebidos, com ação de graças, pelos que têm fé e conhecem a verdade.*
- 4. Pois tudo o que Deus criou é bom, e nada é desprezível, se tomado com ação de graças,*
- 5. porque é santificado pela Palavra de Deus e pela oração.*

Navegam os que estão baseados na fé com uma âncora segura; de outro lado, os que a renegaram, jamais se firmam; arrastados, porém, em todas as direções por muitos erros, finalmente perdem-se no bátrato. O Apóstolo já o declarou, ao dizer que alguns naufragaram relativamente à fé. Agora, porém, assegura: “O Espírito diz expressamente que nos últimos tempos alguns renegarão a fé, dando atenção a espíritos sedutores”. Quanto aos maniqueus, aos encratitas, aos marcionistas e a qualquer destas oficinas, ele afirma que “nos últimos tempos alguns renegarão a fé”. Vês que renegar a fé causa os males posteriores? O que quer dizer: “Expressamente”? Abertamente, claramente, com evidência, sem dúvida alguma. Não te espantes, diz ele, de que agora alguns, renegando a fé, tornem-se judaizantes. Virão tempos em que os partícipes da fé farão muito pior, não apenas acerca dos alimentos, mas também das núpcias etc., dando conselho assaz pernicioso. Não fala a respeito dos judeus. Como lhes caberia a expressão: “Nos últimos tempos” e: “Renegarão a fé”? Mas trata dos maniqueus e seus chefes. Denomina-os, com razão: “espíritos sedutores”. Inspirados por eles falaram desta forma. O que quer dizer: “Por causa da hipocrisia dos mentirosos”? Não mentem por ignorância, ou falta de conhecimento, mas por simulação, conhecendo, de fato, a verdade, mas tendo a

consciência cauterizada, isto é, levando vida perversa. Por que menciona apenas estes hereges? Cristo já predissera outros, nesses termos: “É necessário que haja escândalos!” (Mt 18,7). Aliás, prenunciou-os por meio da semente do trigo e dos rebentos da cizânia. Admira o dom da profecia de Paulo. Com efeito, antes de advirem, indicou até a época. Não admire, portanto, de que, nos primórdios da fé, tentem alguns introduzir dogmas letais, uma vez que, depois de muito tempo, quando já arraigada a fé, existiriam apóstatas. *“Eles proibirão o casamento, exigirão a abstinência de certos alimentos.”* Por que não citou outras heresias? Deu a entender, dizendo: *“Espíritos sedutores e doutrinas demoníacas”*. Não tencionava dizer que já se haviam inserido nas almas, mas que já começavam relativamente aos alimentos. *“Quando Deus os criou para serem recebidos, com ação de graças, pelos que têm fé e conhecem a verdade.”* Por que não disse: E pelos infiéis? Como pelos infiéis, quando por suas leis eles se abstêm deles? E então? As delícias não são proibidas? Certamente. Por que, então, se foram criadas para serem recebidas? Porque, embora criado o pão, é proibido seu uso imoderado; o vinho também foi criado, mas é interdito o excesso. Não ordena evitar agora as delícias por serem impuras, mas porque o uso imoderado delas enfraquece a alma. *“Pois tudo o que Deus criou é bom, e nada é desprezível, se tomado com ação de graças.”* Se é criatura de Deus, é boa: “Tudo era muito bom” (cf. Gn 1,36). Ao formular: *“O que Deus criou”*, sugeriu todos os alimentos. Já anteriormente destacou a heresia dos que introduzem uma matéria incriada, e afirmam que tudo isto foi extraído dela. Se, portanto, é bom, qual o sentido da locução: *“É santificado pela Palavra de Deus e pela oração”*? É evidente que, se é impuro, foi santificado. Não se trata disto, mas fala contra aqueles que julgavam que havia criatura profana. Por conseguinte, apresenta dois pontos: O primeiro, que nenhuma criatura é profana; o segundo, que no caso de se tornar profana, existe remédio: Emprega o sinal da cruz, a ação de graças, a glorificação de Deus, a renúncia a qualquer impureza.

Podemos, portanto, purificar assim até a vítima oferecida aos deuses? Se não sabes que é uma delas; se sabes, e comes, ficarás impuro. Não por ser vítima, mas devido à ordem de não ter comunhão com os demônios e a estabeleceres por meio dela. Por conseguinte, ela não é tal por natureza, mas por tua decisão e desobediência. Como? A carne de porco não é impura? Não, quando ingerida com ação de graças, com o sinal da cruz. Nem qualquer outra coisa é impura. Impura é a decisão, é não dar graças a Deus.

6. *Expondo estas coisas aos irmãos serás um bom diácono de Jesus Cristo, nutrido com as palavras da fé e da boa doutrina que tens seguido.*

Quais? As que mencionei, assegurando que se trata de grande mistério, que abster-se delas é demoníaco, que são purificados os alimentos de Deus pela palavra e a oração. *“Nutrido com as palavras da fé e da boa doutrina que tens seguido.”*

7. *Rejeita, porém, as fábulas ímpias, coisas de gente caduca. Exercita-te na piedade.*

“Expondo estas coisas”, diz ele. Vês que jamais emprega sua autoridade, mas a condescendência?

“Expondo”. Não disse: Ordenando, nem: Admoestando, e sim: *“Expondo”*, isto é, propondo qual conselho, disserta sobre a fé

“Nutrido”, sublinhando a assídua atenção.

Como diariamente preparamos o alimento, assim assumamos sempre os discursos sobre a fé, sempre deles sejamos nutridos.

O que quer dizer: *“Nutrido”*? Ruminando, frequentemente revolvendo, sempre meditando. Não é alimento vulgar. *“Rejeita, porém, as fábulas ímpias, coisas de gente caduca.”* A que fábulas se refere? Às observâncias judaicas. Denomina-as fábulas? Sim; por causa das próprias observâncias, ou porque

obsoletas. Pois o que se faz em tempo oportuno é útil; se for obsoleto, não só é inútil, mas até prejudicial. Imagina como é ridículo um homem que, depois dos vinte anos, procure o seio materno, pois é ato intempestivo. Vês como diria serem elas impuras e caducas tanto pela vetustez quanto por constituir obstáculo à fé? Pois querer incutir medo à alma que é superior a tais coisas, é preceito impuro. *“Exercita-te na piedade”*, isto é, na fé pura e na vida reta. Eis a piedade. Precisamos, portanto, de exercício.

8. *A pouco serve o exercício corporal,*

Alguns afirmam que se refere ao jejum. Absolutamente, não. O jejum não é exercício corporal, mas espiritual. Se fosse corporal, nutriria o corpo; como o consome, extenua e emagrece, não é corporal. Não está falando de ascese corporal. Por conseguinte, precisamos de um exercício espiritual; o outro não traz lucro, mas é um tanto útil ao corpo. A ascese da piedade produz fruto também no futuro, e nos refaz aqui e ali.

9. *Fiel é esta palavra*

Isto é, verdadeira, na terra e no além. Vê como sempre para lá nos conduz. Não precisa de aparato, mas profere uma sentença, pois se dirigia a Timóteo. Também aqui temos as melhores esperanças. Pois, quem não está consciente de ter cometido mal algum, e praticou inúmeras obras boas, também na terra se alegra. Ao invés, o malvado não apenas no além, mas também aqui é punido, vive sempre com medo, não ousa olhar confiante para pessoa alguma, trêmulo, pálido, ansioso. Não são tais os avaros, os ladrões, inseguros até acerca do que possuem? Acaso os adúlteros e homicidas não levam péssima vida, olhando com suspeitas até o próprio sol? Isso é vida? De forma alguma; é morte cruel.

10. *Pois se nós trabalhamos e somos ultrajados, é porque colocamos a nossa esperança no Deus vivo, Salvador de todos os homens, sobretudo dos que têm fé.*

Como se dissesse: Por que nos mortificamos, a não ser por esperarmos os bens futuros? Por que todos nos maldizem? Não sofremos de forma tão grave? Ultrajes, injúrias e inúmeros males? Acaso padecemos inutilmente? Se não esperamos no Deus vivo, por que padecemos? Se ele aqui salva os infiéis, muito mais os fiéis no além. A que salvação se refere? À celeste. *“Salvador de todos os homens, sobretudo dos que têm fé”*, isto é, manifesta mais solicitude pelos fiéis. Nesse ínterim neste mundo. E como, perguntas, é Salvador dos fiéis? Se não fosse Salvador, nada impediria que eles atacados por todos, há muito já tivessem perecido. Aqui prepara Timóteo a enfrentar os perigos, a fim de não desanimar, uma vez que conta com o auxílio de tão grande Deus, de sorte que não precisa de outros companheiros de milícia; mas de bom grado suporta tudo generosamente. Os que cobiçam os bens mundanos, empreendem assaz, impelidos pela esperança de lucro. De resto, já estamos nos últimos tempos. *“Nos últimos tempos alguns renegarão a fé, dando atenção a espíritos sedutores e a doutrinas demoníacas, por causa da hipocrisia dos mentirosos, que têm a própria consciência cauterizada; eles proibirão o casamento.”* O que dizes? Nós não proibimos o casamento. Não proibimos, de modo algum, aos que o quiserem, mas os que não quiserem se casar, exortamos à virgindade. Uma coisa é proibir, outra deixar ao livre-arbítrio; pois quem proíbe, de uma vez para sempre o faz. Quem, contudo, exorta à virgindade, como algo de maior, não o faz proibindo o casamento, mas exortando a abraçar a virgindade. *“Eles proibirão o casamento, exigirão a abstinência de certos alimentos, quando Deus os criou para serem recebidos, com ação de graças, pelos que têm fé e conhecem a verdade.”* Expressou-se muito bem. Aqueles que *“conhecem a verdade”*. Efetivamente, os primeiros eram tipos; nada é impuro por natureza, mas altera-se pela consciência de quem o consome. Por que então proibiu-lhes diversos alimentos? Para cortar a excessiva volúpia. Em verdade, se dissesse: Não comais para evitar o prazer, não o aceitariam; então o

incluiu na promulgação da Lei, para que se abstivessem por maior temor. Com efeito, todos percebem mais ou menos que o peixe é mais impuro que o porco; no entanto não ordenou abster-se deles. Escuta Moisés afirmar a gravidade do prazer para eles: “Comeu, saciou-se e engordou, o bem amado recalcitrou” (Dt 32,15). Existe ainda outro motivo. Visto que os judeus, por estreiteza da mente, evitavam os bois e matavam as ovelhas, deste modo Deus afastava-os do restante do culto de Ápis e do bezerro de ouro. De fato, era impuro, desagradável, abominável e profano.

Propõe-te estas coisas, medita-as. É o sentido da expressão: “*Nutrido com as palavras da fé*”. Não somente proponhas ao próximo, mas assiduamente medita-as. “*Nutrido com as palavras da fé e da boa doutrina que tens seguido. Rejeita, porém, as fábulas ímpias, coisas de gente caduca.*” Por que não disse: Abstens-te, mas: “*Rejeita*”? Sugere que delas deve fugir completamente. Quer dizer: Jamais te exercites em disputas com eles, mas apenas adverte os teus a esse respeito. Nada se lucra numa disputa com perversos; a não ser que julguemos advir algum dano de parecermos evitar por fraqueza tal discussão. “*Exercita-te na piedade*”, isto é, na vida pura, num modo de vida ótimo. Quem se exercita, mesmo se não for tempo de certames, atua como se devesse de fato lutar, abstém-se de tudo, na proximidade da luta, coberto de suor. “*Exercita-te na piedade. A pouco serve o exercício corporal, ao passo que a piedade é proveitosa a tudo*”,

pois contém a promessa da vida presente e futura.

E por que, perguntas, faz menção do exercício corporal? Revela-se, por uma comparação, a preeminência do exercício espiritual, porque aquele está sujeito a muitos esforços, não lucra coisa alguma nem mérito; este, no entanto, traz lucro perpétuo e copioso. Conforme diz às mulheres “*se enfeitem com pudor; nem tranças, nem objetos de ouro, pérolas ou vestuário suntuoso; mas que se ornem, ao contrário, com boas obras, como convém a mulheres que se professam piedosas*” (1Tm 2,9-10). “*Fiel é esta palavra e digna de toda aceitação. Pois se nós trabalhamos e somos ultrajados é porque...*” Paulo era ultrajado e tu ficas indignado com os ultrajes. Paulo trabalhava e tu queres viver no meio dos prazeres? Ora, se ele tivesse vivido no meio de prazeres, não teria conseguido tantos bens. Se os homens não conseguem sem labor e suor os bens mundanos, passageiros e corruptíveis, muito mais os espirituais. Sim, replicas, mas muitos conseguiram frequentemente através de heranças. Mesmo se assim advêm, não são conservados a não ser com trabalhos e preocupações dos proprietários. E não menciono que muitos, depois dos trabalhos e aborrecimentos, ao abordarem, na entrada do porto foram frustrados em suas esperanças, porque sopraram os ventos, e eles naufragaram. Entre nós, porém, nada disto sucede. Foi Deus quem prometeu e: “*A esperança não decepciona*” (Rm 5,5). Ignorais, vós, envolvidos em negócios mundanos, quantos não alcançaram resultado, após inúmeros trabalhos e arrebatados pela morte, ou pelas vicissitudes, ou doença, ou pela irrupção de caluniadores, ou diversas causas (muitas eventualidades) terminaram com as mãos vazias?

Entretanto, retrucas, não vês que muitos conseguiram grandes bens com mínimos labores? Quais os bens? Dinheiro, casas, tantos alqueires, turbas de servos, prata e ouro em quantidade bem pesada? É a isso que denominas bens? Não te coras, nem te envergonhas, ó homem que recebeste ordem de meditar sobre as coisas celestes e cobiças as terrenas, e dás o nome de bens aos de nenhum valor? Se são bens, convinha dar o título de bons a seus proprietários. Por que não é bom quem os possui? Dize-me por que não? Quando os seus proprietários são avaros, ladrões, dar-lhes-emos o título de bons? Se, pois, as riquezas são boas, acumulem-se por cupidez e quanto mais aumentarem, tanto mais os que as possuem haverão de adquirir fama de honestos. Por conseguinte, é bom o avaro e ladrão? Se, porém, as riquezas são boas, e aumentam a cupidez do possuidor, quanto mais ambicionar será melhor? Vês a contradição? Mas, replicas, e se ele não roubar, nem for avaro? E como isto será possível? É um vício

pernicioso, e sem injustiça não é, não é possível enriquecer. Cristo o declarou nesses termos: “Fazei amigos com o dinheiro da iniquidade” (Lc 16,9). E, perguntas, se receber herança paterna? Recebeu bens corroídos pela iniquidade. O antepassado dele não foi de Adão que recebeu riquezas e com certeza houve muitos intermediários; entre muitos, contudo alguns roubaram o alheio. De que modo? Abraão, respondes, obteve riquezas injustamente? Ou ainda Jó, aquele homem inocente, justo, veraz, piedoso, que se absteve de todos os pecados? Suas riquezas não eram ouro, prata ou edifícios, mas somente rebanhos. Aliás, segundo Deus, era rico. Com efeito, que suas riquezas constavam de rebanhos é evidente pelo que se segue: O escritor, enumerando o que acontecera àquele santo, tendo dito que seus camelos, cavalos e jumentas morreram, não acrescentou que somas de ouro foram roubadas. Desta forma Abraão também era rico, mas pelo número dos servos. Mas, replicas, não os comprara? Não, pois diz a Escritura que eram nascidos na sua casa aqueles trezentos e dezoito servos (cf. Gn 14,14). E tinha ovelhas e bois. De onde, pois, retirou o ouro que enviou a Rebeca? Recebeu no Egito dons, não obtidos por violência nem por injustiça.

Dize-me. De onde vem que tu és rico? De quem recebeste? Donde ele? Do avô, respondes, do pai. Podes, subindo a série dos antepassados, mostrar que sua posse era justa? Certamente não podes. Mas necessariamente seu início e raiz provêm da injustiça. Por quê? Porque no princípio Deus não criou um rico, outro pobre; nem, ao criar, mostrou a um muitos tesouros, a outro privou desta visão, mas deixou a mesma terra a todos para cultivar. De onde, então, sendo ela comum, tu tens muitos alqueires, e teu próximo nem uma gleba? Meu pai, respondes, me legou. Ele, porém, recebeu de alguém? Dos antepassados. Mas se fores ascendendo, necessariamente encontrarás o início. Jacó foi rico, mas recebeu o salário de seus labores. No entanto, não examinarei com pormenores a questão. Sejam enfim justas as riquezas, e isentas de qualquer rapina. Nem tu tens culpa se teu pai roubou; recebes de uma rapina, mas tu não roubaste. Enfim, conceda-se que ele também não roubou, mas tinha ouro extraído da terra. E então? São boas as riquezas? Não. Mas nem más, replicas. Não oriundas da avareza e da rapina não são más, se os pobres forem partícipes; se não forem dadas, serão más e insidiosas. Enquanto o possuidor não comete o mal não é malvado, embora não pratique o bem. Está bem. Não é mal ter sozinho os bens do Senhor, e fruir exclusivamente dos bens comuns? Acaso a terra e o que a contém não é do Senhor? Se nossos bens são do comum Senhor, igualmente são de nossos companheiros de serviço, pois os bens do Senhor são todos comuns. Não vemos isto nas grandes casas?

Por exemplo, igual medida de trigo é distribuída a todos, retiradas dos celeiros do dono; a casa do dono permanece aberta a todos. Comuns são também os bens régios: cidades, praças, pórticos. Comuns de modo geral. Todos nós somos igualmente partícipes. Considera, pois, o plano de Deus. Criou alguns bens de uso comum, para incutir pudor ao gênero humano. Tais: o ar, o sol, a água, a terra, o céu, o mar, a luz, os astros. A irmãos distribuiu tudo igualmente. Para todos criou os olhos, corpo e alma idênticos, aspecto semelhante. Tudo extraído da terra, todos descendentes de um só homem, todos no mesmo habitáculo. Mas nada disso nos causou vergonha. Fez ainda para uso comum, as termas, as cidades, as praças, os pórticos. Observa que em torno desses bens comuns não há briga, mas tudo é pacífico. Tente alguém usurpar algo, apropriar-se, e haverá contenda, uma vez que a natureza se revolta, porque Deus nos congregou de todas as partes, e tentamos separar-nos, afastar-nos, apropriarmo-nos, dizendo: Meu e teu. Palavras gélidas! Então começam os litígios, os aborrecimentos. Onde, porém, nada disto existe, não surge luta, nem disputa. A comunidade mais do que a propriedade é nossa sorte, mais de acordo com a natureza. Por que jamais disputou alguém a posse de uma praça? Não é por pertencer em comum a todos? Vemos, contudo, litígios acerca de uma

casa, de dinheiro. Os bens indispensáveis são comuns. Nós, contudo, nem os mínimos mantemos em comum. Ora, Deus no-los concedeu em comum, para aprendermos por meio deles a ter os outros em comum; entretanto, nós nem assim obedecemos. Conforme já mencionei, é justo o possuidor de riquezas? Não, certamente, mas será homem bom se partilhar com outros; não o será enquanto as retiver. Seria um bem aquilo cuja posse distingue os malvados, e cuja eliminação aponta os honestos? Não é boa, portanto, a posse de riquezas, e não possuí-las revela o homem honesto. Por conseguinte, as riquezas não são um bem. Se podes recebê-las e não recebes, és bom. Seriam boas as riquezas, se somos bons quando as partilhamos, ou não aceitamos as que nos são oferecidas, e de outro lado, não somos bons quando as recebemos ou possuímos? Não digas, portanto, que são boas. Não tens a posse delas, porque as julgas boas, porque as admiras. Conserva a mente pura, o juízo acertado, e serás bom. Aprende a distinguir as verdadeiramente boas. Quais são? A virtude, a bondade. Estas são boas, não as outras. De acordo com tal norma, quanto mais misericordioso, tanto melhor serás e assim serás considerado. Se fores rico, não. Assim, portanto, tornemo-nos bons, verdadeiramente bons, e alcançaremos os bens futuros, em Cristo Jesus, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA TERCEIRA HOMILIA

4,11. *Eis o que debes prescrever e ensinar.*

12. *Que ninguém despreze a tua jovem idade, mas, ao contrário, sê para os fiéis um modelo na palavra, na conduta, na caridade, na fé, na pureza.*

13. *Esperando a minha chegada, aplica-te à leitura, à exortação, à instrução.*

14. *Não descuides do dom da graça que há em ti, que te foi conferido mediante profecia, seguido da imposição das mãos do presbitério.*

Algumas questões necessitam de instrução, outras de ordens. Se ordenares o que se deve ensinar, tornar-te-ás ridículo; de outro lado, se ensinas o que debes ordenar, o mesmo te sucederá. Por exemplo, não convém ensinar que não se deve ser malvado, e sim ordenar, proibir com energia. Não judaizar, necessita um preceito. Se disseres: Faz-se mister renunciar às riquezas, observar a virgindade, se estás dissertando sobre a fé, é preciso ensinar. A ambas as coisas se refere Paulo, dizendo: “*Deves prescrever*” e: “*ensinar*”. Por exemplo, possua alguém amuletos ou algo semelhante, e os use, desconhecendo que é pecado, carece só de uma prescrição; se ignora, necessita de instrução. “*Que ninguém despreze a tua jovem idade*”, preceitua ele. Vês que o sacerdote deve ordenar e falar com maior energia, e não simplesmente ensinar tudo? Por preconceito a juventude é um tanto menosprezada; por isso disse: “*Que ninguém despreze a tua jovem idade*”. É necessário que o mestre não seja desprezado. Mas, onde fica o discernimento? Onde a mansidão, se nunca for desprezado? No que respeita a ele próprio pode ser desprezado e suportá-lo, pois, deste modo, pela paciência, o ensino progride mais diretamente; no que respeita ao próximo, não, pois não seria condescendência, mas covardia. Se lhe forem infligidas injúrias, ultrajes, forem armadas insídias e se vingar, tu o acusas com razão; ao se tratar, porém, da salvação do próximo, ordene e com autoridade tome providências. Então, nenhuma espécie de mansidão, e sim autoridade, para o rebanho não ser prejudicado. Paulo quer dizer ambas as coisas: “*Que ninguém te despreze por causa de tua jovem idade*”. Enquanto manifestares uma vida irrepreensível, ninguém te despreze por causa da idade, ou melhor, te admirem.

Por esse motivo acrescentou: “*Ao contrário, sê para os fiéis um modelo na palavra, na conduta, na caridade, na fé, na pureza*”.

Em tudo revela-te modelo de boas obras, isto é, sê um exemplo pela vida, um tipo, uma lei viva, uma norma, um exemplar de vida bem vivida. Seja o mestre: “*Um modelo na palavra*” para falar facilmente; “*Na conduta, na caridade, na fé, na pureza*” íntegra, na prudência. “*Esperando a minha chegada, aplica-te à leitura, à exortação, à instrução.*” Ordena a Timóteo aplicar-se à leitura. Ouçamos todos, decididos a não negligenciarmos a meditação das divinas Escrituras. Eis ainda: “*Esperando a minha chegada*” disse. Vê como o consola; é possível tenha ele se queixado de orfandade. “*Esperando a minha chegada, aplica-te à leitura*” das divinas Escrituras, “*à exortação*” recíproca, “*à instrução*” de todos. “*Não descuides do dom da graça que há em ti, que te foi conferido mediante profecia.*” Aqui dá à doutrina o nome de profecia. “*Seguido da imposição das mãos do presbitério.*” Não fala aqui dos presbíteros, mas dos bispos; pois os presbíteros não ordenavam um bispo.

15. Desvela-te por estas coisas,

Vê como ele muitas vezes repete, para mostrar a que o mestre principalmente há de dar atenção.

16. Vigia a ti mesmo e a doutrina. Persevera nestas disposições.

Isto é, “*vigia a ti mesmo*”, e ensina aos outros.

porque, assim fazendo, salvarás a ti mesmo e aos teus ouvintes.

Disse bem: “*A ti mesmo*”, pois nutrido na doutrina, é o primeiro a recolher vantagens; enquanto admoesta aos outros, ele próprio se compunge. Não é a Timóteo que dirige a palavra, mas a todos. Uma vez que dá esses avisos àquele que ressuscitava mortos, o que diremos nós? Igualmente o sugeria Cristo aos mestres, nesses termos: “O Reino dos céus é semelhante a um pai de família que do seu tesouro tira coisas novas e velhas” (Mt 13,32). E ainda São Paulo adverte: “Pela perseverança e pela consolação que nos proporcionam as Escrituras, tenhamos a esperança” (Rm 15,4). Ele próprio mais que todos o fazia, instruído que fora aos pés de Gamaliel na lei paterna, de sorte que posteriormente é verossímil que ele estivesse atento à leitura. Exortava os outros, e primeiro a si próprio estimulava. Vês que ele assiduamente utiliza o testemunho dos profetas, e os perscruta? Com Paulo ele atenda à leitura. Não é pequena a utilidade que se colhe das Escrituras. Agiremos nós com negligência e ouviremos por rotina? E que suplício não mereceremos?

a fim de que a todos seja manifesto o teu progresso.

Vês quanto deseja seja ele também nisto grande e admirável? Por isso assim se exprime, manifestando a necessidade que ele ainda tinha do Apóstolo. O que significa: “*A fim de que a todos seja manifesto o teu progresso*”? Não apenas na vida, mas também na palavra instrutiva.

5,1. Não repreendas duramente um ancião,

Acaso fala aqui da dignidade do presbítero? Não creio, mas que se trata de qualquer ancião. E se precisar de correção? “*Não repreendas duramente*”, mas dirige-lhe a palavra como farias se te aproximasses de teu pai que houvesse falhado.

2. Às senhoras, como a mães, aos jovens, como a irmãos, às moças, como a irmãs, com toda pureza.

Pela própria natureza das coisas é incômodo repreender, principalmente ao se tratar de um mais idoso; se, porém, for da parte de um jovem, é tríplice a dificuldade. Suavize-se pelas boas maneiras e a mansidão. Poderá repreender sem dificuldade, se procurar exercitar-se. Exige-se grande prudência, mas é possível. “*Aos jovens, como a irmãos.*” Porque assim exorta nesta passagem? Sugere a audácia da idade. Deve, portanto, também neste caso suavizar com equilíbrio as advertências. “*Às moças, como a irmãs*” e acrescentou: “*Com toda pureza*”. Não me fales apenas do pecado da ilícita união,

mas, diz ele, evite-se qualquer suspeita. Uma vez que dificilmente escapam à suspeita os colóquios com adolescentes, e o bispo deve falar-lhes, acrescentou: *“Com toda pureza”*, declarando que com toda pureza travasse o colóquio. O que dizes? Dize-me. Ordenas isto a Timóteo? Sim, responde, por meio dele falo de modo geral. Se ordeno a Timóteo, reflitam os demais qual deve ser o bispo, para não dar oportunidade a suspeita alguma, nem sombra de pretexto aos que quiserem caluniar.

3. Honra as viúvas, aquelas que são verdadeiramente viúvas.

Por que nada disserta sobre a virgindade, nem diz: Honra as virgens? Por que, a meu ver, então não havia virgens, ou haviam caído. *“Porque já existem algumas que se desviaram, seguindo a Satanás”* (1Tm 5,15). *“Honra as viúvas, aquelas que são verdadeiramente viúvas”*, diz ele. Com efeito, é possível não ter marido, e no entanto não ser viúva. Ser virgem não é apenas não estar unida em matrimônio, mas possuir muitas outras características, ser impoluta continuamente; assim não apenas a morte do marido faz a viúva, mas a paciência unida à continência e a solidão. O Apóstolo ordena honrar estas viúvas, e é justo. São dignas de muita honra, por se conservarem sozinhas e sem esposo que as proteja, o que muitos consideram opróbrio e infelicidade. Por isso Paulo quer que o sacerdote as reverencie; não apenas por isso, mas porque merecem.

4. Se, porém, alguma viúva tiver filhos ou netos, estes aprendam primeiramente a exercer a piedade para com a sua própria família e a recompensar os seus progenitores;

Vê a prudência de Paulo! Não raro admoesta baseado em motivos humanos. Não aludiu aqui a motivos grandiosos e sublimes, mas ao que é fácil de entender: *“E a recompensar os seus progenitores”*. Por quê? Pela educação e pelo crescimento. Por exemplo, tiveram muita solicitude por ti; depois morreram e não pudeste retribuir-lhes. Não os geraste ou educaste. Retribui aos netos, paga a dívida aos filhos. *“Estes aprendam primeiramente a exercer a piedade para com a sua própria família.”* Relembra mais simplesmente a atitude correta; em seguida acrescentou um estímulo:

pois isto é agradável diante de Deus.

Visto que dissera: *“Aqueles que são verdadeiramente viúvas”*, declara quais as verdadeiras viúvas.

5. Aquela que é verdadeiramente viúva, que permaneceu sozinha, põe a sua confiança em Deus e persevera em súplicas e orações dia e noite.

6. Mas a viúva que só busca prazer, mesmo se vive, já está morta.

Quem não reassumiu uma vida mundana na viuvez, é verdadeiramente viúva; quem espera em Deus como deve, persevera nas orações e persevera dia e noite, é viúva. Não deixa de ser viúva se tem filhos, pois o Apóstolo louva a que educa convenientemente os filhos; mas não ter filhos quer dizer estar sozinha. Em seguida, consola-a por não ter filhos, dizendo que isto a torna verdadeiramente viúva, porque destituída não somente do consolo do marido mas também da parte dos filhos; Deus os substitui. Aquela que não tem filhos não é inferior, mas significa que este consolo supre a solidão, pela falta de filhos. O sentido é o seguinte: Não te condoas por ouvir: Deve educar os filhos, porque não os tens, como se isto diminuísse tua dignidade. És verdadeiramente viúva: *“Mas a viúva que só busca prazer, mesmo se vive, já está morta”*.

Uma vez que muitas que têm filhos preferem a viuvez, não no intuito de cortarem a ocasião de uma vida mundana, mas para a esta se entregarem mais, agirem com maior liberdade, e satisfazerem os desejos mundanos, afirmou: *“Mas a viúva que só busca prazer, mesmo se vive, já está morta”*. O que dizes? A viúva não deve ter prazer? Não, responde. Mais fraca pela idade e a natureza, não precisa de prazeres que só apressam a morte, a morte eterna; o que dirão os homens que vivem nos prazeres? Com razão enunciou: *“Mas a viúva que só busca prazer, mesmo se vive, já está morta”*. Para

informação, vejamos. Qual a atividade dos vivos, qual a dos mortos, e de que maneira classificá-las. Os vivos miram a vida futura, a verdadeira vida. Escuta em que consiste a vida futura, à qual sempre nos convém tender, conforme Cristo declara: “Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo. Pois tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber” (Mt 25,34-35). Os vivos não diferem dos mortos apenas porque veem o sol e aspiram o ar. Não é a esta diferença que aludimos, e sim à prática do bem. Do contrário, serão piores que os mortos. No intuito de entenderes, escuta de que modo o morto vive: “Deus não é Deus de mortos, mas sim de vivos” (Mt 22,32). Mas, eis novo enigma, retrucas. Então vamos resolver os dois. Está morto aquele que vive à busca de prazeres. De que modo? Vive só para o estômago, não para os sentidos. Não vê o que deve ver, não ouve o que convém ouvir, não fala o que importa falar, nem atua à semelhança de um vivo. Um homem que fica deitado na cama, de olhos fechados, nada vê, nada sente; assim procede o supramencionado, ou antes, muito pior. Aquele não percebe o que é bom nem o que é ruim; este apenas sente o que é ruim, e relativamente ao bem assemelha-se ao que jaz imóvel. E está morto. Nada do que se refere à vida futura o abala; mas leva-o a uma espécie de cubículo escuro e tenebroso, e a um antro cheio de imundices, a embriaguez que o retém em seu seio e sempre o detém nas trevas, conforme sucede aos mortos. Quem gasta todo o tempo em convívios ou bebedeiras, não está nas trevas? Não está morto? Nem nas horas matutinas, apesar de parecer desperto, realmente não está, quer por não ter absorvido e digerido o vinho vespertino, quer porque preso pelo desejo do que vai beber; entrega-se à glotonaria sempre nas refeições matutinas e meridianas e passa toda a noite e a maior parte da manhã em profundo sono. Contá-lo-emos entre os vivos? Quem descreverá a tempestade oriunda da volúpia, tanto para a alma, quanto para o corpo? A grande densidade das nuvens tolhe os raios do sol; assim os vapores da volúpia e do vinho, qual rochedo, inibem o cérebro, cobrindo-o de densas nuvens, e impedem o exercício da razão, cercando o ébrio de imensa escuridão. Imaginas a intensidade da tempestade que cai sobre o sujeito desta paixão? Quanto tumulto? Numa inundação, com a água a ultrapassar os átrios das oficinas, vemos os homens dentro agitados buscarem baldes, ânforas, esponjas e diversos utensílios, para a despejar, e os alicerces não serem abalados, e inutilizados todos os objetos. Assim na alma devassa, com a fartura de prazeres, perturba-se o raciocínio e sendo impossível esvaziar o acúmulo e o acréscimo, levanta-se violenta tempestade. Não olhes o rosto alegre e radiante, mas examina o íntimo, e vê-lo-ás acabrunhado. Se fosse possível tirar para fora a alma do libertino e apresentá-la aos olhos corporais, vê-la-ias abatida, pesarosa, enfraquecida. Quanto mais obeso, gordo o corpo se torna, mais a alma definha e se enfraquece; e quanto mais fomentado, tanto mais ela fica sufocada. Névoas mais intensas no exterior, por causa da densidade, não permite à pupila dos olhos um olhar penetrante e aguçado, e muitas vezes aparecem as trevas; assim o corpo em demasia alimentado, é cercado de grande densidade. Os mortos, replicas, se corrompem putrefactos e emitem muita serosidade. O mesmo observarás naquele que se entrega aos prazeres: fluxos, inflamações, mucos, soluços, vômitos, arrotos; omito o restante, que me envergonho de citar. Tão grande é a tirania da volúpia que nos obriga a interromper o que não ousamos dizer.

Ainda perguntas: O corpo inteiramente se esvai? Não come e bebe? Ora, isto não é sinal de vida humana, pois igualmente os irracionais comem e bebem. Morta a alma, qual a utilidade do alimento e da bebida? Ao cadáver não adianta estar recoberto de veste brilhante, nem o corpo com vestes brilhantes é proveitoso à alma morta. Quem fala sempre a respeito de cozinheiros, serventes, padeiros e nada sobre a piedade, não está morto? Vejamos o que é o homem. Os pagãos dizem que é um animal racional, mortal, dotado de razão e de conhecimento; nós, porém, não lhe peçamos de empréstimo a definição. Mas de quem pediremos? Da divina Escritura. No entanto, onde a Escritura colocou a definição do homem? Escuta: “Era um homem íntegro e reto, que temia a Deus e se afastava do mal”

(Jó 1,1). Eis o homem. Em outra passagem diz: “Grande é em verdade o homem, e precioso o misericordioso” (Pr 20,6, no grego). A Escritura não costuma dar o nome de homens aos que não são tais, apesar de racionais e dotados de inúmeros conhecimentos, mas denomina-os cães, cavalos, víboras, serpentes, raposas, lobos, e todas as espécies de feras mais vis. Sendo tal, não é homem quem se entrega aos prazeres. Como o seria, se não se preocupa com o bem? Os prazeres não podem concorrer com a sobriedade; eliminam-se mutuamente. Dizem o mesmo os pagãos: O ventre obeso não engendra mente sutil. Igualmente costuma a Escritura mencionar homens sem alma: “Meu espírito não permanecerá para sempre no homem, porque ele é carne” (Gn 6,3). Entretanto, eles possuíam uma alma, mas morta, e por isso denominou-os carne. Dos virtuosos, apesar do corpo, dizemos, no entanto: Ele é todo alma, todo espírito. Proferimos o oposto sobre os que não o são. Assim igualmente dizia Paulo: “Vós não estais na carne” (Rm 8,9), porque não praticavam as obras da carne. Assim, os que se entregam aos prazeres não estão na alma, nem no espírito. *“Mas a viúva que só busca prazer, mesmo se vive, já está morta.”* Ouvi, vós que consumis o tempo em banquetes e bebedeiras, que desprezais os pobres a definharem e morrerem de fome, enquanto morreis continuamente por causa do prazer. Provocastes duas mortes: a dos aflitos e a vossa; ambas por imoderação. Mesclai, porém, a vossa abundância à indigência deles e conservareis duas vidas. Por que dilatar teu ventre com a saciedade? Por que contrair o ventre do pobre pela penúria? Sacias o teu sem comedimento; ao dele além da medida extenuas. Reflete no que são os víveres, em que se mudam, se alteram. Não ficas indignado só de ouvires? Por que te esforças por acumulá-los? O acréscimo de delícias nada mais é do que incremento de fezes. A natureza tem uma medida, e o excedente já não é alimento, mas incomodidade e exorbitância de fezes. Nutre o corpo, não o mates. É denominado alimento não para ruína do corpo, mas a fim de nutri-lo. Por isso, a meu ver, os alimentos desta forma se dividem, a fim de não sermos amantes das delícias. Do contrário, não fossem as delícias inúteis, prejudiciais ao corpo, não cessaríamos de nos consumirmos, uns aos outros. Haveria inúmeros combates e lutas, se o estômago digerisse quanto queremos, e o transfundisse no corpo, pois até mesmo agora, enquanto uns alimentos se transformam em fezes, outros em sangue e mucosidade inútil e degênere, entregamo-nos às delícias, e muitas vezes gastamos uma fortuna numa só refeição. Não fosse este o termo das delícias, o que não faríamos? Tanto mais nos enchemos de odor fétido quanto nos deliciamos, porque o corpo sempre, à guisa de um odre, se esvai. Alguém arrota de tal maneira que provoca dor de cabeça nos vizinhos. De toda parte o corpo emite exalações fétidas, à semelhança de uma fornalha cujo calor consome por dentro. Se os de fora ficam aborrecidos, o que pensas que o cérebro sofre interiormente, atacada frequentemente por estes vapores? E os fluxos de sangue ardente obstruindo as veias? E aqueles órgãos, o fígado e o baço? E o fosso das fezes? Pior ainda, cuidamos que não se obstrua o fosso das fezes, e elas não remontem. Para tal fim fazemos o possível, empurrando com varetas e puxando com enxadas. Não limpamos, contudo, os fossos de nosso ventre, mas os obstruímos e enchemos. As fezes remontam ao lugar onde se assenta o próprio rei, isto é, o cérebro, e não tomamos a menor providência. Agimos inteiramente como se não tivéssemos de tratar com um ilustre rei, mas com um cão imundo. Deus apartou para longe aqueles membros para não nos estorvarem. Ora, nós não aceitamos, mas estragamos tudo pelo uso imoderado. O que dizer de outros males? Obstruímos a canalização (da cidade), e logo grassa a peste. Em consequência, o miasma que se propaga no exterior engendra a peste; o de dentro, fechado de todos os lados causa mal-estar ao corpo, sem ter por onde sair, não provoca inúmeras doenças corporais e espirituais? Mais grave ainda, muitos se revoltam contra Deus. O que é isto? – dizem. Decidiu que carregássemos as fezes. E eles próprios as aumentam. Deus o determinou para deste modo proibir o prazer, e nos convencer de não aderirmos excessivamente aos bens terrenos. Tu, contudo, nem assim

queres moderar o prazer, mas continuas te deliciando até à garganta, enquanto dura a refeição, ou antes, não apenas enquanto dura o prazer. Acaso logo que atravessa a língua e as fauces não se extingue o gosto? A sensibilidade está no paladar e depois nada resta, senão grande fastio; o estômago não digere, ou o faz com grande dificuldade. Com razão disse o Apóstolo: *“Mas a viúva que só busca prazer, mesmo se vive, já está morta”*. Nada ouve ou profere a alma que só busca prazer. Torna-se mole, grosseira, fraca, servil, hesitante, cruel, cheia de adulação e ignorância, indignação, preguiça, repleta de todos os males, e de outro lado destituída de bens. Por isso disse:

7. Prescreve, pois, tudo isso, a fim de que elas sejam irrepreensíveis.

Vês que é prescrito por lei? Não o deixou ao arbítrio. Prescreve, diz ele, que não vivam no meio de delícias, como se fosse vício patente, de sorte que não seja permitido ao que vive em delícias participar dos mistérios. *“Prescreve, pois, tudo isso, a fim de que elas sejam irrepreensíveis.”* Vês que é do número dos pecados? Pois o que se deixa ao arbítrio, mesmo se omitido, não impede que seja alguém irrepreensível. Por isso, nós também em obediência a Paulo, ordenamos que as viúvas que se dão aos prazeres, sejam apagadas do catálogo das viúvas. Se um soldado que se entrega às termas, aos teatros, às negociações, é condenado como desertor, muito mais as viúvas. Não procuremos, portanto, repouso, para o encontrarmos no além, nem nos entreguemos aos prazeres, a fim de lá obtermos os verdadeiros prazeres e as genuínas delícias, que não engendram mal algum e abrangem inúmeros bens. Oxalá todos nós o consigamos em Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA QUARTA HOMILIA

5,8. Se alguém não cuida dos seus, e sobretudo dos de sua própria casa, renegou a fé e é pior do que um incrédulo.

Muitos consideram sua própria virtude suficiente para a salvação e que basta para a salvação uma vida reta. Não é juízo correto. Demonstra-o o servo que enterrara um talento; não o restituiu diminuído, e sim o total que lhe fora confiado. Ainda São Paulo o declara, nesses termos: *“Se alguém não cuida dos seus”*. Refere-se aqui a toda solicitude, que abarca alma e corpo, pois esta última também é solicitude. *“Se alguém não cuida dos seus, e sobretudo dos de sua própria casa”*, isto é, dos membros de sua família *“é pior do que um incrédulo”*. Assegura-o ainda Isaías, o principal dos profetas: *“E não te escondas daquele que é tua carne”* (Is 58,7). Com efeito, quem despreza os seus parentes, os afins, será benévolo para com os demais? Não se diz geralmente que se trata de vanglória beneficiar os estranhos e desprezar, não poupar os seus? O que significa instruir os demais e abandonar os seus no erro, apesar de encontrar maior facilidade e justiça em beneficiá-los? Certamente consta o seguinte: Os gentios não dirão: Serão benévolos os cristãos, que desprezam os seus? *“É pior do que um incrédulo”*. Por quê? Porque o gentio, se não aos estranhos, aos seus não despreza. É o seguinte o significado: Viola a lei divina e a natural quem descuida dos seus. Se, porém, aquele que *“ não cuida dos de sua própria casa, renegou a fé e é pior do que um incrédulo”*, onde colocar quem até os prejudica? Onde ficará? De que modo renegou a fé? *“Afirmam conhecer a Deus, mas negam-no com os seus atos”* (Tt 1,16). Qual o preceito de Deus no qual acreditam? Não desprezar os de sua própria carne. De que modo crê aquele que nega a Deus? Pensemos quantas vezes para poupar dinheiro desprezamos os de nossa casa. Deus planejou os vínculos de parentesco para termos mútuas ocasiões de nos beneficiarmos. Quando, portanto, te portas qual um infiel, não negaste a fé? Por conseguinte a fé não se manifesta somente na profissão de fé, mas com as obras correspondentes. Cada homem pode crer ou não crer. Após dissertar sobre as delícias e os prazeres, afirma: Não perece

apenas por viver no meio das delícias, mas também porque se sente coagido a desprezar os de sua casa. Com razão assim se exprime. Quem vive para o ventre está perdido, tendo renegado a fé. Como, porém, é pior do que um incrédulo? Não é a mesma coisa desprezar os de sua casa ou os estranhos. Por quê? A culpa de desprezar o conhecido é maior do que menosprezar o desconhecido, o que é amigo do que aquele que não o é.

9. *Seja inscrita no grupo das viúvas somente aquela que não tiver menos de sessenta anos, se tiver sido casada uma só vez,*

10. *se tiver em seu favor o testemunho de suas boas obras,*

Havia dito: “*Aprendam primeiramente a exercer a piedade para com a sua própria família e a recompensar os seus progenitores*”; dissera: “*Mas a viúva que só busca prazer, mesmo se vive, já está morta*”; dissera: “*não cuida dos de sua própria casa, é pior do que um incrédulo*”; dissera que, se não tiver estas qualidades, é indigna de constar da lista das viúvas. Finalmente declara as características que devem possuir. Como? Haveremos de julgá-las pelo número dos anos? E que mérito há nisto? Não é digna por ter sessenta anos. Não apenas pela idade, responde, porém, se ultrapassar aquela idade, mas não tiver as obras, não seja inscrita. Apresenta depois o motivo por que designa tão cuidadosamente a idade. Não provém de si, mas das próprias viúvas. Por enquanto, escutemos a continuação: “*Se tiver em seu favor o testemunho de suas boas obras*”. Quais?

se tiver criado filhos,

Com efeito, não é obra insignificante educar os filhos. Educar os filhos não é simplesmente nutrí-los, e nutrir por dever, mas conforme o supramencionado: “*Desde que permaneça na fé, no amor e na santidade*” (1Tm 2,15). Vês que sempre relativamente à beneficência antepõe os de casa aos estranhos? Primeiro disse: “*Tiver criado filhos*”, e em seguida: “*Tiver sido hospitaleira, lavado os pés dos santos, socorrido os atribulados, aplicada a toda boa obra*”. E se for pobre? Nem assim pode abster-se de educar os filhos, de receber os hóspedes, de socorrer os atribulados. Não é mais pobre do que a viúva que jogou no tesouro dois óbolos. Apesar de pobre, possui casa, não está ao relento. “*Se tiver lavado os pés dos santos.*” Não é obra dispendiosa. Se “*aplicada a toda boa obra*”. Preceitua o serviço corporal. As mulheres principalmente são idôneas para esta função, para preparar o leito, proporcionar repouso.

Ah! Quantos cuidados exige da viúva! Quase tanto quanto reclama do bispo. A expressão: “*Aplicada a toda boa obra*” o indica. Se ela não pôde exercê-la por si, no entanto participou, serviu. Cortando os prazeres, quer ser providente, administrar bem a casa e entregar-se sempre às orações. Tal era Ana. Verifica quanta diligência exige da viúva, mais do que das próprias virgens, apesar de reclamar destas grande aplicação e suma virtude. De fato, ao dizer: “*Para que façais o que é mais nobre e possais permanecer junto ao Senhor sem distração*” (1Cor 7,35), resumidamente abrange quase todas as virtudes. Vês que não basta à viúva não contrair segundas núpcias, mas precisa de muito mais? Por que, então, pergunto, exorta a não contrair segundas núpcias? Será porque as reprova? De modo algum. É opinião peculiar aos hereges. Deseja, além disso, que ela se entregue às coisas espirituais, e aplique-se à virtude. O casamento não é impuro, mas cheio de preocupações. A locução: “*Para se entregarem*” (cf. 1Cor 7,5), não significa: Para se purificarem. De fato, o casamento acarreta muitas ocupações. Se, portanto, não te casas a fim de te entregares ao temor de Deus, mas não te entregas, não adianta prestar serviço aos hóspedes e santos. Se, portanto, não o fizeres, renunciaste ao matrimônio de certo modo condenando-o. Assim também a virgem, que não está verdadeiramente crucificada, parece ter repudiado as núpcias, como abomináveis e impuras. Vês que o Apóstolo trata

da hospitalidade, não somente afável, mas zelosa, alegre, pronta, desejável, assumida como se fosse prestada ao próprio Cristo? Não quer que se entregue tal tarefa às escravas, mas que elas mesmas a executem. Com efeito, “Se, portanto, eu o Mestre vos lavei os pés, também deveis lavar-vos os pés uns aos outros” (Jo 13,14). Por mais opulenta que sejas, e te orgulhes da dignidade e nobreza, a distância não é tão grande quanto entre Deus e os discípulos. Se recebes a Cristo no hóspede, não tens de que te envergonhar, ou melhor, deves gloriar-te; se, porém, não recebes a Cristo, não o recebas, de modo algum, pois ele disse: “Quem vos recebe, a mim recebe” (Mt 10,40). Se não o receberes desta forma, não terás recompensa. Abraão recebeu aqueles homens que ele reputava peregrinos, e não deixou a encargo dos escravos a recepção, mas assumiu a maior parte do serviço, e mandou que a mulher misturasse a farinha, apesar de ter trezentos e dezoito escravos, entre os quais provavelmente havia escravas; mas ele desejava obter com a mulher a recompensa, não somente das despesas, mas também do múnus.

Exerçamos deste modo a hospitalidade, fazendo tudo pessoalmente, para nos santificarmos e nossas mãos serem abençoadas. Mesmo se deres a um pobre, não menosprezes dar pessoalmente; não dás ao pobre, mas a Cristo. Quem, contudo, é tão infeliz que não se digne ele próprio estender a mão a Cristo? Eis a hospitalidade, o verdadeiro exercício por causa de Deus. Se ordenares com orgulho, embora dês a primazia ao hóspede, não é hospitalidade, nem ages por causa de Deus. O hóspede necessita de muitos serviços, muita exortação; mal poderá, e só assim, não se envergonhar. É natural que, bem recebido, se acanhe. Com o excesso de obséquios se tire o acanhamento; palavras e fatos demonstrem que o benfeitor mais recebe do que dá. Desta forma a boa vontade torna o ato mais agradável. Aquele que se julga prejudicado, estraga tudo; e quem pensa beneficiar, perde tudo. Assim quem julga agir bem recebe mais: “Deus ama a quem dá com alegria” (2Cor 9,7). Por este motivo antes deves agradecer ao pobre por receber. Pois, se não houvesse pobres, dificilmente deporias o fardo dos pecados. São os médicos de tuas feridas; as suas mãos estendem-te o remédio. O médico que estende a mão e ministra os medicamentos, exercendo a medicina não cura teus males como faz o pobre que estende a mão para receber de ti.

Deste dinheiro, e conjuntamente, foram embora teus pecados. Tais são também os sacerdotes: “Eles se alimentam do pecado de meu povo” (Os 4,8). Por conseguinte, recebes mais do que dás; recolhes maior benefício do que conferes. Emprestas a Deus, não aos homens, aumentas as riquezas, não as diminuis, mas diminuis se não retirares um pouco, se não deres. “*Se tiver sido hospitaleira, lavado os pés dos santos.*” De quais? Dos atribulados, não simplesmente dos santos; pode acontecer que os santos sejam por todos obsequiados. Não procures os que estão na abundância, mas os atribulados, os ignorados. “Cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,40).

Não dês aos chefes da Igreja para distribuir; distribui pessoalmente para receberes recompensa não apenas das despesas, mas também do serviço. Dá com as próprias mãos; semeia no sulco. Não precisas neste caso de arado, nem de juntas de bois, nem de aguardar o tempo oportuno, nem de sulcar a terra, nem de lutar com o frio; são sementes que dispensam esses cuidados. Lanças as sementes no céu, onde não há frio, nem inverno, nem coisa semelhante; lanças sementes nas almas, onde ninguém retira o que foi semeado, mas é retido com grande firmeza, cuidado e diligência. Semeia tu mesmo. Por que te privas da recompensa? Grande recompensa se recebe de poder distribuir até o alheio. A recompensa é atribuída não só ao doador, mas também àquele que corretamente distribui os dons. Por que não recebes a recompensa? Escuta que também para este ato há recompensa: Os apóstolos escolheram Estêvão para o serviço das viúvas (cf. At 6,5). Sê despenseiro de teus bens. Ordenam-te a própria

bondade e o temor de Deus. É isento de vanglória, reanima as almas, santifica as mãos, rebaixa o ânimo inchado de orgulho, ensina a sabedoria, torna mais bem-disposto, atrai bênçãos para ti. Sobre tua cabeça recaem as bênçãos das viúvas. Aplica-te mais às orações, visita os santos, verdadeiramente santos, habitantes da solidão, que não podem mendigar, que sempre meditam as coisas de Deus. Empreende a longa caminhada, dá pessoalmente. Se deres, conseguirás muito emolumento. Vês a tenda e a hospedaria? Vês o deserto? Vês a solidão? Muitas vezes, tendo saído para dar dinheiro, deste toda a vida, foste aprisionado, tendo te tornado cativo em sua companhia, peregrino no mundo. É grandioso visitar os pobres. “Mais vale visitar a casa em luto que a casa em festa” (Ecl 7,3). Nesta o ânimo se incha de orgulho. Pois tens um estímulo para igualmente entregar-te às delícias; se não o podes, ficarás triste. Na casa em luto, nada de semelhante; se não há delícias, não lastimas; se existem, tu te absténs.

Em verdade, casas em luto são os mosteiros, onde se encontram o cilício e as cinzas, a solidão, não há riso nem tumulto mundano, existe o jejum, o repouso noturno no chão, onde tudo está isento de impureza, sangue, tumulto, agitação, perturbações. É porto tranquilo. São luzeiros que brilham do alto para os visitantes que vêm de longe. Sentados no porto, atraem todos à tranquilidade, não deixam os que os contemplam sofrer naufrágio, nem permitem que fiquem nas trevas. Aproxima-te deles, recebe-os amigavelmente, acede, toca os pés sagrados. É muito mais honroso tocar-lhes os pés do que a cabeça dos demais. Dize-me. Se alguns tocam os pés das estátuas, por serem imagens do rei, tu não tocas os pés dos que têm em si a Cristo, para te salvares? Aqueles pés são santos, apesar de humildes; de um profano nem a cabeça é venerável. Os pés dos santos podem prestar grandes serviços. De fato, castigam até quando sacodem a poeira. Entre nós existem alguns santos; não nos envergonhemos deles. São, de fato, santos todos os que conservam a fé e a vida retas. Mesmo que não façam milagres, nem expulsem demônios, são santos. Aproxima-te das tendas dos santos. Refugiar-se no mosteiro de um santo varão seria como ir da terra ao céu. Não vês ali o mesmo que nas casas. Aquele coro é inteiramente puro. Muito silêncio e repouso. Ali não existe: Meu e Teu. Se ficares ali um dia ou dois, sentirás maior prazer. Surge o dia, ou melhor, antes do dia o galo canta. Não acontece como numa casa, onde os servos se espreguiçam, as portas ficam fechadas, todos dormem como mortos, o arreiteiro toca a sineta. Nada de semelhante ali; mas todos simultaneamente com piedade acordam e levantam-se. Incita-os o superior, de pé formam um coro sagrado, logo estendem as mãos, cantam hinos sacros. Não acontece como entre nós que precisamos de muitas horas para sacudir o sono e o sopor.

Nós, logo que nos levantamos, sentamo-nos distendendo os membros, atendemos ao necessário, depois lavamos o rosto e as mãos. Em seguida calçamos as sandálias, vestimo-nos. Gastamos nisto muito tempo.

No mosteiro, nada disso. Ninguém chama um escravo. Cada qual se basta a si próprio. Não precisa de muitas vestes, nem de pessoa alguma que o tire do sono. Logo que abre os olhos, por causa da vigilância, assemelha-se a alguém que há muito está acordado. Quando o coração não está agravado e deprimido pelos alimentos, não se precisa de muito tempo para acordar, mas logo se fica desperto. As mãos estão inteiramente limpas, e o sono decorre em boa ordem. A ninguém se ouve roncando ou ofegante, nem se vê agitado no sono, ou desnudo; mas dormem mais bem-compostos do que as pessoas despertas. Tudo isto se origina de um ânimo disciplinado. Em verdade, são santos e anjos no meio dos homens. Tais palavras não te causem espanto. A intensidade do temor de Deus não permite à mente mergulhar em profundo sono, mas o torpor é leve. Qual o sono, tais necessariamente os sonhos, não fantasistas, nem portentosos. Com efeito, conforme narrei, o galo canta e o superior vem acordá-

los, batendo ligeiramente no pé dos monges deitados. Não lhes é permitido dormir despídos. Levantam-se, logo de pé cantam os hinos proféticos, com suave ritmo e melodia. Nem cítara, nem flauta, nem qualquer instrumento musical emite o som que ali se ouve, mas os santos solitários cantam com a maior tranquilidade. São cânticos bem escolhidos, cheios de amor a Deus. “Pelas noites levantai as vossas mãos para Deus” (cf. Sl 134,2-3); e ainda: “A minha alma suspira por ti durante a noite, e desde a manhã, porque são uma luz os teus juízos na terra” (Is 26,9). Igualmente os salmos de Davi, que suscitam muitas fontes de lágrimas, segundo se canta: “Esgotado de tanto gemer, de noite eu choro na cama, banhando meu leito com lágrimas” (Sl 6,7); e ainda: “Eu como cinza em vez de pão” (Sl 102,10); e ainda: “Que é um mortal para dele te lembrares? O homem é como um sopro e seus dias são como a sombra que passa”; e: “Não temas quando um homem se enriquece, quando cresce a glória de sua casa” (Sl 8 5; 144,4; 49, 17); mais uma vez: “Deus faz habitar os unânimes numa só casa”; e: “Sete vezes por dia eu te louvo por causa de tuas normas justas”; ainda: “Levanto-me à meia-noite para te celebrar por tuas normas justas” (Sl 68,7; 119,164.62); e: “Deus resgatará a minha vida das garras do Xeol”; e: “Ainda que eu caminhe por um vale tenebroso nenhum maleu temerei, pois estás junto de mim” (Sl 49,16; 23,4); ainda: “Não temerei o terror da noite, nem a flecha que voa de dia, nem o que serpeia no escuro, nem o incursão do demônio ao meio-dia” (Sl 91,5-6); mais uma vez: “Somos considerados como ovelhas de corte” (Sl 43,12). Revelam seu ardente amor para com Deus. Cantam com os anjos (pois também os anjos então cantam): “Louvai o Senhor do alto dos céus”, e nós bocejamos, coçamos, roncamos, ou simplesmente deitados de costas excogitamos inúmeras fraudes! Os homens, à medida do possível, passam a noite inteira desta forma. Enfim, pouco antes da aurora, repousam. E o início de nosso trabalho para eles é tempo de repouso. Ao raiar do dia, cada qual saúda o próximo, trata dos reembolsos. Um vai à praça, procura o magistrado, treme, recebe reivindicações; outro vai ao teatro, outro ao seu ofício. Os monges, porém, após as preces matutinas e os hinos, entregam-se à leitura das Escrituras. Alguns aprenderam a copiar livros. Cada qual tem a sua cela, sempre quietos, sem proferir bagatelas, nem conversas. Em seguida, recitam Terça, Sexta, Noa e as orações vespertinas. E dividindo o dia em quatro partes, honram a Deus em cada parte com salmodia e hinos. Enquanto os outros homens tomam as refeições, rindo, brincando, arrebatando pelo excesso da comida, eles se ocupam com os hinos. Quase não reservam tempo para a mesa e objetos sensíveis. Além disso, terminada a refeição, retomam os mesmos exercícios, após um breve sono. Os mundanos também dormem de dia; eles, porém, de noite dão-se às vigílias. Em verdade, são filhos da luz. Em seguida, aqueles depois de terem dormido grande parte do dia, levantam-se sonolentos; estes, contudo, ainda em jejum, permanecem sem alimento até a tarde, e entregam-se aos hinos. Ao entardecer, aqueles apressam-se para os banhos e o repouso; estes, interrompendo os trabalhos, reclinam-se à mesa, não cercados de uma turma de criados, nem correndo pela casa, nem ruidosos, nem colocando na mesa vários alimentos aromatizados, mas alguns ingerem somente pão e sal, outros colocam na mesa óleo; os mais fracos recebem ervas e legumes. Depois de estarem por breve tempo sentados, ou melhor, encerrados os hinos, cada qual descansa na esteira preparada para o repouso, não para o prazer. Ali não existe medo dos superiores, nem arrogância senhoril, nem temor servil, nem tumulto de mulheres, nem turbas de crianças, nem abundância de cofres, nem armários de vestes supérfluas, nem ouro, nem prata. Não há armários e reservas, nem bolsas ou coisa semelhante. Tudo se acha repleto de orações, hinos, fragrância espiritual; nada de carnal. Eles não receiam incursões de ladrões; nada possuem que possam perder. Não há dinheiro. Apenas o corpo e a alma. Perdê-lo não é dano, mas lucro: “Para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro” (Fl 1,21). Romperam todos os vínculos. De fato, “Há grito de júbilo nas tendas dos justos” (Sl 118,15). Não se ouvem gritos, nem gemidos. Sob aquele teto excluem-se tais aborrecimentos, e clamores. Eles morrem, pois seus corpos

não são imortais, mas a morte não é considerada morte. Transportam os cadáveres com hinos; mas tal ação não se denomina enterro, mas celebração. À notícia da morte de um deles, há grande alegria, grande regozijo; ou antes, ninguém ousa dizer: Ele morreu, e sim: Chegou à consumação. Em consequência, ação de graças, glorificação, alegria. Cada qual deseja semelhante fim, termo do certame, descanso dos trabalhos e das lutas, e contemplação de Cristo. Se alguém adoecer, não há lágrimas, lamentações, mas ao invés preces. Frequentemente só a fé cura o doente, não as mãos do médico. Se alguma vez se precisar de médico, manifesta-se grande sabedoria, muita paciência. Não há a presença de uma mulher com os cabelos desgrehados, nem filhos que ainda não experimentaram a orfandade a se lamentarem, nem escravos pedindo que o moribundo lhes garanta segurança, mas a alma encontra-se liberta de tudo. Visa apenas dar o último suspiro na amizade com Deus. Qualquer doença que ocorra, não é oriunda da gula, ou da embriaguez, mas a causa é louvável, não culpada desta forma, pois provém das vigílias, da frequência dos jejuns, ou algo semelhante e por isso facilmente é eliminada; basta para a cura uma diminuição do trabalho excessivo.

Dize-me. Alguém na igreja lavou os pés dos santos, ou é possível aqui também encontrar homens iguais a estes? É possível, é bem possível. Rogo apenas não desprezarmos os que se encontram nas Igrejas, diante da menção daquelas vidas. Frequentemente existem muitos desta espécie nas Igrejas, mas ocultos. Não os desprezemos porque visitam as casas, vão à praça, ou chefiam. Deus ordenou: “Fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva!” (Is 1,17). Vários são os caminhos da virtude, bem como as diferenças entre as pérolas, apesar de todas terem o mesmo nome. Uma é esplêndida e inteiramente redonda, outra não tem idêntica formosura, mas é bela diversamente. De que modo? Assim como, em consequência de determinada arte, um coral possui linha oblonga e ângulos torneados, outro cor mais agradável do que o branco, um terceiro o verdor mais aprazível do que o das ervas; outro medra mais do que a flor sanguínea; outro supera o azul do mar, outro é mais fúlgido que a púrpura, e é possível encontrar inúmeros que rivalizam em variedade com as flores, ou iguais ao jogo de cores do sol. Tais são os santos. Uns exercem a ascese em si mesmos, outros também nas Igrejas. Por isso disse o Apóstolo com razão: “*Se tiver lavado os pés dos santos, socorrido os atribulados*”. Assim se expressou no intuito de estimular de modo geral à imitação. Também nós acorramos, a fim de podermos nos gloriar no além de ter lavado os pés dos santos. Se importa lavar-lhes os pés, muito mais dar-lhes dinheiro com as próprias mãos, e cuidar desta prática às ocultas. “Não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita” (Mt 6,3). Por que assumes mil testemunhas? Se possível, não veja o servo, nem a mulher. Vários são os obstáculos para o fraudulento; não raro o que jamais era impedimento então se transforma-se em obstáculo, pela vanglória ou outro motivo. Por isso, Abraão, embora tivesse uma esposa admirável, prestes a imolar o filho, ocultou-lhe a decisão, ignorante do que haveria de acontecer, e convicto de que iria imolá-lo. O que diria um homem vulgar? Não teria dito: Que homem é este que executa tal crime? Não o acusaria de suma crueldade e ferocidade? Não permitiu que a mulher visse o filho, nem ouvisse suas últimas palavras, nem o olhasse palpitante, mas o levou consigo qual prisioneiro. Nada disso pensou aquele justo, de certo modo ébrio de amor. Nada visava senão cumprir a ordem; não estava presente um servo, nem a mulher. Ou melhor, nem ele próprio sabia o que haveria de suceder. Esforçava-se por oferecer uma vítima inteiramente pura, não manchada de lágrimas, de contradição. Vê, porém, com que mansidão Isaac interroga, o que diz: “Eis a lenha e o fogo, mas onde está o cordeiro?” E o que responde o pai? “É Deus quem proverá o cordeiro para o holocausto, meu filho” (Gn 22,7-8). É quase uma profecia, porque Deus providenciou seu Filho para o holocausto; o mesmo aconteceu então. Por que o ocultas àquele que deve ser imolado? Dize-me. Sim, receio que desfaleça, temo que se mostre indigno. Vês que procedeu com o maior cuidado? Por isso disse bem a Escritura: “Não saiba a tua mão esquerda o

que faz a tua direita” (Mt 6,3), isto é, mesmo que estimemos alguém qual membro nosso, não revelemos facilmente um plano, a não ser por necessidade. São graves os males que daí se originam: vanglória, frequentes obstáculos. Por isso, se possível, ocultemos os segredos, a fim de conseguirmos os bens prometidos, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA QUINTA HOMILIA

5,11. *Rejeita as viúvas mais jovens, pois, quando os seus desejos se afastam do Cristo, querem casar-se,*

12. *tornando-se censuráveis por terem rompido o seu primeiro compromisso.*

13. *Além disso aprendem a viver ociosas, correndo de casa em casa; não somente elas são desocupadas, mas também loquazes, indiscretas, falando o que não devem.*

14. *Desejo, pois, que as jovens viúvas se casem, dirijam a sua casa e não dêem ao adversário nenhuma ocasião de maledicência.*

15. *Porque já existem algumas que se desviaram, seguindo a Satanás.*

Paulo, após ter dissertado muito sobre as viúvas, e determinado a idade, dizendo: “*Seja inscrita no grupo das viúvas somente aquela que não tiver menos de sessenta anos*”, ensina qual deve ser, nesses termos: “*Se tiver criado os filhos, tiver sido hospitaleira, e ter lavado os pés dos santos*” (1Tm 5,7.10); ainda aqui diz: “*Rejeita as viúvas mais jovens*”. Às virgens, apesar de ser questão mais importante, nada disto sugere; e com razão. Por quê? Porque se inscreveram em estado mais elevado, que deriva de propósito superior. A exigência: “*Se tiver sido hospitaleira, e ter lavado os pés dos santos*”, etc., provém da continuidade no serviço, e por ter dito: “*A mulher não casada cuida das coisas do Senhor*” (1Cor 7,34). Não admiremos por não discorrer sobre a idade; é evidente. Aliás, elas escolheram a virgindade por decisão mais elevada. Todavia, entre as viúvas já haviam acontecido algumas quedas, e ocasionaram estas normas; entre as virgens, não. Evidencia-se que algumas já haviam caído pelo seguinte: “*Quando os seus desejos se afastam do Cristo, querem casar-se*”, e ainda: “*Porque já existem algumas que se desviaram, seguindo a Satanás*”. “*Rejeita as viúvas mais jovens*”. Por quê? “*Pois, quando os seus desejos se afastam do Cristo, querem casar-se.*” O que significa: “*Quando os seus desejos se afastam*”? Quando decaíram em lascívia e nos prazeres. Conforme se diz a um homem honrado: Deixa-a, porque já pertenceu a um outro. Mostra que elas optaram pela viuvez temerária, não judiciosamente. Por conseguinte, também a viúva desposa a Cristo na viuvez. Diz ele: Eu sou protetor das viúvas e pai dos órfãos. Mostra que elas não escolheram com retidão a viuvez, mas querem satisfazer seus desejos. No entanto o tolera, embora tenha dito noutra passagem: “*Desposei-vos a um esposo único, a Cristo, a quem devo apresentar-vos como virgem pura*” (2Cor 11,2). Desposadas a Cristo, diz ele, *querem casar-se, tornando-se censuráveis por terem rompido o seu primeiro compromisso*. Dá o nome de compromisso, de fidelidade ao pacto. Como se dissesse: Mentiram-lhe, violaram o pacto. “*Além disso aprendem a viver ociosas.*”

Não somente aos homens ordena que trabalhem, mas também às mulheres, porque a ociosidade ensina toda espécie de maldade. Não são culpadas somente deste pecado, mas de outros. Se, portanto, não convém à mulher correr de casa em casa, muito menos à virgem. Não só “*Aprendem a viver ociosas, correndo de casa em casa; não somente elas são desocupadas, mas também loquazes, indiscretas, falando o que não devem. Desejo, pois, que as jovens viúvas se casem, criem filhos,*

dirijam a sua casa". O que acontece quando não cuida mais do esposo, e não tem solicitude pelas coisas de Deus? Tornam-se ociosas, loquazes, indiscretas. Quem não cuida de seus interesses, efetivamente se preocupará com os do próximo; e quem é solícito por seus interesses, não cuidará dos alheios. *"Falando o que não devem."* Nada mais inconveniente para a mulher do que curiosamente espiar o que respeita ao próximo; não apenas para a mulher, mas também para o homem. Seria máximo sinal de impudência e petulância. *"Desejo, pois"*, uma vez que elas querem, quero também eu que *"as jovens viúvas se casem, criem filhos, dirijam a sua casa"*; é muito melhor proceder desta forma. Com efeito, ela devia cuidar das coisas que são de Deus, guardar a fidelidade, mas visto que isto não acontece, é melhor agir assim. Desta forma, Deus não é desprezado, nem elas aprendem tais faltas. Naquela viuvez nada havia de bom; destas núpcias hão de surgir muitos bens. Assim poderá se converter o ânimo delas combalido, negligente. E por que, perguntas, ele não disse: Visto que umas viúvas caíram, será preciso empregar muito cuidado para não ficarem sujeitas ao que mencionei, e ao invés, ordena as núpcias? As núpcias não são proibidas, porque dão segurança; por esse motivo acrescentou: *"E não deem ao adversário nenhuma ocasião de maledicência (nem de queda). Porque já existem algumas que se desviaram, seguindo a Satanás"*. Reprime, pois, tais viúvas, não porque não quer viúvas jovens, mas para que não se tornem adúlteras, ociosas e curiosas, falando o que não devem, nem o diabo encontre uma oportunidade. Não teria se oposto se não houvesse algo de semelhante.

16. *Se um fiel tem viúvas em sua família, socorra-as; não se onere a Igreja, a fim de que ela possa ajudar aquelas que são verdadeiramente viúvas.*

Vês como de novo faz referência às verdadeiras viúvas, que estão sozinhas, e de parte alguma recebem alívio? Era melhor assim. Daí principalmente se originavam duas vantagens: Tinham oportunidade de fazer o bem, eram devidamente sustentadas, e a Igreja não ficava onerada. Acrescenta com razão: *"Se um fiel"*. Não era conveniente que os infiéis sustentassem as viúvas fiéis, para não parecerem necessitadas deles. E vê de que modo consola. Não disse: Socorra-as magnificamente, e sim: *"Socorra-as"*, *"a fim de que a Igreja possa ajudar aquelas que são verdadeiramente viúvas"*. Por conseguinte, existe recompensa para este auxílio; não apenas ajuda a Igreja, mas também aquelas viúvas, fazendo com que também elas sejam sustentadas mais largamente. *"Desejo, pois, que as jovens viúvas."* O quê? Que vivam entre delícias? Na luxúria? Nada disso. Mas, *"se casem, criem filhos, dirijam a sua casa"*. Acrescentou, para não pensares que as exorta a uma vida de prazeres: *"E não deem ao adversário nenhuma ocasião de maledicência"*. Deviam ser superiores às coisas mundanas; uma vez que se tornaram inferiores, que ao menos se detenham neste grau.

17. *Os presbíteros que exercem bem a presidência são dignos de uma dupla remuneração, sobretudo os que trabalham no ministério da palavra e da instrução.*

18. *Com efeito, diz a Escritura: Não amordaçarás o boi que debulha. E ainda: O operário é digno do seu salário.*

Neste trecho dá o nome de obséquio à subsistência. É o sentido do acréscimo: *"Não amordaçarás o boi que debulha"*, e ainda: *"O operário é digno do seu salário"*. Ao dizer: *"Honra as viúvas"*, refere-se à subsistência: *"Possas ajudar aquelas que são verdadeiramente viúvas"*; e ainda: *"Honra as viúvas, aquelas que são verdadeiramente viúvas"*, isto é, pobres. Tanto mais viúva quanto vive na pobreza. Apresenta as normas da Lei, apresenta as de Cristo; ambas concordes. Pois a Lei ordena: *"Não amordaçarás o boi que debulha"*. Vês como quer que o mestre labute? Não há, de fato, não há labor semelhante a este. Mas, em verdade, é pertencente à Lei. Qual a colocação de Cristo? *"O operário é digno do seu salário."* Não demos atenção só à recompensa, mas também à ordem, pois

diz: “*O operário é digno do seu sustento*” (Mt 10,10). Por conseguinte, se alguém se der aos prazeres ou ao repouso, não é digno; não é digno a não ser que seja boi que tritura, e arraste o jugo no calor entre espinhos, e não desista antes de recolher os frutos no celeiro. Deve-se, portanto, fornecer abundantemente o necessário aos mestres, para não desanimarem nem desfalecerem, nem sendo dados às coisas pequenas se privarem das grandes; praticarem obras espirituais e não cuidarem das temporais. Tais eram os levitas: não se preocupavam com coisas mundanas, porque os leigos providenciavam, e por Lei estavam estabelecidos seus salários, tais os dízimos, somas de ouro, primícias, dons votivos etc. Com efeito, era justo estabelecer estas normas, segundo se faz para aqueles que buscam os bens presentes. Eu, porém, digo que os chefes não devem ter mais do que alimento e vestes, para não serem arrastados a estes cuidados. Qual o sentido da locução: “*Dupla remuneração*”? Dupla às viúvas ou aos diáconos, ou apenas dupla honra, isto é, muita. Não somente demos atenção à dupla remuneração, mas que o Apóstolo acrescentou: “*que exercem bem a presidência*”. O que quer dizer: “*Que exercem bem a presidência*”? Ouçamos a Cristo: “O bom pastor dá sua vida por suas ovelhas” (Jo 10,11). Exercer bem a presidência é não poupar solicitude relativa a elas. “*Sobretudo os que trabalham no ministério da palavra e da instrução.*” Onde estão os que afirmam que palavra e instrução não são indispensáveis? Em verdade, ele admoesta a Timóteo sobre este assunto: “*Desvela-te por estas coisas, nelas persevera*”; e ainda: “*Aplica-te à leitura, à exortação*”. “*Assim fazendo, salvarás a ti mesmo e aos teus ouvintes*” (1Tm 4, 13.15-16). É especialmente a estes que deseja honrar, e adita o motivo: Porque suportam intenso trabalho. E com razão. Enquanto um não vigia, não se preocupa, mas mantém-se no posto com incúria e negligência, ele, solícito, se esforça aplicando-se, principalmente se ignora a língua estrangeira. Não deve gozar de maior honra que os demais, tendo se dedicado a tantos trabalhos? Está exposto a inúmeras línguas difamadoras: um incrimina, outro louva, outro ataca com ultrajes, outro infama sua memória e seus planos, e ele necessita de grande fortaleza para suportar. É grandioso, grandioso para a edificação da Igreja e assaz a corrobora serem os superiores ilustres pela doutrina. Sem isto, é grande o prejuízo das Igrejas. Por isso, enumera a qualidade de ser douto entre as demais: a hospitalidade, o discernimento, a irrepreensibilidade. Com efeito, por que é denominado mestre? Certamente, replicas, para ensinar sabedoria pelo exemplo; se esta superabunda, é desnecessário o ensinamento verbal para o progresso. E por que Paulo diz: “*Sobretudo os que trabalham no ministério da palavra e da instrução*”? Quando disserta sobre o ensino, que força tem a santidade de vida? De que palavra se trata? perguntas. Não da palavra orgulhosa, não da procedente de jactância pagã, mas da que tem grande força espiritual, prudência e está repleta de sentido. Não se precisa de palavra com eloquência, mas de inteligência, não de aparato, mas de espírito.

19. Não aceites denúncia contra um presbítero senão sob o depoimento de duas ou três testemunhas.

Acaso contra um mais jovem deve-se aceitar denúncia sem testemunhas? Contra qualquer um? Não se deve sempre, com toda exatidão proceder no julgamento? O que quer dizer? Não a respeito dos demais, diz ele, mas especialmente do presbítero. Presbítero, não pela dignidade mas pela idade, porque os mais jovens pecam mais facilmente do que os velhos. É evidente, porque a Timóteo fora confiada uma Igreja, ou antes, quase todo o povo da Ásia; por isso fala a respeito dos presbíteros.

20. Repreende os que pecam, diante de todos, a fim de que os demais temam.

Isto é, não corta imediatamente, mas examina tudo com a maior precisão. Bem informado, ataca com vigor a fim de que os outros se corrijam. É péssimo condenar temerariamente, mas não punir os pecados manifestos é abrir caminho à ousadia de cometê-los. “*Repreende*” não de qualquer forma, mas com força, e assim os demais se amedrontarão. Disse Cristo: “Vai corrigi-lo a sós contigo” (Mt

18,15), se pecar contra ti; permitiui, contudo, admoestá-lo na igreja.

E então? Não é maior escândalo admoestar diante de todos? Por quê? Cientes da impunidade do pecado, escandalizar-se-ão mais. Com efeito, se os pecadores ficam impunes, multiplicam-se os transgressores; castigados, muitos se corrigem. Assim fez Deus: Puniu em público o Faraó, e igualmente a Nabucodonosor, e vemos diversos, cidades e homens, sofrerem castigos. Ele quer que todos temam o bispo, que governa a todos. Visto que muitos casos são julgados por suspeita, diz-se: Importa haver testemunhas, que o acusem segundo a Antiga Lei: “A causa será estabelecida pelo depoimento pessoal de duas ou três testemunhas” (Dt 19,15). “*Não aceites denúncia contra um presbítero.*” Não disse: Não condeneis, e sim: “*Não aceites denúncia*”, nem o convoques a juízo. E se duas testemunhas mentirem? É raro. É lícito examinar a causa em juízo e desta forma torna-se claro. Quanto aos crimes, são suficientes duas testemunhas, porque costumam ser cometidos às escondidas, ocultamente; é sinal de apurado exame. E se o crime for evidente, sem testemunhas, mas com suspeitas? Ele afirmou acima: “*É preciso que os de fora lhe deem um bom testemunho*” (1Tm 3,7). Amemos, portanto, a Deus, com temor. Para o justo não há lei. Muitos, contudo, que praticam a virtude coagidos e não voluntariamente, ganham muito com o temor e não raro renunciam a seus desejos. Por isso ouçamos falar da geena para lucrarmos muito devido às ameaças e ao medo. Se não se formulassem as ameaças, estando os pecadores na iminência de serem ali lançados, muitos nela cairiam. Atualmente, apesar do medo que assalta nossas almas, alguns pecam com tamanha facilidade como se ela não existisse; não se falasse, nem se ameaçasse e que crimes não cometeríamos? Por este motivo, conforme sempre repito, a geena não menos que o reino revela a providência divina. A geena coopera com o reino ao impelir por temor os homens à virtude. E não consideremos desumanidade e crueldade, e sim misericórdia, grande bondade, providência, amor por nós. Omitidas as ameaças de destruição no tempo de Jonas, não teria sido impedida a ruína. Se ele não houvesse pregado: “Nínive será destruída” (Jn 3,4), Nínive não teria subsistido. Sem a ameaça da geena, talvez todos nós cairíamos na geena; sem a ameaça do fogo, ninguém talvez escaparia do fogo. Deus ameaça fazer o que não deseja, a fim de realizar o que quer. Não quer a morte do pecador, e fala em morte do pecador para não lançá-lo na morte; não demonstrou só por palavras, mas por fatos, para escaparmos. Evidenciou pelos fatos, a fim de que ninguém julgasse tratar-se apenas de ameaças, mas de eventos reais. Não te parece que o dilúvio é símbolo da geena? A ruína total pelas chuvas sinal do castigo através do fogo? Agora, “como nos dias de Noé, estavam eles casando-se e dando-se em casamento” (Mt 24,38). Predissera então com grande antecedência, e agora também prediz quatrocentos anos antes ou mais, mas ninguém dá atenção. Todos consideram tratar-se de uma fábula, todos riem, ninguém tem medo, derrama lágrimas, ou bate no peito. O rio de fogo ferve, a chama arde e nós rimos e nos deliciamos, e com ousadia pecamos. Ninguém se lembra daquele dia, ninguém pensa que as coisas presentes passam, são temporárias, embora cada dia os eventos clamem e gritem. Mortes prematuras, vicissitudes que a nós, os vivos, atingem, doenças e restantes fraquezas não nos ensinam. Observam-se não só alterações em nossos corpos, mas ainda nos próprios elementos. Em cada idade podemos meditar diariamente na morte e a instabilidade tudo caracteriza por toda parte. Nunca o inverno persiste, nem a primavera, nem o verão, nem o outono, mas tudo corre, voa e flui. O que dizer das flores? Das dignidades? Dos reis, que hoje regem e amanhã, não? Mas falarei dos ricos? Dos edifícios esplêndidos? Da noite e do dia? Do sol e da lua? Ela não diminui? O próprio sol não se eclipsa muitas vezes, ou obscurece, ou fica coberto de nuvens? Algum dos seres visíveis permanecem continuamente? Nenhum; mas somente a nossa alma, entretanto a negligenciamos. Temos grande solicitude, no entanto, pelas coisas mutáveis, como se fossem permanentes e não damos importância à que subsiste sempre, como se fosse transitória. Alguém pode fazer coisas grandiosas? Mas até

amanhã, e depois perece; é evidente nos mais poderosos, que agora já desapareceram. A vida presente é um cenário, um sonho. Do palco, retirado o aparelhamento da representação, dissolvem-se os artifícios, e com um raio solar, os sonhos todos esvoaçam; assim, quando vier a consumação, as realidades comuns e as particulares se dissolvem e desvanecem. A árvore que plantaste permanece, a casa que edificaste persiste; o artífice, porém, e o agricultor partem e perecem. E apesar disso, não tememos, mas, como se fôssemos imortais, preparamos tudo isso, deliciando-nos e entregando-nos aos prazeres.

Escuta a Salomão, experimentado acerca das realidades presentes: “Construí palácios para mim, plantei vinhedos, fiz pomares e jardins. Construí reservatórios de água. Acumulei também prata e ouro. Escolhi cantores e cantoras. Possuía rebanhos de vacas e ovelhas” (Ecl 2,4-8). Ninguém se entregou tanto aos prazeres, ninguém foi tão glorioso, ninguém tão sábio, ninguém teve tanto domínio, ninguém tão próspero, segundo seus desejos. E então? Nada lhe foi vantajoso, mas o que diz no fim? “Vaidade das vaidades, tudo é vaidade” (Ecl 1,2), não apenas vaidade, mas excessivamente. Demos crédito, suplico-vos, ao experiente e busquemos as coisas onde não há vaidade, onde há verdade, estabilidade, firmeza, tudo construído sobre a rocha, onde não há velhice, nem passagem, onde tudo floresce, tudo viceja, nada envelhece, perde o viço, tende a desvanecer. Exorto. Rogo-vos. Amemos sinceramente a Deus, não por medo da geena, mas pelo desejo do reino. Dize-me. O que se iguala à visão de Cristo? Nada. O que mais desejável do que gozar dos bens eternos? Certamente, nada. “O que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram, e o coração do homem não percebeu, isso Deus preparou para aqueles que o amam” (1Cor 2,9).

Esforcemo-nos por consegui-lo, desprezemos o restante. Não asseguramos frequentemente que a vida humana nada é? Por que te esforças para nada obter? Por que labutar por nada? Contemplas edifícios esplêndidos e engana-te o aspecto exterior. Mas logo olha para o céu. Das pedras e colunas, levanta os olhos para aquela beleza. E verás que são obras de formigas e mosquitos. O seu aspecto te leve à sabedoria. Sobe às realidades celestes; ali conhecerás moradas magníficas e verás que as outras são apenas brinquedinhos de crianças. Verificaste que, à medida que subires, o ar se torna mais sutil, mais leve e puro, mais esplêndido? Lá possuem morada e tendas os que dão esmolas. A estas, porém, na ressurreição, ou melhor, antes da ressurreição o tempo corrompe, desvanece, dissolve. Com frequência antes do tempo, quando vicejavam, um terremoto derruba, ou um incêndio consome totalmente. Não somente relativamente à idade humana, mas também aos edifícios ocorrem mortes prematuras; e muitas vezes os que pareciam vacilar pela antiguidade, continuaram de pé no terremoto, enquanto os esplêndidos, firmemente recém-construídos caíram, sacudidos somente por um trovão; e isso, por plano divino, a meu ver, para não nos orgulharmos a respeito dos edifícios. Queres também de outro modo não desanimar? Vai aos edifícios comuns, do qual és partícipe. Nenhuma casa, em verdade, nenhuma, por mais esplêndida que seja, é mais brilhante do que os edifícios públicos. Demora-te ali por quanto tempo quiseses. São teus e dos outros. São comuns, não particulares. Mas eles não deleitam, replicas. Não deleitam em primeiro lugar pelo costume, em segundo, pela avareza. Com efeito, o que deleita é a avareza, não a beleza. O prazer, portanto, vem da avareza, e da cobiça de se apropriar de tudo. Até quando estaremos presos? Até quando apegados à terra, e quais vermes revolvemo-nos no lodo? Deus nos concedeu um corpo tirado da terra para o conduzirmos ao céu, não a fim de por meio dele arrastarmos a alma à terra; ele é terreno, mas, se o quisermos, far-se-á celeste. Vê quanta honra nos concedeu, permitindo-nos obrá-lo. Eu criei, diz ele, a terra e o céu. Dou-te um poder criador, faz com que a terra se transforme em céu; é possível. Foi dito a respeito de Deus: “Que faz todas as coisas e as transforma” (cf. Am 5,8). Todavia ele deu aos homens este poder. Um pai que

ama a prole e é pintor, não quer ser pintor exclusivo, mas quer ensinar ao filho a mesma arte. Eu fiz, diz ele, o corpo belo, dou-te o poder de criar coisa melhor. Embeleza a tua alma. Eu disse: “Que a terra verdeje: ervas e árvores frutíferas” (Gn 1,11). Dize também tu: A terra produza fruto; e germinará o que quiseses operar. Faço o verão e as névoas, firmo os trovões e crio os ventos, formei o dragão para iludi-lo, isto é, o diabo. Não invejes este poder. Tu também podes iludir, se quiseses. Podes prendê-lo como a um pássaro. Por minha ordem o sol desponta sobre maus e bons. Imita também tu; dá o que é teu aos bons e aos maus. Sendo ofendido, suporto-o e beneficio os ofensores. Imitas-me também tu; tu o podes. Beneficia sem retribuição. Imita-me, não prestes benefício visando retribuição, nem recompensa. Acendi luminares no céu. Acende mais esplêndidos também tu; tu o podes. Ilumina os que estão no erro. É maior benefício conhecer-me do que ver o sol. Não podes criar um homem, mas podes fazê-lo justo e agradável a Deus. Eu criei a substância; ornamenta tu o propósito. Vê quanto te amo, dei-te poder sobre realidades maiores. Vede, caríssimos, quanta honra! E alguns estultos e ingratos dizem: Por que somos senhores do livre-arbítrio? Seriam impossíveis todas as coisas supramencionadas, nas quais podemos imitar a Deus, se não fosse o livre-arbítrio. Dou ordens, diz ele, aos anjos; e tu também através das primícias. Sento-me num trono real; e tu assenta-te comigo por meio das primícias. “Com ele nos ressuscitou e nos fez assentar nos céus” à direita do Pai (cf. Ef 2,6). Adoram-te os Querubins e Serafins, todas as Virtudes angélicas, Principados, Potestades, Tronos, Dominações por causa das primícias. Não acuses o corpo que usufrui de tal honra, que faz tremer até as Virtudes incorpóreas. Mas o que direi? Não somente por isso demonstro meu amor, mas também por aquilo que sofri. Por tua causa suportei escarros e bofetadas, despojei-me da glória, deixei o Pai e vim a ti que me tinhas ódio e aversão, nem querias ouvir meu nome. Fui perseguido e corri para te prender. Uni-me a ti, aderi a ti. Come e bebe a mim, disse. E te seguro no alto, e abraço-te embaixo. Não te basta que tenha no alto tuas primícias? Não consola este desejo? Ainda descí à terra, não somente me uno a ti, mas te abraço. Sou comido, humilho-me, abaixo-me para que haja muita mescla e união. Os que se unem, detém-se em seus limites; eu, porém, contigo me entrelaço. Não quero que doravante haja distância; desejo que de dois se façam um. Cientes disso, e de sua providência para conosco, façamos tudo o que possa manifestar não sermos indignos de seus grandes dons. Possamos todos nós atingi-lo pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA SEXTA HOMILIA

5,21. *Conjuro-te, diante de Deus e do Senhor Jesus Cristo e dos anjos eleitos, que observes estas regras sem preconceitos, nada fazendo por favoritismo.*

22. *A ninguém imponhas apressadamente as mãos, não participes dos pecados de outrem. A ti mesmo, conserva-te puro.*

23. *Não continues a beber somente água; toma um pouco de vinho por causa de teu estômago e de tuas frequentes fraquezas.*

O Apóstolo, após falar acerca dos bispos, dos diáconos, dos homens e das mulheres, das viúvas, dos presbíteros, etc. e mostrar quais os poderes do bispo, ao dissertar sobre o julgamento, acrescentou: “*Conjuro-te, diante de Deus e do Senhor Jesus Cristo, e dos anjos eleitos, que observes estas regras sem preconceitos, nada fazendo por favoritismo*”. E admoesta severamente. Pelo fato de Timóteo ser um filho bem-amado, não receou fazê-lo. O que não se envergonhara de dizer a respeito de si próprio:

“A fim de que não aconteça que, tendo proclamado a mensagem aos outros, venha eu mesmo a ser reprovado” (1Cor 9,27), muito menos receou acerca de Timóteo, nem se corou de proferir. Invoca com razão por testemunhas o Pai e o Filho. Mas por que também os anjos eleitos? Por suma condescendência. Igualmente Moisés assim dizia: “Eu tomo hoje o céu e a terra como testemunhas contra vós” (Dt 4,26), por suma moderação diante do Senhor; e ainda: “Que as colinas ouçam tua voz, ouvi fundamentos da terra” (Mq 6,2). Invoca por testemunhas de suas palavras o Pai e o Filho, justificando-se em relação ao dia que há de vir, e apagando algo que tivesse feito contra o dever. *“Que observes estas regras sem preconceitos, nada fazendo por favoritismo.”* Isto é, que tenhas procedimento comum e justo em relação aos acusados *“sem preconceitos, nada fazendo por favoritismo”*. Quais são os anjos eleitos? Alguns não o eram? Igualmente Jacó invoca por testemunha a Deus, e o monumento de pedra. Nós ainda tomamos por testemunhas simultaneamente pessoas mais importantes e algumas menos. Tão grande coisa é o testemunho! Diria o Apóstolo: Invoco por testemunhas Deus e seu Filho e seus servos, daquilo que te ordenei; diante deles te ordeno. Atemoriza a Timóteo. E depois de dizer isso, adicionou o mais oportuno, que congrega principalmente a Igreja, a saber, as ordenações. *“A ninguém imponhas apressadamente as mãos, não participes dos pecados de outrem.”* O que significa: *“Apressadamente”*? Não depois da primeira, nem da segunda ou terceira prova, mas após teres frequentemente observado e examinado com exatidão, porque a questão não é isenta de perigo. Com efeito, terás também tu que lhe conferiste a dignidade, castigo de seus pecados, tanto passados quanto futuros. Por teres de modo inoportuno perdoado os primeiros, serás culpado também dos futuros, de sorte que respondas por eles, visto que lhe conferiste a dignidade; e dos passados, porque não lhe deste tempo de chorá-los e arrepender-se.

Partícipe das boas obras, também participas dos pecados. *“A ti mesmo, converva-te puro.”* Refere-se à castidade. *“Não continues a beber somente água; toma um pouco de vinho por causa de teu estômago e de tuas frequentes fraquezas.”* Se, porém, exorta a um homem tão dado a jejuns que durante tanto tempo bebera só água a ponto de se enfraquecer, e frequentemente se sentira mal, que seja casto, e ele aceita o aviso, muito mais nós, ao recebermos alguma advertência, não devemos levar a mal. Por que o Apóstolo não lhe fortificou o estômago? Não por impossibilidade, mas por planejar algo de grande. Aquele cujo manto ressuscitava mortos, é claro que teria tal poder. Por que, então, não o fez? A fim de não nos escandalizarmos agora pela doença de pessoas importantes e virtuosas. Seria de proveito a Timóteo. Quando o próprio Paulo foi entregue a um anjo de Satanás, a fim de não se encher de soberba (cf. 2Cor 12,11), muito mais Timóteo. Poderiam os milagres levá-lo à arrogância. Permitiu que recebesse o remédio das normas, para ser humilde. Os demais não se escandalizassem e entendessem que homens de natureza igual à nossa realizavam obras preclaras. Além disso, parece-me que esteve sujeito à doença ainda por outro motivo. Paulo o indica, lembrando as frequentes fraquezas do estômago e outras, sem no entanto permitir que ele se fartasse de vinho, mas apenas quanto favorecesse à saúde e não ao prazer.

24. *Existem homens cujos pecados são evidentes, antes mesmo do juízo, ao passo que os de outros só o são após.*

Estando a dissertar sobre as ordenações, disse: *“Não participes dos pecados de outrem”*. E se eu os ignorar? – pergunta. *“Existem homens cujos pecados são evidentes, antes mesmo do juízo, ao passo que os de outros só o são após.”* Alguns são evidentes porque precedem; outros não, mas vêm em seguida.

25. *Do mesmo modo as boas obras são evidentes; e as outras, não se podem manter ocultas.*

6,1. *Todos os que estão sob o jugo da escravidão devem considerar os seus próprios senhores como dignos de todo respeito, para que o nome de Deus e a doutrina não sejam blasfemados.*

“Devem considerar dignos de todo respeito.” Não te julgues livre por seres fiel. Esta liberdade seria maior servidão. Se o infiel notar que eles por causa da fé se orgulham, muitas vezes blasfemarão, como se a doutrina fosse causa de sedição; verificando, porém, que são obedientes, mais depressa convencer-se-á, atenderá às palavras. De fato, se não obedecem, Deus e a pregação serão blasfemados. Mas, perguntas, se os senhores forem infiéis? Mesmo neste caso deve submeter-se por causa do nome de Deus.

2. *Os que têm senhores fiéis não os desrespeitem, por serem irmãos; ao contrário, que os sirvam ainda melhor, porque são fiéis e amados, que merecem seus bons serviços.*

Como se dissesse: Se mereceste a grande honra de terdes irmãos por senhores, mais ainda deves obedecer. “Antes mesmo do juízo”, isto é, aqui umas obras más ficam escondidas, outras não, enquanto lá, nem as más nem as boas permanecem ocultas. O que significa: “Antes mesmo do juízo”? Quando alguém cometer pecados, que já o condenem, e não quiser se corrigir, conquanto se esperava que se corrigisse, nada de bom opera. Por que motivo esta palavra? Porque, embora alguns aqui fiquem escondidos, no além tudo será descoberto e evidente. Grande consolo para os que procedem retamente. Em seguida, tendo dito: “nada fazendo por favoritismo”. Para interpretá-lo, teve de acrescentar: “Todos os que estão sob o jugo da escravidão”. E isso importa ao bispo? – perguntas. Muito, certamente. Ele deve admoestar, ensinar. Com razão formula estes preceitos. Com efeito, vemos que o Apóstolo em toda parte dá mais ordens aos servos do que aos senhores, mostrando os modos de sujeição, com os respectivos motivos. Exorta os escravos a se sujeitarem com grande mansidão; aos senhores, contudo, a mitigarem o temor. “Sem ameaças” (Ef 6,9). E qual o motivo desses preceitos? Não ordena ao se tratar de infiéis. Não precisava falar aos que não atendessem. E por que aos fiéis? Porque o senhor mais doa aos escravos do que os escravos ao senhor. Eles gastam ouro para fornecer o necessário, comprar roupa, prover ao restante. Por conseguinte, são os senhores que prestam maior serviço. O Apóstolo o sugere nesta passagem: “Porque são fiéis e amados, que merecem seus bons serviços”. Labutam e afligem-se em prol de vosso sossego; não devem os servos prestar-lhes honras? Se o Apóstolo exige tal obediência dos escravos, pensai no afeto que devemos ao Senhor, que nos criou do nada, nutriu, vestiu. Se não for possível de outro modo, ao menos sirvamos como os escravos. Eles não passam toda a vida a procurar tranquilidade para o senhor, em prover aos interesses dele, consistindo nisto a sua ocupação? Não se preocupam o dia todo com eles, e aos próprios somente pequena parte da tarde? Nós, ao invés, sempre atentos aos nossos, damos aos do Senhor pequena parte; e isso apesar de não necessitar ele de nosso serviço quanto os senhores precisam da prestação dos escravos. Até estes ofícios para nós revertem em lucro. Ali o ministério do criado é útil ao patrão; aqui, porém, o ministério do criado reverte em lucro para ele e em nada para o Senhor. “Não precisas de meus bens” (cf. Sl 16,2). Dize-me. Quando sou justo, qual o lucro para Deus? Qual o prejuízo, se injusto? Sua natureza não é imortal, inalterável? Superior a todo sofrimento? Os criados não têm posses, mas tudo é do senhor, por mais que se enriqueçam; nós, contudo, temos muito de próprio, e não recebemos tal honra simplesmente da parte do Rei do universo. Que patrão deu o próprio filho em favor do criado? Nenhum; mas preferiam dar os criados em prol dos filhos. Em nosso caso é o contrário: Deus não poupou o próprio Filho, mas entregou-o por todos nós, seus inimigos, que o odiavam. Os servos recebem ordens pesadas e não se irritam, sobretudo se são gratos; nós, porém, suportamos mal inúmeras vezes. O patrão não promete aos servos o que Deus nos prometeu. O que prometeu? A liberdade presente, que muitas vezes é mais onerosa do

que a própria escravidão. Não raro sobrevém a fome, a liberdade, o máximo dom se tornou mais amarga do que a escravidão. Da parte de Deus nada de passageiro, de corruptível. E então, de que modo? Queres saber? Escuta. “Já não vos chamo servos, mas sois meus amigos” (Jo 15,15).

Envergonhemo-nos, irmãos, temamos. Ao menos sirvamos o Senhor segundo procedem os servos para conosco. Ou antes, oferecemos a mínima parte daquela escravidão? Eles são coagidos a ser prudentes, recebendo apenas agasalho e alimento; nós, contudo, que possuímos ou aguardamos inúmeros bens, injuriamos o nosso benfeitor por causa dos prazeres. Se não de outra parte, ao menos deles recebamos normas de sabedoria. A Escritura, de fato, não costuma remeter os homens aos servos, mas aos insetos, por exemplo, mandando imitar a abelha, as formigas. Eu rogo apenas que imites os servos; realizemos nós por temor de Deus o que eles fazem por medo. Não descobrimos em vós este procedimento. Eles por receio sofrem mil afrontas, e calam-se mais do que os filósofos. Com justiça ou injustamente são ultrajados e não contradizem, mas suplicam, muitas vezes sem terem cometido mal algum. Não recebem mais do que o necessário, às vezes até menos, e contentam-se; e quando se deitam na esteira, tendo comido somente pão, um regime vil, não se queixam, não se irritam, por medo. Devolvem íntegro o dinheiro que lhes for confiado. Não me fales dos servos malvados, mas dos que não são muito perversos. Ameaçados, logo se contêm. Não é verdadeira sabedoria? Não me digas que agem coagidos, porque a ti também insta necessariamente a geena; nem assim te corriges, não prestas a Deus a honra que recebes dos escravos. Cada escravo tem morada fixa e não invade o domicílio do próximo, nem se corrompe pela cupidez de ter mais. A qualquer um é possível isto observar nos escravos, por medo do dono; raramente verás um escravo tirar ou estragar algo de outro. Entre os homens livres, no entanto, verificarás o oposto. Mordemos, devoramo-nos mutuamente, não tememos o Senhor, em sua presença roubamos o bem de um companheiro, furtamos, batemos. Um escravo não o faria. Se bate, fá-lo na ausência do dono. Se ultraja, que ele não ouça. Nós, entretanto, ousamos agir desse modo, apesar de Deus tudo ver e ouvir. Eles têm sempre diante dos olhos o temor do senhor; nós, jamais. Por isso todas as coisas se revolucionam, confundem e estragam; e nem ao menos cogitamos de nossos pecados. Se os escravos falham, examinamos com pormenores, até as mínimas coisas. Não o digo a fim de tornar preguiçosos os criados, mas para nos convertermos da sonolência, acordarmos da negligência. Sirvamos o Senhor, ao menos como os criados nos servem. Ao Criador, como a nós as criaturas da mesma natureza, e que nada receberam de nós. Por natureza, elas igualmente são livres. “Dominem sobre os peixes” (Gn 1,26), foi-lhes dito também a elas. A escravidão não é natural, mas provém de determinadas causas e circunstâncias, no entanto, prestam-nos grande honra. Nós, porém, com grande insistência exigimos deles o serviço, mas a Deus não prestamos a mínima parte de nosso ministério, apesar de toda a utilidade daí proveniente. Quanto mais diligentemente servirmos a Deus, tanto mais vantagens retiraremos. Não nos privemos de tamanho proveito. Deus se basta e de nada precisa; mas nos devolve a recompensa e o lucro. Reconheçamos, portanto, suplico-vos, que não somos úteis a Deus, mas a nós mesmos, e sirvamos com temor e tremor, a fim de conseguirmos os bens prometidos em Cristo Jesus nosso Senhor, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA SÉTIMA HOMILIA

6,2. *Eis o que debes ensinar e recomendar.*

3. *Se alguém ensinar uma outra doutrina e não concorda com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e com a doutrina conforme a piedade*

4. *é porque é cego, nada entende, é um doente à procura de controvérsias e discussões de palavras. Daí nascem inveja, brigas, blasfêmias, más suposições,*
5. *altercações intermináveis entre os homens de espírito corrupto e desprovidos de verdade, supondo que a piedade é fonte de lucro. Foge destas coisas.*
6. *A piedade é de fato grande fonte de lucro, mas para quem sabe se contentar.*
7. *Pois nós nada trazemos para o mundo, nem coisa alguma dele podemos levar.*

O mestre precisa não apenas de autoridade, mas também de grande suavidade, não só de suavidade, mas também de autoridade. Tudo isto ensina São Paulo, ora dizendo: *“Eis o que debes prescrever e ensinar”* (1Tm 4,11), ora: *“Eis o que debes ensinar e recomendar”*. Se os médicos não atendem os doentes a recuperarem eles próprios a saúde, mas a fim de libertá-los da doença e levantá-los da cama, muito mais assim devemos agir para com os discípulos, e exortá-los. São Paulo não recusa ser servo deles, conforme diz: *“Não pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus. Quanto a nós mesmos, apresentamo-nos como vossos servos por causa de Jesus”* (2Cor 4,5) e ainda: *“Tudo é vosso; Paulo, Apolo”* (1Cor 3,22). E suporta de bom grado esta servidão. De fato, não é servidão, mas é melhor do que a própria liberdade. *“Quem comete o pecado, diz-se, é escravo”* (Jo 8,34). *“Se alguém ensinar uma outra doutrina e não concorda com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e com a doutrina conforme a piedade, é porque é cego, nada entende.”* Não é a ciência que ensoberbece, e sim a ignorância. O conhecedor da doutrina conforme a piedade, sabe especialmente portar-se com humildade; não está doente aquele que concorda com as sãs palavras. A arrogância causa nas almas o que, nos corpos, um tumor. Afirmamos que não é sadio um inchaço nem os espiritualmente arrogantes. Pode acontecer que alguém conheça algo e nada saiba, porque quem desconhece o que deve saber, nada sabe. Evidencia-se que a soberba nasce da ignorância pelo seguinte: Cristo humilhou-se a si mesmo (Fl 2,8) e, portanto, quem o sabe jamais se orgulha. O homem nada tem, na realidade, senão o que recebeu de Deus; por isso, não se exaltará. *“Que é que possuis que não tenhas recebido?”* (1Cor 4,7). Cristo lavou os pés dos discípulos. Quem ciente disto se exaltará? Por isso disse: *“Quando tiverdes feito tudo, diz o evangelho: Somos servos inúteis”*. Somente pela humildade o Publicano agradou a Deus, e o Fariseu pereceu pela arrogância. Quem, portanto, se orgulha nada sabe. O próprio Cristo disse ainda: *“Se falei mal, mostra em que; mas se falei bem, por que me bates?”* (Jo 18,23). *“É um doente à procura de controvérsias.”* Ora, sem dúvida. Questiona a alma que arde na febre das cogitações, e é sacudida pela tempestade. Quando está com saúde, não discute, mas acolhe a fé. Nada se descobre por meio de *“controvérsias e discussões de palavras”*. Se a discussão assume o que somente a fé pode prometer, não o revela, nem deixa entender. Se alguém quer encontrar algo, procurando com os olhos fechados, não conseguirá; ou também se, com olhos abertos, estiver num subterrâneo, e procurar aí, longe dos raios solares, não poderá encontrar. Assim, sem a fé nada se encontra, mas necessariamente surgirão lutas. *“Daí nascem blasfêmias, más suposições.”* Isto é, opiniões e doutrinas perversas se originarão das discussões. Então, ao disputarmos, suspeitamos a respeito de Deus o que não convém. *“Altercações”*, isto é, ócio, ou conflitos. Ou *diaparatribai*, discussões violentas, quer dizer o seguinte: Se ovelhas sarnentas, esfregarem-se em outras, contagiam as sadias; assim também acontece com os homens malvados. *“Entre os homens desprovidos de verdade, supondo que a piedade é fonte de lucro.”* Viste ele assegurar quanto geram as altercações? Lucro torpe, ignorância, arrogância, pois a ignorância gera arrogância. *“Foge destas coisas.”* Não diz: Recua, e sim: *“Foge”*, isto é, Envergonha-te. *“Depois de uma primeira e de uma segunda admoestação, nada mais tens a fazer com um homem herege”* (Tt 3,16). Assevera que eles permanecem ignorantes não tanto devido à ignorância, mas por preguiça. Quando conseguirás

persuadir os homens que disputam por dinheiro? Aliás, não os convencerás a não ser que lhes deres mais uma vez. Nem deste modo conseguirás satisfazer-lhes a ambição. “Aos olhos do ávido a sua porção não o sacia” (Eclo 14,9). Deve-se incutir-lhes pudor porque são incorrigíveis. Se àquele que tem grande necessidade de combater, o Apóstolo persuade a não recuar nem atracar o inimigo, quanto mais a nós, discípulos. Tendo dito que eles consideram a piedade um lucro, acrescentou: *“A piedade é de fato grande fonte de lucro, mas para quem sabe se contentar”*; não se tiver dinheiro, mas se não o possuir. Estimula-o e anima-o a fim de não se entristecer por causa da pobreza. *“Supondo que a piedade é fonte de lucro.”* É, de fato; não assim, mas muito mais. Em seguida, havendo primeiro rejeitado aquele caso, então exalta a este. É evidente que não há lucro neste caso, porque as riquezas ficam aqui na terra, não emigram conosco, nem nos acompanham na viagem. Onde se comprova isto? Pelo fato de termos vindo a este mundo sem nada ter; nosso físico veio despido, despido parte daqui. Por conseguinte, não precisamos do supérfluo; se nada trouxemos, partiremos sem nada.

8. Se, pois, temos alimento e vestuário, contentemo-nos com isso.

Convém ingerir a quantidade de alimentos e a qualidade suficientes para nos nutrir. Revestir roupas que bastem para cobrir e ocultar a nudez, nada de supérfluo; até uma veste ruim pode fazê-lo. Por isso adverte acerca dos bens presentes:

9. Ora, os que querem se enriquecer

Não disse simplesmente: Os ricos, mas: *“Os que querem se enriquecer”*. É possível haver alguém que possua riquezas, que as administre retamente, as despreze, e distribua aos pobres. Ora, não o reprova, e sim os ambiciosos. *“Ora, os que querem se enriquecer”*

caem em tentação e cilada do diabo e em muitos desejos insensatos e perniciosos, que mergulham os homens

Enunciou corretamente: *“Mergulham”*, de forma que não podem escapar.

na ruína e perdição.

10. Porque a raiz de todos os males é o amor do dinheiro, por cujo desenfreado desejo alguns se afastaram da fé, e a si mesmos se afligem com múltiplos tormentos.

Eis que coloca dois pontos: Em último lugar o que lhes parecia mais forte: *“Múltiplos tormentos”*. Só o vizinho de homens ricos entende quanto lhes pesa, quanto deploram sua sorte.

11. Tu, porém, ó homem de Deus,

Grande dignidade, pois todos são homens de Deus, mas propriamente trata-se dos justos, não só em razão da criação, mas também pela familiaridade. Se és homem de Deus, diz ele, não procures o supérfluo, que não conduz a Deus, mas

foge destas coisas. Segue a justiça,

Intencionalmente, ambas as coisas. Não disse: Afasta-te e aproxima-te, e sim: *“Foge. Segue a justiça”*, para não teres ambição.

a piedade,

relativa aos dogmas,

a fé,

contrária ao questionamento;

o amor, a perseverança, a mansidão.

12. *Combate o bom combate da fé, conquista a vida eterna,*

Eis a recompensa.

para a qual foste chamado, como o reconheceste numa bela profissão de fé diante de muitas testemunhas.

Isto é, não te cores daquela ousadia. Por que trabalhas inutilmente? Quais as tentações e as ciladas que sofrem, conforme ele afirma, os que querem enriquecer? Fazem com que eles se afastem da fé, lançam-nos em perigos, e ficam menos audazes. “*Desejo desenfreado.*” Como não será desenfreado, se os estultos, os anões não têm mãos para serviços humanitários, mas para superstições? Encerram peixes em aquários, alimentam feras, ocupam-se de cães, ornamentam cavalos, e tanto quanto as crianças dedicam-lhes afeto? Tudo estulto e supérfluo; nada necessário, nada útil. “*Desejos insensatos e perniciosos.*” Quais os perniciosos? Os amores absurdos, a cupidez do alheio, os prazeres excessivos, a embriaguez, os desejos de matar e prejudicar o próximo. Muitos por estes amores foram sujeitos à tirania e se perderam. Com efeito, tal homem labuta por coisas inúteis, ou antes, prejudiciais. E disse com justeza: “*Afastaram-se da fé*”. A cobiça, atraindo os olhares, não lhes permite ver o caminho, e os arrasta insensivelmente. Como alguém que, ingressando no caminho reto, mas tem o ânimo voltado para outra parte, avança, de fato, mas, sem advertir, vai além da cidade à qual se dirigia, arrastando os pés em vão, inutilmente. Tal é a cobiça. “*E a si mesmos se afligem com múltiplos tormentos.*” Vês o que sugere? “*E a si mesmos se afligem*”? Quer revelá-lo através de uma ênfase. Aqueles desejos são espinhos, e quando alguém os toca, as mãos sangram e ficam feridas. O mesmo padece quem cai na cupidez, que inflige dores à alma. Quantas preocupações pensas que tenham os que nelas incidem? Dize-me. É inexprimível. Por isso diz: “*Foge destas coisas. Segue a justiça, a fé, o amor, a perseverança, a mansidão*”. Do amor surge a mansidão. “*Combate o bom combate.*” Aqui louva sua confiança e fortaleza, porque, diz ele, com ousadia tudo confessaste. Relembra também sua catequese: “*Conquista a vida eterna*”. Não é necessária apenas a profissão, mas também a paciência, para perseverar sempre na profissão, apesar da intensidade do combate e de inúmeros suores, certamente, para não serem derribados; muitos são os escândalos, os obstáculos. Por isso o caminho é estreito e apertado. Em toda parte, portanto, é preciso estar bem munido, sempre cingido para a luta. Em toda parte se veem inúmeros prazeres atraindo os olhos da alma, prazeres do corpo, do dinheiro, das delícias, da preguiça, da glória, da ira, do poder, da ambição. Têm bela aparência, e são aprazíveis, de sorte que atraem os que os admiram, que não amam assaz a verdade. Esta, de fato, é severa e não causa prazer. Por quê? Porque promete todo prazer futuramente; aqueles, contudo, já oferecem honras, prazeres, repouso, não verdadeiros, mas falsos. Se alguém, portanto, é iliberal, mole, covarde, há de aderir a eles, evitando o labor em prol da virtude. Assim também nas lutas mundanas, quem não aspira pelas coroas, logo se entrega aos convívios e à embriaguez; assim procedem os lutadores covardes e tímidos. Os que, contudo, visam às coroas, suportam inúmeras chagas; nutrem-se e animam-se com a esperança dos bens futuros.

Fujamos, pois, da raiz dos males, e evitaremos tudo isto. “*A avareza é a raiz.*” Paulo falou; ou melhor, Cristo por intermédio de Paulo. Vejamos de que forma. A própria experiência o atesta. Que mal não trouxe o dinheiro? Ou antes, não o dinheiro, mas a intenção perversa dos que não sabem utilizá-lo. Com efeito, era possível utilizá-lo bem, herdar o reino por meio dele. Agora, porém, o dom recebido para subsídio dos pobres, para libertação dos pecados, para glória e agrado de Deus, nós o usamos contra os pobres infelizes, ou antes, contra nossa própria alma e em ofensa a Deus. Alguém roubou o dinheiro do próximo, lançou-o na pobreza, e a si próprio na morte. Consumou ali a pobreza, e para si preparou eterno suplício. Acaso não são correspondentes? Que males não provocam? Não é a

cupidez? Não são as rapinas? Não os gemidos, as inimizades, as lutas, as disputas? Não estendem as mãos até contra os mortos? Não contra os pais e irmãos? Não subvertem a lei natural, os preceitos de Deus etc., excitados por esta cupidez? Os tribunais não foram estabelecidos por este motivo? Aparta, portanto, o amor do dinheiro e cessará a guerra, cessarão os combates, as inimizades, os litígios e as disputas. Os avaros, perniciosos, lobos, deviam ser expulsos das cidades. Como certos ventos contrários violentos que incidem num mar tranquilo, agitam-no das profundezas, de sorte que a areia do fundo se mistura aos vagalhões de cima, assim os cobiçosos tudo revolucionam. Nenhum cobiçoso conhece um amigo. Por que me refiro a um amigo? Não conhece o próprio Deus; fica louco, dominado por esta cupidez. Não vês aqueles Titãs avançarem com uma espada na mão? São figuras da loucura. Estes, porém, não são figuras, mas verdadeiros loucos e insanos; se lhes puseres às claras a alma, vê-la-ás munida, não de um, ou dois, mas de inúmeros gládios, sem conhecer pessoa alguma, irados contra todos, pulando em cima de todos, ladrando contra todos, não matando cães, mas almas humanas, e com enormes blasfêmias contra o céu. Uma subversão total, ruína completa por causa da loucura das riquezas. Não sei a quem acusar. A peste atacou a todos, a uns mais, a outros menos, mas a quase todos. E como uma chama, incidindo numa floresta, devasta e desola tudo, assim também ela arruinou o mundo: reis, príncipes, particulares, pobres, mulheres, homens, meninos, todos igualmente apegados a este mal. Em uma obscuridade difusa em todo o orbe, ninguém se corrige. Emitem-se incriminações inúmeras contra a cobiça, em particular e em público, mas em parte alguma há emenda. O que fazer? Como extinguir a chama? É possível apagá-la, mesmo se subir até o céu. Basta querer, e havemos de dominar a chama. Como aumentou voluntariamente, pela vontade será afastada. Não foi nossa escolha que a excitou? A mesma poderá extingui-la; basta querer. Como atuará a vontade? Se virmos algo de vão e supérfluo, que conosco não possa passar à outra vida, que por vezes até aqui nos abandona, que fiquem na terra. As chagas, porém, infligidas por elas passem conosco. Se virmos muitas riquezas haver ali, se conferirmos estas com aquelas e parecerem mais insignificantes do que o lodo, se considerarmos que estão sujeitas a mil perigos, que o prazer é temporário, mesclado a tristezas, se contemplarmos cuidadosamente as riquezas da vida eterna, poderemos desprezá-las. Se virmos que nada nos auxiliam em vista da glória, da saúde ou outro bem qualquer, mas ao contrário precipitam na ruína e perdição e se souberes que, se fores rico na terra e tiveres muitos súditos, depois partirás daqui, sozinho e despojado. Se proferirmos estas coisas frequentemente, e as ouvirmos de outrem, talvez gozaremos de saúde, e escaparemos daquele grave suplício. A pérola é bela? Mas pondera que é água marinha, e que estava mergulhada no seio do mar outrora. O ouro e a prata são belos. Mas reflete que foram e são pó e cinza. Bonitas são as vestes de seda, mas são tecidas por vermes. Trata-se de opinião e preconceito humano, não de beleza natural. Pois as coisas belas por natureza não precisam de mestres. Tu, porém, se vires uma moeda de cobre dourado, primeiro admirarás julgando ser ouro; mas se os peritos te instruírem que se trata de fraude, com a fraude dissipa-se a admiração. Vês que não tem beleza natural. Mas, nem a prata? Pois se vires estanho, admirarás como se fosse prata. Consideraste o cobre como ouro, e precisaste de peritos para saberes o que admirar. Assim não nos bastam os olhos para o conhecimento. As flores são tais, mas de longe os superam. Se contemplares uma rosa, não precisas de perito, mas sabes por ti mesmo distingui-la da anêmona; também as violetas, lírios e outras flores. Nada mais é do que um preconceito, e o preconceito é doença perniciosa. Vamos. Dize-me. Se agradar ao Imperador decretar uma lei que a prata é mais preciosa do que o ouro, não haveis de alterar imediatamente a apreciação e o amor? A este ponto obedecemos sempre à avareza e à opinião. E visto que é assim, certas coisas também são estimadas pela raridade e não pela natureza. Há frutos que entre nós são vis e preciosos na Capadócia; e daquelas coisas que entre nós são valiosas algumas ainda são mais preciosas na região dos citas, de

onde nos vêm tais vestes. Na Arábia, fértil em aromas, e na Índia, onde há pedras preciosas, encontram-se muitas dessas coisas. São preconceitos, apreciação humana. Não agimos razoavelmente, mas em vão e ao acaso. Arrependamo-nos enfim de tal embriaguez, vejamos os verdadeiros bens, o que é naturalmente belo, a saber, a piedade e a justiça, a fim de alcançarmos os bens prometidos, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA OITAVA HOMILIA

6,13. *Eu te ordeno, diante de Deus, que dá a vida a todas as coisas, e do Senhor Jesus Cristo, que deu testemunho diante de Pôncio Pilatos numa bela profissão de fé;*

14. *guarda o mandamento imaculado, irrepreensível, até a aparição de nosso Senhor Jesus Cristo,*

15. *que mostrará nos tempos estabelecidos o Bendito e único Soberano, o rei dos reis e Senhor dos senhores,*

16. *o único que possui a imortalidade, que habita uma luz inacessível, que nenhum homem viu, nem pode ver. A ele, honra e poder eterno! Amém!*

Novamente invoca a Deus por testemunha, conforme aconteceu um pouco acima, simultaneamente aumentando o temor e a segurança do discípulo e mostrando que não são preceitos humanos. De certo modo recebendo do próprio Senhor o mandamento e sempre tendo em mente de quem ouviu o testemunho, tal lembrança abale o ânimo. “*Eu te ordeno, diante de Deus, que dá a vida a todas as coisas.*” Eis um apoio diante dos perigos e uma lembrança da ressurreição. “*E de Cristo Jesus, que deu testemunho diante de Pôncio Pilatos.*” De novo o mestre começa com uma exortação. Diz o seguinte: Assim como ele fez, deveis também vós proceder. Deu testemunho a fim de seguirmos suas pegadas na bela profissão. Ele o faz na Carta aos Hebreus, nesses termos: “Com os olhos fixos naquele que é o autor e o realizador da fé, Jesus, que, em vez da alegria que lhe foi proposta, sofreu a cruz, desprezando a vergonha, e se assentou à direita do trono de Deus”. E ainda: “Considerai, pois, aquele que suportou tal contradição por parte dos pecadores, para não vos deixar fatigar pelo desânimo” (Hb 12,2-3). Assim também agora se porta para com o discípulo. Seria como se dissesse: Não temas a morte, porque és servo de Deus, que a todas as coisas pode vivificar. Qual a bela profissão a que se refere? A resposta à interrogação de Pilatos: “Então, tu és rei?”. E ele confessa: “Para isto vim ao mundo”. E ainda: “Para dar testemunho da verdade” (Jo 18,17). Eis que estes me ouviram. Ou porque assim fala ou porque respondeu ao ser interrogado se era Filho de Deus: “Vós dizeis que eu sou!” (Lc 22,70). E atestou e confessou muitas outras coisas. “*Guarda o mandamento imaculado, irrepreensível, até a aparição de nosso Senhor Jesus Cristo*”, isto é, até a morte, até a partida. Mas não o declarou, e sim: “*Até a aparição*”, antes para estimulá-lo. Qual o sentido de: “*Guarda o mandamento imaculado*”? Sem contrair mácula nem na doutrina, nem no estilo de vida. “*O que mostrará nos tempos estabelecidos o Bendito e único Soberano, o rei dos reis e Senhor dos senhores, o único que possui a imortalidade, que habita uma luz inacessível.*” De quem isto estava falando? Do Pai, ou do Filho? Certamente do Filho. “*Que mostrará nos tempos estabelecidos o Bendito e único Soberano.*” Novamente para consolo, para não se admirar, nem temer os reis terrenos. “*Nos tempos estabelecidos*”, isto é, adequados, oportunos; a fim de não te aborreceres porque ainda não veio. E donde se conclui que ele aparecerá? Porque é poderoso, pois é o único poderoso. Por conseguinte mostrará aquele Bendito, a própria bem-aventurança. Proferiu estas coisas indicando que ali nada existe de triste, de desagradável. Disse: “*O único*” para distinguir dos homens, ou porque é ingênito.

Nós igualmente o dizemos muitas vezes a respeito dos homens que queremos exaltar. “*O único que possui a imortalidade.*” De que modo? O Filho não a possui? Não é a própria imortalidade? Não é consubstancial com o Pai? “*Que habita uma luz inacessível.*” É uma luz, e outra a luz que ele habita? Então o circunscrevemos? De modo algum. Não é no intuito de o pensarmos, mas a fim de declarar a incompreensível natureza divina que declara: “*Habita uma luz inacessível*”, exprimindo-se como é possível acerca da divindade. Vês quanto é fraca a linguagem ao querer proferir algo de grandioso? “*Que nenhum homem viu, nem pode ver. A ele, honra e poder eterno! Amém!*” Expressou-se aqui de modo conveniente e necessário a respeito de Deus. Como o tomara por testemunha, dissertou muito sobre esta, a fim de mais estimular o discípulo. Isto é, a ele glória. Somente isto podemos enunciar, só isto fazer, sem indagações inúteis sobre o que é. Seu poder é eterno, não temas. Embora agora não se exerça, é sempre honra, sempre poder.

17. Aos ricos deste mundo, exorta-os a que não sejam orgulhosos.

Disse bem: “*Deste mundo*”. De fato, existirão outros ricos no futuro. Faz esta exortação porque sabe que nada gera fausto, arrogância e soberba quanto as riquezas. Em seguida, logo os adverte, nesses termos:

nem coloquem sua esperança na instabilidade da riqueza,

que gera arrogância; ao invés, quem espera em Deus, não se exalta. Por que esperas naquilo que de repente se altera? Com efeito, assim são as riquezas. E por que colocas a esperança em quem não podes confiar? Como poderão não se orgulhar? – perguntas. Se verificarem que as riquezas são instáveis, vacilantes. Se verificarem quanto a firme esperança em Deus supera todas as riquezas, se entenderem que Deus é também o autor delas.

mas em Deus vivo, que tudo provê com abundância para que nos alegremos.

Disse com exatidão: “*Tudo com abundância*”, indicando as estações do ano, o ar, a luz, a água etc. Vês quanta afluência e com que abundância o oferece? Se procuras riquezas, procura as permanentes, firmes, oriundas das boas obras. Ele o declara:

18. que eles façam o bem, se enriqueçam com boas obras, sejam pródigos, capazes de partilhar.

Uma coisa é a riqueza, outra a caridade. Partilhar, ser afáveis e mansos.

19. Estarão assim acumulando para si mesmos um belo tesouro para o futuro,

Nada de incerto ali, onde a base é firme, nada instável, mas tudo firme, imóvel, inabalável, perpétuo.

a fim de obterem a vida eterna.

O exercício das boas obras nos introduz neste gozo.

20. Timóteo, guarda o depósito.

Não o diminuas; não é teu. Foram-te confiados bens alheios.

evita o palavreado vão e ímpio e as contradições de uma falsa ciência,

Expressiu-se bem. Onde não há fé, não há ciência. Quando algo se origina das próprias cogitações, não há ciência. Ou talvez assim falou porque alguns se denominavam gnósticos, como melhor conhecedores do que os demais.

21. pois alguns, professando-a, se desviaram da fé.

Vês que de novo admoesta a não se unirem a eles? “*Evita as contradições.*” Há contradições que não merecem resposta. Por quê? Porque rejeitaram a fé e não a deixam firme e forte. Não devemos

aderir a esta ciência, mas à fé, pedra inquebrantável. Nem os rios, nem os ventos que irromperem, poderão nos fazer mal. Estamos de pé sobre a pedra inabalável. Igualmente nesta vida, se escolhermos o verdadeiro fundamento, ficaremos de pé sem nada sofrer. Nada de grave sofrerá quem escolhe estas riquezas e seguir a claridade, a glória, a honra e o gozo. Tudo firme, imutável. As realidades presentes variam, sujeitas às vicissitudes. O que queres? A glória? “Sua glória não descerá com ele” (Sl 49,18); muitas vezes o abandona ainda durante a vida. Não são desta espécie as que respeitam à virtude, mas todas permanecem. Na terra, um homem poderoso e ilustre pode tornar-se vil enquanto um dentre os súditos recebe o poder. Um rico atacado por ladrões, ou por caluniadores e fraudulentos, de repente se torna pobre. Ora, os nossos bens não são tais. Ninguém poderá arruinar a virtude de um homem prudente e vigilante. Ninguém transformará em particular ou súdito o poderoso, senhor de si. Pesquisa qual o principado maior. O que adianta, pergunto, governar todas as gentes e ser escravo das paixões? Qual o prejuízo de não governar para quem é superior à tirania das paixões? É liberdade, império, reino, poder. O outro caso é escravidão, até mesmo para quem estiver coroado de inúmeros diademas. Qual a utilidade do diadema, se for dominado por uma multidão interna, a saber, a cobiça, a luxúria, a ira e as paixões? A tirania das paixões é maior quando nem a coroa liberta de tal submissão. Se um rei for escravizado por bárbaros e eles, exibindo maior poder, não lhe tirarem a púrpura nem o diadema, mas mandarem carregar água, cozinhar, e prestar outros serviços, constitui maior honra para eles e ignomínia para o rei. Os vícios mais nos ameaçam do que estes bárbaros. E quem os desprezar, zombará destes bárbaros; quem, contudo, se sujeitar, sofrerá mais gravemente do que da parte de bárbaros. O bárbaro vencedor atormenta o corpo; os vícios torturam a alma, e dilaceram-na inteiramente. O bárbaro vencedor, mata o cativo; estes, porém, entregam à morte futura. Somente é livre aquele que tem a liberdade interior; servo quem sucumbe aos afetos irracionais. Nenhum senhor, por pior que seja, dá ordens tão ferozes e cruéis: Inutilmente, diz ele, e sem motivo causa opróbrio a tua alma, ofende a Deus, ignora a própria natureza; contra pai ou mãe, afasta toda vergonha, levanta-te contra eles. Preceitos da cobiça: Oferece-me sacrifícios, não de novilhos, mas de homens. O profeta, de fato, disse: “*Sacrifica homens, pois faltam novilhos*” (Os 3,2). Eles não dizem isto, mas, embora haja novilhos, ordenam: Imola homens, sacrifica embora não te tenham danificado, mesmo se te beneficiaram, mata. Ainda: Sê inimigo, percorre todas as partes como inimigo universal, até da própria natureza, até de Deus. Acumula ouro, não para utilizá-lo, mas para guardá-lo, e aumentares teu tormento. Não é possível àquele que ama as riquezas que delas goze. Pois teme que o ouro diminua, que o tesouro se esgote. Vigia, suspeita de todos, familiares e amigos; sê guarda do próximo. Se vires um pobre morrendo de fome, nada lhe dês; ou antes, se puderes, tira-lhe a pele. Perjura, mente, jura, acusa, calunia; apesar de estar no mesmo fogo, não recuses, mesmo se tiver de sofrer inúmeras mortes, morrer de fome, lutar com a doença. A cobiça não promulga tais leis? Sê petulante e impudente, despuído e audaz, celerado, malvado, ingrato, insensível, sem amizade, irreconciliável, sem afeto, parricida, mais fera do que homem. Supera as serpentes em crueldade, o lobo em rapacidade, vence sua fereza natural; se deves chegar à malignidade dos demônios não recuses; ignora o benefício. Não o diz e é atendida?

Deus, porém, ordena o contrário: Sê amigo de todos, manso, amado por todos, a ninguém ofendas em vão e inutilmente, honra o pai, honra a mãe, goza de boa fama, não seja homem, mas anjo. Nada profiras de torpe, nada de falso; nem penses nisto. Auxilia o indigente, não roubes nos negócios, não sejas injurioso, nem ousado; e ninguém ouve. Acaso não é justo infligir a geena? Não é merecido o fogo e o verme que nunca morre? Como nos jogaremos num precipício? Até quando andaremos sobre espinhos? Até quando nos fixaremos com cravos e agradeceremos? Somos submissos a cruéis tiranos, rejeitamos o Senhor benigno, que nada diz de molesto, nada de bárbaro, nada de duro, de inútil, mas

tudo útil, conferindo-nos muito lucro e emolumentos. Levantemo-nos enfim, convertamo-nos, arrependamo-nos, amemos a Deus, como devemos, para sermos dignos dos bens prometidos àqueles que o amam, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo, glória, império, honra, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

HOMILIAS SOBRE A SEGUNDA CARTA A TIMÓTEO DE SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, PADRE DA IGREJA, ARCEBISPO DE CONSTANTINOPLA

PRIMEIRA HOMILIA

1,1. *Paulo, apóstolo de Jesus Cristo, por vontade de Deus, segundo a promessa da vida que está em Cristo Jesus,*

2. *a Timóteo, meu filho amado: graça, misericórdia e paz da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Senhor.*

Por que escreveu Paulo a Segunda Carta a Timóteo? Havia dito: “Espero encontrar-te dentro em breve” (1Tm 3,14), mas não lhe foi permitido. Consola-o por carta, quando ele estava triste talvez por ter falhado o encontro, e já assumira o governo. Mesmo os grandes homens, ao assumirem o leme e o governo de uma Igreja passam por novas provações, de toda parte submersos nas ondas dos problemas, principalmente quando se acham no início da pregação, em terreno ainda inculto, cheio de inimigos, e oposição. Não só, mas ainda havia heresias da parte dos mestres judeus, conforme se subentende da primeira Carta. Não apenas o consola por carta, mas o chama para junto de si, nesses termos: “*Procura vir me encontrar o mais depressa possível*”. E: “*Traze-me, quando vieres, os livros, especialmente os pergaminhos*” (2Tm 4,9.13). A meu ver, escreveu esta Carta próximo do fim, pois disse: “*Já fui oferecido em libação*”. “*Na primeira vez em que apresentei a minha defesa ninguém me assistiu*” (2Tm 4,6.16). Após, consola-o por meio de suas provações: “*Paulo, apóstolo de Jesus Cristo, por vontade de Deus, segundo a promessa da vida que está em Cristo Jesus*”. Logo desde o início o anima. Não relembres os perigos presentes. Eles nos grangeiam a vida eterna, onde não existem e a qual afugenta a dor, a tristeza e os gemidos. Cristo não nos nomeou apóstolos somente em vista de enfrentarmos perigos, mas também de morrermos, e padecermos. Tendo em mira que a menção de seus males não ocasionava consolo, mas crescia a dor, começa pelo primeiro: “*Segundo a promessa da vida que está em Cristo Jesus*”. Se é promessa, não procures a realização aqui na terra: “*Ver o que se espera, não é esperar*” (Rm 8,24). “*A Timóteo, meu filho amado.*” Não apenas: “*Filho*”, mas: “*Filho amado*”. Existem filhos não amados, mas não és um destes; nem te denomino filho apenas, mas filho amado. Chama os gálatas de filhos, mas a respeito deles se condói: “*Meus filhos, por quem eu sofro de novo as dores do parto*” (Gl 4,19). Presta o máximo testemunho sobre a virtude de Timóteo, denominando-o: “*Amado*”. De que modo? Se o amor não provém da natureza, vem da virtude. Nossos filhos são amados não somente pela virtude, mas também por dever natural. Os filhos amados, segundo a fé, são queridos por causa da virtude. E como ainda? Paulo especialmente nada fazia por inclinação natural. Além disso, ao dizer: “*Filho amado*”, indica que não foi por ira, desprezo ou reprovação que deixou de ir ter com ele.

“*Graça, misericórdia e paz da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Senhor.*” Deseja-lhe agora o mesmo que anteriormente. Vê que logo se justifica por não ter ido. As expressões: “*Esperando a minha chegada*”, e: “*Esperando encontrar-te dentro em breve*” (1Tm 4,13 e 3,14), davam-lhe esperança de sua próxima visita. Assim, logo se justifica. E não expõe imediatamente a causa, a fim de não lhe provocar intensa dor. Era prisioneiro de César. Por fim, ao chamá-lo para junto de si, revela a situação. No início não o entristece, mas dá-lhe esperanças de revê-lo. “*Desejo ardentemente rever-te*”; e: “*Procura vir me encontrar o mais depressa possível*” (2Tm 1,4 e 4,8). Logo no começo o

anima e prossegue com um elogio.

3. *Dou graças a Deus, a quem sirvo em continuidade de meus antepassados, com consciência pura, quando sem cessar, noite e dia, me recordo de ti em minhas orações.*

4. *Lembrado de tuas lágrimas, desejo ardentemente rever-te, para encher-me de alegria.*

“Dou graças a Deus”, porque me lembro de ti; a tal ponto eu te amo. É exuberância de caridade amar tão ardentemente que se sinta enaltecido pela amizade do discípulo. “*Dou graças a Deus, a quem sirvo.*” De que modo? “*Em continuidade de meus antepassados, com consciência pura.*” Mal algum pesava em sua consciência. Aliás, refere-se aqui ao estilo de vida; e em seus escritos consciência significa o estilo de vida. Ou quer dizer: Nada de bom que desejei origina-se de motivo humano, nem mesmo quando fui perseguidor. Por isso diz: “Mas obtive misericórdia, porque agi por ignorância, na incredulidade” (1Tm 1,13). Como se dissesse: Não suspeites maldade alguma. Com razão recomenda seus costumes a fim de atestar acerca da caridade. Quer dizer: Não minto, não externo coisa diferente do que tenho em mente. Nessa ocasião se enaltece por necessidade, conforme indica no livro dos Atos. Ao ser caluniado como sedicioso e inovador, declarava: “Disse-me Ananias: ‘O Deus de nossos pais te predestinou para conheceres a sua vontade, veres o Justo e ouvires a voz saída de sua boca, pois debes ser sua testemunha diante de todos os homens do que viste e ouviste’” (At 22,14-15). Assim neste trecho, para não parecer esquecido, desprovido de amizade e consciência, com justeza elogia-se: “*Quando sem cessar, noite e dia, me recordo de ti*”, não de qualquer forma, mas “*em minhas orações*”, isto é, quando me prostro em oração e nisto passo o tempo todo. Manifesta-o ao dizer: “*Noite e dia*” rogo a Deus, “*desejando ardentemente rever-te*”. Vês o ardente anelo? A loucura do amor? A humildade? A justificação diante do discípulo? Em seguida, aponta que não o faz simplesmente, sem motivo. Acima já o denotou e agora o declara, pois diz: “*Lembrado de tuas lágrimas*”. É provável que, distante, o discípulo chorasse e gritasse mais do que a criancinha arrancada do peito, privada do leite materno. “*Desejo ardentemente rever-te, para encher-me de alegria.*” Jamais dispensaria tamanho gozo, mesmo se fosse insensível, cruel, ferino; a lembrança de tuas lágrimas ter-me-ia dobrado. Ora, não sou desta espécie, mas sirvo a Deus com pureza. Muitos motivos a ti forçosamente me atrairiam. Não obstante, ele chorava. Aduz mais um incentivo:

5. *Evoco a lembrança da fé sem hipocrisia que há em ti,*

Em seguida, acrescenta outro encômio. Não era oriundo de pagãos, nem de infiéis, mas de uma casa que há muito servia a Cristo.

a mesma que habitou primeiramente em tua avó Loide, e em tua mãe Eunice

De fato, ele era filho de uma judia fiel. Judia? Fiel? Não era da gentilidade. Mas o pai era gentio e por causa dos judeus que havia nestas paragens, Paulo o tomou e o circuncidou. Constatas por esta mescla que começava a abolição da Lei? E observa quanta comprovação de que não a menosprezava. Disse: Sirvo a Deus, tenho a consciência reta, e tu te lamentas. Não (desejo rever-te) só em atenção a tuas lágrimas, mas por causa da fé que possuis, por seres ministro da verdade, sem dolo. Uma vez que és merecedor de amor, benévolo, genuíno discípulo de Cristo, e eu sou afeiçoado, do número dos que se preocupam com a verdade, o que me impede de ir a teu encontro?

e que, estou convencido, reside também em ti.

Há muito estás de posse deste bem, a “*fé sem hipocrisia*” que recebeste de teus maiores. Participamos dos elogios aos antepassados, porque a eles unidos; se deles nos afastamos, são inválidos, e até, ao contrário, mais nos condenam. Por isso acrescentou: “*Estou convencido, reside também em ti*”. Não suponho, mas: “*Estou convencido*”, persuadido. Se isto alcançaste, não, contudo,

por motivos humanos, nada te abalará.

6. *Por este motivo eu te exorto a reavivar o dom de Deus que há em ti pela imposição das minhas mãos.*

Vê a informação de se achar ele assaz triste e abatido. Pouco falta para dizer: Não penses que te desprezei, mas fica ciente de que não te abandonei, nem me esqueci de ti; pensa ao menos em tua avó e tua mãe. Exorto, considerando tua fé sem hipocrisia; mas, de fato, precisas de ânimo para reavivares em ti a graça de Deus. O fogo precisa de lenha, e a graça, para continuar sempre ardente, de nossa diligência. “*Por este motivo eu te exorto a reavivar o dom de Deus que há em ti pela imposição das minhas mãos*”, isto é, a graça do Espírito, que recebeste para governar a Igreja, realizar milagres e exercer o culto. Está em nosso poder extingui-la ou reavivá-la e por isso ordena em outra passagem: “Não extingais o Espírito” (1Ts 5,19). Extingue-se pela preguiça e negligência, e excita-se pela vigilância e atenção. Está em ti, mas empenha-te em que seja mais ardente, isto é, cheia de confiança, gáudio, alegria. Age virilmente.

7. *Pois Deus não nos deu um espírito de medo, mas um espírito de força, de amor e de sobriedade.*

Isto é, não recebemos o Espírito a fim de nos furtarmos, mas para agirmos com confiança. A muitos ele impôs angústia, conforme nas guerras mencionadas nos livros dos Reis: “A eles sobrevém o temor” (Ex 15,16), isto é, incutiu-lhes medo. A ti, ao invés, deu o “*espírito de força e de amor*” a ele dedicado. É proveniente da graça, apesar de não ser simplesmente da graça. Cumpramos antes a nossa parte. O Espírito que faz com que clamemos: “*Abba, Pater*”, infunde-nos o amor a Deus e ao próximo. Diz que nos amemos mutuamente. Apartado o temor, da força nasce a caridade. Coisa alguma tanto dissolve a amizade quanto o medo e o receio de traição. “*Pois Deus não nos deu um espírito de medo, mas um espírito de força, de amor e de sobriedade.*” Dá o nome de sobriedade à mente e à alma sadias. Ou: sobriedade quer dizer: procedamos sobriamente. Diante de acontecimento grave, sejamos sóbrios e cortemos o supérfluo. Não nos irriteemos por um fato molesto. Sobriedade! “Não te apavores no tempo da adversidade” (Eclo 2,2). Muitos sentem tristezas domésticas, e participamos deste sofrimento, embora não dos motivos. Um se entristece por causa da mulher, outro do filho, outro do escravo, outro do amigo, outro do inimigo, outro do vizinho, outro por algum prejuízo. Variadas, diversas são as causas de tristeza. Em resumo, ninguém se encontra inteiramente livre de pesares; uns mais, outros menos. Não nos aborreçamos, nem julguemos sermos os únicos pesarosos.

É impossível nesta vida passageira evitar aborrecimentos. Se não hoje, amanhã; se não amanhã, depois. Quem embarca para viagem por alto-mar não se mantém despreocupado; assim, nesta vida ninguém está livre de aflições, mesmo um rico, pois não lhe faltam ocasiões de cobiça. Até o próprio rei que, também ele, depende de muitos, e não realiza tudo o que quer. Deve fazer concessões variadas a contragosto e é em geral quem mais age contra a própria vontade. Por quê? Porque muitos são os que buscam extorquir-lhe as posses. Considera, porém, a sua aflição ao querer atuar e não conseguir, por medo, suspeita, por causa dos inimigos ou aos amigos. Frequentemente num empreendimento, a multidão dos adversários rouba-lhe todo o gosto da ação.

Mas, então? Julgas que os despreocupados não sentem amargura nesta vida? Não é bem assim. Não existe homem imortal, nem isento de cuidados. Quantos não sofrem porque não têm com quem falar, mas apenas percebem a realidade por si? Quantos desejariam mil vezes morrer, apesar de estarem no meio das delícias e dos prazeres? O prazer não exime completamente da tristeza; ou antes, o próprio prazer produz infinitas contrariedades, doenças, fastio; após, muitas vezes por nada. Com tal

constituição, a alma costuma aborrecer-se sem motivo. Com efeito, ensinam os médicos que um estômago indisposto ocasiona tristezas ineptas. Não acontece aborreceremo-nos, sem sabermos o porquê? Enfim, não encontrarás homem algum isento de pesares; quem não tem tanta ocasião de desgosto quanto nós, supõe possuí-la, e que as suas incomodidades são maiores do que as alheias. Os que sentem dor em alguma parte do corpo, pensam estarem mais doloridos do que o próximo. Quem está com um olho enfraquecido, julga não haver doença igual à sua. Ainda, o doente do estômago assegura que o seu mal é o pior de todos. E a cada um atingido por qualquer moléstia, esta é a mais incômoda que existe. Assim, relativamente à tristeza, supõe cada um que o domina a maior de todas. Julga-o segundo experiências particulares. Por exemplo, quem não tem filhos opina que nada é pior que a esterilidade. Ao invés, o pobre que possui muitos filhos, de nada tanto se queixa quanto do número deles. Ao pai de um filho único, nada pior do que ter apenas um. Ele é preguiçoso, e angustia o pai, que continua a amá-lo e não percebe melhoria. O possuidor de uma bela esposa, declara nada pior do que a mulher formosa, porque, em verdade, tal situação está repleta de suspeitas e ciladas. Se é feia, o marido afirma que é péssimo, sumamente desagradável. Para um particular, nada mais inútil vil do que a presente vida. O soldado assegura que coisa alguma é mais laboriosa e perigosa do que a milícia; é melhor passar a pão e água do que suportar tais tribulações. O governador não encontra atividade mais penosa do que atender às necessidades dos súditos; o súdito, nada mais servil do que submeter-se a um poder alheio. O homem casado considera péssimo ter esposa e preocupações; o solteiro julga ser indigno do homem livre não se casar e privar-se de uma casa e de tranquilidade. O negociante apregoa que o agricultor é feliz, porque se encontra em lugar seguro; o agricultor assegura que é feliz o negociante por causa das riquezas. Em suma, o gênero humano nunca está contente, mas sempre queixoso e contrariado. Afirma, simultaneamente a todos condenando: O homem nada é; o mundo inteiro está sujeito a trabalhos e aflições. Quantos admiram a velhice? Quantos asseguram ser feliz a juventude? A própria idade é fonte de imensa tristeza. Censurados porquanto jovens, interrogamos: Por que não somos velhos? Ao contrário, quando a cabeça se cobre de cãs, perguntamos: Que resta da juventude? Enfim, apresentam-se-nos inúmeras ocasiões de desgosto. Um só é o caminho que elimina tal anomalia, a saber, o da virtude. Ou antes, também nele a dor está presente, apesar de não ser inútil, mas proveitosa e lucrativa. Alguém peca, e apaga o pecado pela dor da compunção; ou fica pesaroso pela queda de um irmão, e por isso merece grande recompensa, pois compadecer-se da infelicidade alheia acarreta-nos grande confiança junto de Deus.

Escuta a reflexão da divina Escritura a respeito de Jó. Ouve também o dito de Paulo: “Chorai com os que choram”; e: “Sentindo-vos solidários com os mais humildes” (Rm 12,13.16). A solidariedade com os aflitos costuma aliviar-lhes o peso da dor. Relativamente aos fardos, quem partilha o peso presta socorro ao onerado em sua solidão; o mesmo acontece nos restantes casos. Atualmente, por ocasião da morte de um de nossos parentes, muitas pessoas sentam-se perto, consolam. Com frequência levantamos o asno caído; no entanto, diante da queda espiritual de nossos irmãos, ocupamo-nos menos do que com um asno; passamos adiante e desprezamos. E, ao notarmos que um despudorado entra numa taverna, não o impedimos, nem que se embriague; e preferimos cooperar em ação indigna. Por isso Paulo assegurava: “Eles não só as fazem, mas ainda aplaudem os que as praticam” (Rm 1,32). E muitos associam-se na bebida e embriaguez. Ó homem, associa-te na desistência da loucura da embriaguez. São atitudes belas e amáveis para os detidos, os aflitos. Paulo deu aos coríntios tais preceitos: “Deste modo não se esperará a minha chegada para se fazerem as coletas” (1Cor 16,2). Agora, porém, fazemos o possível em prol da embriaguez, das delícias e do prazer. Em comum leito, mesa, vinho, despesas; ninguém, contudo, dá esmola em comum. Sinais de amizade existiam no tempo dos apóstolos; todos os bens eram apresentados em ofertas. Eu, porém,

não ordeno que se dê tudo, mas uma parte. “No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de lado o que conseguir poupar” (1Cor 16,2), uma espécie de tributo pelos sete dias, e o ofereça; e assim se dê a esmola, muito ou pouco. “Ninguém compareça de mãos vazias perante o Senhor” (Ex 23,15) era ordenado aos judeus; quanto mais a nós? Os pobres estão diante da porta (da igreja) para que ninguém ingresse desprovido. Venha contigo uma esmola. Entras a fim de obteres misericórdia; compadece-te primeiramente. O último a chegar dá mais; nós começamos, o seguinte dará mais. Faze de forma que Deus se torne devedor; depois suplica. Empréstas e depois reclama, para receberes com juro. Deus quer, não recusa. Se pedes trazendo contigo a esmola, alcançarás favor. Se rogas dando esmola, empréstas e recibes juro. Sim, exorto-vos. Não seremos ouvidos por meio das mãos estendidas. Não estendas as mãos para o céu, mas para as mãos dos pobres. Se as estenderes às mãos dos pobres, tocarás o mais alto dos céus. Aquele que lá está sentado recebe a esmola. Se estendes mãos estérteis, nada lucrarás. Dize-me. Se, suplicante, o rei revestido da púrpura se aproximasse de ti, não lhe darias tudo de bom grado? Em nosso caso, porém, não se trata de um rei terreno, mas do celeste, que te pede por intermédio dos pobres e ficas parado com desprezo, diferindo a dádiva? Que suplício não mereces? Não somos atendidos por meio das mãos estendidas, nem pela abundância de palavras, mas pelas obras. Escuta o profeta: “Quando estendeis as vossas mãos, desvio de vós os meus olhos; ainda quando multipliqueis a oração, não vos ouvirei” (Is 1,15). Deve calar, e não renovar o olhar para o céu aquele que precisa de misericórdia; apenas o homem que adquiriu confiança profere muitas palavras. Mas o que diz? “Buscai o direito. Fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva!” (Is 1,17) Assim seremos ouvidos, até mesmo se deixarmos cair as mãos, calados, sem petições. Sejamos êmulos destas atitudes, a fim de conseguirmos os bens prometidos.

SEGUNDA HOMILIA

1,8. *Não te envergonhes, pois, de dar testemunho de nosso Senhor, nem de mim, o seu prisioneiro; pelo contrário, participa do meu sofrimento pelo evangelho, confiando no poder de Deus,*

9. *que nos salvou e nos chamou com uma vocação santa, não em virtude de nossas obras, mas em virtude do seu próprio desígnio e graça. Essa graça, que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos,*

10. *foi manifestada agora pela aparição de nosso Salvador, Jesus Cristo.*

Nada é pior do que querer julgar e medir com raciocínios humanos as realidades divinas. Quem o tentasse resvalaria para longe da rocha e privar-se-ia da luz. Se quisesse captar com olhos humanos os raios do sol, não apenas não perceberia, nem conseguiria seu intento, mas cairia com imenso dano; tanto mais pretender atingir a luz inacessível através de raciocínios, seria sujeitar-se a estes males e ultrajar o dom de Deus. Observa que Marcião, Manes e Valentino, e todos os restantes que introduziram na Igreja de Deus heresias e dogmas perniciosos, tendo tratado com raciocínios humanos as realidades divinas, foram confundidos no tocante ao mistério da encarnação. No entanto, ela, quero dizer, a cruz de Cristo é digna da maior glorificação. Prova alguma de seu amor aos homens é tão grande. O céu, o mar, a terra, a criação do nada etc. não se equiparam à cruz. Por esse motivo, Paulo nela se gloria, dizendo: “Quanto a mim, não aconteça gloriar-me senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo” (Gl 6,14). Mas os homens carnais, que a Deus não atribuem mais do que aos homens, levam uma queda e cobrem-se de vergonha. Por isso mais acima Paulo exorta ao discípulo e por meio dele a todos, nesses termos: “*Não te envergonhes, pois, de dar testemunho de nosso Senhor*”. Isto é, não te envergonhes de anunciar o crucificado, ou melhor, gloria-te. Com efeito, a morte, os cárceres, os

vínculos por si ocasionam vergonha e opróbrio; mas se alguém acrescentar por que motivo, e encarar com justeza o mistério, descobrirá serem causa de grande glória e respeito. Aquela morte preservou o mundo que se achava perdido; aquela morte uniu o céu à terra, dissolveu a tirania do diabo, transformou os homens em anjos e filhos de Deus; aquela morte introduziu a nossa natureza ao trono real; aqueles vínculos converteram a muitos. *“Não te envergonhes, pois, de dar testemunho de nosso Senhor, nem de mim, o seu prisioneiro; pelo contrário, participa do meu sofrimento pelo evangelho.”* Isto é, não te envergonhes de padecer de igual maneira. Deduz-se das sugestões supramencionadas: *“Pois Deus nos deu um espírito de força, de amor e de sobriedade”* (v.7), e da subsequente: *“Pelo contrário, participa”*, isto é, não apenas não te envergonhes, mas cuida de não corares. E não disse: Não temas, nem te apavores, mas antes sê ousado: *“Não te envergonhes”*, como se acabassem os perigos desde que desistisses de envergonhar-te. O pudor tem só isto de molesto: Ser por ele dominado. *“Não te envergonhes”*, portanto, uma vez que eu, que ressuscito mortos, faço inúmeros milagres, percorro o orbe, agora estou preso, pois não sou prisioneiro como um criminoso, mas por causa do crucificado. Meu Senhor não se envergonhou da cruz, nem eu, dos vínculos. E com razão, admoestando-o a não se envergonhar, primeiro relembra a cruz. Se não te envergonhas da cruz, diz ele, nem te envergonhes dos vínculos; se nosso Senhor e mestre suportou a cruz, muito mais nós devemos tolerar as cadeias. Quem se envergonha do que ele sofreu, também se cora do crucificado. Não é por minha causa, diz ele, que carrego essas cadeias. Nada de fraquezas humanas. Participa delas, *“participa do meu sofrimento pelo evangelho”*; ele não quer dizer que o evangelho provoca sofrimento, e sim estimular o discípulo a sofrer em prol do evangelho. *“Confiando no poder de Deus, que nos salvou e nos chamou com uma vocação santa, não em virtude de nossas obras, mas em virtude do seu próprio desígnio e graça. Essa graça, que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos.”* Visto que era duro dizer: *“Participado meu sofrimento”*, novamente o consola nesses termos: *“Não em virtude de nossas obras”*, isto é, não julgues que suportas por tua própria força, e sim pelo poder de Deus. A ti cabe escolher e diligentemente receber, a Deus compete aliviar e dar repouso. Em seguida, enuncia também os indícios de seu poder. Pensa, diz ele, como foste salvo, como foste chamado, conforme diz em outra passagem: *“Ao que é poderoso para realizar por nós”* (Ef 3,20). Assim, persuadir a todo o orbe resultava de poder maior do que criar o céu. De que maneira chamou *“com uma vocação santa”*? Transformou em santos os que eram pecadores e inimigos; e isto não por nossa virtude, por dom de Deus. Ele é poderoso para chamar e bondoso pela graça, e não por dever, ou a fim de ser temido. Salvou-nos pela graça porque precisávamos de salvação e apesar de sermos inimigos; vendo-nos atuar, não haverá mais ainda de cooperar? *“Não em virtude de nossas obras, mas em virtude do seu próprio desígnio”*. Isto é, sem que ninguém obrigasse ou aconselhasse, mas por seu próprio desígnio, impelido por sua bondade, nos salvou. É o sentido da frase: *“Mas em virtude do seu próprio desígnio e graça. Essa graça, que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos.”* Isto é, sem princípio estas coisas foram prefiguradas em Cristo Jesus, para serem cumpridas. Não é pequena coisa ter querido há muito e não após uma mudança. O Filho não era eterno? Ele o quis desde o princípio. *“Foi manifestada agora pela aparição de nosso Salvador, Jesus Cristo.”*

ele não só destruiu a morte, mas também fez brilhar a vida e a imortalidade pelo evangelho,

Viste a virtude, viste o dom, não o resultado das obras, mas através do evangelho? Tal é a esperança: Em seu corpo ambas se realizaram, mas no nosso ainda será. De que modo? *“Pelo evangelho.”*

11. *para o qual eu fui constituído pregador, apóstolo e doutor dos gentios.*

Por que frequentemente se diz doutor dos gentios? Querendo persuadir, conforme disse, ser necessário aproximar-se dos gentios. Não fiques abatido por causa de meus padecimentos; os nervos da morte se degradaram. Não sofro como malfeitor, mas para instrução dos gentios. Ao mesmo tempo torna fidedigna sua palavra.

12. *Eis por que sofro estas coisas. Todavia não me envergonho porque eu sei em quem coloquei a minha fé, e estou certo de que ele tem poder para guardar o meu depósito, até aquele dia.*

“Todavia não me envergonho.” Acaso, diz-me, devia envergonhar-se dos vínculos, dos padecimentos? Por conseguinte, *“Não te envergonhes”*. Vês como ministra a doutrina por meio das obras. Sofro estas coisas, diz ele, fui lançado no cárcere, repellido: *“Estou certo de que ele tem poder para guardar o meu depósito, até aquele dia”*. O que quer dizer: *“Depósito”*? A fé, a pregação. Ele conservará intacto o depósito. Tudo sofro para que aquele tesouro não seja espoliado; não sinto vergonha enquanto a fé for conservada intacta. Denomina depósito os fiéis, que o próprio Deus depositou, ou que ele depositou junto de Deus. Eis, diz ele, que vos recomendo ao Senhor, isto é, não será inutilmente. E Timóteo me mostra o fruto do depósito. Vês que ele não pensa mal devido ao que espera acerca dos discípulos? O doutor deve ser tal que cuide dos discípulos e os considere como tudo para si. *“Agora estamos reanimados, porque estais firmes no Senhor”*; e ainda: *“Pois, quem é, senão vós, a nossa esperança, a nossa alegria, a coroa de glória, diante de nosso Senhor Jesus Cristo?”* (1Ts 2,19). Vês como é solícito a respeito disto, e não se preocupa menos com os interesses dos discípulos do que com os seus? Convém que os mestres superem os pais naturais e sejam mais ardentes. E os filhos lhes devem afeto. Ordena: *“Obedecei aos vossos dirigentes, e sede-lhes dóceis; porque velam pessoalmente sobre as vossas almas, e disso prestarão contas”* (Hb 13,17). Diz-me. Ele está exposto a tantos perigos, e tu não queres obedecer-lhe, embora seja para teu bem? Embora ele disponha retamente do que é seu, enquanto as tuas coisas não estiverem em bom estado, continua aflito e sofre penas duplas. Reflete, porém, como é pesado, cheio de angústias, prestar contas de cada súdito. Que honra queres exhibir? Que obséquio é comparável àqueles perigos? Mas não iguala o que proferes, pois ainda não deste a vida, enquanto ele deu a sua por ti. E se aqui na terra com o tempo não a der, lá a perderá. Tu, contudo, não queres te submeter nem por palavras. É esta a causa dos males, porque desapareceu o que compete prestar aos dirigentes. Não há pudor, nenhum temor. *“Obedecei aos vossos dirigentes, e sede-lhes dóceis.”* Atualmente está tudo revolucionado, desordenado. Não o digo por causa dos dirigentes. O que lucrarão com a honra que lhes prestamos, a não ser que sejamos dóceis? Mas é para vosso bem. Eles, de fato, respeitados embora, nada ganharão futuramente, mas servir-lhes-á de maior condenação. Se ofendidos, não serão lesados no futuro; alcançarão mais ampla defesa. Quisera que tudo fosse para vosso bem. Quando os dirigentes são honrados pelos súditos, é proferido contra eles as palavras dirigidas a Heli: *“Eu me escolhi da casa de teu pai”*; ofendidos, porém, como Samuel, diz-se: *“Não é a ti que eles rejeitaram, mas a mim”* (1Sm 2,28; 8,7). Por conseguinte, o ultraje foi lucro para eles, e a honra um ônus. Não é, portanto, por causa deles que assim me exprimo, mas para vosso bem. Quem respeita o sacerdote, honra a Deus; quem costuma desprezar o sacerdote, com o correr do tempo, também ofenderá a Deus. *“Quem vos recebe, a mim me recebe”* (Mt 10,40); e: *“Recebe seus sacerdotes com honras”*. Os judeus menosprezavam a Deus porque haviam desprezado a Moisés, queriam apedrejá-lo. Quem respeita o sacerdote, ainda mais respeitará a Deus. Seja o sacerdote um malvado; Deus, que vê respeitares um indigno em sua honra, recompensar-te-á. Com efeito, *“Quem recebe um profeta na qualidade de profeta, receberá a recompensa própria de um profeta”* (Mt 10,41); e igualmente quem honra, cede, obedece a um sacerdote. Ao se tratar de hospitalidade, receberás grande recompensa quando recebes um desconhecido; sujeitar-te àquele a

quem Deus o quer, muito mais. “Os escribas e fariseus estão sentados na cátedra de Moisés. Fazei, portanto, e observai tudo quanto vos disserem. Mas não imiteis as suas ações” (Mt 23,2-3). Acaso ignoras o que é o sacerdote? É um anjo do Senhor. Acaso ele profere o que retira de si? Se o desprezas, não é a ele que desprezas, mas a Deus que o ordenou sacerdote. E donde se prova que Deus o ordenou? Se, portanto, não julgas deste modo, tua esperança se tornou vã. Se Deus não atua por meio dele, não és batizado, não participas dos mistérios, não gozas das bênçãos; portanto não és cristão.

Entretanto, replicas, acaso Deus ordena a todos, até mesmo os indignos? Não é Deus que ordena a todos, mas opera por meio de todos, mesmo quando indignos, para a salvação do povo. Falou por meio da jumenta, por Balaam, homem malvado, em favor do povo (cf. Nm 22); realiza muito mais através do sacerdote. O que não opera Deus em prol de nossa salvação? O que não fala? Por intermédio de quem não atua? Se operou por meio de Judas, e por aqueles que profetizavam, aos quais diz: “Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade” (Mt 7,23); e por outros que expulsavam demônios, muito mais haverá de realizar através dos sacerdotes. Efetivamente, se quisermos examinar a vida dos dirigentes, instituiremos os doutores, e tudo ficará revirado: pés para cima, cabeça para baixo. Escuta a palavra de Paulo: “Quanto a mim, pouco me importa ser julgado por vós ou por um tribunal humano” (1Cor 4,3); e ainda: “Por que julgas teu irmão?” (Rm 14,10). Se importa não julgar um irmão, muito mais a um mestre. Se foi Deus que o preceituou, fazes bem, ou antes, pecas, se não o praticas; se não, não ouses, nem saltes por cima da cerca. Fundido o bezerro de ouro, insurgiram-se Coré, Dathan e Abiron contra Aarão (cf. Nm 16). O que sucedeu? Não pereceram? Cada qual cuide do que é seu. Não sigas um ensinamento perverso, nem mesmo se vier de um anjo; se alguém ensina a verdade, não olhes a vida, mas as palavras. Orienta-te Paulo por obras e palavras. Ora, replicas, ele não dá esmola aos pobres, nem exerce bem o ministério. De onde consta? Antes de te informares não culpes, teme a prestação das contas. Muitas são as suspeitas. Imita a teu Deus e escuta-o: “Vou descer e ver se eles fizeram ou não tudo o que indica o grito que, contra eles, subiu até mim; se assim não for, eu o saberei” (Gn 18, 21). Se ficaste ciente, examinaste e viste, aguarda o juiz. Não invertas a ordem estabelecida por Cristo. Compete-lhe o exame das coisas, não a ti. És o último dos servos, não és o senhor. És uma ovelha, não examines o pastor, a fim de não seres castigado por aquilo de que o acusas. E por que ele me diz, retrucas, o que ele próprio não faz? Não é ele que te fala. Se obedeces apenas a ele, não tens recompensa. É Cristo quem te admoesta a respeito disto. E o que dizer? Nem a Paulo devia-se obediência se falasse de si mesmo, se proferisse algo de simplesmente humano; mas devemos acreditar no Apóstolo que tem Cristo a falar em si. Não julguemos, portanto, o alheio, mas cada qual o que lhe compete. Perscruta tua vida. Ora, respondes, ele tem obrigação de ser melhor do que eu. Por quê? Porque é sacerdote. E não possui ele mais do que tu? Acaso, não a labuta? Os perigos? As preocupações, as aflições? Tendo tudo isto, não é melhor? Mesmo se não for, pergunto, deves arruinar-te? Palavras arrogantes! Onde sabes que ele não é melhor do que tu? Rouba, respondes; espolia os bens sagrados. Onde o sabes, ó homem? Por que te jogas num precipício? E tu, se alguém disser: Aquele que usa a púrpura (o rei) furta, mesmo se o souberes, tapa os ouvidos. Apesar de possível uma refutação, procura escapar, desconhecer, e evita lançar-te em perigo supérfluo. Não escaparás, mas enfrentarás um perigo em vão. São expressões culpadas. Escuta a asserção de Cristo: “Eu vos digo que de toda palavra inútil que os homens disserem, darão contas no dia do juízo” (Mt 12,36). Pensas ser melhor em algum ponto, e não gemes, não bates no peito, não inclinas a cabeça, não imitas o publicano? Queres, portanto, perder-te, apesar de seres melhor. És mais perfeito? Cala-te, a fim de continuares assim; falas e pões tudo a perder. Se assim te consideras, não o és, de forma alguma; se não o pensas, progrides. Se o pecador desceu justificado porque confessou, quem não é tão grande pecador, mas está convicto de o ser, o que não lucrará? Examina tua vida. Não

roubas? Mas cometes rapina, violência, inúmeros pecados semelhantes. Não estou elogiando o furto, de forma alguma. Ao invés, lastimo assaz tal pessoa, jamais a aprovaria. É indescritível o grave pecado de sacrilégio. Procuro poupar-vos. Não quero diminuir nossa virtude acusando o próximo. O que, pergunto, é pior do que um publicano? Na realidade, aquele homem era um publicano, carregado de inúmeros pecados; no entanto o fariseu só por ter dito: “Não sou como este publicano” (Lc 18,11), perdeu tudo. Tu dizes a respeito do sacerdote: Não sou como este um espoliador dos bens sagrados, e não perdes tudo? Sou obrigado a enunciar estas coisas e refutar argumentos semelhantes, não porque somente isto me preocupa, mas por receio de arruinardes em vós a virtude com tal jactância, tais julgamentos. Ouve a admoestação de Paulo: “Cada um examine sua própria conduta, e então terá de que se gloriar por si só e não em referência a outro” (Gl 6,4).

Dize-me. Se, ferido, procurares um médico, e descuidado do tratamento da ferida, curiosamente interrogares ao médico se ele tem uma ferida, ou não, e se tiver, ficarás preocupado? Ou, uma vez que ele a tem, não te preocuparás com a tua, e dirás: O médico devia gozar de saúde. Visto que ele, apesar de médico, não goza de saúde, deixarei que se torne incurável a minha ferida? Ou, se o sacerdote é malvado: Que sossego prestará ao súdito? Nenhum. Ele sofrerá o conveniente castigo e tu o merecido; cumpra apenas o dever de mestre. Diz a Escritura: “E todos serão instruídos por Deus” (Jo 6,45, Is 54,13), e não dirão: “‘Conhececi o Senhor!’ Porque todos me conhecerão, dos menores aos maiores” (Jr 31,34). Por que, perguntas, ele preside? Por que ocupa este lugar? Não ultrajemos, suplico, os mestres, nem examinemos curiosamente a conduta dele, a fim de não nos prejudicarmos a nós mesmos. Examinemo-nos, de ninguém falemos mal. Honremos o dia de nossa iluminação (o batismo). O filho de um pai culpado de mil pecados buscará ocultar tudo. “Não te glories com a desonra de teu pai, porque não é glória para ti a desonra dele” (Eclo 3,10). Mesmo se lhe faltar a prudência, perdoa. Se relativamente aos pais naturais assim devemos agir, bem mais ao se tratar dos espirituais. Respeita, porque diariamente te ministra: Ele manda ler a Escritura, orna a casa (de Deus) por tua causa, fica em vigília em teu favor, por ti ora, mantém-se suplicante diante de Deus, todo o culto exerce por ti. Respeita essas coisas, nisso reflete, aproxima-te com toda piedade. Dize-me. É pecador? E o que importa? Quem não é mau te concede grandes bens? Absolutamente não; segundo tua fé tudo se realiza. O justo não te será útil, se não fores fiel; nem o mau te prejudicará, se fores fiel. Por meio das vacas, Deus agiu acerca da arca quando quis salvar o povo (1Sm 6,7s). Acaso a vida do sacerdote, sua virtude fez tal coisa? Deus não deixa estas realizações dependerem da virtude do sacerdote, mas tudo vem da graça. Cabe-lhe somente a este abrir a boca, e Deus opera tudo; com isso só preenche-se o sinal. Pondera a grande distância existente entre João e Jesus. Escuta a João: “Eu é que tenho necessidade de ser batizado por ti” (Mt 3,14); e: “Não sou digno de desatar-lhe a correia da sandália” (Jo 1,27). Todavia, apesar da grande diferença, desceu o Espírito que João não possuía: “De sua plenitude todos nós recebemos” (Jo 1,16). No entanto, antes de Cristo ser batizado, o Espírito não desceu; nem João fez com que descesse. Por que assim aconteceu? Para notificar que o sacerdote preenche o sinal (*symbolon*). Os homens não distam tanto entre si quanto João de Jesus. Entretanto, o Espírito desceu, para saberes que é Deus quem opera e perfaz.

Quero acrescentar um paradoxo; mas não admireis, nem vos perturbeis. O que é? A oferta é a mesma, seja quem for o ofertante, seja Paulo, seja Pedro. Cristo a entregou aos discípulos, e agora os sacerdotes a fazem; esta não é menor do que aquela, porque não são os homens que a consagram, mas Cristo mesmo a consagra.

Agora o sacerdote emite as mesmas palavras que Deus proferiu; assim a oblação é igual, e também o batismo que ele deu. É questão de fé. Sobre Cornélio desceu o Espírito imediatamente, porque ele

havia se antecipado e apresentado a fé. Da mesma forma, este Corpo identifica-se com aquele. Quem opina que este é menor, ignora que Cristo ainda está presente e opera. Estamos bem cientes. Não foi em vão que dissertamos, mas no intuito de corrigir-vos a mentalidade, de vos tornar daí em diante mais precavidos, a fim de guardardes o que foi dito. Se ouvimos sempre as palavras e não as cumprimos, nenhum emolumento perceberemos. Aproveitemos, portanto, com exatidão, tiremos cuidadosamente proveito das palavras e inscrivamo-las em nossa mente, mantendo-as aí esculpidas e sem cessar demos glória ao Pai, e ao Filho, e ao Espírito Santo.

TERCEIRA HOMILIA

1,13. *Toma por modelo as sãs palavras que de mim ouviste, com a fé e com o amor que há em Cristo Jesus.*

14. *Guarda o bom depósito, por meio do Espírito Santo que habita em nós.*

15. *Tu sabes que todos os da Ásia me abandonaram, dentre eles Fígelo e Hermógenes.*

16. *Que o Senhor conceda misericórdia à família de Onesíforo, porque ele muitas vezes me confortou e não se envergonhou de minhas cadeias;*

17. *ao contrário, quando chegou a Roma, procurou-me solicitamente até me encontrar.*

18. *Que o Senhor lhe conceda achar misericórdia junto ao Senhor naquele dia. Conheces, melhor do que eu, todos os serviços que me prestou em Éfeso.*

Ao discípulo Paulo não sugeria o que fazer somente por carta, mas também por palavras, em vários lugares, conforme insinua: “Que vos ensinamos oralmente ou por escrito nosso” (2Ts 2,15). Mais ainda aqui. Não pensemos que tenha falhado na transmissão da doutrina. Transmitiu-lhe muito oralmente, segundo o que relembra: “*Toma por modelo as sãs palavras que de mim ouviste*”. O que quer dizer? Segundo costumam os pintores, assegura, imprimir em tua alma, qual norma, arquétipo e limites, imagens da virtude e do procedimento agradável a Deus. Conserva-as. Se houver conveniência de uma consulta acerca da fé, da caridade, da prudência, toma-as por modelo; não debes buscar junto de outras pessoas uma imagem, uma vez que as tens aqui. “*Guarda o bom depósito*”. De que modo? “*Por meio do Espírito Santo que habita em nós.*” Não se confie uma suficiente guarda de tais bens à alma humana, nem à virtude. Por quê? Porque existem muitos ladrões e trevas intensas. O diabo ainda está perto e arma insídias. Tempo e hora do assalto nos são desconhecidos. Diante disso, perguntas, de que modo bastaremos para a guarda? “*Por meio do Espírito Santo*”, isto é, tendo em nós o Espírito. Se não repelirmos a graça, estará presente. Com efeito, “Se o Senhor não constrói a casa, em vão labutam os seus construtores; se o Senhor não guarda a cidade, em vão vigiam os guardas” (Sl 127,1). Eis para nós o muro, a fortaleza, o refúgio. Se, pois, ele habita e guarda, qual a necessidade de um preceito? A fim de o retermos, guardarmos, e não o repelirmos pelas más obras. Em seguida, enumera as provações, mas não quer prostrar o discípulo, e sim estimulá-lo, de sorte que não se assuste por encontrá-las alguma vez. Volte a atenção para o mestre, lembrado do que lhe sucedeu. Por conseguinte, o que diz? Levando em consideração que ele, prisioneiro, foi abandonado, desprovido de recursos humanos, de apoio, ou de auxílio, traído pelos próprios fiéis e amigos, escuta-o: “*Tu sabes que todos os da Ásia me abandonaram*”. É verossímil que houvesse então em Roma muitos asiáticos. No entanto, declara: Ninguém me assistiu, reconheceu; todos se afastaram. E vê sua sabedoria. Apenas mencionou o fato, sem maldizê-los; entretanto, louva seu benfeitor e implora em favor dele inúmeros bens. Aos outros não amaldiçoa; no entanto, de que maneira se exprime? “*Dentre eles Fígelo e*

Hermógenes. Que o Senhor conceda misericórdia à família de Onesíforo, porque ele muitas vezes me confortou e não se envergonhou de minhas cadeias; ao contrário, quando chegou a Roma, procurou-me sollicitamente até me encontrar.” Anota que sempre se refere à confusão e ao pudor, nunca ao perigo, evitando atemorizar a Timóteo, apesar de estar em situação repleta de perigos. Entrara em conflito com Nero, por ter conquistado um de seus familiares. Declara: “*Quando chegou a Roma, não evitou conviver comigo, “procurou-me até me encontrar”.*” “*Que o Senhor lhe conceda achar misericórdia junto ao Senhor naquele dia. Conheces, melhor do que eu, todos os serviços que me prestou em Éfeso.*” Tais sejam os fiéis: Temor, ameaças, ou vergonha não os impedem, ao invés, devem fazer-se cooperadores e, conforme sucede na guerra, ficar ao lado e auxiliar. Beneficiam não tanto os periclitantes quanto a si próprios, tornando-se partícipes, através do socorro prestado, das coroas que eles merecem. Por exemplo: Um atribulado amigo de Deus, sofre muito, luta com grande paciência. Apesar de não estares envolvido no certame, podes, se quiseres, sem entrar no estádio, participar das coroas que lhe estão reservadas, se unido, a seu lado, exortares, animares. É bem assim. Atende ao que escreve o Apóstolo em outra passagem: “Entretanto, fizestes bem em participardes da minha aflição”; e ainda: “Já em Tessalônica mais uma vez vós me enviastes com que suprir às minhas necessidades” (Fl 4,14.16). E de que maneira os ausentes de longe o socorreram na tribulação? Como? “Mais uma vez vós me enviastes com que suprir às minhas necessidades.” E ainda, a respeito de Epafrodito: “Ele quase morreu, arriscando a vida para atender por vós às minhas necessidades” (Fl 2,30). Com efeito, no caso dos reis, não somente os combatentes, mas também os que guardam as armas, não de qualquer modo participam da glória, mas por vezes a conseguem igualmente, embora não tenham manchado de sangue as mãos, não se tenham armado, nem enfrentaram as fileiras inimigas. Quanto mais nesta espécie de aflições! De fato, obtém prêmio igual ao do combatente quem socorre o atleta extenuado pela fome, fica a seu lado, anima-o com palavras, presta-lhe toda espécie de serviços.

E não cogites de Paulo, atleta invicto e insuperável, mas de qualquer um dentre muitos, que, sem encontrar grande apoio e conforto, talvez não resistisse, não lutasse. Fora do combate, entretanto, são causa da vitória do lutador e merecem participar das coroas. E não é espantoso que um homem vivo, partícipe das lutas, mereça prêmio idêntico aos dos combatentes, se até aos que morreram, que jazem, já coroados, que de nada precisam, seja lícito partilhar depois da morte. Escuta as palavras de Paulo: “Tomando parte nas necessidades dos santos” (Rm 12,13). E de que modo? Admirando-o, imitando-o nas ações pelas quais foi coroadado, tens parte nos combates e nas respectivas coroas. “*Que o Senhor lhe conceda achar misericórdia junto ao Senhor naquele dia.*” Compadeceu-se de mim, diz ele. Terá, portanto, recompensa naquele dia tremendo e terrível, em que precisaremos de muita misericórdia. “*Que o Senhor lhe conceda achar misericórdia junto ao Senhor.*” São dois Senhores? Absolutamente não, mas um só nosso Senhor Cristo Jesus, um só Deus. Por isso os que sofrem da doença de Marcião, adotam esta locução. Mas saibam que é costume da Escritura, e que ocorre muitas vezes nos Livros Sagrados, por exemplo, ao dizer: “Oráculo do Senhor ao meu Senhor” (Sl 110,1); e ainda: “Eu disse ao Senhor: És tu o meu Senhor” (Sl 15,2); e em outra passagem: “O Senhor fez chover... vindos do Senhor” (Gn 19,24). Com isso se declara que as pessoas são consubstanciais e não que exista diversidade de natureza. Não se exprime assim para entendermos que fossem duas naturezas distintas entre si, mas duas pessoas da mesma substância.

Anota que diz: “*Que o Senhor lhe conceda*”. O quê? Nada senão a misericórdia. Visto que ele obtivera misericórdia da parte de Onesíforo, suplica que este a consiga da parte de Deus. Se Onesíforo, que se expusera a perigos, foi salvo por misericórdia, muito mais nós o seremos. São, de fato, severas

as contas, terríveis e necessitam de muita clemência a fim de não ouvirmos a tremenda sentença: “Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade”, e não ouçamos ainda a palavra terrível: “Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos” (Mt 7,23; 25,41); para não ser ouvida a sentença: “Entre vós e nós existe um grande abismo” (Lc 16,26); não se ouça a palavra pavorosa: “Lançai-o fora, nas trevas exteriores”; não se escute a sentença que incute grande temor: “Servo mau e preguiçoso” (Mt 22,13; 25,26). Aquele tribunal é horrendo e terrível. Ora, Deus é suave e manso. É denominado Deus das misericórdias e Deus da consolação (2Cor 1,3), e tão bom como ninguém, ótimo, clemente, de imensa misericórdia, e não quer a morte do pecador, mas que se converta e viva (cf. Ez 18,23). Por que, portanto, por que aquele dia é cheio de angústia? Corre diante dele um rio de fogo, abrem-se os livros que registram nossas obras, aquele dia é como uma fornalha ardente, os anjos correm ao redor, muitas são as fornalhas. De que modo, então, ama os homens? É misericordioso? Bom? Entretanto, ama também nisto os homens e ostenta especialmente aqui a grandeza de seu amor. Incute-nos tamanho pavor para sermos impelidos ao desejo do reino e então nos corrigirmos. Vê, contudo, que o Apóstolo não atesta de qualquer modo a respeito de Onesíforo, mas afirma: *“Ele muitas vezes me confortou”*. Assevera que ele o animou e fortificou como a um atleta fatigado pelo calor e as aflições. *“Conheces, melhor do que eu, e todos os serviços que me prestou em Éfeso.”* Não apenas em Éfeso, mas também aqui. Uma pessoa vigilante e animada não atua somente uma, duas ou três vezes, mas por toda a vida. Como nosso corpo nutrido apenas uma vez não possui substância para a vida toda, mas precisa de alimento cotidiano, assim também precisamos do auxílio das boas obras relativo à piedade de cada dia. Precisamos de muita misericórdia. Por causa de nossos pecados, Deus em sua clemência tudo faz, sem precisar de coisa alguma; faz tudo por nós. Por isso tudo nos expôs e narrou; não apenas narrou, mas também atestou pelos fatos. Fidedigno também pelas palavras somente; mas para que ninguém julgasse que aquelas palavras constituíam apenas hipérbole ou ameaças, acrescentou certeza ainda através das obras. Como? Castigando em particular e em público. Ora, a fim de teres conhecimento pelos eventos, ora puniu o Faraó, ora mandou o dilúvio e aquele extermínio, ora também o fogo. E agora ainda vemos castigados e punidos muitos malvados.

Exemplos da geena!

Adverte-nos e desperta pelas obras, a fim de não dormirmos, não sentirmos preguiça, não nos esquecermos das palavras, mostrando-nos aqui os julgamentos, os tribunais, as penas. Se entre os homens cuida-se tanto da justiça, perante Deus, que constituiu estas leis, não se lhe dará importância? É crível? Distinguímos tribunais domésticos e públicos. Em casa, o dono cada dia julga os escravos, inflige penas aos culpados, pune umas culpas e a outras perdoa. Nos campos também o agricultor e a esposa cada dia são julgados; no navio o comandante julga, no exército o general julga os soldados. E encontram-se muitos tribunais. Nas artes o mestre ao discípulo. Em particular e em público, portanto, todos julgam os demais e em parte alguma se vê negligenciado o juízo, mas em toda parte todos prestam contas. Por conseguinte, como em toda parte da terra assim se dividem, e cidades, casas e indivíduos buscam o direito, no além, onde a direita de Deus está cheia de justiça e sua justiça é como os montes de Deus, não haverá justiça? Sendo Deus Juiz justo, forte e paciente (Sl 7,12), suportará, sem exigir castigo? Aqui tens a causa: É paciente, diz-se, espera longamente, atraindo-te à penitência. Se continuares em “tua obstinação e com coração impenitente, estás acumulando ira para ti” (Rm 2,5). Se, pois, é justo, retribui conforme o mérito, e não deixa sem vingança os que padecem. É peculiar ao justo. Se é poderoso, retribui depois da morte e na ressurreição. É próprio do juiz forte. Se, porém, sendo paciente, difere, não nos perturbemos, nem digamos: Por que não vinga aqui? Se o fizesse, se

cada dia nos castigasse, o gênero humano já teria desaparecido. Não há um só dia, não há, em que não cometemos pecados, graves ou leves. Não chegaríamos, portanto, nem ao vigésimo ano, se não tivesse imensa paciência e bondade, dando-nos múltipla oportunidade de penitência, que apagasse os pecados. Cada qual, portanto, com reta consciência examine seus atos e, manifestando toda a sua vida, pondere se não merece inúmeras penas e suplícios. E indignar-se por que não é castigado certo malfeitor que comete inúmeros crimes, reflita sobre os seus, e cessará a indignação. Aqueles parecem grandes, porque se trata de questões importantes e notórias, mas, ao examinar os seus, talvez encontre maiores. Com efeito, é igual roubar e ser cobiçoso, quer se trate de ouro ou prata. Ambas as ações se originam, na realidade, de idêntica disposição de ânimo, e quem rouba bens menores, não hesitará em tirar os maiores. Dele próprio não depende que falte ocasião; é fortuito. O pobre que lesa a outrem, ainda mais pobre, se pudesse, agrediria um rico; abstém-se por fraqueza, não por decisão. Aquele príncipe, replicas, rouba dos súditos. E tu, pergunto, não roubas? Não me digas que ele tira talentos de ouro, e tu dez óbolos. Com efeito, aquela (viúva), enquanto outros ofereciam esmola em ouro, dava duas moedas, e sua oferta não era menor. Por quê? Porque depende da boa vontade, não da dádiva. Por conseguinte, ao se tratar de esmola, preferes que Deus julgue de sorte que não obtenhas menos do que eles que depõem mil talentos de ouro, por jogares duas moedas devido a tua pobreza, e que acerca da avareza não proceda de igual modo? Qual o critério? A viúva que lança duas moedas, por causa de sua boa disposição, não ofereceu menos, assim também tu, que roubas duas moedas, não estás em melhor condição do que eles. Por hipérbole, és mais avaro do que eles. Quem comete adultério com a esposa do rei, ou quem o comete com a de um pobre, ou com a de um escravo é igualmente adúltero, porque não se avalia o pecado pela diversidade das pessoas, mas pela ousada decisão de adulterar; assim também se considere neste caso. Ou antes, diria que é pior adúltero quem comete adultério com uma pessoa de humilde condição do que com a própria rainha. Esta possui riquezas, beleza e outros atrativos e a primeira, nada; este, portanto, seria mais adúltero. Ainda, diria mais alcoólico o que se inebria com vinho péssimo, e mais cobiçoso aquele que não despreza as mínimas quantias. Quem rouba grande quantia, talvez despreze as pequenas; quem, contudo rouba mínimas, certamente não desprezaria as maiores. Em consequência, este é maior ladrão. Pois quem não despreza a prata, como desprezará o ouro? Por isso, ao acusarmos os príncipes, refletamos sobre as nossas posses e descobriremos que mais do que eles cometemos roubos e cobiças, se não de fato, cometemos por nossa disposição, conforme é justo julgar. Dize-me. Se forem levados a juízo alguém que roubou de um pobre e outro, de um rico, ambos não sofrerão igual castigo? Como? Um homicida não é igualmente homicida se matar um pobre aleijado, ou um rico em bom estado? Por conseguinte, ao dizermos: Fulano roubou a propriedade de um outro, refletamos sobre as nossas ações, e desta forma não condenaremos o próximo, admiraremos a paciência de Deus, e não nos irritaremos porque não os condena e tornar-nos-emos mais lentos em praticar o mal. Ao verificarmos que nós somos culpados da mesma cupidez, não o suportaremos tão mal, mas nos afastaremos dos pecados e conseguiremos os bens futuros em Cristo Jesus nosso Senhor, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória,império, honra, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

QUARTA HOMILIA

2,1. Tu, pois, meu filho, fortifica-te na graça que está em Cristo Jesus,

2. e o que de mim ouviste na presença de muitas testemunhas, confia-o a homens fiéis, que sejam idôneos para ensiná-lo a outros.

3. *Assume a tua parte de sofrimento como um bom soldado de Jesus Cristo.*

4. *Ninguém, engajando-se no exército, se deixa envolver pelas questões da vida civil, se quer dar satisfação àquele que o arregimentou.*

5. *Do mesmo modo um atleta não recebe a coroa, se não lutou segundo as regras.*

6. *O agricultor que trabalha deve ser o primeiro a participar dos frutos.*

7. *Entende o que eu digo; e o Senhor te dará compreensão em todas as coisas.*

Quando o mestre naufraga e se salva, o discípulo adquire confiança de viajar por mar; não imaginará que as tempestades provêm de imperícia, mas da natureza das coisas, proporcionando-lhe não pequeno conforto. Na guerra igualmente, ao tribuno estimula ver o general ferido recuperar as forças. Assim também constitui consolo para os fiéis ver o Apóstolo, em meio a grandes padecimentos, não desfalecer. Se assim não fosse, Paulo não teria narrado o que sofreu. Na realidade, Timóteo ouviu dizer que aquele que tivera tanto poder e submetera todo o orbe estava preso com cadeias e em aflições, e suportava sem irritação o abandono dos seus; se ele próprio houvesse sofrido de igual forma, não consideraria efeito da fraqueza humana, nem de ser discípulo e inferior a Paulo, visto que o mestre tolerava tais males, mas que tudo acontecera segundo a natureza das coisas. Paulo agia assim e narrava suas provações para animá-lo e reconfortá-lo. Uma vez que procedia por isso, tendo narrado tribulações e provas, acrescenta: *“Tu, pois, meu filho, fortifica-te na graça que está em Cristo Jesus”*. O que dizes? Incutindo-nos temor, dizes que estás preso, em aflições, abandonado por todos; e como se disseses que nada sofreste, e que ninguém te abandonou, retomas: *“Tu, pois, meu filho, fortifica-te”*? Certamente, porque recebeste mais força do que o próprio Paulo. Se eu, Paulo, sofro deste modo, muito mais tu deves suportar; se padece o mestre, muito mais o discípulo. E com grande afeto dá avisos, ao dizer: *“Filho”*; e não só, mas: *“Meu filho”*. Se és filho, imita o pai; se és filho, fortifica-te com o que eu disse; ou antes, não só pela narração, mas pela graça de Deus: *“Fortifica-te na graça que está em Cristo Jesus”*, isto é, pela graça de Cristo. Quer dizer: Sê corajoso, conheces a fileira em batalha. De fato, em outra passagem, ao dizer: *“O nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne”* (Ef 6,12), não quer assustar, mas incitar. Por isso, diz ele, sê vigilante, alerta, tem contigo a graça do Senhor para lutar e combater; com muito zelo e constância faz a tua parte. *“O que de mim ouviste na presença de muitas testemunhas, confia-o a homens fiéis.”* *“Fiéis”*, e não a homens que levantam questões e sofismas. *“Fiéis.”* Quais? Os que não atraíçoaram a pregação. *“O que ouviste”*, e não o que discutiste, *“Pois a fé vem da pregação e a pregação é pela palavra de Deus”* (Rm 10,17). O que significa: *“Na presença de muitas testemunhas”*? Como se dissesse: Não ouviste às escondidas, ocultamente, mas na presença de muitos, e com ousadia. Não disse, porém: Fala, e sim: *“Confia”* qual um tesouro, recomendado, colocado em segurança. Novamente atemoriza o discípulo acerca do que veio antes e do subsequente. A palavra *“Confia”* não se dirige apenas aos fiéis. Qual a vantagem de ser fiel e não poder transmitir a doutrina? Não transmitir a fé, nem preparar os outros? O mestre deve ter duas qualidades: ser fiel e transmissor da doutrina. Por isso diz: *“Que sejam idôneos para ensiná-lo a outros. Assume a tua parte de sofrimento como um bom soldado de Jesus Cristo”*. Ah! Grande dignidade: Ser soldado de Cristo! Pensa nos reis terrenos. Considera-se grandioso militar em favor deles. Se é próprio do soldado do rei labutar, não pelejar não convém ao soldado. Não deves, portanto, irritar-te por causa da peleja. É próprio do soldado. Ao invés, devias irritar-te se estivesses fora da labuta. *“Ninguém, engajando-se no exército, se deixa envolver pelas questões da vida civil, se quer dar satisfação àquele que o arregimentou. Do mesmo modo um atleta não recebe a coroa se não lutou segundo as regras.”* Dirige-se a Timóteo, e por intermédio dele a

todos, mestres e discípulos. Nenhum membro do episcopado menospreze estas recomendações, e sim evite desleixo de as cumprir. *“Um atleta não recebe a coroa se não lutou segundo as regras.”* O que significa: *“Se não lutou segundo as regras?”* Não basta entrar no certame, ungir-se, envolver-se na luta, mas, se não combater segundo as regras em tudo, no que toca à dieta, à temperança, à castidade, e às exigências na arena, enfim, se não cumprir os deveres dos atletas, jamais será coroado. E vê a sabedoria de Paulo! Relembra a luta e os soldados, de um lado para que ele esteja disposto a ser massacrado, morto, ao derramamento do sangue, de outro lado, para suportar tudo com constância e fortaleza, e sempre se exercitar. *“O agricultor que trabalha deve ser o primeiro a participar dos frutos.”* Cita seu exemplo, fala enquanto mestre; enfim trata dos que são de ordem pública, dos atletas, dos soldados. E ora apresenta os prêmios: *“Se quer dar satisfação àquele que o arregimentou”,* ora: *“recebe a coroa”*. Acrescenta um terceiro exemplo, que lhe compete principalmente, pois a referência ao soldado e ao atleta compete aos súditos, mas o exemplo do agricultor ao mestre. Não somente como soldado ou atleta, mas também como agricultor. O agricultor não cuida somente de si, mas também dos frutos da terra, isto é, o agricultor colhe não pequena recompensa de seus labores.

Nesta passagem mostra que Deus de nada precisa e existem vulgares exemplos de retribuição da tarefa. Como o agricultor, afirma ele, não trabalha sem alcançar vantagens, mas goza do fruto de seu labor antes dos demais, é justo que as obtenha o mestre. Ou assim é, ou enuncia as honras devidas aos mestres. Mas não parece razoável; por que não disse simplesmente o agricultor e sim o que labuta? Não só o que labuta, mas com grande esforço? Sim, a fim de que ninguém se aborreça com a demora. Já recibes. Ou porque a recompensa se encontra no próprio trabalho. Após os exemplos dos soldados, dos atletas, dos agricultores, e tudo em enigma, diz: Ninguém *“recebe a coroa se não lutou segundo as regras”*. E depois de ter dito: *“O agricultor que trabalha deve ser o primeiro a participar dos frutos”*, acrescentou: *“Entende o que eu digo; e o Senhor te dará compreensão em todas as coisas”*. Por isso estas coisas foram proferidas à maneira de provérbio e parábola. Em seguida, novamente manifestando afeto, não deixa de suplicar-lhe, receoso acerca de um filho genuíno, nestes termos:

8. *Lembra-te de Jesus Cristo, ressuscitado dentre os mortos, da descendência de Davi, segundo o meu evangelho,*

9. *pelo qual eu sofro, até as cadeias, como malfecedor.*

Por que o relembra? Principalmente ataca os hereges, e simultaneamente reanima o discípulo, mostrando o lucro dos sofrimentos, porque o nosso próprio Mestre, Cristo, pela paixão venceu a morte. Lembra-te disto, diz ele, e terás adequado consolo. *“Lembra-te de Jesus Cristo, ressuscitado dentre os mortos, da descendência de Davi.”* Efetivamente, alguns já haviam começado a atacar o plano divino, envergonhados com a grandeza do amor de Deus aos homens. Os benefícios de Deus para conosco eram tais que os homens se envergonhavam de atribuí-los a Deus e não criam que ele a tal ponto se humilhasse. *“Segundo o meu evangelho”*, declara. Em suas cartas, esparsamente coloca: *“Segundo o meu evangelho”*, porque eles deviam obedecer, ou porque havia quem pregasse evangelho diferente. *“Pelo qual eu sofro, até as cadeias, como malfecedor.”* Novamente oferece consolo e estímulo por meio de seu exemplo; e com as duas atitudes unge para a luta o ouvinte, ciente de seu sofrimento, o qual não foi inútil. Desta forma há de lucrar; do contrário, será lesado. Qual a vantagem de declarares que o mestre passa por trabalhos, mas inúteis? Será, contudo, admirável se for para o progresso, o bem dos discípulos.

Mas a palavra de Deus não está algemada!

Isto é, se fôssemos soldados deste mundo, lutando em guerra perceptível aos sentidos, teriam força as algemas que prendem as mãos; no entanto Deus nos fez invencíveis. Presas acham-se as mãos, não a língua. Ninguém pode prender a língua, a não ser por meio da intimidação e da incredulidade. Se não nos atingem, presos embora estejamos com vínculos, a pregação *“não está algemada”*. Por exemplo, amarre-se um agricultor e a semente fica impedida, porque ele semeia com as mãos; entretanto, preso o mestre, não impede a palavra, porque ele semeia com a língua, não com as mãos. Nossa palavra não está sujeita às cadeias; se estivermos prisioneiros, ela se encontra livre e corre. De que modo? – perguntas. Eis que mesmo estando presos anunciamos. O Apóstolo o declara, qual estímulo a homens livres. Se nós, encarcerados, pregamos, muito mais vós que estais livres deveis agir desse modo. Ouviste que sofro como um malfeitor? Não percas o ânimo. É espantoso que proceda um prisioneiro à maneira de homens livres, o preso supere a todos, o encarcerado ganhe a vitória sobre os que o prendem. A palavra é de Deus, não nossa. Vínculos humanos não poderão vencer a palavra de Deus. Sofro estas coisas por causa dos eleitos.

10. *É por isso que tudo suporto, por causa dos eleitos, a fim de que também eles obtenham a salvação que está em Cristo Jesus, com a glória eterna.*

Eis outra exortação. Sujeito-me, não por minha causa, mas pela salvação do próximo. Era possível viver em segurança, nada disto sofrer, se visasse somente aos meus interesses. Mas por que motivo sofro dessa forma? Em prol do bem dos outros, a fim de que eles consigam a vida eterna. O que prometes, então? Não disse: Por alguns, e sim: *“Por causa dos eleitos”*. Se Deus os escolheu, devemos sofrer tudo por causa deles. *“A fim de que também eles obtenham a salvação.”* Ao enunciar: *“Também eles”*, está acentuando: Também nós, pois igualmente a nós Deus escolheu. Ora, como Deus sofreu por nossa causa, assim também nós devemos fazer por eles. Por conseguinte é questão de retribuição, não de gratuidade. Da parte de Deus é uma graça. Não nos retribui benefício precedente; de nossa parte, contudo, é retribuição. Havendo Deus anteriormente nos beneficiado, sofremos por eles, a fim de que obtenham a salvação. O que dizes? Que salvação? Não és causa de tua própria salvação, estavas perdido, e és causa da salvação alheia? Por isso acrescentou: Não desta, mas da *“que está em Cristo Jesus”*, verdadeira salvação, *“com a glória eterna”*. Doloroso é o presente, mas na terra; humilde, mas temporário; desagradável e doloroso, mas apenas hoje e amanhã.

Os bens verdadeiros não são tais, mas são eternos e no céu. Gloriosos, enquanto aqueles são ignomínia. Observa, por favor, caríssimo. Não há genuína glória na terra; a glória está nos céus. Se alguém deseja a glória, procure o opróbrio; se quer conseguir repouso, aflija-se; se quiser sempre boa fama e prazeres, renuncie aos bens passageiros. Vamos! Demonstremos à medida de nossas forças que o opróbrio constitui glória, e a glória, ignomínia, a fim de fixarmos o olhar na verdadeira glória. Na terra não é possível gloriar-se; se queres gloriar-te, consegui-lo-ás por meio do opróbrio. Vamos! Verifiquemo-lo acerca de duas pessoas, a saber, Nero e Paulo. O primeiro obteve glória no mundo, o segundo, ignomínia. De que maneira? Nero era tirano, com feitos brilhantes, troféus, riquezas superabundantes, em toda parte possuía numeroso exército, a maior parte do orbe lhe estava sujeita, a cidade real lhe obedecia, o senado inteiro o obsequiava, o palácio era magnífico. Se devia armar-se, avançava com armas ornadas de ouro e gemas preciosas; se reinava a paz, sentava-se revestido de púrpura. Inumeráveis satélites e lanceiros. Atribuem-se-lhe os títulos de Senhor de mar e terra, Imperador, Augusto, César, Rei etc., inventados pela adulação e o servilismo. A glória não lhe faltava, mas sábios, potentados e reis tremiam diante dele, temiam-no. Além disso, era cruel e ousado; desprezava os ídolos todos, o Deus do universo, queria ser deus, cultuado como deus. Qual a glória maior? Qual pior opróbrio do que o de Paulo? De fato, não sei como a língua se antecipou na corrida,

por força da verdade, e proferiu a sentença antes do julgamento. Neste ínterim, examinemos a questão segundo a opinião de muitos, de acordo com a mente dos infiéis, a lisonja. O que se pode exprimir de mais glorioso do que ser tido por deus? De fato, é suma falta de pudor que um homem chegue a tal loucura; mas por enquanto discutamos o problema segundo a opinião de muitos. Nada lhe faltara quanto à glória humana, pois, como deus, era cultuado por muitos. Mas, examinemo-lo, em oposição a Paulo, se te aprouver. Este era da Cilícia; todos sabem qual a diferença entre a Cilícia e Roma. Era fabricante de tendas, pobre, ignorante da sabedoria pagã, conhecedor apenas do hebraico, língua desprezada por todos, especialmente na Itália. De fato, não desprezam tanto a língua dos bárbaros, nem a grega, nem qualquer outra tanto quanto à síria, muito afim da hebraica. E não te espantes de que a rejeitem, tomando-se em consideração que, se menosprezam a admirável e bela língua grega, muito mais a hebraica. Ele muitas vezes passava fome e dormia faminto; despojado, não tinha com que se cobrir. “Frio e desnudamento” (2Cor 11,27), declarava. E não apenas isso, mas aprisionado, em companhia de ladrões, prestidigitadores, violadores de sepulcros, homicidas, por ordem de Nero, e flagelado como malfeitor, segundo ele próprio narra. Qual dos dois é mais ilustre? Até o nome do outro é desconhecido de muitos; o nome deste, porém, gregos, bárbaros, citas e os habitantes dos confins da terra não celebram cotidianamente? Ora, pesquisemos não o que é no presente, mas o que era outrora. Quem era mais ilustre, mais glorioso? Aquele que estava cercado de cadeias, arrastado com amarras ao cárcere, ou aquele que avançava coberto de púrpura e vestes reais? Certamente o prisioneiro. Por que motivo? Porque aquele que possuía exércitos, a cuja frente se achava com aspecto esplêndido, não podia fazer o que queria; o prisioneiro, contudo, com uma veste vil como um malfeitor, fazia tudo com autoridade. De que modo? O primeiro dizia: Não dissemines a palavra da verdade; o segundo respondia: Não cedo, pois a palavra de Deus não está algemada. E assim o cilício, prisioneiro, fabricante de tendas, pobre, faminto replicava ao romano, rico, imperador, dominador universal, doador de inúmeros bens a muitos; e tendo tantos exércitos, nada pôde. Por conseguinte, qual dos dois era ilustre, respeitável? O encarcerado vencedor ou o que, revestido da púrpura, era vencido. O que estava embaixo lançava dardos ao que sentado acima era atacado, dava ordens e os subordinados não prestavam atenção? Quem estava sozinho e vencia ou quem com mil exércitos perdia? Em retirada, portanto, esteve o Imperador, quando o prisioneiro ergueu o troféu contra ele. Dize-me. Qual o partido preferido? Não me fales do que aconteceu depois, mas examina por enquanto aquela situação. Que partido preferir? O de Paulo ou o de Nero? Não me baseio na fé (Seria evidente), mas na glória, na dignidade e no esplendor. Um homem sensato escolherá o de Paulo. Pois, uma vez que é mais glorioso vencer do que ser vencido, glorioso é ele. E não é tão importante ter vencido, mas ter vencido o rei com tal aspecto. Direi mais uma vez, sem descanso: Estava preso com vínculos, e abateu o portador do diadema.

Tão grande é a força de Cristo: As cadeias venceram a coroa régia, e exibiram aspecto muito mais esplêndido do que ela. O prisioneiro revestido de andajos, por meio dos vínculos, atraía os olhares mais do que a púrpura. Jazia por terra preso, curvado e todos o olhavam atentamente, deixando de lado aquele que estava num carro de ouro. E com razão. Era, em verdade, habitual ver o Imperador carregado por um par de cavalos brancos; constituía, porém, novidade estupenda contemplar um prisioneiro dirigir-se ao Imperador com tal ousadia qual empregava o Imperador para com um escravo mísero e vil. Presenciava a turba, que constava ser toda ela de servos do Imperador. Mas, não admiravam o senhor, e sim o vencedor de seu senhor, e que sozinho conculcava aquele que a todos eles causava temor e tremor. Eis o grande brilho do prisioneiro com vínculos. E o que dizer do que sucedeu em seguida? O sepulcro de Nero é desconhecido. Paulo, entretanto, mais ilustre do que todos os reis, jaz no palácio onde venceu, onde ergueu o troféu. Quem menciona aquele, relembra-o com

vitupério, até mesmo os domésticos, pois tinha fama de malvado. Deste em toda parte celebramos a memória com louvores, não apenas nós, mas também os inimigos. Quando a verdade resplandece, nem os inimigos ousam ser insolentes; mesmo que não o admirem por causa da fé, celebram-no, contudo, pela ousadia e coragem. Paulo, pela boca de todos diariamente em toda parte é coroado e proclamado, Nero é atacado com incriminação e ultrajes. Quais as realidades esplêndidas? Seria imprudente elogiar as unhas do leão, quando necessário proferir o que é verdadeiramente louvável. Quais são elas? As celestes. Paulo há de vir com aspecto esplêndido, em companhia do Rei dos céus; e então Nero estará triste e abatido. Se te parecer que digo coisas incríveis e ridículas, tu é que te tornas grotesco, zombando do que não merece riso. Pois, se não acreditas nas realidades futuras, acredita nas passadas; ainda não é tempo das coroas, e de fruir o atleta de tão grande honra. Quando vier o presidente dos jogos, de que honra não gozará? Entre os estranhos, era hóspede, hóspede e peregrino, e era tão admirado; quando estiver na pátria, de que bens não haverá de fruir? “E a vossa vida está escondida com Cristo em Deus” (Cl 3,3). Todavia, o morto mais opera e é mais honrado do que os vivos; quando vier a nossa vida, o que não alcançará? Por isso, foi Deus quem determinou que ele gozasse de tal honra, e não porque ele a houvesse pedido. Se, pois, enquanto estava no corpo desprezava a glória oferecida por muitos, quanto mais quando estiver liberado do corpo? E não decidiu que apenas ele gozasse delas, mas que também aqueles que não acreditam nas coisas futuras, ao menos fossem convencidos pelas presentes. Digo que Paulo há de vir com o Rei dos céus por ocasião da ressurreição, e que gozará de inúmeros bens. Mas o infiel não acredita; portanto, aprenda das coisas presentes. O fabricante de tendas é mais ilustre e honrado do que o Imperador; nenhum Imperador romano recebeu tanta honra. Aquele Imperador jaz em algum lugar fora, enquanto este ocupa o centro da cidade, como se fosse vivo e reinante. Por isso crê nos bens futuros. Se aqui, repellido e injuriado, obteve tanta honra, como será quando vier?

Se, fabricante de tendas, foi tão ilustre, como será quando vier com o brilho de raios solares? Se após tanta humilhação alcançou tamanha grandeza, o que não conseguirá quando vier? Acaso é possível evitar fugir da realidade? Quem não se abalará vendo que o fabricante de tendas superou em honra aquele que mais do que todos os Imperadores foi admirado? Agora muitos fatos se deram acima da natureza, ainda mais, porém, haverá no futuro. Acredita, ó homem, nas realidades presentes, se não queres crer nas futuras; acredita nas coisas visíveis, se não queres acreditar nas invisíveis. Ou antes, acredita nas visíveis, e acreditarás nas invisíveis. Se não queres, é oportuna a palavra do Apóstolo: “Atestamo-lo diante de vós: Estamos puros do sangue de todos vós. Pois não nos esquivamos do que era preciso vos anunciar” (cf. At 20,26-27). Vós já vos acusastes e vos reputastes merecer o suplício da geena. Nós, porém, filhos caríssimos, imitemos a Paulo, não só na fé, mas na vida. Para conseguirmos a glória celeste, desprezemos a presente. Os bens atuais não nos iludam. Desprezemos as coisas visíveis a fim de alcançarmos as celestes; ou antes também por meio delas. Mas nosso escopo principal seja obtê-las. Oxalá todos nós as consigamos.

QUINTA HOMILIA

2,11. *Fiel é esta palavra: Se com ele morremos, com ele viveremos.*

12. *Se com ele sofremos, com ele reinaremos. Se nós o renegamos, também ele nos renegará.*

13. *Se lhe somos infiéis, ele permanece fiel, pois não pode renegar-se a si mesmo.*

14. *Recorda todas estas coisas, atestando diante de Deus que é preciso evitar as disputas; elas para nada servem, a não ser a perdição dos que as ouvem.*

Muitos dos irmãos mais fracos renunciam aos esforços relativos à fé, e não suportam as delongas da esperança. Buscam os bens presentes, e através deles fazem conjecturas sobre o futuro. Uma vez que no presente há morte, suplícios, vínculos, enquanto o Apóstolo assegurava que eles iriam para a vida eterna, com dificuldade acreditavam, e talvez perguntassem: O que dizes? Se vivo, morro e quando morro, vivo? Nada me prometes na terra, e dar-me-ás no céu? Não concedes coisas mínimas, e forneceras grandiosas? A fim de evitar a entrega a tais cogitações, tece um sermão sem ambiguidades sobre o assunto que antes iniciara, e a respeito do qual apresentara exemplos. A locução: *“Lembra-te de Jesus Cristo, ressuscitado dentre os mortos”* significa que ele morreu e ressuscitou. Agora, faz idêntica declaração: *“Fiel é esta palavra”*, porque quem tiver encontrado uma vida celeste (no batismo), obterá a eterna. De que maneira é *“fiel”*? Ele afirma: *“Se com ele morremos, com ele viveremos”*. Dize-me. Se participamos em coisas ásperas e laboriosas, não teremos parte igualmente nas que são ótimas? Ora, ninguém, ao alcançar o repouso, negaria ter sido seu companheiro quem escolhera ser com ele atormentado e morto. Onde, porém, morremos com Cristo? Trata-se de referência à morte do batismo, e àquela a que nos submetemos pelos padecimentos. Assevera o Apóstolo: “Por toda parte trazemos em nosso corpo a agonia de Jesus” (2Cor 4,10); e: “Pelo batismo nós fomos sepultados com ele”; e: “Nosso velho homem foi crucificado com ele”; e: “Porque nos tornamos uma coisa só com ele por uma morte semelhante à sua” (Rm 6,4-6). Está insinuando a morte das provações, ou especialmente a esta última. Passava por tribulações quando escrevia. Quer dar a entender o seguinte: Se por causa dele morremos, não viveremos por ele? Sem dúvida alguma. *“Se com ele sofremos, com ele reinaremos.”* Paulo não declara simplesmente: *“Com ele reinaremos”*, mas: *“Se com ele sofremos”*. Mostrava não ser suficiente morrer uma vez. Este santo morria cotidianamente, mas faz-se mister ter grande paciência, da qual Timóteo principalmente necessitava. Não me fales do que já passou, diz ele, e sim se conservas tais sentimentos. De outro lado não exorta só a respeito da felicidade, mas também do castigo. Não serve de consolo pensar que os malvados haverão de ser seus companheiros na felicidade. Enquanto os que tolerassem males haveriam de reinar com ele, os que não os suportassem sofreriam apenas a privação de com ele reinar, seria certamente grave, mas a maioria não se impressionaria. Por isso, o Apóstolo profere ameaça mais terrível: *“Se nós o renegamos, também ele nos renegará”*. Em consequência, haverá paga não só relativamente aos bons, mas também aos maus. Refleti no que sofrerá no reino quem o renegar: “Aquele, porém, que me renegar, também o renegarei” (Mt 10,33). Não é equivalente a retribuição, embora seja aparente a afirmação. Renegamos nós, homens, e ele é Deus. Há necessidade de declarar a imensa distância existente entre Deus e o homem?

Aliás, com isso nós nos lesamos a nós mesmos. Ele não se lesa absolutamente, nem a nós é possível lesá-lo. Por isto, o Apóstolo acrescenta a declaração: *“Se lhe somos infiéis, ele permanece fiel, pois não pode renegar-se a si mesmo”*. Isto é, se não acreditamos que Cristo ressuscitou, não o prejudicamos; é uma verdade, e bem firme, quer aceitemos, quer não. No entanto, se em nada é lesado com a negação, só reclama a confissão para nossa utilidade. Com efeito, quer neguemos ou não, ele permanece imutável. *“Pois não pode renegar-se a si mesmo”*, isto é, negar que existe. Dizemos que ele não existe, apesar de não ser verdade. Sua natureza postula a existência, isto é, não é possível reduzi-la a deixar de existir. Sempre permanece, é substância. Não temos capacidade de gratificá-lo, ou de prejudicá-lo. Em seguida, a fim de não se pensar que Timóteo precisa disto, acrescenta: *“Recorda todas estas coisas, atestando diante de Deus que é preciso evitar as disputas; elas para nada servem, a não ser a perdição dos que as ouvem”*. É terrível depor, invocando a Deus por testemunha. Ninguém ousa abolir o testemunho de um homem, mas acima de tudo o de Deus. Por exemplo: Se alguém, ao travar um pacto, ou fazer um testamento, quer testemunhas fidedignas, ousará

redigi-lo diante de um estranho? De modo algum; mesmo se o quiser, no caso de rezear a fidelidade das testemunhas, precaver-se-á. O que quer dizer: *“Atestando”*? Invoca a Deus por testemunha das palavras e dos fatos. *“É preciso evitar as disputas; elas para nada servem.”* Não apenas isso, mas servem para *“a perdição dos que as ouvem.”* Não há lucro sequer, mas é grande o prejuízo. Emprega, portanto, essas admoestações; se as desprezarem, Deus os julgará. Por que admoesta a que se evitem as disputas? Sabe que é chão escorregadio e a mente humana busca sempre litigar e disputar. A fim de que tal não aconteça, não apenas enuncia que não se deve disputar, mas acrescenta expressões mais terríveis: *“A não ser a perdição dos que as ouvem”*.

15. *Procura apresentar-te a Deus como um homem provado, um trabalhador que não tem de que se envergonhar, que dispensa com retidão a palavra da verdade.*

Sempre exorta a não se envergonhar. Por que zela tanto para que não se corem? Porque provavelmente muitos sentiam pejo por causa de Paulo, fabricante de tendas, e também relativamente à pregação, como se houvesse carência de mestres. Com efeito, Cristo fora crucificado, Paulo seria decapitado, Pedro crucificado de cabeça para baixo; e tais ações procediam de homens insignificantes e petulantes. Uma vez que então eles dominavam, disse: Não te envergonhes, não receies praticar obras de piedade, até mesmo, se necessário, prestar serviço como escravo, ou suportar sofrimentos. De que forma alguém é comprovado? Sendo *“Um trabalhador que não tem de que se envergonhar”*. O operário não se envergonha de operar seja o que for; menos ainda o operário do evangelho, pois deve assumir tudo: *“Dispensa com retidão a palavra da verdade”*. A enunciação é apropriada, porque muitos em toda parte a distorcem e desviam; elementos espúrios se introduziram. Não disse: Dirigindo, mas: *“Dispensa com retidão”*, isto é, corta o que é espúrio, ataca vigorosamente e amputa o restante. Conforme se faz relativamente às rédeas, com o gládio do Espírito corta em toda parte o supérfluo, o alheio à pregação.

16. *Evita as novidades de um palavreado ímpio,*

De fato, elas não acabam. Uma novidade se introduz, continua gerando outras; e é interminável e ininterrupto o erro daquele que deixou o porto tranquilo.

os que o praticam progredirão na impiedade;

17. *a palavra deles é como uma gangrena que corrói,*

É uma doença irreprimível, incurável, totalmente devastadora. O Apóstolo acentua que introduzir novidades é doença, e das mais graves. Expõe que eles são incorrigíveis, que não se trata de um erro simples, mas voluntário, e por isso a emenda é sobremaneira impossível.

entre os quais se acham Himeneu e Fileto.

18. *Eles se desviaram da verdade, dizendo que a ressurreição já se realizou; estão pervertendo a fé de vários.*

Disse com razão: *“Progredirão”*. Com efeito, parece que é grave somente isto, mas vê quantos males produz. Se já houve ressurreição, prejudica-nos não somente a privação daquela grande glória, mas também a supressão do último juízo, uma vez consumadas a ressurreição e a retribuição; se passou a ressurreição, já houve retribuição. Os bons, portanto, já perceberam o resultado de suas tribulações e dores, mas não foram punidos os maus, e – Ótimo! –, os que vivem mergulhados nos prazeres. Melhor dizer que não haverá ressurreição do que afirmar que já passou. *“Estão pervertendo a fé de vários.”* Não de modo geral, mas de *“vários”*. Se não há ressurreição, perverte-se a fé. E se não há ressurreição, *“é vã a nossa pregação”*. *“E também Cristo não ressuscitou”* (1Cor 15,14.13). Se não ressuscitou, não nasceu, nem subiu aos céus. Notas que parece atacar a ressurreição e arrasta consigo

várias questões graves? Quais? – perguntas. Nada se deve fazer por aqueles que foram pervertidos?

19. *Não obstante, o sólido fundamento colocado por Deus permanece, marcado pelo selo desta palavra: O Senhor conhece os que lhe pertencem. E ainda: Aparte-se da injustiça todo aquele que pronuncia o nome do Senhor.*

O Apóstolo manifesta também que eles, antes da perversão, não estavam firmes. Do contrário, não teriam pervertido em consequência do primeiro impulso, assim como também Adão não tinha firmeza, antes de receber o mandamento (de Deus). Os homens firmes não só nada sofrem da parte dos sedutores, mas são admiráveis. Firme, disse ele, e “*fundamento*”. Assim deve-se aderir à fé com este “*selo*”: “*O Senhor conhece os que lhe pertencem*”. O que significa isto? É citação do Deuteronomio. Isto é, as almas firmes são estáveis e inamovíveis. Onde é notório? Pelo seguinte: Seu comportamento é portador dessa marca, Deus as conhece, não caminham unidos para a perdição, apartam-se da injustiça: “*Aparte-se da injustiça todo aquele que pronuncia o nome do Senhor*”. São os indícios do “*fundamento*”; mostram-se qual firme fundamento. Seria como se alguém insculpissem numa pedra, assinalando a palavra. Esta se exhibe pelas obras: “*Marcado pelo selo desta palavra*”. “*Aparte-se da injustiça todo aquele que pronuncia o nome do Senhor*”. O iníquo, portanto, não se assenta neste fundamento. É, portanto, próprio deste “*selo*” levar a evitar a injustiça. Por conseguinte, não retiremos o sinal nem a nota régia, para não perdermos a marca, não nos tornarmos disformes, sermos qual fundamento, fundamento firme, e não vagarmos ao léu. É indício de pertença a Deus apartar-se da injustiça. Como pode ser de Deus, que é justo, quem comete injustiça, é seu adversário através das obras e o injúria pelas ações? Novamente somos acusados de iniquidade; ainda temos muitos adversários. Esta epidemia, qual tirano, propagou-se nas almas. E o que é mais grave, não ataca necessariamente ou com violência, mas por persuasão e carícias; e ainda se agradece tal escravidão. É realmente grave. Os detidos por violência, não por amor, logo escapam. Onde vem que pareça suave, apesar de muito amarga? Onde vem que a justiça pareça amarga, embora suavíssima? De nossa sensibilidade. Assim, pois, alguns consideraram amargo o mel, ou ingeriram com gosto um alimento nocivo. A causa não é a natureza das coisas, mas vem da perversidade dos maus. Pondera o nosso critério. Com efeito, se a balança tem um ponteiro vacilante, não acusa o peso exato. Igualmente a alma, se não tem o ponteiro de seus pensamentos firme e fixo na lei de Deus, não julga retamente, mas gira e oscila. De fato, se alguém examinar cuidadosamente, verificará a grande desumanidade da injustiça, não tanto para os que a sofrem, quanto para os que a cometem, sendo maior em relação aos últimos. Entretanto, não dissertemos sobre as realidades futuras, mas acerca das atuais. Acaso não há refregas, tribunais, ultrajes, inveja, maledicência? O que há de pior? Não há ódio, lutas, acusações? Acaso a consciência não nos atormenta constantemente e enche de remorsos? Gostaria, se fosse possível, de extrair do corpo a alma do iníquo. Vê-la-ias, certamente, pálida, trêmula, envergonhada, ansiosa, condenando-se a si própria. Mesmo se cairmos nas profundezas da maldade, o juízo da mente não se torna depravado, mas continua incorrupto. E não venha alguém dizer que a iniquidade é boa. Está criando pretextos, e faz o possível, ao menos em palavras, a fim de se desfazer da culpa; jamais o conseguirá através da consciência. Na terra, portanto, é possível obscurecer o que é justo, por meio do ornato das palavras, da corrupção dos chefes, da turba dos adutores. No entanto, no íntimo da consciência isto não existe. Não se apresentam adutores, não há dinheiro para corromper o juiz. O juízo foi concedido por Deus à nossa natureza. Os dons de Deus não se sujeitam a tais corrupções.

Além disso, sonhos e fantasias inadmissíveis e a lembrança frequente do mal cometido perturbam nossa tranquilidade. Por exemplo, uma casa foi tirada injustamente; não geme somente a pessoa roubada, mas também o ladrão, se acreditar no futuro juízo. Convicto, geme profundamente e se

lamentar; até mesmo sem acreditar no que há de vir, conturbado enrubesce. Ou melhor, não há homem algum, grego, judeu ou herege que não tema o juízo. Mesmo que não pense no futuro, teme e estremece pelo medo de que lhe seja cobrado no presente o mal através das riquezas, dos filhos, dos domésticos, ou das coisas espirituais. Deus frequentemente assim procede. Uma vez que a fé na ressurreição a todos não reconduz à prudência, aqui na terra aparecem inúmeros sinais do justo juízo. Um homem cheio de cobiça não tem filhos, outro cai num combate, outro é mutilado, ainda outro perde um filho. Revolvendo tais cogitações, eles vivem em perpétuo terror. Conheceis os padecimentos dos injustos? E não são amargos? Se não existissem, a condenação não seria geral? Todos não os odiariam e deles se afastariam? Acaso todos, até mesmo os injustos não dizem que eles são piores do que os irracionais? Se eles próprios se condenam, muito mais o próximo, denominando-os ladrões, avaros, perniciosos. O que possuem de agradável? Nada, a não ser maior solicitude, cuidado e aflição pela preservação dos bens. Acumular riquezas acarreta mais intensa vigilância. Por que lembrar as maldições, as súplicas dos lesados? E se a doença se agravar? Não consegue, é impossível ao doente, até ao mais ímpio, não se preocupar, descuidar, quando não resta recurso. Na terra, a alma entregue aos prazeres não tolera tristezas; após sair do corpo, maior será o temor, no limiar do tribunal. De fato, os ladrões no cárcere são destemidos; ao comparecerem, porém, diante dos véus do pretório, morrem de medo. Sendo premente o medo da morte, qual fogo que tudo devora, a alma é obrigada a refletir e preocupar-se com o além. Já não a domina a cupidez do dinheiro, nem a paixão da avareza, ou da carne. Dissipam-se como nuvens, deixam o juízo claro, aparta-se a dor, a dureza suaviza-se. Tão oposto à sabedoria nada como as delícias, quanto, ao invés, são-lhe adequadas as tribulações. Considera como então estará o avaro: “O tempo de desventura faz esquecer as delícias” (Eclo 11,29). Quais as suas disposições, ao se lembrar daqueles cujos bens roubou, que lesou injustamente, cujas posses depredou? Que atitude terá, vendo os outros desfrutarem do resultado de sua avareza, e ele na iminência do castigo? Doente, não foge destes pensamentos; frequentemente olha para baixo, e treme ansioso. Imensa não será, pergunto, sua amargura? Necessariamente assim é na doença. O que não sofrerá, porém, ver os que são castigados, os que morrem? E isso, nesta vida. Os futuros males são inenarráveis. Quanto suplício, quantas penas, quantos tormentos! Dizemos: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!” (Lc 8,8). Continuamente o repetimos, jamais de bom grado, sempre forçados. Gostaríamos de nem termos necessidade de começar. Se não, talvez a aplicação de um leve remédio livre da doença, vos restitua a saúde; mas no caso de continuardes doentes, viria de um ânimo servil e dissoluto, fero e cruel, desistir da terapia. Rogamos aos médicos, perdida a esperança a respeito dos doentes: Não descuides, até o último suspiro, não desistas de fazer o possível. Acaso não devemos estimular-nos muito mais? Talvez quando o malvado chegar às portas do inferno, e ao limiar da maldade, arrependa-se, refaça-se, venha a convalescer, e alcançar a vida eterna. Quantos, de fato, após ouvirem dez vezes não se sensibilizaram; finalmente, porém, por um só sermão se converteram? Ou antes, não por um só. Apesar de não se comoverem por dez vezes, no entanto, tiraram proveito, e por fim colheram o fruto acumulado. Uma árvore que após dez golpes não cai, por fim é cortada com um só, não foi derrubada com um só golpe, mas o último completa os outros dez. Quem olha a raiz o sabe, mas quem espia de cima e do tronco, não entende; o mesmo sucede em nosso caso. Com frequência os médicos receitam muitos medicamentos e nada conseguem; por fim, acrescentam outro e curam. O efeito não depende somente deste, mas também dos primeiros que debelaram a doença. Por conseguinte, se agora não retiramos proveito da pregação, por fim alcançaremos; tenho certeza. Não é possível que se tornem inúteis tão grande desejo, e tamanho zelo dos ouvintes. De forma alguma. Oxalá todos nós, que fomos considerados dignos de ouvir as advertências de Cristo, consigamos os bens eternos.

SEXTA HOMILIA

2,20. *Numa grande casa não há somente vasos de ouro e de prata; há também de madeira e de barro: alguns para uso honroso, outros para uso vulgar.*

21. *Aquele, pois, que se purificar inteiramente destes erros será um vaso de honra, santificado, útil ao seu possuidor, preparado para toda boa obra.*

Muitas pessoas se perturbam ainda agora, interrogando-se por que os maus subsistem e não perecem. Muitas são as causas. Por exemplo, a fim de se converterem, que seu castigo sirva de advertência aos demais. [Paulo enuncia uma causa bem apropriada:] “*Numa grande casa não há somente vasos de ouro e de prata; há também de madeira e de barro*”. Expõe que numa grande casa é consequente uma grande diferença entre os utensílios; igualmente na terra inteira. Não se referia à Igreja, mas ao mundo todo. Não imagines ser atinente à Igreja. Onde se encontra o corpo de Cristo, a virgem casta, sem ruga nem mancha, ele não quer utensílios de madeira ou de argila, mas que sejam todos de ouro e de prata. Quer dizer o seguinte: Não te perturbes por haver homens malvados e celerados; numa grande casa existem utensílios desta espécie. E então? Mas não gozam de igual honra, pois uns são honrosos, outros vis. Certamente, respondes, nesta casa preenchem determinada função; entretanto no mundo, não. Embora Deus não os utilize para certo uso, no entanto, emprega para diversas utilidades. Por exemplo, o vaidoso, o avaro, o negociante, o traficante, o potentado constroem muito. Determinadas tarefas no mundo lhes competem. Um utensílio de ouro não as preenche, mas é colocado perto da mesa régia. O Apóstolo não está dizendo que a maldade seja necessária; e então? Também eles têm tarefas peculiares. Se todos fossem de ouro e de prata, eram supérfluas. Por exemplo, se todos fossem resistentes, não se precisaria de construções; se todos fossem alheios às delícias, não havia necessidade de iguarias; se todos desejassem apenas o necessário, não haveria necessidade de edifícios luxuosos. “*Aquele, pois, que se purificar inteiramente destes erros será um vaso de honra, santificado.*” Vês que a necessidade de que o utensílio seja de ouro ou de argila não vem da natureza, nem da matéria, mas de nosso arbítrio? Nenhum utensílio de argila se tornará de ouro, nem o ouro poderá descer à pequenez do vaso de argila; seria enorme mudança e alteração. Paulo era um vaso de argila, mas se tornou de ouro. Judas era um vaso de ouro, mas se transformou em vaso de argila. Por conseguinte, de argila são os impuros. O fornicador, o avaro se torna de argila. Paulo diz em outra passagem: “Trazemos, porém, este tesouro em vasos de argila” (2Cor 4,7). Honra, portanto, não reprova o vaso de argila com a declaração de que ele encerra um tesouro. Revela a natureza, não a qualidade da matéria. É o sentido da palavra: Nosso corpo é um vaso de argila. Um vaso de argila nada mais é do que barro cozido; assim o corpo outra coisa não passa de barro consolidado pelo calor da alma. É evidente que é de argila. Muitas vezes o vaso de argila cai, quebra-se e esfacla-se; deste modo também nosso corpo se dissolve pela morte. Em que diferem os ossos, tão fortes e secos, da argila? Em que a carne se distingue do barro? Não é plasmada também com água? Mas, segundo eu ia dizendo, por que ele não a reprova ali? Ali falava da natureza, aqui do livre-arbítrio. “*Aquele, pois, que se purifica.*” Não disse: Purifica, e sim: “*Purifica-se inteiramente*”. “*Será um vaso nobre, santificado, útil ao seu possuidor.*” Aqueles, portanto, são inúteis, embora sirvam para alguma coisa. “*Preparado para toda boa obra.*” Embora não atue, serve como recipiente. Deve, pois, estar preparado para tudo: a morte, ao martírio; à virgindade etc.

22. *Foge das paixões da mocidade.*

Paixões da mocidade não são tanto as relativas à fornicção quanto à absurda concupiscência juvenil. Ouçam os velhos, a fim de não terem conduta juvenil. Ser injuriador, ambicioso de poder, de riquezas, amante da carne etc., é desejo juvenil e estulto. Onde o coração não está firme, nem a mente

sólida, mas é leviana, necessariamente tudo isso acontece. Quais os avisos do Apóstolo a fim de que ninguém se deixe captar por eles? *“Foge das paixões da mocidade.”*

Segue a justiça, a fé, a caridade, a paz com aqueles que, de coração puro, invocam o nome do Senhor.

Dá a denominação geral de justiça à virtude, à vida piedosa, à fé, à caridade, à mansidão. O que significa: *“Com aqueles que, de coração puro, invocam o Senhor”*? Seria como se dissesse: Confia apenas naqueles que invocam, não de qualquer modo, mas sem dolo, simulação, fraude, que se aproximam em paz, não combativos. Une-te a eles. Relativamente aos outros, não convém ser manso, mas pacífico à medida do possível.

23. *Repele as questões insensatas e indisciplinadas. Tu sabes que elas geram contendas.*

Vês que o Apóstolo sempre aparta o discípulo das disputas? Não quer dizer que não possa refutá-las convenientemente; podia, de fato. Se não pudesse, seria o caso de dizer-lhe: Aplica-te a tornar-te idôneo a refutá-las, segundo faz ao ordenar: *“Aplica-te à leitura. Assim, salvarás a ti mesmo e aos teus ouvintes”* (1Tm 4,13.16). Mas sabia ser inútil animar tais combates, sem finalidade, donde se originariam lutas, inimizades, injúrias e ultrajes. Evita, portanto, tais questões. Existem outras, a respeito das Escrituras etc.

24. *Ora, um servo do Senhor não deve brigar;*

Não lutar, nem disputar. Mantenha-se o servo de Deus longe dos litígios, pois Deus é Deus da paz. Por que lutaria um servo do Deus da paz?

deve ser manso para com todos,

“Ora, um servo de Deus não deve brigar; deve ser manso para com todos.” Mas, como se explica a palavra: *“Repreende-os com toda autoridade”* (Tt 2,15); e aqui ainda: *“Que ninguém despreze a tua jovem idade”* (1Tm 4,12); e: *“Repreende-os severamente”* (Tt 1,13). A mansidão abrange essa atitude. Uma forte refutação, procedente da mansidão, impressiona sobretudo. É lícito, é melhor lastimar com mansidão do que refutar com fereza.

competente no ensino,

A saber, para aqueles que querem aprender. Disse, pois: *“Depois de uma primeira e segunda admoestação, nada mais tens a fazer com um herege”* (Tt 3,10).

paciente

É correto o acréscimo, pois esta qualidade é especialmente conveniente ao mestre; do contrário, tudo será inútil. Se os pescadores muitas vezes depois de lançar inutilmente as redes o dia inteiro não desanimam, muito mais nos cabe fazer. Olha o que acontece. Frequentemente depois de assíduo ensino, o arado da doutrina penetra no íntimo da alma, amputa o vício inquietante. O que ouve inúmeras vezes, atende um pouco; pois é impossível que aquele que ouve frequentemente, não se abale. Por vezes, acontece que aquele que está se convencendo, uma vez que nós desistimos, põe tudo a perder. E sucede que um inexperiente em agricultura, no primeiro ano cultiva a vinha que plantou, no segundo e no terceiro espera colher fruto e não recolhe e depois de três anos perde a esperança. No quarto ano enfim a abandona, quando ia receber a recompensa de seus esforços. Depois de dizer: *“Paciente”*, o Apóstolo não acha suficiente, mas acrescenta:

25. *É com suavidade que deve instruir os opositores,*

Importa principalmente ensinar com suavidade. A alma necessitada de ensinamento não pode perceber algo que tenha utilidade se acompanhado de fereza e altercação. Mesmo que queira atender,

duvida e nada aprenderá. Importa, em verdade, àquele que quer aprender coisas úteis, antes de tudo ter afeição ao mestre. Sem precedente afeto, nada aprenderá, por útil ou necessário que seja. Mas, não pode ter afeição a um mestre cruel e injuriador. Por que, então, ordena: “Depois de uma primeira e segunda admoestação, nada mais tens a fazer com um herege”? Refere-se a um incorrigível e incurável.

na expectativa de que Deus lhes dará não só a conversão para o conhecimento da verdade,

26. *mas também o retorno à sensatez, libertando-os do laço do diabo,*

Quer dizer: Talvez haja emenda; o termo: talvez, porém, se diz de coisas duvidosas. Por conseguinte, devemos nos apartar somente daqueles que sabemos com certeza e convicção que, por mais que fizermos, não haverão de se converter. “*Com suavidade.*” Vês que assim se deve abordar os que querem aprender, e jamais desistir dos colóquios antes de uma demonstração?

que os tinha cativos de sua vontade.

Diz corretamente: “*Os tinha cativos*”, pois nesse ínterim nadam no erro. Vê de que maneira ensina a pensar com moderação. Não disse: De que possam, e sim: “*Na expectativa de que Deus lhes dará o retorno à sensatez*”. Aconteça o que acontecer, vem de Deus. Tu plantas, tu irrigas; ele semeia, e faz frutificar. Jamais devemos pensar que nós convencemos, embora aconselhemos. “*Que os tinha cativos de sua vontade.*” Não é relativo somente aos dogmas, mas também à vida, pois é de sua vontade que vivamos retamente. Alguns são cativos do laço do diabo, também pelo estilo de vida; no entanto, nem a repente deles se perca a esperança. “*Na expectativa de que Deus dará o retorno à sensatez aos cativos de sua vontade.*” A locução: “*Na expectativa*” é indício de grande paciência, pois não fazer a vontade de Deus é laço do diabo.

Com efeito, como o pássaro, embora não esteja inteiramente preso, mas somente por um pé, fica sob o poder daquele que armou o laço, assim também nós, embora não estejamos cativos totalmente, pela fé e o estilo de vida, mas somente pelo estilo de vida, estamos sob o poder do diabo. “Nem todo aquele que me diz: ‘Senhor, Senhor’ entrará no reino dos céus”; e ainda: “Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade” (Mt 7,22-23). Vês que não se retira lucro algum da fé, se o Senhor não nos conhece? Igualmente foi dito às virgens: “Não vos conheço” (Mt 25,12). Que lhes adiantou a virgindade, o intenso suor, se o Senhor as ignora? E muitas vezes encontramos alguns que não merecem censura a respeito da fé, mas já são castigados devido à má conduta, e outros, que de vida impoluta perecem pela perversidade da doutrina. Ambas, vida e doutrina, se coadunam. Vês que, se não fazemos a vontade de Deus, caímos no laço do diabo? Não apenas pelo conjunto da vida, até por um só vício, muitas vezes vamos para a geena, porque destoa dos outros bens. Com efeito, as virgens não foram acusadas de fornicação, de adultério, de inveja, de ciúme, de embriaguez, de desvio na fé, mas de não terem óleo, isto é, de não darem esmola, a qual o óleo representa. E aqueles condenados – “Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno” (Mt 25,41) –, não era acusados senão de não terem dado alimento a Cristo. Vês que basta a negligência em dar esmola para introduzir na geena de fogo? Em que é útil, pergunto, quem não pratica a esmola? Jejuas diariamente? Mas igualmente isso faziam aquelas virgens e não lhes foi proveitoso. Rezas? E com que finalidade? Sem a esmola a oração é estéril; sem ela tudo é impuro, inútil, e a maior parte da virtude é eliminada. “Não é de Deus quem não ama o seu irmão” (1Jo 3,10). E tu, de que modo amas? Não queres conceder nem este mínimo insignificante? Dize-me. Vives castamente? Por quê? Acaso por temor do suplício? Não, mas nisto segues a natureza. Com efeito, se vives castamente por medo do suplício, submetido a esta força tirânica, muito mais devias dar esmola. Não exigiria igual esforço ao de domar a cobiça do

dinheiro e a da carne, mas trata-se de maior labor. Por quê? Por que a volúpia inserta em nosso corpo é natural, e a cupidez das riquezas, não. Pela compaixão e a misericórdia podemos imitar a Deus; se não o fizermos, perdemos tudo. Cristo não disse: Pelo jejum sede semelhantes a vosso Pai. Nem: Se conservardes a virgindade, nem: Se rezardes, sereis semelhantes a vosso Pai. Nada disto importa a Deus, ele nada disso faz; mas o que faz? “Sede misericordiosos, como o vosso pai é misericordioso” (Lc 6,36). É obra de Deus. Se, portanto, não a fazes, o que tens? “É misericórdia que eu quero e não sacrifício” (Os 6,6). Deus fez o céu, a terra, o mar, grandiosos e dignos de sua sabedoria. Nada atraiu tanto a natureza humana quanto a misericórdia e a benignidade. Eis a obra própria da sabedoria, da virtude e da bondade. Mais ainda porque ele se fez servo. Acaso, não é por este motivo que mais o admiramos e ficamos estupefactos? Nada atrai tanto a Deus quanto a misericórdia. Ora, frequentemente os profetas esgotam o assunto. Refiro-me à misericórdia, não, contudo, unida à cobiça; não seria misericórdia. A raiz do espinheiro não produz óleo, e sim a da oliveira. Assim, nem a raiz da avareza produz óleo, nem a injustiça, nem a rapina. Não incrimines a esmola, não a exponhas à maldição generalizada. Se roubas para dar esmola, nada pior do que tal esmola. Oriunda da rapina, não é esmola; é ferocidade e crueldade, injúria infligida a Deus. Se Caim, que ofereceu a Deus bens menores, ofendeu-o tanto, quem oferece o alheio, não ofenderá? A oblação nada mais é do que sacrifício, purificação e não impureza. Não ousas rezar com mãos sórdidas e julgas não ser pecado oferecer dons sórdidos e impuros, provenientes de rapina? Não deixas as mãos se mancharem na sujeira e impureza, mas após purificá-las trazes a oferenda. Ora estas manchas não acarretam culpa; as outras merecem acusação e incriminação.

Não cuidemos de oferecer e rezar com mãos limpas, mas que sejam puras as oferendas. O primeiro caso é ridículo. Seria como se alguém lavasse o prato e o enchesse de dons imundos. Não seria irrisão? Estejam limpas as mãos; não as lavemos apenas com água, mas primeiro com a justiça. Eis a verdadeira purificação das mãos. Estando, porém, cheios de injustiça, mesmo se as lavarmos mil vezes, nenhum lucro obteremos. “Lavai-vos, purificai-vos!” (Is 1,16) Como? Acaso acrescentou: Ide às fontes, às termas, aos lagos, aos rios? Nada disto; então, o quê? “Tirai das vossas almas as vossas más ações”! Isto é, purificai-vos. Desta forma apaga-se a mácula; é a verdadeira pureza. A primeira não adianta muito; esta nos dá confiança perante Deus. Podem possuir aquela os adúlteros, os ladrões, os homicidas, os frouxos, os dissolutos, os fornicadores, os amasiados, e principalmente estes. Pois são os que mais cuidam da limpeza corporal, sempre perfumados. Limpam o sepulcro, uma vez que o corpo é sepulcro para eles, porque a alma dentro está morta. Por conseguinte, eles também podem obter esta espécie de pureza, mas a de dentro, não. Importante não é lavar o corpo. É limpeza judaica, estulta e inútil, quando falta a interna. Uma pessoa cheia de podridão e chagas lava o corpo. Qual a utilidade? A finalidade? Se não for possível eliminar a podridão corporal, lavando e limpando exteriormente, se a podridão é espiritual, o que lucrar com a pureza do corpo? Nada. Precisamos de orações puras; as preces, contudo, jamais serão puras quando a emitir uma alma impura. Nada torna a alma tão imunda quanto a avareza e a rapina. Certas pessoas, depois de cometerem inúmeros pecados durante o dia, à tarde se lavam, e entram na igreja, com grande ousadia estendendo as mãos, como se por tal ablução apagassem todas as manchas. Se assim fosse, grande lucro haveria em lavar-se diariamente; se a ablução purificasse e apagasse os pecados, não deixaríamos de frequentar as termas. É ridículo, tagarelice, gracejo e brincadeira infantil. Deus não tem aversão das manchas corporais, e sim da impureza da alma. Escuta-o: “Bem-aventurados os puros de coração”. Acaso refere-se aos corpos? De forma alguma, mas: “Os puros de coração, porque verão a Deus” (Mt 5,8). E o que diz o profeta? “Ó Deus, cria em mim um coração puro” (Sl 51,12); e ainda: “Purifica teu coração da maldade” (Jr 4,14). É um grande bem conviver com os bons. Vê que se trata de coisas pequenas e

inúteis. E depois que a alma se acostumar com elas, não se abstém, nem se entrega à oração antes de cumprir estas ações. Por exemplo, habitualmente nos lavamos e depois rezamos, e não nos é possível rezar sem lavar as mãos. De bom grado não rezamos, tendo omitido a ablução das mãos, como se ofendêssemos a Deus e nos pesasse na consciência. Se esta mínima ação exerce tamanho poder que é cumprida diariamente, seria ótimo se nos habituássemos a dar esmolas, decidíssemos sempre proceder desta forma, e jamais entrássemos de mãos vazias na casa de oração. A força do hábito nas coisas boas e ruins é grande; já não reclama esforço, arrasta-nos. Algumas pessoas acostumaram-se a frequentemente fazer o sinal da cruz, e não precisam de quem as lembre. Não raro, apesar de estar a mente ocupada em outros assuntos, pelo hábito, qual conselheiro, a mão espontaneamente faz o sinal. Outras contraíram o costume de não jurar; e jamais o fazem espontaneamente, nem a contragosto. Devemos contrair o hábito de dar esmolas. De quanto labor precisaremos para encontrarmos este remédio? Dize-me. Se não fosse o consolo da esmola, e fôssemos castigados por inúmeras culpas, não gemeríamos profundamente? Não devemos dizer: Oxalá pudéssemos lavar os pecados por meio do dinheiro e tudo gastaríamos. Se a ira de Deus se aplacasse por meio do dinheiro, não pouparíamos as posses. Se o fizemos numa doença e por ocasião da morte de alguém, diríamos: Se ele pudesse escapar da morte, daria todas as suas posses; muito mais neste caso dever-se-ia dar. Ora, vê a grande bondade de Deus; não concedeu remissão da morte temporal, mas da eterna. Não adquiras esta breve vida, mas a sempiterna. Vendo-te aquela, não esta. Não te iludo. Se a receberes, nada recebeste; eu sei quanto vale aquela. Ora, não é assim que fazem os traficantes e os negociantes mundanos; se lhes é lícito defraudar quantos querem, dão coisas mínimas em troca das grandes. Deus, porém, nunca age desta forma, mas por preço mínimo dá bens muito melhores. Dize-me. Se procurasses certo negociante, e te fossem propostas duas gemas, das quais uma insignificante, outra de elevado valor e que acarretasse honestas riquezas, e por menor preço recebesses a preciosa, acaso o acusarias? De forma alguma; antes mais o admirarias. Assim também em nosso caso, são propostas duas vidas, a temporal e a eterna. Deus vende esta última. Vende-nos esta e não aquela. Por que nos indignamos, como crianças desarrazoadas, por recebermos a mais preciosa? É lícito, perguntas, adquirir a vida por dinheiro? Sim, mas com o nosso, não com o alheio, contanto que não roubemos. Mas, enfim, é meu. Pela rapina não é teu, mas dele; é alheio, por mais que te apossares. Pois, mesmo que recebas um depósito, pelo tempo em que viaja quem fez o depósito, o depósito é teu, porque está contigo. Se, portanto, aqueles bens que recebemos em depósito voluntariamente e de grado, não são nossos, nem enquanto os retivermos, muito menos o que roubamos de quem depositou a contragosto, involuntariamente. Ele, portanto, é o dono, por mais que o retenhas. A virtude é nossa; as riquezas, contudo, nem as nossas são nossas, antes são alheias. Hoje são nossas, amanhã, não. Ora, a virtude é sempre nossa, pois não diminui como aquelas, mas, onde se apresenta, está toda ela íntegra. Adquiramo-la, pois, e desprezemos as riquezas, a fim de conseguirmos os verdadeiros bens. Oxalá os tenhamos.

SÉTIMA HOMILIA

- 3,1.** *Sabe, porém, o seguinte: Nos últimos dias sobrevirão momentos difíceis.*
- 2.** *Os homens serão egoístas, gananciosos, jactanciosos, soberbos, blasfemos, rebeldes com os pais, ingratos, iníquos,*
- 3.** *sem afeto, implacáveis, mentirosos, incontinentes, cruéis, inimigos do bem,*
- 4.** *traidores, atrevidos, enfatuados, mais amigos dos prazeres do que de Deus;*

5. *guardarão as aparências da piedade, negando-lhe, entretanto, o poder. Afasta-te também destes.*

6. *Entre estes se encontram os que se introduzem nas casas e conseguem cativar mulherzinhas carregadas de pecados, possuídas de toda sorte de desejos,*

7. *sempre aprendendo, mas sem jamais poder atingir o conhecimento da verdade.*

Na Primeira Carta o Apóstolo declarava: “O Espírito diz expressamente que nos últimos tempos alguns renegarão a fé” (1Tm 4,1), e de novo em outro trecho da mesma Carta profetiza um futuro acontecimento. O mesmo faz aqui, dizendo: “*Sabe, porém, o seguinte: Nos últimos dias sobrevirão momentos difíceis*”. E não se refere apenas a acontecimentos futuros, mas também a passados, nesses termos:

8. *Do mesmo modo como Janes e Jambres se opuseram a Moisés,*

E novamente prosseguindo os raciocínios: “*Numa grande casa não há somente vasos de ouro e de prata*” (2Tm 2,20). Por que age deste modo? A fim de que nem Timóteo nem algum dos nossos se perturbe, diante da existência de homens malvados. Se sob Moisés existiam, e posteriormente haverão de existir, não é espantoso que tal aconteça em nossa época. “*Nos últimos dias sobrevirão momentos difíceis.*” Não pretende criticar os dias e os tempos, e sim os homens desta época. Também nós costumamos dizer que os tempos são maus, e não os feitos dos homens da respectiva época. Logo apresenta como causa, raiz e fonte dos males a soberba, donde se originamos outros. A pessoa dominada por este vício não olha nem mesmo para seus próprios interesses. Alguém que não tem em vista o proveito do próximo e o negligencia, cuidará do seu? Quem respeita o que é do próximo, disporá bem dos interesses em conjunto; de igual modo quem os despreza, desprezará também os seus. Se, pois, somos membros uns dos outros, a salvação do próximo não interessa a ele exclusivamente, mas também ao restante do corpo; e o dano de outrem não toca a ele somente, mas o todo se condói. Se somos um edifício, o que atinge a uma parte, causa detrimento ao restante; se for firme, também pode sustentá-lo. De igual forma, desprezas o irmão na Igreja? Lesas a ti próprio. De que modo? Um membro teu é que sofreu grande prejuízo. De fato, o rico que não partilha vai para a geena; quem vê um homem em perigo pela falta do mais indispensável e não estende a mão, sofrerá muito mais, à medida da extensão do prejuízo: “*Os homens serão egoístas*”. O egoísta é propriamente o homem que a si mesmo não ama; quem ama o irmão é quem, de fato, ama-se a si próprio. A avareza nasce do egoísmo. O surto mesquinho do amor-próprio pressiona a caridade, que por si é vasta e se propaga. “*Gananciosos.*” Da ganância brota o orgulho; do orgulho a soberba, da soberba a blasfêmia, da blasfêmia a arrogância e a incredulidade. Com efeito, quem se arremete contra os homens, facilmente se levantará contra Deus. Assim nascem os pecados. Muitas vezes vêm de baixo para cima. Quem é piedoso para com os homens, muito mais o será em relação a Deus. Quem é condescendente para com os colegas de serviço ainda mais respeitará o Senhor, e quem despreza os colegas irá além e desprezará o próprio Deus. Não desprezemos, portanto, uns aos outros. É péssimo aprendizado o de menosprezar a Deus. Desprezamos a Deus quando nos desprezamos mutuamente, uma vez que ele exige grande solicitude para com o próximo. De resto, se quiseres, esclarecer-te-ei por meio de exemplos. Caim desprezou o irmão, e em seguida desprezou a Deus. De que maneira desprezou? Vê como responde a Deus com injúrias: “Acaso sou guarda de meu irmão?” (Gn 4,9). Ainda Esaú desprezou o irmão, e também desprezou a Deus. Por isso Deus declarava: “Amei a Jacó e aborreci a Esaú” (Rm 9,13). Também Paulo dizia: “Nem haja impuro algum, ou profano, como foi Esaú” (Hb 12,16). Os irmãos desprezaram a José e igualmente desprezaram a Deus. Os israelitas desprezaram a Moisés, e por isso também desprezaram a Deus. Assim os filhos de Heli desprezaram o povo, e igualmente desprezaram a Deus. Queres ver o oposto? Abraão poupou o filho do irmão e também

obedeceu a Deus. São evidentes a sua obediência a respeito de seu filho Isaac e suas outras virtudes. Ainda Abel era condescendente relativamente ao irmão, piedoso para com Deus. Não nos desprezemos mutuamente, portanto, para não começarmos também a desprezar a Deus. Honremo-nos mutuamente, para aprendermos a honrar a Deus. Quem é audaz diante dos homens, será audacioso relativamente a Deus. Quando a cobiça, o amor-próprio e a arrogância vão juntos, o que falta para a completa perdição? Tudo se corrompe e afluí o lodo dos pecados. “*Ingratos.*” De que forma o cobiçoso pode ser grato? A quem? A ninguém. Julga serem todos inimigos, visto querer apossar-se de tudo. Se lhe deres até mesmo o total das posses, não manifestará gratidão alguma. Fica irritado por não possuíres o bastante para torná-lo dono de múltiplos bens. Mesmo se o fizeres possuidor da terra inteira, que ele reputa como um nada, não te agradecerá. Sua ambição é insaciável e doentia. Tais são os desejos dos doentes.

O doente com febre nunca se satisfaz, quer beber ainda mais, jamais se sacia, sempre sedento. Assim também o homem louco pelo dinheiro, jamais satisfaz a cupidez; não se sacia e por mais que partilhares não agradece. Agradecerá apenas àquele que lhe der quanto ele quiser. Mas ninguém o consegue, porque sua cobiça é desmedida; portanto, não será grato a pessoa alguma. Não existe homem mais ingrato que o cobiçoso, tão insensível quanto o avaro. É inimigo da terra inteira. Aborrece-se por existir tanta gente. Queria que existisse apenas um deserto a fim de se apossar de tudo. E imagina várias coisas semelhantes. Oxalá houvesse um terremoto na cidade, diz ele, e todos fossem soterrados, somente eu subsistisse e, se possível, tomasse todos os bens! Oxalá grassasse uma peste e tudo perecesse, exceto o ouro! Oxalá viesse um dilúvio, ou inundação do mar! Imagina somente inúmeras calamidades, nada de bom, almejando que sobrevenham terremotos, raios, guerras, pestes etc. Dize-me, miserável e infeliz, mais vil que todos os escravos, se tudo fosse ouro, acaso poderias, esgotado pela fome, livrar-te por meio dele? Se houvesse um terremoto, derrocasse a terra, perecerias tu conjuntamente, com tua perniciosa cupidez. Se na terra não se encontrasse mais homem algum, não acharias meios de subsistência. Imaginemos que os homens tivessem desaparecido inteiramente da terra, e todo ouro e prata viessem de certo modo a ti automaticamente (Imaginação estulta e impossível!) e douradas as riquezas, ouro, prata, vestes de seda, caíssem por si mesmas em tuas mãos, que utilidade teriam? Desta maneira, a morte é que viria de surpresa, devido à carência de padeiros, agricultores; as feras devorariam tudo, e os demônios encheriam de pavor a tua alma. E agora efetivamente os demônios, e muitos, já se apoderaram dela, mas então te levariam à loucura, e logo à perdição. Mas eu não quero isto, replicas; queria ter agricultores e padeiros. Ora, eles fariam despesas. Mas não queria que gastassem. A tal ponto a cobiça é insaciável! O que há de mais ridículo? Vistes que é impossível? Quer ter muitos servos, e se entristece por precisarem de alimento, diminuindo-lhe os recursos. E então? Dize-me. Queres homens petrificados? Tudo isto provoca zombaria, ondas, procela, inverno, tempestade, grande perturbação da alma: Sempre faminto, sempre sedento. Dize-me. Não havemos de ter compaixão dele, de deplorá-lo? Ora, fisicamente é moléstia gravíssima, e os médicos a denominam *boulímia* (fome voraz), porque a pessoa se farta sem acalmar a fome; não lastimaremos se tal doença atacar a alma? Insaciabilidade da alma é a cupidez farta, à qual nada basta, mas cada vez mais se distende pela avidez. De fato, se fosse necessário para curar-nos beber heléboro, ou outro líquido bem mais desagradável, não devíamos ingeri-lo com sofreguidão? Não há soma de dinheiro que encha um estômago insaciável. Não nos causa vergonha que eles tenham louca ambição pelo dinheiro, e nós não demonstremos a mínima dileção por Deus, e o consideremos de ínfimo valor? Pelo dinheiro os homens se sujeitam a vigílias, viagens, perigos frequentes, ódios, insídias etc. Nós, contudo, por Deus não ousamos proferir uma palavra sequer, nem tolerar ódios, e quando necessário auxiliar um oprimido, evitamos as inimizades dos poderosos e os perigos, traindo

aquele que sofreu injustiça; e tendo recebido de Deus possibilidade de ajudar, perdemo-la, para não sermos odiados e detestados. E logo muitos objetam: Ama gratuitamente, não provoques ódio em vão. Isso seria procurar ódio em vão? O que há de melhor do que tal ódio? O ódio por causa de Deus é muito melhor do que a amizade travada em consideração a ele. Amados por causa de Deus, restamos devedores desta honra; odiados, ele se torna devedor de nossa recompensa. Os cobiçosos não conhecem medida no amor; nós, contudo, se fizemos o mínimo, julgamos ter realizado o máximo. Não amamos a Deus na medida em que eles amam o dinheiro, ou antes, nem na mínima parte. Eles assaz merecem censura pelo ardor relativo ao ouro; e nós, muita crítica, por não nos portarmos de igual modo para com Deus, não prestarmos ao Senhor do universo quanto eles atribuem à terra (o ouro, enquanto metal, é apenas terra).

Analisemos, envergonhados, a loucura deles. De que serve não termos loucura pelo ouro, e no entanto carecermos de zelo pela oração assídua? Daí provém o desprezo à mulher, aos filhos, aos bens, e à própria incolumidade, apesar da incerteza do aumento das riquezas; muitas vezes, de fato, eles se enchem de esperanças, e pela separação da alma, partem desta vida após vã labuta. Ao invés, nós, certos de alcançar o objeto almejado através de genuíno amor, entretanto não amamos, mas esfriam-se o amor ao próximo e o amor a Deus. É impossível, portanto, impossível ao homem que não ama, possuir algo de generoso e viril. De fato, a base de todos os bens outra não é senão a amizade: “Desses dois mandamentos dependem toda a Lei e os profetas” (Mt 22,40). Como o fogo que penetra no bosque costuma joeirar tudo, o fervor da caridade onde recair extirpa e atalha o que prejudicaria à sementeira divina, e limpa a terra para receber as sementes. Onde há caridade, eliminam-se os males. Não existe a cobiça, a raiz dos pecados, não existe a cobiça, não há o orgulho. Uma pessoa se ufanaria, opondo-se a um amigo? Com efeito, nada torna humilde como a caridade. Prestamos serviço aos amigos, e não nos envergonhamos, mas lhe agradecemos termos sido admitidos a tal serviço. Não poupamos gastos, nem às vezes, o próprio corpo. Já aconteceu haver quem incorresse em perigo em favor de um amigo. Não há inveja, nem ultraje onde a amizade é genuína; não somente não caluniamos os amigos, mas também fechamos a boca dos caluniadores. Tudo é sereno, suave, sem vestígio de litígio ou disputa, tudo repleto de paz. “A caridade, portanto, é a plenitude da Lei” (Rm 13,10). Nada de desagradável nela. Como? Os próprios pecados, a avareza, a rapina, a inveja, a injúria, a arrogância, o perjúrio, a mentira se resolvem, em presença da caridade. Juram falso os perjuros no intuito de roubar. De um ser amado, contudo, ninguém rouba, antes, concede-lhe do que possui, mais grato do que se dele algo tivesse recebido. Bem o sabeis todos vós que possuístes amigos; amigos não somente de nome, mas conforme convém aos unidos por verdadeira amizade. Se alguém o ignora, aprenda dos que o sabem.

Agora, vou traçar-vos a narrativa, extraída das Escrituras, de uma admirável amizade. Jonatas, filho de Saul, amou a Davi. “A alma de Jônatas apegou-se à alma de Davi” (1Sm 18,1), de sorte que, lamentando-o, Davi dizia: “A tua amizade me era mais cara do que o amor das mulheres. A tua morte dilacerou-me o coração” (2Sm 1,26.25). De que modo? Acaso Jônatas o invejava? De forma alguma, embora tivesse motivo de invejar. Por quê? Pelas circunstâncias. Percebia que ele haveria de reinar, no entanto, não tinha inveja. Não disse: Ele me privará do reino paterno; mas cooperava para que o domínio lhe coubesse, e por causa do amigo não poupava o pai. Mas, a fim de que ninguém o julgasse parricida, não injuriava o pai, mas esforçava-se por reprimir-lhe as insídias e injustiças. Mais o poupava do que o lesava; não permitiu que ele cometesse um homicídio injusto. Quis até muitas vezes morrer em vez do amigo. Não acusou, mas refutou o pai; não invejou, mas agiu em favor de Davi. Não apenas deu-lhe dinheiro, mas também preparou-lhe a salvação. Por que me refiro a dinheiro? Deu a

vida por ele. Em favor do amigo não teve medo do pai, que o agredia injustamente. Ele, contudo, não tinha na consciência pecado semelhante. Tal era sua amizade àquele homem justo. Jônatas possuía essas qualidades. Examinemos agora Davi. Não teve oportunidade de retribuir ao amigo, arrebatado antes do reinado de Davi, e o benfeitor morreu antes que o beneficiado reinasse. E então? Vejamos como na medida em que era lícito e possível o justo manifestou sua amizade. Disse: “Jônatas, a tua morte dilacerou-me o coração. Tu me eras imensamente querido” (2Sm 1,26). Acaso foi somente isso? Não é pouco; mas ainda livrou muitas vezes dos perigos o filho e o neto, conservando a memória do favor do pai. Procedia como guardaria e protegeria um neto seu. Quisera eu que todos tivessem igual amizade para com os vivos e os mortos.

Ouçam as mulheres (Foi sobretudo por isso que mencionei os mortos), as que contraem segundas núpcias e deslustram o tálamo do defunto, que, no entanto, elas haviam amado. Não estou reprovando as segundas núpcias, não as denomino impudicas. Paulo não me desaprova, colocando um freio em minha boca, ao dizer às mulheres: “Se ela se casar, não pecará”. Vejamos a continuação: “Todavia será mais feliz se ficar como está” (1Cor 7,28.40). Muito melhor. Por que motivo? Por muitos. Se bem melhor do que casar é não se casar, esta decisão é muito melhor do que a primeira. Ora, replicas, algumas não suportaram a viuvez, e sentiram-se infelizes. Não entenderam o que é a viuvez. Viuvez não significa não contrair segundas núpcias, como virgindade não consiste em não se casar. Em que consiste? Das virgens reclamam-se decência e assiduidade (na oração); das viúvas, solidão, perseverança na oração e abstinência da volúpia e das delícias. “Mas a viúva que só busca prazer, mesmo se vive, já está morta” (1Tm 5,6). Se continua viúva e quer conservar o mesmo luxo, idêntica pompa, as mesmas vestes do tempo em que vivia o marido, é melhor casar-se; a união não é um mal, e sim aquele grande aparato. Tu, porém, evitas o que não é pecado; no entanto te submetes ao que não é indiferente, mas culpado. Por conseguinte, elas voltaram atrás, seguindo Satanás, porque não souberam viver bem a viuvez. Queres saber o que é a viúva, qual a sua dignidade? Escuta o que diz Paulo: “Se tiver criado os filhos, sido hospitaleira, lavado os pés dos santos, socorrido os atribulados, aplicada a toda boa obra” (1Tm 5,14). Pois, se após a morte do marido, te cercares de opulência, certamente não suportas a viuvez. Transfere, portanto, essas riquezas para o céu, e facilmente carregarás o peso da viuvez. Mas como farei, perguntas, se tenho filhos herdeiros das posses paternas? Ensina-lhes a desprezar as riquezas. Transfere para o além o que é teu. Distribui-lhes o suficiente. Educa-os a se manterem acima das riquezas. E, perguntas, se forem muitas as turmas de escravos? Se houver uma quantidade de negócios, de ouro, de prata? De que modo serei capaz, sem o marido, de tal administração? É evidente que são pretextos, desculpas. Se não ambicionas riquezas, nem queres aumentá-las, o peso será leve. É muito mais oneroso adquirir riquezas do que guardá-las. Se, portanto, cortares uma só coisa, a ostentação, e deres de tuas posses aos indigentes, Deus te protegerá com sua mão. Se realmente disseres estas coisas, preocupada com a herança dos órfãos, e não for pretexto para a cobiça, aquele que conhece os corações sabe de que forma colocará as riquezas dos filhos em segurança, uma vez que preceitua educá-los. Não é possível, é impossível que uma casa radicada na esmola sofra tribulação grave; mas se por algum tempo acontecer, terminará bem. Servirá antes a esmola de couraça e escudo para a casa inteira. Ouve o que o diabo diz de Jó: “Porventura não levantaste um muro de proteção ao redor dele?” Por quê? Ouve a palavra de Jó: “Eu era olhos para o cego, era pés para o coxo. Era o pai dos órfãos” (Jó 1,10; 29,15). A pessoa que não ignora a infelicidade alheia, jamais sofrerá dano em seus bens, porque aprendeu a se conduzir; assim quem não sentir a dor da comisseração, experimentará prejuízo. Fisicamente, se o pé estiver infeccionado e a mão não se compadecer, limpar a ferida, colocar remédio, lavar o pús, reverterá sobre si o mal e por ter recusado socorrer o pé, enquanto estava sadia, ficará sujeita a infecção. De fato, o mal serpeia e chega

à mão. Já não se tratará de socorrer, mas de cuidar de si própria e de curar-se. Em nosso caso, quem não quer se condoer, sentirá dor ele próprio. “Porventura”, diz o diabo, “ não levantaste um muro de proteção ao redor dele?” Por conseguinte, não ouse investir. Ora, replicas, ele sofreu gravemente. Mas aqueles sofrimentos graves ocasionaram inúmeros bens: os recursos se duplicaram, aumentaram a recompensa e a justiça, mais esplêndidas se tornaram as coroas, alegres os troféus, tiveram progresso o espiritual e o material. Perdeu os filhos? Não os recuperou, mas os primeiros, substituídos por outros, foram reservados para a ressurreição. Restituídos apenas, seu número diminuiria. Deus concedeu outros em vez dos primeiros, que devolverá por ocasião da ressurreição. Estes fatos o tornaram propenso a dar esmolas. Oxalá também nós o façamos, para conseguirmos os mesmos bens, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.

OITAVA HOMILIA

3,1. *Sabe, porém, o seguinte: Nos últimos dias sobrevirão momentos difíceis.*

2. *Os homens serão egoístas, gananciosos, jactanciosos, soberbos, blasfemos, rebeldes com os pais, ingratos, iníquos,*

3. *sem afeto, implacáveis, mentirosos, incontinentes, cruéis, inimigos do bem,*

4. *traidores, atrevidos, enfatuados, mais amigos dos prazeres do que de Deus;*

Se alguém agora se irritar contra o aparecimento dos hereges, considere que eles existiam desde o princípio, visto que o diabo sempre se esforça por colocar de permeio a mentira e a verdade. Deus prometera vários bens no início; veio o diabo com suas promessas. Deus plantara o paraíso e aquele enganou, dizendo: “Vós sereis como deuses” (Gn 3,5). Na realidade não mostrava, e só prometia por palavras. Tais são, de fato, os sedutores. Depois vieram Caim e Abel; em seguida os filhos de Set e as filhas dos homens; posteriormente Cam e Jafet, Abraão e Faraó, Jacó e Esaú. Até o fim, assim foi: Entre Moisés e os magos, os profetas e os falsos profetas, os apóstolos e os pseudoapóstolos, Cristo e o Anticristo. Por conseguinte, outrora e atualmente são idênticos os fatos. Outrora Teúdas, outrora Simão no tempo dos apóstolos, juntamente com os companheiros de Hermógenes e Fíleto. Não houve, portanto, tempo em que a mentira não se imiscuisse com a verdade. Não nos aborreçamos, portanto. Há muito estas coisas foram preditas. Por isso, dizia o Apóstolo: *“Sabe, porém, o seguinte: Nos últimos dias sobrevirão momentos difíceis. Os homens serão egoístas, gananciosos, jactanciosos, soberbos, blasfemos, rebeldes com os pais, ingratos, iníquos, sem afeto”.*

O ingrato é iníquo. É consequente. Como será uma vez para os demais o ingrato para com o benfeitor? O ingrato é implacável, sem afeto. “*Mentirosos*”, isto é, acusadores. Conscientes de não possuírem bem algum, consolam-se difamando o próximo, por meio de mil pecados e delitos. “*Incontinentes*” de língua, do ventre etc. “*Cruéis*”. Provêm a crueldade e a ferocidade do fato de serem gananciosos, egoístas, ingratos, lascivos. “*Inimigos do bem, traidores, atrevidos.*” “*Traidores*” da amizade. “*Atrevidos*”, isto é, sem firmeza. “*Enfatuados*”, cheios de arrogância. “*Mais amigos dos prazeres do que de Deus.*”

5. *guardando as aparências da piedade, negando-lhe, no entanto, o poder.*

E na Carta aos Romanos escreve: “Possuindo na Lei a expressão da ciência e da verdade” (Rm 2,20). É expressão elogiosa; aqui, contudo, mostra que é o pior dos delitos. Por que motivo essa diferença? Porque não toma a expressão em igual sentido. Uma vez emprega a imagem para exprimir semelhança, outras para algo de inanimado e insignificante, conforme faz na Carta aos

Coríntios: “Quanto ao homem, não deve cobrir a cabeça, porque é imagem e glória de Deus” (1Cor 11,7). O profeta, ao invés, diz: “O homem passa como uma sombra” (εν εικονι) (Sl 39,7). E a Escritura por vezes faz do leão figura da dignidade régia: “Deita-se como um leão, como um leãozinho. Quem o despertará?” (Gn 49,9); por vezes, da rapina: “Como leão que arrebatou e ruge” (Sl 22,14). Agimos assim também nós. Por serem questões compostas e várias, com razão temos muitas imagens e exemplos. Por exemplo, no intuito de louvar uma mulher formosa, nós a comparamos com uma pintura, e ao elogiarmos umas pinturas, dizemos que só faltam falar e emitir sons. O motivo da atitude não é igual: No primeiro caso, por se acercar da semelhança; neste, da beleza. Fazemos o mesmo relativamente à figura. Num caso, por ser tipo e imagem, doutrina e arquétipo da piedade; noutro, por ser inanimada e morta, apenas figura, tipo e imitação. Ora, a fé sem as obras é apenas figura sem vigor. E com razão. A fé reta sem as obras é um corpo belo e formoso, semelhante a uma pintura. Imaginemos uma pessoa cobiçosa, traidora, petulante, mas que possua fé verdadeira. Qual a vantagem, se não tem o que é conveniente ao cristão? Se não faz coisa alguma do que caracteriza a piedade, mas supera em impiedade os gentios? Se leva os companheiros à perdição? Se blasfema contra Deus? Se pelas obras difama a doutrina?

Afasta-te também destes.

Se, portanto, nos últimos tempos existirão homens desta espécie, por que diz: “*Afasta-te também destes*”? É possível que então houvesse tais homens, embora não de tamanha impiedade, mas enfim que houvesse. Em verdade, por meio do discípulo adverte a todos que os evitem.

6. *Entre estes se encontram os que se introduzem nas casas e conseguem cativar mulherzinhas carregadas de pecados, possuídas de toda sorte de desejos,*

7. *sempre aprendendo, mas sem jamais poder atingir o conhecimento da verdade.*

Vês que eles utilizam a fraude do antigo inimigo, o dardo do diabo contra Adão? “*Os que se introduzem nas casas*”. Vês como indica o despudor, nesses termos: “*Introduzem-se nas casas*”? A ignomínia, a falácia e a adulação? “*E conseguem cativar mulherzinhas*”. De fato, é mulherzinha quem se deixa logo seduzir, bem longe da constância viril. Seduzem-se facilmente as mulheres, ou antes, não as mulheres, mas as mulherzinhas. “*Carregadas de pecados.*” Anota de onde provém que elas se deixam convencer, isto é, dos pecados, de não estarem conscientes de bem algum. E diz com muita razão: “*Carregadas*”, indicando uma multidão de pecados, um estado desordenado e confuso. “*Possuídas de toda sorte de desejos.*”

Não acusa a natureza, nem simplesmente as mulheres, mas somente determinada espécie de mulheres. O que significa: “*Toda sorte*”? Sugere muita volúpia, torpeza, lascívia. “*Toda sorte de desejos*”, isto é, das riquezas, da glória, das delícias, da jactância, da honra. Talvez, em verdade, subentende outro mau desejo. “*Sempre aprendendo, mas sem jamais poder atingir o conhecimento da verdade.*” Por que motivo assim se expressa? Não poupa, mas ameaça severamente. Elas haviam cedido àqueles desejos e pecados, e por isso tinham a mente obcecada.

8. *Do mesmo modo como Janes e Jambres se opuseram a Moisés, assim também estes se opõem à verdade;*

Quem são estes magos do tempo de Moisés? Por que seus nomes não aparecem em parte alguma? Talvez sejam tradições orais, ou Paulo fora inspirado pelo Espírito. “*Também estes se opõem à verdade*”;

são homens de espírito corrupto, de fé inconsistente.

9. Mas eles não irão muito adiante,

Sua loucura será notória, como foi a deles. *“Eles não irão muito adiante.”* Por que afirma o Apóstolo noutra passagem: *“Progredirão na impiedade”* (2Tm 2,16), enquanto diz aqui: *“Não irão muito adiante”*? Lá se exprime daquela maneira porque, tendo começado a inovar e errar, não desistem do erro, e sempre encontram novas falácias e dogmas corruptos, pois o erro não para. Aqui, contudo, diz: Não enganarão, nem arrebatarão, embora pareçam no início enganar a alguns; mas logo serão surpreendidos. Escuta o que diz ao falar deste assunto:

pois a sua loucura será manifesta a todos,

De onde? De todas as partes,

como o foi a daqueles.

Embora no começo o erro esteja florescente, não permanece nestas condições até o fim. Belas por natureza não são, mas parecem; viçosas por algum tempo, logo são apanhadas em flagrante e se perdem. As nossas coisas não são desta espécie, e tu és disto testemunha. Não são enganosas. Quem haveria de querer morrer pela falácia?

10. Tu, porém, me tens seguido de perto no ensino,

Sê forte, portanto; não somente te aproximaste, mas *“Tens seguido”*. Declara que foi por muito tempo, ao dizer: *“Tens seguido de perto na doutrina”*, nas palavras.

na conduta,

refere-se à vida.

nos projetos,

isto é, na prontidão e na perseverança. Eu não falava apenas, mas também fazia, não aderiu à sabedoria só em palavras.

na fé, na longanimidade,

Por conseguinte, nada disto me perturbou.

na caridade

Que eles não possuíam.

na paciência,

Nem esta virtude possuíam.

na magnanimidade,

Contra os hereges demonstrou muita magnanimidade.

na paciência,

Nas perseguições.

11. nas perseguições, nos sofrimentos

Perturbam o mestre principalmente esse dois fatos: o grande número de hereges, e a dificuldade de suportar os sofrimentos. Entretanto, já dissertou longamente sobre o seguinte assunto: outrora existiam e haverão de existir. Nenhuma época estará livre deles, e no entanto, não poderão nos prejudicar; e ainda menciona que existem no mundo vasos de ouro e de prata. Estás vendo que ele se refere enfim às tribulações?

que conheci em Antioquia, em Icônio, em Listra.

Por que menciona somente estes lugares dentre muitos? Porque os restantes eram notórios ao discípulo. Talvez relembre os recentes, omitindo os antigos. Não os enumera pela aparência, pois não se vangloria, não é ambicioso, mas fala para consolar o discípulo, sem ostentação. Aqui, refere-se a Antioquia da Pisídia, e a Listra, donde Timóteo era oriundo.

Que perseguições eu sofri!

Ambos os fatos causam consolo: Mostrei generosa prontidão e não fui abandonado. Não se pode dizer que Deus me entregou, mas que me teceu uma ilustre coroa. “*Que perseguições eu sofri!*”

E de todas me livrou o Senhor!

12. *aliás, todos os que quiserem viver com piedade em Cristo Jesus serão perseguidos.*

Por que falo de mim mesmo? – pergunta. “*Todos os que quiserem viver com piedade serão perseguidos.*” Nesse trecho dá às perseguições a denominação de tribulações e dores. Ninguém que ingresse no caminho da virtude deixará de experimentar tristeza, tribulações, dor, tentações. Como será para quem avança pelo caminho estreito e apertado? Para quem ouviu: “No mundo tereis tribulações” (Jo 16,33)? Se naquele tempo dizia Jó: “A vida do homem sobre a terra é uma luta” (Jó 7,1), quanto mais agora?

13. *Quanto aos homens maus e impostores, progredirão no mal, enganando e sendo enganados.*

Não te perturbes se eles se encontram na tranquilidade, e tu nas provações; tal é a natureza das coisas. Por meu exemplo podes conhecer ser impossível àquele que faz guerra aos malvados viver livre de tribulações. Não é lícito ao pugilista viver no meio dos prazeres, e não é possível ao lutador banquetear-se. Lutador algum procure tranquilidade, repouso. Novamente, o presente é tempo de certame, guerra, tribulação, angústia, tentação, estádio de certame. Existem épocas de repouso; a atual é de suores, labores. Ninguém, despido e ungido para o combate procura repouso. Se procuras repouso, por que te despiste? Por que levantas as mãos? E de que modo não levanto as mãos agora? – perguntas. Se não vences as concupiscências, não lutas vigorosamente contra a natureza.

14. *Tu, porém, permanece firme naquilo que aprendeste e aceitaste como certo; tu sabes de quem o aprendeste.*

15. *Desde a tua infância conheces as sagradas Letras; elas têm o poder de comunicar-te a sabedoria que conduz à salvação pela fé em Cristo Jesus.*

O que quer dizer isso? O profeta Davi admoestou: “Não te irrites por causa dos maus” (Sl 37,1), e igualmente adverte Paulo: “*Tu, porém, permanece firme naquilo que aprendeste e aceitaste como certo*”. Não apenas: “*Aprendeste*”, mas: “*Aceitaste como certo*”, isto é, acreditaste. Em que acreditou? Que esta é a vida. Se, portanto, vires o contrário do que acreditaste, não te perturbes, porque também Abraão viu o oposto, e não se conturbou. Ouvira a palavra: “É por Isaac que uma descendência perpetuará o teu nome” (Gn 21,12), e recebeu ordem de imolar a Isaac, mas não se conturbou nem se abalou. Ninguém, portanto, se escandalize diante do mal; a Escritura já o predissera outrora. E, se os bons se alegram e os maus são atormentados? Pode acontecer um desses casos, o outro, não. É possível que os maus sejam castigados, não, porém, que os bons sempre se regozijem. Ninguém igualava a Paulo, que, no entanto, viveu todo o tempo entre tribulações, lágrimas, gemidos dia e noite. “Durante três anos, dia e noite, não cessei de exortar com lágrimas”; e ainda: “A minha preocupação cotidiana” (At 20,32; 2Cor 11,28), dizia. Não se alegrava num dia e no outro se condoía, mas cotidianamente não cessava de se acabrunhar. Como diz, então: “*Progredirão no mal*”? Não disse que estariam tranquilos, e sim: “*Progredirão no mal*”, o avanço será para o pior. Não disse: Estarão

na abundância. Se são castigados, são atingidos a fim de não julgares que os pecados ficarão impunes. Uma vez que a geena não nos impede de praticar o mal, poupando-nos, ele nos estimula e soergue.

Se nenhum malvado fosse punido, ninguém pensaria que Deus vê as realidades humanas; se todos fossem punidos, ninguém esperaria a ressurreição, visto que todos aqui recebem a recompensa que merecem. Por isso, castiga e não castiga. Os justos aqui são afligidos porque são peregrinos, estrangeiros e vivem em terra estranha. Os justos, por conseguinte, toleram estes males como provação. Escuta o que Deus diz a Jó: “Atreves-te a condenar-me, para ficares justificado” (Jó 40,3)? Se uma vez os pecadores sofrem algo de semelhante, são castigados pelos pecados. Em tudo, portanto, demos graças a Deus, quer ele proceda de uma forma ou de outra; ambas são úteis. Ele nada faz por ódio ou aversão contra nós, mas, solícito, a ambas providencia. “*Desde a tua infância conheces as sagradas Letras*”, isto é, aprendeste as Sagradas Escrituras desde a tenra idade. Chama as divinas Escrituras de sagradas Letras. Dessa forma foste educado; por isso, tua fé deve ser firme, ilesa. A raiz é profunda, teve tempo de se firmar; nada a poderá arrancar. Tendo dito: “*As sagradas Letras*”, acrescentou: “*Elas têm o poder de comunicar-te a sabedoria*”, isto é, não permitem que procedas estultamente, conforme fazem muitos.

Quem conhece devidamente as Escrituras, de nada se escandaliza, suporta tudo com fortaleza, em parte atribuindo à fé e ao incompreensível plano de Deus, e em parte conhecendo as razões e encontrando exemplos nas Escrituras. É grande indício de sabedoria, portanto, não querer perscrutar tudo curiosamente, não querer entender todas as coisas; e se te apraz, empregarei um exemplo. Imagine-se um rio; ou antes, uns rios (não falo em teoria, mas como são na realidade). Nem todos os rios são igualmente profundos, mas uns mais, outros menos. Alguns podem afogar os que não o conhecem. Uns possuem vórtices, outros, não. Por conseguinte, é aconselhável não experimentar todos de igual modo, e não querer conhecer todas as profundezas é sinal de grande prudência. Quem quiser tentá-lo em qualquer parte do rio, ignora sobremaneira as propriedades dos rios, e geralmente perece porque, uma vez que atravessou um rio raso, enfrenta ousadamente a travessia de um rio profundo. Assim também relativamente a Deus, quem quer tudo conhecer e ousar, desconhece, de fato, o que é Deus. Com efeito, quanto aos rios, a maior parte é segura, poucos são os vórtices, pouco os lugares profundos; em Deus, contudo, a maior parte é oculta e suas obras não são investigáveis. Por que te empenhas em submergir. Certifique-se apenas de que Deus tudo governa, a tudo provê, e nosso é o livre-arbítrio. Deus umas coisas faz, outras permite, não quer mal algum. Nem tudo se faz segundo sua vontade apenas, mas inclui também a nossa. O mal vem apenas de nós, o bem de nós e de sua graça, e nada lhe está oculto. Por conseguinte, ele tudo opera. Ciente disso, enumera quais as coisas boas, quais as más, e quais as indiferentes. Por exemplo, a virtude é um bem, a malícia é um mal, e indiferentes são as riquezas, a pobreza, a vida, a morte. Se o souberes, com isso também reconhecerás que os justos são afligidos para serem coroados: os pecadores, para pagarem as penas dos pecados. Mas, nem todos os pecadores são castigados aqui na terra, a fim de evitar que muitos não acreditem na ressurreição; nem todos os justos são afligidos, para não julgares que a malícia é louvável, e sim apenas a virtude. Tais são as regras, as normas. Faze tudo de acordo com elas e não incorrerás em perigo. Como entre os mestres-escolas, o número seis mil tem uma função. Tudo se opera nesse limite, e a divisão e a multiplicação baseiam-se nos seis mil e em torno desse número tudo gira. Sabem-no todos os que aprenderam as letras. Desse modo, se alguém conhecer essas regras que brevemente repetirei, jamais cometerá erro. Quais? A virtude é um bem, a malícia é um mal e indiferentes são as doenças, a pobreza, as ciladas, as calúnias etc.; os justos na terra são oprimidos pelas tribulações; se alguns vivem bem, a virtude não parece odiosa; os maus se alegram, a fim de serem punidos no além, e

alguns deles são golpeados, para que a malícia não pareça ser boa, nem permaneçam impunes os crimes; nem todos são castigados, para não derrogar à fé na ressurreição; entre os bons também há alguns que têm pecados em mescla e aqui eles são perdoados; os maus têm bens misturados, recebem aqui a recompensa, a fim de serem punidos no além; muitas obras de Deus são incompreensíveis, e entre nós e ele há enorme, indescritível distância. Se refletirmos sobre essas coisas, nada poderá nos perturbar. Ouvindo frequentemente as Escrituras, encontraremos muitos exemplos semelhantes. *“Elas têm o poder de comunicar-te a sabedoria que conduz à salvação.”* Efetivamente as Escrituras ensinam o que se deve fazer e o que evitar; escuta o Apóstolo dizer numa passagem: “Estás convencido de ser o guia dos cegos, a luz dos que andam nas trevas, educador dos ignorantes, e mestre dos que não sabem” (Rm 2,19-20). Vês que a lei é luz para aqueles que estão nas trevas? Se a letra é luz, a letra que mata, o que será o espírito vivificante? Se a Antiga Lei é luz, o que será a Nova, onde tão grandes coisas se encerram? Tão grande é a distância entre elas quanto haveria se alguém abrisse o céu àqueles que nada veem além da terra, e fizesse com que contemplassem todas as coisas. Fomos informados acerca da geena, do reino, do juízo. Não acreditemos em coisas insensatas. São sedutoras. O que será, perguntas, se acontecerem o que predizem? Acontecem porque tu acreditas, se é que acontecem. Ele te fez cativo, é dono de tua vida e administra como quer. Dize-me.

Um chefe de ladrões que tivesse em suas mãos e em seu poder um príncipe que fugira para junto dele no deserto, desejoso de entrar em sua sociedade, poderia dizer-lhe se iria morrer ou viver? Poderia sem dúvida. De que modo? Não por prever o futuro, mas por saber que tem em seu poder ambas as alternativas: Matar ou conservar o menino que a ele se entregara. Poderia matá-lo se o quisesse, ou poupá-lo se o quisesse. Ambas as ações eram igualmente possíveis, pois lhe estava sujeito. Se lhe dissesse: Ficarás rico ou ficarás pobre, ambas estavam em seu poder. Assim, a maior parte do mundo se entregou às mãos do diabo.

Aliás, quando uma pessoa se habitua a acreditar nele, coopera muito com aqueles sedutores. De fato, ninguém dá atenção aos malogros, mas somente aos sucessos. Se houver um adivinho que conheça previamente os acontecimentos, venha para eu crer. Não estou me exaltando; não é grandeza manter-se livre diante deles. Pois, embora seja grande pecador, perante eles não me humilharia; rio-me de todos, por graça de Deus. Venha um adivinho que tiver conhecimentos prévios e diga-me o que me sucederá amanhã. Mas não o dirá, pois estou sob o poder de meu Rei, e tal homem não tem domínio sobre mim, nem me sujeita; estou longe de seus covis e cavernas. Milito nas fileiras do Rei. Mas um homem roubou, replicas, e o adivinho o descobriu. Ora, nem sempre é verdade; é ridículo e falso. Eles nada sabem; se soubessem, deviam primeiro declarar o que lhes toca, porque muitas oferendas feitas aos ídolos foram roubadas, e grande quantidade de ouro sumiu. Por que não o predisseram aos seus sacerdotes? Por conseguinte, não sabem coisa alguma, são incapazes de predições sobre a conservação de suas riquezas, até mesmo quando os templos de seus ídolos se incendiaram e muitos pereceram conjuntamente. Por que não cuidam dessa incolumidade? Mas é um sucesso acontecer algo do que foi predito. Temos profetas, que nunca falham; não falam ora a verdade, ora a mentira, mas é veraz tudo o que proferem. Trata-se de verdadeira presciência. Enfim, suplico-vos, desisti desta loucura, se acreditais em Cristo; se, porém, não acreditais, por que desprezais, por que errais? “Até quando claudicareis das duas pernas” (1Rs 18,21)? Por que procuras um adivinho? Por que o interrogas? Uma vez que te aproximaste e interrogaste, tu te escravizaste, pois perguntaste como se acreditasses. Não, respondes, não creio ser verdade, mas experimento. Ora, experimentar se é verdade é duvidar, não é estar convicto de que ele mente. Por que, então, interrogas o que vai acontecer? Se responder: Acontecerá o seguinte, age deste modo e escaparás, nem assim deves adorar

o ídolo, mesmo que tua loucura não avance tanto. Se predizem o futuro, nada lucrarás, a não ser tristeza supérflua. Não acontece o que foi predito, mas a tristeza continua, e atormentas a ti mesmo. Se isso nos fosse vantajoso, Deus não o impediria, nem podia ficar enciumado aquele que nos revelou as coisas celestes. “Tudo o que ouvi do Pai eu vos dei a conhecer”, tudo o que ouvi do Pai vo-lo anunciei; e: “Não mais vos chamo de servos. Mas vos chamo de amigos. Vós sois meus amigos” (Jo 15,15.14). Não nos fez predições porque não quer que nos aflijamos sobre o futuro. Como não inveja, predizia aos antigos, por exemplo, a respeito das jumentas (1Sm 9,3) etc., porque eles eram insensatos; a nós, porém, não quer que nos aflijamos a este respeito, ou retira a solicitude de o conhecer. Mas acerca de que fomos informados? Daquilo que eles não souberam; pois é insignificante o que entenderam. O que nos foi comunicado é o seguinte: Haveremos de ressuscitar, seremos imortais e incorruptíveis, no além a vida não terminará, o que é terreno passará, seremos arrebatados nas nuvens, os maus serão castigados e inúmeras outras coisas sucederão, sem desmentido. Não é muito melhor este conhecimento do que encontrar o jumento perdido? Eis que o tens de novo, que o encontras. Qual a vantagem? Não o perderás novamente de outro modo? Embora ele não te abandone, tu o deixarás por ocasião da morte. Aqueles bens, porém, que eu mencionei, se os quisermos ter, nós os possuiremos perpetuamente. Busquemos, e possuamos os bens permanentes, estáveis. Não atendamos aos vates, aos adivinhos, aos prestidigitadores, mas a Deus, que claramente tudo sabe e tem conhecimento completo. E assim saberemos tudo o que convém saber e conseguiremos todos os bens.

NONA HOMILIA

3,16. *Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para instruir, para refutar, para corrigir, para educar na justiça,*

17. *a fim de que o homem de Deus seja perfeito, qualificado para toda boa obra.*

O Apóstolo, após geral exortação e consolo, faz ao discípulo uma advertência mais perfeita, extraída da Escritura. Com razão emprega tanto cuidado em consolar porque vai tratar de uma questão importante e triste. Pois, se Eliseu, apegado ao mestre até o último suspiro, vendo sua partida, semelhante a uma morte, rasga o manto (cf. 2Rs 2), o que julgas ter sofrido o discípulo tão amoroso, querido, ao ouvir, principal causa de tristeza, que o mestre ia morrer, e que na proximidade da morte não poderia fruir de sua companhia? Não nos gratifica tanto o tempo já decorrido, se na iminência da morte abandonamos os moribundos. Por isso, só depois de grande consolo, fala de sua morte. Não de qualquer forma, mas utiliza palavras adequadas para consolar e encher de alegria, de tal sorte que mais parecesse sacrifício do que morte, e fosse considerada peregrinação, ou antes passagem para um estado melhor. “Quanto a mim, já fui oferecido em libação” (2Tm 4,6), diz ele. Por isso, escreve: “Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para instruir, para refutar, para corrigir”. “Toda”. Qual? A que me referi, toda a Escritura Sagrada, da qual falava, da qual dizia: “Desde a tua infância conheces as sagradas Letras” (2Tm 3,15). Toda ela “é inspirada por Deus”. Por conseguinte, de nada duvides. “E útil para instruir, para refutar, para corrigir, a fim de que o homem de Deus seja perfeito, qualificado para toda boa obra.” “Para instruir.” Se for necessário aprender ou ignorar, por ela o entendemos; se for preciso refutar as coisas falsas, se há necessidade de corrigir e castigar, exortar, consolar aí se encontra. “Para corrigir”, isto é, se faltar algo, e for conveniente um acréscimo. “A fim de que o homem de Deus seja perfeito.” Realizou-se a exortação das Escrituras: “A fim de que o homem de Deus seja perfeito.” Sem ela não é possível ser perfeito. Em meu lugar, diz ele, tens as Escrituras. Se queres saber alguma coisa, lá podes encontrar. Se, porém, escreveu isto a Timóteo, cheio do Espírito Santo, quanto mais a nós? “Qualificado para toda boa obra.” Não simplesmente

participante, diz ele, mas cuidadosamente instruído.

4,1. *Eu te conjuro, diante de Deus e de nosso Senhor Jesus Cristo, que há de vir julgar os vivos e os mortos,*

Pecadores e justos, os mortos e os que ainda vivem, porque restarão muitos vivos. Atemorizara-o na Primeira Carta, nestes termos: “Eu te ordeno, diante de Deus, que dá a vida a todas as coisas” (cf. 1Tm 6,13). Nesta passagem, contudo, aditou uma sentença mais terrível: “*Que há de vir julgar os vivos e os mortos*”, isto é, que pedirá contas.

pela sua Aparição e por seu Reino:

Quando haverá de julgar? Em sua vinda que será gloriosa, e em seu reino. O sentido é o seguinte: Não virá como agora. Ou atestou sua manifestação e seu reino. Denomina-o testemunha, mostrando que o advertiu a respeito. Em seguida, ensinando como deve pregar a palavra, acrescentou:

2. *proclama a palavra, insiste, no tempo oportuno e no inoportuno, refuta, ameaça, exorta com toda paciência e doutrina.*

O que significa: “*No tempo oportuno e no inoportuno*”? O tempo não está definido; sempre é tempo. Não apenas na paz, no repouso, assentado na igreja. Quer seja nos perigos, no cárcere, em cadeias, caminhando para a morte, há oportunidade de refutar; não cesses de ameaçar. É tempo de ameaçar, quando começares a disputar, quando a questão se manifestar. “*Exorta*”, conforme agem os médicos, que diagnosticam uma ferida, fazem uma incisão, aplicam um remédio. A omissão de uma dessas ações torna a outra inútil. Se, pois, censuras sem argumentos, parecerás audacioso, e ninguém o tolera. Após a demonstração, assumo a censura; o contrário o faria petulante. Se censurares e repreenderes com vigor sem exortação, mais uma vez causas um estrago. A repreensão por si é intolerável, se não for mesclada com súplicas, bem como, no caso de uma incisão, embora salutar, se não forem empregados muitos analgésicos, a amputação ou corte será insuportável ao doente. Assim também aqui. “*Com toda paciência e doutrina.*” Em consequência, quem repreende precisa de paciência, para que o outro não acredite simplesmente; e a censura necessita de pedidos para ser bem recebida. Por que acrescenta à paciência: “*E doutrina*”? Não pareça estar indignado e odiar, não insulte como se encontrasse um inimigo. Omita todos esses atos. Mas, o que fazer? Agir qual amigo que se condói, que mais do que ele próprio lamenta e fica abatido diante do fato. “*Com toda paciência e doutrina*”; não ocasionalmente.

3. *Pois virá um tempo em que alguns não suportarão a sã doutrina;*

Antecipa-se a todos, antes que eles se arrasem; por isso dizia: “*No tempo oportuno e no inoportuno*”. Faze o possível para teres discípulos obedientes.

pelo contrário, segundo os seus próprios desejos, rodear-se-ão de mestres,

Nada mais enfático do que esta locução. Indica uma confusa multidão de mestres: “*Rodear-se-ão*”, estabelecidos pelos discípulos. “*Rodear-se-ão de mestres.*”

como que sentindo comichão nos ouvidos,

Procurando os que falam por prazer e deleitam os ouvidos.

4. *Desviarão os seus ouvidos da verdade, orientando-os para as fábulas.*

Esta predição não visa entristecer, mas se tal acontecer, suporte-se com fortaleza, conforme também Cristo declarava: “Eles vos entregarão e vos flagelarão em suas sinagogas, por causa de meu nome” (Mt 10,17). Em outra passagem diz o bem-aventurado Apóstolo: “Eu sei que, depois de minha partida, introduzir-se-ão entre vós lobos cruéis que não pouparão o rebanho” (At 20,29). Assim se

exprimiam a fim de que eles vigiasssem, e passassem o tempo presente com prudência.

5. *Tu, porém, sê sóbrio em tudo, suporta o sofrimento, faze o trabalho*

Vês como prediz? Cristo igualmente predizia no fim: “Hão de surgir falsos cristos e falsos profetas”. Também aqui o Apóstolo, estando para partir, dizia: “*Tu, porém, sê sóbrio em tudo, faze o trabalho*”, isto é, assume o trabalho, preocupa-te, antes que esta epidemia se propague coloque as ovelhas em lugar seguro; enquanto existirem lobos, trabalha sempre. “*Faze o trabalho*”

de um evangelista, realiza plenamente o teu ministério.

Por conseguinte, era obra de evangelista ser afligido tanto por si, quanto pelos de fora. “*Realiza o teu ministério*”, isto é, completa. Eis outro sofrimento necessário:

6. *Quanto a mim, já fui oferecido em libação, e chegou o tempo e minha partida.*

Não disse: Meu sacrifício, mas coisa mais grandiosa. Uma vítima não é oferecida totalmente a Deus; a libação, porém, é completa.

7. *Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé.*

Muitas vezes eu tomei nas mãos este escrito do Apóstolo e, hesitante, refletia por que nesta passagem Paulo falava com tanta exaltação: “*Combati o bom combate*”. Agora, porém, pela graça de Deus, julgo ter descoberto. Por que motivo, portanto, assim se expressa? Queria aliviar a tristeza do discípulo, ordenando que confiasse que ele partia para obter a coroa, que tudo estava consumado e ele alcançara um fim brilhante. Deves alegrar-te, assegura, e não te entristecer. Por quê? “*Combati o bom combate.*” Seria como um pai consolasse o filhinho assentado a seu lado, que não aceitasse a orfandade, dizendo-lhe: Meu filho, não chores; vivi honestamente, e tendo chegado à velhice te deixo. Tive uma vida impoluta, parto daqui gloriosamente. Deves também ser admirado por causa de minha conduta. O rei nos é grato. Como se dissesse: Erguemos um troféu, vencemos o inimigo. Não fala com orgulho, de forma alguma, mas anima o filho e o convence com estes louvores a suportar mais facilmente o fato, a conservar grande esperança, e não julgá-lo pesado. Pesa, de fato, pesa a separação. Escuta-o: “Nós, porém, privados por um momento de vossa companhia, não de coração, mas só de vista” (1Ts 2,17). Se, pois, ele sofria tanto por estar separado dos discípulos, o que pensas que padecia Timóteo? Se chorava a separação enquanto ele estava vivo, a ponto de Paulo dizer: “Lembrado de tuas lágrimas... para encher-me de alegria” (2Tm 1,4), quanto mais estando para morrer? Escreveu, portanto, para consolá-lo. A carta inteira está repleta de consolação, como um testamento. “*Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé.*” “*O bom combate.*” Assume-o, tu também. Onde há cadeias, vínculos, morte, o combate é bom? Sim, responde. É assumido por Cristo, e oferece grandes coroas. “*O bom combate.*” Nada melhor do que este combate. Esta coroa não acaba, não é tecida de folhas de oliveira. Não há um presidente dos jogos, nem homens por espectadores; o teatro está cheio de anjos. Na terra por muitos dias (os lutadores) trabalham e se afadigam, e por uma hora recebem a coroa, e o prazer logo esvoaça. Aqui, contudo, não é assim, mas sempre há brilho, glória e honra. Convém de resto alegrar-te, porque me apresso para o repouso, abandono o estádio. Ouviste que é melhor partir e estar com Cristo (cf. Fl 1,23).

“*Terminei a minha carreira*”. Com efeito, faz se mister lutar e correr. Lutar suportando as tribulações, não correr simplesmente, mas visando a algo de útil. Em verdade, é bom o combate que não somente deleita o espectador, mas também lhe é útil, e a corrida não deve ser um movimento destituído de finalidade, nem ostentação de força e de ambição, mas deve a todos arrastar para o céu. Esta corrida de Paulo na terra é mais pura do que a do sol, realizada no céu. Como terminou o curso? Percorreu a terratoda, começando da Galileia e da Arábia e indo até os confins da terra: “Desde

Jerusalém e arredores até a Ilíria, eu levei a termoo anúncio do Evangelho de Cristo” (Rm 15,19), percorrendo todo o orbe à semelhança de uma ave, ou antes mais velozmente. De fato, a ave simplesmente voaria; ele, contudo, não só, mas tendo as asas do espírito e transpondo mil obstáculos, mortes, ciladas, aflições. Por conseguinte, era mais rápido do que uma ave. Uma ave por fim seria prostrada e apanhada. Mas, apoiado no Espírito, escapou de todas as redes, como uma ave de asas de fogo. “*Guardei a fé.*” Várias situações tentavam espoliá-lo. Não apenas a amizade dos homens, mas as ameaças, as mortes etc. Mas contra tudo manteve-se de pé. De que maneira? Sóbrio e vigilante. Era suficiente para o conforto dos discípulos, todavia acrescentou os prêmios. Quais?

8. Desde já me está reservada a coroa da justiça,

Denomina aqui justiça ao conjunto das virtudes. Não é lastimável a minha partida para receber a coroa que Cristo imporá em minha cabeça. Antes seria lastimável e temível permanecer na terra, devido ao perigo de cair e de me perder.

que me dará o justo Juiz, naquele dia; e não somente a mim, mas a todos os que tiverem esperado com amor a sua aparição.

Com isto também o anima; se a todos, muito mais a Timóteo. Não disse: A ti, mas: “A todos”, destacando que, ao se dirigir a todos, a ele mais ainda. Como, porém, perguntas, alguém ama a aparição de Cristo? Quem se alegra com sua presença, e alegrando-se pratica ações dignas deste gáudio, dá suas posses, e a própria vida se necessário, para alcançar os bens futuros, e ser considerado digno de contemplar sua segunda vinda com um porte conveniente, confiança, glória, brilho. Nisto consiste o amor a sua aparição. Quem ama sua aparição, tudo faz para que, antes da vinda universal, acolha bem a vinda particular. E como, perguntas, será possível? Escuta o que Cristo enuncia: “Se alguém me ama, guardará meus mandamentos e meu Pai e eu viremos e nele estabeleceremos morada” (Jo 14,23). Pondera a grandiosidade da promessa de uma vinda particular da parte de quem virá para todos em geral. “Viremos e nele estabeleceremos morada.” Quem amar a sua vinda, fará o possível para invocá-lo, possuí-lo em si. Que sua luz resplandeça. Nada suceda de indigno de sua vinda, e ele logo virá a nós. Tem o nome de Epifania porque aparece e surge do alto. Em consequência, procuremos as coisas do alto, e logo captaremos aqueles raios. Ninguém que olhar para baixo e esconder-se em lugar subterrâneo verá a luz solar, ninguém que se deslustrar com negócios seculares contemplará o sol de justiça, que não se levanta diante dos que buscam tais negócios. Arrepende-te um tanto, retorna das profundezas, das tempestades do mundo, se queres ver o sol e ir ao encontro de sua vinda. Se alcançares a sua vinda, com grande confiança o fitarás. Reflete agora. Não com espírito de arrogância, a fim de que não te bata com força e te prostre. Teu coração não seja de pedra, nem esteja em trevas a fim de não entrechocares a nave. Não sejas fraudulento, pois os escolhos escondidos provocam péssimo naufrágio. Não alimentes feras, isto é, os vícios, piores que as feras. Não confies no que é transitório, para te manteres firme de pé. Ninguém fica de pé sobre as águas, mas em cima de uma pedra sente-se seguro. Os negócios seculares são águas. Torrentes impetuosas, “As águas me vão submergir” (Sl 69,2). As realidades espirituais são pedras; diz a Escritura: “Colocou meus pés sobre a rocha” (Sl 40,3). As seculares são lodo e lama; delas nos apartemos. Desta forma poderemos fruir da vinda de Cristo. Suportemos tudo o que sobrevier. Sumo consolo é sofrer por Cristo. Supliquemos o auxílio divino, e a dor da ferida cessará. E como, perguntas, sofrer por Cristo? Uma pessoa, não por causa de Cristo, te ataca com calúnias? Se o tolerares com fortaleza, se das graças, se rezas por ela, estás agindo por causa de Cristo. Se amaldiçoas, te irritas, esforças-te por te vingar embora impossível, já não é por causa de Cristo; sofres prejuízo e perdes o fruto por teu próprio arbítrio. Está em nosso poder lucrar ou ser lesado na adversidade. Não é a natureza que torna

triste o que advém, mas a nossa vontade. Um exemplo: Jó sofreu tanto, suportou com ação de graças e foi justificado, não por ter sofrido, mas por ter padecido com ação de graças. Um outro sofreu igualmente, não propriamente o mesmo (Ninguém sofreu tanto, e sim muito menos), injuriou, irritou-se, amaldiçoou a terra inteira, ou antes ficou abalado contra Deus? Já está julgado e condenado, não porque sofreu, mas porque blasfemou. Não blasfemou por necessidade, porque, se os fatos fossem, Jó também devia blasfemar. Se quem sofreu mais gravemente não o fez, não foi por isso que aquele assim agiu, mas por fraqueza da vontade. Precisamos, portanto, ter ânimo forte, e nada nos parecerá duro, mas, se fraquejarmos, tudo será difícil. Nossa disposição fará com que se torne tolerável ou intolerável. Fortifiquemo-la e tudo consideraremos fácil. Igualmente nem violenta tempestade pode abalar a árvore de raízes profundas; se, contudo, somente tocam a superfície do solo e aparecem, leve sopro de vento arrancará a planta radicalmente. Assim também nos acontece. Se traspassarmos nossa carne com o temor de Deus, nada poderá nos abalar; se for exíguo, leve impulso nos abate e arruína. Por isso, suplico, suportemos tudo com grande prontidão, e imitemos o profeta que diz: “Minha vida está unida a ti” (Sl 63,9). Anota o que diz: “A minha vida está unida”. Não disse simplesmente: Aproximou-se, mas: “Está unida”. E ainda: “Minha alma tem sede de ti” (Sl 63,2). Não disse apenas: Desejou, mas com estas palavras expressou a força do desejo. E ainda: “Traspassa minha carne com o temor de ti” (Sl 119,120). Ele quer adesão contínua e que estejamos unidos de tal sorte que jamais nos apartemos. Se assim aderirmos a Deus, se fixarmos nele nossos pensamentos, se tivermos sede desejando-o, acontecerá o que almejamos e conseguiremos os bens futuros, em Cristo Jesus nosso Senhor, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA HOMILIA

4,9. *Procura vir me encontrar o mais depressa possível.*

10. *Pois Demas me abandonou por amor do mundo presente. Ele partiu para Tessalônica, Crescente para a Galácia, Tito para a Dalmácia.*

11. *Somente Lucas está comigo. Toma contigo a Marcos, e traze-o, pois me é útil no ministério.*

12. *Eu enviei Tíquico a Éfeso.*

13. *Traze-me, quando vieres, a capa que eu deixei em Trôade, na casa de Carpo, e também os livros, especialmente os pergaminhos.*

É consentânea a pergunta acerca do motivo de chamar Paulo para junto de si a Timóteo, ao qual foram confiados a Igreja e todo o povo. Não o faz por orgulho, pois ele estava disposto a procurá-lo. Escuta-o: “Todavia, se eu tardar, saberás como proceder na casa de Deus” (1Tm 3,15). Mas, por que o chama? Tinha grande necessidade, e não podia ir para outro lugar. Estava no cárcere, aprisionado por Nero e em breve iria morrer. Chama-o, portanto, a fim de que isso não acontecesse antes de estar com o discípulo e queria vê-lo antes de morrer, talvez para fazer-lhe várias recomendações. Por isso diz: “Procura vir me encontrar”, antes do inverno. “Pois Demas me abandonou por amor do mundo presente.” E não diz: A fim de te ver antes de partir desta vida, o que lhe causaria a maior tristeza, mas: Porque estou sozinho, não tenho auxiliar algum. “Pois Demas me abandonou por amor do mundo presente. Ele partiu para Tessalônica.” Isto é, preferiu a tranquilidade, estar em plena segurança, aproveitar dos prazeres em casa a estar comigo na tribulação e enfrentar os perigos presentes. Acusou somente a este, não por acusar, mas confirmando-nos a fim de não nos acovardarmos diante dos

perigos, nem dos labores. É o significado da palavra: *“Por amor do mundo presente”*. Queria simultaneamente atrair o discípulo. *“Crescente para a Galácia, Tito para a Dalmácia.”*

A estes não acusa. Tito era muito admirável, de sorte que lhe confiara uma ilha não pequena, mas extensa, a saber, Creta. *“Somente Lucas está comigo.”* Era inseparável do Apóstolo. Escreveu o Evangelho, e os Atos universais (dos Apóstolos), operoso, dócil e perseverante. Dele escreveu: *“Cujo louvor se espalhou por todas as Igrejas”* (2Cor 8,18). *“Toma contigo a Marcos, e traze-o.”* Por quê? *“Pois me é útil no ministério.”* Não fala para seu alívio, mas visa ao *“ministério”* do evangelho, porque nem no cárcere deixava de pregar. Também não chamava Timóteo por sua causa, mas a fim de pregar o evangelho e para que a sua morte não causasse perturbação entre os fiéis, por meio da presença de muitos discípulos que impedissem o tumulto, e consolassem os que não aceitavam a sua morte. É verossímil que em Roma havia muitos fiéis da alta classe. *“Eu enviei Tíquico a Éfeso. Traze-me, quando vieres, a capa que eu deixei em Trôade, na casa de Carpo, e também os livros, especialmente os pergaminhos.”* Dá aqui o nome de capa ao manto; alguns pensam que era a bolsa que continha os livros. Para que necessita de livros, estando de partida para junto de Deus? Eram muito necessários então para serem entregues aos fiéis, em substituição de seus próprios ensinamentos. É provável que os fiéis todos então sofreram grande golpe, principalmente os que presenciaram sua morte, e haviam convivido com ele. Pede a capa, a fim de não precisar ganhar outra. Vês que tinha muito cuidado a esse respeito, ele que dizia em diferente oportunidade, discorrendo na presença dos efésios: *“Vós sabeis que estas mãos proveram às minhas necessidades e às de meus companheiros”*, e ainda: *“Há mais felicidade em dar que em receber”* (At 20,34-35).

14. *Alexandre, o caldeireiro, deu provas de muita maldade para comigo. O Senhor lhe retribuirá segundo as suas obras.*

Menciona novamente as provações, não apenas visando culpar, ou acusar, mas no intuito de ungir o discípulo em preparação ao combate, e a fim de que o suportasse com fortaleza. Apesar de serem de condição humilde, insignificantes e desprezíveis os que lhe causavam provações, deve, afirma, suportar tudo com fortaleza. Quem é afligido por um potentado haure daí não pequeno alívio, porque atingido por um grande; atacado, porém, por pessoa vil e abjeta, a dor é mais intensa. *“Deu provas de muita maldade para comigo”*, isto é, de vários modos me aborreceu, mas isto não ficará impune: *“O Senhor lhe retribuirá segundo as suas obras”*, segundo escrevia mais acima: *“Que perseguições eu sofri! E de todas me livrou o Senhor”* (2Tm 3,11). Assim, aqui consola duplamente o discípulo: Em vista do que sofre e porque receberá a recompensa. Não quer dizer que os santos se alegrem com tais castigos, mas a pregação e os mais fracos precisam desta consolação.

15. *Tu, guarda-te também dele, porque se opôs fortemente às nossas palavras.*

Isto é, faz guerra e se opõe. E não diz: castiga, pune, expulsa, embora pudesse pela graça assim agir. Todavia, não o faz, nem arma-o contra o adversário, apenas ordena que se afaste, deixando o castigo entregue a Deus. E para consolo dos mais fracos declara: *“Retribuirá”*. É mais profecia do que impreciação. Evidencia-se pela continuação que assim se exprime para ungir o discípulo. Mas observa a forma pela qual narra mais algumas de suas provações:

16. *Na primeira vez em que apresentei a minha defesa, ninguém me assistiu, todos me abandonaram. Que isto não lhes seja imputado.*

Notas como poupa os familiares? Apesar da gravidade do que fizeram. Não é a mesma coisa ser desprezado por estranhos ou por familiares. Vês o aumento do pesar? Não podes dizer: Fui atacado por estranhos, mas usufruí do alívio, do obséquio e do auxílio dos meus, pois também eles me traíram.

“Todos me abandonaram”, assegura. Grande pecado! Se pelo direito dos pagãos com razão é castigado pelos seus aquele que abandona na guerra um soldado em perigo e sob as mãos dos inimigos, pois é totalmente corrupto e traidor, muito mais o seria na pregação. O que ele chama de primeira defesa? Já comparecera perante Nero e escapara, mas porque catequizara o seu copeiro, então ele mandou decapitá-lo. Eis que de novo consola o discípulo com o que se segue:

17. *Mas o Senhor me assistiu e me revestiu de forças,*

Deus não permite sofrimento grave àquele que foi abandonado pelos homens. *“E me revestiu de forças”*, isto é, deu-me confiança, não permitiu que eu caísse.

a fim de que por mim a mensagem fosse plenamente proclamada

Isto é, cumprida. Verifica sua grande humildade! Não me confortou como se eu fosse digno de um dom, mas a fim de que *“fosse plenamente proclamada a mensagem”* a mim confiada. Como alguém que usasse a púrpura e o diadema, e por isso fosse preservado.

e ouvida por todas as nações.

O que quer dizer: A fim de que todos tivessem conhecimento certo da pregação, e da disposição providencial em meu favor.

E eu fui libertado da boca do leão.

18. *O Senhor me libertará de toda obra maligna*

Ele vê a iminência da morte. Caíra nas próprias fauces do leão. Dá o nome de leão a Nero, por causa de sua ferocidade e do poder espantoso de seu império. *“E eu fui libertado. O Senhor me libertará.”* Se de novo foi libertado, por que disse: *“Já fui oferecido em libação”*? Atenção às palavras: *“E eu fui libertado da boca do leão”*. E ainda: *“Libertará”*, já não é da boca, mas de quê? *“De toda obra maligna”*. Então me livrou dos perigos. Quando, porém, tiver obrado suficientemente pelo evangelho, livrar-me-á de todo pecado, isto é, não permitirá que parta manchado por alguma culpa. De fato, poder resistir ao pecado até o derramamento do sangue, e não ceder é ser libertado de outro leão, a saber, do diabo. Por conseguinte, esta salvação é mais importante do que a primeira, quando se mostra entregue à morte.

e me levará salvo para o seu Reino celeste. A ele a glória pelos séculos dos séculos! Amém!

A salvação, portanto, constará de fulgirmos no além. O que quer dizer: *“Levará salvo para o seu Reino celeste”*? Livrar-me-á de toda culpa e guardar-me-á ali. Ser salvo no reino é morrer aqui por ele. Pois *“Quem odeia a sua vida neste mundo guarda-la-á para a vida eterna”* (Jo 12,25). *“A ele a glória”*. Eis a glorificação do Filho.

19. *Saúda a Priscila e Áquila, e a família de Onesíforo.*

Ele estava então em Roma, conforme diz: *“O Senhor lhe conceda achar misericórdia junto ao Senhor naquele dia”* (2Tm 1,18). Com esta saudação torna mais prontos para tais boas obras a todos os seus, os que estavam em sua casa. *“Saúda Priscila e Áquila”* (cf. At 18,26). Frequentemente os menciona; em sua casa vivera, e eles haviam recebido Apolo. Coloca em primeiro lugar a mulher, porque, a meu ver, era mais zelosa e fiel, pois ela recebeu então a Apolo. Ou o faz sem distinções. Esta saudação era para eles não pequeno consolo, mas demonstrava honra, predileção, e grande aceitação na graça; pois basta a saudação daquele santo bem-aventurado para encher de graça aquele que a recebe.

20. *Erasto ficou em Corinto. Deixei Trófimo doente em Mileto.*

A este e a Tíquico conhecemos do livro dos Atos, provenientes da Judeia, congregados junto de Paulo e sempre em sua companhia, talvez mais diligentes do que os demais.

“Deixei Trófimo doente em Mileto.” Por que não o curaste, mas o deixaste? Os apóstolos não podiam tudo, ou nem tudo dispensavam pela graça, a fim de que não pensassem a seu respeito acima do que viam. Verificamos que assim sucedia também àqueles bem-aventurados que os haviam precedido. Então, Moisés, que era de voz fraca, por que não curou esta fraqueza? Muitas vezes era atacado de dor e tristeza. Não entrou na terra prometida.

Deus permitia muita coisa semelhante, a fim de manifestar a fraqueza da natureza humana. Após aqueles fatos, diziam, no entanto, os judeus, faltos de bom senso: Onde está Moisés que nos tirou da terra do Egito? (cf. Ex 32,1). O que não sentiriam se os introduzisse na terra prometida? Se Deus não tivesse permitido que ele tivesse medo do Faraó, não o teriam considerado um deus? Vemos que de Paulo e Barnabé os habitantes de Listra assim pensavam, julgando que eram deuses, quando eles, tendo resgado as vestes, saltaram contra a multidão clamando: “Amigos, que estais fazendo? Nós também somos homens, passíveis da mesma sorte que vós” (At 14,15). Pedro igualmente quando curou o coxo de nascença, e todos ficaram assombrados, respondeu: “Homens de Israel, por que vos admirais disto? Ou por que não tirais os olhos de nós, como se fosse por nossa piedade que fizemos este homem andar?” (At 3,12). Escuta também São Paulo dizer: “Para eu não me encher de soberba, foi-me dado um agulhão na carne” (2Cor 12,7). Ora, retrucas, são expressões de humildade. De forma alguma, na realidade não é assim. Não lhe foi dado um agulhão somente para se humilhar, nem apenas falou por humildade, mas por outras causas. Vê, portanto, que Deus, explicando o motivo, não lhe diz: “Basta-me a minha graça” (2Cor 12,9) para não te orgulhares, mas o quê? “É na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder”. Simultaneamente, pois, dois fatos: Manifestou-se o que fora feito, e tudo era atribuído a Deus. Por isso diz também em outra parte: “Trazemos, porém, este tesouro em vasos de argila” (2Cor 4,7), isto é, num corpo passível e fraco. Por quê? “Para que este incomparável poder seja de Deus e não de nós”. Se os corpos não fossem passíveis, tudo lhe seria atribuído. E em outra passagem vemo-lo a queixar-se da fraqueza, dizendo a respeito de Epafrodito: “De fato, esteve doente, às portas da morte, mas Deus se apiedou dele” (Fl 2,27). Verificamos que ele ignorava muitas coisas, de forma vantajosa tanto para si quanto para os discípulos. *“Deixei Trófimo doente em Mileto.”* Mileto é próxima de Éfeso; portanto dizemos que isso aconteceu quando navegava para a Judeia, ou em outra ocasião. Com efeito, tendo estado em Roma, novamente partiu para a Espanha; se, contudo, dali tivesse ido a estes lugares, não sabemos. Verificamos, pois, que de todos fora abandonado. *“Demas me abandonou. Crescente foi para a Galácia, Tito para a Dalmácia. Erasto ficou em Corinto. Deixei Trófimo doente em Mileto.”*

21. *Procura vir antes do inverno. Envia-te saudações: Êubulo, Prudente, Lino, Cláudia, e todos os irmãos.*

Notas como as mulheres eram fervorosas e ardorosas na fé? Tais eram Priscila, e Cláudia, já crucificadas, de prontidão. Por que, sendo tantos fiéis, cita estas mulheres? Porque era evidente que já haviam apartado o ânimo das coisas mundanas, e assaz brilhavam; não era impedimento o fato de serem mulheres. Era também obra da graça divina que fossem impedidas apenas relativamente às questões mundanas, ou antes, nem por estas. A sorte da mulher, que tem de governar a casa, não é mínima na administração; sem ela nem a parte política poderia consistir. Pois, se o lar estivesse cheio de perturbação e tumulto, cada cidadão se deteria em casa, e na cidade os negócios ficariam em péssimo estado. Por isso nem nessas questões é mínima a sua parte, nem nas espirituais. A mulher pode, se quiser, morrer mil vezes; e também muitas sofreram o martírio. Pode conservar a castidade,

mais do que o homem, porque não é tão excitada e exibir honestidade, gravidade e santificação, “Sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12,14); se quiser, também desprezar o dinheiro, e praticar as restantes virtudes.

“*Procura vir antes do inverno.*” Como o pressiona! No entanto, nada de triste acrescenta. Não diz: Antes de minha morte, para não entristecê-lo, mas: “*Procura vir antes do inverno*”, para que não adie. “*Enviam-te saudações: Êubulo, Prudente, Lino, Cláudia, e todos os irmãos*”, cujos nomes não menciona. Vês que os primeiros eram mais fervorosos?

O Senhor Jesus Cristo esteja com o teu espírito!

Nada de melhor do que esta oração. Não te entristeças por minha partida: O Senhor está contigo. Não disse: Contigo, mas “*Com o teu espírito*”. Duplo auxílio: da graça do Espírito e de Deus, que auxilia. Aliás, Deus não pode estar conosco senão pela graça espiritual. Se falta a graça, como Deus estará conosco?

A graça esteja com todos vós! Amém.

Por fim, implora para si ser sempre grato e ter a graça com o dom; se a tiver, não haverá tristeza. Aquele que vê o rei, e goza de seu favor, não sente tristeza; assim, apesar de abandonados pelos amigos, até na adversidade, não seremos ingratos, com a presença e a força da graça.

De que modo poderemos conciliar a graça? Se praticamos o que agrada a Deus, e lhe obedecemos em tudo. Não vemos nas grandes casas que são agradáveis os servos que não cuidam de seus interesses, mas visam aos do dono, com toda alma e disposição, não só coagidos servilmente, mas com prontidão, dispondo tudo com afeto? Estando sempre diante dos olhos dos senhores, quando se acham em casa, não cuidam nem se preocupam com nada que lhes é próprio, mas antepõem os interesses de seus senhores? Quem fez dos seus bens propriedade de seu senhor e não tornou seus os bens de seu senhor, em consequência governa os bens domésticos, igualmente os administra. Muitos dos colegas o temem especialmente e o senhor concorda com o que ele disser; todos os inimigos enfim sentem medo. Se no meio dos bens mundanos quem menospreza o que é seu e cuida dos bens do senhor, não despreza de fato o que é seu, mas o aumenta; muito mais isto sucede em relação às coisas espirituais. Despreza o que é teu, e receberás o que é de Deus; ele o quer. Despreza a terra, e arrebatada o reino dos céus. Vive ali, não aqui; ali, não aqui, serás temível. Lá serás terrível não somente diante dos homens, mas também dos demônios e do próprio diabo. Ao invés, se quiseres atemorizar com as riquezas terrenas, serás desprezado por eles, e frequentemente também pelos homens. Por mais que enriqueças, serás ricos de coisas servis; se, porém, as desprezares, serás esplêndido na casa do rei. Tais eram os apóstolos, que desprezavam a casa servil e as riquezas terrenas. E vê como dominam nos palácios do rei. Um, conta-se, fica curado de uma doença, outro, dos demônios. A um liga, a outro desliga. Isso se realizava na terra, e consumava-se no céu: “Tudo quanto ligares na terra será ligado no céu” (Mt 18,18), disse Cristo, e deu-lhes poder maior do que o seu. Saiba que não minto.

Escuta o que ele diz: “Quem crê em mim, fará as obras que eu faço e fará até maiores que elas” (Jo 14,12). Por quê? Porque assim a honra reverte para o Senhor. Pois, também nos nossos negócios, conseguindo um servo fazer coisas grandiosas, mais admirado é o senhor. Se o servo consegue tanto, quanto mais aquele que o possui? Se alguém, abandonando o serviço do senhor, cuidar de sua esposa, do filho e do servo, quiser ajuntar riquezas e depositar as furtadas ou roubadas de seu senhor com fraude, logo ele com as riquezas estará perdido. Diante desses exemplos, suplico-vos, não cuidemos do que temos, mas preocupemo-nos conosco. Desprezemo-las, a fim de as possuímos. Se as desprezarmos, o Senhor delas cuidará; se nos preocuparmos, Deus as desprezará. Empreguemos

esforços nas coisas de Deus, não nas nossas; ou antes no que é nosso, porque o que é dele é nosso. Não digo o céu, a terra, o que existe no mundo. São coisas indignas dele; não são nossas apenas, mas também dos infiéis. Mas, quais posso assegurar que são dele? A glória, o reino; pertencem-lhe, e por meio dele tornam-se nossas. De que modo? *“Se com ele morremos, com ele viveremos. Se com ele sofremos, com ele reinaremos”* (2Tm 2,11-12). Tornamo-nos co-herdeiros, e somos denominados irmãos (cf. Rm 8,17). Por que nos humilharmos cá embaixo, quando ele nos arrasta para o alto, junto de si? Até quando seremos indigentes, pobres? O céu nos é proposto e vivemos na terra. O reino dos céus, e nós escolhemos a pobreza do mundo? A vida imortal, e nós nos consumimos em torno de madeira, pedras e campos? Sê rico. Eu também o quero. Sê ambicioso e arrebatado. Não é pecado. Seria digno de incriminação não ambicionar, uma boa oportunidade de acusação não arrebatado. O quê? “O reino dos céus sofre violência, e violentos se apoderam dele” (Mt 11,12). Sê, portanto, violento, sê rapace. O objeto roubado não diminui. A virtude não se parte, a piedade não diminui, nem o reino dos céus. A virtude aumenta quando roubas. As coisas materiais diminuem quando roubas; é evidente. Haja na cidade dez mil cidadãos. Se todos roubarem a virtude e a justiça, mais as aumentam, pois se acharão em dez mil homens. Se, porém, não arrebatarem, diminuem-nas, pois em parte alguma elas aparecem.

Vês que os bens roubados multiplicam-se e as coisas terrenas roubadas diminuem? Não nos apeguemos, portanto, à pobreza, mas escolhamos as riquezas. As riquezas de Deus consistem em serem muitos a gozarem do reino. “Pois ele é rico para todos os que o invocam” (Rm 10,12). Aumenta, portanto, as propriedades; aumentá-la-ás se roubas, se fores avaro, violento. Com efeito, é necessária a violência. Por quê? Porque há muitos impedimentos: as mulheres, os filhos, as preocupações, os negócios terrenos e conjuntamente os demônios e o próprio chefe dos demônios, o diabo. É necessária a violência, a perseverança. Envolve-se em labores quem emprega violência. De que maneira? Tudo suporta, e enfrenta a necessidade. Por quê? Empreende coisas quase impossíveis. Se, portanto, os violentos são tais, e, no entanto, nós não tentamos nem o possível, de que forma conseguiremos? Quando fruirmos do que desejamos? “Os violentos se apoderam do reino dos céus.” São necessárias a violência e a rapina, e não são propostas de um modo qualquer, ou obtidas prontamente. O ladrão tem de ser sóbrio, desperto, solícito e preocupado para oportunamente empreender a rapina. Não vedes nas guerras que aquele que quer roubar, fica acordado a noite inteira? Durante toda a noite mantém-se armado? Se, portanto, os que querem roubar bens materiais, permanecem à noite acordados e armados, nós, se almejamos roubar os bens espirituais, que exigem zelo maior, até de dia dormimos e roncamos, sempre desarmados e despojados? Pois a pessoa que vive no pecado está desarmada e despojada, enquanto aquele que vive na justiça acha-se armado. Nós não nos abastecemos de esmolas, não preparamos lâmpadas acesas, não nos munimos de armas espirituais, não nos informamos sobre o caminho que para lá conduz, não somos sóbrios, nem vigilantes e em consequência nada podemos arrebatado. Se alguém quiser invadir um reino, acaso não se propõe primeiro inúmeros perigos de morte? Não se arma, não se exercita na arte bélica? Não faz tudo para este fim e depois tenta invadir? Nós, contudo, não procedemos desta forma, mas queremos raptar dormindo; e, portanto, vamos com as mãos vazias. Não observas os ladrões: fogem, correm, rompem com tudo? Faz-se mister correr, pois logo o diabo corre contra ti, e manda aos que te precederam que te prendam. Mas se fores forte, vigilante, repeles com o calcanhar, aparta, escapas de todos como um pássaro. Se migras daqui, se ultrapassas a praça e o grande tumulto em que consiste a vida presente, chegas ao sublime, o século futuro. Como na solidão não há tumulto, ninguém te enreda, ninguém te retém. Roubaste? É pequena a disputa depois da rapina, a fim de não ser apreendido o que foi tirado. Se correremos, se não dermos atenção ao que se abre diante dos olhos, se de nada mais cuidarmos

senão de fugir dos que se opõem, poderemos reter o que roubamos. Roubaste a castidade? Não pares, foge, remove-te para longe do diabo. Se ele vir que não pode te apanhar, não perseguirá. Assim também nós, se não temos mais a visão dos que nos roubaram, de certo modo perdemos a esperança e não perseguimos, nem ordenamos a outros que o prendam, mas deixamos que se afaste. Também tu, corre rapidamente no início. Quando estiveres longe do diabo, não tentará mais, mas estarás em segurança, livremente fruindo de bens inefáveis. Possamos todos nós alcançá-lo, em Cristo Jesus nosso Senhor, ao qual com o Pai e o Espírito Santo glória, império, honra e adoração, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

HOMILIAS SOBRE A CARTA A TITO DE SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, PADRE DA IGREJA, ARCEBISPO DE CONSTANTINOPLA

PRIMEIRA HOMILIA

- 1,1. *Paulo, servo de Deus, apóstolo de Jesus Cristo para levar os eleitos de Deus à fé e ao conhecimento da verdade conforme a piedade,*
2. *na esperança da vida eterna prometida antes do tempo pelo Deus que não mente,*
3. *e que, no tempo fixado, manifestou sua palavra por meio da proclamação de que fui encarregado por ordem de Deus, nosso Salvador,*
4. *a Tito, meu verdadeiro filho na fé comum, graça e paz da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Salvador.*

Dentre os companheiros de Paulo, Tito era bem comprovado. Se não o fosse, Paulo não lhe teria confiado uma ilha inteira, nem lhe teria ordenado completar o que faltava, pois diz: “*para acabares a organização*” (1,5), nem lhe teria confiado o julgamento de tantos bispos, se nele não depositasse inteira confiança. Afirma-se que era jovem, porque o Apóstolo o chama de filho, mas somente isto não o evidencia. Julgo que é dele que os Atos fazem menção. Talvez fosse coríntio, a não ser que um outro tivesse o mesmo nome. O Apóstolo a Zenas convida para junto de si, e quer enviar a Apolo (3,13), mas deste não fala. Atesta, no entanto, que diante do Imperador seria o mais viril e forte. Parece-me ter havido certo intervalo entre as cartas e, quando escrevia esta, estava Paulo mais livre, uma vez que não se refere a provações, mas do começo ao fim dá graças a Deus. Aos fiéis constituía idônea exortação à virtude. Estimulava-os bastante entender o que mereciam, para onde haviam sido trasladados pela graça e os dons recebidos. Também ataca os judeus. Não admireis que incluía toda a raça, uma vez que na Carta aos Gálatas faz o mesmo, nesses termos: “Ó gálatas insensatos!” Não constitui ofensa, mas amor ardoroso. Se fosse por sua própria causa, certamente seria repreensível; não é ultrajante porque age inflamado de ardor e zelo pela pregação. De fato, Cristo inúmeras vezes exprobrava os escribas e fariseus, não por sua própria causa, mas porque ocasionavam a perdição do próximo. Paulo escreve breve carta, e com razão. É indício da virtude de Tito, não necessitado de muitas palavras, mas só de curta advertência.

A meu ver, esta precede a Carta a Timóteo, exarada no cárcere, estando iminente o fim de Paulo; quanto à presente, parece estar livre e solto, pois a declaração: “*Em Nicópolis, onde decidi passar o inverno*” (3,12) é sinal de que ainda não estava na prisão. Naquela Carta informa sempre que se acha preso. Agora, o que diz? “*Paulo, servo de Deus, apóstolo de Jesus Cristo para levar os eleitos de Deus à fé*”. Vê que emprega sem distinção as expressões, ora declarando ser servo de Deus e apóstolo de Cristo, ora, servo de Cristo, Paulo, servo de Jesus Cristo. Assim desconhece qualquer diferença entre o Pai e o Filho. “*Para levar os eleitos de Deus à fé e ao conhecimento da verdade conforme a piedade, na esperança da vida eterna*”. “*Para levar os eleitos de Deus à fé*”. Acreditaste ou a fé te foi confiada por causa deles? A meu ver, quer dizer que lhe foi confiada para levá-la aos eleitos de Deus. Isto é, não recebeu o encargo em consideração de boas obras, labuta ou suor, mas foi benefício daquele que lho confiou. Em seguida, não se julgasse infundada a graça, nem totalmente vinda da parte de Deus. Por que ele não entregou o encargo a outros? Foi por isso que acrescentou: “*Para levar os eleitos de*

Deus à fé e ao conhecimento da verdade conforme a piedade”. Com tal finalidade foi me confiado, ou antes pela graça de Deus; ele é o autor. O próprio Cristo disse: “Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi”, e o mesmo Apóstolo em outro escrito enuncia: “Conhecerei como sou conhecido” (1Cor 13,12); e ainda: “Se o alcanço, pois, que também já fui alcançado por Cristo Jesus” (Fl 3,12). Primeiro somos alcançados, e depois conhecemos; primeiro somos conhecidos, e em seguida apreendemos; primeiro somos chamados, e então obedecemos.

A locução: “*À fé*” significa que tudo foi recebido em vista dos eleitos. Por causa deles sou apóstolo, não por ser digno, mas em favor deles, conforme exprime outra passagem: “Tudo pertence a vós: Paulo, Apolo” (1Cor 3,21-22) “*E ao conhecimento da verdade conforme a piedade.*” Existe verdade das coisas que não é segundo a piedade. Por exemplo, o conhecimento da agricultura, das artes é conhecimento verdadeiro; neste trecho, contudo, trata-se da verdade conforme a piedade. Ou “*conhecimento da verdade*”, porque os eleitos acreditaram como os demais e conheceram a verdade. O conhecimento veio da fé, não dos raciocínios. “*Na esperança da vida eterna.*” Referia-se à vida presente na graça de Deus, e igualmente à futura, propondo-nos os prêmios relativos aos benefícios divinos para conosco. Quer nos coroar porque acreditamos e nos libertamos do erro. Observa que a Introdução está repleta da lembrança dos benefícios de Deus, ou melhor, toda a Carta é tal e estimula os santos, bem como os discípulos à labuta. Nada, pois, é tão útil quanto frequentemente relembrar os benefícios de Deus, comuns ou particulares. Se, pois, ao recebermos certo benefício de um amigo, ou ouvirmos uma palavra ou gesto agradável, nos acaloramos, estaremos muito mais propensos à obediência se virmos em quantos perigos nos encontramos e que de todos Deus nos livrou. “*E ao conhecimento da verdade.*” Verdade, em substituição do termo: Tipo. Pois era conhecimento e piedade, não, porém, da verdade, nem da mentira e sim em figuras e imagens. Disse bem: “*Na esperança da vida eterna*”, em esperança na vida presente, conforme está escrito: “É cumprindo-a (a Lei) que o homem vive por ela” (Rm 10,5). Vês, desde o começo mostra quanto a graça dista da Lei? Não eram eles os eleitos; somos nós. Apesar de então terem tido o nome de eleitos, já não o possuem. “*Prometida antes do tempo pelo Deus que não mente*”, isto é, não se alterou agora, mas desde o princípio foi assim decidido. Em muitas passagens o Apóstolo o insinua, tal como: “Escolhido para o evangelho de Deus; e ainda: “Os que de antemão ele conheceu, esses também predestinou” (Rm 1,1: 8,29), revelando nossa nobreza, porque já nos amara antigamente e não só agora. É importante ter amado outrora, desde o princípio.

“*Prometida antes do tempo pelo Deus que não mente.*” Uma vez que não mente, certamente acontecerá o que prometeu. Se não mente, é indubitável, apesar de suceder somente após a morte. “*Na esperança da vida eterna prometida antes do tempo pelo Deus que não mente.*” Com a expressão: “*Prometida antes do tempo*” indica ser fidedigna. No entanto, o motivo da determinação não foi a falta de adesão atual dos judeus, mas que outrora fora prefigurado. Escuta, portanto, o que diz: “*Que, no tempo fixado, manifestou sua palavra*”. Qual, então, o motivo das delongas? Foi providencial; realizou-se em tempo oportuno: “Senhor, é tempo de intervirdes” (Sl 119, 126), disse o profeta. O termo: “*fixado*” significa: Oportuno, devido, conveniente. “*Que, no tempo fixado, manifestou sua palavra por meio da proclamação de que fui encarregado*”, isto é, da pregação, que tudo abrange: o evangelho, as realidades presentes e futuras, a vida, a piedade, a fé. Tudo simultaneamente. “*Por meio da proclamação*”, em público, com ousadia. Este o sentido da expressão: “*Por meio da proclamação*”. O arauto proclama aos presentes no teatro; também nós proclamamos, sem acréscimo, repetindo o que ouvimos. É habilidade do arauto narrar o acontecido, sem complemento, nem diminuição.

Se for preciso proclamar, proclame-se com ousadia; do contrário, não seria proclamação. Por isso

Cristo não disse: Dizei sobre os telhados, e sim: “Proclamai sobre os telhados”, declarando o local e o modo: “*De que fui encarregado por ordem de Deus, nosso Salvador*”. As expressões: “*De que fui encarregado*” e : “*Por ordem*” manifestam ser fidedigna a pregação, de sorte a não causar indignação, recusa, ira, agitação. Se foi “*por ordem*”, não sou senhor da situação, apenas cumpro um preceito. Com efeito, na atividade, uma parte está em nosso poder, outra, não. As ações ordenadas não estão em nosso poder; as permissões, no entanto, acham-se a nosso dispor. Por exemplo: A um irmão “Aquele que disser: ‘Louco’, será condenado ao fogo da geena” – é uma ordem; e a outra palavra: “Se estiveres para trazer a tua oferta ao altar e ali te lembrares de que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa a tua oferta ali diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão; e depois virás apresentar a tua oferta” (Mt 5, 22-24) – é um mandamento, e quem não o cumprir forçosamente será submetido ao suplício. Quando, porém, Cristo diz: “Se queres ser perfeito, vende os teus bens”, e ainda: “Quem puder compreender, compreenda!” (Mt 19,21.12), não é um mandamento, pois deixa ao arbítrio do ouvinte cumprir ou não cumprir. De fato, está em nosso poder praticá-lo, ou não. Quanto aos preceitos, não é lícito omiti-los. Cumprimos ou sofremos o suplício. O Apóstolo o insinua: “É, antes, uma necessidade que se me impõe. Ai de mim, se eu não anunciar o evangelho!” (1Cor 9,16). Explicarei melhor para esclarecimento geral. Por exemplo, será culpado aquele a quem foi confiado o governo da Igreja e recebeu a dignidade do episcopado que não indicar ao povo os deveres; o leigo não tem esta obrigação. Por isso diz Paulo: “*Fui encarregado por ordem de nosso Salvador*”. E vê o acréscimo consentâneo ao que eu disse. Acima declarou: “*O Deus que não mente*”. E aqui: “*Por ordem de Deus, nosso Salvador*”. É Salvador, e emitiu ordens visando à salvação, portanto não são resultantes de ambição, mas, em verdade, fé e ordem de Deus, Salvador. “*A Tito, meu verdadeiro filho*”. Há filhos bastardos, conforme foi dito: “Traz o nome de irmão e, não obstante, é impudico, ou avaro, ou idólatra, ou injurioso, ou beerrão. Com tal homem não deveis nem tomar refeição” (1Cor 5,11). Eis um filho bastardo. É filho, por ter recebido a graça e ter sido regenerado; não é verdadeiro, porque indigno do pai, e agregado a um tirano. O filho verdadeiro por natureza distingue-se do bastardo por meio do pai e progenitor; em nosso caso, contudo, não, mas depende do arbítrio. Pode acontecer que, genuíno por nascimento, não permaneça tal qual, e é possível que um bastardo se torne verdadeiro filho. Não se define forçosamente pela natureza, mas depende da vontade livre; por isso altera-se frequentemente. Onésimo era amado, mas também não, por se ter tornado inútil; voltou a ser filho dileto, de sorte que declara o Apóstolo: “Como se fosse meu próprio coração (cf. Fl 12). “*A Tito, meu verdadeiro filho na fé comum*”. O que significa: “*na fé comum*”? Depois que o denominara: “*Filho*”, e ele mesmo ocupara a posição de pai, escuta por que diminui e reduz esta honra. Insere: “*Na fé comum*”. Isto é, segundo a fé nada tenho a mais do que tu; na realidade, é comum, e eu e tu fomos gerados por ele. Por que motivo, então, chama-o de filho? Apenas para mostrar o afeto paterno, ou porque era antecessor na pregação, ou porque o batizara. São motivos de se dar o nome de filhos e de irmãos. Irmãos, gerados pela mesma fé; filhos, através de suas mãos. “*Na fé comum*” sugere a fraternidade. “*Graça e paz da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Salvador*”. Após dizer: “*Filho*”, acrescentou: “*Da parte de Deus Pai*” a fim de elevar-lhe a mente e declarar de quem era filho; e não somente: “*Na fé comum*”, mas acrescenta: “*Da parte de Deus Pai*”, honras iguais.

Vê, porém, igualmente faz em prol do mestre a súplica emitida em favor dos discípulos e de muitos. Necessita de iguais preces, ou antes, de mais, devido a maiores inimizades, ocasiões e perigos de ofender a Deus. Quanto maior a dignidade, mais numerosos os perigos para o sacerdote! Uma só boa obra do bispo basta para levá-lo ao céu, e um só pecado para lançá-lo na geena. Narro o que acontece diariamente, omitindo o restante. Se acontecer que por amizade ou por outra causa ele promova ao episcopado um indigno, e lhe confira o governo de uma grande cidade, pondera o fogo que

merece. Não sofrerá castigo somente pelas almas condenadas – que o indigno perde por falta de piedade –, mas por todos os seus atos. Efetivamente, quem não era piedoso na vida privada, muito menos o será quando obtiver o governo. É difícil a quem antes era piedoso manter-se de igual modo após receber o múnus. Então mais fortes são a vanglória e o amor do dinheiro e do fausto, pois o governo dá poder; então aparecem as ofensas, as injúrias, as maldições etc. Se era, portanto pouco piedoso, tornar-se-á pior. Quem o ordenou príncipe da Igreja será, portanto, culpado de todos os seus pecados e os do povo a ele subordinado. A quem escandalizar uma só alma “melhor será que lhe pendurem ao pescoço uma pesada mó e seja precipitado nas profundezas do mar” (Mt 18,6) e quem escandalizar tais pessoas, cidades inteiras, o povo e inúmeras almas, homens, mulheres, crianças, cidadãos, agricultores, habitantes desta cidade, os de outras a esta sujeitas, a que será submetido? Se disseres penas três vezes maiores, nada terás exposto, a tal ponto é merecedor de penas e suplícios. Necessitará, portanto, de especial graça e da paz de Deus, pois se não reger o povo nesta base, tudo perece e se arruína, uma vez que ninguém segura o leme. Até mesmo sendo o piloto perito, quando a graça e a paz de Deus não seguram o leme, o barco e os navegantes globalmente afundam. Por isso admiro os que ambicionam tão grande peso. Homem miserável e infeliz, não vês o que desejás? Se fores um particular ignorado, carregado de inúmeros pecados, prestarás contas somente de tua alma, e sofrerás penas; mas elevado a tão grande poder, calcula por quantas cabeças merecerás castigo. Escuta o que diz Paulo: “Obedecei aos vossos dirigentes, e sede-lhes dóceis; porque velam pessoalmente sobre as vossas almas, e disso prestarão contas” (Hb 13,17). Mas a honra e o poder te atraem? E qual o prazer desta honra? Não o vejo. Com efeito, não é realmente chefe. Por quê? Porque a obediência depende dos súditos. De um exame cuidadoso resulta que não alcançou prepotência, mas há de servir a inúmeros déspotas, com vontades e dizeres opostos entre si. Um louva e outro reprova, um censura e outro admira. Não se percebe a quem ouvir e a quem atender. Se um senhor dá ordens contrárias a um escravo que adquiriu, este se queixa. Tu, porém, com tantos senhores a mandarem coisas opostas, se te lastimares, por cima sofrerás, porque todos abrem a boca contra ti. Isso, pergunto, é honra? Isso é principado? Isso é poder?

Ordena o bispo uma coleta; se o súdito não quer dar, não só não oferece, mas ainda, para não parecer que procede por negligência, acusa quem ordena, dizendo: Rouba, furta, devora os bens dos pobres, absorve as posses dos indigentes. Põe termo a tais maledicências! Até quando hás de proferi-las? Não queres dar? Ninguém obriga, ninguém força. Por que injurias até a quem exorta e aconselha? Mas se alguém caiu na pobreza e o bispo não estende a mão, quer não possa, quer tenha outra ocupação, não é desculpado, mas recebe novas incriminações, piores do que as precedentes. Isso é domínio? E não podes resistir, pois as “entranhas” são suas. Se as vísceras entumescem, causam dores de cabeça e em todo o corpo, não ousamos defender-nos, nem empunhamos uma espada e as cortamos. Assim, se um dos súditos é desta espécie, e causa trabalhos e aborrecimentos por suas incriminações, não ousamos defender-nos. Longe de um ânimo paterno! Mas é preciso suportar o peso até que se recupere. Um escravo comprado recebe uma tarefa. Se a cumpre, torna-se senhor do dono. O bispo é arrastado para todos os lados, exige-se dele além de suas forças. Não sabe falar! Muita murmuração! É eloquente! Novas acusações: Quer vangloriar-se. Se não ressuscita mortos, nada vale. Aquele bispo é piedoso, este não. Se é moderado na comida, novas incriminações: Devia ser estrangulado. Se alguém o vê nas termas, muitas acusações: É indigno de ver o sol. Se faz o mesmo que eu: Lava-se, come e bebe, reveste-se do manto, cuida da casa e dos servos, por que é preposto? Tem criadagem, monta sobre um jumento, por que me governa? Ora, pergunto, não há de ser servido, mas ele mesmo deve acender o fogo, carregar a água, rachar a lenha, ir ao mercado? Vergonhoso! Com efeito, aqueles santos homens, os apóstolos, dedicavam-se ao ensino, e não aceitavam entregar-se ao serviço das

viúvas, que reputavam serviço inferior à sua dignidade. Tu o reduces ao ofício de teus escravos? Por que tu que ordenas estas coisas, não as praticas tu mesmo, não as desempenhas? Acaso, pergunto, não te presta serviço mais importante do que tu, que te entregas aos bens materiais? Por que não envias teu servo para prestar este serviço? Cristo lavou os pés dos discípulos; e tu ao prestares um serviço ao mestre, fazes algo de grandioso? Mas não queres prestá-lo e o impedes. Por quê? Acaso deve levar uma vida celeste? Mas Deus não o quer. Por quê? Perguntas. Os apóstolos tiveram para servi-los homens livres. Queres ouvir como os apóstolos se portaram? Empreendiam viagens, e homens livres e mulheres nobres para reconfortá-los expunham a vida e a cabeça. Escuta a exortação e as palavras deste bem-aventurado Apóstolo: “Tende em grande estima pessoas como ele”; e ainda: “Pela obra de Deus ele quase morreu, arriscando a sua vida para atender por vós às minhas necessidades” (Fl 2,29-30). Vês o que diz? Tu, em favor de teu pai não és capaz de proferir uma palavra, para não dizer que não enfrentas um perigo. Ora, replicas, não convém ir às termas. Por que, pergunto, e onde se acha esta proibição? A sujeira não é um bem. Em parte alguma vemos ser incriminada ou admirada.

Outras são as exigências de Paulo relativamente aos bispos. Seja “irrepreensível, sóbrio, simples no vestir, hospitaleiro, competente no ensino” (cf. 1Tm 3,2). Estas as exigências do Apóstolo, as qualidades reclamadas do chefe e nada mais. Não és mais exigente do que Paulo; o melhor, nem mais exigente do que o próprio Espírito. Acusa-o se for violento, dado ao vinho, cruel e feroz. Seria indigno de um bispo. Se dado aos prazeres, merece incriminação. Se, porém, cuida do corpo para te servir, é cuidadoso para ser-te útil, deve ser incriminado? Ou ignoras que a fraqueza corporal, não menos do que a doença da alma nos prejudica a nós e à Igreja? Por que esta solicitude da parte de Paulo, ao escrever a Timóteo: “Toma um pouco de vinho por causa de teu estômago e de tuas frequentes fraquezas” (1Tm 5,23)? Se devemos apenas espiritualmente praticar a virtude, não nos preocupemos com o corpo. Por que assim nascemos? Se o corpo coopera tanto, não seria extrema loucura o descuido? Imaginemos uma pessoa honrada com o episcopado, encarregado do governo da Igreja, virtuoso, que possua as qualidades peculiares ao sacerdote, mas por grave doença sempre prostrado no leito, em que poderá ser útil? Que peregrinação poderá empreender? Como fazer as visitas? A quem poderá censurar? A quem admoestar? Disse isso para aprenderdes a não culpar sem mais os pastores, antes acolhê-los com benevolência e também para que um ambicioso deste poder, em consideração da quantidade de censuras, abandone esta aspiração. O perigo é realmente grande, e são necessárias a graça e a paz de Deus. Suplicai que sejam abundantes para nós, que a impetramos para vós, a fim de sermos todos virtuosos, e conseguirmos os bens prometidos, em Cristo Jesus, ao qual, com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

SEGUNDA HOMILIA

1,5. *Eu te deixei em Creta para acabares a organização e ao mesmo tempo para constituíres presbíteros em cada cidade,*

6. *cada qual devendo ser, como te prescrevi, irrepreensível, esposo de uma única mulher, cujos filhos tenham fé e não possam ser acusados de dissolução nem de insubordinação.*

A vida dos antigos certamente decorria toda inteira em obras e na labuta. A nossa não é igual, mas repleta de negligência. Estavam cientes de terem vindo a este mundo para agir conforme a vontade do Criador; nós, porém, como se tivéssemos sido criados para comer, beber e entregar-nos aos prazeres não atendemos às coisas espirituais. Não falo apenas dos apóstolos, mas também dos pósteros. Vê-lo-ias percorrendo todos os lugares, como se tivessem recebido somente este encargo, sempre viajando no estrangeiro, porque não tinham cidadania terrena. Escuta, portanto, a este bem-aventurado: “*Eu te*

deixei em Creta”. Distribuída entre eles a terra, qual uma casa única, serviam cuidando de todos, cada um assumindo determinada parte. *“Eu te deixei em Creta para acabares a organização.”* Entretanto exorta, não preceitua: *“Para acabares a organização”*. Podes vê-lo inteiramente livre de inveja, sempre atendendo à utilidade dos discípulos, sem medir os pormenores por si ou por intermédio de um outro? Onde o perigo e a dificuldade eram ingentes achava-se presente para atuar e o que ocasionava honra e louvor, deixava para o discípulo, a saber, as ordenações dos bispos e outras funções que reclamavam organização, e, por assim dizer, maior perfeição. O que dizes? – por favor. Ele corrige tua atuação? Não consideras que te inflige vergonha e injúria? Absolutamente, não. Olho apenas a utilidade comum. É indiferente que atue eu próprio, ou um outro. Assim deve o pastor relacionar-se com a obra; não procurar a própria honra, mas a utilidade comum. *“Para que constituas presbíteros em cada cidade.”* Trata-se dos bispos, conforme dissemos em outra parte: *“Como te prescrevi, homem irrepreensível”*. *“Em cada cidade”*. Não queria entregar a ilha inteira aos cuidados de um só, mas assinalar a cada qual determinados cuidados e preocupações. O trabalho seria mais leve, e o governo dos súditos mais efetivo, se o doutor não tivesse de percorrer várias Igrejas para regê-las, mas governasse e provesse a uma só. *“Homem irrepreensível, esposo de uma única mulher, cujos filhos tenham fé e não possam ser acusados de dissolução nem de insubordinação.”* Por que destaca esta espécie de homens? Para fechar a boca dos hereges que condenavam as núpcias, mostrando que eram impolutas, ou antes deviam ser respeitadas, de sorte que um casado podia também subir ao trono santo; e ainda ataca os impudicos, não permitindo que eles, após segundas núpcias, assumam o regime da Igreja. Aquele que não conservou benevolência para com a falecida mulher, será bom chefe? A quantas incriminações não está sujeito? Sabeis todos, sabeis na verdade, que as segundas núpcias estão sujeitas a muitas críticas, embora as leis as permitam. O Apóstolo não quer que o chefe dê aos súditos oportunidade de queixa. Por isso coloca a expressão: *“Irrepreensível”*, isto é, sua vida esteja imune de culpa, não seja oportuna uma inspeção. Escuta a palavra de Cristo: *“Pois se a luz que há em ti são trevas, quão grandes serão as trevas!”* (Mt 6,23). *“Cujos filhos tenham fé e não possam ser acusados de dissolução nem de insubordinação.”* Ponderemos quantas providências toma acerca dos filhos. Pois quem não soube ser mestre dos próprios filhos, de que modo ensinará aos dos outros? Se não pôde controlar aqueles que desde o início teve a seu lado, nutriu e sobre os quais tinha autoridade legal e natural, será útil aos alheios? Se não fosse extrema a preguiça do pai, não deixaria tornarem-se malvados os filhos sobre os quais no início tinha autoridade. Não é possível, não é, que o filho educado desde a infância com a maior diligência e zelo se torne malvado, nem os pecados são de tal natureza que superem tanta previdência. Também será indigno se, preterida a educação dos filhos para segundo plano, dedicar-se à gestão das riquezas, e não empregar o devido zelo por eles. Pois, se, apesar de forçado pelo afeto natural, foi tão negligente, ou tão estulto, mais solícito acerca do dinheiro do que dos filhos, pode ser elevado a tão sublime trono e a tal governo? Não soube educar, por suma negligência ou culpa. Uma vez que não foi zeloso, é condenável por carência de afeto paterno. Quem, portanto, negligencia os próprios filhos, terá cuidado dos alheios? E não disse simplesmente: Não sejam devassos, mas nem sejam acusados disto, nem tenham má reputação.

7. Porque é preciso que, sendo ecônomo das coisas de Deus, o bispo seja irrepreensível, não presunçoso, nem irascível, nem intemperante ou violento,

Efetivamente, aquele que obtém o governo entre os seculares, visto que rege segundo a lei e a necessidade, nem sempre partilha a opinião dos súditos. O chefe, porém, que deve governar súditos livres, e que agrada aos subordinados cientes de seu governo, se reger os mesmos apenas por seu próprio arbítrio, sem prestar contas a pessoa alguma, exerce um governo mais tirânico do que

democrático. “*Porque é preciso que, sendo ecônomo das coisas de Deus, o bispo seja irrepreensível, não presunçoso, nem irascível.*” Como, pois, ensinará os outros a vencer este vício aquele que não se educou a si próprio? O poder acarreta muitas questões, que tornam até o mais moderado molesto e desagradável, trazendo consigo diariamente inúmeras causas de irritação. Se, portanto, não aceder anteriormente preparado, será muito severo, e estragará e perderá muitas coisas pertencentes a seu múnus. “*Nem intemperante ou violento.*” Aqui trata do injurioso, porque em tudo é preferível a exortação à repreensão. Não ultraje. Que necessidade há de ultraje? Dize-me, Atemorize-se com a ameaça da geena, assuste-se e amendronte-se. Com efeito, o injuriado torna-se mais audacioso, e o injuriador mais insolente. Nada produz tanto desprezo como a injúria, porque mais desonra o injurioso e não permite seja respeitado convenientemente. Empreguem-se palavras repletas de amor, mencionando aos pecadores o último juízo e isentas de quaisquer ultrajes. Se alguns tentam impedir o que é indispensável, então com toda autoridade deve-se tratar do assunto. “*Não violento.*” O mestre espiritual é um médico. O médico não fere, mas emenda e cura o doente.

nem ávido de lucro desonesto,

8. *mas seja hospitaleiro, bondoso, ponderado, justo, piedoso, disciplinado,*

9. *de tal modo fiel na exposição da palavra*

Vês reclamado o cume da virtude? “*Nem ávido de lucro desonesto*”, é revelador de grande desprezo das riquezas. “*Hospitaleiro, bondoso, ponderado, justo, piedoso*”. Que distribua tudo o que possui aos indigentes. “*Disciplinado.*” Não está dizendo que seja dado ao jejum, mas que domine os vícios, a língua, a mão e os olhos impudicos. Continência consiste em não se deixar arrastar por paixão alguma. “*De tal modo fiel na exposição da palavra.*” Denomina fiel o veraz, “*que seja capaz de ensinar a sã doutrina*” e não precise de silogismos e questões. Seja habilitado, solícito, assumindo a obra. E se não for eloquente diante dos gentios? Por isso declara: “*Capaz de ensinar a sã doutrina*”. “*De tal modo fiel na exposição da palavra que seja capaz também de refutar os que a contradizem*”. Não precisa, portanto, de eloquência, mas de entendimento, perícia e penetração das Escrituras.

Não vês que Paulo converteu o orbe, e obteve mais que Platão e os demais? Através dos milagres, replicas. Não só pelos milagres. Percorre os Atos dos Apóstolos e antes dos milagres vê-lo-ás em muitas passagens vencedor pela doutrina. “*Que seja capaz de ensinar a sã doutrina*”, isto é, de proteger os seus e derrotar os inimigos. “*Como também de refutar os que a contradizem*”. Senão tudo arruína. Com efeito, quem não sabe combater os inimigos, cativar as inteligências para obedecerem a Cristo, e refutar os raciocínios, quem não ensina como convém a fé reta, mantenha-se longe da cátedra da doutrina. O restante também se encontra nos súditos, a saber, que sejam irrepreensíveis, tenham filhos obedientes, sejam hospitaleiros, justos, piedosos. Principal característica do mestre é ser capaz de ensinar. A isto hoje não se provê.

10. *Com efeito, há muitos insubmissos, loquazes e enganadores, especialmente no partido da circuncisão,*

11. *e aos quais é preciso fazer calar,*

Vês que ele mostra donde vêm? Dá a entender que não querem submeter-se, e sim mandar. Quando não puderes persuadir, não o estabeleças no episcopado, mas impõe-lhe silêncio para o bem dos demais. Qual o lucro, quando não obedecem, são insubmissos? Por que impor-lhes silêncio? Para o bem do próximo.

pois estão pervertendo famílias inteiras, e, com objetivo de lucro ilícito, ensinam o que não têm o

direito de ensinar.

Com efeito, se quem assumiu o direito de ensinar a doutrina, não está habilitado a combater, nem a impor silêncio aos impudentes, será causa de dano para cada um dos perdidos. Se alguém te aconselhar: “Não procures tornar-te juiz, se não és vigoroso para extirpar a injustiça” (Eclo 7,6), ou antes, não diga um outro neste caso: Não procures tornar-te mestre, se estás longe de ser digno deste cargo; foge, mesmo se fores arrastado. Vês que em toda parte o dinheiro e a cobiça de lucro desonesto são causa destes males? *“Com objetivo de lucro ilícito, ensinam o que não têm o direito de ensinar.”*

Nada existe que tal paixão não arruíne. Os ventos impetuosos, que irrompem sobre um mar tranquilo, revolvem-no desde as profundezas, de sorte que a areia se mistura às ondas; assim estes vícios, principalmente a louca ambição da glória, penetrando na alma revolvem-na inteiramente e obcecaram a perspicácia mental. O desprezo das riquezas é facilmente admitido por quem o quiser; desprezar a honra prestada por muitos exige imenso esforço, profunda sabedoria, uma alma angélica que atinja o vértice dos céus. Nenhum, em verdade, nenhum vício é tão tirânico e dominador em todos os lugares, mais em uns, em outros menos, entretanto em todos. Como suplantá-lo, não completamente, mas talvez em mínima parte? Olhando para o céu, mantendo a Deus diante dos olhos, erguendo o pensamento bem distante das coisas terrenas. Após desejares a glória e a conseguires, considera qual o término e encontrarás o nada. Reflete no grande detrimento que acarreta, de quantos e de quais bens ela priva. De fato, enfrentarás labores e perigos, mas serás privado dos frutos e dos prêmios. Pensa na maioria dos malvados e despreza a glória que vem deles. Reflete sobre o que é cada um e verificarás que a questão tornou-se ridícula. Mais torpeza do que glória. Em seguida, eleva teu pensamento ao teatro celeste. Ao realizares algo de bom e pensares em aparecer diante dos homens, procurares espectadores e te angustiares no desejo de ser visto, pensa que Deus te vê, e extinguirás toda a cobiça; afasta-te da terra, olha o teatro celeste. Os homens louvam, depois censuram, invejam, lastimam; e se não o fizerem, nenhuma vantagem trarão ao elogiado. Diante de Deus, contudo, tal não sucede, mas causa-lhe alegria louvar nossas boas ações. Falaste bem e recebeste aplauso? Qual o lucro? Se os que aplaudiram retiraram algum bem, converteram-se, tornaram-se melhores, renunciaram aos vícios precedentes, realmente convém alegrar-te, não pelos louvores, mas pela ótima e admirável conversão. Se louvam sempre, tumultuam, aplaudem, não se lucra com os aplausos, antes são lastimáveis, porque terminam em condenação. És glorificado pela piedade? Se na realidade és piedoso, sem consciência de ter cometido mal algum, alegra-te, não pela aparência, mas por seres tal. Exaltado por muitos e tal não és, pensa que no último dia eles não nos julgarão, e sim aquele que conhece exatamente as ações ocultas. Consciente de certos pecados, por todos considerado impoluto, não te alegres, e sim importa condoer-te e chorar amargamente, não raro refletindo sobre aquele dia em que tudo será revelado, e serão dissipadas as trevas dos esconderijos. Recebes honras? Repele-as, ciente de que te tornarás devedor. Ninguém te presta honra? Regozija-te. Deus, com os demais, não terá de te censurar por seres exaltado. Não vês que Deus censura também acerca dos benefícios, por intermédio do profeta: “Suscitei de vossos filhos, profetas, e de vossos jovens, consagrados” (Am 2,11)? Lucrarás ao menos pelo fato de não mereceres maior suplício. Quem no século presente é desonrado, é desprezado, é tido por insignificante e além disso é injuriado e repellido, privado de vantagens, ao menos não será culpado devido à honra a si prestada pelos colegas. E ainda entre outros benefícios retirará daí o seguinte: É oprimido, humilhado, e até mesmo se o quiser, jamais se orgulhará, bem atento a si próprio. Aliás, quem recebe muitas honrarias, além do maior débito, exalta-se com arrogância e vanglória, e torna-se escravo dos homens. Em seguida, crescendo o domínio, é obrigado a fazer muita coisa contra sua vontade.

Cientes, portanto, de ser mais vantajoso não procurar as honrarias, repilamos as que nos forem oferecidas; rejeitemos e extingamos esta cupidez. O dito é para nós, chefes e súditos. A alma que busca honra e glória não alcançará o reino dos céus. A palavra não é minha, não sou eu que a profiro. Não é minha por mim mesmo, e sim do divino Espírito. Não dá atenção, mesmo se praticar a virtude. “Já receberam a sua recompensa” (Mt 6,5). Por conseguinte, quem não recebe a sua recompensa, verá o reino dos céus? Não proíbo desejar a glória; mas quero a glória verdadeira, vinda de Deus: “Recebe louvor não dos homens, mas de Deus” (Rm 2,29). Sejam piedosos às ocultas, não cercados de muito luxo, encenação, hipocrisia. Rejeitemos a pele de ovelhas, ou melhor, tornemo-nos ovelhas, pois nada mais abjeto do que a glória humana. Dize-me. Vês uma multidão de criancinhas; desejarias ser glorificado por elas? Julga deste modo a glória humana. Por este motivo é denominada vanglória. Não contemplas as máscaras que se impõem os atores? São belas, esplêndidas, confeccionadas em perfeita forma? Podes mostrar-me tal beleza na realidade? Absolutamente, não. Por quê? Acaso ficas apaixonado por elas? Não. Por quê? Porque são vãs, imitam a beleza, mas não possuem a que é autêntica. Assim é vã a glória, e imita a real, que não possui. Só permanece a natural, a interior; a outra, porém, é exterior e muitas vezes encobre uma monstruosidade. Encobre, digo, perante os homens e até a tarde; terminado o teatro, e retiradas as máscaras, cada qual aparece como é na realidade. Não nos acerquemos da verdade como se fosse uma representação hipócrita. Dize-me. Que bem há em ser visto pela multidão? É vanglória e nada mais. Sobe a tua casa, fica sozinho e tudo desaparece. Entraste na praça, e chamaste a atenção dos presentes? E o que mais? Nada. Extinguiu-se, e dissipou-se como fumaça. E amamos tanto coisas instáveis? Que loucura! – dize-me. Que estultice? Consideremos unicamente por que Deus há de louvar. Ponderando-o, jamais busquemos louvor humano, e se houver, desprezêmo-lo, zombemos, rejeitemos. Sentir-nos-emos como quem deseja ouro e obtém lodo. Ninguém te louve; não será proveitoso. Se te ofender, em nada te prejudicará. Diante de Deus, porém ambas as posições trazem lucro ou prejuízo; o que vem dos homens é vão. Somos iguais perante Deus. Ele não precisa da glória dos homens, pois disse: “Não recebo a glória que vem dos homens” (Jo 5,41). Parece-te insignificante? Dize-me. Uma vez que não queres desprezar a glória, dize: Serei como Deus se desprezar, e logo desprezarás. O escravo da glória humana é forçosamente escravo de todos, mais vil que os próprios escravos. Não ordenamos a nossos escravos o que manda o amor da glória aos que aderem a ela. Leva a dizer e sofrer torpezas e coisas vergonhosas e obedecida, ordena coisas piores. Fugamos, portanto, fugamos, eu vos suplico, de tal escravidão. E como, perguntas, isto é possível? Sábios a respeito das coisas terrenas, considerando os bens presentes quais sonhos e sombras, e nada mais, haveremos facilmente de vencer e não seremos captados por coisas pequenas, ou grandes. Se não desdenharmos as pequenas, cairemos facilmente nas grandes. Fiquemos longe de suas fontes, a estultice e o ânimo vil. Com ânimo sublime, poderemos desprezar a glória da multidão, elevar a mente ao céu, e alcançar os bens celestes. Consigamo-lo todos nós, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

TERCEIRA HOMILIA

- 1,12.** *Um dos seus próprios profetas disse: “Os cretenses são sempre mentirosos, animais ferozes, comilões vadios”.*
- 13.** *Este testemunho é verdadeiro; repreende-os, portanto, severamente, para que sejam sãos na fé,*
- 14.** *e não fiquem dando ouvidos a fábulas judaicas ou a mandamentos de homens desviados da*

verdade.

Surgem várias questões. Primeiro, quem proferiu estas palavras; segundo, por que Paulo as cita; terceiro, por que apresenta um testemunho que não julga verdadeiro. Vejamos. Com alguns acréscimos, apresentemos a solução oportuna. De fato, ao falar aos atenienses, disse no discurso: “Ao Deus desconhecido”; e ainda: “Assim, aliás disseram alguns dos vossos poetas: ‘Pois nós somos também de sua raça’” (At 17,23.28). Disse-o Epimenides, que era cretense. Sou forçado a declarar-vos o que o moveu. Este o motivo: Os cretenses têm o sepulcro de Júpiter com a seguinte inscrição: “Aqui jaz Júpiter, a quem dão o nome de Jove”. Por causa dessa inscrição o poeta zomba dos cretenses, como sendo mentirosos, e nos subsequentes versos aumenta o escárnio: “Os cretenses, ó senhor todo-poderoso, construíram teu sepulcro. Tu, porém, não morres, és imortal”. Se, pois, este “*testemunho é verdadeiro*”, vê o grande perigo. Com efeito, se conforme diz o Apóstolo o poeta é veraz, dizendo que eles mentiram ao assegurarem que Júpiter morreu, o perigo é grande. Muita atenção, caríssimos. O poeta diz que os cretenses mentiram afirmando que Júpiter morreu. O apóstolo confirma este testemunho. Por conseguinte, segundo o Apóstolo, Júpiter é imortal, pois diz: “*Este testemunho é verdadeiro*”. O que diremos? Ou melhor, de que modo resolveremos o problema? O Apóstolo não o afirmou, mas simplesmente recolheu o testemunho, e aplicou-o ao costume que tinham de mentir. Por que, então, não acrescentou: “Os cretenses, ó senhor todo-poderoso, construíram teu sepulcro”? Por conseguinte, o Apóstolo não o afirmou, mas só a exatidão do poeta ao declarar que os cretenses eram mentirosos. Não só daí provamos que Júpiter não é deus; outros trechos fornecem muitos argumentos, e não é somente pelo testemunho dos cretenses que isto se demonstra claramente. Aliás, o Apóstolo não disse que eles mentiram neste caso; antes, é verossímil que mentiram, porque julgavam que havia mais deuses. Por esse motivo assegura que eles eram mentirosos.

Com efeito, pergunta-se por que apresenta testemunhos dos gentios. Porque melhor é a refutação quando citamos seus próprios testemunhos e acusações e opomo-nos a eles, incriminados por aqueles que eles têm por admiráveis. Por isso em outro trecho o Apóstolo também os menciona, dizendo: “Ao Deus desconhecido”. Os atenienses, que não haviam adotado no início todos os deuses, e sim no decorrer do tempo apenas alguns, como os dos hiperbóreos (do extremo norte da terra), os de Pan, os que introduziram mistérios pequenos e grandes, por fim concluíram que provavelmente havia um deus desconhecido. Para cultuá-lo, levantaram-lhe um altar com esta inscrição: “Ao Deus desconhecido”, sugerindo a existência de um deus desconhecido. Por isso disse Paulo: Aquele que previamente conhecestes, eu vo-lo anuncio. Quanto à locução: “Pois nós somos também de sua raça”, fora proferida acerca de Júpiter por Arato, que tendo dito no início: “Júpiter enche os caminhos, os mares”, acrescentou: “Pois nós somos também de sua raça”, demonstrando também ele, a meu ver, que fomos criados por Deus. Como, portanto, Paulo aplica ao Deus do universo o que fora dito acerca de Júpiter? Não aplica a Deus o que fora dito de Júpiter, mas o que a Deus competia, e não foram atribuídos própria e adequadamente a Júpiter. Restitui os atributos a Deus. De fato, *Deus* é nome que compete somente a ele, e é imposto erradamente aos ídolos. Mas, de onde devia fazer-lhes citações? Dos profetas? Não acreditariam. Com efeito, mesmo aos judeus não cita os evangelhos, e sim os profetas. Por isso diz: “Para os judeus, fiz-me como judeu. Para aqueles que vivem sem a lei, fiz-me como se vivesse sem a Lei. Para os que estão sujeitos à Lei, fiz-me como se estivesse sujeito à Lei” (1Cor 9, 20-21).

O próprio Deus o faz, conforme aconteceu no caso dos magos. Não os guiou por intermédio de um anjo, por um profeta, um apóstolo, um evangelista, mas de que forma? Por uma estrela (cf. Mt 2). Uma vez que eram astrólogos, atraiu-os assim. Ainda, no caso das vacas que transportavam a arca (cf.

1Sm 6,9). Se elas ingressarem por este caminho, diz-se, é certa a ira de Deus, conforme sugeriram os adivinhos. Acaso os adivinhos proferem a verdade? De modo algum, mas através de sua boca Deus os censura e repreende. Ainda, relativamente à pitonisa. Visto que Saul nela acreditara (cf. 1Sm 28,8), Deus fez com que ouvisse por seu intermédio o que haveria de acontecer. Por que, então, Paulo fechou a boca do demônio que dizia: “Esses homens são servos do Deus Altíssimo, que vos anunciam o caminho da salvação” (At 16,17)? Por que Cristo também proíbe aos demônios que falem? (Mc 1,25; Lc 4,35). Com razão, pois havia milagres precedentes, e neste caso também porque não era a estrela, mas ele próprio que anunciava; os demônios, porém, não o adoram. Não era um ídolo que falava e devesse ser impedido. A Balaão, contudo, permitiu abençoar, e não o impediu (cf. Nm 23). Assim em toda parte tem condescendência. E por que te admiras? Pois ele permitiu que se formassem a seu respeito opiniões más e indignas, por exemplo, que era anteriormente um ser corporal, visível. Ele refuta: “Deus é espírito” (Jo 4,24). Ainda que ele se regozije com os sacrifícios, que, no entanto, lhe eram estranhos; e profere palavras não consentâneas com sua confissão etc. Em parte alguma dá importância à sua própria dignidade, mas sempre encara a nossa utilidade. Pois, se um pai não leva em conta sua dignidade, mas balbucia com seus filhinhos, e não dá nomes gregos ao alimento, à refeição, à bebida, mas utiliza uma expressão pueril e bárbara, Deus faz ainda mais. E exprobra por meio do profeta com condescendência: “Acaso troca um povo de deuses?” (Jr 2,11). E em toda parte nas Escrituras encontram-se palavras e feitos condescendentes. *“Repreende-os, portanto, severamente, para que sejam sãos na fé”*. Exprime-se desta forma porque eles têm costumes petulantes, dolosos e devassos, e cometem inúmeros pecados. Precisam de severidade e de repreensão porque facilmente mentem, são dolosos, indulgentes com o ventre e ociosos; não sejam governados com moderação. Por conseguinte, repreende-os. Não se refere a estranhos, mas a familiares. *“Severamente”*, diz ele, inflige ferimento mais profundo. Não se proceda de igual modo para com todos, mas de forma diferente e variada, conforme reclamar a questão. Aqui em parte alguma exorta. Como o assassino que mata um homem equilibrado e nobre, assim o bajulador corrompe e impede que ressurja quem precisa de mais severidade. *“Para que sejam sãos na fé.”* É saudável não introduzir algo de espúrio, ou estranho. Se os que seguem a observância acerca dos alimentos não são sadios, mas doentes e enfermos (“Acolhei o fraco na fé, sem querer discutir suas opiniões” [Rm 14,1]), o que dizer daqueles que jejuam com eles, guardam os sábados, vão àqueles lugares sagrados (dos gentios), quer dizer, a Daphne, à gruta denominada da Matrona e ao que tem o título de templo de Kronos, na Cilícia? Seriam sadios? Por isso precisam de golpe mais forte. Por que então não procede desta forma relativamente aos romanos? Porque não tinham os mesmos costumes, possuíam maior senso de nobreza. *“Não fiquem dando ouvidos a fábulas judaicas.”* São de duas espécies as fábulas judaicas: Ora inventadas, ora inoportunas. Enfim são mitos. Não é mais conveniente observá-las e esta observância prejudica; são mitos inúteis. Como não convém obedecer àquelas, nem a estas; não é salutar. Se tens a fé, por que introduzes outras observâncias, como se a fé não justificasse? Por que ser escravo, submisso à Lei? Não confias? É próprio do fraco e do incrédulo. Duvida quem é tal. O fiel não duvida.

15. Para os puros, todas as coisas são puras;

Vês a que visa o dito?

mas para os impuros e descrentes, nada é puro:

Não são, portanto, por natureza puras ou impuras, mas pela resolução dos que as ingerem.

tanto a mente como a consciência deles estão corrompidas.

16. Afirmam conhecer a Deus, mas negam-no com os seus atos, pois são abomináveis, desobedientes e

incapazes para qualquer boa obra.

Por conseguinte, até o porco é puro. Por que, então, é proibido como impuro? Não é impuro por natureza, pois *“todas as coisas são puras”*. De fato, nada mais impuro do que o peixe, visto que devora corpos humanos, mas foi permitido e considerado puro. Ainda, nada mais impuro do que a galinha, que engole vermes. Nada mais impuro do que o veado, a que os gregos dão o nome de *elaphon*, porque comem *opheis*, isto é, serpentes. De fato, tudo isso era comestível. Por que, então, foi proibido o porco e animais semelhantes? Não enquanto impuros, mas para impedir maior prazer. Com efeito, se isto tivesse sido dito, não persuadiria, mas foram coibidos pelo receio de impureza. O que, pergunto, mais impuro do que o vinho, se pesquisarmos? Dize-me. O que mais impuro que a água, que, no entanto, servia especialmente para purificar? Não tocavam num morto, e por um ser morto eram purificados, pois as vítimas eram mortas e os purificavam. A tal ponto a prescrição era pueril. Reflete. O vinho não tem o substrato do limo? A videira extrai humidade da terra, e assim do esterco adjacente. Enfim, se examinarmos com cuidado, tudo é impuro. E de um exame atento resulta que nada é impuro; ao invés, é puro. Deus nada fez de impuro. Nada é impuro, senão o pecado, que, em verdade, atinge a alma e a macula. Tratava-se de preconceito humano. *“Mas para os impuros e descrentes, nada é puro, tanto a mente como a consciência deles estão corrompidas.”* Como, pois, entre os puros se encontra um impuro? A alma que é fraca tudo mancha. De fato, se este pensamento a ocupa, enquanto busca saber o que é puro e o que é impuro, em nada toca. De acordo com o raciocínio deles, o peixe e o restante não são puros (*“Tanto a mente como a consciência deles estão corrompidas”*); mas todos estão manchados. Com efeito, o Apóstolo não disse isso; o que disse? Tudo se altera para eles. Pois nada é impuro, diz, mas somente eles, a mente e a consciência deles; nada mais impuro. *“Afirmam conhecer a Deus, mas negam-no com os seus atos, pois são abomináveis, desobedientes e incapazes para qualquer boa obra.”*

2,1. *Quanto a ti, fala do que pertence à sã doutrina.*

Nisto consiste a impureza. Eles próprios são impuros. Nem por isso deves calar! Mesmo que eles não aceitem, cumpre o que te compete; se não obedecerem, admoesta com conselhos. Mais ainda, há de exprobar-los. Os loucos julgam que nada tem consistência; de fato, a base deste juízo não se encontra nos objetos vistos, mas nos olhos dos que veem. Uma vez que são instáveis e obcecados, julgam que gira a terra inteira; mas não gira, porque está firme. Sua doença, a loucura, não é defeito dos elementos. Assim também em nosso caso. A mente que é impura julga que tudo é impuro. Entretanto a pureza não provém de tal observância, mas a pureza está em não ter receio de ingerir. Quem é puro por natureza, ousa tudo; os impuros, nada. Diga-se o mesmo contra Marcião. Vês que o sinal da pureza é estar acima de toda mácula, e o da impureza, abster-se de alimento impuro? Assim também sucede relativamente a Deus. Ter se encarnado vem da pureza; se por temor não a assumisse, teria sido sinal de mácula. Quem não come do que julga ser impuro, é impuro e fraco. Quem come, não. Não demos, portanto, o título de puros a estes homens. São os impuros, na realidade. Quem ousa comer é puro. Esta piedade seja exibida nas coisas que mancham a alma. Eis a impureza, a mancha. As outras nada são. De fato, quem tem a boca infeccionada julga impuro o que lhe é oferecido; no entanto viria da doença. Importa, portanto, conhecer bem a natureza das coisas puras e impuras.

O que é impuro? O pecado, a malignidade, a avareza, a maldade. *“Lavai-vos! Purificai-vos! Tirai das vossas almas as vossas más ações!”* (Is 1,16). *“Ó Deus, cria em mim um coração puro”* (Sl 51,12). *“Ide-vos! Saí daí! Não toqueis nada do que seja impuro”* (Is 52,11). Porque aquelas observâncias (da Antiga Lei) eram símbolos das coisas puras. *“Nem tocareis o seu cadáver”* (Lv 11,8). Tal é o pecado, morto e fétido. O leproso é impuro (cf. Lv 13,15). Com efeito, o pecado é variegado e multiforme.

Subentende-se por aquilo que se segue. Se a lepra estiver em toda parte, e no corpo inteiro, é puro; se somente numa parte, não. Vês que o que é variegado e mutável é impuro? Ainda, o homem atacado de gonorreia é espiritualmente impuro (cf. Lv 15,3), um homem com fluxo seminal. Ainda o incircunciso é imundo. Vês que não se trata de alegoria, mas de figuras? Daquele que não retira de sua alma a maldade. E quem trabalha no sábado, seja apedrejado, isto é, quem não depende constantemente de Deus, perece. Vês quantas as espécies de imundície? A mulher após coabitação é impura. Por quê? Não foi Deus quem criou o sêmen e a geração? Por que a mulher é impura? A não ser que indique outra coisa. O quê? Gerou a piedade na alma e a afastou para longe da luxúria. Pois se a que dá a luz é impura, muito mais a que fornicar. Se não é tão pura a união com a própria mulher quanto mais com uma alheia. Quem vem de um enterro é impuro; muito mais quem vem de um morticínio e da guerra. Quem quiser englobar tudo, encontrará muitas formas de impureza. Agora não nos são impostas estas prescrições, mas se aplicam à alma. Os elementos corporais nos são mais afins, e por isso são introduzidos. Mas não vêm ao caso. Não se deve, pois, sentar-se ao lado de figuras e sombras, e sim aderir à verdade e acolhê-la.

O pecado é impuro. Dele fujamos e nos abstenhamos. “Se te aproximares, morder-te-á” (Eccl 21,2). Nada mais impuro que a avareza. De onde se sabe? Dos fatos. O que não mancha? A mão, a alma, a própria casa, o depósito dos roubos. Ora, aos judeus nada disto parece transgressão. Aliás, Moisés levou os ossos de José, e Sansão bebeu do maxilar de um jumento, comeu mel extraído do leão e Elias foi nutrido por corvos e por uma mulher viúva. O que acontecerá, pergunto, se procurarmos com apuro? Os pergaminhos dos livros não eram um tanto abomináveis? Com efeito, são extraídos de animais mortos. Não somente o fornicador é impuro, mas outros mais ainda. O adúltero é imundo. Ambos, porém, são impuros, não por causa da cópula, pois pelo mesmo motivo seria impuro quem se une à sua própria mulher; mas por causa da injustiça e da cobiça, porque lesa um irmão no que é indispensável. Vês que a malícia é impura. E ter duas mulheres não era impureza. Davi, de fato, que tinha várias, não era impuro, mas quando se uniu a uma só injustamente tornou-se impuro. Por quê? Porque lesou e cobiçou. O fornicador não é impuro por causa da cópula, mas por causa das circunstâncias, por violar uma mulherzinha. Mutuamente se lesam, porque tornam a mulher comum (de dois) e subvertem as leis da natureza. Ela devia ser de um só. “Homem e mulher ele os criou”; e disse: “E serão os dois uma só carne” (Gn 1,27; 2,24). Não muitos, mas “dois numa só carne. Daí, portanto, a injustiça, e o ato é mau. A ira igualmente, quando excede a medida, torna o homem impuro, não por causa da ira, mas em vista do modo de se encolerizar, pois também aqui se acrescenta: “Todo aquele que se encolerizar”, não simplesmente, mas “sem motivo”. Por conseguinte, sempre querer mais do que convém é impuro, porque brota de um apetite desordenado. Sejamos vigilantes, portanto, eu vos suplico, e nos tornemos verdadeiramente puros, a fim de merecermos ver a Deus, em Cristo Jesus nosso Senhor, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

QUARTA HOMILIA

2,2. Os velhos sejam vigilantes, respeitáveis, sensatos, fortes na fé, na caridade e na paciência.

3. As idosas, igualmente, devem proceder como convém a pessoas santas: não sejam caluniadoras, nem escravas da bebida excessiva;

4. mas sejam capazes de dar bons conselhos, de sorte que as recém-casadas aprendam com elas a amar os seus maridos e filhos,

5. *a ser ajuizadas, fiéis e submissas a seus maridos, amáveis, cuidadosas da casa, a fim de que a palavra de Deus não seja difamada.*

A velhice possui também determinados vícios que não são peculiares à juventude, enquanto existem alguns pertencentes à juventude. Principalmente encontram-se nos velhos a preguiça, a lentidão, o esquecimento, os sentidos obtusos, a ira. Por isso, a este respeito o Apóstolo ordena: “*Os velhos sejam vigilantes*”. Nesta idade muitos obstáculos se opõem à vigilância. Em primeiro lugar, conforme disse, os sentidos estão obtusos e dificilmente se despertam e se ativam; por isso acrescenta: “*Respeitáveis, sensatos*”. Está se referindo à sensatez, σοφροσύνη, mente sã. Existem também, existem entre os velhos homens irascíveis e insanos, uns devido ao vinho, outros à tristeza. A velhice provoca mesquinhez. “*Fortes na fé, na caridade e na paciência.*” Disse com exatidão: “*Na paciência*”. Esta compete especialmente aos velhos. “*As idosas, igualmente, devem proceder como convém a pessoas santas*”, isto é, mostrem modéstia no porte e na veste. “*Não sejam caluniadoras, nem escravas da bebida excessiva.*” É este principalmente o vício das mulheres e das velhas, porque o calor vital diminui pela idade, o que provoca grande sofreguidão pelo vinho. Por isso, o Apóstolo faz-lhe especial advertência, cortando inteiramente a embriaguez, com o fito de extirpar esta doença e evitar a consequente zombaria. Mais facilmente irrompem vapores, que lesam as meninges, envelhecidas no decorrer do tempo e mais ainda pela embriaguez. Certamente aquela idade necessita de vinho, devido à fraqueza, mas não em excesso. Nem as jovens, apesar de não ser por idêntico motivo, mas por mais se acender com isto a chama da concupiscência. “*Sejam capazes de dar bons conselhos.*” E não impeças que as mulheres ensinem. Por que motivo aqui o permites, tu que disseste em outra passagem: “Eu não permito que a mulher ensine” (1Tm 2,12)? Mas ouve o que acrescentou: “Ou domine o homem”. Acima havia permitido aos homens ensinar aos homens e às mulheres. Às mulheres dá a faculdade de aconselhar em casa; jamais, contudo, permite que presidam, ou se estendam em longo discurso. Por esta razão acrescentou: “Ou domine o homem”. “*As recém-casadas aprendam com elas a ser ajuizadas.*”

Vês a maneira com que reúne e congrega o povo? Como submete as mais jovens às mais velhas? Não se refere aqui às filhas, mas simplesmente à idade. Cada velha, diz ele, ensine à mais jovem a ser ajuizada. “*A amar os seus maridos.*” O mais importante dos bens numa casa é: “Um marido e uma mulher que vivem bem” (Eclo 25,2). Assim, não sobrevirão desgostos. Se cabeça e corpo concordam, sem dissensões, o restante não ficará em paz? Quando os chefes vivem em paz, quem pode quebrar esta paz ou interrompê-la? E ao contrário, se há dissentimentos, não será saudável o clima dessa casa. Nada, portanto, de maior; é muito mais útil do que o dinheiro, a nobreza, o poder etc. Não disse simplesmente: Estejam em paz, e sim: Amem os seus maridos. Onde há amor, nada de penoso penetrará e surgirão os demais bens. “*A amar os filhos.*” Ótimo! Quem estima a raiz, bem mais amará os frutos. “*A ser ajuizadas, fiéis, cuidadosas da casa, amáveis.*” O amor gera todas as coisas, pois o amor ao marido faz com que sejam amáveis, boas donas de casa. “*Submissas a seus maridos, a fim de que a palavra de Deus não seja difamada.*” Ao invés, a mulher que despreza o marido também descuida da casa. Do amor se origina a prudência, o amor extirpa as contendas. Se for gentio, logo se convencerá; se for cristão, melhor será. Vês a condescendência de Paulo? Tudo faz para nos livrar das dificuldades da vida. Agora trata com a maior solicitude dos problemas caseiros. Numa casa em ordem há espaço para o lado espiritual; em caso contrário, é prejudicado. A mulher cuidadosa da casa também será ajuizada, e tudo disporá bem e ordenará; não se dará aos prazeres, aos gastos inoportunos, e coisas semelhantes. “*A fim de que a palavra de Deus não seja difamada*”. Vês que ele de preferência cuida da pregação e não dos negócios seculares? De fato, escreve a Timóteo: “A fim de que levemos uma vida calma e serena, com toda piedade e dignidade” (1Tm 2,2); aqui, porém: “*A fim*

de que a palavra de Deus não seja difamada". E a doutrina. Se acontecer que uma fiel, casada com um infiel, não for virtuosa, é habitual a blasfêmia contra Deus; se virtuosa, o anúncio da palavra é exaltado por causa dela e de suas boas obras. Ouçam as casadas com homens infiéis ou malvados; ouçam e aprendam por meio do bom comportamento a induzi-los à piedade. Mesmo, porém, que nada lucres, nem atraias o marido a participar da reta doutrina, todavia fechas-lhe a boca, nem deixas que ele ataque com blasfêmias o cristianismo. Não é insignificante, mas da maior importância fazer admirada a doutrina por meio do estilo de vida.

6. *Exorta também os jovens, para que em tudo sejam criteriosos.*

Observa que sempre exorte a ser conservado o decoro. Em grande parte permite que as mulheres ensinem às mulheres, quando as anciãs estão à frente de jovens. Os homens, contudo, entrega ao próprio Tito. Nada, pois, nada é tão difícil e pesado à idade juvenil do que superar os prazeres absurdos. A cobiça do dinheiro, o desejo da glória, ou outra coisa qualquer não tanto a agita quanto o amor carnal. Por isso, deixando o que falta de lado, o Apóstolo admoesta a respeito desta ferida grave. Em seguida, não omite o que resta; o que diz?

7. *Sê tu mesmo um exemplo de conduta,*

Ensinem as anciãs às jovens; tu mesmo, porém, exorta os jovens a serem sóbrios, pudicos. Seja aos olhos de todos comum escola e exemplo de virtude o fulgor de tua vida, qual padrão, que contenha em si todos os bens e facilmente sirva de modelo do bem aos que quiserem imitá-la.

íntegro e grave na exposição da verdade,

8. *exprimindo-te numa linguagem digna e irrepreensível, para que o adversário, nada tendo que dizer contra nós, fique envergonhado.*

Chama de adversário o diabo e seus ministros. Grande e inefável é o lucro quando a vida brilhar e a palavra concorrer, justa, mansa e plácida, e não oferecer oportunidade alguma aos adversários. Imensa, em consequência, a utilidade do ministério da palavra; não ocasional, mas aprovado, irrepreensível, e que não ofereça pretexto algum ao adversário à procura.

9. *Os servos devem ser em tudo obedientes aos seus senhores, dando-lhes motivo de alegria;*

Vês o que dissera? “*Para que o adversário, nada tendo que dizer contra nós, fique envergonhado.*” Por conseguinte, merece repreensão quem sob pretexto de continência separa as mulheres dos maridos, e que no mesmo intuito aparta os escravos de seus senhores. É repreensível, e dá boa oportunidade aos infiéis, que abrem a boca contra nós. “*Os servos devem ser em tudo obedientes aos seus senhores, dando-lhes motivo de alegria*”;

não sendo teimosos,

10. *jamais furtando, ao contrário, dando prova de toda a fidelidade, honrando, assim, em tudo a doutrina de Deus, nosso Salvador.*

Com razão o Apóstolo dizia em outra passagem: “Em servi-los, como ao Senhor e não como a homens” (Ef 6,7). Com efeito, mesmo se serves o senhor com benevolência, o motivo vem do temor (de Deus). Por isso quem serve com tão grande temor, receberá a máxima recompensa. De fato, se não reprimir a mão, nem a intemperança da língua, em que o pagão haverá de admirar a nossa doutrina? Se notar que um escravo raciocina sabiamente em Cristo, mostrando maior temperança do que seus filósofos, servindo com suma modéstia e benevolência, haverá de admirar de todos os modos o vigor da pregação. Os pagãos não estimam a doutrina segundo as palavras, mas de acordo com a realidade e a vida. Sejam, portanto, para eles mestres, as mulheres e os escravos, a saber, por sua vida e costumes.

Em verdade, na opinião deles e em toda parte é notório quanto o gênero dos escravos é petulante, difícil de governar e de se guiar, pouco propenso a apreender a doutrina da virtude; não por natureza, de forma alguma, mas por causa da vida e negligência de seus senhores. De fato, sempre os donos apenas se preocupam de serem servidos. Se alguma vez se empenham acerca da conduta dos escravos, fazem-no para sua tranquilidade, de sorte que pouco se importam se eles fornicarem, roubarem ou se embriagarem. Daí vem que, estando tão abandonados e ninguém se preocupando com eles, afundam no bátrio da maldade. Se, pois, onde pai, mãe, pedagogo, nutriz, mestre, colegas e a própria fama de homem livre etc. prevalecem, mal conseguem escapar do consórcio dos maus, o que julgas que haverão de se tornar os que, destituídos de tudo, misturados aos malvados, se agregam com toda liberdade à sociedade dos que escolherem, não tendo quem se preocupe com suas amizades? Por isso difícil é ser bom escravo. Aliás, não recebem ensinamentos, nem dos gentios, nem dos nossos. Não convivem com homens livres, dotados, solícitos por sua honra e sua glória. Por isso é difícil e admirável que um escravo alguma vez se torne ótimo. Ao virem eles que a força da pregação transforma aquela espécie petulante de homens, impondo-lhes um freio, em uma turma um tanto moderada e mansa, apesar dos senhores desarrazoados, concebem a melhor opinião a respeito de nossa doutrina. É evidente que o medo da ressurreição e do juízo e dos demais eventos após a morte, sobre os quais refletimos, tendo se fixado na alma, pôde expulsar-lhes do espírito a malícia, uma vez que tinham contraposto espiritualmente aquele temor ao prazer dos vícios. Por conseguinte, não é em vão, nem sem motivo que consideram sempre estas coisas; quanto mais malvados forem, tanto mais haverão de admirar o vigor da pregação. Efetivamente admiramos o médico que restitui à saúde e corrige um doente desenganado, destituído de socorro, pusilânime quanto à abstenção de desejos inoportunos, ou antes neles envolvido. E vê o que deles exige: Que deem a maior tranquilidade aos senhores: *“Não sendo teimosos, jamais furtando”*, isto é, demonstrando boa vontade acerca do que lhes foi confiado, sejam ótimos para com os seus senhores, obedientes às suas ordens.

Não penseis, portanto, que não tenho motivos de tratar do assunto. Vou logo dirigir a palavra aos escravos. Não penses, portanto, meu amigo, que serves a um homem, mas a Deus, porque atendes à pregação. E farás tudo facilmente, respeitando o dono, e suportando-o quando de maneira inoportuna se indignar e irar. Pensa que não lhe prestas um favor, mas cumpres o preceito de Deus, e facilmente te submeterás. Sempre o digo e agora ainda repito que, se retamente cumprirmos os deveres espirituais, seguir-se-á os atinentes à presente vida. A tal servo, assim benévolo, moderado, não somente Deus aprovará, ornando-o de esplêndidas coroas, mas também o seu dono, tão bem tratado, mesmo se for uma fera, duro como uma pedra, desumano e cruel, há de louvá-lo e admirá-lo, preferindo-o a todos; apesar de ser gentio, colocá-lo-á à frente dos demais. E, se os donos forem gentios, é preceituado ao escravo manter-se bom. Se vos apraz, dar-vos-ei um exemplo. José foi vendido ao chefe dos cozinheiros. Seguiu outra religião, não a egípcia. Como agiu o dono? Viu a virtude do jovem, não pensou na diferença de religião, mas o amava, queria bem e admirava, entregou-lhe toda a administração, de sorte que nada sabia do que se fazia em sua casa, mas José era um segundo dono, ou antes mais senhor do que ele próprio. De fato desconhecia o que era seu. José sabia mais do que o dono. Enfim, a meu ver, quando acreditou naquela mulherzinha, que proferia iníqua calúnia contra José, devido ao anterior respeito e honra, reprimiu a ira, de tal forma que somente o aprisionou. Se não o tivesse assaz respeitado e admirado pelas ações anteriores, imediatamente o trucidaria e atravessaria à espada. *“Pois o ciúme excita a raiva do marido; não aceitará compensações para romper a inimizade, mesmo se aumentares os presentes”* (Pr 6,34). Se o ciúme de qualquer marido é tal, muito mais o daquele, que era egípcio e bárbaro e que se julgava injuriado por aquele que honrara. Sabeis que não aceitamos de igual forma quaisquer injúrias, mas

com maior força e intensidade ficamos aborrecidos e indignados contra os que antes eram amigos, nos quais confiávamos e eles em nós confiavam e que haviam recebido benefícios de nossa parte. Ele não pensou, nem disse: Que é isto? Foi acolhido como servo; entreguei-lhe tudo que havia em casa, dei-lhe a liberdade, coloquei-o um tanto acima de mim, e ele me retribuiu desta forma? Nada disso disse, tal o respeito que lhe dedicara. E que há de espantoso, se na casa gozava de tanta estima? Vê de quanto respeito fruía no próprio cárcere. Conheceis quanta crueldade costumam ter os guardas nas cadeias. Retiram vantagens da infelicidade alheia, e dilaceram aqueles que infligiram males a outros, obtendo lucros dignos de muitas lágrimas; são mais ferozes do que as próprias feras. Aqueles que deviam usar de misericórdia para com os detentos, deles retiram vantagens. Não só, mas eles não se portam de igual modo para com todos os que são jogados no cárcere. Os que por calúnia passam por tal opróbrio, uma vez injuriados e detidos, depois talvez encontrem compaixão. Aos que, por crimes muito torpes, graves e insolentes, ali foram lançados, são inflingidos inúmeros ferimentos. Em consequência, o guarda da prisão é cruel não só por hábito, mas também pela causa que jogou o infeliz no cárcere. O que não teria excitado contra si aquele jovem, que gozara de tanto favor, estando sob suspeita de tentativa contra a sua senhora, e desta forma retribuía ao benfeitor? Com estas cogitações sobre a honra do prisioneiro, a causa da prisão, não o teria agredido o guarda com maior crueldade do que uma fera? Mas a confiança em Deus prevalecia; assim costuma a virtude amansar as próprias feras. Com mansidão igual à do seu senhor, também agiu o chefe da guarda; e de novo José era o chefe e no cárcere mandava como fazia na casa. Uma vez que deveria reinar, com razão primeiro aprendeu a ser subalterno, e sendo súdito, na casa mandava e presidia.

Ora, Paulo requer daquele que é elevado a reger a Igreja estas qualidades, dizendo: “Pois se alguém não sabe governar bem a sua própria casa, como cuidará da Igreja de Deus?” (1Tm 3,5). Também aquele que vinha para comandar, primeiro devia ser habilitado a governar bem a casa. José chefou no cárcere, não enquanto cárcere, mas como uma casa. Consolava as aflições, e presidia aos encarcerados como a seus próprios membros, não somente cuidadosamente observando e aliviando suas tribulações, mas também, se via alguém pensativo, aproximava-se para saber o motivo; não suportava ver triste uma pessoa a não ser que primeiro procurasse livrá-la do pesar. Tal afeto, nem aos filhos se demonstra. Tivera, portanto, esse bom início. Deve-se começar por atender ao que nos compete, e depois tratar do que se refere a Deus. Evidencia-se que ele empregava tal compaixão e diligência pelo seguinte: Viu, diz-se, presos os eunucos de Faraó, o copeiro-mor e o padeiro-mor e perguntou-lhes: “Por que tendes hoje o rosto triste?” (Gn 40,7). Não só, mas também por aquilo que lhe fizeram pode-se deduzir qual a virtude daquele homem. Pois não o repeliram por serem servos do rei, não o rejeitaram por causa do abatimento, mas revelaram tudo como a um irmão verdadeiro, que sabia se condoer. Disse tudo isso, porque ao virtuoso, até mesmo na escravidão, no cativeiro, no cárcere, num subterrâneo, nada poderá vencer.

Disse isso aos escravos, porque mesmo se tiverem feras por senhores, qual o egípcio, até mesmo cruéis, qual o guarda do cárcere, poderão conquistá-los; mesmo se forem gentios, como eles, de certo modo poderão suavizá-los. Nada é mais suave do que os bons costumes, nada mais agradável e doce do que a modéstia, a mansidão e a obediência. São amáveis de modo geral. Eles não se envergonham da escravidão, não fogem do pobre, do enfermo, do doente. A virtude tudo supera, tudo vence. Se nos escravos estas qualidades têm tanta força, quanto mais nos homens livres? Exercitemo-las, servos e livres, mulheres e homens. Desta forma seremos caros a Deus e aos homens, não só aos virtuosos, mas também aos maus, principalmente a estes, porque são os que mais honram e reverenciam. Como os súditos respeitam mais os senhores moderados, assim os intemperantes aos virtuosos, cientes de onde

caíram. Uma vez que tão grande é o fruto da virtude sigamo-la, pratiquemo-la. Se a seguirmos, nada nos será pesado. Tudo será fácil, tudo leve; cede à virtude. Quer passemos pelo fogo, quer pela água, tudo cede, obedece à virtude, até a própria morte. Sigamo-la, a fim de conseguirmos os bens futuros, em Cristo Jesus nosso Senhor.

QUINTA HOMILIA

2,11. *Com efeito, a graça de Deus se manifestou para a salvação de todos os homens.*

12. *Ela nos ensina a abandonar a impiedade e as paixões mundanas, para viver sensata, justa e piedosamente neste mundo,*

13. *aguardando a bendita esperança, a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo,*

14. *o qual se entregou a si mesmo por nós, para remir-nos de toda iniquidade, e para purificar um povo que lhe pertence, zeloso no bom procedimento.*

Após ter exigido grande virtude dos escravos (pois certamente é grande virtude praticar em tudo a doutrina de nosso Deus e Salvador, e não dar aos senhores ocasião, mesmo muito leve de queixa), acrescentou o motivo justo de serem tais os escravos. Qual? “*Com efeito, a graça de Deus, nosso Salvador, se manifestou.*” Os que tiveram a Deus por mestre e aos quais inúmeros pecados foram perdoados, por que, pergunto, não foram conformes ao que descrevi? Sabeis, de fato, que entre outras coisas nada tanto envergonha alma e a reprime do que, culpada de mil pecados, não ter sido castigada, mas haver conseguido o perdão e inúmeros bens. Dize-me. Se alguém, tomando um servo que cometeu mil ofensas, não lhe inflige golpes, mas tendo concedido o perdão, admoesta que se livre das penas futuras, e manda precaver-se da recaída e o cumula de grandes dons, julgas que não mudará ao ouvir prometida esta graça? Com efeito, não julgues que a graça se limita ao perdão do passado, mas também nos fortifica para o futuro. Ainda isto é graça. Pois, se sempre propenso ao pecado, nunca fosse punido, já não seria graça, mas estímulo para o mal e a corrupção. “*Com efeito, a graça de Deus se manifestou. Ela nos ensina a abandonar a impiedade e as paixões mundanas, para viver sensata, justa e piedosamente neste mundo, aguardando a bendita esperança, a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo.*” Vê como coloca a virtude ao lado dos prêmios. É próprio da graça apartar das paixões mundanas, e conduzir ao céu. Destaca aqui duas manifestações. São duas, a primeira a da graça, a segunda a da retribuição e da justiça. “*A abandonar a impiedade e as paixões mundanas.*” Eis o argumento de toda virtude. Não disse: A fugirmos, e sim: “*A abandonar*”. A renúncia mostra muita distância, muito ódio, muita aversão. Com quanta resolução, com quanto zelo abandonaram os ídolos, igualmente renunciaram à maldade e às paixões mundanas. Os ídolos são também isto, a saber, paixão mundana e avareza; e a esta o Apóstolo denomina idolatria. E tudo o que nos é útil para a vida presente é desejo mundano, tudo o que na presente vida desvanece é desejo mundano. Nada de comum tenhamos com este último. Cristo veio para renunciarmos à impiedade. Chama de impiedade à doutrina perversa, e paixões seculares à má vida. “*Para viver sensata, justa e piedosamente neste mundo*”.

Vês o que sempre digo, que constitui sobriedade não só abster-se da fornicação, mas também ser alheio aos restantes vícios. Quem, portanto, cobiça o dinheiro, não é sóbrio. Como aquele ama a carne, este ama o dinheiro. Ou antes, este é mais intemperante, visto que não é atraído com tanta força.

De fato, não se diria ser imperito o auriga que não conseguisse reter um cavalo forte e desenfreado,

e sim o que não pudesse submeter um manso. No entanto, perguntas, a cobiça é mais fraca do que a concupiscência da carne? É evidente, e comprovado por muitos argumentos. Em primeiro lugar, porque a concupiscência da carne é de certo modo inata. É claro que só se corrige com muito esforço o que é inato, inserto em nossa natureza. Em segundo lugar, porque, entre os antigos, não se dava muita atenção ao dinheiro; grande, porém, era a relativa às mulheres, tendo em vista o recato. Ninguém culpava aquele que se unia à sua mulher segundo as leis até a velhice, mas todos censuravam ao que acumulava riquezas. Muitos filósofos pagãos desprezavam as riquezas, não as mulheres, de tal forma este amor é mais violento. Mas uma vez que falamos à Igreja, não empreguemos exemplos de fora, mas das Escrituras. O santo homem o formula, portanto, quase como um preceito, dizendo: “Se, pois, temos alimento e vestuário, contentemo-nos com isso” (1Tm 6,8). A respeito das mulheres, no entanto, disse: “Não vos recuseis um ao outro, a não ser de comum acordo; depois disso, voltai a unir-vos” (1Cor 7,5).

Frequentemente o vereis a emitir preceitos a respeito da legítima união. Permite satisfazer esta concupiscência e contrair segundas núpcias; tem grande solicitude por este assunto e jamais pune por isso, mas sempre condena a cobiça de riquezas. Cristo igualmente com frequência deu preceitos a respeito das riquezas, a fim de fugirmos deste mal; não, porém, acerca de abstinência do casamento. Ouve o que diz sobre as riquezas: “Qualquer de vós, que não renunciar a tudo o que possui...” (Lc 14,33). Jamais disse: Quem não renunciar ao casamento. Conhecia a força desta tirania. E diz o bem-aventurado Apóstolo: “O matrimônio seja honrado por todos, e o leito conjugal sem mancha” (Hb 13, 4). Em parte alguma afirma ser honrosa a cobiça pelo dinheiro, pelo contrário. E diz a Timóteo: “Ora, os que querem se enriquecer caem em tentação e cilada, e em muitos desejos insensatos e perniciosos” (1Tm 6,9). Não disse: Cobiçar riquezas, e sim: Enriquecer-se. Para ficardes cientes baseados no senso comum, é indispensável este sermão. Quem carecer inteiramente de riquezas, já não se envolve com a concupiscência, pois nada de tal modo aumenta o desejo de riquezas quanto a sua posse. Não é assim a concupiscência da carne. De fato, muitos se tornaram eunucos e não extinguiram a chama interior, pois esta concupiscência acha-se também em outros órgãos, inserta na natureza. Por que dissemos estas coisas? Porque os cobiçosos são mais intemperantes do que os fornicadores, uma vez que são movidos por concupiscência mais fraca; ou antes, não se trata de concupiscência, mas de covardia. Pois a concupiscência da carne é tão natural que mesmo sem aproximação da mulher, a natureza faz o que lhe cabe e atua; a outra não é assim. *“Para viver piedosamente neste mundo”*. E qual a esperança? Qual a recompensa do esforço? *“Aguardando a bendita esperança, a manifestação.”* Em verdade, nada mais feliz, mais desejável, e inexprimível. De fato, os bens futuros ultrapassam todo entendimento. *“Aguardando a bendita esperança, a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador.”* Onde estão os que afirmam que o Filho é menor que o Pai? *“Do nosso grande Deus e Salvador”*. Aquele que preservou os inimigos, o que não fará agora para acolher os que agem bem? *“Grande Deus.”* Ao afirmar que Deus é grande, não diz em que, mas o assegura de modo absoluto. Além dele, verdadeiramente de ninguém se diz que é grande, porque é grande até certo ponto. Se, porém, num ponto e por comparação, não é grande por natureza, Deus, contudo é grande, sem comparação.

14. *o qual se entregou a si mesmo por nós, para remir-nos de toda iniquidade, e para purificar um povo que lhe pertence,*

Isto é, eleito, que nada tem de comum com os demais.

zeloso no bom procedimento.

Vês que de nós não são reclamadas só as obras, mas também que sejamos um povo “zeloso”, isto é,

que pratique a virtude com grande empenho e adequado vigor? Livrar os que estavam carregados de males e atacados de doença incurável foi obra de seu amor aos homens; o que se segue é obra nossa e dele.

15. *Dize-lhes todas estas coisas. Exorta-os e repreende-os com toda autoridade.*

“Dize-lhes todas estas coisas. Exorta-os.”

Vês que ordena a Timóteo: “Refuta, ameaça, exorta” (2Tm 4,2), aqui, porém: “*Dize-lhes todas estas coisas. Exorta-os e repreende-os com toda autoridade*”? Uma vez que seus costumes eram mais rudes, ordena que os repreenda severamente com toda autoridade. Existem pecados que importa impedir por meio de preceitos, por exemplo, deve-se exortar e persuadir a desprezar as riquezas, e que os ouvintes sejam modestos etc. É preciso levar com autoridade a uma conduta melhor o fornicador e o cobiçoso. Aos que observam os augúrios, são dados à adivinhação, e coisas semelhantes, não simplesmente com autoridade, mas com toda autoridade devem ser corrigidos. Vês sua vontade de que Tito ordene estas coisas com muita autoridade e poder?

Ninguém te despreze.

3,1. *Lembra-lhes que devem ser submissos aos magistrados e às autoridades, que devem ser obedientes e estar sempre prontos para qualquer trabalho honesto*

2. *que a ninguém devem difamar, nem andar brigando,*

Como? Nem àqueles que agem mal é lícito atacar? “*Estar sempre pronto para qualquer trabalho honesto, que a ninguém devem difamar.*”

Escutemo-lo a admoestar: “*A ninguém devem difamar*”. Nossa boca esteja isenta de ultrajes. Embora sejam verdadeiras as más expressões, não nos cabe proferi-las, mas compete ao juiz examinar a causa. “Por que julgas teu irmão?” (Rm 14,10). Se não forem verazes, vê o fogo que a ti reservas. Escuta o ladrão dizer ao outro: “Estando na mesma condenação” (Lc 23,40), em idêntico combate. Ultrajas os demais, logo incidirás no mesmo opróbrio. Por isso o bem-aventurado Apóstolo admoesta: “Aquele que julga estar em pé, tome cuidado para não cair” (1Cor 10,12). “*Nem andar brigando*”,
mas sejam alegres e delicados para com todos.

Pagãos e judeus, criminosos e malvados. Naquela passagem, atemoriza em relação ao futuro: “Aquele que julga estar em pé, tome cuidado para não cair”; aqui, exorta não a respeito do futuro, mas do passado, e o faz por meio do que se segue:

3. *Porque também nós antigamente éramos insensatos,*

Igualmente na Carta aos Gálatas: “Quando éramos menores, estávamos reduzidos à condição de escravos, debaixo dos elementos do mundo” (Gl 4,3). A ninguém, portanto, deveis exprobrar, diz ele, pois também tu foste tal. “*Porque também nós antigamente éramos insensatos*”,

incrédulos, extraviados, escravos de toda sorte de paixões e de prazeres, vivendo em malícia e inveja, odiados pelos homens e odiando-nos uns aos outros.

Tais, portanto, devemos ser para com todos e agir com mansidão. Se no passado fora tal e depois ficou livre, não deve injuriar um pecador, mas rezar e agradecer àquele que concedeu a si e aos demais a libertação dos antigos pecados. Ninguém se glorie, pois todos pecaram. Quando tiveres ímpeto de ofender o próximo, considerando que agora procedes bem, contém a ira, refletindo em tua vida passada, bem como na incerteza do futuro. No caso de teres, desde a tenra idade, praticado a virtude, no entanto cometeste muitos pecados. Se julgas não teres pecado, pensa que isto não resulta de tua

virtude, mas da graça de Deus, uma vez que, se não houvesse ele chamado teus antepassados, serias um infiel. Vê que ele discorre por toda a maldade. Acaso Deus não dispôs inúmeros bens pelos profetas e por todos? E não ouvimos?

“Também nós éramos extraviados.”

4. *Mas, quando a bondade e o amor de Deus, nosso Salvador, se manifestaram,*
De que modo?

5. *não por causa dos atos justos que houvéssemos praticado, mas porque, por sua misericórdia, fomos lavados pelo poder regenerador e renovador do Espírito Santo.*

Ah! em que maldade estávamos imersos, de sorte que não podíamos purificar-nos, mas precisávamos de nova geração! Com efeito, trata-se de regeneração. Numa casa que ameaça ruir, ninguém coloca um fulcro, nem concerta o velho edifício, mas a demolição vai até os alicerces, e então levanta-se e se renova; assim também o Apóstolo procedeu. Não aumentou o edifício, mas levantou partindo dos alicerces. É este o sentido da locução: *“Poder renovador do Espírito Santo.* Renovou de baixo até em cima. De que maneira? Pelo Espírito. E ainda, mostrando de outro modo, acrescentou:

6. *que ele ricamente derramou sobre nós, por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador,*
Assim precisamos de muita misericórdia.

7. *a fim de que fôssemos justificados pela sua graça,*
De novo graça, não débito.
e nos tornássemos herdeiros da esperança da vida eterna.

Simultaneamente é exortação à humildade e esperança dos bens futuros. Estávamos em estado tão desesperador que precisávamos ser regenerados e salvos pela graça, e nada possuíamos de bom, entretanto ele nos salvou. No futuro muito mais o fará.

Nada pior do que a ferocidade humana antes da vinda de Cristo; quase todos eram adversários e inimigos entre si. Os pais matavam os filhos, as mães enfureciam-se contra os filhos. Nada era estável, nem a lei natural, nem a lei escrita. Tudo subvertido: frequentes adultérios, morticínios ou algo de pior do que os assassinatos, furtos (disse um dos gentios que então tudo isto era tido por obra de virtude. E com razão, porque cultuavam um deus que assim era), e frequentes eram os oráculos que ordenavam matar este ou aquele.

Narrarei um episódio daquele tempo? Certo Androgeu, filho de Minos, tendo ido a Atenas e vencido na luta, foi torturado e morto. E Apolo, curando um mal com outro mal, ordenou que em compensação catorze jovens fossem mortos por causa disso. O que mais cruel do que essa ordem tirânica? E assim aconteceu. Um homem, adiantando-se para atender à loucura dos deuses, sacrificou-lhes aqueles jovens, porque entre eles prevalecia a impostura; de outro lado (os atenienses) vingaram, não os defenderam. Se fora ato justo, não devia ser castigado; se injusto, como de fato era, não devia ter sido ordenado inicialmente. Adoravam os pugilistas e lutadores. Guerras sucessivas pelas cidades, aldeias e casas eram frequentes. Existia a pederastia. Um filósofo dentre eles promulgou uma lei que não era lícito a pederastia a um escravo, nem ungir a pele seca; como se isto fosse próprio do homem honesto e uma grande honra. Por isso, cometia-se abertamente nas casas. E se for examinado tudo o que lhes toca, descobre-se que eles às claras ofendiam à própria natureza e ninguém o impedia. Seus dramas estão cheios destes fatos: adultérios, devassidão, corrupção. As festas noturnas ali eram execráveis, e as mulheres eram convidadas ao espetáculo. Coisa abominável! Passavam a noite no

teatro e as virgens se sentavam entre jovens furiosos e uma turba embriagada. Eram trevas as festas noturnas, e praticavam-se ações execrandas. Por isso, diz o Apóstolo: *“Porque também nós antigamente éramos insensatos, incrédulos, extraviados, escravos de toda sorte de paixões e de prazeres”*. Ele, diz-se, uniu-se à madrasta, e ela enforcou o enteado e a si mesma. Nem é lícito relembrar a chamada pedofilia. Mas como? Queres ver os conúbios com as mães? Encontram-se também entre eles, e o que é mais grave, realizavam-se por ignorância, nem o deus deles o impedia, mas desprezava o opróbrio infligido à natureza, apesar de ser cometido pelos mais ilustres. Se eles, conforme seria justo, davam-se à virtude, não era por outro motivo senão para captar glória, a tal ponto inclinados à malícia; o que julgas que fizeram os que levavam vida oculta? O que mais lúbrico do que aquele prazer? Uma mulher uniu-se a certo homem; por causa do adultério matou o marido, que voltava. Talvez muitos não ignorem a história. O filho do defunto matou o adúltero, e também a mulher; depois enloqueceu e agitado pelo furor matou um outro, e casou-se com a mulher deste. O que de pior do que essas ações infelizes? Mencionei esses casos dos pagãos, para manifestar aos gentios quantos males então infestavam o mundo. Mas, se te apraz, mostraremos também a parte dos nossos. “E sacrificaram seus filhos e suas filhas aos demônios” (Sl 107,37). Ainda, os sodomitas não pereceram senão porque eram loucos pela pedofilia. Mas ainda nos primórdios da vinda de Cristo, uma filha de rei não dançou num banquete entre homens ébrios? Não pediu um assassinato, e em prêmio da dança obteve a cabeça do profeta? (cf. Mt 14). “Quem poderá dizer as proezas do Senhor?” (Sl 106,2). *“Odiados pelos homens e odiando-nos uns aos outros.”* É forçoso que, cedendo a todos os prazeres, provoque-se muito ódio. Por quê? Porque onde o amor está unido à virtude, ninguém ambiciona o que é do próximo. Vê o que diz Paulo: “Não vos iludais! Nem os impudicos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os aventos, nem os maldizentes, nem os bêbados herdarão o Reino de Deus” (1Cor 6,9-10). Vês dominando toda espécie de malícia, trevas espessas e o direito violado? Se, pois, os que gozavam do dom da profecia, e viam tantos males nos inimigos e nos compatriotas, entretanto não se continham, mas praticavam inúmeras invenções, o que pensas que os outros não cometeriam? Mas, um deles ainda mandava que virgens nuas lutassem diante de homens. Muitos bens venham sobre vós porque não suportais nem ouvir estas coisas; os filósofos, porém, não se envergonhavam. Um filósofo, o principal deles também as levou à guerra, e ordenou que fossem de todos, como um alcovitreiro e proxeneta. *“Vivendo em malícia e inveja.”* Se entre eles os filósofos promulgavam tais leis, o que diríamos dos que não filosofavam? Se os que usavam comprida barba, revestidos do manto dizem tais coisas, o que diremos dos demais? A mulher não foi feita, ó homem, para ser de todos. Ó vós, que tudo subverteis, que vos unis a homens como se fossem mulheres, e como se fossem homens levais mulheres à guerra! É obra do diabo, que tudo confunde, subverte, e abala e transfere os limites colocados no princípio, depositados por Deus na natureza. Deus confiou à mulher somente a guarda da casa, e ao homem entregou os cuidados dos negócios públicos; tu, porém, pões a cabeça no lugar dos pés, e os pés no da cabeça. Armas as mulheres e não te envergonhas? Por que digo essas coisas? Levam consigo certa mulher que mata os filhos e não se envergonham nem se enchem de pudor porque estes feitos execrandos chegam aos ouvidos dos homens. *“Mas quando a bondade e o amor de Deus, nosso Salvador, se manifestaram, ele nos salvou, não por causa dos atos justos que houvéssemos praticado, mas porque, por sua misericórdia, fomos lavados pelo poder regenerador e renovador do Espírito Santo, que ele ricamente derramou sobre nós, por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador, a fim de que fôssemos justificados pela sua graça, e nos tornássemos herdeiros da esperança da vida eterna.”* O que significa: *“Da esperança”*? Isto é, gozamos conforme esperávamos, ou: porque já sois herdeiros.

8. Esta é uma mensagem fiel.

Uma vez que dissertou a respeito do futuro, ainda não presente, afirmou que é uma mensagem fidedigna. Estas coisas são verazes, disse ele, as precedentes as evidenciam. Com efeito, quem nos libertou de tanta maldade e de tantos males, sem dúvida no futuro no-lo concederá também a nós que perseveramos na graça. Tudo provém da mesma providência.

Demos, portanto, graças a Deus, e em nada exprobrems os outros ou incriminemos, mas antes exortemos, rezemos por eles, aconselhemos, advirtamos, apesar de nos injuriarem, apesar de recalcitrarem; tais são, de fato, os doentes. Mas os enfermeiros suportam tudo, tudo fazem, mesmo se nada conseguirem, para não pecarem por negligência. Ignorais que, muitas vezes, quando o médico perde a esperança acerca do doente, um dos parentes assim diz: Continua o tratamento, não omitas coisa alguma para que em nada me incriminem, não me censurem, por não terem motivo de me acusar? Não vedes quantas providências tomam os amigos e parentes em favor dos seus? Quantas coisas fazem, rogando aos médicos, sempre assistindo-os? Ao menos, imitemo-los; embora a solicitude não seja por coisas iguais. No caso, porém, de um filho adoecer, o pai não recusaria fazer longa viagem para o curar, mas se a alma vai mal, ninguém se importa. Todos caímos, todos somos preguiçosos, todos descuidados, e nada fazemos, filhos, mulheres e nós próprios, atingidos por tão grave doença. Por fim percebemos a questão. Pensai como é vergonhoso, ridículo dizer depois: Não esperávamos, não julgávamos que ia acontecer. Não somente é vergonhoso, mas também perigoso. Se na presente vida é próprio dos estultos não prever o futuro, muito mais ao se tratar do futuro. Ouvimos agora muitos consultarem e falarem sobre o que se deve fazer, e o que não se deve fazer. Tenhamos esperança a respeito disso, solícitos por nossa salvação, suplicando a Deus que em tudo nos estenda a mão. Até quando seremos negligentes? Até quando descuidados? Até quando menosprezaremos a nós próprios e a nossos colegas? Ele com abundância infundiu em nós a graça do Espírito. Pensemos, portanto, na grande graça que nos concedeu, e empreguemos iguais esforços; ou melhor, tanto não podemos, mas ao menos um pouco. Se depois, desta graça ficarmos insensíveis, maior suplício nos ameaça, pois disse ele: “Se eu não tivesse vindo e não lhes tivesse falado, não seriam culpados de pecado; mas agora não têm escusa” (Jo 15,22). Oxalá não se diga isso de nós, e consigamos os bens prometidos àqueles que o amam, em Cristo Jesus nosso Senhor, etc.

SEXTA HOMILIA

3,8. *Desejo, pois, que insistas nestes pontos, de sorte que aqueles que creem em Deus sejam solícitos na prática do bem. Estas coisas são excelentes e proveitosas aos homens.*

9. *Evita controvérsias insensatas, genealogias, dissensões e debates sobre a Lei, porque para nada adiantam, e são fúteis.*

10. *Depois de uma primeira e segunda admoestação, nada mais tens a fazer com um herege,*

11. *pois é sabido que um homem assim se perverteu e se entregou ao pecado, condenando-se a si mesmo.*

Depois que dissertou a respeito da bondade de Deus e de sua inefável providência para conosco e declarar quais ele nos fez apesar do que éramos, acrescentou: “*Desejo, pois, que insistas nestes pontos, de sorte que aqueles que creem em Deus sejam solícitos na prática do bem*”. Isto é, importa falar sobre este assunto, e exortar à prática da esmola. Os dizeres acima não somente constituem exortação à humildade, nem só advertência a evitar o orgulho ou as injúrias, mas a praticar o que é consentâneo às restantes virtudes. Assim diz aos coríntios: Conheceis que o Senhor “se fez pobre,

embora fosse rico, para nos enriquecer com a sua pobreza” (2Cor 8,9). Refletindo, portanto, sobre a providência de Deus e sua imensa bondade, exorta-os a dar esmolas, não de qualquer maneira ou de forma ocasional; mas, de que modo? *“Sejam solícitos na prática do bem”*; isto é, em socorrer os injustamente atingidos, não só com dinheiro, mas também com o patrocínio, defendendo as viúvas e os órfãos, e colocando em segurança os que estão sofrendo. Isto é: *“Sejam solícitos na prática do bem. Estas coisas são excelentes e proveitosas aos homens. Evita controvérsias insensatas, genealogias, dissensões e debates sobre a Lei, porque para nada adiantam, e são fúteis”*.

Para que servem aquelas genealogias? Na Carta a Timóteo também as menciona: “Fábulas e genealogias sem fim” (1Tm 1,4). Talvez aqui e ali subentende os judeus, que, orgulhosos de terem por progenitor a Abraão, eram negligentes no restante que lhes competia. Por isso, denomina-as estultas e inúteis, pois é estulto confiar em coisas inúteis.

Declara que devem ser evitadas as contendas com os hereges, a fim de não labutarmos em vão, porque *“para nada adiantam”* e seu termo dá em nada. Quando alguém é tão perverso que, seja o que for que aconteça, não muda de opinião, por que trabalhas em vão lançando semente sobre a pedra, quando devias empregar estes bons esforços junto dos teus, dissertando sobre a esmola e outras virtudes? Por que, então, diz em outra passagem: “Na expectativa de que Deus lhes dará a conversão” (2Tm 2,25) e aqui: *“Depois de uma primeira e segunda admoestação, nada mais tens a fazer com um herege, pois é sabido que um homem assim se perverteu e se entregou ao pecado, condenando-se a si mesmo”*? Ali, referia-se àqueles que davam esperanças de se corrigirem, e dos que simplesmente relutavam; mas quando é inteiramente claro que é adversário notório, por que lutas inutilmente? Por que fustigas o ar? O que quer dizer a expressão: *“Condenando-se a si mesmo”*? Não pode dizer: Ninguém me disse, ninguém me admoestou. Por próprio juízo se condenou, permanecendo o mesmo depois da advertência.

12. *Mandarei ao teu encontro Ártemas ou Tíquico. Quando tiver chegado aí, faze o possível para vir ter comigo em Nicópolis,*

O que dizes? Tu o estabeleceste chefe em Creta, e novamente o chamas para junto de ti? Não é para o remover do ofício, mas para melhor o instituir. Não o chama para levá-lo consigo e tê-lo por companheiro em toda parte. Escuta o que diz:

onde resolvi passar o inverno.

Nicópolis está situada na Trácia.

13. *Esforça-te por ajudar a Zenas, o jurista, e a Apolo, de modo que nada lhes falte.*

A eles ainda não haviam sido confiadas Igrejas, mas estavam na companhia de Paulo. Apolo era mais forte, tinha profundo conhecimento das Escrituras e era eloquente (cf. At 18,24). Se fosse legisperito, não precisava ser sustentado por outros. Ora, aqui chama de legisperito o perito nas leis judaicas. Como se dissesse: Tenham fartura, nada lhes falte.

14. *Todos os nossos precisam aprender e praticar o bem, de sorte que se tornem aptos a atender às necessidades urgentes e, assim, não fiquem infrutíferos.*

15. *Todos os que estão comigo te saúdam. Saúda a todos os que nos amam na fé.*

Ou o próprio Paulo, ou os fiéis.

A graça esteja com todos vós!

Por que, então, lhe ordenas que feche a boca dos que contradizem (cf. Tt 1,11), se deve abrandá-los, ao passo que tudo fazem com malícia? Diz que não seja principalmente para dar-lhes vantagem; nem

eles jamais a obterão, porque são perversos. Pois, se além disso incutirem em outros a maldade, então é indispensável resistir, batalhar, opor-lhes grande resistência. Se necessário, vendo outros corruptos, não cales, fecha-lhes a boca, cuidando dos que estão em perigo de perdição. O homem solícito, que se esforça por viver retamente, não pode ocupar-se de contendas. De resto, conforme disse, faz o seguinte: O ócio e uma filosofia vã fazem com que eles se apliquem somente a palavras. De fato, a loquacidade gera muito prejuízo, porquanto importa ensinar ou rezar, ou dar graças. Não é melhor poupar dinheiro do que palavras; ou antes, poupem-se mais as palavras do que o dinheiro. Nem devemos de qualquer modo dar explicações.

“Sejam solícitos na prática do bem.” Não esperem que os pobres se aproximem, mas eles mesmos procurem com diligência quem precisa de auxílio. Uma pessoa responsável é solícita a este ponto, e assim o problema se resolve com grande cuidado. Este bom procedimento não tanto traz lucro a quem recebe quanto ao doador e confere-lhe confiança junto de Deus. De outra forma, as lutas não têm fim. Trata-se do herege que não quer se corrigir. Seria negligência não ter solicitude do que dão esperanças de mudança; assim, tratar dos doentes incuráveis seria extrema loucura e demência, pois os tornaríamos mais audazes.

“Todos os nossos precisam aprender e praticar o bem, de sorte que se tornem aptos a atender às necessidades urgentes e, assim, não fiquem infrutíferos.” Vês que está mais solícito a respeito destes do que daqueles que recebem? Seria lícito, talvez, por muitos motivos tratar dos enviados. Mas, diz ele, cuido dos nossos. Qual a utilidade? – pergunto. Se outros, esvaziando seus tesouros, nutrem os mestres, estes não tirariam lucro algum; permaneciam infrutíferos. E o que me dizes? Não poderia Cristo, que de cinco pães nutriu cinco mil, e de sete pães a quatro mil homens, alimentar-se a si e aos que estavam consigo? Por que, então, era nutrido por mulheres? (“Elas o seguiam e serviam” [Mc 15, 41])? Ensina-nos por seu exemplo a cuidar dos que prestam benefícios. Paulo, que, pelo trabalho de suas mãos, obtinha o sustento também para outros, não podia receber de parte alguma? Mas vês que recebia e pedia. Ouve por que motivo: “Não que eu busque presentes; o que busco é o fruto que se credite em vossa conta” (Fl 4,17). E no início, quando os fiéis vendiam tudo o que possuíam e depositavam o preço aos pés dos apóstolos, vês que os apóstolos mais cuidavam deles do que dos que recebiam. Se pouco se preocupassem com os pobres, não teriam castigado Safira e Ananias, quando subtraíram dinheiro, nem Paulo teria ordenado: “Sem pena, nem constrangimento” (2Cor 9,7). O que dizes, Paulo? Causas impedimento aos pobres? De forma alguma, diz ele; não olho tanto para eles, quanto para os doadores. Vê também o profeta, dando a Nabucodonosor o ótimo conselho de não cuidar somente dos pobres. Não disse simplesmente: Dá aos pobres. Mas o que disse? “Repara teus pecados pelas esmolas e tuas iniquidades pela prática da misericórdia para com os pobres” (Dn 4,24). Distribui riquezas, diz ele, não somente para nutrir os outros, mas também para te livrares do suplício. E ainda Cristo: “Vende os teus bens e dá aos pobres. Depois, vem e segue-me” (Mt 19,21). Vês neste trecho também que assim foi ordenado aos que o seguiam? Não mandou dar aos pobres porque as riquezas são obstáculo, mas ensina à alma a ser misericordiosa, a desprezar as riquezas, e a afastar-se da avareza. Quem aprende a dar ao que não tem, depois aprende a não receber dos que possuem. Então assemelhamo-nos a Deus. Embora a virgindade, bem como jejuar e dormir no chão, exijam maior labor, nada é tão poderoso e válido para extinguir a chama dos nossos pecados quanto a esmola. É o máximo, e os que a amam assistem ao próprio Rei; e com razão. Pois a virgindade, o jejum e dormir no chão encontram-se apenas em quem opera, e não salvam a outrem; a esmola, porém, estende-se a todos, e abraça os membros de Cristo. Muito maiores, contudo, são as obras preclaras que se estendem a muitos do que as que se limitam a uma só pessoa.

É a mãe da caridade; da caridade, diria, que caracteriza a religião cristã, é maior do que todos os milagres, faz conhecidos os discípulos de Cristo. É remédio para nossos pecados. Apaga as manchas de nossa alma, é escada erguida para o céu. Dá coesão ao corpo de Cristo. Queres conhecer a grandeza deste bem? No tempo dos apóstolos todos vendiam seus bens e levavam-lhes o produto, e eles o distribuía: “Distribuía-se a cada um segundo a sua necessidade” (At 4,34). Dize-me. Omitindo a menção do futuro (ainda não faremos menção do reino, mas vejamos o presente), quais os que lucram, os que recebem ou os doadores? Os primeiros certamente murmuravam, e discutiam entre si; mas estes tinham uma só alma: “A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma” (At 4,32), estava a graça em todos eles e agiam com muito proveito. Vês o que eles daí lucravam? Dize-me. De que número querias ser, dos que distribuía seus bens e nada possuíam ou dos que recebiam os dos outros? Vê o fruto da esmola: Foram retiradas todas as sebes e impedimentos, e logo as almas se uniram: “A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma”, de sorte que, mesmo sem a esmola, distribuir riquezas traz muito lucro. Assim falei a fim de que os que não herdaram de seus maiores não se aborreçam nem se entristeçam como se tivessem menos do que os ricos. Terão até mais, se o quiserem. Com efeito, mais facilmente darão esmolas, como a viúva (do evangelho), não terão ocasião alguma de inimizades com o próximo, e serão mais inteiramente livres. Ninguém poderá a um tal ameaçar de confiscação, mas se mantém acima de todos os males. Ninguém prende facilmente os que fogem despidos; mas é fácil prender o que está vestido e carregado. Assim acontece ao rico e ao pobre. Este, se for alcançado, sem dificuldade escapará; o outro, mesmo se não for preso, detido pelas próprias cordas, tem inúmeras preocupações, tristezas, raivas, irritações. Isso onera a alma. Não só, mas muitos outros aborrecimentos nos acarretam as riquezas. Pois é mais difícil ao rico do que ao pobre usar de moderação, e viver com simplicidade e não se encolerizar é mais difícil ao rico do que ao pobre. Então terá maior recompensa? – pergunta-se. Não, absolutamente. Por que não, se executa ações mais difíceis? Porque ele próprio excogitou estas dificuldades para si. Não lhe foi ordenado tornar-se rico, ao contrário; ele mesmo prepara para si mil obstáculos e impedimentos. Outros não só se desfazem das riquezas, mas também mortificam o corpo assaz, avançando pelo caminho estreito; tu, porém, não somente isso, mas também aumentas a fornalha dos vícios e te cercas de outros impedimentos.

Por conseguinte, segue o caminho largo, que recebe teus semelhantes. O caminho estreito, porém, abrange os aflitos, os oprimidos, os que nada carregam senão estes pesos que ele suporta, a esmola, a bondade, a honestidade, a mansidão. Se é isso que carregas, facilmente poderás entrar. Se, contudo, for o orgulho, a soberba, o peso dos espinhos, as riquezas, precisarás de muito largura. Não poderás irromper no meio da turba, a fim de não ferires os outros quando avanças; mas precisarás de muito espaço. Quem, portanto, carrega ouro e prata, isto é, as obras virtuosas, não só o próximo não o evita, mas se aproxima e vive em comum. De resto, se as riquezas são espinhos, o que será a cobiça? Por que dali a retiras? A fim de aumentar a chama, jogando aqueles objetos pesados ao fogo? Medita de que modo os três jovens superaram o fogo da fornalha. Pensa que se trata da geena. Além das aflições, caíram nela amarrados de mãos e pés, mas encontraram dentro grande espaço. Não, contudo, os que estavam ao redor.

Devemos agora ser algo de semelhante para nos mantermos de pé forte e virilmente contra aquelas tribulações. Se colocarmos a esperança em Deus, teremos segurança e largo espaço. Os que, porém, lá nos lançaram, perecerão, pois: “Aquele que cava um buraco nele cairá” (Eclo 27,29). Embora amarrados de mãos e pés, a própria tribulação poderá nos livrar. Vê a maravilha! O fogo libertou aqueles que os homens amarraram. Se alguém entregar os amigos aos escravos, eles, respeitando a

amizade do senhor, não só não os lesam, mas prestam-lhes muitas honras. Assim também o fogo. Sabia que aqueles jovens eram amigos de seu Senhor, rompeu seus vínculos, libertou-os e despediu-os; serviu-lhes de pavimento, sobre o qual andavam. E com razão, pois foram lançados ali para a glória de Deus. Qualquer um de nós que estiver atribulado, recorde-se destes exemplos. Ora, eles, replicas, foram libertados das aflições, e nós, não o somos. E era justo, porque não entraram na fornalha como se houvessem de ser libertados, mas enfim para morrerem. Escuta o que dizem: Nosso Deus está nos céus. Ele “tem o poder de nos livrar. Mas se ele não o fizer, fica sabendo, ó rei, que não serviremos os teus deuses, nem adoraremos a estátua de ouro que levantaste” (Dn 3,17-18). Nós, no entanto, como se impuséssemos condições aos castigos de Deus, marcamos o tempo, dizendo: Se dentro deste prazo não tiver compaixão, por isso não seremos libertados. Em verdade, Abraão não caminhara, como se houvesse de receber o filho salvo, mas como se devesse imolá-lo; e além da expectativa recebeu-o são e salvo. E tu também nas aflições, não tenhas pressa de ser libertado. Prepara teu ânimo para toda paciência, e logo serás libertado das tribulações, pois Deus as inflige para nos ensinar. Desde o início fomos criados para suportá-las com paciência e sem irritação, enfim livra-nos quando nos portamos bem. Quero narrar-vos algo de muito útil e vantajoso. O que é? Quando a perseguição grassava, e a Igreja era agitada por intensa luta, dois homens foram aprisionados. Um estava disposto a qualquer padecimento, o outro preparado e corajoso para decapitação, mas temia e tremia diante de qualquer outra tortura. Vê, no entanto, o plano de Deus. Quando o juiz se sentou, mandou cortar a cabeça do que estava disposto a qualquer sofrimento; ao outro que fosse dilacerado intensamente, não uma ou duas vezes, mas por todas as cidades aonde era conduzido. Por que esta permissão? A fim de que o ânimo negligente fosse corroborado pelos tormentos, a fim de eliminar todo temor, e não mais temesse, nem fosse covarde, não tremesse diante do suplício. E José, quanto mais era pressionado a cair, mais resistia. Escuta o que dizia: “Fui arrebatado da terra dos hebreus”, e: “Lembra-te de mim” junto do rei (cf. Gn 40,15.14). Por conseguinte, ele permanecia preso para aprender que não devia confiar nos homens nem esperar muito, mas entregar-se inteiramente a Deus. Cientes disto, demos graças a Deus, e cumparamos o dever, a fim de conseguirmos os bens futuros em Cristo Jesus nosso Senhor, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

HOMILIAS SOBRE A CARTA AOS FILIPENSES¹ DE SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, PADRE DA IGREJA, ARCEBISPO DE CONSTANTINOPLA

INTRODUÇÃO

1. Filipenses são os habitantes de uma cidade da Macedônia, cidade colonial, segundo Lucas, e tem o nome de Filipos, por causa de seu fundador (cf. At 16,12). Nesta cidade se converteu a negociante de púrpura, mulher influente, temente a Deus (cf. At 16,14-15); nela o chefe da sinagoga aderiu à fé (cf. At 16,23ss); nela Paulo e Silas (At 16,22) foram açoitados; nela os magistrados, assustados, insistiram com eles para que saíssem (At 16,38.19); nela o anúncio do evangelho teve esplêndido começo. Paulo dá muitos e belos testemunhos a respeito deles, denominando-os sua “coroa” (Fl 4,1) e declara que eles muito sofreram, nesses termos: *“Pois, da parte de Deus, vos foi concedida em relação a Cristo, a graça não só de crerdes nele, mas também de por ele sofrerdes”* (Fl 1,29). No momento, porém, em que lhes escrevia, aconteceu que estava preso. Por isso afirma: *“As minhas cadeias se tornaram conhecidas em Cristo por todo o Pretório”* (Fl 1,13). Chama de “Pretório” o palácio de Nero. Esteve preso e foi libertado, como assinala na carta a Timóteo: *“Na primeira vez em que apresentei a minha defesa ninguém me assistiu, todos me abandonaram. Que isto não lhes seja imputado. Mas o Senhor me assistiu e me revestiu de forças”* (2Tm 4,16-17). Refere-se às cadeias em que se achava antes daquela defesa. É evidente que Timóteo então não estava presente. Ele assegura: *“Na primeira vez em que apresentei a minha defesa ninguém me assistiu”*. Escrevendo desse modo, manifesta-lhe o fato; se ele já o soubesse, não lhe teria escrito assim. Mas, ao escrever essa carta, Timóteo se achava junto dele. Demonstra-o por aquilo que diz: *“Espero, no Senhor Jesus, enviar-vos logo Timóteo”* (Fl 2,19) e ainda: *“Espero, pois, enviá-lo, logo que puder ver como irão as coisas comigo”* (Fl 2,23). Tinha sido libertado das cadeias, e novamente preso depois que esteve com eles. Quanto às palavras: *“Mas, se o meu sangue for derramado em libação, em serviço da vossa fé”* (Fl 2,17), não o diz como se já houvesse acontecido, porém: *“Se isto acontecer, alegro-me”*, a fim de corrigi-los do abatimento por causa de suas cadeias. Revela que a morte então não era iminente, porque assevera: *“Tenho fé no Senhor de que eu mesmo possa logo ir até aí”* (Fl 2,24) e ainda: *“Convencido disso, sei que ficarei e continuarei com todos vós”* (Fl 1,25).

2. Os filipenses, a fim de obter notícias, lhe haviam enviado Epafrodito, que lhe trouxera uma doação em dinheiro. Efetivamente, tinham-lhe muita afeição. Sobre esta remessa, ouve como ele se exprime: *“Agora tenho tudo em abundância; tenho de sobra, depois de ter recebido de Epafrodito o que veio de vós”* (Fl 4,18). Fora enviado para consolá-lo e conseguir notícias. Evidencia-se logo no começo da Carta que fora mandado para obter notícias, por meio daquilo que ele escreve: *“Quero que saibais que o que me aconteceu redundou em progresso do evangelho”* (Fl 1,12), e ainda: *“Espero, no Senhor Jesus, enviar-vos logo Timóteo, para que também eu tenha a alegria de receber notícias vossas”* (Fl 2,19). A expressão: *“Também eu”* parece significar: *“Como vós, para vos certificardes, delegastes alguém para saber notícias minhas, assim também para mim será grande conforto obter as vossas”*. Nessa ocasião, havia muito tempo que não haviam enviado alguém. Então enviaram. Comprovam-no os dizeres: *“Finalmente vi reflorescer o vosso interesse por mim”* (Fl 4,10). Mas, então, eles ouviram dizer que Paulo se achava preso (se, de fato, a informação de que Epafrodito, de menor irradiação que Paulo, estivera doente, muito mais saberiam acerca de Paulo); e era justo que ficassem inquietos. Por

isso, no início da carta acrescenta muitas consolações acerca das cadeias, mostrando que não somente não deviam perturbar-se, mas antes alegrar-se. Em seguida, também exorta à concórdia e à humildade, ensinando que nisso consistia a mais segura proteção, e assim facilmente poderiam vencer os inimigos. Efetivamente, não é lamentável para os mestres estarem presos, e sim a falta de concórdia entre os discípulos. Aquela ocorrência trazia progresso ao evangelho, esta última causava a ruína.

3. Por conseguinte, depois de exortá-los à concórdia, e mostrar que a concórdia deriva da humildade, depois de investir contra os judeus que em toda a parte se opunham às verdades da fé, sob aparências cristãs, denominá-los “*cães e maus obreiros*” (Fl 3,2) e exortar a afastar-se destes, depois de incutir-lhes a quem convinha dar atenção, e após discorrer sobre várias questões morais, depois de chamá-los à ordem e a cair em si novamente, dizendo: “*O Senhor está próximo!*” (Fl 4,5), faz menção também, com a habitual prudência, do que eles remeteram, e assim proporciona-lhes grande conforto.

Evidencia-se que a carta trata-os com especial estima, e em passagem alguma os reprova, o que atesta a virtude deles, porque não dão motivo para tal ao mestre, que não lhes faz observações exprobatórias, antes de encorajamento. E como eu disse no começo, e agora repito, a cidade mostrou grande prontidão em relação à fé. Assim, aquele carcereiro (é notório quanto o ofício costuma estar repleto de toda espécie de maldade) diante de um só milagre imediatamente ocorreu, e foi batizado com toda a sua casa. Pois somente ele presenciou o milagre, mas não lucrou sozinho, porém juntamente com ele a esposa e todos os familiares. De fato, manifesta-se que mesmo os magistrados que açoitaram a Paulo, agiram antes por impulso repentino do que por maldade, e isso tanto pela despedida e libertação imediata quanto pelo susto posterior. E ele dá testemunho a respeito dos filipenses não apenas relativamente à fé, ou aos perigos, mas também às boas ações, quando diz: “*No início da pregação do evangelho, ...mais uma vez vós me enviastes com que suprir às minhas necessidades*”; entretanto, ninguém mais o fez, pois ele assevera: “*Nenhuma Igreja teve contato comigo em relação de dar e receber*” (cf. Fl 4,15-16) e revela que a interrupção derivou antes de falta de oportunidade do que de boa vontade, nesses termos: “*Verdade é que não fostes negligentes para comigo; mas não tínheis oportunidade*” (cf. Fl 4,10). Assim demonstra que lhes dedicava muita afeição. É evidente que os amava muito, porque emprega esses termos: “*Não tenho ninguém de igual sentimento que tão sinceramente como ele se preocupe com o que vos diz respeito*” (Fl 2,20) e ainda: “*Porque vos tenho no meu coração, nas minhas cadeias*” (Fl 1,7).

4. E nós também disso cientes, e diante de tais mostras de amor, sejamos dignos de tais exemplos, pela prontidão em sofrer por Cristo. Atualmente, porém, não há perseguições. Em consequência, se não é possível de outro modo, imitemo-los incansavelmente nas boas obras e não acreditemos já termos feito tudo quando uma ou duas vezes praticamos a esmola. Temos de praticá-la a vida toda. Não basta, na verdade, agradar a Deus apenas uma vez, e sim constantemente. Efetivamente, o corredor, depois de perfazer por dez vezes duplo curso, se desiste no último, perde tudo. Também nós, se começamos a praticar boas obras, e por fim relaxamos, perdemos tudo, arruinamos tudo. Escuta aquela proveitosa exortação da Escritura: “*A misericórdia e a fidelidade não te abandonem*” (Pr 3,3). Não diz: Age assim uma, duas, três, cem vezes, mas sempre. “*Não te abandonem.*” Não diz: “*Não as abandones*”, e sim: “*Não te abandonem.*” Desta forma revela que nós precisamos delas, não elas de nós, e ensina que tudo façamos por agarrá-las. “*Ata-as ao pescoço*” (Pr 3,3). Assim como um menino rico que tem um ornamento de ouro no pescoço, de forma alguma o tira, usando-o como sinal de sua alta origem, também a esmola sempre nos cerque, mostrando que somos filhos de um Pai misericordioso que faz o sol levantar-se sobre maus e bons (Mt 5,45). Mas, não acreditam os infiéis? Acreditarão, contudo, se persistirmos. Se, de fato, virem que temos compaixão de todos e

representamos tal mestre, admitirão que assim agimos a fim de imitá-lo. E isto não devemos fazer simplesmente, mas com atenção e firmeza. “A esmola e a fidelidade sejam em ti verdadeiras”, diz-se. Bela expressão: “verdadeira”! Não se origine de rapina, ou roubo. Não se trataria de fidelidade, nem de verdadeira esmola. O ladrão, com efeito, precisa mentir e perjurar. Tu, porém, não deves agir assim, mas une a fidelidade à esmola. Usemos este ornamento. Adornemos a alma com uma corrente de ouro, isto é, a esmola, enquanto estamos aqui na terra. Quando houver passado esta vida, não a usaremos mais. Como? No além não existem pobres, não há riquezas, não há mendicidade. Enquanto formos crianças, não tiremos este ornamento. Os meninos, ao se tornarem adultos, desfazem-se deste enfeite e procuram outro; o mesmo acontece conosco. No além, de forma alguma existe a comiseração expressa em esmolas, mas existe outra muito maior. Para não nos privarmos desta, procuremos que nossa alma tenha bela aparência. Grande é a esmola, bela e preciosa, grande dom; maior ainda, contudo, é a bondade. Se soubermos desprezar as riquezas, aprenderemos também as outras virtudes. Vê, pois, quantos bens daí derivam! Quem dá esmola, como convém, aprende a desprezar as riquezas. Quem aprende a desprezar as riquezas, arranca a raiz de todos os males. Deste modo, não tanto faz o bem quanto recebe, não somente em consideração do proveito e recompensa da esmola, mas também porque sua alma se torna sábia, elevada, rica. Quem dá esmolas recebe instrução em vista de não admirar as riquezas, nem o ouro. Uma vez gravada na mente essa instrução, torna-se bom impulso para a subida ao céu e corta inúmeras ocasiões de lutas e disputas, de inveja e desânimo. Sabeis, de fato, também vós sabeis que todos os males se originam das riquezas e inúmeras lutas provêm delas. Quem aprende, porém, a desprezá-las, estabelece-se num porto tranquilo, e não receia dano algum. A esmola lhe ensinou o seguinte: Não ambiciona o bem do próximo. Como o faria quem renuncia a suas posses, e as distribui? De forma alguma inveja o rico. Como o faria, quem voluntariamente se faz pobre? Ela purifica o olhar da alma. E isso aqui na terra; lá, porém, são inexprimíveis os bens adquiridos. Ele não ficará de fora com as virgens insensatas. Mas com as prudentes entrará, em companhia do esposo, tendo as lâmpadas acesas. Por causa da misericórdia, mesmo aquele que não sustentou a luta da virgindade, não experimentou o seu labor, estará em melhor situação que aquelas. Tal é a força da esmola. Com toda confiança introduz lá os seus discípulos. Ela é bem conhecida dos porteiros do céu, que guardam as portas da morada do esposo. Não só conhecida, mas também estimada. E introduz com toda segurança os que a reconhecem e reverenciam, e ninguém se opõe, mas todos cedem. Se a misericórdia fez com que Deus descesse à terra e o persuadiu a fazer-se homem, muito mais poderá elevar o homem ao céu. Pois grande é o seu poder. Se, portanto, Deus se fez homem por misericórdia e amor aos homens, e o persuadiu a fazer-se servo, melhor ainda introduzirá os servos em sua casa. Amemo-la, a ela nos afeiçoemos, não um só dia ou dois, mas em todo tempo, para que ela nos reconheça. E se ela nos reconhecer, também o Senhor nos reconhecerá. Se ela não nos reconhecer, igualmente o Senhor não reconhecerá e dirá: “Não vos conheço!” (Mt 25,12). Não suceda que ouçamos esta palavra, e ao invés escutemos aquela feliz sentença: “Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o reino preparado para vós desde a fundação do mundo” (Mt 25,34). A todos nós assim aconteça, pela graça de Deus e seu amor aos homens, em Cristo Jesus, nosso Senhor, que com o Pai etc.

PRIMEIRA HOMILIA

Endereço

1,1. *Paulo e Timóteo, servos de Jesus Cristo, a todos os santos em Cristo Jesus, que estão em Filipos, com os seus episcopos e diáconos*

2. *a vós graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo!*

Nesta passagem, onde escreve a seus pares, Paulo não se apresenta revestido da dignidade do magistério, mas de outra, também ela importante. Qual? Denomina-se “servo”, não apóstolo. Na verdade é alta dignidade, e resumo de todos os bens, não apenas ser denominado, mas ser efetivamente servo de Cristo. O servo de Cristo é, de fato, um homem livre do pecado e sendo genuíno servo não poderá tornar-se servo de um outro, porque então seria pela metade, e não totalmente servo de Cristo. Igualmente na Carta aos Romanos emprega de novo a expressão: “Paulo, servo de Jesus Cristo” (Rm 1,1); no entanto nas cartas aos Coríntios e a Timóteo, denomina-se “apóstolo” (1Cor 1,1; 2Cor 1,1; 1Tm 1,1; 2Tm 1,1). Por que age deste modo? Não que sejam melhores do que Timóteo. Longe disso. Mas antes porque os estima e distingue mais do que a todos os outros aos quais se dirige. Na verdade, atesta as múltiplas virtudes deles. Em outras partes, porém, onde muito teria a pôr em ordem, assume o título de apóstolo; aqui, no entanto, nada lhes ordena, exceto o que podiam perceber por si mesmos. “*A todos os santos em Cristo Jesus, que estão em Filipos.*” Visto que provavelmente também os judeus se denominavam santos, de acordo com o Antigo Testamento, onde recebiam o nome de povo santo, propriedade de Deus (Ex 19,6; Dt 7,6), acrescenta: “*A todos os santos em Cristo Jesus*”. Somente eles, portanto, eram santos; os restantes, profanos.

“*Episcopos e diáconos.*” O que significa isso? Havia numa só cidade muitos bispos? De forma alguma; mas assim são nomeados os presbíteros. Então os títulos eram comuns e o bispo era também chamado de diácono. Por isso ele diz também na carta a Timóteo: “Realiza plenamente a tua diaconia” (2Tm 4,5) (isto é, o teu ministério), embora ele fosse bispo. Pois o fato de que ele era bispo demonstra-o a seguinte passagem a ele endereçada: “A ninguém imponhas apressadamente as mãos” (1Tm 5,22) e ainda: “Que te foi conferido mediante a imposição das mãos do presbitério” (1Tm 4,14). Os presbíteros não teriam podido impor-lhe as mãos para sagrá-lo bispo. E novamente, escrevendo a Tito: “Eu te deixei em Creta para cuidares da organização e ao mesmo tempo para que constituas presbíteros em cada cidade, cada qual devendo ser, como te prescrevi, homem irrepreensível, esposo de uma única mulher” (Tt 1,5-6). Refere-se ao bispo. E dito isto, imediatamente acrescenta: “Sendo ecônomo das coisas de Deus, o bispo seja irrepreensível, não presunçoso” (Tt 1,7). Assim, conforme foi dito, os presbíteros outrora eram chamados de episcopos e diáconos de Cristo, e os bispos de presbíteros. Daí vem que ainda agora muitos bispos dirigem cartas a “copresbíteros e codiáconos”. Posteriormente, bispos e presbíteros distinguiram-se por sua peculiar denominação.

E diz Paulo: “*com seus episcopos e diáconos,*

2. *a vós graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo!*

Provavelmente, aqui alguém aqui perguntaria: Como Paulo em suas outras cartas não se dirige ao clero, nem de Roma, nem de Corinto, nem de Éfeso, mas de modo geral endereça a carta a todos os santos, aos fiéis, aos bem-amados, aqui, porém, escreve ao clero? Acontece que o clero lhe escreveu, produziu muito fruto, e enviou-lhe Epafrodito.

Ação de graças e oração

3. *Dou graças a meu Deus todas as vezes que me lembro de vós,*

Em outra passagem ele escreve: “Obedecei aos vossos dirigentes, e sede-lhes dóceis; porque como tais velam sobre as vossas almas, e disso prestarão contas. Assim poderão fazê-lo com alegria e não gemendo” (Hb 13,17). Se, pois, gemem por causa da maldade dos discípulos, cumprem o ofício com alegria diante do progresso deles. É isto mesmo que significa: “*Dou graças a meu Deus todas as vezes que me lembro de vós*”. Assim faz por causa dos muitos bens que verifica neles. Glorifico, declara ele,

e rezo por vós. Todavia, nem porque vos dedicais à virtude, cesso de rezar por vós, mas continuo. “*Dou graças a Deus todas as vezes que me lembro de vós.*”

4. e sempre em todas as minhas súplicas oro por todos vós com alegria,

Sempre e não somente quando rezo. Muito belo o acréscimo: “*Com alegria*”. É possível fazê-lo com tristeza, conforme afirma em outra passagem: “Por isto foi com grande tribulação e o coração angustiado que vos escrevi em meio a muitas lágrimas” (2Cor 2,4).

5. pela vossa participação no evangelho desde o primeiro dia até agora,

Presta-lhes grande testemunho, não simplesmente, mas de modo extraordinário, como alguém pode atestar apenas de apóstolos e evangelistas. Quer dizer: “Pelo fato de que uma só cidade vos foi confiada, não vos preocupeis somente com ela, mas fazei tudo para vos tornardes partícipes de meus labores, em toda parte estando presentes e colaborando e partilhando o anúncio do evangelho. Não somente uma, duas ou três vezes, mas sempre, desde que aderistes à fé, até agora assumistes o zelo dos apóstolos. Vês como os que estavam em Roma se afastaram dele. Ouve como se exprime: “Tu sabes que todos os da Ásia me abandonaram” (2Tm 1,15) e ainda: “Demas me abandonou” (2Tm 4,9) e: “Na primeira vez em que apresentei a minha defesa ninguém me assistiu” (2Tm 4,16). Os filipenses, ao invés, embora ausentes, participavam de suas tribulações, enviando-lhe um emissário, e à medida do possível assistindo-o e nada absolutamente lhe deixando faltar. E assim agis, não somente agora, diz ele, mas sempre, assistindo-me de todos os modos. Essa assistência é também “*participação no evangelho*”. Quando alguém prega a palavra, e tu prestas assistência ao pregador, tens parte nas suas coroas. De fato, também nas pugnas corporais a coroa não pertence apenas aos lutadores, mas também ao treinador, aos atendentes, numa palavra a todos os que contribuíram para o treino do atleta. Pois aqueles que sustentam e restauram-lhe as forças certamente se tornam partícipes da vitória. Também nas guerras, não somente o herói, mas todos os que o serviram participam sem dúvida dos troféus, e têm parte na glória, porque com seus préstimos partilharam o combate. De fato, não é coisa insignificante servir os santos, antes coisa grandiosa. Pois tornamo-nos participantes da recompensa que lhes está reservada. Por exemplo, alguém distribui muitos bens por causa de Deus, consagra-se constantemente ao serviço de Deus, leva uma vida muito virtuosa, em palavras, pensamentos e em todas as ações observa grande austeridade. A ti igualmente é possível, apesar de viver sem tal austeridade, participar da recompensa que lhes é reservada. Como? Quando por palavras e atos o assistes, quando o confortas com o fornecimento do necessário e presta-lhe toda espécie de serviços. Tu poderás ser tal, apesar de tornares mais leve aquele áspero caminho. Se admirais os que nos desertos escolheram uma vida angélica, os que nas Igrejas realizam o bem como aqueles; se admirais e vos sentis pesarosos por estardes muito longe deles, poderíeis de outro modo fazer-vos seus companheiros, servindo-os e cuidando deles. Sinal ainda do amor de Deus aos homens consiste em que igualmente os negligentes, incapazes de manter vida tão mortificada, dura e austera, possam por outro caminho ou degraus subir como eles. A isso Paulo chama “participação” (*koinonia*). Declara que, se os gentios nos transmitem bens temporais, devemos compartilhar com eles os bens espirituais (cf. Rm 15,27). Por conseguinte, Deus concede o reino dos céus em troca de coisas vis e insignificantes e os seus servos compartilham entre si em retribuição de coisas pequenas e materiais os bens espirituais, ou melhor, é o próprio Deus que é o doador destes bens por intermédio deles. Não estás em condições de jejuar, de levar vida eremítica, de dormir no chão, nem de passar a noite em vigília? É possível obteres a recompensa de todos esses atos, se de outra forma o realizas, cuidando dos que se afadigam nessas práticas e continuamente lhes proporcionando repouso e conforto e aliviando-lhes o labor. Um só esteve combatendo, recebeu os ferimentos; tu presta-lhe cuidados

depois do combate, recebe-o de braços abertos, enxuga-lhe o suor, dá-lhe repouso, consola-o, anima-o, reconforta-lhe o ânimo abatido. Com tal zelo sirvamos os santos, e seremos partícipes de sua recompensa. Por isso também declarou Cristo: “Fazei amigos com o dinheiro da iniquidade, a fim de que eles vos recebam nos tabernáculos eternos” (Lc 16,9). Vês como eles se tornaram partícipes? *“Desde o primeiro dia até agora.”* Por isso alegro-me, diz ele, *“pela vossa participação”*. E alegro-me não somente pelo passado, mas também pelo futuro. Pelo passado, presumo do futuro.

6. e tenho plena certeza de que aquele que começou em vós a boa obra há de levá-la à perfeição até o dia de Jesus Cristo.

Observa como ensina-lhes a moderação. Após ter-lhes prestado bom testemunho, a fim de se preservarem de vaidade humana, logo os instrui de forma a referir passado e futuro a Cristo. Como? Não afirma: “Tenho plena certeza de que aquilo que começastes, haveis de levá-lo à perfeição, mas: *“aquele que começou em vós a boa obra há de levá-la à perfeição”*”. De um lado, não quer roubar-lhes o mérito das boas obras, pois lhes diz: *“Alegro-me pela vossa participação”*, é certamente porque eles as praticam; de outro, não lhes assegura que as boas obras provêm deles, mas devem ser atribuídas primariamente a Deus, pois afirma: *“Tenho plena certeza de que aquele que começou em vós a boa obra há de levá-la à perfeição até o dia de Jesus Cristo”*, a saber, refere-se a Deus. Assim estou disposto a pensar, não apenas de vós, assegura, mas também acerca daquilo que cumpris. E não é pequeno elogio afirmar que Deus quer agir em alguém. Se Deus, portanto, não faz acepção de pessoas, como de fato não faz, mas em consideração de nossas disposições colabora na execução das boas obras, é evidente que depende de nós dar-lhe ocasião de ser-nos propício. Igualmente aqui Paulo não quer furtar-lhes o elogio. Se Deus agisse de modo absoluto, nada impediria de atuarem mesmo os pagãos e todos os homens, isto é, se nos movesse à semelhança de madeiras ou pedras, sem requerer colaboração. Quanto a dizer: *“Deus há de levá-la à perfeição”*, constitui igualmente elogio para eles, porque obtiveram a graça de Deus para com seu auxílio ultrapassar as forças da natureza humana. E ainda outro louvor: tais boas obras são nossas, apesar de não serem do alcance da natureza humana, mas precisarem do impulso vindo de Deus. Se, porém, é Deus quem leva à perfeição, não haverá grande fadiga, mas devemos ter confiança de que tudo se tornará leve, porque nos é dado seu auxílio.

7. E é justo que eu assim pense de todos vós, porque vos tenho no meu coração, a todos vós que, nas minhas cadeias e na defesa e afirmação do evangelho, comigo vos tornastes todos coparticipantes da graça.

Aqui, demonstrou-lhes amável desejo, pois os tinha no coração, e no próprio cárcere lembrava-se dos filipenses. Não constitui para eles pequeno encômio serem lembrados por tal santo. Efetivamente, o amor deste santo não deriva de impulso considerado, mas de discernimento e juízos retos. O fato de Paulo amar tão intensamente alguém é indício de que é grande e excelente. *“Na defesa e confirmação do evangelho.”* E por que admirar que os tenha nas suas cadeias? Pois diz ele que nem na ocasião em que se defendia perante o tribunal, esqueceu-se deles. Por conseguinte, a tal ponto é imperioso o amor espiritual que não cessa em tempo algum, mas está sempre presente na alma daquele que ama, e nenhuma tribulação ou prazer o vence. Pois, como na fornalha de Babilônia, por mais intensamente que subisse a chama, para aqueles santos jovens era orvalho (cf. Dn 3,47.50), assim também o amor que se apossa da alma de quem ama a Deus e lhe é agradável extingue toda chama, e produz ótimo rocío.

“Na confirmação do evangelho.” De fato, as cadeias eram confirmação do evangelho, até mesmo apologia. E com toda razão. Se ele houvesse se esquivado do cárcere, seria considerado um impostor. Agora, contudo, sujeito a tudo, cadeias e tribulações, é evidente que não sofre isso por qualquer

motivo humano, mas por Deus, que é remunerador. Na verdade, ninguém escolheria morrer, ou expor-se a tais perigos, ninguém defrontaria tal imperador, isto é, Nero, se não tivesse diante dos olhos rei muito maior. Mas as cadeias serviam para *“confirmação do evangelho”*. Vê como tudo reverte inteiramente em condição oposta. Aquilo que era tido por fraqueza e acusação, isto ele denomina confirmação; e se tal não acontecesse, seria fraqueza. Em seguida mostra que seu amor não provém de preconceito, mas é bem fundamentado. Por quê? *“Eu vos tenho nas minhas cadeias”*, diz ele, *“e na defesa comigo vos tornastes coparticipantes da graça”*. O que quer dizer isso? A graça do Apóstolo consistia em estar preso, em ser arrastado, em sofrer mil males? Sim. *“Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder”* (2Cor 12,9). E acrescenta: *“Por isso comprazem-me as fraquezas, os opróbrios”* (2Cor 12,10). Agora verifico que, através das obras, vossa virtude se revela, e sendo participantes desta graça, e com boas disposições, prevejo razoavelmente qual o termo. De fato, seguramente o experimentei e mais do que todos vos conheço e a vossas virtudes e que, apesar de estardes de tal modo distantes, vós vos empenhastes em não nos abandonar nas tribulações, mas em partilhar nossas provações por causa do evangelho, e de forma alguma ficardes menos que eu envolvido nos combates, embora de tão longe. Por conseguinte, considero justo prestar este testemunho.

E por que não diz: *“Participantes”* e sim: *“Coparticipantes”*? E também eu, diz Paulo, participo das tarefas de outrem, a fim de me tornar coparticipante do evangelho, isto é, a fim de participar dos bens prometidos no evangelho. E o que é, porém, mais espantoso é que todos eles são assim dotados, até serem considerados participantes com Paulo: *“Comigo vos tornastes coparticipantes da graça”*, todos vós. Deste início posso haurir a esperança de que vós permanecereis assim até o fim. Pois não é possível que tão brilhante começo se extinga e cesse, mas proporciona grandes resultados. Uma vez que é possível ainda participar de outro modo na graça, nas provações e tribulações, peço-vos que possamos ter parte, também nós. Muitos dos que estão aqui, ou antes todos, gostariam de participar com Paulo dos bens prometidos! Está em vosso poder, se o quiserdes, aliar-vos na luta aos sucessores no ministério e auxiliá-los, quando sofrem duramente por Cristo. Vês um irmão atribulado? Estende-lhe a mão! Vês teu preceptor em luta? Dá-lhe assistência. Mas, dir-se-á, semelhante a Paulo, ninguém! Imediatamente desdém! Logo críticas! Ninguém como Paulo? Concedo. Entretanto, diz o Senhor: *“Quem recebe um profeta na qualidade de profeta, receberá a recompensa própria de um profeta”* (Mt 10,41). Acaso são admiráveis os filipenses por auxiliarem a Paulo? Não por causa disso, mas porque ajudaram a alguém que assumira a pregação. Paulo era digno de honras porque sofrera tais coisas por Cristo. Na verdade, não existe quem seja como Paulo. Por que digo: Como Paulo? Mas, nem mesmo de longe se alcança a semelhança com esse homem abençoado. A pregação, porém, é idêntica, agora e então. Não apenas quando Paulo estava encarcerado eram os filipenses coparticipantes, mas desde o começo. Ouve como ele se exprime: *“Vós mesmos bem sabeis, filipenses, que no início da pregação do evangelho, nenhuma Igreja teve contato comigo em relação de dar e receber, senão vós somente”* (Fl 4,15). Mas sem contar as provações, o mestre tinha muitas outras tribulações: labor, vigílias, fadiga na pregação, ensino, murmurações, acusações, disputas, invejas. Seria coisa pequena sofrer ataque de inúmeras línguas, quando lhe era lícito ter apenas as próprias preocupações? Ah! o que fazer? Hesito num dilema. Queria, de fato, exortar-vos e aconselhar-vos a aliar-vos na peleja aos santos de Deus, a acolhê-los. Temo, porém, que alguém suspeite de que não o faço por vossa causa, mas por interesse deles. Ficai cientes, contudo, de que não o digo em favor deles, mas por vossa causa. E se quereis verificar, minhas próprias palavras vo-lo atestam. O ganho não é igual dos dois lados: o vosso e o deles. Efetivamente vós, se derdes, dareis coisas que dentro em breve enfim, de boa vontade ou a contragosto, vos serão tiradas e passarão a outros; o que, porém, recebereis, é muito maior e

valioso. Ou não pensais que dando recebereis? Se, pois, não estais dispostos desta forma, não queremos que deis, e não tocaremos mais no assunto! Se alguém, no entanto, prefere receber a dar considerando que lucra mil vezes ser antes beneficiado que benfeitor, não dê. Se julga que, se der, presta um benefício ao que recebe, não dê. Não insisto em que sustente os santos; se não deres, outro dará. O que, de fato, desejo é que obtenhais certa indulgência de vossos pecados; quem não dá assim, não a obterá. Efetivamente, não é no fato de dar que consiste a esmola, mas de dar com boa vontade, com alegria, grato para com aquele que recebe. Foi dito: “Sem pena, nem constrangimento, pois Deus ama a quem dá com alegria” (2Cor 9,7). Quem não der deste modo, não dê. Seria perda, não esmola. Cientes de que ganhais vós, não eles, sabeis que vosso lucro será maior. Com efeito, em relação aos receptores, é o corpo que é sustentado, quanto a vós, porém, é a alma que agrada a Deus. Para eles, ao receberem a esmola, nenhum pecado é redimido; para nós, porém, muitas ofensas são perdoadas. Participemos, portanto, de suas lutas a fim de partilharmos também seus grandes prêmios. Houve alguns que adotaram reis, e não pensavam que davam com isto mais do que receberam. Adota a Cristo, e colocarás teus bens em segurança. Queres ter parte com Paulo? Mas por que dizer com Paulo, se é Cristo quem recebe? No entanto, a fim de entenderes que digo e faço tudo por vós, e não pelo cuidado de aliviar a outros, se existe algum dos prepostos de uma Igreja que vive na abundância e de nada precisa, embora seja um santo, não dê. Prefere, contudo, o necessitado, mesmo se não for tão excelente. Por quê? Porque Cristo assim o quer, conforme declara: “Ao dares um almoço ou jantar não convides os amigos, nem os parentes; mas os estropiados, os coxos, os cegos, os que não têm com que te retribuir” (cf. Lc 14,12-14). Não se deve empregar tais atenções de um modo geral, e sim relativamente aos famintos, sedentos, nus, estrangeiros, ricos reduzidos à pobreza. Pois ele não diz apenas: “Vós me destes de comer”, mas: “Estava com fome”. Assegura: “Vós me vistes com fome e me destes de comer” (Mt 25,35). Dupla exigência de justiça: com efeito, verdadeiramente se é dever dar de comer ao faminto; muito mais se este faminto é santo. Se, portanto, for santo, mas não necessitar, não dê; não haveria proveito. Cristo também não ordenou isso. Mais ainda: Não seria santo quem vive na abundância e recebe. Vês agora que não é em vista de um lucro vergonhoso que digo estas coisas, mas por vossa utilidade? Alimenta o faminto para não fomentares o fogo da geena. Ele, comendo do que é teu, abençoa o restante (cf. Lc 11,41). Recorda como a viúva alimentou a Elias (cf. 3Rs 17,9ss). Ou melhor, não alimentou, mas foi sustentada; não deu, ao invés recebeu. Isso também acontece agora e bem mais. Não é uma vasilha de farinha, nem uma jarra de óleo. O que, então? A recompensa consiste no cêntuplo e na vida eterna. Pela misericórdia de Deus, torna-te alimento espiritual, levedo puro. Era viúva aquela mulher, reinava a fome e nada disso foi empecilho. Tinha filhos e nem isto serviu de obstáculo. Ela agiu de forma idêntica à daquela que jogou dois óbulos no tesouro (cf. Mc 12,42ss). Não disse a si mesma:

“O que receberei dele? Ele é que precisa de mim. Se tivesse algum poder não teria fome, faria a seca terminar, não estaria sujeito à mesma necessidade; talvez tenha ofendido a Deus”. Nada disso pensou. Vês como é bom agir com simplicidade e não indagar curiosamente acerca do beneficiado? Se quisesse indagar, poderia enganar-se e não lhe dar crédito. Assim também Abraão, se quisesse perscrutar com curiosidade, não teria acolhido anjos (cf. Gn 18). Pois não é possível, não é possível que alguém que se dá penosamente a este trabalho descubra alguma vez um santo; será mais provável encontrar impostores. Como? Vou dizer. Quem é piedoso não quer parecer piedoso, nem ter aspecto de santo, mesmo prevendo que será menosprezado. O impostor, contudo, que tem habilidade na questão, apresenta máscara de grande piedade, difícil de se tirar. Mas não escaparão os piedosos a quem faz o bem mesmo aos que não têm tal aspecto; quem, contudo, procura os visivelmente piedosos, com frequência encontrará alguns ímpios. Por isso, exorto-vos, façamos tudo com simplicidade.

Suponhamos que o recém-chegado seja um impostor; não tens a obrigação de investigar quem é. Foi dito: “Dá a quem te pedir” (Lc 6,30). E de novo: “Liberta os que são levados à morte” (Pr 24,11). Embora a maior parte dos que são levados à morte sofre por comprovados crimes, ainda assim se diz: “Liberta”. Dessa forma seremos semelhantes a Deus, seremos aprovados, e obteremos os bens imperecíveis. Assim aconteça a todos nós etc.

SEGUNDA HOMILIA

1,8. *Deus me é testemunha de que eu vos amo a todos nas entranhas de Jesus Cristo.*

9. *E é isto que eu peço; que vosso amor cresça cada vez mais, em conhecimento e com toda sensibilidade,*

10. *a fim de poderdes discernir o que mais convém, para que sejais puros e irrepreensíveis no dia de Cristo,*

11. *na plenitude dos frutos da justiça que nos vem por Jesus Cristo para a glória e o louvor de Deus.*

Paulo toma Deus por testemunha, não à maneira dos que não têm fé, mas assim age devido a seu grande afeto e para intensificar neles a persuasão e a confiança. Por conseguinte, depois de declarar que partilharam bens com ele, a fim de não acreditarem que por essa razão desejava vê-los, e não simplesmente porque os amava, acrescenta: “nas entranhas de Jesus Cristo”. O que significa isto? Seria: “A exemplo de Cristo”: porque sois fiéis, amais o Cristo, por amor segundo Cristo. E não usa o termo: “amor”, e sim uma expressão mais ardorosa: “as entranhas de Cristo”. Como se quisesse dizer: com o coração de alguém que se tornou vosso pai por afinidade em Cristo. Foram-no dadas entranhas, entranhas ardentes e inflamadas. Tais entranhas o Senhor concede aos seus servos genuínos. Amo-vos com tais entranhas, não as naturais, mas com outras mais ardentes, com as de Cristo.

“*Eu vos amo a todos*”, diz ele. Amo a todos, porque também todos vós sois tais. Não é, por conseguinte, possível exprimir como vos amo. As palavras não são capazes de expressar meu amor. Por isso deixo a Deus, que penetra os corações, o conhecimento deste amor. Se quisesse lisonjeá-los, não invocaria a Deus por testemunha, porque seria arriscado.

“*E é isto o que eu peço; que vosso amor cresça cada vez mais.*” Muito bem! Efetivamente, este afeto é exigente. Vês como, sendo tão amado, quer ainda mais amados. Pois o que assim ama quer ser correspondido de forma que não pare em grau algum. Este bem não tem medida. Daí vem que Paulo o deseja sempre vinculatorio, nesses termos: “A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor mútuo” (Rm 13,8). A medida do amor é jamais se interromper.

“*Que vosso amor cresça cada vez mais*”, diz ele. Considera a colocação das palavras: “*Cresça cada vez mais, em conhecimento e sensibilidade*”. Não exalta simplesmente a amizade, nem exclusivamente o amor, mas o amor que provém do conhecimento, isto é, amor que não é igual para com todos. Isto não seria amor, mas insensatez. Que significa: “*em conhecimento*”? Significa: com critério racional, com sensibilidade. Existem, de fato, alguns que amam de forma desarrazoada, pura e ocasionalmente. Sucede então que tal amizade não é profunda.

“*Em conhecimento*”, diz ele, “*e com toda sensibilidade, a fim de poderdes discernir o que mais convém*”, a saber, o que é mais proveitoso. Não o digo por minha causa, mas por vossa causa; pois existe o perigo de um ou outro deixar-se iludir por amor aos hereges. Eis o que insinua suas palavras. Mas vê como a frase foi elaborada.

Não por minha causa, mas “*para que sejais puros*”, isto é, que nenhum dogma falso seja aceito sob

pretexto de amor.

Por que motivo declara em outra passagem: “Procurando, se possível, viver em paz com todos” (Rm 12,18)? Ele diz: “Vivei em paz”, dando-vos claramente a entender que deveis amar de tal forma que a amizade não vos traga prejuízo, porque está escrito: “Caso o teu olho direito te leve a pecar, arranca-o e lança-o para longe” (Mt 5,29), mas “*para que sejais puros*”, evidentemente, diante de Deus, “*e irrepreensíveis*”, diante dos homens. As amizades frequentemente prejudicam a muitos. Se, no entanto, a ti em nada causam dano pode, contudo, prejudicar a outros.

“*No dia de Cristo*”, isto é, a fim de que então vos encontreis puros, a ninguém dando motivo de escândalo.

“*Na plenitude dos frutos da justiça que nos vem por Jesus Cristo para a glória e o louvor de Deus*”, a saber, com fé reta associada a uma vida reta. Importa não somente ser reto, mas ainda é preciso ter a plenitude dos frutos da justiça. De fato, existe uma justiça que não é cristã, a saber, uma vida naturalmente virtuosa. O Apóstolo diz, porém: “*Que nos vem por Jesus Cristo para a glória e o louvor de Deus*”. Notas, assevera ele, que não me refiro à minha glória, mas à justiça que vem de Deus? Em outras passagens, todavia, a esmola é também denominada justiça. A caridade não vos prejudique, impedindo-vos a percepção do que é útil, nem leves uma queda porque amas a alguém. Quero, de fato, que cresça a vossa caridade, mas não de forma a vos causar dano. E não seja por preconceito, mas com devida comprovação de que falamos bem. E não disse: “para aderirdes à nossa opinião”, mas: “com devida comprovação”. Nem principalmente: “Não deveis ter intimidade com este ou aquele”, mas: “Desejava que a vossa caridade atinja o que é de maior proveito e não fiquéis indiferentes”. Com efeito, seria insensato não agir por causa de Cristo e por sua justiça. Eis novamente a fórmula: “*Por ele*”. Acaso procura fazer de Deus um subordinado? De forma alguma. Não que procure ser louvado, afirma, mas para que Deus seja glorificado.

Situação pessoal de Paulo e exortação para lutar pela fé e para manter a unidade

12. *Quero que saibais, irmãos, que o que me aconteceu redundou em progresso do evangelho:*

13. *as minhas cadeias se tornaram conhecidas em Cristo por todo o Pretório e por toda parte,*

Era natural que, tendo os filipenses sabido que ele estava preso, tenham se contristado e acreditaram que o anúncio do evangelho fora impedido. O que fazer então? Imediatamente dissipa a suspeita e diz: “*o que me aconteceu redundou em progresso do evangelho*”. Também isto é próprio de quem ama: manifestar sua situação aos que se preocupam com ele. O que dizeis? Estais preso, privado da liberdade, e então como progride o evangelho? Porque, diz ele, “*as minhas cadeias se tornaram conhecidas em Cristo por todo o Pretório*”. Sucedeu que não somente os outros não se calaram, nem se fizeram covardes, ao contrário criaram mais coragem. Por conseguinte, se aqueles que estavam perto do perigo em nada se sentiram coagidos, mas ficaram mais ousados, tanto mais deveis ter coragem. Se, porém, ele considerasse a prisão uma infelicidade e se calasse, com razão também os demais teriam idêntica opinião. Se preso, contudo, mais se encorajava, transmitiria mais coragem aos outros do que se não estivesse detido. Como a prisão “*redundou em progresso do evangelho*”? Deus dispôs, assegura, que não ficassem ocultas minhas cadeias, as cadeias em Cristo, por Cristo. “*Por todo o Pretório.*” Assim era denominado o palácio real. Não apenas no Pretório, declara, mas em toda a cidade.

14. *e a maioria dos irmãos, encorajados no Senhor pelas minhas cadeias, proclamam a palavra com mais ousadia e sem temor.*

A frase mostra que anteriormente já ousavam, e falavam com coragem, agora, no entanto, muito mais. Todavia, se os outros por minhas cadeias têm coragem, eu mais ainda. Se sou causa de que outros tenham ousadia, sobretudo terei eu mesmo. “*A maioria dos irmãos em Cristo.*” Apesar de ser importante a declaração: “As minhas cadeias dão-lhes coragem”, entretanto afirma previamente: “*No Senhor*”. Vês como forçado a elogiar-se, não se esquece da moderação? “*Proclamam a palavra com mais ousadia e sem temor*”. A locução: “*com mais*”, dá a entender que antes já haviam começado.

15. *É verdade que alguns anunciam o Cristo por inveja e porfia, e outros por boa vontade.*

É conveniente procurar apreender melhor o sentido desta passagem. Estando Paulo preso, muitos dos pagãos incitavam o Imperador a suscitar perseguição mais violenta, e anunciavam o Cristo com o fito de incentivar a cólera do Imperador se percebesse que o anúncio se disseminava, e de fazer recair todo o furor sobre a cabeça de Paulo. Das minhas cadeias se originaram duas atitudes: a uns comunicavam grande ousadia; entretanto, outros dispunham-se a pregar o Cristo, na esperança de minha ruína. Alguns, porém, colaboravam, por inveja, isto é, devido à minha fama e atuação, e no intuito de me eliminar e de desafiar-me; ou ainda queriam ser estimados e julgavam que podiam arrebatam algo de minha glória. “*E outros por boa vontade*”, isto é, sem hipocrisia, com todo empenho.

16. *Estes por amor proclamam a Cristo, sabendo que fui posto para defesa do evangelho.*

O que quer dizer: “*fui posto para defesa do evangelho*”? Significa: procuram diminuir minha responsabilidade diante de Deus e auxiliar-me um tanto na defesa. É o seguinte que afirma: Recebi a incumbência de evangelizar; prestarei contas e responderei pela obra que me foi confiada. Minha defesa será mais fácil, se eles me ajudam; efetivamente, se existem muitos que foram instruídos e creram, minha defesa será fácil.

17. *Aqueles por rivalidade, não por motivos puros,*

anunciam o Cristo, isto é, “*não sinceramente*”, não pela causa em si. Mas, então, por que motivo? “*Julgando com isso acrescentar sofrimento às minhas cadeias*”. Pensando que assim estarei em maior perigo, acrescentam tribulações às tribulações. Ó crueldade! Ó instigação diabólica! Veem-no prisioneiro, lançado num cárcere, e ainda assim o invejam. Querem aumentar sua tribulação e torná-lo sujeito a uma cólera mais intensa. E ele diz com justeza: “*Julgando*”, porque não aconteceu tal coisa. Aqueles, de fato, pensavam em me contristar, eu, porém, alegrava-me porque o anúncio da palavra se propagava. Deste modo é possível que alguém pratique uma boa obra sem reta intenção; não somente não lhe é reservada recompensa, e sim castigo. Visto que planejavam lançar o arauto de Cristo em maiores perigos, anunciavam a Cristo; não apenas não alcançarão recompensa, mas ficarão sujeitos à condenação e ao castigo.

18. *Mas que importa? De qualquer maneira – ou com segundas intenções, ou sinceramente – Cristo é proclamado.*

Vê a sabedoria deste homem! Não acusa com veemência, mas narra o que aconteceu. Que me importa, assegura, se deste ou daquele modo? “*De qualquer maneira – ou com segundas intenções ou sinceramente – Cristo é proclamado.*” Não fala em tom de legislador: “Cristo seja proclamado”, mas anuncia primeiro o que aconteceu; depois, se falasse também dando normas, nem por isso abriria caminho para as divisões.

Examinemos, se oportuno, a questão e descobriremos que, se ele permite uma pregação como a deles, nem assim deixa introduzir-se a divisão. Como? Pois eles pregam corretamente, embora a finalidade e a intenção com que agem é corrupta; no entanto não alteram a pregação. Têm, contudo,

grande necessidade de pregar dessa maneira. Por que razão? Porque, se pregassem diversamente de Paulo, se ensinassem de forma diferente, não como ele, talvez não incitassem a ira do Imperador. Agora, porém, difundindo a pregação, ensinando de igual modo, e ganhando discípulos como ele, exasperam o Imperador, devido à numerosa multidão dos discípulos. Poderiam então alguns insensatos perversos, baseados nesta passagem, replicar: “Verdadeiramente eles deveriam ter feito o contrário, ter desviado os que já haviam acreditado, em vez de procurar aumentar os fiéis, se quisessem prejudicá-lo”. O que dizer? Eles visavam a uma só coisa, envolvê-lo nos perigos da ocasião, e não permitir que escapasse. Julgavam que deste modo mais o contristariam e aniquilariam a pregação do que através de meios diversos. Senão, talvez extinguissem a ira do Imperador, e contribuíssem para ser Paulo libertado e novamente evangelizar. Assim pensavam que por causa dele tudo podia se estragar, e deviam antes perdê-lo. A maioria, porém, não teria talvez esta intenção, mas somente determinados homens perversos. Por isso diz: *“E com isso eu me regozijo. Mas eu me regozijo”*. O que significa: *“Mas eu me regozijo”*? Mesmo se isso ainda se realizar, assegura. Pois cooperaram comigo, a contragosto embora; e receberão castigo por sua fadiga, enquanto eu, que em nada contribuí para isso, serei recompensado. Existe algo pior que a malignidade do diabo, que planeja que se assuma a pregação, e prepara punição para os seus sequazes? Vês quantos males inflige aos seus? Prepara-lhes pena e suplício em troca da própria pregação e das fadigas por causa desta. Acaso outro inimigo e adversário da salvação dispõe as coisas de idêntica forma? Vês como aquele que combate a verdade nada pode, mas antes causa feridas a si mesmo, como alguém que “recalcitra contra o aguilhão” (At 26,14)?

19. *Porque sei que isso me redundará em salvação pelas vossas orações e pelo socorro do Espírito de Jesus Cristo.*

Nada mais maligno que o diabo. Ele em toda parte envolve os seus sequazes em trabalhos infrutuosos, e os dilacera. Não só não suporta que obtenham os prêmios, mas sabe sujeitá-los à punição. Efetivamente, não apenas institui como lei a pregação do evangelho, mas igualmente o jejum e a virgindade, de tal sorte que não apenas os priva da recompensa, mas submete os seus seguidores a uma grave imposição. A este respeito foi dito numa passagem: “Têm a consciência cauterizada” (1Tm 4,2).

Por conseguinte, exorto-vos, agradeçamos a Deus por tudo, por nos ter aliviado os fardos, e aumentado as recompensas. São premiados os nossos esposos castos; entretanto, os que praticam a castidade entre eles não têm parte nestes prêmios e os hereges que assumem a virgindade são sujeitos a pena igual à dos que vivem na impureza. Qual o motivo? Não agem com reta intenção, e têm em vista caluniar as criaturas de Deus e a sua inefável sabedoria. Não sejamos, portanto, indolentes. Deus nos entregou a combates moderados, não fatigantes. Nem por isso os menosprezemos. Quando os hereges intensificam seus fardos insensatos, que defesa teremos se não queremos assumir os menores, que ocasionam maior retribuição? O que há de pesado, de esmagador nos mandamentos de Cristo? Não podes guardar a virgindade? Ser-te-á lícito casar-te. Não podes renunciar a todos os teus bens? É possível assistir os necessitados com algo do que tens. Diz a Escritura: *“O que para vós sobeja, suprirá a carência deles”* (2Cor 8,14). Talvez pareça pesado, digo, desprezar as riquezas, e vencer a concupiscência da carne. Aquelas práticas, porém, não causam dano algum, não exigem nenhum esforço. Que esforço, dize-me, é necessário para não falar mal, nem simplesmente caluniar? Que força exige não invejar o bem alheio? Que esforço para não ser arrastado pela vanglória? Suportar a tortura é fortaleza. Reclama fortaleza exercitar-se na sabedoria, força suportar a penúria, força pelejar com a fome e a sede. Quando nada disso te acontece, e ao contrário te é lícito usufruir dos próprios bens,

como convém a um cristão, seria pesada obrigação não cobiçar o alheio? Antes, todos os vícios não se originam senão da cobiça, da dependência relativa aos bens terrenos. Se, porém, tens por nada as riquezas e a glória deste mundo, não invejarás os seus possuidores.

Uma vez, porém, que pasmas diante destas coisas, tens admiração e aspiras por elas, também importunam-te os assaltos da inveja, e ainda os da vaidade. Tudo isso provém de amares os bens da vida presente.

Tens inveja de alguém porque é rico? E não seria ele digno de compaixão e de lágrimas? Imediatamente replicarias rindo: Eu é que mereço lágrimas, não ele. Digno de lástima és tu, não por seres pobre, e sim por te julgares digno de compaixão. Lastimamos os que não sofrem de mal algum e se impacientam, não por não padecerem, mas porque apesar de não estarem atacados de doença alguma, julgam estar. Por conseguinte, responde-me. Se, acaso, um homem já sem febre, agita-se e revolve-se, deitado na cama apesar de estar são, não é mais lastimável do que os febricitantes, não por uma febre que ele na realidade não tem, mas porque de nada sofre e imagina sofrer? E tu és digno de lástima porque te julgas merecedor de compaixão, não pela pobreza. Pela pobreza, devias reputar-te feliz.

Por que invejas o rico? Porque está sujeito a muitas preocupações e à pior das escravidões? Por estar preso pelas riquezas com mil correntes, como um cão? Vem a tarde, cai a noite e para ele o tempo do descanso se torna ocasião de tumulto, desgosto, tristeza e preocupação. Sobrevém um ruído? Tem um sobressalto. Alguém é roubado? Mais se aflige quem nada perdeu do que aquele que foi roubado. Este perdeu uma vez só, aborrece-se e em seguida despreocupa-se; ele, porém, fica continuamente apreensivo. Cai a noite, seguro porto na tormenta de nossos males, alívio de nossas tribulações, remédio de nossas feridas. De fato, os que estão acabrunhados por viva dor, quando os amigos, os conhecidos, os íntimos, frequentemente até os pais querem confortá-los, não aceitam nem suportam, mas ficam indignados com suas palavras. É mais aguda a dor que aflige nossas almas do que qualquer queimadura. Ao sono que as obriga ao repouso, não podem de forma alguma resistir. E como se leva o corpo consumido de calor, em luta contra os raios extenuantes do sol, a uma hospedaria com muitas fontes e o alívio de uma brisa suave, assim a noite entrega nossas almas ao sono; ou antes, não é a noite, nem o sono que o faz, e sim Deus que conhece a mísera condição do gênero humano. Ao invés, nós não nos compadecemos de nós mesmos, mas quais inimigos, excogitamos tirania mais imperiosa do que a natural necessidade e o repouso: a insônia proveniente da riqueza. Pois diz a Escritura: “*A ansiedade por causa da riqueza provoca a insônia*” (Eclo 31,1). Vê, porém, a grandeza da providência divina. Não confia à nossa decisão o repouso, nem à livre escolha a necessidade do sono, mas submete-os a uma imposição natural, para que mesmo contra a vontade sejamos beneficiados. Dormir é uma lei da natureza. Nós, porém, como se odiássemos demais a nós mesmos, quais inimigos e perseguidores de um outro, excogitamos a tirania das riquezas, mais forte do que a necessidade natural. Raiou o dia? Tal rico receia fraudulentos delatores. Cai a noite? Tem medo dos ladrões. Aproxima-se a morte? Mais do que a morte atormenta-o o pensamento de que os seus bens passarão a outras mãos. Tem um filhinho? Cresce a ambição, e considera-se pobre. Não tem? O sofrimento é maior.

Julgas ser feliz esse homem ao qual nada satisfaz? Podes invejar a um periclitante, enquanto te encontras no porto tranquilo da pobreza? Na realidade é também uma falha da natureza humana não saber utilizar as riquezas generosamente, mas irritar-se contra a própria prosperidade.

Assim sucede aqui na terra. Quando, porém, partimos daqui, ouve o que pede o rico, dono de imensas riquezas, na tua opinião; quanto a mim, não consigo denominá-las um bem, mas considero-as

indiferentes. Escuta o que diz este dono de inúmeras riquezas, e em que necessidade se encontra. Pede: *“Pai Abraão, manda que Lázaro molhe a ponta do dedo para me refrescar a língua, pois estou torturado nesta chama”* (Lc 16,24). Se, portanto, aquele rico nada sofreu do que referi, se passou sem temores nem cuidados toda a vida – por que toda a vida? –, digo melhor, aquele único momento – na realidade é um momento, pois não passa de um momento o tempo todo em comparação com os séculos infinitos –, se tudo correu de acordo com os seus desejos, não merecem compaixão suas palavras ou antes seu estado? O vinho não correu em abundância em tua mesa? Agora, contudo, não és dono nem de uma gota d’água, e dela tanto precisas! Não olhaste de cima para o pobre chagado? Agora, porém, desejás vê-lo, e ninguém o permite. Estava diante de tua porta, agora repousa no seio de Abraão. Habitavas sob amplos tetos, agora no fogo da geena.

Ouçam estas palavras os ricos; ou antes, não os ricos, mas os impiedosos. De fato, aquele não era castigado por ter sido rico, mas porque não se compadecera. É possível que os ricos compassivos se tornem partícipes de todo bem. No entanto, ele a nenhum outro divisou senão aquele indigente, a fim de que entendesse, ao se lembrar do que fez, ser justo o que padecia. Não existiam, de fato, inúmeros outros pobres que eram justos? Somente lhe apareceu aquele que jazia à sua porta, a fim de ensinar, a ele e a nós, como é bom não confiar nas riquezas. A pobreza não impediu o pobre de obter o reino; de nada adiantou a riqueza ao rico para escapar da geena. Desde quando o homem se chama indigente? Desde quando tem o nome de pobre? Não é, não é indigente o que nada tem, mas o que deseja muito; não é rico o possuidor de muitos bens, mas o que de nada precisa. Que adianta, com efeito, possuir toda a terra, e viver mais infeliz do que aquele que nada tem? A opção, não a abundância ou a falta de dinheiro, faz os homens ricos ou pobres.

Queres, ó pobre, tornar-te rico? Basta querer e ninguém o impedirá. Despreza os bens deste mundo; considera-os um nada, quais realmente são; rejeita a ambição das riquezas, e enriqueceste! Rico é quem não ambiciona enriquecer; o que não quer empobrecer é pobre. Assim como é doente quem estando com boa saúde inquieta-se com seu estado, não o que suporta a doença com tanta alegria como se estivesse com perfeita saúde, assim também é pobre quem não tolera a pobreza, mas no meio das riquezas considera-se mais pobre que um miserável qualquer, e não o que suportando a pobreza vive com mais alegria do que os ricos, no meio das riquezas; na verdade, ele é o mais rico de todos.

Dize-me, pois, por que receias a pobreza? Por que tremes diante dela? Por causa da fome? Por causa da sede? Do frio? Ou algo semelhante? Mas não há, não existe quem tenha estado em tão grande penúria! Diz a Escritura: *“Considerai as gerações passadas e vede: quem confiou no Senhor e ficou desiludido? Ou quem esperou por ele e foi desprezado?”* (Eccl 2,11-12). E ainda: *“Vede as aves do céu: não semeiam, nem colhem, nem ajuntam em celeiros. E, no entanto, vosso Pai celeste as alimenta”* (Mt 6,26). Talvez ninguém possa apontar-nos logo quem tenha perecido de fome e frio. Por que motivo, portanto, receias a pobreza? Não tens o que replicar. Se tens fartura do necessário, por que a receias? Por não teres uma multidão de escravos? Seria não ter donos, possuir contínua felicidade, libertação de preocupações. Ou por não serem de prata teus vasos, os leitos, o mobiliário? Em que o possuidor dessas coisas delas usufrui mais do que tu? Em coisa alguma. O uso é idêntico, sejam desta ou daquela matéria. Não és temido por muitos? Oxalá não sejas. Que prazer existe em causar temor e tremor? Mas seria por medo dos outros? Não há por que temer: *“Queres então não ter medo da autoridade? Pratica o bem e dela receberás elogios”* (Rm 13,3). Diria alguém: “Por que estamos sujeitos ao desprezo, e na iminência do sofrimento”. Não é a pobreza que o ocasiona; é principalmente a malícia dos homens. Muitos pobres passam a vida tranquilamente, enquanto príncipes, ricos e potentados terminam seus dias mais atribulados que os malvados, ladrões e espoliadores de túmulos.

Os perigos para ti existentes na pobreza, surgem para eles na riqueza. Se a ti os que querem danificar prejudicam devido a teu estado desprezível, assim àqueles causam dano por inveja e ambição; e mais neste último caso do que no primeiro; antes neste caso é mais forte o impulso de praticar a maldade. De fato, o invejoso faz tudo pela força e o poder, porém o desprezador muitas vezes até chega a ter pena do que é menosprezado; e a verdadeira pobreza, a carência de poder, transforma-se em causa de libertação.

Se lhe dissermos: “Grande feito eliminar este indivíduo, matar um pobre! Qual a vantagem que disso hás de obter?”. E assim podemos acalmar a sua ira. Quanto aos ricos, a inveja os persegue tão intensamente que não os larga antes de fazer o que quer e vomitar seu veneno. Vês que nem a pobreza nem a riqueza é um bem, mas tudo depende de nossa vontade? Seja orientada, instruída na sabedoria. Se acaso ela permanece no bem, a riqueza não nos pode excluir do reino, nem a pobreza nos permitirá lá entrar rapidamente. Mas suportemos a pobreza com mansidão e não sofreremos detrimento no gozo dos bens futuros, nem nos da terra; mas fruïremos dos terrenos e alcançaremos os bens celestes. Possamos todos nós deles ser partícipes etc.

TERCEIRA HOMILIA

1,18. *E com isso me regozijo. Mas eu me regozijo*

19. *porque sei que isso para mim redundará em salvação pelas vossas orações e pelo socorro do Espírito de Jesus Cristo.*

20. *A minha expectativa e esperança é de que em nada eu serei confundido, mas com toda a ousadia, agora como sempre, Cristo será engrandecido no meu corpo, pela vida ou pela morte.*

Mordedura alguma na alma grande e sábia acarreta qualquer dor da presente vida: nem inimizades, nem acusações, nem suspeitas, nem perigos, nem ciladas. Refugiada de certo modo em alto cume, é inacessível a todos os ataques das regiões inferiores da terra. Tal era a alma de Paulo, que alcançara um pico mais elevado do que todos os cumes, em sua sabedoria espiritual, a verdadeira filosofia. A filosofia dos pagãos consiste apenas em palavras e jogos infantis. No entanto, não é disso que trataremos agora, e sim da filosofia de Paulo. O santo tinha o Imperador a combatê-lo, e, além disso, outros inimigos que o contristavam, até com intensas calúnias. E o que dizia ele? “Não somente não me contristo, nem desanimo, mas *“com isso me regozijo. Mas eu me regozijo”*. Não apenas por algum tempo, mas por isso sempre me regozijo.

“Porque sei que isso para mim redundará em salvação.” Pois, como não redundará em salvação, quando até a inimizade e o ciúme contra mim adiantam à pregação do evangelho?

“Pelas vossas orações e pelo socorro do Espírito de Jesus Cristo, segundo a minha expectativa e esperança.” Vê a humildade deste santo homem! Estava em luta com contestações, praticara inúmeras boas obras, estava prestes a receber a coroa. Numa palavra, era Paulo. O que dizer de maior? E escrevia aos filipenses: *“Pelas vossas orações”*, “poderei alcançar a salvação”, ele que, em consequência de incontáveis serviços, obtinha a salvação.

“E pelo socorro do Espírito de Jesus Cristo”, acrescenta ele. O que significa: “socorro”? Talvez por intermédio de vossas orações, afirma, não serei indigno da graça. Quanto ao termo: “socorro”, significa: talvez fosse mais atendido, mais progredisse no Espírito. Redundará *em salvação*, isto é, libertação e escaparei do atual perigo como do anterior. Acerca do primeiro declara: “Na primeira vez em que apresentei a minha defesa ninguém me assistiu...não lhes seja imputado. Mas o Senhor me assistiu e me revestiu de forças” (2Tm 4,16-17). Ele, em todo caso, agora já profetiza: *“Pelas vossas*

orações e pelo socorro do Espírito de Jesus Cristo, segundo a minha expectativa e esperança". Assim, portanto, espero.

Todavia, não entrega tudo à oração deles, sem a própria participação; vê como apresenta-lhes sua contribuição, a esperança, causa de todos os bens, conforme a prece do profeta: "Senhor, que a tua misericórdia esteja sobre nós, conforme esperamos em ti" (Sl 33,22). E nesta outra passagem: "Considerai as gerações passadas e vede: quem confiou no Senhor e foi desiludido?" (Eccl 2,11). E ainda S. Paulo: "E a esperança não decepciona" (Rm 5,5).

"*Segundo a minha expectativa e esperança de que em nada eu serei confundido.*" Esta a esperança de Paulo: "*segundo a minha expectativa e esperança de que em nada eu serei confundido*". Vês quanto importa esperar em Deus? Aconteça o que acontecer, diz ele, não serei confundido, isto é, meus inimigos não me vencerão.

"*...mas com toda ousadia, agora como sempre, Cristo será engrandecido no meu corpo*". Eles esperavam por meio desta cilada eliminar a Paulo, extinguir a pregação, como se com esperteza conseguissem. Afirmo Paulo: "Isto não sucederá, não morrerei agora", "*mas, agora como sempre, Cristo será engrandecido no meu corpo*". Como? Muitas vezes estava em perigos, nos quais todos, mais ainda nós próprios, nos julgávamos perdidos; "*sim; recebêramos em nós mesmos a nossa sentença de morte*" (2Cor 1,9), mas Deus nos libertou de tudo isso. Ainda agora ele será engrandecido no meu corpo. Não julgue, nem conteste alguém: "Se morreres, ele não será glorificado?" Ele replica: "Sim, sei. Mas não afirmo que a vida somente o glorifica, mas acrescentei: "*pela morte*". Entretanto, assegura, ele será glorificado "*pela vida*"; eles não me matarão, porém mesmo que me eliminem, também deste modo Cristo será engrandecido. Como? "*Pela vida*", porque serei libertado; "*pela morte*", porque nem a morte me persuadiu a renegá-lo, desde que ele me concedeu esta resolução e também fez-me mais forte do que a morte. De um lado, por me livrar dos perigos, de outro, por não me deixar temer a tirania da morte. Desta maneira, será glorificado por minha vida e por minha morte.

Não se exprime assim porque estivesse perto da morte, mas a fim de que, por ocasião de sua morte, eles não se deixassem levar por alguma fraqueza humana. No entanto, não profere estas palavras como se estivesse iminente sua morte, que especialmente os contristaria; vê como os consola. Fala mais ou menos nesses termos: "Não digo isto como se devesse morrer". Por este motivo mais adiante acrescenta: "*Convencido disso, sei que ficarei e continuarei com todos vós*". Relativamente à locução: "*Em nada eu serei confundido*", significa: "Não considero opróbrio morrer, ao invés, grande lucro". Por quê? Efetivamente não sou imortal, mas brilharei com maior fulgor do que se o fosse. Não é a mesma coisa para um imortal ou um mortal desprezar a morte. Nem mesmo a morte iminente me confundiria; ou melhor, não devo morrer agora. "*Em nada serei confundido*", nem pela vida nem pela morte, assegura, pois suportarei com firmeza a ambas, a vida ou a morte. Muito bem. É digno de uma alma cristã! Acrescenta: "*Com toda ousadia*". Vês como não me sinto confundido?

Se, porém, o temor da morte me tirar a confiança, então a morte será para mim vergonhosa. Quando, ao contrário, nenhum desses eventos me atemoriza, não serei confundido. Por viver, não serei confundido, porque anunciarei o evangelho. Por morrer, não serei confundido; medo algum me dominará. Mostrarei sempre igual ousadia.

Com efeito, não julgueis que, ao mencionar minha prisão, me envergonhe. Ocasinou-me tais bens que infundiu ousadia também em outros. De fato, vergonhoso não é ser prisioneiro por causa de Cristo, e sim atraiçoar em algo a Cristo por medo das cadeias, de sorte que enquanto tal não acontecer, a prisão até conduz à ousadia. Nem por ter escapado muitas vezes dos perigos (e tenho por isso com

que gloriar-me diante dos infiéis), considerai logo vergonhoso se nada disso acontecer; e isso não menos do que aquilo vos transmite confiança. Vê que se apresenta com o aspecto habitual, pois muitas vezes e em outras passagens assim age, conforme faz na carta aos Romanos, ao declarar: *“Na verdade, eu não me envergonho do evangelho”* (Rm 1,16), bem como aos coríntios: *“Nisso tudo eu me apresentei como exemplo juntamente com Apolo”* (1Cor 4,6).

“Pela vida ou pela morte.” Não o declara como se o ignorasse. Estava bem ciente de que não morreria então, porém mais tarde; no entanto, já preparava o ânimo deles:

21. Pois para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro.

E, portanto, morrendo não morrerei, porque tenho a vida em mim. Os inimigos me aniquilariam no caso de que, pelo medo, conseguissem tirar a fé de minha alma. Enquanto Cristo estiver comigo, mesmo que sobrevenha a morte, eu vivo. E ainda nesta vida, não sou eu que vivo, mas Cristo em mim. Se, portanto, *“Minha vida presente na carne, eu a vivo pela fé”*, também aqui afirmo: *“Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim”* (Gl 2,20). Assim deve ser o cristão. *“Não vivo, diz ele, a vida comum.”* Como vives então, São Paulo? Não vês o sol? Não respiras o ar comum? Não ingeres os mesmos alimentos que os demais homens? Não pisas o chão, como nós? Não dormes? Não te vestes? Não usas calçado? Por que dizes: *“Não vivo”*? Como não vives? Por que te vanglorias? Não se trata de vanglória. No entanto, se os fatos não o comprovassem, sinceramente alguém te diria tratar-se de vanglória; se, ao invés, o atestam, qual a vanglória? Verifiquemos, pois, como não vive. Em outra passagem, de fato, ele afirma: *“O mundo está crucificado para mim e eu para o mundo”* (Gl 6,14). Escuta por que diz: *“Já não sou eu que vivo”*, e ainda: *“Para mim o viver é Cristo”*:

A palavra *“vida”* tem vários sentidos, caríssimos, isto é, assinala muitas coisas, bem como o termo *“morte”*. Existe vida corporal, e existe vida em pecado, conforme ele declara noutro lugar: *“Nós que morremos para o pecado, como haveríamos de viver ainda nele?”* (Rm 6,20).

De fato, é possível viver uma vida de pecado. Atendei cuidadosamente, por favor, a fim de não nos esforçarmos em vão. Existe, depois desta, uma vida perpétua e imortal, a celeste: *“mas a nossa cidadania está nos céus”* (Fl 3,20). Existe também uma vida corporal, da qual diz a Escritura: *“É nele, com efeito, que temos a vida, o movimento e o ser”* (At 17, 28). Não nega que tem a vida física, portanto, e sim uma vida de pecados, conforme, evidentemente, os homens vivem. Pois aquele que não deseja a vida presente, como viverá por esta? Quem se apressa para a outra vida, como viverá por esta? Quem despreza a vida mortal, como viverá por causa desta? Quem nada deseja dos bens terrenos, como viverá a vida presente? Um homem de aço, pode ser golpeado mil vezes, jamais mudará; assim é Paulo. Vivo, assevera, mas não eu, isto é, o velho homem. E ainda em outra passagem: *“Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte?”* (Rm 7,24). Igualmente, quem nada faz tendo em vista o alimento, ou a roupa, nada por causa dos bens presentes, como viverá aqui na terra? Tal homem já não vive uma vida natural; quem não se preocupa com a própria subsistência, não a vive. Vivemos esta vida terrestre nós que tudo fazemos por ela. Paulo, contudo, não vivia deste modo; não se envolvia com coisa alguma da terra. Como vivia então? Justamente como se costuma falar: *“Não me interessa este ou aquele homem, nada faz do que me toca”*. E igualmente: *“Este ou aquele não vive para mim”*. Em outro trecho ele mostra que não rejeita a vida natural: *“Minha vida na presente carne, eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim”* (Gl 2,20), isto é, vivo uma vida nova, diferente por completo.

Profere todas estas coisas para consolo dos filipenses. Afirma: *“Não julgueis que serei privado desta vida; pois, nem enquanto estou vivo é a vida presente que vivo, e sim me conformo à vontade de*

Cristo”. Dize-me, por conseguinte: Quem não cogita de riquezas, luxo, fome e sede, perigos, saúde, imunidade, vive a vida presente? Aquele que nada disso possui, que, em caso de necessidade, muitas vezes quer renunciar a elas, e não as disputa, este vive a vida presente? De forma alguma.

Por um exemplo, vou esclarecer a questão. Imaginemos alguém que possui imensas riquezas, inúmeros servos, muito ouro, e nada disso utiliza; esse tal será verdadeiramente rico? De forma alguma. Vê, porém, os filhos desperdiçarem os bens, vagabundos, e não se preocupa a respeito deles; e talvez atingido por golpes, não se penaliza. Diremos que ele vive no meio das riquezas? Absolutamente não, embora sejam de propriedade sua. Assim também Paulo: *“Para mim o viver é Cristo”*. Se queres investigar a respeito de minha vida, ele é minha vida. *“O morrer é lucro.”* Por que razão? Porque estarei mais unido a ele, conhecendo-o melhor, de sorte que será antes viver que morrer. Meus assassinos nada de mal me infligirão, enviando-me para a verdadeira vida, e livrando-me desta que não me interessa. Como assim? Permanecendo aqui, não tens a vida de Cristo? Certamente tenho.

22. *Mas, se o viver na carne me dá ocasião de trabalho frutífero, não sei bem o que escolher.*

Por isso, ninguém me diga: “Se no além está tua verdadeira vida, por que Cristo te deixa na terra?” “É um trabalho frutífero”, responde. É possível usar da presente vida como convém, não vivendo como a maioria. Isso, diz ele, a fim de não pensares que esteja caluniando a vida terrestre, nem afirmes: “Se a vida presente para nada de bom serve, por que não nos suicidamos, não nos matamos?” “De modo algum”, responde. Aqui também é possível lucrar, se não vivermos esta vida e sim uma diferente. Mas, pode-se perguntar: “E isso frutifica?” “Sim”, replica.

E agora, onde ficam os hereges? Eis agora o que dizem eles: “Viver segundo a carne, isso é trabalho frutífero; e, portanto, fruto do trabalho”. Qual o teu *“trabalho frutífero”*? “Minha vida presente na carne, eu a vivo pela fé no Filho de Deus” (Gl 2,20). Por conseguinte, o meu é *“trabalho frutífero”*. E *“não sei bem o que escolher”*.

Oh! que profunda sabedoria! De que maneira também exclui o desejo da vida presente, contudo não a rejeita! A afirmação: *“O morrer é lucro”* exclui o desejo; quanto à locução: *“Se o viver na carne me dá ocasião de trabalho frutífero”* demonstra a necessidade da vida presente. De que forma? Se a emprego conforme convém, se produz frutos, porque se é infrutífera, não chega a ser vida. Por conseguinte, a árvore que não produz fruto, semelhante à árvore seca, nós a depreciamos e jogamos ao fogo. Ainda, a vida pertence à categoria das coisas indiferentes; viver bem ou mal depende de nós. Não odiemos a vida, uma vez que existe vida e excelente; e se a empregamos mal, nem assim a acusemos. Por quê? Porque não é ela a causa disso, mas a livre escolha dos que a empregam mal. Na verdade, Deus te fez viver porque podes viver para ele; tu, porém, a vives segundo a malícia do pecado, e assumes toda a responsabilidade da questão. Dize-me o que pensas, ó Paulo. Não sabes o que preferir? Aqui ele revela o grande mistério de que era livre de partir ou não; onde há escolha, somos livres. *“Não sei bem o que escolher.”* Isso depende de ti? Sim, diz ele, se quiser pedirei a Deus essa graça.

23. *Sinto-me num dilema: o meu desejo...*

Vê o ardente amor deste santo! E os filipenses ficam consolados ao se certificarem de que ele tinha a liberdade de escolher, que os acontecimentos não estavam dependendo da malícia humana, mas do plano de Deus. “Por que”, pergunta ele, “vos contristais acerca de minha morte? Muito melhor seria já ter partido”. Assegura, portanto:

Partir e ir estar com Cristo...é muito melhor.

24. Mas o permanecer na carne é mais necessário por vossa causa.

São palavras que os preparam para sua futura morte, a fim de que a suportem generosamente. Ensinam a verdadeira sabedoria. “É melhor”, afirma, “partir e ir estar com Cristo”. A morte em si é indiferente. Não é um mal, portanto, a morte em si, mas é um mal ser castigado depois da morte. Nem é um bem a morte, mas é um bem ao que parte “ir estar com Cristo”. O estado posterior à morte enfim é um bem ou um mal.

Por conseguinte, não lastimemos simplesmente os mortos, nem nos alegremos simplesmente acerca dos vivos. O que faremos? Lastimemos os pecadores não somente ao morrerem, mas também enquanto viverem. Alegremo-nos, no entanto, relativamente aos justos, não somente vivos, mas também mortos. Os primeiros, de fato, mesmo estando vivos morreram, estes, contudo, apesar de morrerem estão vivos. Os primeiros aqui na terra precisam da misericórdia, porque ofendem a Deus; os outros se partem da terra são felizes porque vão ter com Cristo. Os pecadores, onde quer que estejam, estão longe do Rei; por isso merecem pranto. Os justos, no entanto, na terra ou no além, estão junto do Rei; lá, muito mais perto, não em figura, nem através da fé, mas face a face (cf. 1Cor 13,12).

Em consequência, não lastimemos simplesmente os que morrem, mas os que morrem em pecado; são dignos de choro, de luto, de lágrimas. Que esperança há, dize-me, em partir carregado de pecados, uma vez que lá não há remissão de pecados?

Enquanto estavam na terra, havia grande esperança de que se arrependeriam, de que se tornariam melhores. Se acaso forem para o inferno, onde não há possibilidade de conversão – porque, diz o salmista, “no inferno, haverá conversão”? (Sl 6,6) –, não serão dignos de pranto? Choremos os que partem desta forma, não me oponho; choremos, porém com gravidade, sem arrancar os cabelos, desnudar os braços, lacerar o rosto, ou colocar vestes de luto, mas somente derramando silenciosa e interiormente lágrimas amargas. É possível, de fato, sem barulho exterior, chorar amargamente, mas não de modo espetacular. Os que assim agem estão se exibindo. Não são solidários os lamuriantes, os que choram publicamente; tratar-se-ia de exibição, ambição de honras e vaidade. Muitas mulheres o fazem por profissão.

Chora amargamente, geme em casa, sem testemunhas oculares. Isso é solidariedade, e traz proveito também para ti. Quem assim chora o próximo, cuidará bem mais de não cair em idênticas faltas. De resto, o pecado ser-lhe-á pavoroso. Chora os infiéis, chora os que em nada se distinguem deles, os que partem sem o batismo (a “iluminação”), a confirmação (o “selo”). Estes são dignos de lamentação, de lágrimas. Ficarão fora do palácio do rei, com os réus, os condenados. Efetivamente, “em verdade vos digo: quem não nasce da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus” (Jo 3,5). Lamenta os que morreram na posse de riquezas, sem pensar em aproveitá-las para alívio de suas almas, os que tinham oportunidade de apagarem os pecados e não o quiseram.

A estes todos choremos em particular e em público; mas com compostura, com dignidade, sem exibição. Choremos não um dia, nem dois, mas durante toda a vida! Prantear assim não constitui paixão absurda, mas verdadeira afeição; do contrário, seria paixão insensata, que logo se extingue. A originária do temor de Deus, dura sempre. Por conseguinte, deploremo-los, auxiliemo-los à medida de nossas forças, excogitemos uma ajuda, pequena embora, conquanto possível. Qual e de que modo? Nós próprios rezaremos por eles, e exortaremos a que por eles se façam preces, frequentemente dando aos pobres na intenção deles. Esta ação proporciona certo alívio. Escuta as palavras que Deus profere: “Protegerei esta cidade por amor de mim mesmo e do meu servo Davi” (2Rs 20,6). Se tanto pode apenas a lembrança do justo, o que não poderão as obras em seu favor? Não é em vão que os apóstolos determinaram que seja feita memória dos defuntos nos tremendos mistérios. Eles sabiam que se

retiraria muito lucro, muita utilidade. Pois, quando o povo inteiro está de pé com as mãos erguidas, o clero completo, e é apresentada a tremenda vítima, como nossas súplicas não haverão de tornar-lhes Deus propício?

Isso, porém, acerca dos fiéis que partem; quanto aos catecúmenos, não fazem jus a tal alívio, mas carecem de todos esses auxílios, exceto um só. E qual é? Dar aos pobres, em sufrágio por eles; esse ato proporciona-lhes certo alívio. Efetivamente, Deus quer que nos ajudemos mutuamente. Por que ordenou que se reze em prol da paz e prosperidade de todo o mundo? Por que em favor de todos os homens (cf. 1Tm 2,1ss)? Apesar de entre esses todos se encontrarem ladrões, violadores de túmulos e laráprios, principalmente réus de inúmeros crimes, rezamos por todos sem exceção, porque é possível que haja dentre eles algum que se converta. E assim como oramos por esses vivos, que não se distinguem dos mortos, é também lícito rezar por eles.

Jó oferecia sacrifícios pelos filhos e obtinha-lhes a remissão dos pecados. Disse: “Talvez tenham cometido pecado em seus corações” (Jó 1,5). É deste modo que importa preocupar-se com os filhos. Não falava como tantos atualmente: “Deixo-lhes uma propriedade”. Não disse: “Obtenho-lhes honrarias”. Não declarou: “Vou adquirir-lhes poder”. Não disse: “Vou comprar umas terras”. Ao invés, o quê? “Talvez tenham cometido pecado em seus corações.” Qual a vantagem de todos aqueles bens que devem ficar aqui na terra? Nenhuma. “Vou tornar-lhes propício o Rei do universo”, diz ele, “e enfim, coisa alguma lhes faltará”. “O Senhor é meu pastor, nada me falta” (Sl 23,1).

Esta a grande riqueza, este o tesouro. Se temos o temor de Deus, nada nos falta. Mas, se o não tivermos, mesmo que possuímos um reino, somos os mais pobres dos homens. Nada de semelhante àquele que teme o Senhor. “O temor do Senhor excede a tudo” (Eclo 25,14). Queiramos adquiri-lo, por ele tudo façamos; e se tivermos de perder a vida, e se o corpo tiver de ser trucidado, não recuaremos. Façamos tudo para obter este temor. Desta forma seremos os mais ricos de todos, e alcançaremos os bens futuros em Cristo Jesus nosso Senhor, ao qual com o Pai e o Espírito Santo glória, poder, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

QUARTA HOMILIA

1,22. *Não sei bem o que escolher.*

23. *Sinto-me num dilema: o meu desejo é partir e ir estar com Cristo, pois isso me é muito melhor,*

24. *mas o permanecer na carne é mais necessário por vossa causa.*

25. *Convencido disso, sei que ficarei e continuarei com todos vós, para proveito vosso e para alegria da vossa fé,*

26. *a fim de que, por mim – pela minha volta entre vós –, aumente a vossa glória em Cristo Jesus.*

Nada mais feliz que a alma de Paulo, porque não existe outra mais generosa. Mas é oportuno dizer o oposto acerca dos demais: Nada mais fraco, mais mísero do que nós. Efetivamente, todos estremecemos diante da morte, uns por causa da multidão de seus pecados, entre os quais estou eu, outros por amor à vida e covardia, entre os quais possa nunca me encontrar!

São carnaís os que a temem. Justamente por aquela partida que provoca estremecimento em todos, Paulo roga e anela, dizendo: “*Partir é muito melhor*”. Não sei bem o que escolher”. O que dizes? Prestes a trocar a terra pelo céu, e estar com Cristo, não sabes o que escolher? Longe do espírito de Paulo este pensamento! Se for a alguém feita esta oferta e bem assegurada, não quer logo agarrá-la? Certamente, é a resposta. Mas não podemos partir e ir estar com Cristo, nem no momento de alcançá-

lo podemos permanecer aqui; quanto a Paulo e a seu espírito, porém, ambas as coisas são possíveis. Que dizes? Sabes e estás persuadido de que estás para ir ao encontro de Cristo, e hesitas, dizendo: “*Não sei bem o que escolher*”. E não apenas isto, mas também escolhes permanecer aqui, a saber, “*permanecer na carne*”? Afinal, o que é isso? Não tens vida assaz difícil? Vigílias, naufrágios, fome, sede e nudez, tribulações e preocupações? Não te sentes fraco com os que fraquejam, não te abrasas com os que se escandalizam? (cf. 2Cor 11,23-29). “Por grande perseverança nas tribulações, nas necessidades, nas angústias, nos açoites, nas prisões, nas desordens, nos jejuns, pela pureza...” (cf. 2Cor 6,4-6) “Recebi cinco vezes os quarenta golpes menos um. Três vezes fui flagelado. Uma vez, apedrejado. Passei um dia e uma noite no abismo do mar. Sofri perigos nos rios, perigos por parte dos ladrões, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos por parte dos falsos irmãos!” (cf. 2Cor 11,24-26). Quando toda a nação gálata retornou à observância da Lei, não gritaste: “Rompestes com a graça, vós que buscais a justiça na Lei”? (Gl 5,4). Quão imenso foi o teu pesar! E ainda preferes a vida perecível? Mas se nada disso acontecesse, e praticasses todas as boas ações com tranquilidade e conforto, não conviria por causa da incerteza do futuro apressar-te em direção a um porto seguro? Diga-me qual o mercador que tivesse uma nau cheia de incríveis tesouros, e houvesse possibilidade de acorrer a um porto e descansar, haveria de preferir ainda navegar? Qual o lutador, que prestes a ser coroado, escolheria estar ainda na refrega? Qual o pugilista que poderia cingir a coroa, iria optar por entrar novamente no prélio, e expor-se a quebrar a cabeça? Qual o general, que poderia sair da guerra com louvores e troféus, e descansar junto do Rei no palácio real, e gostaria de ainda suar e partir para o campo de batalha? Por que ainda queres permanecer aqui, com uma vida tão atribulada? Tu mesmo não afirmas: “Não aconteça que, tendo proclamado a mensagem aos outros, venha eu mesmo a ser reprovado”? (1Cor 9,27). Se não por outro motivo, ao menos por este convinha desejar a partida. Fosse embora a vida presente repleta de inúmeros bens, convinha pelo desejo de estar com Cristo, ansiar por essa partida. Oh! o espírito de Paulo! Nada de semelhante já existiu, nem existirá! Receias pelo futuro, e estás implicado em mil tribulações, e não queres ir ter com Cristo? Não, responde ele; e isso por causa de Cristo, a fim de confortar na prática do bem os seus servos que lucrei e de que frutifiquem os campos que plantei. Não ouviste que não procuro os meus interesses e sim o que é proveitoso ao próximo? (cf. 1Cor 10,33). Não escutaste que “quisera ser anátema, separado de Cristo”, em favor de muitos, para que se aproximassem dele? (cf. Rm 9,3). Tendo desejado isto, não devo antes assumir de bom grado o detrimento da demora e da dilação, para que eles alcancem a salvação?

“Quem poderá dizer tuas proezas, Senhor?” (Sl 106,2), que não permites fique Paulo oculto, que mostras este homem a toda a terra? Todos os anjos te louvavam em uníssono, ao produzires os astros, e igualmente ao criar o sol (cf. Jó 58,7). Mas não tanto como ao manifestares Paulo a nós e à terra inteira. Deste modo, a terra se tornou mais brilhante que o céu; e ele, mais fulgurante do que a luz solar, espalhou brilho mais deslumbrante, emitindo raios mais cintilantes. Que bons frutos nos proporcionou? Não conseguiu espigas cheias, nem cultivou romãs, mas produziu o fruto da piedade, levou-o à perfeição e recuperou sempre os que caíam apodrecidos. É natural. O sol nada mais pode pelos frutos, uma vez caídos. Paulo, contudo, retirou dos pecados milhares de seres em podridão. O sol cede lugar à noite, Paulo, porém, vence o diabo. Nada o detém, nada o domina. O sol, do alto, faz descer os seus raios, Paulo, todavia, surgindo de baixo, não enche de luz o intervalo entre céu e terra, mas logo que abre a boca causa imenso gozo os anjos. Como? Se há alegria nos céus por um pecador que se converta (cf. Lc 15,10), ele que, na primeira pregação, tantos captou para Cristo, como não encherá de alegria as potestades celestes?

Mas, o que digo? Basta apenas nomear Paulo, e os céus exultam e se regozijam. Se, portanto,

quando os israelitas saíram do Egito, “os montes saltaram como carneiros” (cf. Sl 114,1.4), quando são transferidos homens da terra para o céu, qual não será a alegria? Por conseguinte, “*o permanecer na carne é mais necessário por vossa causa*”. De resto, que desculpa teremos? Muitas vezes, efetivamente, a um homem cabe por sorte morar numa cidade pequena e pobre, e prefere não trocá-la por outro local, dando a primazia ao próprio sossego. Paulo, prestes a partir para ir ter com Cristo, não quer a Cristo. A Cristo, por ele de tal modo desejado, a ponto de preferir, por causa dele mesmo, a geena. E ainda ficar para prosseguir a luta em favor dos homens. Qual será a nossa defesa? Na verdade, é tudo fazer apenas menção de Paulo? Olha seus atos! Mostra que é melhor partir, persuadindo os filipenses a que não se entristeçam. Mostra que, se acaso permanecer, permanece para o bem deles, e não devido à maldade dos inimigos. A fim de que confiem, apresenta também o motivo. Se, pois, é absolutamente necessário que permaneça, e não simplesmente permaneça, mas no meio de vós – é isto que significa: “*continuarei com todos vós*”, quer dizer, “eu vos verei”. Qual a finalidade? “*Para proveito vosso e para alegria de vossa fé.*” Então exorta-os a acautelarem-se. Se, pois, fico por vossa causa, cuidai de não ocasionar vergonha à minha permanência. Estando prestes a ver a Cristo, preferi ficar “*para proveito vosso*”. Preferi ficar, a fim de que minha presença reverta em fé e alegria. Como? Fica apenas por causa dos filipenses? Não apenas por causa deles. Declara isso, porém, para curá-lo. Como seria para proveito da fé? A fim de fortificar-vos mais, como os filhotes das aves que precisam da mãe, até lhe crescerem asas mais fortes. Constitui comprovação de grande amor. Deste modo também nós estimulamos a alguém, dizendo-lhe: “Fico por tua causa, a fim de te tornares melhor”. “*A fim de que por mim – pela minha volta entre vós –, aumente a vossa glória em Cristo Jesus.*” Vês que a palavra: “*continuarei com todos vós*” significa isto? Considera a sua humildade. Tendo dito: “*para proveito vosso*”, mostra que é também para a sua própria utilidade. Faz o mesmo na Carta aos Romanos, dizendo: “Ou melhor, para nos confortar convosco”, tendo dito mais acima: “Para vos comunicar algum dom espiritual” (Rm 1,11-12). O que significa: para que “*aumente a vossa glória*”? Que também constituía glória estar firme na fé (esta é a glória em Cristo), viver retamente.

“*Por mim – pela minha volta entre vós – aumente a vossa glória*”? Sim, retruca. Qual é, portanto, a nossa esperança, a coroa da glória? Ou não sois também vós? “Sois vós a nossa glória”, como nós somos a vossa (cf. 1Ts 2,19-20). Quer dizer, tenho muito mais motivo de gloriar-me a vosso respeito. Como? “*Para que aumente a vossa glória.*” Tenho mais razões de gloriar-me por causa de vosso progresso.

“*Pela minha volta entre vós.*” Como é isso? Ele foi para junto deles? Examinai se ele foi.

27. Somente vivei vida digna do evangelho de Cristo.

Não verificas que a única finalidade por que proferiu tudo isso foi a de exortar ao progresso na virtude? “*Somente vivei vida digna do evangelho de Cristo.*” Que sentido tem a locução: “*Somente*”? Procurar apenas isto e nada mais. Se for assim, nada de lastimável nos sucederá.

“*Para que eu, indo ver-vos ou estando longe, ouça dizer de vós.*” Não se exprime assim porque ele houvesse mudado, ou não quisesse mais ir ter com eles. Mas se isto suceder, poderei mesmo ausente alegrar-me.

“*Ouçã dizer de vós que estais firmes num só espírito... com uma só alma.*”

Principalmente é isto que une os fiéis e os congrega mais fortemente no amor. Cristo orou: “Que sejam um” (Jo 17,11). De fato, “todo reino dividido contra si mesmo acaba em ruína” (Mt 12,25). Por conseguinte, também Paulo muito aconselha a que tudo se faça em harmonia; igualmente declara

Cristo: “Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13,35). Quer dizer: “Não fiqueis na expectativa de minha vinda, mas sonolentos, de certo modo cessando de esperar; e em seguida, verificando que não venho, adormeceis”. E eu posso também me alegrar, ao ouvir notícias vossas. O que significa: “*num só espírito*”? Significa: na mesma graça de concórdia, de idêntico zelo. Efetivamente, há um só espírito e ele o demonstra propondo sempre a mesma coisa. Lutar com uma só alma, pois temos todos um só espírito. “*Uma*” designa a concórdia. Eis que se diz: muitas almas são uma só. Assim era antigamente, conforme foi dito: “A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma” (At 4,32).

Lutando juntos com uma só alma, pela fé do evangelho.

Talvez, apesar de lutar pela fé, lutam juntos entre si. Que sentido tem esta frase? Acaso lutam uns contra os outros? Mas o que ele diz é o seguinte: Auxiliai-vos mutuamente, “*lutando juntos, pela fé do evangelho*”!

28. *Em nada vos deixeis atemorizar pelos vossos adversários, o que para eles é sinal de ruína, mas para vós, de salvação.*

Exprime-se muito bem: “*Em nada vos deixeis atemorizar*”. Da parte dos inimigos, pois, é possível somente isso: atemorizar. “*Em nada*”, afirma, aconteça o que acontecer, sejam perigos, sejam perfídias. É próprio dos que se mantêm firmes. Aqueles, portanto, apenas assustam; nada mais. Por conseguinte, como era provável que os filipenses se perturbassem ao saberem dos inúmeros sofrimentos de Paulo, assegura que não está dizendo: “Não vos abaleis” e sim: “Não vos assusteis, ao contrário, desprezai-os inteiramente”. Assim decididos, já se tornam evidentes a sua ruína e a vossa salvação. Quando eles virem, portanto, que planejam mil coisas e não conseguem vos assustar, reconhecem aí um sinal de sua própria ruína. Quando, pois, os perseguidores verificarem que não vencem os perseguidos, os embusteiros que não superam os que eles traíram, os poderosos que não dominam os súditos, imediatamente não verão com clareza que estão perdidos, que nada podem, que sua posição é falsa, que é débil?

E isso da parte de Deus.

29. *Pois vos foi concedida, em relação a Cristo, a graça não só de crerdes nele, mas também de por ele sofrerdes.*

Novamente ensina-lhes a moderar seu modo de pensar, a atribuir tudo a Deus, e denomina uma “*graça*”, um dom, uma dádiva sofrer por Cristo. Não vos envergonheis deste dom. E é realmente mais admirável que ressuscitar os mortos e fazer milagres. Pois, nesse caso sou devedor, no outro o devedor é Cristo. Por conseguinte, não apenas não devemos nos envergonhar, mas antes alegrar-nos, estando de posse de tal dom. Ele dá às virtudes o nome de carismas, não em sentido próprio, como relativamente aos outros carismas. Na verdade, os outros vêm totalmente de Deus, enquanto nas virtudes também nós tomamos parte. Mas visto que igualmente aqui a parte principal é de Deus, diz-se que o todo é dele; não, porém, que se queira eliminar o livre-arbítrio, e sim fazer-nos discretos e agradecidos.

30. *Empenhados no mesmo combate em que me vistes empenhado.*

Significa: “Tendes um exemplo”. Mais uma vez louva-os com isto. Mostra-lhes que sempre estavam empenhados no mesmo combate que ele, lutando de idêntico modo, e particularmente e entre si suportavam as mesmas tentações que ele. Não declara: “Ouvistes”, e sim: “Vistes”. Por conseguinte, lutara em Filipos. Talvez indique isto grande virtude. Por este motivo também escreve na Carta aos Gálatas, nesses termos: “Foi em vão que experimentastes tão grandes coisas? Se de fato foi em vão!” (Gl 3,4). E aos Hebreus ainda escreve: “Lembraí-vos, contudo, dos vossos primórdios:

apenas havíeis sido iluminados, suportastes um combate doloroso. Éreis às vezes apresentados como espetáculo, debaixo de injúrias e tribulações, outras vezes vos tornáveis solidários daqueles que tais coisas sofriam” (Hb 10,32-33). E ainda aos macedônios, isto é, na carta aos Tessalonicenses escreve: “Eles mesmos contam qual acolhimento da vossa parte tivemos” (1Ts 1,9). E igualmente: “Bem sabeis, irmãos, que não foi inútil a nossa estada entre vós” (1Ts 2,1). E atesta de todos de igual forma combates e lutas. Agora, contudo, não se encontra tal situação entre nós; agora, quando muito, sofremos algo em relação aos bens materiais. Também relativamente a esses bens, Paulo dá belo testemunho de perdas entre eles. De alguns, efetivamente diz: “Aceitastes com alegria a espoliação de vossos bens”; de outros escreve: “A Macedônia e a Acaia houveram por bem fazer uma coleta em favor” dos pobres (Rm 15,26). E em outra passagem: “E o vosso zelo tem servido de estímulo à maioria das Igrejas” (2Cor 9,2).

Vês o elogio aos homens daquele tempo? Nós, ao invés, não sofremos bofetadas, nem ferimentos, nem fomos sujeitos a injúrias ou a dano material. Eles eram cheios de zelo, e na peleja todos davam testemunho; quanto a nós, deixamos esmorecer o amor por Cristo. E ainda vemo-nos na necessidade de denunciar o estado atual das coisas. E o que fazer? Não quero, mas a tal sou forçado. Se é possível, porém, calar e nada dizer, e com o silêncio desaparecem as ações, é lícito calar; se for o contrário (não somente não desaparecem quando nos calamos, mas até se tornam piores), é forçoso falar. Aquele que denuncia as faltas, se não consegue outra coisa, não deixa o mal ir avante. Não existe alma tão sem pudor e ousada que, ao ouvir assíduas repreensões, não core, não diminua tanta maldade. Existe, na verdade existe, mesmo nos que perderam a vergonha, algum pudor. Deus implantou em nossa natureza o pudor. Quando não basta o temor para nos corrigir, preparou muitos outros caminhos para abandonarmos o pecado. Por exemplo, a crítica dos homens, o medo das leis estabelecidas, a ambição da glória, a aquisição de amizades. Todos esses caminhos nos levam a evitar o pecado. Repetidas vezes, não é por causa de Deus, mas por vergonha, e o que não se faz por Deus, é feito por causa dos homens. Em primeiro lugar, aprendemos a não pecar; depois, recebemos orientação de como agir, enfim, por causa de Deus.

Aliás, por que razão Paulo exorta à paciência os que querem vencer os inimigos, não por temor de Deus, mas pelo medo de represálias? “Agindo desta forma estarás pondo brasa na cabeça dele” (Rm 12,20). Entretanto, quer principalmente que se pratique a virtude. Por isso, eu dizia existir em nós certo senso de vergonha. Temos naturalmente muita inclinação à virtude. Por exemplo, todos os homens por natureza sentem compaixão e nenhum outro bem se encontra naturalmente em nós como este.

Por esse motivo, temos o direito de perguntar por que este sentimento está tão arraigado em nossa natureza que facilmente derramamos lágrimas, curvamo-nos, inclinamo-nos à compaixão. Ninguém é por natureza brilhante, não há quem esteja isento de vanglória, ninguém superior à emulação; mas por natureza todos se inclinam à compaixão, por mais cruel ou impiedoso que seja. E não é de espantar o fato de o demonstrarmos aos demais; mesmo das feras nos compadecemos, de tal forma é inata a compaixão em nós. Até diante de um leãozinho sentimos algo, mais ainda relativamente a nossos semelhantes. “Olha quantos inválidos!” – exclamamos muitas vezes, sabendo que é suficiente para nos induzir à compaixão.

Em nada Deus tanto se compraz como na misericórdia. Por isso, os sacerdotes eram ungidos e também os reis e os profetas. O óleo era para eles símbolo do amor de Deus aos homens. Deste modo ficavam sabendo que devem os chefes ter compaixão em grau maior e manifestava-se que, através da misericórdia, o santo Espírito havia de descer sobre os homens. De fato, Deus tem compaixão dos

homens e os ama: “Mas te compadece de todos, pois tudo podes” (Sb 11,23). Por isso, eles eram ungidos com óleo. Também o sacerdócio, Deus o criou baseado na misericórdia, e os reis eram ungidos com óleo. Em louvor de um chefe, não convém dar-lhe outro título senão o de misericordioso. Ter misericórdia é próprio dos chefes. Pensa que o mundo se fundamenta na misericórdia de Deus e imita o Senhor! “A misericórdia do homem é para com o seu próximo, mas a do Senhor é para com toda carne” (Eclo 18,12). Como: “para com toda carne”? Pecadores ou justos, todos nós precisamos da misericórdia de Deus. Todos dela usufruímos, quer seja Paulo, Pedro ou João. Escuta as suas próprias palavras; em nada são necessárias as nossas. O que diz São Paulo? “Mas obtive misericórdia, porque agi por ignorância” (1Tm 1,13). Como, então? Depois disso não necessita mais de misericórdia? Escuta como se expressa ainda? “Trabalhei mais do que todos eles; não eu, mas a graça de Deus que está comigo” (1Cor 15,10). E acerca de Epafrodito declara: “De fato esteve doente, às portas da morte, mas Deus se apiedou dele, e não só dele, mas também de mim, para que eu não tivesse tristeza sobre tristeza” (Fl 2, 27). E ainda: “Acabrunhou-nos ao extremo, além das nossas forças, a ponto de perdermos a esperança de sobreviver. Sim; recebêramos em nós mesmos a nossa sentença de morte, para que a nossa confiança já não se pudesse fundar em nós mesmos, mas em Deus, que ressuscita os mortos. Foi ele que nos libertou de tal morte e dela nos libertará” (2Cor 2,8-10). De novo: “E eu fui libertado da boca do leão. O Senhor me libertará” (2Tm 4,17-18). Em suma, verificaremos que ele sempre se gloria de ter sido libertado por misericórdia.

Igualmente Pedro se tornou tão grande através da misericórdia que lhe foi mostrada. Escuta, pois, Cristo dizer-lhe: “Pedro, Pedro, eis que Satanás pediu insistentemente para vos peneirar como trigo; eu, porém, orei por ti, a fim de que tua fé não desfaleça” (Lc 22,31-32). João também recebeu tal misericórdia, e especialmente todos os apóstolos. Escuta Cristo aludir a isso, nesses termos: “Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi” (Jo 15,16). Todos nós, de fato, necessitamos da misericórdia de Deus: “Mas a misericórdia do Senhor é para com toda carne” (Eclo 18,12). Se até aqueles apóstolos precisavam da misericórdia de Deus, que se dirá dos demais homens? Como se explica, diz-me, que Deus faz o sol levantar-se sobre maus e bons? (cf. Mt 5,45). Por quê? Se somente por um ano retiver a chuva, todos não ficarão perdidos? E se as chuvas forem copiosas? Como será se chover fogo? E se enviar chusmas de moscas? Mas, por que digo essas coisas? Se houver trevas, como outrora, acaso todos não perecerão? Se fizer tremer a terra, não morrerão todos? “Que é um mortal, para dele te lembrares?” (Sl 8,5). Com justeza se diz agora: Ameaçarás apenas a terra e tudo se tornará uma só sepultura. Diz a Escritura: “Para ele as nações não passam de uma gota d’água que cai de um balde, são reputadas como um pouco de saliva, como o (movimento do) fiel da balança” (cf. Is 40,15 – seg. os LXX). Para nós é fácil mover a balança; assim é para ele arruinar todas as coisas e novamente criá-las. Não é por nos suportar com misericórdia que Deus, com tal poder sobre nós, em vista de nossos pecados cotidianos, não nos castiga? Efetivamente até dos animais tem misericórdia e os preserva. Diz a Escritura: “Salvas os homens e os animais, Senhor” (Sl 36,7). Olhou a terra e encheu-a de animais. Por quê? Por tua causa. E a ti, por que te fez? Não foi, certamente, por bondade?

Nada de melhor que o óleo. Gera a luz, aqui e ali. E o profeta declara: “A tua luz romperá como a aurora, se fizeres isto” (Is 58,8), a saber, se tiveres compaixão do próximo. E com razão. À semelhança do óleo que fornece luz para os navegantes, a esmola agracia-nos aqui com luz intensa e admirável. Paulo atribui a esta misericórdia extraordinário valor. Escuta como se exprime em determinada ocasião: “Nós só nos devíamos lembrar dos pobres” (Gl 2,10). E em outra passagem: “E, se valer a pena que eu mesmo vá” (2Cor 16,4). E sempre, aqui e ali, vê-lo-ás relembrando-o. E ainda:

“Todos os nossos precisam aprender e praticar o que é bom” (Tt 3,14). E em outro lugar: “Estas coisas são excelentes e proveitosas aos homens” (Tt 3,8). Escuta ainda a alguém que assevera: “A esmola livra da morte” (Tb 9,12). E em determinada passagem: “Se fazes conta das culpas, Senhor, Senhor, quem poderá se manter” (Sl 130,3). E: “Não entres em julgamento com teu servo” (Sl 143,2). E um outro: “Grande coisa é o homem, e coisa preciosa o homem compassivo”. É próprio do homem ser compassivo, ou antes, a Deus é peculiar compadecer-se.

Vês quão grande o poder da misericórdia de Deus? Deus criou todas as coisas, fez o mundo, fez os anjos, somente por bondade. Por bondade, também ameaçou com a geena, a fim de podermos alcançar o reino; nós o obtemos através da misericórdia. É possível formular a pergunta: “Por que razão Deus, que existia somente ele, criou tantos homens? Não foi por bondade, por amor aos homens?” Mas, se acaso interrogares por que fez estes e aqueles, a resposta é que foi sempre por bondade.

Então devemos compadecer-nos do próximo a fim de também nós recebermos compaixão. Não é para eles, mas antes em nosso favor, que acumulamos misericórdia em vista daquele Dia. Quando a chama de fogo for intensa, a misericórdia extinguirá aquele fogo e tornar-se-á para nós fonte de luz. Desta forma escaparemos do fogo da geena, graças a ela. De onde então se originam a compaixão e a misericórdia? A misericórdia brota do amor. Nada irrita tanto a Deus quanto ver um ser impiedoso. Foi-lhe apresentado alguém que devia mil talentos, e compadecido perdoou. A este devia um companheiro de serviço cem denários e ele o sufocava. Por este motivo o senhor o entregou aos carrascos, até que pagasse o que devia. Ao ouvirmos isto, sejamos compassivos em relação aos que nos devem pecuniariamente, ou que pecaram contra nós. Não sejas rancoroso contra ninguém, se não queres sofrer detrimento. Não tanto entristeces aquele que não perdoas quanto prejudicas a ti mesmo. Quando tu queres te vingar, Deus não o castiga; se, ao invés, tu o perdoas, Deus ou o castiga, ou perdoa teus pecados. Se perdoardes a quem te ofendeu, também serão apagados os teus pecados. Como tu, que não perdoaste ao próximo, queres obter o reino? A fim de não sofrermos tudo isso, perdoemos a todos e nossas culpas serão remitidas. E concedamos perdão para que Deus nos perdoe os pecados, e assim alcancemos os bens futuros etc.

QUINTA HOMILIA

- 2,1. Portanto, pelo conforto que há em Cristo, pela consolação que há no amor, pela comunhão do Espírito, por toda ternura e compaixão,*
- 2. levai à plenitude a minha alegria, pondo-vos de acordo no mesmo sentimento, no mesmo amor, numa só alma, num só pensamento,*
- 3. nada fazendo por competição e vanglória, mas com humildade, julgando cada um os outros superiores a si mesmo,*
- 4. nem cuidando cada um só do que é seu, mas também do que é dos outros.*

Nada tão excelente, nada tão amável quanto um mestre espiritual; supera em tudo a benevolência de um pai natural. Observa, portanto, que súplicas este santo dirige aos filipenses, visando ao proveito deles. O que profere então acerca da concórdia, causa de todos os bens? Vê o modo suplicante, intenso, cheio de simpatia, com o qual se expressa! “*Pelo conforto que há em Cristo*”, isto é, se tendes algum conforto em Cristo. Seria como se dissesse: “Se me tens alguma consideração, se te preocupas comigo, se recebeste de mim algum bem, age assim!” Este modo de formular nós o empregamos quando queremos algo que sobremaneira nos importa. Mas, se não nos importa acima de tudo, não queremos que constitua a recompensa de tudo, nem declaramos que tudo representa. Aludimos então a

motivos carnaís. Seria como se um pai dissesse ao filho: “Se tens respeito a teu pai, se te lembras da educação que tiveste, do amor que me devotavas, da consideração com que te tratava, da minha benevolência, não sejas inimigo de teu irmão, isto é, por tudo isso te peço tal compensação”. Paulo, contudo, não se exprime desta forma. Não nos lembra benefícios carnaís, mas apenas espirituais. É o seguinte o que afirma: “Se quereis dar-me conforto em minhas tribulações, e encorajamento em Cristo, se quereis conceder-me a *“consolação que há no amor”*, demonstrar-me certa *“comunhão no Espírito”*, se tendes alguma *“ternura e compaixão, levai à plenitude a minha alegria”*.”

Se alguma *“ternura e compaixão”*. Paulo denomina: *“compaixão”* para com ele a concórdia entre os discípulos, mostrando haver máximo perigo se não forem concordes. Se quereis encontrar conforto entre vós, diz ele, se pretendeis receber o consolo que há no amor, permanecer na comunhão no Espírito, perseverar na comunhão em Cristo, achar entre vós compaixão e ternura, demonstrei em vez de tudo isso o amor. Tudo isso eu lucro, se vos amais mutuamente. *“Levai à plenitude a minha alegria.”* Vê que, evitando a aparência de uma exortação, como se carecessem dessas coisas, não diz: “Dai-me alegria” e sim: *“Levai à plenitude”*, isto é, “Já começaste a implantá-la em mim, já me permitistes ficar tranquilo, mas quero chegar à plenitude”. Que queres? – diz-me. Que te livremos dos perigos? Que venhamos em teu auxílio? Nada disso, responde, mas que estejais *“de acordo no mesmo sentimento, no mesmo amor”*, como começastes, *“numa só alma, num só pensamento”*. Ah! Quantas vezes repete a mesma coisa, com grande determinação! *“No mesmo sentimento”*, ou melhor, *“num só pensamento”*. Demonstra-o adiantando: *“num só pensamento”* que significa mais do que: “no mesmo”. *“No mesmo amor”*, quer dizer, não simplesmente acerca da fé, mas também em todo o restante. De fato, é possível ter o mesmo sentimento e não ter amor. *“No mesmo”*, isto é, de igual modo amar e ser amado. Não queiras usufruir de muito amor e conceder menos aos outros, sendo egoísta. Se alguns o fazem, ao menos tu não o faças. *“Numa só alma”*, isto é, uma alma em muitos corpos, não na substância – seria impossível –, mas no propósito e no modo de pensar, como se todos tivessem uma só alma. Qual o sentido da expressão: *“Uma só alma”*? Explica-se pela locução: *“Num só pensamento.”* Seja um o modo de pensar, como se derivasse de uma só alma.

“Nada fazendo por competição.” Roga e fala sobre o modo conveniente de realizá-lo: *“Nada fazendo por competição e vanglória”*. Conforme sempre digo, é esta a causa de todos os males. Daí provêm as lutas e as disputas, daí as invejas e as rivalidades, daí o arrefecimento da caridade: visarmos à glória da parte dos homens, sermos escravos de honrarias da multidão. Não é possível a um escravo das honras ser também genuíno servo de Deus. Como, então, escaparemos da vanglória? Não nos mostraste um caminho. Escuta a sequência: *“Mas com humildade, cada um julgando os outros superiores a si mesmo”*. Ah! Que ensinamento cheio de sabedoria! Que auxílio em prol de nossa salvação! Se supões, diz ele, que alguém é mais importante do que tu, e disso te persuades, ou antes, não somente o asseveras, mas também disso estás compenetrado, tributar-lhe-ás, por conseguinte, honras. Se, portanto, lhe tributas honras, não te irritarás vendo-o honrado pelos demais. Não simplesmente julgues que é maior do que tu, mas também superior – o que é muito mais – e não estranharás nem te contristarás, ao ver que recebe honras. Se ele se encolerizar, julgarás natural, pois o consideraste maior do que tu. Se te injuriar, aceita, se te maltratar, suporta em silêncio. Uma vez que a alma se convence de que o próximo é mais importante, não se irritará por causa dos maus-tratos que sofrer, nem terá inveja. Ninguém inveja os que são muitos superiores, pois julgará que tudo compete a esta superioridade.

Daí vem que Paulo prescreve tal atitude. Quando, porém, aquele a quem prestas honras, diz ele, tem igual disposição para contigo, considera que deste modo a condescendência (cf. Fl 4,5) constitui dupla

muralha. Enquanto tu o julgas digno de honras e ele faz o mesmo para contigo, nada de lamentável acontecerá. Se, pois, esta atitude da parte de um só é suficiente para resolver qualquer divergência fútil, quando existe de ambas as partes, quem poderá quebrar inteiramente este baluarte? Nem o próprio diabo. A defesa será tríplice, e quádrupla e múltipla. A humildade é fonte, portanto, de todos os bens. E para que o entendas, ouve a palavra do profeta: “Se quisesses um sacrifício, eu o ofereceria; um holocausto não te agrada. Sacrifício a Deus é um espírito contrito, coração contrito e esmagado, ó Deus, tu não desprezas” (Sl 51,18-19). Não reclama simplesmente a humildade, mas o mais alto grau da humildade. Como nas substâncias corporais, o que está triturado não se levanta alguma vez contra o que é sólido, mas por mais que sofra, prefere ficar prostrado a atacar o outro, assim acontece com a alma: prefere, mesmo sofrendo completamente, até morrer a atacar e defender-se.

Até quando nos incharemos de um orgulho ridículo? Como rimos ao vermos as crianças erguerem-se na ponta dos pés, arrogantes, ou também se apanham pedras e as atiram, de novo rimos, assim é a estultície humana, produto de uma mentalidade infantil e de um juízo mal formado. “*De que se orgulha quem é terra e cinza?*” (Eclo 10,9). Tu te ensoberbeces, ó homem? Por quê? Qual a vantagem disso? – dize-me. Por que motivo te orgulhas contra teu semelhante? Não tens a mesma natureza? Não possuis igualmente uma alma? Não és estimado de maneira idêntica por Deus? Acaso és um sábio? Então debes dar graças e não te ensoberbecer. A soberba é a primeira forma de ingratidão: pois rouba à boa obra o valor de um dom. Quem se exalta, exalta-se como se a boa obra fosse dele próprio. Quem julga ser sua a boa obra, é ingrato para com aquele que lhe concedeu a honra. Existe em ti algum bem? Agradece ao doador. Ouve o que diz José, o que declara Daniel.

O rei do Egito mandou retirá-lo do cárcere, e interrogou-o diante de todo o exército dos sábios acerca da questão, em cuja solução falharam todos os egípcios mais peritos. Já podia ele se exaltar acima de todos, e mostrar-se mais sábio que os astrólogos, os feiticeiros, os adivinhos, os magos, todos os filósofos de então. Provinha do cativo e da escravidão, e era muito jovem (portanto, maior era a sua glória, porque não é o mesmo destacar-se de repente, de improviso, e sim mais espantoso o que acontece contra toda expectativa). Qual a sua declaração ao comparecer diante do Faraó? “Sim; eu sei”? Não, absolutamente. O que, então? Respondeu, sem ter sido advertido, com grande discrição: “Não é Deus quem dá a interpretação?” (Gn 40,8) Vê: Imediatamente glorificou o Senhor; e por causa disso foi exaltado. De fato, não é de pouca monta a sua glória. É muito mais que Deus lhe haja revelado do que se ele encontrasse por si mesmo o significado correto. De resto, demonstrava ser fidedigno o que dissera, e dava um sinal da grande familiaridade de que usufruía junto de Deus. Nada tão excelente quanto estar intimamente unido a Deus. Ser justificado pelas obras, portanto, merece glória, conforme afirma o Apóstolo: “mas não perante Deus” (Rm 4,2). Pois, se quem foi agraciado gloria-se em Deus de ser amado e ter alcançado perdão, e quem operou gloria-se mas não diante de Deus como aquele – e isto seria indício de grande fraqueza humana –, quanto mais admirável não seria quem recebe sabedoria da parte de Deus? Glorificou a Deus e será exaltado por ele. “Eu honro aqueles que me honram” (1Sm 2,30).

E ainda, coisa semelhante aconteceu a um de seus pósteros; ninguém mais sábio do que ele. Diz a Escritura: “Acaso és mais sábio do que Daniel?” (cf. Ez 28,3). Este Daniel, em Babilônia, não só denunciou, mas até refutou integralmente os conhecimentos de todos os sábios, e ainda dos seus astrólogos, adivinhos, magos, feiticeiros. Do fato da sentença capital conclui-se que eles antes haviam sido impostores. Daniel, ao comparecer perante o rei para solucionar o enigma, não se exaltou, mas atribuiu tudo principalmente a Deus e disse: “Quanto a mim, este mistério me foi desvendado, não que eu tenha mais sabedoria que os outros viventes, ó rei!” Então o rei prostrou-se diante dele, e mandou

que se lhe oferecesse oblação (cf. Dn 2,46). Vês a humildade? Vês a gratidão? Vês a atitude modesta? Ouve outrossim os apóstolos dizerem em determinada ocasião: “Por que não tirais os olhos de nós, como se fosse por nosso próprio poder ou por nossa piedade que fizemos esse homem andar?” (At 3,12). E novamente em outra circunstância: “Nós também somos homens, passíveis da mesma sorte que vós” (At 14,14).

Se, porém, eles recusaram as honras que lhe eram prestadas, homens que pela humildade e poder de Cristo realizaram milagres maiores do que os do próprio Cristo (pois, “Quem crê em mim, fará até obras maiores que as que faço” – cf. Jo 14,12), como não seriam infelizes e míseros os que nem são capazes de afugentar moscas, quanto mais demônios? Não conseguem auxiliar um só homem, quanto mais toda a terra, e têm pensamentos tão orgulhosos que nem o próprio diabo?

Nada tão alheio a uma alma cristã como a arrogância. Digo arrogância, e não franqueza, ou bravura. Pois estas têm suas características. Diferenciam-se essencialmente entre si. De fato, uma coisa é a humildade, outra, porém, o servilismo, a adulação, os afagos. E, se quiserdes, de todos posso apresentar exemplos.

Parece que os contrários entre si brotam inseparáveis, como a cizânia e o trigo, os espinhos e a rosa. Talvez apenas as crianças facilmente se iludam, porém os homens, no verdadeiro sentido da palavra, experientes no cultivo espiritual, sabem na verdade distinguir o bem do mal. Vamos apresentar exemplos hauridos da Escritura. O que seria, então, a adulação, o servilismo, os afagos? Siba adulou a Davi em momento inoportuno e cometeu um crime contra seu próprio senhor (cf. 2 Sm 16,1ss). Mais ainda Aquitofel a Absalão (2Sm 16,15-17). Não assim Davi, que era humilde. Os pérfidos são adulateiros. Por exemplo, quando os magos dizem: “Ó rei, vive para sempre!” (Dn 2,4). Encontramos também nos Atos muitos fatos semelhantes acerca de Paulo, quando se dirigia aos judeus, sem adulação, mas humilhando-se; ele sabia também mostrar franqueza, como ao dizer: “Irmãos, embora nada tenha feito contra nosso povo, nem contra os costumes dos pais, fui aprisionado em Jerusalém e entregue às mãos dos romanos” (At 27,28). Constitui prova de que suas palavras provinham da humildade a maneira como os censurou em seguida, nesses termos: “É bem verdade o que o Espírito Santo disse: em vão escutareis, não compreendereis; em vão olhareis, não vereis” (At 28,25-26: cf. Is 6,9-10). Notas a bravura? Vê também qual a coragem de João Batista diante de Herodes, ao declarar-lhe: “Não te é lícito possuir a mulher de Filipe, teu irmão” (Mc 6,18). Isso é franqueza, isto é intrepidez. Não a possuía Semei, que dizia: “Vai-te, homem sanguinário!” (2Sm 16,7), embora fosse ousadia. Mas não se tratava de valentia e sim de audácia, injúria e língua incontinente. Jezabel também injuriou a Jeú, chamando-o de assassino de seu senhor (cf. 2Rs 9,30-31). Era ousadia e não coragem. Elias também irritou-se, entretanto foi por franqueza e intrepidez: “Não sou eu o flagelo de Israel, mas és tu e a casa de teu pai” (1Rs 18,18). Elias mais uma vez teve coragem diante de todo o povo, dizendo: “Até quando claudicareis das duas pernas?” (1Rs 18,21). É franqueza e coragem remexer uma ferida; assim agiram os profetas. No outro caso era sinal de audácia.

Queres ver ainda palavras de humildade e de liberdade? Escuta Paulo a falar: “Quanto a mim, pouco importa ser julgado por vós ou por um tribunal humano. Eu também não me julgo a mim mesmo. Verdade é que a minha consciência de nada me acusa, mas nem por isso estou justificado” (1Cor 4,3-4). Tal é a atitude que convém ao cristão. E ainda: “Quando alguém de vós tem rixa com outro, como ousa levá-la aos injustos, para ser julgada, e não aos santos?” (1Cor 6,1).

Queres ver a adulação dos judeus insensatos? Escuta-os a dizer: “Não temos outro rei a não ser César!” (Jo 19,15).

Queres constatar a humildade? Ouve ainda a Paulo, que diz: “Não pregamos a nós mesmos, mas a Jesus Cristo Senhor. Quanto a nós mesmos, apresentamo-nos como vossos servos por causa de Jesus” (2Cor 4,5).

Queres ver também a adulação e a audácia? Quanto à audácia, a de Nabal, e a adulação, a dos Zifeus? E como o primeiro injuriou (cf. 1Sm 25,10ss) e os segundos tinham a intenção de trair a Davi (cf. 1Sm 23,19ss).

Queres ver a sabedoria e não a adulação de Davi? Como teve Saul em seu poder e o poupou? Queres ver a astúcia dos que assassinaram a Menfiboseth, aos quais Davi mandou matar? (2Sm 4,8ss)

Em resumo, para reunir tudo num só tipo, a audácia existe quando alguém se irrita e encoleriza sem motivo, por vingança ou injusta ousadia; franqueza, contudo, e coragem, quando se enfrentam perigos e morte, e olha-se com desdém a amizade ou a inimizade, por causa de Deus. Novamente adulação e servilismo quando alguém procura ganhar a outrem por meios inconvenientes, ou no intuito de obter por ciladas alguma vantagem temporal. Humildade, ao invés, seria fazer o que apraz a Deus e descer de alta posição, a fim de conseguir algo de grande e admirável. Se o entendemos, somos felizes, no caso de o praticarmos. Não basta ter entendido, pois diz o Apóstolo: “Porque não são os que ouvem a Lei que são justos, mas os que cumprem a Lei” (Rm 2,13). Ainda mais: o conhecimento nos condena se não for acompanhado de atos ou boas obras. Tendo em mira, portanto, escaparmos da condenação, procuremos a prática a fim de alcançarmos os bens prometidos, pela graça e a benignidade de nosso Senhor Jesus Cristo.

SEXTA HOMILIA

2,5. *Tende em vós os mesmos sentimentos de Cristo Jesus:*

6. *Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como uma rapina,*

7. *mas esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. E sendo encontrado tal como um homem por seu aspecto,*

8. *humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz!*

Nosso Senhor Jesus Cristo, quando fazia aos discípulos grandes exigências, propunha como exemplo a si próprio, o Pai e os profetas, conforme fez ao declarar: “Pois foi assim que perseguiram os profetas, que vieram antes de vós” (Mt 5,12). E ainda: “Se eles me perseguiram, também vos perseguirão” (Jo 15,20). E: “Aprendei de mim, porque sou manso” (Mt 11,29). E em outra passagem: “Sede misericordiosos, como o vosso Pai que está nos céus” (cf. Lc 6,36). De igual modo agiu São Paulo. No intuito de exortar os filipenses à humildade, apresentou-lhes Cristo por modelo. E não somente neste lugar, mas ainda ao dissertar sobre a caridade para com os pobres, exprime-se de maneira semelhante: “Com efeito, conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que por causa de vós se fez pobre, embora fosse rico” (2Cor 8,9). Efetivamente, nada persuade melhor uma alma grande e sábia à prática do bem como estar ciente de que desta maneira assemelha-se a Deus. Que estímulo há igual a este? Nenhum. Paulo, disso bem consciente, exortando-os à humildade, primeiro aconselha, acrescenta uma súplica, depois fala com energia: “*Estais firmes num só espírito*” (Fl 1,27) e: “*Para eles é sinal de ruína, mas, para vós, de salvação*” (Fl 1,28). Enfim, apresenta este motivo: “*Tende em vós os mesmos sentimentos de Cristo Jesus. Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como uma rapina, mas esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo*”.

Atenção, por favor, e adverti! Uma espada afiada de dois gumes (cf. Hb 4,12), onde acertar, mesmo

que sejam mil falanges, facilmente corta e aniquila, por ser afiada de ambos os lados e nada resistir a seu corte; assim acontece com as palavras do Espírito. Através das palavras deste trecho Paulo lançou por terra os sequazes de Ário de Alexandria, de Paulo de Samósata, de Marcelo da Galácia, de Sabélio da Líbia, de Marcião do Ponto, de Valentim, de Manes, de Apolinário da Laodiceia, de Fotino, de Sofrônio, em suma de todas as heresias.² Como se olhásseis tão grandioso espetáculo, e com um golpe tantas falanges por terra, atendei a que não vos escape o prazer desta visão. Nada é mais aprazível nas competições de carros e páreos de cavalos como quando um deles ataca e derruba os carros com os respectivos condutores e depois de ter revirado muitas quadrigas com seus condutores, avança sozinho para a meta final e o termo da luta, entre muitos aplausos de todas as partes e clamores que sobem aos céus; e ele, como se fosse alado, por causa da alegria e dos clamores, com os cavalos percorre todo o estádio; quanto mais do que este será o prazer quando, imediatamente e todos juntos, lançamos por terra, pela graça de Deus, os sistemas heréticos e diabólicas maquinações com seus chefes? E, se vos aprouver, apresentemos primeiro as próprias heresias por ordem.

Preferis de acordo com a impiedade ou com o tempo? Mas vejamos segundo o tempo; relativamente à impiedade é difícil averiguar.

Por conseguinte, devemos primeiro introduzir Sabélio, o líbio. O que afirma ele? Que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são simples nomes, sob os quais se designa uma só e mesma pessoa.

Marcião, o pôntico, assegura que Deus, o Criador do universo não é bom, nem é o Pai de um Cristo bondoso, que existe um outro que é justo, e que o Filho por nós não se encarnou.

Marcelo, por sua vez, Fotino e Sofrônio asseveram que o Logos é uma energia, e esta energia inabitou num descendente de Davi, e não substância e Pessoa (*ouk ousian enypostaton*).

Ário, contudo, confessa o Filho, apenas em palavras. Afirma que é uma criatura, muito menor que o Pai. Outros ainda dizem que ele não possuía uma alma. Vês os carros em forma? Olha agora a sua queda, como Paulo a todos juntos simultaneamente empurra e prostra com um só golpe. Como é que os derruba? Nesses termos: *“Tende em vós os mesmos sentimentos de Cristo Jesus. Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como uma rapina”*. Com isto caíram também Paulo de Samósata, Marcelo e Sabélio. *“Ele tinha a condição divina.”* Se possuía a condição divina, como dizes, ó ímpio, que teve origem em Maria e não existia anteriormente? E ainda, como seria uma energia? Diz Paulo que *“tinha a condição divina”* e *“assumiu a condição de servo”*. Dize-me: *“A condição de servo é energia de servo ou natureza de servo?”* *“É bem claro”*, respondes, *“trata-se da natureza de servo”*. Por conseguinte, também condição divina é natureza divina, e não, portanto, energia. Eis que também o gálata Marcelo e Sofrônio e Fotino tombaram.

Eis também Sabélio. *“Não considerou o ser igual a Deus como uma rapina”*. Igual não se diz a respeito de uma só e mesma pessoa; igual, portanto, é igual a um outro. Vês que se trata da existência de duas pessoas, e não de simples nomenclatura sem conteúdo? Ouvistes falar da existência do Unigênito antes do tempo? – Basta, porém, contra aqueles hereges.

O que diremos de Ário, que afirma ser outra a substância do Filho? – dize-me: O que significa: *“Assumiu a condição de servo?”* – responde: *“Fez-se homem”*. Uma vez que *“ele tinha a condição divina”*, era Deus. Pois *“condição”* e *“condição”* aqui são equivalentes. Se uma é verdadeira, também a outra. *“Condição de servo”* significa homem por natureza. Em consequência, também *“condição divina”* significa Deus por natureza. E não somente isto, mas também Paulo atesta – e ainda João – que é igual a Deus e que em nada é menor do que o Pai. *“E não considerou o ser igual a Deus como uma rapina.”*

Mas qual é o subterfúgio dos hereges? Alguém pode replicar que Paulo demonstra o contrário. Pois diz: *“Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como uma rapina”*. Mas, se na realidade era Deus, como poderia praticar essa rapina? Não é inconcebível? Quem diria que determinado homem não cometeu a rapina de ser homem? Como alguém roubaria aquilo que ele de fato é? Não é assim, retrucam, mas sendo um Deus menor, não considerou como uma rapina ser igual ao Deus grande e maior. Existe, então, um Deus pequeno e um Deus grande? Quereis introduzir nas Igrejas as doutrinas dos gregos? Para eles existem deuses grandes e pequenos. Se também entre vós, não sei. Nas Escrituras, contudo, de forma alguma encontrarás tal coisa; é sempre grande e ao invés, em parte alguma é pequeno. Se, porém, é pequeno, como será ainda Deus? Se nem no conceito de homem se admite haver pequeno ou grande, sendo uma só a natureza humana e quem não possui esta única natureza não é homem, como haveria um Deus pequeno ou grande, que não fosse daquela natureza? Se é pequeno, não é Deus. Em todas as passagens, a Escritura o denomina grande: “O Senhor é grande e muito louvável” (Sl 48,2; 96,4; 145,3), diz Davi. E, quanto ao Filho, em toda a parte o chama de Senhor. E ainda: “Tu és grande e fazes maravilhas, tu és Deus, tu és o único” (Sl 86,10). Mais uma vez: “Nosso Senhor é grande e onipotente, é incalculável a sua grandeza” (Sl 147,5; 145,3).

“Sim”, replicam eles, “essas passagens são relativas ao Pai; o Filho, porém, é pequeno”. Tu o asseguras, todavia a Escritura afirma o contrário. Refere-se ao Pai com os mesmos termos que ao Filho.

Ouve como Paulo se exprime: “Aguardando a bendita esperança, a manifestação da glória do grande Deus” (Tt 2,13). Então ele fala da “manifestação” do Pai? E, para melhor nos convencer, ao termo “manifestação” acrescenta: “do grande Deus”. Então não está falando do Pai? De forma alguma. Pois não admitiria o complemento: “A manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo”. Eis que o Filho também é grande. Então o denominas pequeno e grande? Escuta o profeta dizer que ele é o “Anjo do grande conselho” (Is 9,6 sg. LXX). O Anjo do grande conselho não seria grande? O “Deus forte” (id.) não seria grande e sim pequeno? Como podem esses insolentes e audaciosos afirmar que é pequeno, sendo Deus? Repito muitas vezes o que eles dizem, para melhor fugirdes deles. Declaram que, sendo um Deus pequeno, não constituiu uma rapina ser igual ao grande. Como? – dize-me (sem julgares, contudo, serem nossas as palavras). Se ele é pequeno no parecer deles, e muito inferior em poder ao Pai, como poderia arrebatá-lo a igualdade com Deus? De fato, menor por natureza, não poderia por rapina incluir-se na grande. Por exemplo, um homem não poderia por rapina ser igual ao anjo segundo a natureza. O cavalo não poderia, por rapina, se o quisesse, ser igual ao homem conforme a natureza.

Além disso, direi o seguinte: “A que visava Paulo com este exemplo?”. Certamente responderás: “Induzir os filipenses à humildade”. “Por que então”, dize-me, “apresentou este modelo?”. Ninguém exorta à humildade exprimindo-se desta forma: “Sê humilde, e considera-te menor do que teus semelhantes. Tal e tal escravo não se sobrepõe a seu senhor; imita-o, por conseguinte”. “Isto, porém, não é humildade”, dirá alguém, “mas arrogância”. Aprendei o que é humildade, vós que tendes um orgulho diabólico. O que é, então, a humildade? Ter um modo de pensar humilde; ter pensamentos humildes, não ser humilde por necessidade, mas humilhar-se a si mesmo. Dou um exemplo (atenção!): Se alguém pode pensar de si mesmo algo de sublime, mas se humilha, este é humilde. Quem não pode pensar assim, e por conseguinte humilha-se, de forma alguma é humilde. O imperador, por exemplo, que se submete a um dignitário, é humilde, porque desce de sua exaltação; ao invés, se o dignitário assim age, não se humilha. Por quê? Não se abaixou de uma posição elevada. É impossível ter tais sentimentos humildes quem não tem poder. Mas se alguém tem sentimentos humildes por necessidade

e a contragosto, de modo algum o ato bom provém do pensamento ou da vontade, mas é obrigatório. O nome de humildade, contudo, deriva de abaixamento, humilhação no modo de pensar acerca de si mesmo.

Dize-me, se alguém se contenta com suas posses devido à impossibilidade de obter mais, será louvado por sua justiça? Absolutamente não. Por quê? Porque a necessidade tira-lhe o valor do propósito. Dize-me. Se quem não pode governar e reinar, continua a viver privadamente, nós o elogiaremos pela abstenção de atividade pública? De forma alguma. O mesmo acontece aqui. Com efeito, o louvor, ó vós todos homens ignorantes, não está na privação dessas ações, mas é reservado à prática das boas obras. O primeiro modo de agir é isento de culpa, mas não tem parte nos elogios; este, ao invés, merece louvor. Vê, portanto, que também Cristo o louva, ao dizer: “Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o reino preparado para nós desde a criação do mundo. Pois tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber” (Mt 25,34-35). Não disse: “Porque não fostes cobiçosos”, nem: “Porque não roubastes” (seria pouco), mas: “Porque me vistes com fome e me destes de comer”.

E quem jamais louvou deste modo os amigos ou os inimigos? Talvez nem Paulo. Por que digo Paulo? Ninguém jamais louvou, nem um homem vulgar, como louvas a Cristo por não ter tomado um poder que não lhe era devido. Admirar tais coisas é próprio dos que manifestam grande maldade. Por quê? Porque da parte destes é digno de louvor, por exemplo, o ladrão que não mais furta (cf. Ef 4,28); mas entre os bons, é diferente. Pois não é digno de louvor quem não arrebatou um poder e honra que não lhe competem. Que loucura tal louvor!

Mas (Atenção! por favor; a explicação será longa), quem exortou à humildade com tais motivos? Os exemplos costumam ser mais eficazes que as exposições sobre aquilo que reclamamos. Ninguém exorta com exemplos que lhe são alheios. Por exemplo, Cristo exorta a fazer bem aos inimigos e apresenta grande modelo, o do Pai, “porque ele faz nascer o sol igualmente sobre maus e bons e cair a chuva sobre justos e injustos” (Mt 5,45). Exorta à longanimidade e a suportar os males e apresenta seu próprio exemplo: “Aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração” (Mt 11,29). E ainda: “Se, portanto, eu, o Mestre e o Senhor vos” fiz isto, mais ainda vós deveis fazê-lo” (cf. Jo 13,14).

Vês como aqui os exemplos não devem ser inferiores? Com efeito, não convém serem inferiores nem um pouco. Também nós assim agimos. Aliás, aqui o exemplo nem é aproximado. Por quê? Porque se Cristo é servo, é sujeito ao superior. Isto, portanto, não é humildade. Por isso, Paulo devia fazer o contrário: mostrar um superior submisso a um inferior. Uma vez, contudo, que isto não se encontra em Deus, digo um maior e outro menor, Paulo fala de igualdade. Se o Filho, porém, fosse menor que o Pai, não seria exemplo adequado para uma exortação à humildade. Por quê? Porque não é humildade o menor não se insurgir contra o superior, não arrebatou o poder, obedecer até a morte.

Aliás, vê como se refere também a este exemplo: “*Com humildade, julgando cada um os outros superiores a si mesmo*”. Ele diz: “*julgando*”. Uma vez que sois de idêntica essência, e junto de Deus tendes igual dignidade, de resto deve haver somente este conceito. Acerca dos superiores e dos súditos não disse: “*julgando superiores*”, e sim: “Respeitai os vossos superiores”, conforme ordena noutra passagem: “Obedecei aos vossos dirigentes e sede-lhes dóceis” (Hb 13,17). Lá, a submissão é exigida pela natureza das coisas; aqui, porém, compete ao nosso julgamento. “*Com humildade, julgando cada um os outros superiores a si mesmo*”, conforme Cristo fez.

Com isso, as afirmações dos hereges caem por terra. Resta a necessidade de expor o que é nosso, antes, porém, resumidamente explanando as opiniões deles, porque, quando o Apóstolo reclama a

humildade, ele não pode apresentar como exemplo a obediência do súdito para com o superior. Se, de fato, exortasse os servos a obedecer aos senhores, faria bem; se os livres aos livres, por que haveria de se referir à submissão do servo ao seu senhor? Por que a do súdito ao superior? Ele não diz: “Os súditos obedecem aos superiores”, e sim: “Apesar de iguais”, obedeci, *“julgando cada um os outros superiores a si mesmo”*. Por que não apresentou a submissão da mulher: “Como a mulher obedece ao marido, assim também vós obedeci”? Se não empregou situações de igualdade e liberdade, porque na verdade seria pequena a submissão, quanto menos teria apresentado a de servo? Disse anteriormente que ninguém elogia a um outro por ter evitado o mal, e de forma alguma faz disto menção. Nem para se elogiar um homem continente, diz-se que não cometeu adultério, mas que se absteve da própria esposa. De modo nenhum, louvamos a abstenção do mal; seria ridículo. Afirmar que a expressão: *“condição de servo”* é verdadeira, em nada diminuída; e também a *“condição divina”* é perfeita e não diminuída. Por que não declarou Paulo: “Tomou a condição divina” e sim: *“Ele tinha a condição divina”*? O sentido é idêntico ao da locução: “Eu sou aquele que é” (Ex 3,14). Mostra a imutabilidade da *“condição”*, enquanto condição. Não é possível que uma essência diversa tenha a condição de outra. Por exemplo, homem algum possui a condição de anjo, nem um irracional tem a condição humana. Como então pode o Filho ser diferente do Pai?

Quanto a nós, que somos compostos, a expressão: “condição” designa o corpo; em relação ao que é simples, sem composição indica simplesmente a substância. Se, porém, disseres que o termo sem o artigo não é relativo ao Pai, em muitas passagens se verifica que aparece sem artigo. E por que digo: em muitas passagens? Logo se acha neste mesmo lugar: *“não considerou o ser igual a Deus como uma rapina”*. Não há artigo, apesar de se referir a Deus Pai.

Poderia também citar os nossos, mas receio fatigar vossa atenção. É suficiente recordar-vos do que foi dito para refutar aqueles hereges. Apenas arranquemos os espinhos e então lancemos a boa semente, depois que os espinhos foram arrancados, e a terra tiver descansado um pouco, para que de lá sejam extirpadas as más ervas, e a semente divina brote com vigor.

Agradecemos a Deus pelo que foi dito. Digne-se conceder-nos que o guardemos e retenhamos, a fim de que nós e vós nos alegremos, e os hereges fiquem confundidos. Roguemos que ele doravante nos abra a boca, a fim de que também o que é nosso possa ser exposto com igual zelo. Peçamos-lhe que tenhamos uma vida digna da fé, para vivermos para a glória de Deus e seu nome não seja blasfemado por nossa causa. Diz a Escritura: “Ai de vós, por quem o nome de Deus é blasfemado” (cf. Is 52,5; Ez 36,20 ss; Rm 2,24). Se, portanto, temos o Filho – e que há de mais nobre que o Filho? – se, por conseguinte, temos o Filho, e, no entanto, quando por causa dele somos vilipendiados, o renegamos, abandonamos, não reconhecemos, quanto mais Deus não renegará e odiará os servos ingratos, que blasfemam contra ele e o injuriam? Quem receberá e acolherá aquele a quem Deus odeia e renega? Ninguém a não ser o diabo e os demônios. Mas que esperança de salvação, que visão consoladora da vida eterna há de ter alguém que caiu no poder do espírito maligno? Enquanto estivermos nas mãos de Deus, ninguém poderá nos arrebatá-lo, pois é poderosa. Escapando daquela mão e perdendo aquele socorro, estamos expostos à rapina, a sermos pisados por todos, como um muro inclinado e uma cerca derrubada. Pois a muralha fraca é facilmente acessível.

Não me parece atinente apenas a Jerusalém a palavra que vou proferir; é válida para qualquer homem. E o que foi dito sobre Jerusalém? “Cantarei uma canção a respeito do meu amado, da minha vinha. O meu amado tinha uma vinha, em uma encosta fértil. Cercou-a de uma sebe, sustentou-a com estacas e plantou nela uvas de Sorec. No meio dela construiu uma torre e cavou um lagar. Com isso, esperava que ela produzisse uvas, mas só produziu espinhos. Agora, homens de Judá e habitantes de

Jerusalém, servi de juízes entre mim e a minha vinha. Que me restava ainda fazer à minha vinha que eu não tenha feito? Por que, quando eu esperava que ela desse uvas, deu apenas espinhos? Agora vos farei saber o que vou fazer da minha vinha! Arrancarei a sua cerca para que sirva de pasto, derrubarei o seu muro para que seja pisada; reduzi-la-ei a um matagal, ela não será mais podada, nem cavada: espinheiros e ervas daninhas crescerão no meio dela como num lugar inculto. Quanto às nuvens, ordenar-lhes-ei que não derramem chuva sobre ela. Pois bem, a vinha do Senhor dos exércitos é a casa de Israel e os homens de Judá são a sua plantação preciosa. Deles esperava o direito, mas o que produziram foi a transgressão; esperava a justiça, mas o que apareceu foram gritos” (Is 5,1-7).

Estas palavras são válidas para cada alma humana. Quando o amor de Deus aos homens tiver feito tudo o que convém fazer, depois que a vinha tiver dado espinhos em vez de uvas, ele retirará a cerca, e derribará o muro, e ela será entregue à rapina. Escuta, pois, como outro profeta em lágrimas declara: “Por que lhe derrubaste as cercas, para que os viandantes a vindimem e os javalis da floresta a devastem e as feras do campo a devorem?” (Sl 80,13-14) Ali assim se exprime acerca dos medos e dos babilônios; aqui, porém, não trata deles, mas o javali e as feras do campo são o diabo e todos os seus sequazes. Denomina-o fera do campo, qual figura de sua natureza feroz e impura. Quando a Escritura quer revelá-lo como rapace, diz: “Como um leão a rugir vos rodeia, procurando quem devorar” (1Pd 5,8). Enquanto, porém, venenoso, mortal e pernicioso, denomina-o serpente e escorpião: “Pisai serpentes, escorpiões e todo o poder do inimigo” (cf. Lc 10,19). Quando se fala simultaneamente que é forte e venenoso chama-o de dragão, como na passagem: “E o dragão que formaste para com ele brincar” (Sl 104,26ss LXX). Em toda parte chama-o de dragão e serpente tortuosa e áspide. Pois este animal feroz é complicado, astuto e tem muita força: tudo movimenta, tudo perturba, tudo revoluciona. Mas não tendes medo, não tendes temor supersticioso; somente ficai vigilantes, e ele será tal qual um passarinho. “Pisai serpentes e escorpiões”. Ele o colocou sob nossos pés de forma que podemos pisá-lo, se o quisermos.

Vê como é ridículo, que infelicidade ter sobre nossa cabeça aquele que podemos calcar aos pés! Onde vem isto? De nós. Se quisermos, será grande, se quisermos, torná-se-á pequeno. Se cuidamos de nós próprios e somos fiéis a nosso rei, ele se retrai e na batalha não pode mais do que um menino pequeno; quando, porém, abandonamos nosso rei, cresce, muge, range os dentes, porque nos encontra privados daquele grande socorro. Não pode, por conseguinte, atacar, se Deus não o permitir. Com efeito, se não ousou entrar na vara de porcos, sem a permissão de Deus, muito menos o poderá relativamente às almas dos homens!

Deus o permite, contudo, ou para instruir, ou para castigar, ou para aumentar nossos merecimentos, como no caso de Jó. Vês como ele não ataca, nem ousa chegar perto, mas teme e treme? E por que falo de Jó? Tendo se precipitado contra Judas, enquanto Cristo não o afastou do colégio sagrado, não ousou tomá-lo inteiramente, e entrar nele. Enquanto não o lançou fora, não ousou entrar nele; logo, porém que o viu afastar-se do colégio sagrado, precipitou-se contra ele mais voraz que um lobo e não o deixou até que o eliminou com dupla morte.

Isso foi escrito para nossa admoestação. Qual o lucro para nós saber que um dos doze foi traidor? Que utilidade? Que vantagem? Muito grande. Quando ficamos sabendo por qual motivo teve aquele plano pernicioso, precavemo-nos a fim de não sofrermos idêntico final. Onde se originou tudo isto? Da cobiça. Era ladrão. Estava tão ébrio dessa paixão que entregou o Senhor do universo por trinta moedas de prata. O que há de pior do que tal loucura? Aquele a que nada equivale, nada se iguala, em cuja comparação os povos nada são, ele o entregou por trinta moedas de prata.

A cobiça é terrível tirania, que pode fazer a alma decair de sua condição. Nem a embriaguez faz

perder a razão como a cobiça; não sujeita tanto à loucura e à insensatez quanto a cobiça. Qual a causa, diz-me, de traíres o Senhor? A ti, homem vulgar e desconhecido, havia ele chamado, fez de ti um dos doze, transmitiu-te seus ensinamentos, prometeu-te inúmeros bens, deu-te o poder de operar milagres, concedeu-te participação em tudo: mesa, viagens, diálogos, convivência, enfim, tudo como os demais. Não era suficiente para te reter? Por que o traíste? Em que podias recriá-lo, ó ímpio? Em que não te beneficiou? Lia em tua consciência. Não deixou de fazer algo que pudesse fazer. Repetidas vezes disse: “Um de vós me entregará” (Mt 26,21; Mc 14,18; Jo 13,21). Muitas vezes te estigmatizou e no entanto poupou; apesar de saber quem eras, não te expulsou do coro dos apóstolos. Ainda te suportou, ainda, qual genuíno discípulo e um dos doze, honrou e amou. Finalmente, tomou uma toalha e lavou com suas mãos imaculadas teus pés impuros, e nem assim – ó malvadez! – te conteve. Roubavas as esmolas para os pobres; e a fim de evitar mal maior, também isto suportou; nada, contudo, te abalou. Fosses, portanto, uma fera, uma pedra, não te converterias com os benefícios a ti concedidos, os milagres, os ensinamentos? Ainda assim te chama apesar de seres mais cruel que as feras, e atraí com estupendos milagres apesar de seres mais insensível que as pedras. Tu, porém, de forma alguma te tornaste melhor. Pasmais talvez diante de tal estultice do traidor. Temei também a paixão que o arruinou. Foi por causa da cobiça, do amor do dinheiro, que tal se tornou. Arrancai pela raiz esta paixão: ela gera graves doenças, produz ímpios e leva à negação de Deus apesar dos seus inumeráveis benefícios. Arranca, por favor, não é mal insignificante; acarreta mil danos mortíferos. Conhecemos a paixão de Judas; tenhamos medo de incorreremos na mesma sorte. O fato foi escrito a fim de não termos idêntico sofrimento; todos os evangelistas narram o caso, a fim de sermos prudentes. Foge para longe. A avidez não existe apenas quando se ambiciona muito, mas simplesmente quando se anela por riquezas. A cobiça é perigosa ao se ambicionar mais do que o necessário. De fato, eram talentos de ouro que impeliram o traidor? Eram trinta moedas de prata. Por trinta moedas de prata entregou o Senhor. Aliás, recordais ter eu dito a esse respeito que a cobiça não se mostra no fato de se apossar de muito, antes no de agarrar um pouco? Eis quanto mal ele cometeu por um pouco de ouro: não, contudo, por ouro, mas por prata. Não é possível, não é possível que um cobiçoso veja algum dia a face de Cristo; é coisa impossível! É a raiz dos vícios. Se quem está preso a um só vício, perde aquela glória, que lugar ocupará o portador da raiz dos vícios? O servo das riquezas não pode ser genuíno servo de Cristo. O próprio Cristo afirmou que é coisa impossível: “Não podeis servir a Deus e a Mamom”. E: “Ninguém pode servir a dois senhores” (Mt 6,24; Lc 16,13). Efetivamente, ordenam coisas opostas: Cristo ordena: “Poupa os pobres”; Mamom diz: “Tira até mesmo o que eles têm”. Cristo diz: “Renuncia ao que tens”; Mamom diz: “Toma o que possuem”.

Vês a oposição? Vês a peleja? Quereis que mostremos como não pode alguém facilmente obedecer a ambos, mas terá de desprezar a um deles? Ou são desnecessárias as palavras? Por quê? Não vemos na realidade que Cristo é desprezado, e honrado Mamom? Percebestes como até as palavras são pesadas? Quanto mais os fatos! Na realidade, entretanto, não parece tão grave, porque estamos dominados pela paixão. Quando, porém, a alma ao menos um pouco se purifica desta paixão, enquanto permanece nesse estado, pode julgar retamente. Logo, contudo, que se afasta, é vencida pela febre da paixão e sente prazer na ação, perde o critério sadio, a imparcialidade no tribunal. Declara Cristo: “Igualmente, portanto, qualquer de vós, que não renunciar a tudo o que possui, não pode ser meu discípulo” (Lc 14,33); Mamom diz: “Rouba o pão do pobre. Cristo diz: “Veste o nu”; o outro replica: “Tira as vestes do nu”. Cristo diz: “Não desprezes teu consanguíneo” (cf. Is 58,7); Mamom diz: “Não te compadeças de teu consanguíneo, e mesmo que se trate de tua mãe ou de teu pai, despreza”. E por que digo: pai e mãe? É de tua própria alma, e a esta arruína. Entretanto Mamom é ouvido. Oh! mais facilmente é atendido com sua crueldade, ódio e ferocidade do que Cristo com suas ordens clementes

e salvíficas? Daí provêm a geena, o fogo, o rio inflamado, o verme que não morre! Sei que muitos não ouvem de bom grado o que falo. Nem eu acho agradável proferir estas coisas. O que consigo ao falar disto? Gostaria de sempre poder discorrer sobre as realidades do reino, o repouso, as águas refrescantes, as verdes pastagens, conforme diz a Escritura: “Para as águas tranquilas me conduz, em verdes pastagens me faz repousar” (Sl 23,2). Queríamos falar do lugar, donde a dor, “a aflição e os gemidos fugirão” (cf. Is 35,10ss LXX). Preferia discorrer do prazer da convivência com Cristo, embora supere qualquer palavra e entendimento; mas queria somente, à medida de minhas forças, expor aquelas coisas. O que fazer, porém? Não se há de falar do reino ao febricitante, que se sente mal; antes sobre a saúde. Não se discursa para o que está submetido a um castigo sobre as honras, e sim a respeito de como se livrar da culpa, do castigo, da pena. Enquanto não for este o caso, como expor o primeiro? Por isso eu o repito constantemente, a fim de alcançarmos rapidamente aqueles bens. Deus também ameaçou com a geena a fim de que ninguém nela venha cair, e todos cheguemos ao reino. E nós por isso continuamente relembramos a geena, a fim de vos atrair ao reino; enchendo a mente de temor, preparemo-nos para praticar ações dignas do reino. Por conseguinte, não vos irriteis devido à dureza das palavras. A dureza das expressões, do fardo dos pecados, alivia-nos a alma. Também o ferro é pesado, e pesado o martelo, mas fabricam vasos adequados de ouro e prata e retificam o que está curvo. Se não fossem pesados, não poderiam acertar a matéria torta. Assim também nossa palavra pesada pode orientar a alma na direção certa. Por conseguinte, não fujamos das palavras duras, nem de seus golpes. O golpe não é dado para quebrar ou dilacerar a alma, e sim a fim de corrigi-la.

Sabemos, com a graça de Deus, como bater, até onde intensificar a batida, a fim de não quebrar o vaso, e sim para o polir, endireitar, torná-lo útil ao Senhor, e assim dar-lhe o brilho de uma perfeição sem falhas e bela forma naquele dia, em que aparecerá o rio de fogo; não seja lançado na chama que ali arderá. A não ser que vos cauterizemos aqui, será completamente forçoso ali experimentardes o seu ardor. Não há outra alternativa. O dia do Senhor “se manifestará pelo fogo” (1Cor 3,13). É preferível nossas palavras vos queimarem por breve tempo a arderdes para sempre naquela chama. É absolutamente certo tal evento; frequentemente o afirmo com argumentos irrefutáveis. Na verdade, deviam bastar as Escrituras para vos persuadir; mas, como alguns são propensos à contradição, recorreremos a muitos raciocínios. Nada impede que também agora os repitamos. Quais são? Deus é justo. Todos nós o confessamos: gregos, judeus, hereges e cristãos. Mas, muitos pecadores saem desta vida impunes; enquanto muitos de vida correta partem tendo sofrido inúmeros males.

Se Deus é justo, onde estes serão recompensados, onde aqueles serão castigados, se não existe geena, se não há ressurreição? Cantai sempre a eles e a vós mesmos este refrão e não duvideis da realidade da ressurreição. Quem não duvida da ressurreição, empregará em toda a vida a máxima solicitude a fim de alcançar os bens eternos. Possamos todos nós obtê-los, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai e o santo Espírito glória, poder, honra, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

SÉTIMA HOMILIA

2,5. Tende em vós os mesmos sentimentos de Cristo Jesus:

6. Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como uma rapina,

7. mas esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. E sendo encontrado tal como um homem

8. *humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz!*

9. *Por isso Deus o sobreexaltou grandemente e o agraciou com o Nome que é sobre todo nome,*

10. *de modo que, ao nome de Jesus, se dobre todo joelho dos seres celestes, dos terrestres e dos que vivem sob a terra,*

11. *e, para a glória de Deus Pai, toda língua confesse: Jesus Cristo é o Senhor.*

Temos dito o que respeita aos hereges; é oportuno agora falar do que é nosso. Eles afirmam que a locução: “*não considerou como uma rapina*” significa: “não arrebatar violentamente”. Nós demonstramos que isso é inteiramente obsoleto e despropositado, porque ninguém parte daí para exortar à humildade; não louva assim a Deus, nem mesmo a um homem. Qual, então, o verdadeiro sentido, caríssimos? Atenção ao que vou proferir agora! Uma vez que muitos julgam que, sendo humildes, renunciam à própria dignidade, diminuem-se a si mesmos e são rebaixados, Paulo, para tirar este medo e mostrar não ser conveniente este modo de pensar, diz a respeito de Deus que Deus, o Filho Unigênito do Pai, tendo *a condição divina*, em nada menor que o Pai, a ele igual, *não considerou o ser igual a Deus como uma rapina*. Apreende o significado dessa expressão! Se acaso alguém rouba e toma o que não lhe compete, não ousa pô-lo de lado, com receio de perdê-lo, de cair-lhe das mãos, e continuamente o retém. No entanto, quem possui por natureza alguma dignidade, não tem medo de descer daquela altura, porque sabe que nada disso lhe sucederá. Para empregar um exemplo, Absalão apossou-se do poder e não ousava, portanto, deixá-lo de lado. Ainda vamos dar outro exemplo. Se, contudo, os exemplos não conseguirem esclarecer totalmente, não vos aborreçais. Os exemplos são assim: deixam a maior parte para a dedução da mente. Alguém se revolta contra o rei, e usurpa o reino; ele não ousa privar-se do poder ou escondê-lo; se acaso uma vez o dissimular, logo o perde. Vamos ainda a outro exemplo. Alguém arrebata uma coisa, continuamente a segura; se larga, logo a perde. E em geral os que adquiriram algo por rapina, receiam tirá-lo e dissimulá-lo e não permanecer continuamente no lugar que ocupam. O contrário sucede aos que não possuem algo por rapina; por exemplo, o homem tem a dignidade de ser racional. Não encontro um modelo, porque não existe em nós principado natural: em nós, nenhum bem é propriamente natural, visto que são todos inerentes à natureza de Deus. O que diremos? Que o Filho de Deus não teve medo de descer de sua alta dignidade, porque não considerou como uma rapina a divindade, não teve medo de que alguém lhe arrebatasse a natureza, ou a dignidade. Por isso também a esta depôs, confiante de que a retomaria, e a escondeu, considerando que em nada ficaria diminuído. Por este motivo não disse Paulo: “Não cometeu rapina”, mas: “*não considerou como uma rapina*”. De fato, não obteve o poder por rapina, mas naturalmente; não lhe foi dado, mas era duradouro e seguro. Por esta razão não hesitou em assumir a condição de subordinado. O tirano tem medo de tirar a púrpura na guerra, o imperador, porém, o faz com grande segurança. Por quê? Porque não obteve o poder por rapina. Não é como se o houvesse roubado, e por isso não o depõe, mas o esconde porque o possui naturalmente e de forma alguma pode perdê-lo. Por conseguinte, o ser ele igual a Deus não é rapina, porque é natureza; em consequência, *esvaziou-se*.

Onde estão os que afirmam que ele se sujeitou por necessidade, que se submeteu? Diz Paulo: “*esvaziou-se a si mesmo, humilhou-se e foi obediente até a morte*”! Como “*esvaziou-se*”? “*Assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. E sendo encontrado tal como um homem por seu aspecto.*” Daí vem que, em vez de: “Considerando os outros superiores a si”, declara: “*esvaziou-se a si mesmo*”; portanto, não se tratava de humildade se era subordinado, se não escolheu isto livremente, por si mesmo. Se ele não sabia que isso devia suceder, seria imperfeito. Se não estava ciente do tempo oportuno e ficou à espera, ignorava a ocasião. Ou se sabia que devia acontecer, e quando aconteceria,

por que dizer que estava sujeito a alguma coisa? Diria alguém: “Foi para mostrar a superioridade do Pai”. Isso não é demonstrar a superioridade do Pai, e sim a própria imperfeição. Não é peculiar ao nome do Pai indicar a precedência de origem do Pai? Exceto isso, tudo é comum com o Filho. Aliás, nem é adequado que este atributo do Pai passe para o Filho. Fora disso, tudo o que é do Pai é comum com o Filho.

Agora, ataquemos os dizeres de Marcião: “Vê, afirma, ele não se fez homem”, mas: “Tomou a semelhança de um homem”. O que quer dizer: “*Tomando a semelhança de um homem*”? Assumiu a forma de um fantasma? Então, seria um simulacro e não semelhança de um homem, visto que por semelhança de um homem entende-se outro homem. O que podes replicar a João, que diz: “O Verbo se fez carne” (Jo 1,14)? Aliás, S. Paulo diz o mesmo em outra passagem: “Numa carne semelhante à do pecado” (Rm 8,3).

“*E sendo encontrado tal como um homem por seu aspecto*”. Eis, disse S. Paulo: “*Por seu aspecto*”, e: “*como um homem*”. Não denotam verdadeiramente um homem as expressões: “*como um homem*” e: “*como um homem por seu aspecto*”. Ser um homem por seu aspecto não quer dizer ser homem, por natureza. Vedes com que imparcialidade apresento os argumentos dos adversários? A vitória será mais brilhante e plena se não escondermos que suas opiniões são aparentemente fortes. Disfarçar seria antes fraude que vitória. O que afirmam eles? Vamos novamente assumir suas alegações. “*Por seu aspecto*” não quer dizer: “por natureza”. E as expressões: “*como um homem*” e: “*como um homem por seu aspecto*” não significa: “ser homem”. Por consequência, “*assumir a condição de servo*” não tem o sentido de: “assumir a condição de servo”. Há, portanto, aqui uma contradição. E por que não procuras tu solucionar a primeira questão? Porque julgas que aquelas palavras contradizem nossas afirmações, assim também nós asseguramos que as nossas se opõem ao teu parecer. De fato, não significam: “como condição de servo”, nem: “à semelhança da condição de servo”, nem: “pelo aspecto assumiu a condição de servo” e sim: “*assumiu a condição de servo*”. E então? Qual a contradição? Nenhuma contradição, absolutamente. Mas, qual a opinião insignificante e ridícula deles? Asseguram: “Ele assumiu a condição de servo, porque tomou uma toalha, cingiu-se e lavou os pés dos discípulos” (cf. Jo 13,5). Isto é que se chama condição de servo? Entretanto, isto não é condição de servo, e sim obra servil. Uma coisa é obra servil e outra assumir a condição de servo. Por qual motivo não foi dito: “Fez uma obra de servo”, o que seria mais claro? Em passagem alguma da Escritura se emprega: “condição” em vez de: “obra”. Há grande diferença entre as duas expressões: Uma é relativa à natureza e outra, à atividade. Habitualmente em parte alguma usamos a palavra “condição” por “obra”. Embora na opinião deles, Cristo nem fez a obra, nem se cingiu. Efetivamente, se era uma fantasia a ação, não era verdadeira. Se ele não tinha mãos, como lavou? Se não tinha rins, como se cingiu com a toalha? Que manto retomou? Foi dito: “Retomou o seu manto” (Jo 13,12). Assim, nem se verifica que ele tenha praticado essa obra e sim fora mera ilusão, nem lavara os pés dos discípulos. Se, portanto, a natureza incorpórea não apareceu, não tinha corpo. Quem, pois, lavou os pés dos discípulos?

O que havemos de replicar ainda a Paulo de Samósata? Pergunta-se: “E o que ele afirmou”? Ele asseverou a mesma coisa. Não constitui abaixamento para quem possui a natureza humana e é homem vulgar, lavar os pés dos conservos. Aquilo que dissemos contra os arianos, havemos de repetir para estes: nada os distingue senão um pequeno lapso de tempo; ambos asseveram que o Filho de Deus é criatura. O que, portanto, lhes retrucaremos? Se um homem lavou os pés de outros homens, não se aniquilou, nem se humilhou. Se é homem apenas e não considerou o ser igual a Deus como rapina, não é digno de louvor. Ao invés, se é Deus e fez-se homem, é humilhação, grande, indizível, inenarrável.

Que um homem faça obras humanas, qual a humilhação? Entretanto, onde a condição divina denomina-se obra de Deus? Se, porém, era um homem comum, e por causa das obras emprega-se para ele a expressão: “*condição divina*”, por que não se diz o mesmo a respeito de Pedro, que, no entanto, fez coisas ainda maiores. Por que não dizes acerca de Paulo que “*tinha a condição divina*”? Por que Paulo não se apresentou a si mesmo qual exemplo, ele que fez inúmeras obras servis, e de nenhuma delas se subtraiu? De fato, ele declara: “Não pregamos a nós mesmos, mas a Jesus Cristo Senhor. Quanto a nós mesmos, apresentamo-nos como vossos servos por causa de Jesus” (2Cor 4,5).

Estas opiniões são ridículas e tolas. “*Esvaziou-se a si mesmo.*” Como se esvaziou? – dize-me. Qual o aniquilamento? E qual a humilhação? Será por que fez milagres? Mas isto fez também Paulo, também Pedro; por conseguinte não foi extraordinário o caso do Filho.

Então, o que significa o que Paulo diz: “*tomando a semelhança humana*”? Ele tem muito do que é nosso em si, mas também muitas coisas não possui, como, por exemplo, não nasceu de uma união conjugal, não cometeu pecado. Estas coisas eram peculiares a ele só, nenhum homem as possui em comum com ele. Não era apenas o que aparecia, mas era também Deus. Parecia, na verdade, um homem, mas não era semelhante em muitos pontos, embora a carne fosse parecida. Com isso, contudo, Paulo assevera que não era simples homem; por isso, diz: “*tomando a semelhança humana*”. Nós constamos de alma e corpo; ele, porém, tinha alma e corpo e é Deus. Por este motivo declara Paulo: “*Tomando a semelhança*”. Ao ouvires, portanto, que “*esvaziou-se a si mesmo*” não cogites de uma mudança, transformação e desaparecimento. Diz: Permanecendo o que era, tomou o que não era e tendo se feito carne continua sendo Deus, Verbo.

Nesse sentido é semelhante a um homem, e por isso diz o Apóstolo: “*Por seu aspecto*”. Não quer dizer que a natureza mudou, nem que houve uma mistura, mas que foi “*por seu aspecto*”. Ao afirmar que tomou a condição de servo, ousou de resto declarar também isso, para reduzir ao silêncio todos eles. Daí, ao dizer: “Numa carne semelhante à do pecado” (Rm 8,3) não afirmou que ele não possuía carne, mas que aquela carne não pecou, apesar de semelhante à do pecador. Em que era semelhante? Na natureza, não na malícia; por isso semelhante a uma alma pecadora. Por esta razão como ali: “semelhante” não tem o sentido de igual em tudo, assim aqui se diz “semelhante” enquanto Cristo não era em tudo igual aos homens, porque não nasceu de uma união conjugal, era sem pecado, não era apenas homem. Asseverou com justeza: “*Tomando a semelhança humana*”, porque não era um de muitos, mas era à semelhança de um dentre muitos. Com efeito, o Verbo de Deus não se transformou em homem, nem mudou sua substância, mas apareceu com aspecto humano; não queria nos iludir pela aparência, mas nos ensinar a humildade. Este também é o sentido da palavra: “*Tomando a semelhança humana*”. Paulo denomina-o igualmente em outro lugar um homem, nesses termos: “Há um só Deus, e um só mediador, o homem Cristo Jesus” (1Tm 2,5).

Desta forma temos dito contra aqueles hereges. Agora é forçoso dirigir-nos contra os que asseguram que ele não assumiu uma alma. Se “*condição divina*” quer dizer Deus perfeito, também a “*condição de servo*” significa servo perfeito.

De novo, argumentamos contra os arianos. Afirma o Apóstolo: “*Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como uma rapina*”. Daí, ao se referir à sua divindade, em parte alguma se encontra: “Tornou-se”, em parte alguma: “Aceitou”, e sim: “*esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. E sendo encontrado tal como um homem*”. Daí também acerca da humanidade encontram-se: “Assumiu” e: “Fez-se”. Fez-se isso, assumiu isso, era aquilo. Nenhuma mistura, portanto, nenhuma separação. Um só Deus, um só Cristo, um só Filho de Deus. Quando, porém, eu digo: “um só”, designo uma união, não uma mistura, nem que esta natureza

se muda naquela, mas que se uniu àquela.

“Humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz!” Eis, dizem eles, fez-se obediente, porque não é absolutamente igual àquele ao qual obedeceu. Esse fato em nada o rebaixa, ó ignorantes e insensatos! Visto que também muitas vezes obedecemos aos amigos, isso em nada nos diminui. Como Filho, obedeceu de bom grado ao Pai, não desceu à situação de um escravo, antes através da grande reverência que prestou ao Pai conservou a admirável dignidade de sua filiação. Ele reverenciou o Pai, não para que tu o desonres, antes o admires, e reconheças ser o Filho genuíno, que mais do que todos prestou honras ao Pai. Ninguém honrou a Deus desta forma. Quanto mais elevada a dignidade, tanto, em contrapeso, a humilhação foi mais profunda. Sendo, portanto, o maior de todos, e ninguém o iguala, também superou a todos na honra prestada ao Pai, não forçosamente, mas de boa vontade. Tal era sua virtude; e não tenho como exprimi-la. Ah! é grandioso e sumamente inefável assumir a condição de servo; além disso, submeter-se à morte é muito mais. Existe, contudo, algo de maior e mais inconcebível. Qual é? Não existir outra espécie de morte igual a esta. Ele escolheu de todas as espécies a que parecia mais injuriosa; era coberta de vergonha, de maldição. Diz a Escritura: *“Maldito todo aquele que é suspenso no madeiro”* (Gl 3,13; cf. Dt 21,23). Por causa disso, os judeus tentavam com tanto zelo matá-lo desta forma, para infamá-lo, de sorte que se ninguém o abandonasse por causa de sua morte, o deixasse porque morrera deste modo. Ademais, entre dois ladrões foi crucificado, a fim de compartilhar sua má fama e se cumprir o dito: *“E foi contado com os transgressores”* (Is 53,12; cf. Mc 15,28; cf. Lc 22,37).

Com isso, entretanto, a verdade brilhou mais, e fez-se mais fulgurante. Porque, apesar das maquinções dos inimigos contra sua boa fama, ela mais reluziu, mais se revelou a sua maravilha. Efetivamente, pensavam que não simplesmente o fato de ser morto, mas ser morto de tal modo faria com que fosse detestado e em grau máximo; mas nada conseguiram. Ambos os ladrões eram na realidade tão celerados – contudo, mais tarde converteu-se um deles – que, até na cruz, eles o injuriavam; nem a consciência dos próprios pecados, nem o suplício, nem o sofrimento de idênticos tormentos, conteve seu furor; quanto às palavras de um deles, que repreendeu o outro da seguinte forma: *“Nem sequer temes a Deus, estando nós na mesma condenação?”* (cf. Lc 23,40) mostra quão grande era sua maldade. Mas nada disso prejudicou a glória de Cristo. Afirma a Escritura: *“Por isso Deus o sobreexaltou grandemente e o agraciou com o Nome que é sobre todo nome”*.

Uma vez que São Paulo mencionou a carne, referiu em consequência confiadamente as suas humilhações. Enquanto não declarou que ele assumira a condição de servo, mas discorreu acerca de sua divindade, vê como o faz de maneira sublime. Sublime, digo, à medida de suas forças, pois não se exprimiu de modo adequado à dignidade dele, nem era possível: *“Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como uma rapina”*. Mas, após ter declarado que ele se encarnou, fala intrepidamente das humilhações, confiante de que não atingia a divindade expor as humilhações recebidas pela natureza humana.

“Por isso Deus o sobreexaltou grandemente e o agraciou com o Nome que é sobre todo nome,”

“de modo que, ao nome de Jesus, se dobre todo joelho dos seres celestes, dos terrestres e dos que vivem sob a terra,”

“e, para a glória de Deus Pai, toda língua confesse: Jesus Cristo é o Senhor”.

Falemos contra os hereges: Se Paulo fala essas coisas a respeito do Verbo não encarnado, se são referentes ao Verbo de Deus, como *“Deus o exaltou”*? Acaso lhe deu algo mais? Então ele era imperfeito neste ponto, tornando-se perfeito por nossa causa. Nesse caso, se não nos tivesse

beneficiado, não teria obtido essa honra. *“Agraciou-o com o Nome”*. Eis que nem possuía um nome, em vossa opinião. Como então se explica, se assumiu o que lhe era devido, que teria obtido qual graça, gratuitamente, *“o Nome que é sobre todo nome”*? Vamos procurar saber de que espécie de nome se trata: *“de modo que, ao nome de Jesus, se dobre todo joelho”*. Os hereges entendem a glória sob a expressão: o nome. Esta é, portanto, a glória que está acima de toda glória: a glória seria simplesmente o fato de ser adorado. Estais bem longe da grandeza de Deus, vós que imaginais conhecer a Deus como ele próprio se conhece. Ao menos isso bem indica o quanto vos apartais do verdadeiro conceito de Deus; de resto, indicam-no também estas considerações. Dize-me, isto é que é a glória? Então não estava de posse da glória, antes que fossem feitos os homens, antes que fossem criados os anjos, antes dos arcanjos. Se, pois, esta é propriamente a glória, a glória que está acima de toda glória (é este o sentido da locução: *“sobre todo nome”*), certamente estava de posse da glória, todavia de uma glória menor do que agora. Neste caso, criou o mundo com a finalidade de estar de posse da glória e não, absolutamente, por bondade, mas enquanto necessitado de nossa glorificação. Vedes a insensatez? Vedes a impiedade?

Por conseguinte, se dissessem estas coisas acerca do Verbo encarnado, a palavra seria exata: é lícito referir ao Verbo de Deus estas coisas por causa da carne; a natureza divina não é atingida, mas tudo se resolve no fato da economia da salvação. Então, não resta à maldosa opinião dos hereges, que querem atribuir essas passagens a sua divindade, nenhuma desculpa. Quando nós daí deduzimos que Deus fez sua natureza humana imortal, embora fale do todo, sei o que digo.

O que quer dizer: *“dos seres celestes, dos terrestres e dos que vivem sob a terra”*? O universo todo, anjos, homens e demônios; ou também os justos e os pecadores.

“E, para a glória de Deus Pai, toda língua confesse: Jesus Cristo é o Senhor”, isto é, todos confessem isto, a saber, a glória do Pai. Vês que em toda parte quando o Filho é glorificado, é glorificado igualmente o Pai? Assim também, quando o Filho não recebe honras, o Pai também não as recebe. Se, portanto, entre nós isto sucede apesar da grande distância entre pais e filhos, muito mais em Deus, onde não há tal diferença, transmite-se a honra e a falta de respeito. Constitui glória para o Pai, portanto, afirmar o Apóstolo que a terra inteira se acha submetida ao Filho.

Declarar ser o Filho perfeito, nada lhe faltar, não ser menor que o Pai reverte em glória para o Pai. Constitui também grande indício de seu poder, bondade e sabedoria ter gerado tal Filho, em nada menor, nem em bondade, nem em sabedoria. Quando asseguro que é sábio, como o Pai, e em nada menor, assinalo a grande sabedoria do Pai. Quando afirmo que é poderoso, como o Pai, é sinal de seu poder. Ao afirmar que é bom, como o Pai, apresento o maior exemplo de sua bondade porque gerou tal Filho, em nada inferior, nem menor. Quando digo que não é menor segundo a substância, mas igual, nem de outra substância, mais uma vez admiro a Deus, a sua força, bondade e sabedoria, porque nos revela um outro dele gerado, tal como ele, exceto que não é o Pai. Tudo o que eu asseverar de grande a respeito do Filho, reverte ao Pai. Se, pois, este universo pequeno e insignificante (de fato é pouco para a glória de Deus a adoração da terra inteira) torna-se glória de Deus, quanto mais todo o restante?

Acreditemos, por conseguinte, para sua glória, e vivamos para sua glória, porque de nada vale uma sem a outra. Pois, quando louvamos devidamente e não vivemos dignamente, antes o injuriamos, porque o denominamos Senhor e Mestre e o menosprezamos, e não tememos seu terrível juízo. Que os gregos vivam na impureza, não é de se espantar, nem tão digno de condenação. Que cristãos, contudo, participantes de tais mistérios, fruindo de tal glória, vivam de maneira impura, é péssimo e insuportável. Dize-me, pois: O Filho prestou a maior obediência, por isso obteve as honras excelsas. Fez-se servo e em consequência tornou-se o Senhor de todos, dos anjos e das demais criaturas.

Também nós, portanto, não julguemos perder nossa dignidade quando nos humilhamos. Ou melhor, seríamos inteiramente exaltados, seríamos admirados. Com efeito, a exaltação é humilhação, a humilhação exaltação. Bastaria a expressa afirmação de Cristo (cf. Mt 32,12; Lc 14,11; 18,14). Queremos, contudo, examinar mais de perto a questão.

O que significa ser humilhado? Não seria, na verdade, ser vituperado, acusado, caluniado? E ser exaltado? Não é ser honrado, louvado, glorificado? Muito bem. Vejamos agora como isso acontece. Satanás era um anjo, exaltou-se. E o que aconteceu? Não é o mais humilhado de todos? Não tem a terra por sede? Não é de todos o mais injuriado e odioso? Paulo, que era um homem, humilhou-se. E então? Não é admirado? Não é louvado? Não é elogiado? Não é amigo de Cristo? Não operou obras maiores do que as de Cristo? Muitas vezes não deu ordens ao diabo, qual a um escravo? Não o arrastou como a um carrasco? Não zombou dele? Não lhe esmagou a cabeça debaixo de seus pés? Não alcançou isto a favor de outros com muita ousadia? (cf. Rm 16,20). Por que digo estas coisas? Absalão exaltou-se, Davi humilhou-se. Qual deles foi exaltado? Quem foi cercado de glória? O que há de mais humilde que as palavras proferidas acerca de Semei por este santo profeta: “Deixai que amaldiçoe, se o Senhor lhe ordenou...” (2Sm 16,10). Investiguemos ainda o mesmo assunto, se vos aprouver. O publicano humilhou-se, apesar de não se tratar propriamente de humildade, mas foi prudente, como se diz, aquilo que proferiu. O fariseu exaltou-se. Mas, se quiserdes, deixemos de lado as pessoas, examinemos o assunto. Imaginemos dois homens, ambos ricos, cercados de honrarias, que se julgam muito importantes, tanto pela sabedoria quanto pelo poder, e outros bens mundanos. Um deles reclama honras da parte de todos, encoleriza-se quando não recebe atenções, e exige mais do que convém, exaltando-se. O outro as despreza, não se irrita contra ninguém por esse motivo, e rejeita a honra que lhe é prestada. Qual deles é o maior? O que a procura e não alcança ou o que despreza a que lhe é prestada? É claro que é este último e com razão. Com efeito, ninguém pode alcançar a glória de outra forma senão fugindo dela. Enquanto a perseguimos, ela foge de nós; quando dela fugimos, ela nos persegue. Se queres ser ilustre, não ambicionas a glória: se queres ser sublime, não te exaltes. Ainda há outra razão por que são honrados aqueles que não procuram as honrarias, e ao invés, os que a ambicionam são aborrecidos. O gênero humano por natureza é contencioso e contraditor.

Desprezemos, portanto, a glória. Deste modo podemos tornar-nos humildes, ou antes ser exaltados. Não te exaltes, e serás exaltado. Quem se exalta a si mesmo, pelos outros não será exaltado; quem se humilha, não será humilhado pelos demais. O orgulho é grande mal. É preferível ser insensato a ser orgulhoso. No primeiro caso a insensatez é apenas fraqueza mental; no segundo, ao invés, é pior: é insensatez furiosa. O insensato causa mal a si mesmo, o orgulhoso, porém, prejudica os outros. Essa paixão é gerada pela insensatez. Não é possível exaltar-se sem ser insensato; cheio de insensatez, com efeito, está o orgulhoso. Escuta como se exprime determinado sábio: “Vês um homem sábio aos seus olhos? Espera-se mais do insensato do que dele” (Pr 26,12). Vês, não é sem fundamento que digo ser o orgulho mal maior do que a insensatez? Pois diz a Escritura: “Espera-se mais do insensato do que dele”. Daí vem que Paulo igualmente exorta: “Não vos deis ares de sábios” (Rm 12,16).

Dize-me: Qual o corpo que consideramos sadio? O corpo muito inchado cheio de gases e água, ou o que parece compacto e retraído? É claro que é neste caso. Assim acontece também relativamente à alma: a que se incha, sofre de doença pior que a hidropisia; a retraída está livre de qualquer moléstia. Quantos bens, por conseguinte, se originam da humildade! Que queres? Ser tolerante, não iracundo, humano, vigilante, atento e diligente? Esses bens todos se originam da humildade, e os vícios opostos, do orgulho. Forçosamente o orgulhoso é injuriador, brigão, irascível, amargo, sombrio, mais fera do que homem.

És forte, e tens de ti mesmo alta estima? Justamente por isso deves humilhar-te ainda mais. Tens tal estima de ti mesmo por um nada? Efetivamente, o leão é mais audacioso do que tu, e o javali mais robusto; e perto deles nem um mosquito és. Os ladrões, os violadores de túmulos, os gladiadores e os teus escravos, até os mais estúpidos, são mais fortes do que tu. Então pode se pensar em louvor? E não coras de vergonha, por tais cogitações de grandeza? Mas és belo e vigoroso? É a vanglória das gralhas. Não és mais belo que o pavão, nem pelo viço, nem pelas penas. As penas da ave são bem mais bonitas, ela de longe te supera pela plumagem, o colorido. O cisne é mais belo, e várias outras aves; se te comparares com elas, menosprezar-te-ás. Muitas vezes meninos vulgares e jovens solteiras, prostitutas e homens efeminados assim se vangloriam. Essas coisas são dignas de orgulho?

Serias rico? Por que razão? O que tens? Ouro, prata, pedras preciosas? Dessas coisas se orgulham os ladrões e assassinos, e os que trabalham nas minas. Orgulhas-te daquilo que é um castigo para os condenados! Mas te ornas e enfeitas? Veem-se também cavalos bem ornamentados. Entre os persas encontram-se camelos muito enfeitados. Entre os homens, todos os que sobem ao palco. Não te envergonhas de te gabares dessas coisas que os irracionais têm em comum contigo e os escravos, os assassinos, os efeminados, os ladrões e os violadores de túmulos? Mas constróis casas esplêndidas? E o que vale isso? Muitos gaios habitam em lugares mais esplêndidos e têm abrigos mais dignos. Não vês que os que se orgulham das riquezas, constroem casas nos lugares desertos e nos campos, onde os gaios têm seus ninhos? Mas seria por causa de tua bela voz que te envaideces? Não poderás de forma alguma cantar mais suavemente que o cisne e o rouxinol. Seria, então, por tuas múltiplas habilidades? Mas quem seria mais habilidoso que a abelha? Que bordador, que pintor, que construtor poderá imitar essa obra? Seria pela finura de tuas vestes? Mas nisto as aranhas te superam. Seria pela rapidez dos pés? Novamente o prêmio têm os irracionais, a lebre e o veado, e quantos dos animais domésticos são invencíveis na velocidade dos pés. Mas, empreendes longas viagens? Não mais que as aves. Para elas as migrações são mais fáceis: não precisam de provisão, nem de animal de carga, porém as asas bastam-lhes para tudo. Servem de navio, animal de carga, carro, vento, e tudo o que se pode formular. Mas possuis uma vista penetrante? Não, contudo, como a gazela, nem como a águia. Mas tens um ouvido apurado? O asno o têm mais apurado. Mas, tens bom olfato? O cão, porém, não te deixa superá-lo. Mas és hábil para arranjar provisões? És vencido pelas formigas. Mas usas ornatos de ouro? Não tanto, contudo, como as formigas da Índia. Por causa da saúde? Muito melhor do que tu os irracionais, em saúde e bem-estar. Eles não temem que lhes sobrevenha penúria. Diz a Escritura: “Olhai as aves do céu: não semeiam, nem colhem, nem ajuntam em celeiros” (Mt 6,26). Então, diz-se, Deus criou os irracionais em melhor estado que nós. Vês que falta de ponderação? Vês a carência de comprovação diligente? Vês que vantagem nos traz uma genuína pesquisa? Aquele que se julgava acima de todos os homens foi convencido de ficar atrás dos animais irracionais. Mas poupemo-lo; não o imitemos! Nem por se ter considerado melhor que nossa natureza, coloquemo-lo um grau abaixo dos irracionais, mas reergamo-lo dali, não por sua própria causa (pois ele mereceu sofrer estas coisas), mas para demonstrar o amor que Deus tem aos homens e como nos distingue. Existe, de fato, existe algo que não é comum entre nós e os irracionais. Qual é? A piedade e a vida virtuosa. Daí não ser possível falar de dissolutos, efeminados, assassinos; estamos muito distantes deles (cf. 1Cor 6,9-10). Qual é a superioridade? Conhecemos a Deus, reconhecemos sua providência, temos a noção de imortalidade. Nisso cedem diante de nós os animais irracionais. Possuímos com prudência conceitos incontestáveis sobre estes assuntos. Nada disso têm os irracionais em comum conosco. Apesar de ficarmos atrás deles todos, temos domínio sobre eles. Nisto consiste a grandeza do poder: colocados atrás deles, reinamos, porém, sobre eles; assim ficas sabendo que não és a causa dessas coisas, e sim Deus que te criou e concedeu a razão.

Colocamos diante deles redes, armadilhas e os impelimos e apanhamos. Temos prudência, equidade, mansidão, menosprezo das riquezas. Mas porque és um dos arrogantes que nada disso possuis, certamente ou tu te consideras melhor que os outros ou pior que os irracionais. Tal é o orgulho e a audácia. Não guarda em coisa alguma a medida: ou se eleva além do que é devido, ou se rebaixa de modo semelhante.

Igualamo-nos aos anjos no seguinte: foi-nos prometido o reino dos céus e estar no coro com Cristo. Quem é verdadeiramente homem é torturado e não se submete; o homem despreza a morte, não treme, não teme, não aspira a mais. Quanto aos que não são tais, são piores que os animais. Se, de fato, ambicionas as coisas terrenas, mas careces das espirituais, não serás pior que os irracionais? Apresentemos, pois, algum dentre os desarrazoados, que vivem no vício, nas delícias e na cobiça. O cavalo é mais belicoso que ele, o javali mais forte, a lebre mais rápida, o pavão mais gracioso, o cisne tem voz mais bela, o elefante tamanho maior, a águia visão mais penetrante, todas as aves são mais opulentas.

Donde então vem que mereças dominar os animais? Da razão? Mas não é assim. Quando não a utilizas retamente, de novo és pior do que eles. Quando tu que tens a razão és mais irracional do que eles, melhor seria que nem no princípio fosses racional. Não é a mesma coisa atraiçoar um poder recebido ou deixar passar a ocasião de recebê-lo oportuno. Seria melhor que um imperador mais malvado do que os escudeiros não tivesse revestido a púrpura. O mesmo se aplica a este caso. Cientes, portanto, de que sem a virtude somos piores do que os irracionais, exerçamo-la a fim de nos tornarmos homens, ou antes anjos, e gozarmos dos bens prometidos, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai e o santo Espírito sejam dadas glória, poder, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

OITAVA HOMILIA

Trabalhar pela salvação

2,12. *Portanto, meus amados, como sempre tendes obedecido, não somente na minha presença, mas também particularmente agora na minha ausência, operai a vossa salvação com temor e tremor,*

13. *pois é Deus quem opera em vós o querer e o operar, segundo a sua vontade.*

14. *Fazei tudo sem murmurações nem hesitações,*

15. *para vos tornardes irrepreensíveis e puros, filhos de Deus, sem defeito, no meio de uma geração má e perversa, no seio da qual brilhai como astros no mundo,*

16. *mensageiros da Palavra de vida. Assim, no dia de Cristo eu terei a glória...*

As exortações devem ser temperadas com palavras de estímulo. Desta sorte serão bem recebidas, ao reclamarmos daqueles que estimulamos o habitual zelo. Foi assim que Paulo agiu aqui. Ah! e com que propriedade. “*Portanto, meus amados*”, profere ele. Não diz simplesmente: “Obedecei”, mas primeiro os elogia nesses termos: “*como sempre tendes obedecido*”, isto é, exorto-vos: “Imitai, não porém a outros, mas a vós mesmos. “*Não somente na minha presença, mas também particularmente agora na minha ausência.*” Por que: “*particularmente agora na minha ausência*”? Então podia parecer que o fazíeis apenas por respeito e reverência para comigo, e agora, não mais. Se agora mostra-se que vosso zelo aumentou, manifesta-se que outrora não era por mim, mas por Deus.

Que queres, Paulo? Fala. Não que me escuteis, mas “operai a vossa salvação com temor e tremor”. Efetivamente, não é possível a quem vive sem o temor realizar algo de autêntico e admirável. E ele

não diz simplesmente: “com temor”, mas acrescenta: “e tremor”, grau mais alto do temor, no intuito de torná-los mais vigilantes. Paulo tinha este temor; por esta razão também afirma: “Não aconteça que, tendo proclamado a mensagem aos outros, venha eu mesmo a ser reprovado” (1Cor 9,27). Se, na verdade, na vida ordinária sem o temor é impossível conseguir êxito, muito mais nas coisas espirituais! Dize-me. Quem aprendeu as letras sem o temor? Quem se tornou perito nas artes sem o temor? Onde o diabo não espreita, mas apenas a indolência serve de impedimento, necessitamos tanto deste temor somente a fim de superar a indolência natural. Onde é tão grande a luta, tamanhos os obstáculos, como é possível a salvação sem o temor? Como, então, excitar o temor? Pensando que Deus está presente em toda parte, tudo ouve, tudo vê, não apenas as ações, ou as palavras, mas ainda tudo o que está latente nos corações e nas profundezas da mente. “Julga as disposições e as intenções do coração” (Hb 4,12). Quando nos convencemos disso, nada de mal havemos de fazer, nem dizer, nem pensar. Dize-me, pois, se deves estar continuamente na presença do príncipe, não te manterias com temor? E como é que, estando diante de Deus, ris, jogas-te para trás, e não temes, nem estremececes? “Não desprezes sua longanimidade; tem paciência para com aquele que se converte” (cf. Rm 2,4). Ao fazeres algo, não o empreendas sem pensar que Deus está presente; ele na verdade está presente. Por conseguinte, se vais comer, se vais deitar-te, se te irritas, se roubas, se te delicias, ou seja, o que for que fizeres, pensa que Deus está presente, e de forma alguma te entregarás ao riso, jamais te encherás de cólera. Se tiveres continuamente este pensamento, estarás sempre com temor e tremor, pelo fato de permaneceres perto do rei. O construtor, embora seja perito, ou talvez tenha grande habilidade, mantém-se com temor e tremor, receando cair do edifício. E tu que acreditas que por teres praticado muito bem, subiste bem alto; mantém-te com precaução, e no temor, tem os olhos bem abertos a fim de não te precipitares de lá! Muitos são os maus espíritos que querem te jogar para baixo. “Servi ao Senhor com temor, e exultai com tremor” (cf. Sl 2,11).

E como é possível alegrar-se com tremor? Esta, contudo, é a única verdadeira alegria. De fato, apenas temos alegria, quando temos feito o bem, e do modo que se espera daqueles que o realizam com tremor. “*Operai a vossa salvação com temor e tremor!*” Ele não disse: “Operai” com o termo *ergazesthe*, mas com a expressão mais forte: *katergazesthe*, isto é, com muito zelo, com muita solicitude! Uma vez que as expressões: “*com temor e tremor*”, os angustiara, vê como alivia a agonia deles. Como se exprime?

“*É Deus quem opera em vós.*” Não temas porque ele diz: “*com temor e com tremor*”. Não o fez para recuares, no intuito de pensares que a virtude é algo de inatingível, e sim a fim de te tornares solícito, de não te dispersares. Se for o caso, Deus tudo fará; quanto a ti, confia, porque “*é Deus quem opera em vós*”. Se, porém, é ele quem opera, devemos manter nossa vontade livre sempre em união estreita, indissolúvel com ele. “*Pois é Deus quem opera em vós o querer e o operar*”. Se ele é quem opera em nós o querer, por que o Apóstolo dá algumas prescrições? Se é ele quem opera em nós o querer, em vão nos declaras: “Obedecestes”, porque não somos nós que obedecemos. Em vão dizes: “*Com temor e tremor*”, pois tudo é obra de Deus. Não é por isso que assegurei: “*Pois é Deus quem opera em vós o querer e o operar*”, mas para acalmar vossa angústia. Se quiseses, então ele opera o querer. Não temas, não te desalentes. Ele mesmo concede a propensão e a execução da obra. Quando o quisermos, de resto, fortificará nossa vontade. Por exemplo, quero praticar algum bem; ele mesmo realiza o bem, ele próprio opera também o querer. Ou esta afirmação do Apóstolo provém de profunda piedade, como aconteceu quando asseverou que nossas boas obras são dons da graça.

Ao denominá-las dons da graça, não nos priva do livre-arbítrio, mas deixa-nos a vontade livre. Assim, ao afirmar que Deus opera em nós o querer, de forma alguma nos retira o livre-arbítrio, mas mostra que pela prática do bem, adquirimos muita propensão a querer o bem. Assim como a execução do bem se origina da mesma prática, a omissão provém da omissão. Deste uma esmola? Mais te exercitas em dar. Não deste? Ficas mais forte na recusa. Foste prudente um dia? Alcançaste estímulo para o dia seguinte. Foste negligente? Intensificaste a negligência. “O ímpio, quando chega ao mais profundo dos pecados, despreza” (Pr 18,3ss LXX). Como o homem ao atingir o profundo dos pecados, despreza, assim ao chegar às profundezas dos bens, torna-se mais zeloso. O perverso, pelo desespero, se torna mais negligente; igualmente o bom, recordando-se da multidão dos bens, se faz mais diligente, receoso de perder tudo.

“*Segundo a sua vontade*”, isto é, por seu amor, para o agrado de Deus, a fim de se cumprir seu desígnio, de se realizar a sua vontade. Nessa passagem, ele manifesta que é Deus quem tudo opera e estimula à confiança. Efetivamente, Deus quer que vivamos segundo sua vontade. Se, porém, ele quer, ele mesmo o opera e em todas as circunstâncias o haverá de realizar; de fato, ele quer que vivamos retamente. Vês como Paulo não nega o livre-arbítrio? “*Fazei tudo sem murmurações nem hesitações*. O diabo, uma vez que não consegue impedir o bem, maquina outro modo de nos defraudar da recompensa. Ele nos insinua a vaidade, ou o orgulho, senão a murmuração ou, se nada disso consegue, a crítica. Vê como Paulo procura eliminar estas paixões. Ele fala da humildade, conforme ouvistes, de tal modo que aparta a arrogância; refere-se à vaidade de sorte a comprimir o inchaço. Em outra passagem, ele exorta: “*Não na minha presença*” somente; aqui ele trata das murmurações e críticas. Por que aos coríntios, a fim de eliminar esta paixão, ele relembra o exemplo dos israelitas (cf. 1Cor 10,10), e aqui, nada disso rememora, mas simplesmente ordena? Porque lá isto já sucedera; então era preciso empregar golpes mais fortes e maior repreensão. Aqui, ao invés, exorta para que não aconteça. Seria supérfluo censurar com mais energia os que de forma alguma haviam falhado. Por conseguinte, induzindo-os à humildade, não apresentou o exemplo do evangelho, onde os que se vangloriam são

castigados, mas introduz, segundo o modelo divino, a exortação e dirige-se a eles como homens livres, filhos legítimos, não quais escravos. Com efeito, na prática do bem, o homem prudente e nobre é incitado pelo exemplo dos homens retos, o homem de maus instintos não o faz por causa disto, mas devido ao exemplo dos condenados; o primeiro por respeito, este por medo do castigo. Por este motivo, ele na Carta aos Hebreus cita o exemplo de Esaú: “Por uma só refeição, vendeu o seu direito de primogenitura” (Hb 2,16). E ainda: “Mas se esmorecer, nele não encontra minha alma satisfação” (Hb 10,38). Aos Coríntios, porém, uma vez que entre eles havia muitos fornicadores, ele diz: “Tenho receio de que, ao voltar a ter convosco, o meu Deus me humilhe em relação a vós e eu tenha de prantear muitos daqueles que pecaram anteriormente e não se terão convertido da impureza, da fornicção e das dissoluções que cometeram” (2Cor 12,21).

“Para vos tornardes irrepreensíveis e puros”, isto é, inatacáveis, simples. Não considera pequena falha a murmuração. Qual o significado de: *“nem hesitações”*? É bom? Não é bom? Não raciocines se causa peso, se ocasiona cansaço; não penses nisto. Ele não diz: “Para que não seja castigado”, porque a murmuração é sujeita a castigo. E isso ele o manifesta na Carta aos Coríntios. Aqui, porém, nada disso, mas diz o seguinte: *“Para vos tornardes irrepreensíveis e puros, filhos de Deus, sem defeito, no meio de uma geração má e pervertida, no seio da qual brilhais como astros no mundo, mensageiros da Palavra de vida. Assim, no Dia de Cristo eu terei a glória ...”*

Vês como ensina a não murmurar? De fato, é próprio dos escravos vis e estúpidos a murmuração. Qual é, dize-me, o filho que murmura quando labuta nos afazeres do pai, e murmura por causa do peso? Pensa, dirá ele, que labutas para ti mesmo, que para ti recolhes. É peculiar a murmuração àqueles que trabalham para outrem e para outrem se cansam. O que, porém, acumula para si, por que há de murmurar? Porque suas riquezas não aumentam? Mas isso não acontece. O que trabalha com gosto, sem necessidade, por que há de murmurar? É melhor nada fazer, do que com murmuração. Arruinaria a própria obra. Ou não vês que, nas nossas próprias casas, sempre dizemos isto: É melhor que tal não se faça do que fazer com murmuração? E muitas vezes preferimos carecer dos serviços do que suportar um murmurador? É, portanto, péssima, é péssima a murmuração. Parece-se com a blasfêmia. Por que os israelitas foram tão gravemente castigados (cf. Nm 16,41ss)? Murmuração é ingratidão. O murmurador é ingrato para com Deus, por conseguinte, blasfemo.

Outrora, efetivamente havia constantes perseguições; um perigo após outro, nenhum repouso, nem pausa, as tribulações vinham numerosas de todos os lados; agora, porém, a paz é profunda, agora são tempos tranquilos.

Por que, então, murmuras? Porque és pobre? Pensa, então, em Jó. Seria porque estás doente? O que farias se adoecesses, estando consciente de teres feito tanto bem e ações retas como aquele santo? Pensa antes nele, durante tanto tempo coberto de vermes, sentado no estrume, e raspando o pus das feridas. Depois de decorrido muito tempo, diz a Escritura, falou-lhe a mulher: “Persistes ainda em dizer: Esperarei ainda um pouco de tempo? Amaldiçoa a Deus e morre duma vez! (Jó 2,9ss LXX) Mas, um de teus filhos morreu? Como seria se perdesse todos e de morte terrível, como os de Jó? Sabeis, pois, sabeis que é grande consolo cuidar do doente, fechar-lhe a boca, cerrar-lhe os olhos, tocar-lhe as faces, ouvir-lhe as últimas palavras. Nada disso, contudo, foi dado àquele justo; ao invés, todos os filhos foram sepultados nas ruínas. E por que digo essas coisas? Se te fosse ordenado matares tu mesmo o próprio filho, imolá-lo, vê-lo queimando, conforme aquele santo patriarca, o que farias? Ele, de fato, tinha de elevar o altar, dispor a lenha, amarrar o menino (cf. Gn 22)? Talvez alguns proferem injúrias contra ti? O que aconteceria se as ouvisses da parte de amigos que tinham vindo para te consolar? Quanto a nós, temos muitos pecados e com justiça somos ultrajados; aquele, ao

invés, “era um homem íntegro e reto, que temia a Deus e se afastava do mal” (Jó 1,1), e teve de ouvir o contrário da parte dos amigos. O que seria, diga-me, se ouvisses tua mulher te exprobrar: “Eu, como uma errante, uma serva, tenho de vagar de lugar em lugar, de casa em casa, e esperar que o sol se ponha para repousar das dores que me envolvem?” (cf. Jó 2,9ss LXX). Por que falas assim, ó insensata? Seria teu marido a causa disto? Não é ele, mas o diabo. “Amaldiçoa a Deus”, diz ela, “e morre!” Se o doente amaldiçoar a Deus e morrer, será melhor para ti? Não há doença pior que aquela, mesmo se nomeares outras mil. Era tão grave que não o deixava ficar em casa, sob um teto; era tal que todos recuavam diante dela. Se não a julgasse incurável, não se sentaria fora da cidade, em piores condições do que os leprosos. Estes ainda habitam uma casa e vivem em comum com outros; ele, porém, pernoitava ao relento, no estrume, nu, sem poder nem mesmo envolver-se num manto. Como? Teria talvez acrescentado dores às dores. Pois apanho torrões de terra, diz ele, para raspar o pus (cf. Jó 7,5). Sua carne produzia pus e vermes, e isso continuamente.

Vês como cada um de vós sente arrepios ao ouvir estas coisas? Se ouvi-las é insuportável, seria suportável vê-las? Se ver é insuportável, muito mais sofrê-las. No entanto, o justo Jó sofreu tudo isso, e não por dois dias, ou três, mas por muito tempo, e não cometeu pecado, nem por palavras (cf. Jó 1,22ss LXX). Que doença podes me indicar tão repleta de dores? Não é pior que a cegueira? “Como um visgo”, diz ele, “vejo meu alimento” (cf. Jó 6,7ss LXX). E não apenas isto, mas o que para os outros constitui repouso, a noite e o sono, nem isso lhe trazia certo alívio, mas era pior do que todos os tormentos. Escuta apenas suas próprias palavras: “Então me assustas com sonhos e me aterrorizas com visões?” “Ao me levantar, penso: ‘Quando chegará a noite?’” (Jó 7,14.4). Apesar de sofrer tanto, não murmurou. Isso, porém, não era o pior, e sim sua péssima fama junto dos homens. Com efeito, dos seus sofrimentos eles tiravam a conclusão de que ele devia ser culpado de inúmeros crimes. Na verdade, até os amigos lhe diziam: “Não sofres castigos conforme merecem os teus pecados” (cf. Jó 11,6). Daí a resposta dele: “Mas agora zombam de mim moços aos quais teria recusado deixar com os cães do meu rebanho” (Jó 30,1).

Não é pior do que mil mortes? Apesar de sacudido de toda parte pelas vagas, e de todos os lados arrastado por furiosa tormenta, entre nuvens escuras, mau tempo, relâmpagos, redemoinhos, turbilhões, permaneceu impávido durante tal tempestade e fúria, como se estivesse num porto tranquilo, e não murmurou. E isto aconteceu antes do tempo da graça, antes que fosse dito algo sobre a ressurreição, antes de se falar em geena, castigo e pena. Quanto a nós, ouvindo as palavras dos profetas, dos apóstolos e dos evangelistas, e contemplando milhares de exemplos, conhecendo a doutrina sobre a ressurreição, ainda nos impacientamos, embora ninguém possa dizer que sofreu tais infortúnios. Se alguém perdeu bens, não, contudo, tantos filhos e filhas, e se os perdeu talvez o tenha merecido por seus pecados. Jó, no entanto, os perdeu de repente, no meio de sacrifícios, enquanto prestava culto a Deus. E se alguém perdeu simultaneamente filhos e riquezas tais – o que não é provável – não esteve totalmente coberto de chagas, nem estas supuravam. Mas se sofresse até isso, não foi injuriado por recém-chegados, o que costuma afligir-nos mais do que as adversidades. Se quando encontramos alguns que nos consolam na tribulação, aliviam-nos e nos estimulam a ter esperança, ainda ficamos desanimados, pensa o que seria se apenas ouvimos insultos! Se: “Esperei por compaixão, e nada! por consoladores, e não os encontrei” (Sl 69,21), é péssimo e insuportável, que mal não seria encontrar injuriadores em vez de consoladores? Jó disse: “Sois todos consoladores importunos” (Jó 16,2).

Se revolvermos continuamente estas coisas, se nisto pensarmos, nenhuma das dificuldades presentes nos entristecerá, em comparação com aquele atleta, aquela alma de aço, aquela mente

inquebrantável e bem forjada. Como se tivesse um corpo de ferro ou de pedra, ele tudo suportou com nobre fortaleza. Meditando nisso, façamos tudo *“sem murmurações nem hesitações”*. Fazes o bem e murmuras? Por que razão? Estás sendo obrigado? Sei, diz Paulo, que muitos dos próximos querem forçar-vos a murmurar (ele o insinua, nestes termos: *“no meio de uma geração má e perversa”*). É, de fato, admirável que, instigados, não vos entregueis a tais sentimentos. Pois também as estrelas brilham de noite, aparecem nas trevas, sem prejuízo de sua peculiar beleza, mas ficam mais brilhantes; quando, porém, vem o dia, não aparecem dessa forma. De igual modo se tu no meio de malvados persistes em ser correto, brilharás com maior fulgor. E será mais admirável permaneceres irrepreensível. A fim de que não digam isto, ele se antecipa no que apresenta em seguida. O que quer dizer: *“mensageiros da Palavra de vida”*? Quer dizer: Haveis de viver, sendo do número dos que são salvos. Vê como logo induz as recompensas: Os fachos são portadores da luz, vós, mensageiros da palavra de vida. O que significa: *“Palavra de vida”*? Tendes o gérmen da vida, o penhor da vida, possuis a própria vida, isto é, tendes em vós as sementes da vida. Tal o sentido da expressão: *“Palavra de vida”*. Por conseguinte, os outros todos estão mortos. Estas palavras o dão a entender; do contrário seriam também todos os outros *“mensageiros da Palavra de vida”*.

“Eu terei a glória”, diz ele. Também eu participo de vossos bens. Tão grande é vossa virtude que não apenas vos salva, mas também a mim torna-me glorioso. Qual a tua glória, São Paulo? Foste flagelado, expulso, injuriado por nossa causa. Por este motivo, ele diz: *“No dia de Cristo”* e acrescenta:

... de não ter corrido nem ter-me esforçado em vão.

Todavia sempre posso gloriar-me de não ter corrido em vão.

17. *Mas se o meu sangue for derramado em libação...* Não diz: “Se devo morrer”, como também não na carta a Timóteo, onde emprega a mesma palavra, dizendo: “Quanto a mim, já fui oferecido em libação” (2Tm 4,6). Consola-os a respeito de sua própria morte e de outro lado, ensina-lhes a suportar de boa vontade a morte por Cristo. Tornar-me-ei igualmente uma libação e um sacrifício, diz ele. Ó alma feliz! Denomina sacrifício a sua oferta. Certamente muito melhor que a oferta de bois é a oferta da alma. Se, porém, por esta oferta devo ser entregue em libação, alegro-me, diz, por minha morte. A tal alegam as palavras:

... em sacrifício e serviço da vossa fé, alegro-me e me regozijo com todos vós;

18. *e vós também alegrai-vos e regozijai-vos comigo.*

Por que *“alegrai-vos comigo”*? Vês como mostra que eles devem se alegrar? Alegro-me, diz ele, porque serei uma libação; regozijai-vos comigo porque serei ofertado em sacrifício. Pelo mesmo motivo também vós alegrai-vos e regozijai-vos comigo, porque sou ofertado em sacrifício. Regozijai-vos comigo, diz, que me alegro com minha morte.

Na verdade, a morte dos justos não merece lágrimas, e sim regozijo. Se eles próprios se alegram, devemos alegrar-nos com eles; seria despropositado enquanto eles mesmos se alegram, chorarmos nós. Mas desejamos a convivência, dizem eles. É apenas um pretexto, uma desculpa. Vê, então, o que Paulo anuncia aos filipenses: *“Alegro-me e regozijo-me com todos vós”*; e tu procuras o relacionamento? Se, na verdade, hás de permanecer aqui, falas com exatidão; se, porém, em breve tempo de novo te reunirás com os ausentes, que relacionamento procuras? Alguém deseja reunir-se a um outro, quando se separa para sempre; se, porém, segues o mesmo caminho, que convivência procuras? Por que não lastimamos os que vão de viagem? Por acaso não derramamos umas lágrimas, e logo depois de um ou dois dias paramos? Se procuras a convivência, chora apenas quanto exige a

natureza; depois disso, alegre-te, como Paulo, que afirmava: “Não sofro terrivelmente, mas até me alegro pelo fato de ir para Cristo. Também vós alegrai-vos, regozijai-vos comigo, diz ele.

Alegremo-nos, por conseguinte, também nós, quando vemos um justo morrer, mas o contrário, se é um dos condenados. O primeiro, efetivamente, parte para receber a recompensa de seus labores, o outro, ao invés, interrompeu a série de seus pecados. Talvez, no entanto, diz-se, se vivesse, converter-se-ia. Deus não o teria levado, se houvesse de se converter. Ele, de fato, que tudo dispõe para nossa salvação, por que motivo não o teria deixado em vida se previsse que haveria de ser-lhe agradável? Se deixa os que não se convertem, muito mais os que se convertem.

Com estas reflexões ponhamos um termo às lamentações, eliminemos as lamúrias. Em tudo demos graças a Deus, façamos tudo sem murmurações. Alegremo-nos. Em tudo levemos uma vida que lhe agrade, a fim de alcançarmos os bens futuros, pela graça e benignidade de nosso Senhor Jesus Cristo, com o qual ao Pai juntamente com o santo Espírito glória, poder, honra, agora e para sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

NONA HOMILIA

Missão de Timóteo e de Epafrodito

2,19. *Espero, no Senhor Jesus, enviar-vos logo Timóteo, para que eu tenha também a alegria de receber notícias vossas.*

20. *Não tenho ninguém de iguais sentimentos que tão sinceramente como ele se preocupe com o que vos diz respeito;*

21. *pois todos procuram atender os seus próprios interesses e não os de Jesus Cristo.*

O Apóstolo tinha dito: “O que me aconteceu redundou em progresso do evangelho: as minhas prisões se tornaram conhecidas por todo o Pretório”. Mais adiante declara: “Se o meu sangue for derramado em libação, em sacrifício e serviço da vossa fé”. Desta forma, fortificou-lhes o ânimo. Eles poderiam ter suspeitado que as palavras anteriores visavam consolá-los. O que fez então, e como eliminou a suspeita? “Envio-vos Timóteo”, diz ele. Eles queriam também ter todas as notícias dele. Mas, por que não declarou: “Para dar minhas notícias”, e sim: “Para ter as vossas”? As suas, por meio de Epafrodito, antes de Timóteo, foram dadas. Por essa razão, disse anteriormente: “Entretanto, julguei necessário enviar-vos Epafrodito, meu irmão”. Queria saber vossas notícias, declara ele. Provavelmente, ele passara muito tempo junto de Paulo por causa de sua doença corporal. Necessariamente, diz ele, desejo ter vossas notícias.

Vê como tudo refere a Cristo, mesmo o envio de Timóteo, ao afirmar: “*Espero, no Senhor Jesus*”, isto é, confio que Deus satisfará este meu desejo, de sorte que “*eu tenha também a alegria de receber notícias vossas*”. Como, diz ele, ficastes reanimados ao serdes informados do resultado de vossas preces por mim, a saber que o evangelho progrediu, que eles se envergonharam e que ocasionou-me alegria aquilo com que julgavam me prejudicar, assim quero ser informado a vosso respeito, a fim de que “*eu tenha também a alegria de receber notícias vossas*”. Daí ele dar-lhes a entender que deviam se alegrar acerca de suas cadeias, e imitá-lo. De fato ele retira daí grande regozijo. As palavras: “*eu tenha também a alegria*”, subentendem: Como também vós.

Ah! que saudade tem dos macedônios! Igualmente atesta o mesmo acerca dos tessalonicenses, como na passagem: “Nós, porém, irmãos, privados por um momento de vossa companhia” (1Ts 2,17) e aqui: “*Espero, no Senhor Jesus, enviar-vos logo Timóteo, para que eu tenha também a alegria de*

receber notícias vossas”, o que certamente atesta a mais intensa solicitude. Uma vez que não podia estar junto deles, envia-lhes os discípulos, não suportando, nem por pequeno intervalo de tempo, ficar sem notícias. Naturalmente, não tinha conhecimento de tudo em espírito; e era razoável que isso acontecesse. Pois, se os discípulos disso se persuadissem, teriam perdido a vergonha; agora, porém, esperando eles que permanecesse oculto o fato, mais facilmente se corrigiriam. Por conseguinte, chama-lhes a atenção, nesses termos: *“eu tenha também a alegria”* e intensifica-lhes o zelo, de sorte que, se Timóteo não for, encontrem quem lhe traga notícias. Evidentemente ele empregou este expediente e adiou a sua chegada para dar aos coríntios tempo de se converterem. Por isso também escreve: *“Foi para vos poupar que não voltei a Corinto”* (2Cor 1,23). Desta forma não somente demonstra caridade, anunciando sua situação, mas também procura saber qual a deles. É peculiar a uma alma cheia de cuidado, solicitude, sempre angustiada. Simultaneamente presta-lhes honra, enviando-lhes Timóteo. O que dizes? Envia a Timóteo? Por que justamente ele? Sim, responde: *“Não tenho ninguém de iguais sentimentos”*, isto é, com solicitude igual à minha, *“que tão sinceramente como ele se preocupe com o que vos diz respeito”*. Então não tem outro consigo de iguais sentimentos? Ninguém. Que significa, pois, esta expressão? Quer dizer que seja semelhante a mim em solicitude e cuidados por vós. Não é fácil encontrar, diz ele, quem, por tal motivo, empreenda uma viagem dessa espécie. Quem vos ama, igual a mim, é Timóteo. Poderia encontrar um outro para enviar, mas nenhum seria como ele. Na verdade, consiste nisso ter iguais sentimentos, demonstrar para com os discípulos o mesmo amor que Paulo. *“Que tão sinceramente como ele se preocupe com o que vos diz respeito”*, isto é, paternalmente.

“Pois todos procuram atender os seus próprios interesses e não os de Jesus Cristo, a saber, o próprio repouso e a própria segurança. Ao escrever a Timóteo, ele diz o mesmo (cf. 2Tm 4,9-16). Por que, na verdade, ele censura essas coisas? A fim de nos instruir a nós que ouvimos a não cairmos em idênticos erros. Quem procura as comodidades, não procura os interesses de Cristo, mas os seus próprios. É preciso estar disposto a todo labor, a toda fadiga.

22. *Quanto a ele, vós sabeis que prova deu: como um filho ao lado do pai, ele serviu comigo à causa do evangelho.*

Vós mesmos atestais que não se trata de palavras vazias, diz ele, pois, *“como um filho ao lado do pai, ele serviu comigo à causa do evangelho”*. Timóteo, sem dúvida, é muito recomendado, em vista de que eles lhe prestem grande respeito. Ao escrever aos Coríntios, age da mesma forma, dizendo: *“Pois trabalha na obra do Senhor, como eu. Por conseguinte, que ninguém o menospreze!”* (1Cor 16,10.11). Não o diz por solicitude para com ele, mas por causa dos que o acolherão, a fim de que eles possam obter grande recompensa.

23. *Espero, pois, enviá-lo, logo que puder ver como vão as coisas comigo.* Quer dizer: Logo que vir como estou, e o fim que terá a minha situação.

24. *Tenho fé no Senhor de que eu mesmo possa logo ir até aí.*

Não o estou enviando porque não irei eu mesmo, mas *“para que eu tenha a alegria de receber notícias vossas”*, para que nesse espaço de tempo não fique sem recebê-las. *“Espero no Senhor”*, isto é, se Deus quiser.

Vê como em tudo depende de Deus, e nada profere segundo a própria opinião.

25. *Entretanto, julguei necessário enviar-vos Epafrodito, meu irmão e colaborador.*

Novamente aqui com elogios envia os dois, um dos quais é Timóteo. A este, por dois motivos: porque os ama(daí dizer: *“sinceramente se preocupa com o que vos diz respeito”*) e porque se

assinalou no serviço do evangelho. Louva a Epafrodito, pelo mesmo motivo que àquele. Como assim? Denomina-o: “irmão e colaborador”, e não fica só nisto, mas acrescenta: “*companheiro de lutas*”, indicando que participou com ele intensamente dos perigos e prestou o mesmo testemunho que ele. O termo: “*companheiro de lutas*” diz mais do que: “*colaborador*”. Efetivamente, pode alguém colaborar nos trabalhos simples, e absolutamente não nas lutas e nos perigos. A expressão: “*companheiro de lutas*”, todavia, inclui também isto. Daí o acréscimo: “*e vosso mensageiro, para atender às minhas necessidades*”, julguei necessário enviar-vos, isto é, restituo-vos o que é vosso. Envio-vos de volta aquele que é um dentre vós, que vos instruirá. Mais uma vez acrescenta muitas coisas sobre o amor que ele tem, nesses termos:

26. *Pois ele estava com saudades de todos vós e muito preocupado porque ficastes sabendo que ele esteve doente.*

27. *De fato esteve doente, às portas da morte, mas Deus se apiedou dele, e não só dele, mas também de mim, para que eu não tivesse tristeza sobre tristeza.*

Nesta passagem ele visa ainda a outra coisa. Manifesta que também Epafrodito sabe perfeitamente que é amado por eles. Este fato costuma contribuir não pouco para se obter a amizade de outrem. Por quê? Esteve doente, diz ele, e isto vos encheu de tristeza. Sarou e ficaste livre do pesar que tivestes com sua doença. Todavia, a tristeza dele não passou, porque, estando curado, não foi visitar-vos. Daí visar o Apóstolo ainda a outra coisa, a saber, desculpar-se por enviá-lo tão tarde. Não foi por negligência, assegura, mas reteve Timóteo porque não tinha outro – “*Não tenho ninguém de iguais sentimentos*” – e a Epafrodito, por causa da doença. Em seguida, manifesta que fora doença grave e durou muito tempo, nesses termos: “*De fato esteve doente, às portas da morte*”. Vês a quanto trabalho Paulo se dá para afastar da mente dos discípulos a opinião de uma desculpa falsa de negligência e descuido da parte dele e não suspeitassem de que não fora porque os menosprezava? Pois nada pode atrair tanto um discípulo quanto a persuasão de que o superior se preocupa com ele, que está triste por sua causa, o que é próprio de excessiva caridade. Diz o Apóstolo: “*Ficastes sabendo que ele esteve doente. De fato esteve doente, às portas da morte*”. E no intuito de ficardes cientes de que não estou procurando um pretexto, ouvi: “*Mas Deus se apiedou dele*”.

O que dizes, ó herege? Aqui Paulo denomina um sinal da misericórdia de Deus que deixe ficar neste mundo aquele que estava a ponto de partir e proporcione-lhe a volta à vida. Se o mundo é perverso, não seria misericórdia deixá-lo no meio da maldade. Mas se é fácil refutar o herege, o que diremos ao cristão? E se ele duvidar igualmente e disser: “Partir e ir estar com Cristo... é muito melhor” (Fl 1,23), por que razão assegura ter ele encontrado misericórdia? Eu, porém, retrucarei: Por que ele mesmo declara ser necessário permanecer por vossa causa? Assim como para Paulo isto era necessário, igualmente para Epafrodito, que com mais rico tesouro de serviços, com maior confiança haveria de partir para junto de Deus. Isto, mesmo que não acontecesse agora, finalmente haveria de acontecer; lucrar as almas, porém, não seria possível depois que partisse da terra. Paulo profere estas coisas todas, segundo o costume dos ouvintes, nem sempre segundo a sabedoria cristã. Estava se dirigindo a seculares, que têm medo da morte. Em seguida demonstra a alta estima que tem a Epafrodito e com isso o torna respeitável, visto que atesta ser-lhe muito útil a saúde dele, de sorte que a considere misericórdia de Deus para consigo. De resto, também sem isto a vida presente é um bem; se não fosse um bem, por que ele considera um castigo a morte prematura, quando diz: “Eis por que há entre vós tantos débeis e enfermos e muitos morreram” (1Cor 11,30). A vida futura, de fato, não é melhor para os malvados, ao contrário, é má, porém é melhor para os bons.

“*Para que eu não tenha tristeza sobre tristeza*”, diz ele; a saber, a tristeza por causa morte além

daquela causada pela doença. Dessa maneira, revela a estima que dedica a Epafrodito.

28. Por isso, apressei-me em enviá-lo...

O que significa: “*apressei-me*”? Significa: sem demora, sem delongas, com toda pressa, com o encargo de superar os obstáculos e ir para junto de vós, a fim de vos livrar da angústia. Quando ouvimos dizer que os que nos são caros estão com saúde, não nos alegramos tanto quanto ao vê-los, e principalmente quando isso acontece contra toda expectativa. Foi o que sucedeu a respeito de Epafrodito. “*Apressei-me em enviá-lo*”, assegura;

assim podeis revê-lo e com isso vos alegrareis, e eu mesmo fico menos triste.

Por que “*menos triste*”? Porque, se vós vos alegrais, eu também me alegro, e ele próprio se regozijará com este prazer, bem como diminuirá minha tristeza. Não assegura: “Sem tristeza” e sim: *eu mesmo fico menos triste*, indicando que sua alma nunca se acha inteiramente livre da tristeza. Ele que afirmara: “Quem fraqueja, sem que eu também me sinta fraco? Quem se escandaliza, sem que eu também me abraze?” (2Cor 11,29) estaria livre de tristeza? Afirma mais ou menos o seguinte: “Pelo menos afasto a tristeza”.

29. Recebei-o, pois, no Senhor, com toda a alegria!

“*No Senhor*”, isto é, espiritualmente. Ou: “*tende em grande estima*”. Ou melhor, dar à expressão: “*no Senhor*” o seguinte sentido: “se Deus quiser”. Recebei-o de forma digna dos santos, como convém aos santos, isto é, “*com toda a alegria*”.

Tudo isso ele faz para o bem deles, não para o do enviado. Maior é a recompensa de quem opera que a do que recebe. “*Tende em grande estima os que são como ele*”, isto é, acolhei-o como convém aos santos.

30. Pois pela obra de Cristo ele quase morreu, arriscando a própria vida para atender por vós às minhas necessidades.

Ele fora enviado em comissão pela Igreja da cidade de Filipos, a fim de servir a Paulo, ou ainda fora para levar-lhe algo. Efetivamente, trouxera um donativo, conforme declarado no fim da carta: “*depois de ter recebido de Epafrodito o que veio de vós*” (Fl 4,18). Provavelmente a sua chegada à cidade de Roma encontrou Paulo em grande e ameaçador perigo, de sorte que os que queriam visitá-lo, não o podiam fazer sem grande risco, mas somente com imenso perigo; habitualmente tal sucede principalmente nas maiores procelas, ao se tornar excessiva a ira dos reis. Quando, pois, alguém por crime de lesa-majestade era lançado no cárcere, sob vigilante custódia, até aos seus escravos era impedido o aceso, ao que provavelmente então Paulo estava sujeito. Epafrodito, porém, sendo de nobres sentimentos, desafiou qualquer perigo para ter ingresso e prestar-lhe serviços e atender a todas as suas necessidades. O Apóstolo assinala dois fatos que o tornam digno de respeito: o primeiro, que incorreu até no perigo de morte, diz ele, por minha causa; o segundo, porque padeceu isso em lugar de toda a cidade, de sorte que naquele perigo obteve merecimento para os que o enviaram, como se a cidade o tivesse enviado qual seu legado. Se eles o acolhessem com todo respeito, e lhe agradecessem por seus serviços, mais intensamente participariam no que ousara fazer.

Ele não declara: “por minha causa”, mas torna a palavra mais digna de crédito, dizendo: “pela obra de Deus”. Não foi por mim que o fez, mas “*ele quase morreu*”, por causa de Deus. Como foi isto? Se não morreu, pois Deus assim o dispôs, arriscou a vida e deu a si mesmo, de sorte que não hesitou diante de qualquer sofrimento, para me prestar serviço. Se ele se expôs ao perigo de vida para prestar serviço a Paulo, muito mais sofreria em vista do anúncio do evangelho; ou melhor, morrer por causa

de Paulo era morrer pelo anúncio do evangelho. A coroa do martírio não se obtém somente pela imolação, mas também tais circunstâncias constituem um martírio. E para dizer algo de espantoso, antes estes que aqueles.

Quem ousa enfrentar a morte por uma causa menor, muito mais ao se tratar de uma causa maior. De sorte que também nós, ao virmos os santos em perigos, arrisquemos! Não é possível àquele que não ousa expor-se, praticar alguma vez um ato generoso, mas forçosamente aquele que pensa demais na segurança terrena, há de perder a vida futura.

“*Para atender*” assim prossegue, “*no que vos faltava, às minhas necessidades*”. O que significa isso? A cidade de Filipos não estava situada perto, mas prestou-me atendimento por meio daquele que me enviou para me servir. Atendeu “*no que vos faltava, às minhas necessidades*” de modo que, também sob este ponto de vista, seria justo prestar-lhe muitas honras, porque tudo o que era necessário, ele o fez em vosso lugar. E Paulo dá a entender que o atendimento foi o primeiro da parte dos que estavam em segurança aos que periclitavam. Com relação a isso, emprega a locução: “*Para atender, no que vos faltava, às minhas necessidades*”. Notas o ponto de vista do Apóstolo? Não era orgulho, mas grande solicitude para com eles. Visando a que não se exaltassem, mas tivessem moderação, nem pensassem que tinham feito uma coisa grandiosa, mas se humilhassem, dá à questão o nome de atendimento às necessidades.

Por conseguinte, também nós não tenhamos orgulho ao assistirmos aos santos, nem consideremos que lhes prestamos favor. Pois, somos devedores dos santos; não os beneficiamos. Os não combatentes, que ficam em paz em casa, são obrigados a dar subsistência aos soldados no campo de batalha, que lutam em seu lugar; assim acontece aqui relativamente aos santos. Quem teria lançado Paulo no cárcere, se não tivesse assumido o ofício de ensinar? Existe, portanto, o dever, de prestar assistência aos santos. Com efeito, não seria despropositado oferecer tudo, vestes e alimentos, não apenas o necessário, mas também o supérfluo ao soldado que combate pelo imperador terreno, e ao invés, ao combatente a serviço do rei do céu e que deve enfrentar na batalha um inimigo muito mais perigoso, “Pois o nosso combate não é contra o sangue, nem contra a carne” (Ef 6,12) – não fornecer nem o necessário? Que ignorância, que ingratidão, que mesquinhez!

Mas, parece, o respeito humano em nós pode mais que o temor da geena e dos futuros castigos. Por isso, tudo está invertido. As questões políticas são tratadas diariamente com maior solicitude, para não haver omissão; as espirituais, porém, não têm importância alguma para nós. As coisas que são exigidas por meio da força e das torturas, como se pratica relativamente aos escravos e aos que resistem, são dadas com presteza; as voluntárias e peculiares aos homens livres, todas elas são preteridas. Não o digo a respeito de todos, mas contra aqueles que recusam tais contribuições. Talvez não podia Deus impô-las necessariamente? Mas não quis. Deu preferência antes a vós do que aos que são sustentados. Por isso não quis vos forçar, porque não teríeis recompensa. E justamente muitos que aqui estão, estão em piores condições que os judeus. Pensa quanto davam os judeus: os dízimos, as primícias, de novo os dízimos, ainda os duplos dízimos, novamente os tríplexes dízimos, e o siclo; e ninguém dizia que os sacerdotes consumiam muito. Quanto mais eles recebem, maior a recompensa. Não diziam: “Eles recebem muito, devoram muito”, conforme agora escuto alguns falarem. Aqueles, porém, que constroem casas, e compram terrenos, consideram que nada possuem; quando, porém, um sacerdote usa um manto melhor, ou não carece do necessário à subsistência, ou tem um servo a fim de manter o decoro, reputam-no rico. Na realidade, temos abundantes riquezas, e eles o confessam ao menos a contragosto. Nós, na verdade, apesar de possuírmos pouco, somos ricos; eles, embora acumulem tudo, são pobres.

Por quanto tempo continuaremos insensatos? Não vos parece suficiente para merecer castigo nada fazer, mas será necessário também contrairdes o dano oriundo da calúnia? Mesmo que tenhas dado o que possui o sacerdote, perderias a recompensa, censurando o que deste; como podes condenar totalmente, se tu o deste? Antes atestas que era pobre, dizendo que possui o que lhe deste. Por que então censuras? Não convém dar, se hás de criticar. Mas foi outro que deu e tu assim falas? É pior ainda, porque não deste e criticas o benefício de outrem. Que rica recompensa, julgas, receberão os que ouvem estas coisas? Pois os sacerdotes sofrem isso, por causa de Deus. Mas, até onde e de quem? “Poderiam, se o quisessem, ser negociante a varejo, se nada lhes deixaram os antepassados”. Ouço também isso e muitos o dizem ousadamente, quando declaramos que este ou aquele sacerdote se acha na pobreza. Replicam: “Se o quisesse, poderia enriquecer”. Em seguida, injuriosamente: “Um antepassado dele, o avô dele etc. era isso e aquilo; e agora usa ele uma tal veste!”

E então? Dize-me. Ele devia andar nu? Tu o examinas cuidadosamente a respeito deste assunto; atende a não falar contra ti mesmo. Escuta a exortação de Cristo: “Não julgueis para não serdes julgados” (Mt 7,1).

Mas era-lhe lícito, se o quisesse, levar a vida de um taberneiro ou comerciante, e talvez nada lhe faltasse; somente não o quis. O que então ganharia com isso? – dize-me. Revestir-se com um manto de seda? Aparecer cercado duma turba de sequazes na praça? Andar a cavalo? Construir casas, tendo onde se abrigar?

Se acaso o fizer, eu o censuro, não o poupo, e declaro que é indigno do sacerdócio. Como, de fato, poderá exortar os outros a livrar-se do supérfluo, se ele próprio não consegue convencer a si mesmo? Seria injusto por não carecer da necessária subsistência? Deveria talvez ir de porta em porta a mendigar? Dize-me, acaso tu, seu discípulo, não ficarias envergonhado? Mas, se teu pai carnal o fizer, consideras uma vergonha. Se o pai espiritual, porém, for obrigado a agir desse modo, não cobrirás o rosto com as mãos? Ou antes, não julgarás justo penetrar num esconderijo debaixo da terra? Diz a Escritura: “Nenhuma glória para o filho é a desonra do pai” (Eclo 3,12). E então? Deverá morrer de fome? Na verdade, nem isso é próprio de homens piedosos, nem Deus o quer.

Mas, quando lhes respondemos deste modo, logo replicam: “Está escrito, dizem eles: ‘Não leveis ouro, nem prata, nem duas túnicas, nem cobre nos vossos cintos, nem cajado’ (cf. Mt 10,9-10). Eles, no entanto, têm três ou quatro mantos, e leitos estendidos. Ai de mim! Sou forçado a suspirar profundamente agora, e se me permitisse o decoro, talvez derramasse lágrimas. Qual a razão? Porque reparamos o cisco nos olhos dos outros e não percebemos a trave nos nossos (cf. Mt 7,3; Lc 6,41). Dize-me, por que não proferes isso para ti mesmo? Porque isso foi ordenado aos mestres somente, respondes. Na verdade, quando Paulo diz: “Se, pois, temos alimento e vestuário, contentemo-nos com isso” (1Tm 6,8), dirige-se somente aos mestres? Absolutamente, não; mas fala a todos os homens. Torna-se isso evidente quando ponderarmos o início da passagem. Pois assegura: “A piedade é de fato grande fonte de lucro, mas para quem sabe se contentar” (1Tm 6,6). E em seguida: “Pois nós nada trouxemos para o mundo, nem coisa alguma dele podemos levar” (1Tm 6,7). Imediatamente acrescenta: “Se, pois, temos alimento e vestuário, contentemo-nos com isso. Ora, os que querem se enriquecer caem em tentação e cilada, e em muitos desejos insensatos e perniciosos” (1Tm 6,8-9).

Vês que a palavra é endereçada a todos? E Por quê? Ao proferir ainda: “Não procureis satisfazer os desejos da carne” (Rm 13,14), não está falando a todos sem exceção? E como seria, quando declara: “Os alimentos são para o ventre e o ventre para os alimentos, e Deus destruirá aqueles e este” (1Cor 6,13)? Como seria ao asseverar: “A que só busca prazer, mesmo se vive, já está morta” (1Tm 5,6), referindo-se à viúva? Acaso a viúva é um mestre? Não expôs ele claramente: “Eu não permito que a

mulher ensine, ou domine o homem” (1Tm 2,12)? Se, porém, é viúva, também é de idade senil; a velhice exige muito respeito, e igualmente a própria natureza. O gênero feminino necessita de maior socorro, porque é fraco. Se, portanto, onde a idade e a natureza opõem obstáculo, não permite de forma alguma que só busque prazer, mas afirma que está morta (não disse apenas: Não busque só prazer, mas: *“a que só busca prazer, mesmo se vive, já está morta”* (1Tm 5,6) e a exclui, pois a que morreu, foi apartada), que desculpa terá o homem que fizer o que na mulher idosa merece castigo?

Com efeito, ninguém o pensará, ninguém o investigará. No entanto, fui obrigado a dizer essas coisas, não, contudo, para isentar os sacerdotes de culpa, mas em vosso interesse. Entretanto, se procuram riquezas, ouvem com razão e justiça essas coisas; vós em nada lhes causais dano. Mas, se falais ou se calais, no além terão de prestar contas ao Juiz, de sorte que vossas palavras nenhum dano lhes ocasionarão. Se, porém, é falso o que dizeis, eles na verdade até retiram lucro por serem caluniados em vão, enquanto vós com isso sofrereis detrimento. Relativamente a vós, não é assim. Mas se for verdade, ou mentira o que se refere contra eles, pelo fato mesmo de os maldizerdes, vós vos lesais. E por quê? Talvez seja verdade, e assim vos prejudicais, julgando os mestres e perturbando a ordem. Se, de fato, não se deve julgar um irmão, muito mais a um mestre. Se, ao invés, for mentira, será intolerável o castigo e o suplício. Tereis de dar contas de toda palavra inútil (cf. Mt 12,36). Por conseguinte, é em vosso favor que tudo fazemos e nos fatigamos. Enfim, conforme dizia, ninguém examina isto, ninguém se empenha curiosamente nisto, ninguém o diz a si mesmo. Quereis que acrescente outras palavras? “Qualquer de vós que não renunciar a tudo o que possui”, não é digno de mim (cf. Lc 14,33). E como seria quando Cristo afirma: “Um rico dificilmente entrará no reino dos céus” (Mt 19,23)? E como, ao dizer ele: “Ai de vós, ricos, porque já tendes a vossa consolação!” (Lc 6,24)? Ninguém o pondera, ninguém pensa, ninguém o diz a si mesmo, mas somente contra as faltas alheias proferimos juízo severo. Entretanto, isso nada mais seria do que se tornar participantes dos pecados alheios.

Quero, contudo, defender os sacerdotes das acusações que lançais contra eles e isto em vosso próprio interesse. Ouvi, portanto! Persuadir-se de que eles transgridem a lei de Deus, reveste-se de grande parte de malícia. Está bem. Vamos examinar a questão! Ordena Cristo: “Não leveis ouro, nem prata, nem duas túnicas, nem sandálias, nem cinto, nem cajado” (cf. Mt 10,9-10). E então? Dize-me: Pedro agiu contra o preceito? Como não, se tinha cinto, manto e sandálias? Como prova de que os usava, escuta as palavras que o anjo lhe dirige: “Cinge-te e amarra as sandálias” (At 12,8). E, no entanto, não eram as sandálias de tamanha necessidade. Naquele tempo era possível andar descalço e apenas no inverno eram muito necessárias; contudo, ele as usava. E o que acontecia a Paulo? Tendo dito, ao escrever a Timóteo: “Procura vir antes do inverno” (2Tm 4,21), mais acima ordena: “Traz-me, quando vieres, o manto que eu deixei em Trôade, em casa de Carpo, e também os livros, especialmente os pergaminhos” (2Tm 4,13). Eis que trata de um manto; não diga talvez alguém que não tinha outro além do que usava. Efetivamente, se não costumasse usar absolutamente, era inútil mandar que lho fosse trazido; uma vez que era impossível que não usasse um manto, é evidente que tinha dois. Por que motivo, então, por dois anos inteiros continuou a exercer um trabalho manual para subsistir? Acaso Cristo rejeitara o vaso escolhido, que declarava: “Já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20), este homem do qual o próprio Cristo atesta: “Este homem é para mim um vaso escolhido” (At 9,15)?

Propriamente devia eu deixar-vos nesta contradição, sem apresentar solução alguma à questão, e assim vos castigar pela negligência que tendes relativamente às Escrituras; daí se originam todas essas coisas. Por isso também, examinamos tão minuciosamente os pecados alheios, e não damos

importância aos nossos, pois desconhecemos as Escrituras, não fomos instruídos nas leis divinas. Tal castigo, portanto, deveria vos ser infligido. Mas o que devo fazer? Sou vosso pai; e os pais perdoam aos filhos muito além do que devem, quando as vísceras paternas se aquecem e se virem um filho triste e abatido, sentem dor maior do que a do próprio filho, e não sossegam enquanto não afastarem a causa da tristeza. Aliás, é possível que isso aconteça, que vos deixe um pouco entristecidos por não o aceitardes, a fim de o receberdes bem agora.

E o que dizer, então? O Apóstolo não se opõe – que tal não aconteça – antes segue muito fielmente os preceitos de Cristo. Pois aqueles preceitos eram temporários, não perpétuos. E não o afirmo por conjectura, mas segundo as Escrituras divinas. Como? Lucas narra que Cristo declarou aos discípulos: “‘Quando eu vos envie sem bolsa, nem alforje, nem cinto, nem sandálias, faltou-vos alguma coisa?’ – ‘Nada’, responderam” (cf. Lc 22,35). No entanto, agora adquiri-os. Mas o que era preciso fazer, dizer-me? Possuir apenas uma túnica? Como? Se fosse necessário lavá-la, seria preciso ficar nu, preso em casa? Ou por necessidade, sair nu, sem dar atenção ao decoro? Pensa o que sucederia a Paulo, que percorria de tal forma o orbe da terra, a fim de praticar obras tão importantes, ter de ficar em casa por falta de roupa, e impedir feitos tão grandiosos. E então? Se o inverno fosse rigoroso, chovesse ou estivesse gelado, como a poderia secar? Então novamente deveria ficar nu em casa? O que sucederia se pela intensidade do frio o corpo congelasse? Devia consumir-se, e calar-se? Não julgues que tivessem corpo de aço. Ouve o que diz a respeito de Timóteo: “Toma um pouco de vinho por causa de teu estômago e de tuas frequentes fraquezas” (1Tm 5,23). E ainda acerca de um outro: “Julguei necessário enviar-vos” vosso apóstolo e “mensageiro, para atender às minhas necessidades... De fato esteve doente, às portas da morte, mas Deus se apiedou dele, e não só dele, mas também de mim” (Fl 2,25.27). Por conseguinte, estavam expostos a qualquer doença. Como? Eles deviam perecer? De forma alguma. Por que motivo, então, Cristo lhes mandou tal provação? Queria manifestar sua força, e em seguida que podia fazer-lhes isto e não fez. Por que não fez? Eles eram muito mais admiráveis que os israelitas, cujas sandálias e vestes não se gastavam (cf. Dt 29,4), e isto caminhando por aquele deserto, onde os raios do sol caíam mais ardentes, ou os rochedos poderiam convertê-los em cinzas. Qual a razão de ter agido assim? Foi por tua causa. Pois haveria de acontecer que não ficarias sempre com saúde, mas terias feridas, ofereceu-te oportunidade de preparar um remédio. Esta passagem o torna claro. Dize-me, por conseguinte: Não poderia ele próprio dar a Paulo a subsistência? Se deu a ti, transgressor, por que não o deu antes a Paulo? Deu aos israelitas, aos murmuradores, aos adúlteros, aos idólatras, porque não deu de preferência a Pedro, que tudo deixara por causa dele? Ele que permitiu que homens malvados tivessem posses, não poderia antes concedê-las a João, que por causa dele abandonara o pai? Não o quis, porém. Mas, por teu intermédio ele os nutre, a fim de que te santifiques.

Contempla, contudo, o excessivo amor de Deus aos homens. Preferiu que seus discípulos tivessem menos, para que respirasses um pouco. Mas, dir-se-ia, se os tivesse feito sem carências, eles seriam muito mais admiráveis, muito mais ilustres. Entretanto, tua salvação sofreria detrimento. Não quis, portanto, fazê-los mais admiráveis, antes que parecessem diminuídos, a fim de te salvares, e permitiu que fossem humilhados, para que pudesses obter a salvação. Com efeito, não é igualmente venerando o mestre que recebe, mas é mais honrado aquele que não recebe; neste caso, porém, o discípulo não alcança lucro algum, mas perde o fruto.

Vês a sabedoria de Deus, que ama os homens? Pois como ele não procurou a própria glória, nem considerou o próprio interesse, mas estando na glória, quis humilhar-se por tua causa, assim também reservou isso aos mestres. Embora pudesse criá-los em posição honrosa, preferiu que fossem humildes

por tua causa, a fim de teres como lucrar, como enriquecer. No intuito de teres em abundância os bens espirituais, quis que ele carecesse dos bens terrenos. Demonstrei por muitos argumentos que Deus poderia criá-los sem carecer de nada; mas foi também demonstrado que, por tua causa, deixou-os sujeitos às necessidades.

Cientes disso, não nos entreguemos a calúnias, mas aos benefícios; não perscrutemos curiosamente os males alheios, mas analisemos os nossos; cogitemos nas boas obras dos outros, e pensemos nos nossos pecados, e assim agradaremos a Deus. Pois, encarando os pecados alheios, e nossas boas obras, teremos duplo prejuízo. Em vista daqueles exaltamo-nos com orgulho, e destas, caímos na negligência. De fato, ao se pensar que este ou aquele pecou, facilmente se peca também; e ao cogitar alguém que ele próprio agiu bem, facilmente torna-se orgulhoso. Quem, ao invés, entrega ao esquecimento suas boas obras, considerando apenas seus pecados, sem investigar curiosamente os pecados dos outros, e sim as boas obras deles, recolhe múltiplo lucro. Escuta de que modo: Se alguém vê que este ou aquele agiu bem, inflama-se de idêntico zelo; ao verificar que ele próprio peca, torna-se humilde e modesto. Se agirmos desta forma e assim nos orientarmos, poderemos alcançar os bens prometidos, através da graça e benevolência de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai e simultaneamente com o Espírito Santo glória, poder, honra, agora e para sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA HOMILIA

O verdadeiro caminho da salvação cristã

3,1. *Finalmente, irmãos, regozijai-vos no Senhor. Escrever-vos as mesmas coisas não me é penoso e é seguro para vós.*

2. *Cuidado com os cães, cuidado com os maus obreiros, cuidado com os falsos circuncidados!*

3. *Os circuncidados somos nós, que prestamos culto pelo espírito de Deus e nos gloriamos em Cristo Jesus e não confiamos na carne.*

As tristezas e as preocupações, quando além da medida se apossam da alma, roubam-lhe a própria força. Por essa razão também Paulo reanima os filipenses que se haviam entregado a profunda tristeza. Estavam tristes porque não tinham notícias de Paulo. Tristes porque já o tinham por morto, por causa da pregação, por causa de Epafrodito. Acerca disso tudo, tranquilizando-os, acrescenta:

“*Finalmente, irmãos, regozijai-vos*”. Não existe, de resto, fundamento para essa tristeza. Tendes Epafrodito, que vos causara pesar, tendes Timóteo, também eu irei até aí. O evangelho progride. Que vos resta fazer? “*Regozijai-vos*.” Aos gálatas, com efeito, ele denomina filhos (Gl 4,19), a estes chama de irmãos. Efetivamente, quando quer corrigir alguma coisa, ou mostrar forte afeto, chama de filhos; quando deve mostrar mais respeito àqueles aos quais se dirige, denomina-os irmãos.

“*Finalmente, irmãos, regozijai-vos no Senhor*.” Com justeza diz: “*No Senhor*”, não segundo o mundo, o que não seria alegrar-se. As próprias tribulações, diz ele, segundo Cristo, contêm alegria. *Escrever-vos as mesmas coisas não me é penoso e é seguro para vós. Cuidado com os cães!* Vês como não introduz no início a exortação, mas depois que os elogiou bastante, depois que os admira, então o faz e de novo elogia. Parece, de fato, que esta forma de discurso era um tanto molesta e por isso sempre a suaviza. A quem chama de cães? Tratava-se de alguns que em todas as cartas indica, judeus, impuros, execrands, ambiciosos de lucro torpe e de domínio, e que, visando atrair a si muitos dos fiéis, anunciavam o cristianismo e o judaísmo, corrompendo o evangelho. Uma vez que era difícil

reconhecê-los, declara: “*Cuidado com os cães!*”. Os judeus já não são filhos. Outrora os pagãos eram denominados cães, e agora são eles. Por quê? Porque assim como os pagãos eram alheios a Cristo e a Deus, assim também eles agora se alienaram; por isso indica sua impudência e improbidade, e sua grande diferenciação relativamente aos filhos. Ouve o que é dito à cananeia, porque os pagãos outrora eram denominados cães: “Isso é verdade, Senhor, mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos!” (Mt 15,27).

Mas, nem isto têm, porque há alguns cães que ficam debaixo da mesa; acrescenta, para aliená-los completamente: “*Cuidado com os maus obreiros!*”. É de se admirar que tenha dito: “*Cuidado com os maus obreiros!*”; na verdade trabalham, porém em mau sentido, e seu trabalho é muito pior do que a ociosidade, enquanto rejeitam o que foi retamente estabelecido.

“*Cuidado com os falsos circuncidados!*” A circuncisão era venerada pelos judeus, de tal forma que a lei podia ceder-lhe lugar, de sorte que o sábado era menos importante do que ela. Efetivamente, para realizá-la, eles eximiam-se de observar o sábado; nunca, a fim de observar o sábado, dispensava-se a circuncisão. Veja-se, contudo, a disposição divina (*oikonomia*). Aquela que era mais venerável que o sábado, em determinada época foi preterida. E quando ela foi abolida, muito mais o sábado. Por isso, Paulo corta (*katatemei*) a própria locução, e diz: “*Cuidado com os falsos circuncidados!*” (*katatomen*). E não disse que a circuncisão é um mal, nem que a circuncisão é supérflua, a fim de não feri-los, mas dispõe o caso com prudência, procurando desviar a questão, poupando o nome, ou antes com maior zelo a realidade. Relativamente aos gálatas não age de igual maneira. Pois, visto que ali a doença era grave, produz o corte sem consideração, com grande autoridade. Aqui, ao invés, porque nada de tal haviam admitido, gratifica-os com o prazer daquele apelido. Com isso, rejeita a uns e outros e diz: “*Cuidado com os falsos circuncidados! Os circuncidados somos nós*”. Como? “*Que prestamos culto pelo espírito de Deus e não confiamos na carne*.” Não disse: Examinemos aquela circuncisão e esta, para saber qual a melhor; mas nem partilha o nome com ela. Mas o que afirma? Aquela circuncisão é falsa. Por quê? Nada mais faz do que cortar a carne. Pois, quando o que se realiza não é legítimo, não passa de corte carnal e falsa circuncisão. Ou ele por isso assim a denomina, ou porque se empenhava em romper a unidade da igreja. Também nós damos o nome de falsa circuncisão à daqueles que a realizam vã, simplesmente e sem arte. Se, portanto, convém procurar a circuncisão, talvez a encontreis entre nós. “*Que prestamos culto pelo espírito de Deus*”, quer dizer, os que prestam culto espiritualmente.

Dize-me: O que é melhor, a alma ou o corpo? É claro que é a alma. Então, também aquela circuncisão não é melhor, mas somente esta é circuncisão. De fato, enquanto permanecia o tipo, com razão podia haver comparação. Diz o profeta: “Tirai o prepúcio de vosso coração” (Jr 4,4). Igualmente na Carta aos Romanos o Apóstolo a rejeita, nesses termos: “Pois o verdadeiro judeu não é aquele que como tal aparece externamente, nem é verdadeira circuncisão a que é visível na carne; mas é judeu aquele que o é no interior e a verdadeira circuncisão é a do coração, segundo o espírito e não segundo a letra” (Rm 2,28-29). Agora, de fato, priva-a até do nome, e nega que seja circuncisão. Diz: Nem se trata de circuncisão. Com efeito, o tipo até que venha a realidade, recebe o nome da verdadeira realidade; depois da realização, não mais é assim nomeado. Coisa parecida acontece no esboço de pintura: Esboça-se o retrato do rei; enquanto não se vê despontarem as cores, não se fala em rei. Logo que se acrescenta a cor, o tipo se esconde diante da realidade, e já não aparece. Então dizemos: Eis, é o rei. Também não diz Paulo: Em nós está a circuncisão, mas: “Nós somos”. E com razão. Pois isto é o homem, a circuncisão que consiste na virtude, este é o verdadeiro ser do homem. A respeito deles não falou deste modo, e sim: “*Cuidado com os falsos circuncidados!*”. Na verdade, eles em consequência

incorrem na ruína e no mal. Em seguida, mostrando que a circuncisão não se faz mais no corpo, mas no coração, declara: “*e não confiamos na carne*”.

4. *Aliás, eu poderia até confiar na carne.*

Por que declara aqui: “*Confiar*” e “*na carne*”? Isto é, gloriar-se, plena confiança, palavra grave; mas o acréscimo foi bem-feito. Com efeito, se fosse pagão e condenasse a circuncisão e não somente a circuncisão, mas ainda aqueles que a recebessem em tempo inoportuno, pareceria que irrompesse contra ela porque não pertencia à nobreza própria do judaísmo, por ignorar sua honorabilidade e não participar dela; aqui, porém, quem é participante e acusa certamente não condena como quem não é partícipe, e sim enquanto a denuncia, não por ignorância, antes por inteiro conhecimento.

Vê então o que Paulo diz também na Carta aos Gálatas; incorrendo na necessidade de declarar de si mesmo coisas grandiosas, mesmo assim demonstra humildade: “Ouvistes certamente da minha conduta de outrora no judaísmo” (Gl 1,13); e ainda aqui: “*Se algum outro pensa que pode confiar na carne, eu ainda mais*” e logo acrescenta: “*hebreu, filho de hebreus*”. Não o afirma no início, mas depois de dizer: “*Se algum outro*”, mostrando que o disse por necessidade, por causa deles. Se confiais, disse, “*eu ainda mais*”. Devo dizê-lo agora; de outra forma, calaria. E vê como é desapaixionado que censura. Não repreende nominalmente, e dá-lhes oportunidade de se arrependerem. “*Se algum outro pensa que pode confiar*”. E diz corretamente: “*Se pensa*”, ou porque não tinham muita confiança ou porque não era verdadeira confiança. Tudo era por coação, não por escolha.

5. *Circuncidado ao oitavo dia,*

Em primeiro lugar, cita o que considerava melhor, a questão da circuncisão; depois:

da raça de Israel,

Ambas as coisas mostram que não era prosélito, nem descendente de prosélito. Pelo fato de ser circunciso do oitavo dia manifesta que não era prosélito; sendo da raça de Israel, diz que não era oriundo de pais prosélitos. Mas, para evitar que penses que: “*da raça de Israel*” significa que não pertencia às dez tribos, declara: *da tribo de Benjamim*, como se dissesse: da parte mais importante, porque os sacerdotes eram sorteados desta tribo.

hebreu, filho de hebreus,

Com isso demonstra que não era prosélito, mas oriundo de antigos e genuínos judeus. Efetivamente, era possível ser israelita, sem ser hebreu, filho de hebreus. Muitos haviam corrompido a pureza da raça e não eram iniciados na língua, misturando-se com outras gentes. Ou com estas palavras manifestava a grande nobreza de sua origem.

quanto à Lei, fariseu

Adianta-se agora para o que depende de seu arbítrio; o que vem mencionado acima não dependia de sua escolha. Não foi ele quem escolheu ser circuncidado, ser “*da raça de Israel*” e “*da tribo de Benjamim*”, de sorte que, apesar de possuir tudo isso em comum com outros, ele mais se destacava. O que significa: “*Mais*”? Certamente ele se destacava por não ser prosélito, por pertencer a uma tribo ilustre, por tê-lo recebido de antigos antepassados, o que não constituía privilégio de muitos. Mas, como tudo isso não havia sido de sua própria escolha, acrescenta o que havia sido de seu arbítrio, em que era “*Mais*” que os outros: “*quanto à Lei, fariseu*”,

6. *quanto ao zelo, perseguidor da Igreja,*

Adita isto, porque só aquilo não basta para fundamentar aquele: “*Mais*”, pois era possível ser fariseu, sem ter um zelo fanático.

quanto à justiça,

Pode acontecer que alguém despreze os perigos por ambição de domínio, e não por zelo para com a justiça, conforme faziam os sumos sacerdotes. Paulo, contudo, não agia assim, mas

quanto à justiça,

que há na Lei, irrepreensível.

Por conseguinte, se por nobreza, por alegre zelo, pelos bons costumes e pela vida precedia a todos, por que deixou todas essas honras senão porque encontrei maiores, e até muito melhores, as de Cristo? Por esse motivo, acrescentou:

7. Mas o que era para mim lucro eu o tive como perda, por amor de Cristo.

Paulo, na verdade, renunciou a este modo de viver tão apurado, adotado desde criança, a esta nobreza, a tais perigos, a tamanhas ciladas, labutas, zelo, e considerou perda, apesar de terem sido antes lucro, a fim de ganhar a Cristo. Quanto a nós, não desprezamos nem as riquezas a fim de ganharmos a Cristo, mas preferimos dano na vida futura com prejuízo nos negócios presentes, embora isso não seja senão dano. Dize-me. Examinemos separadamente as questões relativas às riquezas, se não constitui perda, incluindo fadiga indizível e ao invés, nenhum lucro. Qual a utilidade, dize-me, de possuir muitas e preciosas vestes? Que lucro temos quando delas nos revestimos? Nenhum, até, ao contrário, sofremos detrimento. Por quê? Porque o pobre, usando uma túnica vil e gasta no maior calor, não sente mais calor do que tu; até é mais fácil para ele. A túnica gasta e única deixa transpirar com mais facilidade e refaz o corpo; a que foi confeccionada recentemente, mesmo se for mais tênue do que uma teia de aranha, é bem diferente. Tu, porém, vaidoso com o grande luxo, tens duas e três túnicas, muitas vezes ainda um manto pequeno, um cinto e calças; no entanto, ninguém censura o pobre por estar revestido apenas de uma túnica; de sorte que suporta melhor o calor. Em consequência, vemos os ricos cobertos de suor, enquanto o pobre nada disso padece. Por conseguinte, quando ao homem oferecem melhor uso as vestes vis, de preço módico, enquanto naquelas foi preciso gastar muito ouro e nada de melhor garantem, não constitui prejuízo supérfluo? Em nada prestaram maior utilidade e serviço; mas tiveste de gastar mais ouro e oferecem igual uso e comodidade. Tu, ó rico, na verdade, gastaste cem ou talvez até mais moedas de ouro; o pobre, porém, algumas moedinhas de prata. Vês a perda? Mas o luxo não permite que vejas.

Queres também que examinemos em nosso discurso o ouro empregado nos cavalos e pelas mulheres? Pois, aos outros males adita-se o de que as riquezas produzem loucos. As mulheres aceitam as mesmas honras que os cavalos, e um só é o ornato de ambos. E, por meio dos mesmos enfeites, querem as mulheres parecer tão esplêndidas quanto a equipagem as peles das cortinas da liteira que as carregam.

Dize-me. Qual a vantagem de ornar de ouro o mulo ou o cavalo? E a mulher enfeitada com tal quantidade de ouro e pedras preciosas, o que tem a mais? Mas os objetos de ouro não se gastam. Ao invés, declaram que isso sucede os peritos nessas coisas, porque nos banhos e em outras partes muitas vezes também as pedras e objetos de ouro diminuem muito de valor. Mas seja como queres e que em nada sofrem avarias. Qual a vantagem disso? Dize-me. E Por quê? Quando caem e se perdem, não há prejuízo? E Por quê? Quando suscitam inveja e ciladas, não há detrimento? Quando não oferecem utilidade alguma às mulheres que os usam, acendem os olhos cobiçosos, e antes incitam os ladrões, não causam dano? Como, então? Dize-me. Era possível ao marido empregá-los em negócio rendoso, porém torna-se impossível, por causa do luxo suntuoso da mulher e é obrigado a passar fome e penúria para vê-la carregada de ouro; não seria prejudicial? As riquezas têm este nome (*chramata*, isto é,

coisas úteis) não para serem usadas como nas vitrines dos ourives, mas para serem utilizadas na prática do bem. Quando, portanto, a ambição do ouro não o permite absolutamente, a perda não é total? Pois quem não ousa empregá-lo, como se fosse propriedade alheia, não o usa, por conseguinte; se não servem para uso já não são absolutamente objetos úteis.

E se construísimos palácios esplêndidos e enormes, e os ornamos com colunas, mármore, pórticos e claustros, e adornamos de todo modo possível, colocando imagens e estátuas por toda parte? Muitos também com isso invocam os demônios; mas por ora omitamo-los. Igualmente, o que significa um teto de ouro? Não apresenta a mesma utilidade a casa que o tem adaptado e módico? Mas, retruca ele, causa grande deleite. De fato, durante um ou dois dias, depois não mais. Se, portanto, não admiramos tanto o sol, porque nos acostumamos a vê-lo, certamente muito mais relativamente aos artefatos; não os apreciaremos mais do que se fossem de barro. Dize-me. O que importa para a comodidade de uma casa a multidão de colunas, a beleza das esculturas de madeira, o ouro incrustado nas paredes? Nada; tudo é luxo, petulância, excesso de soberba e de loucura. Em toda parte tenhamos os objetos necessários, não os supérfluos.

Vês que é um prejuízo; vês que é supérfluo e inútil? Pois, se não é de maior utilidade, nem proporciona prazer (com o correr do tempo traz saciedade), não passa de detrimento. Mas a vanglória obsta a que se veja.

Aliás, Paulo renunciou àquilo que considerava lucro; quanto a nós, nem o que é prejudicial deixaremos por causa de Cristo? Até quando nos apegaremos ao húmus; até quando não contemplaremos o céu? Não vedes como os velhos não têm de forma alguma o senso do passado? Não vedes os moribundos, tanto jovens quanto velhos? Não vedes os que, mesmo em vida, são espoliados de seus bens? Por que haveremos de agarrar as coisas instáveis? Por que estarmos presos a coisas inseguras? Até quando não nos apossaremos dos bens permanentes? O que não dariam os velhos se lhes fosse possível desfazerem-se da velhice? E, no entanto, que loucura é esta de querer recuperar a primitiva juventude, e dar facilmente tudo para consegui-lo, quando é possível alcançar a juventude, à qual não sucede a velhice, a juventude unida a muitas riquezas e muito mais espiritual, e não querer dar nem um pouco, mas reter aquilo que nem mesmo na vida presente tem utilidade? Elas não podem te isentar da morte, nem repelir a doença, nem impedir a velhice, ou qualquer outro acontecimento dos que necessariamente e segundo a lei da natureza advêm, e ainda te apegas a elas? Qual a vantagem? Dize-me. Daí se origina a embriaguez, a voracidade, os prazeres torpes e múltiplos, que nos atormentam mais do que senhores cruéis. Somente estas coisas podemos lucrar com as riquezas, e mais nada, visto que não o queremos; se o quisermos, podemos, com as riquezas, conseguir o céu.

Entretanto, diz-se, as riquezas são um bem. Não são as riquezas que o são, e sim o propósito de quem as possui. Se é o livre-arbítrio que assim faz, daí se pode perceber que mesmo o pobre pode alcançar a herança celeste. Com efeito, conforme digo com frequência, Deus não olha a medida das coisas que são dadas, mas a disposição do doador. Pode o pobre, mesmo aquele que dá pouco, conseguir tudo. Deus, portanto, exige conforme a capacidade de cada um; nem as riquezas introduzem no reino, nem a pobreza destina à geena, mas um e outra alcança o ânimo bem ou maldisposto. Devemos, portanto, corrigir-nos, adaptarmo-nos, prestarmo-nos a ser tal qual convém, e tudo nos será fácil. Pois, assim como o artífice, quer tenha um machado de ferro ou de ouro, igualmente trabalha a madeira, ou melhor, o próprio ferro, também aqui é mais fácil praticar a virtude na pobreza. Pois, relativamente aos ricos, Cristo afirmou: “É mais fácil um camelo entrar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus” (Mt 19,24). A respeito da pobreza, de fato, nada de semelhante proferiu, bem ao contrário: “Vende o que tens, dá aos pobres. Depois, vem e segue-me” (Mc 10,21).

Na verdade, seguir o Senhor depende de livre escolha.

Por conseguinte, não fuja da pobreza, como um mal; ela nos introduz no reino. Nem persigamos as riquezas, como um bem; elas perdem os incautos. Mas em toda parte fixando o olhar em Deus, empreguemos como convém o que ele nos confiou, tanto o vigor corporal, quanto a abundância das riquezas etc. Seria inteiramente absurdo, uma vez que ele nos criou, oferecer estes bens aos outros e não àquele que nos fez. Deu-te os olhos? Entrega-os para seu uso, e não ao diabo. Como os entregarás? Contemplando a criação e louvando-o, e desviando-os da visão das mulheres. Deu-te as mãos? Utiliza-as para ele, não para o diabo; não as empregues em rapinas e cobiças, mas para o cumprimento dos preceitos, para conferir benefícios, para erguê-las em oração, e levantar os que caíram. Deu-te ouvidos? Não os ofereças às cantilenas efeminadas, nem aos ditos torpes.

“Todo o teu assunto seja a lei do Altíssimo” (Eclo 9,22). E ainda: “Fica na reunião dos anciãos. Quem aí é o sábio? Apega-te a ele” (Eclo 6,35). Deu-te uma boca? Dela nada saia que não agrade a Deus, mas entoe salmos, hinos e cânticos espirituais (cf. Cl 3,16) e “comunique graça aos que ouvirem” (cf. Ef 4,29), para construir e não para derrubar; para abençoar e não para maldizer; não para armar ciladas, mas inteiramente o oposto. Deu-te os pés, não a fim de correres a praticar o mal, e sim o bem. Deu-te um estômago, não para o encheres, mas para uma prudente sobriedade. Deu-te o desejo de procriar, não para a fornicção e o adultério. Deu-te a mente não para blasfemares, nem para injuriar, mas para bendizeres. Deu-te riquezas, a fim de usá-las no necessário; e força para idêntico emprego útil. Fez as artes, para sustentar a vida, não para nos apartarmos das coisas espirituais, nem para exercermos artifícios sórdidos, e sim os utilitários; a fim de nos auxiliarmos mutuamente, não para nos armarmos mútuas insídias. Deu-nos um teto só para evitarmos a chuva, não para orná-lo de ouro, enquanto o pobre morre de fome. Deu uma veste para nos revestirmos e não para nos exibirmos, nem para decorá-la de muito ouro, enquanto Cristo perece na nudez. Deu uma casa não para que a possuas sozinho, mas para que a ofereças a outros. Deu a terra, não para que te aposses da maior parte e gastes os bens de Deus com dissolutos e cantores, e momos, e citaristas, e sim com os pobres e indigentes. Deu-te o mar para navegares, a fim de não te fatigares caminhando, não para curiosamente perscrutares suas profundezas e extraíres pedras e outras coisas semelhantes, nem para te entregares a este labor. Qual a finalidade, diz-se, das pedras? Prefiro que me respondas tu qual a finalidade das pedras e por que são tão apreciadas. Acaso por alguma qualidade? Ou uso? Ao contrário, as que não são marítimas são mais úteis. Elas ao menos podem servir para a edificação, as outras, nunca; e são mais firmes. Mas elas, respondes, têm beleza. De que modo? Depende de opinião. São mais claras? Mas não são certamente mais claras que o mármore branco, aliás, nem se comparam com ele. Mas são mais resistentes? Nem isso se pode dizer. Seriam mais úteis? Ou maiores? De forma alguma. De onde vem que são admiradas? Não provém apenas da maneira de apreciar? Pois se nem são mais belas, uma vez que encontramos muitas mais brilhantes e claras; nem mais úteis, nem mais sólidas, qual o motivo, digo, de serem assim admiradas? Não é apenas questão de apreciação? Por que motivo então ele as deu? Não foi ele quem as fez desta forma, mas tu é que as julgaste grandes. Então por que, diz-se, até a Escritura as admira? Porque fala de modo adaptado à tua opinião. Igualmente o mestre ao falar a um menino, admira muitas vezes as mesmas coisas que ele, quando quer atraí-lo e aos poucos conduzi-lo. Por que procuras uma veste bela? Cobre-te com uma veste e calça-te. Com isso te ornas e basta. Diz Davi: “São mais desejáveis do que o ouro” (Sl 18,11) e muito mais que a pedra preciosa, os juízos de Deus. Que importância, portanto, têm essas coisas? Caríssimos, elas não são úteis; se fossem úteis, não se ordenaria que fossem menosprezadas. Mas a Escritura divina fala segundo nosso modo de conceber. E isso se origina do amor que Deus tem aos homens. Por que razão, diz-se, ele criou a

púrpura, e outras coisas semelhantes? São obras da magnificência de Deus. Com efeito, quis mostrar suas riquezas também em outros seres. Por isso deu somente o trigo; tu, porém, com ele produzes muito, bolos, doces de toda espécie e variados, que causam muito prazer. Aliás, também a vaidade introduziu todas essas coisas; parecia-te que estas deviam ser preferidas a todas. Por isso se te interrogar um estrangeiro ou um camponês, inexperiente a esse respeito, e vendo que te admiras, disser: Por que te admiras? O que tens para responder? Por parecerem belas? Mas não são. Deixemos, portanto, tal opinião, e adotemos a verdadeiramente certa. Essas coisas realmente nada são, e simplesmente passam como o rio que corre. Por isso, exorto-vos, firmemo-nos na pedra, a fim de não sermos facilmente arrastados e conseguirmos também os bens futuros, pela graça e benignidade de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Padre e o Espírito Santo glória, poder, honra, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA PRIMEIRA HOMILIA

3,7. *Mas o que era para mim lucro eu o tive como perda, por amor de Cristo.*

8. *Mais ainda: tudo eu considero perda, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor. Por ele, eu perdi tudo e tudo tenho como esterco, para ganhar a Cristo*

9. *e ser achado nele, não tendo a minha justiça que vem da Lei, mas a que vem através da fé em Jesus Cristo, a justiça que vem de Deus, apoiada na fé,*

10. *para conhecê-lo, conhecer o poder da sua ressurreição.*

Nas lutas empreendidas contra os hereges, importa ter constantemente a mente sadia. Pois assim é possível desbaratar as suas fileiras e alcançar plena vitória, sem dar-lhes tempo de respirar. Por conseguinte, no intuito de vos munir com palavras da Escritura para esses combates, e impor silêncio aos contraditores, do final do discurso anterior faremos o início deste que temos em mãos. Qual, porém, era este final? Paulo, tendo reunido todos os motivos de gloriar-se, judaicos e naturais, acrescentou os oriundos de livre escolha: “*Mas o que era para mim lucro eu o tive como perda, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor. Por ele, eu perdi tudo e tudo tenho como esterco, para ganhar a Cristo*”.

Os hereges atacam esta passagem. No entanto, é próprio da sabedoria do Espírito sugerir-lhes esperanças de vitória a fim de que empreendam a luta. Se, de fato, houvesse falado abertamente, fariam aqui o mesmo que fizeram em outras passagens: apagaram textos, repudiaram a Escritura, quando não toleravam os raios lançados contra eles. Mas conforme se faz com os peixes, esconde-se, e não se lança às claras, a isca que os apanha, para que não tenham medo de acorrer, assim acontece neste lugar, onde Paulo chama a Lei de perda. Diz que a Lei é esterco, diz que é perda: não é possível lucrar a Cristo, sem considerá-la perda. Tudo isso seduz os hereges a aceitar a passagem, julgando que lhes é favorável; uma vez que a aceitam, são apanhados de todos os lados pelas redes.

O que dizem eles como insulto? Eis que Paulo chama a Lei de perda, de esterco. Como então pode afirmar que ela vem de Deus? No entanto, tudo isso é favorável à Lei; e como este trecho o evidencia? Examinemos cuidadosamente as palavras. Ele não afirmou: a Lei é perda, mas “*eu considero perda*”. Relativamente ao lucro, não disse: “*Considero*”, mas: “*era lucro*”. Quanto à perda, declarou: “*Eu considero*”, simplesmente. O primeiro era natural, o segundo se fez assim por opinião.

Como então? A Lei não é perda? É; mas por causa de Cristo; contudo agora se fez lucro. Não tinha por lucro, diz ele, mas era. Como se dissesse: Pondera como foi coisa importante fazer com que homens selvagens por natureza fossem transferidos a uma vida humana. Se não fosse a Lei, nem a

graça seria dada. Por quê? Porque serviu de ponte. Visto que não era possível de um lugar ínfimo subir às alturas, construiu-se uma escada. E embora não seja mais necessária a escada ao que sobe, nem por isso ele a despreza, mas antes continua agradecido. Foi ela que o levou a tal ponto, de sorte que doravante não mais dela precise, no entanto, pelo fato mesmo de não mais necessitar, é justo confessar sua gratidão, pois sem a escada não teria subido. Assim acontece relativamente à Lei. Conduziu-nos às alturas e por conseguinte, constituía lucro; mas agora já a consideramos perda. Como? Não é perda, mas a graça é muito maior. Pois como um pobre faminto, enquanto possui prata, com ela afugenta a fome; depois, porém, que encontra ouro, se não lhe for possível conservar a ambos, considera perda guardar a prata e deixando-a, toma o ouro. Não a abandona porque a prata seja perda (realmente não é), mas porque não pode possuir a ambos simultaneamente, mas é necessário deixar um deles; o mesmo sucede aqui. A Lei não constitui detrimento, mas aderir à Lei significa afastar-se de Cristo. Por conseguinte, enquanto nos aparta de Cristo é perda; se não afasta, não é, de forma alguma. Por isso ele diz: *“Perda, por amor de Cristo”*. Se é por causa de Cristo, portanto não é perda por natureza.

Por que motivo, contudo, a Lei não permite uma aproximação de Cristo? Para tal fora dada, diz o Apóstolo. E Cristo é a plenitude da Lei e “a finalidade da Lei é Cristo” (Rm 10,4). Permite, se quisermos dar atenção. Quem, portanto, obedece à Lei, abandona a própria Lei? Permite se dermos atenção; se de forma alguma dermos atenção, não permite. *“Tudo eu considero como perda”*. Por que, diz ele, falo isto da Lei? Não é belo o mundo? Não é bela a vida presente? Mas se me afasta de Cristo, considero perda. Por quê?

“Pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor.” Quando o sol brilha, apegar-se a um facho é detrimento. Por conseguinte, o dano provém da comparação, a saber, por causa da prevalência do outro. Vês que Paulo faz uma comparação? *“Pela excelência”*, diz ele, não porque o outro a isto seja alheio. Pois o que prevalece, é mais excelente que outra coisa de seu próprio gênero. O fundamento da comparação que estabeleceu a excelência de um, demonstra igualmente a afinidade e semelhança dos dois. *“Por ele, eu perdi tudo e tudo tenho como esterco, para ganhar a Cristo.”* Ainda não está claro que o nome de esterco é dado à Lei. É mais verossímil que se refira às coisas mundanas. Pois, tendo dito:

“Mas o que era para mim lucro eu o tive como perda, por amor de Cristo”, acrescentou: *“Mais ainda: tudo eu considero perda”*. Quando declara: *“Tudo”* designa as realidades passadas e presentes. Mas, se quiseres que designa a Lei, nem por isso a injurias. O trigo tem restolhos, e os restolhos, isto é, a palha, são quase mais fortes que do trigo de sorte que, antes de surgir o trigo, as palhas eram úteis; depois, com a palha colhemos o trigo, que não nasceria se não fossem as palhas. Assim também acontece relativamente à Lei.

Vês como em toda parte não se denomina perda a própria coisa, mas por causa de Cristo? *“Mais ainda: tudo eu considero perda”*. Qual a razão disso? *“Pela excelência do conhecimento. Por ele, tudo tenho como esterco.”* Depois acrescenta: *“Tudo tenho como esterco, para ganhar a Cristo”*. Vês como sempre adere ao fundamento, que é Cristo, e jamais deixa seja despojada a lei, nem ferida, mas sempre a defende? *“E ser achado nele, não tendo a minha justiça, que vem da Lei.”* Se aquele que tinha a justiça, visto que esta nada é, acorre àquela, os que não a possuem, como não deveriam correr muito mais! E diz com razão: *“Não tendo a minha justiça”*, isto é, não aquela que adquirira com meu trabalho e suor, mas a que encontrei pela graça, assegura ele. Se, portanto, aquele que praticara obras virtuosas, obteve a salvação pela graça, muito mais vós. Visto ser provável que eles dissessem que é maior a justiça alcançada através dos trabalhos, ele mostra que esta justiça é palha diante daquela. De outra forma, se eu a praticasse, a lançaria fora e acorreria para aquela. Para qual? *“A justiça que vem*

de Deus”, a saber, a mesma que é dada por Deus. Esta própria justiça vem de Deus, é inteiramente dom de Deus. Os dons de Deus, porém, precedem bastante a realização das obras oriundas de nosso zelo. O que é, contudo, a fé? *“Apoiada na fé, para conhecê-lo”*? Por conseguinte, por meio da fé vem o conhecimento; e sem a fé não é possível conhecê-lo. Como é isto? Através dela deve-se conhecer *“o poder da sua ressurreição”*. Na verdade, que raciocínio nos demonstrará o poder da sua ressurreição? Nenhum, e sim a fé. Se, porém a ressurreição de Cristo segundo a carne se conhece pela fé, como se compreenderá a geração do Verbo de Deus por meio de raciocínios? Pois a ressurreição é menor que a geração. Por quê? Porque existem muitos exemplos de ressurreição, de geração, contudo, nenhum. Efetivamente, muitos mortos ressurgiram antes de Cristo, embora, depois da ressurreição, de novo tenham morrido. De uma virgem, contudo, ninguém jamais nasceu. Se, portanto, o feito menos importante do que a geração segundo a carne há de ser apreendido pela fé, o que é muito maior, e infinitamente maior e incomparável, como será aprendido pela razão? Estes fatos constituem a justiça. Deve-se crer que foram possíveis tais acontecimentos. De que modo foram possíveis, não é demonstrável, mas através da fé queremos participar desses fatos incômodos. Como? Se não acreditarmos, talvez não soframos; se não acreditarmos que, padecendo juntamente com ele, com ele também reinaremos, de forma alguma seremos levados a nos sujeitar aos padecimentos. Por conseguinte, através da fé se entendem a geração e a ressurreição. Vês que não se requer a simples fé, mas a fé unida às obras? Especialmente acredita ter Cristo ressuscitado quem de maneira semelhante se expõe aos perigos, quem se oferece como companheiro de seus sofrimentos. Torna-se companheiro daquele que ressuscitou, daquele que vive. Por esta razão afirma Paulo:

9. *e ser achado nele, não tendo a minha justiça que vem da Lei, mas a que vem através da fé em Jesus Cristo, a justiça que vem de Deus, apoiada na fé,*

10. *para conhecê-lo, conhecer o poder da sua ressurreição e a participação dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte,*

11. *para ver se eu alcanço a ressurreição de entre os mortos.*

“Conformando-me com ele na sua morte”, isto é, tornando-me participante. De fato, como ele foi mal recebido da parte dos homens, assim também eu; por este motivo disse: *“Conformando-me”*; e ainda, em outra parte: *“E completo, na minha carne, o que falta das tribulações de Cristo”* (Cl 1,24), quer dizer, as perseguições e estes sofrimentos produzem uma imagem de sua morte. Paulo não procurava os seus interesses, mas o que era útil a muitos. Por esse motivo, mesmo as perseguições e as tribulações e as angústias não somente não vos devem perturbar, mas até faz-se mister alegrar-vos, porque através delas torno-me conforme à sua morte. Era como se dissesse: Somos configurados à semelhança dele. Ele o assegura em outra passagem, escrevendo: *“Por toda parte trazemos em nosso corpo a mortificação do Senhor Jesus”* (2Cor 4,10). Isso se origina de uma grande fé. Pois não acreditamos apenas que ele ressuscitou, mas ainda que, depois da ressurreição, tem grande poder. Por isso ingressamos no mesmo caminho que ele, isto é, fazemo-nos seus irmãos neste sentido. Parece dizer: Neste ponto tornamo-nos cristos. Ah! como é grande a dignidade dos sofrimentos! Acreditamos que nos tornamos conformes à sua morte, por meio das tribulações. Assim como no batismo *“fomos sepultados com ele”* na semelhança de sua morte, assim também aqui *“nos tornamos uma só coisa com ele por uma morte semelhante à sua”* (cf. Rm 6,4-5). Com razão diz: *“na semelhança de sua morte”*, pois não foi a morte no sentido pleno; não morremos segundo o corpo e a carne, mas para o pecado. Uma vez, portanto, que ambas não têm o nome de morte (entretanto Cristo morreu corporalmente, nós, porém, quanto ao pecado; Cristo morreu segundo a natureza humana que assumira, o corpo igual ao nosso, e nós, relativamente ao homem de pecado), Paulo fala primeiro

apenas “na semelhança de sua morte”, depois, não mais na semelhança da morte, mas na própria morte.

Paulo, contudo, nas perseguições já não morreu em relação ao pecado, mas corporalmente, de sorte a submeter-se à própria morte. Daí dizer: *“para ver se eu alcanço a ressurreição de entre os mortos”*. O que dizes? Todos, efetivamente, dela participarão: “Nem todos morrerão, mas todos seremos transformados” (1Cor 15,51); não somente da ressurreição, mas também da incorruptibilidade todos participarão, uns para a glorificação, outros qual oportunidade de castigo. Se, portanto, todos haverão de obter a ressurreição, e não somente a ressurreição, mas também a imortalidade, por que então asseguras, como se algo de extraordinário haverias de receber: *“para ver se eu alcanço”*? Diz ele: Sofro estas coisas, *“para ver se eu alcanço a ressurreição de entre os mortos”*, pois quem não morre, não ressurgirá. Que sentido tem isso? Parece que está a indicar algo de grande; de tal forma é grande que não ousou asseverar, mas apenas declarou: *“para ver se eu alcanço”*. Acreditei nele e em sua ressurreição, mas também sofro por ele; nem assim posso ter inteira segurança acerca da ressurreição. A que ressurreição ele faz referência? Àquela que conduz ao próprio Cristo. Eu havia afirmado que acreditara nele e na força de sua ressurreição, que sou participante de seus sofrimentos, e que fui conformado à sua morte; mas nem após tudo isso ousei ter plena confiança, porque se diz em outra passagem: “Aquele que julga estar de pé, tome cuidado para não cair” (1Cor 10,12). E ainda: “Não aconteça que, tendo proclamado a mensagem aos outros, venha eu mesmo a ser reprovado” (1Cor 9,17).

12. *Não que eu já o tenha alcançado, ou que já seja perfeito, mas vou prosseguindo para ver se o alcanço, pois que também já fui alcançado por Cristo Jesus.*

“Não que eu já o tenha alcançado.” “Já tenho alcançado”, o quê? O prêmio, responde. Se, aquele que passou por tais padecimentos, o perseguido, o portador da mortificação não presume daquela ressurreição, o que diremos nós?

O que significa: *“para ver se alcanço”*? Aquilo que afirmou primeiro: *“para ver se eu alcanço a ressurreição de entre os mortos”*. Se alcanço a sua ressurreição, diz ele. A saber, se puder sofrer estes males, se puder imitá-lo, se puder conformar-me a ele. Quanto sofreu Cristo, foi cuspidor, batido com bofetadas e varas e por fim sofreu a morte. Este é o estádio. Através de todos esses padecimentos é que se avança para a ressurreição, enfrentando todos os combates. Por conseguinte é isso o que quer, ou o seguinte: Se for digno de obter aquela brilhante ressurreição, cheia de segurança, chegar à sua ressurreição. Pois talvez possa suportar todos os combates, e alcançar a sua ressurreição e ressurgir na glória. Ainda, declara ele, não sou digno, *“vou prosseguindo para ver se o alcanço”*. Minha vida ainda decorre em meio a combates, ainda estou longe do fim, ainda estou distante do prêmio, ainda corro, ainda prossigo. E não disse: “Corro” e sim: *“Prossigo”*, e com razão. Pois sabeis quanto esforço emprega o que prossegue, não olha para ninguém, repele com o maior vigor todos os que o interrompem, e retém a mente, o olhar, as forças, a alma e o corpo, e nada mais fita a não ser o prêmio. Se Paulo, tão grande seguidor e tamanho sofredor, ainda diz: *“para ver se o alcanço”*, que diremos nós que nos deixamos abater?

Em seguida, mostrando que a questão é obrigatória, declara: *“pois que também já fui alcançado por Cristo Jesus”*. Era, afirma ele, do número dos perdidos; estava sufocado, estava inteiramente no caminho da perdição. Deus, porém, me alcançou, pois também ele estava nos perseguindo quando fugíamos dele, com grande empenho. Desta forma indica tudo isso. Ao dizer: *“Já fui alcançado”*, manifesta o zelo de querer alcançar, e nosso imenso afastamento e desvio, nossa fuga.

Por esse motivo, é digno de lástima que todos voltem ao primitivo estado, e sujeitos ainda a tão

grande débito, ninguém chore, ninguém derrame lágrimas, ninguém solte gemidos. E não julgues ser ironia de minha parte. De fato, assim como antes da vinda de Cristo fugíamos de Deus, assim ainda agora fugimos dele. Podemos fugir de Deus, mas não relativamente ao lugar (ele está em toda parte), mas às obras. Escuta o profeta dizer que não é possível fugir dele: “Para onde ir, longe do teu espírito? Para onde fugir, longe da tua presença?” (Sl 139, 7). Como, então, será possível fugir de Deus? Como ir para longe de Deus, estar longe dele: “Sim, os que se afastam de ti, se perdem” (Sl 73,27). E ainda: “Antes, não são as vossas iniquidades que criaram um abismo entre vós e o vosso Deus?” (Is 59,2).

Como se realiza este afastamento? Como se processa tal distância? Por livre escolha, pela alma. Localmente é impossível. Efetivamente, como fugir de quem está presente em toda parte? O pecador, portanto, foge. É o que afirma a Escritura: “O ímpio foge, mesmo que ninguém o persiga” (Pr 28,1). Fugimos muito de Deus, embora ele sempre nos persiga. O Apóstolo intensificava seu curso a fim de se aproximar dele; nós intensificamos, para dele nos apartarmos. Por conseguinte, não é fato digno de lamentações? Não merece lágrimas? Aonde foges, infeliz e miserável? Aonde foges, de tua vida e salvação? Se foges de Deus, aonde te refugias? Se foges da luz, para onde olharás? Se foges da vida, onde viverás em seguida? Fugamos do inimigo de nossa salvação. Quando pecamos, fugimos de Deus, erramos como os fugitivos, afastamo-nos para uma terra estrangeira, como aquele que consumira os bens paternos, fora para uma terra estrangeira, perdera todo o patrimônio e morria de fome (cf. Lc 15). Temos também nós um patrimônio. Qual? Libertou-nos dos pecados, outorgou-nos a força, a fortaleza para a prática da virtude, agraciou-nos com as boas inclinações, a paciência; no batismo deu-nos o Espírito Santo. Se acaso consumirmos estes dons, passaremos fome. Assim como os doentes, enquanto se agitam com febre e humores malignos, não podem levantar-se, nem trabalhar, nem fazer coisa alguma; mas se alguém os curar, restituir-lhes a saúde, e, no entanto, ficarem sem fazer coisa alguma, é devido à sua própria indolência. O mesmo acontece conosco. Incomodava-nos grave doença e febre alta; não jazíamos num leito, mas em nossa própria malícia; como num esterco, revolviamos-nos em nossa maldade, feridos, com mau odor, esqueléticos, curvados, parecendo mais espectros do que homens. Os demônios malignos nos cercavam, o príncipe deste mundo ria e zombava. Veio, contudo, o Filho Unigênito de Deus, emitiu os raios de sua presença, dissipou imediatamente a escuridão. Veio para nosso meio o rei, que possuía o trono paterno, deixando este trono paterno (mas se digo que deixou, não penses que assinalo mudança ou passagem, pois ele enche o céu e a terra; assim me exprimo segundo a economia da salvação); veio para o meio dos inimigos que o odiavam, que se lhe opunham, que não fora possível reconduzir a voltar os olhos para ele, e que o atacavam diariamente com blasfêmias. Viu o doente a jazer no esterco, ferido e cheio de vermes, febril, faminto, atacado por toda espécie de doenças. Pois fora atingido pela febre, a maligna concupiscência; e atacado de inflamações, isto é, a arrogância; sentia certa fome devoradora, a avareza; a podridão generalizada, a luxúria; a cegueira dos olhos, a saber, a idolatria; a surdez e o estupor, isto é, a adoração e a invocação de pedras, madeiras; e muita deformidade, a saber, a malícia, doença tão triste e grave. Viu coisa pior ainda do que costumam falar os loucos, denominando deus ao lenho e à pedra. Viu em tamanha malvadez, entretanto não abominou, não se encheu de amargura, não se apartou, não odiou, pois era o Senhor e não odiou a sua própria obra. Mas o que fez? Como sábio médico preparou remédio precioso, que primeiro provou. Primeiro ele próprio praticou a virtude, e em seguida no-la transmitiu. Primeiro qual remédio, qual antídoto deu o batismo, e deste modo, vomitamos toda malícia e todos os males simultaneamente fugiram: a inflamação cedeu, a febre baixou, a podridão secou. Tudo, portanto, que derivava da avareza, da ira, e dos demais vícios dissiparam-se por meio do espírito: os olhos se abriram, abriram-se os ouvidos, a língua emitiu voz bem sonora, a alma adquiriu força, o corpo recuperou ornato e vigor, conforme a beleza peculiar ao filho de Deus, procriado pela graça do

Espírito, com a glória conveniente a um recém-nascido filho do rei, e criado vestido de púrpura. Ai de mim! Quanta nobreza nos foi outorgada! Nós, porém, continuamos a ser ingratos para com aquele que de tal modo nos amou. Ele nos gerou, nutriu, encheu de benefícios. Por que ainda fugimos de nosso benfeitor? No entanto, aquele que fez tudo isso, também nos deu força; não podíamos, enquanto éramos presa da doença, suportar este peso, se ele mesmo não nos comunicasse forças. Concedeu-nos a remissão dos pecados, e nós tornamos inútil o dom. Deu-nos riqueza, e nós a desperdiçamos, gastamos tudo. Deu-nos força, e nós a consumimos. Deu-nos a graça e nós a extinguimos. Como? Consumimo-la em futilidades, usamos em inutilidades. Estas coisas nos arruinaram e o que é pior de tudo, estando em terra estrangeira, e comendo bolotas, não dissemos: Voltemos para junto do Pai e digamos: Pecamos contra o céu e contra ti (cf. Lc 15,18), e isto apesar de termos um Pai tão amoroso, tão desejoso de nossa volta. Contanto que nos afastemos do vício, e voltemos para junto dele, não se convence de nos censurar pelo passado. Somente regressemos; é suficiente escusa diante dele o fato de ter voltado. Por que digo que não pode convencer-se de nos censurar? Não só ele próprio não acusa, mas se acaso alguém acusar, impõe-lhe silêncio, mesmo se o acusador lhe é agradável. Então, convertamo-nos; até quando nos afastaremos? Sintamos vergonha, sintamos nossa vileza. O vício nos transforma em porcos, o vício causa fome à alma. Convertamo-nos e arrependamo-nos, voltemos à primitiva nobreza a fim de conseguirmos os bens futuros, pela graça e benignidade de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai e o Santo Espírito glória, poder, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA SEGUNDA HOMILIA

3,13. *Irmãos, eu não julgo que eu mesmo o tenha alcançado, mas uma coisa faço: esquecendo-me do que fica para trás e distendendo-me para o que está adiante,*

14. *prossigo para o alvo, para o prêmio da vocação do alto, que vem de Deus em Cristo Jesus.*

Nada de tal modo torna vãs as boas obras, nada provoca soberba, como a lembrança do bem que fizemos. Produz dois males: faz-nos mais negligentes e exalta em arrogância. Por este motivo Paulo, ciente de que nossa natureza é por demais inclinada à preguiça, depois de elogiar muito os filipenses, vê como reprime sua mente, primeiramente de várias maneiras, e especialmente agora. Que termos emprega? “*Irmãos, eu não julgo que eu mesmo o tenha alcançado.*” Se Paulo ainda não o alcançou, não tem ânimo seguro acerca da ressurreição nem das coisas futuras, muito menos eles que nem a mínima parte de suas obras haviam realizado, podiam agir dessa maneira. Declara o seguinte: “Não julgo que tenha alcançado toda virtude; exprime-se como se costuma falar do corredor: “Ainda não alcançou”. “Ainda não fiz tudo”, assegura Paulo. Se em outra parte disse: “Combati o bom combate” (2Tm 4,7), aqui afirma: “*Eu não julgo que eu mesmo o tenha alcançado*”. Quem ler ambas as passagens atentamente, compreenderá bem a causa daquela e desta palavra. Não é preciso constantemente insistir nas mesmas ideias, e ensinar-nos tudo, e indicar que aquela ele proferiu muito antes, e esta, próximo do fim. “*Eu não julgo que eu mesmo o tenha alcançado*”, mas estou seguro somente de uma só coisa, que avanço para o que está adiante. É o que pretende ao declarar: “*Uma coisa faço: esquecendo-me do que fica para trás e distendendo-me para o que está adiante, prossigo para o alvo, para o prêmio da vocação do alto, que vem de Deus em Cristo Jesus*”. Vê como estas palavras manifestam o que o levava a distender-se para a frente. Certamente o que já se julga perfeito e que nada lhe falta relativamente à prática da virtude, interrompe a corrida, como se tudo já tivesse obtido; ao invés, o que pensa ainda não ter chegado à meta, de forma alguma para de correr. Devemos então sempre pensar nisso, mesmo que tenhamos realizado mil obras boas. Se Paulo, portanto, depois

de inúmeras mortes, de tamanhos perigos pensa desta forma, muito mais o devemos nós. Não desisto, diz ele, e se depois de tamanha corrida ainda não cheguei, nem por isso desanimo, mas ainda corro, ainda luto. Viso apenas uma coisa: avançar sempre. Assim também devemos fazer nós, esquecidos das boas obras, e do que fica para trás. Pois o corredor não cogita no espaço que já venceu, mas quanto lhe resta ainda a percorrer. Nós igualmente não devemos pensar quanto progredimos na virtude, mas quanto ainda resta. O que adianta termos progredido, a não ser que façamos o que falta ainda? E Paulo não diz: Não penso, ou: Não me lembro, mas: “*Esquecendo-me*”, fazendo com que nos tornemos mais atentos. Deste modo, pois, seremos mais ardorosos, quando concentrarmos todos os anelos no que resta, tendo entregado ao esquecimento o passado. “*Distendendo-nos*”, representa que nós, antes de chegarmos, queremos pegar. Distende-se aquele que, enquanto os pés ainda correm, esforça-se com o restante do corpo a chegar antes, esticando-se para a frente, estendendo as mãos a fim de avançar um pouco mais. Isso acontece devido ao grande ímpeto, ao grande ardor. É assim que deve correr o corredor, com tal zelo, tal ímpeto, sem desanimar. Quanto dista o que assim corre e o que jaz deitado, tanto estamos nós longe em relação a Paulo. Ele cotidianamente morria, cotidianamente obtinha méritos. Não havia oportunidade, não havia tempo em que ele não intensificasse a corrida. Não queria pegar, mas arrebatara o prêmio; assim importa alcançá-lo. Aquele que dá o prêmio está no alto, no alto está o prêmio.

Vê que grande distância existe a percorrer, vê a que altura alçar voo com as asas do espírito. De outro modo é impossível aceder àquela altura. Faz-se mister caminhar ali com o corpo. É possível, pois: “*A nossa cidade está nos céus*” (Fl 3,20), lá se acha o prêmio. Vês qual a lei que observam os corredores? Que nada tocam do que pode enervar suas forças? Como lutam diariamente na arena, obedecendo a um instrutor e a um estatuto? Imita-os tu também, ou melhor, demonstra maior empenho, pois não é igual o prêmio. Muitos são os que colocam obstáculo; vive segundo a lei. Muitos são os que dissolvem a força; fortifica as pernas. Tu o podes, porque não depende da natureza, mas da vontade. Façamos leves os pés; o peso não prejudique a rapidez dos pés. Exercita os pés na firmeza; o chão é escorregadio em muitos pontos. Se caíres, perderás muito. Todavia, se caíres, levanta-te; ainda é possível a vitória. Nunca te entregues às coisas escorregadias e não cairás. Corre num chão sólido e estável; com a cabeça erguida, os olhos para o alto. É isto que os instrutores ordenam aos corredores; assim as forças se consolidam. Se, ao contrário, trepidares para baixo, cairás, e desviar-te-ás. Olha para cima, onde se encontra o prêmio. A visão da própria palma aumentará a vontade; a esperança não deixa sentir a labuta e as dificuldades; a distância faz com que o prêmio pareça pequeno. Qual é o prêmio? Não um ramo de palmeira; mas então o quê? O reino dos céus, o repouso eterno, a glória com Cristo, a herança, a fraternidade, inumeráveis bens, inenarráveis. Indescritível a beleza daquela palma; somente a conhece quem a obtém e vai recebê-la. Não é de ouro, não é pedras preciosas, mas muito mais valiosa. O ouro em comparação com aquela palma é lodo; as pedras preciosas diante de sua beleza são tijolos. Se depois de alcançá-la fores para o céu, poderás lá andar com grande honra, e os anjos te reverenciarão a ti, portador daquela palma. Com confiança te aproximarás de todos. “*Em Cristo Jesus.*” Vê o ânimo grato, que diz: “*Em Cristo Jesus*” ele o realizou. De fato, não é possível sem o impulso que vem dele, superar tal distância; é preciso ter muito auxílio, muita colaboração. Ele quis que lutasses aqui embaixo, ser coroado, porém, lá em cima; lá não haverá combate como aqui, e sim a coroa, mas a coroa se acha em esplêndido lugar. Não vedes como aqui na terra os que se distinguem entre os atletas e os condutores de aurigas, não são coroados embaixo no estádio, mas chamados pelo imperador para cima e ali são coroados? Assim também obterás a palma daqui lá no céu.

15. *Portanto, todos nós que somos perfeitos tenhamos este modo de pensar, e, se em alguma coisa pensais de modo diferente, Deus vos revelará.* O que quer dizer? Quer dizer que deve ser esquecido o que ficou para trás; de sorte que os perfeitos não se julgam tais. Como, então dizes: “*Nós que somos perfeitos*”? Dize-me. Queres que pensemos como tu pensas? Se, pois, não conseguiste, se não és perfeito, como ordenas que os perfeitos pensem como tu, que ainda não és perfeito? Nisso consiste, dizes, a perfeição. “*Se em alguma coisa pensais de modo diferente, Deus vos revelará*”, isto é, se alguém julga ter conseguido bem todas as coisas. Ele os acautela: Não foi o que disse, e sim: “*E se em alguma coisa pensais de modo diferente, Deus vos revelará*”. Vê como fala isto com prudência: Deus vos ensinará, isto é, Deus vos persuadirá e não simplesmente ensinará. Com efeito, Paulo ensinava, Deus, porém, induzia. E não disse: Induzirá, e sim: “*Revelará*”, a fim de parecer que se trata antes de ignorância. Não se refere à doutrina, mas à perfeição da vida, para que ninguém julgue que é perfeito. Efetivamente, quem pensa ter tudo conseguido, nada possui.

16. *Entretanto, qualquer que seja o ponto a que chegamos, conservemos a mesma regra, o mesmo rumo.*

O que significa: “*Entretanto, qualquer que seja o ponto a que chegamos*”? Neste ínterim, diz, conservemos os bens que conseguimos: a caridade, a concórdia, a paz; nisto praticamos o bem. “*Entretanto, qualquer que seja o ponto a que chegamos, conservemos a mesma regra, o mesmo rumo.*” “*Entretanto, qualquer que seja o ponto a que chegamos*”, isto é, já praticamos bem estas coisas. Vês que Paulo quer que seja observada a regra? A regra não suporta adição, nem subtração; de outro modo já não é regra. “*A mesma regra*”, isto é, a mesma fé, os mesmos limites.

17. *Sede meus imitadores, irmãos, e observai os que andam segundo o modelo que tendes em nós.* Mais acima dissera: “*Cuidado com os cães!*”, apartando-os deles; agora propõe-lhes os que devem ser imitados. Se alguém, diz, quiser imitar-nos, se alguém escolher andar pelo mesmo caminho, a este segui. Embora eu não esteja presente, conheceis minha maneira de andar, isto é, minha vida e meus costumes. Não ensinava apenas por palavras, mas também por obras. Assim como no coro e no exército, convém que os demais imitem o diretor do coro e o general, para procederem ordenadamente, pois pode acontecer que também por aquela atitude a ordem se dissolva.

Por conseguinte, os apóstolos eram modelo, apresentando a figura de um arquétipo, e exemplo primário. Pensai como era apurada sua maneira de viver, para que eles fossem propostos quais arquétipo, paradigma e lei viva. Aquilo que exprimiam por carta, evidenciavam pelas obras. Ótima maneira de ensinar! Desta forma pode o mestre estimular o discípulo. Se assim se mostrar filosofando em palavras, mas fizer o contrário em obras, de forma alguma é mestre. Na verdade, mesmo ao discípulo é fácil mostrar sabedoria por palavras. Mas é necessário adicionar a admoestação e persuasão oriundas das obras; pois esta acarreta respeito ao mestre e inclina o discípulo a obedecer. Por quê? Quando, porém, ele vê sabedoria só em palavras, diz que as ordens são impossíveis de se realizar e o próprio mestre, o primeiro a não observá-las demonstra que são impossíveis. Se vir, porém, a virtude manifestada em obras, não tem como afirmá-lo. Todavia, mesmo que a vida do mestre for descuidada, cuidemos de nós mesmos, e ouçamos o profeta que se exprime nesses termos: “*Todos serão discípulos de Deus*” (Is 54,13; Jo 6,45), e: “*Eles não terão mais de instruir seu próximo ou seu irmão, dizendo: ‘Conheci o Senhor!’ Porque todos me conhecerão, dos menores aos maiores*” (Jr 31,34). Teu mestre não é virtuoso? Tens, contudo, o verdadeiro mestre, o único que se deve chamar de mestre. Aprendei dele. Ele disse: “*Aprendei de mim, porque sou manso*” (Mt 11,29). Não observes aquele mestre, mas a este e a seus ensinamentos; segue seu exemplo. Tens uma ótima imagem; arranja-te segundo esta. Existem mil imagens nas Escrituras de vidas virtuosas. Passa, se preferes, por

exemplo, do mestre aos discípulos. Um, de fato brilhou pela pobreza, o outro, pelas riquezas. Elias, por exemplo, através da pobreza, Abraão, pelas riquezas. Adere à vida que considerares mais leve, mais adequada a ti. Ainda, um no matrimônio, outro na virgindade: Abraão no casamento, o outro na virgindade. Anda pela via que escolheres, pois ambas conduzem ao céu. Um por meio do jejum, João, outro sem jejuns, Jó. Este ainda preocupado com a mulher, os filhos, as filhas, a casa, e possuidor de muitas riquezas. O outro, nada possuía a não ser o manto de cilício. E por que falo de casa, bens e riquezas, se até aquele que obteve o reinado pode conseguir a virtude? Descobrirás que muito mais cheia de preocupações que qualquer casa particular é o palácio real; no entanto Davi brilhou no reino; a púrpura e o diadema em nada o prejudicaram. A um outro foi confiado o governo de todo o povo, refiro-me a Moisés, e isto era bem mais difícil. Ali havia maior poder, o que também aumentava as dificuldades. Viste homens comprovados na riqueza, viste também na pobreza, viste no matrimônio, viste também na virgindade. Ao invés, considera que no matrimônio e na virgindade houve alguns que se perderam e também na riqueza e na pobreza. Por exemplo, no casamento muitos se arruinaram, como Sansão, mas não por causa do casamento, e sim por próprio arbítrio. Na virgindade, porém, temos o exemplo das cinco virgens. Na riqueza, o rico que desprezou Lázaro na penúria, e mil se perdem na pobreza, então e agora. Posso mostrar muitos que perecem no reinado e no governo do povo. Queres ver também na ordem militar quantos se salvaram? Vê a Cornélio. E na administração de bens familiares? Considera o eunuco da rainha da Etiópia. Assim em toda parte se torna evidente que se for necessário usar das riquezas, nada pode nos perder. Em sentido contrário, tudo causa ruína: o reino, a pobreza, a riqueza. Na verdade, a um homem vigilante nada pode danificar. Dize-me. Acaso o encarceramento causou algum dano? Nenhum. Pensa como José se tornou escravo, e, no entanto, salvou-o a virtude. Pensa em Daniel, e nos três jovens transformados em escravos e como muito mais se destacaram. Em toda parte a virtude brilha, e não pode ser vencida, nem coisa alguma pode causar-lhe impedimento. Por que falo de pobreza, de encarceramento e escravidão? Nem a fome, nem as chagas, nem a doença pode prejudicar. A doença é pior que a escravidão. Tal era Lázaro, tal era Jó, tal era também Timóteo, frequentemente atacado por enfermidades agudas.

Vês que nada pode superar a virtude? Nem as riquezas, nem a pobreza, nem o poder, nem a servidão, nem a administração de negócios, nem a doença, nem a ignomínia, nem o exílio. Mas tudo isso está aqui embaixo e a virtude, deixando a terra, apressa-se em direção ao céu. Seja a alma generosa e nada poderá impedir que seja igualmente virtuosa. Quando, pois, o trabalhador é valoroso, coisa alguma exterior serve-lhe de obstáculo. E relativamente às artes, quando o artífice é perito e paciente e conhece toda a técnica, mesmo que ocorra uma doença, ele a guarda; mesmo que caia na pobreza, ele a conserva; quer tenha o instrumento nas mãos, quer não o tenha, quer trabalhe, quer não trabalhe, nada perde de sua arte, pois em si possui o conhecimento. Assim também quem é dotado de virtude e depende de Deus manifesta a virtude quer cercado de riquezas, quer na pobreza, na doença, na saúde, na glória ou na ignomínia.

Os apóstolos talvez não passaram por tudo isso? “Na glória e no desprezo, na boa e na má fama” (2Cor 6,8). Isto é que faz o atleta: adaptar-se a tudo. Tal é também a natureza da virtude. Dirás talvez: Não posso estar à frente de muitos, preciso levar vida solitária. Ofendes a virtude, pois ela pode usar de tudo e em toda parte é esplêndida, contanto que exista na alma. Há fome? Existe abundância de alimento? A virtude manifesta por si mesma sua força, conforme declara Paulo: “Sei ter abundância e sofrer necessidade” (Fl 4,12). Precisava trabalhar? Não se envergonhava, mas trabalhou durante dois anos. Devia passar fome? Não desanimava, nem hesitava. Devia morrer? Não se mostrava fraco; em tudo demonstrava ânimo generoso e perícia. Esforcemo-nos por isso, e não haverá pretexto para

tristeza. Por que, dize-me, haveria tal homem de entristecer-se? Por nada. Enquanto ninguém nos arrebatava a virtude, seremos os mais felizes dos homens, ainda aqui e não somente lá. Seja, portanto, virtuoso e tenha mulher, filhos, riquezas e muita glória; no meio de tudo isso permanecerá igualmente virtuoso; retirem-se-lhe estas coisas e ainda será igualmente virtuoso, nem mergulhará nas tribulações, nem se orgulhará na prosperidade, mas como um rochedo, quer o mar se encapele, quer haja calmaria, igualmente ficará imóvel, não será quebrado pelas ondas, nem sofrerá pela calmaria; assim também o ânimo forte e estável persiste entre os vagalhões e na calmaria.

E será como as crianças, que no navio se perturbam, enquanto o piloto fica sentado rindo e imperturbável, tendo prazer em ver essa agitação. Assim também a alma sábia, enquanto os demais se perturbam, ou riem intempestivamente nas vicissitudes, sentada ela ao leme da piedade, permanece imóvel. Pois, dize-me, o que pode perturbar a alma piedosa? Talvez a morte? Mas ela a tem por início de uma vida melhor. A pobreza? Mas esta colabora com a piedade. A doença? Mas avalia como nada a presente vida. Por que me refiro à doença? Nem os deleites, nem as tribulações. Ela tomou a dianteira e afligiu-se a si própria. A ignomínia? Mas para ela todo o mundo já está crucificado. A perda dos filhos? Não a teme, plenamente convicta da ressurreição. O que poderá derrubá-la? Nada absolutamente. As riquezas a exaltam? De forma alguma; sabe que as riquezas nada valem. A glória? Mas foi instruída de que toda a glória humana é como a flor do feno (cf. Is 40,6). Os prazeres? Ouviu Paulo afirmar: “A que só busca prazer, mesmo se vive, já está morta” (1Tm 5,6). Por conseguinte, como não se incha, nem se deprime, o que encontrar de semelhante a tal estado de saúde?

Na verdade, as outras almas não são tais; mudam mais frequentemente que o mar e o camaleão. Por isso é muito ridícula sua condição: ora a vês rindo, ora chorando, ora solícita ora além da medida relaxada. Por essa razão Paulo ordena: “E não vos conformeis com este mundo” (Rm 12,2). Vivemos no céu, onde não há mudança alguma (cf. Tg 1,17). Temos promessa de prêmios imutáveis. Demonstremos também nós tal estilo de vida e já apreenderemos os bens celestes. Por que, então, nos jogamos no mar, nas ondas, na tempestade e nos turbilhões? Abracemos a tranquilidade; ela não depende das riquezas nem da pobreza, da glória nem da ignomínia, da doença nem da saúde, nem da fraqueza, mas do ânimo forte de cada um de nós. Se este for firme, e instruído retamente na disciplina da virtude, tudo será fácil. E já aqui se conseguirá o repouso, o porto tranquilo e lá inumeráveis bens. Oxalá todos nós o obtenhamos, pela graça e benignidade de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai e o Espírito Santo, glória, império, honra, aqui e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA TERCEIRA HOMILIA

3,18. *Pois há muitos dos quais muitas vezes eu vos disse e agora repito, chorando, que são inimigos da cruz de Cristo:*

19. *seu fim é a destruição, seu deus é o ventre, sua glória está no que é vergonhoso, e seus pensamentos no que está sobre a terra.*

20. *Mas a nossa cidade está nos céus, de onde também esperamos ansiosamente como Salvador o Senhor Jesus Cristo,*

21. *que transfigurará o nosso corpo humilhado, conformando-o ao seu corpo glorioso, pela operação que lhe dá poder de submeter a si todas as coisas.*

Nada menos consentâneo e alheio ao cristão do que procurar repouso e ócio; nada tão estranho à nossa profissão e à milícia em que nos alistamos do que ficar preso à vida presente. Teu Senhor foi crucificado e tu procuras alívio; teu Senhor foi traspassado por cravos, e tu te delicias? Isto é próprio

de um soldado generoso? Paulo declara, portanto: *“Há muitos dos quais muitas vezes eu vos disse e agora repito, chorando, que são inimigos da cruz de Cristo”*. Visto que havia alguns que simulavam pertencer ao cristianismo, e viviam, contudo, em crápulas e embriaguez, ele assim se expressava. A cruz é peculiar à alma que está nas fileiras, desejosa de morrer, e que não procura prazer algum; aqueles, porém, seguem um estilo de vida oposto. Apesar, portanto, de dizerem que pertencem a Cristo, são inimigos da cruz; senão, se amassem a cruz, esforçar-se-iam por levar uma vida crucificada. Teu Senhor não foi crucificado? Imita-o tu de forma diferente, se não o podes de igual modo: crucifica-te a ti mesmo, apesar de ninguém te crucificar. Crucifica-te, digo, não para te matares – tal não suceda; seria ação ímpia –, mas segundo diz Paulo: *“O mundo está crucificado para mim e eu para o mundo”* (Gl 6,15).

Se amas teu Senhor, morre como ele morreu. Aprende qual a força da cruz, quanto bem realizou, quanto realiza, como constitui segurança de vida. Através dela, tudo acontece: o batismo é através da cruz (importa receber o signáculo); a imposição das mãos, faz-se com a cruz; quer estejamos em caminho, ou em casa, em algum lugar, a cruz é um grande bem, armadura de salvação, escudo inexpugnável, que ataca o diabo. Por conseguinte, ao combateres nessa guerra, carrega a cruz, não apenas persignando-te, mas nela padecendo. Sabes que a cruz de Cristo significa sofrimentos, segundo foi dito: *“Se não tomar a sua cruz e seguir-me”* (cf. Mt 16,24), isto é, se alguém não estiver disposto a morrer. Aqueles, porém, degenerados, apegados à vida e ao corpo, são inimigos da cruz; e todo o que ama os prazeres e as garantias desta vida, é inimigo da cruz, na qual Paulo se gloria, que ele abraça, onde se empenha em ser cravado, como ao declarar: *“O mundo está crucificado para mim e eu para o mundo”* (Gl 6,15). Agora, contudo, diz: *“Agora repito, chorando”*. Por quê? Porque o mal se intensificou, porque eles são dignos de lágrimas. Na realidade, merecem lágrimas os que vivem no meio dos prazeres, os que se enchem de vestes, quer dizer, que engordam o corpo, sem dar importância alguma ao futuro castigo. Eis que vives nas delícias, eis que te embriagas, hoje e amanhã, dez anos e vinte e trinta e cinquenta e cem, o que é impossível; no entanto, se o queres, concedamos tanto. Qual o limite? Qual a vantagem? Nenhuma. Quem leva semelhante vida, não merece lágrimas e pranto? Deus nos conduziu a esse estádio, a fim de sermos coroados, e nós daqui partimos sem termos praticado algo de generoso. Paulo, portanto, se lamenta relativamente ao outros que riem e se deleitam, tanto ele sente os males dos outros, tanto se preocupa com todos os homens. *“Seu deus é o ventre.”* Seu deus consiste no seguinte: *“Comamos e bebamos”* (1Cor 15,32). Vês que grande mal é o prazer? Para alguns, deus é o dinheiro, para outros, o ventre. Não são talvez também eles idólatras, e piores do que os outros? *“Sua glória está no que é vergonhoso.”* Alguns com isso designam a circuncisão; eu, porém, não digo tal, mas o seguinte: Entregam-se a ações que convém esconder. Outra passagem o exprime: *“E que fruto colhestes então daquelas coisas de que agora vos envergonhais?”* (Rm 6,21). É grave praticar coisas vergonhosas; envergonhar-se do que se cometeu, contudo, é como que a metade do mal; mas quando alguém ainda se gaba disso, é o mais alto grau da insensibilidade. Por conseguinte, estas coisas são atinentes apenas ao que foi dito; nós, os presentes, porém, escapamos dessa condenação? Ninguém está sujeito a estes vícios, nem tem o ventre por deus? Nem se gloria do que é vergonhoso? Desejo, ardentemente desejo que nada disso exista entre nós, nem venha a saber que há um réu do que foi mencionado; tenho receio, contudo, de que se refira antes a nós que a eles. Quando, porém, alguém passa toda a vida em comidas e bebidas, e pouco despende com os pobres, mas excessivamente gasta com o ventre, não é com justeza que se aplica a ele?

Nada mais apto a incutir vergonha, nenhuma repreensão tão veemente do que estes termos: *“Seu deus é o ventre, sua glória está no que é vergonhoso”*. Quais são eles? Aqueles cujos pensamentos

estão “no que está sobre a terra”, os que dizem: “Construamos casas”. Onde? Na terra, respondem. “Adquiramos campos”, ainda na terra. “Alcancemos o poder”, também na terra. “Adquiramos glória”, ainda na terra. “Enriqueçamos”, tudo na terra. “*Seu deus é o ventre.*” Eles nada pensam de espiritual, mas, visto que possuem tudo na terra, e disso cogitam, na verdade, “*seu deus é o ventre*”, e declaram: “Comamos e bebamos, pois amanhã morreremos” (1Cor 15,31; Is 22,13). Tu te lastimas de teres um corpo terreno, embora este em nada atrapalhe a prática da virtude; entretanto, dize-me, deprimes a alma contra a terra pelos prazeres, sem te importares ris, e tens o ânimo relaxado? E que remissão obterás, se estás atacado de tal insensibilidade, enquanto devias tornar o corpo espiritual? É possível, se o quiseses. Recebes o ventre para te nutrires, não para o dilatares; para o dominares, não para teres um patrão; para te servir na nutrição dos outros membros, não para o servires, nem para ires além dos limites. O mar, quando ultrapassa os limites não ocasiona tantos males quanto o ventre ao corpo e à alma; o mar inunda aquela terra, o ventre afunda o corpo inteiro. Impõe-lhe um termo conveniente, conforme Deus colocou a areia para o mar; quer fique agitado ou furioso, repreende-o com a força que há em ti. Vê como Deus te honrou, a fim de que o imites; tu, porém, não queres, mas vendo-o ultrapassar e estragar toda a natureza, e arruiná-la, não ousas contê-lo e moderá-lo.

“*Seu deus é o ventre.*” Vemos como Paulo cultuava a Deus; vemos como os glutões o fazem relativamente ao ventre. Eles não sofrem mil gêneros de morte? Não têm medo de não obedecerem a tudo o que ele mandar? Acaso não servem, mesmo que lhes ordene o que de forma alguma se deve fazer? Não são piores do que os escravos? Tal não era Paulo, segundo dizia: “*Mas a nossa cidade está nos céus*”. Por conseguinte, não procuremos repouso aqui, mas queiramos ser ilustres lá onde temos a nossa cidade.

“*De onde também esperamos ansiosamente como Salvador o Senhor Jesus Cristo, que transfigurará o nosso corpo humilhado, conformando-o ao seu corpo glorioso.*” Aos poucos, ele nos eleva: Do céu vem nosso Salvador. Demonstra a majestade pelo lugar, pela pessoa. “*Que transfigurará o nosso corpo humilhado.*” Nosso corpo agora muito sofre: é amarrado, batido, atingido por inúmeros males; mas Cristo também sofreu tais coisas. É isso que Paulo assinala, nesses termos: “*conformando-o ao seu corpo glorioso*”. Portanto, o corpo é o mesmo, mas revestido da imortalidade. “*Conformando-o*”, diz ele. Certamente o aspecto é outro, ou o nome de mudança é menos característico. “*O nosso corpo humilhado*, disse, porque agora está humilhado, enquanto sujeito à corrupção, à dor, e parece vil, nada mais tendo que os demais. “*Conformando-o ao seu corpo glorioso.*” Ah! este corpo se torna conforme àquele que está sentado à direita do Pai; àquele que é adorado pelos anjos, àquele ao qual assistem os seres incorpóreos, àquele que está acima de toda dominação, potestade e virtude, àquele se torna conforme. Se, porém, toda a terra cair em lágrimas para chorar os que perdem esta esperança, chorará com razão, porque devido às promessas, nosso corpo conforme àquele, afasta-se na companhia dos demônios. De resto, não me importa a geena; por mais que disseres, reputo por nada diante daquela queda. O que dizes, ó Paulo? Será conforme àquele corpo? Sim, diz ele. Em seguida, a fim de não duidares, acrescenta um argumento: “*Pela operação que lhe dá poder de submeter a si todas as coisas*”. Tem o poder de submeter a si todas as coisas; por conseguinte também a corrupção e a morte; ou antes, por seu próprio poder realiza também isto. Qual o maior poder, dize-me, submeter os anjos, arcanjos, querubins e serafins e os demônios ou tornar o corpo incorruptível e imortal? É muito maior este poder que aquele. O Senhor revela as maiores obras de seu poder a fim de que também acredites nestas. Por isso, se virdes os mundanos regozijando-se, se virdes cobertos de glória, permanecei firmes, não fiqueis confundidos, não vos perturbeis. As esperanças que nos são propostas são válidas e despertam os muito preguiçosos e sonolentos.

Exortação e agradecimentos

4,1. *Assim, irmãos amados e queridos, minha alegria e coroa, permaneci firmes no Senhor, ó amados.*

“Assim”, como? Como estais firmes, inabaláveis. Vê como depois da exortação vêm os elogios. “*Minha alegria e coroa*”. Não apenas alegria, mas também glória; não somente glória, mas ainda coroa; a esta glória nada iguala se eles são coroa de Paulo. “*Permaneci firmes no Senhor, ó amados*”, isto é, na esperança em Deus.

2. *Eu exorto a Evódia e a Síntique a serem unânimes no Senhor.*

3. *Rogo também a ti, Sízigo, fiel “companheiro”, que lhes prestes auxílio.*

Dizem alguns que Paulo, com esta expressão, “*fiel companheiro*” exorta a sua mulher, mas absolutamente não é assim; com este nome indica outra determinada mulher, ou também o marido de uma destas.

... que lhes prestes auxílio, porque me ajudaram na luta pelo evangelho, em companhia de Clemente e dos demais colaboradores meus, cujos nomes estão no livro da vida.

Vês quantos testemunhos presta à virtude deles? Aquilo que Cristo dizia aos apóstolos: “Contudo, não vos alegreis porque os espíritos se vos submetem; alegrai-vos, antes, porque vossos nomes estão inscritos” no livro da vida (Lc 10,20), Paulo atesta a respeito deles, nesses termos: “*Cujos nomes estão no livro da vida*”. Parece-me que essas mulheres eram chefes daquelas Igrejas, e recomenda-as a um homem igualmente admirável, que ele denomina “*companheiro*”; costumava recomendar-lhe, enquanto colaborador, soldado, participante e irmão. Fá-lo igualmente na Carta aos Romanos, dizendo: “Recomendo-vos Febe, nossa irmã, diaconisa da Igreja de Cencreia” (Rm 16,1). “*Companheiro*.” Aponta assim ou para um irmão delas, ou para o marido de uma delas. Parece dizer: “Agora és genuíno irmão, agora marido legítimo, porque te tornaste membro. “*Porque me ajudaram na luta pelo evangelho.*” Daí a tua solicitude, não por amizade, mas devido às boas obras. “*Porque me ajudaram.*” O que dizes? Mulheres ajudaram na luta? Sim, diz ele. Não foi pequena a parte com que contribuíram. Embora fossem muitos os seus colaboradores, igualmente entre muitos também elas colaboraram. As Igrejas então não pouco se difundiram. Daí os que eram comprovados, tanto homens, como mulheres, usufruíam de muita honra da parte dos demais, e sucedeu muita coisa boa. Em primeiro lugar, portanto, os demais eram estimulados a idêntico zelo; segundo, também lucravam prestando honras; em terceiro lugar, ainda eles se tornavam mais ardentes e ativos. Por este motivo em toda parte verás Paulo cuidando disso e recomendando-os, assim como escreve na carta aos Coríntios: “São as primícias da Acaia” (1Cor 16,15).

Alguns afirmam que Syzygos, “*companheiro*”, era nome próprio. Seja como for, não convém pesquisar demais, mas admirar porque Paulo ordena que sejam tratadas com muita consideração.

Todas as coisas para nós estão nos céus: nosso Salvador e nossa cidade, em suma, tudo o que se pode dizer. “*De onde também esperamos ansiosamente como Salvador o Senhor Jesus Cristo*”. E nisto também mostra seu amor aos homens. Ele próprio virá novamente até nós, não nos arrastará para lá; vem nos buscar e vai conosco para o céu, o que constitui para nós muita honra. Se, de fato, veio quando éramos inimigos, muito mais depois de nos tornarmos amigos. Não encarregou disso os anjos, nem os servos, mas ele próprio virá sobre as nuvens, chamando-nos para o seu reino. Talvez, porém, a seus fiéis, tão glorificados, ele arrebatará para junto de si, nas nuvens. “Seremos arrebatados” com os que o glorificam, “nas nuvens... E, assim, estaremos para sempre com o Senhor” (1Ts 4,17). Quem, pois, será julgado servo fiel e prudente? Quais, portanto, serão considerados dignos de tais bens? Quão

miseráveis os que caírem! Pois se por toda a duração do tempo chorarmos os que perderam o reino, o que faríamos de condigno? Na verdade, se te referires a inúmeras geenas, nada dirás que iguale aquela dor que então afligirá a alma, quando se abala o universo inteiro, ao som das trombetas, e ocorre primeiro o coro dos anjos, depois o segundo, depois o terceiro, depois inúmeras fileiras que se espalham pela terra, depois os querubins, que são incontáveis, em seguida os serafins, e enfim ele próprio vem com inenarrável glória, e todos se apressam em apresentar os eleitos. Em seguida Paulo e os seus seguidores, que foram comprovados, são coroados, proclamados, e honrados pelo Rei na presença de todo o exército celeste. Se não houvesse geena, como poderiam, enquanto uns são honrados, serem os outros cumulados de ignomínia? A geena é intolerável, confesso. E sumamente intolerável; mais intolerável, porém, é a perda do reino. Dize-me. Se um rei, ou um filho do rei sair, e depois de combater valorosamente em inúmeras guerras, causar admiração e, acompanhado de todo o exército, entrar em determinada cidade em carro triunfal, com troféus, inúmeras fileiras de soldados cobertos de ouro, e os escudeiros todos a carregarem escudos de ouro, e toda aquela cidade estiver ornada de coroas, e acompanharem-no todos os príncipes do orbe e gente de todas as idades, atrás os cativos de povos estrangeiros, prefeitos, sátrapas, cônsules, tiranos, príncipes e em seguida, naquela ilustre pompa aos cidadãos que forem ao seu encontro abraçar, beijar, estender a mão, der inteira liberdade de falar, e na presença de todos conversar com eles amigavelmente, e disser que toda aquela caminhada foi por causa deles e levar ao palácio a uns, e a outros, contudo, abandonar, não seria para estes últimos o maior dos suplícios, mesmo se não fossem torturados?

Se, portanto, entre os homens, é de tal modo amargo perder aquela glória, muito mais da parte de Deus, presentes todas as potestades ao lado do Rei, os demônios amarrados e curvados, e prisioneiro o próprio diabo e todo poder adverso, e as virtudes dos céus vindo com ele próprio sobre as nuvens. Crede-me. Por causa da dor que esta narração causou-me à alma, não posso terminar o sermão. Pensemos de quanta glória seremos privados, embora esteja em nosso poder não sermos dela despojados. O pior de tudo é que, sendo capazes de não sofrer estas coisas, nós as sofremos. Pois, enquanto ele abraça a uns, conduzindo-os ao Pai nos céus, a outros abandona, e alguns anjos os arrastam contra a vontade ao fogo da geena, chorando e curvados, tendo sido antes propostos como exemplo a todo o orbe. Pondera a intensidade desta dor. Apliquemo-nos enquanto é tempo, e cuidemos solícitamente de nossa salvação. Quanta coisa poderíamos dizer, como assegurava aquele rico: Se agora alguém nos permitir, disporemos algo que nos seja útil; mas ninguém o permite! É evidente que tais coisas diríamos então, não somente o que ele dizia, mas também o que diriam muitos outros. E para ficares ciente, quantos são os atacados de febre que declaram: Se recuperássemos a saúde, nunca mais recairíamos nos mesmos males! Então diremos muitas coisas desta espécie. Mas ouçamos como ouviu aquele rico (cf. Lc 16,26), ser a distância muito grande, ter aqui na terra recebido bens. Rogo-vos, portanto: choremos amargamente. Ou melhor, não somente choremos, mas também aproximemo-nos da virtude. Choremos agora em vista de nossa salvação, a fim de não chorarmos depois em vão; choremos agora, e então não choraremos devido a nossa maldade. Tal pranto provém da virtude, aquele, porém origina-se de uma inútil penitência. Aflijamo-nos agora, para não nos afligirmos então. Há grande diferença em afligir-se aqui ou ali. Aqui, na verdade, afliges-te por pouco tempo; ou melhor, nem mesmo sentes aflição, sabendo que te afliges para teu bem. Ali, a tribulação é mais aguda, porque não é oriunda da esperança, não encontra saída, mas é ilimitada e perpétua. Oxalá possamos nos libertar aqui para conseguirmos aquele repouso. Mas, uma vez que, para não pecarmos, forçoso é empregarmos intenso zelo, assíduas preces, esforcemo-nos, eu vos suplico, por conseguir aquele repouso. Pois, se nos esforçarmos e pedirmos, conseguiremos; se orarmos assiduamente, Deus no-lo dará. Do contrário, se não lhe rogamos, nem praticamos algo dessas coisas, e nada fazemos, será

possível que uma vez o consigamos dormindo? Absolutamente. Suceder-nos-á o bem se correremos, nos distendermos, e, conformados à sua morte, conforme dizia Paulo, pudermos conseguir; ao invés, nada conseguiremos se dormirmos. Paulo dizia: *“Para ver se eu alcanço”* (Fl 3,11); o que diremos nós? Para os que dormem, nem mesmo os negócios mundanos têm êxito, quanto mais os espirituais. Os que dormem nem mesmo dos amigos recebem algo, muito menos de Deus. Até os pais não têm consideração pelos que dormem, quanto mais Deus. Trabalhemos um pouquinho a fim de descansarmos eternamente. É absolutamente necessário que sofram tribulações; se aqui de forma alguma as tivermos, lá elas nos esperam. Por que não preferimos ser aqui afligidos, para lá descansarmos? Oxalá nós todos, levando uma vida digna de Cristo e conformando-nos à sua morte, consigamos aqueles bens indizíveis, em Cristo Jesus Nosso Senhor, ao qual com o Pai e o Espírito Santo glória, poder, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA QUARTA HOMILIA

4,4. *Alegrai-vos sempre no Senhor! Repito: alegrai-vos!*

5. *Que a vossa moderação se torne conhecida de todos os homens. O Senhor está próximo!*

6. *Não vos inquieteis com nada; mas apresentai a Deus todas as vossas necessidades pela oração e pela súplica, e em ação de graças.*

7. *Então a paz de Deus, que excede toda a compreensão, guardará os vossos corações e pensamentos, em Cristo Jesus.*

“Bem-aventurados os aflitos” (Mt 5,5) e: “Ai de vós, que agora rides!” (Lc 6,24), declara Cristo. Como, então, pode Paulo exortar: *“Alegrai-vos sempre no Senhor”*? Não está contradizendo a Cristo? De forma alguma! “Ai de vós, que agora rides!”, diz Cristo, aludindo ao riso deste mudo, à alegria que os homens têm nas coisas terrenas; e quando chama de felizes os que choram, não indica apenas os que sentem a perda de seus bens, mas os verdadeiramente contritos, aqueles que deploram os próprios pecados, assumem as próprias falhas ou as dos outros. Com este pesar, contudo, não é incompatível a alegria; ao contrário, muitas vezes dele provém. Pois o que chora seus pecados e se arrepende, este se alegra. Numa palavra, é possível deplorar seus pecados e simultaneamente alegrar-se em Cristo.

Visto que os filipenses foram duramente afligidos pelos sofrimentos, ele lhes diz: “Pois vos foi concedida a graça não só de crerdes nele, mas também de por ele sofrerdes” (Fl 1,29), e por isso declara: *“Alegrai-vos no Senhor!”* Estas palavras outra coisa não significam senão: Conservai um estilo de vida que vos possa alegrar! Enquanto vosso comportamento diante de Deus não sofrer detrimento, alegrai-vos. Ou nesta passagem “em” tem o sentido de “com”; como se dissesse: *“Alegrai-vos sempre com o Senhor”*.

“Repito: alegrai-vos!” Estimula-os e mostra-lhes que aquele que está em Deus tem sempre motivo de alegrar-se. Se sofre tribulação, ou padece algo, sempre se alegra. Escuta o que Lucas narra sobre os apóstolos: “Quanto a eles, deixaram o Sinédrio, muito alegres de terem sido julgados dignos de sofrer ultrajes pelo Nome” (At 5,41). Se flagelos e algemas, que parecem as coisas mais dolorosas de todas produzem alegria, o que pode causar-nos tristeza? *“Repito: Alegrai-vos!”* Com razão repete a palavra. Desde que o evento por natureza acarreta tribulação, ele manifesta com a repetição que em todas as circunstâncias importa alegrar-se.

“Que a vossa moderação se torne conhecida de todos os homens.” Mais acima ele falara daqueles cujo deus é o ventre, cuja glória está no que é vergonhoso, e cujos pensamentos se acham no que está sobre a terra (cf. Fl 3,19). Mas como talvez os filipenses possam ter sentimentos de inimizade contra

os maus, exorta-os a não terem nada em comum com eles, mas empregar grande moderação para com eles, não apenas para com os irmãos, mas também para com os inimigos e adversários.

“*O Senhor está próximo! Não vos inquieteis com nada.*” Por que, digo-vos, vos inquietar? Por terdes adversários? Por vê-los mergulhados em delícias? “*Não vos inquieteis com nada.*” De fato, o juízo está iminente; sem demora eles devem prestar contas de suas ações. Mas vós viveis em aflições, enquanto eles se deliciam? Logo isto terminará. Eles vos perseguem e ameaçam? Nem sempre terão êxito; efetivamente o juízo se aproxima e sucederá o contrário. “*Não vos inquieteis com nada.*” Logo virá a retribuição. Se tiverdes moderação para com os que se dispõem a vos fazer o mal, tudo se dissipará, seja pobreza, morte ou qualquer outra espécie de mal grave; tudo cessará. “*Não vos inquieteis com nada.*”

“*Mas apresentai a Deus todas as vossas necessidades pela oração e pela súplica, e em ação de graças.*” Há um só consolo: “*O Senhor está próximo*”. E: “Eis que eu estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos!” (Mt 28,20). Eis que existe ainda outro consolo, um remédio que pode livrar de toda tristeza, de qualquer ocorrência e de todas as coisas molestas. Qual é? A ação de graças em todas as circunstâncias. A oração, segundo o Apóstolo, não se restringe às preces, mas também é ação de graças por aquilo que possuímos. Como pode pedir bens futuros, quem não é grato pelos passados? Mas em “*todas as vossas necessidades*”, diz ele, a saber, em todas as circunstâncias, “*pela oração e pela súplica*”. Aliás, devemos agradecer por tudo, mesmo pelo que parece adversidade. Então, observamos a verdadeira gratidão. O pedido é exigido pela natureza das coisas, a ação de graças, porém, origina-se de uma alma reconhecida e intimamente ligada a Deus. Tais orações encontram junto de Deus reconhecimento; das outras, não quer saber. Assim deveis pedir, assim serão bem apresentadas vossas súplicas diante de Deus. Deste modo, tudo se realizará para nosso bem maior, mesmo quando não o percebemos. A circunstância de não o percebermos é sinal de que seguramente alcançaremos grande bem.

“*Então a paz de Deus, que excede toda a compreensão, guardará os vossos corações e pensamentos, em Cristo Jesus.*” Que significa isto? “*A paz de Deus*”, diz ele, feita com os homens, “*excede toda a compreensão*”. Como podemos suspeitar, como esperar participação de tão grandes bens? Excedem todos os conceitos humanos e não apenas a palavra: pelos inimigos, por aqueles que o odeiam, aqueles que se lhe opõem, por eles não se corou de dar o Filho Unigênito, a fim de fazer a paz conosco. Esta paz também, isto é, a reconciliação, o amor de Deus “*guardará os vossos corações e pensamentos*”.

É tarefa do professor, não somente exortar os alunos, mas ainda rezar por eles, ampará-los com suas súplicas, a fim de que não caiam em tentação, nem sejam induzidos a ilusões. Paulo parece dizer: Deus, que vos salvou de um modo que não pode ser apreendido pelo intelecto, vos guarde e proteja, a fim de nada sofrerdes! Talvez seja este o significado, ou: Aquela paz, a que se refere Cristo: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou” (Jo 14,27) – aquela paz vos protegerá. É uma paz que excede toda compreensão humana. Mas podes perguntar: Como? Escuta! Conforme o desejo de Cristo, devemos viver em paz com nossos inimigos, com nossos injuriadores, com quaisquer adversários, com os que nos hostilizam. Isso não excede a compreensão humana? Então vejamos as palavras citadas: “*A paz, que excede toda compreensão*”. Essa paz (ainda mais o próprio Deus, que dá a paz), excede toda compreensão, não apenas a nossa, mas ainda a dos anjos e dos poderes celestes.

Mas o que quer dizer: “*em Cristo Jesus*”? Nele, dirá o Apóstolo, sereis guardados, de forma que permanecereis fiéis e não desfalecereis na fé.

8. Finalmente, irmãos, ocupai-vos com tudo o que é verdadeiro, nobre, justo...

Qual o sentido de: “*finalmente*”? Está em lugar de: Tudo já nos foi dito que era para se dizer. É peculiar a quem age apressadamente e não se envolve com as coisas terrenas. “*Finalmente, irmãos, ocupai-vos com tudo o que é verdadeiro, nobre, justo, puro, amável, honroso, virtuoso, ou de qualquer modo mereça louvor.*”

9. O que aprendestes e herdastes, o que ouvistes e observastes em mim,

O que significa: “*O que é amável*”? Amável aos olhos dos fiéis, amável aos olhos de Deus.

“*O que é verdadeiro*”? Estritamente apenas a virtude é verdadeira. O vício, ao contrário, é mentira; seu prazer é a mentira, sua glória a mentira, e mentira todas as coisas mundanas.

“*O que é puro*”? Opõe-se àqueles que pensam “*no que está sobre a terra*”.

“*O que é nobre*”? Contra aqueles cujo “*deus é o ventre*” (cf. Fl 3,19). “*Nobre*”, diz ele, é tudo “*o que é justo, honroso*”.

“*O que é virtuoso ou de qualquer modo mereça louvor*”. Aqui ele tenciona providenciar também o que se relaciona com os outros homens.

“*Com isso ocupai-vos*”, diz ele. Vês como quer expulsar de nossa alma qualquer mau pensamento? Dos maus pensamentos originam-se as más ações.

“*O que aprendestes e herdastes.*” É o melhor método: exortar e mostrar pelo exemplo. Assim como o Apóstolo diz em outra passagem: “Segundo o modelo que tendes em nós” (Fl 3,17), igualmente aqui: “*O que aprendestes e herdastes*”, isto é, o que tendes aprendido, “*o que ouvistes e observastes em mim*”, isto é, o que se refere às palavras, assim como às obras e a todo o comportamento. Vês como o ordena acerca de todas as coisas? Como é impossível acerca de tudo dar preceitos particulares e minuciosos: entrada e saída, palavra, atitude e relações familiares – de tudo isso deve cuidar o cristão – brevemente e em resumo diz: “*O que ouvistes e observastes em mim*”, isto é, junto de mim. Como se dissesse: Em palavras e por exemplo fui à frente. “*Isso praticai*” não apenas por palavras, mas ainda por obras. “*E o Deus da paz estará convosco*”, isto é, se observardes tudo isto, e tiverdes paz uns para com os outros, estareis em lugar tranquilo, e muito seguro. Nada padecereis de molesto, daquilo que não quereis. Pois, quando nós estivermos em paz com Deus, em paz, porém, através da virtude, muito mais estará ele em paz conosco. Aquele, na verdade, que nos amou de tal modo que mesmo antes de o desejarmos se aproximou, não nos demonstrará muito mais amizade vendo-nos acorrer?

Nada, de fato, é tão inimigo de nossa natureza como o vício. Evidencia-se de muitas formas que o vício é nosso inimigo e a virtude é amiga. E, se quiserdes, examinemos isto primeiro por meio de um dos males opostos, a luxúria. A luxúria nos torna ignominiosos, indigentes, ridículos, desprezíveis a todos. Causa-nos o que faria um inimigo. Frequentemente também traz consigo doenças e perigos. Muitos, por meio da luxúria, se perderam, e foram feridos. Se a luxúria é intermediária destes males, muito mais o adultério. Acaso também a esmola não os ocasiona? De forma alguma. Mas qual mãe amorosa traz ao filhinho muita beleza, harmonia, grande glória. Faz com que nos ocupemos em funções necessárias, não nos permitindo apartar-nos do que é preciso, mas torna a alma mais prudente. Nada mais imprudente que os lascivos.

Mas como? Queres que vejamos a avareza? Também ela tem para conosco a atitude de um inimigo. De que modo? Igualmente incita a todos a nos odiarem; faz com que todos nos abominem, tanto os que receberam injúrias como os que não a receberam; ficam penalizados por causa dos primeiros, e

receiam por si mesmos. Todos nos consideram inimigos comuns, feras, demônios. Por toda parte, inúmeras acusações, ciladas, invejas, próprias dos inimigos. Ao invés, a justiça transforma todos em amigos, faz com que todos convivam bem conosco, todos sejam benévolos. Todos dirigem a Deus preces em nosso favor. Assim nossa condição é segura: nenhum perigo, nenhuma suspeita, mas até o sono advém repleto de segurança; nenhuma solicitude, nenhuma lamentação.

Vês que a justiça é muito melhor? Dize-me. O que é melhor: invejar, ou participar da alegria alheia? Examinemos tudo isso, e descobriremos que a virtude, porém, qual mãe verdadeiramente amorosa, causa segurança. O vício, contudo, projeta nos perigos, pois é cheio de insegurança e de riscos. Escuta como se exprime o profeta: “O Senhor é fortaleza para aqueles que o temem, fazendo-os conhecer a sua aliança” (Sl 25,14). Não tem medo aquele que tem consciência de não ter praticado mal algum; e é impossível, de outro lado, que tenha segurança quem vive no vício, mas treme até diante dos escravos, e os espreita cheio de suspeitas. Por que falo dos escravos? Não suporta nem o juízo da própria consciência. Fustigam-no os pensamentos, não somente externa, mas também internamente, não lhe dando sossego. Como? – dirás. Deve-se viver à procura de louvores? Paulo não disse: “Leva em consideração os elogios”, e sim: “Pratica ações louváveis, não busques louvores”. *“Ocupai-vos com tudo o que é verdadeiro”*, pois eles são mentira. Tudo o que é *“honroso”*. O que é honroso denota a virtude quando atua do exterior, o que é *“puro”* origina-se da alma. Ele quer dizer: A ninguém dar escândalo, nem ocasião de censura. Tendo se referido a tudo o que é *“honroso”* a fim de não se julgar que é simplesmente diante dos homens, acrescentou: *“o que é virtuoso ou de qualquer modo mereça louvor”*, nisso pensai, *“isso praticai!”*.

Quer que continuamente sejamos assim, preocupemo-nos com tais coisas, disso cogitemos. Pois, se conservarmos a paz entre nós, Deus também estará conosco. Se, porém, criamos revolta, o Deus da paz não estará conosco. Pois, nada hostiliza a alma com o vício; e nada, ao contrário nos restabelece em segurança, como a paz e a virtude. Comecemos, portanto, a prestar o que nos compete e atrairemos também a Deus para o nosso lado. Deus não é um Deus de guerra e pugna. Desiste, portanto, da guerra e da luta, tanto contra ele quanto contra o próximo. Sê pacífico para com todos. Pensa quais são aqueles a quem Deus dá a salvação: “Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus” (Mt 5,9). Esses tais sempre imitam o Filho de Deus; imita-o também tu. Sê pacífico. Quanto mais o irmão te combater, tanto maior será a tua recompensa. Ouve, portanto, o profeta: “Com os que odeiam a paz, somos pacíficos” (Sl 120,7).

Isto é virtude, isto é mais que pensamento humano, e atrai a Deus para perto de nós. Nada tanto alegra a Deus como o esquecimento das injúrias; livra-te dos pecados, apaga os crimes. Ao combatermos e lutarmos, distanciamo-nos de Deus. Das lutas, de fato, originam-se as inimizades; das inimizades seguem-se as lembranças das injúrias. Corta a raiz, e o fruto não aparecerá. Desta forma, aprendemos a desprezar as coisas presentes. Não existe, efetivamente, não existem pelepas nas coisas espirituais, mas as refregas e invejas que vires são oriundas das questões temporais: das ambições, da inveja, da vanglória começa toda disputa. Se conservarmos a paz, aprenderemos a desprezar as coisas desta terra. Alguém roubou-te os bens? Mas em nada te prejudicou, conquanto não roube as riquezas superiores, diz-se. Lesou tua glória? Não, contudo, a que tens junto de Deus, mas a de nenhum valor; propriamente não é glória, mas da glória tem o nome, ou melhor, é coisa inglória. Roubou-te a honra? Não foi, porém, a tua, mas a sua própria. Na verdade, o injusto não causa dano, mas ele próprio é prejudicado. Assim também o que arma ciladas ao próximo, primeiro arruína a si próprio; o que cava uma fossa para o próximo, nela cai. Por conseguinte, não armemos mutuamente ciladas uns aos outros, a fim de não sermos nós mesmos atingidos. Quando suplantamos a glória dos outros, pensemos

que prejudicamos a nós mesmos, porque é mais para nós mesmos que planejamos insídias. Na verdade, talvez prejudiquemos junto dos homens àquele que o conseguirmos; a nós mesmos fazemos o mal junto de Deus, irritando-o. Não danifiquemos a nós mesmos. Pois, quando fazemos injustiça ao próximo, a nós mesmos a fazemos; igualmente, fazendo-lhe o bem, a nós próprios beneficiamos. Quando, pois, o inimigo te prejudica, considera que te beneficia, se fores vigilante, não lhe retribuindo de igual modo, mas fazendo-lhe o bem. Mas o fermento continua intenso, dizes. Pensa no seguinte: não o beneficia, mas o castigas, enquanto te beneficia, e logo serás levado a fazer o bem. Como? Convém agir com tal meta? Não convém agir com tal escopo; quando, porém, teu coração de outro modo não se dobra, ao menos assim o reconduzas e logo o persuadirás a abandonar a inimizade, e prestarás enfim benefícios ao inimigo como se fosse um amigo, e assim conseguirás os bens futuros, dos quais possamos todos nós fruir em Cristo Jesus etc.

DÉCIMA QUINTA HOMILIA

4,10. *Foi grande a minha alegria no Senhor, porque, finalmente, vi florescer o vosso interesse por mim; verdade é que estáveis sempre alerta; mas não tínheis oportunidade.*

11. *Falo assim não por causa das privações, pois aprendi a adaptar-me às necessidades.*

12. *Sei viver modestamente, e sei também como haver-me na abundância; estou acostumado com toda e qualquer situação: viver saciado e passar fome; ter abundância e sofrer necessidade.*

13. *Tudo posso naquele que me fortalece, Cristo.*

14. *Entretanto, fizestes bem em participardes de minha aflição.*

Muitas vezes tenho assegurado que a esmola não tanto é do interesse de quem a recebe quanto de utilidade para o doador. De fato, este último é quem mais lucra. Nesta passagem o demonstra Paulo. Como? Os filipenses, muito tempo antes tinham lhe enviado algum auxílio, por intermédio de Epafrodito. Tendo eles agora com a carta de novo lhe mandado ajuda, vê como ele os louva, e mostra que não é para vantagem dos que recebem e sim por causa dos doadores que tal acontece. Age, porém, de tal maneira que os benfeitores não se ensoberbeçam, mas se tornem mais ardentes em praticar o bem, o que é mais útil a eles, e os que beneficiados não se apressem sem pudor a receber, para não terem maior responsabilidade. Está escrito, portanto: “Há mais felicidade em dar que em receber” (At 20,35).

Qual o significado das palavras: “*Foi grande a minha alegria no Senhor*”? Não indica uma alegria mundana, nem terrena, mas no Senhor; não quero dizer que tenha repouso, mas que vós com isso progredis. Este é o meu repouso. Por isso também declara: “*Foi grande*”, porque não era uma alegria sensível, nem se alegrava por seu próprio repouso, mas devido ao progresso deles. E vê como censura um tanto por causa do passado, mas logo o disfarça, ensinando continuamente e sempre a fazer o bem.

“*Porque finalmente*”, diz. Com a expressão: “*Porque finalmente*” indica que já se passou muito tempo. “*Vi florescer.*” Compara-os com as árvores que brotam, depois mirram e de novo brotam. Com isso ele mostra que antes eram frondosas e mirraram; depois de murcharem, de novo brotaram, de sorte que a palavra: “*Vi florescer*” é censura e louvor. Não é pouca coisa reflorescer o que havia murchado. E dá a entender que tudo aconteceu devido à negligência deles.

“*...o vosso interesse por mim; verdade é que estáveis sempre alerta.*” Daí se deduz o costume que tinham outrora de proceder liberalmente nesta questão. Então acrescentou: “*O vosso interesse por mim; verdade é que estáveis sempre alerta*”. E a fim de não julgares que não somente nesta, mas

também nas demais questões eram zelosos e arrefeceram, vê como assegura: *“Finalmente, vi florescer o vosso interesse por mim”*, como se dissesse: Apenas para tal, digo: *“Finalmente”*. Sobre o restante, não falo desta forma.

Daí poderia alguém perguntar, como Paulo, depois de asseverar: “Há mais felicidade em dar que em receber” (At 20,35, e: “Estas mãos proveram às minhas necessidades e às de meus companheiros” (At 20,34), e ainda escreve na Carta aos Coríntios: “Antes morrer do que alguém arrebatarmos esse título de glória!” (1Cor 9,15) no entanto, agora vê com indiferença aniquilado seu título de glória. Como? Aceitando auxílio. Se, pois, era um título de glória nada aceitar, como agora recebe? O que dizer? Lá com razão não aceita por causa dos falsos apóstolos. “A fim de tirar todo pretexto àqueles que procuram algum para se gloriar dos mesmos títulos que nós” (2Cor 11,12). E não disse que realmente o fizeram, mas que disso se gloriam. E deste modo indica que recebem os dons, mas ocultamente. Por este motivo diz: “Para se gloriar”. Ele também recebeu, se não ali; por isso diz: “Este título de glória não me será arrebatado” (2Cor 11,10). E não disse apenas: “Não será arrebatado”, mas o quê? “Nas regiões da Acaia”. “Despojei outras Igrejas, delas recebendo salário a fim de vos servir” (2Cor 11,8). É evidente que recebia. Mas Paulo com razão recebia, tendo trabalhado tanto; se recebeu algo. Mas os que nada trabalharam, como poderiam receber? Todavia, eu rezo, responde. No entanto, isso não é trabalho; deve-se fazê-lo juntamente com o trabalho. Mas eu jejuo. Também não é trabalho. Vê São Paulo pregando em toda parte e trabalhando.

“Mas não tínheis oportunidade”, diz ele. O que significa: *“Não tínheis oportunidade”*? Não foi por preguiça, mas por força maior; não tínheis em mãos, nem estáveis na fartura. *“Não tínheis oportunidade.”* Emprega um modo comum de falar. Pois assim em geral se diz quando não há fartura de meios de subsistência, e sim penúria.

“Falo assim não por causa das privações.” Usei a expressão: *“Finalmente”* repreendendo, não por meu próprio interesse, nem culpando-os, porque estava em penúria. Nem assim o procurava. Como se manifesta, ó Paulo, que não te gabas? Ele escrevia aos coríntios: “Nada há em nossas cartas a não ser o que nelas ledes e compreendeis” (2Cor 1,13). Também aos filipenses nada profere que pudesse convencê-lo de mentira. Não diria isso, se quisesse gabar-se: pois falava aos que o conheciam, e seria maior vergonha ser apanhado em dolo.

“Aprendi a adaptar-me às necessidades.” Efetivamente, trata-se de coisa que se aprende, exercita, cuida. Não se alcança facilmente, mas é em extremo difícil e exige muito esforço. *“Aprendi a adaptar-me às necessidades: ter abundância e sofrer necessidade. Estou acostumado com toda e qualquer situação”*, isto é, sei contentar-me com pouco, passar fome e escassez. Ter abundância e sofrer necessidade. Sim, retruca-se; mas isto não é ciência, nem mesmo virtude, ter abundância. É muita virtude, não menos do que ter falta. Por quê? Porque a penúria inclina a fazer muito mal, e igualmente a abundância.

Muitos, de fato, que passaram à fartura, tornaram-se preguiçosos, e não souberam tirar proveito da prosperidade. Muitos frequentemente encontraram aí oportunidade de não trabalhar. Não foi assim que agiu Paulo. Recebendo, distribuía aos outros e renunciava em favor deles. Isso é que é saber bem empregar as posses. Não diminuía a diligência, nem se alegrava com a abundância, mas mantinha-se igualmente na penúria e na fartura; nem naquela oprimido, nem nesta soberbo. *“Sei viver saciado e passar fome, ter abundância e sofrer necessidade.”* Muitos sabem viver saciados, como os israelitas; pois eles comiam e recalcitravam (cf. Dt 32,15). Mas eu conservo a mesma moderação. Manifesta que agora não se entrega ao prazer, nem antes ao pesar; se, porém, ficava pesaroso, não era por si, mas por causa deles. Ele, de fato, se mantinha sempre igual.

“*Estou acostumado com toda e qualquer situação*”, isto é, adquirir experiência em todo esse longo tempo, e isso resultou sempre em bem. Mas como a questão aparentava loquacidade, vê como logo se corrige nesses termos: “*Tudo posso naquele que me fortalece*”, Cristo. Não sou eu que faço a boa ação, mas aquele que me concede força. Uma vez que ainda os benfeitores, ao virem o beneficiado ser ingrato e menosprezar a dádiva tornam-se mais negligentes – dão de bom grado se os julgam agradecidos pelo alívio – a fim de que não se diga: “Paulo despreza o auxílio, forçosamente os filipenses se tornarão mais negligentes”, vê como de novo sana a questão. Com efeito, pelo que havia proferido, reprimira-lhes o modo de pensar; através das palavras subsequentes estimula-os à prontidão, dizendo: “*Entretanto, fizestes bem em participardes da minha aflição*”. Vês como se apartara e como novamente se aproxima deles? Eis autêntica amizade espiritual. Pelo fato de não estar muito necessitado, podíeis pensar que não precisava do que é vosso; preciso, para vosso bem. Como então eles participavam de suas tribulações? Pelo seguinte: sendo prisioneiro, dizia: “*Comigo vos tornastes participantes da graça*” (Fl 1,7). Na verdade, é graça padecer por Cristo, conforme também ele declarava em outra passagem: “*Pois vos foi concedida (por Deus),... a graça não só de crerdes nele, mas também de por ele sofrerdes*” (Fl 1,29). Uma vez, contudo, que as palavras proferidas cruamente eram aptas a causar-lhes pesar, ele fomenta, acolhe e louva novamente, mas com moderação. Não diz, de fato: “Dando”, e sim: “*vos tornastes participantes*”, manifestando-lhes que eles lucravam porque se tornavam partícipes do prêmio. Não disse: Transformais em leves as minhas penas, mas participais de minhas tribulações, o que era mais honroso.

Vês a humildade de Paulo? Vês seu ânimo generoso? Ao revelar que não precisa dos bens deles para si mesmo, confiante pronuncia palavras humildes, as que os mendigos costumam empregar: “Conforme costumais dar”. De fato, nada deixa de praticar ou proferir, contanto que alcance corretamente o fim a que visa. E de que se trata? Não julgueis, afirma, que as palavras de repreensão sejam provenientes de falta de pudor: “*Finalmente vi florescer o vosso interesse por mim*”, nem oriundas de necessidade. Não falo dessa maneira por estar em penúria. Mas, então? É por confiar muito em vós; sois vós a causa da confiança. Vês como os trata e respeita? E o modo de falar: A causa sois vós que acorreis antes dos outros, e nos dais possibilidade de vos relembrar esses fatos. Nota a dignidade com que atua: enquanto não mandam auxílio, não os censura, para não aparentar agir por interesse; depois que enviaram, repreende-os acerca do passado, e eles o suportam de boa vontade; já então não parecia ser por interesse próprio.

15. *Vós mesmos bem sabeis, filipenses, que no início da pregação do evangelho, quando parti da Macedônia, nenhuma Igreja teve contato comigo em relação de dar e receber, senão vós somente.*

Ah! Que elogio! Na verdade, são convidados os coríntios e os romanos a ouvir tais palavras. Antes dos primórdios de qualquer Igreja (pois diz: “*No início da pregação do evangelho*”), eles mostraram tamanho zelo relativamente ao santo, que, embora não houvesse exemplo anterior, foram os primeiros a produzir tais frutos. Nem se deve dizer que eles o fizeram porque Paulo estava no meio deles, e por causa dos benefícios que dele haviam recebido, pois ele diz: “*Quando parti da Macedônia, nenhuma Igreja teve contato comigo em relação de dar e receber, senão vós somente*”. O que quer dizer: “*em relação de receber*”? E o que significa: “*Teve contato comigo*”? Por que não disse: “Nenhuma Igreja me deu”, e sim: “*Teve contato comigo em relação de dar e receber*”? Trata-se de comunhão. “Se semeamos em vosso favor os bens espirituais, será excessivo que colhamos os vossos bens materiais?” (1Cor 9,11). E ainda: “O que para vós sobeja, suprirá a carência deles” (2Cor 8, 14). Vês como eles tiveram contato em relação de dar os bens materiais, e receber os espirituais? Assim como os que vendem e compram entram em contato mútuo, dando uns aos outros (e isto é, de fato, o que significa

ter comunhão), assim também sucede aqui. Não existe efetivamente, não existe em matéria de compra e venda algo de mais lucrativo; realiza-se na terra, completa-se no céu. Os compradores, porém, habitam na terra; adquirem com a compra bens celestes, pagando um preço terreno.

Mas, nada de ilusões! Os bens celestes não se compram com dinheiro, nem as riquezas os adquirem, e sim o propósito daqueles que renunciam às riquezas, a sabedoria a respeito dos bens terrenos, o amor aos homens, a esmola. Se é o dinheiro que os compra, a viúva que deu duas moedinhas não adquiriu grande coisa; contudo, como não é o dinheiro, mas o bom propósito, aquela que manifestou boa intenção adquiriu tudo. Não digamos, contudo, que o reino se alcança com as riquezas. Não são as riquezas, e sim o bom propósito que se manifesta através das riquezas.

Então, as riquezas são necessárias, pode-se dizer. Não as riquezas, mas a boa intenção. Se a tiveres, com duas moedinhas poderás adquirir o céu; se faltar, nem mil talentos de ouro poderão obter o que alcançam as duas moedinhas. Por quê? Se tens muito e dás pouco, praticas a esmola, mas não tanto quanto a viúva. Não tiveste a mesma disposição que ela; ela se privou de tudo o que tinha, ou melhor, não se privou, mas conservou tudo para si mesma. Deus não prometeu o reino em troca de talentos de ouro, mas de um copo d'água fria (cf. Mt 10,42), da boa vontade; não em compensação pela morte, mas pela boa vontade; pois não é muito. Que representa dar uma vida? Ofereceu uma vida; um homem, contudo, não é preço equivalente.

16. *Já em Tessalônica mais uma vez vós me enviastes com que suprir às necessidades.*

Novamente grande elogio, pois estava numa metrópole e era sustentado por uma pequena cidade. E vê. Conforme disse acima, não se eximindo totalmente do necessário para não torná-los mais negligentes se mostrasse que de modo algum necessitava, aqui só o indica: “*Com que suprir às necessidades*”. E não disse: “às minhas”, mas simplesmente: “às necessidades”, guardando o decoro; não somente com essa expressão, mas com a subsequente. Cônsco de ser muito humilde, de novo se corrige.

17. *Não que eu busque presentes.*

Ele dissera mais acima: “*Falo assim não por causa das privações*”, com idêntico sentido, embora ali fale mais. Uma coisa é não procurar, apesar da penúria; outra, apesar da penúria, não julgar que precise. “*Não que eu busque presentes*”;

o que busco é o fruto que se credite em vossa conta,

Não na minha. Vês como eles colhem o fruto? Não o digo para mim próprio, mas por vossa causa, para vossa salvação; enquanto eu, recebendo, nada lucro, a graça é para os doadores. A recompensa é reservada lá aos doadores; quanto aos beneficiados aqui, os dons se consomem.

Ainda uma vez elogio a indicação de participação na sua situação de pobreza. Uma vez que disse: “*Não que eu busque*”, a fim de não torná-los ainda mais negligentes, declara:

18. *Agora tenho tudo em abundância; tenho de sobra,*

Isto é, por tal dádiva preenchestes o que havia faltado; estimulava deste modo ainda mais a boa disposição deles. Pois os benfeitores, quanto mais progridem na sabedoria, esperam que sejam mais gratos os beneficiados. “*Agora tenho tudo em abundância; tenho de sobra*”, isto é, não apenas preenchestes o que faltara no passado, mas destes com superabundância. Em seguida, a fim de que não se julgue que censura, vê como confirma. Depois de dizer: “*Não que eu busque presentes*”, e: “*Finalmente*”, e assinalar que era dívida (é o sentido de *apecha*), isto é, recebo como um débito, assegura: “*Agora tenho tudo em abundância; tenho de sobra*”. Não falo deste modo simplesmente, nem por prevenção. Como, então?

...depois de ter recebido de Epafrodito o que veio de vós, perfume de suave odor, sacrifício aceitável e agradável a Deus.

Ah! Até onde exaltou esta dádiva! Não fui eu, disse, que recebi, não eu, mas Deus por meu intermédio. Por essa razão, embora eu não esteja precisando, não o tomeis em consideração. De fato, nem Deus precisava, mas assim mesmo a recebeu, de tal sorte que a divina Escritura não hesita em afirmar: “O Senhor respirou o agradável odor” (Gn 8,21), o que indica que se havia regozijado. Conheceis bem, conheceis quanto a alma aprecia um bom odor, como sente regozijo e prazer. A Escritura não recusou aplicar a Deus esta locução humana e humilde, a fim de manifestar aos homens que os dons foram aprazíveis a Deus. Não foi o odor, nem a fumaça que os tornaram aceitáveis, mas a boa intenção com a qual foram oferecidos. Aliás, até os dons de Caim, se existisse a boa intenção, seriam aprazíveis. Foi dito que Deus se alegrou e de que modo se alegrou. De outra sorte os homens não teriam sabido. De fato, diz que se alegrou quem de nada precisa, a fim de que eles não se tornassem negligentes pelo fato de que Deus não necessita. E mais tarde se descuidaram das outras virtudes, confiando apenas nas vítimas; vê como novamente os corrige, dizendo: “Acaso comeria eu carne de touros, ou beberia sangue de cabritos?” (Sl 50,13). Foi o que também Paulo afirmou: “*Não que eu busque presentes*”.

19. *O meu Deus proverá magnificamente a todas as vossas necessidades, segundo a sua riqueza, na glória, em Cristo Jesus.*

Considera como pede de acordo com o que fazem os pobres. Se, porém, Paulo pede aos doadores, muito mais ao recebermos não devemos nós envergonhar-nos de fazê-lo. Não aceitemos, contudo, como se precisássemos, nem nos alegremos por nós, mas por causa dos doadores. Desta forma a recompensa será também para nós que recebemos, e que nos alegramos por causa deles; portanto, não nos irriteemos se não derem, antes tenhamos pena deles. Desta forma também os faremos mais diligentes, se lhes ensinarmos que não é por interesse que assim agimos. “*O meu Deus proverá magnificamente a todas as vossas necessidades*” ou seja, conceder-vos-á toda graça e toda alegria. Se, porém, se lê: “toda graça”, não se indica somente a esmola que se faz na terra, mas toda boa obra; se for, contudo: “todas as necessidades”, o que acho mais provável, quer dizer o mesmo que dissera acima: “*Mas não tínheis oportunidade*” e acrescenta o que havia escrito aos coríntios, nesses termos: “Aquele que fornece semente ao semeador e pão para o alimento vos fornecerá também a semente e a multiplicará e fará crescer os frutos da vossa justiça” (2Cor 9,10). Efetivamente, também pede em favor deles abundância e sementes para semear. E não somente abundância, mas “*segundo a sua riqueza*”. De tal sorte que também o fez comedidamente. Pois, se eles fossem semelhantes a Paulo, filósofos, e igualmente crucificados, não teria agido desse modo; mas como eram homens vulgares, viviam do trabalho de suas mãos, eram pobres, tinham mulher, filhos a nutrir, eram pais de família, de limitados recursos, contudo fizeram tal doação, não lhes faltava certa ambição dos bens materiais, e por tal motivo reza por eles com condescendência. Aos que assim utilizavam os bens não era inconveniente desejar aquilo de que precisavam e fartura. Observa o teor de seus votos! Não diz: “Deus os torne ricos e opulentos”. O que, então? “*O meu Deus proverá magnificamente a todas as vossas necessidades*”, de tal modo que não estejais na penúria, mas tenhais o necessário. Igualmente Cristo, delimitando a oração, tratou deste ponto, ensinando-nos: “O pão nosso de cada dia dá-nos hoje” (Mt 6,11).

“*Segundo a sua riqueza*”. Qual o sentido dessa expressão? Segundo sua munificência, isto é, realize o possível fácil e rapidamente. E uma vez que fala de necessidade, a fim de não julgares que ele está em apuros, acrescentou: “*segundo a sua riqueza, na glória, em Cristo Jesus*”. Desta forma

tudo tendes fartamente, porque haveis de possuir na sua glória. Quanto a assegurar que nada lhes faltará: “E todos eles tinham grande aceitação. Não havia entre eles indigente algum” (At 4,33.34), ou que tudo façam para a glória de Deus. Como se dissesse: Para a glória de Deus empregai a superabundância.

20. *E ao nosso Deus e Pai seja a glória pelos séculos dos séculos! Amém.*

A mesma glória não é dada somente ao Filho, mas igualmente ao Pai. Pois, sendo tributada ao Filho, é tributada também ao Pai. Visto que disse que isto acontecera para a glória do Filho, e não se pensasse que era somente para a dele, acrescentou: “*E ao nosso Deus e Pai seja a glória*”, a saber, a mesma que é tributada ao Filho.

Saudações e augúrio final

21. *Saudai a todos os santos em Cristo Jesus.* Não é coisa insignificante: pois é grande benevolência saudá-los por carta.

Os irmãos que estão comigo vos saúdam.

No entanto, dizias: “Não tenho ninguém de igual sentimento que tão sinceramente como ele se preocupe com o que vos diz respeito” (Fl 2,20), como então agora declaras: “*Os irmãos que estão comigo*”? Chama de irmãos seus companheiros, ou no intuito de mostrar não ser a sua afirmação anterior: “Não tenho ninguém de igual sentimento” relativa aos habitantes da cidade; pois que necessidade os obrigava a tratar dos problemas do apóstolo? Ou que não recusava de chamar também a estes de irmãos.

22. *Todos os santos vos saúdam, especialmente os da casa do Imperador.*

23. *A graça do Senhor Jesus Cristo esteja com todos vós.*

Animou-os e confirmou-os, assinalando que a pregação chegara à casa imperial. Pois, se os que moravam no palácio haviam desprezado tudo por causa do Rei dos céus, muito mais os filipenses deviam agir assim. Constituía igualmente indício da caridade de Paulo ter narrado a respeito deles tantos e grandiosos feitos, de sorte a despertar nos que eram do palácio o desejo de saudar certos homens que nunca haviam visto. Principalmente achando-se os fiéis atribulados, maior era a caridade. Por quê? Porque, apesar de tão distantes uns dos outros, no entanto estavam unidos; e os de longe, como se estivessem próximos, saudavam-se mutuamente, e cada qual se afeiçoava aos outros como a seus próprios membros, tanto o pobre ao rico, quanto o rico ao pobre; e não se reconhecia qualquer prevalência, visto que todos igualmente eram odiados e expulsos, por causa idêntica. Como sucede no caso de bem se entenderem entre si, consociados pela miséria comum, os cativos de diversas cidades que foram congregados no mesmo local, assim também então, unidos na participação dos mesmos sofrimentos e tribulações, prestavam-se mutuamente sinais de grande caridade.

A tribulação é um vínculo inquebrantável, progresso na caridade, oportunidade de compunção e piedade. Ouve como se exprime Davi: “Para mim, Senhor, foi bom ter sido humilhado, para aprender as tuas justificações” (Sl 119, 71), e ainda outro profeta que disse: “É bom para o homem suportar o jugo desde sua juventude” (Lm 3,27), e ainda: “Feliz o homem a quem corriges, Senhor” (Sl 93,12), e um outro: “Não desprezes a disciplina do Senhor” (Pr 3,11), e: “Se te dedicares a servir o Senhor, prepara-te para a prova” (Eclo 2,1). Também Cristo dizia a seus discípulos: “No mundo tereis tribulações, mas tende coragem” (Jo 16,33), e novamente: “Chorareis e vos lamentareis, mas o mundo se alegrará” (Jo 16,20), e ainda: “Estreita... e apertada a via” (Mt 7,14). Vês como sempre é louvada a

tribulação? Em toda parte é recomendada como necessária? Com efeito, nas lutas terrenas, ninguém recebe a coroa a não ser que se tenha premunido com labutas, abstinência de alimentos, vida estritamente regrada, vigílias e mil outras asperidades; muito mais aqui. A quem excetuarás? O imperador? Mas nem ele tem uma vida isenta de preocupações, e sim repleta de muitas aflições e angústias. Não olhes para o diadema, mas para o turbilhão de solitudes, de onde para ele se origina o maior tumulto; não consideres a púrpura, e sim aquela alma mais escura que a própria púrpura. A coroa não cinge a fronte de igual modo que os cuidados sitiam a alma. Não olhes para o número dos satélites, mas para a multidão das contrariedades; não acharás casa particular tão cheia de preocupações como o palácio. Ameaças de morte diárias, até da parte dos seus; e antes da comida e da bebida, uma visão de sangue. Não se pode dizer quão frequentemente à noite desperta em sobressalto por sonhos terríveis. E isso em tempo de paz. Se ocorre uma guerra, intensificam-se as preocupações. O que, portanto, existe de mais miserável do que esta vida? Quanto sofre dos seus, ou dos subordinados? Certamente do sangue dos consanguíneos sempre regurgita o pavimento régio.

E, se queres, acrescentarei algumas narrativas e logo reconheceréis que assim é. De preferência, refiro-me a fatos antigos, dos quais no entanto ainda se guarda memória, porque atingiram nossa época. Um deles, conta-se, por suspeita de adultério, amarrou a esposa nua na montanha, exposta às feras; e fora mãe que lhe dera muitos príncipes. Que vida, pensas, levava ele? Não se rebaixaria a infligir tal suplício se não fosse movido por intensa paixão. Assim, ele matou o próprio filho; ou antes, o irmão matou-se a si mesmo com os filhos. Diz-se ainda que um deles assassinou o próprio irmão. Ele, porém, suicidou-se quando foi preso por um usurpador; outro assassinou o sobrinho, seu companheiro no império, quando perdeu o poder. Um outro viu a esposa envenenada por um medicamento. Como era estéril, certa mulher mísera e infeliz (era infeliz e mísera, esperando conceder por seus conhecimentos o que só Deus podia dar), dando-lhe poções, envenenou a imperatriz, e juntamente com ela morreu. Outro ainda posteriormente morreu envenenado; a taça não lhe ministrou bebida, mas a morte. Seu filho, imerecidamente, por medo do que podia advir no futuro, teve o olho vazado. Acerca de um outro, nem é honesto expor por que razão e de que modo miserável deixou esta vida. Quanto aos sucessores, um por ser fraco e doente foi queimado com seus cavalos, traves, e todos os outros objetos, deixando a mulher viúva. Os sofrimentos que foi obrigado a suportar durante a vida, desde quando assumiu o império, foram indizíveis. Aquele, porém, que agora detém o poder, desde que usa o diadema, não se acha continuamente em trabalhos, perigos, aborrecimentos, tristezas, calamidades, insídias?

Assim não sucede relativamente ao reino dos céus; mas, depois de alcançá-lo, há paz, vida, gáudio, alegria. De resto, como dizia, nenhuma vida terrena é isenta de tribulações. Se as questões terrenas e principalmente a que parece gozar da mais feliz das condições, a dos negócios do império, transborda de tantas calamidades, o que pensar das particulares. Na verdade, é impossível narrar quantos males existem; daí serem elaboradas muitas fábulas. Quase todas as tragédias e fábulas, representadas no teatro, são compostas de eventos reais e por isso agradam, quais os banquetes de Thyeste e a narração do modo como toda aquela casa foi destruída pelas calamidades.

Conhecemos tais acontecimentos pelos livros dos pagãos. Se quiserdes, porém, também falaremos das Escrituras, que contêm ensinamentos idênticos. Saul foi o primeiro a reinar; sabeis, contudo, que morreu afligido por mil provações. Depois dele, Davi, Salomão, Abias, Ezequias, Josias igualmente foram atingidos de diversos modos. Não é possível absolutamente passar uma vida isenta de tribulações, labores, aborrecimentos. Mas nós também fomos atacados por males, apesar de não idênticos a estes, aos dos reis, dos quais entretanto podemos retirar grande lucro: “Com efeito, a

tristeza segundo Deus produz arrependimento que leva à salvação e não volta atrás” (2Cor 2,4). São eventos lamentáveis, que ocasionam tristeza, pesar; desta forma se entristecia Paulo, chorava pelos pecadores: “Por isso foi em grande tribulação e com o coração angustiado que vos escrevi em meio a muitas lágrimas” (2 Cor 2,4). Pois, quando não havia motivo de chorar por pecados próprios, fazia-o pelos dos outros; ou melhor, quanto ao pesar, considerava-os como próprios. Os outros se escandalizavam e ele ardia; os outros se debilitavam, ele também se sentia fraco. É boa esta tristeza; é mais poderosa que toda alegria terrestre. Coloco acima de todos os homens aquele que assim chora; o Senhor denomina felizes os que choram a dor alheia como se fosse própria. Não admiro tanto a Paulo por causa dos perigos que enfrentou; ou antes, não admiro menos por causa dos perigos, que o levava a morrer cotidianamente, embora isto mais me eleve. Efetivamente, originava-se de uma alma que amava a Deus ternamente, do amor que o próprio Cristo deseja encontrar, oriundo de certo bom entendimento fraterno e paterno, ou antes, maior do que ambos. Assim devemos sentir, assim chorar; são lágrimas repletas de gozo, a alegria é o pressuposto desse pesar. E não me digas: “Que utilidade têm essas lágrimas para aqueles por cuja causa as derramo”? Mesmo que em nada sejamos úteis aos que pranteamos, certamente aproveitaremos nós mesmos. Porque quem desta sorte se compadece dos pecados alheios, muito mais terá contrição pelos seus; os que choram as faltas alheias, certamente não deixarão sem lágrimas seus vícios e pecados; ou melhor, não pecará facilmente. Nós, porém, o que é muito grave, tendo recebido ordem de chorar os pecados alheios, não damos sinal algum de penitência pelo nossos; desprovidos de qualquer senso de pesar, caímos, e dedicamos maiores cuidados, maior atenção a tudo mais do que a nossos pecados. Por isso alegremo-nos com este regozijo inútil, mundano, que logo perece e produz mil aborrecimentos. Choremos, portanto, com a tristeza, geratriz de alegria e não nos alegremos com o regozijo que gera pesar. Derramemos lágrimas que semeiam grande prazer e não riamos com o riso produzido pelo ranger dos dentes. Aflijamo-nos com aquela aflição de onde brota o repouso e não procuremos as delícias das quais se originam aflição e dor. Labutemos por breve tempo na terra, a fim de nos alegrarmos perpetuamente nos céus. Nesta vida transitória aflijamo-nos a fim de obtermos aquele infinito repouso; não nos entreguemos às delícias durante a brevidade da presente vida, a fim de não suspirarmos naquela que é infinita. Ou não vedes quantos homens aqui também se angustiam por causa dos bens pertencentes à vida atual? Considera-te um daqueles e suporta tribulação e dor, sustentado pela esperança dos bens futuros. Não és melhor que Paulo, que Pedro; a eles jamais foi concedido lazer e passaram toda a vida com fome, sede, nudez. Se queres alcançar o mesmo, por que segues um caminho oposto aos deles? Se queres chegar àquela cidade, da qual eles se tornaram dignos, segue o caminho que a ela conduz. Não leva para lá o caminho do ócio, mas o das tribulações; aquele é espaçoso, este é estreito. Prossigamos por este caminho a fim de conseguirmos a vida eterna em Cristo Jesus nosso Senhor, ao qual com o Pai, juntamente com o santo Espírito, seja glória, poder, honra agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

¹ Uma seleção de trechos dos principais comentários patrísticos à Carta aos Filipenses pode ser encontrada em EDWARDS, Mark J. & ODEN, Thomas C. (org.). *Gálatas, Efésios, Filipenses (La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patrística. Volume 8: Nuevo Testamento)*. Director de la edición en castellano: Marcelo MERINO RODRIGUEZ). Madri-Buenos Aires-Bogotá-Montevidéu-Santiago: Ciudad Nueva, 2001.

² Para uma visão das heresias nos primeiros séculos do Cristianismo e cujos fautores são mencionados aqui por S. João Crisóstomo, ver R. FRANGIOTTI, *História das Heresias (séculos I-VII). Conflitos ideológicos dentro do Cristianismo*. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 2007.

HOMILIAS SOBRE A CARTA AOS COLOSSENSES¹ DE SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, PADRE DA IGREJA, ARCEBISPO DE CONSTANTINOPLA

PRIMEIRA HOMILIA

Endereço

- 1,1.** *Paulo apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus, e o irmão Timóteo,*
2. *aos santos que estão em Colossos, e fiéis irmãos em Cristo: a vós graça e paz da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo!*

Santas são todas as cartas de Paulo, no entanto possuem algo a mais as que remeteu quando prisioneiro, tais como a carta aos Efésios, a Filemon, a Timóteo, aos Filipenses e a presente. Efetivamente, também esta foi enviada enquanto estava preso, conforme escreve: *“Pelo qual estou prisioneiro, a fim de que eu dele fale como devo”* (Cl 4,3-4). Mas esta parece ser posterior à Carta aos Romanos. Ao escrever a última, ainda não visitara os romanos, porém a presente foi remetida quando já os vira, e achava-se no período final da pregação. Evidencia-se pelo que se segue. Na Carta a Filemon escreve: *“Sendo tal como sou eu, o velho Paulo”* (Fm 1,9-10) e roga em favor de Onésimo; nesta, porém, envia o próprio Onésimo, conforme diz: *“Vai com Onésimo, irmão fiel e amado”* (Cl 4,9), denominando-o fiel, amado e irmão. Por isso, confiadamente, declara nesta carta: *“Sem vos afastar da esperança do evangelho que recebestes e que foi anunciado a toda criatura que vive debaixo do céu”* (Cl 1,23). Já havia algum tempo que, de fato, o anúncio se realizava. Acredito, portanto, que é posterior à presente, a carta a Timóteo, exarada na proximidade da morte de Paulo, pois ali diz: *“Quanto a mim, já fui oferecido em libação”* (2Tm 4,6). Na verdade, esta carta é anterior à que foi escrita aos filipenses, que data provavelmente da ocasião em que teve início a prisão em Roma.

Por que razão afirmo terem essas cartas algo mais que as outras? Porque as escrevera quando prisioneiro. Paulo procedia como um guerreiro valoroso que, ferido e depois de erigir troféus, as remetesse. Ele estava cômico de que se tratava de feito grandioso, pois, ao escrever a Filemon, declara: *“Que eu gerei na prisão”* (Fm 1,10). Exprime-se desta maneira a fim de que não nos afligirmos na adversidade; ao contrário, alegrarmo-nos. Nesta ocasião, Filemon estava junto deles e por isso ali escreve: *“Nosso companheiro de armas Arquipo”* (Fm 1,2); e aqui: *“E dizeis a Arquipo”* (Cl 4,17). Parece que lhe fora confiado algum múnus na Igreja. Todavia, Paulo não vira os colossenses, nem os romanos, nem os hebreus, no momento em que lhes escrevia. Relativamente a estes últimos, pode-se verificar por muitas passagens; quanto aos primeiros, contudo, ouve o que ele assegura: *“E por todos quantos não me conhecem pessoalmente”*, e ainda: *“Embora eu esteja ausente corporalmente, espiritualmente estou convosco”* (Cl 2,1.5). Desta forma, estava ciente como em toda parte era importante sua presença, e sempre, mesmo ausente, fazia-se presente. Vê de que modo, ao punir o fornicador, declara-se presente no tribunal, nesses termos: *“Quanto a mim, ausente de corpo, mas presente em espírito, já julguei, como se estivesse presente”*, e ainda: *“Irei ter convosco, e tomarei conhecimento não das palavras dos orgulhosos, mas do seu poder”* (1Cor 5,3; 4,19); e ainda: *“Não só quando estou presente entre vós; mais ainda em minha ausência”* (Gl 4,18).

“Paulo apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus.” É importante que enunciemos o argumento

que encontramos na carta. Qual? Os colossenses opinavam que deviam se aproximar de Deus por intermédio dos anjos, e conservavam muitas observâncias tanto judaicas como pagãs. Por isso ele os corrige. E afirma desde o começo: *“Pela vontade de Deus”*. Eis que novamente emprega o termo: *“Pela”*.

“E o irmão Timóteo.” Entretanto, era também apóstolo. Certamente ele era conhecido entre os colossenses.

“Aos santos que estão em Colossos”, que era uma cidade da Frígia, e isso consta por estar situada perto de Laodiceia.

“E fiéis irmãos em Cristo.” Dize-me. Como te tornaste santo? Por que és denominado fiel? Não é porque foste santificado pela morte de Cristo? Não é porque acreditaste em Cristo? Por que te tornaste irmão? Com efeito, não é pelas obras, nem pelas palavras, nem pelas ações retas que te mostras fiel. De onde vem que te foram confiados, dize-me, tão grandes mistérios? Não é por Cristo?

“A vós graça e paz da parte de Deus, nosso Pai.” Donde se vos origina a graça? Donde a paz? Responde-se: *“Da parte de Deus, nosso Pai”*. Não obstante, aqui não se incluiu o nome de Cristo. Direi aos que caluniam o Espírito: “Por que Deus é Pai de seus servos? Quem realizou obras tão grandes? Quem te fez santo? Quem fiel? Quem filho de Deus? Quem te fez fidedigno, foi também a causa de te serem confiadas todas essas coisas.

Somos denominados fiéis não somente porque cremos, mas também porque Deus nos confiou mistérios que nem os anjos conheceram antes de nós. Mas Paulo falava sem fazer distinções.

Ação de graças e oração

3. Damos graças ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo,

A meu ver, ele atribui tudo ao Pai, sem que imediatamente lhes dê explicação.

sempre orando por vós,

Demonstra seu amor não apenas pelas ações de graças, mas também por contínua prece, de sorte que, mesmo os que não via, trazia-os sempre no coração.

4. depois que ouvimos acerca da vossa fé em Cristo Jesus

Mais acima dissera: *“De nosso Senhor”*, aqui diz: *“Em Cristo Jesus”*. Ele mesmo é Senhor, afirma. Também não disse: “Os servos de Cristo Jesus”. E são sinais de benefício. “Ele salvará”, diz o evangelho, “o seu povo dos seus pecados” (Mt 1,21). *“Depois que ouvimos acerca da vossa fé em Cristo Jesus”*

e do amor que tendes a todos os santos,

Já se familiariza com eles. Epafrodito é quem transmite essas notícias. Ele envia, porém, a carta por intermédio de Tíquico, porque detém o primeiro junto de si. *“E do amor que tendes a todos os santos”*. Não a este ou àquele; na verdade também a nós.

5. pela esperança que vos está reservada nos céus,

A saber, os bens futuros. Afirma-o contra as tentações, a fim de que não procurem aqui na terra tranquilidade. Tendo em vista que não replique alguém: “Qual a recompensa do amor a todos os santos, se até eles são perseguidos?” Responde: “Alegramo-nos, porque grandes bens nos são reservados nos céus”. *“Pela esperança que vos está reservada.”* Aponta para uma realidade firme e estável.

Dela já ouvistes o anúncio na palavra da verdade

Com estas palavras lastima os que a possuíram por muito tempo, mas a abandonaram. “*Dela já ouvistes o anúncio na palavra da verdade, o evangelho*”. Com toda razão, testemunha a verdade com a palavra, na qual nada de falso se encontra.

o evangelho

Não diz: “Na pregação”, mas o denomina evangelho, lembrando-lhes continuamente os benefícios de Deus; e havendo primeiro elogiado, agora recorda-lhes estas verdades.

6. *que chegou até vós, e que em todo o mundo*

Já lhes concede seu favor. “*Que chegou*” – usado em sentido impróprio. Não chegou, afirma, e se afastou, mas permanece e ali está. Em seguida, visto que principalmente muitos se sentem fortalecidos pelo fato de serem numerosos os participantes de determinada doutrina, ele adita: “*E em todo o mundo*”. Encontra-se em toda parte, assegura, em toda a parte domina, em toda parte está firme.

e está produzindo frutos e crescendo, como também entre vós

“*Produzindo frutos*” através das obras, “*crescendo*” porque abarca a muitos, de sorte a se firmar e se tornar estável cada vez mais. Com efeito, as plantas tornam-se compactas, quando se firmam e estabilizam-se. “*Como também entre vós.*” Antecipa-se em louvores ao ouvinte, a fim de que não se afaste a contragosto.

desde o dia em que ouvistes

É admirável que imediatamente vos aproximastes e crestes, e logo nos primórdios produzistes frutos, “*desde o dia em que ouvistes*”

e compreendestes em sua verdade a graça de Deus.

Não foi com palavras, nem por fraude, mas através das próprias obras. Por conseguinte diz: “*Está produzindo frutos*”, isto é, os sinais e milagres: simultaneamente recebestes e compreendestes a graça de Deus. Havendo ele logo revelado seu poder, como não seria difícil não acreditar então?

7. *Nela fostes instruídos por Epafras, nosso querido companheiro de serviço*

É verossímil que ele ali tenha pregado. “*Fostes instruídos*” acerca do evangelho. Em seguida, mostrando que ele é fidedigno, declara: “*Nosso companheiro de serviço*”,

que nos presta ajuda em vosso favor, como fiel ministro de Cristo,

8. *e é quem nos deu a conhecer o vosso amor no Espírito.*

Não duvideis acerca da esperança no futuro; vereis o orbe inteiro convertido. E que necessidade há de narrar o que acontece entre os outros? O que acontece no meio de vós, mesmo sem eles, são dignas de fé. “*E compreendestes em sua verdade a graça de Deus*”, isto é, pelos fatos. Por conseguinte, dois são os fatos que dão segurança relativamente ao futuro: que todo o mundo aceitou a fé, bem como vós; e que os acontecimentos não foram diferentes do que disse Epafras, o qual é “*fiel ministro*, isto é, verdadeiro. De que modo ele é “*nosso companheiro de serviço, que nos presta ajuda em vosso favor*”? Porque veio para junto de Paulo, e “*nos deu a conhecer*”, disse, “*o vosso amor no Espírito*,” a saber o amor espiritual para conosco. Se ele é um ministro de Cristo, como afirmais que fostes levados à união com Deus por meio dos anjos? “*E é quem nos deu a conhecer o vosso amor no Espírito.*” Tal amor é admirável, firme; os demais de amor têm apenas o nome. Existem algumas espécies diferentes; mas não se trata de verdadeira amizade, porque facilmente se dissolvem.

Muitas são as ocasiões de se travar amizade. Deixemos de lado as torpes; ninguém nos contradiga, porque são más. Mas, se quiserdes, apresentemos as que nos trazem a natureza e a vida presente. À vida presente pertencem as seguintes: Por exemplo, quando alguém foi beneficiado, quando herda dos antepassados tal amizade, quando foi comensal ou companheiro de viagem, ou se trata de um vizinho. São amizades belas e honestas. Ou exerce idêntico ofício; mas esta não é simples, pois contém certa emulação e inveja. As naturais, porém, tais como entre pai e filho, entre filho e pai, entre irmão e o irmão, entre avô e neto, entre mãe e filhos; se quiserdes, porém, acrescentemos entre esposa e esposo. E todas as uniões matrimoniais são naturais e terrenas. Estas, na verdade, parecem ser as mais intensas do que as primeiras; parecem, digo, porque muitas vezes são superadas por aquelas. E por vezes encontram-se amigos mais sinceros que os irmãos, e do que os filhos relativamente aos pais. Enquanto o que foi gerado não presta socorro, um desconhecido fica a seu lado e o auxilia.

A caridade espiritual, no entanto, é mais sublime que todas as amizades, qual rainha que domina sobre os súditos, e tem brilhante aspecto; com efeito, nada traz de terreno como aquelas, nem convivência, nem beneficência, nem natureza, nem tempo, mas desce do alto do céu. E por que te admiras, se não precisa de benefício para se manter, desde que nenhuma espécie de dano a revoluciona? Escuta como Paulo diz que ela é a maior de todas: “Quisera eu mesmo ser anátema, separado de Cristo, em favor de meus irmãos” (Rm 9,3). Qual o pai que desejaria padecimentos? E ainda: “Partir e ir estar com Cristo é muito melhor, mas o permanecer na carne é mais necessário por vossa causa” (Fl 1,23-24). Qual a mãe que optaria falar deste modo, menosprezando o próprio interesse? Escuta-o ainda a dizer: “Nós, porém, privados por um momento de vossa companhia, não de coração, mas só de vista” (1Ts 2,17). No caso da amizade natural, um pai irritado rompe a amizade, neste outro caso, absolutamente não; ou antes, Paulo partiu para junto dos que o queriam apedrejar a fim de beneficiá-los. Nada, portanto, nada tão forte, quanto os vínculos do Espírito. Aquele que se tornou amigo por causa de um benefício, se isso não acontecer sempre, pode transformar-se em inimigo; naquele que era inseparável devido à convivência, se a convivência se interrompe, extingue-se a amizade. Ainda, se a mulher por dissensão abandonar o marido, o amor também termina; o filho suporta mal ver a longevidade do pai. Nada disso sucede no amor espiritual; em nenhum desses casos se dissolve, porque não intervém circunstância alguma das seguintes: nem tempo, ou longa distância, maus-tratos, más palavras, ira, injúria, nem algo semelhante sobrevém, nem o poderá extinguir. E para tua instrução: Moisés quase era apedrejado pelo povo e rezava por ele (cf. Ex 17). Que pai assim agiria para com o filho que o quisesse apedrejar, e igualmente não o lapidaria?

Empenhemo-nos em obter amizades segundo o espírito. São fortes e indissolúveis. Não as que se travam às mesas; pois não nos é lícito travá-las. Escuta como fala Cristo no evangelho: “Não convides os amigos, nem os vizinhos, para que não te retribuam do mesmo modo. Pelo contrário, chama estropiados, coxos” (Lc 14,12-13). E é certo; grande é a recompensa por este ato. Mas não podes, não suportas comer em companhia de coxos e cegos, consideras pesado e oneroso, e recusas? Certamente não se deve evitar, mas não é forçoso fazê-lo; se não queres que se sentem a teu lado, envia-lhes comida de tua mesa. Na verdade, quem convida amigos, não faz um ato grandioso e já recebeu a sua recompensa. Quem convida um estropiado e pobre, tem a Deus por devedor.

Por conseguinte, não nos aflijamos quando não recebemos recompensa aqui, e sim quando recebemos, por que então lá não a teremos. De modo semelhante, se um homem retribui, Deus não retribuirá; ao invés, se ele não retribui, então Deus recompensará. Não procuremos, portanto, fazer o bem aos que nos podem retribuir, nem os beneficiemos com tal expectativa; seria um cálculo frio. Se convidares um amigo, a gratidão dura até a tarde; por este motivo, tal amizade transitória se dissipa

mais rapidamente do que os gastos com a mesa; se, porém, convidares um pobre e estropiado, a gratidão não se perderá de forma alguma, por teres um devedor, Deus, que de tudo se lembra e que nada esquece. Dize-me, por favor: Quão melindroso é quem não pode sentar-se ao lado de um pobre? O que dizes? É imundo, respondes, e sórdido. Lava-o e leva-o à tua mesa. Tem uma veste suja? Muda-a. Dá-lhe uma roupa limpa.

Não vês o lucro imenso? Cristo, por intermédio dele, aproxima-se de ti, e tu te mostras mesquinho? Convidas o rei à tua mesa e tens medo deles? Põe duas mesas. Enche uma destes convidados: cegos, fracos, coxos, mutilados de mãos e pés, de pés no chão, descalços, com uma túnica só e gasta. Na outra mesa coloca potentados, generais, chefes locais, grandes príncipes, revestidos de mantos preciosos e de linho fino, cingidos de cintos áureos. Ainda, na mesa dos pobres não haja prata, nem muito vinho, mas o suficiente que possa satisfazer; as taças e o restante das vasilhas apenas de vidro. Na mesa dos ricos seja toda a baixela de prata e ouro, e a mesa semicircular não seja levada por um só, mas dois jovens mal a possam mover; haja também uma taça dourada, de meio talento de peso, e que dois jovens mal consigam carregar; em ordem, as ânforas, muito melhores do que de prata, a saber, de ouro brilhante; também haja uma mesa semicircular, com almofadas de todos os lados. Ainda encontrem-se muitos servos, não menos adornados que os convidados com mantos e vestes esplêndidas, com calções muito largos, belos de se ver, na flor da idade, exuberantes de vigor e de saúde. Na outra mesa, apenas dois serventes, que calcam aos pés todo esse fausto. A primeira mesa contém iguarias lautas e deliciosas; a outra, apenas o suficiente para matar a fome, e restaurar as forças.

Basta, talvez, a minha descrição? Ambas as mesas foram preparadas com apuro? Nada falta? Não é esta a minha opinião; pois enumerei os convidados e descrevi quão preciosa e magnífica era a baixela, as almofadas e os manjares. Mas, se algo omitimos, nós o descobriremos no decurso da narração. Atenção! Uma vez que já foi posta cada mesa conforme era preciso e conveniente, vejamos em qual delas tomareis lugar. Quanto a mim, vou para a mesa dos cegos e coxos. De vós, talvez, a maioria há de preferir a mesa dos generais, que é esplêndida e alegre.

Verifiquemos, contudo, qual oferece prazer maior. Não examinemos ainda o futuro, onde o meu é superior. Por que razão? Porque nesta Cristo está reclinado, e naquela apenas homens; nesta o Senhor, naquela os servos. Mas, ainda não se trata disso. Vejamos, então, qual no presente proporciona maior prazer, pois estar à mesa com o rei é mais agradável do que estar com os servos. Deixemos, contudo, isso também, e examinemos a questão em si mesma. Eu, portanto, e os que comigo escolheram esta mesa, dizemos e ouvimos tudo com a maior liberdade e bem-humorados; vós, porém, temendo e tremendo, respeitosos diante dos que estão à mesa não ousais nem mesmo estender a mão, como se tivésseis entrado numa disputa literária e não num banquete, a tremer de certo modo diante de donos severos. Acontece coisa bem diferente em nossa mesa.

No entanto, a honra é um grande bem. Mas, efetivamente, eu gozo de maior honra; de fato, aparece em maior grau vossa pequenez, quando, apesar de participardes da mesma mesa, propondes palavras de escravos. Na verdade, o escravo revela-se principalmente quando se reclina à mesa com o senhor. Acha-se em lugar que não lhe convém, e devido a tal apropriação não tanto recebe distinção quanto humilhação; é então mais humilhado. Tanto o escravo quanto o pobre pode em si mesmo ter bom aspecto, não, porém, ao andar em companhia do rico. O humilde, perto do ilustre, parece mais humilde; a comparação torna o humilde mais humilde, não mais elevado. Igualmente estar à mesa com o rico vos faz mais humildes e vis. O mesmo não sucede em nossa mesa.

Na verdade, nós os superamos sob dois aspectos: na liberdade e na honra, com as quais prazer

algun pode se comparar. Com efeito, prefiro comer somente pão com liberdade do que ingerir inumeráveis alimentos com escravidão. Diz a Escritura: “Mais vale um prato de verdura com amor, do que um boi cevado com ódio” (Pr 15,17). De fato, seja o que for que aqueles senhores disserem, os presentes devem louvar para não os ofender, agindo como parasitas, ou pior que isso. Pois, na verdade, àqueles que são envergonhados e injuriados, não falta a ousadia no falar; quanto a vós, nem isso tendes. Efetivamente, é tal a vileza e a abjeção: temeis e tremeis; de honrarias, nada. Por conseguinte, aquela mesa está privada de qualquer prazer, enquanto esta se acha repleta de todo deleite.

Examinemos, agora, a natureza dos alimentos. Ali, de fato, cada um deve, mesmo contra a vontade, beber muito vinho. Nesta, pode não comer e não beber, se não quiser. Por esse motivo, ali tanto a precedente indignidade quanto o mal-estar oriundo da saciedade tira o deleite devido ao preparo dos alimentos. A saciedade não menos que a fome corrompe, na verdade, o corpo e causa mais dores. Ou antes, muito pior. E seja o que for que me deres, com mais facilidade o consumirei pela saciedade do que pela fome. Na verdade, esta é mais tolerável que aquela; porque é possível suportar a fome por vinte dias, a saciedade nem por dois dias. Os que vivem no campo, lutando frequentemente com a fome, são sadios e não precisam de médicos. Esta, porém, isto é, a saciedade, eles não a suportam a não ser que continuamente chamem os médicos; ou antes, muitas vezes seu domínio tirânico supera o socorro que eles proporcionam.

Igualmente, no que se refere ao prazer, nossa mesa tem a primazia. Pois é mais agradável ser honrado do que ser insultado e injuriado; e ter o poder do que estar sujeito; e ter inteira segurança do que temer e tremer; e fruir do suficiente do que excessivamente mergulhar nas ondas das delícias. Nossa mesa é melhor do que aquela, mesmo relativamente ao prazer. Além disso, quanto às despesas, também é melhor; porque aquela é muito dispendiosa, esta, absolutamente não.

Mas Por quê? Acaso é somente mais agradável aos comensais, ou também ao que convida ocasiona maior agrado? É isso especialmente o que procuramos saber. Quem os convida, prepara-se muitos dias antes, e forçosamente terá negócios, cuidados e preocupações, de sorte que não dorme à noite, nem descansa durante o dia; mas planeja muito, conversa com os cozinheiros, os confeiteiros, os copeiros. Em seguida, ao chegar o dia, vê-se que ele está mais angustiado que os pugilistas, para que nada aconteça de errado, não seja atacado pela inveja, nem seja muito criticado. Esta, porém, o livra de qualquer dessas solitudes e cuidados. Ele próprio prepara a mesa, e não fica preocupado muitos dias antes. Além disso, a primeira logo perde o reconhecimento; a outra tem a Deus por devedor, e nutre grande esperança, pois cada dia pode participar daquela mesa. Os alimentos, na verdade, são consumidos, mas a alegria não se consome, porém os pobres cada dia mais se alegram e exultam do que os que se embriagam com muito vinho. De fato, nada tanto nutre a alma como uma segura esperança e excelente expectativa.

Mas vejamos o que as acompanha. Na primeira existem instrumentos de sopro, cítaras e flautas de pastor; na segunda, nenhum canto barulhento. O que, então? Hinos e salmodias. Naquela os demônios são celebrados com hinos, nesta, o louvor de Deus, Senhor do universo. Vês, então, como há nesta muita gratidão e naquela, ao invés, enorme ingratidão, e insensibilidade? Dize-me. Deus te nutriu com seus bens, e no momento que deves dar-lhe graças pela subsistência, tu introduzes os demônios? Com efeito, o que se canta acompanhado de flautas nada mais são do que cânticos dos demônios. Em vez de dizeres: “Bendito és, Senhor, porque me nutriste com teus dons”, qual mísero cão, não te lembraste, mas introduziste demônios? Ou antes, os cães quer recebam ou não, fazem festa aos familiares. Tu, nem isto. O cão, ainda quando nada recebe, abana o rabo para o dono; tu, porém, recebes e ladras contra ele. Ainda, o cão, se um desconhecido lhe presta benefício, não desiste da inimizade, nem trava

amizade; tu, porém, embora sofras inúmeros males da parte dos demônios, os introduzes nos banquetes. És, portanto, duas vezes pior que o cão. Com razão, lembrei os cães àqueles que somente são gratos quando recebem benefícios. Envergonha-te, por favor, diante dos cães que mesmo famintos festejam os donos; tu, porém, mais irracional que os cães, se ouves dizer que o demônio curou a alguém, imediatamente abandonas o Senhor. Mas ver as meretrizes causa prazer. Qual? Não é ignóbil? Tua casa se transformou em lupanar, insânia e fúria. Não te envergonhas de dar a isto o nome de prazer? Se é lícito qualquer prazer, maior é a vergonha, e maior a moléstia. Como? Não te pesa tornar tua casa um lupanar, na qual os homens como porcos se revolvem na lama? Se, porém, só chegam a ver, eis que ainda a dor é maior. A vista do prazer não sentido torna maior o desejo, e mais inflamado.

Mas queres saber como isso termina? Os que se levantam da mesa parecem-se com loucos, furiosos, audazes, iracundos, ridículos diante dos servos; e os criados afastam-se sóbrios, e eles, ébrios. Que vergonha! Os outros, porém, nada disso. Mas, terminada a refeição, vão para casa com ações de graças, alegres dormem, alegres acordam, livres de qualquer opróbrio e crime.

Se queres, contudo, olhar os convidados, verificarás que são tais interiormente quais os outros exteriormente, isto é, cegos, mutilados, coxos; e iguais aos corpos deles são as almas dos outros, hidrópicas e inflamadas. Tal é a arrogância: depois das delícias, a mutilação. A devassidão e a embriaguez são vícios que produzem coxos e mutilados. Verás que os primeiros têm almas iguais aos corpos, esplêndidas, ornadas. Pois os que vivem com ação de graças, que não procuram mais do que o suficiente, que têm tal modo de raciocinar, vivem em contínua alegria.

Vejamos agora qual o fim de uns e outros. Com efeito, de um lado existe intemperança, risos imoderados, embriaguez, tolices, palavras obscenas, pois se têm vergonha de falar de torpezas, as meretrizes disso cuidam; do outro lado, entretanto, há sentimentos humanos e mansidão. Aquele que convida os dissolutos está munido da vanglória; o que convida para esta, de benignidade e doçura. Pois, na verdade, a mesa dos pobres foi posta por sentimentos humanos e benignos; a outra foi posta pela vanglória e crueldade, provindas da injustiça e da avareza. Termina, conforme disse, em arrogância, em abalo mental, loucura: tal é a germinação da vanglória; a outra, em ação de graças e glorificação de Deus. Além disso, a esta os homens elogiam mais. Aquele hospedeiro é invejado, a este, porém, todos consideram um pai, mesmo os não beneficiados. Ora, como os que não sofreram injustiça têm pena dos injustiçados e tornam-se todos unânimes inimigos dos atacantes, de igual modo os beneficiados e os não contemplados louvam e admiram a boa obra. Lá existe muita inveja, aqui, porém, a maior solicitude e todos formulam inúmeros bons desejos.

Assim se passam as coisas aqui neste mundo. No entanto, lá, quando Cristo vier, um terá grande confiança, e ouvirá, na presença de todo o orbe: “Pois tive fome e me deste de comer. Estive nu e me vestiste. Era forasteiro e me recolheste” (Mt 25,35-36) etc. O outro, ao contrário, ouvirá: “Servo mau e preguiçoso”. E ainda: “Ai dos que estão estendidos em seus divãs, deitados em leitos de marfim, e bebem vinho generoso” (Am 6,4), e ungidos com unguentos primários, que consideravam como permanentes e não como fugidios.

Não proferimos estas coisas temerariamente, mas a fim de mudardes o modo de pensar e nada fazeres que careça de proveito. Que importa, dizes, se faço isto ou aquilo? Esta sentença é repetida por muitos. Dize-me. Que necessidade há, quando é possível fazer tanto bem, de dividir, e consumir uma parte não somente em futilidades, mas também em vão e outra com bom proveito? Dize-me. Se ao semeares, lanças algumas sementes sobre a pedra, outras em terra ótima, isto te bastaria e dirias: Que importa, pois, se jogarmos algumas ao léu e outras em terra ótima? Por que não lanças todas em terra ótima? Por que diminuis o lucro? E ao se tratar de ajuntar riquezas, não dirás isto, mas ajuntarás

de todos os lados; ali, contudo, de forma alguma. E se for preciso emprestar, não dirás: “Por que haveremos de dar algumas coisas aos pobres e outras aos ricos, e não tudo a estes? Aqui, no entanto, onde há tamanho lucro, por que não julgas assim, e não cessas de gastar em vão e inutilmente”? “Mas nisto há também lucro”, dizes. “Qual?” Responde-me. “Aumenta as amizades.” Nada há de mais frio que os amigos adquiridos através da mesa e da saciedade dos parasitas. Nada de mais ingrato do que a amizade que daí se origina. Não injuries a caridade, coisa tão admirável, nem digas que tal é a sua raiz. Seria como se alguém dissesse que uma árvore carregada de ouro e pedras preciosas, não tivesse raízes semelhantes, mas nascesse da podridão. É o que fazes; pois se daí nascesse amizade, nada seria mais gélido. Mas a outra mesa adquire amizades, não relativas aos homens, mas a Deus, e são intensas, porque baseadas em intenso amor. Pois quem gasta nesta e naquela, apesar de ter dado muito, nada de grandioso pratica; quem, porém, gasta tudo nesta, embora tenha dado pouco, faz tudo. De fato, não se pergunta se deu muito ou pouco, e sim se não doou menos do que pode dar. Pensemos naquele que lucrou cinco talentos e no que ganhou dois (cf. Mt 25). Meditemos acerca da viúva que deu duas moedinhas (cf. Lc 21) e daquela do tempo de Elias (cf. 1Rs,17).

Não disse a viúva que deu duas moedinhas: “Que mal praticarei se guardar uma moeda e der apenas uma?” Ela, contudo, deu tudo o que possuía para sua subsistência. Tu, porém, no meio de tamanha abundância, és mais avaro do que ela.

Por conseguinte, não negligenciemos nossa salvação, mas pratiquemos a esmola. Nada existe de mais valioso. O futuro o manifestará. Por enquanto, contudo, o presente o demonstra. Vivamos, portanto, para a glória de Deus, façamos o que lhe agrada, para sermos dignos dos bens prometidos. Seja-nos concedido consegui-los todos nós, pela graça e benignidade de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual seja glória, império, honra, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

SEGUNDA HOMILIA

1,9. *Por isso, também nós, desde o dia em que o ouvimos, não cessamos de orar por vós e de pedir que sejais levados à plenitude do conhecimento da vontade de Deus, com toda a sabedoria e discernimento espiritual.*

10. *Assim andareis de maneira digna do Senhor, fazendo tudo o que é do seu agrado, dando frutos em boas obras e crescendo no conhecimento de Deus.*

O que significa: “Por isso”? Porque ouvimos falar de vossa fé e caridade. Por conseguinte, temos seguras esperanças e confiantes rezamos pelos dias vindouros. Assim como nas competições estimulamos principalmente os que estão mais perto da vitória, Paulo exorta especialmente os que procederam da melhor forma. “Desde o dia em que o ouvimos, não cessamos de orar por vós.” Não rezamos por vós um dia só, ou dois ou três. Deste modo revela caridade e dá a entender aos poucos que eles ainda não atingiram a meta. É o significado das palavras: “Que sejais levados à plenitude”. Vê, entretanto, a prudência do santo. De forma alguma diz que eles estão totalmente privados; sempre, contudo, que lhes falta algo. É o sentido de: “Sejais levados à plenitude”. E ainda: “Fazendo tudo o que é do seu agrado, dando frutos em boas obras”. E de novo:

11. *animados de eficaz energia*

E ainda:

para toda constância e longanimidade

O termo: “Toda” atesta que em algo agiram bem, se não em tudo. “Sejais levados à plenitude” diz ele, e não: “Para receberdes”, pois já haviam recebido, e sim para que seja levado à plenitude o que

vos falta. Desta forma, a repreensão não foi grave, e o elogio, que não é total, não deixa desanimarem e ficarem indolentes.

O que significa: “*Sejais levados à plenitude do conhecimento da vontade de Deus*”, isto é, deveis aproximar-vos de Deus por meio do Filho e não por intermédio dos anjos. E que importa serdes a ele conduzidos, bem o sabeis; resta-vos aprender por que ele enviou o Filho. Se, portanto, devêssemos ser salvos por meio de anjos, ele não teria enviado nem entregue o Filho.

“*Com toda a sabedoria e discernimento espiritual.*” Pois, uma vez que os filósofos os enganavam, diz: “Quero que tenhais a sabedoria espiritual, e não a sabedoria humana”. Se, portanto, para aprendermos a vontade de Deus, precisamos da sabedoria espiritual, no intuito de conhecermos a sua essência, necessitamos de incessantes preces. E aqui mostra Paulo que rezava desde aquela ocasião e ainda não havia terminado, nem desistido; é este o sentido da locução: “*desde o dia em que o ouvimos*”. Tê-los-ia condenado, se auxiliados desde aquela ocasião por suas preces, não se tivessem emendado. “*Não cessamos de orar*”, isto é, com grande empenho. Isto, pois, indica o termo: “*Compreendestes*”. Mas é importante ainda conhecer mais alguma coisa.

“*Assim andareis de maneira digna do Senhor.*” Refere-se à vida e às obras; pois assim ele sempre faz, sempre une à fé o modo de agir. “*Fazendo tudo o que é do seu agrado.*” De que modo: “*Fazendo tudo o que é do seu agrado*”? “*Dando frutos em boas obras e crescendo no conhecimento de Deus.*” Ele se revelou grandemente a vós, e recebestes tamanho conhecimento; de igual forma manifestai um estilo de vida digno da fé, que exige muito em estilo de vida, muito mais do que o Antigo Testamento. Considera de quanta virtude precisa aquele que conheceu a Deus, foi digno de ser seu servo, ou melhor, de ser filho.

“*Animados de eficaz energia.*”

Aqui trata das tentações e perseguições. Rezamos visando a que, fortificados, chegueis à plenitude a fim de não desanimardes, nem fraquejardes.

segundo o poder da sua glória

Declara: A fim de receberdes aquela prontidão de ânimo que convém empregar relativamente ao poder da sua glória.

“*Para toda constância e longanimidade.*”

O que ele quer dizer é o seguinte: Em resumo, rezamos a fim de que tenhais uma vida virtuosa, digna de vossa cidadania e permaneçei firmes, como importa aos que foram fortalecidos por Deus. Por conseguinte, até aqui ainda não atinge os dogmas, mas trata da vida, na qual nada tem a repreender; e como os louvasse no que deviam ser louvados, agora desce à acusação. Assim age em toda parte. Ao escrever, se tem algo a repreender e algo a louvar, primeiro louva e depois desce às incriminações. Em primeiro lugar, pois, torna benévolo o ouvinte e depois acusa de modo livre de qualquer suspeita e mostra que queria na verdade elogiar, mas a necessidade o impele a falar dessa maneira. É deste modo que age na Primeira aos Coríntios (1Cor 5). Na verdade, depois de os elogiar muito porque o amavam, desce à acusação daquele que cometera a fornicção. Na Carta aos Gálatas (Gl 1) não age assim, mas de modo oposto. Ou antes, se alguém a examinar, ali também o louvor contém uma acusação. De fato, não podia dizer que eles houvessem agido corretamente e a culpa era grave; todos se haviam corrompido e uma vez que podiam suportar pelo fato de serem fortes, começa pela acusação, dizendo: “Admiro-me” (Gl 1,6), o que constitui também elogio. Finalmente louva-os, não por causa dos atos presentes, mas dos passados, afirmando: “Se vos fosse possível, teríeis arrancado os olhos para dá-los a mim” (Gl 4,15).

“*Dando frutos*”, a saber, quanto às obras. “*Animados de eficaz energia*”, relativamente às tentações. “*Para toda paciência e longanimidade*”: longanimidade entre si, paciência para com os de fora. É longânime alguém para com aqueles dos quais se pode vingar, tolera, porém, aqueles dos quais não se pode vingar. Por essa razão nunca se fala de paciência relativamente a Deus; quanto à longanimidade, muitas vezes se diz, conforme nesta carta o próprio santo escreve noutra passagem: “Ou desprezas a riqueza da sua bondade, tolerância e longanimidade” (Rm 2,4)? “*Com toda.*” Não agora somente, e depois nada. “*Com toda a sabedoria e discernimento espiritual.*” De outra forma, não é possível reconhecer a sua vontade. Apesar de julgarem que seguiam a sua vontade, não se tratava de sabedoria espiritual. “*Assim andareis de maneira digna do Senhor.*” Este caminho torna-se excelente modo de vida. Com efeito, quem entendeu o amor que Deus dedica aos homens – e entenderá se souber que ele entregou o Filho –, terá ânimo mais bem-disposto. Aliás, não somente rezamos para entenderdes, mas a fim de o demonstrardes pelas obras, visto que será punido quem está ciente e não pratica. “*Assim andareis*”, diz ele, isto é, sempre, não apenas uma vez, mas continuamente. Faz-se mister caminhardes e viverdes retamente. Denomina-o caminhada e com razão, indicando que tal vida nos é proposta, e não simplesmente a mundana. Esta passagem encerra um elogio. “*Assim andareis de maneira digna do Senhor*” e: “*em boas obras*”, para crescerdes sempre, sem parar. E em metáfora: “*Dando frutos e crescendo no conhecimento de Deus*”, a fim de serdes fortificados, segundo o poder de Deus, à medida do possível ao homem. “*Segundo o poder*” dele. Grande consolo! Não diz: força, e sim: poder, o que é maior. “*Segundo o poder*”, assegura, “*da sua glória*”, porque em toda parte sua glória domina. Já consola os que estavam sujeitos ao opróbrio, e declara novamente: “*andareis de maneira digna do Senhor*”. A respeito do Filho diz que em toda parte domina, tanto no céu como na terra, porque a glória dele reina por toda parte. Não diz simplesmente: Confortai-vos, mas segundo convém àqueles que servem a um Senhor tão forte. “*No conhecimento de Deus.*” Simultaneamente refere-se à questão do conhecimento. De fato, é um erro não conhecer a Deus, como convém. “*E crescendo no conhecimento de Deus.*” Na verdade, se aquele que não conhece o Filho, não conhece o Pai, é óbvio que precisa de conhecimento, de sorte que sem ele a vida não é de proveito. “*Para toda constância e longanimidade, com alegria...*”

12. dando graças a Deus,

Depois, no intuito de exortá-los, não menciona os bens que lhes estão reservados, aos quais aludira, nesses termos: “*pela esperança que vos está reservada nos céus*”; aqui, porém, menciona as realidades passadas, pois estas são a causa daquelas. Assim faz em muitas passagens.

Pois as coisas que já sucederam uma vez são mais dignas de fé, e mais estimulam o ouvinte. “*Com alegria dando graças ao Pai.*” E prossegue nos seguintes termos: “*Não cessamos de orar por vós*” e de dar graças pelos benefícios anteriores. Vês como ele começa a falar do Filho? Se agradecemos com muita alegria, é por serem grandes as realidades mencionadas. Com efeito, é possível dar graças só por medo e mesmo na tristeza agradecer, conforme agradece Jó, atingido pela dor; por isso dizia: “O Senhor deu, o Senhor tirou” (Jó 1,21). Não se diga que o pesar por causa do que sucedera não o afetou, ou o abatimento o prostrou. Não roubes ao justo grandes motivos de louvor.

Se tal sucede, devemos dar graças não por medo, nem somente por domínio, mas também pela própria natureza das coisas,

ao que nos fez capazes de participar da herança dos santos na luz.

Referiu grandes coisas! São tão elevadas tais dádivas que ele não apenas doou, mas ainda fortificou-nos para acolhê-las. A expressão: “*fez-nos capazes*” indica que se trata de questão de

grande peso. Por exemplo, se alguém de ínfima condição se tornasse rei, poderia dar um posto de chefia a quem quisesse. Mas apenas poderia dar-lhe o alto cargo, e não torná-lo idôneo para exercê-lo (muitas vezes o posto o tornaria ridículo). Se, no entanto, ao confiar o cargo tornar o encarregado idôneo, capaz de administrar, então a promoção constitui honra. Por esse motivo, nessa passagem se assevera que não somente nos deu a honra, mas ainda tornou-nos fortes para a assumir.

A honra aqui é dupla: deu a honra e tornou apto o receptor do dom. Paulo não declarou simplesmente: “Ao que deu”, e sim: “*ao que nos fez capazes de participar da herança dos santos na luz*”, isto é, nos colocou entre os santos. Mas não disse apenas: “Colocou-nos”, e sim que nos possibilitou fruir de sua companhia. A participação consiste na porção que recebe cada qual. Pode acontecer que os que se encontram numa mesma cidade não gozem dos mesmos direitos; é impossível, porém, que participem e não gozem de idênticos privilégios. Pode acontecer que possua alguém a mesma herança que outros, e não tenha igual porção; por exemplo, todos temos a mesma herança, mas não temos todos igual porção. Aqui não se fala de tal coisa, e sim acentua-se a parte na herança.

E por que a denomina: “*herança*”? Para mostrar que ninguém alcança o reino por meio de ações e obras, antes a herança advém por sorte; é o que acontece aqui. Ninguém, de fato, se comporta de tal modo que mereça o reino, mas tudo é dom de Deus. Por este motivo diz o evangelho: “Assim também vós, quando tiverdes cumprido todas as ordens, dizei: Somos servos inúteis, fizemos apenas o que devíamos fazer” (Lc 17,10). “*De participar da herança dos santos na luz*”, isto é, através do conhecimento. Parece-me que alude simultaneamente a bens presentes e futuros. Em seguida, designa de quais benefícios nos tornamos dignos. Não é somente admirável que sejamos dignos do reino, mas importa acrescentar quem éramos; isso não é sem relevância. Na Carta aos Romanos ele o faz, nesses termos: “Difícilmente alguém dá a vida por um justo; por um homem de bem haja talvez alguém que se disponha a morrer” (Rm 5,7).

13. Ele nos arrancou do poder das trevas

Tudo é obra dele: dar isto e aquilo; de forma alguma se trata de nossas boas ações. Diz Paulo: “*do poder das trevas*”, isto é, da sedução, da tirania do diabo. Não diz simplesmente: “trevas” e sim: “*do poder das trevas*”. Ele possuía muito poder sobre nós e nos dominava. Simplesmente estar sujeito ao diabo já é pesado; mas estar sob o seu poder é mais grave.

e nos transferiu para o reino do seu Filho amado,

Não somente demonstrou Deus o amor aos homens com a libertação das trevas. É de fato grandioso libertar das trevas; muito maior é introduzir no reino. Vê, portanto, que o dom é múltiplo: libertou-nos quando jazíamos nas profundezas, e não somente nos libertou, mas também trasladou para o reino.

“*Ele nos arrancou.*” Não disse: “Fez-nos sair”, e sim: “*Ele nos arrancou*”, revelando nossa grande miséria e escravidão. Em seguida, que se tratava de ação fácil para o poder de Deus. “*E nos transferiu.*” Seria como remover um soldado de uma guarnição para outra. E não disse: “Removeu” nem “transportou”, porque nesse caso a ação seria toda de quem transportou e não de quem foi transportado. Mas disse: “*transferiu*”, de sorte que a ação é nossa e dele. “*Para o reino do seu Filho amado.*” Não declarou simplesmente: “reino dos céus”, mas empregou locução mais solene: “reino do Filho”. Não existe elogio maior, conforme diz ainda em outra passagem: “Se com ele sofremos, com ele reinaremos” (2Tm 2,12). Dignou-se dar-nos o mesmo que ao Filho. E não apenas isso, mas ainda acresce: “*amado*”. Transferiu de repente inimigos, seres tenebrosos, para onde estava o Filho, para o mesmo lugar honroso. E não se contentou ainda, mas para revelar a magnitude do dom, não lhe bastou

ter dito: “*reino*”, mas acrescentou: “*do Filho*”; não só, e também: “*amado*”; nem apenas isto, porém igualmente a gloriosa dignidade de sua natureza. Em consequência, o que afirma?

Ele é a Imagem do Deus invisível.

Todavia não chega logo a este ponto, mas intercala o benefício que nos foi conferido. Pois, no intuito de evitar que, ao ouvires que tudo era obra do Pai, julgues que o Filho está excluído, atribui tudo ao Filho e tudo ao Pai. Com efeito, o Pai transferiu, mas o Filho ocasionou a mudança. O que diz, portanto? “*Ele nos arrancou do poder das trevas*” equivale ao seguinte:

14. *no qual temos a redenção, a remissão dos pecados.*

Se não houvesse havido remissão dos pecados, não teríamos sido transferidos. Eis novamente a expressão: “*no qual*”. E não diz: *lytrasin*, remissão, e sim: *apolytrasin*, plena remissão, a fim de não cairmos mais, nem nos tornarmos mortais.

15. *Ele é a Imagem do Deus invisível, o Primogênito de toda criatura.*

Incidimos numa questão levantada pelos hereges; por isso hoje vamos adiar o problema e amanhã havemos de oferecê-lo a ouvidos revigorados e atentos. Se me é lícito asseverar algo mais, a obra do Filho é maior. Como? A um não é possível dar o reino aos que persistem no pecado, a outro, é mais fácil preparar o caminho para o dom. O que dizes? Ele perdoou os teus pecados; portanto, conduziu-te também. Lançou previamente o fundamento de seu ensino.

Será preciso interrompermos o discurso, após termos dito ainda o seguinte. O quê? Uma vez que fruímos de tão grandes benefícios, sempre devemos lembrar-nos deles e continuamente revolver no pensamento o dom de Deus, rememorar de que mal fomos libertados e o que alcançamos; e assim seremos gratos e intensificaremos o amor para com ele.

O que dizes, ó homem? Foste chamado ao reino, ao reino do Filho de Deus, e bocejas, distendes-te e ficas entorpecido? Se fosse forçoso enfrentares cada dia mil mortes, não deverias suportar tudo? Para obter um posto elevado, não omites meio algum; a fim de seres partícipe do futuro reino do Unigênito, não saltarás contra mil espadas, não te jogarás no fogo? E o que é pior, também te lamentas porque estás prestes a partir e ficarias aqui de bom grado, porque amas a vida corporal. E então? Acaso julgas que a morte é terrível? São as delícias e o ócio que causam tal opinião; pois quem leva uma vida amarga, desejaria até ter asas e partir daqui. Agora, porém, passamos por isso como os filhotes das aves que, tenros, querem ficar para sempre no ninho. Entretanto, quanto mais tempo nos determos, mais haveremos de nos enfraquecer.

Ninho é a vida presente, construído de palhas e barro. Mesmo que me mostrares grandes construções e o próprio palácio imperial, fulgurante de ouro e pedras preciosas, considerarei que em nada diferem dos ninhos das andorinhas. Logo que chega o inverno, tudo cai por si; denomino inverno aquele último dia, que absolutamente não é inverno. Deus denomina aquele tempo tanto noite como dia; respectivamente: noite, os pecadores, e dia, os justos. Nesse sentido, agora eu também chamo aquele dia de inverno. Se não nos desenvolvermos bem no verão, de sorte a voarmos no inverno, nossas mães não nos aceitarão, e nos deixarão morrer de fome, ou perecer com a queda do ninho. Pois assim como ao ninho, ou antes com maior facilidade, Deus tudo expurga então, destruindo, reparando e compondo todas as coisas. Os que não são alados, nem se encontram em condições de ir ao seu encontro no ar (cf. 1Ts 4,16), mas foram nutridos de forma tão grassa que não têm leves as asas, sofrerão o que é consentâneo aos que se acham em tais disposições. De fato, o ninho das andorinhas, se caírem, logo se perdem; nós, porém, não pereceremos, mas haveremos de ser eternamente castigados. Será inverno aquele tempo, ou antes, mais molesto que o inverno. Com efeito, não fluirão

torrentes hibernais de águas, mas rios de fogo. Não existirá escuridão devido a um céu nublado, porém haverá trevas infinitas, sem um raio de luz, de sorte que não se divise o céu, ou o ar, mas as angústias serão maiores do que as dos que se acham em cavernas subterrâneas. Repetimos muitas vezes estas coisas, mas a alguns não conseguimos persuadir. No entanto, não é de admirar que, ao falarmos nós, homens vulgares, encontremos tais tribulações, se idênticos sofrimentos tiveram os profetas, não somente ao proferirem coisas semelhantes, mas ainda ao anunciarem guerra e cativoiro. Sedecias era admoestado por Jeremias e não se corava. Por isso diziam os profetas: “Ai dos que dizem: ‘Faça depressa a sua obra para que a vejamos, apareça, realize-se o conselho do Santo de Israel para que o conheçamos’” (Is 5,19). Não nos admiremos. Pois igualmente os que viviam no tempo da arca não acreditavam; mas creram também eles quando a fé não trazia mais vantagem. Nem os sodomitas ficaram em expectativa; também eles acreditaram quando nada mais lhes valia. E o que direi do futuro? Quem esperaria o que agora acontece nos diversos lugares, os terremotos, as cidades arruinadas? Entretanto, esses fatos eram mais críveis do que o caso da arca, a meu ver. Como isso se evidencia? Pelo fato de que eles não tinham exemplos à vista, nem haviam escutado as Escrituras. Atualmente, porém, numerosos são os acontecimentos tanto em nossos dias quanto nos anteriores. Mas donde provém sua incredulidade? Da alma fraca e preguiçosa: bebiam e comiam, e por isso não acreditavam. O que alguém deseja, também acredita e espera. Considera palavras vãs o que vem contradizer.

Mas não caímos em tal falta! Já não haverá dilúvio, nem castigo mortal; o começo das punições dos que não acreditam será a morte, isto é, o juízo. E quem voltou de lá, replicam eles, e fez esta narração? Se, contudo, assim te exprimes por gracejo, não é bonito. De fato, não se brinca com tais realidades. Não estaríamos brincando com jogos e sim com coisas muito perigosas. Se, porém, consideras que na verdade é assim, e não acreditas que haverá algo depois desta vida, como afirmas que és cristão? Não me interessam as opiniões dos de fora.

Por que recebes o batismo? Por que vais à igreja? Acaso prometemos o exercício do poder? Depositamos toda esperança nos bens futuros. Por que te aproximas, se não acreditas nas Escrituras, não crês em Cristo? A um tal não posso denominar cristão, de forma alguma, mas pior que um pagão. Por quê? Porque, julgando que Cristo é Deus, não lhe presta fé enquanto Deus. Naquele a descrença tem como consequência a impiedade: ao que não julga que Cristo é Deus, necessariamente não crê. No entanto, a própria impiedade não é consequente quando confessa que Deus existe e não julga ser fidedigno no que revelou. Apenas da embriaguez, das delícias, da intemperança libidinosa são próprias estas palavras: “Comamos e bebamos, pois amanhã morreremos” (1Cor 15,32). Não é amanhã; ao proferirdes estas palavras já estáveis mortos. Em nada, dize-me, diferimos dos porcos e dos asnos? Se, portanto, não há juízo, nem recompensa, nem remuneração, nem tribunal, porque somos dotados deste dom, isto é, da razão, e sujeitamos toda a criação? Por que nós, na verdade, dominamos, e ela obedece?

Vê como o diabo em toda parte se empenha em nos levar a desconhecer o dom de Deus! Confunde os servos com os senhores; como um plagiário e servo ingrato, esforça-se por reduzir o homem livre a idêntica abjeção que à de um escravo injuriador. E parece ter abolido o juízo, eliminado a existência de Deus. O diabo é sempre assim; propõe com artifícios e não diretamente, para não nos acautelarmos. Se não existe juízo, Deus não é justo. Expresso-me à maneira humana. Se, porém, Deus não é justo, Deus não existe. Se Deus não existe, simplesmente é abolido tudo, virtude e vício. Nada disso, contudo, ele declara abertamente. Concedes agora qual o plano diabólico? Como quer transformar os homens em feras, ou antes, em demônios? Não nos deixemos iludir. Com efeito, existe o juízo, ó

miserável e infeliz! Sei de onde chegas a tais palavras. Cometeste muitos pecados, ofendeste a Deus, não tens liberdade e confiança de falar, julgas que a natureza das coisas é segundo teus dizeres.

Nesse ínterim não atormentarei, dizes, a minha alma com o pensamento do inferno. Se existe inferno, hei de persuadi-la de que não existe. Por enquanto, entregar-me-ei aqui aos prazeres. Por que aditas um pecado a outro? Se pecares acreditando que o inferno existe, irás pagar somente a pena dos pecados; se, porém, acrescentares um pensamento ímpio, sofrerás o pior dos castigos por causa da impiedade e deste pensamento; e o que serviu de um breve e gélido consolo tornar-se-á fundamento de tormento perpétuo. Seja. Pecaste. Por que ainda induzes outros a pecarem, afirmando que não existe inferno? Por que enganas os mais simples? Por que dissolves e enervas as mãos do povo? Enquanto depende de ti, tudo fica revolucionado: nem os homens zelosos se fazem mais zelosos e sim mais negligentes; nem os maus renunciam aos vícios. Se, acaso, corrompemos os outros, obteremos perdão dos pecados? Não viste que o diabo empreendeu prostrar a Adão? Acaso tal opinião se realizou? Na verdade, fez-se oportunidade de maior castigo. A fim de sermos punidos por nossos pecados, e ainda pelos alheios, tudo é planejado. Não pensemos, portanto, que levar os outros a condenação idêntica à nossa, transformará em mais suave o nosso julgamento; sem dúvida acarretará pena mais severa. Por que havemos de nos impelir à perdição? Isto é completamente satânico. Ó homem, pecaste? Tens um Senhor benigno e clemente. Roga, suplica, chora, geme, atemoriza os outros, e pede que não caiam na mesma desdita. Se um escravo em determinada casa cometeu uma culpa, diz ao próprio filho: “Filho, ofendi o senhor. Esforça-te por agradar-lhe, para não te suceder a mesma coisa”. Não terá, dize-me, perdão? Não acalmará seu senhor e quebrar-lhe-á a resistência? Do contrário, se omitir essas palavras, disser outras, por exemplo, que o senhor não dará a cada qual conforme merece, que simplesmente confunde tudo, tanto o bem como o mal, que não existe gratidão naquela casa, o que o senhor há de pensar a respeito disso? Acaso o escravo não sofrerá maiores suplícios pelas suas faltas? Certamente e com razão. Pois ao primeiro, a paixão escusará, embora muito pouco; ao segundo, nada. Se não a um outro, sem dúvida imita o rico que dizia na geena: “Pai Abraão, envia Lázaro a meus parentes; ele os advirta a fim de que não venham para este lugar” (cf. Lc 16). Uma vez que ele próprio não podia ir, queria evitar que os parentes incidissem naqueles males. Abstenhamo-nos destas palavras satânicas.

Como? Se os gregos nos interrogam, não queres prestar-lhes atenção? Mas, se causas perplexidade num cristão, sob pretexto de converter um grego, queres dar autoridade a uma doutrina satânica. Visto que sozinho não consegues, por meio de discussão, convencê-lo, queres aduzir outras testemunhas. Se, porém, importa discutir com um grego, não se deve iniciar a disputa por aí, e sim se Cristo é Deus e Filho de Deus; se são demônios os seus deuses. Se estes pontos forem comprovados, o restante é conclusão. Antes de colocar o princípio, seria vão dissertar sobre o fim; antes de esclarecer os primeiros elementos, seria ocioso e inútil versar sobre o final.

O grego não acredita no juízo, e sucede-lhe o mesmo que a ti. De fato, ele tem muitos filósofos que trataram do assunto, embora se referissem ao corpo separado da alma. Estabeleceram, contudo, que existe um tribunal. E a questão é tão clara que quase ninguém o ignora, mas até os poetas e os demais concordam a respeito do tribunal e do julgamento. Por conseguinte, nem o grego nega a fé nesta doutrina, nem o judeu e muito menos um simples homem duvida desta fé.

Por que, então, nós nos enganamos a nós mesmos? Eis o que me dizes. O que dirás a Deus, que criou o coração de cada um de nós, conhece todos os nossos pensamentos, vive e opera; cuja palavra “é mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes” (Hb 4,12)? Então, responde-me com veracidade: Não te condenas a ti mesmo quando pecas? Existe alguém que não censure a si mesmo quando age com indolência? E de onde surge espontaneamente a sabedoria que faz o pecador condenar

a si mesmo? Efetivamente, isso constitui grande sabedoria. Tu te condenas a ti mesmo; aquele que te concedeu esta consciência, deixará todas as coisas ao acaso? Tal é, portanto, a regra universal e o limite: nenhum dos que vivem na virtude descrê da doutrina do juízo, mesmo que seja pagão ou herege; ninguém que vive no vício, exceto uns poucos, admite a doutrina da ressurreição. É isto o que diz o salmista: “Afastou os teus juízos de sua frente”. Por quê? “Porque os seus caminhos são sempre viciosos” (Sl 9,26). Dizem eles: “Comamos e bebamos, pois amanhã morreremos” (1Cor 15,32). Vês que são expressões próprias de homens vis? São termos atinentes ao comer e beber que podem arruinar a fé na ressurreição. Com efeito, a alma não suporta, não suporta o ditame da consciência. Assemelha-se ao homicida que primeiro se sugestiona que não será descoberto, e assim mata; pois, se ouvisse o juízo da consciência, não ousaria tão depressa admitir o crime. E por conseguinte, sabe, e finge ignorar, a fim de não ser atormentado pela consciência e o medo; de outra forma, seria menos resoluto para assassinar. De modo semelhante, sabe também o pecador que o pecado é um mal; e os que cotidianamente se envolvem em males, não querem saber, apesar das advertências da consciência. Mas não lhes demos atenção; pois haverá, sem dúvida alguma, juízo e ressurreição, e Deus não deixará em vão estas obras. Por esta razão, eu vos peço, abstendo-nos dos vícios, pratiquemos a virtude, a fim de acolhermos a verdade, em Cristo Jesus nosso Senhor.

O que é mais fácil de admitir? A doutrina sobre a ressurreição ou sobre o destino? Esta se acha repleta de injustiça, de ignorância, de crueldade, de desumanidade; a primeira, de justiça, que distribui a cada qual segundo o mérito; no entanto, não é acolhida. A causa disso é a preguiça; nenhum ser racional admite o destino. Pois, mesmo entre os gregos, os que afirmam ser o prazer o mais elevado fim da vida são os que aceitam o destino; os que amam a virtude, de forma alguma, mas rejeitam-no como irracional. Se essa questão assim se resolve entre os gregos, muito mais assim acontece relativamente à ressurreição.

Considera, portanto, como o diabo introduziu duas coisas contrárias: a fim de praticarmos com negligência a virtude e com zelo cultuarmos os demônios insuflou a doutrina do destino e persuadiu por meio de cada uma à adoção de ambas as posições. Que razão poderá apresentar aquele que não acredita numa realidade tão admirável, e acolhe sugestões mentirosas? Por conseguinte não, não alimentes o falso consolo de obteres o perdão. Mas, convertidos, despertemos para a virtude, e vivamos verdadeiramente para Deus, em Cristo etc.

TERCEIRA HOMILIA

I. PARTE DOGMÁTICA

Primado de Cristo

1,15. *Ele é a Imagem do Deus invisível, o Primogênito de toda criatura.*

16. *Porque nele foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis: quer sejam Tronos, Dominações, Principados, Potestades, tudo foi criado por ele e para ele.*

17. *Ele é antes de tudo e tudo nele subsiste.*

18. *Ele é a Cabeça da Igreja, que é o seu Corpo.*

Hoje devo pagar a dívida que contraí ontem convosco, adiando a explicação a fim de oferecê-la hoje a mentes revigoradas. Paulo, ao dissertar sobre a dignidade do Filho, conforme já manifestamos, afirma o seguinte: “*Ele é a Imagem do Deus invisível*”. Imagem de quem, pensas, ele o declara? Se, na verdade, de Deus, muito bem; de fato, ele é Deus e Filho de Deus. A imagem de Deus, porém, apresenta perfeita semelhança; é igual, portanto, enquanto tal.

Se, ao invés, dizes que é imagem de um homem, fugirei de ti, como de um louco. Por que motivo, no entanto, o anjo nunca é denominado imagem, nem filho, enquanto relativamente ao homem fazem-se as duas comparações? Por quê? Porque no caso do anjo a sublimidade da natureza logo a muitos induziria a uma noção ímpia; quanto ao homem, a humildade e abjeção ocasionam segurança, e não deixam, nem mesmo aos que o quisessem, ter esta suspeita, e rebaixar tanto a Palavra. Por essa razão, onde é grande a condição humilde, a Escritura sem hesitação eleva; onde a natureza é superior, de forma alguma. Mas, diz: “*Imagem do...invisível*”. Em consequência, se Deus é invisível, deve a imagem igualmente ser invisível; do contrário, não seria imagem. Pois, a imagem, enquanto tal, mesmo entre nós deve ser igual, tanto nos traços quanto na semelhança. Mas na terra tal coisa é totalmente impossível; de fato, a arte humana falha muitas vezes, ou antes sempre, se examinares com apuro; ao se tratar de Deus, jamais falha, nem existe lapso.

Se, porém, ele (o Filho de Deus) é criatura, como será imagem do Criador? O cavalo de forma alguma é imagem do homem. Se a imagem indica inexata semelhança daquele que é invisível, o que impede que os anjos também sejam imagem? Efetivamente, eles também são invisíveis, mas não entre si. Ora, a alma é invisível; por este fato é de certo modo imagem, mas não como ele:

o Primogênito de toda criatura

O que afirma o Apóstolo? Então ele foi criado? De onde chegaste a esta conclusão? Porque ele disse: “*Primogênito*”. Mas ele não disse: “*Primeira criatura*”, e sim: “*Primogênito*”. Daí, se pelo fato de ser dito Primogênito afirmas que é criatura, o que dirás quando ouvires que recebe o nome de irmão? Na realidade, a Escritura o chama de irmão, semelhante a nós em tudo (cf. Hb 2,17). Por conseguinte, negaremos que ele é o Criador do universo e não admitiremos prestar-lhe honras, ou atribuir-lhe qualquer proeminência? Qual o homem sensato que afirmará tal coisa? Com efeito, a expressão: “*Primogênito*” não designa dignidade e honra, mas apenas assinala tempo. Se, no entanto, nada tem a mais do que nós, e por este motivo é apenas o primogênito de todos, o Verbo de Deus será consubstancial com as pedras, as madeiras etc., pois foi dito: “*O Primogênito de toda criatura*”.

Mas, retruca-se, é denominado “*Primogênito*”, portanto foi criado. Muito bem, se houvesse apenas essa passagem, e não outras expressões parecidas como: “*Primogênito dentre os mortos*” e: “*Primogênito entre muitos irmãos*” (Cl 1,18; Rm 8,29). Dize-me, por favor, o que significa: “*Primogênito dentre os mortos*”? Afirmas não denotar ter sido ele o primeiro a ressuscitar. No entanto, Paulo não declarou simplesmente: “*de alguns mortos*”, e sim: “*Primogênito dentre os mortos*”; nem que foi o primeiro que morreu, mas enquanto Primogênito ressuscitou dentre os mortos, de sorte que, nada mais assegura senão que se tornou as primícias da ressurreição. Por conseguinte, não tem aqui outro sentido.

Então, Paulo mais de perto toca no próprio dogma. No intuito de que eles não julgassem ser o Filho de Deus mais recente porque agora nos aproximamos de Deus por meio dele, enquanto antigamente era por meio dos anjos, demonstra, em primeiro lugar, que estes últimos nada podiam (senão não seria ele quem tirasse das trevas); em segundo lugar, que o Filho existia antes deles. Comprova que ele existia antes dos anjos porque estes foram criados por meio dele:

porque nele foram criadas todas as coisas

O que afirmam a este respeito os asseclas de Paulo de Samósata?

Que tudo foi feito por ele. De fato, foi dito: “*porque nele foram criadas todas as coisas*”. Menciona as coisas dos céus e da terra. Apresenta o Apóstolo, em primeiro lugar, o que era contestável. Depois, acrescenta: “*as visíveis e as invisíveis*”. Invisíveis são as almas; visíveis, todos os homens. Deixa de

lado as evidentes, e apresenta as duvidosas. Diz: “*Quer sejam Tronos, Dominações, Principados, Potestades*”. A locução “*quer sejam*” abrange todas as coisas. Não está, porém, contando o Espírito entre as Potestades, mas procede das maiores às menores.

“*Nele foram criadas todas as coisas.*” Eis que a locução “*nele*” tem o mesmo significado que: “*por ele*”. Pois, tendo dito: “*nele*”, acrescentou: “*por ele*”. O que significa: “*para ele*”? Quer dizer, dele depende a substância de todos os seres. Não apenas ele os tirou do nada para o ser, mas também agora os sustém, de sorte que, se fossem retirados de sua providência, pereceriam e se corromperiam. Mas não disse: “*contém*”, que seria mais pesado, mas o que é mais sutil: “*dele dependem*”. Somente, pois, apoiarem-se nele basta para serem contidos e compactados. Assim também: “*Primogênito*” tem o sentido de um certo fundamento. Não significa que as criaturas tenham essência idêntica à sua, mas que tudo existe por ele e nele. De fato, em outra parte, quando assevera: “*Lancei o fundamento*” (1Cor 3,10), não trata da essência, mas das operações. A fim de não pensares que ele é um subordinado, o Apóstolo assegura que ele conserva todas as coisas, o que não é menos do que fazê-las. Embora para nós seja ainda um pouco mais, porque para fazê-las contribui a arte, enquanto para conservá-las absolutamente não, pois não sustém o que é perecível.

Ele é antes de tudo.

Isto convém apenas a Deus. Onde está Paulo de Samósata?

“*E tudo nele subsiste*”, isto é, para ele tudo foi criado. Frequentemente o Apóstolo o declara, repetindo as palavras, quais golpes assíduos, arrancando pela raiz o dogma pernicioso. Pois se tantas coisas foram ditas e depois de tanto tempo surgiu um Paulo de Samósata, o que seria se isso não tivesse sido proferido antes? “*E tudo nele subsiste*”. Como subsistiria em quem não existia? Na verdade, também o que foi feito por intermédio dos anjos é obra dele.

Ele é a Cabeça da Igreja, que é o seu Corpo.

Depois de falar de sua dignidade, fala de seu amor aos homens. “*Ele é a Cabeça da Igreja, que é o seu Corpo.*” Não disse, contudo: “*da plenitude*”, o que representaria o mesmo, querendo mostrar que ele nos é mais unido, porque aquele que está deste modo acima e é superior a todos, uniu a si tudo o que lhe é inferior. Em tudo é o primeiro: no alto o primeiro, na Igreja o primeiro – pois é a sua Cabeça –; na ressurreição é o primeiro. É o sentido da expressão:

(tendo em tudo a primazia),

Por conseguinte, também na geração é o primeiro. E é isto que Paulo mais se esforça por incutir. Pois, se for provado que é anterior a todos os anjos, daí também se infere que realizara as obras deles, ordenando-lhes. E o que é admirável, tenta demonstrar que, na segunda criação, ele é o primeiro. Embora, em outra passagem, afirme que Adão é o primeiro, como na verdade é, ele assumiu, contudo, a Igreja no lugar de todo o gênero humano. É o primeiro, portanto, na Igreja, e o primeiro de toda a criação, como ainda dos homens é o primeiro segundo a carne; e por isso é declarado Primogênito. O que significa aqui “*Primogênito*”? O primeiro criado, ou o que o ressuscitou antes de todos, conforme consta no texto: “*tendo em tudo a primazia*”. E daí declará-lo primícias, nesses termos:

Ele é primícias, o Primogênito dentre os mortos (tendo em tudo a primazia),

Mostrando que outros ainda são tais, sem serem, contudo, primícias. Ele, porém, é “*a Imagem do Deus invisível*” e então, “*o Primogênito*”.

19. *pois nele aprouve a Deus fazer habitar toda a plenitude*

20. *e reconciliar por ele e para ele todos os seres, os da terra e os dos céus, realizando a paz pelo*

sangue da sua cruz.

Tudo o que é do Pai, diz, é também do Filho (cf. Jo 5,19ss), e com maior razão, porque se fez mortal e uniu-nos a si. Fala em primícias, como se fosse um fruto. Não disse: “Ressurreição”, mas “*Primícias*”, manifestando que nos santificou a todos e ofereceu qual sacrifício. Fala de plenitude relativamente à divindade, conforme dizia João: “De sua plenitude todos nós recebemos” (Jo 1,16). Isto é, quer se tratasse do Filho, quer do Verbo, nele habitou não uma energia, mas a essência. Não relata outra causa senão a vontade de Deus. É este o sentido da expressão: “*nele aprouve a Deus*”.

e reconciliar por ele e para ele todos os seres,

Visando evitar que penses que assumiu o lugar de um subordinado, declara: “*para ele*”. Mas em outra passagem diz que reconciliará com Deus, como escreve na Carta aos Coríntios (2Cor 5,18-19). Diz com razão: “*reconciliar por ele*”, pois já estavam reconciliados, mas era preciso que o fossem perfeitamente, para desistirem da inimizade. Como isso sucederá, ele o declara mais adiante, anunciando não somente a reconciliação, mas ainda o modo como se efetuou:

realizando a paz pelo sangue da sua cruz.

O termo “*reconciliar*” indica inimizades; “*realizar a paz*”, porém, uma guerra. “*Pelo sangue da sua cruz*”, afirma, “*por ele... todos os seres, os da terra e os dos céus*”. Coisa grandiosa é “*reconciliar*”; “*por ele*”, porém, é maior; ainda maior é “*por seu sangue*”. E não somente pelo sangue, mas o que é mais, por “*sua cruz*”. Desse modo são cinco maravilhas: reconciliação, com Deus, por si mesmo, pela morte, pela cruz. Ah! Como misturou novamente? Para não pensares que é uma coisa só, e que a cruz era algo por si, diz: “*por si mesmo*”. Como se depreende ser isso importante? Porque realizou Cristo a reconciliação, não por palavras, mas dando-se a si mesmo.

O que quer dizer: “*os do céu*”? Quanto aos seres da terra, é compreensível; pois estava repleta de inimizades, e em vários pontos estava dividida, e cada qual possuía contradições em si e relativamente a muitos outros. Como, porém, pacificou os seres celestes? Lá também havia combate e luta? E por que rezamos nesses termos: “Seja feita a vossa vontade assim na terra como nos céus” (cf. Mt 6,10)? Que sentido têm essas expressões? A terra estava separada do céu, os anjos encontravam-se em guerra contra os homens, vendo seu Senhor ofendido. “Em Cristo recapitular todas as coisas” diz a Escritura, “as que estão nos céus e as que estão na terra” (Ef 1,10). Como? As que estão nos céus, do seguinte modo: Ele transferiu para os céus o homem, restituiu-lhes o inimigo odiado. Não somente pacificou as coisas que estavam na terra, mas para junto dos habitantes do céu elevou o inimigo e adversário. E reina paz profunda. Novamente anjos apareceram na terra, porque também o homem apareceu no céu. A meu ver, Paulo também foi raptado ao céu (cf. 2Cor 12,2) a fim de mostrar que o Filho subiu para lá. Por conseguinte, se na terra a paz é dupla: com os seres celestes e em si; nos céus é simples. Efetivamente, se os anjos se alegram por causa de um pecador que faz penitência (cf. Lc 15,10), muito mais devido a tão numerosos pecadores.

Tudo isso efetuou o poder de Deus. Por que, então, diz-se, confiais tanto nos anjos? Estão tão longe de vos darem acesso que vos fazem guerra; e se o próprio Deus não vos reconciliasse, não teríeis paz com eles. Por que, então, a eles recorreis? Queres saber quanto nos odiavam os anjos, e como sempre nos tinham aversão? Foram enviados para castigar os israelitas, contra Davi (cf. 2Sm 24), contra os sodomitas (cf. Gn 19), ao vale das lágrimas (cf. Jz 2,5). Não, contudo, agora; ao contrário, na terra cantavam muito alegres (cf. Lc 2,13). Cristo, portanto, os trouxe para junto dos homens, e levou a estes últimos para o céu.

Contempla a maravilha. Ele primeiro conduziu o anjo para cá, e depois levou o homem para junto

dele: o céu fez-se terra, porque devia receber os que eram da terra. Por esse motivo, proferimos em ações de graças: “Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens de seu beneplácito” (Lc 2,14). Eis, pode-se replicar, de resto também veem-se homens que aprazem a Deus. Que quer dizer: “beneplácito”? Reconciliação. O céu não constitui mais muro de separação. Anteriormente, os anjos eram segundo o número das nações (Dt 32,8, nos LXX); agora, porém, não conforme o número das nações, e sim dos fiéis. De onde se conclui isso? Escuta a palavra de Cristo: “Não desprezeis nenhum desses pequeninos, porque eu vos digo que os seus anjos nos céus veem continuamente a face de meu Pai que está nos céus” (Lc 18,10). Cada um dos fiéis tem um anjo; igualmente nos primórdios cada um dos homens bons tinha um anjo, conforme declara Jacó: “O anjo que me nutriu e me salvou de todo mal desde a minha juventude” (cf. 48,16). Por conseguinte, se temos anjos, vigilantes, comportemo-nos como na presença de um pedagogo. O demônio também está presente. Por isso oramos, e suplicamos ao anjo da paz, e sempre pedimos a paz. Nada se equipara a isto: paz nas igrejas, nas orações, nas preces, nas saudações. Uma vez, duas e três, e frequentemente a transmite aquele que preside na igreja, dizendo: “A paz esteja convosco”. Por quê? Porque ela é a mãe de todos os bens, preliminar da alegria. Por isso, também Cristo deu ordem aos apóstolos de que, ao entrarem numa casa, logo proferirem, em sinal de bens: “Ao entrardes nas casas, dizei: ‘A paz esteja convosco’” (cf. Mt 10,12). Porque, se ela não existir, tudo o mais é supérfluo. E ainda dizia aos discípulos: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou” (Jo 14,27). Ela prepara o caminho para a caridade. E o que preside nas Igrejas não saúda apenas: “A paz esteja convosco”, mas: “A paz esteja com todos”. Que lucro obteremos se tivermos paz com um, e com outro estivermos em guerra e luta? De fato, nem corporalmente há saúde se alguns elementos estão quietos, outros, porém, em rebuliço, mas é preciso haver em todos ordem, consenso e paz; e se nem todos ficam imperturbáveis, mantendo-se nos próprios limites, tudo se revoluciona. Também em nossa mente, a não ser que os pensamentos se calem, não haverá paz. A paz é um bem tão grande, que são chamados filhos de Deus os que a promovem e conciliam (cf. Mt 5,9). De fato, o Filho de Deus veio à terra no intuito de pacificar as coisas da terra e as dos céus. Se, porém, os pacíficos são filhos de Deus, os que se esforçam por perturbar com novidades são filhos do diabo.

O que dizes? Provocas contendas e combates?

E quem é, dizes, de tal modo infeliz? Existem muitos que se alegram com os males, e mais dilaceram o corpo de Cristo do que os soldados que lhe abriram o lado com a lança, ou os judeus que o trespassaram com os cravos. Era um mal menor, porque os membros feridos de novo se refizeram; estes, contudo, uma vez arrancados, a não ser que forem novamente enxertados, não se unem mais, e permanecem fora da plenitude da Igreja.

Quando quiseses combater um irmão, pondera que fazes guerra a membros de Cristo e desiste do furor. Que importa se ele é abjeto, se é vil, desprezível? “Assim também, não é da vontade de vosso Pai, que está nos céus, que um desses pequeninos se perca” (Mt 18,14). E ainda: “Seus anjos veem continuamente a face de meu Pai que está nos céus” (Mt 18,10). Por causa dele Deus tomou a condição de servo e foi morto. Tu, porém, julgas que ele nada é? Por conseguinte, lutas contra Deus, proferindo sentença oposta à sua.

Ao entrar na igreja, o que preside logo diz: “A paz esteja com todos”; quando faz a homilia, profere: “A paz esteja com todos”; quando abençoa: “A paz esteja com todos”; quando saúda: “A paz esteja com todos”; quando consumou o sacrifício: “A paz esteja com todos”. E ainda, no meio: “A graça e a paz estejam convosco”. Como, então não seria absurdo, ouvindo tantas vezes a exigência de paz, lutarmos mutuamente, e ao recebê-la e retribuí-la, combater aquele que no-la transmite?

Respondes: “E com o teu espírito”, e lá fora o calunias? Ai de mim! os ritos veneráveis da Igreja transformam-se em figuras, não são reais. Ai de mim! reduzem-se a palavras os símbolos destes acampamentos militares. Donde vem ignorardes até por que se diz: “A paz esteja com todos”?

Mas ouvi em seguida as palavras de Cristo: “Quando entrardes numa cidade ou numa aldeia... Ao entrar na casa, saudai-a. E, se for digna, desça a vossa paz sobre ela. Se não for digna, volte a vós a vossa paz” (Mt 10,12-13). Não entendemos estas palavras porque as consideramos apenas figuras e não damos assentimento. Acaso sou eu que dou a paz? Cristo se digna falar por nosso intermédio. Embora em todas as outras ocasiões estejamos desprovidos da graça, não agora, por causa de vós. Com efeito, se a graça de Deus atuou num jumento e num mago por causa de seu plano e para o bem dos israelitas (cf. Nm 22ss), é claro que nem em nós recusará operar, mas nos sustentará por causa de vós.

Ninguém, portanto, diga que sou imperfeito, humilde, sem valor, e deste modo me considere. Sou, de fato, tudo isso, mas sempre Deus costuma por causa do povo assistir os que são tais. E a fim de ficardes cientes de que assim é, dignou-se falar a Caim por causa de Abel (cf. Gn 4), ao diabo por causa de Jó (cf. Jó 1,2), ao Faraó por causa de José (cf. Gn 41), a Naducodonosor por causa de Daniel (cf. Dn 2), a Baltasar por causa do mesmo Daniel (cf. Dn 5). Os magos tiveram uma revelação (cf. Mt 2), e Caifás, apesar de assassino de Cristo e indigno, profetizou devido à dignidade sacerdotal (cf. Jo 11,49ss). Diz-se também que por isso Aarão não foi atingido da lepra (cf. Nm 12). Por que razão, diz-me, ambos murmuraram, e somente a irmã sofreu o castigo? Não te admires, visto que também na magistratura profana, se for alguém acusado de inúmeros crimes, não é levado a julgamento antes de ter sido deposto do cargo, a fim de que também este não seja rebaixado; muito mais no múnus espiritual, seja quem for que o detenha, opera a graça de Deus. Do contrário, tudo estaria perdido. Entretanto, uma vez deposto, seja ao morrer, seja durante a vida, sofrerá castigos mais rigorosos (cf. Sb 6,6). Não julgueis que sou eu quem fala; é a graça de Deus que age por intermédio de um indigno, não por causa de nós, mas por vós. Ouvi, portanto, o que Cristo afirma: “E se for digna (a casa), desça a vossa paz sobre ela” (Mt 10,3). Como se tornará digna? “Se vos recebe”, diz ele. “Se alguém não vos recebe e não dá ouvidos às vossas palavras, ...em verdade vos digo, que o Dia do Juízo será mais tolerável para Sodoma e Gomorra do que para aquela cidade” (Mt 10,13-15). O que adianta, portanto, nos aceitardes e não ouvirdes as palavras que vos dirigimos? Que lucro tereis se não respeitais, nem atendeis ao que dizemos? Constitui honra, a meu ver, é respeito maravilhoso, proveito para vós e para nós, atenderdes a nossas exortações. Ouvi também o que afirma Paulo: “Não sabia, irmãos, que era o Sumo Sacerdote” (At 23,5). Ouvi também a Cristo: “Fazei e observai tudo quanto vos disserem” (Mt 23,3).

Não é a mim que desprezais, mas o sacerdócio. Se me virdes dele despojado, então desprezai-me; então nem eu tentarei dar prescrições. Enquanto, porém, ocupar esta sede, enquanto presidirmos, temos autoridade e poder, apesar de indignos. Se a cátedra de Moisés era de tal modo respeitável que era ouvida por causa dele, muito mais o trono de Cristo. Nós o recebemos por sucessão, dele parte nossa voz, desde que Cristo confiou-nos o ministério da reconciliação.

Aos embaixadores, fossem o que fossem, por causa da dignidade da embaixada, eram prestadas muitas honras. Nota, portanto: sozinhos, iam para a terra dos bárbaros, entre tantos inimigos; e pelo fato de ter grande força o direito da legação, todos os respeitavam, todos os olhavam respeitosos, todos os deixavam partir em segurança. E nós de igual forma recebemos o ofício de embaixador, e viemos da parte de Deus. Tal é a dignidade do episcopado. Viemos até vós, exercendo a legação, no intuito de terminardes a guerra, sob certas condições. Não vos prometemos doar cidades, nem tantas e

tantas medidas de trigo, nem escravos, nem ouro, e sim o reino dos céus, a vida eterna, a familiaridade com Cristo e outros bens inefáveis e inconcebíveis (cf. 1Cor 2,9), enquanto estivermos neste corpo e na vida presente.

Desempenhamo-nos, portanto, da embaixada; queremos, não por nossa própria causa, de forma alguma, ser acolhidos com respeito (estamos cientes de quanto isto é insignificante), mas por causa de vós, a fim de ouvirdes atentamente o que dizemos e retirardes proveito, de sorte que não atendeis às nossas palavras com negligência ou distraídos. Não vedes como todos cercam e observam os embaixadores? Nós, porém, temos o ofício de embaixadores de Deus junto dos homens. Se isso, porém, vos parece duro, não se trata de nós, mas do próprio episcopado; não deste ou daquele, mas do bispo. Ninguém precisa me ouvir, e sim atender à dignidade. Por conseguirmos, tudo fazemos segundo o divino beneplácito, e viveremos para a glória de Deus, e seremos dignos dos bens prometidos àqueles que o amam (cf. Tg 2,5), pela graça e benignidade etc.

QUARTA HOMILIA

Participação dos colossenses na salvação

1,21. *Vós éreis outrora estranhos e inimigos, pelo modo de pensar, em obras más,*

22. *mas agora, pela morte, ele vos reconciliou no seu corpo de carne, para diante dele vos apresentar santos, imaculados e irrepreensíveis.*

Doravante Paulo manifesta que, mesmo quando eles eram indignos de reconciliação, Deus os reconciliou consigo. Pois dizer que estavam sob o poder das trevas indica a infelicidade em que se achavam. Mas, a fim de que, ao ouvires aludir ao poder das trevas, não julgues ser forçoso assim acontecer, acrescentou: “*Vós éreis outrora estranhos*”. Parece repetição, todavia não é. Não é a mesma coisa ficar livre dos infortúnios alguém necessariamente sujeito ao sofrimento, ou quem sofre voluntariamente. O primeiro, de fato, é digno de compaixão, o segundo de repulsa. Quanto a vós, não estáveis dele afastados, nem contra a vontade, nem sujeitos à necessidade, mas por gosto, voluntariamente, e éreis indignos; no entanto ele vos perdoou. E uma vez que rememorou os que estão nos céus, revela que toda inimizade originou-se daqui da terra, não de lá. Com efeito, eles já outrora estavam dispostos à paz, e o próprio Deus igualmente; vós, entretanto, não quisestes. E mostrou bem que, nos primórdios, os anjos, se os homens continuassem inimigos de Deus, nada poderiam; nem podiam persuadir, nem livrar do diabo os que haviam sido ganhos por ele. Nem teria qualquer utilidade persuadi-los, se não fosse amarrado quem os mantinha detentos; nem adiantaria ser o diabo amarrado, se os detentos não quisessem converter-se. Mas eram necessárias ambas as coisas, a respeito das quais os anjos nada podiam, mas Cristo as realizou. Efetivamente era mais espantoso converter do que libertar da morte. Porque esta ação era toda dele, dependia apenas de seu poder, enquanto a primeira dependia não só de seu poder, mas também do nosso. Pois fazemos com mais facilidade o que está em nosso poder. Por conseguinte, sendo mais importante, coloca-o no fim.

Não disse apenas: “*Vós éreis inimigos*”, mas ainda: “*Estranhos*”, o que representa inimizade maior; e não só estranhos, mas também sem perspectiva de conversão. E declara serem inimigos “*pelo modo de pensar*”, com isso dando a entender que sua alienação não se detinha apenas no propósito. Mas o que ainda? “*Em obras más*”. “*Éreis inimigos*” e agéis como inimigos. “*Mas agora, pela morte, ele vos reconciliou no seu corpo de carne, para diante dele vos apresentar santos, imaculados e irrepreensíveis.*”

Aqui apresenta igualmente o modo da reconciliação: “*No seu corpo*”, não apenas ferido, flagelado

e vendido, mas ainda submetido à mais ignominiosa das mortes. Novamente relembra a cruz e ainda outro benefício. Pois Deus não só reconciliou, mas o que mencionou acima: *“Que nos fez capazes”* (Cl 1,12), implicitamente aqui ainda assevera: *“Mas agora, pela morte,... para diante dele vos apresentar santos, imaculados e irrepreensíveis”*. Não apenas libertou dos pecados, mas ainda nos trasladou para o número dos homens agradáveis a Deus. Na verdade, não sofreu tanto só para nos livrar dos males, mas ainda para obtermos os primeiros lugares. Seria como se alguém não apenas livrasse um réu do suplício, mas ainda o colocasse em posto elevado. E nos transferiu não só para a lista dos que em nada pecaram, bem como para a daqueles que praticaram obras sublimes, e o que é ainda mais importante, nos *“apresentou santos diante dele”*. Ser *“irrepreensível”*, porém, é maior do que ser *“imaculado”*, pois chamamos de irrepreensível quem não fez coisa alguma que incorra em repreensão ou culpa.

Mas, visto que asseverar ter Cristo realizado tudo por sua morte é atribuir-lhe tudo, a fim de que ninguém afirme: *“De nada, portanto, precisamos”*, aditou:

23. *contanto que permaneçais alicerçados e firmes na fé e sem vos afastar da esperança do evangelho*

Aqui, volta-se contra a negligência e não só exorta: *“permaneçais”*, uma vez que é possível permanecer, mas indeciso e inquieto; e também permanecer e ficar agitado: *“contanto que permaneçais alicerçados e firmes na fé e sem vos afastar”*. Ah! que grande metáfora emprega! Não só decididos, bem como não apartados. Repara: Nada coloca neste íterim de pesado ou laborioso, e sim a fé e a esperança, a saber, se permaneceis firmes em crer ser verdadeira a esperança dos bens futuros. Com efeito, aqui é possível; não é lícito deixar-se abalar acerca da virtude, nem um pouco. Não é exigência onerosa.

da esperança do evangelho que ouvistes e que foi anunciado a toda criatura que vive debaixo do céu.

Qual é a esperança do evangelho senão o Cristo? Pois ele é a nossa paz, e quem operou todas essas coisas. Por esta razão, quem a subscreve a um outro, deixou-se abalar, perdeu tudo, por não ter acreditado em Cristo. *“Ouvistes”*, diz ele. De novo apela para o testemunho deles bem como de todo o orbe da terra. Não diz: *“que é pregado”*, mas que foi transmitido *“anunciado”*, desde o princípio, e confirma-o com o testemunho de muitos.

e do qual eu, Paulo, fui feito ministro.

E também isto contribui para torná-lo fidedigno. *“Eu, Paulo, ministro.”* Grande era sua autoridade, porque em toda parte já era famoso e era doutor de todo o orbe da terra.

Fadigas de Paulo a serviço dos pagãos

24. *Agora eu me regozijo nos meus sofrimentos por vós, e completo, na minha carne, o que falta das tribulações de Cristo pelo seu Corpo, que é a Igreja.*

E qual a conexão? Apesar da aparência em contrário, existe consonância. *“Ministro”*, diz ele, isto é, nada ofereço de meu, mas anuncio o que é de outro. Creio nele e também por ele soffro; e não somente soffro, mas alegro-me por soffrer, em vista da esperança dos bens futuros; e soffro não por mim, mas por vós. *“E completo, na minha carne, o que falta das tribulações de Cristo.”* Parece, na verdade, à primeira vista vangloriar-se, contudo não é arrogância, de forma alguma, mas grande amor a Cristo, pois não quer que sejam seus os padecimentos, mas dele. Assim falou, de fato, querendo obter seus ouvintes para Cristo. E o que eu soffro, soffro por ele, disse; por isso, não agradecei a mim, mas a ele, porque é ele quem soffre. Seria como se alguém, ao qual foi confiada uma mensagem, falasse a um

outro: “Rogo-te, vai em meu lugar procurar a Fulano”; em seguida, diria: “Faço isto por causa daquele outro”. Por essa razão, não tem dificuldade em denominar paixão de Cristo a seus padecimentos. Não apenas morreu por nós, mas, ainda depois que morreu, está pronto a padecer por nós. Paulo empenha-se e esforça-se intensamente por mostrar que também agora Cristo responde pela Igreja, por seu próprio Corpo. E visa a isto, dizendo: “Não somos nós que vos guiamos e damos acesso a Deus, mas é Cristo, embora pratiquemos esses atos. Não é obra nossa a que empreendemos, mas obra dele. Por conseguinte, imaginemos um exército que o próprio general defendesse e protegesse, presente no combate; depois, quando ele se ausentasse, o substituto recebesse os ferimentos até o fim da guerra. Tal é aqui o caso.

Em seguida, ouve o que Paulo faz por causa dele: “*Pelo seu Corpo*”, assegura, querendo dizer: “Não é por vós, mas por amor a Cristo. Aquilo que ele devia sofrer, eu o sofro em seu lugar. Vê o rico conteúdo de suas palavras! Demonstra grande amor, conforme escreve na segunda Carta aos Coríntios: “Confiou-nos o ministério da reconciliação”; e ainda: “Sendo assim, em nome de Cristo exercemos a função de embaixadores e por nosso intermédio é Deus mesmo que vos exorta” (2Cor 5,18.20). Aqui também diz o mesmo: “Sofro em seu lugar, para mais atrair os fiéis, ou antes, apesar de ter partido quem vos deve, eu, no entanto, pago em vez dele”. Por causa disso também assevera: “*O que falta*”, visando mostrar que pensa não estar a paixão inteiramente concluída. Afirma ainda que, depois de ter ele sofrido a morte, algo ainda está faltando. O mesmo externa na Carta aos Romanos: “E intercede por nós” (Rm 8,34), demonstrando que ele não se contentou com a morte apenas, mas ainda após prestou-nos inúmeros benefícios. Não o afirma exaltando-se, mas no intuito de manifestar que Cristo ainda cuida deles. E torna a questão fidedigna, acrescentando: “*Pelo seu Corpo*”. É evidente que assim é, que não é inverossímil por se tratar de “*seu Corpo*”. Nota como nos uniu a si. Para que, então, referir-se aos anjos? Paulo declara: “*e do qual eu fui feito ministro*”. Para que introduzir outros mensageiros (*angelous*)? Eu sou ministro. Após, revela que ele nada fez, senão ser ministro.

25. Dela eu me tornei ministro, por encargo divino a mim confiado a vosso respeito, para levar a bom termo o anúncio da Palavra de Deus.

Exprime-se deste modo: Ao partir, ele quis que eu assumisse o encargo, a fim de não ficardes de certo modo abandonados. Aquele que sofreu serve de embaixador. Ou o sentido é o seguinte: “Eu era o pior dos perseguidores. Ele permitiu que eu perseguisse a fim de me transformar num fidedigno pregador”. Ou alude ao encargo divino, porque Deus não procurou as obras, nem as boas ações, mas a fé e o batismo. De fato, de outra forma não teríeis recebido a Palavra; “*a vosso respeito, para levar a bom termo o anúncio da Palavra de Deus*”. Trata dos gentios, manifestando que eles ainda hesitam: “*para levar a bom termo*”. Não dependia da dispensação de Paulo, mas do plano de Deus que os gentios tão afastados pudessem apreender doutrinas tão elevadas. Por esse motivo assegura: “Eu não o poderia”. Tendo indicado o mais importante, que seus sofrimentos eram de Cristo, então acrescenta mais abertamente que era obra de Deus “*levar a bom termo o anúncio da Palavra*” entre vós. E isso o indica, embora não claramente. Do plano de Deus depende também o anúncio e a possibilidade de ouvirdes, não de modo descuidado, mas estando habilitados. Efetivamente, Deus não faz de repente todas as coisas, mas usa de condescendência devido a seu grande amor aos homens. Tal foi o motivo por que Cristo apareceu agora e não anteriormente. O evangelho demonstra que Deus primeiro enviou servos, a fim de não chegarem ao ponto de matar o Filho (cf. Mt 21,33ss). Se, porém, não respeitaram o Filho, que veio depois dos servos, muito mais o fariam anteriormente. Se não ouviram os preceitos menores, como ouviriam os maiores?

O que dizer, então? Acaso agora ainda judeus e gregos não falham no conhecimento da verdade?

Suma preguiça! Pois, após tanto tempo, após tão grandes ensinamentos, permanecer na ignorância é sinal de grande insensatez.

Ao dizerem, porém, os gregos: “Por que Cristo veio somente agora?” Não os deixemos falar assim, mas respondam se ele não restabeleceu todas as coisas. Pois, se ele tivesse vindo no início, e não tivesse restabelecido todas as coisas, não bastaria o tempo para nossa defesa. Tampouco se tudo restabeleceu, não é justo responsabilizar o tempo. Ao médico que curou uma doença e restituiu a saúde a um doente, não se pede a razão da cura; nem a um vitorioso general do exército se examina por que venceu nesta ocasião e neste lugar. Pois se não agisse corretamente, devia ser interrogado; mas tendo agido corretamente, há de ser recebido com louvor. O que é mais digno de fé, diga-me, por favor? O teu raciocínio e a tua calúnia, ou o bom êxito da questão? Ele venceu, ou não venceu? Mostra o seguinte: Submeteu ou não submeteu? Levou a bom termo o que prometeu, ou não? Disto é que se há de prestar contas. Diga-me. Confessas simplesmente que Deus existe, e também Cristo? Interrogo-te: Deus é sem princípio? Respondes: Sem dúvida alguma. Diga-me. Por que não criou o homem milhares de anos mais cedo? Teriam vivido durante mais tempo. Se, portanto, é bom existir, muito mais em longa duração. Acaso sofreram dano naquele tempo em que não existiam? Não sofreram. De que modo, contudo, conhece-o aquele que os fez. Novamente te interrogo: Por que não fez tudo de repente, simultaneamente? O ser vivo criado primeiro tinha tal idade; outro, todavia, que ainda não fora feito, não tinha menos? Qual a razão por que introduziu no mundo um primeiro, outro depois? Estas questões, na verdade, merecem ser examinadas, mas não sejam indagadas curiosamente; pois isso não deve ser pesquisado.

Eu, porém, vou declarar a causa daquilo que afirmei. Imagina a existência da humanidade comparada a cada idade; os primórdios constituem uma espécie de adolescência do gênero humano; os tempos seguintes, a juventude; os que se acham perto do declínio, a velhice. Quando os membros corporais não estiverem tensos, e terminada a luta, a alma estará em pleno vigor; então será levada à filosofia. Mas na realidade é o contrário que acontece, dizes. Não transmitimos aos adolescentes, contudo, a filosofia, e sim a retórica e a oratória; e isto, quando na flor da idade.

Observa Deus assim agindo relativamente aos judeus. Pois, como se fossem crianças, estabeleceu Moisés qual mestre-escola, e conforme se procede relativamente a crianças, ele os conduziu, esboçando, segundo fazemos nós, as letras. “Possuindo apenas o esboço dos bens futuros, e não a expressão própria das realidades” (Hb 10,1). Assim como nós compramos doces para as crianças e lhes damos dinheiro, exigindo somente que frequentem a escola, de igual modo Deus então deu aos israelitas riquezas e conforto, e em troca de tanta indulgência reclamava deles apenas que ouvissem a Moisés. Por isso, entregou-os a Moisés, qual mestre, a fim de não o menosprezarem, mas o acolherem enquanto pai benévolo. Repara como somente dele tinham temor. De fato, não diziam: “Onde está Deus?”, e sim: “Onde está Moisés?” E era temido até mesmo quando comparecia sozinho. Com efeito, vê como os castigou quando praticaram o mal. Entretanto, Deus queria rejeitá-los, mas ele não deixou (cf. Ex 32; Nm 14); antes tudo se realizou deste modo: Deus ameaçava qual pai, e ele qual mestre intercedia, nesses termos: “Perdoa-me, e desde agora assumo a culpa”. Desta forma o deserto se tornou escola. E os meninos, se a lição dura muito, querem ir embora; assim também eles frequentemente desejavam voltar para o Egito (cf. Ex 16,3; Nm 11,5), e lamentavam-se: “Perecemos, estamos aniquilados, estamos morrendo” (cf. Nm 17,12). E Moisés quebrou a tabuleta deles (Ex 32,19), onde gravara para eles uma espécie de nomes. Fez o mesmo que um mestre faria ao receber uma tábua mal escrita: jogou a tábua no chão, manifestando grande cólera. E se ela se quebrar, o pai, que se ocupava em escrevê-la, não fica irado. Eles, no entanto, sem consideração para com o pai,

voltaram-se para outra parte, comportando-se de forma inconveniente e insolente. E como nos jogos, os meninos batem-se entre si, assim também ele então mandou baterem-se mutuamente e matarem-se (cf. Ex 32,26ss; Nm 25,5ss). E ainda castigava, conforme acontece quando o mestre dá as aulas, depois interroga e não obtém resposta. Por exemplo, não existe uma passagem da Escritura que manifeste claramente o poder de Deus? Refiro-me a um trecho contra o Egito. Sim, diz-se. Aquele texto anunciava as pragas, e que ele castigava os inimigos, e para eles a lição era austera. O que era, aliás, o castigo dos inimigos senão benefício para vós? De outra forma, contudo, vos beneficiava. Acontecia como se alguém dissesse que conhecia as letras, e no entanto em perguntas esparsas mostrava não saber e era batido. Assim, eles diziam conhecer o poder de Deus, mas, interrogados aqui e ali, deviam prestar contas de seus conhecimentos, mas não os apresentavam, e eram batidos.

Viste água? Deves lembrar-te da água que havia no Egito. Pois quem transformou a água em sangue (cf. Ex 7,17), poderia também fazê-lo aqui, como muitas vezes dizemos aos meninos: “Se encontrares no livro a letra A, lembra-te de que a tinhas na tabuleta”. Vês fome? Lembra-te de que ele fez a colheita se perder (cf. Ex 9-12). Vês guerra? Rememora a submersão no Mar Vermelho (cf. Ex 14). Vês serem grandes os habitantes da terra? Todavia não são maiores do que os egípcios. Aquele que te retirou do meio deles, não te protegerá muito melhor quando estás fora de seu alcance?

Mas eles não sabiam responder acerca de letras esparsas; por isso apanhavam. Comiam e bebiam e recalcitravam (cf. Dt 32,15). Aprenderam ser preciso não procurar no maná delícias, depois de experimentarem o mal daí derivado. E agiam como um menino livre enviado à escola, que procurasse estar no meio dos escravos e servi-los; quando lhe era lícito, sentado à mesa do pai, ingerir alimentos necessários e dignos de um homem livre, prefere utilizar a mesa fétida, cheia de tumulto e perturbação dos escravos. Assim eles tinham saudades do Egito, e diziam a Moisés: “Tudo o que falares, senhor, nós o faremos e obedeceremos” (Ex 24,7). E como o pai queria eliminar os filhos incorrigíveis, o mestre assiduamente intercedia. Isso também aconteceu então.

Por que vos falamos de tudo isso? Porque em nada nos distinguimos dos meninos. Queres ouvir como também suas normas eram adaptadas a crianças? Diz: “Olho por olho, dente por dente” (Dt 19,21).

Em verdade, nada é tão propenso à vingança quanto a mente infantil. Pois é paixão desarrazoada e naquela idade é grande a falta de juízo e de reflexão, e em consequência o menino é sujeito à tirania da ira; é tão grande a tirania da cólera que muitas vezes ele se joga ao chão, levanta-se, ou com raiva bate no joelho, ou revira o escabelo, e desta forma acalma a dor e extingue a ira. Algo de parecido fez Deus, deixando que eles arrancassem olho por olho e dente por dente e matando os egípcios (cf. Ex 14), bem como os amalecitas (cf. Ex 17) que os haviam molestado. E lhes prometeu grandes bens, conforme acontece quando um menino diz: “Pai, Fulano me bateu”, e o pai responde: “É um homem mau, devemos odiá-lo”. Assim também disse Deus: “Então serei inimigo dos teus inimigos e adversário dos teus adversários” (Ex 23,22). E ainda quando Balaão suplicou (cf. Nm 22ss; Dt 23,3ss), a condescendência para com eles era pueril. Os meninos, se virem algo que não é temível, quer seja um floco de lã ou coisa semelhante, imediatamente se amedrontam; e então para não continuarem com medo, colocamo-lo ao alcance das suas mãos e mandamos que o mostrem às amas; assim agiu Deus. Uma vez que o mago os atemorizava, converteu-lhes o medo em audácia. E de modo semelhante às criancinhas desmamadas que têm tudo em cestinhas, deu-lhes tudo o que era possível e proporcionou-lhes muitas delícias. Mas como a criança procura o peito da mãe, assim também eles tinham saudades do Egito e das carnes que ali havia.

Por esse motivo, não incorre em erro quem denominar Moisés doutor, nutrício e pedagogo, porque

possuía grande sabedoria. Grande diferença há entre estar à frente de homens já filósofos, e dar ordens a meninos, em nada razoáveis.

E se quiseses ouvir mais alguma coisa, como a ama diz ao menino: “Quando fores evacuar, suspende as vestes, e isto por todo o tempo em que estiveres sentado”; assim procedia Moisés. E como todas as emoções exercem tirania sobre os meninos (ainda não têm freio), a vaidade, a ambição, a falta de juízo, a ira, a inveja, assim também nos judeus tudo isso imperava. Cuspiam contra Moisés, batiam nele. E se a criança apanha uma pedra, todos gritamos: “Não joga”. Também eles apanhavam pedras contra o pai; ele, porém, fugia. E se um pai tem algum adorno, o menino vaidoso o pede, assim igualmente fizeram Dathan e Abiron e os seus, revoltando-se contra o sacerdócio (Nm 16). Eram mais invejosos que os outros todos, e mesquinhos e imperfeitos em tudo.

Então, dize-me por favor, convinha que Cristo aparecesse? Nesta ocasião dar-lhes tais preceitos cheios de sabedoria, quando estavam loucos por maus desejos, quando eram cavalos no cio, quando escravos do dinheiro e do ventre? Mas perderia os raciocínios da filosofia discutindo com insanos. E não aprenderiam nem isso, nem aquilo. E à semelhança do que ensina a ler antes das letras, de forma alguma ensina nem as letras, assim acontece aqui. Mas não agora, porque pela graça de Deus muita indulgência e grandes virtudes em toda parte foram plantadas. Agradeçamos, por conseguinte, por tudo, e não sejamos curiosos. Pois não conhecemos os tempos, mas conhece-os quem os fez e criou os séculos. Deixemos, portanto, tudo a ele. Isso é que se chama glorificar a Deus, sem pedir-lhe contas acerca do que faz. Desta forma Abraão deu glória a Deus: “Convencido de que ele é capaz de cumprir o que prometeu” (Rm 4,21). Ele nem a respeito do futuro perguntou alguma coisa; nós, porém, até do passado procuramos as razões. Vê a grande loucura, a grande ingratidão! Mas, doravante desistamos; nenhum lucro daí se tira, mas grande é o dano. E tenhamos gratidão para com nosso Senhor, demos glória a Deus, a fim de que, lhe ofertando ações de graças por tudo, sejamos dignos de sua benignidade, pela graça e bondade de nosso Senhor Jesus Cristo, com o qual ao Pai e simultaneamente ao Espírito glória, império, honra, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

QUINTA HOMILIA

1,26. *O mistério abscôndito desde os séculos e desde as gerações, mas agora manifestado aos seus santos.*

27. *A estes Deus quis tornar conhecida qual é entre os gentios a riqueza da glória deste mistério, que é Cristo em vós, a esperança da glória!*

28. *Esse Cristo nós o anunciamos, advertindo os homens e instruindo-os em toda sabedoria, a fim de apresentá-los todos, perfeitos em Cristo Jesus.*

Tendo dito Paulo o que parcialmente encontramos, e revelado o amor de Deus aos homens e a honra proveniente da grandeza dos dons, afirma com mais intensidade o mistério que ninguém antes de nós conheceu a respeito de Cristo. De idêntica forma procede na Carta aos Efésios, dizendo que nem os Anjos, nem os Principados, nem qualquer Virtude criada, mas apenas o Filho de Deus o conheceu (cf. Ef 3,8-11). Por isso, não declarou apenas: mistério “escondido” (*kekrymmenon*), mas “abscôndito” (*apokekrymmenon*). Embora realizado só agora, no entanto é antigo. Deus o queria desde o início, e assim dispôs. A razão disso, porém, não a declarou absolutamente.

“Desde os séculos”, desde o início. E o denomina, com razão, mistério, porque de ninguém conhecido, exceto Deus. E onde estava escondido? “Em Cristo”, conforme assevera a Carta aos Efésios (Ef 3,4.9); ou conforme anuncia o profeta: “Desde sempre e para sempre tu és Deus” (Sl 89,2).

“*Mas agora manifestado aos seus santos.*” Por conseguinte, tudo provém do plano de salvação de Deus. “*Mas agora manifestado.*” Não assegurou: “Foi feito”, e sim: “*manifestado aos seus santos*”. Agora, portanto, ainda está escondido, visto que foi manifestado apenas aos santos. Não vos deixeis iludir; eles não sabem por que somente “*A estes Deus quis*”. Vê como reprime suas interrogações. “*A estes Deus quis tornar conhecida*”. Sua vontade tem suas motivações. O Apóstolo assim se exprimiu, tornando-os mais abertos para a graça do que se os deixasse gloriarem-se de suas boas obras.

“*Qual é entre os gentios a riqueza da glória deste mistério.*” Falou com gravidade e beleza, e deu-lhe peso seu grande afeto, procurando intensificar as ampliações. É também uma ampliação dizer de modo indefinido: “*Qual é entre os gentios a riqueza da glória deste mistério*”. Com efeito, manifesta-se principalmente entre os gentios, segundo se expressa em outra passagem: “Ao passo que os gentios glorificam a Deus pondo em realce a sua misericórdia” (Rm 15,9). Na verdade, aparece também em outros, muito mais, contudo, nestes a grande glória do mistério. Entretanto, se conduziu de repente homens mais insensíveis que as pedras à dignidade dos anjos, somente por simples palavras e apenas pela fé, sem qualquer obra, é realmente glória e riqueza do mistério. Seria como se alguém de repente transformasse um cão esgotado pela fome e doença, torpe e disforme, incapaz de se mexer e prostrado num homem e o apresentasse num trono régio.

Vê, pois. Eles adoravam as pedras e a terra; haviam aprendido que eram melhores do que o céu e o sol e o mundo todo devia servi-las. Eram cativos, presos pelos vínculos do diabo; de repente puseram-se acima da cabeça dele, davam-lhe ordens e o flagelavam. De cultores e escravos dos demônios transformaram-se em Corpo do Senhor dos anjos e dos arcanjos. Aqueles que nem sabiam que Deus existe, logo se assentaram ao lado de Deus num trono. Queres verificar quantos degraus eles saltaram? Foi preciso, primeiro, saber que as pedras não são deuses; em segundo lugar, que não são deuses, mas são inferiores aos homens; em terceiro lugar, são menos que os irracionais; em quarto, estão abaixo das plantas; em quinto, procurar unir os extremos; porque não são adoráveis as pedras, nem a terra, os animais, as plantas, o homem, o céu, repetimos, não deve a natureza humana cultuar nem as pedras, nem a terra, nem os animais, nem as plantas, nem os elementos, nem os seres supra ou infraterrenos, nem o homem, nem os demônios, nem os anjos, nem os arcanjos, nem qualquer outra das potestades superiores. Deviam aprender, de certo modo retirando de grande profundidade, que apenas o Senhor do universo é Deus, que somente a ele importa adorar, que constitui coisa excelente um admirável estilo de vida, que a morte corporal não é propriamente morte, que a vida corporal não é propriamente vida. Que o corpo ressurgirá, far-se-á incorruptível, subirá aos céus, obterá a imortalidade, estará na companhia dos anjos, será para lá transferido. Somente Deus colocou o homem que se achava em lugar tão profundo, após superar e ultrapassar todos os degraus, lá em cima num trono. Fez superior aos Anjos e Arcanjos, aos Tronos e Dominações quem estava humilhado abaixo das pedras. Na verdade, o Apóstolo exprimiu-se bem: “*Qual é a riqueza da glória deste mistério*”. Seria como se alguém transformasse de repente um estulto em filósofo. Ou antes, por mais que fale alguém, não exprime esta realidade. Até as palavras de Paulo são imprecisas. “*Qual é entre os gentios a riqueza da glória deste mistério, que é Cristo em vós!*” Eles devem ainda saber que o mais elevado de todos, o chefe dos anjos, o dominador de todas as outras potestades, desceu à terra, fez-se homem, e tendo sofrido inúmeros males, ressuscitou e foi elevado aos céus.

Tudo isso pertencia ao mistério; e Paulo o apresenta com elogios: “*Que é Cristo em vós*”. Se está em vós, por que procuras anjos por mestres? “*Deste mistério*”, porque existem outros mistérios. Este, contudo, é na verdade mistério, que ninguém conheceu, admirável além de qualquer expectativa, até agora abscôndito. Declara o Apóstolo: “*Que é Cristo em vós, a esperança da glória! Esse Cristo nós o*

anunciamos”, trazendo-o do céu. E nós, não os anjos, *“o anunciamos, advertindo e instruindo”*, não por ordens ou coação. Pois aqui igualmente encontra-se um sinal do amor Deus: os homens não são guiados com tirania. Sendo um tanto pesado o termo: *“advertindo”*, acrescentou: *“instruindo”*, que compete mais a um pai do que a um mestre.

“Esse Cristo nós o anunciamos”, “advertindo os homens e instruindo-os em toda sabedoria”, isto é, com toda sabedoria e prudência ou expressando tudo com sabedoria. Por conseguinte, é necessária toda sabedoria. A possibilidade de entendê-la não é de qualquer um. “A fim de apresentá-los todos, perfeitos em Cristo Jesus.” Por que afirmas que são “todos”? Sim, diz ele, isto tentamos fazer. Como, então? Apesar de não o conseguir, todavia o beato Paulo esforçou-se por torná-los “todos perfeitos”. Seria a perfeição; do contrário, ficaria a obra inacabada. Por exemplo, quem não tivesse toda sabedoria, seria imperfeito. “Perfeitos em Cristo Jesus”, não na Lei, nem nos anjos; não seria perfeição. “Em Cristo”, isto é, no conhecimento de Cristo. Quem sabe o que Cristo fez tem visão mais elevada do que os anjos. “Em Cristo Jesus.”

29. *Para isso eu me esforço e luto,*

Não me aplico simplesmente, nem de qualquer modo, mas *“eu me esforço e luto”*, com muito zelo, isto é, com grande vigilância. Se, em vista de vosso bem, eu estou tão vigilante, muito mais vós deveis estar. Em seguida, mostra novamente que se trata de ação divina:

sustentado pela sua poderosa energia que em mim opera.

Revela tratar-se de obra de Deus. Aquele, pois, que me faz para tal forte e robusto, é claro que assim o quer. Por esse motivo assegura no começo: *“Pela vontade de Deus”* (Cl 1,1). Assim, não se exprimiu desta forma por modéstia, mas é em verdade literal: *“Eu me esforço e luto”*. Com isso evidencia serem muitos os que lutam contra ele. Depois, segue notícia de muita benevolência:

Preocupação de Paulo com a fé dos colossenses

2,1. *E quero que saibais como é grande a luta em que me empenho por vós e pelos de Laodiceia,*

Na sequência, a fim de não parecer que a solicitude era por causa da fraqueza deles, associa-lhes alguns outros e não repreende ainda.

e por todos quantos não viram minha face carnal

Demonstra de maneira excelente aqui que os via assiduamente em espírito. Atesta-lhes, entretanto, muito amor, pelo que acrescenta:

2. *para que sejam confortados os seus corações, unidos no amor, e para que eles cheguem a toda riqueza da plenitude do entendimento e à ciência do mistério de Deus Pai e de Cristo,*

3. *em quem se acham escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento!*

Já se esforça e angustia-se para tratar da doutrina; nem acusa, nem isenta-se de acusação. Tenho uma luta, diz, ou esforço-me e labuto. Por quê? Para nos unirmos. Quer dizer o seguinte: Fiquem eles firmes e estáveis na fé. Mas não se exprime deste modo, antes aparta qualquer observação que parecesse acusação; isto é, sejam *“unidos no amor”* e não por obrigação, nem violência. De fato, conforme disse, sempre os exorta sem incomodá-los; por isso, afirma: *“Eu me esforço”*, por desejar agir com amor e de boa vontade. Não somente em palavras, nem quero congregá-los inconsideradamente, mas *“para que sejam confortados os seus corações, unidos no amor, e para que eles cheguem a toda riqueza da plenitude do entendimento”*. Quer dizer, de nada duvidem, em tudo estejam plenamente convictos. Alude à plenitude de convicção que vem da fé. Existe uma convicção

por meio de raciocínios, mas esta não vem ao caso. Sei que acreditais, mas quero que estejais plenamente convictos; não em riquezas somente, mas em *“toda riqueza”*, a fim de estardes em tudo e inteiramente convictos. Observa a prudência do santo. Não disse: “Fazeis mal por não terdes plena convicção”, nem os acusa; e sim: “Não estais cientes de quanto me empenho a fim de terdes plena convicção com entendimento, e não temerariamente. Pois, se menciona a fé, acentua: “Não julgueis que falei temerária e inutilmente, mas com inteligência, com caridade.

“Ao conhecimento do mistério de Deus Pai e de Cristo.” Tal é o mistério de Deus: ser guiados pelo Filho. *“E de Cristo, em quem se acham escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento!”* Se, porém, se acham nele, foi igualmente sabedoria a sua vinda somente agora. Por que, então, alguns estultos o acusam? Vê como Paulo se exprime diante dos mais simples: *“Em quem se acham todos os tesouros”*. Ele próprio conhece tudo. *“Escondidos.”* Por conseguinte, não julgues já conhecer tudo. Acham-se escondidos até para os anjos, e não apenas para vós. Por isso, devemos pedir-lhe todas as coisas. Ele concede sabedoria e conhecimento. Ao dizer: *“Tesouros”* designa uma multidão, e dizendo: *“Todos”*, que Cristo nada ignora; *“Escondidos”* declara que só ele sabe.

4. Digo isto para que ninguém vos engane com argumentos capciosos,

Vês, assegura, que assim me expressei a fim de não procurardes a solução da parte dos homens. *“Engane com argumentos capciosos.* O que fazer, então, se algum de vós usa de argumentos persuasivos?

5. pois, embora eu esteja ausente corporalmente, espiritualmente estou convosco,

Seria consequente dizer: “Pois, embora esteja ausente quanto à carne”, no entanto conheço perfeitamente os falazes. Agora, contudo, termina com um elogio.

alegrando-me ao ver a vossa ordem e a firmeza da vossa fé em Cristo.

“A ordem”, a boa ordem, diz ele. *“E a firmeza da vossa fé em Cristo”*. Constitui grande louvor. E não disse: *“A fé”*, mas: *“A firmeza”*, como acontece a soldados em posição ordenada e firme. Nem a fraude, nem a tentação sacode o que é firme e sólido. Não somente, afirma ele, não caístes, mas ainda ninguém perturba a ordem entre vós. Ele próprio se apresentou, a fim de o respeitarem como em sua presença. Desta sorte, a ordem foi conservada.

À firmeza segue-se a densidade. Com efeito, sobrevém a firmeza quando muitos materiais são reunidos e conglomerados densa e inseparavelmente; então obtém-se a firmeza, como na construção de um muro. Tal a obra de caridade: dos congregados, quando cuidadosamente reunidos e compactados, resulta a firmeza. E a fé ainda faz o mesmo, quando não deixa penetrarem os raciocínios. Pois, enquanto os raciocínios distinguem e agitam, a fé consolida e concentra. Uma vez que Deus nos outorga maiores benefícios do que a razão pode abranger, com justeza ele introduziu a fé. Não pode tornar-se firme e sólido o que reclama razões.

Eis, portanto, que as verdades mais importantes e maiores entre nós, desprovidas de raciocínios, só pertencem à fé. Deus não está em parte alguma, e está em toda parte. O que há de menos racional? Cada uma dessas afirmações, por si, ocasiona perplexidade e hesitação. Com efeito, não está num lugar, nem existe local onde esteja.

Não foi gerado, não fez a si mesmo, não começou a existir. Qual a razão que a isto adira, senão a fé? Acaso não parece ridículo, e mais insolúvel do que um enigma?

O fato de ser sem princípio, ingênito, incircunscrito e infinito causa perplexidade; relativamente ao fato de ser incorpóreo, vejamos se é possível raciocinar. Deus é incorpóreo. O que é ser incorpóreo?

Simples palavra; a mente não o concebe, nem pode formar uma ideia; se acaso formar uma ideia, recai no plano natural e corpóreo. Por esse motivo, a boca profere o termo, mas o pensamento não apreende o que é proferido, a não ser que não é um corpo; só isto sabe.

E o que direi a respeito de Deus? Quanto à alma, o que significa ser incorpórea, ter sido criada, estar no invólucro do corpo, ser circunscrita? Dize! Explica! Mas, verdadeiramente, não podes. É ar? Mas o ar é corpo, apesar de não ser compacto, e de muitos modos consta que é corpo inconsistente. É fogo? O fogo, contudo, é corpo, enquanto a operação da alma é incorpórea. Por quê? Porque invade tudo. Se, porém, fosse corpo, um ser incorpóreo estaria num lugar; certamente também seria circunscrita. O que é circunscrito encontra-se em determinada figura, a figura provém das linhas, as linhas dos corpos. E ainda, o que não tem forma, que noção produz? Não tem figura, nem forma, nem tipo. Vês como a mente encontra-se no escuro?

Mais. A natureza divina é incapaz de praticar o mal; seria boa de livre vontade? Por conseguinte, para o bem é habilitada. Mas não se pode exprimir; de modo algum.

Mais. Veio à existência voluntária ou involuntariamente? Nem isto é possível expressar.

Mais. Circunscreve o orbe terrestre, ou não? Se, porém, não circunscreve, o próprio Deus fica circunscrito; se, contudo, circunscreve, é infinito por natureza.

Ainda, circunscreve a si mesmo? Mas, se circunscreve a si mesmo, então não é sem princípio por si mesmo, mas somente para nós. Então, não é sem princípio por natureza. Em toda parte há necessariamente contradições. Vês que existe grande obscuridade, e a fé é sempre necessária. Ela é firme e sólida.

Mas, se queres, desçamos a coisas inferiores. Cada ser tem a operação que lhe é própria. E em que consiste nele a operação? Acaso em algum movimento? Por conseguinte, não é imutável, pois o que se move não é imutável; da imobilidade passa ao movimento. Conquanto se move, nunca para. De que espécie de movimento se trata, dize-me? Porque temos sete espécies: para cima, para baixo, para dentro, para fora, para a esquerda, para a direita, e o circular. Ou senão, de outro ponto de vista: aumento, diminuição, nascimento, corrupção, alteração. Mas por nenhum destes se move; seu movimento, porém, assemelha-se àquele que move a mente? Na verdade, nem isso; de forma alguma. Relativamente a muitas questões, a mente se move de modo absurdo. O querer identifica-se com o operar? No entanto, Deus quer que sejam bons todos os homens e se salvem. Por que isso não sucede? Uma coisa é querer, e outra executar? Para operar absolutamente não basta a vontade. Por que, então, diz a Escritura: “Fez tudo o que desejou” (Sl 113,11)? E igualmente o leproso, a Cristo: “Se queres, tens poder para purificar-me” (Mt 8,2)?

Quereis outras perguntas? Como as coisas que não existiam passaram a existir? Como se resolvem no nada? O que é mais alto do que o céu? E o que mais alto ainda? E mais uma vez o que é mais alto? E de novo, mais alto? E isto até o infinito. O que há mais profundo que a terra? O mar. E o que embaixo dele? E de novo mais abaixo? Mas tanto à direita quanto à esquerda, não é idêntica a dúvida?

Isto, acerca das coisas invisíveis. Quereis que discurremos sobre as coisas visíveis? Do que já aconteceu? Explica-me como Jonas esteve no ventre da baleia e não morreu? (cf. Jn 2) Acaso não é impensável? Não é vão elaborar raciocínios? Como foi poupado o justo? O calor não o sufocou? Não se corrompeu? Pois já é perigoso estar nas profundezas do mar, muito mais perigoso estar nas vísceras da baleia e com aquele calor! Como, pois, aspirou ali o ar? Como o ar bastava para a respiração de dois seres vivos? Como o vomitou ileso? Como até falava? Como estava consciente e até rezava? Não é incrível? Incrível se procurarmos pelo raciocínio; pela fé, é bem crível.

Irei mais adiante? O trigo no seio da terra corrompe-se e surge de novo. Vê os milagres opostos, e um a superar o outro. É admirável não ter apodrecido, admirável o elemento corrompido novamente brotar.

Onde estão os que não creem na ressurreição e dizem: “Como um osso se consolida unido a outro?” E introduzem tais palavras como se fossem histórias fabulosas. Dize-me. Como Elias ascendeu num carro de fogo? (2 Rs 2,11) O fogo costuma queimar e não conduzir para cima. Como vive durante tanto tempo? Em que lugar? Por que tal coisa sucedeu? Para onde foi trasladado Enoque? Alimenta-se de maneira igual à nossa? E o que impede que ele esteja aqui? Ou não se alimenta? E por que foi trasladado?

Vê como Deus nos educa paulatinamente. Trasladou Enoque. Não é tão grande feito. Preparou-nos para a assunção de Elias. Mais uma vez, encerrou Noé na arca; nem isso é tão grande feito. Preparou-nos para a inclusão do profeta no ventre da baleia. Assim também o Antigo Testamento teve necessidade de precursores e de figuras.

Como nas escadas, o primeiro degrau remete ao segundo; do primeiro, porém, não se pode ir ao quarto. Do primeiro degrau vamos abrindo caminho ao segundo, e deste àquele; nem antes do primeiro é possível ir ao segundo. O mesmo acontece aqui. Observa que existem sinais de sinais. E o verificarás na escada que viu Jacó: Em cima, apoiava-se firmemente o Senhor, embaixo, no entanto, anjos a subir e descer (Gn 28,12-13).

Anunciava-se profeticamente que o Pai tem um Filho; é objeto de fé. De onde queres que eu mostre os sinais desta realidade? Do alto para baixo, ou de baixo para cima? Importa saber que ele gera impassivelmente. Por isso uma estéril anteriormente deu à luz. Ou melhor, dissertemos começando da parte superior. Era preciso que se acreditasse que o Pai gerara por si mesmo. E então? Isso se faz, mas obscuramente, a saber, em sombras e figuras; mas realiza-se; e no decorrer dos tempos torna-se de certo modo mais claro. De um homem só forma-se a mulher, e ele permanece íntegro. Ainda, devia haver sinal seguro a respeito do nascimento de uma Virgem. Uma estéril dá à luz, não uma só vez, mas duas, e três e muitas vezes. A estéril foi tipo do nascimento de uma Virgem, e ela remete a mente à fé. Ainda foi tipo de que Deus só por si pode gerar. Apesar, pois, de ser o homem mais capaz que a mulher, mesmo sem ele foi possível um nascimento; muito mais pode gerar por si aquele que é mais capaz do que o homem. Existe outra geração que é tipo da realidade, a nossa regeneração originária do Espírito. A estéril é ainda tipo desta, porque não gera do sangue; e serve como tipo da geração superior. De um lado, dá-nos a conhecer que Deus gera na impassibilidade; de outro, na verdade, que pode gerar só por si.

Cristo é o soberano absoluto de todos os seres. É também para se acreditar. Acontece assim na terra relativamente ao homem: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança” (Gn 1,26), de sorte que domine sobre todos os animais. Assim educou-nos não com palavras apenas, mas ainda com os eventos. O paraíso indica a separação de sua natureza, e que o homem é o mais excelente de todos os seres.

Cristo havia de ressuscitar. Vê, de resto, quantos sinais deste evento: Enoque, Elias, Jonas, os acontecimentos na fornalha, o dilúvio na época de Noé, as sementes, as plantas, a nossa geração e a de todos os animais. Uma vez que tudo isso pode falhar, especialmente a esse respeito existiram muitas figuras.

É possível conjecturar por aquilo que nos acontece que todas as coisas são governadas pela providência, pois nada subsiste sem a providência, mas até os rebanhos e os demais seres precisam de

governo. E assinalam que nada se faz ao acaso tanto a geena, quanto o dilúvio no tempo de Noé, o fogo, a submersão dos egípcios, os acontecimentos no deserto.

Era necessário também que muitos sinais precedessem o batismo. Temos os eventos relativos à água e outros inúmeros realizados no Antigo Testamento, os da piscina (cf. Jo 5,2ss); a purificação do que estava doente, o próprio dilúvio, o batismo de João.

Fazia-se mister acreditar que Deus entregou seu filho; um homem previamente o fez. Quem é ele? O patriarca Abraão. Por conseguinte, de tudo isso, se quisermos, encontramos tipos, se procurarmos na Escritura.

Mas, a fim de não nos cansarmos, empreguemos moderação. Tenhamos fé firme e estável, adotemos apurado estilo de vida, de sorte que por tudo demos graças a Deus, sejamos dignos dos bens prometidos àqueles que o amam, pela graça e benignidade de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, e simultaneamente com o Espírito Santo glória, poder, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

SEXTA HOMILIA

II. ADVERTÊNCIA CONTRA OS ERROS

Viver segundo a fé em Cristo

2,6. *Portanto, recebestes a Cristo Jesus, o Senhor; assim nele andai,*

7. *arraigados nele, sobre ele edificados, e apoiados na fé, como aprendestes, e nela transbordando em ação de graças.*

Novamente ele os previne com seu próprio testemunho, nesses termos: “*Portanto, recebestes*”. Nada de estranho introduzimos, afirma; certamente, nem vós. “*Assim nele andai*”, pois ele é o caminho que conduz ao Pai. Não através dos anjos; este caminho não conduz para lá. “*Arraigados nele*”, isto é, firmes e estáveis, não ora para cá, ora para lá, mas “*arraigados*”; o que está arraigado, é provável não ser removido. Vê como emprega expressões adequadas. “*Sobre ele edificados*”, isto é, todos os vossos pensamentos primeiro dirigidos para ele. “*E apoiados*” nele, isto é, agarrando-o, e sobre ele, qual alicerce, edificamos. Revela que eles haviam caído; indica-o a expressão: “*Edificados*”. Na verdade, o edifício é a fé e necessita de alicerces fortes, e de construção segura. Com efeito, se alguém não construir com segurança, o todo será abalado; e se com fundamento seguro, mas não for sólida a construção, não ficará de pé.

“*Como aprendestes.*” Este: “*Como*” significa que nada de novo enunciou. “*E nela transbordando em ação de graças*”. É próprio dos que são de ânimo bom. Não digo simplesmente agradecer, mas em medida transbordante, se é possível, mais do que aprendestes, com grande intensidade.

8. *Tomai cuidado para que ninguém vos alicie.*

Vês como aponta o opositor como ladrão e estranho, que se insinua imperceptivelmente; pois já se lhe afigura como prestes a se insinuar. E fala com justeza: “*aliciando*”, escavando (*sylagagan*).

Como não se percebe quando alguém escava de baixo um montão de terra, mas ele resvala, assim também age aquele. Por conseguinte, “*tomai cuidado*”: de fato, ele atua de sorte a não ser percebido.

Pela *filosofia*.

Em seguida, visto que a filosofia tem aspecto respeitável, acrescenta:

por vãs e enganosas seduções

Existe uma boa maneira de seduzir, que muitos experimentaram, e propriamente não se deve chamar de sedução, à qual se refere Jeremias: “Tu me seduziste, Senhor, e eu me deixei seduzir” (Jr 20,6). De forma semelhante, nem se deve denominar sedução a seguinte: Jacó enganou o pai, mas não era fraude, e sim um desígnio divino.

por vãs e enganosas seduições da filosofia, segundo a tradição dos homens, segundo os elementos do mundo, e não segundo Cristo.

O Apóstolo toca com uma espécie de censura na observância dos dias, denominando “*elementos do mundo*” o sol e a lua, conforme declara também na Carta aos Gálatas: “Como é possível voltardes novamente a estes fracos e miseráveis elementos?” (Gl 4,9). E não diz: “Observância dos dias”, e sim: “Do mundo presente”, a fim de aludir à insignificância deles; pois, se o mundo nada é, muito mais os seus elementos.

Depois de ter apontado a quantos benefícios receberam, quantos bens, faz a acusação a fim de torná-la mais forte, e repreender os ouvintes. Igualmente os profetas sempre assim procediam: primeiro manifestavam as boas obras e logo acrescentavam a acusação, conforme diz Isaías: “Criei filhos e fi-los crescer, mas eles se rebelaram contra mim” (Is 1,2). E ainda: “Meu povo, que te fiz eu? Em que te contristei? Em que te fui molesto?” (Mq 6,3). E Davi, ao dizer: “Eu te respondi, escondido no trovão” (Sl 81,8), e ainda: “Abre a boca, e eu a encherei” (Sl 81,11). E em todas as partes assim encontrarás. Por conseguinte, embora eles digam algo, não vos deixeis persuadir; agora, porém, deveis também sem consideração pelos benefícios recebidos, fugir de seus ensinamentos.

“*E não segundo Cristo.*” Pois, se as coisas fossem de tal modo que podíeis dividir e servir a dois senhores, não devíeis agir desta forma; agora, no entanto, não vos permitem ser “*segundo Cristo*”. Afastar-vos-iam disto. O Apóstolo, tendo primeiro abalado as observâncias gregas, agora elimina também as judaicas. E tanto os gregos quanto os judeus têm muitas observâncias, os primeiros segundo a filosofia, os outros, porém, conforme a Lei. O Apóstolo primeiro vai contra os que eram mais censuráveis. Como: “*não segundo Cristo*”?

Cristo, o único verdadeiro

Chefe dos homens e dos anjos

9. *Pois nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade*

10. *e nele fostes levados à plenitude. Ele é a Cabeça de todo Principado e Potestade.*

Vê como ao acusá-los atenua, expondo primeiro a solução e depois a objeção. Esta solução não é suspeita e antes concilia o ouvinte, porque não fala com ardor. Pois, do contrário, também se empenharia em não ser superado, mas neste caso tal não sucede.

“*Pois nele habita*”, isto é, Deus nele habita. Mas, a fim de não julgares que Cristo se acha circunscrito de certo modo num corpo, afirma: “*Corporalmente toda a plenitude da divindade e nele fostes levados à plenitude*”. Alguns asseguram que ele declara ser a Igreja repleta de sua divindade, conforme reza outra passagem: “aquele que plenifica tudo em todos” (Ef 1,23); corporalmente, porém, como na cabeça o corpo. Por que, então, não acrescentou: “que é a Igreja”? Alguns asseveram que é do Pai que fala, porque a plenitude da divindade nele habita; mas não está certo. Primeiro porque a expressão: “habitar” não se aplica propriamente a Deus; em segundo lugar, porque também não se lhe atribui “a plenitude”. Pois, “do Senhor é a terra e a sua plenitude” (Sl 24,1). E de novo diz o Apóstolo: “Até que chegue a plenitude dos gentios” (Rm 11,25). O todo chama-se plenitude. Em seguida, o que

quer dizer: “*Corporalmente*”? Como que na cabeça. Por que, então, ele repete: “*E nele fostes levados à plenitude*”? O que significa isto? Que nada tendes de menos do que ele; assim como nele habita a divindade, também habita em vós.

Paulo se esforça por vos assemelhar a Cristo, como quando diz: “E com ele nos ressuscitou e nos fez assentar nos céus”. E ainda: “Se com ele sofremos, com ele reinaremos” (2Tm 2,12); e: “Como não nos há de agraciar em tudo junto com ele” (Rm 8,32), chamando-nos também de co-herdeiros. Depois, acerca da dignidade: “*Ele é a Cabeça de todo Principado e Potestade*”. Aquele que é superior a todos e a causa de todo principado e potestade não será consubstancial? Então, trata de um benefício divino de modo muito mais admirável do que na Carta aos Romanos. Efetivamente, lá aduz: “A circuncisão do coração, segundo o espírito e não segundo a letra” (Rm 2,29); aqui, porém: “*em Cristo*”.

11. *Nele fostes circuncidados, por uma circuncisão não feita por mão de homem, mas pelo pleno despojamento do corpo de pecados na carne: essa é a circuncisão de Cristo.*

Vê como aborda a questão. “*No pleno despojamento*”; só a expressão: “*despojamento*” não basta. “*Do corpo de pecados*” alude ao antigo modo de vida. Refere-se de maneira assídua e variada, conforme se expressava mais acima: “*Ele nos arrancou do poder das trevas*” e quando éramos estranhos, reconciliou-nos para sermos “*santos e imaculados*” (Cl 1,13; cf. 1,21-22). Não mais, diz ele, a circuncisão é pela faca, mas no próprio Cristo. Já não é a mão que opera esta circuncisão, conforme outrora, e sim o Santo Espírito. Não um membro, mas o corte atinge o homem todo. É corpo este, é corpo aquele, mas um é circuncidado carnalmente, outro espiritualmente, e não como os judeus; pois não vos despojastes da carne, mas dos pecados. Quando e onde? No batismo. Ele o denomina circuncisão e também sepulcro. Vê como passa outra vez para as justificações. Ele diz: “*pecados na carne*”, isto é, que eles praticaram, estando na carne. Diz mais do que a circuncisão. Não apenas jogaram fora o que foi amputado, mas perderam e corromperam.

12. *Fostes sepultados com ele no batismo, no qual também com ele ressuscitastes, pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dos mortos.*

Mas não é somente sepulcro. Vê, pois, o que afirma: “no qual também com ele ressuscitastes, pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dos mortos”. Expressou-se com justeza, porque tudo depende da fé. Crestes que Deus pode ressuscitar; e deste modo ressuscitastes. Em seguida, o que é fidedigno: “Que o ressuscitou dos mortos”. Já indica a ressurreição:

13. *Vós estáveis mortos pelas vossas faltas e pela incircuncisão da vossa carne e ele vos vivificou juntamente com Cristo.*

Estáveis sujeitos à morte. Se, de fato, tivésseis morrido, não seria inutilmente, mas morte proveitosa. Vê como de novo mostra de que eram dignos, pelo acréscimo:

Ele nos perdoou todos os pecados.

14. *apagou, em detrimento das ordens legais, o título de dívida que existia contra nós, e tirou-o do meio, pregando-o na cruz,*

15. *na qual ele despojou os Principados e as Potestades, expondo-os em espetáculo, levando-os em cortejo triunfal.*

“Ele nos perdoou todos os pecados.” Quais? Os que acarretavam mortalidade. E como? Acaso deixou o título subsistir? De forma alguma, mas o apagou; não só riscou, mas também aboliu, de sorte que não mais fosse apresentado. “As ordens”, diz ele. Quais ordens? Relativas à fé. Certamente basta acreditar. Não acrescentou obras às obras, mas obras à fé. E após tudo isso, o que acontece? Novamente une à remissão a abolição. “Apagou-o inteiramente.” E nem assim conservou-o, mas também rasgou-o, “pregando-o na cruz, na qual ele despojou os Principados e as Potestades, expondo-os em espetáculo, levando-os em cortejo triunfal”. Jamais falara de forma tão magnífica.

Vês quanta diligência empregou em descrever a abolição do título? Na verdade, éramos todos sujeitos ao pecado e à pena. Ele próprio, sendo punido, solveu o pecado e a pena; pois fora punido na cruz. Lá, por conseguinte, pregou o título; em seguida, com autoridade (cf. Mt 7,29) rasgou-o. Qual título? Ou dizia o mesmo que os israelitas disseram a Moisés: “Nós observaremos todas as palavras ditas pelo Senhor” (Ex 24,3); ou, se não foi isso, que devemos obediência a Deus; ou se não, que o diabo detinha o título, que Deus exarou contra Adão, dizendo: “No dia em que dela comeres, hás de morrer” (Gn 2,17). Esse título estava em poder do diabo. Nem este Cristo nos devolveu, mas ele próprio o rasgou; sinal de que com alegria saldou a dívida.

“Ele despojou os Principados e as Potestades”, as potestades diabólicas, ou porque a natureza humana as revestira, ou porque ele as mantinha como uma alça e Cristo feito homem tirou a alça. É este o sentido da palavra: “expondo-os em espetáculo”. Falou com propriedade. De fato, nunca o diabo se viu num transe tão indecoroso. Pois, quando esperava detê-lo em seu poder, perdeu também quanto tinha: crucificado o corpo, os mortos ressuscitaram. Ali o diabo recebeu o ferimento, tendo sido golpeado mortalmente por um corpo morto. E como um atleta enquanto julga ter ferido o adversário recebe um ferimento mortal, assim também aqui Cristo mostrou que o morrer confiadamente constitui uma vergonha para o diabo. Pois o diabo tudo faria, se pudesse, para persuadir os homens de que Cristo não morreria. Pois, visto que todo o tempo posterior era sinal e indício da ressurreição, da morte, porém, se não fosse aquela ocasião, não haveria outra oportunidade, por conseguinte morreu, na verdade, publicamente à vista de todos, mas não ressuscitou em público, sabendo que o futuro daria testemunho da verdade. Com efeito, é admirável que a serpente tenha morrido no madeiro (cf. Jo 3,14), à vista do mundo todo. Pois o que não fez o diabo a fim de que

morresse clandestinamente? Ouve como se exprime Pilatos: “Tomai-o vós e crucificai-o, porque eu não encontro culpa nele” (Jo 19,6). E ainda diziam os próprios judeus: “Se és Filho de Deus, desce da cruz” (Mt 27,40). De resto, visto que recebeu o golpe mortal, e não desceu, por isso foi entregue à sepultura; e podia ressurgir imediatamente, somente teria de ser comprovado o fato. Embora no caso de morte comum é possível imputar um simples desfalecimento em vez de morte; aqui, porém, não é possível. Pois, nem os soldados lhe quebraram as pernas, como as dos outros, porque era evidente que havia morrido. E era evidente igualmente aos que lhe sepultaram o corpo; por isso, os próprios judeus selaram a pedra, e colocaram ali guardas (Mt 27,66). O maior empenho de todos era de que não ficasse encoberta a realidade da morte. E houve testemunhas da parte dos gentios, da parte dos judeus. Escuta o que dizem a Pilatos: “Aquele impostor disse, quando ainda vivo: ‘Depois de três dias ressurgirei!’ Ordena, pois, que o sepulcro seja guardado com segurança” (Mt 27,63-64). Isso sucedeu pelo fato de que eles o selaram. Escuta o que posteriormente falaram aos apóstolos: “Quereis assim fazer recair sobre nós o sangue deste homem!” (At 5,28). O próprio modo da crucifixão não permitiu que fosse difamado. Visto que os anjos não padeceram dessa forma, ele próprio faz tudo a fim de mostrar que por sua morte realizara algo grandioso; pois constituiu uma espécie de combate singular. A morte atingiu a Cristo; mas Cristo ferido por fim a eliminou. Pelo corpo de um morto foi derrubado aquele que parecia imortal; e a terra inteira o presenciou. E coisa maravilhosa: não entregou a execução a outrem; mas exarou outro documento, distinto do primeiro.

Atenção, portanto, a fim de não sermos por ele convencidos, depois de termos dito: “Renunciamos a Satanás e unimo-nos a ti, ó Cristo”. Ou melhor, talvez não deva ser chamado documento, mas aliança. Pois documento é relativo à contração de um débito; aqui, porém, se trata de aliança e pacto; não inclui sanção, nem se diz: “Se for assim”, ou: “Se não for”. Moisés também o disse, ao aspergir o sangue do testamento (Ex 24), e Deus igualmente ao prometer a vida eterna. Todas essas são alianças. Num caso, entre servo e senhor, no outro, entre amigo e amigo. Naquele foi proferido: “No dia em que dela comeres terás de morrer” (Gn 2,17). Imediatamente uma ameaça. Aqui, contudo, nada de semelhante. Aqui havia nudez, e lá nudez; lá, na verdade, tendo pecado, o homem ficou desnudo devido ao pecado; aqui, porém, foi despojado para ser libertado. O homem foi privado então da glória que possuía; agora despiu o velho homem, e antes de ascender (no batismo), dele se despojou mais facilmente do que de um manto. É ungido, à semelhança dos atletas antes de entrar no estádio. Nasce de uma vez, e não é plasmado sucessivamente como o primeiro homem, mas imediatamente. A unção não foi, como outrora a dos sacerdotes, somente na cabeça e espalhava-se um pouco mais. Então, apenas a cabeça, o ouvido direito e a mão eram ungidos a fim de estar disposto à obediência e às boas obras; agora, porém, o corpo todo é ungido. Agora, o homem não veio apenas para receber o ensino, mas também para lutar e exercitar-se para se tornar nova criatura. Pois, logo que confessou crer na vida eterna, confessou também ser nova criatura.

Deus tomou do pó da terra, e plasmou o homem (Gn 2,7); de resto, não tomou do pó, mas plasmou, dispôs pelo Espírito Santo, à semelhança do próprio Cristo no seio da Virgem. Não disse: No paraíso, e sim: No céu. Pelo fato de lhe estar sujeita a terra, não julgues que está na terra; daqui foi trasladado para o céu; lá estas coisas se realizam no meio dos anjos. Deus levou para o alto a tua alma, e no alto a ajustou; fez com que estivesses junto do trono real. É plasmado e formado na água, e recebe o espírito que dá a vida. Mas, formado o homem, não conduz para junto dele os animais e sim os demônios o príncipe deles e ordena-lhe: “Pisai serpentes e escorpiões” (cf. Lc 10,11). Não diz: “Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança” (Gn 1,26). O que, então? Dá-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus, que não nasceram do sangue, mas de Deus (cf. Jo 1,12.13).

Em seguida, a fim de não ouvires a serpente, logo aprendes a proferir: “Renuncio a ti”, isto é: “Digas o que quiseses; não te ouvirei”. Depois, a fim de que não te apanhe por intermédio de outros, diz: “E às tuas pompas, ao teu culto, e aos teus anjos”.

Deus não o colocou para guardar o paraíso, mas para ter a cidadania no céu. Logo que subir, há de pronunciar estas palavras: “Pai nosso, que estás nos céus. Seja realizada a tua vontade na terra, como é realizada nos céus” (Mt 6,9-10). O menino não cai de bruços, não vê a árvore, nem a fonte; mas logo abraçarás o próprio Senhor, unir-te-ás intimamente a seu corpo, junto ao corpo que está nas alturas do céu, onde é impossível o acesso ao diabo. Não existe mulher alguma para ele aceder e por ser mais fraca ser enganada. “Não há homem nem mulher” (Gl 3,28). Se não desceres para junto dele, ele não poderá alcançar o lugar onde estás; porque, de fato, estás no céu e o céu não é acessível ao diabo. Não existe uma árvore do conhecimento do bem e do mal, mas somente a árvore da vida. Não mais será tirada do teu lado a mulher, mas todos nós somos tirados do lado de Cristo. Pois, se os que foram ungidos pelos homens, nada sofrem dano da parte das serpentes, nem tu sofrerás algo enquanto estiveres ungido, a fim de poderes agarrar a serpente, sufocá-la e “pisar serpentes e escorpiões” (cf. Lc 10,19).

Mas como são grandes os dons que recebemos, assim grande é igualmente a ameaça de suplício. Não é lícito, tendo saído do paraíso, habitar diante do jardim (cf. Gn 3, 24), nem voltar para o lugar donde fomos expulsos. E o que esperar depois? A geena e o verme que não se extingue. Mas não suceda que algum de nós seja submetido a este suplício; entretanto, vivendo na virtude, esforcemo-nos por agir de acordo com a vontade de Deus, de maneira a ser-lhe agradável, a fim de nos livrarmos dos suplícios e gozar dos bens eternos, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, com o qual ao Pai e ao Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

SÉTIMA HOMILIA

2,16. *Portanto, ninguém vos julgue por questões de comida e de bebida, ou a respeito de uma festa ou de lua nova ou de sábados,*

17. *que são apenas sombra das coisas que hão de vir, mas o corpo é o de Cristo.*

18. *Ninguém vos prive do prêmio, com engodo de humildade, de culto dos anjos, envolvido em falsas iniciações, em vão inchado de orgulho em sua mente carnal,*

19. *ignorando a Cabeça, pela qual todo o Corpo, alimentado e preso pelas juntas e ligamentos, realiza o seu crescimento em Deus.*

Tendo dito antes de modo enigmático: “Tomai cuidado para que ninguém vos alicie... segundo a tradição dos homens”, e ainda mais acima: “Digo isto para que ninguém vos engane com argumentos capciosos” (Cl 2,8; 2,4), e prevenindo e tornando solícito o ânimo, em seguida, interpõe os benefícios e os amplia; logo acrescenta a repreensão, nestes termos: “Portanto, ninguém vos julgue por questões de comida e de bebida, ou a respeito de uma festa ou de lua nova ou de sábados”.

Vê como lhes atribui pouca importância? Se vós participais de tais graças, por que vos sujeitais a essas minúcias? E as deprecia, dizendo: “A respeito de uma festa”; não se refere, porém, a todas as festas anteriores. “Ou de lua nova ou de sábados”. Não ordena: “Não continueis a observar”, e sim: “Ninguém vos julgue”. Manifesta que eles as estavam transgredindo e dissolvendo, mas dirige a acusação contra outros. Não suporteis, quer ele dizer, aqueles que vos julgam. Todavia, nem isto declara; dirige-se somente a eles, sem lhes fechar a boca, dizendo: “Não deveis julgar”. Não queria

repreendê-los. Não declara: “Em coisas puras e impuras”; nem diz: “Na lua nova e ázimos e Pentecostes, e sim: “A respeito de uma festa”. Eles não ousavam observar tudo; e se observavam, não era a ponto de celebrar a festa. “A respeito de uma festa”, diz ele, mostrando que a maior parte estava abolida. Se, portanto, também guardavam o sábado, não o faziam com apuro.

“*Que são apenas sombra das coisas que hão de vir*”, do Novo Testamento. “*Mas o corpo é o de Cristo.*” Alguns fazem assim a pontuação: “O corpo, porém, Cristo”. A realidade veio em Cristo. Outros, contudo, interpretam conjuntamente com o seguinte: *to sama Christou madeis hymas katabrabeueta*: “Ninguém vos prive do corpo de Cristo”, isto é, procure vos prejudicar. *Katabrabeuthanai* diz-se quando um alcança a vitória e outro se apossa da recompensa, quando o vencedor é privado do prêmio. Estás acima do diabo e do pecado; por que novamente te sujeitas ao jugo do pecado? Por este motivo, o Apóstolo escreve na Carta aos Gálatas: “Ele está obrigado a observar toda a Lei”, e ainda: “ Não seria então Cristo ministro do pecado?” (Gl 5,3; 2,17).

Visto que então excitou-lhes a ira, ao dizer: “*Ninguém vos prive do prêmio*”, agora começa: “*com engodo de humildade, de culto dos anjos, envolvido em falsas iniciações, em vão inchado de orgulho em sua mente carnal*”. Como: “*de humildade*”? Ou como: “*inchado*”? Indica ser tudo vanglória. O que é que se diz, enfim? Havia alguns que afirmavam que não devíamos ser conduzidos a Deus por Cristo, mas pelos anjos; porque seria grande demais para nós. Por isso, Paulo revolve em seu ensinamento de todos os lados o que se refere a Cristo, explicitando: “*Realizando a paz pelo sangue de sua cruz*” (Cl 1,20). “Cristo sofreu por nós” (cf. 1Pd 2,21). “Pelo grande amor com que nos amou” (Ef 2,4). E nisto novamente deviam sentir-se interpelados. E o Apóstolo não diz: “Introduzido pelos anjos” e sim: “*Culto dos anjos*”; “*envolvido em falsas iniciações*”. Efetivamente, este não havia visto anjos; agia, contudo, como se tivesse visto. Por essa razão, diz o Apóstolo: “*Em vão inchado de orgulho em sua mente carnal*”. Não se inchou por causa da verdade, mas de uma opinião. E apresenta aspecto humilde, conforme provavelmente queria dizer o Apóstolo: É raciocínio humano, sinal de “*sua mente carnal*”, não espiritual.

“*Ignorando a Cabeça, pela qual todo o Corpo*”, a saber, donde lhe vem o ser, e ser bom e belo. Por que abandonando a Cabeça, aderes aos membros? Se de lá caíres, estás perdido. “*Pela qual todo o Corpo*”, assegura. Todos, sem exceção, recebem dele não só a vida, mas também a conexão com ele. Toda a Igreja, enquanto tiver a Cabeça, cresce. Não é arrogância e vanglória, invenção da mente humana. Eis que a expressão: “*Pela qual*” é atinente ao Filho. “*Alimentado e preso pelas juntas e ligamentos, realiza o seu crescimento em Deus*”, a saber, segundo Deus, por excelente estilo de vida.

20. Se morrestes com Cristo...

Coloca-o no meio, e o que é mais forte, de ambos os lados.

Se morrestes com Cristo para os elementos do mundo, por que é que vos sujeitais, como se ainda vivêsseis no mundo, a proibições?

Não tem sequência lógica; portanto, convém dizer: “Por que, como se ainda vivêsseis, sujeitai-vos aos elementos?” Mas isto foi abandonado; por que dizer:

21. “Não pegues, não proves, não toques”?!

22. *Tudo isso está fadado ao desaparecimento por desgaste, enquanto preceitos e ensinamentos dos homens.*

Não pertenceis ao mundo, assegura. Por que vos submeteis aos elementos? Aos preceitos dos homens? E vede como os ridiculariza: “*Não pegues, não proves, não toques*”, como se eles se

abstivessem de grandes coisas. *“Tudo isso está fadado ao desaparecimento por desgaste.”* Faz desaparecer o inchaço de muitos, e adita: *“Enquanto preceitos e ensinamentos dos homens”*. O que dizes? Apesar do nome de lei, finalmente terá só valor de ensinamento humano, no decorrer do tempo. Ou assim se exprime porque a adulteravam; ou implicitamente aponta para os ensinamentos dos gregos. Tudo isso, diz ele, constitui preceito humano.

23. *Têm na verdade aparência de sabedoria pela religiosidade afetada, pela humildade e mortificação do corpo, mas não têm valor algum senão para satisfação da carne.*

“Aparência”, afirma, não força; portanto, nem realidade. Apesar da aparência de sabedoria, apartamo-nos. Com efeito, alguém pode parecer piedoso e modesto e respeitador do corpo e entretanto não ser assim. *“Mas não têm valor algum senão para satisfação da carne.”* Deus conferiu honra ao corpo; eles, porém, não o empregaram com honra. Deste modo, se é preceito ou ensinamento, o Apóstolo sabe denominá-lo valor. Eles desrespeitam a carne, despojando-a e tirando-lhe o poder e não permitindo que voluntariamente ponha as coisas no devido lugar; Deus, ao invés, honra a carne.

A união com o Cristo celestial, princípio da vida nova

3,1. *Se, pois, ressuscitastes com Cristo...*

Relaciona-os com o ressuscitado, depois de ter provado mais acima que Cristo morrera. Diz, portanto: *“Se, pois, ressuscitastes com Cristo”*,

procurai as coisas do alto...

Não se trata aqui de uma observância.

...onde Cristo está sentado à direita de Deus.

Ah! Até onde elevou a nossa mente! Como exaltou o espírito deles! Não lhe bastou ter dito: *“as coisas do alto”*, nem: *“onde Cristo está”*. Mas, o que ainda? *“sentado à direita de Deus”*. Além disso, fez com que não se olhe para a terra.

2. *Pensai nas coisas do alto, e não nas da terra,*

3. *pois morrestes e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus:*

4. *quando Cristo, que é a vossa vida, se manifestar, então vós também com ele sereis manifestados em glória.*

A vida presente não é a vossa vida; outra é a vossa vida. É urgente que os transfira para lá e empenha-se em mostrá-los sentados lá no alto, embora estando mortos; de dois lados fundamenta que não se deve procurar as coisas da terra. Pois, quer estejais mortos, não deveis procurar; quer estejais no alto, não deveis buscar. Cristo aqui não aparece; por conseguinte, nem a vossa vida; está nas alturas em Deus. E então? Quando viveremos? *“Quando Cristo, que é a vossa vida, se manifestar”*, então procurai a glória, então a vida, então buscai as delícias. Com estas coisas dá provisões para o caminho, a fim de afastá-los das delícias, do ócio e do repouso.

Ele costuma agir da seguinte maneira: prova e confirma alguns pontos e logo dá um salto para outros; por exemplo, falando daqueles que se apressavam por comer a sua própria ceia (cf. 1Cor 11,20ss), de repente passa a falar da celebração dos mistérios (cf. 1Cor 11,23ss). A admoestação produz mais forte impressão quando imprevista.

“Está escondida” de vós. *“Então vós também com ele sereis manifestados em glória.”* E por isso agora não apareceis. Vê como os transfere para o próprio céu. Pois, conforme eu afirmei, o Apóstolo

sempre se esforça por revelar que eles estão de posse dos mesmos bens que Cristo; e em todas as suas Cartas age deste modo, a fim de manifestar que eles tudo possuem em comum com Cristo. Por esse motivo, fala de Cabeça e Corpo, e faz o possível para tornar compreensível essa verdade.

Se, pois, então seremos revelados, não devemos nos condoer se agora não conseguimos honrarias. Se a presente vida não é vida, mas está escondida, devemos passar a presente vida como estando mortos.

“Então vós também com ele sereis manifestados em glória.” *“Em glória”* assegura com ponderação. Com efeito, a pérola igualmente fica escondida, enquanto está dentro da ostra. Se acaso sofrermos injúria, ou sofrermos seja o que for, não nos contristemos. A vida presente não é a nossa vida, visto que somos hóspedes e peregrinos (cf. Hb 11,13). *“Pois morrestes.”* Quem seria tão louco que para um cadáver já sepulto adquirisse escravos, edificasse palácios, ou comprasse vestes preciosas? Ninguém. Por conseguinte, nem nós! Mas como cuidamos apenas de que o cadáver não fique despido, também nós procuremos uma só coisa. Foi sepultado nosso velho homem, sepultado não na terra, mas na água; não foi desfeito pela morte, mas por aquele que destruiu a morte; sepultado não pela lei da natureza, mas por ordem e domínio de alguém mais forte do que a natureza. Efetivamente, é possível que se eliminem os efeitos da natureza; quanto ao que depende das ordens dele, de forma alguma. Nada de mais feliz do que esta sepultura, que alegra a todos, anjos, homens e o Senhor dos anjos. Para esta sepultura não são necessárias vestes, nem ataúde, ou algo parecido. Queres ver um símbolo? Indicar-te-ei a piscina, em que um foi sepultado e outro ressuscitou (cf. Jo 5). No Mar Vermelho os egípcios submergiram, os israelitas de lá subiram (cf. Ex 14). Um só e mesmo lugar foi túmulo de uns, mãe de outros.

Não te admires se no batismo se realiza um nascimento e uma ruína. Dize-me. Solver não é o contrário de ligar? É evidente para qualquer um. No entanto, o fogo realiza isso, porque derrete e consome a cera, e liga o pó metálico e produz ouro. Na verdade, também no nosso caso a força do fogo consome a estátua de cera, e em seu lugar manifesta o ouro. Éramos, efetivamente, de argila antes do batismo, e depois, semelhante ao ouro. Como comprová-lo? Ouve como se exprime o Apóstolo: “O primeiro homem, tirado da terra, é terrestre. O segundo homem, celeste, vem do céu” (1Cor 15,47). Expliquei, de fato, quanto a argila difere do ouro; verifiquei, contudo, ser maior a desigualdade entre o homem celeste e o terrestre: Não é tão grande a diferença entre a argila e o ouro quanto entre o terreno e o celeste. Éramos de cera e argila. A chama da ambição, contudo, nos liquefez muito mais do que o fogo à cera; e qualquer tentação nos partiu com mais facilidade do que a pedra à argila.

E, se quiserdes, façamos uma descrição da vida anterior, e vejamos se todas as coisas se assemelhavam à terra e água, e como o Êuripo fluíam e refluíam, e eram como pó, instáveis e transitórias. E, se quiserdes, omitamos as coisas passadas e examinemos as presentes, e talvez descobriremos serem parecidas à poeira e à água.

De que queres, pois, que falemos? De funções e poderes? Nada nesta vida parece mais invejável. Mais facilmente poderás sustar a poeira no ar do que firmar estas coisas; principalmente agora. A quem, pois, os seus possuidores não estão sujeitos? Aos amigos, aos eunucos, aos que agem só por dinheiro, aos caprichos do povo, à indignação dos poderosos. Aquele que ontem sentava-se no alto do tribunal, que tinha arautos que clamavam em alta voz suas ordenações, uma turba de precursores e batedores na praça, hoje é um homem abjeto, humilde, abandonado e privado de tudo, como o pó que é ventilado, a onda que passou. Como nossos pés levantam poeira, também os cargos são criados por aqueles que apenas têm consideração pelas riquezas, e durante a vida inteira assumem o papel de pés. E como a poeira, que, sendo espanada, apesar da pequena quantidade, ocupa muito lugar no espaço,

assim também a função. E como a poeira ofusca os olhos, também a fumaça do lugar proeminente priva da visão os olhos do espírito.

Mas, então? Queres que perscrutemos uma coisa muito ambicionada, a saber, as riquezas? Está bem. Pesquisemos minuciosamente. Proporcionam delícias, honrarias, poder. E em primeiro lugar, se queres, examinemos as delícias. Não são talvez pó? Ou melhor, passam mais depressa que a poeira. Pois somente à língua atinge o bom paladar dos manjares. Estando repleto o estômago, nem mesmo tocam as línguas.

Mas as honrarias são agradáveis. E o que é menos atraente do que obtê-las por causa do dinheiro? Uma vez que não se originam de uma livre vontade, nem de um ânimo bem-disposto, não és tu, e sim a riqueza, a receber as honras. Na realidade, esta circunstância torna o dono das riquezas o mais destituído de honras dentre os homens. Dize-me, pois. Se todos te tratassem com consideração por teres um amigo, mas confessassem que tu nada mereces, todavia forçoso seria honrar-te por causa dele, o que haveria de causar-te maior ignomínia? Por conseguinte, as riquezas causam-nos vergonha, porque são mais respeitadas do que os seus possuidores, e constituem antes indício de fraqueza do que de poder. Não é absurdo sermos julgados indignos de terra e cinza (pois o ouro é só isto), e contudo sermos honrados por causa delas? E com razão. Tal não acontece a quem despreza as riquezas, pois é melhor não ser honrado do que ser respeitado dessa forma. Dize-me. Se alguém te disser: “Não te considero de forma alguma digno de honra, mas eu te respeito por causa de teus escravos”, pode acaso haver opróbrio pior do que este? Se, porém, ser reverenciado por causa dos escravos é vergonhoso, apesar de terem em comum conosco alma e natureza idênticas, a ignomínia é muito maior ao se tratar de coisas muito inferiores a eles, isto é, paredes e átrios dos palácios, vasos de ouro e vestes. São coisas, na verdade, ridículas e vergonhosas. É melhor morrer do que ser honrado dessa maneira. Dize-me, portanto. Se tu com este fausto estiveres em perigo e um homem vulgar e desprezível quiser libertar-te deste perigo, o que poderia haver de pior? Quero vos repetir o que dizeis entre vós a respeito de nossa cidade. A cidade ofendeu uma vez ao detentor do poder, que ordenou fosse ela inteiramente arrasada, com homens, crianças e casas. De fato, é desta espécie a cólera dos reis: eles usam do poder quanto querem; constitui tamanho mal o poder. A cidade, portanto, estava em perigo extremo. A vizinha cidade marítima, no entanto, intercedeu em nosso favor junto do Imperador. Os habitantes da nossa cidade diziam que o fato era pior do que sua destruição. Tal honra é pior do que a falta de respeito. Verifique, portanto, onde está a raiz da honra. As mãos dos cozinheiros acarretam-nos honras, portanto devemos ser-lhes gratos; igualmente os guardas de porcos que nos preparam lauta mesa e os tecelões, os laníferos, os que trabalham em metais, os pasteleiros, os que nos põem as mesas.

Não é talvez melhor não receber acatamento do que ter de lhes agradecer tais deferências? Além disso, empenhar-me-ei abertamente por demonstrar que o enriquecer acha-se repleto de vergonha. Torna a alma odiosa. O que existirá de mais ignominioso? Dize-me, por favor, se a um corpo com vigor juvenil e mais belo que os demais, a riqueza viesse prometer fazê-lo torpe, doente em vez de são, tímido em vez de sadio, e todos os membros hidrópicos causassem inchaço da face e intumescência completa, inflamação dos pés que ficariam mais pesados do que traves, intumescessem o ventre e o tornassem qual uma pipa, e, além disso, ela garantisse que não daria licença aos que quisessem tratar do doente (a tal ponto chega a prepotência), mas tomaria a liberdade de castigar a qualquer um que acesse para livrá-los de seus males, responde-me: “Poderia haver crueldade maior”? Na verdade, é possível que seja boa coisa enriquecer, visto que faz a alma agir desta forma? Mas a prepotência é pior do que a própria doença; o doente não obedecer às prescrições do médico é

pior que adoecer; tal é o caso da riqueza, atuando para que a alma fique completamente inchada e proíbe que os médicos se aproximem. Por isso não os proclamemos felizes por causa do grande poder, mas deles tenhamos compaixão. Se descobrir um hidrópico no leito e a quem não se proíbe que beba quanto quiser e coma carnes nocivas, acaso o denominarei feliz por essa faculdade? Nem sempre o poder é boa coisa, bem como as honras, porque enchem de soberba e arrogância. Com efeito, se não escolherias, com as riquezas, um corpo atacado dessa doença, como menosprezas a alma, não somente com esta, mas também com outras penas? Está atingida, toda ela, de febre e inflamação, febre que ninguém pode extinguir. Impedem-no as riquezas, persuadindo que os danos constituem vantagens. Por exemplo, a ninguém ter de suportar e ter a liberdade de agir como quiser. De fato, não encontrarás uma alma tão repleta de tantos e tão desordenados desejos como a daqueles que ambicionam enriquecer-se. Quantas parvoíces não inventam! Vê-los-ás a imaginar mais do que aqueles que inventam hipocentauros, quimeras, dragões, Cilas e monstros. E se alguém quiser descrever uma só de suas concupiscências, nada são Cila, quimera e hipocentauro em comparação com aquele monstro, e verificarás que se compõe simultaneamente de todas aquelas feras.

E não se pense talvez que fui possuidor de abundantes riquezas de sorte que sou tão verídico na exposição dos fatos. Narra-se – primeiro quero confirmar minha explanação por meio de um exemplo decantado pelos pagãos –, conta-se que houve um rei entre eles que chegou a vida tão luxuosa que construiu um plátano de ouro e uma abóbada em cima e ali sentado combatia contra homens aguerridos. Não será esta paixão cruel como a dos hipocentauros? Ou então a de Cila? Outro ainda encerrou homens num boi de madeira. Não seria como Cila? Outro rei da antiguidade transformou um homem em mulher, e uma mulher em guerreiro. O que direi? Em animal irracional, ou ainda coisa pior. Os animais, se estão debaixo de árvores, seguem a lei da natureza, e nada mais procuram; ele, porém, de longe superou a natureza das feras. O que, portanto, houve de mais insensato do que os ricos? Tal fato provém da excessiva força dos desejos. No entanto, muitos não o admiram? Tornam-se, por isso, ridículos como ele. Não eram as riquezas que se manifestavam e sim a loucura. Em que é melhor e mais útil aquele plátano de ouro do que os plátanos da terra? Efetivamente, o que é natural é mais agradável do que o artificial. De que te servia a abóbada de ouro, ó louco? Vês como as riquezas produzem muitos insensatos? Como intumescem? Julgo que não conhecem o mar, e talvez queiram também andar sobre ele. Não são quimeras? Ou hipocentauro? Existem, contudo, agora alguns que em nada ficam atrás deles, porque são muito mais alucinados. Em que, dize-me, difere em loucura o que construiu o plátano de ouro dos que fazem de ouro ânforas, panelas e alabastros? Por que as mulheres (tenho vergonha de dizer, entretanto é necessário) fazem vasos noturnos de prata? Devíeis envergonhar-vos vós que o fazeis. Enquanto Cristo passa fome, tu deste modo te entregas ao luxo? Ou antes, de tal forma perdeis o juízo? Que castigos não haverão de sofrer? E ainda perguntas, por que os ladrões, por que os homicidas, por que as tribulações? E o diabo de tal maneira vos agita e atormenta? Pois ter baixela de prata, nem isso convém à alma sábia; mas tudo transformar em luxo? Acaso é delicioso ter vasos imundos de prata? Não o chamo de delícia e sim de loucura; ou não bem isto, mas fúria, ou antes pior do que fúria.

Sei que muitos zombam de mim por este motivo; mas não mudarei de atitude, contanto que seja proveitoso. Na realidade, as riquezas produzem loucos e furiosos. Se estivesse em poder deles, desejariam que a terra fosse de ouro, as paredes de ouro, talvez o céu e o ar de ouro. Que furor! Que iniquidade! Que febre! Um homem, criado à imagem de Deus morre de frio e tu fabricas tais coisas? Ó arrogância! Um louco faria mais? Dás tanta importância aos teus excrementos que os recolhes em prata? Sei que vos arrepiais ao ouvirdes essas palavras, mas deveis arrepiar-vos vós que as fazeis e os

que favorecem tais desejos doentios! É intemperança, crueldade, desumanidade, ferocidade e lascívia. Que Cila, que quimera, que dragão ou antes que demônio, que diabo assim agiu? De que adiantou ter vindo Cristo? De que serve a fé, quando se concorda com um dos pagãos, ou antes não com um dos pagãos, mas com demônios? Se a cabeça não deve ser ornada de ouro e pérolas, quem emprega a prata para tão imundo serviço, que perdão merece? Não bastam os outros objetos, embora nem estes devam ser tolerados: cadeiras e escabelos inteiramente de prata? Mas até isto é de loucos. Em toda parte o fausto supérfluo, em toda parte a vanglória: em parte alguma o que é útil, mas sempre o supérfluo. Receio que se esta insensatez progredir, o sexo feminino tome a forma de monstros: é possível que ambicione também cabelos de ouro. Ou confessai que nada do supramencionado vos afetou ou excitou, nem despertou o desejo; a não ser que o pudor contivesse, não recusaríeis. Pois se ousais fazer coisas muito mais absurdas, julgo que mais ainda haveríeis de desejar fossem de ouro os cabelos, e também os lábios, as sobrancelhas e tudo fosse ungido com ouro liquefeito. Se, porém, não acreditais, e pensais que é rindo que falo, narrarei o que ouvi, ou melhor, o que acontece ainda agora. O rei dos persas tem uma barba de ouro; os peritos nessas coisas, como que numa trama, trançaram nos cabelos lâminas de ouro; e está deitado como um monstro.

Glória a ti, ó Cristo! De quantos bens nos cumulaste, como nos fizeste sadios! De quantos monstros nos livraste, de quantas loucuras!

Eis que estou avisando, não uso mais de persuasão, mas ordeno, mando. Ouça quem quiser; quem não quiser, não obedeça. Se decidirdes agir assim, não suportarei nem vos receberei, nem deixarei que atravesseis este limiar. Para que preciso de multidão de doentes? O que acontece se, ao vos ensinar, não proíbo o que não é inútil? Entretanto Paulo proibiu ouro e pérolas (cf. 1Tm 2,9). Riam de nós os gregos. Nossa doutrina parece um mito. E aos homens aconselho o seguinte: Frequentais as escolas, aprendendo a filosofia espiritual? Rejeitai aquela vaidade. Aconselho a homens e mulheres; e se alguém agir de outro modo, não o suportarei mais. Os discípulos eram doze. E ouve o que Cristo lhes diz: “Não quereis também partir” (Jo 6,67)? Pois, se sempre adularmos, quando vos lucraremos, quando vos seremos de proveito? Mas, diz-se, existem outras heresias e são deixadas de lado. No entanto, não é interessante a sentença: “É melhor um só que faz a vontade do Senhor do que mil iníquos” (cf. Eclo 16,3). Por conseguinte, tu também, dize-me, se preferes ter inúmeros escravos fugitivos e ladrões a um só e obsequioso.

Eis que exorto e ordeno que esmigalhes esses enfeites do rosto e tais vasos para dar aos pobres, e deixar de tanta loucura. Quem quiser dê saltos, quem quiser faça acusações; não tolero mais abusos. Quando eu estiver para ser julgado, perante o tribunal de Cristo, enquanto eu presto contas, ficareis de longe e o vosso favor de nada me servirá.

Estas palavras, dirá alguém, estragam tudo; ele se afastará, e transferir-se-á para outra seita, pois é fraco. Usa de um pouco de condescendência. Até onde? Até quando? Uma, e duas e três vezes, e não sempre.

Eis que novamente ordeno, e atesto com são Paulo. “Se eu voltar, não usarei de meias medidas” (2Cor 13,2). Quando agirdes bem, conhecereis qual o lucro, qual a utilidade. Sim, exorto e rogo, não hesito em agarrar-vos os joelhos, e suplicar-vos neste sentido. Que moleza! Que luxo! Que injúria! Não é luxo, é injúria. Que insânia! Que loucura! Tantos pobres estão ao redor da igreja; e a Igreja tem tantos filhos, e tão ricos, que a pobre algum podem ajudar. Mas, enquanto um está na penúria, outro se embriaga; um recolhe excrementos em vaso de prata, outro não tem um pedaço de pão. Que loucura! Que imensa crueldade!

Não aconteça que cheguemos ao extremo de procedermos contra os desobedientes, e indignados os entregarmos ao castigo, mas de bom grado acolham obedientes todas estas exortações, a fim de vivermos para a glória de Deus, escaparmos do suplicio no além e alcançarmos os bens prometidos aos que o amam, pela graça e amor aos homens, etc.

OITAVA HOMILIA

III. PARÊNESE

Preceitos gerais de vida cristã

5. *Mortificai, pois, os vossos membros que estão sobre a terra: fornicação, impureza, paixão, desejos maus, cupidez, e a avareza, que é idolatria.*

6. *Essas coisas provocam a ira de Deus sobre os filhos da desobediência.*

7. *Assim também andastes vós quando vivíeis entre eles.*

Sei que muitos ficaram ofendidos com o sermão precedente. Mas, o que posso fazer? Ouvistes o que ordenou o Senhor. Acaso tenho culpa? O que farei? Não vedes, quando os devedores recusam pagar, como os cobradores os lançam no cárcere? Ouvistes o que hoje clamou Paulo: “*Mortificai, pois, os vossos membros que estão sobre a terra: fornicação, impureza, paixão, desejos maus e a avareza, que é idolatria*”. O que há de pior do que esta avareza? É mais grave do que aquilo que mencionei, a saber, a loucura e o luxo no uso da prata. “*E a avareza, que é idolatria.*” Vedes onde termina este mal? Não vos irriteis. Não quero de propósito, nem sem motivo adquirir inimigos, mas quero vos levar a tal virtude que ouça a vosso respeito o que convém. Por conseguinte, não sou autoritário, nem dominador ao tratar do assunto, mas sinto tristeza e dor. Perdoai-me, perdoai. Não quero desacatar ao tocar nesta questão, mas sou obrigado. Não falo por causa do sofrimento dos pobres, mas em prol de vossa salvação. Estão perdidos, na verdade, estão perdidos os que não alimentam o Cristo. O que acontece, então, se alimentas o pobre? Mas enquanto assim te entregas ao luxo e às delícias, tudo será inútil. Não se procura saber se deste muito, mas se deste menos do que podes dar; seria irrisão.

“*Mortificai, pois, os vossos membros que estão sobre a terra.*” O que dizes? Acaso não tínheis dito: “Fostes sepultados”? “Fostes sepultados com ele”? “Fostes circuncidados”? “Despojamos o corpo de pecados na carne” (cf. Rm 6,4; Cl 2,11 e 3,9)? Como dizeis novamente: “*Mortificai*”? Não brinques. Falas como se essas coisas existissem em nós? Não é contradição. Se alguém, tendo limpado uma estátua manchada, ou antes refundido, dando-lhe novo brilho, disser que a ferrugem foi tirada e eliminada, no entanto recomendar que se repita o trabalho de retirar a ferrugem, não está se contradizendo, pois não aconselha a tirar a ferrugem que fora raspada, mas a que se formou depois. Assim, o Apóstolo não se refere à mortificação anterior, nem às anteriores fornicções, mas as que sobrevêm em seguida.

Mas eis, afirmam os hereges, que Paulo rejeita as criaturas; com efeito, disse acima: “*Pensai nas coisas do alto, e não nas da terra*”, e ainda: “*Mortificai os vossos membros que estão sobre a terra*”. Mas a expressão: “*As coisas da terra*” nesta passagem significa condenação do pecado e não das criaturas. Assim, portanto, denomina os pecados “*coisas da terra*”, ou porque se originam de cogitações terrenas e realizam-se na terra, ou porque demonstram serem os pecadores homens terrenos.

“*Fornicação, impureza.*” Omitiu ações que nem mencionar é honesto, e o termo impureza abarca a

todas. *“Paixão, desejos maus.”* Eis que trata do todo genericamente. Os *“desejos maus”* abrangem todos os vícios: inveja, ira, tristeza. *“E a avareza, que é idolatria. Essas coisas provocam a ira de Deus sobre os filhos da desobediência.”* De muitos modos os reconduz: por causa dos benefícios passados, dos males que nos ameaçam no futuro dos quais somos isentos; indica o que éramos, por que etc.; por exemplo, quem éramos, em que situação, por que fomos libertados, como, de que modo, com que fundamento. Basta, para nos advertir. Todavia, o que é mais forte que tudo, desagradável de se dizer, mas não inútil, ou antes, proveitoso. *“Essas coisas provocam a ira de Deus sobre os filhos da desobediência.”* Não disse: *“Sobre vós”, mas sobre os filhos da desobediência. Assim também andastes vós quando vivíeis entre eles*. Diz incutindo vergonha: *Quando vivíeis entre eles*; é simultaneamente um louvor, porque agora não vivem entre eles, e por isso era lícito exprimir-se desta maneira.

8. Mas agora abandonai tudo isto:

Exprime-se sempre de modo geral e também em particular; isto provém do que o afeta.
ira, exaltação, maldade, blasfêmia, conversa indecente não saia de vossa boca.

9. Não mintais uns aos outros.

“Conversa indecente não saia de vossa boca”, com ênfase, porque mancha e desdoura.
Pois vos despojastes do homem velho com as suas práticas,

10. e vos revestistes do novo, que se renova para o conhecimento segundo a imagem do seu Criador.

É importante procurar saber aqui por que chama a vida corrupta de membros, homem e corpo e doutro lado faça o mesmo relativamente à virtude. E se “homem” representa os pecados, como diz: *“com as suas práticas”*? Uma vez falara de homem velho, explicando não ser isto o que faz o homem, mas outra coisa. O livre-arbítrio tem a primazia sobre a natureza, e faz mais o homem do que esta última. A natureza nem lança na geena, nem introduz no reino, e sim o livre-arbítrio. E a ninguém amamos, nem odiamos enquanto homem, mas enquanto tal e tal homem. Se, portanto, se entende sob o termo “corpo” a natureza, e no entanto em ambos os casos não deve prestar contas, como se declara que ele é ruim?

Por que a locução: *“com as suas práticas”*? O livre-arbítrio com as suas obras. Chama o homem de *“velho”* em sua feiura, deformidade e fraqueza; e chama-o de *“novo”* como se quisesse dizer: *“Não temas que tenha de submeter ao mesmo”,* mas ao contrário: *“Quanto mais se adiantar em anos, não tenderá à velhice, mas a uma juventude mais viçosa do que a primeira”*. Pois, quanto mais adquire conhecimento, torna-se mais digno, com mais viço e vigor, não somente devido à juventude, mas também por causa da imagem segundo a qual é configurado. Eis que ser criatura é possuir o melhor estilo de vida: *“à imagem de Cristo”,* quer dizer: *“Segundo a imagem do seu Criador”*. De fato, Cristo não morreu velho, mas era de tal modo belo que é impossível descrever.

11. Aí não há mais grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro, cita, escravo, livre, mas Cristo é tudo em todos.

Eis o terceiro elogio deste novo homem. Não aceita distinção de raça, posição social, antepassados, nada possui de exterior, nem precisa de algo semelhante; todas essas são exterioridades: circunciso e incircunciso, escravo e livre, pagão (isto é, prosélito), e judeu (por causa dos antepassados). Se tens só o homem novo, conseguirás bens idênticos aos dos outros. *“Mas Cristo é tudo em todos”,* isto é, Cristo será tudo para vós, dignidade e raça; e ele próprio estará em todos vós.

Ou ensina outra coisa, a saber: Todos vos tornastes um só Cristo, porque sois o seu Corpo.

12. *Portanto, como eleitos de Deus, santos e amados.*

Assinala a facilidade da virtude, a fim de que a tenham perpetuamente, e a usem qual supremo ornamento. E a exortação é acompanhada de louvor; então dá-lhe o máximo peso. De fato, houve santos que não foram eleitos; agora, porém, eles são “*eleitos, santos e amados*”.

vísceras de compaixão.

Não disse: “misericórdia”, e sim com ênfase, usando dois termos. E não disse: “Como irmãos”, e sim: “Como os pais relativamente aos filhos”. Não repliques que o próximo pecou! Por isso usou o termo: “*vísceras*”. E não empregou a expressão: “Misericórdia”, para não diminuí-los, mas: “*vísceras de misericórdia*”.

de bondade, humildade, mansidão, longanimidade,

13. *suportando-vos uns aos outros, e perdoando-vos mutuamente, se alguém tem motivo de queixa contra o outro; como o Cristo vos perdoou, assim também fazei vós.*

Novamente expressa-se segundo as espécies: da bondade origina-se a humildade, e desta a longanimidade. “*Suportando-vos uns aos outros*”, isto é, perdoando-vos mutuamente. E vê como nada assinala que se possa chamar de querela. Em seguida acrescenta: “*como o Cristo vos perdoou*”. Grande exemplo!

Sempre age deste modo; toma Cristo como ponto de partida. “*Queixa*”, diz ele, denotando ser coisa pequena; mas, ao apresentar o exemplo, atesta que, mesmo se podemos fazer graves acusações, devemos perdoar. Tal é o significado da locução: “*Como o Cristo vos perdoou*”. Não apenas isto, mas também de todo o coração; ainda não basta, porque é preciso amar. Pois, exemplificando com Cristo, engloba tudo. E nós, até sobre injúria pesada, e apesar de não termos ofendido de forma alguma, de sermos grandes e eles pequenos, até mesmo se eles haverão de nos injuriar, e ainda devamos dar a vida por eles, aquele termo: “*Como*” o exige; nem o amor deve interromper-se na morte, mas, se possível, ir além.

14. *Mas sobretudo isso, revesti-vos da caridade, que é o vínculo da perfeição.*

Considera o que isso significa. Efetivamente, pode acontecer que alguém perdoe e não ame. Certamente, afirma, importa amar também; e indica o caminho pelo qual é possível perdoar. De fato, pode suceder que alguém seja benigno, manso, humilde, paciente, e não ame. Por isso disse no começo: “*Vísceras de misericórdia*”, caridade e misericórdia. “*Mas sobretudo isso, revesti-vos da caridade, que é o vínculo da perfeição.*” Ele assevera o seguinte: Aquelas coisas nada valem, pois todas se dissipam, a não ser que sejam praticadas com caridade. Esta coaduna a todas. Qualquer que seja o bem que nomeares, se ela faltar, nada é, mas espalha-se. E como um navio, que tenha embora grandes instrumentos, mas não possui amarras, para nada serve; e uma casa, sem argamassas; e um corpo com largos ossos, mas sem articulações, não traz vantagem. Assim, por mais que alguém pratique boas obras, tudo desvanece, sem a caridade. Não disse: “o vértice”, mas o mais importante, mais necessário: “o vínculo”. Pois vértice seria um alto grau de perfeição; vínculo, porém, é o complexo e a compreensão de tudo o que constitui a perfeição, qual raiz.

15. *E reine nos vossos corações a paz de Cristo, à qual fostes chamados em um só corpo. E sede agradecidos.*

A paz de Deus é a paz firme e estável. Se, de fato, obténs a paz através de um homem, logo desvanecerá; se é de Deus, de forma alguma. Embora Paulo tenha falado de modo geral da caridade, volta ao particular. Na verdade, existe uma caridade imoderada, por exemplo, quando alguém, por grande caridade, repreende indevidamente, disputa e se aparta. “Não, diz, não quero isto, mas como

Deus fez a paz convosco, assim fazei também vós.” Como a realizou? De própria vontade, sem contribuição da nossa parte.

Qual o sentido da locução: “*E reine nos vossos corações a paz de Deus*”? Se dois pensamentos se combatem dentro de ti, não te irrites, não deixes o furor apossar-se do prêmio e sim a paz. Por exemplo, se alguém for injustamente injuriado, em consequência da injúria surgem dois pensamentos, um ordenando vingança, outro, porém, tolerância; e lutam entre si. Se paz de Deus servir de árbitro, dará o prêmio àquele que ela ordena tolerar, e ao outro incute vergonha. De que modo? Persuadindo-nos de que Deus é um Deus de paz, e fez a paz conosco. Não é despropositado que dê a entender ser grande tal certame. Não distribua o prêmio a ira, a emulação, a paz humana. A paz humana se origina do fato de não nos vingarmos, não tolerarmos mal. Não quero esta, mas a outra, a que Cristo nos legou. Estabeleceu um estádio interiormente nos pensamentos, um certame, uma competição, um árbitro. Em seguida, ainda uma exortação: “*à qual fostes chamados*”, isto é, por cuja causa fostes chamados. Relembrou quantos bens ocasiona a paz. Em vista dela te chamou, por causa dela te chamou, a fim de receberes fidedigna recompensa. Com efeito, por que fez com que o corpo fosse um só? Não foi talvez para que a paz predominasse? Não foi para proporcionar-nos oportunidade de viver em paz? Por que todos nós formamos um só corpo? De que modo somos um só corpo? Por causa da paz somos um só corpo, e em consequência de sermos um só corpo, vivemos em paz.

Por que motivo, então, não dizer: “A paz de Deus vença”, e sim: “*Reine*”, ou seja, distribua os prêmios? Ela a fez mais fidedigna. Não permitiu que com ela lutasse o mau pensamento, mas que ficasse em posição inferior. E o nome do prêmio estimulou o ouvinte. Pois, se der o prêmio ao bom pensamento, por mais que o mau pensamento for impudente, de nada lhe valerá. Aliás, estando ciente de que, por mais que atue, por mais que sugerir e agredir com veemência, não alcançará o prêmio, desistirá por se ter esforçado inutilmente.

Com razão, acrescenta o Apóstolo: “*E sede agradecidos*”. Ser agradecido, e muito adequado a incutir respeito seria comportar-se relativamente aos companheiros de serviço de igual modo que o próprio Deus em relação a nós, submeter-se ao Senhor, obedecer, por tudo dar graças quer seja injuriado ou ferido. Pois quem dá graças a Deus não se vinga daquele que o fez sofrer, porque quem se vinga não dá graças. Não nos assemelhemos àquele que exigia os cem denários, para não ouvirmos a palavra: “Servo mau” (Mt 18,32). Nada de pior do que tal ingratidão. De fato são ingratos os que se vingam.

Por que volta a falar começando com a fornicção? Pois tendo dito: “*Mortificai os vossos membros que estão sobre a terra*”, logo acrescenta a “*fornicação*”; assim age quase sempre, porque, de fato, este vício predomina. Na Carta aos Tessalonicenses ele o faz. E algo de espantoso, também diz a Timóteo: “A ti mesmo, conserva-te puro” (1Tm 5,22), e ainda noutra passagem: “Procurai a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12,14). “*Mortificai, pois, os vossos membros*”. Sabeis que um morto é odioso, abominável, desfeito. Se mortificardes, ele não permanece morto, mas logo se corrompe enquanto corpo. Extingue-se o calor, e permanece morto. Mostra que faz o mesmo que Cristo no batismo; por isso denomina-os membros, como que introduzindo um homem forte, e avança para um desafio maior.

E diz corretamente: “*Que estão sobre a terra*”. Permanecem na terra e muito mais se corrompem do que os membros corporais. Efetivamente, o corpo não é tão terreno quanto o pecado. De fato, o corpo às vezes tem bela aparência; o pecado, nunca. E seus membros desejam tudo o que há sobre a terra. No caso de se tornarem olho, não veem o que está nos céus; o mesmo acontece, se forem ouvido, não ouvem o que há no céu; o mesmo acontece, se forem mão, não tocam o que há no céu; o mesmo acontece, se forem membro, não sabem o que há no céu. O olho vê apenas os corpos, as coisas belas, as riquezas que provêm da

terra e nisto se deleita; o ouvido com um canto suave, com a cítara, as flautas e palavras torpes; são realidades terrenas.

Depois, entretanto, que estiverem no alto, junto do trono, então se lhes diz: “*Mortificai, pois, os vossos membros que estão sobre a terra*”. Não é lícito estar lá em cima com tais membros; não existe ali algo em que devam operar. Constitui argila pior do que aquela que se transformará em ouro. Diz o Apóstolo: “Com efeito, é necessário que este ser corruptível revista a incorruptibilidade” (1Cor 15,53). Esta argila não pode novamente passar pelo crisol, de sorte que se acha mais acima da terra do que aquela. Por esse motivo, ele não diz: membros “extraídos da terra”, mas que “estão sobre a terra”. Pode acontecer que não sejam extraídos da terra e necessariamente estão sobre a terra, enquanto os outros, não. Quando, pois, o ouvido nada ouve de terreno, e sim algo das realidades celestes, quando o olho nada vê da terra, mas o que é do alto, não está sobre a terra; quando a boca nada profere das coisas daqui, não está sobre a terra; quando a mão não pratica o mal, não pertence aos membros que se acham sobre a terra, mas aos que estão nos céus.

Este igualmente é o sentido das palavras de Cristo: “Caso o teu olho direito te leve a pecar”, isto é, se for impudico, “arranca-o” (Mt 5,29), isto é, o pensamento mau. Parece-me que “*fornicação, impureza, paixão, desejos maus*”, significam o mesmo, isto é, a fornicação, e por todas essas expressões quer nos apartar dela. É, na verdade, uma paixão e sofre como um corpo que padece, quer esteja com febre ou ferido. E o Apóstolo não disse: “Reprimi” e sim: “*Mortificai*”, de tal sorte que não possa ressurgir, e arrancai.

Arrancamos o que está morto; por exemplo, se aparece um calo no corpo, é um corpo morto e nós o retiramos. Mas se for cortada uma parte viva, sentimos dor; se está morta, nada sentimos. O mesmo sucede a respeito dos vícios. Torna a alma, que é imortal, passível. Várias vezes já explicamos por que a avareza tem o nome de idolatria. Os vícios que mais tirania exercem sobre o gênero humano são: a avareza, a intemperança e a má concupiscência. “*Essas coisas provocam a ira de Deus sobre os filhos da desobediência*”. Chama-os de “*filhos da desobediência*”, privando-os do perdão e manifestando que o são por não obedecerem. “*Assim também andastes vós*” outrora, mas obedecestes. Dá a entender que se achavam expostos outrora a estas faltas, e toma agora um tom de mais apreço:

Mas agora abandonai tudo isto: ira, exaltação, maldade, blasfêmia, conversa indecente.

Dirige a palavra antes contra outros do que contra eles, para não se sentirem feridos. Chama de “*blasfêmia*” a injúria, da mesma forma que chama de “*ira*” a maldade. Em outro lugar, porém, para incutir vergonha, afirma: “Somos membros uns dos outros” (Ef 4,25). Apresenta-os quais artistas a representarem homens, os quais repelem a um, a outro acolhem. Pois, naquela passagem, diz: “*Membros*”, aqui: “*Todos*”: o coração é a ira; a boca, a blasfêmia; os olhos, a fornicação, a avareza; as mãos e os pés, a mentira, o próprio pensamento, a mentalidade antiga.

O corpo tem um só aspecto real, a saber, o de Cristo. Parece-me que considera de preferência os gentios, declarando que os membros, maiores ou menores, têm um só aspecto real. Como o pó arenoso primeiro perde sua forma, depois se torna ouro; e a lâ, seja qual for, recebe outra forma e perde a antiga, assim sucede também ao fiel.

“*Suportando-vos uns aos outros.*” Explana o que é justo: tu o suportas e ele a ti. É idêntico ao que escreve na Carta aos Gálatas: “Carregai o peso uns dos outros” (Gl 6,2).

“*E sede agradecidos.*” É o que principalmente procura sempre, por ser a suma de todos os bens.

Demos, portanto, graças por tudo o que acontecer; é a verdadeira “eucaristia”. Efetivamente, agir assim quando tudo corre bem, não é ação grandiosa, porque a própria natureza das coisas nos impele a

isso. É admirável quando chegamos à extrema necessidade e damos graças. De fato, pondera a grande sabedoria de darmos graças por causa de acontecimentos que outros maldizem e dificilmente toleram. Em primeiro lugar dá alegria a Deus; em segundo incute vergonha ao diabo; em terceiro, consideras que o evento nada é e simultaneamente dá graças; e Deus tira a dor enquanto o diabo se afasta. Pois, se suportas de má vontade, este último se apresenta porque se realizou aquilo que ele queria; e Deus, como que atingido pela blasfêmia, te abandona, e intensifica-se o mal. Se, ao invés, deres graças, o diabo que nada obteve se afasta; e Deus, que foi honrado, retribui com honra maior. É impossível que o homem que dá graças por causa dos males, sinta-os. Com efeito, alegra-se a alma por ter agido bem; imediatamente regozija-se a consciência e exulta por seus louvores. Não pode tornar-se sombria a alma alegre. Ali, porém, advém a infelicidade e a consciência também castiga; aqui, coroa e proclama qual arauto. Nada de mais santo do que a língua que na infelicidade dá graças a Deus; na realidade, não difere da língua dos mártires. De modo semelhante uma e outra são coroadas.

Porque o algoz insta com a primeira, querendo coagi-la a negar por blasfêmia; o diabo insta, lacerando-a com ideias torturantes, e desânimo tenebroso. Quem, contudo, suportar as dores e der graças, recebe a coroa do martírio.

Por exemplo, o filho adoece, e a mãe dá graças a Deus; obtém uma coroa. A tristeza na alma não é pior do que qualquer tormento? Não a obriga, contudo, a proferir palavra amarga. Morre. De novo dá graças? Tornou-se filha de Abraão. Pois, embora não tenha imolado por mão própria, no entanto, alegra-se com o sacrifício, o que é idêntico. Não murmura porque Deus retoma o seu dom. Ou ainda o filho adoece e ela não lhe coloca amuletos? Reputa-se um martírio, porque espiritualmente sacrificou o filho. E se os amuletos nada adiantam, e são fraude e engano? Há, contudo, os que persuadem que são proveitosos; a mãe, todavia, prefere ver o filho morto do que tolerar a idolatria. Por conseguinte, ela é mártir, quer se trate de si mesma, ou do filho, ou do marido ou de qualquer outro ente muito querido; entretanto a outra é adoradora dos ídolos. É evidente que sacrificaria aos deuses, se fosse lícito sacrificar; ou antes, já fez o que representa sacrifício. Os amuletos, porém, apesar dos inúmeros raciocínios dos que os empregam dizendo: “Invocamos a Deus, e nada mais fazemos” etc.; e: “É cristã a velha, e fiel”, trata-se de idolatria. És fiel? Faze o sinal da cruz, e declara: “Tenho apenas estas armas, este o medicamento; outro não conheço”. Dize-me. Se um médico vier, e relegando os remédios da medicina, empregar encantamentos, diremos que se trata de um médico? De forma alguma. Não vimos remédios da medicina. Assim também não vimos os meios do cristianismo. Outras ainda atam nos filhos nomes de rios e ousam utilizar inúmeros objetos semelhantes.

Digo e proclamo de antemão a todos vós. Se alguém for surpreendido nesta ação, não perdoarei novamente, quer seja amuleto, ou encantamento, ou qualquer desses artifícios. E então? “A criança”, afirma-se, “vai morrer”. Se viver desta forma é que morrerá; do contrário, se morrer sem estes artifícios, então continuará vivo. Suponhamos que vês um filho no meio de meretrizes, preferes vê-lo no sepulcro e declaras: “De que lhe serve viver”? Vendo sua salvação em perigo, queres vê-lo vivo? Não ouvistes Cristo dizer: “O que perder a sua vida, vai encontrá-la; o que quiser salvar, vai perdê-la” (cf. Mt 16,25)? Acreditas nestas palavras, ou as consideras fábulas? Dize-me. “Se alguém te disser: ‘Leva-o ao templo dos ídolos, e viverá’. Tu seguirás este conselho”? “Não”, respondes. “Por quê”? “Porque será obrigado a adorar o ídolo, enquanto aqui não se trata de idolatria, mas apenas de encantamento”. Ideia satânica, insídias diabólicas! Querer ocultar o erro, e em vez de mel apresentar veneno mortal. Ciente de que não a persuadirá assim, toma o caminho dos amuletos e fábulas senis. E a cruz, na verdade, é menosprezada, enquanto as letras mágicas são tidas em maior honra. Cristo foi rejeitado e introduzida uma velha ébria e em delírio. Nosso mistério é conculcado e a sedução do

diabo dança em coro.

“Por que então”, replica-se, “Deus não admoesta”? “Ele advertiu frequentemente pelo auxílio desses meios e não te persuadiu; por conseguinte abandona-te no erro”. “Deus os entregou à sua mente incapaz de julgar” (Rm 1,28). Nem o pagão de bom senso toleraria esta espécie de ações. Diz-se que certo demagogo em Atenas uma vez aplicou a si mesmo estes objetos. Em seguida, determinado filósofo, seu mestre, viu, repreendeu-o asperamente, foi mordaz e ridicularizou-o. Nós, contudo, de tal modo somos infelizes que acreditamos em tal coisa.

E por que, dizes, não existem mais agora os que ressuscitam mortos e fazem curas? Por quê? Não quero afirmar de antemão. Por que agora não há quem despreze a vida presente? Por que servimos a Deus apenas em vista de um salário? Quando a natureza humana estava mais fraca, quando era preciso implantar a fé, realizavam-se muitos milagres; agora, porém, Deus não quer que dependamos destes sinais, mas que estejamos preparados para a morte. Por que, então, te apegas à vida presente? Por que não contemplas a futura? Em prol da vida atual aguentas até a idolatria, enquanto pela outra suportas tristeza alguma. Não existem homens desta qualidade agora, porque a outra vida nos parece sem valor; por ela nada fazemos, por esta, porém, a nada nos recusamos submeter.

O que mais de ridículo existe, cinza, fuligem e saís? E novamente faz-se de protagonista a velhota. É ridículo e vergonhoso. “E o mau olho”, diz-se, “raptou a criança”.

Até onde vão estas realidades satânicas? Como não haverão de rir os gentios? Como não zombarão, quando lhes dizemos: “É grande a força da cruz”? Como serão convencidos se virem que precisamos de objetos de que eles se riem? Foi com tal finalidade que Deus nos concedeu médicos e remédios? Como será, se estes aplicam o tratamento e a criança morre? Para onde ela partiu, dize-me, ó infeliz e miserável? Não foi talvez para junto dos demônios? De algum tirano? Teria ido para o céu? Acaso para o seu Senhor? Por que então te entristeces? Por que choras? Por que te lamentas? Por que tens mais amor a teu filho do que a teu Senhor? Não foi dele que o recebeste? Por que és ingrato, amando mais a dádiva do que o doador? “Sou fraco”, respondes, “e não aguento o temor de Deus”. Se, portanto, nos males corporais o maior abafa o menor, muito mais na alma o temor dissipa o temor, e uma dor tira a outra. Era belo o menino? Por mais que o fosse, não será mais belo do que Isaac; e este era filho único. Nasceu em tua velhice? Ele também. Mas era elegante? Por mais que o fosse, não o seria mais que Moisés, que atraiu até os olhares da estrangeira que o amou, e isto em idade e tempo em que ainda não transparece a beleza; no entanto, os pais jogaram ao rio aquele filho amado. Tu o vês quando jaz, entrega-o à sepultura, e visitas seu túmulo. Eles, porém, não sabiam se seria comido pelos peixes, ou pelos cães, ou por algum dos animais que se alimentam no mar. E assim agiram, quando ainda nada sabiam do reino, nem da ressurreição. Talvez não se trate de um filho único, mas também morreu depois de vários filhos? Entretanto, não foi como sucedeu a Jó, tribulação repentina e mais triste. Não ruiu o teto, não foi durante uma refeição, nem depois de serem anunciadas outras desgraças (cf. Jó 1,13-19). Era, porém, por ti amado ardentemente? De modo algum mais do que Jacó amava a José, que teria sido devorado por um animal; ele suportou, porém, a tribulação, tanto a que sobreveio depois daquela quanto a que veio depois desta. O pai chorou, não, contudo, impiamente, derramou lágrimas sem desesperar, mas conteve-se proferindo só as palavras: “José não existe mais. Simeão não existe mais e quereis tomar Benjamim; é sobre mim que tudo isso recai” (Gn 42,36)! Vês como a tirania da fome o convenceu de não levar em consideração os filhos; em ti, porém, o temor de Deus não pode tanto quanto a fome? Chora. Não o proíbo; mas nada profiras, nem faças de blasfemo. Por melhor que seja o menino, não é como Abel; no entanto, Adão nada disso proferiu, apesar da grave tribulação. O que pode haver de mais duro do que ser assassinado pelo irmão? Mas outro fratricídio

vem-nos oportunamente à lembrança: Absalão assassinou o primogênito Amnon (2Sm 13). Davi amava o filho, e prostrou-se com saco e cinza. Não chamou, contudo, adivinhos, nem encantadores, embora os houvesse então, conforme mostrou Saul; mas suplicava a Deus. Tu também age como o justo; profere palavras idênticas quando morrer a criança: “Eu irei para junto dele, ele, porém, não virá a mim” (2Sm 12,23). Verdadeira sabedoria e benevolência! Por mais que ames a criança, não amas tanto quanto então Davi. Aquele santo homem possuía intenso amor à mãe, apesar de ser o filho fruto de um adultério. Sabeis que participam os filhos do amor entre os pais. E tão grande era esse amor que, mesmo constituindo uma acusação, queria que o filho sobrevivesse; no entanto, deu graças a Deus. O que pensas que sentiu Rebeca quando o irmão ameaçou a Jacó? Não queria entristecer o marido, mas mandou que ele se afastasse. Medita no que é pior que isto, ao sobrevir um grande sofrimento, e terás suficiente consolo. E pensa: O que seria se tivesse morrido na guerra? O que, se morresse pelo fogo? E seja o que for que padecermos, pensemos em coisas piores e teremos bastante consolação. Sempre consideremos os que passaram por sofrimentos piores, mesmo se por vezes formos atingidos por padecimentos mais graves. Assim exorta Paulo, como ao dizer: “Vós ainda não resististes até o sangue em vosso combate contra o pecado!” (Hb 12,4), e ainda: “As tentações que vos acometeram, tiveram medida humana” (1Cor 10,13). Ponderemos os sofrimentos maiores do que os nossos, pois os encontraremos, e deste modo seremos agradecidos. Em primeiro lugar, porém, por tudo continuamente demos graças; dessa forma também estes sofrimentos cessarão e haveremos de viver para a glória de Deus e conseguir os bens prometidos. Possamos obtê-los, pela graça e amor aos homens etc.

NONA HOMILIA

3, 16. *A palavra de Cristo habite em vós ricamente: com toda sabedoria ensinai e admoestai uns aos outros e, em ação de graças a Deus, entoem vossos corações salmos, hinos e cânticos espirituais.*

17. *E tudo o que fizerdes em palavra ou ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, por ele dando graças a Deus Pai.*

Após persuadi-los de que fossem gratos, indica-lhes igualmente o caminho. Qual? Aquele que anteriormente vos descrevemos. O que dizia? “*A palavra de Cristo habite em vós ricamente.*” Ou antes, não somente este, mas ainda outro. Pois exortei, na verdade, que devemos relembrar os que sofreram mais, e no espírito revolver aqueles que sustentaram e toleraram padecimentos maiores do que os nossos, e dar graças porque tal não nos sucedeu. Quanto a Paulo, como se exprime? “*A palavra de Cristo habite em vós ricamente*”, isto é, a doutrina, as verdades da fé, as admoestações que declaram nada ser a vida presente, ou os seus bens. Se o virmos, não retrocederemos diante de dificuldade alguma. “*Habite em vós ricamente.*” Não apenas simples, mas superabundantemente.

Ouvi todos vós seculares, que tendes o governo de mulher e filhos, como Paulo vos ordena especialmente ler as Escrituras, não de maneira superficial, ao acaso, mas diligentemente. Quem é rico em dinheiro, pode suportar prejuízo e condenação; assim quem é rico nos ensinamentos da filosofia pode facilmente suportar não apenas a pobreza, mas também outras desgraças, e até mais facilmente que o primeiro. De fato, naquele caso ao suprir o dano, necessariamente o rico sofre detrimento e é criticado; e se isso lhe suceder frequentemente, não poderá mais suportar. No nosso caso, tal não acontece. Com efeito, não gastamos os raciocínios sãos, quando for necessário suportar algo contra nossa vontade, mas eles sempre perduram.

Vê, portanto, a prudência desse santo. Não disse: “A palavra de Cristo esteja convosco”, mas como? “*Habite*” e “*ricamente: com toda sabedoria ensinai e admoestai uns aos outros*”. Por sabedoria

entende a virtude; e com razão. A humildade, na verdade, é sabedoria, e igualmente a esmola etc., de sorte que os vícios contrários constituem insipiência; a crueldade vem da insipiência. Daí vem que em muitas passagens denomina insipiência todo pecado: “Diz o insensato no seu coração: ‘Deus não existe!’” (Sl 14,1) e: “Minhas chagas estão podres e supuram, por causa da minha loucura” (Sl 38,6). O que há de mais estulto, dize-me, do que o homem revestido de suas vestes que despreza os irmãos despídos, alimenta cães e menospreza a imagem de Deus que sente fome, acha-se convencido de que nada valem os negócios humanos e entretanto continua a eles apegado como se fossem imperecíveis? Assim como ninguém é mais tolo do que ele, ninguém mais sábio do que o virtuoso que age retamente. Vê como é sábio: divide seus bens, é esmoler e humano, reconhece que a natureza é comum a todos, sabe que não merece consideração o consumo de dinheiro, e que deve antes tratar bem o próprio corpo do que as moedas. Por esse motivo, todo aquele que despreza a glória é filósofo: pois conhece bem as coisas humanas. A filosofia consiste no conhecimento das coisas divinas e humanas. Por conseguinte, conhece quais as coisas divinas, quais as humanas; destas se abstém, naquelas se exerce. Sabe também em todas as situações dar graças a Deus. Considera que a vida presente nada é; por isso, não se alegra na felicidade, nem na adversidade se entristece.

Nem aguardes outra espécie de mestre. Tens as palavras de Deus; ninguém te ensina de maneira igual. Um mestre com frequência oculta muitas coisas por causa da vanglória e da inveja. Escutai, suplico-vos, vós que vos preocupais com a vida presente, e adquirir livros que são medicamentos da alma. Se não quereis outros, adquirir o Novo Testamento, os Atos dos Apóstolos, os Evangelhos, mestres perpétuos. Se sobrevir uma dor, considera tal farmácia, e de lá retira alívio para o mal, quer seja prejuízo, caso de morte, perda dos teus. Ou melhor, não somente olha para lá, mas toma de tudo e ali mantém o pensamento.

A ignorância das Escrituras é a causa de todos os males. Vamos desarmados para a guerra e como escaparemos salvos? Seria ótimo salvarmo-nos com estas armas; sem elas não o podemos, absolutamente. Não jogueis tudo para cima de nós; sois ovelhas, mas não irracionais, e sim dotadas de razão. Paulo também vos dá muitos preceitos. Os alunos não passam todo o tempo aprendendo, porque não recebem passivamente o ensino. Se ficares aprendendo perpetuamente, não aprenderás. Não venhas de tal modo como se houvesses de aprender sempre, pois, do contrário, nunca saberás; e sim como quem há de chegar ao fim do aprendizado para ensinar a outrem. Dize-me. Acaso não esperam todos nas disciplinas e artes simples chegar a determinado fim? Deste modo todos nós marcamos um tempo definido. Se, ao invés, sempre estiveres a aprender, é sinal de que nada aprendeste.

Foi o que Deus exprobrou os judeus: “São carregados desde o seio materno, e instruídos até a velhice” (cf. Is 46,3-4). Se não esperásseis sempre isso, tudo não retrocederia dessa forma. Se as coisas corressem de modo que uns, na verdade, tivessem aprendido, outros estivessem aprendendo, nosso labor progrediria; cederíeis o lugar a outros e ajudar-nos-íeis a suportar o trabalho. Dize-me, por favor. Se uns fossem ao mestre-escola, e ficassem sempre aprendendo o alfabeto, não dariam muito trabalho ao mestre? Até quando teremos de vos falar sobre a boa conduta da vida? No tempo dos Apóstolos não era assim, mas assiduamente passavam adiante, e estabeleciam os que primeiro haviam aprendido por mestres de novos discípulos. Desta forma puderam percorrer o orbe da terra, porque não se fixavam num só lugar. Quantos de nossos irmãos estão nos campos, e julgais que eles e os seus mestres carecem de doutrina? Mas vós nos detivestes, cravando-nos aqui. Com efeito, antes que a cabeça esteja bem, é inútil procurar saúde para o restante do corpo. Jogais todo o peso em cima de nós. Convinha que somente vós aprendêsseis de nós; as esposas aprenderiam de vós, os filhos de vós; mas deixais tudo por nossa conta. Por isso é grande o labor. *“Ensinaí e admoestai uns aos outros... em*

salmos, hinos e cânticos espirituais.” Observa que Paulo não é importuno. Uma vez que a leitura é laboriosa, e muito pesada, não introduz os livros históricos, mas os salmos, de sorte que simultaneamente deleites o espírito cantando e disfarces o labor. “*Em salmos, hinos e cânticos espirituais.*” Agora, porém, os vossos filhos imitam os cânticos satânicos, e as danças, como os cozinheiros, os que preparam a comida, os que dirigem os coros. Ninguém conhece um salmo, que parece questão vergonhosa, escárnio e irrisão. Daí tudo continuar correndo mal. Conforme a terra em que está a planta, tal o fruto que produz: se for arenosa e salsa, é tal; se doce e rica, de novo assemelha-se-lhe o fruto.

Assim os ensinamentos (da Escritura) são uma espécie de fonte. Ensina a teu filho cantar aqueles salmos cheios de sabedoria; por exemplo, trate logo da prudência, ou melhor, em primeiro lugar, aconselha-o a evitar as más companhias, como no início do Livro, assim começa igualmente: “Feliz o homem que não vai ao conselho dos ímpios” (Sl 1,1) e ainda: “Não me assento com os impostores” (Sl 25,4), ainda: “Tem por desprezíveis os malvados, mas honra os que temem ao Senhor” (Sl 15,4); mantenha-se na companhia dos bons – também isto e muitas outras coisas encontrarás ali –, a dominar o estômago, a conter as mãos, a não se prender à cupidez ; porque um nada são as riquezas, um nada a glória, e o que se lhe assemelha. Se instruíres o menino desde a tenra idade, aos poucos leva-lo-ás a realidades mais elevadas. Os salmos contêm tudo, e os hinos nada possuem de simplesmente humano. Quando ele aprender os salmos, então será introduzido nos hinos, que são mais sagrados. As potências celestes cantam hinos, não salmodiam. “O louvor não é belo na boca do pecador” (Eclo 15,9), e ainda: “Meus olhos estão nos fiéis da terra, para que habitem comigo”; e ainda: “Em minha casa não habitará o soberbo”, e: “Quem andar na integridade, este me servirá” (Sl 101,6-7.2).

Acautelar-te-ás de que não se misturem não somente com os amigos, mas até mesmo com os domésticos. Inúmeros males advêm aos livres se os deixarmos aos cuidados de escravos corruptos. Enquanto gozam de tamanha benevolência e sabedoria do pai, mal conseguem se proteger dos perigos; se os entregarmos à incúria dos escravos, o que haverão de ser? Eles os tratarão quais inimigos, julgando que serão senhores mais moderados, se os transformarem em insensatos, maus e de nenhuma valia. Sobretudo empenhemo-nos nisto. “Sou amigo dos que amam as tuas leis” (cf. Sl 119,63). Imitemo-lo também nós, e amemo-los.

No intuito de ainda tornar os meninos temperantes e moderados, ouçam como se exprime o Profeta: “Meus rins estão repletos de ilusões”, e ainda: “Tu repeles os que adulteram longe de ti” (Sl 38,8; 73,27). Ainda ouçam que é preciso dominar o ventre: “Tinham ainda a comida na boca, quando ele massacrava a muitos deles” (Sl 78,30-31). E aprendam da seguinte passagem que importa não se deixar vencer por presentes: “Quando vossa riqueza prospera, não ponhais nela o vosso coração!” (Sl 62,11). Ali também encontrarão que a procura da glória há de ser dominada: “Atrás dele, sua glória não descerá juntamente” (Sl 49,18). E não são invejáveis os malvados: “Não invejes os que praticam a injustiça” (Sl 37,1). Considerem eles um nada o poder: “Eu vi um ímpio muito poderoso elevar-se como um cedro do Líbano; passei de novo e eis que não existia mais (Sl 37,35-36). Que nada valem os bens atuais: “Feliz o povo em que assim acontece, feliz o povo cujo Deus é o Senhor” (Sl 144,15)! Que não pecamos impunemente, mas a recompensa existe: “Pois tu devolves a cada um conforme as suas obras”. Por que não retribui cotidianamente? “Deus é um juiz justo e forte, lento para a cólera” (Sl 7,12). Que a humildade é um bem: “Senhor, meu coração não se eleva” (Sl 131,1). Que a soberba é um mal: “Daí a soberba os dominou até o fim” (Sl 73,6), e ainda: “O Senhor resiste aos soberbos” (cf. Pr 3,34); e ainda: “A maldade lhes brota de certo modo da gordura” (Sl 73,7). Que a esmola é boa ação: “Ele distribui aos indigentes com largueza; sua justiça permanece para sempre” (Sl 112,9). Que

é louvável ter compaixão: “Feliz quem tem piedade e empresta” (Sl 112,5). E encontrarás muito mais ensinamentos sábios ali. Por exemplo, que não se deve maldizer: “Quem calunia seu próximo em segredo eu o farei calar” (Sl 101,5).

Conhecem os fiéis qual o hino dos seres celestes, que no alto cantam os Querubins. O que cantavam os anjos, aqui embaixo? “Glória a Deus nas alturas” (Lc 2,14). Por isso proferem-se os hinos depois da salmodia, porque um tanto mais perfeitos. Diz o Apóstolo: “*Em ação de graças a Deus, entoem vossos corações salmos, hinos e cânticos espirituais*”. Exprime-se dessa forma porque Deus, por sua graça, concedeu-nos tais coisas; ou cânticos cheios da graça; ou porque admoestam e ensinam pela graça; ou pela graça possuíam tais dons; ou por se tratar de explanação. Pela graça, diz ele, do Espírito. “*A Deus entoem vossos corações.*” Não somente de boca, mas com atenção.

Isso seria cantar a Deus; do contrário seria lançar ao vento, difundir inutilmente a voz. Não para ostentação. Até mesmo na praça podes concentrar-te e cantar a Deus, sem que ninguém ouça. Daí vem que Moisés rezava desse modo, e era ouvido. Foi dito: “Por que clamas por mim?” (Ex 14,15). Embora nada tenha pronunciado, clamou mentalmente com coração contrito; por essa razão apenas Deus o ouviu. Nada impede a um caminhante rezar no coração e mantê-lo ao alto.

17. *E tudo o que fizerdes em palavra ou ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, por ele dando graças a Deus Pai.*

Se agirmos dessa maneira, nada será maculado, nada impuro, onde Cristo é invocado. Quer comas, quer bebas, quer te cases, quer partas em viagem, faze tudo em nome de Deus, isto é, invocando seu auxílio. Antes de começares qualquer obra, invoca-o. Queres falar alguma coisa? Primeiro reza. Igualmente nós nas cartas colocamos primeiro o nome do Senhor. Onde estiver o nome do Senhor, tudo será bem-sucedido. Efetivamente, se os nomes dos cônsules tornam válidos os documentos, muito mais o nome de Cristo.

Ou o Apóstolo assinala o seguinte: Profere e executa todas as coisas segundo Deus; não introduzas os anjos.

Comes? Dá graças a Deus, antes e depois da refeição. Dormes? Dá graças a Deus, antes e depois.

Vais ao foro? Pratica o mesmo; nada de mundano, nada de terreno. Age sempre em nome do Senhor e tudo correrá bem. Seja onde for que se invocar o nome de Deus, tudo terá feliz termo. Se expulsa demônios e cura doenças, muito mais dará êxito aos negócios.

E o que significa fazer “*em palavra ou ação*”? Se saíres, ou operares seja o que for. Escuta como Abraão em nome de Deus expediu o servo (cf. Gn 24,1ss). Davi em nome de Deus matou Golias (3Rs 17,45ss). Admirável e grande é o seu nome. Ainda Jacó enviando os filhos, disse: “O Senhor vos faça encontrar graça junto desse homem” (Gn 43,14). Quem assim procede, tem por aliado a Deus, sem o qual nada ousou fazer. Visto que, ao ser invocado, Deus foi honrado, ele retribuirá e levará a bom termo os empreendimentos de quem o invocou. Invoca o Filho, dá graças ao Pai. Ao ser invocado o Filho, igualmente é invocado o Pai; e ao se lhe dar graças, ao Filho também se agradece. Aprendamos a não realizar apenas em palavras, mas também na prática. Nada se equipara a este nome; ele é sempre admirável: “Teu nome é como um óleo a escorrer” (Ct 1,3). Quem assim se exprime logo ficou repleto do bom odor. “Ninguém pode dizer: ‘Jesus é Senhor’, a não ser no Espírito Santo” (1Cor 12,3). Este nome opera grandes coisas. Se disseres com fé: “Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”, tudo terás feito. Vê quantas obras realizaste: criaste um novo homem e tudo mais operaste em consequência do batismo. Assim, ao ordenar, este nome é terrível às doenças.

Por isso o diabo introduziu as falsas crenças nos anjos, invejando-nos tal honra. Tais encantações

provêm dos demônios. Seja embora anjo, seja arcanjo, seja querubim, não o tolereis. Pois, nem mesmo as potestades o aceitam, mas repelem ao notarem que o Senhor foi ofendido. “Eu te honrei”, diz o Senhor, “e te ordenei: ‘Invoca-me’”, e tu o desonras? Se entoares este cântico com fé, afugentarás as doenças e os demônios; e se não expulsares a doença, não é porque o nome de Deus é fraco, mas porque a cura não te é proveitosa. “Segundo tua grandeza, é o teu louvor” (cf. Sl 48,11). Por este nome toda a terra se converteu, rompeu-se a tirania, o diabo foi conculcado, os céus se abriram. E por que digo: os céus? Nós por este nome fomos regenerados. Se o tivermos, havemos de resplandecer. Ele faz mártires e confessores. Consideremo-lo grande dom, para vivermos na glória, agradarmos a Deus e sermos dignos dos bens prometidos aos que o amam, pela graça e amor aos homens etc.

DÉCIMA HOMILIA

Preceitos particulares de moral doméstica

- 3,18.** *Vós, mulheres, submetei-vos aos maridos como convém no Senhor.*
- 19.** *Maridos, amai as vossas mulheres e não as trateis com aspereza.*
- 20.** *Filhos, obedeei aos vossos pais em tudo, pois isso é agradável ao Senhor.*
- 21.** *Pais, não irriteis os vossos filhos, para que eles não desanimem.*
- 22.** *Servos, obedeei em tudo aos senhores segundo a carne, não quando vigiados, para agradar a homens, mas em simplicidade de coração, no temor do Senhor.*
- 23.** *Em tudo o que fizerdes trabalhai com ânimo, como para o Senhor e não para homens,*
- 24.** *sabendo que o Senhor vos recompensará como a seus herdeiros.*
- 25.** *Quem faz injustiça receberá de volta a injustiça, pois não há acepção de pessoas diante de Deus.*
- 4,1.** *Senhores, dai aos vossos servos o que é justo e equitativo, sabendo que vós tendes um Senhor no céu.*

Por que não dá Paulo tais ordens sempre e em todas as cartas e somente aqui e na Carta aos Efésios, a Timóteo e a Tito? Porque é provável que, nessas cidades, houvesse dissensões. Ou talvez em outros pontos agissem bem, nestes, contudo, menos corretamente, e por conseguinte era preciso que ouvissem esse discurso. Ou melhor, o que diz a eles, vale para todos. Pois a presente carta tem grande semelhança com a Carta aos Efésios. Em outras passagens não age dessa maneira, porque, sendo dirigidas a homens já em paz e que deviam aprender doutrinas mais sublimes de que ainda careciam, era desnecessário escrever sobre o assunto. Ou porque, tendo já recebido conforto nas provas, era supérfluo ouvir tais exposições. Suponho que a Igreja já se achava firme e estável, e ele queria explicar estes pontos no final.

“*Vós, mulheres, submetei-vos aos maridos como convém no Senhor.*” em vez de: submetei-vos por causa de Deus; porque constitui ornamento para vós, não para eles. Não uma submissão servil, nem somente natural, mas por causa de Deus.

“*Maridos, amai as vossas mulheres e não as trateis com aspereza.*” Vê como sugere os deveres mútuos. Como na outra passagem (cf. Ef 5,33) menciona temor e caridade, assim também aqui pode acontecer que um deles ame e seja, contudo, amargo. O sentido é o seguinte: “ Não deveis brigar”. Não há pior contenda do que a do marido contra a mulher. Pois, quando as lutas são contra pessoas amadas, são intensas; e explica que o dissídio contra um membro do próprio corpo (cf. Ef 5,28-30)

origina-se de grande acrimônia. Mas é próprio do homem amar, e da mulher condescender. Se, portanto, cada qual presta o que deve, o todo fica firme e estável. Pelo fato de ser amada, a mulher se torna benévola; doutro lado, se ela é submissa, o marido se faz clemente. Observa, no entanto, que é natural que um ame e a outra obedeça. Com efeito, quando o que ordena ama o súdito, então tudo se mantém estável. Não tanto se exige amor do súdito quanto daquele que comanda; ao súdito compete obediência. Uma vez que cabe a beleza à mulher, e ao homem o desejo, é manifesto que assim acontece por amor. Mas não fiques insolente, porque a mulher é submissa; nem tu, porque o marido te ama, te orgulhes. A amizade do marido não exalte a mulher; nem a submissão da mulher ensoberbeça o marido. Ela te foi sujeita, ó homem, para ser mais amada; e fez com que fosses amada, ó mulher, para facilmente suportares a submissão. Sejas submissa, sem temor; ser submissa a quem te ama não acarreta dificuldade. Não temas tu que amas porque ela é dócil. De outro modo, faltará o vínculo. Tens necessariamente o domínio por natureza, tenhas o vínculo do amor; considera que deves sustentar a parte mais fraca.

“Filhos, obedeei aos vossos pais em tudo, pois isso é agradável ao Senhor.” Novamente refere-se ao *“Senhor”*, emitindo leis de obediência, e incutindo respeito e submissão. *“Pois isso é agradável ao Senhor.”* Vê como quer o Apóstolo que sejam nossas ações não somente segundo a natureza, mas para agradarmos a Deus, e obtermos recompensa.

“Pais, não irriteis os vossos filhos, para que eles não desanimem.” Eis novamente sujeição e amor. E não disse: *“Amai vossos filhos”*, o que seria supérfluo, uma vez que a própria natureza a tal obriga, mas corrige como convém, a fim de que o amor aqui seja mais forte, porque também é maior a obediência. Nunca exemplifica com o amor entre mulher e o marido; e então? Escuta as palavras do Profeta: *“Como um pai é compassivo relativamente aos filhos, o Senhor é compassivo para com aqueles que o temem”* (Sl 103,13). E Cristo ainda pergunta: *“Quem dentre vós dará uma pedra a seu filho, se este lhe pedir pão? Ou lhe dará uma cobra, se esse lhe pedir peixe?”* (Mt 7,9-10). *“Pais, não irriteis aos vossos filhos, para que eles não desanimem”*. Apresentou o que sabia ser mais adequado para estimulá-los, e dá-lhes ordens amigavelmente, sem referir-se absolutamente a Deus; sensibiliza os pais, e comove-lhes as vísceras. A expressão: *“Não irriteis”* significa: *“Não os façais mais teimosos; há sempre algo que deveis desculpar”*.

Em seguida, trata do terceiro grau: *“Servos, obedeei em tudo aos senhores segundo a carne”*. Existe também aqui certo amor, não natural, como os supramencionados, mas derivado da convivência, do próprio domínio e do serviço prestado. Visto ser aqui a parte do amor diminuta, e a da obediência ampliada, quer deter-se nela a fim de darem os servos por motivo de obediência o que os primeiros prestam em consequência da natureza. Por essa razão não fala somente aos servos em favor dos senhores, mas também por eles próprios, a fim de que procurem ser agradáveis aos senhores. Mas não o faz de maneira clara; do contrário os faria recuar. *“Servos, obedeei em tudo aos senhores segundo a carne.”*

Observa como sempre coloca os nomes: *“mulheres, filhos, servos”* como título de obediência. Mas, para não entristecê-los, acrescenta: *“Aos senhores segundo a carne”*. O melhor de ti, a alma, é livre, diz ele; a escravidão é temporária. Submete aquela de boa vontade, para que a escravidão não seja por dura necessidade. *“Não quando vigiados, para agradar a homens”*. Faze com que a escravidão segundo a lei se transforme pelo temor de Cristo. Visto que cumpres o dever e prestas honras a teu senhor, mesmo quando ele não vê, manifestas que assim ages por causa do olhar daquele que não dorme. *“Não quando vigiados, para agradar a homens”*, o que vos acarretaria dano. Por isso, escuta as palavras do Profeta: *“Deus dissipa os ossos dos que agradam aos homens”* (Sl 53,6). Nota, portanto,

como os poupa e chama à ordem.

“*Mas em simplicidade de coração, no temor do Senhor.*” De fato, não seria simplicidade, mas hipocrisia ter uma coisa no pensamento e fazer outra, parecer uma coisa na presença do dono, ser outra na ausência. Com efeito, não profere simplesmente: “*em simplicidade de coração*”, mas acrescenta: “*no temor do Senhor*”. Temer o Senhor seria não fazer o mal, embora ninguém o observe; se, ao invés, o fizermos, temeríamos os homens e não a Deus. Verificas como ele os chama à ordem: “*Em tudo o que fizerdes trabalhai com ânimo, como para o Senhor e não para homens*”. Não quer apenas afastá-los da hipocrisia, mas igualmente da preguiça. Transforma-os em livres em vez de escravos, uma vez que não precisam da vigilância dos senhores. A locução “*com ânimo*” quer dizer: “de boa vontade, não por coação servil, mas com liberdade e bom propósito. E qual a recompensa?

“*Sabendo que o Senhor vos recompensará como a seus herdeiros*”, servi o Senhor. Sem dúvida, dele recebereis a recompensa. Daí se evidencia que servis o Senhor: “*Quem faz injustiça receberá de volta a injustiça*”.

Aqui se confirma o acima mencionado. E a fim de que não se julgue serem palavras de lisonja, assegura: “*Receberá de volta a injustiça*”, isto é, terá o castigo.

“*Pois não há acepção de pessoas diante de Deus.*” E se fores escravo? Não te envergonhes. Todavia, importava declarar isto aos senhores, conforme também faz na Carta aos Efésios. Mas ali, a meu ver, dirige-se implicitamente aos senhores pagãos. Mas se ele é pagão e tu cristão? Não se examinam pessoas, mas obras, de sorte que seja o serviço prestado de boa vontade, com ânimo.

“*Senhores, dai aos vossos servos o que é justo e equitativo.*” O que seria “*justo*”? O que “*equitativo*”? Cuidar de que haja para eles fartura, e não deixar que necessitem de alguma coisa, mas remunerar-lhes o labor. Não aconteça que, por ter eu afirmado que têm a recompensa junto de Deus, tu os prives destes bens. Em outra passagem, ordena: “sem ameaças” (Ef 6,9), visando torná-los mais mansos; pois eles eram fiéis. É o sentido da frase: “Com a medida com que medis sereis medidos” (Mt 7,2). E a palavra: “*Não há acepção de pessoas diante de Deus*” é endereçada aos senhores; aplica-a àqueles para que também estes a aceitem. Pois, ao dizermos a alguém o que convém também a outrem, não tanto o corrigimos quanto àquele que é culpado. E vós com eles, diz aos senhores. Com isso coloca a servidão em comum, uma vez que declara: “*Sabendo que vós tendes um Senhor no céu*”.

Espírito apostólico

2. Perseverai na oração, vigilantes, com ação de graças,

Considerando que muitas vezes caem na preguiça os que perseveram longamente na oração, acrescenta: “*Vigilantes*”, isto é, atentos, sem divagar. Conhece, de fato, conhece o diabo que grande bem constitui a oração, e em consequência persegue duramente. Paulo sabe também que muitos dos orantes são indolentes; por essa razão diz: “*Perseverai na oração*”, como algo de oneroso. “*Perseverai na oração, com ação de graças.*” Seja esta vossa tarefa, oração com ação de graças, pelos benefícios visíveis e invisíveis, pelas realizações voluntárias e involuntárias, pelo reino, pela geena, pelas tribulações e pelo alívio. Assim costumavam orar os santos, e dar graças pelos benefícios comuns.

Conheço um santo homem que assim rezava. Não proferia outras palavras, senão as seguintes: “Damos graças por todos os vossos benefícios, dos primeiros dias até hoje, concedidos a nós, indignos: conhecidos e ignorados, visíveis e ocultos, em obras, em palavras, de bom grado ou de má vontade recebidos, todos concedidos a nós, indignos; pelas tribulações, pelo alívio, pela geena, pelo

castigo, pelo Reino dos céus. Suplicamos conserveis santa a nossa alma, pura a consciência. Dai-nos um fim consentâneo a vosso amor aos homens. Tanto nos amastes que destes por nós o vosso Unigênito. Fazei-nos dignos desse amor. Dai-nos sabedoria em vossa palavra, em vosso temor, Cristo, Filho unigênito, infundi-nos vossa força. Vós, que destes vosso Unigênito por nós e enviastes vosso Espírito Santo para remissão de nossos pecados; se faltamos voluntária ou involuntariamente, perdoai e não leveis em conta. Lembrai-vos de todos os que invocam em verdade vosso nome. Lembrai-vos do que nos querem bem, dos que, ao contrário, nos querem mal. Somos homens. Todos nós”. Em seguida, acrescentando a oração dos fiéis, sendo coroa e elo a oração por todos, punha termo à prece. Efetivamente Deus nos concede muitos benefícios contra nossa vontade: muitos, ignorados e maiores. Pois, quando fazemos certos pedidos e ele confere o contrário, é evidente que ele, sem o sabermos, nos beneficia.

3. *orando por nós também ao mesmo tempo,*

Repara em sua humildade, colocando-se depois deles.

para que Deus nos abra uma porta à Palavra, para falarmos do mistério de Cristo,

Acesso e liberdade de palavra. Ah! Tão grande atleta não diz: “Que me liberte dos vínculos”, mas prisioneiro, pede por outros e suplica por uma grande questão: que consiga liberdade de palavra. Duas coisas importantes: a qualidade da pessoa e da causa. Ah! que dignidade! Diz: “*O mistério de Cristo*”. Revela que nada lhe é mais desejável do que poder falar.

pelo qual estou prisioneiro,

4. *a fim de que eu dele fale como devo.*

Com grande liberdade, afirma, sem nada calar. Vê, as cadeias fazem-no manifesto, não obscuro. Com muita confiança e liberdade de falar. Dize-me. És prisioneiro e consolais os outros? Exatamente: os vínculos dão-me maior liberdade de palavra; mas suplico o auxílio de Deus, pois ouvi as palavras de Cristo: “Quando vos entregarem, não fiqueis preocupados em saber como ou o que haveis de falar” (Mt 10,19).

E vê a metáfora que emprega: “*para que Deus nos abra uma porta à Palavra*”. Vê como é alheio à ostentação e, preso, fala com humildade. Quer dizer: “suavize os seus corações”. Não fala nesses termos e sim: “Conceda-nos confiança e liberdade de palavra”. Assim se expressando, porta-se com humildade e suplica receber o que já possuía.

Manifesta nesta carta porque Cristo não veio anteriormente, chamando o Antigo Testamento de sombra: “*A realidade é o corpo de Cristo*” (Cl 2,17). Por isso era necessário que eles primeiro se acostumassem com as sombras. Simultaneamente assinala a maior prova de seu amor para com os colossenses: “Ouvi também vós. Eu, porém, estou preso”. Novamente relembra os vínculos, que eu amo ardentemente, excita-me o coração e me inflama sempre no desejo de contemplar Paulo nas cadeias a escrever, pregar, batizar e catequizar. A respeito das Igrejas de todas as partes noticiava-se na prisão; o prisioneiro edificava a muitas. Achava-se deste modo bem tranquilo. Com efeito, escuta como se exprime: “E a maioria dos irmãos, encorajados pelas minhas cadeias, proclamam a palavra com mais ousadia e sem temor” (Fl 1,14). Ele próprio ainda o confessa, nesses termos: “Pois, quando sou fraco, então é que sou forte” (2Cor 12,10). Por esse motivo, dizia ainda: “Mas a palavra de Deus não está algemada!” (2Tm 2,9). Achava-se no cárcere, em companhia de malfeitores, com cativos, com homicidas, o apóstolo de todo o orbe; aquele que fora arrebatado até o terceiro céu, que ouvira palavras inefáveis (cf. 2Cor 12,2.4) estava preso. Mas então era mais veloz a sua corrida. Detento, era livre; e quem não estava algemado, estava preso. Pois o primeiro conseguia tudo o que queria; o outro,

porém, sem estar impedido, nem seus propósitos realizava. O que fazes, insensato? Seria ele acaso um corredor ordinário? Talvez entrasse em competição num estádio comum? Ele é cidadão do céu. Àquele que corre no céu, liames da terra não podem ligar e reter. Não vês o sol? Não se prendem os raios do sol. Nem se lhe interrompe o curso! Impossível! Nem de Paulo, e muito menos dele do que do sol. Sobre Paulo vela maior providência da parte de Deus do que sobre o sol, porque não nos proporciona a luz natural, e sim a luz verdadeira.

Onde estão os que nada querem sofrer por causa de Cristo? Por que falo de sofrer, quando não querem nem mesmo dar dinheiro? Uma vez Paulo fora algemado e jogado no cárcere; mas transformado em servo de Cristo não se gloria do que faz e sim do que sofre. Tal o milagre da pregação: surge e propaga-se por meio dos que sofrem e não por intermédio dos que agem mal. Onde já se viram competições desta espécie? Quem sofre, vence; quem faz mal, é vencido, e o primeiro é mais ilustre que o segundo. A pregação introduziu-se por meio dos vínculos. “Não me envergonho”, diz ele, “mas até me glorio de anunciar o crucificado” (cf. Rm 1,16; 1Cor 1,23). Raciocina deste modo: Todo o orbe da terra abandona os homens livres, procura os presos; aparta-se dos que aprisionam, honra os que estão cercados de cadeias; odeia os que crucificaram, adoram o crucificado.

Não é admirável apenas que os pregadores fossem pescadores e ignorantes, mas também que outros impedimentos naturais não opusessem obstáculo e mais vasta se tornasse a propagação do evangelho. Não somente a rude imperícia nada impediu, mas até contribuiu para ser mais manifesta a pregação. Escuta, portanto, o que afirma Lucas: ‘Verificando que eram iletrados e homens do povo, admiraram-se’ (At 4,13). Não só os vínculos nada impediam, mas infundia-lhes maior confiança. Os discípulos não confiavam tanto enquanto Paulo estava livre do que durante seu cativeiro: “Proclamam a palavra de Deus com mais ousadia e sem temor” (Fl 1,14).

Onde estão os que asseguram não ser divino o anúncio? A rude imperícia não bastaria para condená-los? Seria preciso que também fossem atemorizados? A multidão, como se sabe, é dominada por duas paixões: a vanglória e o medo. A imperícia não os deixava envergonhados; os perigos deviam incutir-lhes temor. Ao invés, narra-se, faziam milagres. Acreditais, certamente, que faziam milagres. Mas deviam não fazer? Seria maior maravilha que sem milagres persuadissem os homens.

Sócrates foi preso pelos gregos. E a consequência? Logo não fugiram os discípulos para Megara? Certamente. Não admitiam o que ensinara a respeito da imortalidade. Ao invés, vê o que acontece aqui. Paulo estava preso, e os discípulos enchiam-se de maior intrepidez. E com razão. Viam que a pregação não fora impedida. Acaso é possível amarrar a língua? Por meio dela é que a pregação corre mais. Se não amarrares os pés do corredor tampouco interromperás a corrida; assim também se não prenderes a língua de quem anuncia o evangelho, não o proibirás de correr. E como o corredor, se lhe cingires a cintura, melhor corre e alcança o termo, assim também Paulo, prisioneiro, mais apregoa e com maior ousadia. É horrível para o prisioneiro se o vínculo for somente vínculo. Mas estará preso quem despreza a morte? Agiam como se houvessem prendido a sombra de Paulo, e amordaçado-lhe a boca. Combatiam contra uma sombra. Dos seus, de fato, era especialmente amado e entre os inimigos muito respeitado, por considerar as cadeias uma recompensa da coragem. A coroa orna a cabeça, não a envergonha, mas ao contrário, a faz ilustre. Contra a própria vontade, eles o coroam com as cadeias. Dize-me, por favor. Poderia temer a espada quem enfrentava as portas de aço da morte?

Sintamos, caríssimos, emulação por estes vínculos. Todas vós, mulheres, com correntes de ouro, ambicionai as cadeias de Paulo. Um colar ao pescoço não brilha de modo idêntico ao fulgor do enfeite férreo das cadeias na alma de Paulo. Quem anela por estas, odeie aquelas. Que sociedade existe entre a preguiça e a grande força de alma; a beleza física e a filosofia? Os anjos reverenciam estes vínculos,

dos outros zombam; os primeiros costumam carregar da terra para o céu, enquanto os segundos arrastam do céu para a terra e são os verdadeiros vínculos, não aqueles. Aqueles são ornamentos, estes cadeias, que oprimem alma e corpo, enquanto os outros enfeitam alma e corpo. Queres saber por que aqueles são enfeites? Dize-me. Quem atrai mais a atenção, tu ou Paulo? E por que digo: tu? A própria imperatriz, toda revestida de ouro, não atrairia mais os olhares. Se acontecesse entrarem simultaneamente na igreja Paulo algemado e a imperatriz, talvez todos desviassem os olhos dela e os dirigissem para ele. E com razão. Contemplar um homem acima da natureza humana, que nada possuía da fraqueza humana, mas se assemelhava a um anjo sobre a terra, seria mais admirável do que a visão de uma mulher ornada. Pois é possível encontrar a essa nos espetáculos, nos cortejos, nos banhos, em muitos lugares, por toda parte; quanto a um homem carregado de vínculos que os tem por máximo ornamento, que não cede diante das cadeias, é impossível vê-lo qual espetáculo humano, e sim enquanto visão digna do céu. A alma que depende daqueles ornatos tenta notar quem vê e quem não vê, enche-se de orgulho, está sujeita a cuidados e preocupações, a inúmeros outros afetos. Ao invés, a que está cercada das outras cadeias, está livre de ostentação, espiritualmente alegre, isenta de preocupações, repleta de gozo, olha para cima, voa para o céu. Se me fosse dado optar entre ver Paulo do céu inclinar-se para fora e emitir sua voz, ou do cárcere, escolheria vê-lo do cárcere. Vêm anjos do céu para junto dele, quando está no cárcere. Elos da pregação são os vínculos de Paulo, e fundamentos aquelas algemas. Aspiremos por aqueles vínculos!

“E como é possível”, pergunta-se? Quebrando e esmigalhando os de ouro. Não terão utilidade alguma, mas antes causar-nos-ão prejuízo. Mostram que somos prisioneiros; entretanto os vínculos de Paulo solvem aquelas cadeias. A mulher aqui presa daquele modo, terá no além mãos e pés presos com vínculos imperecíveis, enquanto os que prendem a Paulo então haverão de servir-lhe de ornamento. Liberta-te a ti mesmo das cadeias, e ao pobre livra da fome. Por que te amarras com as cadeias dos pecados? “Como”, perguntas? Quando tu carregas ouro e o outro perece, quando tu, para obteres glória vã, recebes tanto ouro, enquanto o outro não tem o que comer, não te prendem os pecados?

Reveste-te de Cristo, e não de ouro; onde está mamom, Cristo não se encontra, onde Cristo está não se acha mamom. Não queres te vestir do rei do universo? Se alguém te concedesse a púrpura e o diadema, não os acolherias melhor do que toda quantidade de ouro? Eu não te dou o ornamento régio, mas ofereço-te o próprio rei para te revestires. Mas como pode alguém se vestir de Cristo? Escuta as palavras de Paulo: “Todos vós que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo” (Gl 3,27). Ouve a admoestação do Apóstolo: “Não procureis satisfazer os desejos da carne” (Rm 13,14). Revestir-se de Cristo é não satisfazer os desejos da carne. Se te revestires de Cristo, os demônios te temerão; do contrário, se for de ouro, até os homens zombarão de ti; se te revestires de Cristo, também os homens te respeitarão.

Queres parecer bela e digna? Basta-te a conformação que te deu o Criador. Por que acrescentas ornamentos de ouro, como se quisesses corrigir a imagem de Deus? Queres parecer formosa? Reveste-te da esmola, veste a benignidade, a modéstia, afasta-te da ostentação. Tudo isto é mais precioso do que o ouro. Igualmente torna mais bela a mulher formosa; também faz formosa aquela que não o é. Quando alguém vê um rosto marcado pela benevolência, profere um juízo caridoso; ninguém pode chamar a mulher ruim de bela, mesmo que seja formosa; pois uma consciência ferida não suporta um juízo reto.

Enfeitara-se outrora a egípcia; José também estava ornado; quem era mais belo? Não digo quando ela estava no palácio, ele no cárcere. Ele estava desnudo, mas revestido do manto da temperança; ela

estava revestida, mas mais vergonhosa que despida, porque lhe faltava a continência. Quando te ornamentas de modo inconveniente, ó mulher, então te fazes mais torpe do que a mulher nua; despiste a modéstia. Eva também estava nua; mas quando se vestiu, então se tornou mais vergonhosa; porque, quando estava nua, estava ornada da glória de Deus; quando, porém, vestiu o manto do pecado, então era imoral. E tu, vestida de ornamentos mundanos, então apareces mais obscena. Pois o excessivo luxo não basta para manifestar a beleza, mas pode acontecer, asseguro, que, embora vestida, seja mais desonesta do que uma despida. Se alguma vez te vestistes com as roupas dos flautistas e dançarinos, não foi indecoroso? No entanto, eram vestes de ouro; por isso mesmo, pelo fato de serem de ouro, é uma torpeza. O excessivo luxo do vestuário convém aos representantes de tragédias, aos atores, aos histriões, aos dançarinos, aos que combatem com as feras. À mulher fiel Deus concede outras vestes, a saber, o próprio unigênito Filho de Deus. “Vós todos que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo” (Gl 3,27). Dize-me, por favor. Se alguém te desse uma veste régia, tu, porém, sobre aquela colocasses a veste vil dum escravo, acaso por te portares de modo inconveniente, não serias até castigado? Revestistes do Senhor do céu e dos anjos a ti mesmo, e ainda te envolves em coisas terrenas?

Proferi tais palavras a fim de mostrar que por si é grande mal o excessivo desejo dos ornamentos, mesmo se outra coisa dali não surgisse e fosse possível usá-los sem perigo (de fato induzem ao fausto e à vanglória). Entretanto muitos outros males se originam do apuro em se enfeitar: suspeitas manifestas, gastos inoportunos, blasfêmias, avareza e muitas ocasiões de ambição. Por que, dize-me, te enfeitas? Para agradar ao marido? Então, age assim dentro de casa. Acontece, porém, o contrário. De fato, se queres agradar ao marido, não agrades a outros; se, porém, agradas a outros, não poderás aprazer a teu marido. Por esse motivo, devias tirar todo ornato ao ires ao foro, ou à igreja. Doutra forma, não agradarás ao marido com aquilo que usam as meretrizes, mas antes por aquilo que empregam as mulheres dignas. Em que, dize, por favor, difere a esposa da meretriz? Esta visa a um só fim, agradar pela beleza corporal àquele a quem ama. A esposa, contudo, dirige a casa, está na companhia dos filhos e dos demais. Tens uma filhinha? Cuida de que não fique prejudicada. Pois elas costumam adquirir bons hábitos pela educação e imitam os costumes das mães. Dá exemplo a tua filha de modéstia e temperança; orna-a com esses enfeites e despreza aqueles. Na verdade, estes são ornamentos, aqueles, porém, mais enfeiam do que ornar.

Sejam suficientes estas palavras. Deus, porém, que fez a beleza do mundo, e nos deu o mundo ornado da alma nos aformoseie e revista de sua glória. E resplandecentes todos de boas obras, vivendo para sua glória, tributemos glória ao Pai, e ao Filho e ao Espírito Santo.

DÉCIMA PRIMEIRA HOMILIA

4,5. *Tratai com sabedoria os de fora, redimindo o tempo.*

6. *A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal, de modo que saibais como convém responder a cada um.*

Paulo aqui faz a mesma admoestação que Cristo dirigia aos discípulos. Como se exprimia Cristo? “Eis que eu vos envio como ovelhas entre lobos. Por isso sede prudentes como as serpentes e sem malícia, como as pombas” (Mt 10,16). Quer dizer, sede cautelosos, sem lhes dar contra vós ocasião para qualquer pretexto. Por isso, acrescenta: “*Os de fora*”, a fim de aprendermos que, diante de nossos próprios membros, não é necessária tanta precaução quanto diante dos estranhos. Porque, onde há irmãos, muita coisa se perdoa, e existe grande caridade. Mesmo aqui importa haver cautela, maior, contudo, com os de fora. Não é o mesmo estar entre adversários e inimigos ou no meio de amigos. Em

seguida, após ter atemorizado, vê como logo os reanima. “*Redimindo o tempo*”, isto é, o tempo presente é breve. Assim se expressava, não por querer que fossem mutáveis, hipócritas; não seria sabedoria, mas loucura. Mas, então? Nas questões inócuas, não lhes deis ocasião de pretexto. O mesmo escreve na Carta aos Romanos: “Dai a cada um o que lhe é devido: o imposto a quem é devido; a taxa a quem é devida; a honra a quem é devida” (Rm 13,7). Apenas acerca da pregação deves lutar; não haja outra causa de combate. Pois, se também por outros motivos houvéssemos de provocar contendas, não obteríamos recompensa, tornar-nos-íamos piores e eles aparentemente teriam direito de acusar-nos. Por exemplo, se não pagássemos imposto, se não prestássemos a devida honra, se não fôssemos humildes.

Notas quanto se humilha Paulo quando não há prejuízo para a pregação? Escuta o que diz a Agripa: “Julgo-me feliz, rei Agripa, por ter hoje de me justificar diante de ti, tanto mais que estás ao corrente de todos os costumes e controvérsias dos judeus” (At 26,2-3). Se ele julgasse que devia ofender o príncipe, teria estragado tudo. Escuta igualmente como São Pedro responde com mansidão e calma aos judeus: “É preciso obedecer antes a Deus que aos homens” (At 5,29). Teriam podido, como homens desesperançados de viver, injuriar e fazer o que quisessem; mas eles renunciavam à vida a fim de não se vangloriarem (seria apenas vanglória), pregarem e falarem livre e confiadamente; do contrário, somente seria ostentação.

“*A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal*”, isto é, graciosa sem decair em falta de discernimento. É lícito, portanto, é lícito falar de maneira graciosa, mas com o conveniente decoro. “*De modo que saibais como convém responder a cada um*”. Por conseguinte, não se deve falar de igual modo a todos, aos gentios, diria, como aos irmãos. Absolutamente; seria o cúmulo da loucura.

Notícias pessoais

7. Quanto a mim, Tíquico, irmão amado e fiel ministro e companheiro de serviço no Senhor, vos dará todas as informações.

Ah! Como é grande a sabedoria de Paulo. Não inclui nas cartas todas as notícias, mas as necessárias e urgentes. Em primeiro lugar por não querer aumentar muito o tamanho das cartas. Segundo, para tornar mais respeitável aquele que parte, e ele tenha o que contar. Terceiro, demonstra-lhe grande afeto; do contrário, não lhe teria confiado as notícias. Além do mais, havia algumas informações que não convinha dar por carta.

“*Irmão amado.*” Se é amado, sabe de tudo e Paulo nada lhe ocultara. “*E fiel ministro e companheiro de serviço no Senhor.*” Se é fiel, não mente; se companheiro de serviço, participa das tribulações. Coligiu, portanto, tudo o que o tornaria fidedigno.

8. Eu vo-lo envio especialmente para vos informar.

Demonstra grande amor ao enviá-lo, e foi esta a causa da viagem, conforme escreve na Carta aos Tessalonicenses: “Por isso, não podendo mais suportar, resolvemos ficar sozinhos em Atenas, e enviamos a Timóteo, nosso irmão” (1Ts 3,1-2). Aos efésios também, ao enviá-lo e pelo mesmo motivo: “Para saber o que se passa entre vós e consolar os vossos corações” (Ef 6,22).

Observa que não declara para terdes as minhas notícias, mas para que tenha as vossas; assim nunca destaca o que lhe é próprio. Revela que eles também estão atribulados, dizendo: “para consolar os vossos corações”.

9. Vai com Onésimo, irmão fiel e amado, vosso conterrâneo; eles vos darão todas as notícias nossas.

Refere-se ao Onésimo, acerca do qual escrevia a Filemon: “Eu queria segurá-lo comigo para que,

em teu nome, ele me servisse nesta prisão que me valeu a pregação do evangelho. Entretanto, nada quis fazer sem teu consentimento” (Fl 13). Adita igualmente um elogio à cidade, para que eles não somente sentissem vergonha, mas também se gloriassem, nesses termos: “*vosso conterrâneo. Eles vos darão todas as notícias nossas*”.

Saudações e augúrio final

10. *Saúda-vos Aristarco, meu companheiro de prisão,*

Nenhum elogio é maior do que este. Trata-se do Aristarco que foi levado de Jerusalém com ele (cf. At 27,2). O Apóstolo afirma que ele é maior que os profetas; pois estes são denominados apenas hóspedes, adventícios e peregrinos; Aristarco, porém, é também cativo. Foi, portanto, na qualidade de prisioneiro, levado e conduzido, e assim era mais exposto aos sofrimentos que os demais, ou antes sua condição era pior do que a daqueles, dos quais, de fato, depois de presos, os inimigos cuidavam como propriedade sua; mas a este, todos consideravam e tratavam qual adversário e inimigo, com flagelos, torturas, injúrias, calúnias. Isto servia aos colossenses de consolo. Quando, pois, o mestre estava nessas condições, os discípulos recebiam maior conforto.

e Marcos, primo de Barnabé,

A este elogiou de certo modo pelo parentesco, pois Barnabé era um grande homem.

a respeito de quem já vos dei instruções; se ele aparecer por aí, recebei-o.

Por que essa recomendação? Não o receberiam sem ela? Certamente; mas ele queria que fosse com muito zelo e assim mostrava a importância dele. De onde foram dadas as instruções, não o diz.

11. *Também vos saúda Jesus, chamado Justo.*

Este talvez fosse coríntio. Depois de exprimir o que era peculiar a cada um deles, faz um elogio comum a todos:

Dos que vieram da circuncisão, são estes os únicos colaboradores meus no Reino de Deus e têm me prestado grande consolação.

Depois de dizer: “*companheiro de prisão*”, para não deprimir o ânimo dos ouvintes, vê como coloca a questão e os estimula: “*colaboradores meus no Reino de Deus*”. Uma vez que participam das tribulações, também são partícipes do Reino de Deus. “*E têm-me prestado grande consolação.*” Indica que são grandes, pois prestaram grande consolação a Paulo.

Mas vejamos a prudência de Paulo. “*Tratai com sabedoria os de fora, redimindo o tempo*”, isto é, o tempo não é vosso, mas deles; portanto, não reivindicai o seu domínio, mas redimi o tempo. Não declara apenas: “Comprai”, e sim: “Redimi”. Explica: “Se vós assim estais dispostos, torná-lo-eis vosso de outra maneira. Seria suma loucura, excogitar pretextos de lutas e inimizades. Pois o fato de enfrentarmos perigos desnecessários e inúteis ocasionar-nos-á outro prejuízo: os gentios não se aproximarão de nós. Na verdade, quando estiveres entre os irmãos, podes ter confiança; com os de fora não debes agir desta forma. Vês como sempre indica os pagãos com a locução: “Os de fora”? Por isso Paulo também escrevia a Timóteo: “Além disso, é preciso que os de fora lhe deem um bom testemunho” (1Tm 3,7). E ainda: “Acaso compete-me julgar os que estão de fora?” (1Cor 5,12). “*Tratai com sabedoria os de fora.*” De fora são os que, apesar de habitarem o mesmo mundo que nós, estão fora do Reino e da casa do Pai. Simultaneamente consola os fiéis, chamando os outros de: “os de fora”. Afirmava-o mais acima: “*A vossa vida está escondida com Cristo em Deus*” (Cl 3,3). Então, diz ele, procurai a glória, as honras, todo o restante; agora, absolutamente não, mas ofereci esses bens a eles. Depois, a fim de não pensares que se refere às riquezas, acrescenta: “*A vossa palavra seja*

sempre agradável, temperada com sal, de modo que saibais como convém responder a cada um”. Não seja cheia de hipocrisia, diz ele, porque não seria “*agradável*”, nem “*temperada com sal*”. Se, por exemplo, deves respeitar e não há perigo, não recuses. Se for tempo de falar com calma, não consideres que seja adulação. Age sempre de forma honrosa, contanto que a piedade não fique prejudicada. Não vês como Daniel respeita um homem ímpio? Não vês como os três jovens, repletos de sabedoria, são apresentados ao rei, manifestando fortaleza, liberdade de palavra, não temerária audácia, nem aspereza? Não seria isto liberdade de palavra e confiança, mas vanglória. “*De modo que saibais como convém responder a cada um.*” De um modo ao príncipe, de outro ao súdito; de um modo ao rico, de outro ao pobre. Por quê? Porque o espírito dos ricos e dos príncipes é mais fraco, porque mais se orgulha, mais se dispersa; por isso é necessário usar para com eles de maior condescendência. Quanto aos pobres e aos subordinados, são mais firmes e sensatos; para com eles, portanto, é possível empregar-se maior liberdade de linguagem, considerando uma só coisa, a saber, a edificação. Nem pelo fato de um ser pobre e o outro rico, o rico é mais honrado e o outro menos; mas sustenta-se o primeiro por causa de sua fraqueza, e não tanto o segundo. Por exemplo, a não ser que haja um motivo, não chames um pagão de malvado, nem sejas injuriador; mas, se fores interrogado a respeito de uma doutrina, responde que é abominável e ímpia. No entanto, se ninguém perguntar, nem obrigar-te a falar, não deves temerariamente arranjar inimizades. Que necessidade existe de provocar inimizades inúteis? Ainda, se estás catequizando, fala conforme exige o assunto apresentado; do contrário, cala-te.

Se o discurso está condimentado com sal, ao encontrares uma alma frouxa, restringirás a frouxidão; se for áspera, suavizarás a dureza. Sê amável, não molesto; nem sejas frouxo, mas emprega austeridade aprazível. Pois, se alguém for excessivamente austero, é mais prejudicial do que proveitoso; se, ao invés, for extremamente atencioso, mais molesta do que ajuda. Por esse motivo, sempre se conserve a medida. Não sejas triste nem de rosto sombrio, pois é desagradável; nem difuso e dissoluto, porque seria desprezível e indigno; mas assumindo ambas as virtudes, foge do vício, como a abelha, recolhendo de um lado a alegria e o regozijo, de outro a austeridade. Pois, se o médico não trata de igual modo os corpos todos, muito mais há de fazer o mestre. Os corpos suportam melhor os medicamentos impróprios do que a alma as palavras inadequadas. Por exemplo, aproxima-se um gentio e torna-se teu amigo? Deste assunto nada conversarás com ele até que cresça a amizade; e quando crescer, devagar!

Olha de que modo Paulo discursava em Atenas. Não dizia: “Malvados e abomináveis”! O que, então? “Atenienses, sob todos os aspectos sois, eu o vejo, os mais religiosos dos homens” (At 17,22). De outro lado, não era omissos quando era preciso exprobrar, mas com grande veemência dizia a Elimas: “Ó filho do diabo, cheio de toda falsidade e malícia, inimigo de toda justiça” (At 13,10). Por conseguinte, como seria insipiência censurar aqueles, se não exprobrasse a este, teria sido covarde. Além disso, és conduzido ao magistrado por causa duma questão? Presta as honras devidas.

Escreve Paulo: “*Para vos informar de tudo o que aqui se passa*”, porque não posso ir com ele. O que significa: “*para vos informar de tudo*”? Quer dizer, o cativo e o restante que me retém. Com efeito, eu que desejo vos ver, porém envio emissários, não tardaria, se não fosse retido por coação. Aliás, não podiam por isso acusá-lo. Nem assaz acusá-lo. Ao invés, a notícia de que se achava cercado de tribulações e as suportava com generosidade era apropriada a dar crédito a sua desculpa e levantar o ânimo deles.

“*Com Onésimo, irmão fiel e amado.*” Paulo denomina irmão a um escravo. E com razão, pois também ele assume a denominação de servo dos fiéis. Reprimamos qualquer fausto, conculquemos a

arrogância. Paulo chama-se a si mesmo de servo, ele cujo valor iguala o de todo o orbe da terra e de inúmeros céus; e tu te julgas muito importante? Ele que, de acordo com o que queria, realizava e sustentava tudo, que obteve os primeiros lugares no reino dos céus, alcançou a coroa e foi elevado ao terceiro céu chama de irmãos os servos e companheiros de serviço. Onde fica, então, a loucura? Onde fica a arrogância? Onésimo era tão digno de confiança que Paulo lhe entregava tal missão.

“E Marcos, primo de Barnabé, a respeito de quem já vos dei instruções: se ele aparecer por aí, recebei-o.” Talvez tenham recebido instruções de Barnabé. *“Dos que vieram da circuncisão.”* Reprime o orgulho dos judeus; levanta-lhes o ânimo, porque os circuncisos eram poucos enquanto os gentios constituíam a maioria. *“E têm me prestado grande consolação.”* Revela que está no meio de inúmeras tribulações. Com efeito, não é coisa insignificante consolarmos os santos com nossa presença, palavra, assíduos cuidados, partilha de suas aflições: “Como se vós fôsseis prisioneiros com eles” (Hb 13,3). Se temos por nossas as suas próprias tribulações, seremos também partícipes das suas coroas. Foste arrastado ao estádio? Desceste para o combate? Um despiu-se para a peleja, outro entra no prélio. Mas se queres, também serás participante. Unge aquele que está prestes a lutar, sê amigo e zeloso, grita bastante do lado de fora, desperta-lhe o vigor, reanima-o. Segundo as palavras de estímulo de Paulo, seria conveniente conferir essas coisas aos outros; ele, entretanto, não precisava disso. Tu, portanto, relativamente aos demais, fecha a boca dos que querem vituperar, adquire-lhe amigos, acolhe com muitos cuidados o que sai da arena. Desta forma participarás das coroas, da glória. Se nada mais fizeres do que te regozijares com o que se realizou, não participaste em pequena medida. Ofereceste-lhe a caridade, bem supremo. Efetivamente, se os que choram parecem partilhar o luto, assaz gratificam os que pranteiam, e aliviam-lhe bastante a dor, muito mais ocasionam prazer os que se alegram com o próximo. Escuta a palavra do Profeta que declara quão grande mal seja não encontrares quem de ti se compadeça: “Esperei por consoladores, e não os encontrei!” (Sl 69,21). Por isso, Paulo também diz: “Alegrai-vos com os que se alegram, chorai com os que choram” (Rm 12,15). Aumenta a alegria de teu irmão! Ao verificares que um irmão goza de estima, não digas: “A estima é propriamente dele, por que terei de me alegrar?”. Palavras essas não são de um irmão, mas de um inimigo. Se quiseres, não é dele, mas tua a estima; está em teu poder aumentá-la, se não ficares triste, mas te regozijares, sentires contentamento, exultares. Evidencia-se que assim acontece, pelo seguinte: Os invejosos não invejam somente os que gozam de estima, mas também os que se alegram com a boa fama deles. Desta sorte verificam que também estes participam da boa reputação e são especialmente os que se gloriam. De fato, o primeiro fica envergonhado quando é muito elogiado; os últimos com muito prazer gloriam-se.

Não vedes como entre os atletas um é coroado e outro não? Tanto a dor como a alegria são peculiares aos que os amam e aos que os odeiam: eles saltam, pulam de alegria. Vê como é importante não invejar. O labor é de outro, o prazer é teu. O outro recebe a coroa e tu saltas, tu te glorias. Dize-me, por favor. O outro vence, por que tu saltas? Mas eles sabem muito bem que o acontecimento transforma-se em um bem de todos. Por isso, os invejosos não lançam invectivas; tentam diminuir a vitória, e ouves palavras como estas: “Eu te arrasei, te derrubei”. Outro realiza a obra, no entanto o louvor é teu.

Se, portanto, relativamente às coisas exteriores é tão grande bem não invejar, e considerar como propriamente seus os bens alheios, muito mais ao se tratar de nossa vitória contra o diabo; então quanto mais nos alegrarmos, ele furioso assopra sobre nós. Embora seja malvado, sabe muito bem que se trata de grande prazer. Queres incomodá-lo? Alegra-te e regozija-te. Queres contentá-lo? Fica de fisionomia sombria. Com tua tristeza alivias a dor que o atinge pela vitória do irmão; passas para o

lado dele ao te apartares do irmão. Praticas maior mal do que ele. Não é a mesma coisa agir como inimigo quando és inimigo e estar ao lado dos inimigos quando és amigo; serias mais malvado que os inimigos. Se o irmão obteve estima por suas palavras, exemplos ou ações corretas, participa do louvor e do apreço, demonstra que ele é teu membro.

Alguém replica: “E de que modo? Pois eu não gozo de boa fama”. Não profiras tal palavra, aperta os lábios. Se estivesse ao meu lado ao proferires tal sentença, poria minha mão sobre tua boca, a fim de que o inimigo não a ouvisse. Frequentemente há inimizades entre nós, e não as demonstramos diante dos inimigos; tu, porém, as revelas ao diabo. Não digas isto, não penses assim; ao contrário: “É meu membro, a glória se transfere para o corpo todo”. Por que, diz-se, os de fora não têm estes sentimentos? Por tua causa. Pois, vendo que te declaras estranho à alegria dele, eles também se alheiam; se, ao contrário, virem que a consideras como própria, não ousam agir desta forma. Igualmente sê ilustre. Não conseguiste elogio qual orador; ao regozijar-te com ele, adquiriste honra maior do que ele próprio. Se a caridade é grande e a suma de todas as virtudes, tu adquires a coroa que a caridade confere. Ele a adquire com a eloquência, tu com o amor ardente. Ele demonstra a força da palavra, tu pelas ações eliminas a inveja e conculcas a rivalidade. Por isso, com mais direito és coroado do que ele. Teu combate é mais insigne; não somente conculcaste a inveja, mas ainda realizaste algo. Ele possui uma só coroa, tu, porém, duas, e duas mais esplêndidas do que aquela única. Quais são? Alcançaste uma contra a inveja; a outra com a qual foste cingido em consequência da caridade. Alegrar-te com o próximo não é somente sinal de estares isento de inveja, mas também que possuis arraigada caridade. Naquele muitas vezes denota-se uma paixão humana, por exemplo, a vanglória. Mas tu estás puro de todas as paixões; se tivesses inveja, não te alegrarias com os bens alheios. Dize-me. Um levantou uma igreja, aumentou a assembleia. Elogia-o ainda. Obténs dupla coroa: abateste a inveja, cingiste a fronte com a caridade. Mais uma vez, rogo, suplico.

Queres ouvir qual a terceira coroa? Aplaudem-no os homens na terra, a ti, contudo, os anjos nas alturas. Não é ação igual apresentar bela dicção ou vencer as paixões. O louvor à primeira é temporário, à segunda é eterno. O primeiro provém dos homens, o segundo de Deus. Aquele é coroado visivelmente; tu, ao invés, és coroado ocultamente, onde vê teu Pai. Se fosse possível, tirar o invólucro do corpo e contemplar a alma de cada um, demonstrar-se-ia que ela é mais honrosa e mais resplandecente. Conculquemos os estímulos da inveja. Promovamos nossos interesses, caríssimos, e coloquemos a coroa sobre nossa cabeça!

Quem inveja, luta com Deus, não com os irmãos. Com efeito, ao constatar alguém que o próximo é amado e se acabrunha, e queria que a Igreja fosse destruída, não luta contra ele, mas contra Deus. Pois, dize-me, por favor, se alguém ornasse a filha do rei, e obtivesse estima por fazê-la bela e digna, e um outro planejasse que ela se apresentasse de forma indecorosa, e ele fosse incapaz de orná-la, a quem estaria armando insídias, a ele ou a ela e ao pai? Assim também agora, ó invejoso, combates a Igreja, declaras guerra contra Deus. Uma vez que a estima ao irmão envolve utilidade para a Igreja, necessariamente a ruína de uma acarreta também a da outra. Por este motivo, estás praticando ação satânica, ao armares insídias ao corpo de Cristo. Sentes pesar contra quem não te infligiu injúria alguma, mais ainda contra Cristo. Que injúria te causou para não permitires que resplandeça a beleza de seu corpo? Para não deixares que a esposa seja ornamentada? Pondera a extensão de teu castigo! Alegres teus inimigos e igualmente mais regozijas o ilustre irmão que, invejando-o, queres entristecer, e com a inveja acentuas sua notoriedade, pois de outra sorte não invejarias; antes mostras que te atormentas.

Aliás, sinto vergonha de exortá-los sobre este assunto; mas visto que somos tão fracos, ao menos

instruídos desta maneira, libertemo-nos de tão pernicioso vício. Pesa-te ser ele louvado e gozar de boa fama? Por que aumentas sua reputação por tua inveja? Queres que seja atormentado? Por que então deixas transparecer que sentes pesar? Por que te castigas a ti mesmo diante daquele que não queres que tenha bom renome? Sente ele duplo prazer, e tu, um tormento, não apenas porque manifestas sua grandeza, mas também porque lhe causas outro gozo atormentando-te a ti mesmo; e ainda, ele se alegra com aquilo que lastimas, ao passo que tu invejas. Vê as profundas chagas que insensivelmente nos infligimos. Mas ele é meu inimigo. E por que é inimigo? Que injúria te infligiu? Entretanto, tornamos o inimigo mais ilustre e maior a nossa punição. Novamente nos afligimos, ao percebermos que ele o sabe. Pois, talvez ele não se alegre, no entanto nós, ao julgarmos que ele se alegra, de novo nos entristecemos. Cessa, por conseguinte, de invejar. Por que infligir ferimentos a ti mesmo?

Pensemos nisso, caríssimos, a saber, que é dupla a coroa dos que não invejam: aplausos da parte dos homens, beneplácito da parte de Deus, e quais os males originários da inveja. E assim conseguiremos eliminar a fera, agradarmos a Deus, e conseguir o mesmo que aqueles que gozam de boa fama. Talvez o consigamos. Mas, se não o alcançarmos, não conseguimos porque não nos convém. Poderemos, no entanto, assim vivendo para a glória de Deus, conseguir os bens prometidos aos que o amam, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai e o Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA SEGUNDA HOMILIA

4,12. *Saúda-vos Epafras, vosso conterrâneo, servo de Cristo, que luta sem tréguas por vós nas suas orações, para que continueis perfeitos e em plena observância da vontade de Deus.*

13. *Dou-lhe testemunho de que tem grande zelo por vós, e pelos de Laodiceia e de Hierápolis.*

Já no começo da carta recomenda-o por causa de seu amor. Louvar é sinal de amor, conforme se exprime no início: “*e é quem nos deu a conhecer o vosso amor no Espírito*” (Cl 1,8). Rezar por eles é também sinal de amor e causa retribuição de amor. Recomenda-o, abrindo uma porta para que possa falar, porque é útil para os discípulos a respeitabilidade do mestre. E ainda assegurando: “*vosso conterrâneo*”, para que se orgulhem de possuírem em seu meio homens tais. “*Que luta sem tréguas por vós nas suas orações*”. Não assegura simplesmente: “*Reza*”, mas: “*luta sem tréguas*”, com temor e tremor. “*Dou-lhe testemunho de que ele tem grande zelo por vós*”. Testemunha fidedigna. “*Ele tem grande zelo por vós*”, isto é, muito vos ama, e com grande ardor. “*E pelos de Laodiceia e de Hierápolis.*” Recomenda-o também a estes. Mas, de que modo haveriam de ficar cientes? É provável que eles tivessem ouvido; mas também ao lerem a carta, haveriam de saber. “*Fazei-a ler também na Igreja de Laodiceia*” (Cl 4,16).

“*Para que continueis perfeitos.*” Ao mesmo tempo repreende-os, exorta e aconselha sem acrimônia. Pode acontecer que alguém seja perfeito, sem se manter neste estado; por exemplo, conhece tudo, mas ainda hesita. Pode suceder que não seja perfeito, e persevere em sua condição, por exemplo, conhece parcialmente, é inseguro. Paulo aqui, todavia, deseja as duas coisas: “*que continueis perfeitos*”. Observa como ainda os admoesta a respeito dos anjos e do estilo de vida. “*E em plena observância da vontade de Deus*”. Não basta somente fazer a vontade de Deus. Quem observa plenamente, não tem outra vontade; do contrário não a cumpriria plenamente.

“*Dou-lhe testemunho de que tem grande zelo.*” Tem zelo e grande; acentua ambos os termos, conforme ele próprio declara na carta aos Coríntios: “*Zelo por vós um zelo com um zelo de Deus*” (2Cor 11,2).

14. *Saúda-vos Lucas, o médico amado*

Trata-se do evangelista. Não o diminui colocando-o por último, mas o exalta como a Epafras. Provavelmente havia outros com este nome.

e Demas.

Ao escrever: “*Saúda-vos Lucas, o médico*”, acrescentou: “*amado*”. Não é pequeno elogio, mas muito grande, ser amado de Paulo.

15. *Saudai os irmãos de Laodiceia e Ninfas, bem como a Igreja que se reúne em sua casa.*

Vê como os congrega e une entre si, não somente na saudação, mas também na troca de cartas. Depois ainda agracia a Ninfas, nomeando-o em particular. Assim age com razão, para despertar a emulação dos outros. Não é coisa insignificante não ser enumerado entre os demais. Vê, por conseguinte, como demonstra ser importante este homem, pois sua casa formava uma Igreja.

16. *Depois que esta carta tiver sido lida entre vós, fazei com que seja lida também na Igreja de Laodiceia.*

A meu ver, havia alguns pontos aqui exarados que eles também deviam ouvir. E maior seria o proveito, ao reconhecerem os próprios pecados através da repreensão feita a outros.

Lede vós também a que escrevi aos de Laodiceia.

Alguns afirmam que não se referia a uma carta de Paulo dirigida a eles, e sim uma que eles haviam remetido a Paulo, porque não disse: “Aquele que foi escrita para os Laodicenses”, mas a que foi escrita “por Laodiceia.”

17. *E dizei a Arquipo: “Atende ao ministério que recebeste do Senhor, cumprindo-o bem”.*

Por que não escreveu diretamente a ele? Provavelmente não era preciso, mas usa somente de um lembrete para que se tornasse mais zeloso.

18. *A saudação eu, Paulo, a faço de meu próprio punho.*

Sinal de autenticidade e amizade, porque vendo a sua letra haveriam de se comover.

Lembraí-vos de minhas cadeias!

Ah! Que consolo! É suficiente estímulo a qualquer sofrimento, e que os fortifica para as lutas. Não somente mais fortes; igualmente mais afeiçoados.

A graça esteja convosco. Amém!

Grande elogio e maior que todos, dizer acerca de Epafras: “*Vosso conterrâneo, servo de Cristo*” (Cl 4,12). E afirma que ele é ministro deles como de si próprio enuncia que é ministro da Igreja, segundo se exprime: “*e do qual eu, Paulo, fui feito ministro*” (Cl 1,23). Eleva-o à mesma dignidade que ele; mais acima chama-o de companheiro de serviço, e aqui de servo. “*Vosso conterrâneo*”, diz ele, como se pode falar a determinada mãe, nesses termos: “*Nasceu de teu seio*”. Mas poderia ocasionar inveja tal elogio. Em consequência, não o recomenda somente por este motivo, mas porque é conterrâneo deles e desta forma elimina a inveja. O mesmo faz aqui. “*Que luta sem tréguas por vós.*” Não apenas junto de nós para se exhibir, nem somente junto de vós para assistirdes. Demonstrou grande empenho dizendo: “*Luta sem tréguas*”. Após, evitando qualquer aparência de adulação, acrescentou: “*Dou-lhe testemunho de que tem grande zelo por vós, e pelos de Laodiceia e de Hierápolis*”. E a recomendação: “*Para que continueis perfeitos*”, igualmente não é de bajuladores, mas de mestre respeitável. Diz: “*repletos, perfeitos*”. Concedeu uma coisa, e declara que falta uma outra. E não diz: “*Para que não fiquéis hesitantes*”, mas: “*para que continueis*”. O fato de serem

saudados por muitos os reanima, visto que não somente os familiares, mas também alguns outros se lembraram deles. “*E disse a Arquipo: ‘Atende ao ministério que recebeste no Senhor’.*” Especialmente submete-os a ele. Com efeito, de forma alguma poderiam criticá-lo quando ele os repreendesse, uma vez que estavam totalmente comprometidos. Não tem sentido algum falar aos discípulos a respeito do mestre. Mas escreve isto, a fim de fechar-lhes a boca. “*E disse a Arquipo: ‘Atende’.*” Esta palavra sempre assusta, como a expressão: “Cuidado com os cães” (Fl 3,2). “Tomai cuidado para que ninguém vos seduza” (Cl 2,8). “Tomai cuidado para que essa vossa liberdade não se torne ocasião de queda para os fracos” (1Cor 8,9). E sempre assim se expressa quando quer atemorizar. “*E disse a Arquipo: ‘Atende ao ministério que recebeste no Senhor, cumprindo-o bem’.*” Nem o deixa portar-se como senhor, conforme ele próprio afirmava: “Se eu o fizesse por iniciativa própria, teria direito a um salário; mas, já que o faço por imposição, desempenho um encargo que me foi confiado” (1Cor 9,17).

“*Cumprindo-o bem*”, visto que te dedicas com incansável zelo. “*Que recebeste no Senhor*”. Novamente o termo “*no*”, que significa: “pelo Senhor”. Foi ele próprio, e não nós, quem o entregou a ti. E submete-o a ele, assinalando que o ministério lhe foi confiado por Deus.

“*Lembrai-vos das minhas cadeias! A graça esteja convosco. Amém!*” Baniu o medo. Embora esteja o mestre no cárcere, a graça o libertou. É também peculiar permissão da graça estar ele preso. Escuta pois as palavras de Lucas: “Quanto aos apóstolos, deixaram o Sinédrio, muito alegres de terem sido julgados dignos de sofrer ultrajes pelo Nome” (At 5, 41). Na verdade, é ser julgado digno o fato de sofrer ultrajes, e estar preso. Pois, se alguém ama, julga lucro sofrer pelo ser amado; muito mais por causa de Cristo.

Não nos impacientemos nas aflições por causa de Cristo, mas lembremo-nos também nós das cadeias de Paulo! E sirva-nos de advertência. Exortas, por exemplo, alguns a darem aos pobres por causa de Cristo? Lembra-te dos vínculos de Paulo, e considera-te infeliz (e a eles também) se, enquanto Paulo entregou o corpo às cadeias por causa de Cristo, tu nem ao menos dás alimento. Orgulhas-te por causa das boas obras? Recorda-te dos vínculos de Paulo, e nada disso sentirás, nem te exaltarás, absolutamente. Cobiçaste os bens do próximo? Lembra-te dos vínculos de Paulo, e verás como é absurdo estar ele entre perigos, e tu no meio dos prazeres. Além disso, desejas as delícias? Venha a tua memória o cárcere de Paulo; és discípulo dele, companheiro de milícia. Seria razoável estar teu companheiro de milícia em cadeias, e tu nos prazeres? Estás aflito e julgas-te abandonado? Escuta as palavras de Paulo, e verás que estar atribulado não é sinal de abandono. Queres vestes de seda? Lembra-te dos vínculos de Paulo e elas vos parecerão mais vis do que sórdidos andrajos. Queres vestimentas áureas? Venha a tua memória os vínculos de Paulo e não te parecerão de maior valor do que velhas cordas de junco. Queres penteados nos cabelos, e parecer bela? Pensa no desleixo de Paulo no cárcere e te inflamarás por aquela beleza e considerarás enorme deformidade a tua; gemerás amargamente, anelando por aqueles vínculos. Queres usar pintura, fardo, etc.? Recorda-te daquelas lágrimas! Durante três anos, dia e noite, não cessou de exortar com lágrimas (cf. At 20,31). Com tais ornamentos embeleza tuas faces. Estas lágrimas as tornam esplêndidas. Não digo que chores pelos outros (gostaria também que isso sucedesse, apesar de ser para ti muito elevado), mas exorto a que o faças por teus pecados. Mandaste prender o escravo, e ficas irritada e encolerizada? Lembra-te dos vínculos de Paulo, e logo a ira cessará. Recorda-te de que somos do número dos presos, não dos que prendem; dos que têm o coração contrito, não dos que o esmagam. Tu te expandes e dás gargalhadas? Lembra-te do pranto dele e hás-de gemer; estas lágrimas te tornam muito mais esplêndida. Viste os que se dão aos prazeres e dançam; lembra-te das lágrimas dele. De que fonte brotam tantas torrentes

quanto as lágrimas de seus olhos? “Lembrai-vos de minhas lágrimas” (cf. At 20,31), e aqui: “*Lembrai-vos das minhas cadeias!*”. E com razão diz-lhes isto, ao chamá-los de Éfeso a Mileto (cf. At 20,17). Falava a mestres; deles, de fato, exigia que reunissem, destes somente que enfrentassem os perigos.

Quais fontes queres comparar com estas lágrimas? As que estavam no paraíso, que irrigavam toda a terra (cf. Gn 2,6)? Mas nada de igual mencionará; pois aqui a fonte das lágrimas irrigava as almas, não a terra. Se alguém nos mostrasse Paulo a chorar e gemer, não seria muito melhor vê-lo do que a miríades de bailarinas belamente coroadas? Não me refiro a vós, mas se fosse um impudico e incontinente retirado do teatro e do cenário, que ardesse de amor carnal e em orgia, e fosse apresentada uma jovem virgem na flor da idade, e que superasse as companheiras, mais de rosto do que dos outros membros, e que tivesse olhos tenros e suaves, suavemente parados ou em movimento, flexíveis, mansos, serenos, risonhos, com muito pudor e muita graça, com as duas pálpebras negras, de pupila vivaz, por assim dizer, nítida fronte, abaixo as faces ruborizadas convenientemente, como polido e plano mármore, em seguida fosse-me mostrado Paulo a chorar, deixando-a, daria um salto para vê-lo, porque de seus olhos resplandecia uma beleza espiritual. Pois aquela atrai o espírito dos jovens, inflama-os e faz arder; esta ao contrário o reprime. Quem contempla seus olhos, embeleza os olhos da alma, reprime o ventre, enche-se de sabedoria e muita comiseração, e pode suavizar a alma de aço. Com estas lágrimas irriga-se a Igreja, e plantam-se almas. Se houver fogo, estas lágrimas podem extingui-lo, inclusive o sensível e corporal. Estas lágrimas extinguem as setas inflamadas do maligno. Lembremo-nos, portanto, destas lágrimas e havemos de rir de todos os bens presentes. Cristo declara felizes estas lágrimas, nesses termos: “Bem-aventurados vós, que agora chorais, porque haveis de rir” (Lc 6,21). Estas lágrimas derramavam Isaías e Jeremias. O primeiro dizia: “Desviai de mim os vossos olhos, que eu choro amargamente” (Is 22,4); e o segundo: “Quem fará de minha cabeça um manancial de água e de meus olhos uma fonte de lágrimas?” (Jr 8,23). Como se não bastasse a fonte natural. Nada é mais agradável do que estas lágrimas; mais do que qualquer riso. Sabem os que choram quanto consolo este pranto encerra. Não o consideremos indesejável; ao invés, muito desejável. Lembremo-nos dessas lágrimas, destes vínculos, não para que outros pequem, mas a fim de chorarmos quando os outros pecarem. Não obstante, também sobre os vínculos do Apóstolo corriam lágrimas; a morte dos que pereciam, dos que o encarceraram, não lhe permitia sentir o gozo derivado dos vínculos. Por eles, de fato, se condoía. Era discípulo daquele que lastimava os sacerdotes dos judeus, não porque haveriam de crucificá-lo, mas porque se perdiam. E não o fazia somente ele, mas a outros exortava a praticar o mesmo, dizendo: “Filhas de Jerusalém, não choreis por mim” (Lc 25,28). Estes olhos viram o paraíso, viram o terceiro céu; mas não os julgo tão felizes por causa deste espetáculo quanto pelas lágrimas, através das quais viu o Cristo. É, na verdade, uma felicidade e a respeito disso também ele se gloria: “Não vi Jesus Cristo, nosso Senhor” (1Cor 9,1)? É maior felicidade, contudo, chorar desta forma. Muitos participaram da visão de Cristo presente; entretanto, ele denomina felizes os que dela não foram participantes: “Felizes os que não viram e creram” (Jo 20,29)! Muitos não o conseguiram. Se em vista da salvação do próximo, permanecer aqui por causa de Cristo é mais necessário do que morrer para estar com ele, por conseguinte gemer por eles é mais necessário do que ver a Cristo. Se, pois, é mais desejável por causa dele estar na geena do que estar com ele, e mais desejável, por causa dele, separar-se do que estar com ele (conforme o que Paulo dizia: “Quisera eu mesmo ser anátema, separado de Cristo” [Rm 9,3]), muito mais chorar por causa dele. Afirmo: “Não cessei de exortar com lágrimas a cada um de vós” (At 20,31). Por quê? Não significa que tivesse medo dos perigos, mas para que, à semelhança de alguém à cabeceira de um doente, que, desconhecendo o desfecho da doença, chorasse pelo desejo da cura, e o receio de que ele

perdesse a vida; assim também o Apóstolo chorava, diante de um doente, ao qual não podia admoestar. Cristo igualmente assim agiu a fim de que ao menos as lágrimas incutissem respeito; por exemplo, quando alguém pecava, ele repreendia; se o repreendido repelia e rejeitava, ele chorava, a fim de ao menos deste modo atraí-lo.

Lembremo-nos dessas lágrimas. Assim converteremos nossas filhas, nossos filhos, chorando ao vê-los praticando o mal. Todas as mulheres que querem ser amadas, lembrem-se das lágrimas de Paulo e gemam. Todas as que vos julgais felizes, todas as que estais nos aposentos, no prazer, lembrai-vos delas; todas as que estais no luto, trocai lágrimas por lágrimas. Ele não chorava os mortos, mas os vivos que se perdiam. Tratarei ainda de outras lágrimas? Timóteo também chorava; era discípulo de Paulo, que, ao lhe escrever, dizia a respeito: “Lembrado de tuas lágrimas... para encher-me de alegria” (2Tm 1,4). Muitos também choram de prazer. Assim acontece com o prazer, um grande prazer. De igual modo, não são pesadas as lágrimas que provêm deste prazer; mas muito melhores as que se originam do prazer mundano. Escuta as palavras do Profeta: “O Senhor escutou a voz do meu pranto” (Sl 6,9).

Onde não são úteis as lágrimas? Nas preces? Nas admoestações? Nós, contudo, as censuramos porque não as empregamos conforme a finalidade para a qual nos foram dadas. Quando exortamos a um irmão que peca, devemos chorar e gemer; quando aconselhamos a alguém, e ele não dá atenção, mas se perde, devemos chorar. São lágrimas de sabedoria. Quando, porém, alguém ficar pobre, ou doente fisicamente, ou morrer, de forma alguma; esses fatos não merecem lágrimas. Como condenamos o riso quando o utilizamos onde não é oportuno, assim também as lágrimas derramadas em tempo impróprio. Percebe-se a virtude de alguém quando se exerce oportunamente; se praticada de maneira exótica, não. Por exemplo, o vinho foi dado para a alegria, não para a embriaguez; o pão para a nutrição, a cópula conjugal para a procriação dos filhos. Como essas coisas são censuráveis, se houver abuso, assim também as lágrimas.

É de lei empregá-las somente nas preces e exortações; e verifica quanto é desejável. Nada apaga os pecados como as lágrimas. E tornam bela a face corporal; atraem os que veem à compaixão, imprimem na fisionomia certa gravidade. Nada mais aprazível do que os olhos lacrimejantes. Esse órgão em nós é o mais nobre e precioso; é o espelho da alma. Daí, portanto, ser como se víssemos a própria alma chorando, e nos enternecermos.

Não falamos estas coisas em vão, mas para não participardes das núpcias, das danças, dos coros satânicos. Considera o que inventou o diabo! Tendo a própria natureza afastado as mulheres das cenas e do que ali é torpe e inconveniente, introduziu as coisas teatrais ao gineceu, a saber os dissolutos e as meretrizes. Os costumes nupciais introduziram esta peste, ou antes não os costumes nupciais, de forma alguma, mas os da nossa dissolução. O que fazes, ó homem? Não sabes o que fazes. Levas a mulher à temperança e à procriação dos filhos. O que querem as meretrizes? Para haver maior alegria, diz-se. Não é loucura? Ofendes a esposa, as convidadas. Deleitar-se nessas coisas é injúria. Pois, se ver as meretrizes comportando-se de modo torpe e indecoroso traz alguma magnificência, por que não levas a esposa para vê-la também? É absolutamente torpe e indecoroso introduzir em casa homens dissolutos e dançantes, e toda pompa satânica.

“Lembra-vos das minhas cadeias.” O matrimônio é um vínculo, vínculo instituído por Deus; a meretriz o rompe e dissolve. É lícito festejar as núpcias de outro modo, com lautas mesas e vestes festivas; não o proíbo, para não parecer muito rude; embora para Rebeca tenha bastado o véu; mas não o proíbo. É lícito alegrar-se com as vestes; é lícito na presença de homens respeitáveis e mulheres respeitáveis. Para que aqueles ludíbrios, aqueles monstros? Repete o que ouves deles. Mas tens

vergonha de repetir? Tu te envergonhas, e obrigas os outros a fazê-lo? Se é belo e honesto, por que não o fazes também? Se é torpe, por que obrigas os outros? Tudo deve estar cheio de temperança, gravidade e honestidade; agora vejo o contrário, homens que saltam como camelos, como mulos. Para a virgem, só o interior da casa é adequado. Mas, diz-se, é pobre. Porque é pobre, deve também ser modesta e honesta; seus costumes substituam as riquezas. Não podes dar-lhe dote? Por que também a tornas desprezível com esta perversão? Louvo que haja virgens que honrem uma igual; que haja mulheres que honrem a que é de seu número. Existe um costume correto. Formam-se dois grupos: o das virgens e o das casadas; aquelas entregam a noiva, estas a recebem. A noiva fica entre elas, nem entre as virgens, nem entre as mulheres; pois sai daquele grupo, e entra nesse.

Para que meretrizes? Quando era preciso ocultá-las ao se celebrarem as núpcias, quando importava escondê-las (a luxúria é a corrupção do casamento), nós as levamos às núpcias. Quando fazeis algo, até por palavras evitais todo o contrário. Por exemplo, quando semeias, quando tiras o vinho dos lagares, nem externas algo que signifique acidez; neste caso, porém, onde convém temperança, introduzes acidez, a saber, a meretriz. Quando fabricas unguento, não deixas perto mau odor algum. O matrimônio é unguento. Por que trazes o mau odor da lama na composição do unguento? O que dizes? A virgem dança e não se envergonha de sua igual? Deve ela ser mais honesta e grave do que esta; a noiva vem do braço do noivo, não da palestra. Não convém absolutamente uma virgem comparecer às núpcias.

Não vês que nos palácios os homens respeitáveis ficam no interior junto do rei e, ao invés, os homens vulgares ficam do lado de fora? Fica, portanto, no interior, perto da esposa. Mas que permaneça casta dentro de casa; não leves a virgindade para as pompas. Estejam presentes ambos os coros: um, na verdade, para mostrar que íntegra a entrega, outro para guardá-la. Por que causas vergonha à virgindade? Pois se tu assim te comportas, o noivo suspeitará dela a mesma coisa; se queres amar apaixonadamente, isto é próprio das que vendem trastes, das verdureiras e trabalhadoras manuais. Não são vergonhosas estas coisas? Vergonhoso é comportar-se de maneira inconveniente, mesmo que seja filha do rei. Acaso a pobreza é impedimento? Ou a conduta? A virgem, embora seja escrava, mantenha a modéstia. Em Cristo Jesus “não há escravo nem livre” (Gl 3,28). O casamento seria acaso teatro? É mistério, e tipo de uma realidade grandiosa; e se não respeitas a ti mesmo, respeita aquilo de que é tipo. “É grande este mistério; refiro-me à relação entre Cristo e a sua Igreja” (Ef 5,32). É tipo de Cristo e da Igreja, e introduzes meretrizes?

Se nem as virgens dançam, dizes, nem as casadas, quem dançará? Ninguém. Qual a necessidade da dança? Nos mistérios pagãos, as danças, nos nossos, silêncio e gravidade, pudor e modéstia. Realiza-se grande mistério; fora as meretrizes, fora os profanos. Como é mistério? Unem-se e de dois fazem um. Porque na entrada não há dança, não há címbalos, mas grande silêncio, muito repouso; quando se unem, não é uma imagem inanimada, não de algo de terreno, mas imagem do próprio Deus, grande tumulto, e perturba-os, e causas vergonha à alma e tumultuas? Vêm tornar-se um só corpo; eis de novo o mistério da caridade. Se os dois não se fazem um, não são muitos, enquanto permanecerem dois; quando chegam à unidade, são. O que aprendemos daí? Que grande é a força da união. O poder e a sabedoria de Deus no princípio dividiu um em dois; e querendo mostrar que, mesmo depois de divididos, continuam a ser um, não deixou que bastasse um só para a geração. Não é um só quando ainda não se uniu, mas apenas a metade de um; e é evidente então que ainda não procriam filhos, como antes da união. Viste o mistério das núpcias? Fez de um só uma só coisa, e de novo quando desses dois fez um só, realiza-se a unidade. Por isso desta unidade nasceu o homem, pois a mulher e o homem não são dois homens, mas um só homem. Isso se comprova de muitos modos: por meio de

Jacó e por meio de Maria, mãe de Cristo, e conforme a palavra: “Homem e mulher ele os criou” (Gn 1,27). Se ele é a cabeça, ela o corpo, como são dois? Por isso ela ocupa o lugar de discípulo, ele o de mestre; ele de chefe, ela de súdita. Da própria formação do corpo vê-se que são um; ela foi tirada do lado, como se fossem duas metades. Por isso é denominada auxiliar, para indicar que eles são um. Por isso ao pai e à mãe prefere a coabitação a fim de assinalar que são um. E o pai igualmente se alegra se a filha e o filho se unem em matrimônio, porque o corpo se junta a seus membros. Fazem-se tantas despesas e gastos, e, no entanto, não suporta que fiquem solteiros. Como se fosse cortada a própria carne, os dois são incapazes de procriar, ambos incompletos para fundar a vida familiar. Por isso diz também o profeta: “É resíduo do teu sopro vital” (cf. Ml 2,15). Como, porém, são também uma só carne? Por exemplo, tiras do ouro a parte puríssima, e misturas outra espécie de ouro; assim também aqui, a mulher recebe da cópula com prazer o germe fértil, alimenta-o e fomenta-o, e com sua contribuição devolve-o ao marido. E a criança assemelha-se a uma ponte. Por isso os três fazem uma só carne; a criança os une. À semelhança do que acontece com duas cidades que um rio divide inteiramente, mas constrói-se uma ponte que das duas faz uma; assim também acontece aqui, e mais ainda, porque a ponte é da essência de ambos, e por essa razão são um, como o corpo e a cabeça formam um só corpo. São separados pelo pescoço, mas não tanto se separam quanto se unem, pois, qual intermediário, une os dois. E, por isso, compara-se também com as duas partes de um coro que, para se reunirem numa só dança, uma parte dá a mão esquerda à direita da outra; ou como os que foram concentrados em um só, ao estenderem as mãos, formam um, pois as mãos estendidas não deixam que sejam dois. Por isso exatamente disse não apenas: “Serão uma só carne” (cf. Gn 2,24), mas para uma só carne, evidentemente unidos através da criança. Mas o que acontece, quando não houver uma criança? Não serão dois? Serão; mas a cópula faz isso: confunde e mistura o corpo de ambos, e, como quem mistura unguento com o óleo, faz uma coisa só, assim também aqui.

Sei que muitos se envergonham com essas palavras; a culpa é da paixão e da impureza. O fato de se realizarem as núpcias de tal modo que ficam corrompidas e depravadas torna a questão odiosa, pois: “O matrimônio seja honrado por todos, e o leito conjugal, sem mancha” (Hb 13,4) Por que te envergonhas do que é honrado? Por que te coras do que é imaculado? Isto é próprio dos hereges, dos que introduzem meretrizes. Por isso quero purificar o matrimônio, reconduzi-lo a sua nobreza, para fechar a boca dos hereges. Foi injuriado o dom de Deus, a raiz de nossa geração, pois muito lixo e lama foram jogados na raiz. Por essa razão vamos expurgá-lo. Suportai ainda um pouco; pois quem segura lama suporta o mau cheiro. Quero mostrar que por isso não deves sentir vergonha, mas por causa do que fazes: tu, na verdade, incutindo vergonha, envergonha-te. Condenas a Deus que assim decretou.

Devo explicar como é mistério da Igreja? Cristo veio à Igreja, gerou por ela, e com ela se uniu em união espiritual. “Desposei-vos a um esposo único, a Cristo, a quem devo apresentar-vos como virgem pura” (2Cor 11,2). Escuta como se explica que somos dele, de seus membros de sua carne (cf. Ef 5,30).

Raciocinando sobre estas coisas, não desacreditemos tão grande mistério. O matrimônio é tipo da presença de Cristo e tu te embriagas? Dize-me. Se visses a imagem do rei, acaso a desonrarias? Absolutamente não. Parecem indiferentes os atos na festa de casamento; são, contudo, causa de grandes males. Tudo está cheio de transgressão. “Nem sequer se nomeiem entre vós... ditos indecentes, nem picantes ou maliciosos” (Ef 5,4). Tudo aquilo é torpe, indecente, malicioso, não levemente, mas de modo muitograve. É arte, e louvam muito os que a exercem; o pecado se tornou arte. Não tratamos do assunto ligeiramente, mas com aplicação e conhecimento, e de resto o diabo é

chefe e general de suas tropas. Onde há embriaguez há lascívia; onde há palavra obscena está presente o diabo com seus sequazes. Dize-me, com estes manjares, celebras o mistério de Cristo e convidas o diabo?

Talvez me considereis austero e importuno. É grande perversidade ludibriar quem censura chamando-o de austero. Não ouvis como se exprime Paulo: “Portanto, quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus” (1Cor 10,31). Vós, porém, fazeis por maledicência e ignomínia. Não escutais as palavras do profeta: “Servi o Senhor com temor, e exultai diante dele com tremor” (Sl 2,11)? Vós, porém, vos dissipais. Não é lícito, talvez, seguramente alegrar-se? Queres ouvir belos cantos? Ou antes, não convém; mas uso de condescendência, se queres. Não ouças cânticos satânicos e sim espirituais. Queres ver bailados? Contempla os coros angélicos. Replicas: “E como poderei vê-los?” Se apartares aqueles, Cristo também virá às núpcias. Se Cristo está presente, apresentam-se igualmente os coros dos anjos. Se queres, agora ainda fará milagres como outrora. Fará agora também a água transformar-se em vinho, e coisas ainda mais admiráveis. Converterá a alegria dissoluta e a frígida cupidez, e a transformará em espiritual. Isso é que é transformar água em vinho. Onde estão os flautistas, Cristo não está. Mas também se ele entrar, primeiro expulsa-os e então fará os milagres. O que é mais desagradável do que as pompas satânicas, onde há sons inarticulados, onde tudo é sem sentido? Se, porém, há sons distintos, são todos torpes, desagradáveis.

Nada é mais agradável do que a virtude, nada mais suave que a moderação, nada mais desejável do que a honestidade. Realizem-se as núpcias conforme descrevi e ter-se-á prazer. Dai atenção à qualidade das núpcias. Primeiro, procura para a jovem um marido que seja verdadeiramente chefe da família, como a cabeça para o corpo, de sorte que lhe entregues não uma escrava, mas uma filha. Não procures o dinheiro, nem o brilho da estirpe, nem a grandeza da pátria. Tudo isso é supérfluo. E sim, a piedade do coração, a mansidão, a verdadeira prudência, o temor de Deus, se queres que a filha viva feliz. Pois, ao procurares o mais rico, não somente não a ajudarás, mas prejudicarás; transformarás em escrava uma livre. Pois não terá tanto gozo com o ouro quanto mal-estar devido à escravidão. Não procures isso, mas quem for de igual condição. Se não for possível, antes um mais pobre do que um mais rico, se não queres vender a filha a um senhor, mas entregá-la a um marido. Após examinares exatamente a virtude de um homem, se decidires dá-la a ele, roga a Cristo que esteja presente. Ele não se envergonhará disso, pois, na verdade, é o mistério de sua presença. Ou melhor, pede-lhe que conceda tal pretendente. Não sejas pior que o servo de Abraão, que, enviado para tão grande viagem, soube onde se refugiar e conseguiu obter tudo. Quando estiveres ocupado na procura de um marido, reza, dize a Deus: “Providencia aquele que queres”. Entrega-lhe todo o problema. Ao honrá-lo dessa forma, serás remunerado. Importa, certamente, fazer duas coisas: confiar-lhe a questão, e procurar um que seja como ele quer, a saber, digno e honesto.

Estando para realizar as núpcias, não percorras casas, pedindo de empréstimo espelhos e vestes. Não se trata de ostentação, nem conduzes a filha a pompas. Mas alegrando os que estão em casa, chama os vizinhos, amigos e parentes; convida os que conheces como bons e honestos, e adverte a que se contentem com o que encontrarem. Nada de orquestra; é um gasto inútil e inconveniente. Antes de todos convida a Cristo; sabes por meio de quem o convidarás. “Cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 15,40). Não consideres desagradável convidar pobres por causa de Cristo; desagradável é convidar meretrizes. Pois convidar os pobres é ocasião de obter riquezas, o outro caso é perversão e ruína. Orna a noiva não com enfeites de ouro, e sim com mansidão e pudor e vestes habituais. Em vez de recoberta de ouro puro e vestes dobradas revista o

pudor e a modéstia e não deseje os outros enfeites. Não haja tumulto, nem perturbação. Chame-se o noivo, receba a noiva. O almoço e a ceia não sejam cheios de embriaguez, mas de gozo espiritual. Inúmeros bens surgem de tais núpcias, e o que se refere à vida da família estará em segurança. Das núpcias que agora se realizam (se é possível denominá-las núpcias e não pompas), vê quantos males. Terminadas as refeições, imediatamente aparecem os cuidados e os receios de que se tenham estragado objetos recebidos de empréstimo, e intolerável angústia substitui o prazer. Além disso, a angústia e a aflição da procuradora; ou antes, nem a própria esposa está livre delas; pois o que sucede certamente depois recai sobre a esposa. Pois ver tudo estragado é motivo de tristeza, ver a casa deserta é ocasião de pesar.

Aqui, acha-se Cristo, ali Satanás; aqui alegria, ali cuidados; aqui prazer, ali dor; ali gastos, aqui nada disso, ali vergonha, aqui modéstia; lá inveja, aqui generosidade; ali embriaguez, aqui sobriedade, salvação, temperança.

Ponderando tudo isso, impeçamos que o mal continue a fim de agradarmos a Deus e sermos dignos de conseguir os bens que são prometidos aos que o amam, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai e o Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

¹ Uma seleção de trechos dos principais comentários à Carta aos Colossenses pode ser encontrada em GORDAY, Peter & ODEN, Thomas C. (orgs.). Colossenses, 1-2 Tessalonicenses, 1-2 Timóteo, Tito, Filemón (La Bíblia comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patristica. Volume 9: Nuevo Testamento). Director de la edicion en castellano: Marcelo MERINO RODRIGUEZ). Madrid-Bueno Aires – Bogotá – Montevideo-Santiago: Ciudad Nueva, 2002.

HOMILIAS SOBRE A PRIMEIRA CARTA AOS TESSALONICENSES¹ DE SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, PADRE DA IGREJA, ARCEBISPO DE CONSTANTINOPLA

PRIMEIRA HOMILIA

Endereço. Ação de graças e felicitações

1,1. *Paulo, Silvano e Timóteo à Igreja de Tessalônica, em Deus Pai, e no Senhor Jesus Cristo. A vós graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo!*

2. *Rendemos graças a Deus por todos vós, sempre que fazemos menção de vós em nossas orações,*

3. *recordando sem cessar, diante de Deus, nosso Pai, a vossa fé tão ativa, o esforço da vossa caridade, e a perseverança da vossa esperança em nosso Senhor Jesus Cristo.*

Por que motivo ao escrever aos efésios² (filipenses?) tendo a seu lado Timóteo, não o mencionou consigo, apesar de ser deles conhecido e por eles admirado (“Quanto a ele, vós sabeis que prova deu; como um filho ao lado do pai, ele serviu comigo”; e ainda: “Não tenho ninguém de igual sentimento que tão sinceramente como ele se preocupe com o que vos diz respeito” [Fl 2,20]); aqui, contudo, cita-o conjuntamente com ele? A meu ver, logo àqueles enviaria Timóteo, e seria supérfluo inscrever quem imediatamente seria portador da carta: pois ele diz: “Espero, pois, enviá-lo, logo” (Fl 2,23). Aqui, porém, não era assim; mas havia voltado, por isso o inscrevia com razão: “*Agora, porém, Timóteo voltou para perto de nós, da visita que vos fez*” (1Ts 3,6). Por que, então, coloca primeiro Silvano, embora ateste sobre Timóteo inúmeras qualidades, e mais de todos o estime? Talvez porque ele próprio, devido a grande humildade, o quisesse e pedira. Notara que o mestre portava-se com tanta humildade, unindo ao seu o nome do discípulo; com muito mais razão ele próprio procurava agir dessa maneira.

“*Paulo, Silvano e Timóteo à Igreja de Tessalônica.*” De si nenhum título apõe aqui: nem apóstolo, nem servo. Parece-me que não alude a qualquer dignidade porque eles haviam sido recentemente catequizados, e eram inexperientes. Aliás, ainda estavam nos primórdios da pregação.

“*À Igreja de Tessalônica.*” Expressão bem escolhida. É provável que ainda eram poucos e inconsistentes, e para consolá-los dá-lhes o nome de Igreja, porque onde a Igreja se estabelecera havia muito tempo, e a comunidade era grande, não se exprime dessa forma. Desde que o título de Igreja assinala uma multidão e de muitos fiéis, já congregada e consistente, por isso assim os chama.

“*Em Deus Pai, e no Senhor Jesus Cristo.*” À Igreja de Tessalônica, em Deus. Eis que novamente a expressão: “*Em Deus*” refere-se ao Pai e ao Filho. Declara: “*Em Deus*”, porque havia muitas Igrejas judaicas e gregas. Grande dignidade, ímpar, se é em Deus. Queira Deus que nossa Igreja seja assim chamada; receio, contudo, que esteja longe de estar à altura da denominação. Pois se alguém é servo do pecado, não pode dizer que está “em Deus”.

“*A vós graça e paz.*” Viste como, logo no prefácio, começa a carta com louvores? “*Rendemos graças a Deus por todos vós, sempre que fazemos menção de vós em nossas orações.*” Pois, se o Apóstolo dá graças a Deus por eles, atesta que haviam progredido muito, porque não somente os elogia, mas também dá graças a Deus, que tudo operou. Ensina-lhes a moderação, dizendo de certo

modo que tudo provém da ação de Deus. Aliás, dar graças é reconhecer que eles praticam boas obras, e lembrar-se deles nas orações é assegurar que os ama. Em seguida, conforme faz em muitos lugares, demonstra que não somente se lembrou durante as orações, mas também fora dos momentos de oração. Afirma: “*recordando sem cessar, diante de Deus, nosso Pai, a vossa fé tão ativa, o esforço da vossa caridade, e a perseverança de vossa esperança em nosso Senhor Jesus Cristo*”.

O que significa: “*Recordando sem cessar*”? Ou: recordamos diante de Deus Pai; ou: recordamos do esforço de vossa caridade, diante de Deus nosso Pai. Não disse somente: “*Recordando sem cessar*”, mas acrescentou: “*De vós*”. Em seguida, a fim de não julgares que diz sem motivo: “*De vós*”, aditou: “*diante de Deus, nosso Pai*”. Considerando que ninguém louvava as ações deles, ninguém os recompensava, fez este acréscimo, como se quisesse dizer: “Confiai. Fatigai-vos diante de Deus”.

Que sentido tem a expressão: “*Fé tão ativa*”? Ninguém conseguiu dobrar vossa resistência; nisso consiste uma fé ativa. Possui a fé e tudo suporta; se não suporta, não acredita. Talvez o objeto da promessa não seja assaz grandioso que convença o fiel a suportar mil mortes? É proposto o reino dos céus, a imortalidade e a vida eterna. Quem, portanto, nisto acredita, tudo suportará. Por conseguinte manifesta-se a fé pelas obras. Com razão afirmou, portanto: “Não de qualquer maneira, mas pelas obras mostrai-o; pela resistência, pela zelosa disposição”.

“*O esforço da vossa caridade.*” Qual, então, o esforço de simplesmente amar? Nenhum. Mas, amar generosamente acarreta muito esforço. Dize-me. Quando são muitos os que querem nos afastar da caridade, nós, porém, resistimos a todos, não é esforço?

O que não sofreram os cristãos para não se apartarem da caridade? Os inimigos da pregação não foram à casa do hospedeiro de Paulo (At 17,5)? E não o tendo encontrado, não arrastaram o próprio Jasão à presença dos politarcas? Dize-me, por favor. Foi pequeno labor quando as sementes ainda não haviam criado raízes, suportar tamanha tempestade, tantas tentações? “E exigiram uma caução da parte dele” (At 17,9). Esta uma vez entregue, soltaram Paulo. É pouco? Dize-me. Não se sujeitou ao perigo por causa de Paulo? A isso denomina “*esforço da caridade*”, porque alguns estiveram presos dessa forma.

Olha. Em primeiro lugar, narra o Apóstolo o que eles fizeram de bem, em seguida, o que ele próprio praticou, para não parecer que se exalta, nem que os amou por prevenção.

“*E a perseverança*”, isto é, a paciência. De fato, aquela perseguição não durou apenas determinado tempo, mas foi contínua. E não combatiam apenas o mestre, Paulo, mas também os discípulos. Se, pois, assim perseguiam os taumaturgos, homens respeitáveis, o que julgas fariam aos de casa e aos concidadãos que de repente se afastavam de suas crenças? Efetivamente, Paulo o atesta a respeito deles, dizendo: “*Vós sois imitadores das Igrejas de Deus que estão na Judeia*”.

“*De vossa esperança em nosso Senhor Jesus Cristo, diante de Deus, nosso Pai.*” Bela observação! Tudo isso provém da fé e da esperança. Por esse motivo seus atos demonstravam não somente fortaleza e magnanimidade, mas ainda a certeza com que acreditavam nos prêmios que lhes eram reservados. Por isso Deus permitia que logo surgissem perseguições, a fim de que ninguém dissesse provir a pregação de acaso e adulação, mas revelasse o fervor deles; e que não se originava de persuasão humana, mas do poder de Deus a convencer os ânimos dos fiéis de sorte a estarem prontos a enfrentar inúmeras espécies de mortes. Isso não aconteceria se a pregação não calasse imediatamente no íntimo, permanecendo inflexível.

4. Sabemos, irmãos amados, que sois do número dos eleitos de Deus,

5. *porque o nosso evangelho vos foi pregado não somente com palavras, mas com grande eficácia no Espírito Santo e com toda a convicção. Assim sabeis como temos andado no meio de vós para o vosso bem.*

Por que ele assegura: “Assim sabeis como temos andado no meio de vós”? Desse modo refere-se a suas boas ações, mas implicitamente; quer primeiro emitir-lhes um elogio. É o seguinte o que ele diz: “Sabemos que sois homens generosos, grandes e do número dos eleitos. Por conseguinte também nós por vossa causa tudo suportamos”. Quanto à expressão: “*como temos andado no meio de vós*”, assinala que estávamos dispostos com grande empenho e intensidade a dar a vida por vossa causa; e o interesse não era nosso, mas vosso, porque sois eleitos. Por isso também diz em outra passagem: “Tudo suporte, por causa dos eleitos” (2Tm 2,10). Pois o que não se suportaria por causa daqueles que Deus ama? E tendo dito o que lhe competia, afirma mais ou menos o seguinte: “Se sois amados e eleitos, é justo que suportemos tudo. Não somente os confirmava e dava-lhes ânimo com louvores, mas também lembrando-lhes que também eles mostraram força e coragem, em contrapeso ao zelo dos outros. Declara, portanto:

6. *Vós vos tornastes imitadores nossos e do Senhor, acolhendo a Palavra com a alegria do Espírito Santo, apesar das numerosas tribulações.*

Ah! Quantos elogios. De repente os discípulos se tornam mestres. Não somente ouviram a palavra, mas atingiram as mesmas alturas que Paulo. Mas não é tudo. Vê como os exalta em seguida: “*Vós vos tornastes imitadores do Senhor*”. De que maneira? “*Acolhendo a Palavra com a alegria do Espírito Santo, apesar das numerosas tribulações*”. Não só com tribulações, mas com muitas aflições. É possível verificar pelos Atos dos Apóstolos (At 17) as perseguições excitadas contra eles. Diz-se que “agitaram a multidão e os politarcas” contra eles. E ninguém pode afirmar que estáveis aflitos e acreditastes, mas com pesar; ao contrário, foi com alegria, conforme o que faziam os apóstolos: “Quanto a eles, deixaram o sinédrio, muito alegres de terem sido julgados dignos de sofrer ultrajes pelo nome” de Cristo (At 5,44).

É admirável o seguinte: Não é pouco suportar quaisquer aflições; aliás, já é peculiar aos que superam a natureza humana, e consideram o corpo como sendo impassível. De que modo, porém, tornaram-se imitadores de Cristo? Porque ele suportou muitos padecimentos, não com pesar, mas com alegria; voluntariamente os enfrentava. Por nossa causa humilhou-se, sofreu escarros e bofetadas, foi crucificado; e de tal modo se alegrava com tais padecimentos, que dizia ao Pai: “Glorifica-me” (cf. Jo 17,1).

“*Com a alegria do Espírito Santo.*” Visando que não dissesse alguém: “Como falas em tribulação? Como fazes referência à alegria? De que modo podem ambas estar juntas”? Acrescentou: “*Com a alegria do Espírito Santo*”. Aflição corporalmente, e alegria espiritualmente. De que maneira? Os acontecimentos são molestos; o que deles resulta, de forma alguma; o Espírito não o permite. Pode acontecer que alguém sofra e não se alegre, quando sofre por causa dos pecados; e alegra-se ao ser flagelado, se sofre por causa de Cristo. Pois tal é o gáudio do Espírito: por fatos que parecem graves e incômodos, produz alegria. Afligiram-vos, diz-se, perseguiram; mas nem no meio dessas tribulações o Espírito vos abandonou. Bem como na fornalha os três jovens foram refrescados com orvalho (Dn 3), o mesmo vos sucede a vós no meio das aflições. Mas como não é próprio da natureza do fogo refrescar com orvalho, e sim do sibilante Espírito, assim também aqui não é peculiar à natureza da aflição criar alegria, mas do sofrimento por causa de Cristo, quando o Espírito difunde orvalho, e estabelece em repouso e refrigério através da fornalha das provações. Assegura: “*com a alegria*”, não de modo comum, mas excessivamente, isto é, “*do Espírito Santo*”.

7. *de sorte que vos tornastes modelo para todos os fiéis da Macedônia e da Acaia.*

Enfim trata deles. Mas de tal forma resplandecestes que vos tornastes mestres dos vossos predecessores. Afirmção apostólica! Não lhes diz: Vós vos tornastes modelo para induzir a crer, e sim: modelo para os fiéis, isto é, ensinastes como importa crer em Deus, vós que desde o início entrastes em combate. “*E da Acaia*”, isto é, da Grécia. Vê a importância da prontidão de ânimo? Não necessita de tempo, nem de hesitação, nem de adiamento; mas basta que se apresente ocasião e tudo está feito. Assim, portanto, como eles enfim se acercassem da pregação, tornaram-se mestres para os primeiros. Ninguém, portanto, desanime; apesar de nada ter feito durante muito tempo, é possível em pouco tempo realizar quanto não fez anteriormente. De fato, se quem ainda não acreditara pôde brilhar tanto no início, muito mais aqueles que já haviam crido.

Ninguém, entretanto, revolvendo tais pensamentos fique preguiçoso, ciente de que pode em breve tempo tudo recuperar, pois o futuro é incerto; o dia do Senhor é qual ladrão (cf. 1Ts 5,4), e sobrevém de repente enquanto dormimos; mas se não dormirmos, não sobrevirá como ladrão, nem nos rejeitará porque despreparados. Pois, se vigiarmos, e formos sóbrios, não mais nos surpreenderá como ladrão, mas como enviado do Rei chamar-nos-á para os bens que nos estão reservados; ao invés, se dormirmos, virá como ladrão. Ninguém, portanto, durma, ninguém seja preguiçoso para a virtude; seria um sono. Não sabeis que, enquanto dormimos, nossos bens não estão em segurança, e é fácil cairmos em insídias? Quando, porém, estamos vigilantes, não precisamos de tanta guarda. Enquanto dormimos, mesmo com muito cuidado muitas vezes perecemos; apesar das portas, ferrolhos, guardas e vigias, o ladrão entra. Por que digo tais coisas? Porque, se vigiarmos, não precisaremos de auxílio dos outros; ao invés, se dormirmos, nada nos aproveitará o auxílio alheio, mas mesmo com ele perecemos.

É bom fruirmos das orações dos santos, mas quando nós mesmos também nos dedicarmos às boas obras. E por que preciso, dizes, da oração dos outros, quando me dedico às boas obras, e não estou reduzido à necessidade? Nem eu o desejo; mas sempre precisamos, se pensarmos bem. Paulo não dizia: “Para que preciso de orações”? Embora os orantes não eram dignos dele, nem mesmo lhe eram iguais; e tu dizes: “Para que preciso de orações? Pedro não dizia: “Para que necessito de orações”? Está escrito: “A Igreja não cessava de fazer orações a Deus por ele” (At 12,5). E tu dizes: “Por que preciso de orações? Precisas justamente porque julgas que não necessitas. Mesmo se fosses um outro Paulo, terias necessidade de orações. Não te exaltes, para não seres humilhado. Mas, como disse, se formos na verdade dedicados às boas obras, as preces emitidas em nosso favor nos ajudam. Escuta Paulo a dizer: “Porque sei que isso me redundará em salvação pelas vossas orações e pelo socorro do Espírito de Jesus Cristo” (Fl 1,19). E ainda: “Vós colaborareis para tanto mediante a vossa prece: assim a graça que obteremos pela intercessão de muitas pessoas suscitará a ação de graças de muitos em nosso favor” (2Cor 1,11). E tu dizes: “Para que necessito de orações? Se ao contrário fomos preguiçosos, ninguém poderá nos ser útil. O que conseguiu Jeremias em prol dos judeus? Acaso não procurou três vezes a Deus e por três vezes ouviu a resposta: “Não intercedas por este povo e não insistas porque não vou te ouvir” (Jr 7,16)? Em que Samuel ajudou a Saul? Acaso não chorou até o último dia, e não somente orou por ele? O que adiantou aos israelitas? Acaso não dizia: “Quanto a mim, longe de mim esteja que eu venha a pecar deixando de orar por vós” (1Sm 12,23)? Talvez não tenham perecido todos? Nada, portanto, dizes, adiantam as preces? Ao contrário, adiantam e muito; mas, quando nós também fazemos algo, pois as preces colaboram e ajudam. Recebe colaboração e ajuda quem age; do contrário, se ficas inerte, não tirarás delas grande vantagem.

Na verdade, se as preces valessem para nos introduzir a nós ociosos no reino, porque nem todos os

pagãos se tornam cristãos? Acaso não rezamos pelo mundo todo? Não era também o que fazia Paulo? Não rogamos que todos se convertam? Dize-me. Por que os maus não se tornam bons? Não será, como é evidente, porque não querem colaborar? Por conseguinte, muito valem as orações quando nós também de nossa parte contribuirmos. Queres saber quanto adiantam as orações? Pensa em Cornélio, Tabita (cf. At 10,5 e 9,36). Escuta igualmente Jacó dizer a Labão: “Se o Deus Terrível de meu pai não estivesse comigo, tu me terias despedido de mãos vazias” (Gn 31,42). Escuta ainda a Deus, que declara: “Protegerei esta cidade e a salvarei em atenção a mim mesmo e a meu servo Davi” (2Rs 19,34). Mas quando? No tempo de Ezequias que era justo. Pois, se valessem as preces mesmo no tempo de grandes criminosos, por que assim não falou Deus quando veio Nabucodonosor, mas lhe entregou a cidade? Porque então prevaleceu a malícia. Ainda o próprio Samuel rezou em prol dos israelitas e obteve resultado. Quando? Quando eram agradáveis a Deus, ele afugentou os inimigos.

E que necessidade há das orações de outrem se eu mesmo sou agradável a Deus? Não fales jamais assim, ó homem. São necessárias e bastante necessárias as orações. Ou vê como fala Deus aos amigos de Jó: “Ele intercederá por vós” (Jó 42,8) e será perdoado vosso pecado. Na verdade, haviam cometido pecado, não, porém, um grave pecado. Mas o próprio justo, que então preservou seus amigos por meio da oração, na época judaica não conseguiu salvar os judeus que pereciam. E para que fiques ciente, escuta o que fala Deus através do profeta: “Ainda que estejam ali estes três homens, a saber, Noé, Daniel e Jó...certamente eles não conseguiriam salvar os seus filhos e as suas filhas” (Ez 14,16), por ter crescido a malícia. E ainda: “Mesmo que Moisés e Samuel estivessem diante de mim” (Jr 15,1). E vê como aqui se refere aos dois profetas, porque ambos suplicaram em favor deles e não foram atendidos. Pois diz Ezequiel: “Ah, Senhor! Vais destruir todo o resto de Israel” (Ez 11,13)? Mostra que Deus age com justiça, e não é por desprezo que não atende a sua oração; confessa que é devido aos pecados deles, dizendo mais ou menos o seguinte: “Estas coisas te são suficientes para persuadir-me de que não é por me desprezares, mas devido aos pecados deles que a minha súplica não foi atendida”; no entanto acrescenta: “Ainda que estejam ali Noé, Jó e Daniel”. E com razão Ezequiel principalmente se refere a si mesmo, porque muito sofreu. Declara: “Tu me ordenaste, que comesse o pão assado sobre excrementos e comi (cf. Ez 4,12); ordenaste que raspasse a cabeça (cf. Ez 5,1); mandaste que dormisse de um lado só (cf. Ez 4,4); mandaste que saísse carregado pelo buraco da muralha e saí (cf. Ez 12,7); tiraste-me a mulher e me preceituaste que não a pranteasse (cf. Ez 24,16) e não chorei, mas suportei com fortaleza; fiz inúmeras outras coisas por causa deles; e eu rogo em seu favor e não me atendes”? E, querendo mostrar que Deus não age assim porque o despreza, declara: “Ainda que estivessem ali Noé, Daniel e Jó...” e me pedissem por seus filhos e suas filhas, não conseguiriam. E ainda Jeremias, que sofreu menos pelos preceitos de Deus e mais por causa da maldade deles, o que afirma? “Não vês o que eles fazem?” (Jr 7,17) Certamente, responde, eles assim agem, mas tu agirás por minha causa. Por este motivo foi-lhe dito: “Mesmo que Moisés e Samuel estivessem diante de mim”. Moisés, o primeiro legislador, que frequentemente livrou os israelitas dos perigos e disse a Deus: “Agora, pois, se perdoasses o seu pecado... Se não, risca-me, peço-te, do livro” (Ex 32,31). Se estivesse agora aqui, portanto, e assim falasse, não impetraria; e o mesmo, se estivesse Samuel, que também os livrou, que era admirado desde a infância. A respeito daquele eu disse que falava como um amigo a seu amigo e não por enigmas; do segundo, narrei que na infância lhe apareci e, aplacado por intermédio dele, revelei o sentido da profecia oculta. “Naquele tempo, raramente o Senhor falava, e as visões não eram frequentes” (1Sm 3,1). Se, portanto, ali estivessem, de nada adiantaria. E acerca de Noé, diz a Escritura: “Noé era um homem justo, íntegro entre seus contemporâneos” (Gn 6,9); e de Jó: “Era um homem íntegro e reto, verdadeiro, e que temia a Deus” (cf. Jó, 1,1). Se ambos estivessem presentes e ainda Daniel, a quem os caldeus consideravam um deus, não poderiam salvar seus filhos e

suas filhas.

Cientes disso, nem menosprezemos as orações dos santos, nem tudo esperemos delas, a fim de não sermos indolentes e não levarmos vida negligente; e não menosprezemos a fim de não perdermos um grande lucro. Mas ainda exortemos a que rezem por nós e nos estendam as mãos. E nós, pratiquemos a virtude para conseguirmos os bens prometidos aos que amam a Deus, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem com o Pai e o Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

SEGUNDA HOMILIA

1,8. *Porque, de vós divulgou-se a Palavra do Senhor, não apenas pela Macedônia e Acaia, mas propagou-se por toda parte a fé que tendes em Deus. Não é necessário falarmos alguma coisa,*

9. *pois eles mesmos contam qual acolhimento da vossa parte tivemos, e como vos convertestes dos ídolos a Deus, para servirdes ao Deus vivo e verdadeiro,*

10. *e esperardes dos céus a seu Filho, a quem ele ressuscitou dentre os mortos: Jesus, que nos livra da ira futura.*

Um unguento perfumado não guarda encerrado em si o perfume, mas o exala para bem longe e enche o ar com seu odor; assim também sentem-nos os que estão perto. Da mesma forma os homens nobres e admiráveis não mantêm oculta a virtude, mas ajudam a muitos por sua fama, fazendo-os melhores. Naquele tempo igualmente tal aconteceu. Por isso declarava o Apóstolo: “*De sorte que vos tornastes modelo para todos os fiéis da Macedônia e da Acaia. Porque, de vós divulgou-se a Palavra do Senhor, não apenas pela Macedônia e Acaia, mas propagou-se por toda parte a fé que tendes em Deus*”. Vossos conhecimentos encheram de admiração os mais próximos, e os milagres, o orbe da terra. É o que significa a expressão: “*Por toda parte*”. E não disse: “Tornou-se famosa a vossa fé”, mas: “*Propagou-se*”, evidenciando que, como uma trombeta retumbante ressoa por todas as regiões circunvizinhas, assim a fama de vossa virtude, ressoando como ela, é suficiente para encher o orbe, chegando a toda parte com igual sonoridade. Pois os grandes feitos, seja onde for que aconteceram, são proclamados altamente; na verdade, ressoa longe, mas não de igual modo; convosco não sucede o mesmo, mas o som auspicioso ressoa em toda a terra. E não se julgue ser uma hipérbole. O povo macedônio, antes da vinda de Cristo, era insigne e por toda parte era mais proclamado do que os romanos; os romanos, contudo, são mais admiráveis, porque os subjugaram.

Efetivamente, o que realizou o rei dos macedônios supera todo discurso, porque, partindo de uma pequena cidade, ocupou toda a terra. Por causa disso também o profeta o viu como um Leopardo alado, figurando a velocidade, a veemência e o ardor com que de repente atravessou em voo o orbe com troféus de vitória. Conta-se, porém, que, tendo ouvido certo filósofo afirmar que existiam mundos infinitos, gemeu amargamente, porque sendo infinitos, nem ao menos um só ele havia conquistado. Assim era audaz e magnânimo e era aclamado em toda a terra. A fama do rei acarretava glória para o povo. Dizia-se: “Alexandre, o macedônio”. E como sua fama era proclamada, naturalmente também em toda parte se exaltavam os seus feitos, pois o que é ilustre não consegue ficar escondido. Por conseguinte, o rei dos macedônios não foi menos famoso do que os dos romanos. “*Propagou-se por toda parte a fé que tendes em Deus*”. Vê que a expressão parece referir-se a uma coisa animada: “*Propagou-se*”. Isso provém da veemência deles. Em seguida, tendo declarado que eles demonstraram fé forte e eficaz, acrescentou: “*Não é necessário falarmos alguma coisa, pois eles mesmos contam qual acolhimento da vossa parte tivemos*”. Eles não aguardam ouvir de vós mesmos,

mas uma vez que, sem estarem presentes nem terem visto, acolheram a informação de vossos ilustres feitos dos que presenciaram, de tal modo em toda parte se divulgou a notícia. Sendo assim, não temos necessidade de narrar vossas obras para induzir a igual zelo, porque o que deviam ouvir de nós, são os primeiros a contar. Em ações semelhantes, costuma introduzir-se a inveja; mas a excelência delas também a superou, e eles são os arautos de vossos combates. Embora sejam inferiores, nem por isso calam, mas antecipam-se em narrar. Nós, porém, uma vez que são tais, não podemos deixar de acreditar.

O que significa: “*Qual acolhimento da vossa parte tivemos*”? Houve muitos perigos, morte iminente e nada disso vos assustou como se nada houvesse sucedido e aderistes a nós como se nenhum mal houvésseis sofrido, mas tivésseis obtido inumeráveis bens; assim nos recebestes em seguida. Esta foi a segunda visita. Partiram para a Bereia (At 17,10). Lá sofreram perseguições e depois, tendo voltado, os fiéis o receberam de tal modo que o honravam e arriscavam a vida por ele. A expressão: “*Qual acolhimento da vossa parte tivemos*” constitui conjuntamente elogio de si e deles; mas o Apóstolo o transformou em louvor deles.

“E como vos convertestes dos ídolos a Deus, para servirdes ao Deus vivo e verdadeiro.”

Isto é, facilmente, com muito ardor, e não precisastes de muito esforço para servir ao Deus vivo e verdadeiro. Aqui introduz uma exortação, o que torna o discurso mais leve.

“E esperardes dos céus a seu Filho, a quem ele ressuscitou dentre os mortos: Jesus, que nos livra da ira futura”. “*E esperardes dos céus a seu Filho*”, que foi crucificado, sepultado, e conforme aqui acrescenta: “*A quem ele ressuscitou dentre os mortos*”. Vistes simultaneamente todos os eventos, a ressurreição, a ascensão, a segunda vinda, o juízo, a remuneração dos justos, o suplício dos maus?

“Jesus, que nos livra da ira futura.” Eis o que constitui alívio, conforto e exortação para eles. Pois, se ressuscitou dos mortos e está no céu e de lá há de vir (e assim acreditastes, pois, se não tivésseis acreditado, não teríeis sofrido tanto), são suficientes tais consolações. Se, contudo, os outros serão totalmente castigados, conforme também diz o Apóstolo na segunda carta (cf. 2Ts 1,9), tereis outro grande consolo. Aliás, adita: “*E esperardes dos céus a seu Filho*”, o que manifesta serem terríveis as coisas presentes, e excelentes as futuras quando Cristo vier dos céus. Vê a firmeza da esperança dos cristãos, visto que ele foi crucificado, ressuscitou, foi elevado aos céus, e virá julgar os vivos e os mortos.

A atitude de Paulo durante sua estadia em Tessalônica

2,1. *Bem sabeis, irmãos, que não foi inútil a nossa estada entre vós.*

2. *Sabeis que sofremos e fomos insultados em Filipos. Decidimos, contudo, confiados em nosso Deus, anunciar-vos o evangelho de Deus, no meio de grandes lutas.*

Foram preclaras as vossas ações, mas nós também não empregamos palavras humanas. Mas o Apóstolo, conforme mais acima, aqui repete que se demonstra duplamente a qualidade da pregação: tanto pelos sinais, pela resolução dos pregadores quanto pelo fervor e dedicação dos que a recebem.

“Bem sabeis que não foi inútil a nossa estada entre vós”, isto é, não foi por motivos humanos, nem ocasional. Mas, após grandes perigos, morte iminente e ferimentos, incidimos logo em novos perigos.

“Sabeis que sofremos e fomos insultados em Filipos. Confiados, contudo, em nosso Deus.” Vês como novamente tudo atribui a Deus? “*Decidimos, contudo, anunciar-vos o evangelho de Deus, no meio de grandes lutas*”. Não se pode dizer que apenas ali estivemos em perigo, e aqui não. Conheceis

bem também vós o grande perigo, a grande ansiedade por que passamos junto devós. Quanto aos coríntios, também escreve: “Estive entre vós cheio de fraqueza, receio e tremor” (1Cor 2,3).

3. *Pois a nossa exortação nada tem de intenções enganosas, motivos espúrios, nem astúcias.*

4. *Uma vez que Deus nos achou dignos de confiar-nos o evangelho, não falamos para agradar aos homens, e sim, a Deus, que perscruta o nosso coração.*

Vês, conforme disse, que se apoia em sua resistência para demonstrar que a pregação é divina. Porque se assim não fosse, se fosse fraude, não teríamos enfrentado tantos perigos que não nos deixavam nem respirar. Como então? Se não nos estimulasse algum dos bens futuros, se não estivéssemos convencidos de que a esperança era segura, não nos sujeitaríamos com tanto zelo às tribulações. De fato, quem optaria em vista dos bens terrenos suportar tantos males e viver uma vida angustiada e cheia de perigos? Por acaso convenceria a alguém? Não basta para perturbar os discípulos ver os mestres em perigo? Tal não vos sucedeu: “*Pois a nossa exortação*”, isto é, a doutrina, “*nada tem de intenções enganosas*”. Não é dolo, nem engano, para fazermos concessões; não é questão odiosa e detestável, à semelhança dos feiticeiros e magos. É o sentido da expressão: “*motivos espúrios*”. Nem “*astúcias*”, nem certa dominação, segundo fez Teudas. “*Uma vez que Deus, nos achou dignos de confiar-nos o evangelho, não falamos para agradar aos homens, e sim, a Deus, que perscruta o nosso coração*”. Vês que não se trata de vanglória? “*E sim, a Deus, que perscruta o nosso coração*”. Nada fazemos, diz ele, para agradar aos homens. Por que motivo o faríamos? Depois de os louvar, diz: “Não para agradar aos homens, nem procurando obter deles honrarias, e acrescenta: “*Uma vez que Deus nos achou dignos de confiar-nos o evangelho*”. Declara mais ou menos o seguinte: Se ele não soubesse que nos libertamos de tudo o que pertence à presente vida, não nos teria escolhido: Permanecemos tais quais fomos aprovados. “*Deus nos achou dignos*”, diz ele; isto é, nos provou e confiou-nos o evangelho; assim como Deus nos aprovou, assim permaneçamos. É sinal de nossa virtude ter-nos confiado o evangelho. Se houvesse algo de mau em nós, Deus não nos acharia dignos. A locução: “*Achou-nos dignos*” significa: “*Achou-nos honestos e confiou-nos*”. Não disse: “*Perscrutou*”. Nós assim agimos quando queremos comprovar, ele, porém, sem tal comprovação. Falamos, portanto, como é digno daqueles que por Deus foram achados dignos e confiou-lhes o evangelho. E: “*Não falamos para agradar aos homens*”, isto é, não fizemos tudo isso por vossa causa. Uma vez que os elogiou anteriormente, a fim de não tornar suspeitas suas afirmações, disse:

5. *Eu não me apresentei com adulações, vós o sabeis, nem com secreta ganância. Deus é testemunha!*

6. *Tampouco procuramos o elogio dos homens, quer vosso quer de outrem.*

7. *Ainda que, na qualidade de apóstolo de Cristo, pudéssemos pesar sobre vós.*

“*Eu não me apresentei com adulações*”, isto é, não adulamos, o que é próprio dos fraudulentos, que querem obter e possuir o domínio. Não se pode dizer que adulamos para obter o poder, nem que viemos por causa de dinheiro. Desse fato, aliás evidente, apela para eles como testemunhas. Se adulamos, vós o sabeis, diz ele; quanto ao que não era evidente: “*por secreta ganância*”, invoca a Deus por testemunha. “*Tampouco procuramos o elogio dos homens, quer vosso quer de outrem. Ainda que, na qualidade de apóstolo de Cristo, pudéssemos pesar sobre vós*”, isto é, sem procurarmos honras, nem nos gloriarmos, nem nos apoiarmos em satélites. Embora se assim tivéssemos agido, nada de estranho teríamos feito, pois, se alguns enviados pelos reis são recebidos com honra, muito mais merecemos nós. Nem disse: “*Fomos injuriados*”. Nem: “*Não conseguimos honras*”, o que seria uma exprobração. Mas: “*Não procuramos*”. Se, portanto, não procuramos, quando era lícito procurar,

até sendo exigido pela pregação, como teríamos feito algo mirando a glória? Mesmo que o tivéssemos buscado, nem assim, na verdade, devíamos ser acusados. Pois seria justo que os enviados de Deus aos homens, como legados que viessem agora do céu, fruissem de grande honra. Mas, menosprezando a glória, nada disso buscamos para obstruirmos a boca dos adversários. Nem se pode dizer que para convosco agimos desta maneira, mas para com outros procedemos de diversa forma. Pois, escrevendo aos coríntios, também assegurava: “Suportai que vos escravizem, que vos devorem, que vos despojem, que vos tratem com soberba, que vos esbofeteiem” (2 Cor 11,20); e ainda: “Mas, uma vez presente, é um homem fraco e a sua linguagem é desprezível”; e ainda: “Perdoai-me esta injustiça” (2 Cor 10,10 e 12,13). Com isso demonstra que é muito humilde, porque suportara tanta coisa. Aqui, porém, afirma ainda a respeito das riquezas: *“Ainda que, na qualidade de apóstolo de Cristo, pudéssemos pesar sobre vós”*,

7. apresentamo-nos, contudo, no meio de vós cheios de bondade, qual ama que acaricia os seus filhinhos.

8. Tanto bem vos queríamos que desejávamos dar-vos não somente o evangelho de Deus, mas até a própria vida, de tanto amor que vos tínhamos.

“Apresentamo-nos, contudo, no meio de vós cheios de bondade”, isto é, nada apresentamos de importuno, nem de molesto, nem de pesado, nem de soberbo. A expressão: “no meio de vós” de certo modo significa: não tomamos um lugar superior e mais eminente.

“Qual ama que acaricia os seus filhinhos.” Assim deve ser o mestre. Acaso a ama adula para ser exaltada? Acaso pede riquezas das criancinhas? Ser-lhes-á pesada e molesta? Não serão mais benignas e afáveis do que as mães? Com isso manifesta o Apóstolo seu amor e benevolência. “Tanto bem vos queríamos”, nos sentíamos ligados a vós. E não somente nada recebemos, mas, se fosse necessário, dar a nossa vida, não recusaríamos. Dize-me. Seria uma disposição mental apenas humana? E quem é tão insensato para afirmá-lo? “Desejávamos dar-vos não somente o evangelho de Deus, mas até a própria vida”, porque é dom maior. E qual o lucro? Do evangelho, na verdade, aufere-se lucro; dar, porém, a vida contém maior dificuldade. Não é a mesma coisa pregar apenas ou dar a vida; pois o primeiro é mais honroso, o segundo mais difícil. “Desejávamos dar-vos até a própria vida”, se nos fosse facultado. Por conseguinte, louvou e louva, nesses termos: “Assim agimos, sem buscar riquezas, sem adular, sem captar glória”. Vê, portanto: O Apóstolo devia, uma vez que eles travaram muitos combates, de modo extraordinário louvar e admirar para se tornarem mais fortes; tal louvor poderia levantar suspeitas. Por isso, eliminando a suspeita, alude aos perigos. E ainda, a fim de não se pensar que aludia aos perigos, como se fosse em favor deles, e querendo ser honrado, depois de relembrar os perigos, acrescentou: “De tanto amor que vos tínhamos”, e conseqüentemente daríamos de bom grado a vida, porque estávamos intimamente unidos a vós. Quanto ao evangelho, nós o anunciamos porque Deus o ordenou; mas tanto amor vos tínhamos que, se fosse possível, daríamos a própria vida. Assim deve amar quem ama, de sorte que se lhe for pedida a vida, e for possível dá-la, não recusa. O que digo? For pedida? Mas até se precipita para a doação. Nada, pois, nada mais agradável do que este amor; daí nada pode advir que cause pesar. O amigo fiel na verdade é condimento da vida; o amigo fiel é válida proteção.

Pois o que não faria um amigo genuíno? Que prazer não causaria? Que vantagem? Que segurança? Mesmo que menciones inumeráveis tesouros, nada pode ser equiparado ao verdadeiro amigo. Em primeiro lugar, tratemos de quanto prazer causa a amizade. Ver o amigo ocasiona alegria difusiva; estar bem unido a ele traz indizível prazer à alma; e só a sua lembrança reconforta e eleva a mente. Refiro-me aos amigos autênticos, unânimes, dispostos até a morrer pelos amigos, que amam

ardentemente. Não julgues que estou censurando, pensando nos que amam vulgarmente, convivas às mesas, amigos de nome. Se alguém possui um amigo qual descrevo, entenderá essas palavras; e embora o encontre diariamente, não se enfastia. Deseja e opta em seu favor o mesmo que a si. Conheço alguém que, em prol de um amigo, pedia a santos homens que rezassem primeiro por ele, em seguida por si. Tão grande bem é um verdadeiro amigo que por causa dele amam-se os lugares e os tempos. Assim como os corpos brilhantes refletem seu fulgor sobre os lugares próximos, assim também os amigos comunicam a graça aos lugares a que acederem. E, muitas vezes, estando sem os amigos em determinados lugares, choramos e gememos ao recordarmos os dias que ali com eles passamos. Não é possível exprimir em palavras quanto prazer e alegria oferece a presença dos amigos; só o sabem os que o experimentaram. E pedir um favor e recebê-lo de um amigo é possível sem nenhum constrangimento. Quando reclamam algo de nós, então ficamos agradecidos, quando hesitam, ficamos tristes. Nada temos que não seja também deles. Apesar de muitas vezes menosprezarmos as coisas presentes, por causa deles não queremos sair dessa vida. São mais desejáveis do que a própria luz. Na verdade, mais desejável é o amigo do que a luz; falo do amigo sincero. E não te admires. É melhor que o sol se extinga para nós do que sermos privados dos amigos, é preferível viver nas trevas do que não ter amigos; e por que assim é, eu direi.

De fato, muitos, mesmo à luz do sol, estão nas trevas; providos de amigos, jamais, ainda que estejam no meio de tribulações; reporto-me aos amigos verdadeiros que nada preferem à amizade. Tal era Paulo que daria com gosto a própria vida e ainda sem ser rogado cairia de boa vontade na geena. Assim importa amar com afeição ardente. Quero dar um exemplo de amizade: Os amigos superam os pais e os filhos, os amigos, digo, segundo Cristo. Não me fales dos amigos de hoje, pois tal amizade desapareceu com vários outros bens. Mas pensa no tempo dos apóstolos; não me refiro aos chefes e principais, mas aos fiéis: “A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava seu o que possuía; e distribuía-se a cada um segundo a sua necessidade” (At 4,32.35). Não havia então meu e teu. Existe amizade quando ninguém considera sua coisa alguma, e sim como sendo do próximo, enquanto tem por alheio o que é seu. De tal modo poupa a vida dos outros como se fosse sua, e o próximo igualmente demonstra tais sentimentos. E onde é possível, diz-se, encontrar tais sentimentos? Sim; possível não é, porque não queremos; se o quisermos, será bem possível. Pois, se não fosse possível, Cristo não o ordenaria, nem teria insistido tanto a respeito da caridade. Grande é a amizade e o quanto é grande não se aprende, nem o explicam as palavras; somente se sabe por experiência. Sua falta criou a heresia, e ainda faz com que os pagãos continuem pagãos. O amigo não quer exigir, nem mandar, mas alegra-se em obedecer e executar as ordens; quer mais gratificar do que receber benefício; ama e sente que o seu desejo não se satisfaz. Não se alegra tanto de receber um benefício quanto de beneficiar; prefere ter o amigo como devedor do que ele próprio o ser; ou antes, prefere dever e tê-lo por devedor; quer prestar favor e não quer aparentar favorecer, mas antes parecer que é o devedor. Julgo que talvez muitos de vós ignorem o que foi explicado; portanto, preciso repetir. Quer ser o primeiro a prestar um benefício e não parecer dar, mas retribuir. Foi assim que Deus agiu para com os homens. Queria dar seu Filho por nós, mas a fim de não parecer que no-lo daria gratuitamente, mas que no-lo devia dar, ordenou a Abraão que oferecesse o filho, a fim de que, ao praticar um grandioso feito, nada de grande parecesse fazer. Pois, quando não existe amizade, diminuimos as beneficências e exageramos as coisas pequenas; onde, porém, existir, ocultamos as últimas e queremos que as grandes tenham a aparência de pequenas, para que o amigo não se mostre devedor, mas, ao invés, nós mesmos nos apresentemos com débito do valor de que ele é devedor. Sei que muitos não entendem essa exposição; o motivo é que se refere a uma realidade celeste. Seria, portanto, comose eu me reportasse a uma planta nativa da Índia, e que ninguém conhecesse por

experiência. Nenhuma descrição apresentaria uma ideia clara, mesmo que eu proferisse uma multidão de palavras; assim também é inútil o que falo agora. Ninguém entende.

No céu está radicada esta planta, de ramos carregados, mas não de pérolas, e sim de uma vida virtuosa, que é muito mais aprazível. De que prazer queres falar? Torpe ou honesto? Entretanto, o prazer da amizade ultrapassa a todos, é mais doce que o mel. Pois o mel provoca saciedade, o amigo, nunca, enquanto for amigo; mas antes cresce o desejo e jamais acarreta saciedade. O amigo é mais aprazível do que a vida presente. Com efeito, muitos, depois da morte dos amigos, preferiam deixar de viver. Em companhia do amigo, suportavam facilmente o exílio; sem o amigo, nem na pátria queriam morar. Juntamente com um amigo, aguenta-se a pobreza; sem ele, porém, até a saúde e as riquezas são insuportáveis. O amigo é um outro eu. Aflige-me não poder demonstrá-lo com um exemplo. Na verdade, estou ciente de que o que foi dito é muito menos do que convém. E isso, porém, pelo seguinte: Da parte de Deus, tão grande é a recompensa da amizade que não se pode exprimir. Recompensa-nos por nos amarmos mutuamente. Ama, pois, diz ele, e recebe a recompensa, quando devíamos dá-la. Reza, diz, e recebe a recompensa, quando devíamos retribuir, porque suplicamos alguns bens. Recebe a recompensa de pedirdes. Jejua, e recebe a recompensa. Sê virtuoso e recebe a recompensa, mesmo quando deves retribuir. Os pais, quando induzem os filhos a praticarem a virtude, também os recompensam; são devedores do prazer que disso hauriram. Assim também Deus. Ele diz: Recebe a recompensa, se és virtuoso, porque causas alegria ao pai e por isso devo-te o prêmio; se, porém, fores mau, absolutamente não, mas, ao invés, irritas aquele que te gerou. Por conseguinte, não irrite a Deus, mas causemos-lhe alegria, para obtermos o reino dos céus, em Cristo Jesus nosso Senhor etc.

TERCEIRA HOMILIA

2,9. *Ainda vos lembrais, meus irmãos, dos nossos trabalhos e fadigas. Trabalhamos dia e noite para não sermos pesados a nenhum de vós. Foi assim que vos pregamos o evangelho de Deus.*

10. *Vós sois testemunhas, e Deus também, de quão santo, irrepreensível e justo tem sido o nosso modo de proceder para convosco, os fiéis.*

11. *Bem sabeis, a cada um de vós, como um pai aos filhos,*

12. *exortávamos, encorajávamos e conjurávamos a viver de maneira digna de Deus, que vos chama ao seu Reino e à sua glória.*

Ao mestre nada do que tende à salvação dos discípulos deve ser oneroso. Pois, se o patriarca Jacó trabalhava noite e dia na guarda das ovelhas, muito mais aquele ao qual foram confiadas as almas, por mais laboriosa e vil que seja a obra, deve tudo fazer, tendo em vista apenas uma só coisa, a saber, a salvação dos discípulos, e o que em consequência dá glória a Deus. Vê, portanto, como também Paulo, arauto e apóstolo do orbe inteiro, após receber tal honra, trabalha manualmente para não ser pesado aos discípulos. Assegura ele: *“Ainda vos lembrais, meus irmãos, dos nossos trabalhos e fadigas”*. Pouco acima afirmara: *“Ainda que, na qualidade de apóstolo de Cristo, pudéssemos pesar sobre vós”*. Declara o mesmo na Carta aos Coríntios: *“Não sabeis que aqueles que desempenham funções sagradas, vivem dos rendimentos do templo”* (1Cor 9,13)? Assim também Cristo estabeleceu que os que anunciam o evangelho vivam do evangelho. “Eu, contudo”, afirma Paulo, “não quis, mas trabalhei”. Não só obrava, mas com muita aplicação e diligência. E vê o que diz: *“Ainda vos lembrais”* não dos meus benefícios, mas *“dos nossos trabalhos e fadigas. Trabalhamos dia e noite para não sermos pesados a nenhum de vós. Foi assim que vos pregamos o evangelho de Deus”*. A

respeito dos coríntios, declara outra coisa: “Despojei outras Igrejas, delas recebendo salário a fim de vos servir” (2Cor 11,8). Entretanto, ali também trabalhava, mas não o lembrou, declarando outra coisa, porém, que mais os estimulasse. Disse mais ou menos isto: “Fui sustentado por outros quando vos servia”. Aqui, no entanto, não se exprime assim, mas como? *“Trabalhamos noite e dia.”* E lá, na verdade, diz: “E quando entre vós sofri necessidade, a ninguém fui pesado” (2Cor 11,9); e: “Recebendo salário a fim de vos servir”. Revela, porém, que eles eram pobres: então, o caso era diferente. Por isso assiduamente os convoca para testemunhas: *“Vós sois testemunhas e Deus também”*. Com tal declaração torna a palavra fidedigna, conferindo-lhe a máxima garantia. Pois, se é incerto aos que não o conhecem, aos demais, enfim, não deixa dúvida alguma. E não te admireis. Ele não refletia que era ele mesmo, Paulo, quem o dizia; mas quer que tenham plena certeza.

Por isso diz: *“Vós sois testemunhas, e Deus também, de quão santo, irrepreensível e justo tem sido o nosso modo de proceder para convosco, os fiéis”*. Devia louvá-los novamente; por isso previamente apresenta o suficiente para persuadir. Raciocina da seguinte maneira: Se ali, estando em pobreza, não recebi, muito mais agora.

“Quão santo, irrepreensível e justo tem sido o nosso modo de proceder para convosco, os fiéis. Bem sabeis, a cada um de vós, como um pai aos filhos, nós exortávamos, encorajávamos.”

Tendo dito acima o que era atinente à vida, aqui alude à caridade, mais importante do que a preeminência; e o declara sem arrogância. *“A cada um de vós, como um pai aos filhos, exortávamos, encorajávamos e conjurávamos a viver de maneira digna de Deus, que vos chama ao seu Reino e à sua glória.”* Quando diz: *“Conjurávamos”*, lembra os pais. Não *“conjurávamos”* com veemência, mas como um pai, *“a cada um de vós”*. Ah! em tão grande multidão, de ninguém se esquece, nem pequeno, nem grande, nem rico, nem pobre. *“Exortávamos”* a fazer o quê? A suportar tudo. *“Encorajávamos e conjurávamos.”* *“Exortávamos”*, por conseguinte não procurávamos a glória. E *“conjurávamos,”* portanto não adulávamos. *“A viver de maneira digna de Deus, que vos chama ao seu Reino e à sua glória.”* Vê novamente como ao narrar ensina e conforta. Se ele nos chamou ao Reino, importa suportar as contrariedades. Não exortamos, a fim de nos doardes algo, mas para conseguirdes o Reino dos céus.

A fé e a paciência dos tessalonicenses

13. *Por esta razão é que sem cessar agradecemos a Deus por terdes acolhido a sua palavra que vos pregamos não como palavra humana, mas como na verdade é, a palavra de Deus que está produzindo efeito em vós, os fiéis.*

Não se diga que nós tudo fizemos irrepreensivelmente, enquanto vós agis de modo indigno de nossa forma de vida. De fato, ao ouvirdes nossas palavras, não as recebestes como se ouvísseis palavras humanas, mas atendestes qual admoestação do próprio Deus. De onde se evidencia isso? Assim como ele manifesta, pelas provações, o testemunho deles, e por suas próprias ações que não pregou por adulação ou vanglória, também mostra, através das provações deles, que receberam a palavra com retidão. Como, então, se não ouvísseis, como se o próprio Deus estivesse a falar, enfrentaríeis tais perigos? E vê quanto os estima:

14. *Irmãos, vós sois imitadores das Igrejas de Deus que estão na Judeia, em Cristo Jesus: pois que da parte dos vossos conterrâneos tivestes de sofrer o mesmo que aquelas Igrejas sofreram da parte dos judeus.*

15. *Eles mataram o Senhor Jesus e os profetas, e nos têm perseguido a nós. Desagradam a Deus e são*

inimigos de todos os homens.

16. *Querem impedir-nos de pregar aos gentios para que se salvem; e com isto preenchem a medida dos seus pecados, até que a ira acabe por cair sobre eles.*

“Vós sois imitadores das Igrejas de Deus que estão na Judeia.” O consolo é grande. Não é de admirar que dessa forma procedam para convosco, uma vez que fazem o mesmo aos seus contrerrâneos. Não constitui o fato pequeno indício de ser genuína a pregação, quando também os judeus tantas oposições deviam sustentar. “*Pois que da parte dos vossos contrerrâneos tivestes de sofrer o mesmo que aquelas Igrejas sofreram da parte dos judeus.*” É um pouco mais dizer que eles sofreram na Judeia. Mostram que os fiéis combatiam em toda parte com alegria. Diz, portanto: “*Tivestes de sofrer o mesmo*”. E novamente, o que há de espantoso, se também combatem contra vós, visto que ousaram o mesmo contra o Senhor? Vês como introduz o que ocasiona maior consolo? Assiduamente ele trata deste assunto, que encontrará em quase todas as cartas quem fizer um exame cuidadoso de como nas provações ele sempre apresenta a Cristo de vários modos. Vê, portanto; aqui também em acusação aos judeus, relembra o Senhor e a paixão. A tal ponto sabia que isso traria a maior consolação. “*Eles mataram o Senhor.*” Mas talvez não o conhecessem. Ao contrário, conheciam-no perfeitamente. E então? Acaso também não mataram os seus profetas, e apedrejaram aqueles de cujos livros também são portadores? E não agiram deste modo por causa da verdade. Não constitui, portanto, somente consolação nas tentações, mas também é admoestação a não julgarmos que assim agem por causa da verdade, e desse modo nos perturbarmos. “*E nos têm perseguido a nós.*” E nós, diz o Apóstolo, sofremos inumeráveis males. “*Desagradam a Deus e são inimigos de todos os homens. Querem impedir-nos de pregar aos gentios para que se salvem.*” “*São inimigos de todos os homens.*” Como? Se, pois, importa falar a todo o orbe, eles, contudo, o impedem, são comuns inimigos de toda a terra. Mataram a Cristo e os profetas, ofendem a Deus, são inimigos comuns de toda a terra, expulsam-nos a nós que temos acesso à salvação. O que há de espantoso se contra vós assim agem, uma vez que também o fizeram na Judeia? “*Querem impedir-nos de pregar aos gentios para que se salvem.*” É, na verdade, inveja impedir a salvação de todos os homens. “*E com isto preenchem a medida dos seus pecados, até que a ira acabe por cair sobre eles.*”

Não são ameaças quais as primeiras; não há retorno, nem limite; mas a ira está iminente. Onde se torna evidente? Pela predição de Cristo. Não serve de consolo apenas terem companheiros nas aflições, mas também ouvirem que foram punidos os perseguidores. Se, porém, a demora os aborrecia, consolem-se porque os perseguidores já não levantam a cabeça. Ao invés, também o retardo foi diminuído, conforme a palavra: “*A ira*”, manifestando novamente que era devida, preestabelecida e predita.

A inquietude do Apóstolo

17. *Nós, porém, irmãos, privados por um momento de vossa companhia, não de coração mas só de vista, desejamos muito vos rever.*

Não disse: “Separados”, mas algo de maior. Acima aludira à adulação, mostrando que não adulava, não procurava a glória; aqui alude à caridade. Tendo dito acima: “*Como um pai aos filhos*”, “*Qual ama*”, aqui diz: “*Privados*”, que assinala pais à procura dos filhos. Na verdade, contudo, não estavam privados. Não eles, diz o Apóstolo, mas nós. Pois, se apurarmos qual o desejo, como as criancinhas abandonadas, submetidas a prematura orfandade, têm muita saudade dos pais, não somente devido à natureza, mas também por causa da solidão, assim também nós. Aqui revela seu pesar por causa da separação. E isso, diz ele, não se pode dizer que aconteceu por esperarmos muito tempo, mas: “*Por*

um momento”, e ainda: *“Não de coração, mas só de vista”*, porque nos lembramos sempre de vós. Vê quanto amor! Apesar de tê-los sempre no coração, procurava no entanto revê-los, queria a presença deles. Não me diga alguém que este raciocínio é excessivo. É peculiar, na verdade, a um amor ardente desejar ver, ouvir, falar e isso tem grande influência. Diz ele: *“Desejamos muito”*. O que significa: *“Muito”*? Ou quer dizer que vos temos em alta estima; ou, o que é verossímil, como estávamos ausentes por um momento, empenhamo-nos em vos rever. Vê que São Paulo, quando não pode por si mesmo realizar seu desejo, realiza-o por meio de outros, como ao enviar Timóteo aos filipenses, e o mesmo novamente aos coríntios, convivendo com eles por intermédio de outrem, uma vez que não era possível fazê-lo por si mesmo. Era louco o amor, irresistível e incontido o ímpeto da amizade.

8. Quisemos ir visitar-vos –

É próprio da amizade. Embora, diz ele, sem outro motivo senão o de rever-vos.

eu mesmo, Paulo, quis fazê-lo muitas vezes –, mas Satanás me impediu.

O que dizes? *“Satanás impediu”*? Certamente. Não era, de fato, obra de Deus. Aos romanos, na verdade, ele declara que Deus proibira (Rm 15,22); e, em outra passagem, Lucas assegura que o Espírito proibiu que eles fossem à Ásia (At 16,6). Aos coríntios diz que era obra do Espírito; aqui, porém, somente de Satanás. O que é que ele chama de impedimento de Satanás? Provações inesperadas e veementes. Com efeito, tendo os judeus tramado insídias (At 20,3), ficou detido três meses na Grécia. Uma coisa é ficar por determinado plano e de própria vontade; outra, estar impedido. Pois, de lá, ele diz: “Agora, porém, não tendo mais campo para meu trabalho nestas regiões” (Rm 15,23); e: “Foi para vos poupar que não voltei a Corinto” (2Cor 1,23). Daqui, porém, nada de semelhante; mas, então? *“Satanás me impediu – eu mesmo, Paulo, quis fazê-lo muitas vezes”*. Vê como se gaba e se gloria, querendo mostrar que mais do que todos os ama. *“Eu mesmo, Paulo”*, como se dissesse: “Ainda que os outros, não”. Na verdade, eles apenas o queriam, enquanto eu, realmente amo.

19. Pois, quem é, senão vós, a nossa esperança, a nossa alegria, a coroa de glória, diante do Senhor Jesus Cristo no dia da sua Vinda? Dize-me, ó beato Paulo. Os macedônios são a tua esperança? Não eles somente, responde. Por isso acrescenta: *“Quem é, senão vós?”* Qual é *“a nossa esperança, a nossa alegria, a coroa de glória”*? Reconheceis que são palavras de mulheres com o coração ardendo, ao falarem às criancinhas? *“E coroa de glória.”* Não era, portanto, suficiente o nome de coroa para assinalar o esplendor, mas ainda acrescentou: *“de glória”*. Que ardor! Se alguma vez uma mãe e um pai unissem seus desejos, jamais poderiam demonstrar anelo idêntico ao de Paulo. *“A nossa alegria e coroa”*, diz ele. Mais exulto por vossa causa do que pela coroa. Pondera, portanto, como é bem estruturada a Igreja que Paulo plantou e que lançou raízes. Quem não exultaria diante de tão boa e numerosa prole? Por conseguinte, não se trata de adulação. Não proferiu apenas: “Vós”, mas: “Vós em companhia de outros”.

20. Sim, sois vós a nossa glória e a alegria nossa!

O envio de Timóteo a Tessalônica

3,1. Por isso, não podendo mais suportar, resolvemos ficar sozinhos em Atenas,
Emprega a expressão em vez de: “Preferimos”.

2. e enviamos a Timóteo, nosso irmão e ministro de Deus na pregação do evangelho de Cristo,

E não se exprime dessa forma para exaltar a Timóteo, mas para honrá-los pelo fato de enviar-lhes seu auxiliar e ministro do evangelho; como se dissesse: “Retirando-o das obras, nós vos enviamos o

ministro de Deus e nosso colaborador na pregação do evangelho de Cristo”. E adita o motivo:

com o fim de vos fortificar e exortar na fé

3. para que ninguém desfalecesse nestas tribulações.

O que diz aqui? As provações dos mestres perturbam os discípulos; entretanto, conforme ele próprio assevera, sofrera muitas tribulações: *“Satanás me impediu”*. Confortando-os, assim se pronunciou, como se quisesse dizer: *“Por muitas vezes quis ir aí e não pude”*. Era grande violência. É possível, porém, que isso os perturbasse. Os discípulos não se angustiam tanto com as próprias tribulações quanto com as dos mestres. Nem o soldado se aflige tanto com as próprias provações como ao ver ferido o general do exército. *“Com o fim de vos fortificar”*, afirma. Por conseguinte, enviou o auxiliar para que não se atormentassem, e não por lhes faltar algo relativamente à fé, nem por precisarem de aprender alguma coisa. *“E exortar na fé, para que ninguém desfalecesse nestas tribulações. Pois bem sabeis que para isso é que fomos destinados.”*

4. Quando estávamos convosco, já dizíamos que haveríamos de passar por tribulações; foi o que aconteceu, como sabeis.

Não deveis perturbar-vos. Nada de estranho, nem de inesperado aconteceu. Era o bastante para animá-los. Vês que por causa disso também Cristo o predissera aos discípulos? Ouve, pois, como ele se pronunciava: *“Eu vo-lo disse agora, antes que aconteça, para que, quando acontecer, acrediteis”* (Jo 14,29). Grande, grande coisa é para consolo dos outros ter ouvido da boca dos mestres o que costuma suceder. Pois como o doente, se ouvir da parte do médico que acontece isto e aquilo, não se perturba muito; ao invés, se algo de inesperado acontecer, o médico ficar perplexo, e a doença superar o tratamento, ele se entristece e angustia; assim também aqui. Paulo, prevendo isso, predisse-lhes que haveriam de se afligir. Assevera: *“Foi o que aconteceu, como sabeis”*. Não somente diz que isso aconteceu, mas que muitos fatos predissera e sucederam. *“Para isso é que fomos destinados.”* Por isso, não somente acerca dos fatos passados não deviam consternar-se e afligir-se, mas nem dos futuros, no caso de suceder algo de semelhante. *“Para isso é que fomos destinados.”*

Escutemos nós que temos ouvidos para ouvir: Para isso é destinado o cristão. *“Para isso é que fomos destinados.”* Refere-se a todos os fiéis. *“Para isso é que fomos destinados”*, e nós, como se fôssemos destinados ao ócio e ao repouso, tomamos outra atitude. Ou antes, por que tomamos outra atitude? Pois nem é tempo de aflição, nem nos surpreende outra tentação, senão humana. É oportuno dizer também a vós: *“Vós ainda não resististes até o sangue em vosso combate contra o pecado”* (Hb 12,4)! Ou antes, nem é oportuno dizer-vos isto. O que, então? Ainda não desprezastes as riquezas. Na verdade, àqueles que haviam perdido todos os seus bens, com razão se diria aquilo; aos que conservam o que é seu, o seguinte: De quem foram arrebatadas as riquezas por causa de Cristo? Quem sofreu bofetadas? Quem foi injuriado? Até em palavras, diria. Onde gloriar-te? Onde ter ousadia? Cristo sofreu tanto por nós quando éramos inimigos; que sofrimentos por sua causa podemos apresentar? O que sofremos, na verdade, é nada; inumeráveis são os bens que recebemos dele. De onde havemos de haurir confiança naquele dia? Não sabeis que o soldado que traz mil chagas e ferimentos é glorioso junto do rei? Se, ao contrário, não puder apresentar feitos valorosos, mesmo se em nada o ofendeu, será colocado nos últimos lugares. Mas, podes replicar, não estamos em tempo de guerra. E se estivéssemos, dize-me, por favor, quem combateria? Quem se lançaria na refrega? Quem passaria à falange? Talvez ninguém. Pois, verificando que tu, por causa de Cristo, não desprezas as riquezas, como acreditarei que desprezarás as feridas? Dize-me. Suportais os ofensores generosamente e os abençoaís? Não o fazes; recusas. Não fazes o que não oferece perigo, e suportarás os ferimentos, dize-me, que causam tantas dores e aflições? Não sabeis que na paz importa exercitar-se para a guerra? Não

vedes que os soldados, mesmo que não seja iminente uma guerra, e até na mais profunda paz, tendo as armas luzidias, aprendem dos instrutores a tática e saem quase todos os dias para campos abertos e vastos e meticulosamente praticam exercícios militares? Quais os combatentes espirituais que assim agem? Nenhum. Por isso nas guerras somos indolentes e covardes, e em todas somos facilmente presos e vencidos. Que grande insensatez a de pensar que o tempo presente não é de guerra, quando Paulo exclama: “Aliás, todos os que quiserem viver com piedade em Cristo Jesus serão perseguidos” (2Tm 3,12), e Cristo assegure: “No mundo tereis tribulações” (Jo 16,33); e ainda São Paulo clame em alta voz: “O nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne”, e ainda: “Portanto, ficai de pé e cingi os vossos rins com a verdade” (Ef 6,12.14). E ninguém daquele tempo disse: “Que necessidade temos de armas, dize-me, por favor, se não há guerra? Por que levantas problemas inúteis? Revestis os soldados de armaduras, quando é possível repousar e descansar”? Mas a quem assim falasse, importava responder: “É preferível, enquanto não há guerra, ter o cuidado de estar militarmente preparado. Pois quem na paz se exercita para a luta, será terrível no tempo do combate; quem, contudo, é inexperiente nas lutas bélicas, mais se atrapalha, ainda mesmo na paz”. Por que razão? Porque há de chorar por suas posses, e entristecer-se-á por não poder defendê-las. Pois os bens dos tímidos e inábeis que não sabem combater caem em poder dos fortes, aptos para guerrear. Por isso, em primeiro lugar, procuro munir-me de armas. Em segundo lugar, na verdade, porque todo o tempo de nossa vida é tempo de guerra. Como e por que motivo? O diabo está sempre bem perto. Escuta o que foi dito a seu respeito: “Rodeia como um leão a rugir” procurando arrebatá-lo. Atacam-nos inúmeros sofrimentos corporais, que temos de enumerar para não nos enganarmos temerariamente. O que, portanto, dize-me, não nos faz guerra? Riquezas, beleza, delícias, domínio, poder, inveja, glória, arrogância. Efetivamente, não apenas a nossa glória nos declara guerra, impedindo que sejamos propensos à humildade, mas ainda a glória dos outros induz-nos à inveja e à emulação. E o que ocasionam as coisas opostas: a pobreza, a ignomínia, o desprezo, a abjeção, a invalidez? Tudo isso está dentro de nós. E o que vem da parte dos homens: maldades, insídias, dolos, calúnias, mil ciladas? De modo semelhante, o que se origina dos demônios, principados, potestades, reitores deste mundo de trevas, espíritos malignos? Alegrias e pesares se alternam; ambos nos desviam. Mas saúde e fraqueza? Poderá alguém não falhar? Quereis que comecemos do próprio Adão, digo, logo nos primórdios? E o que causou a queda do protoparente? A gula e a ambição do domínio. E o que aconteceu ao filho, seu sucessor? Inveja e emulação. E aos contemporâneos de Noé? Prazeres corporais e os males deles derivados. E ao filho dele? Petulância e libertinagem. E aos sodomitas? Insolência, impureza e saciedade. Muitas vezes, porém, mesmo a pobreza o faz. Por isso dizia certo homem sábio: “Não me dêis nem riqueza, nem pobreza” (Pr 30,8). Ou antes, nem riqueza, nem pobreza trazem perigo, mas o livre-arbítrio que não empregue bem a ambas. “Saibas que caminhas entre laços” (Eclo 9,13).

De forma admirável exprimiu-se São Paulo: “*Para isso é que fomos destinados*”. Não disse apenas: “Somos provados”, mas: “*Para isso é que fomos destinados*”, em vez de: “Para isso nascemos”. Esse é o nosso múnus, essa a nossa vida, e tu procuras repouso? Não insiste o lictor, ferindo-te o lado e obrigando a sacrificar; mas insta fortemente a ambição das riquezas e a avareza, vazando-nos os olhos. Nenhum soldado acende a fogueira para nós, nem nos coloca na grelha. Mas o ardor dos corpos mais do que ela queima a alma. Não está presente o rei, prometendo inumeráveis bens e intimidando, mas está presente o insensato amor da glória que mais do que ele instiga e alicia. Grande guerra, na verdade, e muito grande, se queremos estar vigilantes: obtém coroas também no tempo presente. Ouve como se exprime Paulo: “Desde já me está reservada a coroa da justiça, que me dará o Senhor, justo juiz, naquele dia; e não somente a mim, mas a todos os que tiverem esperado com amor a sua aparição” (2Tm 4,8). Se perderes teu filho único muito amado, educado entre muitas riquezas, que

dava grandes esperanças, e era teu único herdeiro no futuro, não deves soluçar, mas agradecer a Deus, e glorificar aquele que o tirou, e em nada serás inferior a Abraão. Pois como ele o ofereceu a Deus que lho ordenara, assim tu, quando ele o tira, não gemeste.

Caíste em grave enfermidade; e muitos são os que procuram te coagir, uns com encantamentos, outros com amuletos etc., querendo suavizar o mal? Por temor de Deus, suportaste com magnanimidade indefectível e preferiste qualquer espécie de padecimento a submeter-te a alguma coisa pertencente ao culto dos ídolos? Alcançaste a coroa do martírio. E não duvides. Como ou por que motivo? Dir-te-ei. Porque o mártir suporta com ânimo generoso e forte as dores dos tormentos para não adorar os simulacros; também tu toleras as dores da doença de sorte que nada aceitas do que te é oferecido, nem fazes o que te é ordenado. Mas são as dores deles mais veementes? As tuas, contudo, são mais longas; por isso o resultado é idêntico. Muitas vezes, no entanto, são até mais veementes. Dize-me, por favor. Quando a febre causticante por dentro incomoda e arde, e enquanto os outros te persuadem a aceitar o encantamento, tu o repeles, não estás cingido com a coroa do martírio? Ou ainda, alguém perdeu dinheiro? Muitos são os que persuadem a procurar os adivinhos. Preferiste, por temor de Deus, uma vez que é proibido, não receber dinheiro a desobedecer a Deus? Tens uma recompensa igual à daquele que o distribuiu aos pobres, se deres graças a Deus pela perda, e embora pudesses procurar os adivinhos, preferiste não recuperar o dinheiro a recuperar dessa forma. Tens lucro igual ao daquele que, por causa de Deus, se desfaz desses bens. Pois ele, por temor de Deus, distribuiu aos pobres, e tu, por temor de Deus, quando roubado, não recuperaste. Está em nosso poder prejudicarmo-nos a nós mesmos ou não; e de ninguém mais. E se quiseses, o próprio ato do roubo serve-nos de exercício. O ladrão furou a parede, entrou no quarto, tirou objetos de ouro de grande preço e pedras preciosas; e para dizer tudo de uma vez, tirou todo o tesouro e não foi apanhado. Foi grave o que aconteceu, e parece dano, porém absolutamente não é; de ti, contudo, depende que seja dano ou lucro. Replicas: “E como pode ser lucro”? Tentarei demonstrar de que forma. Se quiseses, será grande lucro, e, se não quiseses, o prejuízo será maior ainda. Pois, relativamente aos artífices diante do material, o perito o emprega conforme convém, enquanto o inábil estraga, e a si mesmo causa prejuízo; assim também nesta questão. Como, portanto, haverá lucro? Se deres graças a Deus, não chorares nem gritares, se repetires as palavras de Jó: “O Senhor o deu, o Senhor o tirou. Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei para lá” (Jó 1,21). “O que dizes? O Senhor o tirou? O ladrão roubou e como podes dizer que o Senhor o tirou”? Não te admires. Na verdade, Jó disse a respeito dos bens que o diabo tirou: “O Senhor o tirou”. Entretanto, se ele ousou falar desta forma, por que não afirmarás que o Senhor tirou o que o ladrão roubou? A quem admiras, dize-me, por favor? Aquele que distribuiu seus bens aos pobres, ou a Jó, por causa dessas palavras? Acaso Jó que então não deu é inferior àquele que deu? Não digas: “Não tenho merecimento. O caso não proveio de minha decisão. O ladrão roubou sem que eu soubesse ou quisesse. Qual será a minha recompensa”? Jó também não sabia, nem queria, e o inimigo o tirou. E então? No entanto, combateu. Podes receber uma recompensa igual à de uma renúncia espontânea. E com razão admiramos mais os que suportam com ânimo grato as injúrias do que aquele que dá espontaneamente. Por quê? Porque a este alimentam os louvores e a própria consciência, e tem boas esperanças, e se antes suportou a privação dos bens com maior fortaleza, então a elas renunciou; aquele, porém, que ainda estava apegado a elas, foi espoliado à força. Não é a mesma coisa primeiro convencer-te de renunciar às riquezas e distribuí-las, ou delas seres privado quando estavas de posse delas. Se repetires as palavras de Jó, receberás múltipla recompensa, e muito mais do que ele. Pois ele recebeu o dobro (Jó 42); a ti, porém, Cristo prometeu o cêntuplo. Não blasfemaste por temor de Deus, não utilizaste os adivinhos, deste graças por causa dos males que te atingiram? És semelhante àquele que as desprezou, porque estas coisas não se realizam

se primeiro não renunciareis. Não é o mesmo, durante muito tempo, pensar em renunciar às riquezas e suportar o prejuízo que de repente advier. Assim o prejuízo torna-se lucro, e em nada te prejudicará, mas de utilidade te será o diabo.

Quando é que o dano se torna grave? Quando a alma for danificada. Dize-me, pois. O ladrão te privou de riquezas? Por que tu te privas a ti mesmo da salvação? Porque te lastimas por causa dos males que sofreste da parte dos outros, e tu mesmo te lanças em mais numerosos males? Ele talvez te projetou na pobreza, tu porém te prejudicas principalmente nas coisas mais importantes. Ele te privou de bens externos, os quais contra tua vontade finalmente hão de te escapar; tu mesmo, contudo, perdes as riquezas eternas. O diabo te molestou, retirando-te dinheiro? Incomoda-o dando graças. Não o contentes. Se vais aos adivinhos, tu o contentas; se dás graças a Deus, tu lhe infliges grave ferimento. E vê o que acontece. Não encontrarás teus bens, se fores aos adivinhos; não é possível que saibam onde se encontram; se por acaso uma vez disserem, perdes tua alma, serás ridicularizado por teus irmãos, e de novo os perderás da pior forma. O demônio, ciente de que não suportes o prejuízo, e por causa disso até negas a teu Deus, de novo dá riquezas, para ter ocasião de te enganar. Mesmo que os adivinhos o disserem, não te admires. O demônio é incorpóreo, perambula pelo orbe, e fornece armas aos ladrões; tal não acontece a não ser por ação do demônio. Se, portanto, lhes fornece munições, sabe também onde o roubo está guardado; não desconhece quais os seus servos. E não é de espantar. Se vir que suportes mal o dano, provoca outro; se vir que zombas e desprezas, vai-se embora. Atacamos os inimigos naquilo que os entristece; se virmos que não se importam, desistimos, porque não conseguimos picá-los. Assim também age o diabo.

O que dizes? Não vês como os navegantes não se preocupam com as riquezas durante uma tempestade, mas até jogam ao mar seus pertences? E ninguém pergunta: “O que fazes, ó homem? Além da tempestade, um naufrágio? Antes que as ondas te roubem as riquezas, tu o fazes com tuas próprias mãos? Por que, antes de naufragar, tu te jogas num naufrágio? Mas isso diria um ignorante, inexperiente das procelas marítimas; o perito em navegação, que sabe exatamente o que produz calma e o que ocasiona tempestade, até zombará de quem assim se expressa: “Lanço ao mar, responde, para que as ondas não nos cubram”. Assim também o perito nas questões e tentações da vida, se vir iminente a tempestade, e tentarem os espíritos malignos provocar um naufrágio, joga fora o resto das riquezas. Foste roubado? Dá uma esmola e mais leve tornas o navio. Os ladrões roubaram? Dá o restante a Cristo. Assim aliviarás a pobreza anterior. Torna o navio mais leve, não retenhas o que restou, para que o escalor não afunde. Eles, para conservarem os corpos, jogam ao mar os objetos, e não esperam que as ondas sublevadas revirem o escalor. Tu, para salvars a alma, não impedes o naufrágio? Experimentai, por favor, se não acreditais, e vereis a glória de Deus. Quando te suceder algo de molesto, dá imediatamente esmola, e agradece a Deus por aquilo que aconteceu; e verás quanta alegria te causará. Pois o lucro espiritual, mesmo pequeno, é tão grande que oculta e amortece todo dano material. Enquanto tiveres o que dar a Cristo, és rico. Dize-me, por favor. Se, depois de seres espoliado, o rei se aproximasse de ti e estendesse a mão, querendo receber alguma coisa, não te considerarias riquíssimo, se nem depois de tão grande pobreza, o rei não se envergonha de ti? Não te arrastes; vence-te a ti mesmo, e superarás as insídias do diabo. É possível lucrar muito. Desprezemos as riquezas, para não desprezarmos a alma. Como a desprezas? Não vês os corpos belos e os que os amam? Enquanto vistos, o fogo se acende e a chama se eleva brilhante; se alguém os levar para longe, tudo se extingue e tranquiliza? Assim também acontece com as riquezas. Ninguém adquira ouro, nem pedras preciosas, nem colares; estando à vista, seduzem os olhos. Se queres ser rico como os primeiros cristãos, enriqueças-te não de ouro, mas das coisas necessárias, de sorte que também estejas

pronto a distribuir aos outros. Não aprecies os ornamentos. Tais riquezas também estão sujeitas às insídias dos ladrões e trazem cuidados. Não possuas objetos de ouro e prata, mas celeiros de trigo, vinho e óleo. Não os guardes para serem vendidos e produzirem dinheiro, mas para serem dados aos necessitados. Se nos apartarmos do supérfluo, conseguiremos os bens celestes, os quais obtenhamos todos nós, em Cristo Jesus Nosso Senhor, com o qual ao Pai e juntamente ao Espírito Santo glória, poder, honra, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

QUARTA HOMILIA

3,5. *Por isso, não podendo mais suportar, mandei colher informações a respeito da vossa fé, temendo que o tentador vos tivesse seduzido, inutilizando o nosso labor.*

6. *Agora, porém, Timóteo voltou para perto de nós, da visita que voz fez, trazendo-nos boas notícias a respeito da vossa fé e caridade, afirmando que guardais sempre afetuosa lembrança de nós e que desejais ver-nos, assim como nós também a vós.*

7. *Meus irmãos, a vossa fé nos consolou, em meio a muita angústia e tribulação.*

8. *Agora vivemos, porque estais firmes no Senhor.*

Um problema nos é proposto hoje, da parte de muitos e que de vários lugares foi coligido. Qual é o problema? *“Por isso, não podendo mais suportar, mandei colher informações a respeito da vossa fé.”* O que dizes? O Apóstolo, que sabia tantas coisas, que ouviu palavras arcanas, que subiu até o terceiro céu, ele não está informado, apesar de se achar em Atenas?

Efetivamente, a distância não é grande, nem há muito tempo estava longe deles. *“Privados por um momento de vossa companhia.”*

Tal homem, por conseguinte, não tinha notícias dos tessalonicenses, mas precisa enviar Timóteo para colher informações sobre a sua fé: *“Temendo que o tentador vos tivesse seduzido, inutilizando o nosso labor”*? O que, portanto, pode replicar alguém? Que os santos não conhecem todas as coisas? Pode-se depreender de muitas passagens da Escritura que não o sabem, tanto das primeiras como das subsequentes. Assim, Eliseu, a respeito da mulher, não sabia (2Rs 4); e Elias, que dizia a Deus: *“Fiquei somente eu e procuram tirar-me a vida”*. Por isso ouviu da parte de Deus: *“Pouparei em Israel sete mil homens”* (1Rs 19, 10.18). E ainda Samuel quando foi enviado para ungir a Davi: *“Mas o Senhor disse-lhe: ‘Não te impressione a sua aparência nem a sua elevada estatura; eu o rejeitei. Deus vê não como o homem vê, porque o homem toma em consideração a aparência, mas o Senhor olha o coração’”* (1Sm 16,7). Tal acontece devido à vasta providência de Deus. Como e por que motivo? Por causa dos próprios santos e por causa dos que neles confiam. Como ele permite que haja perseguições, assim também permite que os santos ignorem muitas coisas, de modo a serem reduzidos à certa medida. Por isso Paulo também declarava: *“Foi-me dado um aguilhão na carne – um anjo de Satanás para me espancar”* (2Cor 12,7) para que não me exalte excessivamente e ainda a fim de que os outros não imaginassem dele grandes feitos. Se, pois, pelos milagres, eles foram tidos como deuses (At 14,10), muito mais se estivessem sempre cientes de tudo. Por isso declara novamente: *“Ninguém tenha a meu respeito um conceito superior àquilo que vê em mim, ou ouve dizer de mim”* (2Cor 12,6). E, igualmente, escuta o que diz Pedro, após curar o coxo: *“Ou por que não tirais os olhos de nós, como se fosse por nosso próprio poder ou por nossa piedade que fizemos este homem andar?”* (At 3,12). Se, porém, apesar de dizerem e fazerem estas coisas, eles somente em pequeno número e sem importância, de tal modo despertavam suspeitas, muito mais os grandes. Também por outro motivo Deus permitia estes fatos. Era a fim de que ninguém pudesse dizer que eles, por não serem homens,

realizavam tanto e deste modo todos se tornassem indolentes, e se manifestasse a fraqueza deles, tirando aos ânimos ingratos todo pretexto de insolência. Por isso ignora, por isso também, tendo muitas vezes se proposto ir visitá-los, não foi, e assim soubessem que ele desconhecia muitas coisas. Daí provinha grande lucro. De outro modo, também haveria ainda os que dissessem que ele era a grande virtude de Deus, e outros que era isto e aquilo. Se isto não houvesse acontecido, o que não se pensaria? Parece que aqui se encerra uma repreensão; mas se alguém ponderar atentamente, muito mais indica que eles eram admiráveis e revela-se o excesso de suas tribulações. Atenção sobre o modo como tal se realiza. Pois, se primeiro lhes disseste: *“Para isso é que fomos destinados”*, e: *“Para que ninguém desfalecesse”*, por que de novo envias a Timóteo, receando que lhes suceda algo do que não queres? Assim age devido a um amor intenso, pois os amigos, visto que o amor é ardente, receiam até mesmo a respeito do que é seguro; fá-lo também por causa das muitas tentações. Pois, disse na verdade: *“Para isso é que fomos destinados”*, mas o excesso dos males me atemorizou. Por isso não disse: *“Envio para vos condenar”* e sim: *“Não podendo mais suportar”*, o que é peculiar à amizade. O que significa: *“Temendo que o tentador vos tivesse seduzido”*? Vês que ser sacudido pelas provações é diabólico, e se origina da sedução do tentador? Quando ele não pode nos sacudir, de outro modo por meio de nós abala os mais fracos; é o máximo da fraqueza e sem desculpa alguma. Ele o fez relativamente a Jó, incitando a mulher: *“Amaldiçoa a Deus e morre duma vez”* (Jó 2,9)! Vê como a tentou. Por que não disse: *“Abalou”* e sim: *“Tentou”*? Porque apenas suspeitei que fostes tentados; pois não chama a tentação dele de abalo. Pois quem admite o incursu é abalado. Ah! Quão grande é a benevolência de Paulo! Não deu atenção às aflições, nem às insídias. Efetivamente, julgo que ele então ficou ali. Conforme Lucas afirma, ele permaneceu na Grécia por três meses, porque os judeus lhe armaram insídias (At 20,3).

Não atendia aos perigos, e sim aos discípulos. Vês que superou qualquer pai natural. Com efeito, nós, nas aflições e perigos, perdemos a lembrança de todos; ele, contudo, de tal modo temia e tremia por causa dos filhos em perigo que enviou para junto deles Timóteo, seu único consolo, auxiliar e colaborador. *“Inutilizando o nosso labor.”* Por quê? Pois mesmo que fossem prostrados, tal evento não adviria por tua culpa, nem por tua indolência. Mas, se isso acontecesse, considero inútil meu trabalho, devido a meu intenso amor fraterno. *“Temendo que o tentador vos tivesse seduzido.”* Ele tenta sem saber se haverá de prostrar-se. Aliás, ele, na verdade, embora sem saber do resultado, agride; nós, contudo, cientes de que assaz o haveremos de superar, não ficaremos vigilantes? Em Jó se manifesta que ele nos tenta, sem saber qual o resultado. De fato, o maligno demônio dizia a Deus: *“Porventura não levantaste um muro de proteção ao redor dele, de sua casa e de todos os seus bens? Toca nos seus bens; eu te garanto que te lançará maldições em rosto”* (Jó 1,10-11). Tenta. Se perceber algo de fraco, ataca; se for forte, afasta-te. *“Inutilizando o nosso labor”*. Ouçamos todos como Paulo se esforçou. Não disse: *“A obra”*, e sim: *“O labor.”* Não disse: *“Estais perdidos”*, e sim: *“Inutilizando o nosso labor.”* Por isso, se algo acontecesse, é verossímil que ele fosse para lá; mas, como não aconteceu, é muito admirável. Diz ele: *“Esperávamos estas coisas, mas aconteceu o oposto; não apenas não recebemos de vós nenhum motivo de aflição, e sim de consolação”*. *“Agora, porém, Timóteo voltou para perto de nós, da visita que vos fez, trazendo-nos boas notícias a respeito da vossa fé e caridade.”* *“Trazendo boas notícias.”* Vês a grande alegria de Paulo. Não disse: *“Trazendo notícias”*, e sim: *“Trazendo boas notícias”*, a tal ponto estimava um bem a firmeza e o amor deles. Necessariamente, se aquela é estável, igualmente este se firma. Alegrava-se, portanto, por causa da caridade deles, porque esta era sinal da fé. *“Afirmando que guardais sempre afetuosa lembrança de nós e que desejais ver-nos, assim como nós também a vós.”* Isso igualmente, com louvores. Não quando estávamos presentes, nem quando fazíamos milagres; mas até agora, quando estamos longe, e

somos torturados e sofremos inumeráveis males, tendes de nós afetuosa lembrança. Ouvi como os discípulos são admirados por guardarem lembrança boa dos mestres, como são considerados felizes. Imitemo-los. Seremos úteis a nós mesmos, não àqueles que amamos. “*E que desejais ver-nos, assim como nós também a vós*”. Este fato também lhe causava alegria. Pois, se o que ama souber que disso está ciente o amado, a saber, que é amado, grande é o consolo e o conforto.

7. *Meus irmãos, a vossa fé nos consolou, em meio a muita angústia e necessidade.*

8. *Agora vivemos, porque estais firmes no Senhor.*

Quem pode ser equiparado a Paulo, que considerava como sua a salvação do próximo e estava afeiçoado a todos como um corpo a seus membros? Quem agora poderia emitir tais palavras? Ou melhor, quem poderia alguma vez ter tais sentimentos? Não queria que lhes agradecessem por causa das tribulações que sofrera por eles; mas era-lhes grato porque não se abalaram diante de suas provações. Como se dissesse: Vós mais do que nós fostes atingidos pelas tentações; vós mais do que nós fostes tentados, vós que nada sofrestes enquanto nós padecemos”. Depois, diz ele, que Timóteo nos deu notícias, não sentimos mais tristeza alguma, mas “*a vossa fé nos consolou, em meio a muita angústia*”; e não somente isto, porém acrescenta: “*e necessidade*”. E com razão. Um bom mestre de resto não é atingido, se tudo corre bem para os discípulos, segundo deseja. Por vossa causa ficamos consolados, isto é, vós nos confortastes. Mas era o contrário: Pois o fato de não ceder ele diante dos padecimentos, mas resistir com fortaleza, bastava para confirmar os discípulos. Faz justamente o contrário, e reverte para eles o louvor: Vós nos ungistes. Fizestes com que respirássemos; vós não permitistes que sentíssemos as tentações. Não diz: “Respiramos”, nem: “Recebemos consolo”; o que, então? “*Agora vivemos*”, demonstrando que não considerava senão tentação e morte o escândalo que dessem, enquanto era vida o progresso deles. Acaso um outro de tal modo assinalava dor ou alegria diante da fraqueza dos discípulos? Não disse: “Alegramo-nos”, e sim: “*Vivemos*”, indicando a vida futura.

Por conseguinte, viver sem isso nem consideramos vida. Dessa forma devem ser os mestres e os discípulos; e nada haverá de absurdo. Em seguida, acentuando-o, vê o que diz:

9. *Como poderíamos agradecer a Deus por vós, pela alegria que nos destes diante de nosso Deus?*

10. *Noite e dia rogamos com instância poder rever-vos, a fim de completarmos o que ainda falta à vossa fé.*

Não somente, afirma, fostes para nós motivo de viver, mas também de muita alegria, e tanta que não podemos, como é justo, dar graças a Deus. Temos por um dom de Deus vossa reta conduta. São tantos os benefícios que nos prestastes que julgamos provir de Deus; ou antes, ser obra de Deus. Com efeito, não provém da alma humana, nem do zelo, conceber tais coisas. “*Noite e dia rogamos com instância.*” É igualmente sinal de alegria. Como o agricultor, ao ouvir que os campos por ele cultivados estão repletos de frutos, quer ver com os próprios olhos tão grande alegria, assim procede Paulo relativamente à Macedônia. “*Rogamos com instância.*” Vê a hipérbole. “*Rever-vos, a fim de completarmos o que ainda falta à vossa fé.*” Eis uma grande questão! Se, efetivamente, agora vives porque estão de pé, e Timóteo te deu boas notícias sobre a fé e a caridade deles, e estás tão contente que não consegues dar condignas ações de graças a Deus, como falas aqui em falta de fé? Aquelas palavras seriam de adulação? Absolutamente, não. De fato, primeiro atestou que eles haviam sustentado muitos labores, e não menos do que as Igrejas na Judeia. De que se trata, então? Não haviam apreendido toda a doutrina, nem aprendido tudo o que era preciso aprender; e isto ele indica no fim. Talvez discutiam a respeito da ressurreição; e muitos eram os que os agitavam, não mais com

tentações e perigos, mas fingindo serem doutores e mestres. Por isso diz: “*O que ainda falta à vossa fé*”. E não disse: “Para confirmarmos”, e sim: “*A fim de completarmos*”. Quando, na verdade, tivera receio, diz: “*Enviamos a Timóteo... com o fim de vos fortificar*”; aqui, porém, para sanar um defeito, ou o que faltava, o que se refere mais à doutrina do que à confirmação, conforme diz ainda em outra passagem: “Vos torne perfeitos para todo bem” (Hb 13,21). Torna-se perfeito aquilo ao qual falta um pouco; a este aperfeiçoa-se.

11. *Deus, nosso Pai, e nosso Senhor Jesus aplinem o nosso caminho até vós.*

12. *A vós, porém, o Senhor faça crescer e superabundar em amor mútuo, e para com todos os homens, a exemplo do amor que nós vos temos.*

Excesso de amor! Não somente augurar, mas ainda inserir na carta seu voto. É peculiar a um ânimo ardoroso, e realmente incoercível. Constitui ainda indício de preces que ali foram proferidas, e simultaneamente escusa e defesa de que não é por vontade própria, nem por preguiça que não está junto deles. Como se dissesse: “O próprio Deus elimine as tentações que nos arrastam por toda parte a fim de podermos ir diretamente a vós”. “*A vós, porém, o Senhor faça crescer e superabundar*”. Vês o fervor do amor incontido, que se revela até em palavras? “*A vós, porém, o Senhor faça crescer e superabundar*”, isto é, aumente. Seria como se alguém formulasse o desejo de ser amado por eles com determinada superabundância. “*A exemplo do amor que nós vos temos*”, isto é, nós já o temos, mas queremos que também assim aconteça convosco. Vês quanto quer que se estenda a caridade? Não apenas entre nós, mas por toda parte. Pois é na verdade próprio da caridade segundo Deus abraçar a todos. Se, porém, amas a este e não àquele, trata-se de amizade humana. A nossa não é dessa espécie. “*A exemplo do amor que nós vos temos.*”

13. *Queira ele confirmar os vossos corações numa santidade irrepreensível, aos olhos de Deus, nosso Pai, por ocasião da vinda de nosso Senhor Jesus Cristo com todos os seus santos.*

Demonstra que a caridade traz lucro a eles próprios e não aos seres amados. Quero que seja abundante esta caridade, a fim de evitar censuras. Não disse: “Para vos confirmar”, e sim: “Os vossos corações”. “É do coração que procedem más intenções” (Mt 15,19). Pode acontecer que alguém sem nada fazer seja mau, por exemplo, tenha inveja, incredulidade, dolo, alegre-se com as maldades, não seja propenso a amar, siga doutrinas perversas: tudo isso provém do coração. Purificar-se de tudo isso é santificação. Pois, propriamente, a temperança por excelência chama-se santificação, enquanto a fornicção e o adultério são impureza. Em suma, porém, todo pecado é impureza, e toda virtude é pureza. “Bem-aventurados os puros de coração” (Mt 5,8). Denominam-se puros os que o são inteiramente.

Sei, contudo, que há outros pecados que não menos mancham a alma. Escuta, pois, que o vício macula a alma, conforme diz o profeta: “Purifica teu coração da maldade, Jerusalém” (Jr 4,14). E ainda: “Lavai-vos, purificai-vos! Tirai as más ações das vossas almas!” (Is 1,16). Não disse: “Fornicações”, porque não é somente a fornicção, mas ainda outros vícios que mancham a alma. “*Queira ele confirmar os vossos corações numa santidade irrepreensível, aos olhos de Deus, nosso Pai, por ocasião da vinda de nosso Senhor Jesus Cristo com todos os seus santos.*” Cristo, portanto, será juiz então. Não estaremos somente perante ele, mas também perante o Pai ao sermos julgados. Ou assim se exprime porque devemos ser irrepreensíveis perante Deus, conforme sempre digo, diante de Deus (isto é virtude sincera), não diante dos homens. A caridade, porém, nos faz irrepreensíveis, realmente irrepreensíveis. Uma vez, quando eu declarava a alguém que a caridade nos torna irrepreensíveis e a amizade para com o próximo não deixa praticar um delito, e lembrava todas as

outras virtudes descrevendo-as com palavras, um de meus familiares replicou: “E o que é a fornicção? Não é possível ter amizade e fornicar? E isso por amizade. Certamente a avareza e o adultério, a inveja, as insídias etc., podem opor-se ao amor do próximo; mas a fornicção, de que modo?” Eu, porém, respondi que a caridade pode opor-se também a isso. Pois, se alguém ama uma prostituta, tentará afastá-la dos outros homens, e ele próprio não quer aumentar o pecado. Por isso, sumamente a odeia quem comete pecado com ela; quem, contudo, a ama intensamente, a afasta daquela ação abominável. Não há, não existe pecado algum que, como fogo, a força da caridade e do amor não consuma. Pois mais facilmente resiste o vil sarmento à grande chama de fogo do que a natureza do pecado ao poder da caridade. Plantemo-la em nossas almas, para estarmos em companhia dos santos; todos eles agradaram a Deus por causa do amor ao próximo. Por que Abel foi morto, e não matou? Porque ele amava muito o irmão; nem deixou que tal pensamento lhe viesse à mente. De onde retirou Caim a maldade da inveja? De resto, não diria que era irmão de Abel, porque nele não haviam sido lançados firmemente os alicerces da caridade. Por que os filhos de Noé foram tidos por bons e honestos? Não foi talvez porque amavam muito o pai, e não quiseram ver a sua nudez? Por que, então um deles sofreu dura condenação? Não foi talvez porque não amava? Abraão, porém, por que conseguiu louvor e estima? Não foi por causa do amor com que cuidou dos bens de seu sobrinho? Ou também por causa de sua súplica pelos sodomitas? Muito, portanto, muito amantes eram os santos e propensos à comiseração. Pensa, pois, que caridade não possuía aquele Paulo, que tivera ousadia contra o fogo, o homem de aço, firme, inflexível, inteiramente constante, trespassado pelo temor de Deus, austero. “Quem”, diz ele, “nos separará do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada?” (Rm 8,35). Aquele que, diante de tudo isto, era audaz, em mar e terra, que zombava das portas de aço do inferno e ao qual nada absolutamente resistia, depois que viu as lágrimas de alguns seres amados, de tal modo ficou este diamante alquebrado e esmagado que não pôde esconder a comoção, mas logo disse: “Por que chorais e me partis o coração?” (At 21,13). O que dizes? Aquele ânimo adamantino, dize-me, pôde ficar alquebrado diante das lágrimas? “Certamente”, responde. “A tudo resisto, menos ao amor; este me supera e consegue dominar-me.” Tal coisa agrada a Deus. O abismo das águas não o alquebrou, e esmagam-no poucas lágrimas. “Por que chorais e me partis o coração”? De fato, é grande o poder da caridade. Queres vê-lo mais uma vez chorando? Escuta o que diz: “Durante três anos, dia e noite, não cessei de exortar com lágrimas a cada um de vós” (At 20,31). Devido à excessiva caridade, receava que ali penetrasse alguma maldade. E ainda: “Foi em grande tribulação e com o coração angustiado que vos escrevi em meio a muitas lágrimas” (2Cor 2,4). Dize-me. O que aconteceu àquele José, o forte, que estava firme perante tamanha tirania, que se mostrou valoroso e de ânimo excelso contra o intenso fogo do amor, superando de tal modo a loucura de sua senhora? O que então não o seduziria? A bela face, o fasto da dignidade, a elegância e magnificência das vestes, a fragrância dos aromas (na verdade, estas coisas servem para enfraquecer o ânimo), palavras mais suaves que tudo.

Sabeis, de fato, que aquela que amava, e de modo tão veemente, nada haveria de recusar de abjeto, tomando aspecto de mendiga. Assim se abaixara a mulher de vestes áureas, de dignidade régia, de sorte talvez a dobrar os joelhos diante do escravo cativo, suplicando, chorando e tocando-lhe os joelhos. E não foi uma ou duas vezes, mas frequentemente tentava. Era possível então também ver olhos muito brilhantes; não é verossímil que ela não se ornasse levemente e de qualquer modo, mas cuidadosamente, porque queria apanhar com muitos laços o cordeiro de Cristo. Acrescentem-se aqui muitos encantamentos mágicos. Entretanto, ele, inflexível, forte e severo, mais sólido do que qualquer pedra, depois que viu os irmãos que o haviam vendido, lançado na cisterna, entregado, queriam matá-lo, e ocasionaram o cárcere e as honras, depois que ouviu deles o que inventaram para contar ao pai –

“Diremos que um animal feroz o devorou” (Gn 37,20) – ficou acabrunhado, combalido, esmagado e chorou; e não suportando a comoção, saiu, “conteve-se”, isto é, enxugou as lágrimas. Por que choras, ó José? No entanto, os fatos presentes não merecem lágrimas e sim ira, cólera, indignação, grande castigo e vingança. Tens nas mãos os inimigos, fraticidas, podes saciar a raiva. Todavia, não seria injustiça. Não és o primeiro a lançar mãos injustas, mas vingas-te daqueles que te ofenderam. Com efeito, não olhas a tua autoridade; a sentença não veio da culpa deles, mas de Deus que infundiu em ti a graça. Por que choras? Responderia: “De modo algum agirei assim. Em tudo gozei de alta estima; arruinaria tudo com a recordação da injúria a mim infligida. Realmente é tempo de lágrimas; não sou mais cruel do que as feras. Elas observam o pacto com a natureza, por mais que tenham sofrido. Choro, porque de tal modo procederam comigo”. Imitemo-lo nós também e choremos os injustos. Não nos encolerizemos contra eles. São na verdade merecedores de lágrimas, porque se fazem réus de suplício e condenação. Não ignoro como agora chorais, e como vos alegrais, com admiração por Paulo, cheios de espanto diante de José, e declarando-os felizes. Mas, se alguém tiver um inimigo, agora se lembre dele, revolva-o na mente de sorte que, enquanto o coração ainda está inflamado com a lembrança dos santos, possa dissolver a dureza da ira, suavizar-lhe a aspereza e o rigor. Sei que, depois de saídes daqui, depois que eu cessar de falar, apesar de restar um pouco de calor e ardor, não será tão grande quanto agora, enquanto ouvis. Se alguém, portanto, está com frio, dissolva o gelo; gelo, geada, na verdade, é a lembrança da injúria recebida. Mas invoquemos o sol da justiça, peçamos-lhe que envie seus raios; e não haverá mais gelo grosso, mas água potável. Se o fogo do sol de justiça tocar nossa alma, nada deixará de endurecido, nada de duro, nada de causticante, nada de infrutífero; oferecerá tudo maduro, tudo suave, tudo cheio de muito prazer. Se nos amarmos mutuamente, advirá aquele raio. Permiti-me, por favor, que profira estas coisas com disposição pronta e diligente. Fazei-me saber que tirastes algum proveito destas palavras e que, ao sair daqui, logo tenha alguém abraçado um inimigo, apertado ambas as mãos, se lançado ao pescoço dele, beijado, chorado. Seja o inimigo uma fera, uma pedra etc., a benignidade há de suavizá-lo e amansar. Com efeito, por que motivo é teu inimigo? Por que te injuriou? Mas não te fez dano algum. Por causa de dinheiro odeias o irmão, que provoca inimizade? Não faças isso, peço-te. Perdoemos tudo. A oportunidade ainda é nossa. Empreguemo-la como convém. Devemos romper as cadeias dos pecados. Antes de comparecermos no juízo, julguelo-nos mutuamente. “Não se ponha o sol sobre a vossa ira” (Ef 4,26). Ninguém contemporize; as delongas produzem demora e hesitações. Se hoje adiares, aumentará a vergonha; e se amanhã adiares, maior o pudor; e se no terceiro dia, pior ainda. Não nos incutamos vergonha, mas perdoemos para sermos perdoados. Se, porém, formos perdoados, conseguiremos todos os bens celestes, em Cristo Jesus nosso Senhor, com o qual ao Pai juntamente com o Espírito Santo, poder, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

QUINTA HOMILIA

Recomendações: santidade de vida e amor

- 4,1. Finalmente, meus irmãos, nós vos pedimos e exortamos no Senhor Jesus que, tendo ouvido de nós como deveis viver para agradar a Deus, e assim já viveis: todavia, deveis ainda progredir.*
- 2. Pois conheceis as instruções que recebestes de nós da parte de nosso Senhor Jesus Cristo.*
- 3. Porquanto, é esta a vontade de Deus: a vossa santificação.*

Após ter se detido nas questões urgentes e que tinha em mãos, estando para tratar das que são permanentes e que é preciso ouvir sempre, inicia com esta expressão: “*Finalmente*”, isto é, “sempre”,

e continuamente vos pedimos e rogamos no Senhor. Ah! nem para pedir se afirma fidedigno. E, no entanto, quem era tão fidedigno? Mas toma a Cristo consigo. “Por Deus nós vos exortamos”, diz ele. É o que significa: “No Senhor”. Igualmente aos coríntios dizia: “Por nosso intermédio é Deus mesmo que vos exorta” (2 Cor 5,20). “Pois conheceis as instruções que recebestes de nós.” “Recebestes” não somente por palavras, mas também por ações. “Como deveis viver”, manifesta aqui todo o estilo de vida. “Para agradar a Deus: todavia, deveis ainda progredir”, isto é, em vista de maior progresso não vos detenhais nos mandamentos, mas ultrapassai-os – é o sentido da locução: “*deveis ainda progredir*”. De fato, nas palavras precedentes, manifesta admiração pela firmeza que tinham relativamente à fé; aqui, porém, orienta a vida deles. O progresso consiste em ultrapassar mandamentos e preceitos; não que haja ainda necessidade de ensinamentos, mas é questão de livre-arbítrio. Pois, como a terra não deve apenas sustentar as sementes que foram lançadas, assim também a alma não deve se deter no que foi esparso, mas progredir. Vês como fala em progredir? Efetivamente, a virtude se compõe de duas atitudes: fugir do mal e fazer o bem. De fato, não basta o afastamento do mal para se obter a virtude, mas este é o caminho e o começo que para lá conduz. Precisamos ainda de muita disposição de ânimo. Ele lhes diz que os males a evitar são objeto de preceitos, e com razão, porque se forem praticados, acarretam suplício; mas, nem louvor, se não o forem. Quanto ao que pertence à virtude, como distribuir os bens etc., não é preceituado. Como, então? “Quem tiver capacidade para compreender, compreenda” (Mt 19,12)! É provável que lhes tenha ordenado com muito temor e tremor, e que por esta carta relembra-lhes estes atos de piedade.

“Pois conheceis as instruções que recebestes de nós da parte de nosso Senhor Jesus Cristo. Porquanto, é esta a vontade de Deus: a vossa santificação.” Vê, portanto, como de nenhum outro assunto se expressa de forma tão veemente e obscura como aqui; conforme também em outra parte escreve: “Procurai a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12,14). E que há de espantoso se aos discípulos assim escreve sempre, quando dizia igualmente a Timóteo: “A ti mesmo, conserva-te puro” (1Tm 5,22). E também na segunda Carta aos Coríntios escrevia: “Nas fadigas, nos jejuns, pela pureza” (2Cor 6,5-6). Em muitas passagens se encontrará isso, também na Carta aos Romanos, e em todas as cartas. Na verdade, portanto, a todos este mal causa perdição. E como o porco coberto de lama, onde entrar enche de mau odor, e faz sensível sua sujeira, assim também a fornicção; é mal que dificilmente se limpa. Quando o praticam os que têm mulher, que enorme deformidade!

3. Porquanto, é esta a vontade de Deus: a vossa santificação, que vos aparteis de toda luxúria.

Muitas são as espécies de intemperanças, muitos e vários os prazeres da carne, que nem mesmo convém nomear. Tendo dito: “De toda luxúria”, deixa o restante aos que o conhecem.

4. Cada qual saiba tratar a própria esposa com santidade e respeito,

5. sem se deixar levar pelas paixões, como os gentios, que não conhecem a Deus.

“Cada qual saiba tratar a própria esposa.” É questão de disciplina, e importante, não nos entregarmos à luxúria. Sabemos tratar quando permanecemos puros e é “*com santidade*”; quando impuro, é pecado. E com razão. Pois não fazemos o que queremos, mas o que a paixão ordena. “*Sem se deixar levar pelas paixões.*” Aqui mostra o modo de ser temperante, de dominar as paixões. Induzem-nos a absurdos desejos as delícias, as riquezas, a indolência, a preguiça, o ócio etc. “*Como os gentios, que não conhecem a Deus.*” De fato, são tais, e não esperam castigo.

6. Nessa matéria ninguém fira ou lese a seu irmão,

Diz, com razão: “*Ninguém fira*”. A cada um Deus concedeu uma esposa, e colocou limites à natureza, a saber, uma só união. Pois, se é com outra, é transgressão, latrocínio e fraude; ou antes, é pior do que roubo. Pois, não sentimos tanto quando nos é roubado dinheiro como se nosso leito nupcial é profanado. Chamas de irmão, e por avareza o danificas, mesmo nas coisas que não convêm? Aqui fala do adultério; mais acima de toda luxúria. Pois como diria que não se deve ferir um irmão, nem danificar por avareza, assim começa: Não penses que direi somente isto a respeito do irmão. Não se deve ter as mulheres de outros, nem as que não têm marido, nem as que têm em comum. Deve-se abster de toda fornicção; por isso declara:

porque de tudo isso se vinga o Senhor,

Primeiro rogou e incutiu pudor, dizendo: “*Como os gentios*”. Em seguida, mostra as razões por que são coisas más e absurdas. “*Ninguém fira ou lese a seu irmão*” pela avareza. Logo acrescenta o principal:

porque de tudo isso se vinga o Senhor, como já vos temos dito e assegurado.

Não o faremos impunemente, nem tanto é o prazer quanto o suplício.

7. Pois Deus não nos chamou para a impureza, e sim para a santidade.

Dissera: “*Irmão*” e acrescentara que Deus vingaria, mostrando que, embora o infiel sofra isto, pagando com castigo quem o fez, assim se exprime: “Ele te pune não por vingança, mas porque tu mesmo praticaste a injustiça. Ele te chamou; injuriaste aquele que te chamou”. Por isso acrescentou:

8. Porquanto, quem desprezar estas instruções, não despreza um homem, mas a Deus, que vos infundiu o seu Espírito Santo.

Por isso é crime igual corromper uma rainha, ou tua escrava que é casada. Por quê? Porque ele se vinga não sobre as pessoas que sofreram injúria, mas sobre ti mesmo; tu igualmente ficaste manchado; a Deus igualmente injuriaste. Pois isto e aquilo é adultério, porque este e aquele são matrimônios. Embora não cometas adultério, mas fornicção porque a meretriz não tem marido, Deus no entanto vinga, porque vinga a si mesmo. Não tanto desprezas a um outro ao praticar esse pecado, quanto a Deus. Daí vem que é público. Fazes escondido, porque pensas que Deus não o vê. Pois, diz-me, se alguém receber a púrpura da parte do Imperador, e muitas outras honrarias, e receber ordem de viver segundo a sua dignidade, e ele se ausentasse e viciasse uma mulher, a quem infligiria injúria? A ela ou ao Imperador que fez o dom? Injuriou-a, mas não de modo igual. Por isso, peço, acautelemo-nos desse pecado. Pois, como punimos as mulheres, quando coabitando conosco se entregarem a outros, assim nós também seremos punidos, se não pelas leis romanas, certamente por Deus. Pois isso também é adultério. Existe adultério não somente se uma mulher casada adultera, mas também se ele é casado. Atenção cuidadosa ao que digo; embora o que se diz é muito pesado e desagradável a muitos, no entanto é necessário dizer para que doravante se corrijam. Não somente é adultério corromper-se a mulher casada, mas se é livre e solteira e ele é casado, é adultério. O que acontece se a que adultera não é casada? Mas tu és casado, transgrediste a lei, causaste injúria a teu corpo. Pois,

dize-me, por que castigas a mulher, se cair em luxúria com um homem livre, não casado? Porque é adultério. Mas aquele que com ela caiu em luxúria, não tem mulher; mas ela está casada. Portanto, tu também tens mulher. Por isso o que fazes é igualmente adultério. “Todo aquele que repudia a sua mulher, a não ser por motivo de fornicção, faz com que ela adultere; e aquele que se casa com a repudiada comete adultério” (Mt 5,32). Se aquele que se casa com uma repudiada, comete adultério; quem é casado, se a corrompe, não adultera muito mais? Certamente, isso se torna evidente para qualquer um. Mas para vós homens baste o que foi dito, pois a este respeito também disse Cristo: “O verme deles não tem fim e o fogo não se extingue” (Mc 9,48). Por causa dos jovens é preciso falar-vos; não tanto por causa deles, quanto por vossa causa; não a eles, mas a vós estas coisas convêm. E de que maneira, já o direi. Quem não aprendeu a fornicar, não admitirá também o adultério; quem se imiscuiu com meretrizes, logo chegará aí; embora não com casadas, mas com solteiras se corromperá.

O que então terei de aconselhar? Que extirpeis a raiz, todos vós que tendes filhos jovens, e ides levá-los à vida no mundo, logo ligai-os com o jugo do matrimônio. Pois, quando ainda jovens se envolvem em maus desejos, no tempo que precede o matrimônio, deveis contê-los com admoestações, ameaças, temores, promessas etc.; no próprio tempo, contudo, do matrimônio, ninguém adie (falo como paraninfo) a união dos filhos. Mas não me envergonho de o proferir, porque nem Paulo se envergonhou de dizer: “Não vos recuseis um ao outro” (1Cor 7,5), o que parece incutir maior pudor do que isto; mas ele não se corou. Pois não deu atenção às palavras, mas às realidades e aos feitos que indicam as palavras.

Quando, portanto, o jovem crescer, antes de seguir a milícia ou outra espécie de vida, cuida de seu matrimônio. E se ele vir que logo lhe apresentas uma esposa, e que falta pouco tempo, com fortaleza poderá conter a paixão; do contrário, se pensar que és preguiçoso e negligente, que adias e esperas, até que possua grandes rendas, para depois preparar-lhe as núpcias, desanimando por causa da longa espera, logo cairá na luxúria. Mas, ai! A raiz dos males aqui é também a avareza. Visto que ninguém se preocupa como tornar o filho temperante e modesto, mas todos estão apegados ao amor do ouro, por isso ninguém se empenha nesta questão. Por isso peço, em primeiro lugar, que orienteis o espírito deles. Se, pois, se aproximar de uma esposa casta, se vir somente o corpo e for veemente o desejo e maior o temor de Deus e os corpos forem puros e impolutos num matrimônio verdadeiramente honroso, os filhos serão cheios de muita bênção; e o esposo e a esposa cedem um ao outro, pois como ambos são inexperientes de costumes alheios, submeter-se-ão um ao outro. Se, porém, o jovem começar a ter maus desejos e se entregar à luxúria, e experimentar os costumes das meretrizes, um e dois dias louvará sua esposa; depois logo cairá naquela luxúria, no riso difuso e imodesto, procurando palavras cheias de muita liberdade, gestos insolentes e indolentes, e toda outra torpeza, que, para dizermos tudo, de forma alguma deve ser tolerada. Uma mulher nobre não suporta tais coisas, nem se manchar. Pois foi desposada em vista da vida em comum e a procriação dos filhos, não para a torpeza e o riso; para guardar a casa, para ensinar-lhe a ser honesto, não para fomento da luxúria. Mas te parecem agradáveis os gestos da meretriz. Sei; pois também a Escritura o diz: “Os lábios dessa estrangeira destilam mel” (Pr 5,5). Por isso faço o possível para não seres seduzido por esse mel; logo se converte em fel. E isso também o diz a Escritura: “O seu paladar é mais suave do que o azeite. No final, porém, é mais amarga do que o absinto, e fere mais do que um punhal de dois gumes” (Pr 5,40).

O que dizes? Suportai-me um pouco, por assim dizer, falando e agindo algo de imundo, insolente, despudorado e sem rubor. Não é voluntariamente que padeço deste modo, mas sou obrigado a falar por causa daqueles que não se envergonham. Vemos muitas passagens dessas igualmente nas Escrituras. Pois também Ezequiel, exprobrando a Jerusalém, fala muitas coisas semelhantes, e não se cora; e com

razão. Não proferia estas coisas por gosto, mas por solicitude e providência. Pois, embora as palavras pareçam indecorosas, a finalidade não era, mas muito conveniente àquele que quer expelir da alma a impureza. Pois, se o ânimo impudente não ouvir tais palavras, não se envergonha. O médico igualmente, quando quer extirpar a podridão, primeiro põe os dedos na ferida, e, se não sujar primeiro as mãos que tratam, não poderá curar. Assim também eu, se primeiro não manchar a boca para curar vossos vícios, não poderei vos curar. Ou melhor, nem esta se mancha, nem aquelas mãos. Por quê? Porque não é imundície corporal, nem de nosso corpo, como ali não provém das mãos dele, mas de membros alheios. Se relativamente a um corpo alheio, o médico não recusa manchar as mãos; ao se tratar de nosso corpo, diga-me, por favor, como recusaremos? Pois vós sois nosso corpo, fraco, na verdade, e impuro, no entanto nosso.

O que é que digo, e porque fiz esta admoestação? Jamais optarias por usar o manto de um escravo, tendo horror dele por estar sujo; preferirias ficar nu a usá-lo. Utilizarias sem horror um corpo imundo e sórdido, usado não só por teu escravo, mas também por muitos outros? Ficais com vergonha de ouvir isto? Mas tendes vergonha dos fatos e não das palavras. Omito o restante. Costumes perversos e impuros, uma forma de vida servil e não liberal. Dize-me. Procuras à mesma que teu escravo? E antes fosse somente teu escravo e não o carrasco público. E não suportarias nem mesmo dar a mão ao carrasco; àquela que com ele se tornou um só corpo, abraças e beijas, e não tens horror, nem temor, nem vergonha, nem te coras, não te angustias? Disse na verdade que vossos pais deviam logo vos conduzir às núpcias. No entanto nem vós deixais de ser réus de suplício. Pois, se não houvesse muitos adolescentes que vivem casta e pudicamente, outrora e agora, talvez vos restasse alguma defesa. Se existem, como direis que não pudestes conter a chama do desejo? Eles, que puderam, vos acusam, porque são partícipes da mesma natureza. Ouve como se exprime Paulo: “Procurai a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12,14). Não bastam estas ameaças para vos atemorizar? Vês que outros são continuamente pudicos, vivem casta e honestamente; e tu nem no tempo da juventude ages com fortaleza? Vês outros lutando mil vezes contra o prazer, e tu não suportas nem uma só vez? Se queres, direi a causa. A causa não é a juventude; do contrário, todos os jovens haveriam de ser incontinentes.

Nós mesmos nos lançamos na fogueira. Vais ao teatro, ficas sentado, comes com os olhos os membros das atrizes e no momento te alegras; enfim, daí alimentas a febre. Se vires fantasmas de mulheres, espetáculos e cânticos que só contêm amores obscenos, a saber, certa mulher amou a alguém e nada tendo conseguido se sufocou; e amores perversos às mães; se com os ouvidos captares tais coisas, por meio de mulheres e figuras, e até de homens velhos (com efeito, muitos, com disfarces, tornam-se efeminados), como poderás ser temperante, quando o espírito ali se ocupa e detém naquilo que vê e ouve e depois tem tais sonhos? É natural que o espírito tenha muitas fantasias, que depois quer e deseja. Se, portanto, ali vês coisas obscenas, e ouves palavras mais obscenas ainda, e fores ferido, e não colocares um medicamento, como não aumentará a podridão, a doença não se agravará, e muito mais do que as corporais? Pois é muito mais fácil, se o quisermos, a correção do livre-arbítrio do que a dos corpos. Nesse caso, são necessários medicamentos, médicos e tempo; ali, porém, basta a vontade de ser bom ou mau. Por isso, és tu que escolheste a doença. Se, portanto, acumulamos o que prejudica, e nada introduzimos do que ajuda, onde ficará a saúde?

Por isso também Paulo dizia: “*Como os gentios, que não conhecem a Deus*”. Tenhamos pudor, temor, porque os gentios que não conhecem a Deus muitas vezes são temperantes; envergonhemo-nos, se somos piores do que eles. É fácil viver na pureza e temperança, se o quisermos, se nos afastarmos do que é prejudicial; de outra forma nem da luxúria é fácil fugir, se não o quisermos. Pois o que há de

mais fácil do que ir à praça? Mas para a preguiça de muitos torna-se difícil, não só dentre as mulheres, mas também dos homens. O que é mais fácil do que dormir? Mas também isso tornamos difícil. Muitos dos ricos, na verdade, perambulam a noite toda, porque não esperam vir o sono e então dormir. E em suma, nada é difícil se o queremos; nada fácil, se não queremos; tudo está em nosso poder. Por isso diz a Escritura: “Se estiverdes dispostos a ouvir” (Is 1,19). Ainda: “Mas se vos recusardes” não me ouvireis. Tudo, pois, depende de querer ou não querer; por isso ou somos punidos ou somos louvados. Faça, porém, Deus que sejamos daqueles que merecem louvor, sigamos os bens prometidos, pela graça e benignidade etc.

SEXTA HOMILIA

4,9. *Não precisamos vos escrever sobre o amor fraterno; pois aprendestes de Deus a amar-vos mutuamente;*

10. *e é o que fazeis muito bem para com todos os irmãos em toda a Macedônia.*

Por que razão, depois de ter dissertado com tanto vigor acerca da temperança, e da maneira de agir, e que não são lastimáveis os irmãos que morreram, apresenta a caridade, princípio de todos os bens, e deixando de lado os outros, declara: “*Não precisamos vos escrever*”? E isto por muita prudência e doutrina espiritual. Daí evidenciam-se duas coisas: a primeira, que é questão tão necessária que dispensa o ensino, pois o que é assaz grande é manifesto a todos; a segunda incute maior pudor do que se admoestasse com palavras. Pois quem pensa que eles agem bem e em consequência não exorta, se não agissem bem, mais os orientaria. Vê: Não se refere à caridade para com todos, mas da caridade para com os irmãos. “*Não precisamos vos escrever.*” Convém então calar-se e nada falar, se não há necessidade. Agora, contudo, ao dizer: “*Não precisamos*” faz mais do que se dissesse. “*Pois aprendestes de Deus*”. Vê qual o louvor: apresentar Deus como seu mestre. Declara: “Não precisais aprender de um homem”. O profeta também o afirma: “Todos serão discípulos do Senhor” (Is 54,13). “*Pois aprendestes de Deus a amar-vos mutuamente; e é o que fazeis muito bem para com todos os irmãos em toda a Macedônia*”, e para com todos os outros. Com isso lhes incute muito pudor a fim de que assim façam. “E não o digo sem razão que aprendestes de Deus, mas o sei por meio de vossas obras.” A esse respeito presta-lhes muitos testemunhos.

Nós, porém, vos exortamos, irmãos, a progredir cada vez mais.

11. *Empenhai a vossa honra em levar vida tranquila, ocupar-vos dos vossos negócios, e trabalhar com vossas mãos, conforme as nossas diretrizes.*

12. *Assim levareis vida honrada aos olhos dos de fora, e não tereis necessidade de ninguém.*

Mostra aqui ser o ócio a causa de muitos males, e o trabalho, de muitos bens; evidencia-se isto por meio dos nossos, conforme acontece em muitos lugares e com muita razão. A maioria a isto induz mais do que às realidades espirituais. Não é peculiar à caridade para com o próximo receber, e sim dar. Vê, contudo, a prudência; estando para exortar e admoestar, apresenta o que é correto para que respirem após a primeira exortação e as ameaças, ao afirmar: “*Porquanto quem desprezar estas instruções, não despreza um homem, mas a Deus*”, e por este motivo não as rejeitem. Realizem-no por meio do trabalho, de sorte que não recebam, nem fiquem ociosos, mas trabalhando tenham o que dar aos outros. Pois diz a Escritura: “Há mais felicidade em dar do que em receber” (At 20,35). “*Trabalhar com as vossas mãos.*” Onde estão os que procuram uma obra espiritual? Vês como lhes tira todo pretexto, dizendo: “*Trabalhar com as vossas mãos.*” O jejum se pratica com as mãos? As vigílias? Dormir no chão? Ninguém o diria. Entretanto, refere-se a uma obra espiritual. É, de fato,

obra espiritual trabalhar para ter o que dar aos outros, e obra alguma se lhe equipara. “Assim levareis vida honrada.” Vê como os atinge. Não disse: “Não vos porteis de forma desonesta, mendigando”. Mas implicitamente o indica, com certa suavidade, de sorte a picá-los sem pesar demais. Pois, se os nossos se escandalizam com isto, muito mais os de fora, encontrando mil oportunidades de acusar e censurar, ao virem um homem sadio, que pode bastar-se a si mesmo, mendigar e precisar dos outros. E por isso nos apelidam de: “mercadores de Cristo”. “Por vossa causa o nome de Deus está sendo blasfemado entre os gentios” (Rm 2,24). Todavia, nada disso o Apóstolo escreveu, e sim o que poderia mais tocá-los, a saber, a falta de decoro.

Os mortos e os vivos na Vinda do Senhor

13. *Irmãos, não queremos que ignoreis o que se refere aos mortos, para não ficardes tristes com os outros que não têm esperança.*

Duas coisas mais os prejudicavam, assim como aos demais homens, a miséria e a tristeza. Vê, porém, como as cura. A pobreza, porém, provinha da rapina de seus bens. Se, contudo, ordena que se sustentem pelo trabalho àqueles cujos bens foram roubados por causa de Cristo, muito mais aos outros. Deduz-se que haviam sido espoliados pela declaração: “Vós sois imitadores das Igrejas de Deus que estão na Judeia”. De que modo? Conforme ele lhes escrevia: “Aceitastes com alegria a espoliação dos vossos bens” (Hb 10,34). Daqui em diante discursa sobre a ressurreição. E Por quê? Acaso não lhes havia explicado a questão? Mas aqui sugere outro determinado mistério. Qual?

14. *Que os vivos, os que ainda estivermos lá para a vinda do Senhor, não passaremos à frente dos que morreram.*

É suficiente o sermão sobre a ressurreição para consolar os que sentem tristeza. Basta também o que agora afirma, tornando digna de fé a ressurreição. Em primeiro lugar, com ele asseguremos: “Irmãos, não queremos que ignoreis o que se refere aos que adormeceram, para não ficardes tristes como os outros que não têm esperança”. Vê: Aqui também fala com mansidão. Não disse: “Sois tão insensatos” (Gl 3,3) – como aos coríntios (?)³ – a tal ponto insensatos que, apesar de reconhecerdes a ressurreição, ficais tristes como os incrédulos; mas fala calmamente: “Não quero”, diz, respeitando a outra virtude deles. E não disse: “Acerca dos mortos”, mas do começo lança os fundamentos do consolo.

Diz: “Para não ficardes tristes como os outros que não têm esperança”. Lastimar os que morreram não é próprio, certamente, daqueles que têm esperança. E com razão. Com efeito, a alma que nada sabe a respeito da ressurreição, mas considera a morte somente morte, certamente pranteia, lamenta, chora inconsolável como acerca dos que pereceram. Tu, no entanto, que esperas a ressurreição, por que te lamentas? Ora, chorar é próprio daqueles que não têm esperança. Ouvi, ó mulheres, que gostais de vos lamentar, que sois incrivelmente propensas ao luto; estais imitando os pagãos. Se, portanto, entristecer-se por causa dos que faleceram é próprio dos pagãos, a quem é peculiar, dize-me, prantear e lacerar o rosto? Por causa de quem chorais, se credes que ressuscitará, que não está perdido, mas que se trata de sono, de repouso? É por costume, respondes, por causa da proteção, dos cuidados dos negócios, de todos os outros serviços. E quando perdes um filho em tenra idade, que nada disso pode fazer, o que lamentas? O que procuras? Dava grandes esperanças, respondes, e esperava que cuidasse de mim. Por isso procuro o marido, o filho, por isso choro e lamento, não porque não creia na ressurreição, mas porque privada de socorro, porque perdi a proteção, o coabitante, em tudo partícipe, meu consolador. Por isso choro. Sei que há de ressuscitar, mas não suporto a separação intermédia. Ocorre uma quantidade de acontecimentos, estou à mercê de quem quiser me fazer injustiça. Os

escravos que antes me temiam, agora me desprezam e insultam. Se ele beneficiou a alguém, este não se lembra dos benefícios. Se alguém foi ofendido por ele, não se esquece da injúria, e volta contra mim a sua ira. Tais fatos não me permitem suportar a viuvez, nem chorar suavemente; por isso soluço, por isso lamento-me. Como então as consolaremos? O que dizer? Como lhe tiraremos o luto? Primeiro tentarei convencê-las de que não são palavras de lamentação, mas paixões desordenadas. Se choras por causa disso, devias chorar perpetuamente aquele que partiu; com o correr dos anos, todavia, esqueces como se nada houvesse acontecido, não lamentas o que morreu, nem a falta de proteção. Não suportas a separação, e a interrupção da convivência? O que dirão as que contraíram segundas núpcias? Forçosamente. Não pensam mais nas primeiras. Mas não dirijamos a palavra a estas, e sim às que conservam a benevolência para com os que partiram. Por que choras o filhinho? Por que o marido? Porque não gozo de sua presença; tinha esperanças de que dela fruiria ainda muito tempo. Mas não é grande falta de fé julgar que o marido ou o filho te dariam segurança, e não Deus? E não receias irritá-lo? Muitas vezes ele os tira para que não fiques tão apegada, e não deposites neles a esperança. Pois Deus é zeloso, e mais do que tudo deseja que o amemos, e isto, porque muito nos ama. Sabes que é costume dos que amam loucamente o seguinte: são excessivamente ciumentos e preferem perder a vida a serem superados na estima por algum dos rivais. Por esse motivo Deus o tirou, por causa dessas palavras.

Pois, por que outrora, dize-me, não havia viuvez, nem mortes prematuras? Por que permitiu que Abraão e Isaac vivessem muito tempo? Porque em vida deste Deus teve a primazia. Ordenou-lhe: “Imola”, e ele imolou. Por que Sara chegou a tão avançada idade? Porque Abraão, durante a vida dela, ouviu mais a Deus do que a ela própria. Por isso Deus lhe dizia: “Ouve a Sara, tua mulher” (cf. Gn 21,12). Nem por causa do amor de marido, nem da mulher, nem devido à solicitude para com o filho, provocou a ira de Deus. Agora, no entanto, uma vez que somos tão inclinados às coisas inferiores e propensos a cair, e os maridos amam mais as mulheres do que a Deus e as mulheres preferem os maridos a Deus, por isso contra a nossa vontade ele nos leva a desejá-lo. Não ames o marido mais do que a Deus e jamais experimentarás a viuvez; ou melhor, se acontecer, não a sentirás. Por quê? Porque tens um defensor imortal que te dedica maior amor. Se tens maior amor a Deus, não chores. Efetivamente, aquele que é mais amado é imortal e não permite que sintas a falta daquele que é menos amado. Dar-te-ei um claro exemplo. Dize-me. Se tens um marido que tudo faz a teu gosto, de boa fama, que te faz respeitável em toda parte e não desprezada, ilustre diante de todos, prudente, sábio, que te ama e por causa dele és considerada feliz, e dele também deste à luz um filho e em seguida, antes de chegar à idade madura, morre; não sentirás o luto? De forma alguma; aquele que é mais amado, sobreleva o outro. E agora, se amares, na verdade, mais a Deus do que ao marido, talvez tão cedo ele não o tire; e se tirar, não sentirás tanto pesar. Por isso o bem-aventurado Jó não sofreu tão profundamente com a notícia da morte repentina e simultânea dos filhos, visto que amava mais a Deus do que a eles. Enquanto vivia o ser amado, de modo algum ela queria entristecê-lo. O que dizes, ó mulher? O marido e o filho cuidavam de ti; Deus, porém, não te poupa? Quem os havia dado? Não foi ele? E a ti, quem criou? Não foi ele? Ele que do nada te fez e inspirou em ti uma alma, concedeu-te a mente, e dignou-se dar-te o conhecimento de si mesmo, e por ti não poupou o Filho Unigênito, a ti não poupa, mas poupará o companheiro de serviço? Quanta ira não despertarão tais palavras? O que de semelhante recebeste do marido? Nada tens a responder. De fato, se te concedeu algum benefício, ele o fez quando tu começaste primeiro; de Deus, contudo, nada de semelhante poderá alguém afirmar. Pois Deus não nos beneficiou tendo primeiro recebido um benefício; mas como de nada precisa, por pura bondade beneficiou o gênero humano. Prometeu-te o reino, deu-te a vida imortal, a glória, a fraternidade, a adoção filial, fez-te co-herdeiro do Unigênito; tu, porém, depois de tantos e tão grandes

bens ainda pensas no marido? O que ele te deu de semelhante? Deus faz seu sol levantar-se, concede a chuva, fornece alimentos o ano todo. Ai de nós, tão ingratos! Tirou-te o marido para que não o procures; tu, porém, ainda buscas aquele que partiu. Abandonas a Deus, quando importava dar-lhe graças, e tudo lançar sobre ele? O que recebeste do marido? As dores do parto, trabalhos e injúrias e muitas vezes maldições, censuras, indignação. Não é isso tudo que vem dos maridos? Mas, dizes, há alguns bens. Quais? Ornou-te com vestes preciosas, impôs-te ouro na face, fez-te respeitável a todos? Mas se queres, Deus mais do que aquele que morreu te há de decorar com ornamento muito melhor; a honestidade far-te-á muito mais admirável do que o ouro. Este Rei possui vestes não iguais, mas muito melhores; se queres, reveste-te delas. Quais? É um manto com fímbrias de ouro; se queres, orna com ele a alma. Mas fez com que não fosses desprezada pelos homens? E que importância tem isto? A viuvez certamente não permite que os demônios te desprezem. Então dominavas teus escravos, se totalmente os dominavas; agora, porém, em vez do domínio sobre os escravos, tu o obténs sobre as virtudes incorpóreas, os principados, as potestades, os dominadores deste mundo. Não falas dos aborrecimentos que tinhas quando conviviais com ele, por vezes o medo dos magistrados, por vezes a prevalência do vizinho. De tudo isso agora estás liberada, do medo e dos receios. Mas estás preocupada com quem te nutrirá os filhos abandonados? O Pai dos órfãos. Quem os deu, dize-me, por favor? Não ouves como Cristo diz no Evangelho: “Não é a vida mais do que o alimento e o corpo mais do que a roupa” (Mt 6,25)? Vês que a lamentação não se origina do costume, mas da incredulidade? Mas os filhos não se tornam tão ilustres quando o pai morre. Por quê? Eles têm a Deus por Pai, e não são ilustres? Quantos te indicarei educados por viúvas, que foram afamados? Quantos educados pelos pais e se perderam? Se os educas, como devido, desde a infância, terão melhor êxito do que o proveniente da solicitude paterna. Ouve como afirma Paulo que é dever das viúvas criar os filhos: “Se tiver criado os filhos”; e ainda: “Ela será salva pela maternidade” (não disse: pelo marido) “desde que, com modéstia, permaneça na fé, no amor e na santidade” (1Tm 5,10; 2,15). Incuta-lhes desde a tenra infância o temor de Deus, e os guardará melhor do que um pai; servir-lhes-á integralmente de muralha. Se o guarda reside no interior, não precisamos de munições externas; do contrário, é inútil qualquer defesa exterior. Servir-lhes-á de riquezas, glória e ornamento; fá-los-á ilustres, não na terra, mas nos céus.

Por favor, não consideres os que se cingem com cintos de ouro, nem que montam cavalos, nem que brilham em vestes régias por causa dos pais, nem os que têm sequazes e pedagogos. Estas coisas talvez induzam as viúvas a chorar por causa dos órfãos, pensando da seguinte maneira: “Meu filho, se o pai tivesse subsistido, alcançaria tal felicidade; agora, contudo, acha-se triste, desprezado, sem nenhuma estima”. Não penses desta forma, ó mulher, mas pelo pensamento abre as portas do céu, reconhece ali o reino, contempla o rei ali sentado, pondera se os bens da terra podem ser mais importantes para teu filho que ali está, e então geme. Se, contudo, na terra existem homens ilustres, não dês importância. É possível, se queres, que ele milite nos céus, ser arrolado naquele exército. Pois os que são computados naquele número, não montam cavalos, mas elevam-se nas nuvens; não caminham sobre a terra, mas são arrebatados ao céu; não têm servos que caminhem diante deles, mas os anjos os precedem; não assistem a um rei mortal, mas a um imortal, ao Rei imortal, ao Rei dos reis e Senhor dos senhores; não têm em torno dos rins um cinto de couro, mas aquela glória inefável, e tornam-se mais esplêndidos do que os reis e do que aqueles que uma vez obtiveram honras e estima. Naquelas moradas régias não se procuram riquezas, nem nobreza, nem coisa parecida, mas somente se reclama virtude; e se esta existir, nada falta para que se alcancem os primeiros lugares. Nada é difícil para nós se quisermos ter sabedoria. Olha para o céu e vê quanto mais excelente é do que o fausto régio. Se, no entanto, o pavimento dos reis superiores é mais magnífico do que o pavimento dos

reis daqui de baixo, de sorte que o consideramos apenas lodo em comparação com aquele, se alguém for tido por digno de contemplar minuciosamente o reino, de que felicidade não será digno? Diz a Escritura: “Aquele que é verdadeiramente viúva, que permaneceu sozinha, põe a sua confiança em Deus” (1Tm 5,5). A quem se dirigem essas palavras? As que têm filhos, as muito mais comprovadas e as que têm mais oportunidade de agradar a Deus. Livres de qualquer vínculo, não há quem as prenda, nem obrigue a arrastar cadeias. Estás separada de um homem, mas unida a Deus; não convives com um companheiro de serviço, mas tens o Senhor. Quando oras, não falas a Deus? Dize-me. Quando lês, escuta a quem te fala. Mas o que te diz? Palavras muito mais desejáveis do que as de um homem. Pois um homem, mesmo se adula, não ocasiona grande honra, pois é igualmente servo; quando, porém, o Senhor elogia uma serva, então grande é a reverência. Como, então, ele cuida de nós? Escuta quais os meios utilizados: “Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e eu vos darei descanso” (Mt 11,28). E ainda clama através do profeta, nesses termos: “Por acaso uma mulher se esquecerá de se compadecer do filho do seu ventre? Ainda que as mulheres se esquecessem, eu não me esquecerei de ti” (Is 49,15), diz o Senhor. Quanto amor não demonstram tais palavras? E ainda: “Volta-te para mim” e em outra passagem: “Voltai-vos para mim e sereis salvos” (Is 44,22; 45,22). Se alguém, no entanto, quiser colher algo dos Cânticos, ouvirá, encontrará um texto mais místico: “Formosa minha, pomba minha” (Ct 2,10; 14); ouvi-lo-á cada alma como fala adequada a si mesma. O que há de mais suave que essas palavras? Vês o colóquio de Deus com o homem? O que dirás? Não vês quantos filhos daquelas santas mulheres morreram e estão nos sepulcros? Quantas mulheres sofreram penas mais pesadas e com os maridos perderam também os filhos? Solícitos, atendamos a isto; e nada nos será aflitivo, mas passaremos todo o tempo em alegria espiritual e fruiremos dos bens eternos. Possamos todos nós consegui-lo pela graça e amor aos homens etc.

SÉTIMA HOMILIA

4,13. *Irmãos, não queremos que ignoreis o que se refere aos mortos, para não ficardes tristes como os outros que não têm esperança.*

Muitos problemas nos incomodam apenas devido a nossa ignorância; se formos corretamente informados, expeliremos a dor. Assinalando tal fato, Paulo também dizia: “*Não queremos que ignoreis, para não ficardes tristes como os outros que não têm esperança.*” O que não quer que eles ignorem? A doutrina sobre a ressurreição. Por que, de fato, não te reportas ao suplício reservado aos que ignoram a doutrina sobre a ressurreição? Porque evidente e conhecido por meio do que foi acima referido; entretanto, retirar-se-á daí não pequeno lucro. Tinham fé na ressurreição, contudo lamentavam-se; em consequência ele assim se exprime. Dirige-se de uma forma aos incrédulos, e de outra, a eles. Pois aqueles que interrogavam a respeito do tempo e ocasião da ressurreição, é claro que a conheciam.

14. *Se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também, os que adormeceram em Jesus, Deus há de levá-los em sua companhia.*

Onde estão os que reprovam a carne? Pois se Jesus não assumiu a carne, também não morreu; se não morreu, igualmente não ressuscitou. Como, então, o Apóstolo nos exorta à fé nesses fatos? Acaso não era antes um inventor de boatos segundo eles e um impostor? Pois se morrer é consequência do pecado, mas Cristo não pecou, de que modo ele nos exorta agora? Por que motivo, diz também: “*como os outros que não têm esperança*”? Seria como se dissesse: “Por que chorais, ó homens? Por causa de quem vos entristeceis? Por causa dos pecadores, ou simplesmente por causa dos que morreram”? Eles, portanto, a quem choram? Certamente para eles tudo é improfícuo. Diz o Apóstolo: “É o Primogênito

dos mortos” (Cl 1,8), quer dizer, as primícias. Por conseguinte, importa que haja outros. Vê, porém, como aqui não utiliza raciocínios, porque eles eram tranquilos; mas escrevendo aos coríntios, desenvolve muitas razões e depois acrescenta: “Insensato! O que semeias não readquire vida” (1Cor 16,36)? Este argumento é mais adaptado a fim de se disputar com um fiel; para os de fora, porém, que força teria? “Assim também, os que adormeceram em Jesus, Deus há de levá-los em sua companhia”. De novo: “Os que adormeceram”. Nunca diz: “Os que morreram”. Mas a respeito de Cristo declarou: “Morreu”, porque também disse que ressuscitou. Aqui, no entanto, afirma: “Os que adormeceram em Jesus”. Ou assim se exprime porque adormeceram tendo fé em Jesus; ou porque por Jesus há de levar os que adormeceram, isto é, os fiéis. Aqui asseguram os hereges que se trata dos batizados. Mas como se sustentaria o termo: “Assim”? Pois Jesus não adormeceu pelo batismo. Então, por que motivo diz o Apóstolo: “Os que adormeceram”? Não se reporta, portanto, à ressurreição geral, mas à singular ou particular. Diz: “Os que adormeceram em Jesus”. Em muitas passagens assim se expressa.

15. *Pois isto vos declaramos, segundo a palavra do Senhor: que os vivos, os que ainda estivermos lá para a vinda do Senhor, não passaremos à frente dos que adormeceram.*

Falando acerca dos fiéis, diz: “Os que adormeceram” em Cristo; e ainda: “Os que morreram ressuscitarão”. Em seguida, não trata apenas da ressurreição, mas da ressurreição e honra na glória. Efetivamente, todos hão de fruir da ressurreição, diz ele; não todos, porém, estarão na glória, mas os que estão “em Cristo”. Por conseguinte, como quer consolá-los, não consola apenas com isso, mas também devido a grande honra e rapidez, porque eles o sabiam. Pois, quanto a querer consolá-los por causa da honra, afirma mais adiante: “E assim, estaremos para sempre com o Senhor” e: “Seremos arrebatados com eles nas nuvens”. Como os fiéis adormecerão por Cristo? É claro que tendo Cristo em si. Quanto à palavra: “Há de levá-los em sua companhia”, ele manifesta que leva de muitos lugares. Afirma: “Pois isto vos declaramos, segundo a palavra do Senhor”. Estava para proferir algo de inaudito, por isso cuida de torná-lo fidedigno. “Segundo a palavra do Senhor”, isto é, não falamos de nós mesmos, mas instruídos por Cristo. “Que os vivos, os que ainda estivermos lá para a vinda do Senhor, não passaremos à frente dos que adormeceram”. De fato, diz o mesmo na Carta aos Coríntios: “Num instante, num abrir e fechar de olhos” (1Cor 15,52). Aqui torna fidedigna a ressurreição também quanto ao modo de realização.

Pois como parecia coisa difícil, declara: “Assim como é fácil que os vivos sejam arrebatados, de forma idêntica, os que morreram”. O termo “Nós” não é atinente a si mesmo; não haveria de permanecer até a ressurreição; mas significa: os fiéis. Por isso acrescenta: “Os que ainda estivermos lá para a vinda do Senhor, não passaremos à frente dos que adormeceram”. De certo modo, afirma: “Não penses que há alguma dificuldade ao ouvires que os que então estarão vivos não passarão à frente dos que se desfizeram, entraram em decomposição, que morreram há mais de dez mil anos”. É Deus quem o faz. Mas como lhe é fácil elevar os que estão íntegros, assim também os que já se desfizeram. Existem alguns que não acreditam porque não conhecem a Deus. O que é mais fácil, diz-me, por favor, tirar do nada para a existência, ou restaurar os que haviam entrado em decomposição?

Mas, o que dizem eles? Certo homem sofreu naufrágio, e tendo caído no mar, muitos peixes o comeram e cada peixe comeu um membro. Em seguida, dentre eles, um foi apanhado numa enseada, outro em outra, e foi devorado por outro e assim por diante. E dos mesmos ainda em outros lugares alguns morreram e foram engolidos pelos peixes que devoraram o primeiro, e os peixes igualmente foram comidos por monstros. Com tamanha confusão e dispersão, como ressurgirá novamente aquele homem? Quem reunirá as cinzas? Por que falas assim, ó homem, e teces uma cadeia de bagatelas e apresentas qual questão intrincada? Pois, diz-me, se não cair no mar, nem for comido por um peixe,

nem for o peixe devorado por inúmeros homens, mas justamente for colocado numa urna, e nem os vermes, nem coisa alguma o molestar, como ressurgirá o que se corrompeu? Como se conglutinará o pó e a cinza? Onde estará o viço do corpo? Isso não é embaraçoso? Se forem, na verdade, gentios que duvidam dessas realidades, dir-lhes-emos uma quantidade de coisas. Como, então? Existem entre eles os que acham que transmigram as almas para plantas, frutas e cães. Dize-me. O que é mais fácil, retomar o próprio corpo ou um alheio? Outros ainda que tudo é consumido pelo fogo, e restauram-se integralmente as vestes e os calçados, e não caem no ridículo; outros introduzem os átomos. Mas contra estes não disputamos. Aos fiéis, entretanto, se convém denominar fiéis tais interlocutores, apenas respondemos com a palavra do Apóstolo: “Nada readquire vida, a não ser que morra” (1Cor 15,36), nem planta, nem semente. Não vês como a figueira tem um tronco, quantas hastes, folhas, ramos, frondes, raízes que ocupam largo espaço e se estendem? Ela, contudo, tão grande e de tal qualidade brota daquele grão que foi lançado, e primeiro se corrompeu; e se não apodrecer e dissolver, nada dele sairá. Dize-me. Onde vem isto? A própria videira que é tão bela de se ver e fruir, nasce daquele tão disforme grão. Como? – dize-me. Não é água que se joga em cima? E como se transforma tanto? Isso, pois, é mais admirável do que a ressurreição. Lá, de fato, são iguais a semente e a planta, e há grande afinidade; aqui, porém, dize-me, como tendo uma só qualidade e natureza, muda-se tanto? Da videira provém o vinho; não somente o vinho, mas também folhas e suco; de fato, não apenas o cacho, mas também o restante pertence à videira, alimenta-se dela. Ainda, na oliveira encontra-se o óleo etc. E o que é admirável, aqui é úmido, ali seco; aqui doce, ali ácido; aqui amargo, ali picante. Como, dize-me, transforma-se em vários objetos? Dize-me o motivo; não o poderias. Dize-me o que acontece em ti mesmo (pois é mais próximo); como o sêmen emitido se ordena e transforma em olhos, ouvidos, mãos, coração, etc. Não são milhares as diferenças no corpo, de aspecto, tamanho, qualidade, posição, força, ritmo? Como se originam de um mesmo sêmen nervos, veias, carnes, ossos, membranas, artérias, articulação, cartilagens, e tudo mais que contém a nossa natureza, de que os médicos exata e apuradamente dissertam? Talvez não te pareça muito mais duvidoso e inexplicável como o que é úmido e mole se consolida em um osso duro e frio? Como forma quente e úmido, a saber, o sangue unido? Como frio e mole, isto é, o nervo? Como frio e úmido, qual a artéria? Onde vem isso? – dize-me. Por que não duvidas de tudo isso? Não vês diariamente ressurreição e morte nas várias idades? Para onde foi a juventude? De onde vem a velhice? Como quem envelheceu não pode novamente fazer-se jovem, gera, porém, um filho mais novo e o que não pode oferecer a si, oferece a um outro?

É possível verificar este fato também nas árvores e seres vivos. Efetivamente, era preciso primeiro oferecer a si o que se transmite a outrem. Reclama-o a razão humana. Mas quando Deus é o operador, tudo cede. Se estas coisas são de tal modo inexplicáveis, em extremo inexplicáveis, ocorrem-me agora os loucos que curiosamente interrogam acerca da incorpórea geração do Filho. Fatos de todos os dias e ao alcance de nossas mãos, ninguém, apesar de mil vezes investigar, alguma vez foi capaz de enuclear. Como, portanto, dize-me, interrogar curiosamente acerca daquela geração inefável e inexplicável? Não é peculiar a uma mente esgotada ousar perscrutar tais coisas? Não padece de mil vertigens? Não fica estupefata? Entretanto, nem assim eles se corrigem. Apesar de não poderem dissertar acerca de uvas e figos, curiosamente investigam a respeito de Deus. Pois, dize-me, como aquele grão se resolve em folhas e hastes? Como anteriormente não estavam nele, nem se viam? Mas, responde-se, isto não se origina do grão, mas tudo vem da terra. E como sem ele a terra por si nada produz? Mas, não sejamos insensatos; nem a terra nem o grão o produzem, e sim aquele que é o Senhor da terra e das sementes. Por esse motivo sem elas e com elas fez com que houvesse germinação, em parte revelando seu poder, nesses termos: “Produza a terra verdura: ervas...” (Gn 1,11); em parte, por revelar seu

poder, ensinando-nos a ser laboriosos e trabalharmos de bom grado. Por que nos foram ditas estas coisas? Não foi inutilmente, mas para crermos na ressurreição; e quando quisermos saber a razão de alguma coisa, se não conseguirmos, não nos aborreçamos, nem nos irriteemos, mas afastando prudentemente o pensamento e reprimindo-o, abriguemo-nos na reflexão de que nada há que Deus não possa e não faça com facilidade. Cientes disso, refreemos nossos pensamentos, não ultrapassemos os limites e a medida de conhecimento que nos foram dados. Pois, diz a Escritura: “Se alguém julga saber alguma coisa, ainda não sabe como deveria saber” (1Cor 8,2). Não somente a respeito de Deus, digo, mas acerca de qualquer coisa. Com efeito, o que queres saber sobre a terra? O que sabes, dize-me? Qual a sua medida, grandeza, posição, essência, lugar, onde está e onde se apoia. Nada disso poderás dizer. Podes afirmar que é fria, seca e negra; nada mais. E a respeito do mar? Igualmente ficarás perplexo, visto que não sabes onde começa, onde termina, onde se apoia, qual o fundamento que o suporta, qual o seu lugar, se depois dele há o infinito, ou se termina em água e ar. O que conheces dos seres nele existentes? Mas falarás do ar? Dos elementos? Na verdade nada dirás. Deixo estas coisas. Queres que dentre as plantas escolhamos as menores? Daquela grama que não produz fruto o que sabemos todos nós? Explica como nasce. Acaso debaixo dela existe água, terra e esterco? O que a torna tão bela e de cor admirável? E por que murcha a sua beleza? Não é obra da água, nem da terra. Vês que em tudo se precisa da fé? Como produz a terra? De que modo gera, dize-me, por favor. Mas nada disso podes explicar. Informa-te, ó homem, das coisas inferiores da terra, e não perscrutes curiosamente, nem investigues as coisas celestes; e oxalá fosse a respeito do céu e não do Senhor do céu. Não conheces a terra, dize-me, da qual nasceste, na qual te criaste, que habitas, onde caminhas, e sem a qual nem podes respirar, e ficas curioso sobre coisas tão remotas? Sem dúvida, o homem é vaidade. E se alguém te ordenar descer até as profundezas, e investigar o que existe no fundo do mar, não cumpres a ordem. E quando ninguém te obriga, queres compreender o abismo? Não o faças, eu te peço. Mas naveguemos na superfície, não nademos nos raciocínios. Do contrário, logo ficaremos cansados e afundaremos no mar; mas utilizemos as Escrituras divinas, como uma espécie de nave, e desfraldemos as velas da fé. Se nelas navegarmos, teremos como piloto a palavra de Deus; não nademos em raciocínios humanos, de modo algum. Junto de quem nada desta maneira estará o piloto? Por isso o perigo é duplo: não há navio e o comandante está ausente. Pois se no perigo há um escaler sem um piloto, na falta de ambos, qual a esperança de salvação? Não nos joguemos num perigo evidente, mas sigamos meios seguros, e lancemos as sagradas âncoras. Assim navegaremos para um porto seguro com muitas mercadorias e grandes garantias; e alcançaremos os bens reservados ao que o amam, em Cristo Jesus nosso Senhor, ao qual com o Pai simultaneamente com o Espírito Santo, glória etc.

OITAVA HOMILIA

4,15. *Pois isto vos declaramos, segundo a palavra do Senhor: que os vivos, os que ainda estivermos lá para a vinda do Senhor, não passaremos à frente dos que morreram.*

16. *Quando o Senhor, ao sinal dado, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, descer do céu, então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro;*

17. *em seguida nós, os vivos que estivermos lá, seremos arrebatados com eles nas nuvens para o encontro com o Senhor, nos ares. E assim estaremos para sempre com o Senhor.*

Os profetas, a fim de demonstrarem que são fidedignas as palavras proferidas, antes de tudo dizem: “Visão que teve Isaías” (Is 1,1); e ainda: “Foi dirigida a palavra do Senhor a Jeremias” (cf. Jr 1,2); e também: “Assim fala o Senhor”, e outras semelhantes. Muitos, de fato, viram a Deus sentado, quanto

lhês era possibilitado contemplar. Paulo, contudo, não o viu sentado, mas tendo em si a Cristo a falar, em vez de empregar: “Assim fala o Senhor”, utiliza a expressão: “Procurais uma prova de que é Cristo que fala em mim” (2Cor 13,3), e ainda: “Paulo, apóstolo de Jesus Cristo”, manifestando que nada deriva dele próprio, pois o Apóstolo transmite as palavras de quem o enviou. E ainda: “Julgo que também eu possuo o Espírito de Deus” (1Cor 7,40). Ora, o Espírito proferia tudo; quanto ao que anuncia agora ouviu em palavras eloquentes da parte do próprio Deus, conforme o que declarava aos presbíteros em Éfeso: “Há mais felicidade em dar que em receber” (At 20,35), palavras que ouvira secretamente. Mas, vejamos o que diz agora. *“Pois isto vos declaramos, segundo a palavra do Senhor: que os vivos, os que ainda estivermos lá para a vinda do Senhor, não passaremos à frente dos que morreram. Quando o Senhor, ao sinal dado, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, descer do céu.”* Cristo também o disse em certa ocasião: “Os poderes do céu serão abalados” (Mt 24,29). Mas por que ao som da trombeta? Vemos isto no monte Sinai, e ali igualmente havia anjos. O que significa, porém, a voz do arcanjo. Conforme se dizia a respeito das virgens: “Levantai-vos! Vem o esposo” (cf. Mt 25,6)! Ou é isto o que diz, ou conforme o que diz acerca do rei, assim também será então, quando os anjos prestarão serviço em vista da ressurreição. Pois diz a Escritura que os mortos ressurgirão; e não haverá necessidade de anjos que tenham poder para tal, mas da palavra do rei, isto é, como se ele ordenasse nesses termos: “Saíam os que estão encerrados na prisão, e os ministros os tragam para fora; não o realizam por própria virtude, mas ao som daquela voz. O mesmo declara igualmente Cristo noutra passagem: “Ele enviará os seus anjos que, ao som da grande trombeta, reunirão os seus eleitos dos quatro ventos, de uma até a outra extremidade do céu” (Mt 24,31). E verás anjos acorrerem por toda parte.

A meu ver, arcanjo é o que preside, e clama aos que foram enviados: “Fazei com que todos estejam preparados: chegou o Juiz”. O que quer dizer: “Ao som da última trombeta”? Revela que haverá muitas trombetas, e ao som da última descerá o Juiz.

“E os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; em seguida nós, os vivos que estivermos lá, seremos arrebatados com eles nas nuvens para o encontro com o Senhor, nos ares. E assim estaremos para sempre com o Senhor.”

18. *Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras.*

Se ele há de descer, por que seremos arrebatados? Para prestar honras. Da mesma forma, ao entrar o rei numa cidade, os homens mais importantes vão ao seu encontro; ao invés, os réus ficam dentro da cidade, à espera do juiz. E, ao chegar um pai amoroso, os filhos, os filhos dignos, saem de carruagem ao encontro dele para vê-lo e beijá-lo, enquanto os escravos que o ofenderam permanecem no interior. Somos levados na carruagem do Pai.

De fato, ele a recebe nas nuvens e nós seremos arrebatados nas nuvens. Vês quanta honra? Avançamos ao encontro daquele que desce, e a maior felicidade é assim estar com ele. “Quem poderá dizer as proezas do Senhor e fazer ouvir o seu louvor” (Sl 106,2)? Quantos bens dignou-se conceder ao gênero humano! Em primeiro lugar, ressurgem os que morreram, e assim simultaneamente se realiza a ida ao encontro. Abel, morto antes de todos, então irá ao encontro junto com os vivos. Sob este ponto de vista, em nada serão superiores aos outros; mas o morto, que durante tantos anos esteve debaixo da terra, irá ao encontro com eles e os demais. Pois, se eles nos esperassem a fim de que fôssemos coroados, segundo o Apóstolo escreve noutra passagem: “Pois Deus previa para nós algo de melhor, para que sem nós não chegassem à plena realização” (Hb 11,40), muito mais nós do que eles. Ou antes, eles esperam mais, e nós de forma alguma: de fato, num momento, num abrir e fechar de olhos, se dará a ressurreição. Quanto ao que está dito que se reunirão significa que ressuscitam em várias

partes, mas são congregados por meio dos anjos. Quanto ao fato de ressuscitarem, origina-se do poder de Deus que ordena à terra devolver o depósito, e não se serve de ninguém, conforme outrora chamou a Lázaro: “Lázaro, vem para fora!” (Jo 11,43); com efeito, conduzir é próprio dos servos. Mas se os anjos reúnem e percorrem tudo ao redor, como eles dali são arrebatados? Serão arrebatados depois de terem descido, após serem congregados; isto se faz simultaneamente, sem o conhecimento de alguém. Pois, quando virem a terra mover-se, o pó misturar-se e igualmente em toda parte acordarem os corpos, e ninguém estar ministrando, mas ser suficiente a ordem de se esvaziar a terra repleta (pensa quantos serão, de Adão até a vinda de Cristo, que ali estarão com as mulheres e os filhos), quando, digo, virem tão grande tumulto na terra, então haverão de saber. Por conseguinte, da mesma forma que nada haviam previsto do plano de Deus relativamente à carne, assim acontece nesse caso.

Por conseguinte, ao se realizarem tais eventos, ouvir-se-á a voz do arcanjo a dar ordens e clamar aos anjos e ainda as trombetas, ou antes o som das trombetas. Qual não será então o tremor, qual o medo dos que estiverem sobre a terra! Pois uma é arrebatada e outra é deixada; e um é tomado e outro é deixado (cf. Mt 24,40-41; e Lc 17, 34-35). Qual será a disposição deles, quando virem os outros serem arrebatados para o alto e eles, abandonados? Acaso não será de atemorizar mais terrivelmente do que qualquer geena? Imaginemos então que estas coisas já estejam sucedendo. Pois se de tal modo atingem nossos ânimos a morte repentina, ou o terremoto na cidade e as ameaças, ao virmos a terra abrir-se, repleta de todos eles, ao ouvirmos a trombeta, a voz do arcanjo mais argentina do que qualquer trombeta, ao verificarmos que o céu se contrai, e que se apresenta o próprio Deus, Rei universal, qual será a nossa disposição de ânimo? Tenhamos horror, eu vos exorto, e temamos, como se já estivesse acontecendo. Não nos animemos com a dilação; visto que absolutamente há de acontecer, de nada adianta a demora. Como não será grande o tremor, o medo? Vistes alguma vez os condenados à morte? Com que disposição pensais que ingressam pelo caminho até a porta? Não é pior que muitas mortes? O que não escolheriam, fariam e sofreriam para serem libertados daquelas névoas escuras? Ouvi a muitos que, pela clemência do Imperador, já eram conduzidos à morte e foram chamados de volta; de tal modo tinham o espírito perturbado, estupefato, abalado que nem viam os homens como homens. Se tanto nos aterroriza a morte corporal, quando vier a eterna, de que modo não nos afetará? E por que falo dos condenados à morte? Então, cerca-os a multidão, a maioria, contudo, de desconhecidos. Se alguém, no entanto, considerar seu estado de ânimo, ninguém é tão cruel, ninguém tão magnânimo que não fique consternado e abatido pelo medo e a tristeza. Se, porém, de tal modo ficam atingidos os que não têm em comum com o próximo a morte, não diversa do sono, nós próprios como ficaremos ao incorrermos em maiores males? É impossível, impossível, acreditai-me, explicar em palavras, como ficaremos afetados. Certamente, respondes; mas, Deus é clemente e misericordioso, e nada dessas coisas sucederá. Então, foram escritas inutilmente? Não, replicas, não irá além das ameaças, a fim de sermos prudentes. Se, portanto, não nos emendarmos, mas continuarmos maus, dize-me, não infligirá o suplício? Por conseguinte, nem há de remunerar os bons. Certamente, respondes; é conveniente até que confira benefícios além dos méritos. Por conseguinte, estes são, de fato, verdadeiros, e sem dúvida alguma advirão; quanto aos suplícios, não se realizarão absolutamente, mas existem apenas para ameaçar e incutir medo? Não sei de que maneira vos haverei de persuadir. Se disser que “o verme deles não tem fim, e o fogo não se extingue” (Mc 4,45), se afirmar que descerão para o fogo eterno, se apresentar o rico que já está punido, direis que tudo isso não passa de ameaças. Como hei de vos persuadir? Trata-se de pensamentos satânicos, a prometerem em vão a graça, para vos tornar preguiçosos. Como os expulsaremos? Seja o que for que extraírmos das Escrituras, direis que são ameaças. Mas podeis dizer algo acerca do futuro; relativamente aos fatos que já aconteceram e chegaram a um fim, de forma alguma. Todos vós ouvistes falar do dilúvio; acaso

foi narrado para ameaçar? Não aconteceu, não se realizou? Os contemporâneos também proferiam muitas dessas objeções; durante o espaço de cem anos enquanto era fabricada a arca, e se ajustavam as madeiras, e o justo clamava, ninguém acreditava. Mas, visto que não creram nas ameaças em palavras, sofreram realmente o suplício. O mesmo nos sucederá se não acreditarmos. Por isso o Senhor compara sua vinda com os dias de Noé: Alguns não creram no dilúvio e assim também não se crê no dilúvio da geena. Acaso se tratava de ameaças? Não se tornaram fatos? Em seguida, uma vez que Deus infligiu castigo tão repentino, não infligirá muito mais agora? Os pecados que agora se cometem não são menores do que os de então. Quais? Os filhos de Deus tomaram como mulheres as filhas dos homens (cf. Gn 6,2); era grave falta aquela união. Agora, porém, não há gênero de vício e crime que não se admita. Acreditais que o dilúvio sucedeu, ou parece-vos que são palavras vazias? Entretanto, os montes em que parou a arca o atestam, isto é, os montes da Armênia.

Mas dentre a abundância dos assuntos que me ocorrem, escolherei um mais evidente. Algum dos vossos fez uma peregrinação à Palestina? Não me reportarei mais a palavras, mas a eventos, apesar de serem as primeiras mais manifestas que os acontecimentos, pois as palavras da Escritura são mais dignas de fé que as coisas visíveis. Por conseguinte, um dos vossos foi em peregrinação à Palestina? Suponho que sim. E então? Vós que vistes aqueles lugares, dai testemunho diante daqueles que lá não estiveram. Acima de Ascalon e Gaza, onde termina o rio Jordão, situa-se uma região grande e fértil; ou antes, assim era e agora não é mais. Assemelhava-se a um paraíso. Diz a Escritura: “Ló viu toda a planície do Jordão, que era irrigada como o jardim do Senhor” (Gn 13,10). A terra tão florida, portanto, que rivalizava com todas as regiões e pela fertilidade precedia o paraíso de Deus, agora acha-se mais deserta do que qualquer deserto. Existem ali árvores que produzem frutos, mas os frutos constituem um lembrete da ira de Deus. Existem romãs, isto é, a árvore e as frutas. Têm belo aspecto e ao desprevenido prometem muito. Se forem tomadas nas mãos, e partidas não se encontram frutas, mas muita poeira e cinza depositadas dentro. Tal é a terra inteira; e se encontrares uma pedra, achá-la-ás incinerada. E por que falo de pedra, madeira e terra, quando até o ar e a água são participantes da calamidade? Como de um corpo incendiado e queimado permanecem, vistos no fogo, a figura e o modelo, o tamanho e a proporção, mas nada de sua consistência, assim também pode se ver ali terra, que de terra nada possui, mas tudo é cinza. Árvores e frutos, mas que nada têm de árvores ou de frutos. Ar e água, mas nada de ar nem de água. Tudo se encontra incinerado. Ora, pode o ar queimar-se alguma vez? E como a água, continuando a ser água? De fato, a madeira e a pedra podem arder; o ar e a água, de forma alguma. Para nós, de fato, não podem; mas para aquele que os fez é possível. Ali o ar nada mais é do que uma fornalha, uma fornalha a água. Tudo infrutífero, tudo estéril, tudo imagem da ira pretérita, e indício da futura. Talvez se trate tão somente de ameaças? Ou apenas de som de palavras? A meu ver, os eventos anteriores não são incríveis; e são igualmente críveis tanto as realidades visíveis quanto as invisíveis. Ao infiel, contudo, estas realidades bastam ao menos para induzir à fé. Se alguém não acredita na geena, pense em Sodoma, lembre-se de Gomorra, no castigo imposto e nas pesadas realidades; e não é grave afirmares que a geena não existe, mas que Deus apenas ameaçou? E se afrouxas as mãos do povo? Tu, que não acreditas, obrigas-me a pronunciar essas palavras. Se acreditasses nas palavras de Cristo, eu não teria necessidade de induzir à fé por meio dos fatos. Uma vez que foges das palavras, de boa ou de má vontade ficarás logo convicto. O que tens, pois, a afirmar acerca de Sodoma? Queres também saber a causa destes acontecimentos? Um só pecado, grave e abominável, mas no entanto era um só. Eram cativos do amor aos meninos de então; e por isso sofreram este castigo. Agora, porém, há pecados inumeráveis e semelhantes e maiores do que estes. Então por um só pecado, tão grande era a cólera que Deus não deu atenção nem às preces de Abraão, nem a Ló que lá habitava, o qual por causa da honra dos servos de Deus permitiria a desonra

das filhas; e quando os pecados são tantos, haverá de poupar? É ridículo, boato, erro e sedução diabólica. Queres que acrescente outro fato? Ouviste falar de Faraó, rei do Egito. Conheceis bem o castigo que teve: com carros, cavalos e todo o exército afundou no mar Vermelho. Queres ainda conhecer outros acontecimentos? Ele talvez fosse ímpio, ou antes, não talvez, mas na realidade era ímpio. Queres ver igualmente punidos os fiéis que seguiam a Deus, conquanto não tivessem correto o estilo de vida? Escuta como se exprime Paulo: “Nem nos entreguemos à fornicção, como alguns deles se entregaram, de modo a perecerem num só dia vinte e três mil. Não murmureis, como alguns deles murmuraram, de modo que pereceram pelo Exterminador. Não tentemos a Cristo, como alguns deles o tentaram, de modo a morrer pelas serpentes” (1Cor 10,8.10.9). Se pôde tanto a fornicção, a murmuração, o que não farão nossos pecados? Se, no entanto, agora Deus não castiga, não vos admireis; pois eles também não conheciam a geena e sofriam o suplício imediatamente. Tu, porém, que tanto pecas, apesar de não cumprires a pena aqui, no além a cumprirás. Eram mais pueris, e não haviam cometido tão numerosos pecados, e Deus os puniu gravemente; haverá, então, de nos poupar? Não é razoável. Com efeito, mesmo que cometermos pecados idênticos, merecemos pena maior. Por quê? Porque fruímos de graça maior. Quando, porém, cometemos pecados maiores e em maior número do que eles, que castigos não sofreremos? Eles (ninguém pense, contudo, que eu deste modo falo por admirá-los, ou perdoar-lhes; de forma alguma. Pois quando Deus os castiga, quem profere sentença oposta tem espírito diabólico. Por isso, não me exprimo assim para louvá-los, ou perdoar-lhes, mas a fim de acentuar nossa malícia), eles, digo, embora murmurassem, iam para o deserto; nós, porém, tendo uma pátria e estando em casa, murmuramos. Eles, se fornicavam, acabavam de abandonar os costumes egípcios, e não haviam ouvido esta lei; nós, contudo, que recebemos decretos salutares de nossos maiores, merecemos maior tormento. Queres também escutar outros padecimentos deles na Palestina: fome, peste, guerra, cativo, tanto da parte dos babilônios quanto dos assírios, males que sofreram dos macedônios, sob Adriano e Vespasiano? Quero, caríssimo, narrar-te algo, mas não fujas; ou antes, quero narrar coisa diferente. Sobreveio uma vez a fome e o rei andava em cima da muralha; em seguida, aproximou-se uma mulher e disse-lhe as seguintes palavras: “Senhor meu rei, esta mulher me disse: ‘Assemos teu filho hoje, para o comermos, e amanhã será o meu’. Cozinhamos, pois, o meu filho e o comemos”; mas ela ainda não deu o seu (2Rs 6,28-29). O que de mais grave do que esta calamidade? Em outra passagem diz ainda o profeta: “As mãos de mulheres compassivas fazem cozer seus filhos” (Lm 4,10). Os judeus, na verdade, sofreram tais castigos; e nós não sofreremos maiores?

Queres ainda ouvir outra calamidade no tocante a eles? Lê a história de José e conhecerás toda aquela tragédia; daí não te convenceremos de que existe a geena? Pensa, pois; se eles eram punidos, por que não seremos nós castigados? Ou como será consentâneo que nós que pecamos mais gravemente do que eles, não sejamos punidos? Ou não se evidencia que é por nos estar reservado o suplício? Se queres, direi sobre certa pessoa como são punidos os pecados. Caim matou o irmão. Péssimo pecado; como não? Mas sofre castigo e pesado, comparado a mil mortes; ele teria preferido morrer mil vezes. Escuta, pois, como se exprime: “Hoje tu me banes do solo fértil, terei de ocultar-me longe de tua face; mas o primeiro que me encontrar me matará” (Gn 4,14)! – dize-me. Agora não são muitos os que cometem idêntico crime? Pois se matas, não um irmão carnal, mas espiritual, não praticas o mesmo? O que importa se não pela espada, mas de outra maneira? Quando podes matar a fome, tu o omites. E não? Agora ninguém inveja o irmão? Ninguém o lança em perigos? Mas na terra não foram submetidos às penas. Com efeito, hão de sofrer castigos. Em seguida, aquele que não ouviu a lei escrita, nem os profetas, nem viu grandes milagres, está sujeito a tamanho tormento; outro, porém, que cometeu idêntico pecado, e não se corrige nem diante de tantos exemplos, manter-se-á

impune? E onde fica a justiça de Deus? Onde a bondade? Ainda determinado homem que no sábado apanhara lenha (Nm 15,32), foi apedrejado; entretanto, era mandamento leve, e menor do que o da circuncisão. O que apanhara lenha no sábado foi apedrejado; os que frequentemente cometem inumeráveis pecados contra as leis, ficarão isentos? Se, portanto, não existe a geena, onde está a justiça? Como não há acepção de pessoas? Ora, muitos são culpados de não guardar o sábado. Ainda um certo Carmi furtou objetos sob anátema, e com toda a família foi apedrejado (Js 7,1). E então? Ninguém deste então se tornou sacrílego? Saul ainda, que poupou o inimigo contra a vontade de Deus, sofreu tamanha punição; no entanto, ninguém poupou desde aquele tempo? Oxalá fosse assim e que nós não nos devorássemos mutuamente como feras, contra o que apraz a Deus; e ninguém cairia na guerra. Também os filhos de Eli, pelo fato de comerem na hora do incenso, padeceram com o pai grande penalidade. E nenhum pai foi negligente e indulgente para com os filhos; nem os filhos foram perversos? No entanto não sofreram penas. Quando sofrerão, se não existe geena? Novamente, é possível narrar inúmeros fatos. Qual? O de Ananias e Safira, que furtaram o que haviam oferecido e consagrado a Deus; não foram imediatamente punidos? No entanto, ninguém fez isto desde então? Como não sofreram idêntica pena? Talvez conseguimos te persuadir de que existe a geena, ou precisas de mais exemplos? Tratemos, pois, também, do que não foi escrito, e que acontece agora; é preciso que colhamos esta noção de todos os lados, para que não sendo indulgentes para conosco temerariamente, a nós mesmos nos prejudiquemos. Não vês muitos em tribulações, mutilados, sofrendo males incontáveis, enquanto outros estão com saúde e gozam de boa fama? Por que uns pagam pelos pecados, outros não? Escuta as palavras de Paulo: “Existem homens cujos pecados são evidentes antes do juízo; ao passo que os de outros só o são após” (1Tm 5,24). Quantos assassinos escaparam? Quantos violadores de túmulos? Mas deixemos a estes. Quantos não vês sofrerem pesado castigo? Uns, na verdade, são entregues a grave doença, outros a contínuos tormentos, ainda outros a males inúmeros. Ao vires alguém que cometeu iguais pecados ou muitos mais e não sofre penas, não confessarás mesmo contra a vontade, que existe geena? Escolhe aqueles que por isso antes de ti foram gravemente punidos; pondera que Deus não faz acepção de pessoas, e que praticaste mil pecados, nada disso sofreste, e te recordarás da geena. Assim, pois, Deus nos incutiu a lembrança, a fim de que ninguém jamais a ignore. Pois também os poetas, filósofos, escritores de contos e em resumo todos os homens, pensaram na remuneração no além, e muitos afirmaram que há tormento nos infernos. Se são fábulas as deles, não as nossas. Não proferi estas coisas querendo assustar-vos em vão, nem para consternar vossas almas, mas a fim de que sejais moderados e mais mansos. Gostaria também eu que não houvesse suplício e mais do que todos vós. Por quê? Porque cada qual de vós teme por sua própria alma; eu, porém, devo prestar contas desse governo, de sorte que mais do que todos não poderia escapar. Mas é impossível não haver geena e suplício. O que fazer? De novo duvidam e dizem: “Onde fica a clemência de Deus”? “Em toda parte”. Mas vou dissertar melhor a esse respeito noutra ocasião, para não atrapalharmos este discurso sobre a geena. Neste ínterim, não se dissipe o que obtivemos com este discurso acerca da geena; não é pequeno lucro. A lembrança destas palavras, qual remédio amargo, introduzida assiduamente em nosso espírito, poderá nos purificar de todo vício. Por conseguinte, empreguemo-lo, a fim de que, por meio de um coração purificado, sejamos dignos de ver o que olho não viu, nem ouvido ouviu, nem subiu ao coração do homem. Possamos todos consegui-lo pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual com o Pai e simultaneamente com o Espírito Santo seja glória, império, honra, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

A vigilância aguardando a Vinda do Senhor

5,1. *No tocante ao tempo e ao prazo, meus irmãos, é escusado escrever-vos,*

2. *porque vós sabeis, perfeitamente, que o dia do Senhor virá como ladrão de noite.*

Coisa alguma talvez seja tão curiosa e desejosa de descobrir o que é obscuro e oculto quanto a natureza humana. Habitualmente isso sucede a quem possui uma inteligência imperfeita e inculta. Com efeito, os meninos mais simples não cessam de importunar com frequentes perguntas os educadores, os mestres e os pais, as quais nada mais são do que: “Quando é isto? Quando é aquilo?” Assim acontece porque eles vivem no meio de prazeres e não têm o que fazer. De fato, nosso espírito se esforça por aprender e compreender muitas coisas, principalmente o que toca ao tempo da consumação. E o que há de espantoso se isso sucede também a nós? Pois até aos santos apóstolos especialmente assim aconteceu. De fato, antes da paixão de Cristo, eles se aproximaram de Cristo e pediram: “Dize-nos quando vai ser isso e qual o sinal da tua vinda e da consumação dos tempos” (Mt 24,3)? Depois da paixão e da ressurreição dos mortos, interrogavam-no: “Senhor, será agora que haveis de restaurar a realeza em Israel” (At 1,6)? Anteriormente nada disso perguntaram. Mas depois agiram de maneira diferente. Com efeito, após terem recebido o Espírito Santo, eles não somente não interrogam, e não se exasperam com o desconhecimento, mas também reprimem os que padecem de intempestiva curiosidade. Escuta, portanto, o que então diz São Paulo: “*No tocante ao tempo e ao prazo, meus irmãos, é escusado escrever-vos*”. Por que não disse: “Ninguém o sabe”? Por que não disse: “Não foi revelado”, e sim: “*É escusado escrever-vos*”? Porque desta forma tê-los-ia antes entristecido, enquanto assim mais os consolou. A expressão: “*É escusado escrever-vos*”, não deixa procurar por ser supérfluo, inútil. Dize-me. Qual o lucro deste exame? Calculemos a consumação para daqui a vinte anos, trinta, cem. Que nos importa? A consumação de cada um não é o fim de sua vida? Por que a respeito do fim geral indagas curiosamente como se fosses tu a dá-lo à luz? Mas o que sucede em outros casos, neste também acontece. Deixando de lado o que é nosso, ocupamo-nos do que é comum, nesses termos: “Este é fornicador, aquele é adúltero, um é ladrão, um outro injuriador”. Enquanto ninguém cuida do que é seu e preocupa-se mais com o que é dos outros do que com o que lhe é próprio, assim também aqui, deixa cada qual de preocupar-se com o próprio fim e quer saber como será a consumação geral. O que ambos tem de comum? Se preparares bem teu fim, da parte dela nada de grave te acontecerá. Quer esteja longe, quer esteja perto. Não nos interessa. Cristo não o disse porque não era oportuno saber. “Por que não era oportuno”, perguntas? Aquele que o escondeu, sabe por que não era oportuno. Escuta o que ele diz aos apóstolos: “Não vos compete conhecer os tempos e os momentos que o Pai reservou a seu poder” (At 1,7). Por que perscrutais curiosamente? Essas palavras foram ouvidas por Pedro, príncipe dos apóstolos, com os seus, porque desejavam saber mais do que convinha. Sim, mas deste modo era possível fechar a boca dos gregos. Como? Dize-me. Porque eles afirmam ser um deus o mundo presente; se soubéssemos o tempo da consumação, fechar-lhes-íamos a boca. Certamente. Seria fechar-lhes a boca, saber que se dissolverá e quando? Se quereis fechar, dissei-lhes que o mundo terá um fim. Se não o aceitarem, também não aceitarão a outra afirmação. Ouve como se expressa Paulo: “*Porque vós sabeis, perfeitamente, que o dia do Senhor virá como ladrão de noite*”.

Não apenas o fim geral, mas também o fim peculiar a cada um. Este imita o primeiro, por lhe ser semelhante e consentâneo. Aquele será total, este será parcial. O tempo da consumação teve início em Adão; o fim de cada uma de nossas vidas é imagem da consumação, e não errará quem disser que se trata de consumação. Pois, se quotidianamente morrem inúmeros e todos hão de esperar aquele dia, e antes dele ninguém ressurgirá, não provirá tudo naquele dia? Se queres saber por que ele é oculto e

virá como um ladrão de noite, direi o que considero correto. Ninguém jamais teria cultivado a virtude durante toda a vida, se aquele dia fosse conhecido e não oculto; mas se soubesse qual o seu último dia, depois de cometer muitos crimes, procuraria o batismo e assim partiria. Pois se agora, com a incerteza incutindo medo nos ânimos, todos após terem passado a vida nos vícios, no último suspiro recebem o batismo, se soubessem com certeza qual o último dia, quem jamais se preocuparia com a virtude? Enquanto perdurava o medo, muitos morreram sem a iluminação, isto é, o batismo, e nem o próprio temor ensinou-lhes a cuidar do que agrada a Deus. Se até o medo lhes fosse tirado, quem jamais seria prudente? Quem seria bom e justo? Ninguém. De resto, agora o medo da morte e o amor à vida assaz contêm e reprimem; se, porém, cada qual soubesse que morreria no dia seguinte, não recusaria fazer coisa alguma antes daquele dia, mas até mataria os que quisesse, inúmeros crimes cometeria, vingando-se dos inimigos.

Um homem perverso, desesperançado, não terá consideração nem para com aquele que veste a púrpura. Quem está inteiramente convicto de que deve morrer, vingar-se-á do inimigo, e primeiro satisfará seu ressentimento, e depois aceitará a morte. Direi ainda um terceiro caso: Os que são ávidos de viver, e ambicionam excessivamente os bens terrenos, morrem com tristeza e dor. Se um jovem soubesse que morreria antes da velhice, ele se sentiria como as feras capturadas, muito indolentes, que se tornam piores com o medo do fim. E os homens fortes? Poderiam conseguir uma recompensa? Pois se soubessem que dentro de três anos deveriam morrer, e não antes deste prazo, que paga teriam se ousassem enfrentar empreendimentos mais árduos? Talvez alguém lhes dissesse: “Uma vez que por três anos estarás bem, desafia os perigos, ciente de que não podes morrer antes. Pois quem sabe que um perigo acarreta morte, mas está certo de que viverá, se não fizer um plano precipitado e temerário; e que morrerá, se o empreender ousadamente, apresenta o maior indício de suas disposições e do desprezo da vida presente. Com um exemplo vo-lo tornarei manifesto. Dize-me. Se o patriarca Abraão previsse que seu filho não morreria, e o levasse à montanha, teria alguma recompensa? E Paulo, se previsse que não morreria e desprezasse o perigo, de que modo seria admirável? Desta forma, pois, até um homem muito covarde saltaria no fogo, se alguém fidedigno lhe desse garantias de que o faria com segurança. Mas os três jovens não eram tais. Como, então, eram? Escuta como falam: “Há um Deus no céu, que tem o poder de nos livrar da fornalha acesa e nos livrará também, ó rei, da tua mão. Mas, se ele não o fizer, fica sabendo, ó rei, que não serviremos os teus deuses, nem adoraremos a estátua de ouro que levantaste” (Dn 3,17-18). Vedes quanto lucro e até mais, porque ignoravam se morreriam? Nesse ínterim, basta o que foi dito. Por isso, virá como o ladrão durante a noite, a fim de não nos precipitarmos nos vícios, na indolência e não perdermos a recompensa. *“Vós sabeis, perfeitamente”*. Se estais convictos, por que examinais curiosamente? Toma conhecimento de que é incerto, através das palavras de Cristo. Escuta o que diz a esse respeito: “Vigiai, portanto, porque não sabeis em que dia vem” o ladrão (cf. Mt 24,42). Por esta razão, igualmente dizia Paulo:

3. Quando se disser: paz e segurança, então lhes sobrevirá repentina destruição, como as dores sobre a mulher grávida; e não poderão escapar.

Aqui insinua o que disse também na segunda Carta. Considerando que eles estavam entre tribulações, enquanto os adversários se achavam no ócio e nos prazeres, consola acerca dos males presentes com este sermão sobre a ressurreição. Eles insultavam repetindo as reflexões dos antepassados: “Quando será?” Também os profetas lastimavam: “Ai dos que dizem: ‘Avie-se ele, faça depressa a sua obra, para que a vejamos; apareça, realize-se o conselho do Santo de Israel para que o conheçamos’” (Is 5,19); e ainda: “Ai daqueles que desejam o dia do Senhor” (Am 5,18); não diz de modo absoluto: aqueles que desejam, mas aqueles que desejam porque descrentes; e: “O dia do Senhor

será trevas e não luz” (Am 5,18); por isso assim se exprime. Vê, portanto, como Paulo os consola, quase com as seguintes palavras: “Pelo fato de viverem no meio de prazeres, não pensem que não virá o juízo; deste modo igualmente advirá”. É importante também perguntar: “Se o Anticristo vem, e Elias vem, como eles dizem: *“Paz e segurança”*, e de repente lhes advém a ruína? Na verdade, estas palavras não deixam ignorar o dia, porque são indícios de sua vinda. Mas não assinalam a ocasião, nem o dia do Anticristo, que é sinal da vinda de Cristo; o Cristo não dará sinal, ao invés, repentinamente há de vir, de forma inesperada. E, diz-se, à mulher grávida o tempo não chegará às ocultas; pois ela sabe que depois de nove meses virá o parto. Ao contrário, é coisa muito incerta, visto que umas dão à luz aos sete meses, outros ao nono; além disso, também o dia e a hora do parto são incertos. De fato, aqui é, portanto, o escopo de Paulo. E a comparação é apurada, porque não há muitos indícios do parto; com efeito, muitas dão à luz nas estradas e fora de casa, porque não previam. Mas, não somente nesse trecho indica incerteza da ocasião, mas também a intensidade da dor. Como a mulher a brincar e rir, nada absolutamente prevê, mas de repente é tomada de dores indizíveis e do labor do parto, assim também as almas, quando chegar aquele dia. *“E não poderão escapar.”* Em seguida, a fim de mostrar que não se refere a eles, acrescenta:

4. *Vós, porém, meus irmãos, não andais em trevas, de modo que esse dia vos surpreenda como um ladrão;*

Com essas palavras, assinala uma vida tenebrosa e impura. Durante a noite agem os homens impuros e perversos, escondem tudo e ocultam-se nas trevas. Dize-me. O adúltero não espera a tarde, o ladrão a noite? O violador de túmulos não opera à noite? E então? Não os surpreende como um ladrão? Não chegam ocultamente? Mas eles o preveem? Como então diz o Apóstolo: *“É escusado escrever-vos”*? Aqui não pondera a incerteza da época, mas a calamidade, isto é, não virá para causar-lhes mal. Efetivamente, advirá também para eles de modo obscuro, mas não lhes ocasionará qualquer pesar. *“Esse dia vos surpreenda como um ladrão.”* Na realidade, quanto aos que estão vigilantes e na luz, mesmo que apareça o ladrão, nada de mal poderá fazer-lhes; de modo semelhante aos que vivem retamente. Mas em relação aos que dormem, isto é, os que confiam demais, ele se retira depois de os espoliar e despojar. Depois, acrescenta:

5. *todos vós sois filhos da luz, filhos do dia.*

De que modo é possível ser filho do dia? Da mesma forma que existem filhos da perdição, filhos da geena. Por essa razão Cristo também disse aos fariseus: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, que percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito, mas quando conseguis conquistá-lo, vós o tornais filho da geena” (Mt 23,15). Igualmente Paulo: “Essas coisas provocam a ira de Deus sobre os filhos da desobediência” (Cl 3,6), isto é, os que praticam atos peculiares à geena, atos de desobediência. Assim como, pois, são filhos de Deus os que fazem o que apraz a Deus, são filhos do dia e da luz os que praticam o que é próprio da luz.

Não somos da noite, nem das trevas.

6. *Portanto, não durmamos, a exemplo dos outros; mas vigiemos e sejamos sóbrios.*

7. *Quem dorme, dorme de noite; quem se embriaga, embriaga-se de noite.*

8. *Nós, pelo contrário, que somos do dia, sejamos sóbrios,*

Aponta que propriamente somos do dia. Na verdade, aqui na terra, isto é, relativamente ao dia e à noite, não depende de nós, mas ao invés, independente de nossa vontade vem a noite, e mesmo sem o

querermos, chega o sono; na outra espécie de noite e sono, porém, não é assim, mas é lícito vigiar perpetuamente, continuamente é dia. Efetivamente, não se origina da natureza e sim do livre-arbítrio, fechar os olhos espirituais, e introduzir o sono relativo ao vício.

“*Mas vigiemos e sejamos sóbrios.*” É possível que durma um vigilante, isto é, que não pratique bem algum; por isso o Apóstolo acrescenta: “*E sejamos sóbrios*”. Na realidade, quem vigia durante o dia, mas não é sóbrio, cairá em inúmeras faltas. Por isso, a intensidade da vigília é a sobriedade.

“*Quem dorme, dorme de noite; quem se embriaga, embriaga-se de noite.*” Denomina embriaguez, não apenas a provocada pelo vinho, mas também a proveniente de todos os vícios. Embriaguez da alma são as riquezas, a cobiça de dinheiro, o amor dos corpos; e seja o que for que enumerares, é embriaguez da alma. Mas por que dá ao sono o nome de vício? Em primeiro lugar porque se alguém dorme está desprovido de energia para a virtude; depois porque está dominado pela fantasia, nada vê de verdadeiro, mas fica repleto de sonhos, e muitas vezes de coisas absurdas; se acaso vê algo de bom, nada é firme e sólido. Tal é a vida presente: cheia de sonhos e visões. Sonhos são as riquezas, a glória etc. Quem dorme, vê coisas irreais e inconsistentes. Coisas inexistentes são apreendidas como se fossem vistas. Tal é o vício e a vida passada no vício. Não vê a realidade, isto é, o que é espiritual, celeste, permanente e sim o que flui e voa e logo lhe escapa. Não basta vigiar e ser sóbrio, mas importa também possuir armas. Pois, embora alguém seja vigilante e sóbrio, se não tiver armas, logo os ladrões o liquidam. Quando se faz mister vigiar, ser sóbrios e munir-se de armas, nós, no entanto, ficamos inermes, desprovidos e dormimos, o que impede que o ladrão nos passe ao fio da espada? Visto que é evidente precisarmos de armas, acrescentou:

8. *Nós, pelo contrário, que somos do dia, sejamos sóbrios, revestidos da couraça da fé e da caridade, e do capacete da esperança da salvação.*

Da fé e da caridade, afirma. Alude à vida e à verdadeira doutrina. Vê como explica o que significa vigiar e ser sóbrio, a saber, ter a couraça da fé e da caridade. Não fala de qualquer espécie de fé, mas da fé ardorosa, sincera, que possa conservar em segurança os que a possuem. Assim como nada corta facilmente uma couraça, muro invisível para o peito, envolve tu também a alma com a fé e a caridade, e nenhum dardo inflamado do diabo poderá atravessá-la. Quando o vigor da alma é protegido com as armas da caridade, em vão, inutilmente os insidiosos preparam ciladas. Pois, nem a malícia, nem as inimizades, nem a inveja, nem as lisonjas, nem a hipocrisia ou coisa semelhante poderá atingir a alma. O Apóstolo não se refere simplesmente à caridade, mas disse que há de ser revestida qual poderosa couraça. Em seguida acrescenta: “*E do capacete da esperança da salvação*”. Como o capacete conserva a parte principal em nós, isto é, a cabeça, envolvendo-a e cobrindo-a de todos os lados, assim também a esperança não deixa ficar prostrada a razão, mas a mantém ereta à semelhança de uma cabeça, e não permite que algo de exterior recaia sobre ela. Enquanto ela não se inclina, não resvala; quem está munido destas armas não cai. “Agora, portanto, permanecem fé, esperança, caridade, estas três” (1Cor 13,13). Depois de ter dito: “Revesti-vos e envolvi-vos”, ele próprio prepara as armas, e manifesta de onde vem a fé, a esperança e a caridade, e as armas se tornam mais fortes:

9. *Portanto, não nos destinou Deus para a ira, mas sim para alcançarmos a salvação, por nosso Senhor Jesus Cristo,*

10. *que morreu por nós,*

Por conseguinte, não chamou para nos perder, mas a fim de nos salvar. E de onde se comprova ser esta a sua vontade? Deu o próprio Filho por nós: de tal forma deseja salvar-nos que entregou o próprio Filho, e não o entregou simplesmente, mas até a morte. Destas considerações e pensamentos nasce a

esperança. Não desesperes de ti mesmo, ó homem, aproxima-te de Deus que por ti não poupou o próprio Filho. Não desanimes por causa dos males presentes. Quem entregou o Unigênito para te salvar e livrar da geena, enfim o que poupará em prol de tua salvação? Por isso deves esperar todos os bens. Se fôssemos comparecer diante do juiz para sermos julgados, e ele houvesse mostrado tanto amor a ponto de imolar por nós o próprio filho, não estremeceríamos. Esperemos, portanto, bens e muito grandes; pois já recebemos o principal, se acreditamos. Vimos, portanto, o exemplo. Amemos. Seria extrema loucura não amar aquele que de tal modo nos amou.

a fim de que nós, na vigília ou no sono, vivamos em união com ele.

11. Consolai-vos, pois, e edificai-vos mutuamente como já fazeis.

E ainda em outro trecho alude à vigília ou ao sono. Mas ali o que denomina sono é diferente. Pois, aqui, refere-se à morte corporal, lá trata do desleixo na presente vida. O sentido é o seguinte: Não tenhas medo dos perigos; mesmo se morrermos, viveremos. Não desesperes, porque estás periclitando. Tens um penhor válido. Se ele não nos tivesse imenso amor, não teria dado o próprio Filho. Apesar de morreres, viverás, pois ele também morreu. Quer, portanto, morramos, quer vivamos, com ele viveremos.

É indiferente: Não me importa viver ou morrer, pois com ele viveremos. Façamos, portanto, tudo por aquela vida, tudo façamos com os olhos fixos nela. O vício é treva, caríssimo, é morte, é noite. Nada vemos do que é preciso ver, nada fazemos do que convém. Como os mortos são disformes e fétidos, a alma dos viciados estão repletas de imundícies; seus olhos estão fechados, a boca comprimida, imóveis as mãos no leito do vício; ou antes, são mais miseráveis do que aqueles aos quais isto acontece. Pois estes, na verdade, estão mortos para ambas as coisas, aqueles, porém, são insensíveis à virtude, vivendo para o mal. Se alguém ferir um morto, ele não sente, nem se vinga; também qual lenho árido a alma está seca, porque perdeu a vida. Pode receber diariamente muitas feridas e nada sente, tudo é indolor. Não errará se alguém os comparar aos loucos, ébrios e delirantes. O vício inclui tudo isso, e é pior que tudo. O louco é muito desculpado pelos que o veem; o livre-arbítrio não está atacado pela doença, mas apenas a natureza; o viciado, contudo, terá vênias? De onde vem o vício? Donde se origina que muitos são maus? De onde? – perguntas. Dize-me. De onde o mal das doenças? De onde o delírio? De onde o pesadelo? Não se origina da negligência? Se as doenças naturais têm início na escolha da vontade, muito mais as do livre-arbítrio. Donde vem a embriaguez? Não se origina da intemperança? O delírio não deriva da intensidade da febre? A febre, porém, não vem do excesso dos elementos em nós? E o fato de haver em nós excesso dos elementos, não se origina da indolência e da falta de atenção? Quando por defeito ou exuberância introduzirmos a imoderação em nossos humores, acendemos aquele fogo. Além disso, se continuamos a menosprezar a chama acesa, ateamos em nós uma fogueira inextinguível. O mesmo acontece ao vício: não impedido ou cortado no início, não podemos extingui-lo no fim, mas haverá de superar as nossas forças. Por isso, suplico, tudo façamos para nunca ficarmos sonolentos. Não vedes que muitas vezes se os guardas se entregarem um pouco ao sono, de nada lhes serve a grande vigilância? Pois naquele pequeno intervalo de tempo perderam tudo, dando grande segurança aos que quiserem roubar. De fato, não percebemos os ladrões da mesma forma que eles nos veem; também o diabo mais do que ninguém está presente, arma insídias, cerra os dentes. Por conseguinte, não cochilemos nem digamos: “Nada de mal acontecerá por isso, nada por aquilo”. Donde menos esperamos, frequentemente fomos espoliados. Assim igualmente quanto ao vício, donde menos esperamos, perecemos. Examinemos tudo com diligência e exatidão. Não nos embriaguemos, e não haveremos de dormir. Não nos saciemos de prazeres e não dormiremos. Não percamos o juízo acerca dos bens exteriores, e perseveraremos na

sobriedade. Tenhamos moderação em tudo, à semelhança dos que andam sobre uma corda esticada, que não se descuidam nem um pouco, porque, por menor que seja o descuido, causará grande danos. De fato, se ele cair, logo se precipita e perece. Também nós não podemos nos descuidar. Ingressamos por um caminho estreito, cercado de todos os lados de precipícios, onde não cabem juntos dois pés. Vês de quanta diligência necessitamos? Não observas como os que avançam entre dois precipícios, não só firmam os pés, mas também cuidam dos olhos? Na verdade, se alguém desviar a atenção, mesmo se os pés estiverem firmemente apoiados, será jogado no fundo se os olhos forem tomados de vertigem. Mas deve atender a si mesmo e a seus passos; por isso se diz: Nem à direita, nem à esquerda. O vício é muito profundo, grandes os precipícios, intensas as trevas embaixo, estreito o caminho; demos atenção com temor, avancemos com tremor. Ninguém que ingressa por esse caminho se entrega ao riso, nem carrega o peso da embriaguez, mas prossegue pelo caminho com sobriedade e jejum; ninguém procedendo por esse caminho, leva algo de supérfluo. Será muito bom se puder sair bem-disposto. Nada lhe impede os pés, mas deixa-os livres.

Nós, contudo, ligados a inúmeras preocupações e ônus pertencentes à vida presente, ofegantes e difusos, como esperamos entrar pelo caminho estreito? Não diz a Escritura apenas: “É estreito”, mas exclama: “Quão estreito o caminho” (cf. Mt 7,14)! isto é, assaz estreito. Assim agimos quanto admiramos muito. E: “Apertado é o caminho que conduz à vida” (Mt 7,14). Com razão afirma: “Apertado”. Pois, se devemos prestar contas de todas as palavras, pensamentos e ações, é realmente apertado. Tornamo-lo, contudo, mais apertado quando nos estendemos e esticamos, e separamos os pés. Pois o caminho apertado é difícil para qualquer um, mas principalmente para os obesos; pois quem se mortifica não sente apertos. Por isso quem decidir conter-se, não fica aborrecido se for apertado.

Ninguém espere, portanto, ir para o céu ocioso; impossível! Ninguém espere com prazeres ingressar pelo caminho estreito; não é possível que isso aconteça. Ninguém que caminha pela via larga, espere obter a vida. Se vires alguém que possua banhos, lautas mesas, que viva cercado de grande número de satélites, no meio de prazeres, não te julgues infeliz porque não participas desses bens, mas chora por aquele que avança pela estrada da perdição. De que adianta esse caminho se termina em aflição? Em que causam dano aquelas tribulações, que conduzem ao repouso? Dize-me. Se alguém for convidado para ir ao palácio real e tiver de passar através de becos apertados e de declives, um outro, porém, pelo meio da praça for arrastado para a morte, a quem denominaremos feliz? A quem lastimaremos? Não é aquele que vai pelo caminho espaçoso? Assim agora também não declaremos felizes os que vivem no meio de delícias, mas os que não as possuem; esses se apressam para o céu, e os outros para a geena. E talvez muitos deles até riem por causa de nossas palavras. No entanto, eu principalmente lamento e choro, porque não sabem quais os motivos de riso, e por quais especialmente havemos de chorar, mas tudo confundem e provocam tumulto. Por isso também eu os lamento. O que dizes, ó homem? Deves ressuscitar e prestar contas de teus atos, e sofrer o pior suplício; dessas coisas não fazes caso, pensas apenas em acariciar o estômago e inebriar-te, e por isso ris? Eu, no entanto, te lamento, ciente dos males que te estão reservados e do suplício que hás de sofrer; e choro mais porque tu ris. Chora comigo, deplora comigo teus males. Dize-me. Se algum dos teus falecer, não terás aversão aos que por causa de sua morte riem, e não os considerarás inimigos; e não amas os que contigo choram e lamentam? De fato, se tua mulher jazer morta, repelirás quem rir; repeles quem chora tua alma tocada pela morte, e ainda ris? Vês a que ponto nos atingiu o diabo de sorte a nos tornarmos nossos próprios adversários e inimigos? Enfim, arrependamo-nos, olhemos ao redor, vigiemos, apreendamos a vida eterna, sacudamos o sono profundo. Há um juízo, um suplício,

uma ressurreição, um exame dos nossos atos. O Senhor vem sobre as nuvens, “à sua frente há um fogo que devora, e ao seu redor tempestade violenta” (Sl 50,3), diz a Escritura. Diante dele um rio de fogo corre, existem o verme que não morre, o fogo inextinguível, as trevas exteriores, o ranger de dentes. Embora fiques acabrunhado mil vezes, não cessarei de repetir. Pois, se apedrejados, os profetas não se calavam, muito mais nós devemos suportar as inimizades; e não devo vos falar para vos agradar, não aconteça que vos enganando, nós mesmos sejamos dilacerados. No além o suplício é imortal, sem alívio. Ninguém em nossa defesa. “Quem terá dó do encantador que se faz morder pela serpente” (Eclo 12,13)? Se nós próprios não temos compaixão de nós quem terá, dize-me? Se vires alguém se traspassando com a espada, poderás poupá-lo alguma vez? De forma alguma. Muito mais quando podemos agir retamente e não nos portamos corretamente, quem nos poupará? Ninguém. Tenhamos pena de nós mesmos. Ao rogarmos a Deus, dizendo: “Tende piedade de mim, Senhor”, digamos a nós próprios: “E nós próprios tenhamos compaixão de nós”. Está em nosso poder que Deus se compadeça de nós; ele no-lo concedeu. Se fizermos o que merece misericórdia, coisas dignas de seu amor aos homens, Deus se compadecerá de nós. Se, porém, não temos compaixão de nós, quem nos poupará? Tende compaixão do próximo e Deus se compadecerá de ti. Quantos hoje se aproximam, dizendo: “Tende piedade de mim”, e não se convertem? Quantos nus, quantos mancos e mutilados e não nos inclinamos, mas desconhecemos suas súplicas? Como queres conseguir misericórdia, se nada fazes que mereça misericórdia? Sejam benignos, sejam misericordiosos, para assim agradarmos a Deus e conseguirmos os bens prometidos aos que o amam, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, com o qual ao Pai e ao Espírito Santo glória, poder, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA HOMILIA

Algumas exigências da vida comunitária

5,12. *Nós vos rogamos, irmãos, que tenhais consideração por aqueles que se afadigam no meio de vós, e vos são superiores e guias no Senhor.*

13. *Tende para com eles um amor especial, por causa do seu trabalho. Vivei em paz uns com os outros.*

Os que presidem têm muitas ocasiões de desânimo; e como os enfermeiros têm necessidade de ser muitas vezes desagradáveis aos doentes, preparando-lhes alimentos e medicamentos sem sabor, mas muito úteis, e os pais frequentemente aborrecem os filhos, assim também os mestres, e até muito mais. Pois o médico, embora os doentes o aborreçam, são bem recebidos pelos parentes e próximos, e muitas vezes até pelo doente. E o pai, apoiado tanto na natureza quanto nas leis externas, com grande facilidade exerce seu domínio sobre os filhos e se contra a vontade castigar e repreender, ninguém o impedirá, nem ousará olhar de lado, enquanto o sacerdote encontra grande dificuldade. Em primeiro lugar, deve governar os de boa vontade, gratos por sua direção; no entanto, é impossível que isso aconteça muito depressa. Pois quem é arguido e repreendido, seja quem for, tendo perdido inteiramente o favor, lhe é infenso; de modo semelhante agirá quem é persuadido, admoestado e rogado. Se eu disser: “Distribui o teu dinheiro aos necessitados”, proferi algo de grave e aflitivo. Se disser: “Acalma a ira, extingue o furor, contém a concupiscência, corta um pouco os prazeres”, tudo isso é pesado e aborrecido. E se castigar o preguiçoso, ou retirá-lo da igreja, ou proibir por ele as preces comuns, fica sentido, não por ter perdido essas coisas, mas por causa da vergonha em público. De fato, trata-se também de aumento da doença o fato de que, privados dos bens espirituais, não sentimos a privação de bens tão grandes, mas vergonha diante dos presentes; não estremecemos, nem temos horror do mal em si. Paulo a esse respeito tem muitos discursos dispersos. E Cristo também os

submete com grande energia, nesses termos: “Os escribas e fariseus estão sentados na cátedra de Moisés. Portanto, fazei e observai tudo quando vos disserem. Mas não imiteis as suas ações” (Mt 23,2). E ainda ao curar o leproso, dizia: “Vai mostrar-te ao sacerdote e apresenta a oferta prescrita por Moisés, para que lhe sirva de prova” (Mt 8,4). E tu dizes: “Fazei dele um filho da geena duas vezes mais do que vós”. E, por isso, repito o preceito: “Mas não imiteis as suas ações”. Cristo exclui, portanto, qualquer pretexto ao súdito. Assim igualmente escreve o Apóstolo a Timóteo: “Os presbíteros que exercem bem a presidência são dignos de uma dupla remuneração” (1Tm 5,17). Escrevendo aos hebreus, também assim se exprimia: “Obedecei aos vossos dirigentes, e sede-lhes dóceis” (Hb 13,17). E aqui novamente: “*Nós vos rogamos, irmãos, que tenhais consideração por aqueles que se afadigam no meio de vós, e vos são superiores e guias no Senhor*”. Tendo-lhes dito: “Edificai-vos uns aos outros”, a fim de não pensarem que os elevara à dignidade de doutores, acrescentou essas palavras, como se dissesse: “Vede que vos permiti edificardes uns aos outros”, pois não é possível que o mestre profira tudo. “*Aqueles que se afadigam no meio de vós, e vos são superiores e guias no Senhor.*” E então, diz-se, não seria absurdo? O que dizes? Tu, na verdade, se um homem te patrocina junto de outro homem, farás tudo e ser-lhe-ás grato. Este te patrocina junto de Deus e não lhe terás gratidão? “E como patrocina?” – dizes. Reza por ti, confere-te o dom espiritual do batismo, visita, exorta e admoesta, e se o chamares no meio da noite ele virá. Nada mais faz do que continuamente estar às tuas ordens e tu acumulas maldições contra ele. O que o obrigou a isso? Fez bem ou mal? Tu, porém, possuis uma mulher, prazeres e segues uma vida dedicada ao comércio. O sacerdote tem a seguinte ocupação: Não tem outra vida senão a que passa na igreja. “*Tende para com eles um amor especial, por causa do seu trabalho. Vivei em paz uns com os outros.*” Vê como conhece as discórdias que surgem? Não diz somente: “Amai”, mas: “Com superabundância”, quais filhos aos pais. Com efeito, por eles sois gerados por geração eterna; por intermédio deles, conseguistes o reino, pelas suas mãos tudo se realiza, por meio deles as portas celestes se vos abrem. Ninguém agite em sedição, ninguém dispute. Quem ama a Cristo, por pequeno que seja o sacerdote, ele o amará, porque por ele tem acesso aos tremendos mistérios. Dize-me. Se queres ver o palácio real, esplêndido pela quantidade de ouro, coruscante pelo fulgor das pedras preciosas, e encontras o guarda das chaves; a um pedido, ele logo abre e lá te introduz, acaso não o preferirias a todos, não o amarias como a pupila dos olhos, não o oscularias? O sacerdote abriu-te o céu e não o osculas, não o abraças? Se tens mulher, não tens a maior estima àquele que a obteve para ti? Assim, se amas a Cristo, se amas o reino dos céus, reconhece por meio de quem o obtiveste. Por isso diz o Apóstolo: “*Por causa do seu trabalho. Vivei em paz uns com os outros*”.

14. *Nós vos exortamos, irmãos: admoestai os indisciplinados; reconfortai os pusilânicos; suportai os fracos; sede pacientes para com todos.*

Aqui fala aos que presidem: “*Admoestai os indisciplinados*”, não corrija por poder, nem com arrogância; com equidade, com mansidão. “*Reconfortai os pusilânicos; suportai os fracos; sede pacientes para com todos*”. Pois, quem é asperamente repreendido, desespera de si, e com o desprezo torna-se mais audacioso; por esse motivo, importa com a admoestação fazer doce o remédio. Quais são os indisciplinados? Os que não agem de acordo com o que agrada a Deus. As fileiras da Igreja são mais harmoniosas e convenientes do que as fileiras militares. Por isso, o maldizente é indisciplinado, o ébrio é indisciplinado, e o avaro, e todos os que pecam, porque não marcham em ordem nas fileiras, mas com desacerto; por isso são afastados. De resto há outra espécie de males, não desses na verdade, mas igualmente um vício, a saber, a discórdia; de fato, ela também de forma igual à preguiça leva à perdição. Quem não suporta uma injúria é pusilânime; quem não tolera a tentação é pusilânime; é ele

a semente semeada sobre a pedra. Existe outra espécie, a saber, a fraqueza. *“Suportai os fracos.”* Denota os fracos na fé, porque acerca da fé pode haver fraqueza. Mas vê como o Apóstolo não deixa desprezá-los. Em outra parte, escrevia: *“Acolhei o fraco na fé”* (Rm 14,1). Com efeito, não permitimos que em nossos corpos pereça uma parte fraca. *“Sede pacientes para com todos.”* De que modo? Também com os indisciplinados? E muito. Ao mestre nenhum medicamento é mais conveniente do que este; nenhum mais apto a quem obedece. Na verdade, ele pode inteiramente incutir pudor, vergonha até ao mais cruel e insolente de todos.

15. *Vede que ninguém retribua o mal com o mal.*

Se não devemos retribuir o mal com o mal, muito menos o bem com o mal; mais ainda, não se deve retribuir com o mal, se o outro não foi o primeiro na maldade. Mas ele, respondes, é desonesto e me injuriou muito. Queres te vingar dele? Não lhe retribuas de igual modo; mas deixa-o sair impune. É suficiente? Absolutamente não.

Procurai sempre o bem uns dos outros e de todos.

Eis a maior sabedoria: não somente não pagar o mal com o mal, mas com o bem. É a verdadeira vingança, que lhe causa dano e utilidade a ti; ou antes igualmente a ele será de grande utilidade, se o quiser. Não julgues que isso foi dito apenas aos fiéis; por isso ele acrescenta: *“Uns dos outros e de todos”*.

16. *Ficai sempre alegres.*

Trata-se das tentações que geram aflição. Ouvi todos vós quantos caístes na pobreza ou na adversidade; daí nasce a alegria. Quando temos o propósito de não nos vingarmos, mas de beneficiarmos a todos, como, pergunto, poderemos sofrer o estímulo da dor? Quem ao ser atingido pelo mal alegra-se desta maneira, de sorte a se vingar com benefícios ao malfeitor, como poderá enfim entristecer-se? E como isto será possível? Se quisermos, é possível. Em seguida, o Apóstolo mostra o caminho:

17. *Orai sem cessar;*

18. *Por tudo dai graças, pois esta é a vontade de Deus.*

Sempre dar graças é próprio do sábio. Sofreu algum mal? Se o quiseres, não será um mal. Dá graças a Deus, e transformar-se-á de mal em bem. Dize também tu conforme dizia Jó: *“Bendito seja o nome do Senhor”* (Jó 1, 21) pelos séculos. Dize-me. Um tal homem, o que sofreu? Caiu doente? Não é novidade; nosso corpo é mortal e passível. Adveio penúria de recursos? Mas estes podem ser adquiridos e perdidos, ou mantidos. Os inimigos te armaram ciladas e te caluniaram? Nesse caso, nós não recebemos injúrias e sim aqueles que as lançaram: *“Sim, a pessoa que peca é a que morre”* (Ez 18,20). Mas não pecou aquele que sofreu o mal, mas quem o praticou. Não é preciso vingar o que morreu, mas rezar por ele para o livrar da morte. Não vedes que a abelha morre com o ferrão? Por meio desse inseto, Deus nos ensina a não afligirmos o próximo; seremos os primeiros a morrer. Efetivamente, ferindo-os, talvez pouco os afligimos; enquanto nós não viveremos mais, como daquele inseto. Ora, a Escritura o louva dizendo: *“Quão diligente é a abelha”* (cf. Eclo 11,3)! Seu produto oferece saúde aos reis e aos particulares. Mas nada a impede de morrer; deve absolutamente perecer. Se, ao fazer o mal, não a livram as obras restantes em que se excede, a nós mais ainda.

És mais cruel do que as feras porque, sem que ninguém te tenha prejudicado, tu te antecipas em ser injusto; ou antes, isto não é peculiar às feras. De fato, se as deixares apascentar na solidão, e não as angustiares necessariamente, de forma alguma haverão de te ferir, nem de se aproximar, nem de

morder, mas seguem seu caminho. Tu, porém, homem racional, dotado de tanto domínio, honra e glória nem às feras imitas em relação a teus semelhantes, mas prejudicas a um irmão e o desprezas. De que maneira poderás te defender? Não ouves as palavras de Paulo: “Por que não preferis, antes, padecer uma injustiça? Por que não vos deixais, antes defraudar? Entretanto, ao contrário, sois vós que cometeis injustiça e defraudais – e isto contra vossos irmãos” (1Cor 6,7-8)! Vês que praticar o mal é sofrê-lo e padecer o mal é ser beneficiado? Pois, dize-me, se alguém maldissesse um magistrado, se alguém injuriasse os que detêm o poder, a quem injuriaria? A si, ou a eles? É evidente que a si. De fato, quem injuria um magistrado, injuria a si mesmo, não a ele; quem, contudo, ultraja um homem, não ultraja nele a Cristo? “De forma alguma”, responde. O que dizes? Quem apedreja a imagem do Imperador, a quem atingem as pedras? Não é a si mesmo? Se quem ataca a imagem de um rei terreno com pedras, apedreja a si mesmo, quem ultraja a imagem de Cristo (pois o homem é imagem de Deus), não injuria a si mesmo? Até quando amaremos o dinheiro? Não cessarei de clamar contra ele; é a causa de todos os males. Até quando nos prende esta ambição insaciável? O que tem de bom ou de belo o ouro? Fico inteiramente estupefato. É certamente ilusão atribuírmos tão grande honra ao ouro e à prata. Ao invés, não damos importância a nossas almas, enquanto cultuamos imagens inânimes. Por onde se propagou na terra esta doença? Quem poderá exterminá-la? Que razão poderá eliminar inteiramente tão cruel monstro e completamente extirpá-lo? Acha-se a cobiça inserta na mente, até na dos que parecem piedosos. Envergonhamo-nos dos preceitos evangélicos; as palavras ficam somente na Escritura e os atos nunca aparecem. Mas o que replicam muitos enganosamente? “Tenho”, diz ele, “muitos filhos e receio cair na necessidade da fome e da penúria, e que me venha a faltar o restante; coro-me de mendigar”. Por isso fazes com que outros mendiguem? “Não posso”, diz alguém, passar fome. Por isso jogas a outros na fome? Sabes como é pesado mendigar, morrer de fome? Poupa a teus irmãos. Tens vergonha de passar fome, dize-me, e não de roubar? Temes morrer de fome, e não receias matar a outros? Ora, passar fome na verdade não é vergonhoso, nem crime; lançar os outros na fome, não só acarreta vergonha, mas também o pior dos suplícios. São pretextos, palavras ocas, ninharias. Com efeito, comprovam que não é por causa dos filhos que não praticais essas obras; aqueles que não têm filhos, nem os terão, no entanto não se incomodam e agem pessimamente e acumulam tantas riquezas quantas teriam se houvessem de deixar a mil filhos. Não é a solicitude para com os filhos que os torna ávidos, mas a doença do espírito. Por isso, também muitos que não têm filhos sofrem de um louco amor ao dinheiro; outros, porém, que têm numerosa prole, desprezam até os bens que possuem; no último dia eles te acusarão. Pois, se ganhar filhos trouxesse a necessidade de acumular riquezas, deviam eles ter idêntico desejo, a mesma cobiça. Se, contudo, não têm, não ficam furiosos por causa do número de filhos, mas por avareza e cobiça de dinheiro. “E quais são”, pergunta ele, “que desprezam as riquezas, apesar dos filhos?” Muitos e frequentemente. Se queres, falarei de alguns dos antigos. Acaso Jacó não teve doze filhos? Não passou uma vida de mercenário? O sogro não foi injusto para com ele? Não o enganou muitas vezes? Acaso o grande número dos filhos obrigou-o a planejar o que não devia? O que aconteceu a Abraão? Não teve muitos outros filhos além de Isaac? E então? Não partilhava com os peregrinos o que tinha? Vês: não somente não praticava injustiça, mas até cedia dos próprios bens, fazendo benefícios, e ainda preferindo ser prejudicado pelo sobrinho? Verdadeiramente, suportar por causa de Deus ser extorquido é muito mais do que beneficiar. Por quê? Por constituir fruto do ânimo e do livre-arbítrio, de sorte que se torna fácil; o primeiro, porém, é insulto e violência, e mais facilmente alguém daria dez mil talentos espontaneamente, e julgaria que nada de grave padeceria do que suportaria tranquilamente que a contragosto lhe fossem roubados três óbulos. Isto provém mais da sabedoria de uma alma. É o que vemos ter feito Abraão: “Ló viu toda a planície do Jordão, que era irrigada como o jardim do Senhor.

Ló a escolheu para si” (Gn 13,10-11). Abraão em nada se opôs. Vês que não somente não causou dano, mas o suportou? Por que acusas os teus filhos, ó homem? Deus não nos deu filhos para roubarmos os outros. Vê se não irritas a Deus falando desse modo. Pois, se afirmas que eles constituem para ti causa de rapina e avareza, temo que não os percas, visto que prejudicam e armam ciladas. Deus te concedeu filhos para cuidarem de ti na velhice, e de ti aprenderem a virtude.

Deus quis estabelecer o gênero humano principalmente empregando dois meios: um, constituir os pais como mestres; o outro, criar um grande amor. Se os homens simplesmente fossem gerados, não haveria relações mútuas. Pois, se agora que existem pais, filhos e netos, muitos não cuidam uns dos outros, seria pior se fosse de modo diverso. Foi por isso que Deus te deu filhos; não os acuses. Se, porém, os que têm filhos não encontram desculpa alguma, os que não os possuem e atormentam-se em acumular riquezas, o que podem dizer? Mas também eles dizem algo que não tem escusa. O que é? Em lugar dos filhos, tenhamos riquezas para memória de nós. É muito ridículo. Em vez dos filhos, diz ele, a casa será imortal monumento da minha glória. Não será memória da tua glória, mas da tua avareza. Não vês que agora muitos, ao saírem de casas grandiosas, dizem entre si: “Quanto ele avidamente adquiriu, quanto roubou para construir esta casa? E agora acha-se reduzido a pó e cinza, enquanto a casa coube por herança a outros. Por conseguinte, não deixas lembrança de tua glória, mas de tua avareza. O corpo está, na verdade, enterrado; a recordação da avareza, no entanto, que o decorrer do tempo poderia ter ocultado, não o permite, mas faz com que, por causa da casa, seja revolvida e desenterrada. Com efeito, enquanto a casa estiver erguida com o teu nome inscrito, e for dito que é tua, necessariamente a boca de todos em geral se abre contra ti. Vês ser melhor nada possuir do que estar sujeito a tal acusação? E isto aqui na terra; no além, contudo, dize-me, o que faremos, sendo aqui donos de tantas posses, e nada distribuindo ou muito pouco? Como nos despojaremos do que adquirimos por avareza? De fato, quem quiser desfazer-se do que alcançou avaramente, não há de retirar um pouco do muito, mas muitas vezes mais do que o montante do roubo e desistir de furtar.

Escuta o que diz Zaqueu: “Se defraudei a alguém, restituo-lhe o quádruplo” (Mt 19,8). Tu, porém, que roubas dez mil talentos, se mal entregas algumas dracmas, julgas que restituíste tudo, e tens a impressão de teres dado com excesso. Ora, devias restituir a mesma quantia, e acrescentar outros bens de tua casa. O ladrão não se defende somente com a devolução daqueles bens, mas não raro perde de acréscimo a própria vida, e muitas vezes ultrapassa de longe a quantia deles ao solver; assim também o avaro. De fato, o avaro é ladrão e salteador, porém muito mais cruel, porque maior tirano. Pois o primeiro, atacando às ocultas e de noite, diminui muito a audácia do crime, com a vergonha e o medo de fazer o mal; o segundo, contudo, mais sem pudor, de rosto descoberto pelo meio da praça, rouba de todos, sendo simultaneamente ladrão e tirano; não perfura as paredes, não apaga a luz, não abre a arca, nem quebra os sigilos. Mas, então?

Age com maior arrogância: na presença dos que foram danificados em seus bens, expulsa-os porta afora, abre tudo com ousadia, obriga-os a expor eles próprios o que têm, de tal modo é excessiva a sua violência. É tanto mais perverso quanto mais insolente e tirânico. Efetivamente, quem sofreu qualquer dolo acabrunha-se, mas sente certo alívio pelo medo que sente quem o ultraja; padece e é desprezado, mas não pode empregar a força; a zombaria seria maior. Dize-me. Se alguém cometer adultério com uma mulher às ocultas, um outro diante do marido, quem causaria maior dor e seria mais capaz de afligir? Não é este último? Pois este, além de ter feito o mal, despreza; o outro, ao menos, demonstra ter medo daquele que fora ultrajado. Assim também relativamente aos bens, quem toma ocultamente, respeita o dono pelo fato de agir ocultamente; o que, porém, toma aberta e publicamente, além de causar prejuízo, também desonra. Cessemos, portanto, pobres ou ricos, de roubar os bens alheios. Não

me dirijo apenas aos ricos, mas também aos pobres. E também esses roubam aos mais pobres do que eles, e os artífices mais ricos e potentes vendem os mais necessitados e pobres, os traficantes aos traficantes, e assim todos os que estão na praça. Por isso quero eliminar a injustiça de todos. A injustiça não consiste na medida do que é roubado e furtado, mas na vontade do ladrão. Lembro-me de já vos ter dito, se vos recordais bem, que são mais ladrões e sofrem mais do vício da cobiça aqueles que nem as coisas pequenas menosprezam. Mas a esse respeito não vamos insistir em pormenores; sirva a palavra assim igualmente aos ricos. Exercitemos doravante nosso espírito em não ambicionar as coisas maiores, a não desejar o supérfluo. Quanto aos bens celestes, os anelos nunca tenham limite, mas todos queiram sempre mais; na terra contudo, cada qual se contente com o que for útil e suficiente, e nada mais ambicione, a fim de conseguir os verdadeiros bens, pela graça e amor aos homens etc.

DÉCIMA PRIMEIRA HOMILIA

5,19. *Não extingais o Espírito;*

20. *não desprezeis as profecias.*

21. *Discerni tudo e ficai com o que é bom.*

22. *Guardai-vos de toda espécie de mal.*

Difundi-se sobre toda a terra densa escuridão e uma nuvem tenebrosa. Paulo, ao sublinhar o fato, dizia: “Outrora éreis trevas” (Ef 5,8), e ainda: “Vós, porém, irmãos, não andais em trevas, de modo que esse dia vos surpreenda como um ladrão”. Estando, por assim dizer, em noite sem luar, nela andamos; Deus nos concedeu, no entanto, uma lâmpada brilhante, acesa pela graça do Espírito Santo em nossas almas. Mas alguns, na verdade, tornaram esta luz recebida mais esplêndida e fulgurante, como Pedro e Paulo, e todos aqueles santos. Outros, contudo, a extinguiram, como as cinco virgens, os que naufragaram na fé, o coríntio fornicador, e os gálatas em contenda. Por isto diz agora Paulo: “*Não extingais o Espírito*”, isto é, a graça; é costume assim denominar a graça do Espírito. A vida impura a extingue. Como, ao infundir-se água ou terra na luz desta lâmpada, ou nada, mas apenas extrair-se o óleo, ela se extingue, assim também, se misturares ao carisma preocupações terrenas e cuidados efêmeros, extingues o espírito; se nada disso fizeres, mas irromper de alguma parte uma tentação veemente qual ventania, e a chama não for forte, ou tiver pouco óleo, ou não obturares a brecha ou não fechares a porta, tudo se perde.

Mas, o que é a brecha? À semelhança da lâmpada, assim em nós, são frestas os olhos e os ouvidos. Não deixes que através deles irrompa o vento veemente da malícia, que apaga a lâmpada; mas obtura-a com o temor de Deus. A boca é uma porta; fecha-a e serra-a para que tenhas luz e se impeça uma irrupção do exterior. Por exemplo, alguém te injuriou, amaldiçoou? Fecha a boca, porque, se a abrires, irrompe o vento. Não vês nas construções, quando existem em sentido contrário e direto duas portas, e o vento for violento, se fechares uma, e não houver sopro contrário, a ventania nada pode, mas corta-se a maior parte de sua violência? Assim também aqui, há duas portas, a tua boca e a daquele que te ultrajou e injuriou; se fechares a tua, sem um sopro ao contrário, extingues todo o vento; se, porém, abrires, torna-se incoercível. Por conseguinte, não extingamos a graça. Muitas vezes acontece que, sem que nada surja, a chama se apaga: quando falta o óleo, quando não damos esmola, o espírito se extingue. Pois vem a ti por misericórdia de Deus; depois, se não produces o fruto da misericórdia, escapa voando; não permanece na alma sem compaixão. E expelido o espírito, sabeis o resultado quantos de vós caminhastes numa noite sem luar. Se, porém, o caminho que leva de uma terra a outra

é difícil à noite, será seguro ingressar no caminho que da terra conduz ao céu? Não sabeis que há muitos demônios neste espaço, muitas feras, muitos espíritos malignos? Entretanto, à esta luz, em nada nos poderão prejudicar; se, porém, a perdermos, logo nos eliminam, logo tiram tudo o que possuímos. De fato, também os ladrões, primeiro apagam a luz e em seguida roubam. Pois eles na verdade enxergam nessas trevas, porque fazem obras das trevas; nós contudo não estamos acostumados a fraca luz. Não extingamos, portanto, a nossa. Toda má ação, maldição, injúria e tudo o que de mal disseres, a elimina. Pois relativamente ao fogo, tudo o que lhe é alheio, apaga-o e acende-o o que lhe é afim; igualmente em relação à luz, o que é seco, quente, inflamado acende a chama do espírito. Por conseguinte, não introduzamos algo de frio, nem de úmido, porque a apaga. Existe outra explicação. De muitos entre os profetas, uns proferiam a verdade, outros mentiam. O Apóstolo afirma também na Carta aos Coríntios que Deus por isso deu o discernimento dos espíritos (1Cor 12,10). Visto que o diabo é maligno, quis por este carisma revolucionar toda a Igreja. Uma vez que ambos, o demônio e o espírito, prediziam, mas o primeiro falando falsidades, o segundo a verdade, em parte alguma se poderia ter indício de um e outro, mas ambos falavam sem distinção, tal Jeremias e Ezequiel; mas na ocasião propícia foram convencidos, e Deus lhes deu o discernimento dos espíritos. Então igualmente entre os tessalonicenses muitos profetizavam, o que o Apóstolo indica em outra parte, nesses termos: “Não vos perturbeis nem por palavra profética, nem por carta que se diga vir de nós, como se o dia do Senhor estivesse próximo” (2Ts 2,2). Tendo dito: “*Não extingais o Espírito*”, oportunamente acrescentou o que se segue: “*Não desprezeis as profecias*”, isto é, pelo fato de haver entre vós alguns falsos profetas, proibi-os de falar e afastai-vos deles; mas não os extingais, quer dizer: “*Não desprezeis as profecias*”.

Vês que é este o sentido da expressão: “*Discerni tudo*”? Tendo dito: “*Não desprezeis as profecias*”, a fim de que não se pensasse que deixou acessível a todos a cátedra, diz: “*Discerni tudo*”, isto é, as verdadeiras profecias. “*E ficai com o que é bom.*”

22. *Guardai-vos de toda espécie de mal.*

Não desta ou daquela espécie, mas: “*de toda*”. Julgai após exame as realidades verdadeiras e as falsas, e destas vos abstenhais, mas aderi às primeiras. Desta forma, o ódio às falsas será intenso e dedicar-se-á amor às verdadeiras, se não agirmos superficialmente e sem exame, mas com exatidão e apuro.

23. *O Deus da paz vos conceda santidade perfeita; e que todo o vosso espírito, a alma e o corpo sejam guardados de modo irrepreensível para o dia da vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.*

Vê a benevolência do mestre; depois da advertência acrescenta ainda as preces, não somente em palavras, mas também nas cartas, pois são necessários os conselhos e as preces. Em consequência, também nós primeiro aconselhamos, e após fazemos preces em vosso favor; e isso sabem os que foram iniciados nos sagrados mistérios. Mas Paulo com razão o fazia, porque possuía junto de Deus grande confiança e liberdade; nós, no entanto, sentimos vergonha e não temos crédito, mas como somos estabelecidos no ofício, agimos, apesar de indignos de assistir e de ocuparmos o último lugar entre os discípulos; pois, visto que, mesmo através dos indignos a graça opera, não por causa deles, mas daqueles aos quais há de ser útil, damos nossa contribuição. “*Ele vos conceda santidade perfeita; e que todo o vosso espírito, a alma e o corpo, sejam guardados de modo irrepreensível para o dia da vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.*” O que significa espírito nesse trecho? Um carisma. Efetivamente, se partirmos tendo as lâmpadas acesas, entraremos no tálamo do esposo; se estiverem apagadas, de modo algum. Por isso diz o Apóstolo: “*Todo o vosso espírito*”. Se aquele permanece íntegro, também o espírito permanece. “*A alma e o corpo.*” Nem ela admite qualquer mal, nem ele.

24. Quem vos chamou é fiel, e é ele que vai agir.

Vê a humildade, pois, após haver rezado, declara: “Não penseis que isto se realiza devido a minhas preces, mas ao plano daquele que vos chamou”. Se chamou à salvação, e ele é fiel, dará certamente a salvação quando quiser.

25. Orai por nós, irmãos.

Ah! quanta humildade! Ele o dizia por humildade; nós, ao invés, não é por humildade, mas por grande utilidade, e querendo obter de vós algum lucro, dizemos: “*Orai por nós*” também. Embora não alcancéis de nossa parte grande e admirável utilidade, mas ao menos a própria honra, a própria denominação. Certa vez um homem tinha filhos, e apesar de não os ter ajudado, contudo, como era pai, os censurava nesses termos: “Nem um só dia recebi de vocês o nome de pai”. Por isso nós também dizemos: “Rezai também por nós”. Não o dizemos simplesmente, mas desejando muito vossas preces. Sou obrigado a cuidar de todos vós, e hei de prestar contas por isso; tanto mais devo fruir de vossas preces. As contas serão mais estritas por vossa causa; muito mais então vós deveis prestar-me auxílio.

26. Saudai a todos os irmãos com o ósculo santo.

Ah! Quanto ardor! Ah! que espírito! Uma vez que, estando ausente, não podia saudá-los com o ósculo santo, saúda-os por intermédio de outros. Assim fazemos nós, quando dizemos: “Oscula-o por mim”.

Deste modo, vós também deveis manter o fogo da caridade, que não sofre distâncias, mas se prolonga também através dos caminhos intermediários e está presente em toda parte.

27. Conjuro-vos, no Senhor, que esta carta seja lida a todos os irmãos.

Trata-se antes de desejo, não de ensinamento, a fim de que a eles igualmente eu me dirija, diz ele.

28. A graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja convosco! Amém.

Não ordena suavemente, mas conjurando, devido a um propósito ardoroso, de sorte que, se acaso menosprezarem o preceito, obedeçam por causa da adjuração, que provoca bastante medo; atualmente, porém, até isso é conculcado. E muitas vezes acontece que um escravo é torturado e adjura a Deus e a seu Cristo, dizendo: “Assim morras, cristão”, e ninguém dá atenção, ninguém adverte. Se adjurar em nome de um filho, logo a contragosto e com ranger de dentes, acalma-se a ira. Outro ainda é arrastado, conduzido ao meio da praça, e na presença de pagãos e judeus, aquele que é arrastado adjura pelos terríveis mistérios e ninguém dá atenção. O que não diriam os gregos quando um fiel adjura a um outro fiel e cristão, que não dá importância, mas até despreza?

Quereis que vos conte o que eu mesmo escutei? Não é narrativa inventada, mas eu a ouvi da parte de alguém digno de crédito. Certa escrava era casada com um homem malvado, perverso e fugitivo, que cometia inúmeras faltas e sua senhora queria vendê-lo. As faltas não mereciam vênias, e a mulher, viúva, que não conseguia castigar aquele que desvirtuava sua casa, decidira vendê-lo. Em seguida, considerando ser impiedoso separar marido e mulher, achou preferível à separação vendê-la conjuntamente, embora fosse honesta e útil. Vendo-se a jovem em grande perplexidade, procurou uma amiga de sua senhora, pessoa respeitável, conforme esta mesma me contou, e caindo-lhe aos pés, derramando copiosas lágrimas e com gemidos, pediu-lhe que intercedesse junto de sua dona; e após muitas palavras, como forma apropriada de persuadi-la de modo especial, acrescentou horrenda impreciação. O juramento era nos seguintes termos: “Cristo te trate no dia do juízo como me trata, e não desprezes a minha dignidade”. E tendo dito isso, a escrava partiu. Aquela mulher, porém, que fora rogada, ocupada com muitos afazeres domésticos esqueceu-se do fato. Logo, porém, de repente na

parte da tarde, recordou-se do terrível juramento, e profundamente arrependida, foi interceder instantaneamente, e resolveu a questão a contento. Naquela noite, porém, viu de repente os céus abertos e o próprio Cristo; viu, como possível a uma mulher. Foi gratificada com esta visão porque ficou totalmente preocupada com o juramento e encheu-se de temor. Narrei o fato, para não desprezarmos as adjurações, principalmente quando alguém nos suplicar algo de bom e honesto, por esmola, por benignidade. Agora, contudo, ficam sentados os pobres mancos e mutilados, que te veem passar; uma vez que não te podem seguir, esperam te deter, estendendo as mãos e incutem como uma isca o medo da adjuração, a fim de dares apenas um ou dois óbolos. Tu, contudo, passas adiante, se te adjurarem em nome do Senhor; mas se for pelos olhos do marido em viagem, ou do filho ou da filha, logo cedas, te sobressaltas, te animas; mas se adjurarem pelo Senhor, caminhas para a frente. Eu conheço muitas que, tendo ouvido o nome de Cristo, passaram adiante; se os que acederam, louvaram-nas pela beleza, ficaram alegres, cederam e estenderam as mãos. Os míseros pobres acrescentam isso para provocar riso. Visto que, ao usarem palavras veementes e pesadas, não comovem, empregam este meio pelo qual especialmente deleitam; e nossa improbidade obriga aquele que está na miséria e atormentado pela fome a fazer um elogio da beleza.

E oxalá fosse só isso! Mas há outra espécie mais dolorosa, a saber, obriga os pobres a serem prestidigitadores, obscenos e farsantes. Pois quando um deles firma nos dedos cálices, tigelas e copos, toca-os como címbalos e com uma flauta e em alta voz entoa canções torpes e lascivas; em consequência, muitos o cercam, e uns dão um pedaço de pão, outros um óbolo etc. e homens e mulheres param por muito tempo e se deleitam. O que pode haver de pior? Não é em extremo deplorável? São coisas pequenas, tidas por pequenas, mas que introduzem em nossos costumes grandes pecados. Pois o dito obsceno com melodia suave amolece o ânimo, e corrompe a própria alma. O pobre, na verdade, que invoca a Deus e impetra inúmeros bens, é tido em nenhuma conta; o que em vez disso introduz pedidos inconsistentes, é apreciado.

Dir-vos-ei agora o que me vem à mente. O que é? Se caíres em pobreza e doença, se não for de outro modo, aprende ao menos dos mendigos, que andam por ruas estreitas, a dar graças a Deus. Eles, de fato, que gastam a vida toda na mendicância, não blasfemam, não se revoltam, não se impacientam; mas falam de sua mendicidade com ação de graças e consideram a Deus grande e benigno. Quem morre de fome chama-o de benigno; tu, porém, que vives na maior abundância, se não receberes toda espécie de bens, o denominas cruel. Quanto não é ele melhor do que tu? Então não nos condenará? Deus nos deixou os pobres por toda a terra para serem em geral mestres de infelicidade e de consolo. Sofreste algo que não querias? Mas não tem comparação com o que ele sofre. Perdeste um olho? Mas ele os dois. Sofreste diuturna doença? Mas ele está atingido de uma incurável. Perdeste os filhos? Mas ele até a saúde do corpo. Sofreste grande prejuízo? Mas ainda não foste reduzido a precisar dos outros. Dá, portanto, graças a Deus. Tu os vês na fornalha da pobreza, mendigando de todos, recebendo de poucos. Quando te cansas de orar sem alcançares o que suplicas, pensa quantas vezes ouviste um pobre chamar e não atendeste; ele, porém, nem se irritou, nem te injuriou. Ora, tu assim ages por maldade; Deus por benignidade não ouve. Se, portanto, não escutas o companheiro de serviço por maldade, não é justo seres repreendido? Censuras o senhor, que não escuta o servo por benignidade? Vês como é tamanha a desigualdade, grande a injustiça?

Pensemos sempre nisto, nos inferiores e nos que passam por maiores tribulações e assim daremos graças a Deus. A vida está repleta desses exemplos. Não possui pequena formação quem é sóbrio e quer atender, ao menos nos oratórios. Por isso, diante das igrejas e do vestibulo das igrejas dos mártires, ficam sentados os pobres, a fim de nós retirarmos grande vantagem desse espetáculo. Pensa

que, ao entrarmos nos palácios dos reis da terra, nada disso podemos ver; ao invés, homens graves, ilustres, ricos e inteligentes acorrem de todos os lados. No verdadeiro palácio, isto é, na igreja, e nos oratórios dos mártires, os que entram encontram demoníacos, mancos, pobres, velhos, cegos e estropiados. Por quê? A fim de aprenderes por meio deste espetáculo; em primeiro lugar, se entrares trazendo de fora algum luxo, ao vê-los deporás o orgulho e terás o coração contrito, e deste modo entrarás e ouvirás o que se disser (é impossível ser ouvido quem reza com soberba). Ao contemplares um velho, não te orgulhes por causa do vigor da juventude, pois também estes velhos foram jovens. Se te gabas por causa da milícia e do poder régio, pensa que, no meio deles, existem alguns que foram preclaros nos palácios dos reis. Se confias na saúde corporal, olhando-os, reprimas a soberba. De fato, dentre os que assiduamente aqui entram, quem está realmente sadio não pode se comprazer muito a respeito da saúde corporal; quem se acha doente receberá grande consolo. Não é apenas por isso que os pobres aqui estão sentados, mas para te tornares compassivo, te inclinares à misericórdia, e admirares a benignidade de Deus. Se Deus não se cora deles, mas colocou-os nos vestíbulos, muito mais o debes fazer. Não te orgulhes por causa dos palácios dos reis da terra. Não te envergonhes quando chamado por um pobre e, se ele se aproximar, se segurar teus joelhos, não o repilas; são uma espécie de cães, admirados nos palácios dos reis. Não os ofendi chamando-os de cães, de forma alguma, mas até assaz os louvo; eles guardam o palácio. Por conseguinte, debes criá-los, pois constitui honra para o rei. Lá tudo é luxo e soberba, quero dizer, nos palácios terrenos; aqui tudo é humildade. Aprenderás principalmente nos adros que nada valem as coisas humanas. Entende que Deus não se apraz nos ricos através dos que estão sentados diante do adro. O fato de estarem sentados e congregados constitui certa advertência à natureza humana, emitida em voz clara: “Nada são as coisas humanas, senão sombra e fumaça”. Se as riquezas fossem um bem, Deus não permitiria que os pobres se sentassem nos adros. Se admite também ricos, não te espantes; pois não admite a fim de que continuem ricos, mas para que abandonem o orgulho. Escuta, pois, o que lhes diz Cristo: “Não podeis servir a Deus e ao dinheiro”, e ainda: “Um rico dificilmente entrará no reino dos céus”, e novamente: “É mais fácil um camelo entrar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus (Mt 6,24; 19,23-24). Por isso acolhe os ricos para ouvirem essas palavras, desejarem as riquezas eternas, anelarem pelos bens celestes. E por que te admiras se não menospreza que tais se sentem em seus vestíbulos? Não menospreza chamá-los à mesa espiritual e fazê-los partícipes daquele convívio. Mas também o coxo e mutilado, o velho esfarrapado, sórdido e constipado vem participar da mesa com o belo jovem, com quem está revestido da púrpura e cingido com o diadema, e é considerado digno do convívio espiritual, e todos usufruem de idênticos bens, sem diferença alguma.

De fato, Cristo não menosprezou convidá-los à sua mesa simultaneamente com o imperador; na verdade, são chamados conjuntamente. Tu talvez não queres ser visto a dar esmola aos pobres, ou até mesmo falar com eles? Ah! Quanta arrogância, quanto luxo! Não nos suceda o mesmo que outrora ao rico (Lc 16,19ss). Não se dignava nem mesmo olhar a Lázaro, introduzi-lo sob seu teto, mas deixava-o fora rejeitado no vestíbulo; nem dirigia-lhe a palavra. Mas, ao precisar do auxílio de Lázaro, não o conseguiu. Se, portanto, envergonhamo-nos daqueles de quem Cristo não se envergonha, Cristo se envergonhará de nós, porque nos envergonhamos de seus amigos. Encha-se tua mesa de coxos, e mutilados; por meio deles, Cristo se faz presente, não através dos ricos. Talvez rias ao ouvires isso. Não julgues ser palavra minha. Escuta o próprio Cristo e não rias, mas temas. “Ao dares um almoço ou jantar, não convides os amigos, nem os irmãos, nem os parentes, nem os vizinhos ricos, para que não te convidem por sua vez, e te retribuam do mesmo modo. Pelo contrário, quando deres uma festa, chama os pobres, estropiados, coxos, cegos; feliz serás, então, porque não têm com que te retribuir. Serás, porém, recompensado na ressurreição dos justos” (Lc 14,12-14). Aqui a glória é maior, se de

fato a amas. Pois da parte daqueles outros há inveja, emulação, acusações e maldições e muito medo de acontecer algo de indecoroso; dessa forma assistis como um escravo na presença de senhor, e se os convidados forem mais ilustres, por temor de suas queixas e comentários. Entre os pobres, porém, nada disso, mas qualquer coisa que ofereceres, será recebida com gosto. Daí vêm maior aplauso, glória mais esplêndida, maior admiração. Não são tanto eles que aplaudem quanto todos os que ouvem a notícia. Se, porém, não acreditas, experimenta, tu que és rico, que convidas gerais e príncipes; convida os pobres e enche para eles a mesa, para veres se todos não te aplaudem, não te amam, não te considerarão um pai. Das outras ceias não retiras lucro algum; por meio dessa são-te reservados o céu e os bens celestes. Seja-nos dado a todos consegui-los, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, com o qual ao Pai junto com o Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

¹ Uma seleção de trechos dos principais comentários patrísticos às cartas aos Tessalonicenses pode ser encontrada em GORDAY, Peter & ODEN, Thomas C. (org.). *Colosenses, 1-2 Tesalonicenses, 1-2 Timoteo, Tito, Filemón (La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patrística. Volume 9: Nuevo Testamento)*. Director de la edición en castellano: Marcelo MERINO RODRIGUEZ). Madrid-Buenos Aires-Bogotá-Montevideo-Santiago: Ciudad Nueva, 2002.

² Engano no original grego: ao referir-se a Timóteo, S. João Crisóstomo tem em vista concretamente o texto de Fl 2.

³ No original grego está “coríntios”, mas S. João Crisóstomo está se referindo concretamente aos gálatas. Daí que o correto seria dizer “como aos gálatas”.

HOMILIAS SOBRE A SEGUNDA CARTA AOS TESSALONICENSES DE SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, PADRE DA IGREJA, ARCEBISPO DE CONSTANTINOPLA

PRIMEIRA HOMILIA

INTRODUÇÃO

Paulo, ao dizer na primeira carta: “Noite e dia rogamos poder rever-vos”; e: “Não podendo mais suportar, resolvemos ficar sozinhos em Atenas e enviamos a Timóteo” (1Ts 3,10.1-2), manifesta-lhes todo o desejo que tinha de ir visitá-los. Talvez como ainda não conseguisse ir vê-los, a fim de suprir o que lhes faltava relativamente à fé, acrescenta esta segunda carta, a fim de completar por carta o restante que não podia transmitir pessoalmente. É lícito concluir que não foi, pelas seguintes palavras que escreveu: “*Quanto à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, rogamo-vos irmãos*” (2Ts 2,1). Pois dizia na primeira carta: “No tocante ao tempo e ao prazo, é escusado escrever-vos” (1Ts 5,1). Na verdade, se estivesse presente, não precisaria escrever coisa alguma; mas como adiou, acrescentou a presente carta, conforme declara na Carta a Timóteo: “Eles se desviaram da verdade, dizendo que a ressurreição já se realizou” (2Tm 2,18).

Assim agiam a fim de que os fiéis, sem esperar mais algo de importante, desanimassem de assumir os trabalhos. Pois, visto que a esperança os estimulava e não deixava que eles se envolvessem com as realidades temporais, o diabo procurava cortar-lhes as amarras da âncora: não podendo persuadir que as realidades futuras eram falsas, tomou outro caminho, e por intermédio de homens perdidos e malvados, tentava enganar os fiéis, sugerindo-lhes que já haviam alcançado aquele fim grandioso e sublime. Ora afirmavam eles que a ressurreição já acontecera; ora, porém, asseguravam estar iminente a vinda de Cristo e o juízo, a fim de tornar o próprio Cristo réu de mentira, e persuadirem que não haveria de resto nem remuneração, nem juízo, nem pena, nem suplício para os malfeitores, tornando os maus mais audazes e os fiéis mais tímidos. E mais grave que tudo, tentavam alguns apenas transmitir pretendidas palavras de Paulo; outros falsificavam cartas, que diziam escritas por ele. Por isso, fechando-lhes todos os caminhos, o Apóstolo declara: “*Não vos perturbeis nem por meio de um espírito, nem por palavra profética, nem por carta que se diga vir de nós*” (2Ts 2,2). “*Nem por meio de um espírito*”, diz ele, indicando os falsos profetas. De onde deduzimos isto? Do que acrescenta, pois adita: “*A saudação é de meu próprio punho, Paulo. É este o sinal que distingue minhas cartas. Aí está a minha letra! A graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja com todos vós*” (2Ts 3,17-18). Não afirma ser este o sinal, pois é verossímil que os outros tenham imitado também a letra, mas: “*A saudação é de meu próprio punho*”, conforme também nós costumamos fazer. De fato, a subscrição manifesta que a letra é do remetente. Adverte-os porque estiveram impregnados de males, louva-os pelos bens presentes, exorta pelos futuros: admoesta sobre o suplício e a remuneração reservada aos bons, trata mais claramente do assunto, sem revelar o tempo, mas aludindo aos sinais do tempo, a saber, o Anticristo. Então, especialmente a alma fraca adquire certeza, se não apenas ouvir algo acerca dos eventos, mas também se souber algo mais. Cristo também demonstrou solicitude a este respeito, uma vez que na montanha, estando sentado, falava cuidadosamente aos discípulos sobre a consumação. Por quê? Para não dar oportunidade aos que introduziam anticristos e falsos cristos. E apresenta ele próprio muitos sinais, e o principal, a saber, o anúncio do evangelho a todos os povos; outro, contudo, para evitar engano sobre a sua vinda: “Como o relâmpago” (Mt 24,27) ele virá, não num recanto

escondido, mas resplandecente em todo lugar, sem precisar de algo que o indique; à semelhança do relâmpago, tão grande fulgor emitirá que não precisará de indício. Cristo igualmente diz em outra passagem a respeito do Anticristo: “Vim em nome de meu Pai, mas não me acolheis; se alguém viesse em seu próprio nome, vós o receberíeis” (Jo 5,43).

Ainda declarou serem sinais da vinda frequentes e indizíveis tribulações e o advento de Elias. Ora, então os tessalonicenses duvidavam e sua dúvida nos foi proveitosa. Foi útil não somente a eles, mas também a nós, livrando-nos de fábulas pueris e delírios senis. Acaso não ouvistes muitas vezes na infância muita coisa a respeito do nome do Anticristo e da genuflexão? O diabo insinuava estas coisas a mentes ainda tenras para que o ensinamento se firmasse em nós e nos iludisse. Paulo, ao tratar do Anticristo, não teria omitido uma informação que fosse útil. Por conseguinte, não devemos inquirir a respeito destes assuntos. Pois o adversário não virá dobrando os joelhos, mas levantando-se *“contra tudo o que se chama Deus, ou recebe um culto, chegando a sentar-se no templo de Deus e querendo passar por Deus”* (2Ts 2,4). À semelhança do diabo que caiu por arrogância, aquele que é instigado por ele aprende a arrogância.

Por este motivo, suplico-vos, esforcemo-nos todos por nos distanciarmos deste vício, para não incidirmos naquele juízo, não sermos réus de idêntica pena, nem partícipes de igual suplício. “Que ele não seja um neófito a fim de que não se ensoberbeça e incorra na condenação que cabe ao diabo” (1Tm 3,6). Soberbo, sofreria as mesmas penas que o diabo. “O princípio do orgulho é não conhecer o Senhor” (Eclo 10,14). O início do pecado é a soberba, o primeiro ímpeto e movimento para o mal, e talvez a raiz e a base. O início representa o primeiro ímpeto para o mal, ou a persistência no mal, conforme se diz: “O início da continência é abster-se de espetáculos inconvenientes”, quer dizer, o primeiro impulso; se, porém, dissermos: “O início da castidade é o jejum”, apontaremos para seu fundamento e composição. Assim também o início do pecado é a arrogância; por ela começa todo pecado e dela se compõe. Assim aquele vício não permite que permaneça, e não extirpa o bem que fizemos, mas é uma espécie de raiz que não o deixa consolidar-se. Vê quanto fez aquele Fariseu, mas de nada lhe serviu; pois não arrancou a raiz e ela tudo arruinou. Da arrogância se origina o desprezo dos pobres, a cobiça do dinheiro, o amor do poder, a ambição da glória. O arrogante é vindicativo. Pois o orgulhoso não suporta injúria da parte dos superiores, e muito menos dos inferiores; quem, todavia, não suporta uma injúria, não tolera mal algum. Vê como o orgulho é o princípio do pecado. Como, então, o princípio do orgulho é não conhecer o Senhor? Com razão. Quem conhece a Deus como deve, ciente de que o Filho de Deus humilhou-se tanto, não se exalta. Quem não o sabe, orgulha-se; pois o orgulho induz à soberba. Dize-me. Como até os adversários da Igreja afirmam conhecerem a Deus; não se origina do orgulho? Vê a que precipício os impele o fato de não conhecerem a Deus. Se Deus ama o espírito contrito, ao invés resiste aos soberbos e dá a graça aos humildes. Não há mal, portanto, que possa competir com a soberba. Transforma o homem num demônio contencioso, blasfemo, perjuro e desperta o desejo de morticínio e assassinatos. O soberbo vive sempre contristado, sempre irritado, sempre perturbado. A esta paixão nada consegue saciar. Mesmo se vir o rei submisso, curvado, em gesto de adoração, não se satisfaz, mas cobiça ainda mais. Pois, à semelhança dos avaros que, quanto mais recebem, tanto mais sentem carência, assim também são os orgulhosos, por mais honrarias que recebam, tanto mais ambicionam; pois aumenta neles a paixão (de fato, é uma paixão), e esta não tem medida, mas enfim somente se detém quando matar aquele que a acolhe. Não vês como os ébrios têm sempre sede? É vício, não desejo natural, e sim doença perversa. Não vês que os chamados famélicos sempre têm fome? É um vício, como afirmam os médicos, que ultrapassa os limites da natureza. Assim os curiosos e ociosos, por mais que apreendam, não lhes basta; é paixão

ilimitada. Ainda os sensuais são imoderados (“Para o homem sensual todo alimento é doce” – Eclo 23,17. Não cessará enquanto não for devorado). É, na verdade, uma paixão. Todas elas constituem doenças; não incuráveis, que admitem tratamento, e muito melhor do que as doenças corporais, pois, se quisermos, podemos eliminá-las. Como, porém, se extirpa a arrogância? Pelo conhecimento de Deus. Uma vez que se origina do desconhecimento de Deus, quem o conhece expelle toda arrogância. Lembra-te da geena, lembra-te de que existem muitos melhores do que tu, lembra-te das contas a prestar a Deus; se pensares nisto, logo refrearás os pensamentos, logo os reprimirás.

Mas não podes fazer isto? És por demais fraco? Pensa nas realidades presentes, pensa na natureza humana e que o homem nada é. Ao vires carregado um morto pela praça, acompanhado dos filhos órfãos, a viúva a chorar, os servos a se lamentarem, os amigos tristes e pesarosos, considera que nada são as realidades presentes e que não diferem absolutamente de sombras e sonhos. Ora, não queres agir assim? Recorda-te dos ricos, dos que simplesmente pereceram nas guerras; considera as casas dos grandes e ilustres, agora demolidas até o chão; pensa quanto podiam, e agora deles não resta nem memória. Se quiseres, encontrarás todos os dias tais exemplos: príncipes que se sucedem uns aos outros, os bens dos ricos em leilão. “Muitos tiranos assentaram-se no chão, mas um desconhecido recebeu o diadema” (Eclo 11,5). Tal não acontece diariamente? As nossas realidades não se assemelham a rodas? Lê, se quiseres, nossos livros e os dos estrangeiros (igualmente acham-se repletos destes exemplos), se desprezas os nossos por arrogância. Se admiras as obras dos filósofos, ao menos acerca-te deles. Eles te ensinarão, por narrações de antigas calamidades; igualmente os poetas e oradores e sofistas e todos os escritores. Em toda parte, se quiseres, acharás exemplos. Se nada deles aceitares, considera de que consta e como termina nossa constituição. Pondera o que és enquanto dormes; acaso até um animalzinho não te poderá matar? Muitas vezes um pequeno inseto, caído do teto, não te tirou a vista, ou foi causa de outro perigo? E então? Não és inferior a todos os animais. Mas o que dizes? Que o superas pela razão. Mas não és dotado de razão; a soberba é sinal de falta de juízo. Acima de quem te exaltas, dize-me? Por causa da saúde corporal? Mas os brutos nisto te vencem. E ainda os ladrões, parricidas e violadores de sepulcros. Mas seria pela prudência? Não é próprio da prudência orgulhar-se. Certamente, em primeiro lugar, privar-te-ias a ti mesmo de ser prudente. Moderemos, portanto, nossa mente, sejamos comedidos e humildes, e indulgentes. A eles mais do que aos outros Cristo declarou felizes, nesses termos: “Bem-aventurados os pobres em espírito”; e novamente clamava: “Aprende de mim, porque sou manso e humilde de coração” (Mt 5,3; 11,29). Por esse motivo, lavou os pés dos discípulos, oferecendo-nos exemplo de humildade. Daí retiremos lucro a fim de podermos adquirir os bens prometidos aos que o amam, pela graça e amor aos homens etc.

SEGUNDA HOMILIA

Endereço

1,1. *Paulo, Silvano e Timóteo à Igreja de Tessalônica, em Deus, nosso Pai, e no Senhor Jesus Cristo.*

2. *A vós graça e paz da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo!*

A maioria dos homens nada faz, empenha-se junto dos magistrados e dos que lhe são superiores por obter graça, e julga-se grande e feliz se conseguir o objeto de seus esforços. Se, porém, obter graça junto dos homens, é tão importante, quanto não será encontrar graça diante de Deus? Por isso, Paulo sempre começa suas cartas com este voto, ciente de que, se assim suceder, nada será molesto, mas se resolverá tudo o que for pesado e difícil. E para compreenderes: José era escravo, jovem, inexperiente e simples; e de repente recebeu o encargo da administração da casa, e devia prestar contas a um

egípcio. É sabido, no entanto, ser aquela gente sumamente propensa à ira, e não perdoar de forma alguma; se ainda aceder ao principado e poder, mais intensa é a ira, excitada pelo poder. Evidencia-se isto, pelos acontecimentos posteriores. Acreditou o dono na acusação daquela senhora. Ora, não pode ter sofrido violência quem segurava as vestes, e sim aquele que fora espoliado. Seria mister dizer: “Se gritasses, ele teria fugido”. E se ele se soubesse culpado, não esperaria a chegada de seu senhor. Nada disso veio à mente do egípcio, mas, desarrazoado, cedendo inteiramente à ira, lançou José no cárcere; a tal ponto era irrefletido. Ora, poderia também, baseado em outros fatos, conjecturar acerca da benevolência e prudência daquele jovem; contudo, como era muito desarrazoado, nada disso ponderou. Aquele, portanto, que possuía um dono tão malvado, e a quem fora confiada a administração de toda a casa, sozinho, estrangeiro, e inexperiente, como se nada fossem as provações, superou tudo porque Deus lhe infundira muitas graças: a calúnia da senhora, o perigo de morte, o cárcere, e por fim chegou ao trono real. Verificou, portanto, São Paulo a importância da graça de Deus e por isso a impetrava para eles. E prepara ainda mais. No intuito de torná-los benevolentes ao conteúdo da carta, a fim de que não escapassem se os repreendesse e censurasse, antes de tudo lembra-lhes a graça de Deus, suavizando-lhes a dureza do coração, de sorte que, diante de uma tribulação, lembrados de que haviam sido preservados de outras maiores, não desanimassem nas menores, mas daí haurissem consolo, conforme escrevia ainda em outra passagem: “Pois se quando éramos inimigos fomos reconciliados com Deus pela morte do seu Filho, muito mais agora, uma vez reconciliados, seremos salvos por sua vida” (Rm 5,10). *“A vós graça e paz da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo!”*

Ação de graças e encorajamentos.

A última retribuição

3. Irmãos, por vossa causa sentimo-nos obrigados a render continuamente graças a Deus,

Vê o excesso de humildade! Tendo dito: “*Sentimo-nos obrigados a render graças*”, deixou que eles considerassem e pensassem, porque se não vos admirar o próximo em primeiro lugar, e sim a Deus, por causa de vossas boas obras, muito mais nos compete fazê-lo. Em outro lugar estimula-os, porque seus padecimentos não merecem lágrimas e lamentações, mas ações de graças a Deus. Se, porém, Paulo dá graças por causa dos bens alheios, o que sucederá aos que não somente não agradecem a Deus, mas ainda se consomem de inveja?

pois a vossa fé está crescendo muito, e a caridade que tendes uns pelos outros aumenta em cada um de vós,

“E como pode”, perguntas, “aumentar a fé”? Como? Quando sofremos um mal grave, por causa dela. De fato, é uma excelente atitude ficar firme e não se deixar arrastar pelas cogitações. Na verdade, quando sopram os ventos, as chuvas são torrenciais, de todos os lados levanta-se terrível tempestade e os vagalhões são frequentes e altos, entretanto não nos abalamos, de que é sinal senão de que a fé cresceu, aumentou e se tornou mais sublime? Pois como no dilúvio logo ficaram ocultos os objetos de pedra e inferiores e os superiores se mantiveram inatingíveis, igualmente a fé profunda não se deprime, não se perturba. Por isso não disse: “Cresce”, e sim: “*Pois a vossa fé está crescendo muito, e a caridade que tendes uns pelos outros aumenta em cada um de vós*”. Vês que o fato de estarem unidos uns aos outros constitui auxílio nas aflições? Daí também se origina grande consolo. Ora, as aflições sacodem a fé e a caridade pusilânimes, mas fortificam as robustas. Com efeito, o sofrimento não faz crescer a alma débil; ao invés, à forte fará mais resistente. E medita sobre a caridade. Eles não amavam a um e excluía a outro, mas a caridade era igual para todos; o Apóstolo o

diz implicitamente: “*Que tendes uns pelos outros*”; é equilibrada, por ser de um só corpo. Com efeito, agora encontramos caridade em muitos, mas uma caridade que provoca dissensão. Se estiverem juntos dois ou três, e na verdade dois, três ou quatro forem muito unidos entre si, com exclusão dos demais, que poderiam refugiar-se junto deles e em tudo neles confiar, haveria dissensão e não caridade. Dize-me. Se o olho que deve providenciar para o corpo inteiro, empregar toda a solicitude em favor da mão, atendendo somente a ela, e descuidar-se dos outros membros, não prejudicará ao todo? Certamente. Assim também quanto a nós, se limitarmos apenas a um ou outro a caridade que nos cabe estender a toda Igreja de Deus, pereceremos inteiramente, nós e eles. Não seria caridade, mas dissídio, cisura e dissensão. Se acaso eu receber um membro extraído do homem todo, em si unido, aderente e conglutinado, constituiria ainda um corte, porque desligado do corpo.

Qual a vantagem de amares muito a este ou àquele? Seria amor humano. Se, porém, não amares de forma humana, mas por Deus, ama a todos. Com efeito, Deus ordenou amar até os inimigos. Se mandou amar os inimigos, quanto mais aos que nunca te causaram pesar? “Mas, eu amo”, respondes. Não daquela maneira. Ou antes, não chegas a amar. De que modo amas quando acusas, invejas, armas ciladas? “Mas nada disto”, respondes, “eu faço”. No entanto, ao ouvires o irmão que maldiz e não lhe fechas a boca, nem replicas ao que fala coisas ímpias, onde está o sinal de amizade? “*E a caridade que tendes uns pelos outros aumenta em cada um de vós*”,

4. *a tal ponto que sois o nosso orgulho entre as Igrejas de Deus.*

Na primeira carta assegura que a notícia da fé que eles possuíam ressoou por todas as Igrejas da Macedônia e da Acaia: “Não é necessário falarmos alguma coisa, pois eles mesmos contam qual acolhimento da vossa parte tivemos” (1Ts 1,8-9); aqui, ao contrário, diz: “*sois o nosso orgulho*”. O que significa o acima referido? Ali diz: “Não precisam de nosso ensinamento”; aqui não diz: “Nós lhes ensinamos”, mas “*sois o nosso orgulho*”. Se, portanto, nós damos graças a Deus a vosso respeito, e sois o nosso orgulho diante dos homens, muito mais deveis fazer a respeito dos nossos bens. Se vossas boas ações merecem que outros se gloriem, de que modo mereceríamos nós lamentações? Não é possível dizer: “*A tal ponto que sois o nosso orgulho entre as Igrejas de Deus*”,

por causa da vossa perseverança e da vossa fé.

O trecho demonstra que se passara muito tempo, porque a paciência se comprova com o tempo, não após dois ou três dias. Não se refere simplesmente à paciência. Ou melhor, existe a paciência enquanto não se goza dos bens prometidos; aqui, porém, refere-se a uma paciência maior. Qual? A proveniente das perseguições. Torna-se evidente a alusão, através das palavras subsequentes:

em todas as perseguições e tribulações que suportais.

De fato, passavam continuamente a vida entre inimigos a procurarem prejudicá-los de todos os modos, enquanto eles mostravam uma paciência firme e estável. Envergonhem-se quantos em consideração ao patrocínio dos homens mudam de convicções. Efetivamente, os cristãos ainda se achavam nos primórdios da pregação, homens pobres, que viviam do trabalho cotidiano, em inimizade com os que tinham a gestão dos negócios públicos e eram os primeiros na cidade; pois, nem o imperador, nem os magistrados eram de forma alguma fiéis, e lhes faziam guerra implacável, mas eles nem assim desistiam.

5. *Elas são sinal do justo juízo de Deus:*

Considera o consolo que lhes prepara. Dissera: “Damos graças”, a Deus e: “*Sois o nosso orgulho*”, perante os homens. É belo, mas o sofredor quer principalmente a libertação dos males, e o castigo dos que lhe infligiram o mal. Quando a alma é fraca, procura especialmente isto; a sábia, contudo, não.

Por que afirma: “*Elas são sinal do justo juízo de Deus*”? Insinua implicitamente as duas retribuições: a dos que praticaram o mal e a dos que o sofreram. Equivale mais ou menos ao seguinte: A justiça de Deus se revela ao vos coroar, e ao puni-los. Ao mesmo tempo os consola, manifestando que serão coroados com justiça, por seus próprios trabalhos e suores. Mas apresenta primeiro o que concerne a eles. Embora alguém muito anele por vingança, deseja muito mais a recompensa; por isso acrescenta:

é para vos tornardes dignos do reino de Deus, pelo qual sofreis.

Não resulta daí que sejam mais fortes os injuriadores, mas que é desta forma que importa entrar no reino. Diz a Escritura: “É preciso passar por muitas tribulações para entrar no reino de Deus” (At 14,22).

6. *Se é justo que Deus pague com tribulação aos que vos oprimem,*

7. *e que, a vós, os oprimidos, vos dê o repouso juntamente conosco, para quando se revelar o Senhor Jesus, vindo do céu, com os anjos do seu poder,*

A locução: “*Se é*” equivale aqui a: “porque”. Assim nos exprimimos acerca de fatos que constam de tal modo que não admitem contradição; portanto, “*Se é*”, significa: “É muito justo”. “*Se é justo que Deus pague*”, evidentemente há retribuição. Como se dissesse: “Se Deus tem solicitude pelas coisas, se Deus cuida”. Assim também ele usa: “*Se é*”, porque é evidente. Ou diz: “Se Deus odeia os maus”, no intuito de serem coagidos a declarar que ele tem ódio – sentença que não é dúvida de modo algum –, de sorte que eles próprios estão cientes de que é justo. Pois se é justo entre os homens, muito mais diante de Deus. “*Paguem com tribulação os que vos oprimem, e que, a vós, os oprimidos vos dê o repouso*”.

E daí? É igual a retribuição? Absolutamente não. Mas observa mais adiante ser muito mais intensa, e o repouso muito maior. Eis ainda outro consolo: ter idênticos companheiros nas aflições, e na remuneração, diz ele (tal o sentido da expressão: “*conosco*”); aqueles que praticaram inúmeros atos e melhores, ele os associa nas coroas. Em seguida, acrescenta o tempo, e por meio de sua descrição eleva os espíritos deles; de certo modo já abre os céus através das palavras, e apresenta-os diante de seus olhos, tendo em volta o exército dos anjos, e amplia a imagem do lugar e dos que o ocupam, de sorte que eles respirem com gosto. “*E que, a vós, os oprimidos, vos dê o repouso juntamente conosco, para quando se revelar o Senhor Jesus, vindo do céu, com os anjos do seu poder,*”

8. *no meio de uma chama ardente, para vingar-se daqueles que não conhecem a Deus e que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo.*

Se os que não obedecem ao evangelho sofrem castigo, aqueles que além de não obedecerem, ainda vos afligem, o que não haverão de padecer? Nota a sua prudência. Não disse aqui: “Que vos afligem” e sim: “*Que não obedecem*”. Acontece que, se não devem ser punidos por vossa causa, sê-lo-ão por sua própria. E isso foi assegurado para que eles ficassem mais cientes de que serão certamente punidos; quanto aos supramencionados, devem ser honrados. Por conseguinte, a fim de acreditarem, dá a alguns certeza sobre os castigos; aos outros, visando alegrá-los, por causa do sofrimento que lhes infligiram. Palavras endereçadas a eles, mas que também se adaptam a nós. Quando, portanto, estivermos no meio de tribulações, pensemos nisto.

Não nos alegremos, contudo, diante do suplício dos outros, porque punidos, mas enquanto permanecemos isentos de tais castigos e penas. Que vantagem há para nós de que os outros sejam castigados? Por favor, não sejam tais os nossos sentimentos, mas sejamos estimulados à prática da virtude por causa do reino. De fato, quem é muito virtuoso, não é induzido à virtude pelo medo, nem pelo reino, mas por causa do próprio Cristo, conforme agia Paulo. Meditemos, contudo, nos bens do

reino, nos males da geena, e se nos comedimos e aprendemos, ao menos assim sejamos levados ao que devemos fazer. Medita no reino se vires algo de ótimo e grandioso na vida presente, e o terás na conta de nada; quando for terrível, pensa na geena, e hás de zombar; quando te invadir a concupiscência dos sentidos, pensa no fogo, considera sem valor algum o prazer do pecado, que nem chega a ser prazer. Se tem tanta força o temor das leis promulgadas na terra para nos impedir de praticar más ações, muito mais a lembrança dos eventos futuros, o suplício perpétuo, a pena sempiterna; se o medo de um rei terreno nos aparta de muitos males, quanto mais o temor do Rei eterno? Como poderemos, então, ter medo assíduo? Se frequentemente ouvirmos as Escrituras. Pois se apenas a visão de um morto reprime nosso ânimo, quanto mais não poderá a geena e o fogo inextinguível? Quanto mais o verme que não morre? Se meditarmos sempre na geena, não cairemos facilmente nela. Por isso Deus ameaçou com o suplício. Se tal cogitação não trouxesse grande lucro, Deus não teria ameaçado; mas como esta recordação vale para praticarmos ações grandiosas, conseqüentemente qual salutar medicamento, devemos inserir em nossas almas tal ameaça. Não menosprezemos tamanho lucro daí proveniente, mas assiduamente nos recordemos disso durante o almoço, o jantar. Pois a conversa sobre coisas alegres em nada ajuda a alma, antes a debilita. Conversa sobre fatos tristes e penosos corta o que dissipa e induz a divagar, e converte e contém o ânimo distraído.

A quem fala de teatros e de hístriões, de nada lhe serve, mas antes o agita e torna mais petulante. Quem cuida do alheio e o perscruta, tal curiosidade não raro o projeta no perigo. Ao invés, quem trata da geena, não está sujeito a perigo algum, e transforma a alma em mais sábia. Ora, receias ser importuno em palavras? Acaso se calares, extinguirás a geena? E se falares, a acenderás? Quer fales quer não fales, o fogo arderá. Versa sobre o assunto frequentemente para nela não caíres. Não é possível que peque facilmente a alma que se preocupa com a geena; escuta uma ótima admoestação: “Em tudo o que fazes, lembra-te de teu fim e jamais pecarás” (Eclo 7,40). É impossível que a alma receosa das contas que há de prestar não seja tarda para o pecado; o medo que vigora no pensamento não admite algo de mundano. Pois, se os discursos sobre a geena de tal forma humilha e contém, não a purificará melhor do que qualquer espécie de fogo o raciocínio que perpetuamente ocupa a alma? Não nos lembraremos tanto do reino quanto da geena, pois o temor tem mais força do que a promessa; e sei que muitos desprezariam inúmeros bens, se fossem libertados do suplício; agora também a mim basta não ser castigado, não ser punido. Ninguém que tenha a geena diante dos olhos, nela cairá; ninguém que a despreze, dela há de escapar. Pois como dentre os nossos, os que têm medo dos tribunais não comparecem diante dos juízes e os que os desprezam são principalmente os que serão citados, assim também sucede nesse caso. Se os ninivitas não temessem a catástrofe, teriam sido arrasados; mas temeram e a catástrofe não adveio. Se os contemporâneos de Noé receassem o cataclismo, não teriam perecido no dilúvio, e se os sodomitas temessem, não teriam sido queimados. Grande mal consiste em negligenciar as ameaças; quem despreza as ameaças, logo experimentará a sua realização. Nada tão útil quanto discorrer sobre a geena. Purifica as almas mais do que o cadinho à prata. Escuta as palavras do profeta: “Seus julgamentos estão todos à minha frente” (Sl 18,23). Cristo igualmente muitas vezes se reportou a ela. Embora incomode ao auditório, no entanto lhe presta a maior utilidade.

Tais são sempre as coisas profícuas. Não vos admireis. Também os medicamentos e alimentos primeiro são desagradáveis ao doente, e depois trazem vantagens. Se, porém, não aceitarmos o peso das palavras, sem dúvida as assumiremos por amarga experiência. Quem não suporta as palavras sobre a geena, é evidente que na perseguição não resistirá diante do ferro e do fogo. Exercitemos nossos ouvidos, para não amolecermos; daí chegaremos à própria realidade. Se nos acostumarmos a ouvir palavras terríveis, também nos habituaremos a suportar acontecimentos tremendos; do contrário, se

estivermos de tal modo abatidos que nem as palavras toleramos, como resistiremos diante da realidade? Vês como São Paulo despreza todas as realidades terrenas e os frequentes perigos? Por quê? Porque se exercitara em desprezar a geena, em consideração das coisas que agradam a Deus. Até não reputava ser alguma coisa a experiência da geena, comparada aos anelos por Cristo; quanto a nós, mal toleramos os discursos a seu respeito, em vista dos bens que nos conferem? Agora, na verdade, ides embora, após terdes ouvido um pouco; no entanto, se tiverdes alguma caridade, suplico-vos, continuamente revolvei no pensamento estas palavras. Em nada poderão vos prejudicar, mesmo se não forem de proveito; mas, certamente, vos serão úteis, porque a alma adquire qualificação através das palavras. “As más companhias corrompem os bons costumes” (1Cor 15,33). Por conseguinte, os bons colóquios ajudam; os assustadores tornam os homens austeros e temperantes. Efetivamente, a alma assemelha-se à cera; as conversas frígidas a endurecem; as quentes a derretem e nessas condições plasmarás o que quiseses, e gravarás a imagem do rei. Obturemos, portanto, os ouvidos às conversas vãs, porque não é mal pequeno: daí nascem todos os males. Se nossa mente se aplicar a ouvir as palavras divinas, não atenderá às demais, e sem atenção às outras, não empreenderá ações más. A palavra encaminha aos atos. Primeiro pensamos, em seguida proferimos, depois agimos. Muitos homens honestos passaram de palavras torpes a ações vis. Nossa alma por natureza não é boa nem má; mas por livre-arbítrio se torna uma coisa ou outra. As velas arrastam o navio para onde soprarem os ventos, ou antes o timão muda a nave de direção, se o vento é favorável; assim também o pensamento, se as palavras boas provierem de vento favorável, navegará sem perigo, do contrário, muitas vezes submergirá. São para a alma as palavras o que representam os ventos para os navios; para onde quiseses a conduzes e fazes voltar. Por isso proferiu alguém a admoestação: “Todo o teu assunto seja a lei do Altíssimo” (Eclo 9,20). Por isso, suplico-vos, não acostumemos as criancinhas retiradas de junto da ama a fábulas senis, mas desde a tenra idade aprendam que há um juízo; incuta-se-lhes a existência de um castigo. O temor arraigado há de operar grandes bens. A alma que desde tenra idade tiver aprendido a se emocionar com tal expectativa, não perderá facilmente o temor, mas como o cavalo que facilmente é governado pelo freio, tendo a cavalgá-la a lembrança da geena, manterá um passo bem ordenado e haverá de falar e proferir palavras úteis; e nem a juventude, nem as riquezas, nem a orfandade, nem seja o que for poderá prejudicá-la, porque tem a mente sólida e a tudo resistente. Estas palavras nos tornem comedidos a nós, às mulheres, aos escravos, aos filhos e aos amigos, e se for possível, até aos inimigos. Por meio delas, podemos evitar muitos pecados, viver melhor na adversidade do que na prosperidade. É evidente pelo seguinte. De fato, dize-me, se fores a uma casa onde se celebrem núpcias, por um momento o espetáculo te deleita; em seguida, ao saíres, sentes pesar por não possuíres tantos bens. Ao contrário, se entrares numa casa de luto, mesmo se os donos forem muito ricos, ao te afastares estás mais tranquilo; ali não concebeste inveja, mas consolo em tua pobreza.

Vês pela realidade que a riqueza não é um bem, nem a pobreza um mal, mas são em si indiferentes. Assim também agora se falares de prazeres, mais atinges a alma que não goza de iguais delícias; quando, porém, contra os prazeres inserires algumas palavras acerca da geena, o assunto te apraz e provoca grande gosto. Pois ao pensares que os prazeres nenhum alívio trazem contra aquele fogo, não os procurarás; ao invés, se julgares que mais o inflama, não somente não os procurarás, mas a eles renunciarás e os repelirás. Não fujamos das palavras acerca da geena, para escaparmos dela; não nos esquivemos da menção do castigo, a fim de não sermos punidos. Se aquele rico pensasse naquele fogo, não pecaria; mas como nunca dele se lembrou, nele caiu. Dize-me, ó homem, quando estiveres perante o tribunal de Cristo, de que preferirás falar mais do que deste assunto? E se tiveres uma questão junto do juiz, muitas vezes só de palavras, nem de noite, nem de dia, nem em ocasião oportuna, nem em

hora alguma falarás de outra coisa senão daquela questão. Quando deverás prestar contas de toda a tua vida e submeter-te ao julgamento, não suportas aqueles que te relembram o juízo? É a causa da perdição e ruína. Prestes a comparecer perante um tribunal humano, em relação aos bens pertencentes a esta vida, empregamos todos os meios, rogamos seja a quem for, continuamente estamos preocupados com a questão, fazemos o possível em seu favor, porém relativamente ao tribunal de Cristo que há de vir sem tardar, nada fazemos por nós mesmos ou por intermédio de outros, não rogamos ao Juiz. No entanto, concede-nos longo prazo e não nos arrebatara no meio dos pecados, mas permite que os apaguemos e aquela bondade e benignidade nada omite do que lhe compete. Entretanto, é em vão e por isso o suplício é mais grave. Que tal não suceda. Por conseguinte, exortovos, ao menos agora nos arrependamos, tenhamos diante dos olhos a geena, reflitamos naquela inevitável prestação de contas, de sorte que assim cogitando, esquivemo-nos do vício, optemos pela virtude e possamos conseguir os bens prometidos aos que amam a Deus, pela graça e amor aos homens etc.

TERCEIRA HOMILIA

1,9. *O castigo deles será a ruína eterna, longe da face do Senhor e do esplendor de sua majestade,*

10. *quando ele vier, naquele dia, para ser glorificado em todos os seus santos, e para ser admirado em todos aqueles que creram:*

Existem muitos homens que alimentam boas esperanças, não porque se abstenham de pecados, mas porque julgam não ser a geena tão veemente quanto se diz, e sim mais suave do que os esboços ameaçadores, e ser temporária, não eterna; e a respeito elaboram muitos raciocínios. Eu, no entanto, posso mostrar por muitas razões não somente não ser mais suave do que as ameaças a traçam, mas muito mais intensa e deduzi-lo das próprias palavras acerca da geena. De resto, agora não trato desses argumentos, pois basta o medo concebido apenas pelas palavras, apesar de não enunciarmos a opinião deles. Quanto ao fato de não ser temporária, escuta agora as palavras de Paulo sobre se haverão de ser castigados com a condenação eterna. Se é eterna, como será temporária? “*Longe da face do Senhor.*” O que quer dizer? Quer indicar certa facilidade de execução. Visto que então por causa das riquezas orgulhavam-se, ele diz que não é preciso muito esforço, mas basta que Deus esteja presente e apareça, e todos ficarão castigados e supliciados. Sua presença para alguns será luz; para outros, suplício.

e do esplendor de sua majestade, quando ele vier, naquele dia, para ser glorificado em todos os seus santos e para ser admirado em todos aqueles que creram:

O que dizes? Deus é “*glorificado*”? Certamente. “*Em todos os seus santos.*” Como? Quando os orgulhosos virem aqueles que eles torturam, desprezam, ridicularizam, estarem perto dele, e então aparecer a sua glória; ou melhor, a glória deles e dele. A dele, porque não os abandonou, porém tornou-os preclaros e ilustres; deles, porém, porque mereceram tamanha honra. Assim como as riquezas deles consiste em serem fiéis, assim também a glória consiste em que eles haverão de alcançar os bens dele. A glória do homem bom é ter possíveis beneficiados. “*E para ser admirado em todos aqueles que creram*”, isto é, por aqueles que foram fiéis. Eis de novo: “*Em*” com o sentido de “por”. Por meio deles Deus se mostra admirável. Ao conduzir ele a tão grande esplendor os míseros e abjetos, e sujeitos a inúmeros males, no entanto fiéis, então mostra-se sua força porque, apesar de aparentemente abandonados aqui, gozam de tamanha glória; principalmente então manifesta-se toda a glória e poder de Deus. De que maneira, porém, escuta, pois o Apóstolo acrescenta:

vós, que acreditastes em nosso testemunho!

11. Pelo que não cessamos de orar por vós,

Isto é, ao serem apresentados os que sofreram inúmeros males para apostatarem da fé, e não cederam, mas acreditaram, Deus foi glorificado; agora revela-se a glória deles. Visto que muitos fingem ter fé, a ninguém chames de bem-aventurado antes da morte, pois naquele dia se revelam os fiéis.

não cessamos de orar por vós, para que o nosso Deus vos faça dignos da sua vocação; e que por seu poder faça realizar todo o bem desejado, e torne ativa a vossa fé.

“Para que vos faça dignos da vocação” – mostra que muitos foram rejeitados. Por isso acrescenta: “Faça realizar todo o bem desejado”. Ora, o conviva de vestes sórdidas foi chamado, mas não conservou a vocação; então, em vez disso foi excluído da festa nupcial (Mt 22,13). Mas, igualmente aquelas cinco virgens que foram convidadas – “Levantai-vos. O noivo vem aí!” (Mt 25,6) –, atenderam, mas não entraram. Por isso Paulo, indicando qual deve ser a vocação, acrescentou: “e que por seu poder faça realizar todo o bem desejado, e torne ativa a vossa fé”. É a vocação que desejamos, diz ele. Vê como insensivelmente os reprime. De fato, visando a que não se exaltassem diante do excesso de louvores, como se houvessem praticado ações grandiosas e se tornassem indolentes, indica o que ainda lhes falta enquanto estiverem na vida presente. Expressa-o igualmente aos hebreus, escrevendo-lhes: “Vós ainda não resististes até o sangue em vosso combate contra o pecado” (Hb 12,4). “*Todo o bem desejado*”, isto é, aprazível, determinado, resolvido. Seria mais ou menos o seguinte: A fim de se realizar o que é agradável e aprazível a Deus, de sorte que nada vos falte, para serdes conformes ao que ele quer. “*E torne ativa a vossa fé.*” O que significa? A tolerância nas perseguições. Diz ele: “Não desanimemos”.

12. Assim, será glorificado em vós o nome de nosso Senhor Jesus, e vós nele, pela graça do nosso Deus e do Senhor Jesus Cristo.

Vê. Menciona acima e aqui mais uma vez a glória. Afirmou ali que eles são glorificados, de sorte que podem até se gloriar. Declarou muito mais, que também glorificam a Deus e, portanto, receberão a glória prometida. Aqui, porém, ainda assevera: Glorificado o Senhor, também os servos são exaltados. Pois os que glorificam o Senhor, são muito mais glorificados eles próprios, tanto por este ato quanto sem ele. Pois a aflição que se aceita por Cristo é glória, e em toda parte o Apóstolo a denomina glória. E quanto mais passarmos por um sofrimento vil e ignominioso, tanto mais seremos sublimes. Em seguida, mostrando que isto se origina de Deus, assegura:

“*Pela graça do nosso Deus e do Senhor Jesus Cristo*”, isto é, Deus nos concedeu a graça a fim de ser glorificado em nós e nos glorificar em si mesmo. Como é glorificado em nós? Porque a ele nada preferimos. Como somos glorificados nele? Dele recebemos a virtude de não ceder diante dos padecimentos que nos são infligidos. Pois, se advém uma tentação, simultaneamente Deus e nós somos glorificados. Glorifica-o porque de tal forma nos fortificou; e nós somos admirados, porque nos portamos de tal modo a sermos dignos. Tudo isso, porém, realiza-se pela graça de Deus.

A Vinda do Senhor e o que a precederá

2,1. *Quanto à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, e à nossa reunião com ele, rogamo-vos, irmãos,*

2. *que não percais tão depressa a serenidade de espírito.*

Ele não disse qual a época da ressurreição, mas assegurou que não será agora. “*E à nossa reunião com ele.*” Não se trata de coisa insignificante. Vês como persuade com louvor e exortação, que o Senhor certamente aparecerá conosco e com todos os santos? Aqui alude à vinda de Cristo e à nossa

“reunião”, pois serão simultâneas. Reanima-os, dizendo: “*não percais tão depressa a serenidade de espírito*”.

e não vos perturbeis nem por meio de um espírito, nem por palavra, nem por carta que se diga vir de nós, como se o dia do Senhor já estivesse próximo.

Parece-me insinuar que alguns apresentavam uma falsificada carta de Paulo, e mostrando-a asseguravam que o dia do Senhor estava iminente, de sorte a induzir em erro a muitos. Visando evitar que fossem seduzidos, Paulo os confirma por meio do que diz e escreve: “*E não vos perturbeis nem por meio de um espírito, nem por palavra*”.

É o seguinte o que ele quer dizer: Embora alguém que assegure possuir espírito de profecia o diga, não acrediteis. Pois enquanto estava entre vós, disse-vos o seguinte: “Não convém afastar-vos nem um pouco da fé em que fostes instruídos”. “*Nem por meio de um espírito.*” Denomina pseudoprofetis os que falavam inspirados por um espírito imundo. Eles, no intuito de obter crédito, não apenas se esforçavam por seduzir através de palavras persuasivas – o que aponta ao dizer: “*Nem por palavra*” –, mas apresentavam qual carta de Paulo uma carta a exprimir aquilo que pretendiam. Por esta razão, sublinhando-o, acrescenta: “*Nem por palavra, nem por carta que se diga vir de nós*”.

De todos os modos, portanto, para confirmá-los, expõe o seu parecer:

3. Não vos deixeis enganar por pessoa alguma nem de modo algum; porque deve vir primeiro a apostasia, e aparecer o homem ímpio, o filho da perdição,

4. o adversário, a levantar-se contra tudo o que se chama Deus, ou recebe um culto, chegando a sentar-se no templo de Deus, e querendo passar por Deus.

É atinente ao Anticristo o que aqui disserta; e revela grandes mistérios. O que é: “*apostasia*”? Denomina “*apostasia*” o Anticristo, porque haverá de perder a muitos e induzir a que apostatem: “De modo a enganar, se possível, até mesmo os eleitos” (Mt 24,24). Dá-lhe a denominação de homem de pecado, pois cometerá inúmeros pecados e haverá de se empenhar em que outros pratiquem crimes horríveis. Chama-o de filho da perdição porque ele também perece. Quem é ele, então? Acaso Satanás? Absolutamente não, mas determinado homem que assume toda a sua atividade. “*E aparecer o homem ímpio, o filho da perdição, o adversário, a levantar-se contra tudo o que se chama Deus, ou recebe um culto*”. Com efeito, não os seduzirá ao culto dos ídolos, mas será uma espécie de adversário de Deus, destruirá todos os deuses, ordenará que o adorem em lugar de Deus, e assentar-se-á não somente no templo de Deus em Jerusalém, mas nos templos da Igreja em toda parte.

“*E querendo passar por Deus*”. O Apóstolo não declara: “Dizendo que é”, e sim: “Tentando mostrar”, porque fará obras grandiosas e ostentará sinais espantosos.

5. Não vos lembrais de que vos dizia isto quando estava convosco?

Vês ser necessário repeti-lo assiduamente, e incutir as mesmas palavras? Eis que o ouviram, quando estava presente, proferir estas palavras e ainda precisavam de que fossem lembradas. Haviam-no também escutado falar das aflições: “Quando estávamos convosco já dizíamos que haveríamos de passar tribulações” (1Ts 3,4); entretanto, haviam esquecido e ele os confirma novamente por meio de carta. Assim também, tendo eles ouvido o discurso sobre a vinda de Cristo, de novo foi necessária uma carta de orientação. Rememora-lhes, portanto, e mostra-lhes que nada profere de estranho, mas sempre era isso o que lhes repetia. Como acontece com os agricultores que jogam as sementes uma vez, mas não as deixam para sempre assim, visto que empregam muitos cuidados e se não as cobrem de terra depois de lançadas, foi para as aves devoradoras das sementes que as

semearam, assim também nós, se não protegermos sob contínua recordação as sementes espalhadas, semeamos no ar. O diabo rouba, a negligência arruína, o sol seca, a chuva carrega, os espinhos sufocam. Por isso não basta lançar uma vez e afastar-se, mas, para chegar a colher frutos, serão necessários múltiplos e assíduos cuidados: afastar as aves, arrancar os espinhos, encher com muita terra os lugares pedregosos, e impedir, interceptar e reduzir a nada as ervas daninhas. Com efeito, tudo depende do agricultor. A terra em si é inânime, pronta somente para receber. Quanto à terra espiritual, não é parecida, de forma alguma. Não consta toda ela de mestres; mas se não é a maioria, a metade, certamente, é de discípulos. Compete-nos a nós, portanto, lançar a semente, e a vós praticar o que é dito, guardar na memória e através das obras mostrar os frutos, arrancar os espinhos pela raiz. Pois as riquezas são espinhos improdutivos, disformes para a vista e desagradáveis para o consumo, incômodos aos que os tocam; não somente não frutificam, mas impedem às plantas que querem frutificar. Tais são as riquezas; não somente não produzem fruto para a eternidade, mas são obstáculo para quem quiser produzir. Os espinhos são alimneto dos camelos irracionais, fomento do fogo e dispêndio inútil. Tais são as riquezas. Não servem para coisa alguma a não ser para acender a fornalha, para arder naquele dia que queima como um forno, para alimentar as paixões irracionais, a recordação das injúrias e a ira. Pois assim é também o camelo que rói os espinhos. Dizem os entendidos que, entre os animais, não existe mais iracundo, veemente, e vindicativo do que o camelo. Tais são as riquezas: favorecem os impulsos irracionais da alma, e, ao invés, pungem e desdouram os racionais, como costumam atuar os espinhos. Este vegetal é duro, áspero e germina espontaneamente. Vejamos como brota, a fim de o arrancarmos; nasce em lugares escarpados, pedregosos, áridos, onde não há umidade. Se, portanto, alguém for áspero, precipitado, isto é, impiedoso, são espinhos que nascem. Mas, se os agricultores querem arrancá-los, não utilizam a enxada. Então, de que modo? Ateando fogo, de sorte que assim extirpam da terra toda erva daninha. Não basta cortar por cima, se a raiz ficar embaixo; nem arrancar a raiz, porque o germe permanece na terra (da mesma forma que, num corpo, permanecem os vírus de uma epidemia que o infeccionou). O fogo, contudo, haurindo todo aquele humor dos espinhos, uma espécie de peçonha, por meio do calor o extrai do seio da terra. Com efeito, a aplicação de uma ventosa aspira toda a infecção; assim também o fogo exaure toda contaminação proveniente dos espinhos, e purifica a terra. Por que falei dessas coisas? Porque devemos expurgar de toda parte o apego às riquezas. Há um fogo que extirpa de nossa alma este vício, a saber, o fogo do espírito; se o atearmos, poderá consumir não somente os espinhos, mas ainda a peçonha que deles se origina. Se estiverem entranhados, é debalde tudo o que se fizer. Vê, portanto: Entra na igreja um rico, homem ou mulher? Não cuida de ouvir a palavra de Deus, e sim de se ostentar, de se sentar com fausto, com muita elegância, de superar os demais pela magnificência das vestes e tornar-se mais respeitável pela roupa, pelo aspecto, pelo andar. Emprega toda solicitude e desvelo no seguinte: Será que essa ou aquela me viu? E admirou? Embelezam-me os meus ornamentos? Não são os seus exclusivos cuidados, mas ainda que as vestes não se gastem, não se rasguem. Para isto se volta toda a sua atenção. Igualmente um rico entra para se ostentar diante do pobre, e incutir-lhe temor pelas vestes suntuosas, pela quantidade de escravos, que, de pé, afastam o povo. Ele, porém, devido ao excessivo luxo, nem isto se digna fazer, mas sabe que é ocupação indigna de um homem livre; embora muito orgulhoso e soberbo, não a assume, mas a confia aos satélites. Agir deste modo é muito servil e costume dos insolentes. Por isso, logo que o rico se assenta, assaltam-no os excessivos cuidados domésticos de todos os lados, transborda o luxo obsessivo da alma; julga ser grato a nós e ao povo, e talvez até a Deus por entrar na casa de Deus. Quem está de tal modo inchado de soberba, poderá curar-se alguma vez?

Dize-me, por favor. Se alguém for a um consultório médico, e não pedir favor ao médico, mas

julgar que o gratifica, e deixando de suplicar um medicamento para aplicar à ferida, ocupar-se com as vestes, acaso ao sair terá obtido algum benefício? Julgo que não. Explicarei qual a causa, se quiserdes. Ao entrarem na igreja, pensam que vêm por nossa causa; julgam que é de nós que haverão de ouvir o que ouvem; não percebem, não pensam que se aproximam de Deus, que ele lhes fala. Pois, quando o leitor, tendo se levantado, profere: “Palavra do Senhor” etc. e o diácono de pé impõe silêncio, não prestam honras ao leitor ao agirem deste modo, mas àquele que por intermédio dele se dirige a todos. Se soubessem que é Deus que assim fala por meio do profeta, rejeitariam todo fausto. Pois se, ao conversarem com os magistrados, não permitem que a atenção se volte para fora, muito mais quando é Deus quem fala. Nós, caríssimos, somos ministros; não falamos palavras nossas, mas palavras de Deus. Cada dia são lidas as cartas que nos são enviadas do céu. Dize-me, por favor. Se alguém, enquanto todos estão presentes, entrasse tendo um cinto de ouro, com a cabeça erguida, andando e portando-se com soberba, dissesse que era enviado por um rei terreno, e trazia cartas para toda a cidade sobre assuntos de necessidade, acaso todos não se voltariam para ele? Mesmo que o diácono não ordenasse, não faríeis talvez grande silêncio? Julgo que sim. Pois, aqui na igreja também ouvi a leitura de cartas do rei. Com efeito, se alguém vier da parte do rei, todos vós atendeis; entretanto, vêm de Deus e das realidades dos céus fala o profeta, e ninguém presta atenção? Não acreditais que estas palavras são proferidas da parte de Deus? Estas cartas foram enviadas por Deus. Entremos, portanto, nas igrejas com o devido respeito e com temor ouçamos o que se anuncia. Por que, diz-se, entro, se não ouço pregador? Isto perde e arruína tudo. Que necessidade há de quem faça uma homilia? Isto provém de vossa preguiça. Por que há necessidade de homilia? Tudo é transparente e correto nas divinas Escrituras; são manifestas todas as coisas necessárias. Mas porque sois ouvintes que buscam deleites, vós os procurais também aqui. Dize-me, por favor. Com que luxo Paulo proferia a pregação? No entanto, converteu o orbe. E Pedro, que era iletrado?

Mas não sei, replicas, onde estão as divinas Escrituras? Por que não sabes? Acaso são anunciadas em hebraico? Em latim ou outro idioma? Não são pronunciadas em grego? Mas de modo obscuro, respondes. Qual é a obscuridade, dize-me, por favor? Não são histórias? Sabes o que é claro, de sorte que podes perguntar o que é obscuro. Existem inumeráveis histórias nas Escrituras. Repete-me uma delas; mas não consegues. Pretextos e palavras! Ouve-se cada dia a mesma coisa, respondes. O quê? – dize-me. Nos teatros não ouves as mesmas coisas? Nos hipódromos não vês coisas iguais? Todas as coisas não são idênticas? O sol não nasce sempre? Não usamos os mesmos alimentos? Queria, porém, perguntar-te por que dizes que ouves todos os dias a mesma coisa. Dize-me. De qual profeta é o trecho lido? E de que apóstolo? Ou de que carta? Não sabes dizer; ao invés, pareces ouvir coisas estranhas. Quando, porém, queres te entregar ao ócio e à preguiça, afirmas que são sempre as mesmas coisas. Se és interrogado, ficas como se nunca as tivesses ouvido. Se são as mesmas coisas, deverias saber; tu, porém, ignoras. Os acontecimentos presentes merecem lamentações; chore-se digo, e derramem-se lágrimas, porque em vão trabalham os cunhadores. Importava dar a máxima atenção ao seguinte: São as mesmas, não vos causamos cansaço algum, nem proferimos algo de novo e estranho. E então? Uma vez que dizes que são as mesmas coisas, as nossas agora não são as mesmas, mas sempre novas e estranhas. E dás atenção? De forma alguma. Se perguntarmos: Por que nem assim as reténs? Respondes: Ouvimos uma só vez e como podemos retê-las? Se interrogarmos: Por que não dás atenção? Replicas: Porque é sempre a mesma coisa. Sempre palavras de preguiça e pretextos! Mas não será dessa forma para sempre; um dia em vão e inutilmente nos lamentaremos. Tal não aconteça! Antes, arrependendo-nos, com prudência e piedade daremos atenção às palavras proferidas a fim de nos apressarmos a praticar boas obras, e corrigirmos apuradamente a nossa vida, a fim de podermos conseguir os bens prometidos aos que amam a Deus, pela graça e amor aos homens etc.

QUARTA HOMILIA

2,6. *Agora também sabeis o que é que ainda o retém, para aparecer só a seu tempo.*

7. *Pois o mistério da iniquidade já está agindo, só é necessário que seja afastado aquele que ainda o retém!*

8. *Então, aparecerá o ímpio, aquele que o Senhor destruirá com o sopro de sua boca, e o suprimirá pela manifestação de sua vinda.*

9. *Ora, a vinda do ímpio será assinalada pela atividade de Satanás.*

É razoável perguntar em primeiro lugar “o que é que ainda o retém”, e depois saber porque Paulo se exprime de maneira tão obscura.

“O que é que ainda o retém, para aparecer só a seu tempo, isto é, o que o impede de se revelar? Uns, na verdade, dizem que é a graça do Espírito; outros, o Império romano. Concordo principalmente com estes últimos. Por quê? Porque, se quisesse referir-se ao Espírito, não diria de maneira obscura, mas de modo claro que também agora o retém a graça do Espírito, isto é, os carismas. Do contrário, seria necessário que já tivesse vindo, quer dizer, teria vindo quando os carismas desaparecessem; e há muito que eles desapareceram. Mas como se trata do Império romano, com razão falou de forma enigmática e implícita. Não queria adquirir inimizades vãs e enfrentar perigos inúteis. Pois, se dissesse que pouco depois seria arruinado o Império romano, logo o teriam eliminado, qual homem pernicioso e pestífero, e a todos os fiéis que viviam e militavam submissos a ele.

Em consequência, não se exprimiu assim, nem que aconteceria imediatamente, apesar de sempre assegurar o mesmo. O que afirma? “*Para aparecer só a seu tempo. Pois o mistério da iniquidade já está agindo*”. Aqui aponta a Nero, enquanto tipo do Anticristo, pois ele queria ser tido por Deus. Assevera com exatidão: “*Mistério*”, pois não agia tão claramente como ele, nem de maneira tão descarada. Se, portanto, antes daquela época tinha existido alguém que no vício não diferia muito do Anticristo, o que havia de espantoso que já estivesse presente? Assim fala obscuramente, e não quis revelá-lo, não por temor, mas a fim de nos ensinar a não suscitar inimizades, se nada a tal nos obrigar. Igualmente declara-o nessa passagem: “*Só é necessário que seja afastado aquele que ainda o retém!*”, isto é, quando cair o Império romano, então ele virá. E com razão. Enquanto este Império incutir pavor, ninguém logo se lhe submeterá; quando, porém, estiver arruinado, invadirá o Império em anarquia, e empreenderá arrebatá-lo o poder dos homens e de Deus. Assim, pois, foram arruinados antes dele os reinos, como o dos medos pelos babilônios, o dos babilônios pelos persas, o dos persas pelos macedônios, os dos macedônios pelos romanos; assim também este último pelo Anticristo, e este por Cristo, e não mais deterá o poder. Daniel com evidência no-lo relata. “*Então, aparecerá o ímpio.*” E depois? Está próximo o conforto, pois acrescenta: “*Aquele que o Senhor destruirá com o sopro de sua boca, e o suprimirá pela manifestação de sua vinda. Ora, a vinda do ímpio será assinalada pela atividade de Satanás*”. Com efeito, o fogo entorpece e consome os insetos, mal se aproximem e ainda distantes, antes que cheguem; assim também Cristo, por uma só ordem e sua presença eliminará o Anticristo. É suficiente estar presente e todos esses perecerão. Mal apareça, faz cessar a sedução. Em seguida, revela de quem se trata: “*Ora, a vinda do ímpio será assinalada pela atividade de Satanás*”:

com toda sorte de portentos, milagres, prodígios mentirosos,

Isto é, manifestará todo poder; mas nada de verdadeiro, tudo ilusão. Predisse esses fatos, para que os coetâneos não se iludissem. “*Prodígios mentirosos*”, ou falsos, ou que induzem em erro.

10. e por todas as seduções da injustiça, para aqueles que se perdem,

Por que, então, permitiu Deus que assim fosse, e qual o seu plano? Qual o lucro daquela vinda, se é para nossa perdição? Não temas, caríssimo, mas escuta o que ele próprio diz: Tem força *“para aqueles que se perdem”*, e que, se ele não se aproximasse, de igual modo não acreditariam. Qual, portanto, o lucro? Será fechada a boca dos que se condenarão. De que maneira? Mesmo que ele não tivesse vindo, não teriam acreditado em Cristo; vem, portanto, para convencê-los. De fato, mesmo então diriam: Visto que Cristo dizia que é Deus, jamais, contudo, o afirmou claramente, ou melhor, foram os sucessores que o proclamaram Deus, não cremos. Por termos ouvido dizer que Deus é um só, e criou todas as coisas, não cremos. Por conseguinte, o Anticristo lhes tirará este pretexto. Pois, quando ele vier, e nada de salutar ordenar, mas somente der normas contrárias às leis, e apenas por falsos sinais for acreditado, fechar-se-lhes-á a boca. Se, portanto, não acreditas em Cristo, muito menos devias acreditar no Anticristo; pois Cristo se dizia enviado do Pai e este, o contrário. Declarava Cristo: *“Vim em nome de meu Pai, mas não me acolheis; se alguém viesse em seu próprio nome, vós o receberíeis”* (Mt 5,43). No entanto, replicam, vimos os sinais. Entretanto, inúmeros e grandes foram realizados por Cristo; muito mais, por conseguinte, devíeis acreditar nele. Ora, a esse respeito houve muitas predições, a saber: que é o iníquo, o filho da perdição, cuja vinda é assinalada pela atividade de Satanás. Sobre Cristo, ao invés, que é o Salvador, portador de inúmeros bens.

porque não acolheram o amor da verdade, a fim de serem salvos.

11. É por isso que Deus lhes manda o poder da sedução, para acreditarem na mentira

12. e serem condenados, todos os que não creram na verdade, mas antes consentiram na injustiça.

“E serem condenados.” Não disse: *“Para serem castigados”*, embora houvessem também uma vez de ser castigados; mas: *“E serem condenados”*, isto é, serem condenados no terrível juízo, por serem inescusáveis. Quem são eles? O Apóstolo o explica: *“Todos os que não creram na verdade, mas antes consentiram na injustiça”*. Dá a Cristo o nome de *“amor da verdade”*. Por isso disse: *“Porque não acolheram o amor da verdade”*. Ele era ambas as coisas, e para ambas viera: o amor dos homens e em prol da verdade. *“Mas antes consentiram na injustiça.”* O Anticristo veio para a ruína e dano dos homens. O que não fará nesta ocasião? Tudo movimentará, tudo perturbará, com as ordens e incutindo temor; será inteiramente terrível, pelo poder, pela crueldade, pelas ordens iníquas. Mas, não temas! Terá força sobre aqueles que perecem. Pois também Elias virá então a confirmar os fiéis (Ml 4,5); igualmente Cristo o assegura: *“Elias, certamente, virá primeiro, para restaurar tudo”* (Mc 9,10). Por isso foi dito acerca de João: *“Com o espírito e o poder de Elias”* (Lc 1,17). De fato, João não operou sinais e milagres conforme Elias: *“João”, diz-se, “não fez milagre algum, mas tudo o que João disse sobre este, era verdade”* (Jo 10,41). Como, então, veio *“com o espírito e o poder de Elias”*? Quer dizer, receberá idêntico ministério; e como João foi precursor da primeira vinda, assim Elias será precursor da segunda e gloriosa vinda, e para tal está reservado. Nada de temor, portanto. O Apóstolo queria sacudir as almas dos ouvintes; não considerassem pesadas e terríveis as realidades presentes, mas dignas de ações de graças. Por isso acrescentou:

Exortação à perseverança

13. Nós, porém, sempre agradecemos a Deus por vós, irmãos queridos do Senhor, porque Deus vos escolheu desde o princípio para serdes salvos mediante a santificação do Espírito, e da fé na verdade.

Como nos escolheu para a salvação? Mostra-o dizendo: *“Na santificação do Espírito”*, isto é, para nos santificar pelo Espírito e a verdadeira fé, que operam a nossa salvação; nunca pelas obras, nunca pelas ações retas, e sim pela fé na verdade. Eis a partícula: *“in”* novamente em vez de *“por”*. *“Na*

santificação do Espírito”, diz ele.

14. *e por meio do nosso evangelho vos chamou a tomar parte na glória de nosso Senhor Jesus Cristo.*

Não é coisa insignificante considerar Cristo a nossa salvação uma glória sua. Constitui glória para o Senhor benigno e clemente serem muitos os que se salvam. Ora, é grande nosso Senhor que assim deseja a nossa salvação; grande é também o Espírito Santo, que opera em nós a santificação.

Por que não apresenta o Apóstolo primeiro a fé, mas a santificação? Porque também, depois da santificação, precisamos muito da fé para não titubearmos. Vês como mostra que nada provém deles, mas é obra de Deus?

15. *Portanto, irmãos, ficai firmes; guardai as tradições que vos ensinamos oralmente ou por escrito.*

Daí se evidencia que nem tudo foi transmitido por carta, porém muito de forma oral e também essas tradições são fidedignas. Por este motivo consideramos que a tradição da Igreja é digna de fé. É tradição. Basta. Daí informar Paulo que muitos são os que deslizam.

16. *Nosso Senhor Jesus Cristo, e Deus, nosso Pai, que nos amou e nos deu a eterna consolação e a boa esperança pela graça;*

17. *animem os vossos corações e vos confirmem em tudo o que fazeis, e dizeis em vista do bem.*

Novamente uma prece depois da exortação; é, na verdade, prestar socorro aos fracos. “*Que nos amou e nos deu a eterna consolação e a boa esperança pela graça.*” Onde estão agora os que afirmam ser o Filho menor que o Pai, porque é nomeado após o Pai, na graça do batismo? Eis, pois, aqui acontece o contrário; primeiro disse: “*Nosso senhor Jesus Cristo*”, e em seguida: “*Deus e Pai de nosso Senhor. Que nos amou e nos deu a eterna consolação*”.

Qual? A esperança dos bens futuros. Vês que, por meio da prece, estimula os espíritos dos fiéis, oferecendo os penhores e sinais da inefável providência de Deus. “*Animem os vossos corações e vos confirmem em tudo o que fazeis, e dizeis em vista do bem*”, isto é, através de toda boa obra e doutrina boa. É conforto para os cristãos não apenas praticar o bem, mas também o que agrada a Deus. Vê como lhes reprime o orgulho. “*E nos deu a consolação e a boa esperança pela graça*”. Simultaneamente faz com que tenham esperanças a respeito do futuro. Se, portanto, pela graça Deus concedeu tantos e tamanhos bens, muito mais fará no futuro. Eu, certamente, assim falei, diz ele: tudo vem de Deus. Confirma e corrobora, para não vacilarmos nem nos desviarmos; ação nossa e dele. Por conseguinte, assim se expressa por causa da doutrina e das boas ações. Pois trata-se de confortar, de nos confirmar. Pois quem já não se abala, aconteça o que acontecer, suporta com grande paciência, mas, se a alma vacila e desanima, nada fará de grande e generoso, conforme acontece com alguém que tiver as mãos quebradas, e fica abatido, se não estiver convicto de que tudo terá um final feliz.

3,1. *Quanto ao mais, irmãos, orai por nós, para que a palavra do Senhor continue o seu caminho e seja glorificada, como aconteceu entre vós,*

O Apóstolo, de fato, impetrou que eles fossem corroborados; agora, porém, pede-lhes que reze por si a fim de não periclitar (já se achava envolvido em perigo), e “*para que a palavra do Senhor continue o seu caminho e seja glorificada, como aconteceu entre vós*”. O pedido está unido ao elogio; afirma: “*como aconteceu entre vós*”.

2. *e para que sejamos livres de homens ímpios e perversos; pois nem todos têm a fé.*

Este trecho igualmente assinala os perigos que ele corre; por esta razão os consola ainda. “*E para que sejamos livres de homens ímpios e perversos; pois nem todos têm a fé*”. Talvez se refira aos que atacavam a pregação, resistiam e impugnavam os seus ensinamentos; implicitamente o indica, nesses

termos: “*Pois nem todos têm a fé*”. Não me parece que alude aos perigos, mas àqueles que contradiziam e impediam o anúncio da palavra, como Hymeneu e Alexandre, o caldeireiro: “Porque se opôs fortemente às nossas palavras” (2Tm 4,15). Acerca dos membros de uma família pode se dizer que não cabe a todos e a cada um servir nos palácios reais; quanto aos maus, dos quais quer se ver livre, o Apóstolo os assinala da seguinte forma: “Tais são aqueles aos quais não foi dado crer”. Ao se exprimir deste modo, estimula-os. Eram, portanto, grandes, visto que tinham tanto crédito junto de Deus que poderiam também livrar o mestre dos perigos e facilitar-lhe a pregação. Quanto a nós, o mesmo vos pedimos. Ninguém nos acuse de arrogância, nem por desmedida humildade nos prive de tão grande auxílio. Não falamos com as mesmas disposições de Paulo, porque ele assim se expressava com o desejo de consolar os discípulos; nós, porém, a fim de conseguir um grande bem. Acreditamos firmemente que, se quiserdes todos unânimes erguer as mãos para Deus em favor de nossa pequenez, tudo nos sucederá bem. Assim venceremos os inimigos por meio de preces e súplicas. Se os antigos combatiam com a oração os inimigos armados, muito mais devemos de igual maneira combater os inermes. Desta forma Ezequias afugentou os assírios, Moisés os amalecitas, Samuel os ascalonitas, Israel os trinta e dois reis. Onde eram necessárias armas, regimentos e combates, eles depunham as armas e refugiavam-se na prece; não se faz mister orar muito mais nos casos em que as questões são resolvidas apenas pelas orações? Ali, contudo, replicas, os governantes rogavam em prol do povo, tu, porém, queres que o povo reze pelo comandante? Eu bem o sei. Efetivamente, então os que obedeciam eram infelizes e miseráveis; por isso a salvação só lhes era concedida através da confiança em Deus e da virtude do comandante do exército; agora, contudo, sendo maior a graça de Deus, e entre os súditos encontramos muitos, ou antes a maioria, que assaz superam o governante, não nos priveis da colaboração na luta; sustentai-nos as mãos, que não desfaleçam, abri-nos a boca, que não se feche. Rogai a Deus, pedi-lhe isto. Ora, é em nosso favor o que se opera, mas tudo a vós reverte. Fomos estabelecidos para vosso bem, solícitos por aquilo que é vosso. Reze cada um em particular e em público. Verifica a expressão de Paulo: “Assim a graça que obteremos pela intercessão de muitos suscitará a ação de graças em nosso favor” (2Cor 1,11), isto é, de sorte que Deus conceda a muitos a sua graça. Se em favor de réus condenados e conduzidos à morte, o povo, acercando-se, uma vez impetrou o perdão e o imperador em consideração à turba, revogou a sentença, muito mais Deus vos atenderá, não por causa da multidão, mas em vista da virtude. Pois temos um inimigo poderoso.

Cada um de vós cuida do que lhe pertence; nós, no entanto, preocupamo-nos simultaneamente com todos. Estamos na posição mais laboriosa da guerra. Contra nós o diabo combate mais intensamente. Pois nas guerras o adversário se esforça sobretudo por prostrar o general. Por isso, para ele todos acorrem, unindo os escudos; por isso, grande é o tumulto, empenhando-se cada qual em abatê-lo, enquanto de todos os lados os escudos o protegem, no intuito de conservar o chefe. Ouvi o que diz a Davi todo o povo (Não me comparo a Davi. Não sou tão louco! Quero, contudo, mostrar a benevolência do povo para com o príncipe): “Nunca mais irás conosco à guerra, para que não apagues a lâmpada de Israel” (2Sm 21,17). Vê quanto poupavam o ancião. Preciso muito de vossas preces; ninguém me prive, como disse, por excessiva humildade desta colaboração e deste auxílio. Se tudo corre bem para nós, para vós será muito melhor; se fluem os nossos ensinamentos, ser-vos-ão transmitidas as suas riquezas. Escuta a palavra do profeta: “Acaso os pastores se apascentam a si mesmos” (cf. Ez 34,2)? Vês como Paulo frequentemente suplica essas preces? Ouves que Pedro foi tirado do cárcere porque assiduamente se faziam orações por ele (cf. At 12,5)? Na verdade, acredito que vossas orações, feitas com tal consenso, são poderosas. Não julgais ser por demais pesado para nossa pequenez acercar-se de Deus e rogar em favor de povo tão numeroso? Pois se eu não tenho tanto acesso para implorar em meu favor, menos ainda pelos outros. Compete aos de vida honesta e assaz

estimados tornar a Deus benigno e propício aos outros, cabe aos que o tornam benévolo para si mesmos; quanto ao que também o ofende, de que modo rezeará por outrem? No entanto, tendo eu para convosco vísceras paternas, e porque a caridade tudo ousa, na igreja, e além disso em casa, imploro por vossa incolumidade de alma e corpo. Nenhuma oração convém mais ao sacerdote do que aproximar-se de Deus em prol do bem do povo e junto dele interceder. Já rapidamente se levantava e fazia tantas orações pelos filhos carnis; quanto mais nos compete fazer pelos espirituais!

Por que profiro estas palavras? Porque se fazemos por vós preces e orações, embora tão desproporcionadas à grandeza do empreendimento, bem mais justo é que vós o façais. Pois um só rezar por muitos provém de grande audácia, e é preciso grande confiança; ao invés, não é pesado a muitos reunidos rezar por um só. Não age cada qual sozinho, fiado em sua própria virtude, mas na concórdia da assembleia, para a qual principalmente Deus sempre olha, e aplaca-se. “Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles” (Mt 18,20). Se onde estão dois ou três reunidos, ele está em seu meio, muito mais junto de vós. Aquilo que alguém não pode conseguir pela oração por si só, haverá de receber ao rezar com o povo. Por que razão? Porque não se trata de virtude própria, mas da concórdia, que tem grande força. “Onde dois ou três estiverem reunidos.” Por que disse: “Dois”? Na verdade, se um só estiver em teu nome, porque não estarás perto dele? Porque quero que todos estejam juntos, e não separados. Nós, portanto, estejamos em comunhão, unamo-nos na caridade; ninguém nos divida. Se alguém acusa, se alguém foi molestado, não o revolva no espírito, porém o partilhe ou com um dos seus, ou conosco. Peço-vos por favor, aproximai-vos, pedi e recebei de nossa parte a desculpa. “Interroga; ele pode não ter dito nada; interroga; ele pode não ter feito nada, e, se o fez, pode não repetir” (Eccl 19,14.13). Com efeito, ou desculpamos, ou reconhecendo a culpa pedimos perdão, e esforçamo-nos por não recairmos. É proveitoso a vós e a nós. A vós, porque talvez acusais sem razão, e ao perceberdes a verdade, corrigi-vos; a nós, porém, que por ignorância falhamos, e nos corrigimos. Não vos é vantajoso agir sem discernimento, porque, de fato, está estabelecida uma sanção para os que falam uma palavra ociosa. Nós, no entanto, repelimos as incriminações tanto verdadeiras quanto falsas; as falsas, demonstrando que o são; as verdadeiras, não recaindo. Necessariamente aquele que tem tantas preocupações ignora algo, e falha por ignorância. Com efeito, se um dentre vós possui para dirigir casa, mulher, filhos e tem escravos – uns mais outros menos, no entanto tão poucos e tão fácil é contá-los –, falha involuntariamente, ou por não saber, ou por querer corrigir algo; muito mais nós, que estamos à frente de tão numeroso povo. E o Senhor ainda vos multiplique e abençoe, pequenos e grandes. Efetivamente, embora de uma multidão se originem maiores preocupações, não cessamos, porém, de suplicar que aumente nossa solicitude, e cresça a multidão e se multiplique, sem fim. Na verdade, também os pais, apesar de muitas vezes atormentados por causa da numerosa prole, não querem perder nenhum dos filhos. Tudo é igual para vós e para nós e os bens principais são idênticos. Não recebemos com mais abundância e vós menos da mesa sagrada, e de modo igual dela comemos. Se eu o faço em primeiro lugar, não há diferença; com efeito, entre os filhos, o mais velho estende primeiro a mão para as iguarias. Nada recebemos a mais, é tudo igual para nós: o alimento salutar, que contém vida para nossas almas, a ambos é concedido com as mesmas honras. Não partilhamos de um cordeiro, e vós de um outro, mas todos do mesmo. Temos um só batismo, fomos agraciados com um só espírito, tendemos para o mesmo reino; somos de igual modo irmãos de Cristo; tudo é comum entre nós. Em que vos supero? Nos cuidados, nos trabalhos, na solicitude, nas dores por vós. Mas nada é mais doce do que esta dor. Também a mãe que sofre pelo filho, deleita-se nessa dor, é solícita por seus filhos, alegra-se no meio dos cuidados. Ora, a solicitude em si é amarga, mas, ao se tratar dos filhos, acarreta muito prazer. Eu gerei a muitos dentre vós, e só depois vieram as dores do parto. Relativamente às mães, primeiro vêm as dores corporais, e após, o

parto; aqui, porém, até o último suspiro existem dores, pelo receio de um aborto depois do nascimento. Entretanto, eu as desejo. De fato, embora muitas vezes quem gerou foi um outro, sou eu quem fica esmagado de preocupações. De fato, não geramos por nós mesmos, mas tudo é obra da graça de Deus. Se, porém, ambos geramos pelo Espírito, não se engana quem chamar de meus aqueles que nasceram de mim ou de outros. Pensai em tudo isso e erguei as mãos, a fim de seres nossa glória e nós a vossa, no dia de nosso Senhor Jesus Cristo. Seja-nos dado confiantes vê-lo, em Cristo Jesus nosso Senhor.

QUINTA HOMILIA

3,3. *Mas o Senhor é fiel, e há de fortalecer-vos e guardar-vos do Maligno.*

4. *Temos confiança em vós, no Senhor, de que vos deixais guiar pelas nossas diretrizes e de que o fareis também no futuro.*

5. *Que o Senhor conduza os vossos corações para o amor a Deus e a perseverança em Cristo.*

Não devemos, fiados nas orações dos santos, ficar ociosos, e acorrer aos vícios, sem empregar esforço algum para adquirir a virtude, nem ainda, ao praticar o bem, desprezar a colaboração deles. Grandes coisas, certamente, grandes coisas pode a oração feita em nosso favor, se enfim nós também cooperarmos. Por isso Paulo, ao rezar pelos tessalonicenses, igualmente faz uma coisa digna de crédito, segundo a promessa: “*Mas o Senhor é fiel, e há de fortalecer-vos e guardar-vos do Maligno*”. Pois, se vos destinou à salvação, não há de enganar, nem absolutamente vos deixar perecer. No intuito de não os induzir deste modo à indolência, e ao sono, por considerarem ser tudo obra de Deus, vê como exige também a cooperação deles, assegurando: “*Temos confiança em vós, no Senhor, de que vos deixais guiar pelas nossas diretrizes e de que o fareis também no futuro*”. Deus, que promete dar a salvação, é fiel, e certamente a dará, mas da forma que prometeu. De que modo prometeu? Ouçamos. Não foi de modo absoluto, nem salvará os ociosos, como se fossem de madeira e pedras. Com justeza o Apóstolo acrescentou: “*Temos confiança, no Senhor*”, isto é, acreditamos em seu amor aos homens.

Novamente busca torná-los humildes, asseverando que tudo depende de Deus. Pois se tivesse dito: “Acreditamos em vós”, seria, na verdade, grande louvor; mas não demonstraria que eles acreditavam que tudo dependia de Deus; se, porém, dissesse: “*Temos confiança no Senhor*”, que vos guardará, e não acrescentasse: “*Em vós*” e: “*guiar agora pelas nossas diretrizes e de que o fareis também no futuro*”, torná-los-ia preguiçosos, projetando tudo sobre o poder de Deus. Na verdade, faz-se mister lançarmos sobre ele nossos cuidados, mas nós também temos de cooperar, enfrentar o trabalho e assumir a luta. E nessa passagem declara que, se basta a virtude para nos dar a salvação, importa, contudo, que seja contínua e acompanhe-nos até o último suspiro. Diz o Apóstolo:

“*Que o Senhor conduza os vossos corações para o amor a Deus e a paciência de Cristo*”. Novamente os elogia e faz uma oração, revelando sua preocupação a respeito deles. Uma vez que está para censurá-los, primeiro tranquiliza os seus corações, dizendo: “Confio que ouvireis” e pede-lhes súplicas, e ainda impetra em seu favor inúmeros bens: “*Que o Senhor conduza os vossos corações para o amor a Deus*”. Inúmeros os vícios que afastam da caridade, e muitos os caminhos que dela desviam. Em primeiro lugar a ambição do dinheiro, que de certo modo mete as mãos sem pudor em nossa alma, e agarrando-a com força, a empurra e arrasta contra nossa vontade para longe; em seguida a vanglória, e não raro até as aflições e tentações nos apartam da caridade. Por isso, precisamos de uma espécie de ventania, o auxílio de Deus, a fim de que a vela impelida por forte vento se dirija à caridade de Deus. Não me digas: “Eu o amo mais do que a mim mesmo”. São palavras. Mostra por atos que o amas mais do que a ti mesmo. Ama-o mais do que o dinheiro e então acredito que o amas

mais do que a ti mesmo. Se, porém, não desprezas o dinheiro por causa de Deus, como te desprezarás a ti? Por que me refiro ao dinheiro? Não desprezas a avareza. Mesmo sem os mandamentos de Deus, devias fazê-lo. Como, então, desprezas a ti mesmo? *“E a paciência de Cristo.”* Soframos com paciência como Cristo sofreu, ou pratiquemos o que ele praticou, ou com paciência o aguardemos, isto é, estejamos sempre preparados. Pois, uma vez que ele fez tantas promessas, e vem para julgar os vivos e os mortos, aguardemo-lo com paciente perseverança. Ao se referir o Apóstolo à paciência, subentendem-se aflições; significa amar a Deus, suportar e manter-se imperturbável.

Advertência contra a vida desordenada

6. *Nós vos ordenamos, irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que vos afasteis de todo irmão que ande de modo desordenado e contrário à tradição que de nós receberam.*

Quer dizer, não somos nós que o dizemos, mas Cristo; é o sentido da expressão: *“Em nome de nosso Senhor Jesus Cristo”*. Manifesta com estas palavras como é austera a ordem. Diz ele: *“Por Cristo ordenamos”*. Cristo jamais nos ordena ficarmos ociosos. *“Que vos afasteis de todo irmão.”* Não me faleis de ricos, nem de pobres, nem de santos; é desordem. *“Que ande”*, isto é, que viva. *“De modo contrário à tradição que de nós receberam.”* A tradição, através das obras; propriamente é isto que ele sempre chama de tradição.

7. *Bem sabeis como deveis imitar-nos. Não vivemos de maneira desordenada em vosso meio,*

8. *em recebemos de graça o pão que comemos;*

Comi, mas não gratuitamente: *“Pois o operário é digno do seu salário”* (Lc 10,7).

antes, no esforço e na fadiga, de noite e de dia, trabalhamos para não sermos pesados a nenhum de vós.

9. *Não porque não tivéssemos direito para isto; mas foi para vos dar exemplo a ser imitado.*

10. *Quando estávamos entre vós, já vos demos esta ordem: quem não quer trabalhar, também não há de comer.*

Vê como na primeira carta trata do assunto mais suavemente, nesses termos: *“Nós, porém, vos exortamos, irmãos, a progredir cada vez mais. Empenhai...”* (1Ts 4,10-11) e jamais: *“Ordenamos”*, nem: *“Em nome de nosso Senhor Jesus Cristo”*, o que é terrível e perigoso: mas: *“A progredir”*, diz ele, e: *“Empenhai”*, peculiar a quem exorta à virtude, *“a vossa honra em levar vida honesta”* (1Ts 4,11). Aqui, contudo, nada de semelhante, e sim: *“Quem não quer trabalhar, também não há de comer”*. Com efeito, se Paulo, que não tinha obrigação de trabalhar, poderia ficar ocioso, e empreendera tamanha obra, entretanto trabalhava, e não apenas trabalhava, mas labutava noite e dia, a fim de poder ainda auxiliar o próximo, muito mais os outros assim deviam agir.

11. *Ora, ouvimos dizer que alguns dentre vós, inquietos, sem nada fazer, levam vida ociosa.*

Nesse trecho assim se exprime; lá, na primeira carta: *“Assim levareis vida honrada aos olhos dos de fora”* (1Ts 4,12). Por quê? Talvez ninguém fosse tal, visto que em outra passagem admoesta: *“Há mais felicidade em dar que em receber”* (At 20,35). Aquela locução: *“Levareis vida honrada”* não é relativa à desordem, e por isso acrescenta: *“E não tereis necessidade de ninguém”* (1Ts 4,12). Ora, aqui coloca outra obrigação, a de fazer perante todos o que é bom e honesto, uma vez que mais adiante ordena:

(13.) *não vos canseis de fazer o bem.*

Sem dúvida, quem se acha em condições de trabalhar e continua ocioso, necessariamente é curioso. A esmola só há ser dada a quem não pode obter a própria subsistência por meio do trabalho manual; ou àqueles que ensinam, inteiramente ocupados em doutrinar. Diz a Escritura: “Não amordaçarás o boi que debulha o grão” (Dt 25,4); e: “O operário é digno do seu sustento” (Mt 10,10). De forma alguma está ocioso, e recebe o salário da obra, de uma obra grandiosa. Ora, quem se dá ao ócio de orar e jejuar não faz trabalho manual; denomina obra aqui o trabalho manual. E para que não suspeites de algo diferente, acrescentou: *“Sem nada fazer, mas levam vida ociosa”*.

12. *A estes ordenamos e exortamos, no Senhor Jesus Cristo,*

Mas como os atinge de cheio, querendo suavizar a expressão, acrescentou: *“Por nosso Senhor”*, e em seguida apresenta norma digna de fé e terrível:

que trabalhem na tranquilidade, para ganhar o pão com o próprio esforço.

Por que não disse: “Se não são indisciplinados, sustentai-os”, mas exige ambas as coisas: que trabalhem e na tranquilidade? Porque quer que, pelo trabalho, ganhem o próprio sustento. *“Para ganhar o pão”* significa: obter *“com o próprio esforço”*, não o pão alheio, provindo da mendicância.

13. *Quanto a vós, irmãos, não vos canseis de fazer o bem.*

Vê como logo se rompem as vísceras paternas. Não pôde prosseguir na repreensão, mas logo se compadece deles; e vê com que prudência. Não disse: “Desculpai-os até que se corrijam”. O que, então? *“Não vos canseis de fazer o bem.”* Afastai-vos deles, e censurai-os; mas não os desprezeis se morrem de fome. Se, na verdade, ele encontra abundância junto de nós, e continua ocioso? Indica um medicamento benigno, a saber: Afastai-vos dele, isto é, não lhe deis ocasião de ousadia, mostrai-vos indignados contra ele. Não é coisa insignificante. Tal deve ser a repreensão aos irmãos, se verdadeiramente queremos corrigi-los.

Não ignoramos as espécies de repreensões. Dize-me, por favor: Se tivesses um irmão carnal, tu o desprezarias quando morre de fome? Não creio; talvez, contudo, também o corrigisses.

14. *Se alguém desobedecer ao que dizemos nesta carta,*

Vê a humildade de Paulo. Não disse: “Quem não obedece, a mim desobedece”. Mas dá a entender calmamente:

notai-o,

Aconselha a agir dessa maneira para que não fique oculto.

e não tenhais nenhuma comunicação com ele,

Não se trata de pequena correção. Em seguida, novamente:

para que fique envergonhado.

Não o deixa avançar. Assim como ao declarar: *“Quem não quer trabalhar, também não há de comer”*, receando que morresse de fome, acrescentou: *“Não vos canseis de fazer o bem”*. Assim, tendo dito: *“Afastai-vos”* e: *“Não tenhais nenhuma comunicação com ele”*, temendo que com isto o expulsassem da comunidade (pois quem desanima logo se perde por não gozar mais de confiança), acrescenta:

15. *Não o considereis, todavia, como um inimigo, mas procurai corrigi-lo como irmão.*

Demonstra ser grande suplício retirar-lhe a confiança.

Uma vez que receber esmola entre muitos é vergonhoso, se os possíveis doadores censurarem e se furtarem, não é grande o opróbrio, e suficiente para ferir a alma? Pois, se dar com hesitação ou

murmuração irrita os que recebem (não me fales dos mendigos sem pudor, mas dos fiéis), quando os doadores ainda censuram, de que castigo não seriam dignos? Entre nós, não é o que acontece. Mas, como se tivéssemos recebido as maiores injúrias, ultrajamos os mendigos e recusamos. Não dás; por que ainda aborreces? *“Procurai corrigi-los como irmãos”*, e não injuriá-los como inimigos. Quem admoesta um irmão, não o faz publicamente, não o insulta em público, mas o faz em particular e com grande estima e pesar, com dor, lágrimas e soluços. Tenhamos um ânimo fraterno, admoestemos com propósito fraterno, não pesarosos por dar, mas tristes porque ele transgride o mandamento. O que lucrarás? Depois de dares, injúrias e estragas o prazer da doação; se, porém, não dás e insultas, quanto mal não fazes àquele mísero e infeliz? Aproximou-se para receber uma esmola, afastou-se, contudo, com uma ferida mortal e chorando amargamente. Coagido a mendigar devido à miséria, e injuriado porque mendiga, vê que será maior o suplício dos que insultam. *“Oprimir o fraco é ultrajar seu Criador”* (Pr 14,31). Dize-me. O Criador por tua causa permitiu que ele fosse pobre, para teres possibilidade de te curar, e tu afrontas aquele que por tua causa é pobre? Que grande iniquidade é esta? É ação de um ingrato. *“Procurai corrigi-lo como irmão.”* Ele ordena que depois de dares, admoestes; se, porém, além de não darmos, insultamos, qual será a nossa defesa?

Oração e despedida

16. *O Senhor da paz vos conceda a paz, em todo tempo e lugar.*

Vês como depois das instruções sobre o dever, assinala-o com uma oração, selo de seu legado, formulando a prece e a súplica. *“Conceda-vos a paz em todo lugar.”* Pois, considerando a probabilidade de surgirem disputas, porque uns são mais rudes, e outros não agem de igual modo, com razão agora implora: *“Conceda-vos a paz em todo tempo”*. Deseja-se que eles a conservem sempre. O que significa: *“Em todo lugar”*? Ele deseja a paz em toda parte, que em lugar algum tenham pretexto de contenda. Em toda parte a paz é boa, mesmo para com os de fora. Escuta como se exprime noutra passagem: *“Se possível, viver em paz com todos, por quanto de vós depende”* (Rm 12,18). Nada mais adequado às ações retas que queremos praticar do que ser pacífico e não turbulento, e estar livre de inimizades e a ninguém ter por inimigo.

O Senhor esteja com todos vós.

17. *A saudação é de meu próprio punho, Paulo. É este o sinal que distingue minhas cartas. Aí está a minha letra!*

18. *A graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja com todos vós! Amém.*

Ele afirma que assim é que escreve em toda carta, para que ninguém as falsifique, servindo a subscrição da melhor garantia. Denomina saudação o voto, mostrando que então sempre agia de modo espiritual e quando convinha saudar, fazia-o com lucro. A oração não era apenas símbolo de amizade. Por ela começava, e com ela terminava, munindo de grandes muralhas o que em ambas as partes exprimia; colocava sólidos fundamentos, e impunha um final firme e seguro. Diz: *“A vós graça e a paz”* (2Ts 1,2). E ainda: *“A graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja com todos vós. Amém”*. Igualmente Cristo o prometeu aos discípulos, nesses termos: *“Eis que eu estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos!”* (Mt 28,20). Mas realiza-se quando o queremos; pois não estará conosco, se nós nos distanciarmos. Estarei convosco, diz ele, perpetuamente. Por conseguinte não rejeitemos a graça. O Apóstolo quer que nos apartemos de todo irmão desordenado. Então era grande mal ser expulso da comunidade dos irmãos. Ele de certo modo era castigado por todos, conforme em outra passagem, escrevendo aos coríntios, Paulo se expressava: *“Com tal homem nem tomar refeição”* (1Cor 5,11). Mas agora muitos não consideram a excomunhão grande mal. Tudo está confuso e

corrupto. Misturamo-nos sem discernimento com adúlteros, com dissolutos, com avaros. Se importava afastar-se daquele que se sustentava, todavia permanecendo na ociosidade, quanto mais dos outros? E para que saibas quão terrível é estar separado da comunidade dos irmãos, e quanto lucro tiraram os que aceitam bem a repreensão, escuta como aquele que se vangloriava do pecado, que chegara ao extremo do vício, que admitira tal fornicção que nem entre os pagãos se nomeava, insensível a seu ferimento (suma perversidade!), um homem desta espécie, digo, de tal forma se dobrou e humilhou que Paulo disse: “Para tal homem, basta a censura infligida pela maioria” (2Cor 2,6); por isso, fosse confirmada para com ele a caridade. Então era um membro separado do corpo.

O motivo por que então a penalidade era terrível é o seguinte: Estar unido à comunidade era considerado então o maior bem. Enquanto habitantes de uma mesma casa, sob o poder de um só pai, e partícipes de idêntica mesa, achavam-se os fiéis em cada Igreja. Mal enorme era perder tamanha caridade. Agora, no entanto, não parece ser grande perda, porque não é considerado importante o fato de viver comunitariamente. Então consistia um suplício; atualmente, porém, a caridade esfriou bastante, não é tido por pena, e apartamo-nos facilmente uns dos outros, por se ter esfriado a caridade. Não existir mais caridade é a causa de todos os males e dilui e desvanece bens dignos de respeito e preclaros da Igreja, os quais deviam ocasionar exultação. Grande é a confiante ousadia do mestre quando pode censurar os discípulos, propondo como exemplo suas boas ações. Paulo dizia: “*Bem sabeis como deveis imitar-nos*”. Deve ser mestre mais pela vida do que por palavras. Ninguém, contudo, considere tratar-se de vanglória; declara-o, coagido pela necessidade, e para o bem comum. “*Não vivemos de maneira desordenada em vosso meio*”. Não manifesta humildade chamar de dádiva gratuita também as maneiras ordenadas? “*Não vivemos de maneira desordenada em vosso meio, nem recebemos de graça o pão que comemos*”. Talvez indique que os fiéis eram pobres. Não retruques: “Mas nem todos eram pobres”. Pois fala de pobres, e dos que não obtinham a subsistência a não ser do trabalho manual. Não disse: “Que recebam dos antepassados”, e sim: “*Que trabalhem, para ganhar o pão com o próprio esforço*”. Pois se eu, arauto da palavra da doutrina, tive receio de pesar sobre vós, muito mais aquele que em nada vos é útil; seria na verdade um peso. É pesado se não se doa com prontidão de ânimo. Mas o Apóstolo não alude a isto, e sim aos que não obtinham facilmente o sustento.

Por que, então, não trabalhas? Deus não te concedeu as mãos para receberes recursos dos outros, mas para lhes ofereceres. “*O Senhor esteja com todos vós.*” É lícito o pedido, se praticamos as obras do Senhor. Escuta o que diz Cristo aos discípulos: “Ide, portanto, e ensinai a todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei. E eis que eu estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos!” (Mt 28,19-20). Não se dirige apenas a eles, mas também a nós. Evidencia-se que não foi prometido somente a eles pelo seguinte: “Até a consumação dos séculos”, mas ainda aos seguidores de suas pegadas. O que, portanto, significa para os que não são mestres? Cada um de vós, se quiser, pode ser mestre, se não de outrem, ao menos de si mesmo; ensina-te primeiro a ti mesmo. Se ensinares tudo o que o Senhor mandou que observasses, terás muitos que te imitem. Uma lâmpada que brilha pode acender inúmeras outras, enquanto a que estiver apagada nem para si mesma fornecerá luz, nem poderá acender outras lâmpadas; o mesmo se afirme de uma vida pura. Se a nossa vida for luminosa, proposta qual exemplo, teremos inúmeros discípulos e mestres. Nem a pregação poderá ser tão útil aos ouvintes quanto a vida. Torna-te, por conseguinte, um amigo de Deus, resplendente de virtudes, mesmo se fores casado. É lícito ter mulher, filhos, servos e amigos, e agradar a Deus. Este homem, dize-me, não será talvez bem mais útil a todos do que eu? Os fiéis ouvem-me, de fato, cada mês uma ou duas vezes, ou nem mesmo

uma vez; e talvez guardem o que ouvirem até o limiar da igreja e imediatamente depois joguem fora; entretanto a visão contínua da vida daquele homem ocasionará grande lucro. Se, pois, for injuriado, e não retribuir com injúria, acaso não gravará e insculpirá respeito à sua mansidão no ânimo de quem o insultou? Se este não confessar logo que lhe foi útil, por causa da ira, ou da vergonha, ou do pudor, logo volta ao bom senso; e é impossível que um homem contencioso, uma fera embora, não retire grande lucro da convivência com um homem manso e paciente. Ainda que não pratiquemos o bem, todos, contudo, o elogiamos e admiramos. A mulher também, que possui um marido prudente, muito ganha com a sua convivência e igualmente o filho. Desta forma, cada um de vós pode tornar-se mestre: “Edificai-vos mutuamente, como já fazeis” (1Ts 5,11). Pensa, por favor. Houve algum prejuízo em tua casa? A mulher se perturba, por ser mais fraca e mais mundana? O marido, se é sábio, e rindo aceita o prejuízo, traz-lhe conforto e a convence de suportá-lo com ânimo generoso. Acaso, dize-me, não lhe será mais vantajoso do que os nossos sermões? Com efeito, falar é fácil para todos. Agir, porém, quando necessário, é muito difícil. A natureza humana costuma corrigir-se diante dos fatos. Tão grande é a excelência da virtude que o servo muitas vezes é útil a toda a casa, com o senhor.

Não é em vão que Paulo ordena frequentemente aos escravos exercerem a virtude, e serem obedientes aos senhores. Não se preocupa tanto de que sirvam aos senhores quanto de que não sejam blasfemadas a palavra e a fé em Deus. Se, porém, não são blasfemadas, logo também serão admiradas. Conheço também várias casas que ganharam muito com a virtude dos escravos. Se o escravo que está sob domínio, consegue corrigir o senhor, muito mais o senhor aos servos. Exercei, por favor, comigo este serviço. De minha parte, falo a todos em comum, e vós, cada qual isoladamente. A cada um em particular é confiada a salvação do próximo. Os pais de família, à frente de suas casas, escutem a recomendação de Paulo às mulheres: “Se desejarem instruir-se sobre algum ponto, interroguem os maridos em casa” (1Cor 14,35) e não são encaminhadas ao mestre. Nas disputas literárias há mestres entre os discípulos; o mesmo acontece na Igreja. O Apóstolo não quer que todos exponham as dificuldades ao mestre. Por quê? Porque daí adviriam grandes bens, não apenas por aliviar-se o labor do mestre, mas também porque se cada um dos discípulos se ocupar desta forma, com tal solícitude, logo pode transformar-se em mestre. Observa, no entanto, quanto serviço presta a mulher: guarda a casa, ocupa-se dos problemas caseiros, estimula as escravas, prepara as vestes com suas próprias mãos, faz com que te seja atribuído o nome de pai, livra-te dos bordéis, auxilia a continência, acalma o estro da natureza. Mas tu também lhe prestas benefícios. Quais? Estendes-lhe a mão relativamente às realidades espirituais; acerca de tudo de útil que ouvires, age à maneira das andorinhas, que carrega o alimento no bico e deposita-o no bico da mãe e dos filhotes. Não seria absurdo no restante querer a primazia, ocupar o lugar de chefe, e quanto à doutrina desertar? Importa que o chefe comande aos subordinados não relativamente às honras, e sim no atinente às virtudes. Este é o dever de quem manda, e o outro, dos que obedecem. Se és muito respeitado, nada te compete, pois recebes dos outros a honra; se te destacares pelas grandes virtudes, é somente tua propriedade. És a cabeça da mulher; rege a cabeça o restante do corpo. Não vês que a cabeça não tanto localmente está acima do resto do corpo quanto pela solícitude e providência, de tal sorte que lhe imprime, qual piloto, uma orientação? Na cabeça encontram-se os olhos corporais e espirituais; de lá flui a força de perceber, o impulso de reger. Na verdade, o resto do corpo foi constituído para servir; a cabeça, no entanto, foi disposta a fim de mandar. Todos os sentidos nela encontram o princípio e a fonte: os órgãos vocais dali emitem sons, atuam as faculdades da visão, do olfato, do tato. Vês onde se aprofunda a raiz dos nervos e dos ossos. Vês que é mais excelente pela provisão do que pela honra? Assim também nós transmitamos as ordens às mulheres; superamo-las não por meio da procura de obter delas mais honra, mas por lhes prestarmos maiores benefícios. Mostrei que elas não pouco nos beneficiam; mas, se as remunerarmos

com bens espirituais, nós as ultrapassamos. Na verdade, nas realidades corporais, nada podemos oferecer que elas não retribuam. Por quê? Ofereceis muitas riquezas? Mas ela as conserva. Este cuidado depende da providência, que se origina dela. Por quê? Porque a maioria dos que possuíam um tesouro, não tendo quem o guardasse, perderam tudo. Mas, em relação aos filhos, ambos tomam parte, ambos colaboram, apesar de ter ela um ministério mais laborioso, porque sempre carrega o feto, e sofre as dores do parto. Por isso, somente em bens espirituais podes vencê-la. Não nos preocupemos acerca de acumular riquezas, e sim das almas que nos são entregues, e confiantes apresentemo-las a Deus. Orientando-as, também ser-nos-emos assaz úteis. Pois quem ensina a outrem, se não por outro motivo, ao falar fica compungido, principalmente se verifica ser ele próprio culpado daquilo acerca do qual repreende os outros.

Por conseguinte, aproveitamos a nós mesmos e às mulheres, e por meio delas à casa, e isto principalmente é agradável a Deus. Não nos envergonhemos de cuidar das nossas e das almas daqueles que nos servem, de sorte que por todas recebamos remuneração e com rico tesouro cheguemos à santa cidade, nossa mãe, a Jerusalém do alto, donde de forma alguma sejamos excluídos. Resplandecendo por uma vida ótima, com grande confiança mereçamos contemplar nosso Senhor Jesus Cristo, com o qual ao Pai, conjuntamente com o Espírito Santo, glória, poder, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

HOMILIAS SOBRE A CARTA A FILEMON DE SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, PADRE DA IGREJA, ARCEBISPO DE CONSTANTINOPLA

ARGUMENTO

Primeiramente convém enunciar qual o tema da Carta, e em seguida também expor algumas questões. Qual é, portanto, o tema? Filemon é um homem importante e de caráter nobre. Manifesta sua importância o fato de toda a sua casa ser fiel e possuir a denominação de Igreja. Por isso, escrevia o Apóstolo: “*À Igreja que se reúne em tua casa*” (2). Atribui-lhe o testemunho de grande obediência, porque graças a ele “*foram reconfortados os corações dos santos*” (7). Nesta carta recomenda-lhe ainda que lhe prepare hospedagem. Por conseguinte, a meu ver, sua casa era hospedaria de todos os santos. Este homem importante tinha um escravo chamado Onésimo. Onésimo roubara de seu senhor e fugira. Sobre o furto, escuta o que ele diz: “*E se ele te deu algum prejuízo ou te deve alguma coisa, põe isso na minha conta*” (18-19). A Paulo em Roma ele havia procurado, encontrado no cárcere, aproveitado de seus ensinamentos e ali também recebera o batismo. Evidencia-se que ali recebera o batismo pela expressão do Apóstolo: “*Que eu gerei na prisão*” (10). Paulo escreve, recomendando-o ao dono, para isentá-lo do castigo e, regenerado, fosse agora bem acolhido. Mas alguns afirmam que é supérflua esta Carta, por se tratar de pequena questão, em favor de um só. Saibam os críticos que merecem inúmeras censuras. Não só devia ter escrito uma carta bem curta e a respeito de um assunto necessário, mas oxalá facilmente tivéssemos quem nos narrasse a história dos apóstolos. Não me refiro só ao que escreveram ou disseram, mas também ao restante estilo de vida: as refeições, quando comiam, quando se sentavam, aonde iam, o que faziam cada dia, onde estiveram, as casas que visitaram, onde embarcaram, e a descrição inteira fosse pormenorizada, a tal ponto o seu procedimento é de utilidade. De fato, uma vez que a maioria não entende o lucro que daí se pode retirar, começam as incriminações. Mal divisamos, porém, os lugares onde se sentaram ou foram presos, lugares inânimes, para lá orientamos muitas vezes o pensamento, imaginamos a virtude deles, e assim nos estimulamos, tornamo-nos mais bem-dispostos. Mais ainda, se ouvíssemos as palavras e a narração de seus outros feitos. Acerca de um amigo, pergunta-se onde vive, o que faz, para onde parte. Dize-me. Não importa conhecer tais minúcias a respeito dos doutores do universo? Quando uma pessoa vive espiritualmente, os gestos e o andar, as palavras, as obras etc. são de proveito aos ouvintes, e nada serve de impedimento, ou de obstáculo. É útil conhecerdes a oportunidade desta carta, a respeito de problemas determinados. Quantas atitudes ótimas! Uma, e em primeiro lugar o zelo total. Se Paulo tomou tantas providências em favor de um fugitivo, ladrão, gatuno, e não recusa nem se envergonha de despedi-lo com tantos louvores, muito mais não nos convém a negligência acerca de fatos semelhantes. Em segundo lugar, não percamos a esperança a respeito da classe servil, mesmo se chegar à extrema malícia. Se um ladrão, fugitivo, tornou-se honesto a ponto de Paulo desejar tê-lo por companheiro e escrever: “*Em teu nome, ele me servisse*” (13), muito mais não se perca a esperança a respeito de homens livres. Em terceiro lugar, não convém que os escravos sejam apartados dos donos. Se Paulo confiava tanto em Filemon que não quis, sem o consentimento dele, reter a Onésimo, habilitado e útil ao ministério, bem mais conveniente é procedermos assim. Um escravo admirável mais deve permanecer na escravidão, e reconhecer o domínio do senhor para auxiliar a todos os que se encontram na casa. Por que tiras a lâmpada do candelabro para colocá-la sob o alqueire (cf. Mt 5,15)?

Oxalá fosse lícito introduzir na cidade os que estão fora! Mas, replicas, e se ele se tornar malvado? Dize-me, por favor. Por quê? Por ter ingressado na cidade? Com efeito, pensa que, se ficar fora, tornar-se-á pior. Se dentro tornar-se-á malvado, muito mais fora. Dentro está livre da preocupação com o sustento, porque disto o senhor cuida; fora, porém, terá ele mesmo preocupações acerca das coisas mais necessárias e mais espirituais. Por esta razão também São Paulo dava-lhes ótimo conselho: “Eras escravo quando foste chamado? Não te preocupes com isto. Ao contrário, ainda que te pudesses tornar livre, procura antes tirar proveito da tua condição” (1Cor 7,21), isto é, permanece na escravidão. É o mais necessário a fim de que a palavra de Deus não seja blasfemada, conforme ele mesmo escreve: “Todos os que estão sob o jugo da escravidão devem considerar os seus próprios senhores como dignos de todo respeito, para que o nome de Deus e a doutrina não sejam blasfemados” (1Tm 6,1). Dirão os gentios que o escravo também pode agradar a Deus. Aliás, se os escravos fossem tirados de perto dos senhores, seria oportunidade a muitos de blasfemar e dizer: O cristianismo se introduziu para revolucionar tudo. Seria violento! O que mais direi? Ensina-nos a não nos envergonharmos dos escravos, se forem honestos. Se Paulo, o mais excelente dos homens, assim se exprime sobre o assunto, muito mais façamo-lo nós. Sendo tantas as vantagens desta carta, apesar de ainda não termos dito tudo, quem considerará supérfluo que também esta carta seja contada entre as Letras Sagradas? Não é extrema demência? Atendamos, portanto, suplico-vos, à carta do Apóstolo. Já lucramos tanto; bem mais lucraremos do contexto.

PRIMEIRA HOMILIA

- 1,1. *Paulo, prisioneiro de Cristo Jesus, e o irmão Timóteo, a Filemon, nosso muito amado colaborador,*
2. *à nossa irmã Àpia, ao nosso companheiro de armas Arquipo, e à Igreja que se reúne na tua casa.*
3. *Graça e paz a vós, da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.*

Palavras dirigidas a um senhor em favor de um escravo. Logo no início muda-lhe os sentimentos, não permite que se envergonhe, extingue-lhe a ira; denominando-se prisioneiro, acalma-o, retém-no, e faz com que as coisas terrenas sejam tidas por nada. Se os vínculos por causa de Cristo não envergonham, mas são motivo de glória, muito mais a servidão não é ignominiosa. E o diz, sem se exaltar, mas faz-o por bem, e com autoridade; não por seus interesses, mas para receber a graça mais facilmente. Seria como se dissesse: Por vossa causa estou cercado destes vínculos, conforme diz em outra passagem. Ali mostra solicitude, aqui, contudo, autoridade. Nada maior do que esta glória, a saber, receber o nome de estigmas de Cristo: “Eu trago em meu corpo as marcas de Jesus” (Gl 6,17). “*Prisioneiro de Cristo.*” Por causa dele fora aprisionado. Quem não reverenciará, não se inclinará, ouvindo falar dos vínculos de Cristo? Quem não dará a vida, quanto mais um escravo? “*E o irmão Timóteo.*” Toma outro consigo, para que Filemon, rogado por muitos, ceda mais facilmente e preste o benefício. “*A Filemon, nosso muito amado colaborador.*” Se é amado, não é audácia, nem temeridade confiar, mas indício de singular amizade. Se colaborador, não só deve ser rogado, mas por este motivo ser grato; pois o gratifica contribuir para idêntica obra. Por conseguinte, mesmo sem o pedido, és obrigado a prestar este benefício. Ele é útil à pregação do evangelho, e tu és zeloso pelo evangelho; já não precisas de ser rogado, mas deverias rogar. “*À nossa irmã Àpia.*” A meu ver, trata-se da mulher de Filemon. Vê a humildade de Paulo! Assume consigo Timóteo para pedir, e não só roga ao homem, mas também à mulher, e a um outro, talvez um amigo. “*Ao nosso companheiro de armas Arquipo.*” Não quer obter por meio de uma ordem, nem fica indignado se ele não obedecer logo à ordem, mas o

que faria um desconhecido, quer que outros reforcem seus pedidos. Favorece o atendimento da prece não só porque a súplica vem da parte de muitos, mas também é em prol de muitos. Por isso diz: “Ao nosso companheiro de armas Arquipo”. Se és companheiro de armas, também deves associar-te nesta ação. Sobre este Arquipo escreve aos colossenses: “E disse a Arquipo: ‘Atende ao ministério que recebeste do Senhor, cumprindo-o bem’” (Cl 4,17). A meu ver, é membro do clero; assume-o para o pedido e chama-o de companheiro de armas, a fim de que auxilie de todos os modos. “*E à Igreja que se reúne na tua casa.*” E não omite os escravos. Sabia, de fato, que muitas vezes a palavra dos escravos pode alterar a opinião do senhor, e principalmente quando o pedido é a favor de um deles; e talvez fossem os que especialmente o incitavam (contra Onésimo). Não os deixa, em consequência, pecar por inveja, interpelando-os com os senhores. Mas nem ao senhor permite que fique indignado. Pois se os nomeasse, talvez se irritasse; se, contudo, não os mencionasse, é provável que não o tolerasse. Vê, portanto, a razão prudente que encontrou, mencionando-os, sem ofendê-lo. Pois o nome de “Igreja” não deixa o senhor indignar-se por serem enumerados também os escravos. De fato, a Igreja não conhece diferença entre senhores e escravos; distingue-os apenas pelos atos bons ou pelos delitos. Se, por conseguinte, é Igreja, não fiques indignado por ter nomeado contigo o escravo: “Em Cristo Jesus não há escravo nem livre” (cf. Gl 3,28). “*Graça e paz a vós.*” Relembra-lhe os seus próprios pecados, advertindo-o sobre a “graça”. Pensa, diz ele, quantos pecados Deus te perdoou, e que foste salvo pela graça. Imita o Senhor. E deseja-lhe a paz. E com razão. Ela nos atinge quando o imitamos, quando a graça permanece. Com efeito, o servo sem misericórdia para com o companheiro, enquanto não reclamou os cem denários, também conservou a graça do Senhor. Uma vez que os exigiu, foi-lhe retirada e ele foi entregue aos torturadores.

Refletindo nisto, sejamos misericordiosos, propensos a perdoar àqueles que pecam contra nós. Cem denários são (Mt 18) as faltas cometidas contra nós, mas as nossas contra Deus constituem dez mil talentos. Sabeis, contudo, que os pecados são qualificados conforme a dignidade das pessoas. Por exemplo, quem insulta um particular peca, mas não quanto quem ultraja a um chefe; e mais peca quem ofende a um maior potentado. Não é falta igual afronta a um inferior. E quem ofende o rei, peca muito mais. A injúria, em verdade, é a mesma, mas torna-se maior devido à dignidade da pessoa. Se, porém, quem insulta o rei, sofre intolerável suplício por causa da dignidade da pessoa, quem ofende a Deus, deverá quantos talentos? Por conseguinte, se cometemos pecados semelhantes contra Deus e contra os homens, nem assim são idênticos, mas a diferença é tão grande quanto a distância entre Deus e os homens. Mas descubro haver ainda muitos pecados, cuja grandeza não depende da excelência da pessoa, mas de sua própria natureza. E é horrível o que direi, verdadeiramente terrível, mas sou obrigado a dizê-lo, para ao menos assim nos sacudir e abalar, demonstrando que tememos mais a Deus do que aos homens. Reflete, portanto. O homem que comete adultério sabe que Deus o vê, mas o despreza; se, porém um homem o vê, contém a concupiscência. Tal homem não só dedica maior estima aos homens do que a Deus, não só ofende a Deus, mas também, o que é muito mais grave, teme os homens, despreza a Deus. Veem os homens e eles contêm a chama da concupiscência. Por que digo chama? Não é chama, mas petulância. Se não fosse permitido unir-se à mulher, com razão dir-se-ia que é chama; mas, de fato, é petulância e lascívia. Se os homens veem, desiste da loucura, mas fica menos preocupado com a longanimidade de Deus. Ainda, o que furta está consciente da rapina, esforça-se por enganar os homens, defende-se diante dos acusadores, e apresenta certa defesa. Mas, relativamente a Deus, que ele não pode enganar, não se preocupa, não respeita, não honra. E se o rei ordena abster-se dos bens alheios, ou, ao contrário, manda dar dos seus, todos prontamente os oferecem. Mas quando Deus ordena não roubar, nem arrebatam os bens alheios, não obedecemos. Vês que damos mais importância aos homens do que a Deus? É grave e incômodo dizê-lo. Manifestai que

é grave, evitai-o. Se não sentis horror, como posso acreditar quando dizeis: Temos horror destas palavras, que nos agravam? Vós mesmos por obras vos agravais, e não vos queixais; quando eu, porém, profiro palavras acerca do que fazeis, ficais indignados. Não é iníquo? Oxalá fosse falso! Prefiro naquele dia ter a fama de injuriador a vos ter ultrajado sem motivo e em vão, a vos ver acusados desses pecados. Não somente preferis os homens a Deus, mas também obrigais os outros a tal conduta. Muitos obrigam os escravos e servos; outros, forçam-nos contra a vontade ao casamento, outros obrigam a serviços péssimos, ao amor impuro, às rapinas, às fraudes e à violência. É duplo crime, portanto, e nem a escusa de imposição encontra perdão. Pois se tu mesmo contra a vontade fazes o mal, por causa da ordem do príncipe, nem assim é adequada a defesa; em verdade o pecado é mais grave quanto obrigas o próximo a cair no mesmo. Que perdão pode ser dado a tal homem? Disse isso, não porque queira condenar-vos, mas a fim de mostrar quanto somos devedores a Deus. Pois se honramos a um homem e a Deus de igual forma, injuriamos a Deus; muito mais quando damos preferência aos homens. Se, de fato, esses pecados contra os homens forem cometidos contra Deus, são muito maiores, quanto mais, quando por si o pecado é maior e mais grave? Examine-se alguém a si mesmo, e verá quanto faz por causa dos homens. Seríamos muito felizes se fizéssemos por Deus quanto fazemos pelos homens, por estima, por medo e respeito humano. Se, portanto, somos réus, temos tão grandes débitos, devemos com toda diligência perdoar àqueles que nos lesam e enganam, sem nos lembrarmos da injúria. A via do perdão dos pecados não exige esforços, gastos pecuniários etc., mas só a boa disposição do ânimo; não é preciso empreender peregrinação, partir para outra região, nem enfrentar perigos e labores, mas somente querer.

Que desculpa teremos relativa ao que parece difícil, se não praticamos o que é leve, com tanto lucro e vantagens e nenhum trabalho? Não podes desprezar o dinheiro? Não podes gastar os bens com os necessitados? Não podes querer uma coisa boa? Perdoar quem te causa prejuízo? Se não tivesses tantos débitos, mas Deus apenas te ordenasse perdoar, não devias fazê-lo? No entanto, não perdoas, estando tão endividado e ciente de que deves repor uma parte do que lhe deves. Procuramos nosso devedor, e ele bem ciente nos respeita, recebe, honra e presta largamente bons serviços, apesar de não solvermos o empréstimo, apenas Por querer nos acalmar ao reclamar o empréstimo, e tu que tanto deves a Deus, e recebes ordem de perdoar a fim de receberes, não perdoas? Por quê? – pergunto. Ai, de quanta bondade fruímos! E nós, quanta malícia demonstramos! Quanto sono! Quanta negligência! Como é fácil a virtude, e com tantas vantagens! Como é laboriosa a malícia! Nós, contudo, fugindo do que é fácil, buscamos o que é mais pesado do que o chumbo. Para a virtude não é necessário vigor corporal, nem riquezas, dinheiro, poder, amizade etc., mas basta somente boa vontade e tudo está feito. Uma pessoa te entristeceu, injuriou e ultrajou? Ora, reflete que tu também contra outros cometeste tais faltas, até contra o próprio Senhor; desculpa e perdoa. Pensa, o que dizes: “E perdoa as nossas dívidas, como também nós perdoamos aos nossos devedores” (Mt 6,12). Reflete que, se não perdoares, não podes com confiança repetir estas palavras; se perdoas, de certo modo reclamas este débito, não em consequência da natureza das coisas, mas por causa daquele que nos concedeu sua bondade. Que igualdade há entre aquele que perdoa os débitos dos companheiros e a recepção do perdão dos pecados contra o senhor? Todavia participamos de tanta bondade, porque, de fato, ele é rico em misericórdia e compaixão. No intuito de te provar que também sem isto, e sem remissão, somente pelo fato de perdoares, colhes fruto, pondera quantos amigos tem determinada pessoa, que sempre todos elogiam, nesses termos: É um homem bom, conciliador, que não se lembra das injúrias, logo fica curado da ferida que lhe foi infligida. Se tal pessoa incidir em alguma tribulação, quem não se compadecerá? Quem não a perdoará se pecar? Quem não será grato por tanta bondade? Quem não quer ser amigo e servo de alma tão bondosa? Ah! rogo-vos. Façamos tudo visando a esta finalidade,

não só relativamente aos amigos e parentes, mas também aos escravos. “Sem ameaças, sabendo que o senhor deles e vosso está nos céus” (Ef 6,9). Se perdoarmos os pecados do próximo, seremos perdoados também nós, se dermos esmolas, se formos humildes, pois também isto apaga os pecados. O publicano, apenas por ter dito: “Tem piedade de mim, pecador” (Lc 18,13) desceu justificado; muito mais nós, humildes e contritos, poderemos conseguir imensa benignidade. Se confessarmos nossos pecados e nos condenarmos a nós mesmos, apagaremos muitas manchas. Vários são os caminhos que purificam. Em toda parte, portanto, lutemos contra o diabo. Não me referi a um ato difícil, pesado. Perdoa àquele que te ofendeu, tem compaixão do indigente, humilha tua alma. Até mesmo apesar de seres um grande pecador, poderás tornar-te partícipe do reino, purificando-te dos pecados e apagando a mácula desta forma. Oxalá, porém, todos nós, apagada a mácula dos pecados pela confissão, alcancemos os bens prometidos, em Cristo Jesus nosso Senhor, ao qual com o Pai seja glória, poder etc.

SEGUNDA HOMILIA

- 1,4.** *Dou sempre graças ao meu Deus, lembrando-me de ti em minhas orações,*
- 5.** *porque ouço falar da tua caridade e da fé que te anima em relação ao Senhor Jesus e para com todos os santos.*
- 6.** *possa esta fé que nos é comum tornar-se eficaz pelo conhecimento de todo bem que nos é dado realizar por Cristo Jesus.*

O Apóstolo não pede o favor logo no início, mas depois que admirou e elogiou a Filemon devido às boas obras, ofereceu grande sinal de seu amor, o de lembrar-se dele em suas orações, declarou que ele reconfortava, obedecia e atendia a todos, e finalmente expõe o assunto, acompanhado de especial súplica. Se outros conseguem o que pedem, muito mais Paulo. Merecia alcançar adiantando-se, muito mais vindo após, não com um pedido para si, mas a favor de um outro. Em seguida, a fim de não parecer escrever somente por este motivo, e não se afirmasse que não teria escrito a não ser em prol de Onésimo, vê como apresenta outros motivos para a carta. Em primeiro lugar, manifesta amor, em seguida também ordena que lhe seja preparada hospedagem. “*Porque ouço falar do teu amor.*” É admirável, e muito mais do que se estivesse presente. É claro que, sendo o amor superabundante, os atos também eram notórios, e a fama chegou até Paulo, apesar da grande distância entre Roma e a Frígia. A meu ver, foi através de Arquipo. Aos colossenses, que habitam na Frígia, escreve: “Depois que esta carta tiver sido lida entre vós, fazei-a ler também na Igreja de Laodiceia. Lede vós também a que escrevi aos de Laodiceia” (Cl 4,16). É uma cidade da Frígia. “*Possa esta fé que nos é comum tornar-se eficaz.*” Vês que mais dá do que recebe, e em vez de pedir um benefício, oferece um muito maior? “*Possa esta fé que nos é comum tornar-se eficaz pelo conhecimento de todo bem que nos é dado realizar por Cristo Jesus.*” Isto é, que cultives toda virtude, que nada falte. A fé será eficaz se acompanhada das obras. “É morta a fé sem obras” (Tg 2,26). E não disse: Tua fé, e sim: “*A fé que nos é comum*”, unindo-o a si, mostrando que formam um só corpo, e principalmente por isso faz-lhe a súplica. Se és partícipe na fé, diz ele, também deves participar no restante.

- 7.** *De fato, tive grande alegria e consolação por causa do teu amor, pois, graças a ti, irmão, foram reconfortados os corações dos santos.*

Nada comove tanto quanto relembrar os atos bons alheios, especialmente se parte de pessoa mais respeitável. E não disse: Se fazes em favor de outrem, muito mais faça-o por mim; mas o sugere, tomando caminho mais suave. “*Tive grande alegria*”, isto é, infundiste-me confiança diante do que

concedeste aos demais. “*E consolação*”, isto é, não somente tivemos prazer, mas também alívio, pois são nossos membros. Se, portanto, a concórdia deve ser tão grande que uns reconfortam os outros em aflição, até os que nada obtêm alegram-se por causa do próximo, visto que um só é o corpo beneficiado. Muito mais nos alegraremos se além disso nos reconfortares. Não diz: Por que cedez, obedeces, mas de forma assaz grave e significativa: “*Os corações dos santos*”, como uma criancinha desejada e amada pelos pais. Assim o amor e a benevolência demonstram que ele é intensamente amado.

8. *Por isso, tendo embora toda liberdade em Cristo de te ordenar o que convém,*

Vê com que cautela procede a fim de não ofender de modo insuportável o destinatário com a declaração da grande caridade. Por isso, antes de dizer: “*De te ordenar*”, que seria pesado, mesmo se proveniente da caridade, demonstra-se benévolo; todavia corrige com exagero: “*Tendo embora toda liberdade*”, o que indica que Filemon era importante. Isto é, tu nos deste esta liberdade; e não só, mas acrescenta: “*Em Cristo*”, o que denota que poderia dar-lhe ordens, não enquanto no mundo era ilustre e poderoso, mas por causa da fé em Cristo. E então coloca: “*De te ordenar*”, e não apenas, mas ainda: “*O que convém*”, isto é, consentâneo à razão. E vê quantos raciocínios. Fazes o bem a outros, diz ele; pratica-o também para comigo, por causa de Cristo, porque é razoável, e a caridade concede. Por isso acrescenta:

9. *prefiro pedir por amor.*

Como se dissesse: Sei, em verdade, que obedeceria a uma ordem da autoridade, porque outros anteriormente já o haviam conseguido, mas rogo, por ter grande empenho neste assunto. Simultaneamente mostra as duas coisas: Que confia (pois ordena), e que tem grande interesse na questão; por isso roga.

É na qualidade de Paulo, velho

Ah! quantos argumentos convincentes! O relativo à qualidade da pessoa, porque é Paulo; o da idade, porque é velho; o de que seria mais justo do que para os demais, porque

agora também prisioneiro por Jesus Cristo.

Quem não receberia de braços abertos este atleta coroadado? Quem, contemplando-o prisioneiro por causa de Cristo, não o gratificaria mil vezes? Preparou-lhe o ânimo com tais palavras, no entanto não enuncia logo o nome, mas após tantos pedidos ainda difere. Conheceis a ira dos senhores contra os escravos fugitivos; e principalmente, se depois de um furto, como aumenta a ira, apesar de serem bondosos.

Por conseguinte acalmou-o assim e após persuadi-lo a prontamente conceder fosse o que fosse, preparou seu espírito à obediência, e só então aditou os pedidos:

10. *que venho suplicar-te*

e com elogios,

em favor do meu filho, que eu gerei na prisão.

Novamente os vínculos têm força de impetração. E então aparece o nome. Não só extinguiu a ira, mas também causou prazer. Não chamaria de filho, diz ele, se não fosse muito útil. O mesmo título que deu a Timóteo. E como declara em ambos a caridade, exorta-o por causa das circunstâncias do nascimento: “*que eu gerei na prisão*”. Merece grande estima, porque foi gerado durante a luta, nas tribulações por causa de Cristo.

11. Onésimo, que outrora te foi inútil,

Vê quanta prudência! Confessa a falta do escravo, e desta forma elimina a ira. Sei, afirma, que *“outrora te foi inútil”*,

mas doravante será muito útil a ti, como se tornou para mim.

Não disse: Agora ser-te-á útil, para que ele não o negasse, mas ainda introduz sua própria pessoa, a fim de garantir a esperança: *“Mas doravante será muito útil a ti, como se tornou para mim”*. Se é útil a Paulo, que precisa de tanta diligência, muito mais para seu senhor.

12. Mando-o de volta a ti;

Igualmente extingue-lhe a ira, devolvendo-o. Com efeito, os senhores muito se encolerizam quando se suplica em favor dos ausentes, de sorte que desta forma mais abrandando-o.

como se fosse meu próprio coração, acolhe-o.

Mais uma vez não coloca o simples nome, mas acompanhado de uma exortação, porque o título de filho é mais caloroso. Disse: Filho; disse: Gerei, de sorte que é justo amá-lo bastante, por ter sido gerado em meio a tribulações. Consta, de fato, que nosso amor é mais caloroso para com os filhos, quando escapamos dos perigos, nos quais os geramos. Diz também a Escritura: *“Ai de Barochabel!”* (cf. 1Sm 4,21, na Septuaginta. Icabod, Onde está a glória?). E Raquel dá ao filho o nome de Benjamin, filho da minha dor (Gn 35,18). *“Como se fosse meu próprio coração, acolhe-o.”* Manifesta o máximo amor. Não diz: Recebe; não diz: Não te irrites, e sim: *“Acolhe-o”*, isto é, não merece perdão, mas respeito. Por quê? Porque se tornou filho de Paulo.

13. Eu queria segurá-lo comigo para que, em teu nome, ele me servisse nesta prisão que me valeu a pregação do evangelho.

Vês que procura obter-lhe honra da parte do dono? E vê também quanta sabedoria! Observa ainda a que ponto está obrigado a honrá-lo. Encontrei, diz ele, de que modo podes me servir por intermédio dele. Aqui manifesta que ele tinha mais razão do que o escravo, porque era muito respeitado.

14. Entretanto, nada quis fazer sem teu consentimento, para que tua boa ação não fosse como que forçada, mas espontânea.

Acalma-o principalmente por ser rogado acerca de útil problema, que seria resolvido com o consentimento dele. Daí brotam dois bens: um lucra, e o outro alcança maior garantia. E não diz: Não forçada, e sim: *“Como que forçada”*. Sabia que, embora não tivesses aviso, mas chegasse a teu conhecimento de repente, não te encolerizarias; a decisão, porém, seria espontânea e não forçada.

15. Talvez ele tenha sido retirado de ti por um pouco de tempo, a fim de que o recuperasses para sempre, não mais como escravo,

Bem. Disse: *“Talvez”*, a fim de que o dono cedesse. Emprega a expressão: *“Talvez”* porque a fuga se dera com maldade e intenção perversa e não por decisão reta. E não diz: Fugiu a fim de que, e sim: *“Tenha sido retirado a fim de que”*, mitigando por meio de um termo mais suave. E não diz: Retirou-se, e sim: *“Tenha sido retirado”*. Não foi este seu plano; não se retirou por este ou outro motivo. José também assim defendeu os irmãos: *“Deus me enviou adiante de vós”* (Gn 45,5), empregou para o bem o mal cometido. *“Talvez ele tenha sido retirado de ti por um pouco de tempo.”* Diminui o tempo, confessa o pecado, e tudo atribui à divina providência. *“A fim de que o recuperasses para sempre”*, não só no presente, mas também no futuro, a fim de o teres para sempre, não mais como servo, mas com maior valia, pois o servo que persevera ser-te-á mais afeiçoado do que um irmão. Por isso lucraste em razão do tempo e da qualidade. De fato, depois disso não fugirá. *“A fim de que o*

recuperasses para sempre, não mais como escravo,”

16. *mas, bem melhor do que como escravo, como um irmão amado, muitíssimo para mim*

Perderas o escravo por pouco tempo, e encontrarás um irmão para sempre, irmão não somente teu, mas também meu. Aqui também a virtude é grandiosa. Se, portanto, é meu irmão, não te envergonhes também tu de tê-lo por irmão. Ao denominá-lo filho, revelou seu amor, mas, ao nomeá-lo irmão, declarou suma benevolência e igualdade em honra.

Estas coisas não foram escritas sem motivo, mas a fim de nós, senhores, não perdermos a esperança acerca dos escravos, nem fortemente nos irriteemos contra eles, mas aprendamos a perdoar-lhes os pecados. Não sejamos sempre ásperos, não nos coremos de assumi-los ainda como partícipes de tudo, se são bons. Se Paulo não se envergonhou de chamá-lo de meu filho, meu coração, meu irmão, amado por mim, Por que nós teremos vergonha? E por que falo de Paulo? O Senhor de Paulo não se envergonha de chamar nossos escravos de irmãos seus, e nós nos coraremos? Vê quanto nos honra! Dá a nossos escravos o nome de irmãos, amigos, co-herdeiros. Eis a que ponto condescende. O que, portanto, devemos fazer para podermos afirmar que cumprimos tudo? Nada poderemos fazer, mas seja qual for o grau de humildade a que chegarmos, falta ainda a maior parte. Reflete, pois. Seja o que for que fizeres, fazes a um companheiro de serviço. Escuta e estremece. Jamais te exaltes por causa da humildade. Talvez ríeis porque afirmo que a humildade exalta, mas não vos espanteis. Exalta se não for genuína. Como e por qual motivo? Quando não se visa a que Deus aprove, e sim os homens, com o fito de ser louvado e com orgulho. De fato, isso é diabólico. Como muitos se vangloriam de não se gloriarem inutilmente, assim também os que se humilham exaltam-se imaginando grandezas. Por exemplo, chega um irmão ou mesmo um escravo. Recebes, lavas-lhe os pés. Logo te orgulhas e declaras: Fiz o que ninguém faz, pratiquei a humildade. Como é possível que alguém se mantenha na humildade? Lembrando-se do preceito de Cristo: “Quando tiverdes cumprido todas as ordens, dizei: Somos servos inúteis” (Lc 17,10) e igualmente o doutor do orbe, que disse: “Eu não julgo que eu mesmo o tenha alcançado” (Fl 3,13). Quem se convencer de que nada de grande praticou, por mais que tiver feito; somente se humilha quem julga não ter alcançado a meta. Muitos pela humildade se orgulharam. Mas, tal não nos aconteça. Praticaste uma ação humilde? Não te ensoberbeças; em caso contrário, perdeste tudo. Tal era o fariseu: Orgulhava-se porque dava os dízimos aos pobres. E perdeu tudo. O publicano não era assim (cf. Lc 18). Escuta a palavra de Paulo: “Verdade é que a consciência de nada me acusa, mas nem por isso estou justificado” (1Cor 4,4). Vês que não se vangloria, mas de todos os modos se diminui e humilha, e isto quando havia atingido o mais alto cume? Os três jovens no meio do fogo da fornalha, o que diziam? “Pecamos”, praticamos o mal como nossos pais. Eis corações contritos. Por isso podiam dizer: “Com a alma quebrantada e o espírito humilhado possamos encontrar acolhida” (cf. Dn 3,29.39). Assim também quando caíram na fornalha eram muito humildes, e mais do que anteriormente. Pois, após o milagre, julgando-se indignos de se salvarem, foram induzidos à humildade. Ao nos convenceremos de que recebemos grandes e imerecidos benefícios, mais nos entristecemos. Que benefícios imerecidos eles receberam? Foram jogados na fornalha, arrastados cativos, quando os outros pecaram (pois eles ainda eram jovens), e não murmuraram, não se encolerizaram, nem disseram: Sim, que bens nos advieram por servirmos a Deus? O que nos adiantou adorá-lo? É impiedoso, e se fez déspota. Idólatras nos torturam juntamente com os idólatras, fomos arrastados ao cativeiro, perdemos pátria, liberdade, bens paternos, tornamo-nos cativos e escravos, servimos a um rei bárbaro. Nada disso disseram. Mas, o que proferiram? “Nós pecamos, nós erramos”. Fazem preces não para si, mas em favor do próximo: “Entregastes-nos a um rei injusto, o mais malvado sobre toda a terra” (Dn 3,32). Ainda pela segunda vez Daniel, lançado na cova dos

leões, dizia: “Tu te recordaste de mim, ó Deus” (Dn 14,37). De que modo não recordaria, ó Daniel, se tu o glorificaste perante o rei, nesses termos: “Não porque eu tenha mais sabedoria” (Dn 2,30). E quando eras lançado na cova dos leões, por não obedeceres ao péssimo preceito, não se recordaria? Em verdade, por isso ele se recordou. Não foi por causa dele que agora foste lançado? Sim, responde, mas devo-lhe muito. Se ele diz tais coisas, possuidor de tamanha virtude, o que diremos nós? Mas ouve o que profere Davi: “Se, porém, ele disser: ‘Tu me desagradas’, aqui estou. Faça de mim o que lhe aprouver” (2Sm 15,26), embora pudesse narrar suas inúmeras boas obras. Eli também diz: “Ele é o Senhor. Faça o que lhe parecer bom” (1Sm 3,18).

É atitude peculiar aos bons servos entregar-lhe tudo, não só no meio dos benefícios, mas também nas penas e tormentos. Se não é absurdo deixarmos que os donos flagelem seus escravos, porque sabemos que os poupa por serem seus, Deus não pouparia ao castigar? Paulo o dá a entender, dizendo: “Quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor” (Rm 14,8). Não quer que diminuam suas riquezas; sabe como pune, pois é aos seus escravos que pune. Ninguém mais nos poupa do que ele que, quando não existíamos, criou-nos para existirmos, ele, que faz o sol nascer, faz chover, inspira-nos e deu por nós seu Filho. Em verdade, por aquilo que disse acima e pelo motivo pelo qual o proferi, sejamos moderados, conforme convém; não se torne ocasião de orgulho. És humilde, e mais humilde do que todos os homens? Por isso não te exaltes, nem exprobres os outros, a fim de não perderes a glorificação. És humilde para te libertares da arrogância. Se, no entanto, por isso nela incides, seria melhor não seres humilde. Escuta o que diz Paulo: “Uma coisa boa se transformou em morte para mim?... Para que o pecado, através do preceito, aparecesse em toda a sua virulência” (Rm 7,13). Se chegares a admirar-te em pensamento por causa da humildade, reflete a que ponto condescendeu teu Senhor e não mais te admirarás nem te louvarás, mas até rirás de ti mesmo como se nada tivesses feito. Considera-te inteiramente devedor.

Seja o que for que fizeres, lembra-te da parábola: “Quem de vós, que tenha um servo, dir-lhe-á quando volta do campo: ‘Vem para a mesa?’” Não, respondo, mas lhe dirá: “Cinge-te e serve-me” (cf. Lc 17,7). Acaso ficamos gratos aos escravos que nos servem? De modo algum. Ora, Deus nos agradece, não por servi-lo, mas porque nos é de proveito. Todavia não nos comportemos para agraciá-lo, para que possua mais, e sim para cumprirmos o dever. Em verdade, é um dever, e tudo o que fizermos lhe é devido. Com efeito, se compramos os escravos, queremos que em tudo vivam para nós, e seja o que for que tiverem é nosso. Quanto mais aquele que nos criou para sermos quando ainda não existíamos, que além disso nos redimiou com seu precioso sangue? Pagou por nosso resgate, quanto ninguém pagaria por um filho; derramou seu próprio sangue. Se, pois, tivéssemos inúmeras vidas, e as dêssemos todas, retribuiríamos com igualdade? De forma alguma. Por quê? Porque ele não nos devia coisa alguma, e assim agiu, mas tudo foi feito gratuitamente; nós, porém, já somos seus devedores. Ele, sendo Deus, fez-se servo, e não estando sujeito à morte, submeteu-se encarnando-se. Nós, contudo, embora não tenhamos dado a vida por ele, vamos perdê-la pela lei natural; contra a vontade pouco depois a perdemos. O mesmo acontece quanto às riquezas. Embora não as tenhamos dado por causa dele, temos de abandoná-las pela morte. Assim devemos pensar sobre a humildade; apesar de não sermos humildes por causa dele, temos de humilhar-nos pelas aflições, tribulações, por causa dos potentados. Vês, portanto, como é grande a graça? Não disse: O que fazem os mártires de grandioso? Embora morram por mim, logo, no entanto, morrem; mas são agradáveis a Deus, porque voluntariamente dão a vida que depois naturalmente perderão embora a contragosto. Não disse: O que fazem de grandioso os que distribuem as suas riquezas? Deixá-las-ão inteiramente, mesmo contra a vontade. Entretanto, é agradável a Deus, que não se cora de confessar diante de todos que ele, o

Senhor, fora nutrido pelos escravos. De fato, é glória para o senhor ter bons servos; e glória para o senhor a tal ponto amar os servos; e glória do senhor poder usar de seus bens em favor dos seus; e glória do senhor não se envergonhar de confessá-lo diante de todos. Respeitemos, portanto, tamanha caridade de Cristo, com amor ardente. Se ouvimos dizer que nos quer bem uma pessoa por mais humilde e vulgar que seja, nós nos tornamos bons amigos, dedicamos-lhe grande estima e a amamos. E nosso Senhor nos ama tanto e não nos deixamos estimular? Não sejamos, rogo-vos, tão negligentes relativamente à salvação de nossas almas, mas amemos à medida de nossas forças, e a tudo renunciemos por amor a ele, a vida, o dinheiro, a glória etc. com alegria, deleite, prontidão, não como se conferíssemos algo a ele, e sim a nós mesmos. Eis a norma que rege os amigos. Julgam um bem sofrer pelos amigos. Assim sejamos afeiçoados a nosso Senhor, a fim de sermos participantes dos bens futuros, em Cristo Jesus nosso Senhor, com o qual ao Pai, na unidade do Espírito Santo glória, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

TERCEIRA HOMILIA

1,17. *Se, portanto, me consideras teu amigo, recebe-o como se fosse a mim mesmo.*

18. *E se ele te deu algum prejuízo ou te deve alguma coisa, põe isso na minha conta.*

19. *Eu, Paulo, escrevo de meu próprio punho, eu pagarei...para não dizer que também tu és devedor de ti mesmo a mim!*

Nada vale tanto para exortar quanto não pedir tudo de uma só vez. Vê, portanto, depois de quantos elogios, de quanta preparação o Apóstolo apresentou seu importante pedido. Depois de dizer: É meu filho, é companheiro na pregação do evangelho, meu coração, e deves recebê-lo como a um irmão, tê-lo como tal, então acrescenta: “*Como se fosse a mim mesmo*”. E Paulo não se envergonha disso. Quem não sente vergonha de chamar-se escravo dos fiéis, e o confessa, muito mais não se recusará a isso. Afirmo o seguinte: Se pensamos de igual modo, se percorres o mesmo caminho, se me consideras amigo, “*Recebe-o como se fosse a mim mesmo. E se ele te deu algum prejuízo*”. Vê onde e como trata do prejuízo. É no final, após ter dito muita coisa a respeito. Coloca-o neste lugar, porque é principalmente acerca de um desfalque que os homens costumam se aborrecer, a fim de que não se queixe (pois era provável que já tivesse sido gasto o que fora furtado), e diz: “*E se ele te deu algum prejuízo*”. Não disse: Se roubou alguma coisa, e sim: “*E se ele te deu algum prejuízo*”. Simultaneamente reconhece o delito, não enquanto falta de um escravo, mas como de um amigo a outro, preferindo o nome de prejuízo ao de furto. “*Põe isso na minha conta*”, isto é, exige de mim o pagamento, “*Eu pagarei...*”. Em seguida, disse com graça: “*Eu, Paulo, escrevo de meu próprio punho*”. Escreve simultaneamente de forma exortativa e irônica. Se Paulo não recusar pagar a caução, ele recusará receber. Isso o comoveu muito e a Onésimo livrou de aborrecimentos. “*Escrevo de meu próprio punho.*” Nenhum mais ardente, diligente, pronto do que este coração. Vê quanta solicitude por uma só pessoa. “*Para não dizer que também tu és devedor de ti mesmo a mim!*” Em seguida, para não parecer ofender aquele que era rogado, se não ousasse pedir por causa do furto e perdesse a esperança de impetrar, também sobre isto de certo modo o abrandava. “*Para não dizer que também tu és devedor de ti mesmo a mim!*” Não só o que tens, mas também tu mesmo. Era igualmente por amor, nos limites da amizade, e por grande confiava. Vê que sempre tem cuidado de ambas as coisas: Rogar com grande diligência e não dar sinal de pequena confiança.

20. *Sim, irmão,*

O que significa: “*Sim, irmão*”? Acolhe-o, deve se subentender isto de fora. Omitindo a palavra

irônica, volta à seriedade anterior. Embora também esta seja séria. As palavras dos santos são sérias, mesmo se por vezes eles empregam ironia. “Sim, irmão,”

eu quisera mesmo abusar de tua bondade no Senhor! Dá este conforto a meu coração em Cristo.

Isto é, tal feito é agradável ao Senhor, não a mim. “*Meu coração*” em relação a ti.

21. *Eu te escrevo certo da tua obediência*

Haveria pedras que não amolecessem diante dessas palavras? Que fera não amansaria, impelindo-a a melhor acolhimento? Após o testemunho de tantas virtudes que lhe presta, não deixa de utilizar mais uma vez a defesa. Não fala simplesmente, dando ordens e com arrogância, mas declara: “*Eu te escrevo certo da tua obediência*”. Afirmara-o também no início: “*Tendo toda liberdade*” e assegura o mesmo aqui na assinatura da carta.

e sabendo que farás ainda mais do que te peço.

Simultaneamente o estimula com essas expressões. Efetivamente, certamente se envergonharia de não fazer tanto, senão por gozar de tanta estima junto dele, ao menos porque Paulo julga que fará além do que ele diz.

22. *Ao mesmo tempo, prepara-me também um alojamento, porque, graças às vossas orações, espero que vos serei restituído.*

E isto era próprio de quem muito confiava, ou antes, mais o fazia em favor de Onésimo, para evitarem a negligência, cientes de que haveria certamente de voltar, querendo ouvir que Filemon renunciara à recordação da injúria e antes se mostrava benévolo. Imensa era a graça e a autoridade da presença de Paulo, devido à menção da idade, e dos vínculos. Novo sinal de caridade era o fato de mencionar a oração deles e ainda dar tanta importância à oração em seu favor. Pois, embora agora eu esteja em perigo, no entanto, havereis de ver-me, se orardes.

23. *Saudações de Epafras, meu companheiro de prisão em Cristo Jesus,*

Ele fora enviado pelos colossenses (Cl 1), o que indica que Filemon também era de Colossos. Denomina-o companheiro de prisão, mostrando que também ele sofria muita aflição. Por conseguinte, se não fosse por sua própria causa, por causa dele era justo que fosse ouvido. Um aflito que negligencia seus interesses para pensar nos do próximo, merece ser ouvido. Além disso, exorta-o: É concidadão dele, companheiro de prisão de Paulo e com este atribulado, e ele, no entanto não perdoa ao próprio escravo. E acrescenta: “*Meu companheiro de prisão em Cristo Jesus*”, isto é, por causa de Cristo.

24. *de Marcos, Aristarco, Demas e Lucas, meus colaboradores.*

Por que coloca Lucas em último lugar, uma vez que disse noutra passagem: “Somente Lucas está comigo? (2Tm 4,11) E Demas era um dos que o haviam abandonado por amor do mundo presente (2Tm 4,9). Estas coisas, embora enumeradas em outro lugar, não devem ser omitidas sem discussão, nem serem ouvidas simples e ociosamente. Como manda saudações daquele que o havia abandonado? Pois, “Erasto ficou em Corinto” (2Tm 4,20). Acrescentou Epafras, deles conhecido, e oriundo de lá, e Marcos, também admirável. Por que então inclui Demas? Talvez foi depois, ao ver muitos perigos, que se tornou mais negligente. Quanto a Lucas, que vem por último, tornou-se o primeiro. E por eles o saúda, exortando-o com mais vigor à obediência e chamando-os de colaboradores; desta forma estimula-o acerca do pedido.

25. *A graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja com o vosso espírito! Amém.*

Encerra a carta com um voto. Com efeito, é um voto grande, bome salutar, que protege nossas

almas. Grande, em verdade, se procedermos dignamente, e não nos tornarmos indignos. E tu, portanto, ao te aproximares do sacerdote e ele disser: Deus te compadeça de ti, meu filho, não deposites confiança apenas nas palavras, mas acrescenta as obras, procede de modo digno da misericórdia. Deus te abençoe, meu filho, se fizeres obras benditas; abençoar-te-á, se te compadeceres do próximo. Devemos primeiro dar ao próximo o que queremos conseguir da parte de Deus. Se defraudamos o próximo, como o alcançaremos? “Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia” (Mt 5,7). Se os homens têm misericórdia de tais pessoas, Deus tem muito mais; não, contudo, dos que não são misericordiosos. “Porque o juízo será sem misericórdia para aquele que não pratica a misericórdia” (Tg 2,13). A misericórdia é um bem. Por que, enfim, não a praticas? Queres ser perdoado quando pecas? Por que, então, não perdoas àquele que peca? Aproximas-te de Deus, pedindo o reino dos céus, e não dás esmola quando rogado. Não alcançamos misericórdia porque não temos compaixão. Por quê? – perguntas. Ora, também é misericórdia ter compaixão de quem não tem compaixão. De que modo seria misericordioso o homem cruel, feroz e que inflige inúmeros males ao próximo, não acolhe sentimentos humanitários? Como? – perguntas. O batismo não nos salvou, apesar de termos cometido inúmeros pecados? Não nos livrou para recairmos, mas para não os cometermos de novo. “Nós que morremos para o pecado, como haveríamos de viver ainda nele? E daí? Vamos pecar, porque não estamos mais debaixo da Lei? De modo algum!” (Rm 6,2.15). Libertou-te a fim de não mais recaíres naquela desonra. Efetivamente, os médicos livram os febricitantes do ardor da febre, não, contudo, para abusarem da saúde pela malícia e a intemperança (de fato, é melhor estar doente que sarar para novamente ficar preso ao leito), e sim, após experimentarem os males da doença, não recaírem, cuidarem melhor da saúde, tudo fazerem em vista dessa finalidade. Qual é, portanto, a bondade de Deus, perguntas, se não quer salvar os maus? Frequentemente ouço muitos dizerem o seguinte: Ele é benigno, e certamente há de salvar a todos. A fim de não nos enganarmos em vão (pois lembro-me também de que alguém me pediu), vamos, disputemos hoje sobre este assunto. Dissertei recentemente sobre a geena, e diferi o sermão sobre a clemência de Deus; hoje, portanto, convém acertar esta conta. De modo suficiente talvez, a meu ver, demonstramos a existência da futura geena, destacando o dilúvio e os antigos pecados, e dizíamos não ser possível que os pecadores atuais fiquem impunes. Se Deus assim puniu os que pecaram antes da Lei, não deixará isentos de castigo os que cometeram maiores pecados depois da graça. Perguntava-se, portanto: Como pode ser bom, amigo dos homens, se castiga? E adiamos o sermão para não sobrecarregarmos vossos ouvidos. Vamos! Hoje paguemos o débito, e mostremos como Deus é bom, mesmo quando castiga. Entretanto sirva nosso sermão também contra os hereges. Por conseguinte, toda atenção! Deus nos fez sem precisar de coisa alguma do que é nosso. Manifesta que de nada precisou porque nos criou muito depois. Se precisasse, ter-nos-ia criado bem antes. Sem nós era o mesmo, nós, porém, fomos criados depois. Fez-nos sem precisar de nós. Fez o céu, a terra, o mar e tudo o que eles contêm por nossa causa. Dize-me. Não é benignidade? E é possível dizer muito mais, mas digo em resumo: “Ele faz nascer o sol igualmente sobre maus e bons e cair a chuva sobre justos e injustos” (Mt 5,45). Não é bondade? Não, replicam. Com efeito, quando uma vez eu dizia a um marcionista: Não é bondade? E replicava: Se não pedisse prestação de contas aos pecadores seria bondade, se exige não é bondade. Mas ele agora não está presente. Vamos. Profiramos o que então foi dito, e muito mais. Mostro bastante que, se não exigisse contas, não seria bom, uma vez que exige, é bom. Dize-me. Se não exigisse contas de nós, a vida humana subsistiria? Não degeneraríamos em feras? Se, com o medo e as ameaças das contas e do juízo, superamos os peixes devorando-nos mutuamente, vencemos os leões e os lobos roubando uns dos outros, se não nos fossem pedidas contas e estivéssemos convictos disso, de quanta confusão e tumulto se encheria a vida? Como seria fabuloso aquele labirinto, comparado com esta perturbação da

ordem no mundo? Não vêes inúmeras iniquidades e desordens? Quem respeitaria o pai depois disso? Quem pouparia a mãe? Quem evitaria a volúpia, a maldade? Tentarei persuadir-te disso pelo exemplo de uma só casa. De que modo? Se persuadissemos aos escravos que tendes, vós que disputais acerca dessas coisas, que apesar de derrubarem o governo, injuriarem o corpo dos senhores, tudo arrebatarem, revolucionarem tudo de cima para baixo, e forem hostis a seus senhores, estes não ameaçariam, não castigariam, não se vingariam, não profeririam palavras duras, acaso isso pareceria bondade? Ora, eu demonstro ser extrema crueldade, não só porque essa inoportuna benignidade constitui traição à mulher e aos filhos, mas também porque eles próprios seriam os primeiros perdidos. Ébrios, impudicos, petulantes, injuriosos seriam piores do que todas as feras. Dize-me. Seria bondade conculcar a nobreza da alma e além disso causar a perdição deles e nossa? Vês que pedir contas é obra de grande bondade? E Por que digo que os escravos são mais propensos a estes pecados? Entretanto, se alguém tem filhos e permite-lhes toda ousadia, sem castigá-los, não seriam os piores dos homens? – dize-me. Por conseguinte, entre os homens punir é efeito da bondade, e não punir resultado da crueldade, mas não em Deus? Por conseguinte, preparou a geena porque é bom. Queres que fale de outra bondade de Deus? Não somente isto, mas também por não permitir que os bons se tornem maus. Pois, se todos o conseguissem, todos seriam maus; assim isso consola bastante os bons. Escuta o que diz o profeta: “Que o justo se alegre ao ver o castigo dos ímpios, e lave os seus pés no sangue do pecador” (Sl 58,11). Emendar-se-á, não por exultar, de forma alguma, mas por temor de idêntico sofrimento. Grande preocupação! Sim, respondes; mas devia só ameaçar, não punir de fato. Se pune e dizes que se trata somente de ameaças, serias mais indolente; se, de fato, fossem apenas ameaças, não te tornarias mais negligente? Se os ninivitas soubessem que se tratava só de ameaças, talvez não teriam feito penitência; mas depois arrependeram-se, contiveram as ameaças, que ficaram só em palavras. Queres que sejam apenas ameaças? Está em teu poder. Torna-te melhor, e ficam só em ameaças; se, ao contrário, o que não aconteça, desprezares as ameaças, experimentarás a execução. Se os homens que viviam antes do dilúvio tivessem temido as ameaças, não experimentariam o castigo. E se temermos as ameaças, não seremos submetidos à experiência. Tal não aconteça! Faça o Deus benigno que todos nós, reconduzidos a melhor conduta, consigamos aqueles bens inefáveis. Oxalá todos nós sejamos deles dignos pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai na unidade do Espírito Santo glória, poder, honra, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

OBRAS COMPLETAS DE SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, PADRE DA IGREJA, ARCEBISPO DE CONSTANTINOPLA HOMILIAS SOBRE A CARTA AOS HEBREUS, BASEADAS EM NOTAS E PUBLICADAS APÓS A MORTE DE CRISÓSTOMO, POR CONSTANTINO, PRESBÍTERO DE ANTIOQUIA

INTRODUÇÃO

São Paulo escreve aos romanos: “Apóstolo dos gentios, procuro honrar o meu ministério, na esperança de provocar a emulação dos da minha raça” (Rm 11,13-14), e ainda em outra passagem: “Pois aquele que estava operando em Pedro para o apostolado em prol dos circuncisos operou também em mim em favor dos gentios” (Gl 2,8). Se, portanto, era apóstolo dos gentios (pois Deus lhe diz nos Atos: “Vai ao longe, aos gentios é que eu quero te enviar” – At 22,21), o que tinha ele a ver com os hebreus? Ou – lhes enviou uma carta? Aliás, era odiado por eles, conforme se evidencia por muitas passagens. Escuta ainda o que Tiago lhe diz: “Vês, irmão, como abraçaram a fé milhares de judeus...? Ora, ouviram dizer de ti que ensinas a apostatarem” da Lei (At 21,20-21). E foram-lhe feitas frequentes interrogações sobre este assunto.

Poderia perguntar alguém por que, sendo ele perito na Lei (instruído aos pés de Gamaliel e muito zeloso), e por isso idôneo para refutar, não fora enviado por Deus aos judeus? Porque justamente por isso o combatiam. Com tal previsão e certo de que não o aceitariam, disse Deus: “Vai aos gentios, porque eles não acolherão o teu testemunho a meu respeito” (cf. At 22,18). Então ele respondeu: “Mas, Senhor, eles sabem que de sinagoga em sinagoga eu mandava encerrar na prisão e vergastar os que creem em ti, e ao ser derramado o sangue de Estêvão, tua testemunha, estava presente como cúmplice daqueles que o matavam, e guardava as vestes deles” (At 22,19-20). Constituía sinal e prova de que não haveriam de acreditar nele. Acontece o seguinte: Se uma pessoa, contada entre os últimos, sem usufruir de estima, apartar-se de sua gente, será muito incômoda àqueles dos quais desertou. Mas, se quem o fizer for um homem ilustre, de zelo ardoroso e que partilhava com eles o modo de pensar, ser-lhes-á molesto e excessivamente triste o fato de rejeitar ele a doutrina, passar para outro partido e além disso, incrementar a incredulidade. Por que isso? Porque Pedro e os seus companheiros haviam convivido com Cristo, e visto seus prodígios e milagres; a Paulo, porém, nada disso sucedera, mas, sendo partidário dos judeus, de repente passou para o nosso lado, prestando-nos grande apoio. Os apóstolos pareciam dar testemunho da graça e diria alguém que atestavam por amor ao Mestre. Pedro era testemunha da ressurreição, e Paulo, no entanto, somente ouvira a sua voz. Por este motivo, vês que eles se tornaram inimigos, revoltados, planejando eliminá-lo. Além disso, afastara de si os incrédulos. E os fiéis, por quê? Porque tinha necessidade, ao pregar aos gentios, de anunciar a religião cristã em sua pureza e não levava em conta o fato de estar em território da Judeia. Pedro, porém, e seus companheiros, enquanto pregavam em Jerusalém, onde era fervoroso o zelo pela Lei, precisava de mandar que ela fosse observada. Paulo, entretanto, agia com muita liberdade. Os gentios eram em maior número que os judeus, que estavam fora. Afrouxavam a observância da Lei e não tinha tanto apego a ela, diante do anúncio da doutrina cristã em sua pureza. Parece que por esse motivo foi-lhe dito para intimidá-lo diante da multidão o seguinte: “Vês, irmão, como abraçaram a fé milhares de judeus?” Eles te odeiam porque “ouviram dizer de ti que ensinas os judeus dispersos... a apostatarem” (cf. At 21,20-21).

Por que escreve aos judeus, se não era o doutor deles? Ou para onde lhes envia a carta? A meu ver, a Jerusalém e à Palestina. Mas de que modo escreve? Da mesma forma Por que batizava, sem ter

recebido ordem de batizar. Com efeito, declara quando não foi enviado para batizar (cf. 1Cor 1,17, mas não lhe fora proibido; age de próprio alvitre. E por que não escreveria àqueles, pelos quais queria ser anátema (cf. Rm 9,3)? Por este motivo, disse: “*Sabei que o nosso irmão Timóteo foi libertado. Se vier logo, irei ver-vos*” (Hb 13,23). Por conseguinte, não fora ainda aprisionado. Tendo estado preso em Roma por dois anos, fora libertado; em seguida foi à Espanha; depois foi à Judeia e visitou os judeus. Finalmente voltou a Roma, quando sofreu o suplício por ordem de Nero. A Carta a Timóteo, portanto, é posterior, pois lá diz: “Já fui oferecido em libação”, e ainda: “Na primeira vez em que apresentei a minha defesa ninguém me assistiu” (2Tm 4,6; 16). Muitas vezes teve de lutar, conforme também escreveu aos tessalonicenses: “Vós sois imitadores das Igrejas que estão na Judeia” (1Ts 2,14). Acerca disso, escreve: “*Aceitastes com alegria a espoliação dos vossos bens*” (Hb 10,34). Vês a luta deles? Pois se assim tratavam os apóstolos, não somente na Judeia, mas nos lugares em que viviam no meio dos gentios, o que não fariam aos simples fiéis? Por isso vês que ele tinha a maior solicitude por eles, como ao dizer: “Mas agora eu vou a Jerusalém, a serviço dos santos” (Rm 15,25), e ainda ao exortar os coríntios à beneficência, porque os macedônios já haviam efetuado uma coleta (cf. 2Cor 8,1); acrescentando que também ele, se fosse necessário, partiria, exprime a mesma coisa: “Nós só devíamos nos lembrar dos pobres, o que, aliás, tenho procurado fazer com solicitude” (Gl 2,10). E quando declara: “Estenderam-nos a mão, a mim e a Barnabé, em sinal de comunhão; nós pregaríamos aos gentios e eles à circuncisão” (Gl 2,9). Não se exprime simplesmente assim acerca dos pobres do lugar onde estávamos, mas quer que sejamos partícipes da beneficência em favor dos outros. Não aconteceu o mesmo que relativamente à pregação: nós aos gentios, eles aos judeus; coube-nos a solicitude pelos pobres. Vês a solicitude de Paulo em toda parte, e com razão. No meio das outras gentes, onde havia judeus e gregos, tal não acontecia; lá, contudo (na Judeia), visto que pareciam ter o governo e legislação própria e não eram impedidos de viver segundo muitas de suas leis, ainda no exercício do poder, sem estarem completamente sujeitos aos romanos, certamente empregavam grande autoridade. Se, pois, nas cidades estrangeiras, como em Corinto, espancaram o chefe da sinagoga diante do próprio tribunal do procônsul Galião, que não deu atenção ao fato (cf. At 18,17), o que não sucederia na Judeia?

Vês, portanto, como nas outras cidades arrastavam perante os magistrados os apóstolos, que precisavam pedir auxílio aos gentios. Nas suas, porém, despreocupados, convocavam o conselho e condenavam os que queriam. Desta forma mataram a Estêvão, flagelaram os apóstolos, sem conduzi-los perante os chefes. Desta forma também Paulo ia ser morto, se o tribuno não tivesse resistido. Assim procediam enquanto persistia a autoridade dos pontífices, e estavam incólumes o templo com o culto e os sacrifícios. Vê o próprio Paulo, julgado pelo sumo Sacerdote, responder: “Não sabia que era o Sumo Sacerdote” (At 23,5), e isso diante do tribuno. Tinham então grande autoridade. Pondera, portanto, quanto sofriam os fiéis que habitavam em Jerusalém e no restante da Judeia! Por isso, se o Apóstolo que optava por ser anátema em favor dos que ainda não haviam acreditado, de tal modo disposto a servir os que se haviam convertido à fé que partiria se as circunstâncias o exigissem, sempre tão solícito por eles, seria espantoso que se dignasse animá-los e consolá-los por carta, e soerguesse os hesitantes e lapsos? Estavam tão deprimidos que quase desfaleciam por causa das tribulações; indica-o no final da carta nesses termos: “*Por isso, reerguei as mãos enfraquecidas e os joelhos trôpegos*” (Hb 12,12); e ainda: “*Porque ainda um pouco, muito pouco tempo, e aquele que vem, virá; ele não tardará*”; e: “*Se estais privados da disciplina...sois bastardos e não filhos*” (Hb 10,37; 12,8). Eles eram judeus e haviam aprendido de seus pais que haviam de viver cercados de bens e males; de outro lado, deviam esperar bens somente após a morte, e males no presente. Por causa da longa paciência, certamente muitos tornar-se-iam pusilânimes. Por isso trata de modo prolixo do

assunto. Nós, contudo, oportunamente elucidaremos a questão; no momento, baste termos indicado que precisava escrever sobre aquilo que tanto o preocupava. Embora a causa de não lhes ser enviado seja conhecida, no entanto nada impedia que lhes escrevesse. Indica que tendiam à pusilanimidade, nesses termos: *“Reerguei as mãos enfraquecidas e os joelhos trôpegos; endireitai os caminhos”*, e ainda: *“Pois Deus não é injusto. Não pode esquecer a vossa conduta e o amor que manifestastes”* (Hb 12,12-13; 6,10). Com efeito, a alma batida por frequentes tentações muitas vezes desvia-se da fé. Por isso ele os confirma com tais exortações a fim de não serem incrédulos de coração. Ora, esta é a causa porque, nessa carta disserta especialmente sobre a fé, e apresenta muitos exemplos no final de que os bens prometidos não foram logo concedidos a eles (aos pais). No intuito de que não pensassem ter sido abandonados, ele os instrui dos dois modos seguintes. Primeiro, suportem com fortaleza seja o que for que acontecer, em seguida, esperem sempre a recompensa. Deus não haveria de deixar sem recompensa o justo Abel e em seguida a série dos justos. E oferece-lhes tríplice consolo: Um, pela paixão de Cristo, conforme este mesmo diz: *“O servo não é maior que seu senhor”* (Jo 15,20); em segundo lugar, pelo prêmio dos fiéis; em terceiro, informando quais as adversidades. Não os fortalece somente por eventos futuros, que os comoveriam menos, mas ainda pelos passados, por aquilo que acontecera aos pais. Cristo age de igual modo, ora negando que o servo é maior do que o senhor, ora asseverando que são muitas as moradas na casa de seu Pai (cf. Jo 14,2), e inúmeras vezes lamentando os incrédulos. De fato, o Apóstolo faz assídua menção do Novo e do Antigo Testamento, utilizando o que é assaz persuasivo a respeito da fé na ressurreição. No intuito de não suceder que por causa da paixão do Senhor eles duvidassem da ressurreição, emprega o testemunho dos profetas e ensina serem respeitáveis nossas realidades, não as judaicas. E como ainda perduravam o templo e seus sacrifícios, ele declara: *“Saíamos, portanto, do acampamento, carregando a sua humilhação”* (Hb 13,13). Dava margem à contradição: Se apenas são sombras, são figuras, Por que não passam, nem cedem, após a aparição da verdade, mas ainda florescem? Por isso sugere que isto acontecerá em tempo oportuno. Declara, contudo, que já antes, por longo tempo, persistiram pela constância na fé entre as aflições: *“Pois, uma vez que com o tempo vós vos tornastes mestres”*, e: *“Não haja entre vós quem tenha coração mau e infiel”*; e: *“Imitadores daqueles que, pela perseverança, recebem a herança das promessas”* (Hb 5,12; 3,12; 6,12).

PRIMEIRA HOMILIA

- 1,1.** *Muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos pais pelos profetas;*
- 2.** *agora, nestes dias que são os últimos, falou-nos por meio de seu Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e pelo qual fez os séculos.*

Em verdade, “onde avultou o pecado, a graça superabundou” (Rm 5,20). Neste proêmio também o bem-aventurado Paulo o sugeriu, escrevendo aos hebreus. Atormentados e aflitos por muitos males, e por esta base julgando os fatos, podiam pensar que eram inferiores aos demais. Ele assegura que, por este motivo, haviam conseguido graça maior e superabundante, estimulando os ouvintes desde o começo do discurso. Diante disso enuncia: *“Muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos pais pelos profetas; agora, nestes dias que são os últimos, falou-nos por meio de seu Filho”*.

Por que não se confrontou com os profetas? Ora, ele era tão superior quanto maiores eram os bens que lhe foram confiados. Mas não age desta forma. Por quê? Primeiro, porque recusa vangloriar-se; em segundo lugar, porque os ouvintes ainda não eram perfeitos; em terceiro, porque preferia animá-los e mostrar que era grande a sua proeminência. Como se dissesse: Que há de grandioso no fato de ter Deus enviado profetas a nossos pais? Pois, a nós enviou-nos seu Filho Unigênito. É belo o início:

“*Muitas vezes e de modos diversos*”. Manifesta que nem mesmo os profetas viram a Deus; no entanto, o Filho o viu. A locução: “*Muitas vezes e de modos diversos*”, significa: De forma diferenciada. “Multiplicarei as visões e por meio dos profetas falarei em parábolas” (Os 12,11). A proeminência não consiste apenas em que para eles foram enviados os profetas, e a nós o Filho, mas também porque nenhum deles viu a Deus e o Filho Unigênito o contemplou. E o Apóstolo não o escreve logo, mas o comprova nas declarações subsequentes, ao tratar da natureza humana (de Cristo): “*De fato, a qual dos anjos disse Deus jamais: Tu és o meu Filho*”? E: “*Senta-te à minha direita*”? (1,5; 13). Observa sua grande prudência! Primeiro, manifesta a proeminência relativamente aos profetas; em seguida, confirma de que consta, finalmente pronuncia que lhes falou por meio dos profetas, e a nós por meio do Unigênito. A eles também através de anjos (pois alguns anjos também falaram aos judeus), mas nisto igualmente os superamos porque conosco falou o Senhor, a eles, porém, os servos. Anjos e profetas são apenas servos. Diz com exatidão: “*Nestes dias que são os últimos*”. Com efeito, estimulamos, e consola os deprimidos. Conforme profere em outra passagem: “O Senhor está próximo! Não vos inquieteis com coisa alguma” (Fl 4,6); e ainda: “Nossa salvação está mais próxima agora do que quando abraçamos a fé” (Rm 13,11). Assim procede igualmente aqui. O que ele quer dizer? Quem durante a luta está exausto, ao ouvir anunciar o fim do certame, respira um pouco, ciente de ter chegado ao final do combate, o início do repouso.

“*Nestes dias que são os últimos, falou-nos por meio de seu Filho*”. Eis novamente: “*No Filho*”, “*Por meio de seu Filho*”. Ele replica aos que dizem que se trata de atribuição ao Espírito. Vês que o termo “en” (em) corresponde a “dia” (por), enquanto: “Palai” (outrora) e: “eschaton ton emeron” (últimos dias), têm outro sentido. Qual? Após grande intervalo de tempo, quando estávamos a ponto de ser castigados, os carismas haviam desaparecido, sem esperança de salvação, e esperávamos que de todos os lados sofreríamos detrimento, então obtivemos maior socorro. Vê, porém, como o enuncia com prudência! Não disse: Cristo o disse, embora falara ele próprio, porque se tratava de almas fracas, que não podiam ouvir alusões a Cristo. Diz: “*Falou-nos por meio de seu Filho*”. O que dizes? Deus falou por meio de seu Filho? Sim. De quem, portanto, é a proeminência? Mostraste que o Novo e o Antigo Testamento vêm de um só; não há grande proeminência. Por isso emprega esta locução: “*Falou-nos por meio de seu Filho*”. Vê como Paulo comunica e iguala-se aos discípulos, dizendo: “*Falou-nos*”, apesar de não lhes ter falado e sim aos apóstolos, e por intermédio deles a muitos. Mas os exalta e manifesta que lhes falou de igual modo. E simultaneamente ataca os judeus, pois quase todos aos quais os profetas falaram eram perversos e ímpios. E ainda não se dirige a eles; neste ínterim, porém, refere-se aos dons conferidos por Deus e acrescenta: “*A quem constituiu herdeiro de todas as coisas*”. Neste trecho trata de toda a carne, conforme Davi proferiu no Salmo segundo: “Pede, e dar-te-ei por herança as nações” (Sl 2,8). A parte do Senhor não é mais somente Jacó, nem Israel a sua herança, mas “*Todas as nações*”. Qual o sentido da expressão: “*A quem constituiu herdeiro*”. Isto é, fez com que se tornasse Senhor de todas as coisas. Pedro igualmente o disse nos Atos: “Deus constituiu Senhor a Cristo” (At 2,36). Empregou o título de herdeiro, em dois sentidos, a saber, que era propriamente Filho genuíno, e que seu domínio não lhe seria tirado. “*Herdeiro de todas as coisas*”, isto é, de todo o mundo. Novamente o discurso retorna à afirmação anterior: “*E pelo qual fez os séculos*”.

Onde estão os que dizem: Houve tempo em que ele não era? Em seguida por degraus, diz o que é muito superior:

3. É ele o resplendor de sua glória, e a expressão do seu Ser; sustenta o universo com o poder de sua palavra; e depois de ter realizado por si a purificação dos pecados, sentou-se nas alturas à direita da

4. tão superior aos anjos quanto o nome que herdou excede o deles.

Ah! a sabedoria do Apóstolo! Ou melhor, não de Paulo, mas do Espírito provém esta graça admirável. De fato, não falou por próprio conhecimento, nem inventou tamanha sabedoria. De onde veio? Do buril e das peles, ou da oficina? Não, mas provinha da ação divina. Não gerava tais pensamentos a sua inteligência, então medíocre e vulgar, em nada melhor do que a dos plebeus que frequentavam a praça. Como a teria adquirido se a gastara continuamente lidando com contratos e peles? Mas a graça do Espírito revela seu vigor por meio daqueles que lhe apraz. Suponhamos que alguém quisesse levar um menino pequeno a determinado lugar alto, que tocasse o vértice do céu, e o fizesse subir devagar e paulatinamente por degraus; em seguida após colocá-lo no alto e ordenar-lhe que olhasse para baixo e o visse com vertigens, conturbado e tonto, o tomasse e levasse de novo para baixo, deixando-o respirar; em seguida, após estar refeito, de novo o levasse para cima, e mais um vez o retornasse para baixo; assim agiu o bem-aventurado Paulo, relativamente aos hebreus e aos demais, como aprendera do Mestre. Com efeito, assim procedeu; algumas vezes levando os ouvintes às alturas, outras abaixando, sem permitir que por muito tempo se demorassem no mesmo estado. Vê, portanto, depois de tê-los feito subir os degraus, e colocá-los no vértice da piedade, antes de serem tomados de vertigens e estontearem-se, reconduze-os para baixo, e permite que respirem, dizendo: *“Falou-nos por meio de seu Filho”*; e ainda: *“A quem constituiu herdeiro de todas as coisas”*. O nome de filho aqui é nome comum. Em sentido próprio e genuíno é superior a todas as coisas; aqui, porém, seja como for, diz que é do alto.

Observa que primeiro o estabeleceu em grau inferior: *“A quem constituiu herdeiro de todas as coisas”*. A locução: *“A quem constituiu herdeiro”* denota diminuição. Em seguida o constituiu em grau superior, acrescentando: *“E pelo qual fez os séculos”*. Depois, no mais alto, e em nenhum mais após este: *“É ele o resplendor de sua glória, e a expressão do seu Ser”*. Em verdade, guia à luz inacessível, ao próprio resplendor. E antes que venham as trevas, nota como ele paulatinamente de novo rebaixa, dizendo: *“Sustenta o universo com o poder de sua palavra; e depois de ter realizado por si a purificação dos pecados, sentou-se nas alturas à direita da Majestade divina”*. Não disse, de modo absoluto: Sentou-se, mas: *“Depois de ter realizado a purificação... sentou-se”*. Menciona a encarnação, e novamente fala de realidades humildes. Em seguida, tendo se referido a uma realidade grandiosa nesses termos: *“Nas alturas à direita da Majestade divina”*, volta ao que é humilde: *“Tão superior aos anjos quanto o nome que herdou excede o deles”*. Aqui fala do plano da encarnação. A expressão: *“Tão superior”* não alude à essência paterna. Trata-se da incriada, gerada, contudo, enquanto a essência carnal foi criada. Mas aqui não se trata da essência, mas do que exprime João: *“O que vem depois de mim passou adiante de mim, porque existia antes de mim”* (Jo 1,15). Com isso indica que ele é mais respeitável e esplêndido, conforme declara também Paulo neste trecho: *“Tão superior aos anjos”*, isto é, mais ilustre e preclaro, *“quanto o nome que herdou excede o deles”*. Vês que se tratava do que é carnal? O Verbo, que é Deus, sempre teve este nome, não o recebeu por fim em herança. Não se tornou superior aos anjos quando realizou a purificação de nossos pecados, mas sempre foi superior, e superior de forma incomparável. Mas este dito é atinente à carne. Nós também, ao nos referirmos aos homens, temos o costume de falar de elevação e de humilhação. Pois, ao dizermos: O homem nada é, o homem é terra, é cinza, tomamos o todo pelo lado pior. Mas, ao nos expressarmos: O homem é animal imortal, racional, aparentado aos seres celestes, denominamos o todo por aquilo que tem de melhor. Assim também a respeito de Cristo, por vezes Paulo fala de acordo com o que é inferior, outra do que é melhor, visando tratar segundo o plano divino, e instruir sobre a

natureza inalterável.

Uma vez que realizou a purificação de nossos pecados, permaneçamos puros, sem contrairmos mácula. Conservemos impolutos e puros o decoro e a beleza que ele nos concedeu, sem mancha ou ruga ou algo de semelhante. São manchas e rugas mesmo os pecados leves, como a detração, a injúria, a mentira. Ou melhor, nem estes são leves, mas muito grandes a ponto de também privarem do reino dos céus. De que modo? Quem chama seu irmão de louco será condenado ao fogo da geena (cf. Mt 5,22). Se é assim para quem chamar de louco, por parecer mais leve e jogo infantil, quem o chama de malvado, malfeitor, invejoso e o ataca com inúmeros outros ultrajes, a que castigo não estará sujeito? O que há de mais horrível? Mas suportai, suplico-vos, o que digo. Se o que se faz a um dos mais pequeninos é a ele que se faz, e quem deixa de fazer a um dos mais pequeninos, é a ele que deixa de fazer (cf. Mt 25,40.45), não será o mesmo relativamente aos elogios e opróbrios? Quem injuria seu irmão, ofende a Deus, e quem o honra, honra a Deus.

Ensinemos, portanto, a nossa língua a proferir palavras boas: “Preserva tua língua do mal” (Sl 33,14). Deus não no-la deu para nos acusarmos, ultrajarmos, caluniarmo-nos mutuamente, e sim para louvarmos a Deus, proferir palavras agradáveis aos ouvintes, que sirvam de edificação e de proveito. Maldizes a alguém? O que lucras? Não causaste dano também a ti? Adquires a reputação de maldizente. Nenhum mal, nenhum se detém naquele que o suporta, sem abranger aquele que o comete. Por exemplo, o invejoso parece armar ciladas a outrem, mas ele é o primeiro a colher o fruto da injustiça, enfraquecido, corrompido, e odiado por todos. O cobiçoso priva o próximo de riquezas, mas perde a amizade dos demais; ou antes, faz com que todos o maldigam. A boa fama é muito melhor do que as riquezas. A boa fama não se elimina facilmente, as riquezas se perdem mais facilmente. Ou melhor, a falta de riquezas não prejudica àquele que não as possui; não ter boa fama torna o homem vergonhoso e ridículo, e de todos adversário e inimigo. O colérico primeiro castiga-se a si próprio atormentando-se, e por fim atinge aquele contra o qual se irrita. Assim também o maldizente primeiro causa a si mesmo vergonha, e depois àquele de quem detrai. E talvez nem o possa fazer, e vai-se com fama de malvado e desprezível, enquanto o outro se torna mais estimado. Quando alguém ouve uma detração, e em vez de se vingar, elogia e admira o detrator, não exalta o outro, mas o elogio reverte para si. Pois, conforme disse acima, as detrações tocam primeiro os que as proferem; assim igualmente os que conferem bens ao próximo são os primeiros a se deleitarem. De fato, os que praticam o bem ou o mal, certamente são os primeiros a deles fruírem. A água salobra e a potável igualmente enchem os vasos dos que a bebem e não diminuem a fonte donde emanam; assim também o vício e a virtude deleitam ou perdem aquele que os pratica. Assim acontece, de fato, na vida presente.

Relativamente à futura, quem consegue narrar os bens ou os males? Ninguém. Com efeito, os bens excedem não só as palavras, mas também todo entendimento; quanto aos males, recebem as denominações que costumamos lhes atribuir. De fato, diz-se que no além há fogo, trevas, vínculos, verme que não morre. E não só os que nomeamos, mas outros mais graves. E para entenderes, em primeiro lugar pondera logo o seguinte. Se há fogo, como existem trevas? Percebes que aquele fogo é mais intenso? Não produz luz. É fogo, e queima sempre? Vês que é mais intenso do que o nosso? Não se apaga, e, portanto, se diz que é inextinguível. Reflitamos, portanto, na gravidade do mal que consiste em queimar-se perpetuamente, estar nas trevas, emitir inúmeros gritos, ranger os dentes, e não ser atendido. Se, lançados num cárcere, pessoas criadas em liberdade consideram mais duro que qualquer espécie de morte apenas o fato do mau odor, de jazer nas trevas e de estar preso entre homicidas, calcula o que representa ser queimado com os homicidas deste mundo, sem ver nem serem

vistos, mas no meio da multidão imaginar que se acha sozinho. Com efeito, as trevas e a carência de luz não permitem discernir nem os mais próximos, mas cada qual sentir-se-á isolado neste padecimento. Se, porém, por si nossas almas se angustiam e se perturbam com as trevas, o que será quando além das trevas, as dores e incêndios forem tantos? Por isso, suplico-vos, revolvamos estes fatos continuamente e suportemos o aborrecimento que nos causam as palavras, a fim de não sofrermos realmente os suplícios. Sem dúvida, tudo isto acontecerá, e ninguém socorrerá os que na terra cometeram injustiças; nem pai, nem mãe, nem irmão, mesmo se gozam de muita confiança e alcançam grandes coisas junto de Deus: “Mas o irmão não pode pagar o seu resgate, nem o homem o seu preço” (Sl 49,8). Deus retribui a cada qual segundo suas obras, e de acordo com elas salva ou castiga. “Fazei amigos com o dinheiro da iniquidade” (Lc 16,9). Obedeçamos, portanto. É mandamento do Senhor. Distribuamos o supérfluo aos pobres. Demos esmolas, quanto pudermos. Eis o que significa fazer amigos com o dinheiro da iniquidade. Gastemos o dinheiro com os pobres a fim de apagarmos, extinguirmos aquele fogo, e no além obtermos confiança. Não são eles que nos receberão ali, e sim as nossas obras. O suplemento dá a entender que não são simplesmente nossos amigos que podem nos salvar. Por este motivo não disse: Fazei amigos que vos recebam em seus eternos tabernáculos, mas acrescentou uma restrição, dizendo: “Com o dinheiro da iniquidade”. Mostra que convém fazer amigos com o dinheiro, explicando, no entanto, que a amizade só nos defende se tivermos boas obras, se distribuirmos com justiça as riquezas injustamente acumuladas. Não convém apenas aos ricos o que dissemos a respeito da esmola, mas também aos pobres. Se alguém se alimenta por meio da mendicância, também a este se dirige a palavra. Por mais que seja, ninguém é tão pobre que não tenha dois óbolos. Como aquela viúva (cf. Lc 21), é possível mesmo aos que dão o pouco do mínimo que possuem superar os que dão muito porque muito possuem. Não são os dons que fornecem a medida, mas julga-se a importância da esmola de acordo com a possibilidade, a decisão dos doadores. Por conseguinte, sempre é necessária a decisão e sempre o amor a Deus. Se procedermos desta forma, e dermos pouco porque temos pouco, Deus não desviará a sua face, mas receberá a dádiva como se fosse grande e admirável. Atende à boa vontade, não às dádivas; e se vir que é grande, dá seu sufrágio e julgamento favorável e nos tornará participantes dos bens eternos. Seja-nos dado a todos nós alcançá-lo pela graça e amor aos homens etc.

SEGUNDA HOMILIA

1,3. *É ele o resplendor de sua glória, e a expressão do seu Ser; sustenta o universo com o poder de sua palavra; e depois de ter realizado por si a purificação dos nossos pecados*

Sempre é preciso de uma mente piedosa, mas principalmente ao falarmos ou ouvirmos algo a respeito de Deus. De fato, nem a língua pode falar, nem o ouvido ouvir algo da dignidade de Deus. E por que digo a língua e o ouvido? Nem a mente, que os supera de longe pode compreender exatamente o que quisermos enunciar sobre Deus. Com efeito, se a paz de Deus supera todo entendimento, nem sabe o coração do homem o que está preparado aos que o amam, muito mais o próprio Deus da paz, Criador do universo, assaz ultrapassa a medida de nossa razão. Importa, portanto, receber tudo com fé e piedade; e se a palavra é tão débil que não possa explicar exatamente, então devemos tanto mais glorificar a Deus, porque ele supera o nosso entendimento e as palavras. Muitas são as coisas que revolvemos na mente a respeito de Deus e que não conseguimos exprimir; ou nos estendemos muito mas não entendemos. Por exemplo, sabemos que Deus está em toda parte, mas não percebemos verdadeiramente de que modo. Sabemos que é uma força incorpórea, causa de todos os bens, mas desconhecemos qual é. Eis que formulamos e não compreendemos. Disse que está em toda parte, mas

não entendo; disse que é sem princípio e não entendo; disse que gerou de si mesmo e não sei de que forma. Existem determinadas coisas inexprimíveis; por exemplo, são entendidas, mas não enunciáveis. Escuta para te informares. Paulo também é fraco, e não consegue exprimir exatamente os exemplos. Estremece, não busques mais, escuta. Ele, após asseverar que é Filho, e é Criador, o que acrescenta? *“Resplendor de sua glória, e a expressão do seu Ser”*. Aceite-se esta afirmação com piedade e eliminem-se as absurdas. *“Resplendor de sua glória”*, assegura. Mas observa a que o aplica, e aceita que provém dele, de modo impassível, sem diminuição, nem inferioridade. Existem algumas pessoas que dos exemplos concluem absurdos. É esplendor, dizem, não consistente por si, mas recebe seu ser de um outro.

Não concordes, ó homem, nem sofras da doença de Marcelo e Fotino. O Apóstolo de perto aplica-te um tratamento no intuito de não incidires naqueles pensamentos, e não te deixa padecendo daquela doença perniciosa. O que diz? *“E a expressão do seu Ser”*, declarando que como o Pai é em si, e em sua hipóstase de nada precisa, assim também é o Filho. Declara-o, expondo que não há dessemelhança, e a figura do protótipo é própria, consistente em si. Dá aqui autoridade à asserção emitida acima, de que Deus criou todas as coisas. O que acrescenta? *“Sustenta o universo com o poder de sua palavra.”* Daí concluímos que não só é *“a expressão do seu Ser”*, mas também que tudo governa com autoridade. Verifica, portanto, que atribui ao Filho o que é próprio do Pai. Por isso, não afirma simplesmente: Sustenta tudo, nem: Por seu poder, mas: *“Com o poder de sua palavra”*. Como por nossa causa progressivamente subia e descia, agora também sobe por degraus, em seguida desce novamente e diz: *“Pelo qual fez os séculos”*. Observa como aqui também toma dois caminhos. No fito de nos apartar das inovações de Sabélion e Ário, um dos quais suprime a diferença de hipóstase e o outro divide a única natureza pela desigualdade, com redundância ele abate os dois. De que forma? Revolve-as continuamente e as discute, a fim de não se julgar que o Filho é sem princípio ou estranho a Deus Pai. E não admires ao ouvir isto, caríssimo. Após tantas provas, algumas pessoas disseram que ele era estranho, atribuíram-lhe outro pai e faziam-lhe guerra. O Apóstolo não o houvesse afirmado, o que não diriam? Quando, portanto, é necessário curar essas feridas, também é preciso falar de coisas humildes, tais como as locuções: *“A quem constituiu herdeiro de todas as coisas”*, e: *“Pelo qual fez os séculos”*. Na continuação, a fim de não lesar a outra parte, das palavras humildes retorna à autoridade, e manifesta que o Filho possui a mesma honra que o Pai, a ponto de julgarem alguns por este motivo que ele é o Pai. Vê, porém, sua grande prudência! Primeiro expõe e o confirma com apuro; e após mostrar que é Filho de Deus, e não lhe é estranho, com segurança doravante profere toda espécie de coisas elevadas. Tendo proferido algo de grandioso a seu respeito, levando a muitos a deduzi-lo, primeiro falou das coisas humildes, e então com segurança procede às alturas à medida que quer. Tendo dito: *“A quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e pelo qual fez os séculos”*, acrescentou: *“Sustenta o universo com o poder de sua palavra”*. Quem governa o universo com o poder de sua palavra não precisa ter algo para produzi-lo.

Sendo assim, vê de que modo procede mais uma vez atribuindo-lhe autoridade e omitindo: *“Pelo qual”*. Uma vez que operou por si o que quis, omitindo o restante, o que diz? *“És tu, Senhor, que fundaste a terra; e os céus são obra de tuas mãos”* (Hb 1,10). Em parte alguma aparece a locução: *“Pelo qual”*, nem que: *“Pelo qual fez os séculos”*. Por quê? Não foram feitos por ele? Certamente; mas não da forma que dizes, nem como suspeitas, como se fosse um instrumento, nem como se não houvesse de fazer se o Pai não lhe estendesse a mão. Pois, como se assegura que este a ninguém julga, mas julga pelo Filho, porque o gerou para juiz, assim afirma-se que opera por ele enquanto o gerou qual Criador. O Pai é dele o autor, muito mais das coisas feitas por intermédio dele.

Quando, pois, quer mostrar que vem do Pai, necessariamente emprega expressões humildes; mas quando quer falar de realidades elevadas, a Marcelo e a Sabélio priva de uma oportunidade favorável. A Igreja escapa do excesso de ambos e ingressa pela via de permeio. Não se mantém na condição humilde, para que Paulo de Samósata não ganhe terreno, mas nem sempre persiste nas alturas; e mais uma vez mostra a grande afinidade (com o Pai), a fim de que Sabélio não prevaleça. Menciona o Filho e logo Paulo de Samósata insiste, assegurando que o Filho é igual aos demais. Mas o Apóstolo inflige-lhe ferida mortal, dizendo que é *“Herdeiro”*. Ele ainda se porta de forma impudente em companhia de Ário. Pois a expressão: *“A quem constituiu herdeiro”* abrange a ambos. Um afirma que provém de fraqueza; outros, porém, tentando atacar com o que se segue. Paulo com a expressão: *“Pelo qual fez os séculos”* prostra de costas o impudente samosateno; Ário, contudo, ainda parece forte. Mas vede de que modo também o prostrou, assegurando: *“É ele o resplendor de sua glória”*. Entretanto novamente atacam Sabélio, Marcelo e Fotino. Mas a todos eles inflige um só ferimento, declarando: *“E a expressão do seu Ser; sustenta o universo com o poder de sua palavra”*. Aqui novamente fere a Marcião, não com tanto vigor, mas fere. Efetivamente, em toda a carta luta contra eles. Mas, conforme disse, ele afirma que o Filho é o esplendor da glória. É exato. Escuta o que Cristo diz de si mesmo: *“Eu sou a luz do mundo”* (Jo 8,12). Paulo o denomina *“esplendor”*, isto é, *apaýgasma*, assinalando-o enquanto luz da luz. Não somente isto, mas também diz que iluminou as nossas almas. Por esplendor, de fato, manifesta a igualdade de essência, e sua afinidade com o Pai. Reflete na sutileza dos dizeres: Recebeu uma só essência e uma hipóstase, para manifestar as duas hipóstases. É idêntico o procedimento quanto à ciência do Espírito. Diz que uma só é a ciência do Pai e a do Espírito, porque em verdade são uma só, e em nada diferem entre si; assim também aqui entende uma só designação para duas hipóstases. Em seguida acrescenta: *“E a expressão”* ou aspecto. A figura ou caráter difere do protótipo; não é inteiramente diferente, mas no que se refere à hipóstase. Com efeito, a *“expressão”* não apresenta diversidade, mas em tudo perfeita semelhança. Uma vez que o Apóstolo o denomina forma e caráter, o que eles dizem? Ora, o homem, replicam, é também denominado imagem (Gn 1,26). Como? Acaso igual ao Filho? Não, respondem, mas porque a imagem não indica semelhança. Ora, enquanto se diz que o homem é imagem, aponta-se para a semelhança, conforme se pode determinar nos homens. De fato, o que Deus é no céu, o homem é na terra, diria, relativamente ao domínio. E como o homem obtém o domínio sobre todas as coisas que existem na terra, Deus tem o domínio em tudo o que existe no céu e na terra. De resto, o homem não recebeu o nome de expressão, de esplendor, de forma, enquanto indica a essência, ou a semelhança na essência. Como a condição de servo não exprime senão propriamente que é homem, assim a condição de Deus nada manifesta senão Deus. Vê o que Paulo faz. Afirmando: *“É ele o resplendor de sua glória”*, acrescenta: *“Sentou-se à direita da Majestade”*. Entre esses nomes jamais se encontra o de essência. Nem o termo de Majestade, nem o de glória exprime o que quer dizer, pois não encontra expressão adequada. É isto que eu assegurava no início: Muitas vezes refletimos sobre uma coisa, mas não conseguimos exprimi-la.

Deus não é a denominação da essência, nem é possível absolutamente nomeá-la. E que há de espantoso se assim é relativamente a Deus, se nem para o anjo se encontra um nome que signifique a essência? Talvez nem para a alma. Não é, a meu ver, designação da essência, mas da respiração. Verificarás que é a mesma para a alma, o coração, a mente. *“Ó Deus, cria em mim um coração puro”*. Não somente isto, mas também em muitas passagens verás que assinala o espírito. *“Sustenta o universo com o poder de sua palavra.”* Vês o que diz?

Como, pergunto, ó herege, contradizes, se está escrito: *“Deus disse: “Faça-se a luz!”* (Gn 1,3). O

Pai deu a ordem, o Filho obedeceu. Aqui também, por seu Verbo cria todas as coisas. “*Sustenta o universo*”, isto é, governa. Em verdade, sustém o que está caindo. Sustentar não é menos importante do que criar o mundo; mas digamos algo mais espantoso, e até muito mais. Criar é produzir do nada; é grandioso, porém, admirável e indício de grande poder sustentar as coisas criadas prestes a cair no nada e congregar as dissidentes entre si. Em seguida, revelando a facilidade da atuação disse: “*Sustenta*”. Não disse: Governar, segundo a metáfora dos que apenas movem o dedo para fazer girar. Aqui mostra o tamanho da criação, e embora seja grande, é como se nada fosse. Logo mais uma vez destaca que o faz sem esforço, dizendo: “*Com o poder de sua palavra*”. Exprime-se bem: “*Pelo poder*”. Uma vez que nossa palavra é fraca, demonstra que em Deus não é. Tendo assegurado que sustenta pela palavra, de forma alguma adicionou a maneira pela qual o faz, pois é incognoscível. Em seguida, acrescenta expressões sobre sua majestade. Assim também procedeu João. Tendo asseverado que Deus existe, acrescentou a criação.

Já o havia insinuado, ao dizer: “No princípio era o Verbo” e: “Tudo foi feito por meio dele” (Jo 1,1; 3). Igualmente Paulo o revela em palavras: “*Pelo qual fez os séculos*”. Por conseguinte mostra que é Criador e existia antes de todos os séculos. Se o profeta diz a respeito do Pai: “Desde sempre e para sempre tu és Deus” (Sl 90,2), o que diriam do Filho, que é antes de todos os séculos e Criador do universo? Ou melhor, o que se dizia do Pai, que é antes dos séculos, verias também dito acerca do Filho. E o que enuncia João: “Nele havia vida”, assinalando a força e o poder de abranger a criação, porque ele é a vida de todos, também o afirma Paulo: “*Sustenta o universo com o poder de sua palavra*”. Não age como os gentios, que, de seu lado, privam-no da criação e da providência, e limitam à lua o seu poder. “*Depois de ter realizado por si a purificação dos nossos pecados.*” Após expor as coisas amáveis e grandes, supremas, passa a falar de sua solícitude para com os homens. Principalmente abrange o universo, “*Sustenta o universo*”, o que, de fato, é muito mais. Com efeito, abarca o universo, pois enquanto depende dele salvou a todos. Por isso, tendo João dito: “Nele havia a vida”, aplicando-o à providência, diz ainda: “E era a luz”, designando-o. “*Depois de ter realizado por si a purificação dos nossos pecados, sentou-se nas alturas, à direita da Majestade divina.*” Apresenta dois indícios máximos de sua solícitude: Ter-nos purificado dos pecados, e agido por si próprio. Em muitas passagens, vê-se que o Filho é glorificado não só por causa de nossa reconciliação com Deus, mas também porque a operou. Efetivamente, o grande dom cresceu porque feito através do Filho. De fato, após ter dito: “*Sentou-se à direita*”, e: “*Depois de ter realizado por si a purificação dos nossos pecados*” e ter lembrado a cruz, logo acrescenta uma palavra sobre a ressurreição e a ascensão. Observa sua inefável prudência! Não disse: Recebeu ordem de sentar-se, mas: “*Sentou-se*”. Após, visando evitar que penses que ficou de pé, acrescentou: “*A qual dos anjos disse ele jamais: Senta-te à minha direita*”. “*Sentou-se nas alturas à direita da Majestade*”. O que quer dizer: “*Nas alturas*”? Deus acha-se circunscrito? De modo algum. Evitando tal suspeita, assim se exprimiu, mas explicando: “*À direita*”, não o delineia, mas indica que goza das mesmas honras que o Pai; assim também ao dizer: “*Nas alturas*, não o circunscreve, mas mostra que transcende todas as coisas, isto é, alcança o trono paterno. Como, portanto, o Pai está nas alturas, também ele. Estar sentado nada mais indica senão que goza da mesma honra. Se eles declararem que o Pai disse: “*Senta-te*”, interroguemo-los: Como? Disse alguém que estava de pé? Ora, não podem demonstrá-lo. Não queria dizer certamente que deu ordem ou determinou, mas: “*Disse: Senta-te*”. O motivo não é outro senão evitar pensamentos que ele é sem princípio e sem causa (de subsistência). Evidencia-se que o disse pelo lugar que ocupa o assento. Se quisesse dar a entender uma diminuição, não teria dito: “*À direita*”, e sim: *À esquerda*.

4. Feito tão superior aos anjos quanto o nome que herdou excede o deles.

O termo: “*Feito*” significa neste trecho: demonstrado; por assim dizer, que é. Em seguida confirma. De que maneira? Pelo nome. Vês que o nome de filho costuma designar parentesco? Certamente, se não fosse genuíno, não teria falado dessa maneira. Por quê? É genuíno porque gerado por ele; portanto, confirma-o desse modo. Se fosse Filho pela graça, não seria superior, mas inferior aos anjos. Por quê? Os homens justos também são denominados filhos; e o nome de filho, se não for genuíno, não denota diferença. Para assinalar a diferença entre as criaturas e o Criador, escuta:

5. *De fato, a qual dos anjos disse Deus jamais: ‘Tu és o meu Filho, eu hoje te gerei?’ Ou ainda: ‘Eu lhe serei Pai, e ele me será Filho’?”*

Trata da carne. A locução: “*Eu lhe serei Pai, e ele me será Filho*” refere-se à encarnação. “*Tu és o meu Filho*” significa apenas que se origina dele. A expressão: *on* denota o tempo presente; é a que mais lhe convém. “*Hoje*”, a meu ver, atribui-se à carne. Tendo mencionado a carne, pode falar do restante com segurança. Pois a carne participa das realidades mais elevadas, como a divindade das humildes. Deus se dignou fazer-se homem. Se não recusou o fato, recusaria a expressão oral?

Bem informados, disso não nos envergonhemos, nem nos orgulhemos. Se ele, sendo Deus, Senhor, Filho de Deus, não recusou assumir a condição de servo, muito mais devemos fazer, até mesmo as coisas humildes. De onde vem, dize-me, ó homem, o orgulho? Das coisas pertencentes a esta vida? Elas passam mal aparecem. Das coisas espirituais? É boa obra espiritual não ter um ânimo soberbo. Por que és soberbo? Por agires corretamente? Escuta a palavra de Cristo: “Quando tiverdes cumprido todas as ordens, digei: ‘Somos servos inúteis, fizemos apenas o que devíamos fazer’” (Lc 17,10). Ora, tu te exaltas por causa das riquezas? Por quê? Dize-me. Não ouviste que nu entramos nesta vida, e nu dela partiremos (cf. Jó 1,21)? Ou antes, não viste que os que te precederam partiram despojados e nus? Quem se apossa das riquezas alheias, orgulha-se? Pois os que querem aproveitá-las somente para seu prazer, são delas privados contra a vontade, às vezes até antes, e sem dúvida alguma depois da morte. Mas, replica-se, nós os vivos as utilizamos à vontade. Entretanto, verás logo que ninguém usa das riquezas como quer. Se alguém, contudo, as emprega a seu arbítrio, não é grande coisa. O tempo presente é breve, conferido com os séculos que não terminam. Tu te exaltas, ó homem, por seres rico? Por quê? Também o são os ladrões, os gatunos, os homicidas, os infames, os fornicadores e todos os malvados. Por que então te orgulhas? Se as empregas corretamente, não deves te exaltar para não transgredires o mandamento. Se, porém, não ages como convém, tanto mais deves te abster, porque te tornaste servo das riquezas e das posses, e elas te dominam. Dize-me. Se um febricitante beber água em demasia, e em breve tempo extinguir a sede, no entanto depois reacender-se a chama, deve exaltar-se? O que acontecerá se alguém tiver inutilmente várias preocupações? Deve por isso comprazer-se em si? Por quê? – dize-me. Por ter muitos senhores? Muitos cuidados? Porque muitos te adulam? Mas seria servir. Escuta claramente para entenderes que é servidão. Das muitas emoções, umas são úteis. Tal é a ira, frequentemente útil, pois a ira injusta não será inocente (cf. Eclo 1,22). Por conseguinte, é lícito irar-se com justiça. E ainda, quem se encolerizar em vão contra um irmão será condenado ao fogo da geena (cf. Mt 5,22). Ainda é bom o desejo, empregado na procriação dos filhos, ou a emulação acerca do bem. Segundo diz também Paulo: “Apegai-vos ao bem sempre” (Gl 4,18), e ainda: “Aspirai aos dons mais altos” (1Cor 12,31). Ambas, portanto, são úteis. A arrogância, contudo, jamais é boa, mas sempre inútil e prejudicial. De resto, é conveniente exaltar-se pela pobreza, não pelas riquezas. Por quê? Porque é muito superior e melhor quem precisa de pouco para viver.

Dize-me. Algumas pessoas foram convidadas a ir a uma cidade régia. Umas não precisam de jumentos, nem de servos, nem de toldo, nem de albergue, nem de sandálias, nem de vasos, mas basta-lhes ter pão e beber a água das fontes; outras, porém, dizem: Se não nos derdes veículos e leitões

macios, não podemos ir. Se não tivermos muitos companheiros, se não nos for permitido descansar com frequência, não iremos. Se não tivermos jumentos e andarmos uma pequena parte do dia. Precisamos de muitas outras coisas. Quais as pessoas admiráveis? Estas ou aquelas? Certamente as que de nada precisam. Assim também neste caso, uns precisam de muito no caminho desta vida; outros, de nada. Por isso, importa mais exaltar-se por causa da pobreza, se é que importa comprazer-se. Ora, diz-se, o pobre é desprezível. Não é ele, e sim os que o desprezam. Por que eu não desprezaria os que não sabem admirar o que convém? Mas imaginemos um pintor que se ria dos que zombam dele, por mais imperitos que sejam, e não dá atenção ao que dizem, mas se contenta com o próprio testemunho; e nós dependeríamos da opinião do vulgo? E seria perdoável?

Merecemos desprezo porque não menosprezamos os que nos desprezam por causa da pobreza, e não os julgamos infelizes. Quantos pecados geram as riquezas, quantos bens produz a pobreza! Ou melhor, nem as riquezas, nem a pobreza por si são boas, mas dependem dos que delas se servem. O bom cristão se distingue mais na pobreza do que na riqueza. De que modo? Na pobreza será mais alheio ao fausto, mais modesto, mais respeitável, mais equitativo, mais prudente. Os que se acham em meio a riquezas, encontram para tal muitos impedimentos. Vejamos, portanto, o que faz o rico, ou antes os que empregam mal as riquezas? Rouba, ambiciona, emprega violência. O que mais? Verás que as riquezas geram amores torpes, concubinatos, magia, envenenamentos, outros pecados graves? Vês que é mais fácil exercer a virtude na pobreza do que nas riquezas? Pelo fato de que na terra os ricos não são castigados, não julgues que eles não pecam. Se fosse fácil castigar o rico, encontrarias os cárceres cheios; mas entre outros as riquezas têm o mal de que seu possuidor no crime, uma vez que peca continuando impune, jamais desiste de o cometer, mas recebem ferimentos sem curativos, e ninguém lhes impõe freio. Quem quiser, descobrirá também que a pobreza fornece muitas oportunidades de prazer. De que maneira? Está isenta de preocupações, ódios, lutas, rixas, discórdias e males inúmeros. Não nos empenhemos, portanto, em enriquecer, nem sempre invejemos os grandes proprietários. Mas empreguemos como convém as riquezas que possuímos. Se não as tivermos, não nos lastimemos, mas por tudo demos graças a Deus, que faz com que em recompensa de pequeno esforço, recebamos a mesma retribuição que os ricos ou até maior, lucrando grandes bens através de poucos. Pois quem trouxe dois talentos recebeu a mesma admiração e honra que os que restituiram cinco. Por quê? De fato, foram-lhe confiados dois talentos, mas prestou o que devia, e devolveu duplicado o que lhe fora entregue. Por que nos esforçarmos para nos ser confiado muito, se com pouco podemos perceber idênticos frutos, ou até maiores? O trabalho é menor e a recompensa muito maior? É mais fácil o pobre renunciar ao que é seu do que o rico, que possui muitos e grandes bens. Não sabeis? Quanto mais alguém estiver envolvido, tanto mais ambiciona? No intuito de que tal não nos aconteça, não busquemos as riquezas, não sejamos intolerantes em relação à pobreza, não nos empenhemos em enriquecer, e usemos de nossas posses conforme ordena Paulo: “Aqueles que têm como se não tivessem... aqueles que usam deste mundo, como se não usassem” (1Cor 7,29.31), a fim de conseguirmos os bens prometidos. Possamos todos nós alcançá-los pela graça e amor aos homens etc.

TERCEIRA HOMILIA

1,6. *Mas, ao introduzir o Primogênito no mundo, diz novamente: Adorem-no todos os anjos de Deus.*

7. *A respeito dos anjos, porém, ele declara: Torna em vendavais os seus anjos, e em chamas de fogo os seus ministros.*

8. *Ao Filho, porém: O teu trono, ó Deus, é para os séculos dos séculos;*

Nosso Senhor Jesus Cristo denomina saída a sua vinda segundo a carne, como ao dizer: “O semeador saiu a semear” (Mt 13,4); e ainda: “Saí do Pai e vim ao mundo” (Jo 16,28) etc. Paulo, contudo, o chama de ingresso, nesses termos: “*Mas, ao introduzir o Primogênito no mundo*”. Dá o nome de introdução à assunção da carne. Por que este evento é enunciado de várias formas e em que ocasião? O significado é manifesto. Cristo com razão dá à sua vinda a denominação de saída, pois estávamos do lado de fora, em relação a Deus. No palácio real, os que estão encarcerados e os que ofenderam o rei, estão do lado de fora, e quem quiser reconciliá-los, não os introduz no interior, mas sai e conversa com eles no exterior até que se tornem dignos de comparecer diante do rei, para então introduzi-los; assim também procedeu Cristo. Saiu e veio para junto de nós, encarnando-se e nos transmitindo os mandamentos do Rei; então nos introduziu, após estarmos purificados dos pecados e reconciliados. Por isso dá-lhe o nome de saída. Paulo, contudo, o denomina ingresso, empregando a metáfora dos herdeiros que recebem uma posse e determinados bens, pois a locução: “*Mas, ao introduzir o Primogênito no mundo*” tem este sentido: Entregou-lhe o orbe, e ele o possuiu inteiramente quando foi conhecido. Não se refere ao Verbo de Deus, mas a Cristo encarnado. E com razão. Pois, se estava no mundo, segundo afirma João, e “o mundo foi feito por ele” (Jo 1,10), como seria introduzido de forma diferente senão na carne? “*Adorem-no todos os anjos de Deus.*” Uma vez que ia proferir algo de grande e excelso, prepara e faz com que facilmente possa ser entendido, expondo que o Pai introduziu o Filho. Reflete. Acima declarou que ele não nos falou por meio dos profetas, mas pelo Filho. Mostrou que o Filho é superior aos anjos; e provou-o pelo nome e pela introdução do Filho por parte do Pai. Nesta passagem, enfim apresenta outra prova. Qual? A da adoração. E explica quanto é superior, a saber, quanto o senhor supera o escravo. E como alguém que imediatamente ordena aos chefes que adorem uma pessoa introduzida no palácio real, assim ele faz a respeito do Verbo encarnado introduzido no mundo, nesses termos: “*Adorem-no todos os anjos de Deus*”. Acaso somente os anjos, e não as outras Virtudes? Absolutamente, não. Escuta os dizeres subsequentes: “*A respeito dos anjos, porém, ele declara: Torna em vendavais os seus anjos, e em chamas de fogo os seus ministros. Ao Filho, porém: O teu trono, ó Deus, é para os séculos dos séculos*”. Eis a máxima diferença: Eles foram criados, o Filho é incriado. E por que diz de seus anjos: “*Torna*”, ao Filho, porém, não o diz? Ora, era possível assim se exprimir a diferença: “*A respeito dos anjos, porém, ele declara: Torna em vendavais os seus anjos... Ao Filho, porém: O Senhor me criou*”; e ainda: Deus o fez Senhor e Cristo. Mas nem aquilo foi dito a respeito do Filho, Cristo Senhor; nem isto do Verbo de Deus, mas segundo a carne. Quando quis assinalar a verdadeira diferença, não abrangeu somente os anjos, mas todos os supremos poderes administradores. Vês como e claramente separa do Criador as criaturas, do Senhor os ministros, do verdadeiro e próprio herdeiro e Filho os escravos. “*Ao Filho, porém: O teu trono, ó Deus, é para os séculos dos séculos*”. Eis o sinal do reino.

o cetro da retidão é o cetro de tua realeza.

Eis novamente um sinal do reino. Em seguida volta ao que se encarnou:

9. Amaste a justiça e odiaste a iniquidade, por isso, ó Deus, te ungiu o teu Deus

O que quer dizer: “*O teu Deus*”? Havendo se referido ao que é grande, novamente mitiga.

Aqui atingiu os judeus, os sequazes de Paulo de Samósata, os arianos, Marcelo, Sabélio e Marcião. De que modo? Aos judeus, mostrando que ele tem duas naturezas, é Deus e homem; aos outros, porém, isto é, os sequazes de Paulo de Samósata, aludindo à eterna substância e à essência incriada. Para distinguir: “*Torna*”, coloca a locução: “*O teu trono, ó Deus, é para os séculos dos séculos*”. Contra os arianos, porém, de novo as mesmas expressões e que não é servo; se é criatura, é servo. Contra Marcelo e os outros, que há duas pessoas separadas segundo a hipóstase. Contra os

marcionistas, porém, que a natureza divina não é ungida e sim a humana. Em seguida, assevera:

como a nenhum dos teus companheiros.

Quais são estes companheiros senão os homens? Isto é, Cristo recebeu o dom do Espírito sem medida (Jo 3,34).

Vês como sempre conjuga o discurso sobre a natureza incriada com o plano (da encarnação). O que há de mais claro? Vês que a criatura não é idêntica ao gerado? Não teria dividido, e oposto a formulação: “*Torna*” a: “*Ao Filho, porém: O teu trono, ó Deus, é para os séculos dos séculos*”, nem destacaria de modo excelente o nome de Filho, se houvesse identidade. Qual a diferença? Se a criatura é idêntica ao não gerado, e foram feitos, onde fica a precedência? Eis que o termo Deus, em grego é *ho theós*, com artigo.

10. *Diz ainda: És tu, Senhor, que nas origens fundaste a terra; e os céus são obra de tuas mãos.*

11. *Eles perecerão; tu, porém, permanecerás; todos hão de envelhecer como um vestido;*

12. *e a todos enrolarás como um manto, e serão mudados. Tu, porém, és sempre o mesmo, e os teus anos não terão fim.*

Ao ouvires: “*Mas, ao introduzir o Primogênito no mundo*”, para não julgares que posteriormente fora-lhe doado, acima corrigiu e mais uma vez acerta dizendo: “*No princípio*”. Outrora, não agora. Eis que novamente inflige ferimento mortal em Paulo de Samósata e Ário, aqueles que adaptam ao Filho coisas que dizem respeito ao Pai. E depois, o que é mais importante, sugere que teria feito outra coisa. Pois mostra além disso a transfiguração do mundo, dizendo: “*Todos hão de envelhecer como um vestido; e a todos enrolarás como um manto, e serão mudados*”. Assegura igualmente na Carta aos Romanos que haverá de transfigurar o mundo. E mostrando com que facilidade acrescenta: “*Enrolarás*”. Enrolará o mundo e mudá-lo-á como alguém que enrola um manto. Se, porém, transfigura melhor e de modo mais perfeito e tão facilmente cria, precisará de algo em obra menor? Até quando não vos envergonhareis? Simultaneamente a máxima consolação consiste em saber que as coisas não são assim, todas serão alteradas e mudadas, mas ele sempre permanece vivo, e infinitamente vivo: “*E os teus anos não terão fim*”.

13. *A qual dos anjos disse ele jamais: Senta-te à minha direita, até que eu reduza os teus inimigos a escabelo dos teus pés?*

Eis que de novo incute-lhes ânimo, para superar seus inimigos e seus inimigos são os de Cristo. Este é o reino, esta a honra. Diria, é honra, não fraqueza, encolerizar-se o Pai pelo sofrimento infligido ao Filho. Constitui prova de grande amor de um verdadeiro pai para com o filho. Quem se encoleriza por um outro, como lhe seria estranho? “*Até que eu reduza os teus inimigos*”. Assim também se exprime no Salmo segundo: “O que habita nos céus se ri, o Senhor os coloca no ridículo. E depois lhes fala com ira, confundindo-os em seu furor” (Sl 2,4-5). E ainda diz: “Quanto aos que não queriam que eu reinasse sobre eles, trouxe-os aqui e trucidai-os em minha presença” (Lc 19, 27). Confirmando que são palavras suas, escuta também o que diz noutro lugar: “Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, mas não quiseste! Eis que a vossa casa ficará abandonada (Lc 13,34-35). E ainda: “O reino de Deus vos será tirado e confiado a um povo que produza seus frutos”; e: “Aquele que cair sobre esta pedra se despedaçará e aquele sobre o qual ela cair será esmagado” (Mt 21,43-44). Aliás, aquele que haverá de julgá-los no além, muito mais aqui lhes infligirá penas devidas à sua crueldade. Por isso é somente honra para o Filho o dito: “*Até que eu reduza os teus inimigos a escabelo dos teus pés*”.

14. *Porventura, não são todos eles espíritos servidores, enviados ao serviço dos que devem herdar a*

salvação?

O que há de espantoso se servem o Filho, uma vez que servem a nossa salvação? Vê como estimula-lhes o espírito e mostra a grande honra que Deus nos confere, tendo constituído os anjos, superiores a nós, para nos servirem. E se alguém replicar: Eis que os emprega nisto: Múnus dos anjos é servir a Deus em vista de nossa salvação. Compete aos anjos tudo fazer para a salvação de nossos irmãos; ou melhor, é obra do próprio Cristo, pois ele dá a salvação, enquanto Senhor, os anjos enquanto servos. E nós embora servos, mas servos em companhia dos anjos. Por que olhais surpresos para os anjos? São servos do Filho de Deus, e em muitos lugares são enviados por nossa causa, e para servir a nossa salvação; portanto, são nossos companheiros de serviço. Vê como não há nas criaturas grande diferença. Embora haja tanta distância entre os anjos e os homens, traze-os para perto de nós, de certo modo, dizendo-nos: Labutam por nossa causa, por nossa causa percorrem, e por assim dizer, nos servem. A ocupação deles consiste serem enviados em nosso favor por toda parte.

Destes exemplos está cheio o Antigo Testamento, repleto o Novo. Com efeito, quando os anjos anunciam a boa nova aos pastores, a Maria, a José, não nos servem quando estão sentados no sepulcro, quando enviados aos discípulos e perguntam: “Homens da Galileia, Por que ficais aí a olhar para o céu?” (At 1,11), quando tiram Pedro do cárcere, quando falam a Filipe? Pondera a grande honra que consiste em Deus enviar os anjos quais ministros a amigos, em aparecer um anjo a Cornélio, em tirar todos os apóstolos da prisão, e lhes dizer: “Ide anunciar ao povo no templo as palavras referentes a esta vida” (cf. At 5,20). O que direi ainda? A Paulo aparece um anjo. Vês que eles por causa de Deus nos servem, e servem nas questões mais importantes? Por isso diz Paulo: “Tudo é vosso: a vida, a morte, o mundo, as coisas presentes e as futuras” (cf. 1Cor 3,22). O Filho também é enviado, não qual ministro, nem para exercer alguma função, mas enquanto Filho Unigênito, cujo querer é idêntico ao do Pai. Ou melhor, não foi enviado, pois não passou de lugar em lugar, mas assumiu a carne. Quanto aos anjos, mudam de localização e deixando a anterior passam a outra onde não se achavam. Estimula-os dizendo: Por que temeis? Os anjos nos servem. Mas, falando acerca do Filho, segundo o plano divino, a criação e o reino e mostrando que possui a mesma honra, e domina como Senhor, não só sobre os homens, mas também sobre as Potestades celestes, exorta com um discurso de que devemos aplicar o espírito ao que ouvimos. E declara:

2,1. Pelo que importa observemos tanto mais cuidadosamente os ensinamentos que ouvimos

Queria dizer que devíamos observar mais do que a Lei, mas o omitiu; indica-o na motivação, não dando um conselho, nem fazendo uma exortação. De fato, era melhor.

2. Pois se a palavra promulgada por anjos entrou em vigor, e qualquer transgressão ou desobediência recebeu justa retribuição,

3. como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação? Esta começou a ser anunciada pelo Senhor. Depois, foi-nos fielmente transmitida pelos que a ouviram,

Por que “*importa observemos tanto mais cuidadosamente os ensinamentos que ouvimos*”? Aqueles e estes não são de Deus? Diz que importa observemos mais do que a Lei, ou mais cuidadosamente; não as contrapõe, de forma alguma. De fato, devido ao Antigo Testamento, tinha-se a melhor opinião da Lei por sua antiguidade. Esta, porém, que consideravam nova, era desvalorizada; acentua que deve ser observada com maior cuidado. De que modo? De certa forma dizendo: Esta e aquela a Deus pertencem, mas não de forma semelhante. E isso somente mais tarde no-lo demonstra; por enquanto enuncia mais superficialmente, e depois com maior clareza, dizendo: “*De fato, se a primeira (aliança) fora sem defeito*”; e ainda: “*Ora, o que se torna antigo e envelhece está prestes a desaparecer*” (Hb

8,7; 13) etc. Mas ele não ousa dizer algo de semelhante no início, esperando que o ouvinte perceba e retenha vários argumentos. Por que deveríamos observar mais?

para que não nos transviemos.

Isto é, não perecermos, não cairmos. E manifesta aqui a gravidade da queda, porque é difícil que um transviado reverta, uma vez que tal aconteça por negligência. O dito foi extraído dos Provérbios: “Filho, não transvies” (Pr 3,21). Destaca a facilidade da queda e a gravidade da perda. Isto é, a desobediência é perigosa. E por meio do que descreve revela que o suplício é maior. Deixa a questão aberta, não conclui. Assim a questão torna-se menos molesta; não impõe sempre seu próprio juízo, mas deixa-o ao poder do ouvinte, de sorte que ele dê seu parecer. Desta forma torna-se mais aceitável. Assim procedeu no Antigo Testamento o profeta Natan, e em Mateus diz Cristo: “Que irá fazer a estes vinhateiros?” (Mt 21,40). E obriga-os a proferir a sentença. É a máxima vitória. Em seguida, tendo dito: “*Pois se a palavra promulgada por anjos entrou em vigor*”, não acrescentou: Muito mais a promulgada por Cristo. Omitiu-o e disse o que é menos: “*Como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação?*” Verifica a comparação: “*Se a palavra promulgada por anjos*”, e aqui: “*Pelo Senhor*”. Ali: “*A palavra*”, aqui: “*A salvação*”. Em seguida, a fim de que não retruque alguém: O quê? O que dizes, Paulo, elas são de Cristo? Apressa-se a manifestar que merece fé, porque ouvira dele, e agora são proferidas por Deus, não só por um som, como aconteceu a Moisés, mas por sinais e atestada por fatos.

Qual o sentido da locução: “*Pois se a palavra promulgada por anjos entrou em vigor*”? Igualmente escreve na Carta aos Gálatas: “Promulgada por anjos, pela mão de um mediador”; e ainda: “Vós recebestes a Lei por ministério dos anjos e não a observastes” (Gl 3,19; At 7,53), e sempre diz que é transmitida por anjos. Alguns dizem, em verdade, que alude a Moisés, mas não é exato; outros afirmam que são anjos. Referem-se a anjos que estão no céu. O que quer dizer? Trata somente do decálogo; ali, pois, Moisés falava e Deus respondia. Ou os anjos estavam presentes, por ordem de Deus. Ou trata de tudo o que fora dito e feito no Antigo Testamento, porque os anjos disto participaram. Por que foi dito em outra passagem: “A Lei foi dada por meio de Moisés” (Jo 1,17) e aqui afirma que foi dada por meio de anjos? Pois foi declarado: “O Senhor desceu” numa nuvem (Ex 19,20). “*Pois se a palavra promulgada por anjos entrou em vigor*”. O que quer dizer: “*Entrou em vigor*”? É verdadeira, dir-se-ia, e fiel; no tempo oportuno aconteceu tudo o que foi anunciado. Afirmo isto, ou que obteve domínio, e as ameaças foram levadas a efeito; ou a palavra se fez ordem. Os anjos enviados por Deus ordenaram muitas coisas, à margem da Lei; como aconteceu no tempo das lamentações (cf. Jz 2), dos Juízes, de Sansão. Por isso não disse: Lei, e sim: Palavra. A meu ver aqui talvez se exprima o que foi transmitido por meio de anjos. O que dizer? Então, estavam presentes os anjos, aos quais os povos haviam sido confiados, e que tocavam trombetas, e além disso produziam fogo e escuridão.

e qualquer transgressão e desobediência recebeu justa retribuição.

Não apenas uma ou outra, mas todas. Nada ficou impune, mas “*recebeu justa retribuição*”, isto é, castigo. Por que assim se expressou? É costume de Paulo não dar muita atenção à escolha das palavras, mas sem distinção aplicar termos impróprios até a atos bons, conforme diz numa passagem: “Tornamos cativo todo pensamento para levá-lo a obedecer a Cristo” (2Cor 10,5). E ainda em outro trecho coloca retribuição em vez de punição, e dá ao suplício o nome de retribuição: “Justo é que Deus retribua com tribulação aos que vos oprimem, e que, a vós, os oprimidos, vos dê o repouso” (2Ts 1,6). Isto é, a justiça não é corrupta, mas Deus a executa, e castiga os que pecaram; embora nem todos os pecados sejam manifestos, a não ser que sejam desprezados os preceitos. “*Como escaparemos nós, se*

negligenciarmos tão grande salvação?” Com isso declara que a salvação não era tão grande (no Antigo Testamento). Com razão acrescenta: *“Se negligenciarmos tão grande salvação”*. Agora não nos livrará da luta, não nos concederá a terra e os bens terrenos, mas haverá a abolição da morte e a ruína do diabo, a concessão do reino dos céus, a vida eterna. Insinuou-o brevemente, dizendo: *“Se negligenciarmos tão grande salvação”*. Em seguida adicionou o que é fidedigno:

Esta começou a ser anunciada pelo Senhor.

Isto é, iniciou pela fonte. Não foi um homem, um poder criado que a extraiu da terra, mas o próprio Unigênito.

Depois, foi-nos fielmente transmitida pelos que a ouviram,

Que sentido tem a expressão: *“Foi-nos fielmente transmitida”*? Foi confiada, ou consumada, pois diz-se: Temos as primícias, isto é, não se extinguiu, não diminuiu, mas tem o domínio e prevalece. A causa, a força divina opera. O que significa: *“Pelos que a ouviram”*? Quer dizer, os que a ouviram do Senhor, no-las transmitiram fielmente. É grandioso, fidedigno! Lucas igualmente o afirma no início do Evangelho: *“Conforme no-os transmitiram os que, desde o princípio, foram testemunhas oculares e ministros da palavra”* (Lc 1,2). Como, então, foram transmitidas? E se os que ouviram, diz-se, inventaram? Ele rebate, e mostra que não provém de graça humana, e acrescenta:

4. testemunhando Deus

Se eles houvessem inventado, Deus não lhes teria prestado testemunho. Eles atestaram, de fato, e Deus também presta testemunho. De que modo presta testemunho? Não em palavras, nem pela voz, o que, de fato, seria também crível. Mas, como?

por meio de sinais, de prodígios e de vários milagres,

Expressiu-se muito bem: *“Vários milagres”*, assinalando a abundância dos carismas. Tal não sucedera nos começos, nem tantos milagres e tão diferentes. Por isso não acreditamos superficialmente, mas por meio de sinais e prodígios. Não acreditamos neles, mas no próprio Deus.

e pelos dons do Espírito Santo, distribuídos segundo a sua vontade.

Por que motivo os magos fazem prodígios e os judeus diziam que Cristo expulsava os demônios por Beelzebu (cf. Lc 11,15)? Mas não fazem milagres idênticos, e por isso disse: *“Vários milagres”*. Não se trata de poder, mas de fraqueza, fantasia, inutilidades. Por isso disse: *“Pelos dons do Espírito Santo, distribuídos segundo a sua vontade”*.

Ele quer sugerir aqui, a meu ver, outra coisa: É possível que não houvesse ali muitos dotados de carismas; faltavam porque se fizeram negligentes. Visando consolá-los e não permitir que desanimassem, atribui tudo ao plano de Deus. Ele sabe, diz o Apóstolo, a quem é proveitoso conferi-los, e assim distribui a graça. O mesmo declara na Carta aos Coríntios: *“Deus dispôs cada um dos membros no corpo, segundo a sua vontade”* (1Cor 12,18); e ainda: *“Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos”* conforme lhe apraz (1 Cor 12,7). Mostra que o carisma depende da vontade do Pai. Às vezes, porém, muitos não recebem carismas por causa da vida impura e indolente. Por vezes também os que levam vida pura, não receberam. Por quê? Para não se ensoberbecerem, não se orgulharem, não se tornarem mais preguiçosos, não se exaltarem demais. Pois, se mesmo na falta de um carisma basta a consciência de uma vida pura para exaltar, muito mais, quando também ele existe. Por isso os carismas eram doados mais aos humildes e simples, e principalmente aos simples, porque, conforme foi dito: *“Com alegria e simplicidade de coração”* (At 2,46). Por este motivo mais exorta; ataca se forem mais indolentes. O humilde, que não enche a

fantasia de pensamentos orgulhosos, torna-se mais zeloso, ao receber um carisma, julgando que o recebeu sem o merecer. Quem pensa que fez algum bem, considera que o carisma lhe é devido, e se incha de orgulho. Por isso Deus o distribui conforme a utilidade. Ver-se-á que isto acontece também na Igreja. De fato, um tem o dom de ensinar, outro nem abre a boca. Por essa razão, ninguém fique pesaroso: “Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos” (1Cor 12,7). Efetivamente, se o pai de família sabe o que entregar a cada um, muito mais Deus, que conhece a mente humana, que tudo sabe antes que aconteça. A única coisa com justeza lastimável é o pecado e nada mais. Não digas: Por que não possuo riquezas? Ou: Se tivesse, daria aos pobres. Não sabes se no caso de as possuíres não serias mais avaro; agora o dizes, mas se o experimentasses, serias outra pessoa. De fato, quando saciados, pensamos que podemos jejuar; depois de pequeno intervalo de tempo, porém, teremos outro modo de pensar. Ainda, quando não bebemos, pensamos que podemos superar o vício da embriaguez, não, porém, quando ele nos surpreender. Não digas: Por que não tenho o carisma de ensinar? Se tivesse, edificaria a milhares de pessoas. Não sabes, se o tivesses, se não seria caso de julgamento, de inveja, de que a preguiça te induzisse a esconder o talento. Agora, livre de tudo, se não deres a cada qual a medida de trigo, não serás condenado; então serias culpado de inúmeros pecados. Aliás, nem agora estás privado de um carisma. Mostra através de um pequeno dom, se o tiveres, qual és: “Se não fostes fiéis nas coisas mínimas, quem vos confiará as grandes?” (Lc 16,11). Mostra-te como a viúva. Ela possuía dois óbolos, e jogou no tesouro tudo o que tinha. Buscas as riquezas? Demonstra que desprezas o pouco a fim de que muito te seja confiado. Se nem a estas desprezas, muito mais nem àquelas. Ainda, por palavras, mostra que aproveitaste bem os avisos e conselhos. Ora, não possuis eloquência e não tens abundância de conhecimentos? Mas tens os conhecimentos comuns. Tens um filho, tens um vizinho, tens um amigo, tens um irmão, tens familiares. Embora não possas em público na igreja fazer um discurso prolixo, podes exortar em particular. Para isso é desnecessária a eloquência, o longo discurso. Mostra que se tivesses a habilidade de falar, não negligenciarias. Se não empregas zelo no pouco, como te confiarei o que é grande? É possível a todos. Escuta como Paulo o permite também aos leigos: “Edificai-vos mutuamente como já fazeis”; e: “Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras” (1Ts 5,11; 4,17). Deus sabe como distribuir a cada um. És acaso melhor do que Moisés? Escuta como ele o suporta mal: “Impuseste-me o encargo de todo este povo... para que me digas: ‘Leva-o em teu regaço, como a ama leva a criança no colo?’” (Nm11,12). O que fez Deus? Tirou de seu espírito e deu a outros, mostrando que, nem quando os carregava, o carisma era seu, e sim do Espírito. Se tivesses o carisma, muitas vezes te ensoberbecerias, muitas vezes serias derrubado. Tu não te conhecesses como Deus te conhece. Não devemos dizer: Por quê? Para quê? Quando Deus dispõe, não lhe peçamos explicação; seria extrema impiedade e arrogância. Somos servos, e servos muito distantes do Senhor, desconhecendo até o que temos diante dos pés. Por conseguinte, não perscrutemos curiosamente o plano de Deus, mas conservemos o que ele deu, por pequeno ou ínfimo que seja, e nos mostraremos honestos; ou melhor, nenhum dos dons de Deus é pequeno. Estás pesaroso de não teres o dom de ensinar? Dize-me. O que te parece maior, o dom de ensinar ou o de curar doenças? Certamente este último. E então? Não te parece mais importante dar a vista a cegos do que curar doentes? Não te parece ação maior ressuscitar mortos? Como? Dize-me. Realizar isso por meio de uma sombra e de um sudário não te parece maior do que pela palavra? O que preferes? Dize-me.

Ressuscitar mortos por meio de uma sombra ou de um sudário, ou ter o dom de ensinar? Dirás: Certamente, ressuscitar mortos por meio de uma sombra ou de um sudário.

Se, portanto, eu te mostrar outro carisma muito maior, que te é lícito assumir, e se não o assumires,

és com justiça privado dos demais, o que dirás? Além disso, este carisma não é concedido apenas a um ou outro, mas a todos.

Sei que ficareis estupefactos e admirados por ouvir que podeis possuir um dom maior do que o de ressuscitar mortos, dar a vista a cegos, e fazer os milagres que se faziam no tempo dos apóstolos. E talvez vos pareça incrível. De que carisma se trata? Da caridade. Mas acreditei-me. A palavra não é minha e sim de Cristo, que fala através de Paulo. O que diz ele? “Aspirai aos dons mais altos? Aliás, passo a indicar-vos um caminho que ultrapassa a todos” (1Cor 12,31). O que significa: “Que ultrapassa?” É o seguinte: Os coríntios muito se vangloriavam por causa dos carismas, por falarem em línguas, dom mínimo, e exaltavam-se diante dos demais. Ele diz, portanto: Quereis absolutamente possuir alguns carismas? Eu vos mostro o caminho dos carismas, não só excelente, mas que ultrapassa a todos. Em seguida, diz: “Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tivesse a caridade, nada seria. Ainda que eu tivesse fé, a ponto de transportar montes, se não tivesse a caridade, eu nada seria” (1Cor 13,1-2). Vistes o carisma? Aspirai a este carisma. É superior a ressuscitar mortos, muito melhor do que todos os outros. E para te certificares de que assim é, ouve o que Cristo diz aos discípulos: “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13,35). Logo, demonstrando a que se refere, não menciona milagres. O que diz? “Se tiverdes amor uns pelos outros”. E ainda roga ao Pai: “Todos sejam um, para que o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17,21). Ele dizia aos discípulos: “Dou-vos um mandamento novo: Que vos ameis uns aos outros” (Jo 13, 34). É mais honroso e brilhante do que ressuscitar mortos; e com razão. Essa ação origina-se toda da graça de Deus; aquela, porém, resulta do teu zelo. Eis o verdadeiro cristão. Cristo mostrou que assim é o discípulo, que está crucificado, não tem coisa alguma de comum com a terra; sem isto, contudo, nem o martírio aproveita. E para ficares ciente, vê com clareza: Dois, ou melhor, três cumes das virtudes assumiu o bem-aventurado Paulo: o dos milagres, o do conhecimento e o da vida; mas sem a caridade, conforme disse, os outros nada seriam. Vou explicar de que modo. “Ainda que eu distribuísse todos os meus bens aos famintos, se não tivesse a caridade, isso nada me adiantaria” (1Cor 13,3). Pode acontecer que aquele que distribui seus bens em alimento, não tenha a caridade, e desperdice suas riquezas. Sobre o assunto dissertamos bastante na passagem acerca da caridade, e para lá remetemos os ouvintes. Neste ínterim, conforme disse, aspiremos ao carisma, amemos mutuamente; e de nada mais precisaremos para vivermos virtuosamente, mas tudo nos será fácil, sem suores, e com muito zelo procederemos bem. Mas, eis também agora amamo-nos mutuamente. Uma pessoa tem dois ou três amigos, e outra possui quatro. Mas isto não é amar por causa de Deus, e sim retribuir com amor. O amor por causa de Deus não começa desta forma. Amar daquele modo é afeiçoar-se a todos os irmãos, amando os que possuem a mesma fé como irmãos genuínos; relativamente aos hereges, porém, aos gregos e judeus, que segundo a natureza são irmãos, demonstra-se compaixão, pesar e lágrimas porque são malvados e inúteis. Seremos semelhantes a Deus se amarmos até os inimigos; e não se operarmos milagres. Com efeito, admiramos a Deus pelos milagres, muito mais, contudo, por ser benigno e clemente. Se em Deus isto é muito admirável, mais notável e admirável se torna nos homens. Imitemos a Paulo e a Pedro e não seremos inferiores àqueles que ressuscitaram inumeráveis mortos, embora nem possamos curar uma febre. Sem a caridade, porém, mesmo se fizermos maiores milagres do que os apóstolos, se enfrentarmos mil perigos pela fé, de nada serviria. E não sou quem o diz, mas aquele que sabe, é discípulo da caridade; a ele obedeçamos. Assim poderemos conseguir os bens prometidos. Possamos todos nós alcançá-lo pela graça e amor aos homens por nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, poder, honra, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

QUARTA HOMILIA

2,5. *Não foi a anjos que ele sujeitou o mundo futuro, de que estamos falando.*

6. *A esse respeito, porém, houve quem afirmasse: O que é o homem, para que dele te lembres? Ou o filho do homem, para que o visites?*

7. *Fizeste-o um pouco menor que os anjos,*

Gostaríamos de saber claramente se alguns escutam com adequado zelo nossos dizeres, a fim de não lançarmos a semente à beira da estrada; desta forma transmitiremos os ensinamentos mais bem dispostos. Falaremos, contudo, mesmo que ninguém ouça, pelo temor do Salvador. Testemunha, diz ele, perante este povo, e se não ouvir, não terás culpa. Convicto de vosso zelo, porém, falarei não só por temor, mas com prazer. Agora, portanto, mesmo se ninguém ouvir, contanto que cumpra meu dever sem perigo, mesmo sem prazer assumo o trabalho. Pois, de que serve não ser acusado, se ninguém é auxiliado? Alguns retirem proveito e não alcançaremos tanta vantagem com a isenção do castigo quanto com vosso proveito. E como obter conhecimento disto? Observando que alguns de vós não estão atentos, interrogá-los-ei à parte; e se descobrir que retiveram algo, não digo tudo, do discurso – pois não será fácil –, mas ao menos um pouco, é evidente que não duvidarei acerca do restante. Convinha que, sem prevenir, de improviso vos inculcássemos. De resto, ser-me-á agradável, se ao menos desta maneira conseguir; ou melhor, também posso atacar os incautos. De fato, predisse que iria interrogar, mas ainda não declarei quando. Talvez hoje, talvez amanhã, talvez depois de vinte ou trinta dias, talvez depois de poucos dias, talvez após vários dias.

Desta forma igualmente Deus deixou-nos incerto o dia da morte. Não nos manifestou se virá hoje, amanhã, após um ano inteiro, ou vários anos, a fim de que em dúvida diante da expectativa nos mantenhemos em contínua virtude. Disse, em verdade, que havemos de partir, mas não a ocasião. Igualmente eu disse que perguntaria, mas não acrescentei a data, com a intenção de que estivésseis sempre prevenidos. Não retruque alguém: Ouvi há quatro, cinco ou mesmo mais semanas, e não posso guardar tudo. Com efeito, quero que o ouvinte retenha de tal modo que não haja esquecimento, a memória não falhe, não rejeite os dizeres. Quero que os guardeis, não para repetirdes, mas a fim de retirardes lucro. Esforço-me por obter tal finalidade. Tendo dissertado por cautela sobre os pontos necessários, iniciemos os subsequentes. Quais os propostos hoje?

Não foi a anjos que ele sujeitou o mundo futuro, de que estamos falando.

Acaso fala de um outro mundo? Não é possível, e sim deste mesmo. Por isso acrescentou: “*De que estamos falando*”, a fim de evitar que a mente erre, à busca de um outro. Como, então, assegura que é: “*Futuro*”? Segundo o que diz em outra passagem: “*Figura daquele que devia vir*” (Rm 5,14), referindo-se a Adão e a Cristo na Carta aos Romanos, porque em razão da época de Adão dá a denominação de futuro a Cristo segundo a carne, porque devia vir; assim também agora, porque disse: “*Mas, ao introduzir o Primogênito no mundo*” (Hb 1,6). A fim de não julgares que aludiu a outro orbe, comprova-o de muitos e diversos modos, e também ao dizer que era futuro. O mundo devia vir, mas o Filho de Deus sempre existiu. Não sujeitou aos anjos o que havia de vir, mas a Cristo. É evidente que se refere ao Filho; e ninguém diria que foi dito aos anjos. Em seguida aduz outro testemunho: “*A esse respeito, porém, houve quem afirmasse*”. Por que não nomeou o profeta, mas ocultou seu nome? Assim procede também em outros testemunhos, como ao dizer: “*Mas, ao introduzir o Primogênito no mundo, diz novamente: Adorem-no todos os anjos de Deus*”. “*Ou ainda: Eu lhe serei Pai*”. “*A respeito dos anjos, porém, ele declara: Torna em vendavais os seus anjos*”. “*Ao Filho, porém: És tu, Senhor, que nas origens fundaste a terra*”. Assim afirma também aqui: “*A esse respeito, porém,*

houve quem afirmasse”. A meu ver, oculta, e não diz quem emite o testemunho, mas o introduz como algo de notório, o que constitui um sinal de que eles são muito peritos nas Escrituras.

O que é o homem, para que dele te lembres? Ou o filho do homem, para que o visites?

7. *Fizeste-o um pouco menor que os anjos, de glória e de honra o coroaste, tu o estabeleceste sobre a obra de tuas mãos,*

8. *e todas as coisas colocaste debaixo dos seus pés.*

Apesar de aplicar-se à comum humanidade, propriamente convém a Cristo segundo a carne; a expressão: “*Todas as coisas colocaste debaixo dos seus pés*” mais se adapta a ele do que a nós. O Filho de Deus, quando nada éramos, nos visitou, e tendo assumido o que é nosso e unido a si, fez-se superior a todos.

Se Deus lhe submeteu todas as coisas, nada deixou que lhe ficasse insubmisso. Agora, porém, ainda não vemos que tudo lhe esteja submisso.

Declara o seguinte. Havendo dito: “*Até que eu reduza os teus inimigos a escabelo dos teus pés*” é verossímil que eles ainda estavam angustiados; em seguida, intercalando poucos argumentos, acrescentou este testemunho, em confirmação. Pois, a fim de não se dizer: Como colocou os inimigos a seus pés, se sofremos tanto? Previamente e de forma suficiente fez tácita alusão, pois a expressão: “*Até que*” não significa que o faz imediatamente, mas que o realizou em tempo oportuno. Aqui, porém, prossegue mais longamente. Não julgues, porque ainda não lhe estão sujeitos que não se sujeitarão, pois é claro que devem estar sujeitos. Por isso diz a profecia: “*Se Deus lhe submeteu todas as coisas, nada deixou que lhe ficasse insubmisso*”. Por que, então, não lhe estão sujeitas todas as coisas? Porque hão de estar sujeitas. Se, portanto, tudo lhe deve estar sujeito e no entanto ainda não estão, não te irrites, nem te perturbes. De fato, se o fim tivesse chegado, tudo estivesse sujeito, e passasses por tais padecimentos, com razão o sentirias; mas agora ainda não vemos que tudo lhe esteja sujeito. O Rei ainda não obteve inteiramente o domínio. Por que então te perturbas, suportando-o mal? O anúncio ainda não atingiu a todos. Ainda não é tempo da perfeita submissão. Em seguida, mais uma consolação, a saber, aquele que deverá ter a todos submissos a si, morreu e passou por inúmeros padecimentos.

9. *Vemos, todavia, a Jesus, que foi feito um pouco menor que os anjos, por causa dos sofrimentos da morte,*

Em seguida adicionou os bens:

coroado de honra e de glória.

Viste que lhe adaptou todas as coisas? Pois convinha-lhe mais a expressão: “*Um pouco*” a ele que somente por três dias esteve no inferno, não a nós que longamente nos corrompemos. De modo semelhante, a fórmula: “*De glória e de honra*” é mais conveniente a ele do que a nós. De novo, lembrou-lhes a cruz em dois pontos: Mostrando sua solicitude por nós, e persuadindo-os a suportarem generosamente todas as coisas, fixando o olhar no mestre. Com efeito, se aquele que é adorado pelos anjos tolerou ter um pouco menos do que os anjos por tua causa, muito mais tu, que és menor que os anjos, deves tudo suportar por ele. Em seguida mostra que a cruz é honra e glória, conforme sempre a denomina, nesses termos: “*É chegada a hora em que será glorificado o Filho do Homem*” (Jo 12,23). Se, portanto, ele chama de glória o que sofreu pelos servos, muito mais tu a teus sofrimentos por causa do Senhor.

Vês quantos os frutos da cruz? Não temas a realidade; parece-te triste, mas gera inúmeros bens.

Mostram a utilidade da prova. Em seguida diz:

É que pela graça de Deus ele provou a morte em favor de todos os homens.

“*Pela graça de Deus*”, diz ele. Ele sofreu pela graça de Deus, em nosso favor. “Não poupou o seu próprio Filho, e o entregou por todos nós” (Rm 8,32). Qual a causa? Não nos era devido, mas fez gratuitamente. E ainda na Carta aos Romanos escreve: “Com quanto maior profusão a graça de Deus e o dom gratuito de um só homem, Jesus Cristo, se derramaram sobre nós” (Rm 5,15). “*É que pela graça de Deus ele provou a morte em favor de todos os homens.*” Não somente pelos fiéis, mas para a terra inteira. Morreu, de fato, por todos. Mas, como se explica que nem todos acreditaram? Ele completou o que lhe cabia. E propriamente disse: “*Ele provou a morte em favor de todos os homens*”. Não disse: Morreu, pois, na realidade provou a morte, porque após breve intervalo, logo ressuscitou. Dizendo: Pelo sofrimento da morte, aludiu à verdadeira morte, mas: Melhor do que os anjos, manifestou a ressurreição. Um médico, embora não tenha necessidade de provar os alimentos preparados para o doente, primeiro o prova, cuidadoso, para persuadir o doente a ingerir sem susto o alimento; assim Cristo, uma vez que todos os homens temiam a morte, a fim de persuadir que fossem corajosos diante dela, ele próprio a provou, apesar de não ter tal obrigação. “Pois o príncipe do mundo vem; contra mim, ele nada pode” (Jo 14,30). Assim, ao dizer: “*Pela graça*”, e: “*Ele provou a morte em favor de todos os homens*”, exprime o mesmo.

10. *Convinha, de fato, que aquele por quem e para quem todas as coisas existem, conduzindo muitos filhos à glória, levasse à perfeição, por meio de sofrimentos, o Autor da salvação deles.*

É atinente ao Pai. Vês como de novo lhe adapta a expressão: “*Por quem*”? Não o faria se fosse uma diminuição e só conviesse ao Filho. Declara o seguinte: Fez o que era digno de sua bondade, o que tornaria mais ilustre o Primogênito, e como genuíno atleta vencedor dos demais, servisse de exemplo aos outros. “*Autor da salvação deles*”, isto é, causa da salvação. Vês a diferença? É Filho e somos filhos, mas ele salva e nós somos salvos. Viste como nos une e distingue? “*Conduzindo muitos filhos à glória.*” Aqui une: “*Autor da salvação deles*”. E de novo distingue: “*Levasse à perfeição, por meio de sofrimentos*”. Os sofrimentos, portanto, são perfeição e causa de salvação. Vês que sofrer não é peculiar aos que foram abandonados?

Deus, portanto, em primeiro lugar honrou o Filho, que conduziu por meio dos sofrimentos. Em verdade, é muito mais assumir a carne e sofrer o que sofreu do que ter criado o mundo e tirado do nada. É fruto da benignidade, muito maior do que o ato de criar. Demonstrando-o, ele declara: “A fim de mostrar nos tempos vindouros a extraordinária riqueza da sua graça, com ele nos ressuscitou e nos fez assentar nos céus, em Cristo Jesus” (Ef 2,7.6). “*Convinha, de fato, que aquele por quem e para quem todas as coisas existem, conduzindo muitos filhos à glória, levasse à perfeição, por meio de sofrimentos, o Autor da salvação deles.*” Importava que aquele que de todas as coisas cuida, e produziu-as para que existissem, entregar o Filho pela salvação dos demais, um só por muitos. Todavia não o disse, mas: “*Levasse à perfeição, pelo sofrimento*”. Expõe que aquele que sofre por um outro, não somente oferece proveito ao próximo, mas também se torna mais ilustre e perfeito. Declara-o aos fiéis, animando-os. De fato, Cristo foi glorificado ao sofrer. Quando, porém, digo: Foi glorificado, não penses que ele assumiu a glória; aquela glória da natureza sempre a teve, não assumiu coisa alguma.

11. *Pois tanto o Santificador quanto os santificados descendem de um só; razão por que não se envergonha de os chamar irmãos,*

Eis que novamente os congrega, honrando-os, consolando-os, e chamando-os de irmãos de Cristo,

porque “*descendem de um só*”. Em seguida, mais uma vez os reúne, e manifesta que alude àquele que se encarnou, acrescentando: “*Tanto o Santificador quanto os santificados*”. Notas a diferença? Ele, em verdade, santifica; nós, contudo, somos santificados. E acima declarou que ele é o Autor da salvação. Deus é um só, e por ele “*todas as coisas existem. Razão por que não se envergonha de os chamar de irmãos*”. Vês de novo a excelência? Pois, dizer: “*Não se envergonha*” significa que não vem da natureza, mas inteiramente da benevolência e da grande humildade daquele que não se envergonha. Com efeito, embora sejamos provenientes de um só, ele, de fato, santifica, e nós somos santificados. É grande a diferença. Ele, efetivamente, vem do Pai, enquanto verdadeiro Filho, isto é, de sua essência; nós, porém, enquanto criaturas, do nada. Imensa diferença! Por isso diz: “*Razão por que não se envergonha de os chamar de irmãos*”, ao formular:

12. Anunciarei o teu nome a meus irmãos;

Revestido da carne, recobriu-se também da fraternidade, e simultaneamente com a carne a fraternidade penetrou. Mas apresenta-o com razão; quanto à locução:

13. Porei nele a minha confiança;

O que quer dizer? Com efeito, é exato o que se segue:

Eis-me aqui com os filhos que Deus me deu.

Como lá assinala que é pai, aqui que é irmão: “*Anunciarei o teu nome a meus irmãos*”. E novamente manifesta grande excelência, e imensa diferença, pelas palavras subsequentes:

14. Uma vez que os filhos têm em comum carne e sangue,

Vês onde está a semelhança? Segundo a carne.

por isso de forma semelhante ele participou da mesma condição,

Envergonhem-se todos os hereges, escondam-se com pudor os que afirmam que ele veio em figura, não em realidade. Não disse apenas: “*Participou da mesma condição*” e calou-se, embora fosse suficiente, mas enuncia algo de maior, a saber: “*De forma semelhante*”. Não por figura e imagem, diz ele, mas em realidade manifestando a fraternidade; do contrário não caberia a locução: “*De forma semelhante*”. Depois, apresenta também a causa deste plano:

a fim de destruir pela morte o dominador da morte, isto é, o diabo;

Com isso demonstra coisa admirável, a saber, que o diabo foi superado por aquela que ele vencera e por sua arma válida contra a terra inteira, a saber, pela morte, Cristo o feriu, o que indica o grande poder do vencedor. Vês quantos bens a morte produziu?

15. e libertar os que passaram toda a vida em estado de servidão, pelo temor da morte.

Por que tens horror? Por que temeis aquela que foi abolida? Deixou de ser terrível, mas é conculcada, desprezada, vil e abjeta, completamente sem valor. O que significa: “*Os que passaram toda a vida em estado de servidão*”? O que é isto? Quem teme a morte é escravo e tudo suporta para não morrer. Ou que todos eram escravos da morte, ela ainda não fora abolida e estavam sob seu domínio. Ou que os homens viviam em perpétuo medo, sempre esperando morrer e temendo a morte. Não sentiam prazer algum, porque este medo estava sempre atuante. Alude a isso, nesses termos: “*Toda a vida*”. Explica que os aflitos, os expulsos e perseguidos, privados da pátria, da fortuna, e todos os bons vivem mais alegres e livres do que os que viviam em delícias, aos quais nada disso acontecera, e eram felizes. De fato, eles por toda a vida estavam escravizados a este medo; os outros, contudo, estão livres e zombam daquilo de que estes têm horror. O mesmo acontece agora. Alguém fornece delícias a um prisioneiro condenado à morte e que sempre a espera; tal era a morte outrora.

Agora, porém, alguém, expulso aquele temor, anuncia que com delícias deve combater e propor uma luta que não mais leve à morte, mas ao reino. De qual queres ser? Daqueles que no cárcere engordam, diariamente aguardando que seja proferida a sentença, ou daqueles que muito combatem, e de bom grado labutam para serem coroados com o diadema no reino? Vês como levanta-lhes o ânimo, e os têm em suspenso? Todavia mostra que não somente a morte cessou, mas também aquele que contra nós sempre por meio dela nos declara guerra implacável, digo, o diabo, está alquebrado e prostrado. Pois quem não teme a morte, acha-se fora do domínio do diabo. Se: “Pele por pele! Para salvar a vida o homem dá tudo o que possui” (Jó 2,4), aquele que ousar desprezá-la, de quem será servo? Nada teme, nada o assusta, é superior a tudo e o mais livre de todos. Quem despreza a própria vida, muito mais o restante. Quando o diabo encontra tal alma, nenhum de seus artifícios consegue empregar. Ameaçará de prejuízo monetário, infâmia, exílio da pátria? Mas isto é pequeno para aquele que nem a sua vida tem por preciosa, segundo o bem-aventurado Paulo. Vês que, repelida a tirania da morte, simultaneamente também se superam as forças do diabo? Pois quem meditar muito sobre a ressurreição, como temerá a morte, como terá horror do restante? Não vos entristeçais, dizendo: Por que sofremos isto e aquilo? Assim a vitória se faz mais brilhante; não seria brilhante a não ser que a morte abolisse a morte. É admirável porque ela venceu quem a fizera potente, revelando quantas faculdades e habilidades possui. Não atraçóemos o dom que nos foi concedido. Não recebemos um espírito para recair no temor, mas um espírito de virtude, caridade e modéstia. Estejamos, portanto, de pé com vigor, zombando da morte.

Mas veio-me o desejo de gemer amargamente, considerando aonde Cristo nos conduziu, e donde nos demitimos. Ao ver a lamentação na praça, e o gemido por causa dos defuntos, gritos e outras atitudes sem decoro, crede-me, envergonho-me diante dos gentios, judeus e hereges presentes e que por isso riem de nós. Efetivamente, seja o que for que disser, é inútil raciocinar sobre a ressurreição. Por quê? Porque os gentios não dão atenção ao que digo e sim ao que vós praticais. Imediatamente replicam: Quando poderá um deles desprezar a morte, se não pode ver um morto? São belas as palavras de Paulo, e dignas dos céus e da benignidade de Deus. O que diz ele? *“E libertar os que passaram toda a vida em estado de servidão, pelo temor da morte.”* Mas não permitis que acreditemos, porque combateis por vossas ações. Apesar de Deus ter concedido muitos auxílios, a fim de eliminar estes maus hábitos. Dize-me. O que significam as lâmpadas acesas? Não os levamos como atletas? Por que os hinos? Não glorificamos a Deus e damos graças porque já coroou o defunto, livrou-o dos trabalhos e expulsando o medo tem-no junto de si? Por isso não existem os hinos? A salmodia? Tudo isto é próprio dos que se alegram. “Está alguém alegre? Cante” (Tg 5,13). Mas os gregos não dão atenção a isso. Não me fales daquele que sem sofrer reflete; não seria grande nem espantoso. Mostra-me aquele que mesmo na dor reflete, e então acreditarei na ressurreição. E não é espantoso que assim procedam as mulheres que se envolvem nas preocupações desta vida, embora também seja um mal grave, pois delas também a sabedoria tem exigências. Por isso Paulo também diz: “Irmãos, não queremos que ignoreis o que se refere aos mortos, para não ficardes como os outros que não têm esperança” (1Ts 4,13). Não era a monges que escrevia estas coisas, nem aos que se conservam virgens, mas também às casadas, que são seculares. Mas isto não é tão grave. Quando de certa mulher, ou homem que se diz crucificado para o mundo, ele arranca os cabelos, ela grita muito, o que há de mais vergonhoso? Acreditai-me. Deviam por longo tempo ser afastados do limiar da Igreja. Devem assim pranteiar os que ainda temem a morte e estremecem, os que não acreditam na ressurreição. Ora, não sou, diz alguém, dos que não acreditam na ressurreição, mas sigo o costume. Dize-me. Por que, ao empreendes longa viagem, peregrino, não fazes o mesmo? Choro também, responde, e procuro lamentar-me. Compete, de fato, aos que seguem os costumes; entretanto é próprio de quem não espera

voltar. Pensa que salmodias naquele tempo: “Volta ao repouso, ó minha alma, pois o Senhor foi bondoso contigo”; e ainda: “Nenhum mal temerei, pois estás comigo” e: “Tu és o meu refúgio na tribulação que me cerca” (Sl 115,7; 23,4; 32,9). Reflete no sentido desses salmos. Mas não dás atenção, ébrio de pesar. Ou, meditando profundamente nas exéquias dos outros, encontrarás medicamento nas tuas. Dizes: “Volta ao repouso, ó minha alma, pois o Senhor foi bondoso contigo”, e choras? Não é encenação e hipocrisia? Se de fato acreditas no que proferes, é inútil chorar. Se, porém, julgas que se trata de jogo, hipocrisia e fábulas, por que salmodias? Por que acolhes os recém-vindos? Por que não afastas os que salmodiam? Mas isso, replicas, é próprio dos loucos. Aquilo, porém, é muito mais. Por enquanto, admoesto; no decorrer do tempo tratarei deste assunto com maior vigor. Receio muito que deste modo alguma doença grave ataque a Igreja. E depois, corrigirei o luto; por enquanto denuncio, e conjuro ricos e pobres, mulheres e homens.

A todos vós suceda que sem luto possais partir desta vida, e segundo uma disposição justa, os pais que envelheceram sejam enterrados pelos filhos, as mães pelas filhas, netos e bisnetos em boa e avançada velhice, e jamais haja morte prematura. Assim suceda, e isso rogo. Exorto aos presidentes e a vós todos a orardes a Deus uns pelos outros, e seja comum este voto. Se, porém, não acontecer e sobrevier uma morte dolorosa (dolorosa, digo, não por sua natureza; por si não é amarga, e em nada difere do sono; mas o digo em consideração de vossa afeição): se, portanto, acontecer, e alguns encomendarem carpideiras, acreditai-me. Não falo de modo diferente do que penso. Irrite-se quem quiser. Por muito tempo o excluiríamos da igreja, qual idólatra (cf. Cl 3,5). Pois, se Paulo chama o avaro de idólatra, muito mais aquele que emprega em relação a um fiel o que é próprio dos idólatras. Por que motivo, pergunto, convidas presbíteros e cantores? Não é para teu consolo e não em honra do defunto? Por que o ofendes e atraíças? Por que representas como num teatro? Temos meditado sobre a ressurreição e instruído aqueles que ainda não foram atingidos por aquela honra, de sorte que, se algo disto suceder, suportem-no com fortaleza; tu, porém, trazes aqueles que, por seu lado, destroem o que é nosso?

O que é pior do que esta zombaria e irrisão? O que de mais grave do que esta anomalia? Envergonhai-vos, e corai; se não o quiserdes, nós não permitimos que estes perniciosos costumes se introduzam na igreja: “Repreende os que pecam, diante de todos” (1Tm 5, 20). Proibimos por vosso intermédio que estas infelizes e míseras mulheres se insinuem no enterro dos fiéis, para não sermos obrigados a fazê-las prantear seus males e as instruímos a não deplorar as infelicidades alheias, mas antes as suas. Com efeito, um pai benévolo que tenha um filho desordeiro, não somente o aconselha a não ter convivência com os malvados, mas também os atemoriza. Eis que também vos exortamos e por vós a elas; não as convideis, nem elas compareçam. Permita Deus que a palavra produza maior resultado e tenham força as ameaças. Do contrário, o que não aconteça, menosprezados, precisaremos levar a efeito as ameaças, ensinando-vos pelas leis eclesiásticas, e a elas através de meios convenientes. Se alguém, de modo insolente desprezar, escute o que ainda agora diz Cristo: “Se o teu irmão pecar, vai corrigi-lo a sós contigo. Se ele te ouvir, ganhaste o teu irmão. Se não te ouvir, porém, toma contigo mais uma ou duas pessoas. Caso não lhes der ouvido, dize-o à Igreja. Se nem mesmo à Igreja der ouvido, trata-o como gentio ou publicano” (Mt 18,15-17). Se o que pecar contra mim, não obedecer, ele ordena afastar-se dessa forma, como comportar-me para com aquele que peca contra si e contra Deus, julgai-o vós. Vós nos condenais porque não nos portamos suavemente convosco. Se alguém despreza os vínculos em nosso poder, o próprio Cristo novamente ensina, nesses termos: “O que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus” (Mt 16,19). Apesar de míseros e nada valermos, merecedores de desprezo como somos, entretanto não nos

vingamos, nem nos encolerizamos, mas cuidamos de vossa salvação. Envergonhai-vos, suplico-vos, corai. Com efeito, suporta-se um amigo que ataca com mais vigor do que deve, em consideração de seu escopo, e porque o faz benevolmente, não por arrogância; muito mais deveis tolerar o mestre que vos censura, e mestre que não fala por autoridade, nem enquanto chefe, mas como preceptor. Não falo a fim de ostentar poder. De que modo, visto que não viemos para experimentá-los, mas pesarosos e dolentes? Perdoai-nos, e ninguém menospreze os vínculos eclesiásticos. Liga, não um homem mas Cristo, que nos deu tal poder e faz com que determinados homens tenham tamanha honra. Pois nós empregamos o poder de desligar quando queremos; ou melhor, preferimos que não nos seja necessário, pois a nenhum dos nossos queremos ligar. Não somos tão infelizes e míseros, apesar de nada sermos. Se for necessário, perdoai. Não é de bom grado, voluntariamente, mas temos maior pesar nós que ligamos do que vós, os presos. Se alguém os desprezar, virá o tempo do juízo que o instrua. Não quero dizer o restante, para não ferir vossas mentes. De fato, primeiro suplicamos que não seja necessário; se formos obrigados, cumprimos nosso dever, poremos os vínculos. Se alguém os romper, terei cumprido meu dever, e não contrairei culpa alguma; terás de discuti-lo com aquele que me ordenou ligar. Pois se sob a presidência do rei, na presença dos guardas, alguém da coorte tiver de ser ligado, e for posto em vínculos, ele não só os repelir, mas também rompê-los, ofende o guarda, mas muito mais ao rei que o ordenou. Ele considera como feito a si o que é feito aos fiéis; quando ofendeis aqueles ao qual foi imposto o dever de ensinar, muito mais a ofensa será como se lhe fosse dirigida. Não aconteça que a algum membro desta Igreja seja preciso colocar vínculos. Pois como é bom não pecar, é útil suportar a repreensão. Suportemos a repreensão e esforcemo-nos por não pecar; mas se pecarmos, toleremos a repreensão. Como é bom não ser feridos, mas se acontecer, coloque-se um medicamento na chaga, assim aqui há de ser feito. Não suceda que alguém precise de medicamentos. *“Mesmo falando assim, estamos convencidos de que vós, caríssimos, estais do lado bom, o da salvação”* (Hb 6,9). Mais cautelosos, falamos com maior severidade. É melhor julgardes que sou audacioso, cruel e arrogante do que praticardes o que não agrada a Deus. Confiamos em Deus que esta exortação não vos será inútil, mas de tal modo vos convertereis que estes sermões terminem em elogios e louvores vossos. Oxalá vivamos de tal modo segundo apraz a Deus que consigamos todos os bens que ele prometeu aos que o amam, em Cristo Jesus nosso Senhor.

QUINTA HOMILIA

2,16. *Pois ele não estendeu a mão aos anjos, mas estendeu-a à descendência de Abraão.*

17. *Convinha, por isso, que em tudo se tornasse semelhante aos irmãos,*

Paulo, no intuito de revelar o grande amor aos homens da parte de Deus e a caridade que teve para com o gênero humano, após dizer: *“Uma vez que os filhos têm em comum carne e sangue, por isso de forma semelhante ele participou da mesma condição”* (Hb 2,14), explica esta passagem e continua: *“Pois ele não estendeu a mão aos anjos”*. Não dê pouca atenção ao que foi dito, nem consideres coisa leve ter ele assumido nossa carne; não o concedeu aos anjos. Por isso disse: *“Pois ele não estendeu a mão aos anjos, mas estendeu-a à descendência de Abraão”*. O que afirma? Não assumiu a natureza angélica, mas a humana. O que quer dizer: *“Estendeu a mão”*? Não assumiu a natureza dos anjos, mas a nossa. Por que não disse: Aceitou, mas empregou esta fórmula: *“Estendeu a mão”*? É uma metáfora aplicada aos que perseguem os inimigos, e tudo fazem para alcançar os que fogem e prender os que escapam. Ele perseguiu, e apanhou a natureza humana que fugia, e fugia para longe (Éramos estranhos a Deus, “sem Deus no mundo” [Ef 2,12]). Expõe que o fez movido apenas pela bondade, caridade e solicitude para conosco. Por isso, ao dizer: *“Porventura, não são todos eles espíritos servidores,*

enviados ao serviço dos que devem herdar a salvação?” (Hb 1,14) revela que tem grande solicitude pela natureza humana e Deus dela muito cuida; assim também aqui mostra que é muito mais, através da comparação. *“Não estendeu a mão aos anjos.”* É grande, de fato, admirável e estupendo que um corpo como o nosso esteja sentado nos céus e seja adorado pelos anjos, arcanjos, serafins e querubins. Revolvendo-o frequentemente no espírito, fico extasiado, e imagino coisas grandiosas do gênero humano. Vejo os prêmios grandes e preciosos, e que Deus tem grande solicitude por nossa natureza. E ele não disse apenas: Estendeu a mão aos homens, mas, querendo exaltá-los e mostrar que o gênero humano é grande e honroso, disse: *“Pois ele não estendeu a mão aos anjos, mas estendeu-a à descendência de Abraão. Convinha, por isso, que em tudo se tornasse semelhante aos irmãos.”* Qual o sentido da locução: *“Em tudo”*? Nasceu, foi nutrido, cresceu, sofreu tudo o que devia e por fim foi morto. É o sentido da frase: *“Que em tudo se tornasse semelhante aos irmãos”*. Tendo dissertado muito acerca da majestade e da glória celeste, enfim fala da dispensação do plano. Vê com que prudência e vigor mostra o grande zelo empregado para se assemelhar a nós. Provinha de grande providência. Pois, tendo dito acima: *“Uma vez que os filhos têm em comum carne e sangue, por isso também ele participou da mesma condição”* (Hb 2,14), diz neste trecho: *“Que em tudo se tornasse semelhante aos irmãos”*. Assegura, de certo modo: Aquele que a tal ponto é grande, *“é resplendor de sua glória e a expressão do seu Ser”* (Hb 1,3), fez os séculos, sentou-se à direita do Pai, quis com todo empenho tornar-se nosso irmão em tudo; e para isso deixou os anjos e potestades celestes, desceu até nós e nos tomou pela mão. Pondera, pois: Praticou inúmeros bens, rompeu a morte, livrou-nos da tirania do diabo, libertou-nos da servidão. Honrou-nos tornando-se nosso irmão. Não nos honrou apenas com a fraternidade, mas ainda com inumeráveis outros bens. Quer ser nosso pontífice junto do Pai, conforme acrescenta o Apóstolo:

para ser, em relação a Deus, um sumo sacerdote misericordioso e fiel,

Assumiu nossa carne, somente por benignidade, para se compadecer de nós. Não há outra causa de seu plano senão esta: Viu-nos abjetos por terra, arruinados, oprimidos pela tirania da morte, e compadeceu-se.

para expiar assim os pecados do povo.

“Para ser um sumo sacerdote misericordioso e fiel.” Qual o sentido de: *“Fiel”*? Verdadeiro, poderoso. O Filho não é apenas sumo sacerdote fiel; pode expiar os pecados daqueles para os quais é pontífice. Fez-se homem para oferecer uma vítima que pode nos purificar. Por isso acrescentou: *“Em relação a Deus”*, isto é, perante Deus. Éramos, diz ele, inimigos de Deus, condenados, cobertos de ignomínia. Não havia quem oferecesse por nós um sacrifício. Ele nos viu neste estado, compadeceu-se, não estabeleceu para nós um pontífice, mas fez-se ele próprio pontífice fiel. Em seguida, demonstrando ser fiel, acrescentou: *“Para expiar assim os pecados do povo”*.

18. *Pois, tendo ele mesmo sofrido pela tentação, é capaz de socorrer os que são tentados.*

Isto é muito humilde, vil, indigno de Deus. *“Tendo ele mesmo sofrido”*. Refere-se ao Verbo encarnado. Talvez queira dar certeza aos ouvintes, e por causa de sua fraqueza. Afirma o seguinte: Veio experimentar o que sofremos. Agora não ignora os nossos padecimentos; não apenas sabe enquanto Deus, mas também conhece enquanto homem, pela experiência do que sofreu. Padeceu muito e sabe compadecer-se. Deus é impassível, mas aqui narra os fatos relativos à encarnação, como se dissesse: A própria carne de Cristo sofreu muito e gravemente. Sabe o que é aflição, o que é tentação, não menos do que nós sofredores, porque ele também padeceu. O que significa: *“É capaz de socorrer os que são tentados”*. Como se dissesse: Com grande prontidão estenderá a mão,

compadecer-se-á. Pois, uma vez que eles queriam uma coisa grandiosa, e ter mais do que os gentios, o Apóstolo mostra que neste ponto tinham mais, e nisto não lesou os que eram dentre os gentios. Em que ponto? Que a salvação vem deles, que primeiro estendeu a mão a eles, que deles assumiu a carne. *“Pois ele não estendeu a mão aos anjos, mas estendeu-a à descendência de Abraão.”* Dessa forma também honra o patriarca e dá o sentido da expressão: *“Descendência de Abraão”*. Eis que relembra a promessa que lhes foi feita, nesses termos: “Eu te darei, a ti e à tua posteridade esta terra” (Gn 13,15).

Aponta através deste mínimo para a proximidade, porque de um só se originam todos. Mas como aquela proximidade não era grande, retorna, detém-se na economia da encarnação e diz: *“Para expiar assim os pecados do povo”*. A vontade de fazer-se homem provinha de grande solicitude e caridade; não só, mas ofereceu-nos dons imortais. *“Para expiar assim os pecados do povo.”* Por que motivo não disse: Da terra inteira, e sim: *“Do povo”*? Sem dúvida, ele expiou os pecados de todos. Mas então falava dos hebreus. Com efeito, o anjo também dizia a José: “Tu o chamarás com o nome de Jesus, pois ele salvará o seu povo” (Mt 1,21). Importava primeiro esta obra; veio para salvá-los, e através deles os demais, embora tenha acontecido o contrário. Igualmente os apóstolos diziam no início: “Para vós em primeiro lugar Deus enviou o seu Filho, para vos abençoar” (cf. At 3,26); e ainda: “É a vós que se dirige esta mensagem de salvação” (At 13,26). Aqui sublinha a excelência dos judeus, dizendo: *“Para expiar assim os pecados do povo”*.

Entretanto, exprime-se desta forma. Evidencia-se no caso do paralítico onde ele perdoa todos os pecados: “Os teus pecados te são perdoados” (Mt 9,5). E sobre o batismo, aos discípulos: “Ide, pois, ensinaí a todas as nações; batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,19). Ao dissertar Paulo sobre a carne, emprega sem temor fórmulas humildes. Vê como se expressa:

3,1. *Assim, meus santos irmãos e companheiros da vocação celestial, considerai atentamente a Jesus Cristo, o apóstolo e sumo sacerdote da nossa profissão de fé.*

2. *É fiel a quem o constituiu, como também o foi Moisés em toda a sua casa.*

Visando dar a Moisés proeminência por uma comparação, encaminha o discurso à norma do sacerdócio. Todos tinham Moisés em grande estima. Em primeiro lugar deixa de lado as raízes da excelência, partindo da carne; sobe à divindade, onde não há possibilidade de comparação. Começa pela igualdade da carne e diz: *“Como o foi Moisés em toda a sua casa”*. Não destaca de início a excelência, para não repugnar ao ouvinte, nem logo tapar os ouvidos, pois, embora fossem fiéis, Moisés gozava de alto conceito entre eles. *“É fiel a quem o constituiu”*. O quê? Apóstolo e pontífice. Não alude à essência, nem à divindade, mas refere-se à dignidade humana. *“Como o foi Moisés em toda a sua casa”*, isto é, no meio do povo, no templo. Nesse trecho diz: *“Em toda a sua casa”*, como se dissesse: Dos habitantes da casa. Moisés era para o povo uma espécie de procurador e despenseiro. Dando a entender que atribui ao povo o nome de casa, acrescentou: [v. 6] *“Esta casa somos nós”*.

Isto é, somos sua propriedade. Em seguida, a excelência:

3. *Ele foi, de fato, considerado digno de maior honra do que Moisés.*

Ainda acerca da carne:

Pois o arquiteto tem maior honra do que a própria casa.

E ele fazia parte da casa. Não disse: Um era escravo, e o outro Senhor, mas o sugeriu. Se o povo constituía a casa, ele vinha do povo e, portanto, era da casa. Nós também costumamos dizer: Este pertence àquela casa. Aqui chama de casa, não de templo, pois não foi Deus quem o construiu, e sim os homens. Quem o fez, a Moisés, é Deus. Vê como sugere maior excelência. *“É fiel, como também o*

foi Moisés em toda a sua casa”; ele próprio é da casa, isto é, do povo. O artífice tem maior honra do que a obra, o arquiteto do que a casa.

4. *mas o arquiteto de tudo é Deus.*

Vês que não fala de templo, mas de todo o povo.

5. *Ora, Moisés era fiel em toda a sua casa, como servo, para ser testemunha das coisas que deveriam ser ditas.*

Eis outra diferença entre o Filho e os servos. Vês que insinua a legitimidade do título de Filho?

6. *Cristo, porém, na qualidade de Filho, está acima de sua casa.*

Viste como separa a obra do artífice, o servo do Filho? Ele entra na posse dos bens paternos na qualidade de Filho, e o outro enquanto servo.

Esta casa somos nós, se mantivermos a confiança e o motivo altaneiro da esperança firme até o fim.

Exorta-os mais uma vez a resistirem vigorosamente, evitando uma queda. Seremos casa de Deus, como Moisés, “*Se mantivermos a confiança e o motivo altaneiro da esperança firme até o fim*”. Aquele que se condói nas provas e desanima, não se gloria; quem se envergonha e se esconde não tem confiança, quem está triste não se exalta. Em seguida louva-os nesses termos: “*Se mantivermos a confiança e o motivo altaneiro da esperança firme até o fim*”, assinalando que eles já haviam iniciado. Faz-se mister ir até o fim e não só manter-se estável, conservando firme a esperança, na certeza da fé, sem se deixar alquebrar pelas provas. E não te espantes com a expressão mais humana: “*Tendo sofrido pela tentação*” (Hb 2,8). A Escritura diz a respeito do Pai, que não se encarnou: “Do céu o Senhor se inclina sobre os filhos de Adão para ver” (Sl 14,2), isto é, verificou com exatidão; e ainda: “Vou descer e ver se eles fizeram ou não tudo o que indica o grito” (Gn 18,21); e ainda: “Deus não suporta os vícios dos homens”. A Escritura revela a intensidade da ira divina. Com maior razão aplica-se o antropomorfismo a Cristo que sofreu na carne. Uma vez que muitos homens julgam que a experiência fornece conhecimento mais fiel, o Apóstolo quer mostrar que aquele que sofreu conhece os padecimentos da natureza humana. “*Assim, meus santos irmãos*”. “*Assim*”, isto é: Portanto. “*E companheiros da vocação celestial*”. Nada deveis buscar na terra, vós, chamados para o além, onde se encontra a recompensa, a remuneração. O que há, em verdade? “*Considerai atentamente a Jesus Cristo, o apóstolo e sumo sacerdote da nossa profissão de fé. É fiel a quem o constituiu, como também o foi Moisés em toda a sua casa*” (Hb 3,1-2). Qual o sentido da frase: “*É fiel a quem o constituiu*”? Providencia, governa os seus, e não deixa que sejam arrastados sem precaução. “*Como também o foi Moisés em toda a sua casa.*” Quer dizer: Reconhece quem e de que maneira é pontífice, e não precisareis de outro consolo, nem de exortação. É apóstolo porque enviado; e pontífice de nossa confissão, isto é, da fé. Diz corretamente: “*Como também o foi Moisés*”, pois à semelhança de Cristo foi-lhe confiado o governo e administração do povo; mas Cristo era superior e as questões, mais importantes. Com efeito, Moisés é servo, Cristo é Filho; aquele cuidava dos estranhos, este dos seus. “*Para ser testemunha das coisas que deveriam ser ditas.*” O que dizes? Deus aceita o testemunho dos homens? Sem dúvida. Se, segundo a palavra do profeta, o céu, a terra, as montanhas atestam: “Ouvi, ó céus, presta atenção, ó terra, porque o Senhor esta falando”; e: “Prestai ouvidos, vales, fundamentos da terra” (Is 1,2; cf. Mq 6,2), porque o Senhor é que julga seu povo, muito mais os homens. O que significa: “*Para ser testemunha*”? Isto é, testemunhas de seu comportamento vergonhoso. “*Cristo, porém, na qualidade de Filho*”. Pois Moisés cuidava de estranhos; dos seus o Filho. “*E o motivo altaneiro da esperança.*” Disse bem: “*Da esperança*”, porque todos os bens ainda eram esperados. Convém retê-la, gloriando-nos como se já houvessem sido conferidos. Por isso diz: “*E o motivo*

altaneiro da esperança”, e acrescenta: “*Se mantivermos firme até o fim*”, porque fomos salvos em esperança. Se, portanto, fomos salvos em esperança, e pela paciência aguardamos, não nos entristecemos no presente, nem queiramos já o que foi prometido para mais tarde. “Ver o que se espera não é esperar” (Rm 8,24). Visto que os bens são grandiosos, não podemos recebê-los nesta vida transitória. Por que razão no-los predisse, se não haveria de concedê-los aqui? A fim de que a promessa reanimasse, confortasse a prontidão do ânimo, corroborasse os pedidos, estimulasse e despertasse nosso espírito. Por este motivo tudo se fez.

Por conseguinte, não nos perturbemos. Ninguém se abale vendo os maus prosperarem. A terra não é o lugar da remuneração do vício, nem da virtude. Se acontece remuneração do vício ou da virtude, não é devido aos méritos, mas somente à decisão do juiz, de sorte que aqueles que acreditam menos na ressurreição, desta forma aprendam. Se, portanto, notarmos que um malvado é rico, não desanimemos; e se um bom sofre, não nos perturbemos, porque as coroas e os suplícios são conferidos no além. Aliás, é impossível que um malvado seja inteiramente mau, visto que possui algum bem; nem o bom é completamente bom, mas comete alguns pecados. Quando, portanto, o malvado prospera, fica sabendo que o mal recairá sobre sua cabeça; se dentre eles na terra recebem alguma remuneração, no além é inteiro o castigo. Por esse motivo, recebe na terra. E o outro é em extremo feliz porque é punido na terra, a fim de que, apagados todos os seus pecados, parta desta vida comprovado, purificado, isento de culpa. Paulo igualmente no-lo ensina: “Eis por que há entre vós tantos débeis e enfermos e muitos morreram”; e ainda: Entregueis “tal homem a Satanás para a perda da sua carne, a fim de que o espírito seja salvo naquele Dia” (cf. 1Cor 11,30; 5,5). E o profeta diz: “Recebeu da mão do Senhor paga dobrada por todos os seus pecados”; e ainda Davi: “Vê meus inimigos que se multiplicam mais que os cabelos de minha cabeça, e o ódio violento com que me odeiam. E perdoa meus pecados todos” (Is 40,2; Sl 25,19.18) e ainda outro trecho: “Senhor, nosso Deus, tu nos assegurarás a paz; na verdade, todas as nossas obras tu as realizas em nós” (Is 26,12). Indícios de que na terra os bons sofrem penas pelos pecados, enquanto os maus aqui recebem bens, e no além são inteiramente punidos? Escuta o que Abraão diz ao rico: “Recebeste teus bens em vida, e Lázaro por sua vez os males” (Lc 16,25). Quais os bens? Ao dizer: “Recebeste” e não: Aceitaste, mostra que a ambos foi atribuído conforme o mérito, tanto relativamente à felicidade, quanto à adversidade. E diz, em consequência: “Agora, porém, ele encontra aqui consolo”. Vês que estava purificado dos pecados? “E tu és atormentado.” Não nos entristecemos vendo pecadores receberem bens; mas quando sofremos, alegremo-nos, porque serve de remissão dos pecados. Não busquemos repouso. Cristo prometeu aflição a seus discípulos. E Paulo declara: “Aliás, todos os que quiserem viver com piedade em Cristo Jesus serão perseguidos” (2Tm 3,12). Nenhum atleta autêntico durante os combates deseja banhos, mesa repleta de iguarias e vinho. Não é próprio de um atleta, e sim de um efeminado. De fato, o atleta luta coberto de poeira, ungido, com o calor dos raios, muito suor, aflição e angústia do combate. Agora é tempo de luta; portanto de ferimentos, de derramamento de sangue e de dores. Escuta as palavras de S. Paulo: “É assim que pratico o pugilato; mas não como quem fere o ar” (1Cor 9,26). Consideremos a vida toda uma luta e jamais procuremos o repouso; afligidos, jamais consideremos ser algo de estranho o que nos sucede. Nem o lutador no certame julga estranhas estas coisas. Outro é o tempo do repouso. Temos de chegar à perfeição através de aflições. Embora não haja perseguição, nem ansiedades, advêm outras espécies de tribulações diárias; se não tolerarmos estas, muito menos aquelas. “As tentações que vos acometeram, tiveram medida humana” (1Cor 10,13). Supliquemos, portanto, a Deus, não cairmos em tentação; mas, no caso de sobrevir, suportemo-la com fortaleza. É peculiar aos homens prudentes não se precipitarem nos perigos; é próprio dos fortes e dos filósofos continuarem firmes na tentação. Por conseguinte, não nos precipitemos; seria audácia. Nem cedamos, induzidos

pelos acontecimentos; seria timidez. No entanto, não recusemos, se o anúncio da palavra o reclamar. Não acorramos simplesmente, sem motivo, nem utilidade, nem necessidade em prol da piedade. Seria ostentação, inútil ambição de honras. Se lesar a piedade, até mesmo forçados a sofrer mil mortes, nada recusemos. Não provoques tentação, se aspiras à piedade. Por que enfrentar perigos inúteis, que não trazem lucro algum?

Assim me exprimo, no intuito de observardes as leis de Cristo, que preceitua rezardes a fim de não cairdes em tentação, tomardes a cruz e segui-lo. Estas coisas não são opostas, mas em perfeita harmonia. Tu, soldado forte, preparado, permanece armado, sóbrio, vigilante, sempre na expectativa de um inimigo. Não declares guerra, o que não compete ao soldado, mas ao sedicioso. Mas, convocado pela trombeta da piedade, imediatamente apresenta-te, despreza a vida, com grande prontidão entra no combate, rompe as fileiras dos adversários, bate no rosto do diabo, levanta o troféu. Do contrário, se em nada lesa a piedade, nem devasta nossos dogmas, isto é, o lado espiritual, nem és coagido a agir de um modo que não agrada a Deus, não te esforces em vão. A vida do cristão há de estar cheia de sangue, não de sangue alheio, mas permanecer disposta a derramar o seu. Com tamanha prontidão, portanto, derramemos o próprio sangue por Cristo, quanto alguém derrama água (pois é água o sangue difuso pelo corpo), e com tanta facilidade despojemo-nos da carne quanto de uma veste. Tal sucederá se não estivermos apegados ao dinheiro, às casas, detidos pelo amor aos bens presentes. Se os que levam vida militar renunciam a tudo, apresentam-se lá onde a guerra os convocar, empreendem a caminhada, prontamente sujeitam-se a tudo, muito mais nós, soldados de Cristo, estejamos dispostos e armados para a luta contra as paixões. Agora não há perseguição, e oxalá jamais exista, mas aparece outra espécie de guerra, a da cobiça das riquezas, a da inveja, a de outras paixões. Paulo a descreve: “O nosso combate não é contra o sangue, nem contra a carne” (Ef 6,12.14). Guerra sempre existente, por cuja causa quer que estejamos sempre armados: “Cingi os vossos rins”; é tempo. E explica que importa estar sempre unidos. É intensa a guerra pela língua, pelos olhos e, portanto, contenhamos. Forte a guerra da cupidez. Por isso, daí começam as munições do soldado de Cristo: “Cingi os vossos rins”; e acrescenta: “Com a verdade”. Por que: “Com a verdade”? A cupidez é ilusão e mentira, segundo diz Davi em certa passagem: “Meus rins estão cheios de ilusões” (Sl 38, 8). Não é prazer, mas uma sombra. Por isso diz: “Cingidos vossos rins com a verdade”, isto é, com o verdadeiro prazer, com a modéstia, a honestidade.

Em consequência, conhecedor do absurdo do pecado, e querendo que os nossos membros estejam armados de todos os lados persuade: “A paixão má não será justificada” (Eclo 1,22). Protejamo-nos com a armadura e o escudo. A ira é uma fera que facilmente assalta, e precisaremos de mil ameias e barricadas para vencê-la e coibi-la. Por isso, Deus fez principalmente uma parte do corpo com uma espécie de pedras, os ossos, qual reforço, a fim de evitar que uma vez rompidos e fraturados, pereça o ser vivo inteiro. É fogo e forte tormenta, e nenhum outro membro suportaria esta violência. Dizem também os médicos que por este motivo sob o coração acha-se o pulmão qual substrato suave, para que o coração repouse numa espécie de esponja, não num peito resistente e duro, para não se ferir com as pulsações. Precisamos, portanto, de couraça válida para conservar continuamente esta fera sossegada; precisamos também de um capacete. Pois, uma vez que na cabeça se encontra a faculdade de raciocinar, pode-se preservar, quando faz o que é conveniente, ou perder-se, em caso contrário. Por isso diz: “O capacete da salvação”. Pois o cérebro por natureza é mole, e portanto é protegido pelo crânio como uma concha. É para nós causa de todos os bens ou males, porque conhece o que convém e o que não. Igualmente os pés e as mãos precisam de armas. Não propriamente estas mãos, nem estes pés, mas os da alma. As mãos ocupadas no que importa, os pés indo aonde devem. Assim armados,

poderemos vencer os inimigos, e cingir a coroa da vitória, em Cristo Jesus nosso Senhor, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, poder, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

SEXTA HOMILIA

3,7. *Eis por que assim declara o Espírito Santo: Hoje, se lhe ouvirdes a voz,*

8. *não endureçais os vossos corações, como aconteceu na Provocação: no dia da Tentação, no deserto,*

9. *onde vossos pais me tentaram, pondo-me à prova,*

10. *embora vissem minhas obras, durante quarenta anos. Pelo que me indignei contra essa geração, e afirmei: Sempre se enganam no coração, e desconhecem os meus caminhos.*

11. *Assim, jurei em minha ira; não entrarão no meu repouso.*

Paulo, depois de dissertar sobre a esperança, e declarar: “*Esta casa somos nós, se mantivermos a confiança e o motivo altaneiro da esperança firme até o fim*”, passa à afirmação de que a esperança deve ser firme e comprova-o pelas Escrituras. Atenção! Fala de modo mais difícil e obscuro. Faz-se mister, portanto, após dizermos o que nos toca, e vos explicarmos brevemente todo o assunto, discursar sobre o que está escrito. Não precisareis mais de nós, se entenderdes o escopo do Apóstolo. Tratava da esperança, de aguardar o futuro, da recompensa, do fruto e do repouso de todos os que na terra trabalharam. Demonstra-o através do profeta. E o que diz? “*Eis por que assim declara o Espírito Santo: Hoje, se lhe ouvirdes a voz, não endureçais os vossos corações, como aconteceu na Provocação: no dia da Tentação, no deserto, onde vossos pais me tentaram, pondo-me à prova, embora vissem minhas obras, durante quarenta anos. Pelo que me indignei contra essa geração, e afirmei: Sempre se enganam no coração, e desconhecem os meus caminhos. Assim, jurei em minha ira; não entrarão no meu repouso.*” Afirma haver três espécies de repouso: uma, a do sábado, no qual Deus repousou de suas obras; a segunda, a da Palestina, aonde os judeus deviam entrar para repousar de muitas aflições e labores; a terceira, o verdadeiro repouso, o do reino dos céus, onde os recém-vindos repousam dos labores e aflições. Aqui são lembradas as três. E por que aludindo a uma lembram-se as três? Para mostrar que o profeta falava desta. De fato, não se referiu à primeira e falaria da que existira outrora? Nem da segunda, a da Palestina. De que maneira, se já está terminada? Resta a terceira. É preciso, porém, narrar a história, para maior clareza. Após saírem do Egito, depois de longa caminhada, tendo recebido inúmeros indícios do poder de Deus no Egito, no Mar Vermelho e no deserto, quiseram enviar exploradores, para espiar as qualidades da terra. Foram e voltaram, admirados com a região e aludindo à fertilidade de ótimos frutos; mas a região era de homens invencíveis e fortes. Ingratos e insensíveis, os judeus deviam lembrar-se dos precedentes benefícios de Deus e de que, interceptados por tão grande exército dos egípcios, Deus não só os livrou dos perigos, mas fez com que eles se apoderassem dos espólios. Ainda no deserto, rompeu a pedra, deu-lhes abundância de água, ofereceu o maná, a fim de que, lembrados destes e de outros milagres acreditassem em Deus. Nada disso lhes veio à mente, como se nada houvesse sucedido, mas perplexos, queriam voltar ao Egito, dizendo: Deus nos trouxe para cá a fim de nos matar com nossos filhos e mulheres. Deus se irou, porque haviam se esquecido tão depressa dos feitos, e jurou que a geração que assim se pronunciara, não entraria no repouso; e todos pereceram no deserto. Posteriormente Davi, depois daquela geração, dizia: “*Hoje, se lhe ouvirdes a voz, não endureçais os vossos corações, como aconteceu na Provocação*”. Por quê? Para não sofrerdes o mesmo que vossos maiores e serdes

privados do repouso. Certamente aludiu ao verdadeiro repouso. Pois, se tivessem recebido o repouso, Por que ainda diz: *“Hoje, se lhe ouvirdes a voz, não endureçais os vossos corações, como aconteceu na Provocação”*?

Qual é, no entanto, o outro repouso senão o reino dos céus, cuja imagem e tipo é o sábado? Em seguida, tendo colocado o testemunho geral (isto é, *“Hoje, se lhe ouvirdes a voz, não endureçais os vossos corações, como aconteceu na Provocação: no dia da Tentação, no deserto, onde vossos pais me tentaram, pondo-me à prova, embora vissem minhas obras, durante quarenta anos. Pelo que me indignei contra essa geração, e afirmei: Sempre se enganam no coração, e desconhecem os meus caminhos. Assim, jurei em minha ira; não entrarão no meu repouso”*), acrescenta:

12. *Vede, irmãos, que não haja entre vós quem tenha coração mau e infiel que se afaste do Deus vivo.*

A dureza torna-se incredulidade e, como os corpos que calejaram e endureceram não cedem às mãos dos médicos, também as almas endurecidas não cedem à palavra de Deus. É possível que alguns já não acreditem ser verdadeiro o que aconteceu. Por isso diz: *“Vede, irmãos, que não haja entre vós quem tenha coração mau e infiel que se afaste do Deus vivo”*. Uma vez que um discurso sobre o futuro não é tão crível quanto acerca do passado, relembra-lhes a história, que reclama fé. Vossos pais, diz ele, não esperaram conforme deviam e sofreram estas coisas; muito mais vós. Estas palavras lhes foram dirigidas. O termo: *“Hoje”* significa sempre, enquanto o mundo durar.

13. *Exortai-vos, antes, uns aos outros, dia após dia, enquanto ainda se disser “hoje”,*

Isto é, edificai-vos mutuamente, estimulai-vos para não acontecer o mesmo.

para que ninguém de vós se endureça pela sedução do pecado.

Vês que o pecado acarreta incredulidade? Pois como a incredulidade gera a vida má, assim também a alma, quando atinge as profundezas do mal, despreza; desprezando, recusa crer, a fim de se libertar do medo. “Disseram: O Senhor não verá, nem entenderá o Deus de Jacó”; e ainda: “Dominaremos pela nossa língua, nossos lábios trabalham para nós, quem será senhor nosso”? (Sl 11,5); e ainda: “Por que o ímpio irritará o Senhor?”; e ainda: “Diz o insensato no seu coração: ‘Deus não existe!’. Suas ações são corrompidas e abomináveis” (Sl 14,1). E: “O temor de Deus não existe diante dos seus olhos”; e: “Ele se vê com olho por demais enganador para descobrir e detestar o seu pecado” (Sl 36,2-3). Cristo, com efeito, diz o mesmo: “Quem faz o mal odeia a luz e não se aproxima da luz” (Jo 3,20). Logo acrescenta:

Porque nós somos incorporados a Cristo,

O que significa: *“Somos incorporados a Cristo”*? Tornamo-nos um só corpo; ele é a Cabeça, nós somos o corpo, co-herdeiros, incorporados. Somos um só corpo, de sua carne e de seus ossos, *contanto que mantenhamos firmes até o fim a nossa fé inicial.*

O que quer dizer: *“Nossa fé inicial”*? A fé pela qual fomos criados e gerados, e por assim dizer, consubstanciados. Em seguida acrescenta:

15. *Quando se diz: Hoje, se lhe ouvirdes a voz, não endureçais os vossos corações, como aconteceu na Provocação*

Estas palavras seguem ordem inversa; prossegue da seguinte forma:

16. *Quais foram os que ouviram, e fizeram a Provocação? Não foram todos os que saíram do Egito, graças a Moisés?*

17. *E contra quem se indignou ele durante quarenta anos? Não foi acaso contra os que pecaram, e*

cujos cadáveres caíram no deserto?

18. *E a quem, senão aos rebeldes, jurou que não entrariam no seu repouso?*

19. *Vemos, pois, que foi por causa da sua incredulidade que não puderam entrar.*

Tendo aludido novamente ao testemunho, adicionou uma interrogação, que esclarece o discurso. “Quando se diz: Hoje, se lhe ouvirdes a voz, não endureçais os vossos corações, como aconteceu na Provocação”. Quais menciona ele que se endureceram? Quais os que não acreditaram? Não foram os judeus? Declara o seguinte: Eles ouviram como nós, mas de nada lhes serviu. Não julgueis, portanto, que nos proporcionará auxílio ouvir o anúncio da palavra, porque eles também ouviram e não tiveram proveito, porque não acreditaram. Caleb, porém, e Josué, por não terem concordado com os que não acreditaram, isto é, não apoiaram, escaparam do castigo. E vê a maravilha! Não disse: Não concordaram, e sim: Não se misturaram, isto é, ficaram alheios à sedição dos que tinham uma só e mesma opinião. A meu ver, aqui se alude à sedição.

4,1. *Ora, sendo que ainda continua a promessa de entrar no seu repouso..., tenhamos o cuidado de não se encontrar entre nós quem chegue atrasado.*

2. *Pois também nós, como eles, recebemos a boa-nova.*

“Hoje, se lhe ouvirdes a voz.” A expressão: “Hoje” quer dizer sempre. Em seguida diz:

A palavra que ouviram, contudo, de nada lhes aproveitou, por não se unirem pela fé àqueles que a tinham ouvido.

Manifesta qual o motivo por que não aproveitaram. Não lhes foi útil devido à falta de fé. Após, no intuito de atemorizá-los, demonstra-o pelo seguinte:

3. *Nós, porém, que abraçamos a fé, entraremos no repouso,*
Em seguida corrobora:

conforme o que foi dito: Assim, jurei em minha ira, não entrarão no meu repouso. Claro está que as obras de Deus estão terminadas desde a criação do mundo;

Talvez dissesse alguém: Ora, não é claro que entraremos, e sim que eles não entraram. O que faz ele? Tenta mostrar que aquele repouso não impede a outro, e igualmente nem este exclui do repouso nos céus. Entretanto quer demonstrar-lhes que não conseguiram o repouso. Faz-se evidente este sentido pelo acréscimo:

4. *pois, nalgum lugar, se diz sobre o Sétimo Dia: No sétimo dia repousou Deus de todas as suas obras.*

5. *E ainda nesta passagem: Não entrarão no meu repouso...*

Vês que não impede aquele repouso?

6. *Sendo assim, outros hão de entrar nele, visto que aqueles que primeiro receberam a boa-nova não entraram, devido à sua indocilidade.*

7. *Tornou Deus a fixar um outro dia, um hoje, quando há muito disse a Davi, conforme dissemos acima:*

O que significa isto? Uma vez que alguns devem absolutamente entrar, mas eles não entraram, estabelece terceiro repouso. Ouçamos de onde prova que deviam entrar, eles e outros. Declara: Após tantos anos, mais uma vez dizia Davi: “Hoje, se lhe ouvirdes a voz, não endureçais os vossos corações, como aconteceu na Provocação”

8. *Pois bem, se Josué lhes tivesse assegurado este repouso, não sealaria mais de um outro dia.*

É evidente que assim se exprime assegurando-nos certa remuneração.

9. *Por isso ainda fica em perspectiva para o povo de Deus um repouso do sábado.*

De onde? Do preceito: “*Não endureçais os vossos corações*”. Se não existisse repouso do sábado, não haveria tal prescrição; nem ordem de não agirem, para não sofrerem o mesmo castigo, se não experimentassem o mesmo. Como, porém, haveriam de experimentar os que possuíam a Palestina, se não houvesse outro repouso?

O discurso termina bem. Não disse: Repouso, mas “Sabatismo”, nome próprio, que os alegrava, ao qual acorriam, dando ao reino a denominação de repouso do sábado. Como no sábado era preceituado abster-se do mal, entregar-se apenas ao culto de Deus que realizavam os sacerdotes, e tudo o que interessava à alma e nada mais; assim também aqui. Mas não o disse desta forma. De que modo se expressou ?

10. *Pois aquele que entrou no seu repouso descansará das suas obras, assim como Deus descansa das suas. [...]*

Quem entra no repouso descansa de suas obras como Deus descansou das suas. Assim conclui o discurso porque lhes falava do repouso, e eles desejavam saber quando sobreviria.

Diz a palavra “*Hoje*” a fim de não perderem a esperança. Exortai-vos, diz ele, cada dia, enquanto se diz hoje. Isto é, embora alguém tenha pecado, enquanto é aquele hoje, há esperança. Ninguém desespere, portanto, enquanto viver. Principalmente não haja no coração o mal da incredulidade. Se houver, contudo, ninguém desespere, mas se refaça, porque, enquanto estamos neste mundo, temos uma oportunidade, aquele hoje. Aqui trata não apenas da incredulidade, mas também das murmurações. “*Cujos cadáveres caíram no deserto*” (Hb 3,17). Depois, a fim de que ninguém julgue que somente será privado do repouso, adiciona também o suplício, nesses termos:

12. *Pois a Palavra de Deus é viva, eficaz e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes; penetra até dividir alma e espírito, juntas e medulas. Ela julga as disposições e as intenções do coração.*

Neste trecho alude à geena e ao suplício. Penetra no oculto de nosso coração, e disseca a alma. Não se refere à queda dos membros aqui, nem são privados da terra como lá, mas do reino dos céus e são entregues à geena perpétua e à pena e ao suplício imperecíveis. “*Exortai-vos, antes, uns aos outros*” (Hb 3,13). Observa a mansidão e a suavidade. Não diz: Censurai, mas: “*Exortai-vos*”. Deste modo havemos de proceder para com os aflitos. Escreve o mesmo aos tessalonicenses: “*Admoestai os indisciplinados*”. Aos pusilânimes não diz isto, mas o quê? “*Reconfortai os pusilânimes; suportai os fracos; sede pacientes para com todos*” (1Ts 5,14). O que quer dizer: “*Reconfortai*”? Em vez de: Não percais a esperança; não desanimeis. Quem não consola o abatido pela aflição torna-o apático. Que não vos endureça a falácia do pecado. Ou a falácia do diabo. Com efeito, é uma ilusão nada esperar do futuro e pensar que não teremos retribuição, não seremos castigados pelo mal que tivermos praticado, não haverá ressurreição. Ou é outra ilusão a insensibilidade, ou desesperar. Dizer: Afinal, o que há? Pequei uma vez, não tenho esperança de me refazer, é uma ilusão. Em seguida, insere a esperança, dizendo: “*Porque nós somos incorporados a Cristo*” (Hb 3,14), afirmando mais ou menos o seguinte: Amou-nos de tal modo que se dignou fazer-nos membros de seu corpo, sem desprezar os que estavam perdidos. Pensemos no que nos foi dado: Cristo e nós somos um só corpo. Não sejamos descrentes. E sugere o que foi dito noutra passagem: “*Se com ele sofremos, com ele reinaremos*” (2Tm 2,12). Isto representa sermos partícipes, sermos incorporados a Cristo. Participamos dos mesmos bens. “*Porque*

nós somos incorporados a Cristo.” Exortou a partir de coisas melhores: “Somos incorporados a Cristo.” Depois, de coisas tristes: “Ora, sendo que ainda continua a promessa de entrar no seu repouso..., tenhamos o cuidado de não se encontrar entre vós quem chegue atrasado” (Hb 4,1). É claro e aceitável. “Vossos pais me tentaram, pondo-me à prova, embora vissem minhas obras, durante quarenta anos.” Vês que não se pede a Deus prestação de contas, mas devemos confiar nele, quer nos defenda, quer não? Agora os incrimina de terem tentado a Deus. Pois quem reclama provas de seu poder, ou de sua providência, ou de sua solícitude, ainda não acredita que é poderoso, que ama os homens. O Apóstolo sugere, ao escrever-lhes, que queriam examinar, receber provas de seu poder, cuidado e providência nas provações. Vês que da incredulidade sempre deriva irritação e provocação à ira? O que diz ele? “Por isso ainda fica em perspectiva para o povo de Deus um repouso do sábado.” Vê que raciocina e resume todo o discurso. Jurou, diz ele, aos primeiros que não entrariam no repouso, e não entraram. Em seguida, depois de muito tempo, fala aos judeus: “Não endureçais os vossos corações” à imitação de vossos pais. Daí se evidencia que existe outro repouso. Pois a respeito da Palestina não podemos afirmá-lo, porque a possuíam; do sétimo dia não se pode dizer, porque não se tratava daquele que existira outrora. Insinua, portanto, outro, que é o verdadeiro.

Em verdade, repouso é aquele de onde foge a dor, a tristeza e o gemido; onde não existem preocupações, labores, angústia, nem medo que traspasse e espanque a alma, mas apenas o temor de Deus, repleto de prazer. Ali não se ouve: “Com o suor de teu rosto comerás teu pão”, nem germinará espinhos e cardos contra ti: “Ele produzirá para ti espinhos e cardos”. Não haverá mais: “Na dor darás à luz filhos”, nem: “Teu desejo te levará ao teu marido e ele te dominará” (Gn 3, 19.18.16). Encontra-se ali completa paz, regozijo, alegria, prazer, bondade, mansidão, equidade, caridade. Não haverá emulação nem inveja, doença, morte corporal, morte da alma, nem trevas ou noite. Tudo será dia, luz, repouso. Não se achará cansaço, nem saciedade. Sempre teremos perpétuo desejo dos bens. Queres também uma imagem daquele estado? É impossível traçá-lo; contudo, à medida do possível, tentarei mostrar-vos uma imagem. Contemplemos o céu, desanuviado, com a coroa, (a abóbada), descoberta; em seguida, detenhamo-nos por longo tempo na visão de sua beleza. Consideremos que o teremos, não apenas qual o temos, mas tanto mais belo quanto é um teto de ouro comparado a um de cerâmica. E após, outro mais acima. Em seguida, os Anjos, os Arcanjos, a infinita multidão de Potestades incorpóreas, o próprio palácio de Deus, o trono paterno. Mas é impossível representar e explicar em palavras o todo. Seria indispensável a experiência, e o conhecimento dela derivado. Dize-me. Como imaginas que seria Adão no paraíso? Aquela vida é tanto melhor do que esta quanto o céu do que a terra. De resto, examinemos outra imagem. Se acontecesse que o rei que atualmente detém o império domine a terra inteira; além disso, não se envolva em guerras, preocupações, mas somente receba honras e viva em prazeres, possua muitos guardas, afluência de ouro de todas as partes, e for admirado. Podeis imaginar seu estado de espírito vendo que da terra inteira foram banidas as guerras? Tal sucederá no futuro. Ou melhor, não conseguimos obter uma imagem e precisamos procurar outra. Imagina o filho do imperador, que, enquanto estiver no seio materno, nada percebe. Se sair de repente, subir ao trono do imperador, e não gradativa, mas simultaneamente receber tudo, será esta situação semelhante àquela. Ou se alguém estiver preso, sofrendo inúmeros males, de repente é arrebatado para o trono régio. Mas, nem assim consegui uma imagem exata. Pois, quem conseguiu estes bens, embora o chames de reinado, desejará algo no primeiro, no segundo e no terceiro dia; com o decorrer do tempo, permanece o prazer, mas não tão intenso. Ele acaba sempre se acostumando, seja como for. No além, contudo, não só o desejo não diminui, mas aumenta. Pondera a grande felicidade da alma, que parte daqui, sem receio de um fim, nem de alteração daqueles bens, mas que recebe incremento, e vida sem fim, livre de todo perigo, tristeza e solícitude, repleta de alegria e de bens incontáveis. Se sairmos

até um acampamento, ali vimos as barracas dos soldados armadas com cortinas, as lanças, os capacetes e os dorsos resplandecentes dos escudos, ficaremos tomados de espanto. Se também suceder avistarmos o rei ir às pressas no meio (dos seus), ou a cavalo com armas de ouro, pensamos que nada nos falta. O que julgas que será se vires os tabernáculos eternos dos santos fixos nos céus? “Eles vos recebam nos tabernáculos eternos” (Lc 16,9). Se contemples cada qual mais resplandecente do que os raios do sol, não por aço ou ferro, mas por aquela glória, cujos fulgores os olhos humanos não podem fitar? E isso relativamente aos homens. O que dirás dos milhares de Anjos, Arcanjos, Querubins, Serafins, Tronos, Dominações, Potestades, cuja beleza indescritível supera todo entendimento? Mas até quando não desistiremos de ir atrás do que não podemos compreender? “O que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram, e o coração do homem não percebeu, isso Deus preparou para aqueles que o amam” (1Cor 2,9). Nada de mais infeliz do que aqueles que não o conseguem, nem mais feliz do que aqueles que o alcançam. Sejam nós do número dos bem-aventurados, a fim de conseguirmos os bens eternos, em Cristo Jesus nosso Senhor, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

SÉTIMA HOMILIA

4,11. *Empenhemo-nos, portanto, por entrar nesse repouso para que este mesmo exemplo de indocilidade não leve ninguém a cair.*

12. *Pois a Palavra de Deus é viva e eficaz e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes; penetra até dividir alma e espírito, juntas e medulas. Ela julga as disposições e as intenções do coração.*

13. *E não há criatura oculta à sua presença. Tudo está nu e descoberto aos olhos daquele a quem havemos de prestar contas.*

A fé é grande e salutar, e sem ela não nos salvamos. Aliás, não basta por si só, mas exige vida honesta. Paulo também admoesta os que já participaram dos mistérios, nesses termos: “*Empenhemo-nos, portanto, por entrar nesse repouso*”. Empenhemo-nos, visto que a fé não basta, mas também a acompanhe uma vida cheia de grande zelo. De fato, precisamos de muito zelo para subir ao céu. Não mereceram a terra os que no deserto sofreram tanta infelicidade, e não a conseguiram, porque murmuraram e fornicaram. Como alcançaremos o reino dos céus, com uma vida descuidada e indolente?

Precisamos ter ardente zelo. Vê que o dano não se limita a não dispor de entrada. Pois não disse: Esforcemo-nos por entrar naquele repouso, para não perdermos tão grandes bens; mas aditou o maior estímulo. Qual seria? “*Para que este mesmo exemplo de indocilidade não leve ninguém a cair*”, isto é, mantenhamos ali a mente, a esperança, a expectativa, para não cairmos de forma semelhante. O exemplo evidencia ser possível uma queda: “*Para que este mesmo exemplo*”. Após: “*Este mesmo*”, para não pensares que se trata de castigo, escuta o que adiciona: “*Pois a Palavra de Deus é viva e eficaz e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes; penetra até dividir alma e espírito, juntas e medulas. Ela julga as disposições e as intenções do coração*”. Este trecho indica ser a palavra de Deus viva, não extinta, operante. Ouviste: “*Palavra*”. Não julgues que é apenas no sentido habitual, porque é mais penetrante que uma espada. Vê a condescendência! Daí apreende o motivo por que os profetas precisavam das expressões: punhal, arco e espada. “Caso não se convertam... afia sua espada, retesa o arco e aponta” (Sl 7,13). Se depois de tanto tempo e perfeição, não basta atemorizar só com o emprego do termo: “*Palavra*”, mas são necessárias ainda estas locuções reveladoras da

importância por meio de comparações, muito mais agora. *“Penetra até dividir alma e espírito.”* O que é isto? Insinua ação terrível: Separa o espírito da alma, ou atravessa os seres incorpóreos, diferindo da espada que traspassa somente os corpos. Com isso demonstra que também a alma é punida, que o íntimo é perscrutado, e o homem todo inteiro é traspassado. *“Ela julga as disposições e as intenções do coração. E não há criatura oculta à sua presença.”* Dessa forma mais os atemoriza. Afirma o seguinte: Não confieis por ainda terdes fé, não, contudo, plenamente convictos. *“Ela julga as disposições e as intenções do coração”*, onde penetra para castigar e examinar. E por que me refiro a homens? Quer menciones Anjos e Arcanjos, Querubins e Serafins, ou qualquer criatura, a seus olhos tudo está descoberto, claro e manifesto. *“E não há criatura oculta à sua presença. Tudo está nu e descoberto aos olhos daquele a quem havemos de prestar contas”*. *“Descoberto”*, e *tetrachelismena*, esfolado, segundo a metáfora da extração das peles das vítimas. Quando alguém extrai a pele da carne da vítima imolada, descobre e coloca diante dos olhos o que existe lá dentro; igualmente tudo se torna manifesto perante Deus. Reflete que precisamos de imagens corpóreas, por causa da fraqueza dos ouvintes. Manifesta que eram fracos, tardos, necessitados de leite, não de alimentos sólidos. *“Tudo está nu e descoberto aos olhos daquele a quem havemos de prestar contas.”* O que significa: *“Este mesmo exemplo de incredulidade”*? Seria como se alguém, procurando a causa, dissesse: por que eles não viram a terra (prometida)? Haviam recebido o penhor do poder de Deus e deviam acreditar, mas preferiram ceder ao terror, sem apreender algo da grande visão de Deus e, pusilânimes, pereceram. É possível também opinião diferente, a saber, que haviam percorrido a maior parte do caminho e, estando às portas, no próprio porto, submergiram. É o que receio a vosso respeito, diz o Apóstolo. Este o sentido da locução: *“O mesmo exemplo de incredulidade”*. Atesta que eles haviam sofrido muito: *“Lembraí-vos, contudo, dos vossos primórdios; apenas havíeis sido iluminados, suportastes um combate doloroso”* (Hb 10,32). Ninguém, portanto, seja pusilânime, e por fim, desanimado, caia. Existem alguns, existem, de fato, no início do combate bem-dispostos e no final, não querendo perder um pouco, perdem tudo. Basta que vossos maiores vos instruem a fim de não cairdes em falta, em padecimentos idênticos. Seria: *“Este mesmo exemplo de incredulidade”*. Não desfaleçamos, conforme se diz no término: *“Reerguei as mãos enfraquecidas e os joelhos trôpegos”* (Hb 12,12). *“Este mesmo exemplo de indocilidade não leve ninguém a cair.”* Verdadeira queda! Logo, ouvindo que podes cair conforme este exemplo, para não julgares que sofrerás morte semelhante, vê o que diz: *“Pois a palavra de Deus é viva, eficaz e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes”*. A Palavra irrompe nas almas *“Mais penetrante do que qualquer espada”*, infligindo graves ferimentos, e cortes mortais. É desnecessário demonstrá-lo, comprová-lo, de tal forma é óbvia a narrativa. Com efeito, em que guerra pereceram? Qual a espada? Não caíram espontaneamente? Por não termos sofrido igualmente, não nos despreocupemos. Podemos refazer-nos, enquanto se disser hoje. Dito isso, visando a que os ouvintes não relaxem espiritualmente, acrescenta o atinente ao corpo, declarando que age o gládio do Espírito à semelhança de um rei que primeiro priva da milícia os chefes que cometeram grandes faltas, e depois, tirando-lhe o cinto e a dignidade, castiga-os, assistido pelo arauto. Após, profere uma coisa mais terrível acerca do Filho: *“Aquele a quem havemos de prestar contas”*, de nossas ações. Por conseguinte, não caíamos, nem desanimemos. Bastaria o supramencionado para nossa instrução. Não é, contudo, suficiente, por isso acrescenta:

14. *Temos, portanto, um sumo sacerdote eminente, que atravessou os céus: Jesus, o Filho de Deus.*

Adiciona a razão deste suplemento:

15. *Com efeito, não temos um sumo sacerdote incapaz de se compadecer das nossas fraquezas,*

Por isso dizia acima: *“Pois, tendo ele mesmo sofrido pela tentação, é capaz de socorrer os que são*

tentados” (Hb 2,18). Vê como ele o faz, igualmente. Diz o seguinte: Ingressou pelo mesmo caminho que nós agora, ou antes, por um mais árduo, pois aceitou a experiência das realidades humanas. Dissera: “E não há criatura oculta à sua presença”, aludindo à divindade. Após tocar na carne, fala de novo, condescendente: “Temos, portanto, um sumo sacerdote eminente, que atravessou os céus”, e mostra maior solicitude, porque os protege como seus, e não permite que caiam. Moisés, em verdade, não entrou no repouso, Cristo, porém, ingressou. Vou dizer de que maneira. Não é de admirar que em parte alguma o declare. Para não parecer buscar defesa, resume tudo; ou para não parecer acusá-lo, não o diz abertamente. Pois se, apesar de nada disso ter enunciado, eles replicam: Falou contra Moisés e contra a Lei; pior ainda se dissesse: Não se trata da Palestina, mas do céu. Diriam coisas mais pesadas. Não atribui tudo ao sacerdote, mas também reclama a nossa parte, a confissão. “Temos, portanto, um sumo sacerdote eminente, que atravessou os céus: Jesus, o Filho de Deus. Permanecemos, por isso, firmes na profissão de fé.”

Qual confissão? De que há ressurreição, remuneração, bens inumeráveis, de que Cristo é Deus, de que há fé reta. Isto confessamos, nisto permanecemos firmes. Evidencia-se que estas coisas são verdadeiras, porque o sumo sacerdote está no céu. Não caímos, confessemos. Embora ainda não estejam presentes, confessemos. Se estivessem presentes, seriam falsas. São verazes porque diferidas. Com efeito, nosso pontífice é eminente: “Com efeito, não temos um sumo sacerdote incapaz de se compadecer das nossas fraquezas”. Não ignora nossas condições, como muitos pontífices que não conhecem os aflitos, nem talvez o que é aflição. De fato, entre os homens, é impossível que conheça a tribulação dos aflitos quem não a experimentou sensivelmente. Nosso sumo sacerdote sofreu tudo; primeiro suportou e depois subiu, de sorte que pode se compadecer.

pois ele mesmo foi provado em tudo como nós, com exceção do pecado.

Observa que acima usou o termo: “Semelhante” e aqui: “Como nós”. Isto é, sofreu perseguição, foi cuspidor, acusado, ridicularizado, caluniado, rejeitado e por fim crucificado. “Como nós, com exceção do pecado.” Dessa forma, indica que é possível suportar aflições aquele que não tem pecado. Por isso, também ao dizer: “Carne semelhante”, não está afirmando que assumiu uma espécie de carne, e sim uma carne verdadeira. Por que fala de semelhança? Tratava da carne pecadora, semelhante à nossa. A natureza era idêntica, mas completamente isenta de pecado.

16. *Aproximemo-nos, então, com segurança do trono da graça para conseguirmos misericórdia e alcançarmos graça, como ajuda oportuna.*

Qual é o trono da graça? O trono régio, do qual diz o salmo: “Palavra do Senhor ao meu Senhor: ‘Senta-te à minha direita’, até que eu ponha teus inimigos como escabelo dos teus pés” (Sl 110,1). Como se dissesse: “Aproximemo-nos, então, com segurança”, porque temos um pontífice inocente, que venceu a terra inteira: “Tende coragem: eu venci o mundo!” (Jo 16,33) Isto é, sofreu tudo, isento de pecado. Embora, diz ele, nós estejamos sob o domínio do pecado, ele é inocente, de sorte que: “Aproximemo-nos, então, com segurança”? Agora é o trono da graça, não a sede do julgamento.

Por conseguinte, “Aproximemo-nos com segurança, para conseguirmos misericórdia”, tal qual procuramos. É próprio da munificência, dádiva régia. “E alcançarmos graça, como ajuda oportuna. Diz com exatidão: “Como ajuda oportuna”. Se te aproximares agora, receberás a graça e a misericórdia, pois tu te aproximas em tempo oportuno; do contrário, se te aproximares no além, de forma alguma, pois será inoportuna a aproximação. Não haverá trono da graça. Existe o trono da graça enquanto o rei está sentado para agraciar, mas, ao chegar a consumação, levanta-se para o julgamento: “Levanta-te, ó Deus, julga a terra” (Sl 82,2). Digamos ainda. “Aproximemo-nos com segurança”, isto

é, não conscientes de pecado, hesitantes. Nessas condições, impossível aproximar-se com confiança. Por isso, em outra passagem, também diz: “No tempo do meu favor te respondi, no dia da salvação te socorri” (Is 49,8). É ainda efeito da graça fazerem penitência os que após o batismo pecaram. Ao ouvires falar de um pontífice, não o imagines de pé; logo se apresenta sentado. O sacerdote, porém, não se senta, mas mantém-se de pé. Vês que tornar-se pontífice não vem da natureza, e sim da graça, da condescendência e da humilhação? Para nós, suplicantes, também é oportuno dizer: “*Aproximemo-nos com segurança*”. Ofereçamos apenas a fé e ele tudo nos concederá. Agora é a oportunidade dos dons. Ninguém perca a esperança. Será a ocasião do desespero, quando se fechar o tálamo, o Rei entrar para ver os convidados, o seio do patriarca tiver recebido os que merecerem. Por enquanto, não. Ainda se desenrola o espectáculo, trava-se o combate, está pendente o prêmio.

Esforcemo-nos, portanto. Paulo afirma: “É assim que corro, não ao incerto” (1Cor 9,26). É necessário correr, e vigorosamente. O corredor a ninguém vê, mesmo se atravessar um prado, ou lugares áridos e ásperos. O corredor não olha para os espectadores, mas para o prêmio. Sejam ricos ou pobres, zombem, louvem, ofendam, apedrejem, tomem a casa, mesmo os filhos, a mulher, seja quem for, não se volta; cuida somente de correr para receber o prêmio. O corredor nunca para, porque por pouco que for indolente, tudo perde. O corredor não só não relaxa antes do fim, mas principalmente então intensifica a corrida. Isso replico àqueles que dizem: Na juventude nos exercitamos, na juventude jejuamos, agora estamos velhos. Especialmente agora é preciso intensificar a piedade. Não me contes teus feitos de outrora. Agora sobretudo rejuvenesce, remoja. Os corredores que perfazem corporalmente o curso, sem dúvida depois de cobertos de cãs não poderão correr de igual modo, porque o esforço é todo corporal.

Tu, porém, por que reduces o esforço da corrida? É necessário bom ânimo, alma vigilante, a qual, contudo, se fortifica na velhice, ou melhor, principalmente então é vigorosa, alegre. O corpo, tomado de febres frequentes e doenças sucessivas, robusto embora, aflige-se. Libertado deste cerco, recupera forças. Assim também a alma tem febre na juventude, presa à ambição da glória, dos prazeres, do sexo e outros afetos. Ao chegar à velhice, repele as paixões, em parte pelo decurso do tempo, em parte pela sabedoria. A velhice diminui a força do corpo, não deixa que a alma, mesmo que o queira, se entregue a tais sentimentos, mas de certo modo reprime toda espécie de inimigos, coloca-a em lugar isento de tumultos, produz grande tranquilidade, e introduz maior temor. Ninguém mais do que os velhos sabe com certeza que vai morrer, e acha-se iminente a morte. Quando, portanto, aparta-se a cupidez mundana, intensifica-se a expectativa do juízo, abrandando-se a teimosia da alma, não se torna mais atenta, se o quiser? Por que, então, vemos velhos piores do que os jovens? Respondeste que é a suprema exasperação do vício, pois vemos os loucos, sem que ninguém os empurre, lancem-se nos precipícios. Um velho a lutar com os vícios da juventude é o cúmulo do vício. Nem o jovem merece escusa, pois não pode dizer: “Não recordes dos desvios e da ignorância de minha juventude” (Sl 25,7). Com efeito, quem continua tal na velhice, manifesta que na juventude não o foi por ignorância, imperícia, idade, mas por indolência. Pode dizer: “Não recordes dos desvios e da ignorância de minha juventude” quem procede conforme convém à velhice, quem se converte na velhice; se, porém, na velhice comete os mesmos atos desonestos e vergonhosos, mereceria ser denominado ancião, se desrespeita a idade? De fato, quem diz: “Não recordes dos desvios e da ignorância de minha juventude”, fala como alguém que procede corretamente na velhice.

Não te prives do perdão dos pecados cometidos na juventude por causa de teus atos na velhice. Não seria procedimento absurdo e indigno de perdão? Um velho que se embriaga, senta-se na taberna, apressa-se para assistir corridas de cavalos, sobe ao teatro, corre com o povo como um menino. Verdadeiramente é vergonhoso e ridículo, estar externamente ornado de cabelos brancos, e ter no íntimo mentalidade pueril. E se um jovem o ofende, logo reclama apoiado nas cãs. Sê o primeiro a respeitá-las. Se não as respeitas, apesar de velho, como consideras justo que o jovem reverencie teus cabelos brancos? Não os respeitas, antes lhes causas vergonha. Deus te honrou com a brancura dos cabelos. Grande prerrogativa! Por que a atraíças? De que modo te honrará o jovem, se és mais lascivo do que ele? Os cabelos brancos são honrosos quando os atos são apropriados às cãs. Aquele que se comporta como os jovens, será mais ridículo do que eles. De que forma podereis exortar os jovens, vós velhos ébrios de incontinência? Não estou acusando os velhos, de forma alguma, e sim os jovens. De fato, os que se comportam desta maneira, a meu ver, mesmo se tiverem atingido os cem anos, são jovens, e os jovens, pequeninos embora, mas temperantes, são melhores do que os velhos.

Tais palavras não são minhas, mas a Escritura conhece também esta espécie de discernimento: “Velhice venerável não é a longevidade. A velhice é uma vida imaculada” (Sb 4,8-9).

Honramos as cãs, não por preferirmos a cor branca à preta, mas enquanto sinal de vida virtuosa. Vendo-as, supomos que eles possuem cãs interiores; se, ao invés, sua conduta é oposta às cãs, mais ridículos se tornam. Com efeito, respeitamos o rei com a púrpura, o diadema, por serem sinais do império; mas se o virmos escarrado apesar da púrpura, conculcado pelos guardas, sufocado, lançado no cárcere, dilacerado e aniquilado, acaso respeitaremos a púrpura ou o diadema, diga-me, mas não deploraremos até seu porte? Não o honres, portanto, devido às cãs, mas injuriando-as; pois elas também são atingidas por infligires opróbrio a vestes tão esplêndidas e respeitáveis. Não estamos falando contra todos, nem absolutamente contra a velhice (não sou tão insipiente!), mas contra a alma juvenil que lança opróbrio à velhice. Nem nos dirigimos pesarosos àqueles que envelheceram, mas aos que desrespeitam o ancião. Pois, o velho é rei, se o quiser, e mais régio do que aquele que reveste a púrpura se dominar as paixões, e submeter, quais satélites, os vícios. Se, ao invés, deixar-se arrastar e for destronado, escravo do dinheiro, do amor, da vanglória, da falsa elegância, dos prazeres, da embriaguez, da ira, do sexo, ungir os cabelos, e deslustrar a idade com suas más disposições, que suplício não merecerá? Vós, jovens, não sejais desses tais; não sereis perdoados se pecardes. Por quê? Porque é possível ser ancião na juventude, e jovem na velhice. E vice-versa! Os cabelos brancos não preservam, o preto a ninguém impede. Pois, embora os atos supramencionados tornam o velho muito mais desonesto que o jovem, todavia nem o jovem escapa à censura. O jovem pode ter desculpa quando é chamado à administração, apesar de incapaz, pois precisaria de tempo e de experiência; não, porém, quando precisar de mostrar temperança viril, ou de administrar as riquezas. Nisso o jovem merece mais repreensão do que o velho. De fato, o velho necessita de muitos cuidados, porque a velhice enfraquece; o jovem, que pode bastar-se, se quiser, que desculpa obterá se não o quiser, se roubar mais do que o velho, lembrar-se das injúrias, desprezar, não proteger mais do que o velho, for importuno no falar, ofender, proferir maledicências, embriagar-se? Se, porém, julga que acerca da temperança e continência é irrepreensível, vê que neste ponto encontra muito auxílio, se lhe aprouver. De fato, se a concupiscência o envolve mais do que o velho, terá meios de praticar a temperança muito mais do que ele e enfeitiçar aquela fera. Quais? Os trabalhos, as leituras, as vigílias, os jejuns.

Por que dissertas sobre estes assuntos a nós que não somos monges? É a mim que o dizes? Dize-o a Paulo, que ordena: “Perseverai na oração, vigilantes” (Cl 4,2); e: “Não procureis satisfazer os desejos da carne” (Rm 13,14). Não escreve apenas a monges, mas aos habitantes das cidades. Não tenha o secular mais do que o monge, a não ser a coabitação com a mulher. Relativamente a isso lhe é dada permissão, acerca de outros preceitos absolutamente não, mas há de praticá-los como um monge. De fato, as bem-aventuranças proferidas por Cristo não são reservadas aos monges; do contrário, pereceria todo o orbe e acusaríamos a Deus de crueldade. Se, porém, as bem-aventuranças são exclusivamente para os monges, e quem vive no século não as pode praticar, em consequência, aquele que permitiu as núpcias teria arruinado a todos. Se não fosse possível aos casados fazer o que cabe aos monges, tudo pereceria e se arruinaria, e a virtude ficaria estritamente reduzida. Seriam honrosas as núpcias, se apenas causassem impedimento? O que dizer? É possível, e muito, a quem tem esposa, praticar a virtude, se o quiser. De que modo? Se temos esposa sejamos como se não a tivéssemos. Se não nos alegamos com as posses, se usamos deste mundo, como se não usássemos (cf. 1Cor 7,29.31). As pessoas que encontraram obstáculo no casamento saibam que não foi o matrimônio que o ocasionou e sim a decisão de usá-lo mal. Com efeito, não é o vinho que causa a embriaguez, e sim a má disposição e o uso excessivo. Usa moderadamente da união conjugal e poderás ser dos primeiros

no reino dos céus e gozar de todos os bens. Possamos todos nós consegui-lo pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, poder, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos.

Amém.

OITAVA HOMILIA

5,1. Porquanto, todo sumo sacerdote, tirado do meio dos homens, é constituído em favor dos homens em suas relações com Deus. A sua função é oferecer dons e sacrifícios pelos pecados.

2. É capaz de ter compreensão por aqueles que ignoram e erram, porque ele mesmo está cercado de fraqueza.

3. Pelo que deve oferecer sacrifícios tanto pelos pecados do povo quanto pelos seus próprios.

São Paulo quer em seguida expor que o Novo Testamento é muito melhor e valioso do que o Antigo. Primeiro baseia-se em razões que foi procurar longe. Com efeito, nada mais era corpóreo, nem imaginário, a saber, não havia mais Templo, nem Santo dos santos, nem aparato sacerdotal, nem observâncias legais, mas tudo era mais excelso e perfeito, nada material, tudo espiritual. As pessoas mais fracas não levam tanto em consideração as realidades espirituais como as corporais. Por essa razão movimenta esses argumentos. Contempla, porém, sua sabedoria! Começa pelo sacerdote, que denomina sempre Pontífice, e em primeiro lugar por ele acentua a diferença. Por isso começa definindo o que é o sacerdote e menciona o que ele possui e determinados símbolos do sacerdócio. Ocorria-lhe que não era necessário ser de elevada estirpe, nem da tribo sacerdotal, nem ser sacerdote terreno. Talvez alguns replicassem: De que modo, então, era sacerdote? Procede agora de igual modo que na Carta aos Romanos (Rm 4). Seria um argumento pouco provável declarar que a fé operara o que o empenho das normas e o rigor de um estilo de vida não alcançaram. No intuito de mostrar que se realizara bem o que parecia impossível, recorre ao exemplo do patriarca, e remonta àquele tempo. Assim nesta passagem ingressa por outro caminho ao sacerdócio, propondo-o pelos antecedentes. Não apresenta por castigo apenas a geena, mas também o que acontecera na época dos pais; aqui também primeiro atesta pelas realidades presentes. Importava, de fato, que a fé quanto às coisas terrenas se baseasse nas realidades celestes; mas sucede o oposto quando os ouvintes são fracos. Colocam-se primeiro as realidades que são comuns, e depois as excedentes. Assim, pois, encontra a proeminência pela comparação, de sorte que em alguns pontos há comunhão, em outros, porém, excesso; do contrário, não seria mais por comparação. “*Porquanto, todo sumo sacerdote, tirado do meio dos homens.*” Em comum com Cristo. “*É constituído em favor dos homens em suas relações com Deus.*” E isso em comum. “*A sua função é oferecer dons e sacrifícios pelos pecados.*” Isso também, mas não totalmente; o restante não é em comum.

“*É capaz de ter compreensão por aqueles que ignoram e erram.*” Aqui, a proeminência. “*Porque ele mesmo está cercado de fraqueza. Pelo que deve oferecer sacrifícios tanto pelos pecados do povo quanto pelos seus próprios.*” Logo acrescenta: Cometidos pelos outros, o que não o toca. Aqui também em comum.

4. Ninguém, pois, se atribua esta honra, senão o que foi chamado por Deus, como Aarão!

Trata de outro assunto, explicando que foi enviado por Deus. Cristo o dissertava assiduamente aos judeus: “Aquele que me enviou é maior do que eu” (cf. Jo 8,42); e: “Não venho por mim mesmo”. A meu ver, ataca os sacerdotes dos judeus, que não eram sacerdotes, mas agressores, transgressores das normas sacerdotais.

5. *Deste modo, também Cristo não se atribuiu a glória de tornar-se sumo sacerdote.*

Onde foi instituído? Aarão várias vezes foi instituído, por exemplo, por ocasião da vara e quando desceu o fogo e matou os que atacavam o sacerdócio. Nesse caso, porém, foi o contrário; não apenas nenhum revés, mas eram recomendáveis. Donde, então? Declaravam-no pela profecia. Nada de sensível ou de visível. É confirmado pela profecia, pelos eventos futuros:

Ele, porém, a recebeu daquele que lhe disse: “Tu és o meu Filho, hoje eu te gerei...”.

O que importa ao Filho? Muito, diz ele; foi dito ao Filho. O que confere ao assunto? Muito. É a prova precedente de que Deus o instituiu.

6. *Conforme diz ainda, em outra passagem: “Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec”.*

A quem se dirige? Quem é “segundo a ordem de Melquisedec”? Nenhum outro senão ele. Todos estavam sob a lei, todos observavam os sábados, todos eram circuncisos. Não se pode apresentar um outro.

7. *É ele que, nos dias de sua vida terrestre, apresentou pedidos e súplicas, com veemente clamor e lágrimas, àquele que o podia salvar da morte; e foi atendido por causa da sua submissão.*

8. *E embora fosse Filho, aprendeu, contudo, a obediência pelo sofrimento;*

Vês que outra coisa não faz senão manifestar solicitude e caridade suma? O que significa: “Com veemente clamor”? Em parte alguma do Evangelho se enuncia que ele orou com lágrimas, nem que emitiu clamor. Vês sua condescendência? Não era suficiente dizer que rezara, mas também que o fez com veemente clamor. “E foi atendido por causa da sua submissão. E embora fosse Filho, aprendeu, contudo, a obediência pelo sofrimento.”

9. *e, levado à perfeição, se tornou para todos os que lhe obedecem princípio de salvação eterna,*

10. *tendo recebido de Deus o título de sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedec.*

Seja: “com clamor”. Mas, por que: “Veemente”? “E apresentou... com lágrimas, e foi atendido por causa da sua submissão”. Corem-se os hereges que negam a carne. O que dizes? “E foi atendido por causa da sua submissão”? E o que se diria mais, segundo os profetas? Qual a consequência de dizer: “E foi atendido por causa da sua submissão”, e acrescentar: “E embora fosse Filho, aprendeu, contudo, a obediência pelo sofrimento”. Dir-se-ia a respeito de Deus? Quem estaria tão louco? Que demente o diria? “E foi atendido por causa da sua submissão... e aprendeu, contudo, a obediência pelo sofrimento.” Que obediência? Antes obedeceu até a morte, como um filho ao pai. De que modo aprendeu depois?

Vês que se refere à carne? Dize-me. Rogava ao Pai que escapasse da morte, e entristecido dizia: “Se é possível, que passe de mim este cálice” (Mt 26,39). Jamais orou ao Pai acerca da ressurreição, mas, ao invés, proferiu: “Destruí este templo, e em três dias eu o levantarei”, e: “Ninguém arrebatou a minha vida, mas, eu a dou livremente. Tenho o poder de entregá-la e poder de retomá-la” (Jo 2,19; 10,18). O que há, portanto? Por que motivo rezava? E ainda dizia: “Eis que estamos subindo a Jerusalém e o Filho do Homem será entregue aos sumos sacerdotes e escribas. Eles o condenarão à morte e o entregarão aos gentios para ser escarnecido, açoitado e crucificado. Mas ao terceiro dia ressuscitará” (Mt 20,18-19). E não disse: O Pai me ressuscitará. Como o suplicaria? Mas pede por outros, por aqueles que acreditassem nele. Afirma o seguinte: Facilmente é ouvido. Como eles não tinham opinião formada a respeito dele, disse que foi ouvido, conforme ele próprio consolara os discípulos: “Se me amásseis, alegrar-vos-íeis por eu ir para o Pai, porque o Pai é maior do que eu” (Jo 14,28).

Como não glorificou a si mesmo quem humilhou-se a si mesmo e se entregou? “Que se entregou a si mesmo pelos nossos pecados” (Gl 1,4); e ainda: “Que se deu em resgate por todos” (1Tm 2,6). O que quer dizer? Vês que, por causa da carne expressa-se humildemente? Assim também aqui: *“Embora fosse Filho, foi atendido por causa da sua submissão”*. Tenciona demonstrar que é mais obra sua do que da graça de Deus. Tão grande foi sua reverência que fazia com que Deus fosse rogado. Aprendeu a obedecer a Deus. Nesse trecho mostra-se o lucro dos sofrimentos. *“E, levado à perfeição, se tornou para todos os que lhe obedecem princípio de salvação eterna.”* Ele, sendo Filho, lucrou a obediência por meio dos padecimentos; muito mais nós. Vês quanta coisa diz sobre a obediência, a fim de persuadi-los? A meu ver, eles sacodem frequentemente as rédeas, e desobedecem às palavras. Sugere-o dizendo:

por causa de vossa lentidão para compreender.

Pelo que sofreu, aprendeu a obedecer continuamente a Deus. *“E, levado à perfeição”*, pelo sofrimento. É a consumação, e deste modo importa chegar à perfeição. Não somente ele se salvou, mas tornou-se para os outros copiosa salvação: *“E, levado à perfeição, se tornou para todos os que lhe obedecem princípio de salvação eterna, tendo recebido de Deus o título de sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedec”*.

11. Muitas coisas teríamos a dizer sobre isso, e a sua explicação é difícil,

Estando para expor as diferenças relativas ao sacerdócio, primeiro os exorta, mostrando que tão grande condescendência seria leite, e em consideração de que eles eram criancinhas, mais se deteve sobre a humilhação relativa à carne, e dele fala como de um justo. Vê, porém. Nem tudo passa em silêncio, nem disse: Assim procedeu ora para reanimá-los e persuadi-los a se tornarem perfeitos e não serem privados dos grandes ensinamentos, ora para não lhes sobrecarregar a mente. *“Muitas coisas teríamos a dizer sobre isso, e a sua explicação é difícil, por causa da vossa lentidão para compreender.”* Visto que eles não ouvem, o discurso torna-se difícil. Ao se tratar de homens que não seguem, nem entendem o que se diz, é impossível interpretar corretamente. Mas talvez um dos vossos aqui presente se perturbe, e considere um prejuízo não receber explicação melhor por causa dos hebreus. Talvez, com poucas exceções, muitos são tais, de sorte que em vosso favor ele se declare: Por causa desses poucos, vou dizer. Mas, acaso cala, ou retoma na continuação, e faz o mesmo que na Carta aos Romanos? Com efeito, ali também, tendo primeiro feito calar os contraditores e dito: “Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?” (Rm 9,20), acrescenta a solução. Penso que nem ele se calou inteiramente, nem falou a fim de incitar o desejo dos ouvintes. Pois, tendo admoestado e proferido grandes coisas, vê de que modo inclui censura entre os louvores. É sempre assim a sabedoria de Paulo: misturar questões difíceis a outras benignas. O mesmo faz na Carta aos Gálatas, dizendo: “Corríeis bem; quem vos pôs obstáculos?”; e: “Foi em vão que experimentastes tão grandes coisas? Se de fato foi em vão!”; e: “Eu confio em vós no Senhor” (Gl 5,7; 3,4; 5,10). A estes também o diz: *“Estamos convencidos de que vós estais do lado bom, o da salvação”* (Hb 6,9). Adota, portanto, duas atitudes: Não estimula demais, nem deixa que eles desanimem. Muito bem! Se o exemplo de outros não basta para incitar o ouvinte, e levá-lo à emulação, quando apresenta o próprio exemplo e ordena que o imitem, há maior possibilidade de incutir a doutrina. Demonstra que não os deixa condenados ao desânimo, sob o poder do mal, mas que por fim se converteram.

12. Pois, uma vez que com o tempo vós vos devíeis tornar mestres,

Declara que eles há muito tempo acreditaram, e que deviam instruir os demais. Vê, portanto, que ele sente, prestes a discursar sobre o pontífice, e sempre adiando. Escuta, pois, como começa:

(4,14.) *Temos, portanto, um sumo sacerdote eminente, que atravessou os céus:*

E deixando de dizer por que é grande, prossegue:

(5,1.) *Porquanto, todo sumo sacerdote, tirado do meio dos homens, é constituído em favor dos homens em suas relações com Deus.*

E ainda:

(5,5.) *Deste modo, também Cristo não se atribuiu a glória de tornar-se sumo sacerdote.*

E mais uma vez, tendo dito: “*Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec*”, adia, dizendo:

É ele que, nos dias de sua vida terrestre, apresentou pedidos e súplicas,

Visto que tantas vezes foi repellido, como desculpa diz: A culpa é vossa. Ah! que diferença! Deviam instruir os demais, e são não somente discípulos, mas os últimos deles.

“Pois, uma vez que com o tempo vós vos devíeis tornar mestres”,

(cont. v. 12) *no entanto, necessitais novamente que se vos ensinem os primeiros rudimentos dos oráculos de Deus,*

Relativamente à humanidade, aqui dá o nome daqui de “*primeiros rudimentos*”. Nas letras profanas, primeiro é preciso aprender os elementos; assim também dos oráculos de Deus deviam primeiro aprender o atinente à humanidade. Vês o motivo de falar de coisas humildes? Dessa forma procedeu Paulo ao falar aos atenienses: “Ora, eis que Deus, fechando os olhos relativamente aos tempos de ignorância, fez agora saber aos homens que têm todos e por toda a parte de se arrependerem, porque ele fixou um dia para julgar o universo com justiça, por um homem que ele destinou, oferecendo a todos uma garantia ao ressuscitá-lo dentre os mortos” (At 17,30-31). Por isso, quando trata de algo de sublime, exprime-se brevemente; entretanto as realidades humildes acham-se espalhadas em muitas passagens da carta. Desta forma destaca o sublime, pois o que é muito humilde não nos deixa suspeitar que se trata da divindade. Neste trecho também, conservando o que é garantido, une as realidades humildes à natureza humana. A causa era que eles não podiam ouvir coisas mais perfeitas. Assinalou-o principalmente na Carta aos Coríntios, nesses termos: “Com efeito, se há entre vós invejas e rixas, não sois carnis?” (1Cor 3, 2). Observa sua grande prudência! Porta-se convenientemente acerca das fraquezas. Ali, de fato, a fraqueza provinha da ignorância, ou antes, dos pecados; aqui, porém, não se originava dos pecados, mas das inerentes tribulações. Por isso empregou termos que inculcavam a diferença, dizendo ali: “Sois carnis”, e aqui: Uma vez que a dor era intensa, ficastes indolentes. Aqueles homens carnis não puderam suportar; estes, contudo, puderam. “*Por causa de vossa lentidão para compreender*” significava que outrora eram sadios, fortes, ardentes nos desejos. Enfim, atesta a respeito deles.

e precisais de leite, e não de alimento sólido.

Dá sempre, aqui e ali, o nome de leite à palavra humilde. “*Pois, uma vez que com o tempo vós vos devíeis tornar mestres*”, como se dissesse: Devíeis especialmente ser fortes, por causa do tempo, e vos fizestes mais dissolutos e preguiçosos. Dá a denominação de leite à palavra humilde que convém às pessoas mais simples. É o oposto das mais perfeitas e é prejudicial nela deter-se. Por isso não devia introduzir normas, nem estabelecer comparações, porque era sumo sacerdote, sacrificou e orou com clamor e súplicas. Vê, portanto, como isto nos enfastia; mas os educava, e nunca se enfastiavam. Por conseguinte, as palavras de Deus são verdadeiro alimento espiritual. Evidencia-se que a palavra é alimento por esta passagem: “Enviarei fome ao país, não uma fome de pão, nem uma sede de água,

mas sim de ouvir as palavras do Senhor” (Am 8,11). “Dei-vos a beber leite, não alimento sólido” (1Cor 3,2). Não disse: Nutri-vos, destacando que o alimento não é sólido, e sim destinado a criancinhas, que não podem nutrir-se de pão. A estas não se dá bebida, mas alimento líquido. Assim, neste caso. E não disse: Precisaís, e sim: Vós vos tornastes necessitados de leite, não de alimento sólido. Vós o quisestes, a isto vos reduzistes, criastes esta necessidade.

13. *De fato, aquele que ainda se amamenta não pode degustar a doutrina da justiça, pois é uma criancinha!*

O que é: “*Doutrina da justiça*”? A meu ver, sugere o estilo de vida, de acordo com as palavras de Cristo: “Se a vossa justiça não exceder a dos escribas e a dos fariseus” (Mt 5,20). Diz o mesmo o Apóstolo: “*Não pode degustar a doutrina da justiça*”. Isto é, Não pode degustar a filosofia celeste, não pode assumir a vida perfeita e correta. Ou Cristo chama de justiça a palavra sublime. Ora, o Apóstolo disse que se haviam tornado lentos, mas não declarara de onde, deixando que o percebessem, a fim de não tornar o discurso aborrecido. Quanto aos gálatas, porém, admirou-se e duvidou. Maior consolo foi jamais esperar que isto acontecesse. Tal é a dúvida. Vês outra infantilidade? Outra perfeição? Tornemo-nos perfeitos, deste modo; é possível a nós, meninos e jovens, alcançar tal perfeição, não oriunda da natureza, mas da virtude.

14. *Os adultos, porém, que pelo hábito possuem a faculdade de percepção exercitada para discernir o bem e o mal, recebem o alimento sólido.*

Como? Não tinham esta faculdade exercitada, não conheciam o bem e o mal? Trata da vida, ao dizer: “*Para discernir o bem e o mal*”. Qualquer um o entende e é fácil, quanto aos preceitos retos e sublimes, ou aos perversos e vis. A criancinha não distingue o alimento ruim do bom. Com efeito, muitas vezes traz terra à boca e engole o que é prejudicial, sem discernimento. O homem perfeito não age dessa forma. Tais são os que dão atenção a tudo simplesmente e sem discernir dão ouvidos. Repreende-os por serem arrastados sem discríção, entregando-se ora a um, ora a outro. No final o indica, nesses termos: “*Deixando de lado o ensinamento elementar*”, isto é, “*Para discernir o bem e o mal*”. Efetivamente o paladar prova os alimentos, o espírito as palavras.

Aprendamos também nós. Se ouvires que alguém não é grego, nem judeu, não penses logo que é cristão, mas examina bem. De fato, também os maniqueus, e todos os hereges tomam este aspecto, iludindo os mais simples.

Mas, se tivermos a faculdade de percepção da alma exercitada em discernir o bem e o mal, distingui-los-emos. De que maneira a nossa faculdade de percepção se exercita? Pela escuta contínua, pela perícia nas Escrituras. Se propusermos os erros deles, ouvires hoje e amanhã, e comprovares que não são válidos, entendeste tudo, tudo conheceste, e se hoje não percebeste, amanhã perceberás. “*Possuem a faculdade de percepção exercitada.*” Vês que havemos de exercitar nossos ouvidos à audição das realidades divinas, para não nos serem impingidas coisas estranhas? “*Exercitados para discernir*”, isto é, peritos. Um afirma que não existe ressurreição, outro que nada espera do futuro. Um outro assegura que há um deus diferente, outro que ele originou-se de Maria. Vê logo que todos caíram por falta de moderação, uns mais, outros menos. Por exemplo, a primeira heresia é a de Marcião; introduz um Deus não existente. Eis além disso: Após, a heresia de Sabélio, a assegurar que o Filho, o Pai e o Espírito são uma só Pessoa. Em seguida, as heresias de Marcelo e de Fotino, com idêntica pregação. E a de Paulo de Samósata, que assevera que o Filho se origina de Maria. Depois, a mais recente, a dos maniqueus. Em seguida, a de Ário. Existem outras. Quanto a nós, recebemos a fé com simplicidade, de sorte que não temos necessidade de aderirmos, desgostosos, a inúmeras heresias, e sim de considerar deturpação o acréscimo de um, ou a omissão de um outro. De fato, os legisladores

não são constrangidos a examinar cuidadosamente inúmeras medidas, mas preceituam a observância das normas que transmitem; o mesmo acontece relativamente à doutrina. Mas, ninguém quer dar atenção às Escrituras. Se atendêssemos, não somente não cairíamos no erro, mas também libertaríamos o próximo iludido e o afastaríamos dos perigos. Com efeito, o soldado forte não basta apenas a si próprio, mas também salva o companheiro, e livra-o da maldade dos inimigos. Atualmente, porém, alguns nem sabem que existem as Escrituras, embora o Espírito Santo tenha disposto tantos meios de serem conservadas. Olhai os primórdios, a fim de entenderdes o amor de Deus aos homens. Ele inspirou ao bem-aventurado Moisés, escreveu as tábuas, reteve-o quarenta dias no Monte, e novamente outros tantos dias a fim de promulgar a Lei (Ex 32). Posteriormente enviou profetas, sujeitos a males incontáveis. Intensificou-se a guerra, os inimigos mataram, arrasaram e queimaram os livros. Inspirou a outro homem admirável, Esdras, que os expusesse e os restaurasse segundo os fragmentos. Depois cuidou de que os Setenta os traduzissem; eles o fizeram. Veio Cristo, adotou-os, os apóstolos os propagaram. Cristo operou sinais e milagres. O que sucedeu depois? De acordo com feitos tão grandes, os apóstolos escreveram, conforme Paulo também afirmou: “Foram escritas para a nossa instrução, para nós que fomos atingidos pelo fim dos tempos” (1Cor 10,11). E Cristo afirmava: “Estais enganados, desconhecendo as Escrituras” (Mt 22,29). Ainda dizia Paulo: “Pela paciência e pela consolação que nos proporcionam as Escrituras, tenhamos a esperança” (Rm 15,4); e mais uma vez: “Toda escritura é inspirada por Deus e útil” (2Tm 3,16); e: “A Palavra de Cristo habite em vós em toda a sua riqueza” (Cl 3,16). E o profeta: “Medita sua lei, dia e noite” (Sl 1,2); e em outra passagem: “Todo o teu assunto seja a lei do Altíssimo” (Eclo 9,22); e ainda: A meu paladar (Não disse: A meus ouvidos), “suas palavras são mais doces do que o mel, que o mel dos favos” em minha boca (cf. Sl 19,11). E Moisés: “Delas falarás sempre de pé, sentado, deitado” (cf. Dt 6,7). Por isso Paulo escrevia a Timóteo: “Desvela-te por estas coisas, nelas persevera” (1Tm 4,15). É possível mencionar inúmeros dados a esse respeito. Todavia, ainda há algumas pessoas que nada sabem sobre as Escrituras. Por isso entre nós nada se faz de sadio, de proveitoso. Se alguém quiser conhecer a arte militar, tem necessidade de aprender as respectivas leis; se quiser ser perito piloto, carpinteiro, ou em outro ofício, necessita aprender as peculiaridades referentes ao ofício. Em nosso caso, nada de tal se verifica, embora estes conhecimentos reclamem muitas insônias. Escuta o profeta assegurar que esta arte é necessitada de instrução: “Filhos, vinde escutar-me, vou ensinar-vos o temor do Senhor” (Sl 34,12-15). O temor de Deus, em verdade, exige instrução. Em seguida diz: “Qual o homem que deseja a vida?”, a vida no além. E ainda: “Preserva tua língua do mal e teus lábios de falarem falsamente. Evita o mal e pratica o bem, procura a paz e segue-a”. Sabeis qual o profeta, o historiógrafo, o apóstolo, ou evangelista que assim se expressou? Julgo que não, exceto poucas pessoas; e ainda a estas, se apresentarmos um testemunho de outra parte, acontecerá o mesmo que a vós. Eis, portanto, que vou repetir em termos diferentes: “Lavai-vos, purificai-vos! Tirai da minha vista as vossas más ações! Aprendei a fazer o bem! Buscai o direito! Preservai vossa língua do mal e praticai o bem. Aprendei a fazer o bem!” (Is 1,16-17). Vês que a virtude precisa de instrução? Pois um diz: “Vou ensinar-vos o temor do Senhor”; e o outro: “Aprendei a fazer o bem”.

Sabeis onde se encontram essas locuções? Penso que não, exceto poucas pessoas. Ora, cada semana, vos são lidas duas ou três vezes. Ao subir o leitor, primeiro enuncia de quem é o livro, a saber, deste ou daquele profeta, ou apóstolo, ou evangelista; depois as lê a fim de melhor as notardes e saberdes não apenas onde se encontram, mas por que foram escritas, e por quem. Tudo em vão, porém, tudo inútil. Toda vossa diligência se esgota nas circunstâncias desta vida, sem consideração para as realidades espirituais. Por isso, aquelas sentenças não vos ocorrem e surgem várias dificuldades. Cristo disse, em verdade: “Buscai, em primeiro lugar, o Reino de Deus e todas estas coisas vos serão

acrescentadas” (Mt 6,33). E foram ditas que virão por acréscimo; nós, contudo, invertemos a ordem, e procuramos a terra e os bens terrenos como se os outros fossem um suplemento. Por isso não obtemos nem estes nem aqueles. Enfim arrependamo-nos, anelando pelos bens vindouros. Assim também estes advirão. É impossível que, estando à busca do que agrada a Deus, não se consigam também os bens materiais. É sentença da própria Verdade. Não procedamos de forma invertida, mas sigamos o conselho de Cristo, para evitarmos queda completa. Deus, porém, é poderoso para nos converter, fazer-nos melhores, em Cristo Jesus nosso Senhor, o qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra e adoração, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

NONA HOMILIA

6,1. *Por isso, deixando de lado o ensinamento elementar a respeito de Cristo, elevemo-nos à perfeição, sem ter de voltar aos artigos fundamentais: o arrependimento das obras mortas, a fé em Deus,*

2. *a doutrina sobre os batismos, a imposição das mãos, a ressurreição dos mortos e o julgamento eterno.*

3. *É isto o que faremos, se a tanto Deus nos ajudar!*

Ouvistes quanto Paulo repreende os hebreus, sempre em busca de aprender as mesmas coisas? E com razão. “Pois, uma vez que com o tempo vos tornastes mestres, necessitais novamente que se vos ensinem os primeiros rudimentos dos oráculos de Deus.” Receio que nem isso seria oportuno vos dizer, a vós que devíeis com o tempo ser mestres, mas nem mantivestes o posto de discípulos, sempre a ouvirdes as repetições, como se nada tivésseis ouvido; e interrogados, nenhum de vós sabe responder, exceto uns poucos, facilmente contados. Grande prejuízo! Muitas vezes os mestres, querendo ir adiante, e tocar em assuntos mais místicos e elevados, encontram obstáculo na distração dos discípulos. Pois, um professor, quando um menino sempre escuta os elementos, e não os guarda, precisará de sempre repeti-los e não desistirá de ensinar até que ele aprenda exatamente e seria grande insensatez incutir-lhe outros, quando os primeiros não foram corretamente assimilados; o mesmo acontece na igreja. Se falarmos sempre as mesmas coisas e não compreenderdes, não deixaremos de repetir. Se fosse por ostentação e ambição de honrarias, daríamos saltos e iríamos adiante. Não nos preocuparíamos convosco, mas somente com vossos aplausos. Não é a nossa meta, mas assumimos o trabalho em prol de vosso bem, e por isso não interrompemos a repetição até adotardes boa conduta. Poderíamos dissertar longamente sobre as superstições dos gentios, dos maniqueus e dos marcionistas, e pela graça de Deus infligir-lhes profundas chagas, mas não seria oportuno. Quemalaria tais palavras e induziria antes do tempo a mudar de atitude aqueles que ainda não se conhecem bem, e ignoram que a cobiça é um mal? Ora, não desistiremos de repetir, quer vos convençamos, quer não. Se continuamente repetirmos sem atenderdes, temos o receio de acarretarmos maior condenação aos desobedientes. Não preciso de me dirigir a todos. Sei que muitos tiram proveito das instruções dos que aqui frequentam, dos que com razão levantam a voz contra os que armam ciladas a si próprios, por indocilidade e desatenção. Aliás, nem armam ciladas, porque até àqueles que estão cientes é útil ouvir questões reiteradas. Arrependemo-nos melhor pela escuta frequente do que já conhecemos. Sabemos, por exemplo, ser a humildade excelente, e que Cristo tocou muitas vezes no assunto; mas, ao ouvirmos as próprias palavras, a instrução nos comove mais intensamente, apesar de escutarmos mil vezes. Faz-se, portanto, oportuno que agora enunciemos: “*Por isso, deixando de lado o ensinamento elementar a respeito de Cristo, elevemo-nos à perfeição*”. Ele próprio mais adiante explica o sentido

da locução: *“Ensinarmento elemental”*, nesses termos: *“Sem ter de voltar aos artigos fundamentais: o arrependimento das obras mortas, a fé em Deus, a doutrina sobre os batismos, a imposição das mãos, a ressurreição dos mortos e o julgamento eterno”*. Se esses são os artigos fundamentais, qual é além disso fundamental senão a penitência das obras mortas, e através do Espírito receber a fé na ressurreição dos mortos e no juízo eterno? Qual o ensino elemental? Outra coisa não é senão a carência de uma vida íntegra. Quem deseja aprender as letras, primeiro ouça quais os elementos. Assim também o cristão deve previamente conhecê-los com exatidão, sem hesitação. Se está necessitado de anterior instrução, falta-lhe uma base firme, fixa, estável, e inamovível. Uma pessoa que foi catequizada, batizada e dez anos depois necessita ouvir de novo explicações sobre a fé, e a obrigação de crer na ressurreição dos mortos, ainda se acha desprovida de base, dos elementos do cristianismo. Escuta o Apóstolo afirmar que a fé é o fundamento, e o restante é o edifício: *“Lancei o fundamento, outro constrói por cima. Se alguém sobre este fundamento constrói com ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno ou palha...”* (1Cor 3,10.12). Por isso dizia: *“Sem ter de voltar aos artigos fundamentais: o arrependimento das obras mortas”*.

O que significa: *“Elevemo-nos à perfeição”*? Avancemos para o cume, isto é, levemos vida excelente. Como no A apoiam-se as letras e nos alicerces assenta todo o edifício, assim também a certeza da fé serve de base a uma vida pura. Sem ela é impossível ser cristão, como não se ergue o edifício antes de lançar os alicerces, nem se alcança perícia nas letras com exclusão dos elementos. Mas, se alguém parar nos elementos, em torno dos alicerces e não do edifício, não obterá coisa alguma; assim nos acontecerá. Se sempre permanecermos nos elementos da fé, jamais alcançaremos a fé perfeita. Não julgues diminuir a fé chamá-la de elemento; é a plenitude da força. Pois a declaração: *“De fato, aquele que ainda se amamenta não pode degustar a doutrina da justiça, pois é uma criancinha!”*, não significa dar-lhe o cognome de leite. Duvidar disso é próprio de uma mente fraca, necessitada de muitas exposições. Esses ensinamentos são sadios. Denominamos perfeito aquele em quem a fé acompanha uma vida reta. A pessoa que possui a fé e entretanto comete crimes, duvida, e ataca a doutrina, com razão a denominamos criancinha, que recorre aos elementos. Por isso se, durante inúmeros anos, tivermos fé, mas não inabalável, somos criancinhas, porque não manifestamos vida conveniente, e ainda estamos lançando o fundamento. A estes Paulo acusa quanto ao estilo de vida, e de outras faltas, como a de serem vacilantes e precisarem de lançar o fundamento do arrependimento das obras mortas. Quem passa de uma coisa a outra, deixa uma e escolhe outra, deve condenar essa disposição e renunciar a ela e depois passar a outra. Se, porém, estiver para retornar à primeira, como atingirá a segunda? E o que fazer da Lei? Nós a condenamos e de novo a ela recorremos. Não seria mudança; de fato, aqui temos uma lei. *“Então eliminamos a lei através da fé? De modo algum! Pelo contrário, a consolidamos”* (Rm 3, 31). Eu estava falando de questões más. Pois quem quer passar à virtude, condene antes o vício, e então adira. A penitência não os purificara. Por isso logo eram batizados, a fim de que a graça de Cristo realizasse o que não podiam por si próprios. O arrependimento não basta para a purificação, mas importa receber o batismo. Faz-se mister, portanto, aceder ao batismo, conhecendo e condenando anteriormente os pecados cometidos. O que significa: *“Doutrina sobre os batismos”*? Não quer dizer que haja muitos batismos, e sim um só. Por que então o plural? Porque dissera: *“Sem ter de voltar aos artigos fundamentais: o arrependimento”*. Se os rebatizasse, instituísse catequese total, e mais uma vez os batizados fossem instruídos desde a base acerca do que deviam e do que não deviam fazer, continuariam sempre incorrigíveis. *“E a imposição das mãos”*, porque assim recebiam o Espírito Santo. *“Quando Paulo lhes impôs as mãos, o Espírito Santo veio sobre eles”* (At 19,6). *“A ressurreição dos mortos.”* Realiza-se no batismo, e confirma-se na profissão de fé. *“E o julgamento eterno.”* Por quê? Porque era provável que se abalassem os que já

havia crido, ou vivessem mal e negligentes. Por isso diz: Sede vigilantes. Dirige-lhes esta exortação, apartando-os desta negligência, e tornando-os mais atentos. Não era lícito dizer: Se vivermos de modo negligente, seremos rebatizados, de novo catequizados, receberemos o Espírito. Ou: Se agora renunciarmos à fé, poderemos, rebatizados, apagar os pecados e retornar ao estado anterior. Tal opinião é um erro.

4. *De fato, os que uma vez foram iluminados – que saborearam o dom celeste, receberam o Espírito Santo,*

5. *experimentaram a beleza da palavra de Deus e as virtudes do mundo que há de vir –*

6. *e não obstante decaíram; é impossível que eles renovem a conversão uma segunda vez, porque da sua parte crucificam novamente o Filho de Deus e o expõem às injúrias.*

Vê que começa incutindo pudor e proibindo: “*É impossível*”, diz ele: Não esperes o impossível. Com efeito, não declarou: Não convém, nem: É ilícito, mas: “*É impossível*”, a fim de perderem inteiramente a esperança “*os que uma vez foram iluminados*”.

Em seguida, acrescenta: “*que saborearam o dom celeste*”, isto é, a remissão. “*Receberam o Espírito Santo, experimentaram a beleza da palavra de Deus*”, isto é, indica a doutrina. “*E as virtudes do mundo que há de vir*”. Quais? Operar milagres, ou o penhor do Espírito. “*Não obstante decaíram; é impossível que eles renovem a conversão uma segunda vez, porque da sua parte crucificam novamente o Filho de Deus e o expõem às injúrias*”. Renovar a conversão, isto é, pela penitência. Como? A penitência é rejeitada? Não a penitência, de modo algum, mas a renovação do batismo. Não disse: É impossível renovar-se pela penitência e calou-se, mas tendo dito: “*É impossível*”, acrescentou: “*Porque crucificaram novamente*”. Renovar, isto é, fazer-se novo. Transformar em homens novos é exclusivo do batismo: “Como a da águia, tua juventude se renova” (Sl 103,5).

É próprio da penitência libertar da vetustez e renovar os homens novos que envelheceram pelos pecados. É impossível retornar ao esplendor, todo ele, proveniente da graça. “*Porque da sua parte crucificam novamente o Filho de Deus e o expõem às injúrias.*” É o seguinte: O batismo é cruz: “Nosso velho homem foi crucificado com ele”; e ainda: “Se nos tornamos uma coisa só com ele por uma morte semelhante à sua”; e: “Pelo batismo nós fomos sepultados com ele na morte” (Rm 6,6.5.3). É impossível que Cristo seja crucificado de novo; seria traí-lo. Igualmente não podemos ser rebatizados. Se a morte não mais o domina; se ressuscitou e ressurgindo fez-se mais poderoso do que a morte; se pela morte prostrou a morte, em seguida é novamente crucificado, tudo se torna fábula e zombaria. Assim quem é rebatizado, novamente o crucifica. Qual o sentido da locução: “*Crucificam novamente*”? Crucificam-no mais uma vez. Como Cristo morreu na cruz, nós morremos no batismo, não corporalmente, mas para o pecado. Há morte e morte: Ele morreu corporalmente, nós ao pecado. Pelo batismo nosso velho homem foi sepultado e ressuscitou homem novo, feito conforme a ele à semelhança de sua morte. Se, portanto, for necessário rebatizar, será preciso que ele morra novamente. O batismo nada mais é do que a morte do batizado e sua ressurreição. E disse com exatidão: “*Crucificam novamente*”. Isto faz quem, esquecido da graça anterior, leva vida negligente; age como se houvesse outro batismo. Atenção e cautela! O que significa: “*Saborearam o dom celeste*”? A remissão dos pecados, que somente Deus pode dar, e a graça (baptismal) é doada uma só vez. “Que diremos então? Que devemos permanecer no pecado para que haja abundância da graça? De modo algum” (Rm 6,1-2). Se, porém, sempre havemos de ser salvos pela graça, jamais seremos bons. Pois se, onde a graça é uma só, somos tão preguiçosos, se soubéssemos que os pecados de novo seriam apagados, cessaríamos de pecar? Não acredito. Ele manifesta que vários são os dons. Ouve, para

entenderes. Afirma: Dignou-se conceder-te grande remissão. Como poderia ser rebatizado aquele que, sentado nas trevas, inimigo, adversário, estranho, malvisto por Deus, perdido, e que de repente foi iluminado, recebeu o Espírito, o dom celeste, a adoção de filho, o reino celeste, os outros bens, os mistérios arcanos, e nem assim melhorou, mas, sendo merecedor de perdição, conseguiria a salvação e honra como se houvesse se portado de modo excelente? De dois modos ele assegura que é impossível, e por fim apresenta o que é mais válido. Primeiro, que é indigno de renovação quem recebeu tais bens, e atraçou as dádivas. Segundo, que é impossível nova crucificação; seria “*expor às injúrias*”. Não existe, portanto, não há segundo batismo. Se houvesse, haveria também terceiro e quarto. O primeiro seria sempre dissolvido pelo posterior, e assim por diante, sem fim. Tendo dito: “*Experimentaram a beleza da palavra de Deus e as virtudes do mundo que há de vir*”, não dá explicações, mas sugere, dizendo de certo modo: É próprio do Espírito ensinar viver à semelhança dos anjos, nada de terreno precisar, saber que a adoção de filhos nos introduz nos bens do século futuro, esperar a admissão naqueles mistérios. Quais “*as virtudes do mundo que há de vir*”? A vida eterna, a companhia dos anjos. Já recebemos o penhor disto pela fé através do Espírito. Dize-me, pois. Se fosses introduzido no palácio real, e ali te fossem confiadas todas as coisas, e em seguida as atraçoasses, de novo te seriam confiadas?

Como, então? Não existe arrependimento? – perguntas. Existe, de fato, mas não é segundo batismo. Existe arrependimento que tem grande força, que pode, se ele quiser, àquele que está imerso nos pecados, livrar deste ônus, e colocar em segurança o periclitante, até mesmo mergulhado nas profundezas do vício. É evidente por muitos motivos. “Acaso eles caem sem se levantar? Os desviados não retornarão?” (Jr 8,4). Se quisermos, Cristo pode de novo se formar em nós. Escuta o que diz Paulo: “Meus filhos, por quem eu sofro de novo as dores do parto, até que Cristo seja formado em vós” (Gl 4,19). Somente tenhamos arrependimento. Vê o amor de Deus aos homens. Devia nos punir de todos os modos no início, porque, tendo recebido a lei natural, e alcançado bens inumeráveis, ignorávamos o Senhor, e levávamos vida impura. Ele não só não nos castigou, mas também concedeu bens incontáveis, como se tivéssemos praticado feitos grandiosos.

Recaímos, e nem assim nos castigou, mas deu-nos o remédio da penitência, suficiente para apagar e eliminar todos os nossos pecados quando reconhecermos qual o remédio e como aplicá-lo. Qual, então, é o remédio da penitência e como é preparado? Primeiro, pela condenação dos próprios pecados, e a confissão: “Confessei a ti o meu pecado, e minha iniquidade não te encobri”, e: “Eu disse: ‘Vou ao Senhor, confessar a minha iniquidade!’ E tu absolveste a iniquidade” do meu coração (Sl 32,5); e ainda: “Apresenta as tuas contas, a fim de seres justificado” (Is 43,26); e: “O justo é o primeiro que a si mesmo se acusa” (Pr 18,17). Em segundo lugar, por muita humildade. É uma cadeia de ouro. Agarra o começo, o resto vem atrás. Confessar o pecado como convém torna humilde a alma. A consciência que a atormenta faz com que se abaixe. Importa, contudo, unirem-se outras virtudes à humildade, conforme suplicava o bem-aventurado Davi: “Ó Deus, cria em mim um coração puro”; e mais uma vez: “Um coração arrependido e humilhado, ó Deus, não desprezas” (Sl 51,12.19). Com efeito, uma pessoa arrependida não se exalta, não golpeia, mas está disposta a sofrer, sem se exaltar. O coração contrito, apesar de ofendido, de sofrer, fica tranquilo, não se anima à vingança. Além da humildade são necessárias intensas orações, muitas lágrimas dia e noite: “Estou esgotado de tanto gemer, de noite eu choro na cama, banhando meu leito com lágrimas” (Sl 6, 7). E: “Eu como cinza em vez de pão, com minha bebida misturo lágrimas” (Sl 102,10). Após oração tão intensa, são necessárias generosas esmolas, que tornam válido o remédio da penitência. Entre os meios empregados pelos médicos há sempre um medicamento composto de várias ervas, mas uma prevalece; assim também na

penitência esta é a principal erva, que prevalece totalmente. Escuta a divina Escritura: “Dai o que tendes em esmola e tudo ficará puro para vós!” (Lc 11,41); e ainda: “Os pecados são apagados pelas esmolas e a fé” (cf. Tb 4,11); mais: “A água apaga a chama, a esmola expia os pecados” (Eclo 3,33). Em seguida, não irar-se, não guardar lembrança da injúria apaga os pecados: “Um homem guarda rancor contra outro; do Senhor pedirá cura?” (Eclo 28,3) “Perdoai e sereis perdoados” (cf. Mt 6,14). E converte os irmãos de seu erro: “Vai e converte teus irmãos” (cf. Lc 22,52), a fim de que teus pecados sejam perdoados. E proceder, como convém, relativamente aos sacerdotes. “E se tiver cometido pecados, estes lhe serão perdoados” (Tg 5,15). Defender e proteger os injuriados, não se encolerizar, suportar tudo com placidez.

Acaso antes de entenderdes que, pela penitência, os pecados podem ser perdoados, estáveis ansiosos por saberdes que não havia outro batismo, e havíeis perdido a esperança? Agora, porém, tendo entendido como se realizam corretamente o arrependimento e a remissão, e que poderemos escapar de tudo se os utilizarmos devidamente, de que modo obteremos o perdão se nem ao menos nos lembramos de nossos pecados? Se assim fosse, tudo estaria acabado. Quem passou pela porta está dentro; assim quem reflete sobre os próprios males. Se os examinar diariamente, alcançará cura. Mas, se disser: Sou pecador, e não os pesar pelas espécies, e não disser: Cometi este e aquele pecado, jamais cessará; sempre, na verdade, confessa, mas não cuida da correção. Se começar, os outros se seguirão, e por meio de um mostra o acesso. Sempre o começo e os primórdios são difíceis. Lancemos estes alicerces e tudo será rápido e fácil.

Suplico-vos, portanto, comecemos. Um caso, por meio de preces intensas, outro, de assíduas lágrimas, outro pelo pesar. Nem o que é tão pequeno é inútil: “Vi seu pesar, seu triste caminhar, diz o Senhor, e o curarei” (cf. Is 57,17). Humilhemos nossas almas pela esmola, o perdão às faltas do próximo, esquecidos das injúrias, sem desejo de vingança. Com a frequente recordação de nossos pecados, nada de exterior poderá nos exaltar: nem as riquezas, o poder, o domínio, a honra. Até mesmo se estivermos sentados no carro real, lastimemo-nos amargamente. Pois, também o bem-aventurado Davi era rei e dizia: “Todas as noites banho meu leito com lágrimas” (Sl 6,6). Não foi lesado pela púrpura, pelo diadema, nem se ensoberbeceu. Sabia que era homem; e lamentava-se porque tinha o coração contrito. O que são as realidades humanas? Cinza e pó, e poeira levada pelo vento, fumaça e sombra, folha e flor arrastadas para cá e para lá, sonho e conto, e fábula, vento e brisa suaves dissipados, voo inconsistente, torrente defluente, e até algo de mais insignificante, se houver. Dize-me. O que julgas grandioso? Qual dignidade consideras importante? A dos cônsules? Em verdade, o vulgo pensa não existir maior. O homem, no entanto, que não é cônsul, nada tem de inferior ao cônsul tão esplendoroso, tão admirado. A dignidade é idêntica; ambos igualmente dentro de pouco tempo já não haverão de estar na terra. Dize-me. Quando foi? Durante quanto tempo? Dois dias? Assim sucede nos sonhos. Mas é, replica, um sonho. E este? O que dura um dia não é sonho? Dize-me. Ou melhor, Por que não dizer que é sonho? Ao raiar do dia, há certeza de que os sonhos nada são; assim também percebe-se que estas coisas, no fim da noite nada são. Dia e noite têm igualdade quanto ao tempo e o dividem entre si. Como, portanto, de dia jamais alguém se alegra com os acontecimentos da noite, assim é impossível que à noite se goze do que se fez durante o dia. Foste cônsul? Eu também. Mas tu de dia e eu à noite. E então? Nada tens a mais, a não ser o título: Aquele cônsul. Tornas-te maior pelo prazer que causa a palavra. Por exemplo, fica mais claro se eu disser: Ele é cônsul e dou-lhe o título, acaso ele mudou logo que o disse? Assim também nesta questão. O cônsul aparece e logo desaparece. Atribuamos-lhe um ano, dois, três, quatro. Onde estão os que foram cônsules por dez anos? Em parte alguma. Mas, assim não sucede relativamente a Paulo. Foi esplêndido enquanto vivia,

não um só dia, nem dois, dez, vinte, trinta, nem dez anos, vinte, trinta. E morreu. Mas, já decorreram quatrocentos anos, e ainda é ilustre, e muito mais ilustre do que durante a vida. Isto, porém, na terra. Mas como descrever a glória celeste dos santos? Por isso, suplico-vos, busquemos esta glória, persigamo-la para a conseguirmos. É a verdadeira. Por fim, renunciemos aos bens desta vida a fim de encontrarmos graça e misericórdia em Cristo Jesus nosso Senhor, com o qual ao Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra e adoração, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA HOMILIA

6,7. *Pois a terra que bebe a chuva que lhe vem abundante, e produz vegetação útil aos cultivadores, receberá a bênção de Deus.*

8. *Mas, se produzir espinhos e abrolhos, é rejeitada, e está perto da maldição; acabará sendo queimada.*

Com temor ouçamos as palavras de Deus, com temor e muito tremor: “Servi o Senhor com temor, e estremecei com tremor” (Sl 2,11). Nosso regozijo e nossa exultação devem ser acompanhados de tremor; e se as palavras são terríveis, como agora, que suplício não merecemos por ouvi-las sem tremor? Tendo dito que é impossível que os lapsos sejam rebatizados, e recebam novamente a remissão pelo batismo, e mostrado que isto é abominável, acrescentou: “*Pois a terra que bebe a chuva que lhe vem abundante, e produz vegetação útil aos cultivadores, receberá a bênção de Deus. Mas, se produzir espinhos e abrolhos, é rejeitada, e está perto da maldição; acabará sendo queimada*”. Temamos, pois, caríssimos. As ameaças não são de Paulo, não são palavras humanas; são do Espírito Santo, de Cristo que nele fala. Alguém está isento desses espinhos? Se fôssemos isentos, nem assim devíamos confiar, mas temer e tremer para que em nós não germinassem os espinhos. Sendo inteiramente espinhos e abrolhos, de onde vem, pergunto, que confiamos e ficamos prostrados? O que nos faz indolentes? Se aquele que parece estar em pé, deve temer uma queda, pois “Aquele que julga estar em pé, tome cuidado para não cair” (1Cor 10, 12), o lapso que esforços há de empregar por reerguer-se? Se Paulo receia que tendo pregado aos outros, ele próprio, tão comprovado, seja reprovado (1Cor 9,27), nós, já reprovados, que defesa e perdão conseguiremos, levando uma vida cristã, sem temor, por costume, superficial? Temamos, portanto, caríssimos. “Manifesta-se, com efeito, a ira de Deus, do alto do céu” (Rm 1,18). Temamos. Manifesta-se não apenas contra a impiedade, mas ainda contra toda iniquidade, pequena ou grande. Aqui ele sugere o amor de Deus aos homens. Dá à doutrina o nome de chuva. Repete o supramencionado: “*Pois uma vez que com o tempo vós vos tornastes mestres*”. Em muitas passagens a Escritura dá à doutrina a denominação de chuva: “Quanto às nuvens, ordenar-lhes-ei que não derramem a chuva sobre ela” (Is 5,6), referindo-se à vinha. Em outro trecho denomina-a fome de pão e sede de água (cf. Am 8,11). “O rio de Deus é cheio d’água” (Sl 65,10). “*Pois a terra que bebe a chuva que lhe vem abundante*”. Neste trecho expõe que receberam a palavra, e a sorveram, e embora frequentemente o tenham feito, não lhes foi de proveito. Se o agricultor, diz ele, não tivesse cultivado, se as chuvas não tivessem irrigado, o mal não seria tão grande. “Se eu não tivesse vindo e não lhes tivesse falado, não seriam culpados de pecado” (Jo 15,22). No entanto, se tantas vezes bebestes e recebeste, Por que não produziste outra coisa no lugar de frutos? “Esperava que ela produzisse uvas boas, mas só produziu espinhos” (Is 5,2). Vês que a Escritura sempre dá aos pecados o nome de espinhos? Pois Davi disse: “Revolvia-me na dor, enquanto se me cravava o espinho” (Sl 32,4). Não só penetra, mas se crava. E se ficar um pouco e não o extraírmos totalmente, aquele pedaço causa dor semelhante à do espinho inteiro. E por que digo um pedaço? Até depois de extraído, por muito tempo a ferida dói e necessitamos de muito curativo e remédio para

ficarmos totalmente livres. Não basta apagar o pecado, mas é necessário também curar o lugar ferido. Mas receio que se fale de preferência nós: *“Pois a terra que bebe a chuva que lhe vem abundante”*. Sempre bebemos, sempre ouvimos, mas logo perdemos a umidade, quando o sol se levanta, e por isso produzimos espinhos. Quais são os espinhos? Escutemos Cristo declarar que são as solitudes deste século, a falácia das riquezas que sufoca a palavra e a esteriliza (cf. Lc 8,14). *“Pois a terra que bebe a chuva que lhe vem abundante e produz vegetação útil aos cultivadores”*.

Nada tão oportuno quanto a pureza de vida; nada tão harmonioso quanto a vida excelente, nada tão adequado quanto a virtude. *“E produz vegetação útil aos cultivadores, receberá a bênção de Deus.”* Neste lugar afirma que Deus é o autor de tudo, atingindo progressivamente os gentios, que atribuem a geração dos frutos ao poder da terra. Não são, afirma, as mãos dos agricultores que fazem a terra produzir frutos, e sim a ordem de Deus. Por isso declara: *“Receberá a bênção de Deus”*. Observa que ele não diz a respeito dos espinhos: Produz espinhos, nem empregou este nome apropriado. O que disse? Germinou espinhos, como se dissesse: Fez sair e expeliu. *“É rejeitada, e está perto da maldição.”* Ah! quanta consolação nestas palavras! *“E está perto da maldição”*, e não: Maldita. O que ainda não incidiu em maldição, mas está perto, também poderá distanciar-se. Consola-te não apenas com isto, mas ainda pelas palavras subsequentes. De fato, não disse: Está rejeitada e perto da maldição; será queimada. Como se exprimiu? *“E acabará sendo queimada”*. Assegura que, se persistir até o fim, sofrerá esta pena. Por esse motivo, se extirparmos e queimarmos os espinhos, poderemos gozar de inúmeros bens, tornarmo-nos honestos e sermos partícipes da bênção. Com razão denominou abrolhos o pecado: *“Mas, se produzir espinhos e abrolhos”*. Com efeito, seja qual for o ponto em que os toques, ferem e picam, e são feios até no aspecto visível. Tendo-os suficientemente atingido, atemorizado e atacado, de novo cura, para evitar que, rejeitando-os demais, fiquem prostrados. De fato, não adula inteiramente, a fim de não os exaltar; nem fere gravemente para não prostrá-los; mas utilizando o que fere de leve, aplica remédios que curam, conforme deseja. O que diz?

9. *Mesmo falando assim, estamos convencidos de que vós, caríssimos, estais do lado bom, o da salvação.*

Não nos expressamos desta maneira para vos condenar, nem por julgar que estais cheios de espinhos, mas receosos de que tal aconteça. É melhor vos assustar por palavras do que serdes penalizados pelos fatos. Eis a máxima prudência de Paulo! Não disse: Julgamos, nem: fazemos uma conjectura, nem: Temos esta expectativa, nem: Esperamos. Mas, como? *“Estamos convencidos.”* Igualmente escrevia aos gálatas: “Eu confio em vós no Senhor que não pensareis diversamente” (Gl 5,10). Não disse: Pensais, e sim: “Pensareis”. Ali, porque os repreendera assaz, e não tinha motivo atual para louvá-los, fala no futuro: “Não pensareis”. Aqui, fala no presente: *“Mesmo falando assim, estamos convencidos de que vós, caríssimos, estais do lado bom, o da salvação”*. E como não tinha muito a dizer do presente, haure consolo do passado:

10. *Pois Deus não é injusto. Não pode esquecer a vossa conduta e o amor que manifestastes por seu nome, vós que servistes e ainda servis os santos.*

Ah! Como os refaz e confirma, lembrando feitos passados, e forçando-os a não pensar que Deus tenha esquecido! Peca forçosamente quem não tiver convicção firme acerca do justo juízo de Deus que há de dar a recompensa a cada um segundo a sua conduta e dizendo que Deus é injusto. Por isso, obriga-os a esperar inteiramente os bens futuros. Aquele que perdeu a esperança acerca dos bens presentes e desanima, poderá fortificar-se a respeito do futuro, conforme ele também escrevia aos gálatas: “Corríeis bem; quem vos pôs obstáculos?”; e ainda: “Foi em vão que experimentastes tão

grandes coisas? Se de fato foi em vão!” Como também coloca neste trecho censura de permissão a elogios: *“Pois uma vez que com o tempo vós vos tornastes mestres”*, procede igualmente ali. *“Admiro-me que tão depressa abandoneis”* (Gl 5,7; 3,4; 1,6). Elogio unido à admiração! Com efeito, fatos grandiosos em excesso causam-nos admiração. Vês o louvor escondido na acusação e repreensão? Não fala apenas em seu nome, mas também de modo geral. Não disse: Estou convencido, mas: *“Estamos convencidos de que estais do lado bom”*, do que há de melhor. Refere-se a uma vida ótima, ou à remuneração. Em seguida, tendo aludido acima a uma vida *“rejeitada, e perto da maldição”* e que *“acabará sendo queimada”*, no intuito de evitar que pareça tratar-se deles, logo adicionou: *“Deus não é injusto. Não pode esquecer a vossa conduta e o amor”*. Manifesta que, apesar de assim nos exprimirmos, não alude absolutamente a vós. E se não nos falas a nós, porque enfim nos apertas, chamando-nos de preguiçosos, e amedrontas lembrando os espinhos?

11. *Desejamos somente que cada um de vós demonstre o mesmo ardor em levar até o fim o pleno desenvolvimento da esperança,*

12. *para não serdes lentos à compreensão, e sim imitadores daqueles que, pela fé e pela paciência, recebem a herança das promessas.*

“Desejamos”, afirma. Por conseguinte, não queremos somente por palavras. Mas o que desejais? Ambicionamos vossa adesão à virtude, não condenando o passado, mas receosos do futuro. E não disse: Não condenamos o passado, mas no presente sois dissolutos, sois preguiçosos. Mas observa com que placidez o manifesta, sem ferir. O que diz? *“Desejamos somente que cada um de vós demonstre o mesmo ardor em levar até o fim”*.

É admirável a prudência de Paulo. Não declara que eles cederam e se tornaram mais negligentes.

Dizer: *“Desejamos somente que cada um de vós”*, seria como se dissesse: Desejo que sempre, agora e no futuro, te esforces e sejas tal qual eras anteriormente. Com isso mais suave é a repreensão e melhor a acolhida. E não disse: Quero, o que seria próprio da autoridade do magistério; mas era antes paterna benevolência do que ação voluntária. *“Desejamos”*, como se dissesse: Perdoai, se proferirmos algo de pesado. *“Desejamos somente que cada um de vós demonstre o mesmo ardor em levar até o fim o pleno desenvolvimento da esperança.”* O que significa? A esperança carrega, reconforta. Não vos aflijais, não percais a esperança, não seja vã a vossa esperança. Quem pratica boas ações, espera igualmente bens, e nunca duvida de si. *“Para não serdes lentos”*, ainda sois. Ora, dizia acima: *“Por que vos tornastes lentos à audição”*. Mas vê que a lentidão lá atingiu até a audição; aqui, contudo, sugere outra coisa. Em vez de dizer: Não continueis na indolência, disse: *“Para não serdes lentos”*. Novamente os relega ao futuro, sem prestação de contas. *“Para não serdes lentos.”* Ainda não são culpados. Com efeito, exortar o indolente a empregar diligência no presente, talvez o torne ainda mais preguiçoso. É diferente de estar para ser. *“Desejamos somente que cada um de vós.”* Grande benevolência! Cuida igualmente dos grandes e dos pequenos, reconhece a todos, a ninguém despreza; mas atende a cada um e os honra com igualdade. Deste modo os convencia a aceitarem as palavras ásperas. *“Para não vos tornardes lentos.”* A preguiça lesa o corpo; assim, a interrupção das boas ações prostra a alma enfraquecida. *“Imitadores daqueles que, pela fé e pela perseverança, recebem a herança das promessas.”* Enuncia em seguida quais são. Primeiro disse: Imitai as boas obras anteriores; em seguida, a fim de não interrogarem: Quais? remonta ao patriarca, dando exemplos de boas obras. Conforta por meio do patriarca, a fim de não pensarem que foram por ele rejeitados. Assim procede para que não digam que foram desprezados porque sem valia, mas entendessem que assim sucede de preferência a homens muito generosos, que palmilharam o caminho das provações, e que Deus trata desta forma as pessoas ótimas e admiráveis. Importa, diz ele, suportar tudo

pacientemente, o que representa ter fé. Se te for dito: Dá e logo receberás, em que acreditaste? Não compete, diz ele, à tua fidelidade, mas à minha, pois cumpri a anterior promessa. Se, ao invés, disser: Dou, e darei após cem anos, e tu não perderes a esperança, então me julgaste fidedigno, tiveste de mim um conceito justo. Vês que muitas vezes a incredulidade não surge apenas por falta de esperança, mas também por pusilanimidade. Não és paciente, e desconfias de quem prometeu. *“Pois Deus não é injusto. Não pode esquecer a vossa conduta e o amor que manifestastes por seu nome, vós que servistes e ainda servis os santos.”* Atesta a respeito deles grandes feitos, não apenas efetuados, mas praticados com prontidão, segundo consta de outra passagem: “Ultrapassando mesmo as nossas esperanças, deram-se primeiramente ao Senhor, depois a nós” (2Cor 8,5). *“O amor que manifestastes por seu nome, vós que servistes e ainda servis os santos.”* Nota de que modo cuida novamente, repetindo: *Que servistes ainda agora.* Estimula-os, mostrando que não prestaram serviço ao próximo, mas a Deus. *“Que manifestastes”* não somente aos santos, mas a Deus. É o sentido da expressão: *“Por seu nome”*. Como se dissesse: *“Por seu nome”* tudo fizestes. Quem, portanto, de vós foi objeto de tamanha solicitude e amor, jamais vos desprezará, nem se esquecerá de vós.

Ouvindo isso, suplico-vos, sirvamos os santos. Todo fiel, enquanto fiel, é santo. Apesar de secular, é santo: “O marido não cristão é santificado pela esposa, e a esposa não cristã é santificada pelo marido cristão” (1Cor 7,14). Vês que a fé santifica. Estendamos as mãos ao secular infeliz. Não demonstremos zelo somente pelos (monges) habitantes dos montes. Eles são, na verdade, santos pela vida e pela fé; os outros são pela fé, muitos, porém, igualmente pela vida. Não visitemos no cárcere apenas um monge, e deixemos de procurar um secular, porque ele também é santo e irmão. Mas se for impuro e criminoso? Escuta o que diz Cristo: “Não julgueis para não serdes julgados” (Mt 7,1). Age por causa de Deus. No entanto, o que estou dizendo? Mesmo se virmos um dos gentios no infortúnio, devemos beneficiá-lo; e simplesmente a todo homem na adversidade; muito mais, contudo, ao secular fiel. Escuta as palavras de Paulo: “Pratiquemos o bem para com todos, mas sobretudo para com os irmãos na fé” (Gl 6,10). Mas não sei de onde se introduziu este costume, de onde invadiu. Procurar somente os monges para beneficiá-los, curiosamente perscrutando e dizendo: Não estendo a mão se não for digno, justo, se não operar milagres. A esmola fica diminuída, ou antes com o decorrer do tempo é eliminada. Ora, é esmola também a que for dada aos pecadores, aos réus. Não é esmola dar aos que procederam bem, e sim ter compaixão dos pecadores. E para entenderes, escuta a parábola de Cristo: “Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu no meio de assaltantes” (Lc 10,30ss) que, após havê-lo espancado, deixaram-no no caminho semimorto. Veio por acaso um levita e tendo-o visto, prosseguiu viagem; de modo semelhante agiu um sacerdote, foi adiante. Veio finalmente um samaritano, e socorreu-o assaz. Ligou as feridas, derramou óleo em cima, colocou-o no jumento, levou-o a uma estalagem, e disse ao estalajadeiro: Atende-o. E vê a grande liberalidade: “O que gastares a mais, eu te pagarei”. Em seguida, interroga: “Qual foi o próximo dele?” Respondeu o legista: “Aquele que usou de misericórdia para com ele”, e escutou: “Vai, e também tu fazes o mesmo”. E verifica o que diz a parábola. Não disse que foi um judeu a um samaritano, mas que foi um samaritano que demonstrou toda aquela liberalidade. Daí aprendermos que devemos dar igual atenção a todos, não atendendo somente aos domésticos na fé e negligenciando os demais. Assim também tu, se vires alguém sofrendo, nada mais perscrutes; tem direito ao auxílio porque padece. Se levantas um asno que vires sufocando, e não perguntas a quem pertence, muito mais não debes interrogar quem é aquele homem. A Deus pertence, seja grego ou judeu. Pode ser infiel, mas precisa de auxílio. Se te fosse permitido examinar e julgar, falarias com razão. Nesse caso, porém, a infelicidade não permite exame. Se nem a respeito dos sadios se deve perscrutar, nem ser curioso das coisas alheias, muito mais ao se tratar de sofrendores. Aliás, por quê? Tu o viste feliz, e com boa fama, e dizes que é mau e

desonesto? Ele sofre. Se o vês sofrendo, não digas que é malvado. Com razão o dizemos quando é célebre. Quando infeliz e precisado de auxílio, não se deve dizer que é mau. Seria cruel, desumano, arrogante. Quem, diria, foi mais iníquo do que os judeus? Mas Deus os castigou, com justiça, com todo direito. Efetivamente acolheu os que tiveram compaixão deles, e puniu os que escarneceram. “Não se preocupam com a ruína de José” (Am 6,6). E diz ainda: “Liberta os que são levados à morte, salva” (Pr 24,11). Não disse: Examina e pergunta quem é, embora na maior parte dos casos sejam malvados os que são conduzidos à morte, mas disse simplesmente: “Liberta”, seja quem for. É a máxima esmola. De fato, quem faz bem ao amigo não o faz simplesmente por causa de Deus; quem o faz, contudo, a um desconhecido, age sinceramente por causa de Deus. E ele diz: Não poupes dinheiro, mas embora precisas gastar tudo, dá. Entretanto nós, vendo uns homens sufocados, gemendo, sofrendo pior do que mil mortes, e não raro injustamente, poupamos o dinheiro e não poupamos os irmãos. Cuidamos de coisas inanimadas, e negligenciamos a alma. Ora, Paulo ordena: “É com suavidade que debes educar os opositores, na expectativa de que Deus lhes dará não só a conversão para o conhecimento da verdade, mas também o retorno à sensatez, libertando-os do laço do diabo, que os tinha cativos de sua vontade” (2Tm 2,25-26). Diz: “Na expectativa de que”. Vês quanta paciência demonstra esta palavra? Imitando-o, a respeito de ninguém percamos a esperança. Os pescadores muitas vezes lançam a rede no mar e nada apanham; no final, conseguem tudo. Assim também nós não perdemos a esperança, mas esperemos que de repente nos ofereçais frutos maduros. Pois também o agricultor, depois de semear, espera um, dois dias, um longo prazo; de repente vê por toda parte germinarem os frutos. Isto esperamos de vós pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA PRIMEIRA HOMILIA

6,13. *Com efeito, quando Deus fez a promessa a Abraão, não havendo um maior por quem jurasse, jurou por si mesmo,*

14. *dizendo: “Eu te cumularei de bênçãos, e te multiplicarei em grande número”.*

15. *Abraão foi perseverante e viu a promessa se realizar.*

16. *Os homens juram por alguém mais importante, e para impedir qualquer contestação recorrem à garantia do juramento.*

O Apóstolo, tendo atacado com vigor os hebreus e atemorizado bastante, primeiro os anima com elogios; em segundo lugar, o que é também mais forte, assegura que vão conseguir o que esperam. E não os conforta por meio de bens presentes, mas retorna aos passados, para convencê-los melhor. Atemoriza-os com o suplício, e de igual maneira conforta-os por meio dos prêmios, expondo que Deus não costuma exibir logo o cumprimento das promessas, e sim após longo tempo. Assim procede, manifestando o maior indício de seu poder. Induze-nos à fé, a fim de que nós, aflitos, não tendo recebido o cumprimento das promessas, nem as recompensas, não desanimemos na labuta. E omitindo todos os outros motivos, apesar de muitos, apresenta Abraão em sua dignidade pessoal, e porque a ele sobretudo tais eventos advieram. Embora afirme no fim da carta que todos estes de longe os haviam contemplado e aderido, no entanto não receberam o objeto da promessa, a fim de que antes de nós não alcançassem a consumação. “Com efeito, quando Deus fez a promessa a Abraão, não havendo um maior por quem jurasse, jurou por si mesmo, dizendo: ‘Eu te cumularei de bênçãos, e te multiplicarei em grande número’. Abraão foi perseverante e viu a promessa se realizar. Como é que no final o

Apóstolo declara: “*Não obteve a realização da promessa*”? (Hb 11,39). No entanto, diz aqui: “*Foi perseverante e viu a promessa se realizar*”. De que forma não recebeu? E como obteve? Não fala de idênticas realidades lá e aqui, mas oferece duplo consolo. Prometeu a Abraão. Concedeu umas após longo tempo; as outras, ainda não. E assim, sendo perseverante, conseguiu o objeto da promessa. Vês que não só a promessa tudo operou, mas também a perseverança. Atemoriza-os, explicando que muitas vezes a promessa fica impedida devido à pusilanimidade. E mostrou-o através do povo. Porque foram pusilânimes, não alcançaram de modo algum o objeto da promessa; em Abraão aconteceu o contrário. Em seguida, no final faz algo mais. Demonstra que mesmo por longa paciência não alcançaram, e nem assim se entristeceram. “*Os homens juram por alguém mais importante, e para impedir qualquer contestação recorrem à garantia do juramento.*” “*Deus, não havendo um maior por quem jurasse, jurou por si mesmo.*” Muito bem! Quem jurou a Abraão? Acaso foi o Filho? Não, diz ele. Por que o afirmas? Ou melhor, foi ele. Mas não contesto. Quando jura, ele diz: “Amém, amém, eu vos digo”. Por acaso assim se exprime porque não tem alguém mais importante por quem jurar? Como o Pai jurou, assim o Filho jurou por si mesmo, dizendo: “Amém, amém, eu vos digo”. Aqui ele lhes relembra que nos juramentos Cristo dizia assiduamente: “Amém, amém, eu te digo, quem crê em mim jamais morrerá” (cf. Jo 11,26). O que significa: “*Para impedir qualquer contestação recorrem à garantia do juramento*”? Isto é, desta forma resolve-se qualquer controvérsia. Não esta ou aquela, mas todas. Ora, devia-se mesmo sem juramento acreditar em Deus.

17. *Por isso Deus mostrou com insistência aos herdeiros da promessa o caráter irrevogável da sua decisão, e interveio com um juramento.*

Abrange também os fiéis. Por esse motivo relembra também a comum promessa anterior. “*E interveio com um juramento*”.

Demonstra que o Filho se fez intercessor entre Deus e os homens.

18. *a fim de que por dois atos irrevogáveis, nos quais não pode haver mentira por parte de Deus, Quais, e quais? Dizer e prometer. E porque à promessa interpôs um juramento. Uma vez que entre os homens o juramento parece ser mais fidedigno, ele o interpôs.*

Vês que não leva em consideração a sua dignidade, mas o modo de persuadir os homens e suporta que se digam coisas indignas de si, por querer apresentar certa comprovação? Igualmente em Abraão ele manifesta que tudo vem de Deus e não da diuturna paciência dele, pois permitiu-se acrescentar um juramento. Os homens juram por alguém, e Deus também, a saber, por si mesmo. Se eles juram por alguém mais importante, Deus não; no entanto, o fez. O juramento do homem por si próprio não se iguala ao de Deus, pois o homem não tem poder sobre si. Vês que isto se refere mais a nós do que a Abraão.

nos comunicam consolação segura, a nós que tudo deixamos para conseguir a esperança proposta.

Aqui também, pela longa perseverança, conseguiu o objeto da promessa. Agora, diz ele, e não disse: Porque jurou. Explica o que é o juramento, dizendo: Jura por alguém mais importante. Mas porque o gênero humano é incrédulo, condescende ao mesmo nível que nós. Jura por nossa causa, por conseguinte é indigno não acreditar. Assim também foi dito: “*Aprendeu pelo sofrimento*” (Hb 5,8), porque os homens julgam ser mais fidedigno o que se obtém pela experiência. O que significa: “*A esperança proposta*”? Destes feitos conjecturamos acerca do futuro. Se estas coisas aconteceram após tanto tempo, as outras também certamente acontecerão. Por isso o que aconteceu a Abraão garante-nos o futuro.

19. *A esperança, com efeito, é para nós qual âncora da alma, segura e firme, que penetra para além*

do véu,

20. *onde Jesus entrou por nós, como precursor, feito sumo sacerdote para a eternidade, segundo a ordem de Melquisedec.*

Estando ainda no mundo, antes de partirmos desta vida, ele revela que já estamos pela esperança de posse das promessas; pela esperança já estamos nos céus. Esperai, diz ele; virá certamente. Em seguida, oferece plena persuasão, dizendo: Ou melhor, pela esperança já o conseguistes. E não disse: Estamos dentro, e sim: Ela já penetrou, o que é mais veraz e persuasivo. A âncora lançada da nave não a deixa rodear, apesar das sacudidelas inumeráveis do vento, mas a firma; assim também faz a esperança. Observa que ele encontrou uma imagem muito adequada. Não disse: Fundamento, porque haveria discrepância, e sim uma âncora. A nave nas ondas do mar, apesar de não parecer firme, mantém-se acima das águas como sobre a terra, e sacudida permanece estável. Pois Cristo alude certamente aos que são muito firmes, e sábios, nesses termos: “Um homem que construiu a sua casa sobre a rocha” (Mt 7,24). Paulo de modo conveniente o enunciou sobre os que se acham fatigados, e devem ser sustentados pela esperança. Com efeito, as vagas e uma violenta tempestade se abatem sobre o bote; mas a esperança não o deixa ser arrastado em derredor, apesar de sacudido por inúmeros ventos. Se não a possuíssemos, há muito já teríamos submergido. Não somente quanto às realidades espirituais, mas também nas atinentes à vida material, precisa-se muito desta força, por exemplo, no comércio, na agricultura, na milícia. A não ser que logo alguém a propuser a si, nenhuma obra empreenderá. Não aludiu a uma âncora qualquer, mas a uma bem firme e estável, para se mostrar autêntica àqueles que nela se apoiam para a salvação; por isso acrescentou: “*Que penetra para além do véu*”, isto é, que vai até o céu. Logo adiciona a fé, para que não seja somente uma esperança, mas muito real. Pois, após o juramento, coloca outra demonstração pelos fatos: “*Onde Jesus entrou por nós, como precursor*”. O precursor precede a alguém, como João é precursor de Cristo. E não disse apenas: Entrou, mas: “*Onde entrou por nós, como precursor*”, porquanto nós também devemos chegar lá. Não deve haver grande distância entre o precursor e os que o seguem; doutra forma não seria precursor. Importa que o precursor e os que o seguem estejam no mesmo caminho. Ele ingressa e os outros o seguem. “*Feito sumo sacerdote para a eternidade, segundo a ordem de Melquisedec*”.

Eis outro conforto, a saber, que é nosso sumo sacerdote no céu, e muito melhor do que o dos judeus, não apenas pela posição, mas pelo lugar, tabernáculo, testamento e pessoa. Refere-se a ele segundo a carne.

Importa que aqueles, dos quais é sacerdote, sejam muito melhores. Quanto Aarão difere de Cristo, tanto diferirmos dos judeus. Eis que nos céus temos a vítima, nos céus o sacerdote, nos céus o sacrifício. Apresentemos hóstias que possam ser oferecidas naquele altar. Não mais ovelhas e bois, não mais sangue e odores. Tudo isto foi abolido, e em substituição foi introduzido o culto racional. O que é culto racional? O que se oferece pela alma, pelo espírito (“Deus é Espírito e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade” [Jo 4,24]). Ele não precisa de corpo, de instrumentos, de lugares, e sim de benevolência, temperança, esmola, tolerância, paciência e humildade. Verás estes sacrifícios prefigurados muitos séculos antes no Antigo Testamento. Dizia Davi: “Oferecei a Deus sacrifícios justos”; e ainda: “Vou te oferecer um sacrifício de louvor”; e: “Quem oferece um sacrifício de louvor me glorifica”; e: “Sacrifício a Deus é um espírito contrito” (Sl 4,6; 116,17; 50,23; 51,19); e: “Foi-te anunciado o que o Senhor exige de ti: Nada mais do que ouvi-lo?” (cf. Mq 6,8). “Pois não queres um sacrifício e um holocausto não te agrada” (Sl 51,18). “E então eu disse: Eis que eu venho, ó Deus, realizar a tua vontade” (cf. Sl 40,8-9); e ainda: “Que me importa o incenso que vem de Sabá? (Jr 6,20); e: “Afasta de mim o ruído de teus cantos, eu não posso ouvir o som de tuas harpas!” (Am 5,23);

mas em vez disto: “É misericórdia que eu quero e não sacrifício” (Os 6,6).

Vês quais os sacrifícios que aplacam a Deus? Vês que uns há muitos séculos foram abolidos, outros introduzidos em seu lugar? Ofertemos destes, portanto. Pois, aqueles são próprios das riquezas e daqueles que as possuem, mas estes são peculiares à virtude. Aqueles são exteriores, estes interiores; aqueles qualquer um pode oferecer, estes, contudo, poucos. Quanto o homem é melhor e mais importante do que a ovelha tanto este sacrifício do que aquele. Neste apresentas por vítima a tua alma. Existem outras vítimas, verdadeiros holocaustos, a saber, os corpos dos santos mártires, em que alma e corpo são santos e exalam odor suave. Podes tu também, se te apraz, oferecer tal sacrifício. Como, se teu corpo não é queimado? É possível por outro fogo, como o da pobreza voluntária, da tribulação. É possível levar vida delicada, lauta e esplêndida, mas escolher vida laboriosa e dura e mortificar o corpo não é holocausto? Mortifica e crucifica teu corpo, e igualmente obterás a coroa desse martírio. Na outra espécie a espada opera, nesta é a prontidão da alma. Não queime, nem te prenda à ambição do dinheiro, mas seja queimada e extinta esta torpe ambição pelo fogo do espírito, seja cortada pelo gládio do Espírito. Eis o belo sacrifício, que não necessita de sacerdote, mas o oferente o constitui. Belo sacrifício que se realiza cá embaixo e logo sobe às alturas. Não nos admiramos de que outrora descesse um fogo que tudo consumia? É possível que agora também desça um fogo muito mais admirável a consumir tudo o que se lhe oferece. Ou melhor, verdadeiramente não consome, mas eleva tudo ao céu. Não reduz a cinzas, mas oferece os dons a Deus.

Tais eram as ofertas de Cornélio. “As tuas orações e as tuas esmolas subiram até diante de Deus, e ele se lembrou de ti” (At 10,4). Vês a ótima associação? Somos ouvidos quando também escutamos os pobres que se aproximam de nós. “Quem se faz de surdo às súplicas do pobre” não terá suas preces ouvidas por Deus” (cf. Pr 21,13). “Feliz de quem pensa no fraco e no indigente, no dia da infelicidade o Senhor o salva” (Sl 41,2). Não existe dia da infelicidade, a não ser o dos pecadores. O que significa: “Quem pensa”? Quem revolve na mente o que significa ser pobre, quem entende sua aflição, pois quem entende, logo terá compaixão. Se encontras um pobre, não passes adiante, mas logo pensa quem serias se estivesses no lugar dele. O que não desejarias que todos fizessem? Que pensem, respondes. Pondera que é tão livre quanto tu, e da mesma dignidade, e tudo possui em comum contigo. E muitas vezes não o igualas a teus cães. Esses se saciam de pão, o pobre muitas vezes vai dormir faminto. E o homem livre muitas vezes se torna mais vil do que teus escravos. Ora, estes nos prestam serviço, replicas. Qual? Dize-me. Servem-te bem? O que dirás se te mostrar que o pobre te presta serviço maior? Estará a teu lado no dia do juízo e livrar-te-á do fogo. Que serviço igual te prestam todos os teus escravos? Quando Tabita morreu (At 10), quem a ressuscitou? Os escravos que a cercavam, ou os mendigos? Tu, porém, nem ao escravo queres igualar um homem livre. Faz muito frio e o pobre jaz em farrapos, moribundo enregelado, rangendo os dentes, com aspecto e veste que deviam te comover. Tu, contudo, aquecido e ébrio passas adiante. E como queres que Deus te livre da infelicidade? Frequentemente dizes o seguinte: Eu, se acolhesse um grande pecador, lhe perdoaria, e Deus não perdoa? Não digas tal coisa. Tu desprezas aquele que em nada te ofendeu, e que podes libertar. Se tu o desprezas, como Deus lhe perdoará a ti que pecas contra ele? Isto não merece a geena? E o que há de espantoso? Muitas vezes a um cadáver insensível, que já não percebe a honra, ornas com muitas vestes variegadas e douradas. Todavia desprezas aquele que sente dor, é dilacerado, torturado, atormentado pela fome e o frio. Concedes mais à vanglória do que ao temor de Deus. Oxalá fosse só isto. Mas logo acusas ao pobre que se aproxima: Dizes: por que não trabalha? Por que alimentar um ocioso? Dize-me. Obtiveste tuas posses pelo trabalho e não por herança paterna? Mesmo se trabalhaste, devias injuriar o próximo? Não ouves o que diz Paulo? Após declarar: “Quem não quer trabalhar, também

não há de comer”, diz: “Quanto a vós, não vos canseis de fazer o bem” (2Ts 3,10.13). No entanto, dizes: É um impostor.

O que dizes, ó homem? Por um pão e uma veste tu o chamas de impostor? Ora, dizes, logo há de vendê-la. E tu administras todos os teus bens corretamente? Como? Todos empobreceram devido ao ócio? Ninguém por causa de um naufrágio? Ninguém por causa de um julgamento? Por causa de um furto? De perigos? Ninguém por causa de doenças? Por outras circunstâncias? Mas, se ouvirmos alguém deplorando estas coisas, gritando muito, despido olhando para o céu, com cabelos compridos, esfarrapado, logo o chamamos de impostor, fingido. Não te envergonhas? A quem denominas impostor? Não deste coisa alguma. Não o acuses. Mas ele tem recursos, respondes, e finge. Esta acusação é contra ti, não contra ele. Sabe que lida com homens cruéis, mais feras do que homens, e que mesmo se proferir queixa de um infeliz, a ninguém convence. Por isso precisa revestir roupa mais miserável a fim de te abalar. Se vírmos um pobre se aproximar, revestido como homens livres, dizes: É um impostor, e apresenta-se aparentando ocupar posição honesta. Mas, com aspecto diferente, também o ofendemos. O que fazem, enfim? Ó crueldade! Ó fereza! Por que desnudam os membros mutilados? Por tua causa. Se fôssemos misericordiosos, não precisariam desses artifícios. Se persuadissem logo no início, não teriam planejado tanto. Quem é tão infeliz que queira vociferar, portar-se sem decoro, chorar em público e com a mulher despida e os filhos cobertos de cinzas? É pior do que qualquer espécie de miséria. Mas por isso não apenas não nos compadecemos, mas ainda os condenamos. E ainda nos indignamos porque Deus não atende nossas súplicas? E ainda nos irritamos porque não são persuasivas as nossas preces? Não estremecemos, caríssimos? No entanto, diz-se, eu dei muitas vezes. Mas tu não comes sempre? Acaso recusas às crianças que pedem com frequência? Ó vergonha! Chamas os pobres de descarados? Tu, ao roubares, não és sem-vergonha, e ele, ao pedir um pão, não tem pudor? Não refletas como são grandes as exigências do estômago? Não fazes tudo por causa dele? Não descuidas por isso do lado espiritual? Acaso não te é proposto o céu e o reino dos céus? Tu, contudo, receando a tirania dele tudo suportas e não o menosprezas? Impudência! Não vês velhos mutilados? Mas, ó inépcia! Um empresta tantas moedas de ouro; um outro, porém, tantas e mendiga. Narrais fábulas de crianças, bagatelas. De fato, elas ouvem sempre tais fábulas da parte da ama. Não estou convicto, não creio, de modo algum. Alguém empresta e apesar de fartas riquezas, mendiga? Dize-me. Por quê? O que é mais torpe do que mendigar? É preferível morrer do que mendigar. Até quando seremos cruéis? Como? Todos emprestam, e todos são impostores? Ninguém é realmente pobre? Sim, respondes, há muitos. Por que não lhes prestas auxílio, inquiridor exato da vida deles? Pretexto e desculpa! Dá a quem pede; e não apartes quem quiser te pedir empréstimo. Estende a mão. Não a retires. Não somos inquiridores do modo de vida; do contrário, de ninguém haveremos de nos compadecer. Por que, suplicas a Deus: Não te lembres de meus pecados? Por isso, seja ele grande pecador, estima-o, e não te lembres de seus pecados. O tempo atual é de clemência, não de exame apurado; de misericórdia, não de contas. Quer ser nutrido. Se queres, dá; do contrário, despede sem discutir por que é miserável, infeliz. Por que não te compadeces, e impedes os que querem compadecer-se? Com efeito, quando alguém ouvir que um pobre é fraudulento, aquele outro hipócrita, este faz empréstimo, não dá nem a este nem àqueles. Suspeita que todos são tais. Sabeis que facilmente suspeitamos haver o mal; o bem, não, de forma alguma. Sejamos misericordiosos, não de qualquer modo, mas à semelhança de nosso Pai celeste. Ele nutre adúlteros, fornicadores, mágicos. E o que dizer? Os sujeitos a toda espécie de vício. Pois é forçoso que neste grande mundo haja muitos. Todavia, ele nutre a todos, reveste a todos. Ninguém pereceu de fome, a não ser por própria vontade.

Sejamos misericordiosos. Auxilia o indigente, em necessidade. Chegamos a ser tão dezarrazoados

que agimos deste modo não só relativamente aos pobres que andam nas ruas estreitas, mas também aos monges. Ele, dizes, é impostor. Não dizia que, se dermos a todos sem discriminação, sempre teremos misericórdia; mas se começarmos a ser curiosos, jamais seremos compassivos. O que dizes? Se recebe um pão é impostor? Se pede um talento de ouro ou prata, ou vestes preciosas e magníficas, ou seja o que for, com razão o denominarias fraudulento. Se, porém, nada disso, mas alimento e veste, o que é sábio, pergunto, por isso é fraudulento? Cessemos desta curiosidade importuna, satânica e perniciosa. Pois, se disser que é do número do clero, ou se é denominado sacerdote, pergunta com diligência, e seja curioso. Não é sem perigo uma comunicação sem exame. O perigo está nas coisas grandiosas. Se pede alimento, nada examines; pois não dás, mas recebes. Pergunta, se queres, e perscruta como Abraão se mostrou hospitaleiro para com todos os recém-vindos. Se tivesse perguntado curiosamente àqueles que recorriam a ele, não teria hospedado anjos; talvez não pensasse que eram anjos, e os expulsasse com os demais. Mas como recebia a todos, acolheu também anjos. Deus não te recompensa pela vida daqueles que recebem? Por liberalidade, muita liberalidade e munificência, benignidade e bondade. Exista tudo isto, e conseguirás todos os bens. Possamos nós alcançá-lo, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA SEGUNDA HOMILIA

7,1. Este Melquisedec é, de fato, rei de Salém, sacerdote do Deus Altíssimo. Ele saiu ao encontro de Abraão quando esse regressava do combate contra os reis, e o abençoou.

2. Foi a ele que Abraão entregou o dízimo de tudo. E o seu nome significa, em primeiro lugar, “Rei de Justiça”; e, depois, “Rei de Salém”, o que quer dizer, “Rei da Paz”.

3. Sem pai, sem mãe, sem genealogia, nem princípio de dias nem fim de vida! É assim que se assemelha ao Filho de Deus, e permanece sacerdote eternamente.

Ao querer Paulo mostrar a diferença entre o Antigo e o Novo Testamento, dissemina-a por muitas passagens, faz um prelúdio, atua sobre os ouvidos dos ouvintes e os exercita. De fato, desde o início lança um fundamento: Falou pelos profetas, a nós, porém, por meio do Filho. A eles de muitas vezes e de muitos modos, a nós por intermédio do Filho. Depois, tendo dissertado quem era o Filho, o que fez, e ter persuadido, a fim de não nos suceder o que aconteceu aos judeus, a obedecer-lhe e ter dito que ele era sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedec e muitas vezes quisesse introduzir esta diferença, e ter dispensado antes muitas coisas, tê-los censurado de fraqueza, e após ter curado e reconfortado a fim de terem confiança, só então apresenta a razão da diferença a ouvidos apurados. Um pusilânime não ouviria facilmente. E para entenderes, escuta a palavra da Escritura: “Mas eles não ouviram a Moisés por causa da pusilanimidade” (Ex 6,9). Por isso, tendo primeiro eliminado sua ânsia por muitas palavras terríveis ou plácidas e benignas, desce à razão da diferença. Qual? “*Este Melquisedec é, de fato, rei de Salém, sacerdote do Deus Altíssimo.*” E é espantoso que também no próprio tipo mostre que a diferença é imensa. Pois, conforme disse, sempre revela que a verdade é fidedigna através do tipo, garante as realidades presentes pelas passadas, atendendo à fraqueza dos ouvintes. “*Este Melquisedec é, de fato, rei de Salém, sacerdote do Deus Altíssimo. Ele saiu ao encontro de Abraão quando esse regressava do combate contra os reis, e o abençoou. Foi a ele que Abraão entregou o dízimo de tudo.*” Após breve narração, contemplou-a misticamente. Em primeiro lugar pelo nome: “*E o seu nome significa, em primeiro lugar, ‘Rei de Justiça’.*” Com razão. “Sedech” significa: justiça. “Melchi” quer dizer: Rei. Portanto, Melquisedec quer dizer: Rei de justiça.

Notas a apurada diligência acerca dos nomes? Quem é Rei de justiça senão nosso Senhor Jesus Cristo? Em segundo lugar, Rei de Salém, a cidade, isto é, Rei de paz, significado de “Salém”. Novamente a respeito de Cristo. Ele nos justificou, e pacificou os seres dos céus e os da terra. Quem é rei de justiça e de paz? Ninguém, a não ser nosso Senhor Jesus Cristo. Em seguida acrescenta outra diferença: *“Sem pai, sem mãe, sem genealogia, nem princípio de dias nem fim de vida! É assim que se assemelha ao Filho de Deus, e permanece sacerdote eternamente”*. Por que a objeção: *“Tu és sacerdote eternamente segundo a ordem de Melquisedec”*, pois ele morreu, não foi sacerdote eternamente? Vê que ele contemplou. Atalha a réplica: Quem o diria de um homem? Não diria na realidade, isto é, de Melquisedec não sabemos quem foi o pai, ou a mãe, quando nasceu e morreu. E então, retrucas: Quem é ele? Uma vez que não sabemos, não morreu, nem teve pais? Dizes bem que morreu e teve pais. Como, então, era *“sem pai, sem mãe”*? Como: *“Nem princípio de dias nem fim de vida”*? De que modo? A Escritura não o registra. E então, o que significa? Sem pai, porque não se descreve a genealogia; Cristo, porém, assim é por natureza.

Eis Melquisedec que não tem princípio nem fim. Não conhecemos dele princípio de dias, nem fim da vida, porque não foi escrito. De Jesus não conhecemos, não porque não tenha sido escrito, mas porque não tem. Aquele é figura, e por isso não está escrito; quanto a este é realidade, porque não é tal. Igualmente sucede relativamente aos nomes. Aquele era apelidado Rei de justiça e de paz, Cristo o era realmente. Por conseguinte para ele eram cognomes, em Cristo era a verdade. De que modo, no entanto, tem princípio? Vês que o Filho não é sem princípio, como se não tivesse causa. Seria impossível, pois tem Pai. Como seria filho? Mas por não ter princípio de vida, nem fim. *“É assim que se assemelha ao Filho de Deus.”* Em que há semelhança? Porque acerca de um e de outro ignoramos o fim. De um, porque não foi escrito, de outro, porque não teve. Eis a semelhança! Se a semelhança fosse total, não seriam tipo e verdade, mas ambos seriam tipos. Como se verifica nas imagens umas coisas são semelhantes, outras dessemelhantes. De fato, nas linhas e nos caracteres há certa semelhança; depois de coloridos, nota-se claramente a diferença. Umas coisas semelhantes, outras não.

4. *Vede, pois, a grandeza deste homem, a quem Abraão, o patriarca, entregou o dízimo da melhor parte dos despojos.*

Já adaptou a figura. De resto, confiante, mostra que é mais ilustre do que a realidade entre os judeus. Se aquele que é o tipo de Cristo, não dos sacerdotes, é de tal modo melhor até ao príncipe no gênero sacerdotal, o que se diria acerca da realidade? Vês manifesta a proeminência? *“Vede, pois, a grandeza deste homem, a quem Abraão, o patriarca, entregou o dízimo da melhor parte dos despojos.”* Foi dito sobre os despojos que eram a melhor parte. Nem se pode dizer que os deu porque eles eram aliados na guerra. Por isso diz: Foi ao seu encontro ao regressar depois da morte dos reis. Estava em casa, e lhe deu as primícias do que ele adquirira com seu labor.

5. *Ora, os filhos de Levi, chamados ao sacerdócio, devem, segundo a Lei, estabelecer o dízimo para o povo, isto é, para os seus irmãos, conquanto são descendentes de Abraão.*

Tão grande é a proeminência dos sacerdotes que se igualam em honra aos maiores e têm o mesmo progenitor, e são muito melhores do que os demais. Por isso deles recebem os dízimos. Quando, pois, se encontra alguém que recebe deles os dízimos, não ocupam o lugar de leigos, e aquele entre os sacerdotes? Não somente isso, mas não era igual em honra a eles, mas de outro gênero. Por isso não daria os dízimos a um estranho, a não ser por muita honra. Ah! O que fez? Sendo incrível por excessiva grandeza, o Apóstolo declarou-o na Carta aos Romanos, onde afirma que Abraão é o patriarca que instituiu um estilo de vida para nós e os judeus. Aqui contra ele ousa bastante, e mostra

que um incircunciso prevalece. De que forma o mostra? Que Levi pagou os dízimos? Abraão pagou. E em que nos importa? MUITÍSSIMO. Não contesteis que os levitas são superiores a Abraão.

6. *Aquele, porém, embora não figure em suas genealogias, submeteu Abraão ao dízimo, Em seguida, não passou superficialmente, mas acrescentou: e abençoou o portador das promessas!*

Visto que Abraão era em tudo ilustre entre os judeus, mostra que ele era mais respeitável, segundo a opinião geral.

7. *Ora, é fora de dúvida que o inferior é abençoado pelo superior.*

Isto é, o inferior é abençoado pelo superior. O tipo de Cristo, portanto, é melhor até do que o portador das promessas.

8. *Além do mais, os que aqui recebem o dízimo são mortais, ao passo que ali se trata de alguém do qual se diz que possui a vida.*

Mas, a fim de que não dissessem: Por que remontas ao passado? O que importa a nossos sacerdotes ter Abraão pago o dízimo? Declara o que nos importa. Ele acrescenta:

9. *E por assim dizer,*

Mas os corrige bem, não afirmando abertamente, para não melindrá-los.

na pessoa de Abraão submeteu ao dízimo até mesmo Levi, que recebe o dízimo.

De que maneira?

10. *Pois ele ainda estava nos rins do seu antepassado, quando se deu o encontro com Melquisedec.*

Isto é, Levi nele se achava, apesar de não haver ainda nascido; por meio dele pagou o dízimo. Vê, não disse: Levitas, mas: “Levi”, o superior. De bom grado o introduz por hipérbole. Viste a grande diferença entre Abraão e Melquisedec, que é o tipo de nosso pontífice? E mostra que a proeminência foi pelo poder, não necessária.

(Abraão) pagou os dízimos que cabem aos sacerdotes. Ele abençoou, o que compete ao superior. Esta proeminência passou também aos descendentes. De modo admirável e forte (Paulo) afastou as observâncias judaicas. Por isso dizia: “Vós vos tornastes lentos” (Hb 5,11). Queria lançar estes fundamentos a fim de que eles não escapassem. Sabedoria de Paulo! Primeiro premune, em seguida ataca o que quer. O gênero humano dificilmente se convence, e precisa de maiores cuidados do que as plantas. Estas são naturalmente materiais e terrenas e dependem das mãos dos agricultores; quanto aos homens, trata-se da liberdade de escolha, com vicissitudes, ora preferindo isto, ora aquilo. São propensos ao vício.

Por isso, precisamos sempre de precaução, a fim de não cochilarmos. “Sim, não dorme, nem cochila o guarda de Israel”; e: “Não te deixará tropeçar” (Sl 121,4.3). Não diz: Não tropeces, mas: Não dês. Dar está em nosso poder, não no de outrem. Se quisermos permanecer firmes, estáveis e imóveis, não nos abalaremos. Ele o sugeriu com estas palavras. Como? Nada está no poder de Deus? Tudo está no poder de Deus, mas não de forma que lese nosso livre-arbítrio. Se, portanto, está no poder de Deus, por que nos atribui a culpa? Por isso foi dito: De sorte que não fique lesado nosso livre-arbítrio. Está, por conseguinte, em nosso poder e no dele. Devemos, pois, primeiro escolher o bem e quando tivermos escolhido introduz o que é seu.

Não antecipa nossas vontades, a fim de não lesar o livre-arbítrio. Quando tivermos escolhido, dá-nos grande auxílio. Se está em nosso poder, por que então afirma Paulo: “Não depende, portanto,

daquele que quer, nem daquele que corre, mas de Deus que faz misericórdia” (Rm 9,16)? Em primeiro lugar não introduz a sentença como sua, mas recolhe do que era proposto, e precedera. Pois, tendo dito que está escrito: “Farei misericórdia a quem eu fizer misericórdia e terei piedade de quem eu tiver piedade” (Rm 9,15), aditou: “Não depende, portanto, daquele que quer, nem daquele que corre, mas de Deus que faz misericórdia” (Rm 9,16). Replicar-me-ás. Por que ainda reclama? Em segundo lugar, é lícito declarar que o todo é daquele de quem é a maior parte. Compete-nos escolher e querer, e a Deus efetuar e levar a termo. O todo é daquele que tem a maior parte, conforme o habitual modo humano de falar. Também nós assim procedemos. Por exemplo, vemos uma casa bem edificada e dizemos: O todo é do arquiteto, embora não seja todo dele, mas também dos operários, e do dono que fornece a matéria e de muitos outros. Todavia como foi ele quem mais contribuiu, dizemos que o todo é dele. Assim também em nosso caso. E ainda acerca de uma multidão constituída de muitas pessoas, dizemos que são todos; onde são poucas, ninguém. Assim também aqui se exprime Paulo: “Não depende, portanto, daquele que quer, nem daquele que corre, mas de Deus que faz misericórdia”. Em nosso caso, duas coisas são importantes: Uma, em verdade, que não nos orgulhemos das boas obras; em segundo lugar, que atribuamos a Deus a causa. Embora corras, empregues esforços, diz ele, não atribuas a ti o que foi corretamente feito; pois sem o auxílio do alto, tudo em vão. Aliás, é evidente que com o auxílio de Deus conseguirás aquilo a que te aplicas; mas se também correres, se quiseses. Ele não afirma que corremos em vão, mas que corremos inutilmente se julgarmos que tudo é nosso, se não atribuirmos a maior parte a Deus. Deus não quis que tudo fosse seu, a fim de não parecer nos coroar grátis; nem nosso, a fim de não cairmos na arrogância. Pois, se por causa da menor parte nos orgulhamos, o que faríamos se tudo estivesse em nosso poder? Deus fez muito a fim de amputar nossa arrogância. Além disso, sua mão está estendida, conforme está escrito. De quantas paixões nos cercou, a fim de cortar o orgulho? De quantas feras nos rodeou? Quando dizem alguns: Por que isto? Para que fim? Falam de forma que desagrada a Deus. Estabeleceu-te com tantos receios, e nem assim te humilhas, mas se te advém pequeno sucesso, exaltas-te até o céu.

Por isso acontecem rapidamente mudanças e quedas. Nem assim aprendemos. Frequentes mortes imaturas e julgamo-nos imortais, como se jamais devêssemos morrer. Roubamos, ambicionamos o alheio, como se jamais devêssemos prestar contas. Edificamos como se para sempre devêssemos ficar aqui. Nem a palavra de Deus que ressoa cotidianamente em nossos ouvidos, nem a realidade nos instruem. Não há dia, nem hora, em que não se vejam assíduos enterros. Tudo em vão! Coisa alguma toca nossa dureza. Nem diante da infelicidade alheia é possível a melhoria. Ou antes, não queremos. Se choramos sozinhos, contraímos-nos. Retire Deus a sua mão, reerguemos as nossas. Ninguém aprecia as coisas do alto, ninguém despreza as terrenas, ninguém contempla o céu. À semelhança dos porcos que olham para o chão, inclinados para o ventre, e revolvem-se na lama, muitos homens não percebem que se sujam em horrível lodo. É melhor poluir-se em imundo lodo do que em pecados. Pois quem se suja no lodo, lava-se rapidamente, e torna-se semelhante os que nem começaram a escorregar naquela voragem. Os que, porém, caíram no bátrito do pecado, contraem uma mancha que a água não purifica, mas exige longo tempo, apurada penitência, lágrimas e pranto, maior e mais ardente lamentação do que por ocasião da morte de seres muito queridos. Com efeito, estas manchas nos vêm de fora e logo as tiramos; as outras provêm de dentro e dificilmente as retiramos por meio de abluções. “Com efeito, é do coração que procedem más intenções, fornicções, adultérios, roubos, falsos testemunhos: (Mt 15,19). Por isso dizia o profeta: “Ó Deus, cria em mim um coração puro” (Sl 51, 12); outro, contudo: “Purifica teu coração da maldade, Jerusalém” (Jr 4,14). Vês que agir bem depende de nós e de Deus? E ainda: “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus” (Mt 5,8).

Purifiquemo-nos à medida de nossas forças; apaguemos nossos pecados. O profeta ensina de que modo apagá-los, nesses termos: “Lavai-vos, purificai-vos! Tirai da minha vista as vossas más ações!” (Is 1,16). Que sentido tem a locução: “Minha vista”? Alguns parecem não ter vícios, diante dos homens; perante Deus são sepulcros caiados. Por isso diz: Afastai-vos deles, conforme eu vejo. “Aprendeí a fazer o bem! Buscai o direito! Fazei justiça ao humilde e ao pobre! Então, sim, poderemos discutir, diz o Senhor. Mesmo que os vossos pecados sejam como escarlate, tornar-se-ão alvos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, tornar-se-ão como a lã” (Is 1,17-18). Vês que importa que primeiro nos purifiquemos e então Deus purifica? Pois tendo dito: “Lavai-vos, purificai-vos!”, acrescentou: Eu os tornarei alvos. Ninguém, apesar de ter chegado às profundezas do vício, perca a esperança. Mesmo se adquirires o hábito e quase a natureza do vício, não temas. Não são os de cores fracas e apagadas, mas os que estão perto da própria essência, que chegarão ao estado contrário. Não somente disse lavar, mas tornar-se alvos como a neve e como a lã para nos fornecer boas esperanças. Por conseguinte, a grande força da penitência nos torna alvos como a neve e a lã, mesmo se o pecado invadir e tingir nossas almas. Apliquemo-nos, portanto, a nos purificarmos. Não são ordens pesadas: “Fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva!” (Is 1,17). Vês como sempre têm junto de Deus grande força a misericórdia e a defesa dos oprimidos? Empreendamos estas boas obras, e conseguiremos os bens futuros pela graça de Deus. Oxalá os alcancemos todos nós em Cristo Jesus nosso Senhor.

DÉCIMA TERCEIRA HOMILIA

11. *Se, portanto, a perfeição tivesse sido atingida pelo sacerdócio levítico – pois é nele que se apoia a Lei dada ao povo –, que necessidade haveria de outro sacerdócio, segundo a ordem de Melquisedec, e não “segundo a ordem de Aarão”?*

12. *Mudado o sacerdócio, necessariamente se muda também a Lei.*

13. *Ora, aquele a quem o texto citado se refere pertence a uma tribo da qual membro algum se ocupou com o serviço do altar.*

14. *É bem conhecido, de fato, que nosso Senhor surgiu de Judá, tribo a respeito da qual Moisés nada diz quando trata dos sacerdotes.*

“Se, portanto, a perfeição tivesse sido atingida pelo sacerdócio levítico”, diz o Apóstolo. Tendo se referido a Melquisedec, mostrado quanto era superior a Abraão, e pronunciado que a diferença era grande, começa a revelar o que distancia o próprio Testamento, e como um era imperfeito, e o outro perfeito. E ainda não aborda o assunto, mas por enquanto desenvolve o tema do sacerdócio e da aliança. Estas coisas eram mais críveis aos incrédulos, pela demonstração das anteriormente recebidas e acreditadas. Mostra que Melquisedec, que pertencia à ordem dos sacerdotes, era muito mais importante do que Levi e Abraão. Emprega outro argumento. Qual? Do sacerdócio atual e do judaico. Observa sua imensa prudência! Ele o utiliza por ser provável que fosse excluído do sacerdócio, porque não era segundo a ordem de Aarão? Rejeita-o. Assim procede como se duvidasse de algo. Por não ser dito segundo a ordem de Aarão, resolve deste modo a dúvida: E eu, diz ele, hesito por que não era segundo a ordem de Aarão. Alude a isto, nesses termos: “Se, portanto, a perfeição tivesse sido atingida pelo sacerdócio levítico”. A expressão: “Que necessidade haveria” contém grande ênfase. De fato, se primeiro Cristo fosse, no atinente à carne, segundo a ordem de Melquisedec, e em seguida sob a Lei, segundo a ordem de Aarão, provavelmente diria alguém que, sendo esta mais perfeita e posterior, dissolvesse a primeira. Se Cristo é posterior, e assumiu outro tipo de sacerdócio, é evidente

que aquela era mais imperfeita. Imaginemos, pois, diz ele, que tudo se tivesse realizado, e nada fosse imperfeito no sacerdócio, por que era preciso dizer: “*Segundo a ordem de Melquisedec*”, e não segundo a ordem de Aarão? Por que rejeitando Aarão introduziu-se outro sacerdócio, a saber, o de Melquisedec? “*Se, portanto, a perfeição tivesse sido atingida pelo sacerdócio levítico*”, isto é, se a perfeição das coisas, da doutrina e da vida se achava no sacerdócio levítico. Vê, porém, por qual caminho avança. Disse que era segundo a ordem de Melquisedec, assegurando que era melhor, muito melhor. Depois, demonstra-o ainda em relação ao tempo, porque, sendo posterior a Aarão, é mais importante. E o que significam as palavras subsequentes: “*Pois é nele que se apoia a Lei dada ao povo*”? O que significa: “*É nele*”? Apoia-se nele, por ele opera tudo. Não se pode dizer que fora dado aos outros. “*Pois é nele que se apoia a Lei dada ao povo*”, isto é, que este a observou e a observa. Não se pode dizer que era perfeita; não fora proposta ao povo. “*Pois é nele que se apoia a Lei dada ao povo*”, isto é, ele a utilizou. Por que era necessário outro sacerdócio, se aquele era perfeito? Transferido, portanto, o sacerdócio, era forçoso que se fizesse também a transferência da Lei. Se é necessário outro sacerdote, ou antes, outro sacerdócio, também era necessária outra Lei. Isto se dirige àqueles que dizem: Que necessidade havia de um Novo Testamento? Podia se dizer que havia testemunho dos profetas. Esta é “a aliança que Deus fez com os nossos pais” (At 3,25). Em seguida, trata do sacerdócio. E vê como opta acima por falar deste assunto. Disse: “*Segundo a ordem de Melquisedec*”. Desta forma rejeita o sacerdócio de Aarão. Não diria: “*Segundo a ordem de Melquisedec*”, se aquele fosse melhor. Se foi introduzido outro sacerdócio, deve haver também outra aliança, porque não era possível haver sacerdote sem aliança, leis e preceitos. Nem que utilize um outro sacerdócio. Depois, pode-se objetar como fora sacerdote sem ser levita. Não quer abolir as disposições anteriores, que lançara como uma espécie de fundamento, mas o introduz de passagem. Disse, afirma, que o sacerdócio foi trasladado; portanto, também o Testamento. Transferiu-o não somente quanto à forma, aos preceitos, mas também relativamente à tribo; era forçoso também quanto à tribo. De que modo?

Mudado o sacerdócio,

Diz ele. Isto é, mudado de tribo em tribo, do sacerdócio à realeza, de sorte que fosse real e sacerdotal. Observa, porém, o mistério. Primeiro era real; agora se tornou sacerdotal, como também em Cristo. Sempre foi rei, tornou-se sacerdote ao assumir a carne, e oferecer o sacrifício. Notas a mudança? Introduz o que era rejeitado, conforme exigia a sequência dos fatos:

13. *Ora, aquele a quem o texto citado se refere pertence a uma tribo da qual membro algum se ocupou com o serviço do altar.*

14. *É bem conhecido, de fato, que nosso Senhor surgiu de Judá, tribo a respeito da qual Moisés nada diz quando trata dos sacerdotes.*

Afirma o seguinte: Eu também digo e sei que esta tribo nada tinha a ver com o sacerdócio. Nenhum membro dela exerceu o sacerdócio. Manifesta-o claramente o dito: “*Membro algum se ocupou com o serviço do altar*”. Mudança completa! Assim era forçoso que a Lei e o Antigo Testamento fossem mudados, e até a própria tribo. Vês que aponta para outra diferença, a mudança de tribo? Não apenas se manifesta quão grande é a diferença, mas que ora se realiza pela pessoa, ora pelo Testamento, ora pelo próprio tipo.

16. *não segundo a regra de uma prescrição carnal, mas de acordo com o poder de uma vida imperecível.*

Foi feito sacerdote, mas “*Não segundo a regra de uma prescrição carnal*”. Aquela norma não era

legítima em muitos pontos. E com razão a denomina “*Prescrição carnal*”, porque continha muitos elementos carnis. Dizer: Circuncida a carne, unge a carne, lava a carne, purifica a carne, tonsura a carne, liga a carne, nutre a carne, dá lazer à carne, pergunto, não é carnal? Se queres saber quais os bens prometidos, escuta: Longa vida para a carne, leite e mel, sossego carnal, prazer para a carne. Aarão recebeu o sacerdócio segundo esta lei. Melquisedec, não.

15. *Mais claro ainda se torna isto quando se constitui um outro sacerdote, semelhante a Melquisedec*
O que é mais claro? A distância, a diferença entre ambos os sacerdócios e como é mais valioso o que não é “*segundo a regra de uma prescrição carnal*”. Quem? Melquisedec? Não; é Cristo. “*Mas de acordo com o poder de uma vida imperecível*”.

17. *Pois diz o testemunho: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec...* Isto é, não por algum tempo, nem com um fim, “*mas de acordo com o poder de uma vida imperecível*”.

Assim se exprimiu para mostrar que se tornou sacerdote por sua virtude e pela virtude do Pai, com o poder de uma vida imperecível. Aliás, não é conseqüente ao dito: “*Segundo a regra de uma prescrição carnal*”. Seria conseqüente: Mas de acordo com um mandato espiritual. Carnal indica o que é temporal, conforme outra passagem: Num tempo de correção foram impostas leis de justificação da carne segundo a virtude da vida, isto é, vive por própria virtude. Disse que havia mudança da lei, e mostrou de que maneira. Agora procura a causa. É o que mais satisfaz às almas humanas, a saber, conhecer inteiramente a causa. Mais fidedigno é quando conhecemos a causa e o motivo por que se faz.

18. *Assim sendo, está abolida a prescrição anterior, porque era fraca e sem proveito.*

Aqui se levantam os hereges, dizendo: Eis que Paulo dá um péssimo preceito. Mas presta diligente atenção! Não disse que é vicioso nem malvado, mas “*porque era fraca e sem proveito*”. Em outro trecho declara também sua fraqueza, como ao dizer: Enfraquecia-se devido à carne. Não é ela, portanto, que é fraca, mas nós é que o somos.

19. *De fato, a Lei nada levou à perfeição;*

O que significa? “*Nada levou à perfeição*”? A ninguém fez perfeito, porque não era obedecida. Nem se fosse ouvida, teria tornado perfeito e virtuoso. Por enquanto, porém, não afirma isto, mas que não tinha força. E com razão. Ordenava a letra: Pratica isto, não pratica aquilo. Somente propunha, mas não comunicava força. A esperança não é desta espécie. O que é a reprovação? A rejeição, a exclusão. Para mostrar qual é, introduz: “*A prescrição anterior, denominando assim a Lei, porque foi abolida devido a sua fraqueza. Denomina-a anterior porque termina e pela fraqueza do que era antiquado. A reprovação é desuso das normas que vigoravam. Daí se manifesta o que teve validade, mas foi menosprezado porque nada realizou. Então, a Lei para nada foi proveitosa? Foi proveitosa e muito, mas para tornar os homens perfeitos, não.*

Por isso ele diz: “*Nada levou à perfeição*”. Tudo era tipo, sombra, circuncisão, sacrifício, sábado, e não puderam penetrar nas almas. Por isso, cederam e se afastaram.

e está introduzida uma esperança melhor, pela qual nos aproximamos de Deus.

20. *Isto não se realiza sem juramento.*

Vês que o juramento foi necessário? Por isso, acima se entregou a tantas reflexões de que Deus jurou e jurou para maior certeza. “*Está introduzida uma esperança melhor*”. Que sentido tem isto? A Lei também possuía esperança, mas não desta última. Esperava, se fosse do agrado de Deus, que possuiriam a terra, e que nada de grave padeceriam. Nós, entretanto, esperamos, se agradarmos a

Deus, não a posse da terra, mas do céu, ou melhor, o que é muito mais importante, esperamos estar perto de Deus, aproximarmo-nos do trono paterno, servi-lo em companhia dos anjos. Observa que ele o expõe progressivamente. Pois, diz ali: “*Que penetra para além do véu*”; aqui, contudo: “*Pela qual nos aproximamos de Deus. Isto não se realiza sem juramento*”. Qual o sentido da locução: “*Isto não se realiza sem juramento*”? Isto é, não omite o juramento. Eis outra diferença. Como estas coisas não foram prometidas sem uma causa, disse:

No entanto, não houve juramento para o sacerdócio dos outros.

21. *Para ele, porém, houve o juramento daquele que disse a seu respeito: O Senhor jurou e não se arrependerá: Tu és sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedec.*

22. *Neste sentido é que Jesus se tornou a garantia de uma aliança melhor.*

23. *E além do mais, os outros tornaram-se sacerdotes em grande número, porque a morte os impedia de permanecer.*

24. *Ele, porém, visto que permanece para a eternidade, possui um sacerdócio imutável.*

Enuncia duas diferenças: Não tem fim enquanto legal, e é com juramento. Tal se realiza em Cristo, que o exerce “*De acordo com o poder de uma vida imperecível*”. Isso ele o faz pelo juramento que emite e pelos fatos. De fato, o outro era fraco e foi abolido; este, todavia, permanece, por ser poderoso. Enfim, fá-lo enquanto sacerdote. De que maneira? Porque é um só e não seria único se não fosse imortal. Muitos são os sacerdotes, por serem mortais; ele é único, porque imortal. “*Jesus se tornou a garantia de uma aliança melhor*”, porque fora jurado que para sempre seria sacerdote. Não o faria se não vivesse.

25. *Por isso é capaz de salvar totalmente aqueles que, por meio dele, se aproximam de Deus, visto que ele vive para sempre para interceder por eles.*

Vês que isto se diz segundo a carne? Ao manifestar que ele é sacerdote, exprime oportunamente que intercede. Por conseguinte, ao declarar Paulo que ele intercede pro nós, sugere que o realiza enquanto sacerdote. De fato, aquele que ressuscita mortos segundo quer, e vivifica como o Pai, de que modo intercede quando deve salvar? Aquele que exerce o juízo, como intercede? Que envia os anjos, para lançar uns na fornalha, e salvar a outros, de que forma intercede? “*Por isso é capaz de salvar totalmente*”, diz ele, porque não morre. Uma vez que vive para sempre, não tem sucessor, e se não tem sucessor, pode também assistir a todos. Um pontífice, mesmo admirável, perdurava durante o tempo em que vivia, por exemplo, Samuel e outros quaisquer; decorrido este, não, porque haviam morrido. Este, ao invés, não é assim, mas salva totalmente. O que quer dizer: “*Totalmente*”? Alude a grande mistério. Não apenas aqui, mas também no além salva “*aqueles que, por meio dele, se aproximam de Deus*”. Como salva? “*Aqueles que se aproximam de Deus, visto que ele vive para sempre*”. Vês os ditos humildes por causa da natureza humana? Não se refere aos que se aproximam uma vez, mas sempre e por isso devem aproximar-se por meio dele. Evidencia-se pelo termo: “*Totalmente*”. O que significa: “*Totalmente*”? Não apenas no presente, mas no além, na vida futura. Sempre, portanto, devia suplicar? Seria consentâneo? Muitas vezes os homens justos obtêm tudo com uma só petição; ele sempre deve suplicar? Por que, então, está sentado à direita de Deus? Verificas ser condescendência sua falar humildemente? O sentido é o seguinte: Não temas, nem digas: Sim, ele nos ama, e tem crédito junto do Pai, mas não pode viver sempre. Entretanto, ele vive.

26. *Tal é precisamente o sumo sacerdote que nos convinha: santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores,*

Vês que tudo se refere à natureza humana? Ao falar de natureza humana, refiro-me à que tem a divindade; não dividindo, mas permitindo que entendas de forma conveniente. Vês a diferença do pontífice? Ele resume o supramencionado, ao dizer: *“Foi provado em tudo como nós, com exceção do pecado”* (Hb 4,15).

“Tal é precisamente o sumo sacerdote que nos convinha: santo, inocente.” “Inocente” significa: Não é malvado, nem fraudulento. Ouve o profeta afirmá-lo: “Mentira nenhuma foi achada em sua boca” (Is 53,9). Quem diria isto a respeito de Deus? E não se envergonharia de dizer que Deus não é doloso nem fraudulento? De Cristo segundo a carne, é consentâneo dizer: *“Santo, imaculado”*. Nem isto dirias a respeito de Deus, cuja natureza não se mancha. *“Separado dos pecadores”*. Ele revela só esta diferença, ou também o próprio sacrifício? Também o sacrifício. De que modo?

27. *Ele não precisa, como os sumos sacerdotes, oferecer sacrifício a cada dia, primeiramente por seus pecados, e depois pelos do povo. Ele já o fez uma vez por todas, oferecendo-se a si mesmo.*

Realizou-o qual proêmio da excelência do sacrifício espiritual. Enuncia a diferença entre os sacerdotes, e entre os Testamentos; não totalmente, mas o disse. Apresenta o prelúdio do próprio sacrifício. Por conseguinte, ao ouvires que ele é sacerdote, não julgues que sempre exerce o sacerdócio; uma vez exerceu o ofício sacerdotal, e em seguida assentou-se. Ele mostra que se trata do plano divino para não pensares que está de pé nos céus e é ministro do culto. Como se fez servo, fez-se também sacerdote e ministro; mas como tendo se tornado servo, não continuou a ser servo, assim também fez-se ministro e não continuou ministro. Não é próprio do ministro sentar-se, mas estar de pé. Sugere-se aqui a grandeza do sacrifício que bastou ser único e, uma vez oferecido, tanto pôde quanto nenhum outro. Mas ainda não disserta deste assunto. Diz apenas: *“Ele já o fez uma vez por todas”*. O que fez? *“É necessário ter ele mesmo algo a oferecer”* (Hb 8,3). Não por si mesmo. Como ofereceria por si, se é impecável? Mas pelo povo. O que dizes? Não precisa oferecer por si próprio, e pode tanto? Sim, responde. Se pensas que a palavra: *“Ele já o fez uma vez por todas”* aplica-se a ele, escuta o acréscimo:

28. *A Lei, com efeito, estabeleceu sumos sacerdotes sujeitos à fraqueza.*

Por este motivo sempre oferecem também por si. Cristo, porém, é poderoso, e sem pecado, por que ofereceria por si? Por conseguinte, ofereceu não em seu favor, mas pelo povo, e uma vez para sempre.

A palavra do juramento, porém, posterior à Lei, estabeleceu um Filho eternamente perfeito.

Qual o sentido do termo: *“Perfeito”*? Paulo não apresenta as suas próprias distinções, pois tendo dito: *“Sujeitos a fraqueza”*, não asseverou que o Filho é poderoso, mas disse que é *“Perfeito”*. Como se alguém dissesse: Vês que recebeu o nome de Filho em oposição ao de servo. Refere-se à fraqueza, ao pecado ou à morte. O que significa: *“Eternamente”*? Não somente agora sem pecado, mas sempre. Se, portanto, é perfeito, e nunca peca, se sempre vive, por que por nós oferece frequentemente o sacrifício? Por enquanto não afirma isto, mas que oferece por si. Uma vez que temos tal pontífice, imitemo-lo, sigamos suas pegadas. O sacrifício não é outro. Um só nos purificou. Sem ele, o fogo e a geena. Por isso revolve tudo dizendo que um só é o sacerdote, um só o sacrifício, para não acontecer que alguém considerando que são muitos, peque com segurança.

Todos nós assinalados, que percebemos o fruto do sacrifício e participamos da mesa imortal, conservemos a nobreza e a honra. A queda não está isenta de perigo. Todos aqueles que não receberam isto, conseqüentemente não confiem. Pois quando alguém peca tencionando receber o santo batismo no fim da vida, muitas vezes não o consegue. Acreditei-me. Não é para vos atemorizar que vou falar. Sei de muitos que na expectativa da iluminação (do batismo) pecaram muito e na hora da morte

partiram desprovidos. Deus concedeu o batismo para remissão dos pecados, não a fim de aumentá-los. Se alguém o emprega para pecar com mais segurança, é devido à negligência. Se não houvesse batismo, viveriam com maior segurança, porque não obtinham remissão. Vês que nós provocamos a palavra: “Não haveríamos nós de fazer o mal para que venha o bem?” (Rm 3,8). Por isso, suplico-vos, a vós que não fostes iniciados nos mistérios, despertai. Ninguém se aproxime da virtude como mercenário, ingrato. Ninguém como se fosse pesada e incômoda. Aproximemo-nos com prontidão e alegria. Se não tivesse sido proposta uma recompensa, não deveríamos ser bons? Todavia, sejamos bons mesmo havendo recompensa. E isto não é vergonhoso e muito indecoroso? Se não me deres uma recompensa, diz-se, não serei temperante. Ousará alguém assim se expressar? Em vista da recompensa jamais devias ser temperante, mesmo se procedes com modéstia. Nenhum valor dás à virtude, se não a amas. Se Deus por causa de nossa grande fraqueza quis de certo modo que agíssemos em vista da recompensa, nem por isso assim devemos nos comportar. Imaginemos, se quiseses, um homem que saia tendo cometido inúmeros crimes, e recebeu o batismo.(Não penso que aconteça com frequência. De que modo, pergunto, sairá? Dize-me. Não foi acusado por causa do que fez, mas não tem confiança, e com razão. Se viver cem anos, e não praticar outro bem a não ser evitar o pecado; ou antes, nem isto, mas for mantido somente pela graça, e vir os outros coroados, ilustres e estimados, mesmo se não cair na geena, suportará a angústia? Dize-me. Explicarei com um exemplo. De dois soldados, um rouba, pratica a injustiça e ambiciona o alheio; o outro nada disto, mas porta-se com fortaleza, pratica ilustres feitos, levanta troféus nas guerras, mancha de sangue a direita. Em seguida, no decorrer do tempo, este de repente da dignidade de que gozava também o outro, é elevado ao trono real, e revestido da púrpura; o ladrão permanece onde estava, apenas pela clemência do rei não é castigado pelos crimes, fica no último lugar, submisso ao rei. Suportará, dize-me, a angústia vendo seu companheiro subir ao fastígio das dignidades, tornar-se tão ilustre, e ter domínio completo, enquanto ele fica embaixo e apenas não sofre suplício e é honrado, por graça e clemência real? Pois, embora o rei o admita, e perdoe-lhe os crimes, vive, contudo, na ignomínia. Não é apreciado. Não admiramos os que recebem os dons, mas aqueles que os concedem. E quanto maiores os dons, tanto mais intensa a vergonha para os que o recebem, porque cometeram grandes pecados. Como poderá olhar os que estão no palácio, com inumeráveis suores e ferimentos, enquanto ele nada pode mostrar, mas foi salvo apenas pela clemência de Deus? Se alguém pedir que seja perdoado um homicida, ladrão e adúltero, que está a ponto de ser levado à pena capital, e suplicar que permaneça nos vestíbulos do palácio, o criminoso, apesar de libertado do castigo, jamais poderá olhar de frente os demais. Assim acontece também em nosso caso.

Não penses, pelo fato de se mencionar o palácio que todos conseguem o mesmo posto. Ali há o prefeito e todos os assistentes do rei, muito inferiores, que ocupam o lugar dos chamados decanos. Moram no palácio, embora haja muita diferença entre eles. Maior haverá no palácio do alto. E não o digo por mim mesmo, porque Paulo menciona maior diferença. Quantas as diferenças entre o sol e a lua, as estrelas e a mínima estrela, tantas são as do palácio. É evidente a todos que é muito maior a diferença entre os decanos e o prefeito do que entre o sol e a mínima estrela. De fato, o sol ilumina e alegra simultaneamente a terra inteira, e esconde a lua e as estrelas. Ele, porém, muitas vezes não aparece, e elas ficam em trevas. São muitas as estrelas que não vemos. Qual será nosso consolo se verificarmos que outros se tornam sóis e nós ocupamos o lugar das mínimas estrelas, que não aparecem? Não sejamos, rogo-vos, tão tardos, preguiçosos, não regateemos preguiçosamente o tesouro da salvação de Deus. Negociemos e multipliquemos. Um catecúmeno que conhece a Cristo, a fé, ouve as palavras divinas, não está longe do conhecimento de Deus, sabe qual a vontade de seu Senhor. Por que, então, difere, hesita e emprega delongas?

Em qualquer lugar, nada melhor do que uma vida correta, tanto para os batizados quanto para os catecúmenos. Que preceito, pergunto, é intolerável? Possui uma esposa, diz-se, e sê temperante. É difícil? Dize-me. Como sem esposa alguns são continentes, não somente cristãos, mas também gentios? O que o gentio supera por vanglória, tu não observas por temor de Deus? “Toma de teus bens para dar esmola” (Tb 4,7). É pesado? Neste ponto nos acusam os gentios que por vanglória renunciavam a todos os seus bens. Não profiras palavras obscenas (cf. Cl 3,8). É difícil? Mesmo se não fosse preceituado, não devíamos proceder assim, para não parecermos sem pudor? Que o oposto é difícil, isto é, proferir palavras obscenas torna-se claro porque ter sido levado a proferi-las causa pudor e rubor e não as diria quem não estivesse ébrio. Por que sentado na praça, não fazes o que fazes em casa? Não é por causa dos presentes? Por que não o fazes na presença de tua mulher? Não é para não a ofenderes? Não fazes para não ofenderes a tua mulher, e não te envergonhas de ofender a Deus, que está em toda parte e tudo ouve? “Não vos embriagueis”, diz-se. Muito bem! Por si mesmo já não é um castigo? Não disse: Atormenta teu corpo; mas, o quê? Não te embriagues, isto é, não te jogues numa vida que tira o domínio da alma. Como? Então não se deve cuidar do corpo? Não estou dizendo isto, de modo algum, e sim, não satsifças os desejos da carne. Paulo preceitua: “Não procureis satisfazer os desejos da carne” (Rm 13,14). Não roubes o alheio, não ambiciones o alheio, não perjures. Quantos labores, quantos suores para isto? “Não denuncieis falsamente” (Lc 3,14), não calunieis. Quanta labuta causam? O oposto ocasiona labor. Pois, quando falas mal, logo te achas em perigo, em suspeita. Não ouça aquele de quem se disse, poderoso ou pequeno. Com efeito, se for poderoso, logo pelo próprio fato haverá perigo; se, ao contrário, for pequeno, retribuirá igualmente, ou antes com mais graves ofensas e atacar-te-á com maiores maldições. Não nos foi ordenada coisa difícil ou pesada, se o quisermos; se não quisermos, mesmo as mais fáceis, nos parecerão pesadas. O que há de mais fácil do que comer? Mas por muita moleza, muitos se aborrecem. Escuto muitos afirmarem que comer cansa. Nada disso será laborioso, se o quiseres; pois com a graça do alto, será assumido de bom grado. Optemos, portanto, pelo bem, a fim de alcançarmos também os bens eternos, pela graça e amor aos homens...

DÉCIMA QUARTA HOMILIA

8,1. *O tema mais importante da nossa exposição é este: Temos um tal sacerdote que se assentou à direita do trono da Majestade nos céus.*

2. *Ele é ministro do santuário e da tenda verdadeira, armada pelo Senhor, e não por um homem.*

Paulo mescla realidades humildes às sublimes, à imitação de seu Mestre, que das realidades humildes abre caminho para as sublimes, e nos conduz a estas, e, ao as atingirmos, entendamos que resultavam de sua condescendência. É o que faz aqui, dizendo que ele se ofereceu, e após destacar o pontífice, acrescenta: “O tema mais importante da nossa exposição é este: Temos um tal sacerdote que se assentou à direita do trono da Majestade nos céus”. Esta função, contudo, não é própria do pontífice, e sim de quem deve exercer o múnus de sacerdote. “Ministro do santuário.” Não simplesmente ministro, mas “Ministro do santuário”. “E da tenda verdadeira, armada pelo Senhor, e não por um homem.” Vês a condescendência? Acaso não distinguiu pouco antes, dizendo: “Porventura, não são todos eles espíritos servidores?” (Hb 1,14). Por isso, não ouvem: “Senta-te à minha direita”. Isto é, quem se senta não é ministro. É segundo a carne. Tabernáculo aqui designa o céu. Por isso, para manifestar quanto difere do judaico, adita: “Armada pelo Senhor, e não por um homem”. Vê quanto estimula com tais palavras os fiéis dentre os judeus. Pois era verossímil que eles imaginassem que não tínhamos tal tabernáculo. Eis, diz ele, o grande sacerdote, muito maior do que

aquele e que ofereceu sacrifício mais admirável. Ora, acaso trata-se de jactância e divertimento? Por isso torna primeiro crível através do juramento, em seguida também em vista do tabernáculo. Era, na verdade, diferença evidente. Ele, contudo, excogita outra: *“Armada pelo Senhor, e não por um homem”*. Onde se acham os que afirmam que o céu se move? Os que opinam que é esférico? Ambas as coisas são aqui eliminadas. *“O tema mais importante da nossa exposição é este.”* Chama-se *“O tema mais importante”* o principal. Novamente o discurso abaixa o tom. Tendo falado acerca do que é sublime, de boa vontade profere o que é mais humilde. Em seguida, a fim de conheceres que o termo: *“Ministro”* se refere à natureza humana, observa como o declara:

3. *Todo sumo sacerdote, com efeito, é constituído para oferecer dádivas e sacrifícios; pelo que é necessário ter ele mesmo algo a oferecer.*

Não penses, ao ouvir que ele está sentado ser bagatela assegurar que é pontífice, porque é próprio da dignidade de Deus estar sentado; é próprio da grande benevolência para com os homens e de grande solicitude para conosco. Por isso insiste, e se detém mais longamente nisso. Receava oposição. Por isso volta ao assunto, visto que alguns questionavam: Por que morreu, se era sacerdote? Não existe sacerdote sem sacrifício, por isto ele também devia ter um sacrifício. Aliás, tendo dito que ele está nos céus, diz e mostra que é sacerdote em toda parte, segundo a ordem de Melquisedec, devido ao juramento e porque oferece sacrifício. Com isto necessariamente tece outro silogismo.

4. *Na verdade, contudo, se estivesse na terra, não seria nem mesmo sacerdote. Pois já existem os que oferecem dádivas, de acordo com a Lei.*

Se, portanto, é sacerdote, o que é sem dúvida, deve procurar outro lugar. Pois se estivesse na terra, não seria sacerdote. De que modo? Não se ofereceu, não desempenhou o ofício sacerdotal? Com toda certeza, pois aqui havia sacerdotes. E mostra que não é possível que seja sacerdote sobre a terra. Como? Na verdade nem haveria ressurreição, diz ele.

Aqui, é preciso elevar a mente, e contemplar a prudência do Apóstolo. Novamente expõe a diferença de sacerdócio.

5. *Estes realizam um culto, que é cópia e sombra das realidades celestes,*

Por que realidades celestes? São as espirituais. Cumprem-se na terra, mas são dignas das celestes. Não seriam todas realidades celestes: nosso Senhor Jesus Cristo apresentar-se morto e imolado, a vinda do Espírito, a presença daquele que está sentado à direita do Pai, o nascimento dos filhos pelo batismo que são concidadãos dos que estão nos céus, ali termos pátria, cidade e cidadania, e sermos aqui peregrinos e hóspedes? E então? Os hinos não são celestes? Os hinos cantados pelos coros divinos das Virtudes incorpóreas, nós aqui embaixo não os cantamos com eles? O altar não é celeste? Como? Nada de material. Todas as ofertas são espirituais. Não com cinzas, fumaça, odores se faz o sacrifício, mas pelas ofertas é festivo e esplêndido. Não seriam celestes os mistérios, quando aos que os administram foi dito: *“Aqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados; aqueles aos quais não perdoardes ser-lhes-ão retidos”* (Jo 20,21)? Não são todas realidades celestes, se eles têm as chaves do reino dos céus?

Estes realizam um culto, que é cópia e sombra das realidades celestes, de acordo com a instituição divina recebida por Moisés, a fim de construir a Tenda. Foi-lhe dito, com efeito: Vê que faças tudo segundo o modelo que te foi mostrado sobre a montanha.

Uma vez que nosso ouvido é de percepção mais lenta do que a vista, pois não enviamos à mente o que escutamos tão rapidamente quanto o que vemos, Deus mostrou-lhe tudo. Mostrou por cópia e sombra ou sugeriu a respeito do templo, pois acrescentou: *“Vê que faças tudo segundo o modelo que*

te foi mostrado sobre a montanha”. Por acaso viu apenas o referente à construção do templo, ou acerca dos sacrifícios etc.? Ou melhor, não errará quem o disser. A Igreja é celeste, e não difere do céu.

6. *Agora, porém, Cristo possui um ministério superior. Pois é ele o mediador de uma aliança bem melhor,*

Vês quanto melhor é este ministério, pois o outro é cópia e figura, este, porém, é a realidade. Mas isto em nada era proveitoso aos ouvintes, nem lhes causava alegria. Por isso profere o que lhes traria a máxima alegria:

cuja constituição se baseia em melhores promessas.

Havendo exaltado lugar, sacerdote e sacrifício, coloca a diferença entre os Testamentos. Do anterior dissera que era fraco e inútil. E vê a precaução que toma, estando a ponto de acusar. Após afirmar: *“De acordo com o poder de uma vida imperecível”* (Hb 7,17), diz : *“Está abolida a prescrição anterior”*. Em seguida, acrescenta: *“Pela qual nos aproximamos de Deus”* (Hb 7,19). Depois de nos elevar ao céu, expor que temos o céu por templo, e que aquelas realidades eram figuras das nossas, e com isso ter exaltado o ministério, por fim elogia com razão o sacerdócio. Mas, conforme disse, acrescenta o que lhes causa a máxima alegria: *“Cuja constituição se baseia em melhores promessas”*. Onde consta? Do fato de ter sido abolido e substituído. Obtém o domínio o sacerdócio melhor, segundo declara: *“Se a perfeição tivesse sido atingida pelo sacerdócio levítico, que necessidade haveria de outro sacerdócio, segundo a ordem de Melquisedec?”* Assim também aqui emprega o mesmo silogismo:

7. *De fato, se a primeira aliança fora sem defeito, não se trataria de substituí-la por uma segunda.*

Isto é, se nada lhe faltasse, se os isentasse de qualquer culpa. Pois escuta o que se segue a respeito deste assunto:

8. *Ele faz, com efeito, uma repreensão:*

Não diz: Repreende-a, e sim: Repreendendo-os.

dias virão, diz o Senhor, nos quais concluirei com a casa de Israel e com a casa de Judá uma nova aliança.

9. *Não é como a aliança que fiz com os pais deles, no dia em que os conduzi pela mão, para fazê-los sair da terra do Egito. Pois eles mesmos não mantiveram a minha aliança; por isso não me interessarei por eles, diz o Senhor.*

Exatamente, diz ele. E donde consta que teve fim? Demonstrara-o pelo sacerdócio; agora manifesta mais claramente com palavras eloquentes que ele foi abolido. De que maneira? *“Baseia-se em melhores promessas”*. Onde se encontra, dize-me, por favor, a igualdade entre céu e terra? Considera o que ele mesmo diz: Nas *“promessas”*, a fim de que tu não o acuses. Com efeito ali assegura: *“Uma esperança melhor, pela qual nos aproximamos de Deus”* (Hb 7,19), evidenciando que há esperança; e aqui: *“Melhores promessas”*, sugerindo que ali também prometera. Visto que eles sempre acusavam, *“Dias virão, diz o Senhor, nos quais concluirei com a casa de Israel e com a casa de Judá uma nova aliança”*. Não o Antigo Testamento. A fim de não poderem dizê-lo, determina o tempo. Não afirma de modo absoluto: *“Não é como a aliança que fiz com os pais deles”*, para que não digas que foi o que travou com Abraão, ou com Noé, mas declara qual foi: *“Não é como a aliança que fiz com os pais deles”*, no êxodo. E por isso acrescentou: *“No dia em que os conduzi pela mão, para fazê-los sair da terra do Egito. Pois eles mesmos não mantiveram a minha aliança; por isso não me interessarei*

por eles, diz o Senhor”.

Vês que começa por nossos males. Eles mesmos foram os primeiros a não manter. Por conseguinte, a negligência é nossa, são dele os bens, diria, os benefícios. Aqui apresenta a defesa, a causa por que os abandona.

10. *Eis a aliança pela qual ficarei unido ao povo de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor: Colocarei minhas leis na sua mente, e as inscreverei no seu coração; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo.*

Refere-se ao Novo Testamento, porque diz: “*Não é como a aliança que fiz*”. Qual a outra diferença? Se alguém disser que não é esta a diferença, mas a da aliança inscrita em seus corações, não explica a diferença dos preceitos, mas o modo de os promulgar. Não será mais, diz ele, um Testamento gravado em letras, mas nos corações. Prove o judeu que foi feito uma vez, mas não conseguirá; novamente foi feito segundo a letra após a volta de Babilônia. Eu, porém, aponto que os apóstolos não receberam escrito algum, mas acolheram os preceitos nos corações por intermédio do Espírito Santo. Por este motivo Cristo também dizia: Quando ele vier, “vos ensinará e vos recordará tudo o que eu vos disse” (Jo 14,26).

11. *Ninguém mais ensinará o seu próximo, e nem o seu irmão, afirmando: “Conhece o Senhor!” Porque todos hão de me conhecer, do menor até o maior.*

12. *Porque terei misericórdia das suas faltas e transgressões, e não me lembrarei mais dos seus pecados.*

Eis outro sinal: “*Todos hão de me conhecer, do menor até o maior*” e não dirão: “*Conhece o Senhor!*”. Quando isto se realizou, a não ser atualmente? É claro que trata de nós. O que se refere a eles não é manifesto, mas fechado num recanto. Aliás, é denominado Novo Testamento, porque possui algo a mais do que o Antigo. É Novo quando uns preceitos foram abolidos, outros, não. Por exemplo, digo, se de uma velha casa, minada, deixa-se de lado o todo, e consertam-se os alicerces, logo dizemos: Foi reformada; umas coisas foram retiradas e substituídas por outras. O céu é dito novo, quando deixa de ser plúmbeo, e chove. De modo semelhante a terra, quando não for mais estéril, mas modificar-se. Uma casa renova-se, quando algumas coisas foram retiradas, outras, contudo, permanecem. Por isso chama-se com exatidão Novo Testamento. Expõe-se que o outro se tornou obsoleto, é infrutífero. E para saberes exatamente, lê o que diz Ageu, Zacarias, o anjo, o que Esdras censura. De que forma é tomado? Por que ninguém roga ao Senhor, apesar de terem transgredido, e nem eles mesmos o percebem? Vês como o teu é violado? Eu, porém, apresento o meu, a saber, o que eles com propriedade chamam de Novo. Aliás, não concedo que a palavra: “Vou criar novos céus” (Is 64,17) seja para isso empregada. Então o dito no Deuteronômio: “O céu ficará como bronze” (Dt 28,23) não pretendeu distinguir. Quando ouvirdes será novo? Diz-se que haverá de dar outro Testamento, porque não permaneceram os primeiros. Explico por meio daquilo que ele afirma: “Coisa impossível à Lei, porque enfraquecida pela carne”; e ainda: “Por que agora tentais a Deus, querendo impor aos discípulos um jugo que nem os vossos pais, nem nós tivemos a força de suportar?” (Rm 8,3; At 15,10) “*Porque eles mesmos não mantiveram*”. Desta forma demonstra que nós recebemos dons maiores e mais espirituais. “Por toda a terra vão aqueles sons, e até os confins do mundo aquela linguagem” (Sl 19,5). Isto é, “*Ninguém mais ensinará o seu próximo: “Conhece o Senhor!”*” E ainda: “Porque a terra será repleta do conhecimento da glória do Senhor, como as águas cobrem o mar!” (Hb 2,14)

13. *Assim sendo, ao falar de nova aliança, declara antiquada a primeira. Ora, o que se torna*

antiquado e envelhece está prestes a desaparecer.

Vê como manifesta o que estava oculto, a própria mente do profeta. Honrou a Lei e não quis que fosse nominalmente declarada antiquada; todavia o disse. Pois se fosse nova, não a denominaria nova a posterior. Por isso, adiantando, disse mais: “*Envelhece*”. Por conseguinte extingue-se, perece, não existe mais. Ao lado do profeta assumindo confiança, prossegue de modo proveitoso, explicitando que o que é nosso agora floresce; isto é, mostra que o outro é velho. Em seguida, tomando o nome de Antigo, com um acréscimo, isto é, de que é caduco, assume o restante e diz: “*Está prestes a desaparecer*”. O Novo, portanto, não ab-rogou inteiramente o Antigo Testamento, mas este envelheceu, é inútil. Por isso dizia: “*Era fraca e sem proveito*”; e: “*De fato, a Lei nada levou à perfeição*”; e: “*Se a primeira aliança fora sem defeito, não se trataria de substituí-la por uma segunda*” (Hb 7,18-19; 8,7). O que quer dizer: “*Sem defeito*”? Útil, forte. Não quer dizer que seja culpada de crimes, mas que não é suficiente. Falou de maneira um tanto rude. Como se dissesse: A casa não é sem defeito, isto é, há uma falha, não é sólida. A veste não é sem defeito, isto é, já está rasgando. Por conseguinte, não afirma que é má, mas que há nela defeito e vício.

Assim, nós também somos novos, ou melhor, fomos novos, mas agora envelhecemos e, portanto, estamos próximos do desaparecimento e da ruína. Mas, se quisermos, eliminaremos o envelhecimento. É impossível por meio do batismo, mas possível pela penitência. Rejeitemos se houver em nós algo de velho, alguma ruga, mácula, mancha, lavemo-nos e nos tornaremos belos, de sorte que o rei se encante com a nossa beleza. É possível, mesmo se tivermos caído em extrema deformidade, readquirir a beleza, da qual enuncia Davi: “Ouve, ó filha, vê e inclina o teu ouvido. Esquece o teu povo e a casa do teu pai. Que o rei se encante por tua beleza” (Sl 45,11.12). Ora, o esquecimento não produz beleza, digo, a beleza da alma. Que esquecimento é este? O esquecimento dos pecados. Ele se dirige à Igreja dos gentios, convencendo-a a se esquecer dos pais, isto é, dos que sacrificavam aos ídolos. Ela foi formada deles. E não disse: Não te aproximes, mas o que é mais importante: Não te lembres, segundo o que diz outra passagem: “Nem porei seus nomes em meus lábios”. E ainda: “Minha boca não transgrediu, como costumam os homens” (Sl 15,4; 16,4). Não seria ainda grande virtude; ou antes, é grande, mas não tal. O que ordenou acima? Não disse: Não fales, como costumam os pais, e sim: Não te lembres, não venha à tua mente. Vês a qual distância ele quer que nos afastemos do vício? Quem não se lembra não excogita; quem não excogita não fala; quem não fala não comete. Notas o intervalo de caminho que nos separa, a que distância nos remove? Por conseguinte ouçamos também nós, esqueçamo-nos de nossos males, digo, não dos pecados que cometemos. Lembra-te primeiro, diz ele, e eu não me lembrarei. Por exemplo. Não nos lembremos mais da rapina, mas também não revolvamos os antecedentes. Esquecer do vício é expelir o pensamento rapace, não mais admiti-lo, e ainda apagar nossos pecados. Onde se origina para nós o esquecimento dos males? Da recordação dos benefícios de Deus. Se nos lembrarmos continuamente de Deus, não poderemos lembrar-nos também deles. “Quando de ti me recordo no leito, passo vigílias meditando em ti” (Sl 63,7). Aliás, lembremo-nos sempre de Deus, principalmente no silêncio e no repouso, quando podemos nos condenar por aquela lembrança, retida na memória. Durante o dia, se recordarmos, outras solitudes e tumultos a expulsam; de noite, contudo, podemos nos recordar continuamente, estando a alma na tranquilidade, no descanso, no porto, na serenidade: “Refleti em vossos corações, quando estiverdes em vosso leito” (Sl 4,5). Convém ainda durante o dia rememorá-lo. Sempre preocupados e distraídos com os afazeres desta vida, ao menos no leito lembrai-vos de Deus. “Passo vigílias meditando em ti” (Sl 63,7). Se sobre isto meditarmos nas vigílias, com muita segurança procederemos nos negócios. Primeiro pela oração e súplica tornemos a Deus propício e por este procedimento não teremos inimigos; se os tiveres, rir-te-ás, porque Deus te é propício. O combate

se encontra na praça, a luta, as vagas, a tempestade se acham nos negócios diurnos. Por isto precisamos de armas. Fortes armas são as preces. Necessitamos de ventos favoráveis, devemos aprender tudo, a fim de passarmos ao longo dos dias sem naufrágios e ferimentos. Muitos são os escolhos diários, de sorte que muitas vezes o escalor choca-se contra eles e afunda.

Por este motivo precisamos das preces, especialmente das matutinas e noturnas. Muitos de vós muitas vezes assistiram às Olimpíadas, e não apenas assistiram, mas também foram torcedores e admiradores dos combatentes, este de um, aquele de outro. Sabeis que naqueles certames, dias e noites, o arauto não cogita de outra coisa a noite inteira, nem tem outra preocupação senão de que, se ele sair, o combatente pode se portar sem decoro. Os assistentes persuadem ao corneteiro a não falar, para não acontecer que, perdendo a respiração, se torne ridículo. Se, portanto, quem vai lutar diante dos homens emprega tantos cuidados, muito mais nos convém assídua solicitude e preocupação a nós, cuja vida inteira é um combate. Toda a noite seja para nós uma vigília, e tenhamos o cuidado de, ao raiar do dia, não cairmos no ridículo. E oxalá fosse somente ridículo. O presidente dos jogos, sentado à direita do Pai, ouve atentamente as dissonâncias, ou até as inconveniências. Ele é juiz não somente das ações, mas também das palavras. Entreguemo-nos às vigílias durante a noite inteira, caríssimos. Temos nós também torcedores, se o quisermos. A cada um de nós assiste um anjo, mas nós a noite toda cochilamos. Oxalá a isso se reduzisse. Muitos até cometem atos impuros. Uns indo ao prostíbulo, outros fazendo de seus palácios um prostíbulo, levando para lá meretrizes. Por conseguinte, não cuidam de uma conduta correta. Uns se embriagam e falam palavras obscenas, outros levantam tumultos, outros ainda, durante a noite toda, mantêm-se despertos para o mal, armando ciladas aos adormecidos. Uns contam os juro, outros se atormentam com cuidados, e fazem mais do que os que entram em certame. Por isso rogo-vos. A tudo renunciando, visemos apenas a uma só coisa: arrebatarmos o prêmio, cingirmos a coroa. Tudo façamos de modo a conseguir os bens prometidos. Seja-nos dados a todos consegui-lo pela graça e amor aos homens...

DÉCIMA QUINTA HOMILIA

- 9,1.** *A primeira aliança tinha, com efeito, um ritual para o culto e um templo terrestre.*
- 2.** *Pois instalou-se uma tenda, uma primeira tenda, chamada Santo, onde se encontravam o candelabro, a mesa e os pães da proposição.*
- 3.** *Por detrás do segundo véu havia outra tenda, chamada Santo dos Santos,*
- 4.** *com o altar de ouro para os perfumes, a arca da aliança toda recoberta de ouro e, nesta, um vaso de ouro com o maná, o bastão de Aarão que florescera, e as tábuas da aliança;*
- 5.** *por cima da arca, os querubins da glória cobriam com a sua sombra o propiciatório. Todavia, não é o momento de falar disso com pormenores.*

De acordo com o sacerdote, o sacerdócio, o Testamento, aquela aliança tem um fim; o Apóstolo termina expondo-o com a figura do próprio tabernáculo. De que maneira? Denominando-o Santo e Santo dos santos. Aliás, Santo é símbolo do tempo anterior, quando tudo se realizava por meio de sacrifícios. O Santo dos Santos pertence ao tempo presente. Santo dos Santos designa o céu, o véu do céu, a carne que penetrou no interior do véu, isto é, através do véu da carne. Retomemos o que foi declarado acima. O que diz? “*A primeira aliança...*” O que havia? O Testamento. “*Um ritual para o culto*”. O que quer dizer: “*Um ritual*”? Símbolos, ou ritos. Como se dissesse: Havia então, agora não há. Já cessou, pois diz: Então havia. Porque agora, mesmo se permanece, não funciona. “*E um templo*

terrestre.” Terrestre ou mundano, porque permitia ingresso a todos, e era evidente que na mesma casa encontravam lugar os sacerdotes, os judeus, os prosélitos, os gentios, os nazarenos. Pelo fato de patentear ingresso também aos gentios, ele o denomina terrestre, pois os judeus não o eram. “*Pois instalou-se uma tenda, uma primeira tenda, chamada Santo, onde se encontravam o candelabro, a mesa e os pães da proposição.*” Símbolos terrestres. “*Por detrás do segundo véu.*” Não havia, portanto, um véu apenas, mas havia outro, a saber, “*Havia outra tenda, chamada Santo dos Santos.*” Vê que sempre alude a uma tenda, porque ali se vivia como numa tenda. “*Com o altar de ouro para os perfumes, a arca da aliança toda recoberta de ouro e, nesta, um vaso de ouro com o maná, o bastão de Aarão que florescera, e as tábuas da aliança.*” Lembrete magnífico e ilustre, para os ânimos ingratos dos judeus! “*E as tábuas da aliança*”, que Moisés quebrou. “*Com o maná*”, pois os judeus murmuraram, e Moisés mandou repor maná numa urna de ouro, a fim de se transmitir a lembrança dele aos pósteros. “*E o bastão de Aarão que florescera.*” Os judeus haviam se insurgido, porque ingratos, e não se recordavam dos frequentes benefícios. Por esse motivo foi colocado numa urna de ouro por ordem do legislador, e assim se transmitia a lembrança aos pósteros. “*Por cima da arca, os querubins da glória cobriam com a sua sombra o propiciatório.*” O que são os “*querubins da glória*”? Gloriosos; ou, abaixo de Deus. Com razão exalta estas coisas a fim de demonstrar que as seguintes são maiores. “*Todavia, não é o momento de falar disso com pormenores.*” Sugere não somente o que era visível, mas também a existência de certos enigmas. “*Todavia, não é o momento de falar disso com pormenores*”, talvez porque era reclamado um discurso prolixo.

6. *Estando as coisas assim dispostas, os sacerdotes entram a qualquer momento na primeira tenda, para realizar o serviço cultual.*

Existiam realmente, mas os judeus não as utilizavam, nem as viam. Por isso não eram tanto deles quanto daqueles que eram prefigurados.

7. *Na segunda, porém, entra apenas o sumo sacerdote, e somente uma vez por ano; e isso não acontece sem antes oferecer sangue por suas falhas e pelas do povo.*

Vês os tipos já lançados como fundamento? Pois para não se dizer: Por que há somente um sacrifício, e o pontífice oferece uma vez só? Explica o que acontecera muitos séculos antes. Por ser mais santo e terrível era um só. Por antigo costume o sacerdote oferecia uma só vez. E ele diz com razão: “*Sem antes oferecer sangue*”. Sem sangue, mas não deste sangue. Não era tão importante a ação. Mostra o futuro sacrifício, não consumido pelo fogo, mas antes se manifestava pelo sangue. Pois denominava sacrifício a cruz, onde não se empregava fogo, lenho, sacrifício cruento não oferecido muitas vezes, mas uma só vez. Expõe que o antigo sacrifício era desta espécie: era sangrento e uma só vez. “*Sem antes oferecer por suas falhas e pelas do povo.*” Vê. Não disse: Pecados, mas “*Falhas*”, a fim de não se vangloriarem. Não pecaste, diz ele, de bom grado; mas falhaste de modo involuntário, por ignorância, e disto ninguém escapa. E sempre coloca a expressão: “*Por si*”, declarando que Cristo é pontífice melhor do que o dos judeus. Se estava isento de nossos pecados, como ofereceu por si mesmo? – disseste isto? É próprio daquele que é melhor. Não é hipótese; em seguida, contudo, profere estas palavras ponderadas:

8. *O Espírito Santo quis mostrar, com isso, que o caminho do santuário não está aberto enquanto existir a primeira tenda.*

Estas coisas foram assim dispostas a fim de percebermos que ainda não há ingresso ao Santo dos Santos, isto é, ao céu. Não pensemos que não existe, pelo fato de não termos entrado, porque não ingressamos nem no Santo.

9. *Há nisso um símbolo para o tempo atual.*

O que ele chama de “*tempo atual*”? O anterior à vinda de Cristo. Após a vinda de Cristo não é mais tempo atual. Como o seria, visto que teve fim através de sua vinda? Indicando outra coisa, diz: “*Há nisso um símbolo para o tempo atual*”, isto é, tornou-se tipo.

Pois, naquele regime, apresentavam-se oferendas e sacrifícios sem eficácia para aperfeiçoar a consciência de quem presta o culto.

Verificaste o sentido claro da locução: “*De fato, a Lei nada levou à perfeição*”. E: “*Se a primeira aliança fora sem defeito*” (Hb 7,19; 8,7)? Para quê? “*Para aperfeiçoar a consciência*”. Pois os sacrifícios não retiravam as manchas da alma, mas atingia só o corpo: “*Segundo a regra de uma prescrição carnal*” (Hb 7,16). Não podiam apagar o adultério, nem o assassinato, nem o sacrilégio. Vês: Podes comer isto, não aquilo? Coisas indiferentes.

10. *Eram ritos humanos referentes aos alimentos, às bebidas, às abluções diversas,*

Bebe isto, embora nada estivesse estabelecido quanto à bebida; mas por menosprezo, dizia: “*Referentes às abluções diversas, às instituições carnavais, impostos somente até ao tempo da correção*”. Eis a justiça carnal. Ele rejeita os sacrifícios, mostrando que não tinham poder algum, e durariam até o tempo da correção, isto é, que esperassem o tempo em que tudo se corrigiria.

11. *Cristo, porém, veio como sumo sacerdote dos bens vindouros. Ele atravessou uma tenda maior, e mais perfeita que não é obra de mãos humanas,*

Refere-se à carne. É exato dizer que é maior e mais perfeita, porque o Verbo de Deus e toda a operação do Espírito nela habita. “O dom do Espírito é, na verdade, sem medida” (Jo 3,34). Talvez diga que é mais perfeita por ser sem defeito, e realizar obras maiores.

que não pertence a esta criação.

Eis de que forma é maior. Se o homem a construiu, não provém do Espírito. *“Que não pertence a esta criação”*.

Não pertence a esta criação, e sim à espiritual, obra do Espírito Santo. Vês como chama o corpo de tabernáculo, véu e céu? *“Uma tenda maior e mais perfeita”*, isto é, *“Além do véu”* (Hb 6,19), isto é, a sua carne; e ainda:

Ele entrou uma vez por todas no Santo dos Santos,

Para comparecer diante de Deus. Por que o faz? Para nos ensinar que a mesma palavra possui um e outro significado. Por exemplo, o céu é um véu. O véu como uma espécie de parede separa o Santo; assim a carne oculta a divindade. A carne é a tenda que esconde a divindade. O céu é ainda uma tenda, pois lá dentro está o sumo sacerdote. *“Cristo, porém, veio como sumo sacerdote”*. Não disse: Fez-se, e sim: *“Veio”*. Tendo vindo para isto, não houve sucessão; não veio primeiro e então se fez; mas aconteceu simultaneamente. E não disse: Tendo vindo o pontífice das vítimas que são sacrificadas, mas: *“Dos bens vindouros”*, porque o discurso não podia explicar tudo.

12. *não com o sangue de bodes e de novilhos,*

Tudo foi alterado.

mas com o próprio sangue,

“Entrou uma vez por todas no Santo dos Santos.” Eis que o chama de céu. *“Entrou uma vez por todas no Santo dos Santos”,*

obtendo uma redenção eterna.

O termo: *“Obtendo”* é dos mais duvidosos, e inesperados, a saber, de que modo por uma só entrada tenha obtido uma redenção eterna. Em seguida, o que é verossímil:

13. *De fato, se o sangue de bodes e de novilhos, e se a cinza da novilha, espalhada sobre os seres ritualmente impuros, os santifica purificando os seus corpos,*

14. *quanto mais o Sangue de Cristo que, pelo Espírito Santo, se ofereceu a si mesmo a Deus como vítima sem mancha, há de purificar a nossa consciência das obras mortas para que prestemos um culto ao Deus vivo.*

Se o sangue dos touros pode purificar a carne, muito mais o sangue de Cristo limpa as máculas da alma. Visando a que não penses em algo de grandioso, ao ouvir falar: *“Santifica”*, anota e mostra a diferença entre uma e outra santificação, de que forma uma é sublime e a outra humilde. E afirma com razão que assim é, porque numa se trata do sangue de touros, e na outra, do sangue de Cristo. Não se limita ao nome, mas ainda menciona o modo da oblação. *“Pelo Espírito Santo, se ofereceu a si mesmo a Deus como vítima sem mancha”*, isto é, hóstia imaculada, isenta de pecados. *“Pelo Espírito Santo”*, isto é, não pelo fogo etc. *“Há de purificar a nossa consciência das obras mortas”*. Disse corretamente: *“Das obras mortas”*. Se alguém então tocasse um morto, contraía impureza; agora, se alguém tocar uma obra morta, mancha a consciência. *“Para que prestemos um culto ao Deus vivo e verdadeiro”*. Com isto, demonstra que não pode quem pratica obras mortas servir o Deus verdadeiro e vivo. Com exatidão diz: *“Deus vivo e verdadeiro”*, para manifestar que devem ser tais as ofertas a ele. Nossas obras são vivas e verdadeiras; as dos judeus, mortas e falsas. Com justeza.

Ninguém aqui entre com obras mortas. Se não deve entrar quem toca um cadáver, muito mais quem possui obras mortas; seria gravíssima poluição. São obras mortas todas as privadas de vida a exalarem cheiro horrível. Um cadáver não tem sensibilidade, e causa tristeza aos que dele se aproximam; assim o pecado logo atinge o intelecto, não deixa a mente sossegada, e provoca tumulto e perturbação. Diz-

se que, ao aparecer, a peste corrompe os corpos. Tal é também o pecado. Em nada difere da peste, e não corrompe primeiro o ar e em seguida os corpos, mas imediatamente investe contra a alma.

Não vêes que os pestíferos incham-se, remexem-se, cheios de mau cheiro, têm aspecto torpe, e ficam inteiramente imundos? Tais são os pecadores, apesar de não o verem. Dize-me. Não é pior do que um febricitante quem está tomado pela cupidez do dinheiro ou dos corpos? Não é mais impuro que todos estes o que pratica ações torpes e as tolera? O que há de mais torpe do que o ambicioso de riquezas? Tudo o que não recusam fazer as meretrizes, as atrizes, nem ele; ou seja, é provável que antes elas o recusem do que ele. Por que digo não recusa? É servil, adulando a quem não deve, audaz e confiante no que não convém, sempre mutável. Adulando, entre em acordo com homens muitas vezes celerados, e prestidigitadores corruptos, muito mais do que ele pobres e vis, mas insulta e injuria homens bons e virtuosos. Viste a malícia e impudência de ambos os lados? É humilde em excesso e arrogante. Mas em casa têm meretrizes, cujo crime é vender o corpo. Desculpam-se de certo modo com a pobreza, a fome, embora nem isso baste para uma escusa; poderiam alimentar-se pelo trabalho. Aqui temos o avaro, não em casa, mas no centro da cidade, não entregando o corpo, mas a alma ao diabo, aderindo e unindo-se a ele como a uma meretriz, e termina satisfazendo os maus desejos. É visto por toda a cidade, não por duas ou três pessoas somente. É próprio das meretrizes que são de quem lhes dá ouro. Seja servo ou livre, monge, ou qualquer um que lhe ofereça a paga, aceitam-na; se não oferecem, contudo, mesmo se forem os mais nobres, não os admitem sem o dinheiro. Eles aqui fazem o mesmo: Repelem os bons pensamentos, se não trazem dinheiro; unem-se aos celerados e ímpios por dinheiro, aderem de modo desonesto, e perdem a beleza da alma. Pois, como aquelas figuras por natureza disformes e negras, agrestes, rudes, amorfas, tortas e inteiramente torpes são as almas que nem por meio de pintura externa podem encobrir sua deformidade. Pois, quando a deformidade for extrema, não podem esconder o que excogitam. Escuta o profeta dizer que a impudência faz meretrizes: “Mostravas uma face de prostituta, recusavas envergonhar-te” (Jr 3,3). Isso também se pode dizer aos avaros: Tu te fizeste impudente diante de todos, não diante de um ou outro, mas de todos. De que maneira? Tal homem a ninguém respeita: Nem ao pai, ao filho, à mulher, ao amigo, ao irmão, ao benfeitor. E por que digo ao amigo, ao irmão, ao pai? Não respeita o próprio Deus, mas tudo lhe parece fábula, e zomba, embriagado pela grande cupidez, sem dar ouvidos aos que lhe podem ser proveitosos. Mas, ó absurdo! O que falam! Ai de ti, Mamom, e daqueles que não te possuem! Definho, irado. Ai dos que dizem estas coisas, mesmo se o dizem ironicamente. Dize-me. Deus não ameaçou: “Ninguém pode servir a dois senhores” (Mt 6,24)? Tu diluís as ameaças quando para teu prejuízo ousas proferi-lo? Paulo não asseverou que é idolatria, e chama o avaro de idólatra? Tu, porém, ficas rindo como as mulheres mundanas, como aquelas que no teatro provocam riso.

Isso a tudo derruba, rejeita. Nossas coisas se tornaram cômicas, civilizadas e cortezes. Nada de estável, de forte. Não o digo somente a pessoas mundanas, mas sei a quem me dirijo. A Igreja está cheia de escárnio. Se alguém profere um gracejo, entre os que estão sentados logo irrompe o riso. E o que é mais espantoso, nem no tempo da oração cessam os risos. O diabo dirige os coros, tem acesso a todos, obtém sobre todos o domínio. Cristo é desprezado, expulso, a Igreja é desconsiderada. Não ouviste a palavra de Paulo: “Nem sequer se nomeiem entre vós, nem ditos indecentes nem picantes ou maliciosos” (Ef 5,4)?

Ele coloca os ditos indecentes com os maliciosos; e tu ris? O que são os ditos picantes? Inúteis. No entanto, tu que és monge, ris, expandes o riso pelo rosto? Crucificado, revestido de luto, ris. Dize-me. Onde ouviste que Cristo agiu assim? Em parte alguma, mas frequentemente aparecia triste. Quando viu Jerusalém, chorou; e quando pensou no traidor, perturbou-se; e quando ia ressuscitar a Lázaro,

lacrimejou; e tu ris? Se alguém não sente os pecados alheios, merece censura; quem pelos seus não tem dor alguma, mas ri, merece perdão? O tempo presente é de luto e aflição, de purificação e de servidão, de certame e de suores; e tu ris? Não vez Sara repreendida? Não escutas Cristo dizer: “Ai de vós, que agora rides, porque chorareis!” (Lc 6,25). Diariamente salmodias isso. O que dizes? Fale, por favor. Dizes: Eu ri? De forma alguma. Mas, o quê? “Estou esgotado de tanto gemer” (Sl 6,7). Mas talvez existam pessoas tão dissolutas e débeis, que se riam até desta repreensão, pelo fato de dizermos tais coisas a respeito do riso. Tal é a loucura, tal a demência que nem percebem uma repreensão.

O sacerdote de Deus de pé oferece as preces; tu, porém, ris, desrespeitoso? Ele com tremor oferece por ti as preces, e tu desprezas? Não escutas a Escritura: Ai de vós, desprezadores? Não estremeceis? Não te retrais? Ao entrares no palácio real, tu te ornas e compões, na veste, no aspecto, no andar etc.; aqui, contudo, é o verdadeiro palácio real, tal qual o celeste, e ainda ris? Aliás, sei que tu não vês. Escuta que em toda parte estão os anjos, e assistem ao rei principalmente na casa de Deus, repleta das potestades incorpóreas. Meu discurso é o mesmo às mulheres, que, na presença dos homens, não ousam fazê-lo, embora o façam, nem sempre, contudo, e sim no tempo de recreio; aqui, porém, sempre. Dize-me. Cobres a cabeça, e ris, ó mulher, sentada na igreja? Entraste para confessar os pecados, para te prostrares diante de Deus, para rogares e suplicares por causa dos delitos que cometeste, e o fazes rindo? Como poderás aplacar a Deus? E que mal existe, perguntas, em rir? O riso não é mau, mas é ruim o desmedido, o inoportuno. Temos o riso dentro de nós. Quando vemos um amigo após muito tempo, assim procedemos. Diante de pessoas feridas e temerosas, com um sorriso animemo-las, não para nos sobrecarregarmos, e rirmos sempre. O riso existe em nós para algumas vezes nos distendermos, não para difluirmos. Em nós há concupiscência carnal, e não por tudo devemos empregá-la, ou sem medida, mas a dominemos, e não digamos: Uma vez que a temos, empreguemo-la. Serve a Deus com lágrimas, para poderes apagar os pecados. Sei que muitos zombarão, dizendo: Logo, as lágrimas. No entanto, o tempo é de lágrimas. Sei que também formulam votos nesses termos: “Comamos e bebamos, pois amanhã morreremos” (1Cor 15,32). Mas pensa o seguinte: “Vaidade das vaidades, tudo é vaidade” (Ecl 1,2). Não o digo eu, mas aquele que teve experiência enuncia: “Construí palácios para mim, plantei vinhedos. Construí reservatórios de água, tive copeiros, copeiras” (Ecl 2,4-5.7) No final, o que diz a respeito de tudo isso? “Vaidade das vaidades, tudo é vaidade”. Choremos, portanto, caríssimos, choremos, a fim de rirmos de verdade, para nos alegrarmos verdadeiramente no tempo de uma sincera alegria. Pois esta alegria é inteiramente mesclada de tristeza, não existe em estado puro. A outra é sincera, sem fraude nem dolo, não contém insídias, nem qualquer mistura. Tenhamos esta alegria, procuremo-la. Não é lícito procurá-la por outro motivo do que escolhermos aqui não o que é agradável, mas o que é útil e de boa vontade. Aflijamo-nos um pouco, e suportemos com ação de graças os acontecimentos e conseguiremos o reino dos céus, pela graça e amor aos homens etc.

DÉCIMA SEXTA HOMILIA

9,15. *Eis por que ele é mediador de uma nova aliança. A sua morte aconteceu para o resgate das transgressões cometidas no regime da primeira aliança; e, por isso, aqueles que são chamados recebem a herança eterna que foi prometida.*

16. *Com efeito, onde existe testamento, é necessário que se constate a morte do testador.*

17. *O testamento, de fato, só tem valor no caso de morte. Nada vale enquanto o testador estiver vivo.*

18. *Ora, nem mesmo a primeira aliança foi inaugurada sem efusão de sangue.*

Era verossímil que muitos dos mais fracos, principalmente por causa da morte de Cristo, ficassem incrédulos acerca das promessas. Paulo, portanto, refutando vigorosamente esta opinião, expõe o assunto segundo o que é habitual. De que modo? Por isso mesmo, afirma, deve-se confiar. Por quê? Porque não são válidos, nem vigoram os testamentos dos testadores ainda vivos, e sim dos mortos. Por isso começa: *“Eis por que ele é mediador de uma nova aliança”*. O testamento relaciona-se ao último dia do moribundo. Desta forma, uns se tornam herdeiros, outros deserdados. Assim, afirma Cristo a respeito dos herdeiros: “Quero que, onde eu estou, também eles estejam comigo” (Jo 17,24). Escuta ainda o que diz dos deserdados: “Não rogo” por todos, “mas pelos que, por meio de sua palavra, crerão em mim” (Jo 17,20). Ao testador compete um aspecto do testamento, e aos que o recebem cabe outro. Uns obtêm, outros agem. Assim também em nosso caso. Após inúmeras promessas, algumas exigências: “Dou-vos um mandamento novo” (Jo 13,34). Além disso, o testamento precisa de testemunhas. Escuta: “Eu dou testemunho de mim mesmo e também o Pai, que me enviou, dá testemunho de mim” (Jo 8,18); e ainda: “Ele”, o Paráclito, “dará testemunho de mim” (Jo 15,26). E enviou os doze apóstolos, dizendo: Dai testemunho diante de Deus. Por este motivo diz: *“Eis por que ele é mediador de uma nova aliança”*. O que significa: *“Mediador”*? O mediador não tem em seu poder a questão à qual se presta para intercessor. Uma coisa é a questão; outra, o mediador. Por exemplo, no matrimônio não é mediador o contraente, e sim o auxiliar daquele que vai casar-se. Assim também o Filho fez-se mediador entre o Pai e nós. O Pai não queria deixar-nos esta herança, mas contra nós estava severamente irritado, como se fôssemos estranhos. O Filho fez-se mediador entre nós e ele e convenceu-o. E vê de que modo foi mediador; levou e trouxe as palavras que o Pai estava para nos transmitir, e acrescentou a morte. Havíamos ofendido e devíamos morrer; ele morreu por nós e fez-nos dignos do testamento. Trata-se de um testamento firme, porque feito em favor de pessoas que não eram mais indignas. Aliás, no início fez um testamento de Pai a filhos; mas como nos tornáramos indignos, não era caso de um testamento, mas de um castigo. Por que, diz ele, gloriar-te a respeito da Lei? O pecado nos reduziu a tal ponto que jamais nos salvaríamos; se nosso Senhor não tivesse morrido por nós, a Lei de forma alguma poderia nos salvar, pois era fraca. Não os certifica pelo costume, mas especialmente pelos eventos do Antigo Testamento. Mas então ninguém morreu; de que modo seria firme? Do mesmo modo, responde. Como? Havia sangue, como agora. Não te admires por não ser sangue de Cristo; era uma figura, e por isso, diz o Apóstolo: *“Ora, nem mesmo a primeira aliança foi inaugurada sem efusão de sangue”*. O que significa: *“Foi inaugurada”*? Fez-se firme, ratificada. *“Ora”*, isto é, porque devia ser símbolo do testamento e da morte.

Qual a razão, dize-me, de se aspergir o livro do testamento?

19. *De fato, depois que Moisés proclamou a todo o povo cada mandamento da Lei, ele tomou o sangue de novilhos, com a água, a lã escarlata e o hissopo, e aspergiu o próprio livro e todo o povo,*

20. *anunciando: Este é o sangue da aliança que Deus vos ordenou.*

Dize-me: Qual a razão de se aspergir o livro do testamento e o povo? Porque o sangue e o restante muitos séculos antes figuravam o sangue precioso. Porque com o hissopo? Porque continha um sangue denso e tenro. Por que a água? Caracterizava a purificação por meio da água. Por que a lã? Também esta, para reter o sangue. Mostra ainda haver sangue e água, pois o batismo é símbolo de sua paixão.

21. *Em seguida ele aspergiu com o sangue a Tenda e todos os utensílios do culto.*

22. *Segundo a Lei, quase todas as coisas se purificam com sangue; e sem efusão de sangue não há remissão.*

Por que aquele *“Quase”*? Por que esta restrição? Porque aquela purificação não era perfeita, nem

perfeita a remissão, mas remissão pela metade, mínima. Agora, porém, “Isto é o sangue da Nova aliança, que é derramado por” vós “para a remissão dos pecados” (Mt 26,28). Onde se acha, portanto, o livro que lhes purificou a mente? Eram os livros do Novo Testamento. Onde os vasos do culto? São os mesmos. Onde o tabernáculo? Ainda são eles: “Em meio a eles habitarei e caminharei” (2Cor 6,16). Ora, a lã purpúrea, nem o hissope aspergia; por quê? A purificação não era corporal, mas espiritual e o sangue era espiritual. De que modo? Não escorreu do corpo de irracionais, mas do corpo que o Espírito preparou. Com este sangue não foi Moisés, mas Cristo quem aspergiu pela palavra: “Isto é o sangue da Nova aliança, que é derramado por” vós “para a remissão dos pecados”. Com essas palavras, em vez do hissope tinto de sangue, aspergiu a todos. Purificava-se o corpo exteriormente quando se tratava de purificação corporal. No nosso caso, por ser espiritual, a purificação infiltra-se na alma, não somente aspergindo-a, mas qual fonte a irrigar as almas. Sabem os iniciados nos mistérios o que significa o que foi proferido. Outrora, na verdade, aspergiam-se superficialmente e os aspergidos de novo eram lavados; nem sempre terminavam ensanguentados. Quanto à alma, isto não acontece, mas o sangue mistura-se à essência, transforma-a em robusta e casta, e traz-lhe uma beleza inexprimível. Em seguida, expõe que a morte não apenas é causa de confirmação, mas também de purificação. Uma vez que a morte parecia tão abominável e principalmente a morte de cruz, afirma que ela purificara por meio de uma preciosa purificação, e era um acontecimento dos mais importantes. Por isso haviam precedidos os sacrifícios: através do sangue, do cordeiro, tudo assim se realizou.

23. *Se, portanto, as cópias das realidades celestes são purificadas com tais ritos, é preciso que as próprias realidades celestes sejam purificadas com sacrifícios bem melhores!*

E como são “*cópias das realidades celestes*”? Quais as “*realidades celestes*”? O céu? Os anjos? Nada disto; são as nossas. Por conseguinte, as nossas realidades se encontram nos céus, são celestes, apesar de decorrerem na terra. Com efeito, há anjos na terra, mas se chamam celestes; e apareceram querubins na terra, no entanto são celestes. E por que digo que apareceram? Certamente há na terra, como existem no paraíso. Mas nada impede, pois são celestes. “Mas a nossa cidade está nos céus” (Fl 3,20), embora vivamos na cidade terrena. “*As próprias realidades celestes*” – é a nossa sabedoria, de nós que somos chamados para lá. “*Com sacrifícios bem melhores!*” O que é melhor, é melhor em comparação com algum bem; portanto, houve bens, e “*cópias das realidades celestes*”. E as cópias não são más, porque se fossem ruins, igualmente as realidades das quais são cópias o seriam.

Se, portanto, somos celestes, e conseguimos esta essência, estremeçamos. Não permaneçamos na terra. É possível a quem quiser mesmo agora não estar na terra. De fato, estar ou não estar na terra depende da atitude e da decisão. Por exemplo: Diz-se que Deus está no céu. Por quê? Não circunscrito, de forma alguma, nem deixando a terra privada de sua presença, mas por certa relação e familiaridade que existe entre ele e os anjos. Se, portanto, nós também existimos por causa de Deus, estamos no céu. O que me importa o céu, se vejo o Senhor do céu, e eu me fizer um céu. Eu e meu Pai “a ele viremos e nele estabeleceremos morada” (Jo 14,23). Façamos de nossa alma um céu. O céu por natureza é feliz. Nem na tempestade se torna negro. Não muda de aspecto, mas as nuvens concorrem para escondê-lo. O céu possui o sol. Nós também temos o sol de justiça. Assegurei que é possível transformar-nos num céu; e vejo que até o céu pode tornar-se melhor. De que modo? Quando temos o Senhor do sol. O céu é inteiramente puro e imaculado. Não muda no inverno, à noite. Não nos suceda, portanto, isto, nas aflições, ou nos ataques das insídias do diabo; mas permaneçamos imaculados e puros. O céu é excelso, e muito distante da terra. Façamos o mesmo, apartemo-nos da terra, e elevemo-nos àquelas alturas. E como nos afastaremos da terra? Pensando nas coisas celestes. O céu supera as chuvas e a

tempestade e não fica preso a coisa alguma; se o quisermos, também nós o poderemos fazer. Uma pessoa parece sofrer, e contudo não sofre; nem nós sofremos apesar de parecermos sofrer. Com efeito, no inverno muitos não conhecem sua beleza, mas pensam que ela muda; os sábios, contudo, conhecem que nada sofreu. Assim também entre nós nas aflições muitos julgam que nós mudamos, e que a aflição tocou nossos corações; os sábios, todavia conhecem que não nos atingiu. Tornemo-nos, portanto, um céu, subamos às alturas, e veremos que os homens em nada diferem das formigas. Não me refiro somente aos pobres nem apenas aos ricos, mas também ao prefeito, ao rei; não levamos em consideração o rei, nem o particular. Não sabemos o que é o ouro, a prata, a veste de seda ou de púrpura. Veremos tudo quais moscas, se nos sentarmos naquela altitude. Ali não existe tumulto, nem perturbação, nem clamor. E como é possível a quem anda na terra, replica, elevar-se a tamanha altura? Não o exprimo em palavras, mas, se quiseres, mostro por fatos os que alcançaram aquelas alturas. Quais são? Os companheiros de Paulo, que estando na terra, viviam no céu. E por que digo no céu? Estavam mais alto do que o céu, do que um segundo céu, e subiram para junto do próprio Deus. Diz Paulo: “Quem nos separará do amor do Cristo? Tribulação, angústia, fome, perseguição, nudez, perigo espada?” (Rm 8,35). E ainda: “Não olhamos para as coisas que se veem, mas para as que não se veem” (2Cor 4,18). Vês que não contemplava as coisas da terra? Escuta o que ele profere, a fim de te manifestar que estava mais alto do que os céus: “Pois estou convencido de que nem a morte, nem a vida, nem as coisas presentes, nem as futuras, nem as alturas, nem os abismos, nem outra qualquer criatura nos poderá separar do amor de Cristo” (Rm 8,38-39).

Vês que a razão, havendo ultrapassado todas as coisas, fez com que ele fosse superior não somente à criação, a estes céus, mas também a outros, se houver? Viste a elevação da mente? Viste o que se fez o fabricante de tendas quando quis, ele que toda a vida passara na praça? Não há, não há impedimento algum de superarmos a todos, se quisermos. De fato, se exercermos bem as artes acima das vulgares, muito mais a que não necessita de tanto labor. Dize-me. O que há de mais difícil do que andar numa corda bamba, como em chão plano, e andando no alto vestir-se e despir-se, como se estivesse sentado no leito? Não nos causa estremecimento que nem queremos olhar, mas só esta visão não nos faz temer, e estremecer? O que há, dize-me, de mais difícil do que ter diante de si uma barra; em seguida colocar em cima uma criança que faz inúmeras estrepolias, e diverte os espectadores? O que pior do que jogar uma bola com espadas? O que existe de mais grave, dize-me, do que perscrutar as profundezas do mar? Aliás, é possível enumerar inúmeras artes, mais fácil, contudo, do que todas elas, se quisermos, é a virtude, e subir ao céu. Basta querer e tudo se faz. Não é lícito dizer: Não posso. Seria acusar o Criador, porque, se nos fez sem forças e no entanto ordena, a culpa é dele. Mas como, replica, muitos não podem? Porque não querem. Por que não querem? Por preguiça, porque, se quiserem, tudo poderão fazer. Por isso diz Paulo: “Quisera que todos os homens fossem como sou” (1Cor 7,7), porque sabia que todos o podem igualmente. Não o diria, se fosse impossível. Queres ser virtuoso? Começa. Dize-me. Se quisermos praticar qualquer arte, basta querer ou iniciar. Por exemplo: Uma pessoa quer ser piloto. Não diz: Quero, mas empreende o trabalho. Quer ser comerciante. Não diz apenas: Quero, mas inicia os negócios. Quer viajar. Não diz: Quero, somente; empreende a viagem. Por conseguinte, em tudo não basta só querer, mas é preciso acrescentar a ação. Querendo subir ao céu, dizes apenas: Quero? Como, então, replica, dizias que basta querer? Querer com a ação, assumir a realidade e o trabalho. Temos o auxílio e a ajuda de Deus. Somente escolhamos, apenas aproximemo-nos do trabalho, apenas sejamos solícitos, apliquemos a mente, e tudo se faz. Do contrário, se dormirmos, e bocejando esperamos entrar no céu, poderemos um dia receber a herança dos céus? Queiramos, portanto, suplico-vos, queiramos. Por que tudo negociamos para esta vida que amanhã abandonaremos? Escolhamos, portanto, a virtude, que nos bastará em todos os séculos. Tê-la-

emos perpetuamente e gozaremos dos bens eternos. Oxalá consigamo-lo todos nós, pela graça e amor aos homens etc.

DÉCIMA SÉTIMA HOMILIA

9,24. *Cristo não entrou num santuário feito por mão humana, réplica do verdadeiro; e sim no próprio céu, a fim de comparecer, agora, diante da face de Deus a nosso favor.*

25. *E não foi para oferecer-se a si mesmo muitas vezes, como o sumo sacerdote que entra no Santuário cada ano com sangue alheio.*

26. *Pois, se assim fosse, deveria ter sofrido muitas vezes desde a fundação do mundo. Mas foi uma vez por todas, no fim dos tempos, que ele se manifestou para abolir o pecado através do seu próprio sacrifício.*

Agradavam muito aos judeus e causava-lhes muito orgulho o templo e o tabernáculo. Diziam: “Templo do Senhor, aqui está o templo do Senhor” (Jr 7,4). Em nenhuma outra parte da terra fora construído templo igual, nem no que se refere à suntuosidade, nem à beleza, ou a qualquer outra característica. Deus que o estabeleceu, ordenara que fosse construído com grande magnificência, porque os judeus especialmente se deixavam levar e atrair pelas realidades materiais. As paredes laterais eram de ouro, e quem quisesse descobrir quantos talentos de ouro foram consumidos nelas pelo segundo Livro dos Reis e pelo de Ezequiel. A segunda construção foi mais ilustre pela beleza etc. Não somente era venerando, mas era único e atraía a todos pela beleza. De fato, dos confins da terra afluíam para lá, seja da Babilônia, seja da Etiópia. Aludindo a isso, dizia Lucas nos Atos: Achavam-se ali “Partos, medos e elamitas, habitantes da Mesopotâmia, da Judeia e Capadócia, do Ponto e da Ásia, da Frígia e da Panfília, do Egito e da parte da Líbia limítrofe de Cirene” (At 2,5). De toda a terra para lá afluíam, e era grande a fama do templo. O que fez Paulo? Conforme fez relativamente aos sacrifícios, agiu também neste caso. Opôs aos sacrifícios a morte de Cristo; assim também aqui, opõe todo o céu ao templo. Não mostrou apenas esta diferença, mas também acrescentou que o sacerdote se tornou mais próximo de Deus. Pois disse: “*A fim de comparecer diante da face de Deus*”. Declarou respeitável não só por causa do céu, mas também pelo acesso. Não simplesmente como aqui por símbolos, mas pela visão do próprio Deus. Vês que por condescendência fala sempre humildemente? Por que te admiras de que interceda, uma vez que foi estabelecido como pontífice? “*E não foi para oferecer-se a si mesmo muitas vezes, como o sumo sacerdote que entra no Santuário cada ano com sangue alheio.*” “*Jesus não entrou num santuário feito por mão humana, réplica do verdadeiro.*” Cristo não entrou no Santo construído por mãos humanas, antítipo dos verdadeiros. Aqueles são verdadeiros, estes são tipos, pois o templo fora construído como céu do céu. O que dizes? Se não houvesse entrado no céu, não apareceria em todos os lugares e os preencheria? Vês que tudo isto é carnal? “*A fim de comparecer, agora, diante da face de Deus a nosso favor*”. O que quer dizer: “*A nosso favor*”? Subiu, diz ele, com o sacrifício que pode aplacar o Pai. Por quê? – dize-me. O inimigo era ele? Os anjos eram inimigos; ele, não. Ouve o que se diz, a fim de saberes que os anjos eram inimigos: “Reconciliou todos os seres, os da terra e os dos céus” (Cl 1,20). Com razão afirma: “*E sim no próprio céu, a fim de comparecer, agora, diante da face de Deus a nosso favor*”. Agora comparece, mas em nosso favor. “*E não foi para oferecer-se a si mesmo muitas vezes, como o sumo sacerdote que entra no Santuário cada ano com sangue alheio*”. Vês a grande diferença? Uma vez em substituição de muitas; entrou com o próprio sangue em lugar de um sangue alheio. Ele, portanto, é o sacerdote e a vítima. “*Se assim fosse, deveria ter sofrido muitas vezes desde a fundação do mundo.*” Aqui ocultou

algo, e disse que se a vítima devesse ser oferecida muitas vezes, ele havia também de ser crucificado muitas vezes. “*Mas foi uma vez por todas, no fim dos tempos*”. Por que “*No fim dos tempos*”? Após muitos pecados. Se fossem cometidos desde o início, ninguém teria acreditado, e todo o plano da salvação teria sido inútil. Cristo não devia morrer novamente, a fim de se realizar o que era visado. Mais tarde muitos foram os pecados; com razão ele então apareceu. Isso foi dito noutra passagem: “Onde avultou o pecado, a graça superabundou” (Rm 5,20). “*Mas foi uma vez por todas, no fim dos tempos, que ele se manifestou para abolir o pecado através do seu próprio sacrifício*”.

27. *E como é um fato que os homens devem morrer uma só vez, depois do que vem o julgamento,*

Tendo declarado que ele não devia morrer muitas vezes, também mostra por que morreu uma só vez, a saber, porque a morte de um só foi o preço da redenção: “*É um fato que os homens devem morrer uma só vez*”. Por conseguinte, morreu uma só vez por todos os homens. Por quê? Acaso morremos por aquela morte? Morremos, de fato, mas nela não permanecemos, o que, de fato, não é morrer. A tirania da morte e morte verdadeira é aquela em que ao morto não é concedido voltar à vida. Quando, porém, revive após a morte, e de uma vida melhor, não se trata de morte, mas de sono. Uma vez que a morte deteria a todos, ele morreu para nos libertar.

28. *do mesmo modo, Cristo foi oferecido uma vez por todas*

Por quem foi oferecido? Por si mesmo, é claro. Aqui ele afirma que não só Cristo é sacerdote, mas também vítima e sacrifício. Em seguida, apresenta a causa por que foi oferecido: “*Uma vez por todas para tirar os pecados de muitos*”.

Por que de muitos e não de todos? Porque nem todos acreditaram.

Com efeito, morreu por todos a fim de salvar a todos, enquanto lhe compete. Aquela morte correspondia com justiça à perdição de todos. Não apagou o pecados de todos, porque eles não quiseram. O que significa: “*Tirar os pecados*”? Como no ofertório referimo-nos também aos pecados, dizendo: Perdoa os pecados voluntários ou as faltas involuntárias. Isto é, primeiro os relembramos, e depois pedimos que sejam perdoados; é isto o que acontece neste caso. Onde Cristo o fez? Escuta-o: “E por eles, a mim mesmo me consagro” (Jo 17,19). Apagou os pecados dos homens, e fez uma oferta ao Pai, não para estabelecer algo contra eles, mas para perdoar-lhes.

Ele aparecerá uma segunda vez, excluído o pecado, àqueles que o esperam para a salvação.

O que significa: “*Excluído o pecado*”? Não virá segunda vez para morrer, a fim de apagar os pecados, nem por causa das iniquidades; morreu uma só vez, mas não porque devia morrer. Como aparecerá? Para castigar, diz-se. Mas ele não afirmou isto, e sim o que é alegre: “*Ele aparecerá, excluído o pecado, àqueles que o esperam para a salvação*”. De resto, não precisarão mais de sacrifício para se salvarem, mas de obras.

10,1. *Possuindo apenas o esboço dos bens futuros, e não a expressão própria das realidades, a Lei*

Isto é, não a própria realidade. Como numa imagem, enquanto não forem acrescentadas à pintura as cores, vê-se apenas um esboço; colorida, vem o brilho, e aparece a imagem. Tal era a Lei. “*Possuindo apenas o esboço dos bens futuros, e não a expressão própria das realidades, a Lei*”, do sacrifício, da remissão,

é totalmente incapaz, apesar dos mesmos sacrifícios sempre repetidos, oferecidos sem fim a cada ano, de levar à perfeição aqueles que deles participam.

2. *Se não fosse assim, não se teria deixado de oferecê-los, se os que prestam culto, uma vez purificados, já não tivessem nenhuma consciência dos pecados?*

3. Mas, ao contrário, é por meio destes sacrifícios que, anualmente, se renova a lembrança dos pecados.

4. Além do mais, é impossível que o sangue de touros e bodes elimine os pecados.

5. Por isso, ao entrar no mundo, ele afirmou: Tu não quiseste sacrifício e oferenda. Tu, porém, formaste-me um corpo.

6. Holocaustos e sacrifícios pelo pecado não foram do teu agrado.

7. Por isso eu digo: Eis-me aqui – no rolo do livro está escrito a meu respeito –, eu vim, ó Deus, para fazer a tua vontade.

8. Assim, ele declara, primeiramente: Sacrifícios, oferendas, holocaustos, sacrifícios pelo pecado, tu não os quiseste, e não te agradaram. Trata-se de oferendas prescritas pela Lei!

9. Depois, ele assegura: Eis que eu vim para fazer a tua vontade. Portanto, ele suprime o primeiro para estabelecer o segundo.

Vês o excesso? Uma só é a vítima, diz-se; as outras eram muitas, mas, nem por serem muitas, são válidas.

Por que motivo, diz-me, eram muitas, se uma só basta? Pelo fato de serem muitas, e serem sempre oferecidas, demonstra-se que nunca se purificam. Um medicamento válido cura, pode eliminar a doença e, uma vez aplicado, produz efeito; uma vez aplicado, opera, manifestando sua eficácia porque não precisa mais ser utilizado, e atua sem outra aplicação; se, ao invés, é sempre tomado, é evidente que não produz efeito. O valor do medicamento está em ser aplicado uma só vez e não frequentemente. Assim também em nosso caso. Por que, enfim, sempre se cultua com as mesmas vítimas? Pois, se todos os pecados fossem apagados, não seriam oferecidas vítimas cotidianas. Haviam sido determinadas para sempre serem oferecidas por todo o povo, à tarde e durante o dia. Acusavam-se então os pecados, não eram tirados. Denunciava fraqueza, não manifestava força. Uma vez que a primeira não resolvera, outra era oferecida. E como esta não solucionava, oferecia-se uma segunda. As ofertas convenciam então acerca dos pecados; a continuidade acusava fraqueza. Em Cristo, ao contrário, uma vez oferecido, foi suficiente para sempre. E com razão ele as denominou exemplar, porquanto apenas tinham o tipo, não a força. Uma imagem apresenta a figura, não a força de um homem. Com isto, a realidade e a figura têm entre si algo de comum; é igual o aspecto, mas a força, absolutamente não. Assim também acontece relativamente ao céu e ao tabernáculo; o tipo era igual, pois eram santos; a força etc., porém, não eram idênticas. O que significa: “*Ele se manifestou para abolir o pecado através do seu próprio sacrifício*” (9,26)? O que significa: “*Abolir*”? Tornar obsoleto, desprezar. O pecado não tem mais crédito; foi destituído. De que modo? Devia ser castigado e não o foi; isto é, sofreu violência. Esperava afastar a todos, e ele é que foi apartado. O que significa: “*Ele se manifestou através do seu próprio sacrifício*”, isto é, manifestou-se a Deus, aproximou-se dele. Não julgues, devido ao fato de que o sacerdote o faz muitas vezes ao ano, que é de qualquer forma e não por fraqueza. Se não é por fraqueza, por que então o fazia? Curadas as feridas, não se precisa mais de remédios. Ordenou, diz-se, que fosse sempre oferecido devido à fraqueza e para relembrar os pecados. Mas como? Não o oferecemos diariamente? Oferecemos, de fato, mas relembramos a sua morte, e ela foi uma só, não muitas. De que modo é única, não muitas? Porque foi oferecida uma só vez, conforme acontecia relativamente ao Santo dos Santos. Esta é figura daquela, e aquela desta. Sempre oferecemos a mesma ovelha, não agora uma, amanhã outra, mas sempre a mesma. O sacrifício por isso é um só; aliás, por este motivo, uma vez que é oferecido em muitos

lugares, há muitos Cristos? De modo algum, plenamente, um só corpo. Como, portanto, em muitos lugares é oferecido um só corpo, e não muitos, assim também um só é o sacrifício. Nosso pontífice é quem oferece a vítima que nos purifica. Agora também oferecemos aquela que então foi oferecida, e que não se consome. Realiza-se o memorial do que então se fez: “Fazei isto em minha memória” (Lc 22,19). Não outra vítima, como o pontífice outrora, mas sempre a mesma, ou antes fazemos o memorial do sacrifício.

Mas como relembrei este sacrifício, quero vos dizer poucas palavras, a vós que fostes iniciados nos mistérios. São poucas em número, mas têm grande força e utilidade; não são nossas, mas do divino Espírito. Quais, então? Muitos são participantes deste sacrifício uma vez no ano, outros duas vezes, outros mais frequentemente. A oração se faz por todos, não somente pelos presentes, mas também por aqueles habitantes do deserto; pois eles são partícipes uma vez no ano, frequentemente também de dois em dois anos. O que dizer, no entanto? Quais os que acolhemos melhor? Os que participam uma vez, ou mais vezes, ou raramente? Nem os que participam uma vez, muitas vezes ou raras vezes, e sim os partícipes de consciência purificada, de coração puro, de vida irrepreensível. Estes sempre tenham acesso; os demais, nem uma só vez. Por que razão? Porque merecem juízo, condenação, suplício, castigo. Não vos espanteis. Se um doente do estômago ingere um alimento por natureza nutritivo, ele o estraga e corrompe, contrai mal maior; assim também sucede em relação a estes tremendos mistérios. Usufruis da mesa espiritual, da mesa régia e novamente sujas a boca com lodo? Derramais unguento e de novo a enches de odor fétido? Dize-me, por favor. Participas da comunhão há um ano e julgas que quarenta dias são suficientes para purificar-te dos pecados do tempo todo? E terminada a semana, entregas-te aos pecados anteriores: Dize-me. Se convalesceres de longa doença em quarenta dias, e de novo te entregares àqueles alimentos que provocam as doenças, não perdes o esforço anterior? É claro que sim. Se os elementos materiais se alteram, muito mais os que dependem de nosso livre-arbítrio. Por exemplo: Por natureza enxergamos e temos olhos sadios; mas muitas vezes um mau hábito lesa nossa visão. Se os elementos naturais se alteram, não mudarão muito mais os que dependem do livre-arbítrio? Atribuis quarenta dias à saúde da alma, talvez nem quarenta, e esperas aplacar a Deus? Estás brincando, ó homem! Não me expremo desta forma para vos negar acesso durante um mesmo ano, mas antes no intuito de vos aproximardes continuamente das coisas santas. Por isso também o sacerdote clama, convidando os santos, e com esta palavra distingue, de sorte que ninguém se aproxime despreparado. Num rebanho com muitas ovelhas sadias, e algumas sarnentas, é necessário separá-las das sadias; assim acontece na Igreja. Visto que umas ovelhas são sadias, outras, doentes, com esta palavra as separa. Penetrando em toda parte, por esta palavra terrível o sacerdote chama e atrai os santos. Mas, sendo impossível que um homem conheça o interior do próximo: “Quem dentre os homens conhece o que é do homem, senão o espírito do homem que nele está?” (1Cor 2,11), emite esta palavra após a consumação do sacrifício, a fim de que ninguém se aproxime simples e temerariamente desta fonte espiritual. De fato, do rebanho (nada impede que novamente empregemos o mesmo exemplo) prendemos no redil as mórbidas, detidas nas trevas, dando-lhes alimento diverso, sem permitir que respirem ar puro, comam das ervas boas, nem que bebam da fonte externa. Por conseguinte, esta palavra assemelha-se a um vínculo. Não podes dizer: Não sabia, desconhecia o perigo; Paulo especialmente o atestou. Mas dirás: Não leio. Não é desculpa, mas acusação. Entras diariamente na igreja e ainda o ignoras?

Enfim, para não teres pretexto, o sacerdote em alta voz, e clamor tremendo, como um arauto, erguendo as mãos, de pé no alto e visível a todos, gritando em meio daquele silêncio assustador, a uns chama, a outros afasta. Não emprega as mãos, mas a língua, mais claramente do que se o fizesse com

as mãos. Com efeito, aquela voz, atingindo nossos ouvidos, à semelhança das mãos, a uns expelle e lança fora, a outros introduz e faz permanecer. Dize-me, por favor. Nos jogos olímpicos, o arauto não fica de pé clamando em alta voz e bem forte: Alguém o acusa de ser escravo, ladrão ou de costumes perversos? Embora aqueles combates não sejam espirituais, nem acerca de bons costumes, mas relativos à força e corporais. Se, portanto, nos exercícios corporais, há muitas exigências a respeito das intenções, quanto mais no caso da luta inteiramente espiritual! Está de pé, portanto, agora também nosso arauto, não segurando e arrastando cada cabeça, mas detendo a de todos simultaneamente por dentro. E não há outros acusadores, mas são eles próprios os acusadores. Não diz: Acaso alguém o acusa? Mas, como? A própria pessoa se acusa. Pois, quando diz: As coisas santas aos santos, quer dizer: Quem não é santo, não se aproxime. Não declara apenas: Purificado dos pecados, mas: Santo. Não apenas estar livre de pecados faz o santo, e sim a presença do Espírito, e a abundância das boas obras. Não quero somente, diz ele, que estejais limpos do lodo, mas brancos e belos. De fato, se o rei de Babilônia dentre os cativos jovens escolhe os de belo aspecto e de rosto formoso (cf. Dn 1,4), muito mais nós que estamos diante da mesa real devemos ter almas de lindo aspecto, ornadas de ouro puro, vestes limpas, calçados reais, formoso rosto espiritual, ornatos áureos, cingulo da verdade. Quem está nestas condições, aproxime-se, toque as taças régias. Se uma pessoa esfarrapada, sórdida e esquelética quiser chegar-se à mesa real, vê quanto haverá de sofrer; não serão suficiente quarenta dias para apagar os pecados cometidos em todo o tempo. De fato, se a geena não basta, apesar de ser eterna – e de fato é eterna –, muito menos este breve tempo. Não fazemos penitência válida, mas fraca. Importa principalmente que haja eunucos diante do rei, digo, eunucos de mente cândida, sem mancha nem ruga, de intelecto elevado, com olhos espirituais plácidos e penetrantes, esperto e ágil, não sonolento nem prostrado, bem livre, distante de toda ignomínia e ousadia, vigilante, sadio, não muito pesaroso e triste, não pouco expansivo e leve. Podemos criar para nós tal olho, aguçar e embelezar a visão. Quando não somos cercados de fumaça, nem de cinzas (tais são, de fato, todas as coisas humanas), mas de brisa sutil e duma atmosfera leve, de realidades excelsas e sublimes, cheias de tranquilidade, pureza e deleite, logo sentir-nos-emos refeitos e reconfortados pelo prazer de tão grande espectáculo. Viste grandes riquezas e mal adquiridas? Não as olhes. São lodo, fumaça, péssimo vapor, trevas, muita angústia e cuidados sufocantes. Viste um homem a exercer a justiça, contente com o que é seu, e que recebe larga remissão, porque não preocupado, nem solícito das realidades terrenas? Coloca-o no além e eleva-o e o farás muito mais belo e esplêndido, não apoiado em flores terrenas, mas nas virtudes: temperança, moderação, equidade etc. Nada tanto ofusca os olhos quanto uma consciência pesada: “De amargura meus olhos se turvam” (Sl 6,8). Nada mais tenebroso. Livra-os deste ataque, e os transformas em alegres, ágeis e fortes, sempre nutridos de boas esperanças. A todos nós seja-nos dado isto e as restantes operações da alma, conforme Cristo o quer, de sorte que nos tornemos dignos com esta imposição a ir aonde ele quer. Com efeito, ele declara: “Quero que, onde eu estou, também eles estejam comigo, para que vejam a minha glória” (Jo 17,24), Seja-nos dado a todos consegui-lo em Cristo Jesus nosso senhor, ao qual com o Pai na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA OITAVA HOMILIA

10,8. Assim, ele declara, primeiramente:

Sacrifícios, oferendas, holocaustos, sacrifícios pelo pecado, tu não os quiseste, e não te agradaram. Trata-se de oferendas prescritas pela Lei!

9. Depois, ele assegura: *Eis que eu vim para fazer, ó Deus, a tua vontade. Portanto, ele suprime o*

primeiro para estabelecer o segundo.

10. *E graças a esta vontade é que somos santificados pela oferta do corpo de Jesus Cristo, realizada uma vez por todas.*

11. *Todo sacerdote se apresenta, a cada dia, para realizar as suas funções e oferecer com frequência os mesmos sacrifícios, que são incapazes de eliminar os pecados.*

12. *Ele, ao contrário, depois de ter oferecido um sacrifício único, pelos peados, sentou-se para sempre à direita de Deus.*

13. *E então, espera que os seus inimigos venham a lhe servir de escabelo para os pés.*

As explicações precedentes revelaram que os sacrifícios eram inúteis para a perfeita pureza, que eram tipos e figuras, e muito deficientes. Por isso ocorria o seguinte: Se são tipos e figuras, como não cessaram com a chegada da realidade, não se afastaram, mas se cumpriram? Por conseguinte agora ele procede a demonstrar que não mais se cumprem, nem em figura, pois Deus não os admite. Ainda não o comprova pelo Novo Testamento, mas pelos profetas, remontando ao longe para apresentar firmíssimo testemunho de que cessaram e foram abolidos e que seria ação temerária, sempre em resistência ao Espírito Santo. Expõe suficientemente que não cessaram agora, mas por ocasião da própria vinda de Cristo, ou melhor, antes de sua vinda; e que não foi Cristo quem por fim as aboliu, mas anteriormente foram abolidas, e ele veio após. A fim de evitar a réplica: Embora sem este sacrifício podíamos agradar a Deus, ele esperou que também por eles fossem criticados, e então ele veio: *“Sacrifícios, oferendas, tu não os quiseste”*. Rejeitou tudo por este meio, como se dissesse em gênero e espécie: *“Holocaustos pelo pecado não te agradaram”*. Era oblação tudo o que era oferecido fora do sacrifício. *“Depois, ele assegura: Eis que eu vim”*. De quem se fala? De nenhum outro senão de Cristo. Esta passagem não inculca culpa nos ofertantes, apontando que não foram recebidos por causa de seus vícios, como se diz noutro lugar, mas de resto é aprovado e verificado que não tinham vigor, nem o tempo era conveniente. Por que, então, muitas vezes são oferecidos sacrifícios? Somente o fato de serem oferecidos muitas vezes é evidente terem sido fracos e sem utilidade, e também que Deus não os aceitara, enquanto inúteis e infrutíferos. Ele próprio diz em outra parte: *“Se aceitásseis um sacrifício, eu o ofertaria”* (Sl 51,18). Desta forma assinalou que ele não queria. Não é vontade de Deus, portanto, os sacrifícios, mas a abolição dos sacrifícios; eles sacrificam, portanto, à margem da vontade de Deus. O que significa: *“para fazer a tua vontade”*? Que entregue a mim mesmo; esta é a vontade de Deus. *“E graças a esta vontade é que somos santificados”*. Com isso assinala de outro modo que os sacrifícios não purificam os homens, e sim a vontade de Deus. Por conseguinte, oferecer sacrifícios não é segundo a vontade de Deus. E por que te admiras de que não seja agora vontade de Deus, visto que era no início? *“Quem vos pediu quando estendeis as vossas mãos?”* (cf. Is 1,12.15). De que modo ele ordenou? Por condescendência, conforme manifesta Paulo: *“Quisera que todos os homens fossem como sou”* (1Cor 7,7) pela continência; e ainda em outro trecho exorta: *“Desejo que as jovens (viúvas) se casem, criem filhos”* (1Tm 5,14). Exprime dois desejos, mas ambos não são dele, embora ele ordene. Este, contudo, é seu, e por isso o declara, sem proferir a causa; o outro não provém dele, embora o queira, e por isso acrescenta a declaração da causa. Com efeito, tendo primeiro as acusado de se afastarem do Cristo e quererem casar-se, diz então: *“Desejo que as jovens (viúvas) se casem, criem filhos”*. Assim também dispõe com condescendência: Seu principal desejo não era que se oferecessem sacrifícios.

Assim igualmente acerca da morte, dizendo: Não quero a morte do pecador, mas que se converta e viva (cf. Ez 18,23). Em outra passagem afirma não só que o queria, mas também que o desejava,

embora estas asserções sejam opostas, pois um desejo é uma vontade intensa. De que modo, portanto, se não queres, em outro lugar o desejas, sinal de intensa vontade? Assim também aqui, afirma: *“E graças a esta vontade é que somos santificados”*. Explica de que modo somos santificados, acrescentando: *“Pela oferta do corpo de Jesus Cristo, realizada uma vez por todas. Todo sacerdote se apresenta, a cada dia, para realizar as suas funções e oferecer com frequência os mesmos sacrifícios”*. Estar de pé é sinal de estar a serviço; estar sentado, é sinal de ser servido. *“Ele, ao contrário, depois de ter oferecido um sacrifício único pelos pecados, sentou-se para sempre à direita de Deus. E então, espera que os seus inimigos venham a lhe servir de escabelo para os pés”*.

14. *De fato, com esta única oferta, levou à perfeição, e para sempre, os que ele santifica.*

15. *É isto o que também nos atesta o Espírito Santo,*

O Apóstolo disse que elas não são oferecidos, conforme coligiu dos escritos e oralmente; além disso aditou uma palavra profética: *“Sacrifícios e ofertas, tu não os quiseste”*. Eliminou os pecados. Mais uma vez o comprova pelo testemunho escrito: *“É isto o que também nos atesta o Espírito Santo,”*

porque, depois de ter dito:

16. *Eis a aliança que farei com eles, depois daqueles dias, o Senhor declara:*

Dando-lhes as minhas leis nos seus corações e inscrevendo-as na sua mente.

17. *Não me lembrarei mais dos seus pecados, nem das suas iniquidades.*

18. *Ora, onde existe a remissão dos pecados, já não se faz a oferta por eles.*

Houve remissão dos pecados quando estabeleceu o testamento, e estabeleceu-o por meio do sacrifício. Por conseguinte, tendo redimido os pecados por um só sacrifício, um outro não é necessário. *“Sentou-se para sempre à direita de Deus. E então, espera...”* Por que motivo estas delongas? A fim de colocar os inimigos sob seus pés. *“De fato, com esta única oferta, levou à perfeição, e para sempre, os que ele santifica”*. Mas, talvez alguém retruque: Por que não o fez imediatamente? Por causa dos fiéis que iam nascer e ser gerados. De onde consta que os inimigos serão colocados sob os pés? Da asserção de que se sentou. Novamente relembra aquele testemunho: *“Até que eu reduza os teus inimigos a escabelo dos teus pés”* (Hb 1,13). Seus inimigos são os judeus. A expressão: *“Até que eu reduza os teus inimigos a escabelo dos teus pés”* era muito insistente; as palavras subsequentes todas se referem à fé. Quais são os inimigos, a não ser os infiéis, os demônios? Não somente os judeus. Aludindo à grande sujeição não usou a expressão: Sejam submetidos, e sim: Sejam reduzidos a escabelo sob seus pés. Não sejamos, portanto, do número dos inimigos. Não somente são inimigos os infiéis e os judeus, mas também os de vida impura. *“O desejo da carne é inimigo de Deus, pois ele não se submete à lei de Deus, e nem o pode”* (Rm 8,7). Como? – pergunta-se. Não é um crime? É crime e muito grave. O malvado enquanto for malvado, não se submete, mas pode mudar e tornar-se bom.

Rejeitemos, portanto, os pensamentos carnis. Quais são os pensamentos carnis? Os que fazem o corpo viçoso e saudável, mas prejudicam a alma, por exemplo, as riquezas, os prazeres, a glória. Tudo isto é carnal, amor do corpo. Não apreciemos, portanto, ter mais do que os outros, mas sempre adotemos a pobreza, grande bem. Ora, replica-se, ela nos faz humildes e desprezíveis. É uma necessidade para nós, muito nos confere. *“A pobreza humilha o homem”* (cf. Pr 10,4, em gr.). E ainda Cristo: *“Bem-aventurados os pobres em espírito”* (Mt 5,3). Lastimas por encontrares um caminho que conduz à virtude? Não sabes que ela nos confere muita confiança? Diz-se: A sabedoria do pobre é tida

por nada (cf. Eclo 9,16); e ainda um outro: Não me dêis nem riqueza, nem pobreza (cf. Pr 30,8); e: Livra-me da fornalha da pobreza. Mais uma vez: Se as riquezas e a pobreza vêm do Senhor, são um mal? Por que esta afirmação? Acontecia no Antigo Testamento, em que a riqueza tinha grande prestígio, a pobreza causava grande desprezo, uma era abominação, e a outra bênção. Agora é diferente. Mas queres ouvir o elogio da pobreza? Cristo a assumiu, e disse: “O Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” (Mt 8,20). E ainda dizia aos discípulos: “Não leveis ouro, nem prata, nem duas túnicas” (Mt 10,9-10). E Paulo escrevia: “Como nada tendo, embora tudo possuamos!” (2Cor 6,10). E Pedro dizia ao coxo de nascença: “Não tenho prata, nem ouro” (At 33,6). No próprio Antigo Testamento, quando as riquezas eram admiradas, quais, pergunto, as pessoas respeitáveis? Não era, acaso, Elias, que nada possuía além de uma pele de ovelha? Não era Eliseu, não era João? Ninguém, portanto, é humilhado por causa da pobreza; não é a pobreza que humilha, mas as riquezas que obrigam a precisar de muitas coisas, e impelem a obter o favor de muitos. Quem mais pobre do que Jacó, diz-me, que assegurava: “Se Deus... me der pão para comer e roupas para me vestir” (Gn 28,20). Elias e João não tinham liberdade no falar? O primeiro não censurou a Acab e o segundo a Herodes? Este dizia: “Não te é lícito possuir a mulher de (Filipe), teu irmão” (Mc 6, 18); Elias, porém, dizia a Acab com liberdade: “Não sou eu o perturbador de Israel, mas és tu mesmo e a casa de teu pai” (1Rs 18,18). Vês que a pobreza dá maior liberdade no falar? De fato, o rico é escravo, porque vulnerável a um prejuízo e quem quiser pode fazer-lhe mal; quem, contudo, nada possui não teme confiscação de bens, nem condenação. Se a pobreza privasse os homens da liberdade no falar, Cristo não teria enviado com pobreza seus discípulos a uma atuação que exigia muita liberdade no falar. O pobre, pois, é muito forte e não tem com que ser injuriado ou sofrer algum mal. O rico, contudo, de todos os lados é captado facilmente; e, enquanto arrasta muitas e longas cordas, é sem dificuldade apanhado e detido. Assim também acontece ao rico: escravos, ouro, edifícios, inúmeros negócios, incontáveis preocupações, tribulações, quedas e necessidades fazem-no de modo geral uma presa fácil.

Ninguém, portanto, julgue ser a pobreza causa de infâmia e desonra. Onde há virtudes, as riquezas da terra não passam de lodo, de argueiro, conferidas com ela. Sigamo-la, se queremos entrar no reino dos céus. “Vende os teus bens e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus”; e ainda: “Um rico dificilmente entrará no reino dos céus” (Mt 19,21.23). Vês que no caso de não existir, deve -se atraí-la. Tão grande bem é a pobreza, pois é uma espécie de condutora no caminho para o céu, unção atlética, exercício grande e admirável, porto tranquilo. Mas preciso de muitas coisas, replica-se, e não quero receber dom gratuito. Mas nisto o rico tem muito menos do que tu. Com efeito, tu talvez, para te alimentares, pedes uma esmola; ele, porém, sem decoro pede coisas incontáveis, para possuir mais do que os outros. Por isso os ricos necessitam de muito. Por que digo de muito? Muitas vezes de coisas até indignas. Por exemplo, não raro se encontram na milícia e necessitam de servos. O pobre, contudo, nem do imperador precisa; e se necessitar, é espantoso ser reduzido a tal situação, apesar de lhe ser lícito enriquecer. Ninguém, portanto, acuse a pobreza de ser causa de inumeráveis males, nem contradiga a Cristo, que diz ser ela a perfeição da virtude: “Se queres ser perfeito”. Ensinou-o por palavras, demonstrou-o em obras e instruiu-o por meio dos discípulos. Observemos, portanto, a pobreza. É grande bem para os vigilantes. Talvez alguns dos ouvintes façam destes augúrios. Não duvido. Esta doença é muito frequente e tal é a tirania das riquezas que não se detém em depreciação por palavras, mas fazem agúrios. Longe da alma cristã tais ações. Nada mais opulento do que a espontânea e pronta escolha da pobreza. Direi de que modo. Se quiseses, mostro que aquele que escolhe espontaneamente a pobreza é mais rico do que o próprio rei. De fato, este precisa de muito; preocupa-se e teme que lhe falte o apoio militar; aquele tem com fartura, sem receios, e se teme, não é acerca de muito. Diz-me, portanto. Quem é rico? Aquele que diariamente exige e aplica-se a

acumular bens, receoso de que lhe faltem, ou aquele que nada amontoa, que possui tudo fartamente, e de nada precisa? A virtude e o temor de Deus dão confiança, e não o dinheiro, o qual escraviza. “Dádivas e presentes cegam os olhos dos sábios e, como uma mordaça na boca, retêm as repreensões” (Eclo 20,31). Considera como Pedro, pobre, pune o rico Ananias. Um, na verdade, não era rico, e o outro pobre? Mas vê que Pedro fala com autoridade: Dize-me: “Foi por tanto que vendestes o campo?” (At 5,8). E ele responde: Sim, por tanto. E quem me dera, diz-se, ser como Pedro? Podes ser semelhante a Pedro, se renunciasses ao que tens: Distribui, dá aos pobres, segue a Cristo e serás semelhante. De que modo? Ele fazia milagres. Foi isso que tornou Pedro admirável, dize-me, ou a confiança que adquiriu pelo estilo de vida? Não ouves a palavra de Cristo: “Não vos alegreis porque os espíritos se vos submetem” (Lc 10,20). “Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus” (Mt 19,21). Escuta ainda o que diz Pedro: “Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho, isto te dou” (At 3,6). Se alguém possui ouro e prata, não possui esse dom. Por que então, pergunta-se, muitas pessoas não têm nem um nem outro? Porque não são pobres espontaneamente; os pobres voluntários possuem todos esses bens. Pois, embora não ressuscitem mortos, nem curem os coxos, têm o que é mais importante, a confiança junto de Deus; ouvirão no último dia aquela feliz sentença: “Vinde, benditos de meu Pai”. O que há de melhor? “Recebei o reino preparado para vós desde a fundação do mundo. Pois tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me recolhestes. E nu e me vestistes, doente, preso e viestes ver-me. Recebei o reino preparado para vós desde a fundação do mundo” (Mt 25,34-36). Fugamos, portanto, da cupidez, a fim de conseguirmos o reino dos céus. Alimentemos os pobres, para nutrirmos a Cristo, e sermos seus co-herdeiros, em Cristo Jesus nosso Senhor, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo, poder, honra, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA NONA HOMILIA

- 10,19.** *Sendo assim, irmãos, temos a plena garantia para entrar no Santuário, pelo sangue de Jesus.*
- 20.** *Nele temos um caminho novo e vivo, que ele mesmo inaugurou através do véu, quer dizer, através da sua carne.*
- 21.** *Temos um sacerdote eminente constituído sobre a casa de Deus.*
- 22.** *Aproximemo-nos, então, de coração reto e cheios de fé, tendo o coração purificado de má consciência e o corpo lavado com água pura.*
- 23.** *Sem esmorecer, continuemos a afirmar a nossa esperança,*
- Tendo demonstrado a grande diferença relativa ao pontífice, aos sacrifícios, ao testamento e à promessa, a saber, diferem porque uns são temporários e outros eternos, uns prestes a terminar e os outros permanentes, uns fracos e outros perfeitos, uns tipos e outros a realidade, diz: “*Não segundo a regra de uma prescrição carnal, mas de acordo com o poder de uma vida imperecível*”, e ainda: “*Tu és sacerdote para sempre*” (Hb 7,16-17) (Eis a perpetuidade do sacerdote); e a respeito do Testamento, que é antigo: “*Ora, o que se torna antigo e envelhece está prestes a desaparecer*” (Hb 8,13). O Novo inclui a remissão dos pecados, e o Antigo nada de semelhante: “*De fato, a Lei nada levou à perfeição*” (Hb 7,19); e ainda: “*Sacrifícios, oferendas, tu não os quiseste*” (Hb 10,8). Um traçado por mãos humanas e o outro, não; um com o sangue dos bodes e outro com o sangue do Senhor; um pelo sacerdote de pé e outro pelo sacerdote sentado. Uma vez que em tudo um é inferior, e outro superior, diz: “*Irmãos, temos a plena garantia*”. Garantia, de quê? Da remissão. Os pecados envergonham, enquanto aquilo nos garante plena remissão; não somente, mas nos tornamos co-herdeiros, e fruímos

deste amor. *“Para entrar no Santuário”*. A qual entrada se refere? Ao céu, ao acesso aos bens espirituais. *“Nele temos um caminho novo”*, que construiu, pelo qual começou. O começo é o início do uso. Que construiu, diz ele, e pelo qual ele também ingressou. *“Um caminho novo e vivo”*. Refere-se à plenitude da esperança. *“Novo”*, afirma. Empenha-se em mostrar que temos bens maiores, a saber, agora estão abertas as portas dos céus, o que não houve nem no tempo de Abraão. E diz com razão: *“Um caminho novo e vivo”*, pois o primeiro caminho era de morte, conduzia ao inferno, enquanto este é de vida. E não disse: De vida, mas denominou-o vivo, isto é, persistente. *“Através do véu, quer dizer, através da sua carne.”* A própria carne abriu-lhe aquele primeiro caminho, que se diz ter sido o início, visto que ele próprio se dignou ingressar por ele. Com razão deu à carne o nome de véu. Quando foi levantado às alturas, então apareceram as realidades celestes. *“Aproximemo-nos, então, de coração reto”*. Quem de nós se aproxima? O santo pela fé e culto espiritual. *“De coração reto e cheios de fé”*, porque nada é visível, nem o sacerdote, nem o sacrifício, nem o altar. Outrora nem o sacerdote era visível, mas ficava no interior, enquanto o restante, o povo, mantinha-se de fora. Neste trecho não só expõe que o sacerdote entrava no santuário (Declara-o nesses termos: *“Temos um sacerdote eminente constituído sobre a casa de Deus”*), mas que também nós entramos. Por isso disse: *“Cheios de fé”*. Pode acontecer que alguém acredite, mas tenha dúvidas, conforme agora muitos afirmam que uns ressuscitam, outros não. Não é plenitude de fé. Importa crer como se fosse visível, e até mais. Com efeito, é possível um erro acerca do que se vê, mas, no outro caso, de forma alguma; no primeiro caso utilizamos os sentidos, no segundo o espírito. *“Tendo o coração purificado de má consciência”*. Mostra aqui que não se exige apenas a fé, mas também a vida virtuosa, sem peso na consciência. De fato, não recebem as coisas santas os que não possuem esta plenitude. Há Santo e Santo dos Santos. Neste um profano não entra. Eles purificavam o corpo, nós a consciência. Agora ainda é possível purificar-se, mas pela virtude. *“E o corpo lavado com água pura.”* Não é ablução que lava o corpo, e sim a alma.

porque é fiel quem fez a promessa.

O que prometeu aquele que é fiel? Que se deve partir daqui e entrar no reino. Nada perscrutes curiosamente, nem exijas cálculos. Nossas realidades exigem fé.

24. *Velemos uns pelos outros para nos estimularmos à caridade e às boas obras.*

25. *Não deixemos as nossas assembleias, como alguns costumam fazer. Procuremos, antes, animar-nos sempre mais, à medida que vedes o Dia se aproximar.*

E ainda diz em outra passagem: “O Senhor está próximo! Não vos inquieteis por coisa alguma” (Fl 4,5-6). Agora “nossa salvação está mais próxima” (Rm 13,11). E ainda: “O tempo se fez curto” (1Cor 7,29). O que quer dizer: *“Não deixemos as nossas assembleias”*? Ele sabe que a comunidade e a assembleia têm grande força. Diz-se: “Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles” (Mt 18,20); e ainda: “Para que sejam um como nós” (Jo 17, 11); mais uma vez: “A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma” (At 4,32). Não apenas isto, mas também a reunião aumenta a caridade; se, porém, a caridade cresce, necessariamente aumentam as coisas de Deus. Diz-se: “A Igreja não cessava de fazer orações” (At 12,5). *“Como alguns costumam fazer”*. Não somente exorta, mas também repreende. *“Velemos uns pelos outros para nos estimularmos à caridade e às boas obras”*. Sabia que isto acontecia nas assembleias. Como o ferro aguça o ferro, assim também a assembleia aumenta a caridade. Pois se o atrito de uma pedra em outra emite fogo, quanto mais uma alma que se achega a outra! Vê, não diz: Por emulação, e sim: *“Para nos estimularmos à caridade”*. O que significa: *“Para nos estimularmos à caridade”*? Para amar mais e mais serem amados. Acrescenta: *“E às boas obras”*, para despertar a emulação. E com razão. Fazer é ensinamento

mais forte do que dizer. Vós também tendes mestres na multidão, que instruem por obras. O que quer dizer? *“Aproximemo-nos, então, de coração reto”*. Isto é, sem hipocrisia. *“Ai dos corações covardes e das mãos sem vigor”* (Eclo 2,14). Não haja mentira entre nós. Não digamos uma coisa e pensemos outra; seria mentira. Não sejamos pusilânimes. Não seria próprio de um coração reto. Não acreditar faz-nos pusilânimes. De que modo? Persuadindo-nos pela fé. *“Tendo o coração purificado”*. Por que não disse: Limpo, e sim: *“Purificado”*? Queria mostrar a diferença das purificações; uma é obra de Deus, outra é nossa. Purificar a consciência e limpá-la é obra de Deus; aceder, porém, com verdade, e plena persuasão da fé, é nossa. Em seguida também apresenta a força da fé baseada na verdade daquele que prometeu. Qual o sentido da locução: *“E o corpo lavado com água pura”*? Refere-se à que limpa, ou que não contém sangue. Após, acrescenta o que é perfeito, isto é, a caridade. *“Não deixemos as nossas assembleias”*. Proíbe-lhes o que fazem alguns, dividindo a assembleia. *“Um irmão ajudado pelo irmão é uma cidade fortificada”* (Eclo 18,19). *“Velemos uns pelos outros para nos estimularmos à caridade”*. O que quer dizer: *“Velemos uns pelos outros”*? Por exemplo: Se alguém é virtuoso, imitemo-lo. Olhemo-lo para amarmos e sermos amados. A caridade realiza as boas obras.

A assembleia é um grande bem. Torna a caridade mais ardente, e daí nascem todos os bens. Não há bem que não se faça pela caridade. Confirmêmo-la entre nós: *“A caridade, portanto, é a plenitude da Lei”* (Rm 13,10). Para nos amarmos mutuamente, não precisamos de labuta, suores; é caminho automático para a virtude. Quem encontrar o começo duma via pública, tem a direção, e não precisa de guia; assim também quanto à caridade, apreende apenas o início e logo por ela serás conduzido e dirigido. *“A caridade é paciente, é prestativa, não suspeita mal”* (1Cor 13,4-5). Pensa em favor do próximo o mesmo que para si. Ninguém inveja a si próprio, deseja para si todo o bem, prefere-se a todos, faz tudo em seu benefício. Se assim, portanto, agirmos para com o próximo, os distúrbios se resolvem. Não há inimizades, não há avareza. Quem quer ser cobiçoso? Ninguém; antes, quer o oposto.

Tenhamos, portanto, tudo em comum, e não cessemos de nos reunir. Se o fizermos, não haverá lugar para recordação das injúrias. Quem prefere lembrar-se das injúrias? Quem deseja irar-se contra si próprio? De modo algum; ou melhor, desculpamo-nos mais que a todos? Se assim procedemos em relação ao próximo, jamais nos lembraremos das injúrias. E como é possível que alguém ame o próximo como a si mesmo? Se outros não o fizeram, com razão pensarás ser impossível; mas se o fizeram, é evidente que não o praticamos por indolência. Aliás, Cristo não ordena o impossível; muitos até ultrapassaram seus preceitos. Quem agiu deste modo? Paulo, Pedro, todo o coro dos santos. Mas se disser que amaram o próximo, não terei dito algo de grandioso. Eles amaram os inimigos como jamais ninguém amou os que lhe são concordes. Quem de nós preferiu ir para a geena em prol dos amigos unânimes, estando prestes a ir para o reino? Ninguém. Mas Paulo o preferiu em favor dos inimigos, daqueles que o apedrejaram, dos que o açoitaram. Que desculpa teremos, que escusa, se não manifestarmos a nossos amigos a mínima parte do amor que Paulo demonstrou pelos inimigos? Anteriormente o beato Moisés quis ser apagado do livro de Deus (Ex 32,32) em favor dos inimigos que o haviam atacado com pedras. Davi também, vendo mortos os rebeldes, disse: *“Fui eu, o pastor, que pequei, mas esses que mal fizeram?”* (cf. 2Sm 24,27). Quando teve Saul entre as mãos, não quis matá-lo, mas o poupou, apesar do perigo em que incorreria. Assim sucedeu no Antigo Testamento. Que perdão teremos nós que vivemos no Testamento Novo, e não atingimos a medida daqueles que nos precederam? *“Se a vossa justiça não exceder a dos escribas e a dos fariseus, não entrareis no reino dos céus”* (Mt 5,20). Como entraremos nós tendo menos do que eles? *“Amai, diz-se, os vossos inimigos”, e sereis semelhantes a “vosso Pai que está nos céus”* (Mt 5,44-45). Amai, portanto, o

inimigo; pois não é a ele que prestas benefício, mas a ti mesmo. De que modo? Assemelhar-te-ás a Deus. Ele, se for amado por ti, não terá muito lucro, pois foi amado por um companheiro de serviço; tu, porém, se amares um colega, obtens grande lucro, visto que te tornarás semelhante a Deus. Vês que te gratificas, não a ele? Propões-te um prêmio, não a ele. Mas, replicas, se for um malfeitor? Tanto maior será tua recompensa e deves ser grato por causa de sua maldade, mesmo se após inúmeros benefícios continuar malvado. Pois se não fosse muito malvado, não aumentaria assaz tua recompensa. O motivo de não ser amado, a saber, porque é malvado, transforma-se na causa de ser amado. Afasta o antagonista, e perdes a ocasião de ser coroado. Não vês como os atletas exercitam-se com sacos cheios de areia? Não necessitas de tal esforço; a vida está repleta de exercícios que te fortificam. Não vês que as árvores mais expostas ao vento ficam mais fortes e sólidas? Igualmente nós, se formos pacientes, seremos fortes, pois: “O homem paciente é cheio de inteligência, o pusilânime é assaz estulto” (cf. Pr 14,29). Vês como é grande o elogio daquele e a condenação deste? “Assaz estulto”, é: muito. Não sejamos, portanto, pusilânimes; tal não advém por inimizade, mas devido à estreiteza de ânimo. O forte facilmente tudo suportará, nada poderá submergi-lo, mas conduzirá a porto tranquilo. Seja-nos dado a todos alcançá-lo, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, com o qual ao Pai, na unidade do Espírito Santo, glória, império, honra, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

VIGÉSIMA HOMILIA

10,26. *Pois se pecarmos voluntariamente e com pleno conhecimento da verdade, já não há sacrifícios pelos pecados.*

27. *Aguarda-nos apenas um julgamento tremendo e o ardor de um fogo que consumirá os adversários.*

Quaisquer árvores plantadas, cultivadas pelas mãos dos agricultores, com diversos cuidados, mas que não correspondem aos esforços, são arrancadas pelas raízes e lançadas ao fogo. Tal igualmente acontece acerca da iluminação (do batismo). Com efeito, após Cristo nos ter plantado e termos percebido a irrigação espiritual, se formos infrutíferos, aguarda-nos o fogo da geena e a chama inextinguível. Paulo, porém, tendo exortado à caridade e à produção dos frutos de boas obras, estimula por meio de fatos melhores (Quais? Nosso acesso ao Santuário e o caminho novo iniciado para nós), e por realidades mais tristes faz o mesmo, empregando estes termos: “*Não deixemos as nossas assembleias, como alguns costumam fazer. Procuremos, antes, animar-nos sempre mais, à medida que vedes o Dia se aproximar*”. E é suficiente para consolar. Acrescenta: *Pois se pecarmos voluntariamente e com pleno conhecimento da verdade*”. São necessárias e muito as boas obras. “*Pois se pecarmos voluntariamente e com pleno conhecimento da verdade, já não há sacrifícios pelos pecados*.” Isto é, estás purificado, livre dos pecados, e filho te tornaste. Se, portanto, voltares ao anterior vômito, permanece a proscrição e o fogo etc.; já não há sacrifícios. Então surgem os que recusam a penitência, e os que hesitam em procurar o batismo. Uns afirmam que não lhes é garantido aceder ao batismo, porque não há segunda remissão; outros, contudo, asseveram que não é seguro para os pecadores participarem dos mistérios, se não existe segunda remissão. O que dizer a uns e outros? Que não fala com tal escopo, nem elimina a penitência, nem a propiciação pela penitência, nem exclui o delinquente, por não haver esperança. Não é a tal ponto inimigo de nossa salvação. E então? Exclui um segundo batismo, pois não disse: Não existe mais possibilidade de penitência, ou: Não há mais remissão, mas não há mais sacrifício, isto é, não existe pela segunda vez a cruz, que ele denomina sacrifício. “*De fato, com esta única oferenda, levou à perfeição, e para sempre, os que ele santifica*.” Não como a judaica, nem tantas vezes. Por esse motivo, dissertou em todos os sentidos a respeito do

sacrifício, afirmando que é um e mais um, não apenas no intuito de mostrar que nisto difere dos judaicos, ou antes que são mais seguros, de sorte que não se espere outro sacrifício segundo a Lei dos judeus. *“Pois se pecarmos voluntariamente.”* Vês como está propenso ao perdão? *“Pois se pecarmos voluntariamente.”* Perdoam-se os involuntários. *“E com pleno conhecimento da verdade”*. Ou é de Cristo, ou da doutrina. *“Já não há sacrifícios pelos pecados.”* Mas, então?

“Aguarda-nos apenas um julgamento tremendo e o ardor de um fogo que consumirá os adversários.” Chama de adversários não somente os infiéis, mas os que agem de modo contrário à virtude; ou que atingirá também os familiares o mesmo fogo que aos adversários. Em seguida, assinalando que é corrosivo, de certo modo o esfriou, dizendo: *“E o ardor de um fogo que consumirá os adversários”*. Como uma fera instigada, muito cruel e agreste, não descansará enquanto não captar e consumir alguma coisa, aquele fogo, instigado por certo ardor, não solta os que prender, mas devora e dilacera. Em seguida também adita a razão das ameaças, que são justas e com razão. Contribui para a fé, por mostrarmos que se fazem com justiça.

28. *Quem transgride a Lei de Moisés é condenado à morte, sem piedade, com base em duas ou três testemunhas.*

“Sem piedade”, diz o Apóstolo. Sem perdão, nem misericórdia. No entanto, é Lei de Moisés, pois ele promulgou muitas normas. O que significa: *“Com base em duas ou três testemunhas”*? Se houver dois ou três testemunhos, imediatamente sofre o castigo. Se pois, no Antigo Testamento, onde a Lei de Moisés foi abolida, tão grande é o castigo, quanto mais agora? Por isso diz:

29. *Podeis, então, imaginar que castigo mais severo ainda merecerá aquele que calcou aos pés o Filho de Deus, e profanou o sangue da aliança no qual foi santificado, e ultrajou o Espírito da graça?*

De que modo alguém calca aos pés o Filho de Deus? Dize-me. O participante dos mistérios que peca, não o calca aos pés? Não o despreza? Não damos importância aos objetos conculcados; assim também os pecadores não dão importância a Cristo quando pecam. Foste incorporado a Cristo e te entregas ao diabo para seres conculcado? *“E profanou o sangue.”* O que significa profanado? É o impuro, que nada tem a mais do que os restantes. *“E ultrajou o Espírito da graça.”* Quem recusa o benefício, ofende o benfeitor. Ele te fez filho; queres tornar-te escravo? Veio, habitou junto de ti; tu, porém, admitiste maus pensamentos? Cristo quis colocar-se perto de ti; tu, contudo, o conculcas pela crápula e a embriaguez? Ouçamos nós, que indignamente participamos dos mistérios; ouçamos nós que indignamente nos aproximamos daquela mesa: *“Não deis aos cães as coisas santas, para que não as pisem”* (cf. Mt 7,6), isto é, não aconteça que as desprezem, rejeitem cuspiendo. O Apóstolo não o declarou, ao invés, proferiu algo mais terrível, e constrangedor; e isto converte tanto quanto o consolo. E simultaneamente mostra a diferença e o castigo, e julga-os, enquanto manifestos. *“Podeis, então, imaginar que castigo mais severo ainda merecerá?”*. Parece-me que indica os mistérios. Logo adita o testemunho, nesse termos:

31. *Quão terrível é cair nas mãos do Deus vivo!*

Pois está escrito:

30. *A mim pertence a vingança, eu é que retribuirei! E ainda: O Senhor julgará o seu povo.*

Caíamos nas mãos do Senhor, e não nas mãos dos homens. Mas se não fizerdes penitência, caireis nas mãos de Deus. É terrível! Nada é cair nas mãos dos homens. Quando virmos alguém ser punido na terra, não temos as coisas presentes, mas tenhamos horror das futuras. *“Misericórdia e cólera são nele igualmente rápidas e sua ira pousará sobre os pecadores”* (Eccl 5,7). Simultaneamente insinua outra coisa. *“A mim pertence a vingança, eu é que retribuirei!”*. Refere-se aos inimigos que fazem o

mal, não aos que padecem. Aqui também os consola, dizendo de certo modo: Eternamente Deus permanece e vive, e embora agora não o acolham, recebê-lo-ão posteriormente. Devem eles gemer, não nós, porquanto nós cairemos nas mãos deles, mas eles, nas mãos de Deus. Não é quem padece males que sofre, e sim quem os faz; nem quem é beneficiado é que recebe, mas o benfeitor.

Disto cientes, sejamos tolerantes, prontos para beneficiar. Sê-lo-emos, se desprezarmos as riquezas e a glória. Quem renunciar a essas afeições, será o mais livre dos homens e mais rico do que o rei que reveste a púrpura. Não vês os males cometidos por causa do dinheiro? Não me refiro aos pecados de cupidez, e sim à propensão. Por exemplo, se alguém perde as riquezas, vive uma vida pior do que a morte. Por que te lastimas, ó homem, por que choras? Porque Deus te livrou de uma guarda supérflua? Por que não tremes e temes? Aliás, se alguém te prender num tesouro, ordenando ficares sempre ali e vigiares bens alheios, ficas pesaroso e aborrecido. Tu, porém, que te prendes com vínculos mais pesados, te condóis por seres libertado da servidão?

Em verdade, dores e alegrias são preconceitos. Nós os guardamos como bens alheios.

Agora, dirijo-me às mulheres. Muitas vezes, a mulher que possui um manto tecido com ouro, pega-o, envolve-o em linho, guarda-o cuidadosamente, estremece por causa dele e dele não usufrui. Morre, ou enviúva. Ou, mesmo que nada aconteça, tem medo de perdê-lo, gasto pelo uso; se não de outra forma, a própria parcimônia a priva. Mas, se ceder a outra pessoa? Nem isto é claro; se, porém a der, ficará gasto de modo semelhante. Se alguém examinar o que existe nos palácios, encontrará vestes assaz preciosas e outras, objetos de maiores cuidados, como se fossem senhores, seres animados; não são usados frequentemente, mas teme-se e treme-se afastando as traças e outros que costumam corroê-las, colocando-as entre unguentos e aromas. Não permite ela que estejam patentes aos olhos de todos, mas frequentemente com o marido as arranja diligentemente.

Não é com razão, dize-me, que Paulo chama a avareza de idolatria? A honra que outras pessoas dispensam aos ídolos, estas dão às vestes e aos tecidos dourados. Até quando nos revolveremos no lodo, até quando estaremos presos ao barro e aos tijolos? Aqueles (os israelitas) trabalhavam para o rei dos egípcios; nossa labuta é para o diabo e somos açoitados com golpes muito mais graves. E não julgues que é uma hipérbole. Com efeito, quanto a alma é mais importante do que o corpo, tanto mais somos flagelados diariamente pelos golpes mais pesados das preocupações. Tememos solícitos e trememos. Mas, se quisermos gemer, erguer os olhos para Deus, ele não nos envia Moisés e Aarão, mas sua palavra e a compunção. Por conseguinte, quando ele vier e ocupar nossas almas, livrar-nos-á da acerba escravidão, tirar-nos-á do Egito, do esforço inútil e vão, da servidão que nenhum lucro traz. Aliás, eles saíram após receber o pagamento em ouro das construções; nós, porém, nada obtivemos, e oxalá nada tivéssemos recebido! Não recebemos agora vasos de ouro, mas os males do Egito, os pecados, as penas e os suplícios. Aprendamos a tirar proveito, aprendamos a receber injúrias. É próprio do cristão. Desprezemos as vestes douradas, as riquezas, para não menosprezarmos nossa salvação. Desprezemos as riquezas e não a nossa alma. Ela é que é punida, atormentada, pois as posses ficam na terra, ela, contudo, parte para o além. Dize-me. Por que te laceras e não sentes? Digo-o aos avaros. É bom dizê-lo aos que padecem fraudes da parte dos avaros. Suportai com fortaleza os danos dos avaros. Eles arruínam-se a si mesmos, não a vós; eles vos privam das riquezas, mas a si da benevolência e do auxílio de Deus. Quem disto é despojado, mesmo se possuir as riquezas do orbe inteiro, é o mais pobre de todos os homens, como o mais pobre de todos se o tiver, é riquíssimo. “O Senhor é meu pastor, nada me falta” (Sl 22,1). Dize-me. Se tiveres uma pessoa grande e admirável, que muito te ame, e cuide de ti; além disso, se souberes que ela viverá perpetuamente, e tu não morrerás antes e ela tudo te concederá, de sorte que com segurança gozes desses bens como teus;

querias mais alguma coisa? Pois, se fosses desprovido de tudo mais, não te considerarias o mais rico dos homens? Por que, então, choras? Por não teres dinheiro? Mas pensa que te foi tirada a oportunidade de pecar. Foste privado de bens? Mas adquiriste a benevolência de Deus. E como a adquirimos? – replicas. Disse o Apóstolo: “Por que não preferis, antes, padecer uma injustiça?” Disse: “Por tudo dai graças” (1Cor 6,7; 1Ts 5,18). E: “Bem-aventurados os pobres em espírito” (Mt 5,3). Reflete, portanto, de quanta benevolência usufruís, se apresentares aquelas obras. Pois uma só coisa é requerida de nós: Em tudo dar graças a Deus, e teremos tudo com abundância. Por exemplo: Perdeste dez mil libras de ouro. Dá logo graças a Deus e adquiriste cem mil libras por aquela palavra e pela ação de graças. Dize-me. Quando julgas que Jó era feliz? Quando possuía tantos camelos, tantos rebanhos e tantas ovelhas, ou quando proferiu aquela palavra: “O Senhor o deu, o Senhor o tirou” (Jó 1,21)? De fato, o diabo não nos causa dano ao tirar-nos só as riquezas, pois sabe que elas nada são, mas se, por meio delas, nos levar a proferir blasfêmia. Assim também acerca do beato Jó não se esforçou apenas por empobrecê-lo, mas também para que proferisse blasfêmia. Quando o despojou de tudo, vê o que lhe disse através da mulher: “Amaldiçoa a Deus e morre!” Ora, abominável, despojaste-o de tudo. Mas não era este meu empenho. Não consegui aquilo por cuja causa tudo fiz: Tirar-lhe o auxílio de Deus. Foi por isso que o despojei das riquezas. É o que eu quero; aquilo nada é. Sem isso, não só não lhe causei dano, mas lhe fui proveitoso.

Vês que sabe o demônio maligno qual é o dano na questão? Vês, portanto, que por meio da mulher arma insídias. Ouvi todos vós que tendes mulheres que amam as riquezas e vos constroem a blasfemar contra Deus. Lembrai-vos de Jó. Mas vejamos, se quiseses, a grande equidade com a qual lhe fechou a boca. “Falas como uma insensata” (Jó 2,10). De fato, “As más companhias corrompem os bons costumes” (1Cor 15,33). Sempre corrompem, principalmente nas tribulações; então as más exortações adquirem força. Com efeito, se o ânimo por si é bastante inclinado à indignação, quanto mais quando há conselheiros? Não empurram para o báratro? A mulher é um bem, mas também pode ser grande mal. E observa onde o diabo perfura um muro forte. Não ataca com a perda das riquezas, porque não causaria grande dano, mas em vão teria arguido: “Eu te garanto que te lançará maldições em rosto” (Jó 1,11). Arma a mulher contra ele. Vês por onde inspirava? Mas para nada lhe serviu a trama. Se, portanto, nós também o suportamos dando graças, receberemos o mesmo; e se não recebermos, maior será a recompensa. Dessa forma, Jó tornou-se adamantino. Lutou com valor, foi-lhe feita restituição. Ao mostrar ao diabo que não cultuava a Deus por causa disso, então foi-lhe concedida. Deus age assim. Vendo que não estamos apegados aos bens desta vida, então no-los concede. Vendo que preferimos os espirituais, dá-nos os materiais. Não antes, a fim de não renunciarmos aos espirituais. Por conseguinte, poupando-nos, não nos concede os carnis, a fim de não nos apartar deles contra nossa vontade. Não, respondes. Mas, se receber, fico satisfeito, ou melhor, dou graças. Mentas, ó homem; então serias mais indolente. Por que, replicas, dá a muitos? Onde consta que é ele quem dá? Mas qual é o outro doador? A avareza e rapina deles. Como permite que isso aconteça? Com o morticínio, os furtos, a violência. O que dizes, pergunta-se, daqueles que recebem herança paterna e cometeram pecados incontáveis? Como permite Deus que dela goze? Como aos ladrões, assassinos, e outros malvados. Agora não é o tempo do juízo, mas de ótimo estilo de vida. Repito o que já disse: Sofrerão maiores penas, pois, mesmo tendo recebido todos os bens, nem assim se tornaram melhores.

Repito o que disse: Sofrerão maiores penas, pois apesar de estarem de posse de todos os bens, nem assim melhoram. Todos não serão punidos de igual forma, mas os que continuam na maldade, após os benefícios serão mais atormentados; os pobres, não tanto. Escuta Davi assegurar que é verdade: “Não

te dei a casa do teu senhor?” (cf. 2Sm 12,8). Quando, pois, vires um jovem sem esforço próprio receber a herança paterna, e continuar malvado, saiba com certeza que lhe será acrescida a pena e intensificado o suplício. Não o invejemos, portanto, e sim ao virtuoso, ao que adquire riquezas espirituais. “Ai dos que confiam na sua fortuna”. E: “Felizes todos os que temem o Senhor” (cf. Sl 49,7; 128,1). Entre os quais, dize-me, queres ser contado? Certamente entre os denominados felizes. Imita-os, não aqueles, a fim de conseguires os bens que lhes são reservados. Seja-nos dado a todos nós alcançá-los, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

VIGÉSIMA PRIMEIRA HOMILIA

10,32. *Lembrai-vos, contudo, dos vossos primórdios. Apenas havíeis sido iluminados, suportastes um combate doloroso.*

33. *Éreis às vezes apresentados como espectáculo, debaixo de injúrias e tribulações, outras vezes vos tornáveis solidários daqueles que tais coisas sofriam.*

34. *Vós participastes, com efeito, do sofrimento dos prisioneiros e aceitastes com alegria a espoliação dos vossos bens, certos de possuir nos céus uma fortuna melhor e mais durável.*

Os médicos excelentes, depois de fazerem profunda incisão e aumentarem a dor da chaga, logo a aliviam e tratam do lugar dolorido, fomentam e refazem o ânimo perturbado, e não aplicam outra incisão, mas suavizam a que foi feita com medicamentos leves, mitigando muito a dor. Assim agiu Paulo. Tendo abalado o espírito deles, compungido com a menção da geena e assegurado que pereceriam seguramente os que infligissem opróbrio à graça de Deus, e mostrado através da Lei de Moisés que haveriam de se perder e mais ainda serem punidos, confirma por outros testemunhos o que dissera e assegura que é horrível cair nas mãos do Deus vivo; a fim de que a alma não desesperasse devido ao grande medo, e fosse absorvida pela dor, consola pelos louvores e pela exortação e apresenta-lhes familiar emulação. “*Lembrai-vos, contudo, dos vossos primórdios. Apenas havíeis sido iluminados, suportastes um combate doloroso.*” É intenso o conforto dado pelas obras; pois quem começa deve ir progredindo. Como se dissesse: Quando iniciáveis, quando ocupáveis o lugar de discípulos, demonstrastes tamanha prontidão, tamanha generosidade; agora, não. E quem assim exortou, principalmente admoesta por meio dos familiares. E vê que não apenas disse: “*Suportastes um combate*” mas acrescentou: “*Doloroso*”. Não disse: Provações, e sim: “*Combate*”, elogio e louvor máximo. Em seguida enumera singularmente cada um, dilatando o discurso, com muitos elogios. De que modo? “*Éreis às vezes apresentados como espectáculo, debaixo de injúrias e tribulações.*” A injúria é um meio esmerado, suficiente para compungir o coração, converter a alma, e obnubilar a mente. Escuta o dito do profeta: “As lágrimas são meu pão noite e dia, e todo dia me perguntam: ‘Onde está o teu Deus?’” (Sl 42,4); e ainda: “Se um inimigo me insultasse, eu poderia suportar” (Sl 54,13). Uma vez que o gênero humano possui grande estima da vanglória, deixa-se facilmente prender por ela. Não somente disse: “*Injúrias*”, mas o que é mais intenso: “*Apresentados como espetáculo*”. Com efeito, quando alguém é injuriado à parte, é entristecedor; muito mais, contudo, se for na presença de todos. Reflete, suplico-vos, sobre a gravidade do mal que consistia em abandonar o humilde estado judaico, passar de certo modo para uma vida melhor, menosprezar os bens paternos, sofrer da parte dos seus, sem ter defesa alguma. Não posso, afirma, dizer que sofrestes estas coisas e lastimastes; ao contrário, muito vos alegrastes. Declarou-o, nesses termos: “*Outras vezes vos tornáveis solidários daqueles que tais coisas sofriam. Vós participastes, com efeito, do sofrimento dos*

prisioneiros”. E apresenta os próprios apóstolos. Não apenas não vos envergonhastes diante dos familiares, mas fostes solidários dos que sofreram tais coisas. É próprio de quem exorta. Não disse: Suportai minhas aflições, sede meus companheiros, mas somente: “*Vós participastes, com efeito, do sofrimento dos prisioneiros*”. Vês que se refere a si e a outros prisioneiros? A tal ponto não considerastes os vínculos como vínculos, mas permanecestes como atletas valorosos. Não somente não precisastes de consolo nos vossos, mas ainda consolastes os outros. “*E aceitastes com alegria a espoliação dos vossos bens.*” Ah! Plena certeza da fé! Logo, expõe também a causa, não apenas exortando-os ao combate, mas também a que não desertem da fé. Aceitastes, diz ele, a espoliação dos vossos bens. Vistes as coisas invisíveis como se fossem visíveis, porque a fé era sincera, e a demonstrastes pelos fatos. A espoliação talvez derivasse da violência dos espoliadores, de sorte que era impossível impedi-los. Ainda não é evidente que sofrestes espoliação por causa da fé. Aliás, é evidente o seguinte: Era possível, se o quisésseis, não suportar a espoliação, se não acreditásseis. Mas fizestes o que é muito mais importante, a saber, suportastes tais coisas com alegria, o que é totalmente apostólico e digno de homens magnânimos, que se alegram com os flagelos. “Quanto a eles, deixaram o Sinédrio, muito alegres de terem sido julgados dignos de sofrer ultrajes pelo nome (de Jesus)” (At 5,41). Quem sofre com alegria, demonstra que tem determinada recompensa, que não se trata de dano, mas de proveito. “*Aceitastes*”, comprova tolerância voluntária. Como preferistes e aceitastes? “*Certos de possuir nos céus uma fortuna melhor e mais durável*”. O que significa: “*Mais durável*”? Firme, não perecível, como as da terra.

Após louvá-los, disse:

35. *Não percais, pois, a vossa segurança que tamanha recompensa merece.*

O que dizes? Não disse: Perdestes a segurança; recuperai-a, para que não desesperem. E sim: Tendes, não a percais. Isto os tornava mais firmes. Vós a tendes, diz ele. Recuperar o que se perdeu exige maior labor; não perder o que se possui, não, por quem eu sofro de novo as dores do parto, até que Cristo seja formado em vós” (Gl 4,19); e com razão. Efetivamente, eles eram preguiçosos e indolentes, e por isso precisavam de um discurso que os estimulasse; estes, contudo eram mais pusilânimes, de sorte que precisavam de discurso que os curasse. “*Não percais, pois, a vossa segurança*”; portanto, tinham grande confiança em Deus. “*Que tamanha recompensa merece.*” O que é isto? No futuro a receberemos, responde-se. Por conseguinte, se está reservada para o futuro, não deve ser procurada aqui. Em seguida, a fim de que não dissesse alguém: Eis que tudo nos foi concedido, adianta-se contra a opinião que tinham, dizendo mais ou menos o seguinte: Se sabeis que no céu tendes melhor recompensa, nada procureis na terra. Precisaís de paciência, não de aumento de lutas, a fim de permanecerdes vós mesmos, sem rejeitar o que vos foi entregue. De nada necessitais além de perseverar, como perseverastes, a fim de alcançardes o fim, e receberdes a recompensa.

36. *De fato, é de perseverança que tendes necessidade, para cumprirdes a vontade de Deus e alcançardes o que ele prometeu.*

Só uma coisa vos é necessária, que espereis as realidades futuras, e não de novos combates. Já chegastes a merecer a coroa; suportastes todos os combates, os vínculos, as aflições, a espoliação dos bens. Como? Ficai firmes, de resto, para serdes coroados. Suportai apenas as delongas da futura coroa. Ó grande consolo! Como se alguém dissesse a um atleta, que a todos prostrou, e não tem mais adversário com quem lutar, que depois será coroadado, mas não quer esperar o tempo em que virá o presidente dos jogos, e lhe imponha a coroa. Ele, porém, não tolera e quer sair e fugir, por não suportar a sede e o calor. O Apóstolo, portanto, o sugere. O que diz?

37. *Porque ainda um pouco, muito pouco tempo, e aquele que vem, virá; ele não tardará.*

Mas, se replicassem: E quando virá? Consola-os com as Escrituras. De fato, quando diz noutra passagem: “Nossa salvação está mais próxima” (Rm 13,11), consola-os com o fato de que resta pouco tempo. Não o diz de si mesmo, mas segundo as Escrituras. Dizia-se a respeito daquele tempo: *“Porque ainda um pouco, muito pouco tempo, e aquele que vem, virá; ele não tardará”*, é claro que agora está mais próximo. Por isso perseverar obtém não pequena recompensa.

38. *O meu justo viverá pela fé, mas, se esmorecer, nele não encontro mais nenhuma satisfação.*

É grande consolação mostrar que aqueles que em tudo procederam bem, por pequena indolência o perdem.

39. *Nós não somos desertores, para a perdição, somos homens de fé, para a conservação da alma.*

11,1. *A fé é um modo de já possuir o que se espera, uma certeza a respeito das realidades que não se veem.*

2. *Foi por ela que os anciãos receberam um testemunho.*

Ah! Que expressões empregou: *“Uma certeza a respeito das realidades que não se veem”*, convicção de realidades que não se veem. A certeza se refere a coisas que são muito manifestas. Fé, no entanto, é visão de realidades não manifestas, e as que não se veem levam à mesma convicção plena das realidades que se veem. Não se pode descrever do que se vê, nem ainda pode haver fé, se a respeito das coisas invisíveis não tiver alguém mais firme persuasão do que sobre as coisas visíveis. Com efeito, as que são possuídas apenas em esperança não parecem ter consistência; a fé lhes dá substância; ou antes, não dá, mas é a sua própria essência. Por exemplo, a ressurreição ainda não adveio, nem em substância, mas a esperança faz com que consista em nossa alma. É substância do que se espera. Se, portanto, é *“uma certeza a respeito das realidades que não se veem”*, por que quereis vê-las, perdendo a fé e a justiça, visto que o justo vive da fé? Se quisestes vê-las, não sois mais fiéis. Trabalhastes, lutastes. Eu também o digo. Mas perseverai. Isto é fé. Não procureis tudo aqui na terra.

Estas asserções, na verdade, foram feitas aos hebreus; mas é advertência válida de modo geral, inclusive para muitos aqui reunidos. Por que e de que forma? Visa aos pusilânimes e mesquinhos.

Com efeito, quando os infelizes notam a prosperidade dos maus, lastimam-se, entristecem-se e irritam-se porque desejam para eles castigo e penas, e esperam recompensa de seus trabalhos. *“Porque ainda um pouco, muito pouco tempo, e aquele que vem, virá; ele não tardará”*, dizia então Paulo. Nós, portanto, preguiçosos e indolentes, digamos isso. O castigo é certo, virá; já está às portas a ressurreição. De onde consta? – pergunta-se. Não afirmo que dos profetas. Nem agora dirijo a palavra exclusivamente aos cristãos, mas também se houver um grego, confio inteiramente, apresento certa comprovação, e o instruo. Escuta de que forma. As predições de Cristo foram muitas. Se não aconteceram, não acredites nestas; ao invés, se tudo aconteceu, por que duvidas acerca das restantes? Aliás, seria menos verossímil, se nada tivesse acontecido acreditar nelas do que, após os eventos, descrever. Esclareço por meio de um exemplo. Cristo disse que Jerusalém seria tomada por um cativoiro como jamais sucedera, e não se reergueria (cf. Lc 19,44); e a predição se realizou. Disse que haveria grande tribulação; e aconteceu. Disse também que a pregação se estenderia como um grão de mostarda semeado (Mc 13; Mt 84,21; Lc 13,19); e vemos cotidianamente que se expande pela terra inteira. Disse que os que abandonassem pai, mãe, irmãos, irmãs teriam pais e mães (cf. Mt 19,29); e vemo-lo cumprido. Disse: “No mundo tereis tribulações, mas tende coragem: eu venci o mundo!” (Jo 16,33), isto é, ninguém haverá de vos superar. Vemo-lo cumprido. Disse que as portas do inferno não prevalecerão contra a Igreja (cf. Mt 16,18), embora sofra perseguição, e ninguém haveria de extinguir a

pregação; e a experiência dá testemunho desta predição. Aliás, então, ao proferir estas coisas, não era tão verossímil. Por quê? Porque eram palavras, e daqueles dizeres não havia ainda comprovação. Por isso agora são muito mais acreditáveis.

Disse que, após o evangelho ter sido pregado a todas as gentes, então virá o fim (Mt 24,14). Eis que já chegamos ao fim. Foi, de fato, anunciado na maior parte do orbe, portanto, já estamos no fim. Estremeçamos, caríssimos. Por que, dize-me, estás preocupado com o fim? Ele já está, na verdade, próximo; a vida e a morte de cada um está muito mais próxima: “Setenta anos é o tempo da nossa vida, oitenta anos, se ela for vigorosa” (Sl 90,10). O dia do juízo está próximo; temamos, enfim. O irmão não livra, um outro pode pagar o resgate? (cf. Sl 49,8). Então muito nos penitenciaremos. “Na morte ninguém se lembra de ti” (Sl 6,6). Por isso diz o Salmo: “Ao seu encontro caminhemos com louvor” (Sl 95,2), isto é, em sua vinda. Com efeito, o que fizemos aqui tem valor, mas no além, de forma alguma. Dize-me, por favor. Se alguém decidir nos jogar por breve tempo no fogo ardente de uma fornalha, não suportaremos tudo em vista da libertação, mesmo se tivermos de gastar dinheiro, até de nos submetemos à escravidão? Quantos caem em grave doença, e mostram-se inclinados a dar tudo pela saúde, se lhes for proposta a escolha. Se, portanto, uma doença que dura pouco assim nos incomoda, o que faremos no além, quando para nada servirá o arrependimento? Quantos males sofremos agora e não sentimos? Atacamo-nos uns aos outros, consumimo-nos mutuamente com injúrias, acusando, caluniando, irritando-nos com a glória do próximo. Nota o grave pecado: Querendo alguém lesar a fama do próximo, diz: Este ou aquele disse: Perdoa-me, ó Deus, não me examines, se sou culpado de um boato. Por que, afirmas certamente, se não acreditas? Por que falas? Por que tanto barulho para ser crível? Por que transmites uma palavra que não é veraz? Não acreditas e pedes a Deus que não examine? Não fales, cala-te, e livra-te de qualquer medo.

Mas não sei de que modo esta doença ataca. Somos murmuradores, em nossa alma nada resta. Escuta a admoestação de um sábio: “Ouviste qualquer coisa? Abafa-a em ti. Coragem! Não te arrebentarás. Por uma palavra o insensato se agita, como um mulher ao dar à luz” (Eclo 19,10-11). Somos prontos às acusações, inclinados às condenações. Mesmo que nenhum outro mal cometêssemos, seria este suficiente para nos perder e arrastar à geena. Envolve-nos em males incontáveis. E mais exatamente, escuta o que diz o profeta: “Sentas-te para falar contra o teu irmão” (Sl 50,20). Ora não sou eu, replicas, mas é ele. Não, és tu, de fato; se tu não falasses, ele não ouviria; se está disposto a ouvir, não cometas um pecado. Importa velar e encobrir os delitos do próximo; e tu, sob pretexto de honestidade, os comunicas? Não és acusador, mas loquaz, falador, louco. Ó terror! Envergonhas-te por causa dele e não percebes? Vê, porém, quantos males daí brotam: Irritas a Deus, entristeces o próximo, tornas-te réu de suplício. Não ouves o que diz Paulo a respeito das viúvas: “Além disso aprendem a viver ociosas, correndo de casa em casa, linguarudas, indiscretas, falando o que não devem” (1Tm 5,13)? Por esse motivo, mesmo se acreditares no que se diz contra um irmão, nem assim repitas, especialmente se não acreditares. Ora, sempre te examinas, receando que Deus te julgue? Teme seres julgado por loquacidade. Não podes dizer: Que Deus não me julgue por loquacidade; na verdade são boatos. Por que os transmites? Por que aumentas o mal? Pode nos perder. Por isso dizia Cristo: “Não julgueis, para não serdes julgados” (Lc 6,37). Nós, porém, não o levamos em conta, nem o que aconteceu ao fariseu nos torna moderados. Ele, de fato, dizia: “Não sou... como este publicano” (Lc 18,11). Dizia sem ser ouvido e foi condenado. Se quem falou a verdade sem ser ouvido foi condenado, quem divulga falsidades e das quais não está seguro, como as mulheres indiscretas, que castigo não haverão de sofrer? O que não suportarão? Imponhamos, portanto, uma porta com ferrolhos à nossa boca. Dos boatos nascem males incontáveis: Arruínam-se as casas,

rompem-se as amizades, e surgem outros inúmeros males. Não sejas curioso, ó homem, relativamente aos negócios alheios. Mas, és loquaz, e tens este vício? Fala a Deus do que te pertence, e não será vício nem detrimento, mas vantagem. Conta o que é teu aos amigos, aos justos, nos quais confias, a fim de que orem por teus pecados. Se falares do que é alheio, nada aproveitarás nem lucrarás, mas peredes; se falares a Deus do que te compete terás grande recompensa: “Disse: Pronunciarei contra mim minha iniquidade ao Senhor, e tu perdoaste a impiedade de meu coração”. Queres julgar? Julga o que te pertence; ninguém te acusará, se te condenares; acusa-te, porém, se não te condenas; acusa-te se não te exortas; acusa-te, se não te penalizas. Vês alguém irritar-se, ou cometer algo de indigno? Logo pensa nos teus pecados e deste modo não o condenarás muito, e libertar-te-ás do ônus de teus pecados. Se desta forma dispusermos nossa vida, se assim nos exercitarmos, se nos condenarmos a nós mesmos, talvez não cometeremos vários pecados, praticaremos muitas ações excelentes, seremos justos e comedidos e gozaremos dos bens prometidos aos que amam a Deus. Seja-nos concedido a todos nós alcançá-lo, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

VIGÉSIMA SEGUNDA HOMILIA

11,3. *Foi pela fé que compreendemos que os mundos foram organizados pela Palavra de Deus de modo que as coisas visíveis se originaram das invisíveis.*

4. *Foi pela fé que Abel ofereceu a Deus um sacrifício melhor que o de Caim. Graças a ela foi declarado justo e Deus aceitou o testemunho dos seus dons. Graças a ela, mesmo depois de morto, ele ainda fala.*

A fé necessita de uma alma generosa e juvenil, que ultrapasse as coisas sensíveis e a fraqueza da razão humana. Ser fiel outra coisa não é senão elevar-se acima dos usos comuns. Uma vez que a alma dos hebreus se enfraquecera, que eles começaram pela fé, mas pelos negócios, pelas perturbações e aflições, diria, haviam se tornado pusilânimes e mesquinhos, e decaíram, primeiro os exorta, nesses termos: “*Lembrai-vos, contudo, dos vossos primórdios*”, e em seguida pela Escritura: “*O meu justo viverá pela fé*” (Hb 10,32.38), e após pelos raciocínios: “*A fé é um modo de já possuir o que se espera, uma certeza a respeito das realidades que não se veem*” (Hb 11,1). Agora ainda, através daqueles antepassados, varões grandes e admiráveis, diz, de certo modo: Quando os bens se achavam em esperança, todos foram salvos pela fé, muito mais nós. Quando, pois, a alma se achar participante dos mesmos padecimentos, descansa e respira. Pode-se ver isso relativamente à fé e à aflição, conforme menciona em outra passagem: “Para vos confortar pela fé que vos é comum” (cf. Rm 1,12). O gênero humano é a tal ponto descrente que não confia em si, e teme por aquilo que julga, porque é grande a preocupação devido à opinião de muitos. O que faz Paulo? Exorta-os por meio dos pais e sobretudo pelos conceitos comuns. Com efeito, como a fé então era criticada, não comprovada e falaz, mostra que as maiores questões se resolvem pela fé, não pelos raciocínios. E como isso se prova? Dize-me. “*Foi pela fé que compreendemos que os mundos foram organizados pela Palavra de Deus de modo que as coisas visíveis se originaram das invisíveis*”. É claro que Deus fez existir o que não existia, “*as coisas visíveis se originaram das invisíveis*” e fez consistir o que não consistia. Donde se comprova que organizou os mundos pela Palavra? Com efeito, a razão nada disso sugere, mas ao contrário, que das coisas visíveis têm origem as invisíveis. Por isso os filósofos afirmam que coisa alguma foi criada do nada, sendo seres vivos, e nada atribuem à fé. Relativamente às asserções sobre algo de grandioso e importante, convencem-se, porém, também eles, de atribuí-lo à fé, como ao declararem que Deus não tem princípio e é ingênito; a razão, contudo, não o insinua, mas assegura o oposto. Pondera, por favor,

sua imensa estultícia! Afirmam que Deus criou do nada, que é sem princípio, o que é muito mais admirável do que vir do nada. Pois afirmar que é sem princípio, que é ingênito, que não é gerado de si próprio, nem de um outro é mais inexplicável do que asseverar que Deus criou do nada o que existe. Pois há muitos feitos críveis, tais como que criou, que a criação teve início, que tudo foi criado. Daí, porém, que estas coisas por si e espontaneamente são ingênitais, e não tiveram início, nem tempo, diz-me, não exige fé? Mas não declarou isto, que é muito mais, mas o que é menos, dizendo: *“Foi pela fé que compreendemos que os mundos foram organizados pela Palavra de Deus”*. Donde vem que afirmas, pergunta-se, que Deus criou tudo pela Palavra? A razão não o sugere, nada existia quando foram criadas. De onde consta? Diz-me. Da fé. O entendimento necessita da fé. Por isso afirma: *“Foi pela fé que compreendemos”*. O que entendemos por este termo: *“Fé”*? Diz-me. Que das coisas invisíveis foram feitas as visíveis. Isto vem da fé. Tendo proferido o que é comum, trata de resto acerca das pessoas. Um homem insigne pela glória é equivalente à terra inteira. Posteriormente ele o indicou. Depois de o ter aplicado, a cem ou a duzentas pessoas, em seguida viu que a quantidade era pequena, e disse: *“Eles, de quem o mundo não era digno”* (Hb 11,38). *“Foi pela fé que Abel ofereceu a Deus um sacrifício melhor que o de Caim”*. Vê quem ele coloca em primeiro lugar, o que padeceu, ferido pelo irmão que não fora lesado, sendo vítima da inveja e isto por causa de Deus. Por conseguinte, era familiar a paixão. Mas vós igualmente, “da parte de vossos conterrâneos tivestes de sofrer o mesmo” (1Ts 2,14). Simultaneamente mostra que eles também por inveja foram atormentados. Ele honrou a Deus; foi morto porque honrou e não conseguiu a ressurreição, mas é manifesto que seu esforço foi pronto e decidido. Fez o que lhe competia; o que era da parte de Deus ainda não fora conferido. *“Um sacrifício melhor”*, mais honroso, mais ilustre, mais necessário. Nem podemos dizer que não foi aceito; pois foi aceito e foi dito a Caim: *“Se ofereceres bem, porventura tua oblação não será agradável?”* (Gn 4,7). Abel, portanto, ofereceu bem e foi agradável a sua oferta. Mas que remuneração recebeu? Foi morto pela mão fraterna; o filho foi o primeiro a padecer a condenação a que o pai foi submetido por causa do pecado. Ele agira retamente e tanto mais grave foi o sofrimento porque veio da parte do irmão e ele foi o primeiro a quem isso aconteceu. E agiu retamente, sem aceitação de pessoas. A quem conheceu e assim honrou a Deus? Ao pai e à mãe? Mas eles, em troca dos benefícios, o injuriaram. Ora, ao irmão? Mas ele também o ultrajou. O bem, portanto, provinha de si mesmo. E aquele que era digno de tantas honras, o que sofreu? Foi morto. Em seguida, coloca outro elogio: *“Graças a ela foi declarado justo e Deus aceitou o testemunho dos seus dons. Graças a ela, mesmo depois de morto, ele ainda fala”*. Qual é um outro testemunho do que era justo? Diz-se que caía fogo do céu e consumia suas vítimas, e *“O Senhor agradou-se da oferenda de Abel”* (Gn 4,4). Disse alguém: *“E a queimou”*. Por essas palavras e fatos Deus presta testemunho ao justo e, vendo-o ser morto por sua causa, não o defendeu, mas permitiu o crime.

As vossas coisas não sucedem dessa forma. Tendes os profetas, os exemplos, inumerável conforto, sinais e milagres. Aquela fé era verdadeira. Que milagres viu ele para acreditar na futura remuneração de bens? Não escolheu a virtude somente pela fé? O que significa a expressão: *“Graças a ela, mesmo depois de morto, ele ainda fala”*? Para não lançá-los em grande desespero, mostra que ele em parte recebeu compensação. De que modo? Recebeu muita consideração. Indica-o a locução: *“Ainda fala”*, isto é, ele morreu, mas com ele não pereceu a glória e a honra. Ele não morreu. Nem vós, portanto, morrereis. De fato, quanto mais graves os padecimentos, tanto maior a glória. De que modo: *“Ainda fala”*? É sinal de que vive, e que é geralmente decantado, admirado e considerado feliz. Persuade os outros a serem justos, portanto, fala. Um discurso não falaria tanto quanto seu sofrimento. O céu fala só pelo fato de aparecer; assim também ele, ao ser lembrado. Se ele se elogiasse, se tivesse mil línguas e vivesse não seria tão admirado quanto atualmente. Isto é, estas coisas não são impunes,

temerárias, nem passam.

5. Foi pela fé que Henoc foi levado, a fim de escapar da morte; e não o encontraram, porque Deus o levou. Antes de ser arrebatado, porém, recebeu o testemunho de que foi agradável a Deus.

6. Ora, sem a fé é impossível ser-lhe agradável. Pois aquele que se aproxima de Deus deve crer que ele existe e que recompensa os que o procuram.

Henoc demonstra maior fé que a de Abel. Por quê? Porque, embora tenha vivido depois, no entanto o que sucedera bastava para apartá-lo. De que maneira? Deus predissera que pereceria, pois dissera a Caim: Pecaste; não peques mais. Honrou-o (a Abel), mas não o defendeu. Nem isto o fez pesaroso. Não disse (Henoc) a si próprio: Para que valeram trabalhos e perigos? Abel honrou a Deus, e ele não o protegeu. E àquele que partira, o que adiantou o castigo infligido ao irmão? Poderia retirar daí alguma vantagem? Imaginemos que sofresse graves penas. O que adiantaria àquele que morrera? Nada disto disse, nem pensou, mas deixando de lado tudo, sabia que, se Deus existe, é também remunerador, embora nada soubesse acerca da ressurreição. Se aqueles que ainda nada sabiam da ressurreição, e os feitos pareciam contrários, de tal forma agradaram a Deus, quanto mais o faremos nós? Eles nada sabiam da ressurreição, nem viam exemplos. Agradou justamente porque não fora recompensado. Dize-me. Sabia que Deus era remunerador. De onde? A Abel ainda nada retribuira. A razão, portanto, sugeria o contrário, a fé era o oposto do que era visível. Por conseguinte, se virdes que também vós aqui nada recebeis, não vos perturbeis. Como Henoc foi trasladado pela fé? A causa da transferência foi ter agradado a Deus, e agradava a Deus por causa da fé. Pois, se não soubesse que receberia remuneração, como teria agradado a Deus? *“Ora, sem a fé é impossível ser-lhe agradável”*. De que modo? Se alguém acreditar que Deus existe e remunera, receberá recompensa. Daí vem o agrado. *“Pois, aquele que se aproxima de Deus deve crer que ele existe”*, não o que é. Mas, se para crer que ele existe, necessita-se da fé e não das razões, o que ele é pode ser entendido pela razão. Se é necessária a fé, e não a razão, para se saber que é remunerador, como seria entendido pelo raciocínio o que pertence a sua essência? Que raciocínios podem obtê-lo? Algumas pessoas afirmam que tudo vem do acaso. Vês que se não acreditamos em tudo, não só na remuneração, mas também que Deus existe, tudo se arruína para nós? Muitos, porém, perguntam de que forma foi trasladado Henoc, e por que não morreu, nem ele, nem Elias; e se ainda vivem, de que modo vivem, e com que aspecto. Mas são absolutamente supérfluas tais perguntas. De fato, disseram as Escrituras que Henoc foi trasladado, que Elias foi elevado. Onde, porém, se acham e de que maneira, não acrescentaram. Não exprimem além do necessário. Pois esta trasladação se realizou imediatamente nos primórdios, a fim de que a natureza humana tivesse esperança de que também a morte seria dissolvida e abolida a tirania do diabo. A morte foi dissolvida, pois não foi trasladado morto, mas para que não visse a morte. Por isso aditou: Foi trasladado vivo, porque agradou a Deus. Um pai ameaça um filho, e quer retirar as ameaças logo após; suporta, porém, e adia, deixando estável a ameaça, a fim de, por meio deste prazo, educá-lo e admoestá-lo. Assim Deus, de forma quase humana, não adiou, mas logo mostrou que a morte foi absorvida. E primeiro permitiu a morte do justo, querendo atemorizar o pai através do filho. No intuito de demonstrar que de fato a sentença era firme, não submeteu logo ao castigo uns malvados, e sim aquele que lhe havia agradado, digo, o bem-aventurado Abel. E quase imediatamente depois dele transferiu Henoc ainda vivo. E não o ressuscitou para que não confiasse logo em demasia; mas a este levou ainda vivo. Por meio de Abel atemoriza, por Henoc, contudo, provoca ao zelo de agradar a Deus. Desta forma não agradam a Deus os que afirmam que tudo vem do acaso e dele depende, e não esperam a remuneração; nem os gentios. É remunerador dos que o procuram pelas obras e pelo conhecimento.

Possuindo um remunerador, façamos tudo para não sermos privados da recompensa da virtude. Merece muitas lágrimas o menosprezo de tal recompensa, o desprezo de tal retribuição. Recompensa os que o procuram, age de modo contrário relativamente aos que não o buscam. Diz-se: “Buscai e achareis” (Mt 7,7). Como se pode encontrar o Senhor? Reflete que é com muito labor que se encontra ouro. “À noite estendo a mão para ele, e não fico iludido” (cf. Sl 77,3). Isto é, como procuramos um objeto perdido, assim procuremos a Deus. Acaso não nos voltamos inteiramente para isso? Não perscrutamos tudo? Não partimos em viagem? Não prometemos dinheiro? Por exemplo, se desaparece um filho, o que não fazemos? A que terra, a que mar não nos aventuramos? Não consideramos inferiores a este encontro as riquezas, as casas, enfim todo o restante? E se encontrarmos, apreendemos, constrangimos, não largamos. E nas pesquisas tudo empregamos para encontrarmos o que procuramos. Quanto mais devemos fazê-lo relativamente a Deus, procurando-o como algo de necessário, ou melhor, muito mais. Considerando nossa fraqueza, ao menos como procuras teu dinheiro, ou teu filho, procura a Deus. Por causa dele não partes de viagem? Por causa do dinheiro não partiste alguma vez? Ou não perscrutas cuidadosamente? E quando encontras, então confias? “Buscai e achareis” (Mt 7,7). Pois a procura reclama grande solicitude, principalmente em relação a Deus. Há muitos impedimentos, muita difusão de trevas, muitos obstáculos para nossos sentidos. O sol é claro, e aparece a todos, sem necessidade de que o procuremos. Se, porém, nos enterrarmos, mesmo que revolvamos tudo, precisaremos de muito esforço para olharmos o sol; assim também se mergulharmos nas profundezas dos maus desejos, nas trevas das paixões, e dos bens pertencentes a esta vida, mal olharemos para cima, mal nos reergueremos. Quem está mergulhado nas profundezas, tanto mais coloca-se à luz do sol quanto olhar para cima. Sacudamos, portanto, o pó, retiremos a névoa que nos foi imposta. É densa e cerrada e não nos deixa olhar para o alto. Como se dissipa a neblina? Atraindo os raios do sol espiritual, do sol de justiça, erguendo as mãos para o céu: “Minhas mãos erguidas como prece vespertina” (Sl 141,2). Com as mãos ergamos também a mente. Sabeis o que digo, vós, iniciados nos mistérios; talvez conheceis o que foi dito, vedes o que foi insinuado. Elevemos nosso espírito. Conheço muitas pessoas dependentes da terra de certo modo, que além da medida estendem as mãos, e se irritam por não subirem às alturas, e que rezam com grande determinação. Assim queria que fôsseis sempre. Se não sempre, ao menos frequentemente; se não frequentemente, ao menos algumas vezes, ao menos de manhã e à tarde. Dize-me. Não podes estender as mãos? Estende quanto quiseres a intenção; estende-a talvez até o céu. Se quiseres tocar-lhe o cume e andar pelo alto, ser-te-á lícito, pois nossa mente é mais leve e mais elevada do que um ser alado. Recebendo, porém, a graça concedida pelo Espírito, ah!, como será veloz, penetrante, tudo alcançará e não será arrastada para baixo, nem cairá no chão! Adquiramos estas asas; por elas poderemos sobrevoar até as ondas do oceano deste mundo. Aves velozes sobrevoam ilesas, montes, bosques, mares e escolhos em breve tempo. Tal é nossa mente. Alada, afastada das preocupações desta vida, nada a pode apreender, mantém-se acima de todas, até dos dardos inflamados do diabo. O diabo não lança tão certamente o dardo que possa atingir esta altura. Mas, como? De fato, emite dardos, pois é insolente, mas não consegue; o dardo reverte, não só debalde, mas sobre sua cabeça e fere certamente o que é desferido por ele. O dardo lançado pelos homens fere aquele contra o qual é projetado: uma ave, uma parede, uma veste, uma árvore, ou corta o ar; assim também o dardo do diabo há de certamente ferir. Se não atingir o alvo, fere quem o disparou. É possível entendê-lo por muitos exemplos. Se não formos feridos, ele é certamente ferido. Por exemplo, armou insídias a Jó; não o feriu, mas ele próprio foi atingido. Armou ciladas a Paulo; não o feriu, mas ele próprio foi ferido. E, se entendermos bem, é possível verificá-lo sempre. Quando bater, é ferido. Muito mais se contra ele estivermos armados e munidos com gládios e escudos da fé. Sejamos firmemente cautelosos para não sermos capturados. O

dardo do diabo, contudo, é a cupidez. Principalmente a ira é fogo, chama; arrebatada, consome, incendeia. Extingamo-la pela mansidão e paciência. O ferro candente mergulhado na água perde o calor, assim a ira se recai sobre uma pessoa paciente, em nada a prejudica, mas antes a auxilia e muito mais a fortifica. Nada, com efeito se compara à paciência. Quem a possui nunca é atingido pelo ultraje. Um corpo adamantino não se fere; assim nem tal alma, superior aos dardos. É elevado e a tal ponto elevado o paciente que não se lhe abre uma chaga pelo dardo. Quando ele se irrita, ri; ri, porém, não abertamente para não o encolerizares, mas interiormente ri, por tua causa. De fato, quando os meninos irados nos batem, de certo modo vingando-se, nós rimos. Se, portanto, rires, fica só entre ti e ele, quanto entre o menino e o homem. Se, ao contrário, te irares, tu te tornaste um menino. Os que se irritam são mais insipientes do que os meninos. Dize-me. Quem vê um menino irado não o ridiculariza? Idêntica observação relativamente aos encolerizados. Eles são também pusilânimes; se pusilânimes, são estultos. “O pusilânime é muito estulto” (cf. Pr 14,29). O estulto é uma criança. “O homem paciente é cheio de inteligência.” Pratiquemos, esta paciência, donde se adquire grande sagacidade, a fim de alcançarmos os bens prometidos, em Cristo Jesus nosso Senhor, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra e adoração agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

VIGÉSIMA TERCEIRA HOMILIA

11,7. *Foi pela fé que Noé, avisado divinamente daquilo que ainda não se via, levou a sério o oráculo e construiu uma arca para salvar a sua família. Pela fé, ele condenou o mundo, tornando-se o herdeiro da justiça que se obtém pela fé.*

“Foi pela fé que Noé, avisado.” Como o Filho de Deus, referindo-se a sua vinda dizia: “Nos dias de Noé...casavam e davam-se em casamento” (Lc17,20), assim também o Apóstolo diz aqui. Com razão, relembra-lhes a conveniente semelhança. O exemplo de Henoc era somente de fé, enquanto o de Noé era também de incredulidade. Pefeita consolação e exortação consiste não só em haver os que acreditaram e tinham boa conduta, mas também que os incrédulos sofriam o contrário. O que diz ele? “Foi pela fé que Noé, avisado”.O que quer dizer? Fora-lhe predito, diz ele. Denomina o aviso de profecia, conforme em outras passagens se diz: “Fora-lhe revelado pelo Espírito Santo” (Lc 2,26); e ainda: “Mas o que lhe responde o oráculo divino?” (Rm 11,4). Vês a igual honra do Espírito? Também como Deus o Espírito Santo responde. Por que, porém, assim disse? Para mostrar que resposta era profecia. “*Daquilo que ainda não se via*”, isto é, do dilúvio. Cauteloso construiu a arca. A razão, de fato, nada de tal sugeria; casavam-se e davam-se em casamento, o ar era puro, não havia sinais, no entanto temeu.

Por isso, disse: “Foi pela fé que Noé, avisado divinamente daquilo que ainda não se via, levou a sério o oráculo e construiu uma arca para salvar a sua família”. De que modo? “Pela fé, ele condenou o mundo”. Mostrou dignos de suplício os que nem devido à construção da arca se arrependiam. “Tornando-se o herdeiro da justiça que se obtém pela fé”, isto é, mostrou-se justo porque acreditou em Deus. É próprio da alma que ama sinceramente a Deus, que julga nada ser mais fidedigno do que suas palavras; a incredulidade é o oposto. É, porém, evidente que a fé opera a justiça. Nós recebemos um oráculo a respeito da geena, e também ele. No entanto, era ridicularizado, ultrajado e sujeito a zombarias; mas nada disso levou em conta.

8. *Foi pela fé que Abraão, respondendo ao chamado, obedeceu e partiu para uma terra que devia receber como herança, e partiu sem saber para onde ia.*

9. *Foi pela fé que residiu como estrangeiro na terra prometida, morando em tendas com Isaac e Jacó, os co-herdeiros da mesma promessa.*

Dize-me. A quem ele viu para imitar? O pai era gentio e idólatra, e ele não ouvira os profetas, não sabia para onde ia. Pois ele olhava os hebreus que haviam acreditado, quais depositários de bens inumeráveis; nenhum deles, privados do prêmio, porém, ainda havia recebido coisa alguma, e ninguém obtivera recompensa. Abraão deixou a pátria e a casa, e saiu ignorando para onde ia. E o que há de espantoso que ele com sua descendência morou deste modo? Verificando com certeza que a promessa não fora cumprida, não desanimou, pois Deus dissera: “É a ti e à tua posteridade que eu darei esta terra” (Gn 12,7). Viu o filho ali morando, e o neto se viu morador de terra alheia, e não se perturbou. Quanto a Abraão, foi consentâneo que a promessa fosse posteriormente cumprida em sua raça, embora a ele também fosse dito: “A ti e à tua descendência”. Não: Por tua descendência e a ti, e sim: “A ti e à tua descendência”. Todavia, nem ele obteve o cumprimento da promessa, nem Isaac, nem Jacó. Pois este, em verdade, serviu assalariado, o outro foi expulso; por medo também um saiu, e um guerreou, outro, porém, teria perecido, se Deus não o tivesse auxiliado. Por este motivo disse: “*Os co-herdeiros da mesma promessa*”. Não somente ele, mas também os seus herdeiros. Em seguida enuncia mais explicitamente: “*Na fé, todos eles morreram, sem ter obtido a realização da promessa*” (Hb 11,13). São importantes aqui duas interrogações: Por que, havendo dito que Henoc foi trasladado, sem experimentar a morte, e não foi encontrado, diz: “*Na fé, todos eles morreram*. E ainda, tendo dito: “*Sem ter obtido a realização da promessa*”, afirma que Noé recebeu a recompensa da salvação de sua família, que Henoc foi trasladado, que Abel ainda fala, que Abraão recebeu a terra; diz: “*Na fé, todos eles morreram, sem ter obtido a realização da promessa*”. Então, o que quer dizer? É preciso resolver a primeira questão, e logo a segunda. “*Na fé, todos eles morreram.*” “*Todos.*” Nem todos morreram, mas, exceto ele, morreram todos os que sabemos. A palavra: “*Sem ter obtido a realização da promessa*” é veraz; a promessa de Noé não enunciava que isso aconteceria.

A quais promessas, contudo, se refere? Isaac e Jacó receberam as promessas da terra; quais promessas, porém, foram cumpridas para Noé, Abel e Henoc? Por conseguinte, ou fala destes três, ou se também deles. A promessa não foi de Abel ser admirado, de Henoc ser trasladado, de Noé ser salvo, mas estes eventos se deram por causa da virtude deles, eram uma prelibação do futuro. Deus, pois, vendo que nos primórdios o gênero humano necessitava de muita condescendência, não somente nos dá os bens futuros, mas também os atuais, conforme dizia Cristo aos discípulos: “E todo aquele que tenha deixado casas ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, receberá o cêntuplo e herdará a vida eterna” (Mt 19,29); e ainda: “Buscai em primeiro lugar, o reino de Deus, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6,33). Vês que também este acréscimo foi dado, para não desanimarmos? Os atletas, quando combatem, usufruem de certos cuidados, mas não gozam então de todo descanso, porque sujeitos a normas, mas posteriormente terão pleno gozo; assim também Deus não concede que sejamos aqui partícipes de todo repouso e descanso. Dá também aqui, mas reserva o pleno cumprimento para o futuro. Adita que assim é, nesses termos: “*Depois de tê-la visto e saudado de longe*” (Hb 11,13). Aqui sugere algo de místico, a saber, que receberam sobre a ressurreição, o reino dos céus etc., tudo o que Cristo prenunciara, em sua vinda, denominando-o promessas. Ou diz isso, ou que eles não as receberam, mas morreram com a certeza a respeito delas; mas somente pela fé conceberam certa confiança, vendo-as de longe, a saber, quatro gerações antes. Com efeito, depois de tantas gerações, subiram do Egito. Saudaram e alegraram-se. Tinham convicção tão firme que veem de longe as cidades almeçadas, e que antes de nelas entrarem, com prévia saudação imaginam lá estar.

10. *Pois esperava a cidade com os seus fundamentos, cujo arquiteto e construtor é o próprio Deus.*

Vês que o sentido da locução: “*Receberam*” é esperar e confiar. Se confiar é receber, também nos é lícito receber. Eles, pois, embora não as alcançassem, contemplavam-nas em desejo. Por que tal acontece? Para nos incutir pudor porque eles, sendo-lhes prometido bens terrenos, não os esperavam, mas procuravam a cidade futura. A nós, contudo, Deus nos fala cada vez mais da cidade do alto e buscamos a terrena. Disse-lhes: Quero dar-vos os bens presentes, porque viu, ou antes porque eles se mostraram dignos de bens maiores. Então não permite que recebam estes, mas bens maiores, querendo nos manifestar que são dignos de bens mais elevados, porque não quiseram se apegar a estes. Seria como se alguém promettesse a uma pessoa inteligente objetos pueris, não para que os aceite, mas para que manifeste sabedoria, suplicando bens maiores. É próprio de quem se abstinha da terra com tão grande zelo que não aceitava as dádivas. Por isso receberam os descendentes, dignos da terra. O que significa: “*A cidade com os seus fundamentos*”? Estes bens não são fundamentais? Não, em confronto com os outros. “*Cujo arquiteto e construtor é o próprio Deus.*” Ah! Que elogio àquela cidade! “*Foi pela fé que também Sara.*” Começa aqui convenientemente a incutir pudor, no caso de se mostrarem mais pusilânimes do que esta mulher. Mas diria alguém: Seria fiel aquela que riu? Certamente o riso vinha da incredulidade, mas o medo originava-se da fé; dizer: “*Eu não ri*” (Gn 18,15), originava-se da fé. Por conseguinte, eliminada a incredulidade, penetra a fé.

11. *Foi pela fé que também Sara, apesar da idade avançada, se tornou capaz de ter uma descendência,*
O que quer dizer: “*Capaz de ter uma descendência*”? De reter o sêmen, de receber o poder de conceber, ela, estéril, já marcada pela morte. Por conseguinte, havia duplo defeito: Um originado do tempo, pois de fato envelhecera; e outro, da natureza, pois era estéril.

12. *É por isso também que de um só homem, já marcado pela morte, nasceu a multidão comparável à dos astros do céu e inumerável como a areia da praia.*

“*É por isso também que de um só homem... nasceu a multidão.*” Não afirmou apenas que nasceu, mas que ela foi mãe de tal multidão como jamais sucedeu a um útero fecundo: “*Comparável à dos astros*”, assegura. Como, então, ele frequentemente os cita, se disse: Não se enumeram os astros do céu; assim nem a vossa descendência? É hipérbole, ou indica os que iriam se sucedendo. De uma só casa é possível enumerar os antepassados, por exemplo, este descende daquele e aquele de um outro; aqui, porém, onde aquela raça em número se compara aos astros, não é possível.

Tais são as promessas de Deus. Rápidas na execução. Se, porém, os acréscimos prometidos forem a tal ponto admiráveis, tão magníficos e esplêndidos, o que serão aqueles feitos, dos quais são suplemento por excesso?

O que há, portanto, de mais feliz do que aqueles que as conseguem e de mais infeliz do que aqueles que as perdem? Se todos se compadecem do exilado, e é tido em geral por deplorável quem perdeu a herança, aquele que perdeu o céu e os bens ali depositados, com quantas lágrimas deve ser deplorado? Ou antes, nem merece ser deplorado; é deplorado aquele ao qual acontece o mal que ele próprio não causou; quando, porém, alguém se dá ao vício por livre-arbítrio, não será digno de lágrimas, mas de lamentações, ou antes, de luto. Com efeito, também nosso Senhor Jesus Cristo, apesar da ímpia conduta de Jerusalém, lamentou-a e sobre ela chorou.

Somos, de fato, merecedores de inumeráveis gemidos, incontáveis lamentações. Se a terra inteira, as pedras, os madeiros, as árvores, as feras, as aves, os peixes e em resumo, a universalidade dos seres levantar a voz, chorar por termos perdido aqueles bens, não haverá de chorar e lamentar quanto é justo. Pois, que palavra, que inteligência poderá enunciar aquela felicidade, virtude, prazer, glória, alegria, esplendor? “O que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram, e o coração do homem não

percebeu, isso Deus preparou para aqueles que o amam” (1Cor 2,9). Não afirmou apenas: Ultrapassa, mas que jamais se imaginou o que Deus preparou aos que o amam. Quais os bens semelhantes aos que Deus preparou e munuiu? Se logo após nos ter criado, sem termos antes realizado coisa alguma, concedeu-nos tais bens: o paraíso, a convivência com ele, a imortalidade, a vida feliz, livre de cuidados. O que não dará aos que muito realizaram, que combateram e por ele tudo suportaram? Por nós, não poupou o Unigênito, entregou à morte o próprio Filho genuíno. Se a nós inimigos, dignou-se conceder tão grandes bens, o que não nos concederá ao nos fazermos amigos? O que não nos outorgará quando nos reconciliar consigo? É excessivamente rico, infinitamente deseja nossa amizade e empenha-se em consegui-la. Nós não nos esforçamos nem um pouco, caríssimos! Por que digo, não nos esforçamos? Não queremos obter seus bens, como ele o quer. Demonstram suas obras o que ele quer sobremaneira. Nós, de fato, por nossa própria causa, mal desprezamos um pouco de ouro; ele, porém, por nós deu até o Filho. Tiremos proveito devidamente do amor de Deus, desfrutemos de sua amizade: “Vós sois meus amigos, se praticais o que vos ordeno” (Jo 15,14). Ah! De inimigos dele infinitamente distantes, por ele superados em tudo de forma incomparável, ele fez amigos e assim os denominava? O que, portanto, não devemos sofrer de bom grado em troca desta amizade? Ora, nós em vista da amizade com os homens muitas vezes enfrentamos perigos; em prol da amizade com Deus nem dinheiro gastamos. Em verdade, merece pesar tal situação, pesar, lágrimas, gemidos, lamentações, e pranto. Desistimos de nossa esperança, perdemos nossa sublimidade, mostramo-nos indignos da honra de Deus, ingratos, malvados mesmo após os benefícios, espoliados de todos os bens pelo diabo. Nós que fôramos dignos de ser filhos, irmãos e co-herdeiros, em nada diferimos de seus inimigos que o ofendem. Qual será nosso consolo? Ele nos chamou para o céu; nós nos lançamos a nós mesmos na geena. Execração, mentira, furto e adultério propagam-se na terra. Uns misturam sangue com sangue, outros praticam atos piores do que derramamento de sangue. Muitos dos que sofrem injustiça, ou dos lesados pela avareza, desejam antes mil mortes do que tais padecimentos, e se não temessem a Deus, suicidar-se-iam, de tal modo desejam morrer. Não é pior do que derramamento de sangue? “Ai de mim!”, queixava-se o profeta: “O fiel desapareceu da terra, e não há um justo entre os homens” (Mq 7,1-2). Agora, contudo, nós também assim clamamos, em primeiro lugar por nós próprios. Auxiliai-me na lamentação. Talvez alguns o detestem e riam; talvez devamos intensificar as lamentações, porque de tal modo somos loucos e insensatos que nem o sabemos, mas rimos por aquilo de que devíamos gemer. “Manifesta-se, ó homem, a ira de Deus, do alto do céu, contra toda impiedade e injustiça dos homens” (Rm 1,18). “O nosso Deus vem, e não vai ficar calado. À sua frente há um fogo que devora, e ao seu redor tempestade violenta”. “À sua frente avança um fogo”, “que devora seus adversários ao redor” (Sl 50, 3; 97,3). “Eis que vem o dia do Senhor ardente como uma fornalha” (Ml 4,1). E ninguém o revolve na mente, mas despreza e insulta um acontecimento tão assustador e horrível, qual fábula. Ninguém ouve; todos riem e zombam. Que recurso temos? Onde encontraremos salvação? Pecemos, somos consumidos. Os inimigos nos ludibriam, e os povos e demônios zombam de nós.

O diabo assume agora ingente fôlego, vangloria-se, alegra-se. Os anjos aos quais somos confiados entristecem-se e envergonham-se. Ninguém se converte, tudo se consome em vão, e nós parecemos apresentar-vos um palavrório. É oportuno agora também invocar o céu, porque ninguém ouve. Atestem os elementos: “Ouvi, ó céus, presta atenção, ó terra, porque o Senhor está falando” (Is 1,2). Dai, estendei as mãos, vós que não submergistes, aos perdidos pela embriaguez, vós que estais sãos aos doentes, que sois ajuizados aos loucos, que estais firmes aos que giram em torno. Ninguém, suplico-vos, prefira algo à salvação do amigo. Numa censura e repreensão somente se vise ao bem dele. Até os escravos dominam os senhores febris. Pois, quando a febre é alta, perturbando a mente,

apresenta-se a turba de escravos e nenhum reconhece os direitos do senhor, com prejuízo deste. Convertamo-nos, eu vos suplico. As guerras cotidianas, os naufrágios, as inumeráveis perdas em torno: A ira de Deus de todos os lados nos cerca. Nós, porém, sentimo-nos tão seguros como se agradássemos a Deus. Todos preparamos as mãos para a avareza, nenhum para prestar auxílio; todos para a rapina, nenhum para o patrocínio. Cada qual se esforça por ampliar suas posses, ninguém por ajudar o necessitado. Cada qual se sente solícito por aumentar suas riquezas, ninguém por salvar a própria alma. Todos têm um só receio: não empobrecer; ninguém se angustia nem treme por horror de cair na geena. Isso merece lamentações, condenação, acusação. Não queria proferir tais palavras, mas a dor me obriga. Perdoai. Força-me o pesar a dizer coisas que não queria. Vejo profunda chaga, irremediável calamidade, males inconsoláveis; estamos perdidos. “Quem fará de minha cabeça um manancial de água, e de meus olhos fonte de lágrimas” (Jr 8,23) para lamentar-me? Choremos, caríssimos, choremos, soltemos gemidos. Talvez digam alguns: Só nos fala de lamentações, de prantos. Não queria, acreditem-me, não queria, e sim apenas proferir louvores e elogios; agora, contudo, é tempo para tal posição. Os lamentos, caríssimos, não são graves, e sim atos dignos de lamentação; não pesa a aversão ao pranto, mas a ação que o merece. Não sejas punido, e não pranteio; não morras, e não choro. Diante de um cadáver, exortas a todos que se compadeçam e denominas impiedosos os que não choram, mas, se a alma perece, ordenas que não se chore? Mas, não sou pai se não choro; sou pai amoroso. Ouvi o clamor de Paulo: “Meus filhinhos, por quem eu sofro de novo as dores do parto” (Gl 4,19). Qual a mulher que no parto emita vozes tão acerbos quanto ele? Oxalá fosse possível contemplares o ardor de meu espírito e saberias que é mais inflamado do que o de qualquer mulher e jovem submetida a imatura viuvez. Ela não chora o marido, nem uma mãe lastima o filho como faço relativamente à multidão perto de nós. Não vejo progresso, tudo se converte em calúnias e incriminações; ninguém tem o propósito de agradar a Deus. Mas falemos mal, diz-se, deste e daquele. Um é indigno de ser clérigo, outro leva vida desonesta. Devíamos chorar nossos pecados, e julgamos os outros. Até mesmo se fôssemos puros de pecado, não deveríamos proceder desta forma. “Pois o que é que te distingue? O que possuis que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que haverias de te ensoberbecer como se o não tivesses recebido?” (1Cor 4,7). Tu, porém, por que julgas teu irmão, apesar dos teus inumeráveis pecados? Ao dizeres: Ele é malvado, pernicioso, celerado, pensa em ti e diligentemente examina, e arrepende-te-ás do que disseste. Não existe, não existe exortação semelhante à recordação dos pecados. Se refletirmos sobre estas duas exortações, poderemos alcançar os bens prometidos, purificar-nos e limpar-nos; venha-nos à mente somente isso, com solicitude, caríssimos. Pesarosos aqui, não sofreremos o suplício, mas gozaremos dos bens eternos, dos quais foge a dor, o luto, o gemido, e conseguimos os bens eternos que ultrapassam o entendimento humano, em Cristo Jesus nosso Senhor. A ele a glória nos séculos dos séculos. Amém.

VIGÉSIMA QUARTA HOMILIA

11,13. *Na fé, todos estes morreram, sem ter obtido a realização da promessa, depois de tê-la visto e saudado de longe, e depois de se reconhecerem estrangeiros e peregrinos sobre a terra.*

14. *Pois aqueles que assim falam demonstram claramente que estão à procura de uma pátria.*

15. *E lembrados da que deixaram, teriam tempo de voltar para lá.*

16. *Eles aspiram, com efeito, a uma pátria melhor, isto é, a uma pátria celestial. É por isso que Deus não desdenha ser chamado o seu Deus. Pois, de fato, preparou-lhes uma cidade.*

Primeira virtude e universal: Ser neste mundo hóspede e peregrino, e nada ter de comum com as

questões deste mundo, mas delas apartar-se como um peregrino, segundo aqueles felizes discípulos, dos quais se disse: *“Levaram vida errante, vestidos com peles de carneiro ou de cabras; sofreram privações, oprimidos e maltratados. Eles, de quem o mundo não era digno!”* (Hb 11,37-38). Aliás, eles se diziam hóspedes e peregrinos. Paulo, contudo, disse muito mais. Pois não afirmou apenas que era peregrino, mas morto para o mundo e o mundo para si: *“O mundo está crucificado para mim e eu para o mundo”* (Gl 6,14). Nós, contudo, aqui nos portamos como cidadãos, e como tais vivemos plenamente; e o que os justos eram para o mundo, a saber, hóspedes e mortos, somos para o céu. O que, porém, eram eles vivendo para o céu e ali tendo a razão de viver, nós o somos no mundo. Morremos por renunciarmos à verdadeira vida, e preferimos a vida temporal. Irritamos a Deus, porque, tendo a proposta de gozar dos bens celestes, não queremos nos dissociar dos terrenos. Semelhantes a vermes da terra, dela e para ela nos revolvemos; nem um pouco queremos emergir, ou renunciar às coisas humanas, mas como alguns, mergulhados na saciedade, no sono e na ebriedade, aturdidos, entregamo-nos a fantasias. Existem os que dormem em sono suave, e não somente à noite, mas também de manhã e em dia claro jazem no leito, não se envergonham de dar-se ao prazer, e transformar o tempo de trabalho e esforços em ocasião de sono, e insensibilidade. Assim também nós, ao raiar do dia e no fim da noite, ou antes em pleno dia (*“Realizai as obras enquanto é dia”* – cf. Jo 9,4), praticamos ações noturnas, dormindo, sonhando, deliciando-nos com o que vemos; e com os olhos da mente e do corpo fechados, balbuciamos e falamos em vão. Não sentimos se alguém nos ferir profundamente, até mesmo se nos roubar as posses, incendiar-nos a casa; ou antes, não esperamos que outros o façam, mas fazemo-lo nós mesmos, diariamente nos ferindo e machucando, deitados de modo indecoroso, despojados de toda glória, toda honra, sem ocultarmos as obras torpes, nem permitindo que outros o façam; mas entre torpezas somos propostos ao riso e à zombaria dos presentes, dos que nos veem. Não sabeis que os próprios perversos zombam dos que têm iguais costumes e os condenam? Pois Deus nos concedeu um juízo imparcial, incorrupto, mesmo se cairmos nas profundezas do vício. Por isso os próprios malvados se condenam; e denominados segundo o que são, envergonham-se, irritam-se e dizem tratar-se de injúria. Assim, condenam o que fazem, se não pelas obras, certamente pelas palavras, pela consciência, ou antes mais pelos feitos. Apesar de agirem em oculto, o conceito que têm dos fatos é o máximo indício. O vício é de tal modo evidente que todos são seus acusadores, mesmo os que dele participam; tão grande é a virtude que é admirada mesmo pelos que não a praticam. Pois o fornicador elogia a temperança, o avaro condena a injustiça, o iracundo admira a paciência e vitupera a pusilanimidade e o lascivo acusa a luxúria. Por que, então a pratica? Por muita negligência, embora não a julgue um bem; do contrário, não se envergonharia, nem o negaria diante da acusação de um outro. Muitos também inquietos, não suportando a vergonha, enforcaram-se. De tal modo em nós atestam o decoro e a honestidade. Assim, as coisas boas são mais esplêndidas que o sol, e as opostas são as mais disformes.

Os santos eram peregrinos. De que maneira e por quemotivo? Onde confessa Abraão que é hóspede e peregrino? Talvez ele próprio o confessou. Todos sabem que abertamente o confessou Davi. Escuta-o: *“Pois eu sou um forasteiro, um inquilino como todos os meus pais”* (Sl 39,13). Com efeito, os que habitavam em tendas, que compravam sepulcros, demonstravam ser peregrinos, visto que nem tinham onde sepultar os mortos. Como? Diziam-se peregrinos somente na Palestina? De forma alguma, mas em todo o orbe; e com razão. Nada viam ali do que queriam, mas a realidade era estranha e alheia. Não tinham amigos, nem companheiros, exceto poucos. De que forma eram peregrinos? Não se preocupavam com as coisas terrenas; demonstravam-no não por palavras, mas pelos fatos. De que modo? Disse Deus a Abraão: Sai de onde consideras tua pátria e vem a uma terra estrangeira (cf. Gn 12,1). Não foi retido pelo amor aos familiares, mas a deixou sem compaixão como se partisse de terra

estrangeira. Disse-lhe: Oferece-me teu filho (cf. Gn 22,2); e ofereceu-o como se não fosse filho seu, e ofereceu-o como se não fosse humana a sua natureza. Possuía riquezas em comum a todos acessíveis e tidas por nada. Cedeu a primazia, enfrentou perigos, sofreu males inúmeros. Não edificava casas esplêndidas, não se entregava aos prazeres, não se preocupava com as vestes nem com outras coisas seculares. Mas administrava o que pertencia à cidade terrena. Exercia a hospitalidade, o amor fraterno, a misericórdia, a paciência, o desprezo do dinheiro e da glória presente etc. O filho era igual. Quando atacado, guerreado, cedia e dava lugar qual um estrangeiro. Os estrangeiros tudo suportam, toleram, porque não estão na pátria. E quando lhe foi tirada a esposa, também o suportou como peregrino. Cuidava das coisas do alto, mostrando total moderação. Depois que procriou o filho, não mais se uniu à esposa; e quando passou o vigor da juventude, então se casou, mostrando que não o fazia por paixão, mas para atender à promessa de Deus. E o que fez Jacó? Não procurou apenas pão e veste, exigência de um hóspede que chegou à extrema pobreza? Acaso, perseguido, partiu como estrangeiro? Não era mercenário? Não padeceu incontáveis males em toda parte, sempre vagando como hóspede? Sofrendo estas coisas, mostravam que procuravam outra pátria. Ah! Que diferença! Eles cotidianamente padeciam, querendo partir daqui e voltar à pátria; nós, porém, ao invés, se surge uma febre, deixando tudo, como criancinhas manhosas, tememos a morte; e com razão o padecemos. Pois, uma vez que não nos portamos aqui como peregrinos, e não nos apressamos para a pátria, mas nos condoemos como quem é levado ao suplício, não agimos como convém, mas invertemos a ordem. Por isso choramos, quando importava alegrar-nos; estremecemos, como os homicidas, os chefes de ladrões a ponto de comparecerem perante o tribunal, os quais, lembrando tudo o que fizeram, temem e tremem. Eles, todavia, não eram tais, mas apressavam-se. Paulo também gemia. Escuta-o: “Nós que estamos nessa tenda, gememos acabrunhados” (2Cor 5,4). Tais eram Abraão, e os seus companheiros. Eram hóspedes de toda a terra, e procuravam uma pátria. Qual? A que deixaram? De forma alguma. O que obstava a que voltassem se o quisessem, e tornarem-se cidadãos? Mas procuravam a celeste. Assim apressavam-se a partir daqui e agradavam a Deus; por isso Deus não desdenhava “*ser chamado o seu Deus*”. Ah! que dignidade! Deus aceitou ser chamado o seu Deus. O que dizes? É chamado Deus da terra e do céu, e como se fosse algo de grandioso afirma que “*Deus não desdenha ser chamado o seu Deus*”? É grandioso, de fato, grandioso e indício de imensa felicidade. Por quê? Porque, na verdade, é chamado Deus do céu e da terra, como também dos gentios, e Deus do céu e da terra enquanto os criou e formou; daqueles santos não é assim, mas é genuíno amigo. Explico por meio de um exemplo. Os que se encontram em grandes casas, quando alguns dos primeiros funcionários são estimados, administram e gozam de grande confiança junto dos senhores, o dono é chamado senhor deles. Encontram-se muitos com tal denominação. Mas, o que digo? Dir-se-ia: Deus, não dos povos, mas de toda a terra; assim também podia ser chamado Deus de Abraão. Mas desconheceis a grandeza dessa dignidade, porque não o obtivemos. Agora Deus é chamado Senhor de todos os cristãos, e no entanto este nome ultrapassa o que merecemos; pondera qual a grandeza de ser chamado Deus de uma só pessoa. O Deus de toda a terra não desdenha ser chamado Deus de três pessoas; e com razão. Não é só da terra inteira, mas os santos contam-se aos milhares. “Porque é melhor um só que faz a vontade do Senhor do que mil iníquos” (cf. Eclo 16,5). É evidente que eles se denominavam peregrinos. Muito bem! Eles Por que também Davi? Não era rei e profeta? Não vivia em sua pátria? Por que, então, assegura: “Eu sou um forasteiro e peregrino” (cf. Sl 38,13)? De que modo era peregrino? “Como todos os meus pais.” Vês que eles também eram peregrinos? Temos, diz ele, uma pátria, mas não pátria verdadeira. Como então és peregrino? Na terra. Por conseguinte, eles também estavam na terra. Como eles também estes, e vice-versa.

Sejamos, portanto, também nós, peregrinos agora, a fim de que Deus não desdenhe ser chamado

nosso Deus. Desdenharia ser chamado Deus dos perversos, e os envergonharia, da mesma forma que é glorificado sendo Deus dos bons, honestos e virtuosos. Recusamos ser chamados senhores dos servos maus e os demitimos; e se alguém nos abordar e disser: Acaso será teu escravo aquele homem que comete inúmeros crimes? Logo respondemos: Absolutamente não, rejeitando o opróbrio. Existe uma ligação do escravo com o dono e a ignomínia passa de um para o outro; muito mais ao se tratar de Deus. Mas eles eram tão ilustres, e tão cheios de confiança que Deus não só não desdenhava ser chamado Deus deles, mas que ele próprio o dizia: “Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó” (Ex 2,6). Sejam também nós, caríssimos, peregrinos, para Deus não nos desdenhar, não desdenhe e nos entregue à geena. Tais eram aqueles que diziam: “Senhor, não foi em teu nome que profetizamos e em teu nome que fizemos muitos milagres?” (Mt 7,22). Mas vede o que lhes diz Cristo: “Nunca vos conheci”. Assim fizeram os senhores dos maus servos que a eles acorriam, querendo escapar do opróbrio. “Nunca vos conheci”, diziam. De que maneira punis os que não conheces? Nunca vos conheci, ou de outra forma: Eu vos renego, rejeito. Mas não nos aconteça ouvir essa palavra perniciosa e tremenda. Se os que expulsavam demônios e profetizavam foram renegados, por não terem vida de acordo com as palavras, quanto mais nós? E como é possível profetizarem, operarem milagres, expulsarem demônios e serem renegados? É verossímil que posteriormente se tenham modificado, tornando-se malvados, de sorte que nem a virtude anterior lhes foi de proveito. Não importam somente os começos excelentes, e sim o ótimo final. Dize-me. O orador não se esforça por finalizar o discurso de maneira brilhante, a fim de terminar com aplausos? O funcionário público não cuida de um esplêndido término da administração? O atleta, se não exibir um fim notável e vencer até o fim, se, apesar de ter vencido a todos, for superado pelo último, não inutilizará tudo? O timoneiro, se atravessar o mar, e no porto a nave se quebrar, não perde todo o labor precedente? E o que sucede ao médico? Se livrar o doente da doença, e prestes a curá-lo, corromper-se a saúde, não perde o total? Assim também sucede relativamente à virtude. Os que não derem ao início um final consequente, consoante e harmonioso, perdem-na e corrompem totalmente. Tais são os que escaparam dos cárceres, ilustres, e orgulhosos, e depois se fizeram dissolutos e indolentes. Por isso privam-se do prêmio e não são reconhecidos pelo Senhor.

Ouçamo-lo, nós que estamos apegados ao dinheiro, o que constitui a máxima injustiça: “Porque a raiz de todos os males é o amor do dinheiro” (1Tm 6,10). Ouçamo-lo, nós, que queremos ampliar as posses. Ouçamos e cessemos de vez a cobiça, para não ouvirmos idênticas palavras. Agora ouçamo-las e estejamos precavidos para não as ouvirmos no futuro. Escutemos agora com temor, para não ouvirmos então com o castigo: “Apartai-vos de mim. Nunca vos conheci” (Mt 7,23), nem quando proferíeis profecias e expulsáveis demônios. Talvez com isso venha outra sugestão, a saber, que mesmo então levavam vida má; no início, contudo, a graça operava mesmo mediante homens indignos. Pois, se atuou por intermédio de Balaão, muito mais por indignos, por causa daqueles que lucrariam. Se, portanto, milagres e prodígios não puderam livrar do castigo, muito mais, apesar da dignidade sacerdotal, apesar de ter alcançado honra suprema, apesar de ter a graça operado pela imposição das mãos, e outros feitos por causa dos que necessitam de patrocínio, o sacerdote também ouvirá: “Nunca te conheci”, nem mesmo quando a graça operou por ti. Ah! Como será grande no além a exigência de uma vida pura! Como ela bastará para nos conduzir ao reino! Se faltar, atraiçoa a pessoa, mesmo se esta puder apresentar mil sinais e prodígios. Nada causa tanta alegria a Deus quanto um ótimo estilo de vida. “Se me amais”, não disse: Operai milagres, mas o quê? “Observareis os meus mandamentos” (Jo 14,15). E ainda: “Eu vos chamo de amigos”, não quando expulsais demônios, mas: “Se observais os meus mandamentos (Jo 15,15.10). Os primeiros são dons de Deus; estes, porém, além de dom de Deus são também fruto de nosso esforço. Esforcemo-nos por sermos amigos de Deus; não

continuemos inimigos. Sempre o repetimos, sempre admoestamos, a nós mesmos e a vós; mas nada conseguimos e por isso tenho medo. Gostaria de calar, a fim de não aumentar o perigo, pois ouvir com frequência e não praticar irrita o Senhor; mas receio também o outro perigo, o do silêncio, se calar, uma vez que o ministério da palavra nos foi entregue. O que faremos para sermos salvos? Começemos a viver da virtude, enquanto temos tempo; distribuamos as virtudes, como os agricultores no cultivo do campo: Neste mês dominaremos as detrações, as injúrias, a ira injusta e impor-nos-emos uma norma. dizendo: Hoje faremos isso retamente; num mês aprendamos a paciência, no segundo outra virtude, e ao alcançarmos o hábito dessa virtude, passamos a outra, como os discípulos que guardam o que aprenderam, enquanto adquirem novos conhecimentos. Depois vamos ao desprezo do dinheiro. Primeiro contenhamos as mãos da ambição de acumular mais e demos esmola. Não confundamos tudo, com as mesmas mãos roubando e dando esmola. Em seguida passemos de virtude em virtude. “Nem sequer se nomeiem entre vós... ditos indecentes, nem picantes ou maliciosos” (Ef 5,3-4). Nesse ínterim corrijamo-nos. Não precisamos de gastos, labor, suor; basta querer, e tudo está feito. Não é necessário seguir longo caminho, nem atravessar o imenso oceano, mas esforçar-se, ter prontidão, frear a língua para que não profira importunos ultrajes. Expulsemos de nossa alma iras, desejos impuros, prazeres, gastos excessivos, ambição de dinheiro, perjúrio e assíduos juramentos. Se assim cultivarmos, arrancando os espinhos precedentes, e lançando a semente celeste, conseguiremos os bens prometidos. Virá o agricultor, guardar-nos-á no celeiro e alcançaremos todos os bens. Seja-nos dado a todos obtê-lo, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra e adoração, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

VIGÉSIMA QUINTA HOMILIA

11,17. *Foi pela fé que Abraão, tendo sido provado, ofereceu Isaac. Ofereceu o filho único, depois de ter recebido as promessas,*

18. *e que se lhe dissera: É por Isaac que uma descendência te será assegurada.*

19. *Mas ele dizia: Deus é capaz também de ressuscitar os mortos. Por isso, numa espécie de parábola, recuperou o filho.*

Efetivamente, é imensa a fé de Abraão. De fato, em Abel, Noé e Henoc havia somente oposição nos raciocínios e deviam superar razões humanas. Abraão, porém, não só devia superar as razões humanas, mas também mostrar algo de mais importante, pois as palavras de Deus pareciam opor-se a outras palavras suas, e a fé opunha-se à fé, a ordem à promessa. Por exemplo, Deus disse: “Deixa tua terra, tua família, e dar-te-ei esta terra” (cf. Gn 12,1); e não lhe deu herança nela, nem à medida de um passo. Vês como os fatos eram opostos à promessa? Ainda disse: “É por Isaac que uma descendência perpetuará o teu nome” (Gn 21, 12); e ele acreditou. Ainda disse: Sacrifica-o, aquele filho que devia encher a terra inteira com sua descendência. Viste a oposição entre ordens e promessa? Preceituou o contrário das promessas; nem assim o justo ficou obcecado, ou declarou-se iludido. A vós, porém, não podeis dizer que foi prometido o repouso, mas enviou tribulação; assim cumpre a promessa. De que forma? “No mundo tereis tribulações” (Jo 16,33). “Aquele que não toma a sua cruz e me segue não é digno de mim” (Mt 10, 38). “Quem não odeia a própria vida, não a encontrará”; e: “Qualquer de vós, que não renunciar a tudo o que possui”, e me seguir não é digno de mim (cf. Lc 14,26.33); e ainda: “Por causa de mim, sereis conduzidos à presença de governadores e de reis”; e mais uma vez: “Os inimigos do homem serão os seus próprios familiares” (Mt 10,18.36). Na terra encontram-se tribulações; o repouso e o descanso no além. Em Abraão, porém, sucedeu o oposto. Recebeu ordem de

fazer o contrário das promessas, e nem assim se perturbou, ficou obcecado, julgou-se iludido; vós, contudo, nada suportais contra a promessa, e vos perturbaís. Ele, ao invés, ouviu o contrário do que lhe fora prometido, e não se perturbou, mas cumpriu como sendo conveniente, e era. O contrário às razões humanas era conveniente à fé. Conforme nos ensinou o Apóstolo: *“Mas ele dizia: Deus é capaz também de ressuscitar os mortos”*. Isto é: Com a mesma fé com a qual acreditou que haveria de dar-lhe um filho que ainda não existia, acreditou que ressuscitá-lo-ia mesmo depois de morto, convicto de que haveria de ressuscitá-lo depois de imolado. Era igualmente duvidoso, diria, por razões humanas, que a uma matriz morta e envelhecida, e já inteiramente incapaz de conceber seria dado um filho, e ressuscitaria um morto. Entretanto, disso estava convicto. A fé precedente preparava o caminho para a futura. Aliás, ele via que os anteriores eram bens, enquanto eram molestos os posteriores na velhice. Convosco sucede o contrário: tendes primeiros os incômodos, e bons os últimos. Isto é para os que ousam dizer: Prometeu-nos bens para depois da morte; talvez nos tenha enganado. Mostra que Deus é poderoso também para ressuscitar os mortos; se, pois, Deus pode ressuscitar dos mortos, certamente restituirá todas as coisas. Se, porém, Abraão tantos anos antes acreditou que Deus é poderoso para ressuscitar dos mortos, muito mais devemos acreditar nós. Vês que, conforme supramencionei, a morte ainda não ocorrera, e imediatamente os conduz à esperança da ressurreição e a uma convicção tão forte que até recebendo ordem de matar os filhos, com os quais esperavam encher a terra estavam prontos a fazê-lo? Mostra aqui outra coisa, dizendo: *“Deus pôs Abraão à prova”*. Como? Deus não sabia que era homem forte e honesto? Sim, sabia. Por que então pôs à prova, se sabia?

Não foi no intuito de conhecer ele próprio, mas de manifestar aos outros, e a todos fosse evidente aquela fortaleza. E com isso revela igualmente a causa das provações. Não se considerem abandonados por Deus os que as sofrem. Na terra, de fato, necessariamente são provados, muitos são os perseguidores e insidiosos. Nesse caso, porém, qual a necessidade de excogitar provas? Ora, é evidente que esta provação vinha da ordem de Deus. Outras aconteciam por permissão de Deus, esta, todavia, por sua ordem. Se, portanto, as provações comprovam as pessoas, e Deus exercita seus atletas sem razões, muito mais nós devemos tudo suportar com fortaleza. Por isso formulou com ênfase: *“Foi pela fé que Abraão, tendo sido provado, ofereceu Isaac”*. Não havia causa diversa de oferta senão esta. Em seguida, prossegue no mesmo sentido. Não se poderia retrucar que teria outro filho, e esperasse por meio deste cumprir-se a promessa e por isso ofereceu com audácia. *“Ofereceu o filho único, depois de ter recebido as promessas”*. Por que dizes: *“Filho único”*? E de onde era Ismael? *“Filho único”*, diz ele, relativamente à promessa. Por isso, tendo dito: *“Filho único”*, acrescentou o motivo por que o declarara: *“E que se lhe dissera: É por Isaac que uma descendência lhe será assegurada”*, isto é, dele. Vês como o Apóstolo admira a ação do patriarca? Ele ouvira: *“É por Isaac que uma descendência lhe será assegurada”*, e ofereceu o filho em sacrifício. Em seguida, a fim de que não se julgasse que o fez desesperançado, e por esta ordem rejeitou a fé, mas se reconhecesse que, na verdade, originava-se da fé, diz que tinha fé, apesar da contraposição. Mas não havia contraposição. Não media o poder de Deus por razões humanas, mas a fé permitia tudo. Por esse motivo não receou dizer que Deus é poderoso até para ressuscitar dentre os mortos. Daí tê-lo recebido em parábola, isto é, para servir de exemplo. Por meio do cordeiro, diz ele. De que modo? Imolado o cordeiro, Isaac foi salvo. Recebeu-o portanto, através do cordeiro, imolado em lugar do filho. Era determinado tipo. Assim foi imolado o Filho de Deus. Considera seu amor aos homens! Visto que aos homens ia conceder imensa graça, a fim de não proceder grátis, mas qual devedor, primeiro planejou que por sua ordem ele lhe oferecesse o filho. Não parecesse algo de grande dar o próprio Filho, em comparação com a ação precedente do homem, nem se julgasse que o fazia somente por graça, mas também por débito. Com efeito, queremos que pareça recebermos primeiro uma dádiva insignificante da parte

daqueles que amamos e dar-lhes tudo. E mais nos gloriaremos do que recebemos do que pelo que daríamos, e não dizemos: Demos-lhe isto, mas: Dele recebemos esta dádiva. “*Por isso, numa espécie de parábola, recuperou o filho*”, isto é, em enigma. O cordeiro era semelhança, ou tipo de Isaac. Uma vez que em intenção o sacrifício fora consumado e Isaac imolado, foi ele restituído ao patriarca.

Vês aqui revelado o que sempre repito? Depois de exibirmos intenção perfeita e mostrarmos desprezo das coisas terrenas, Deus concede-nos também estas, e não antes, a fim de que a doação não nos prenda mais, a nós tão apegados às coisas terrenas. Liberta-te primeiro, diz ele, da servidão, e então recebe, a fim de não acolheres como um escravo, mas como um senhor. Despreza as riquezas e serás rico, despreza a glória e serás glorioso, despreza a vingança aos inimigos e a conseguirás, despreza o repouso e o descanso, e então alcançarás. Não deves acolher qual prisioneiro, ou escravo, mas livremente. Se uma criancinha deseja brinquedos pueris, depressa os ocultamos, por exemplo, a bola etc., para não serem obstáculo ao que necessita. Quando os despreza, e não mais os deseja, com tranquilidade os entregamos, cientes de que doravante não serão prejudiciais, porque não mais se apartará do que precisa. Assim também Deus, vendo que não ambicionamos as coisas da terra, permite-nos usá-las; nós as utilizaremos livremente, não de modo pueril. De fato, se desprezares vingar-te dos inimigos, então o conseguirás. Escuta o que se diz: “Se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer, se tiver sede, dá-lhe de beber”. E acrescenta: “Agindo dessa forma amontoarás brasas sobre sua cabeça” (Rm 12,20). E ainda, se desprezares as riquezas, então as obterás. Escuta a Cristo: “E todo aquele que tenha deixado casas, ou irmãos, ou pai, ou mãe... receberá o cêntuplo e herdará a vida eterna” (Mt 19,29). E se desprezares a glória, então a terás. Escuta o próprio Cristo: “O que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o vosso servo”; e ainda: “Aquele que se humilhar será exaltado” (Mt 20,27; 23,12). O que dizes? Se dou um copo d’água ao inimigo, então o castigo? Se distribuo minhas posses, as retenho? E se me humilho, sou exaltado? Sim, responde. Dessa forma procede o meu poder: Concede por meios opostos. Sou potentado e rápido na ação. Não temas. A natureza das coisas obedece à minha vontade, não sou eu que a sigo. Atuo, não sou arrastado; por isso posso alterá-la e transformá-la. E por que te espantas acerca deste procedimento? Encontrá-lo-ás também no restante.

Se fazes injustiça, ser-te-á infligida. Se te for feita, não és atingido. Se te vingares, então não te vingas, mas vingo em ti. “Quem ama a iniquidade odeia a si próprio” (cf. Pr 29,24). Vês que não praticas uma injustiça, mas a sofres? Por isso também declara Paulo: “Por que não preferis, antes, padecer uma injustiça?” (1Cor 6,7) Vês que não seria sofrer injustiça? Quando injurias, então és ultrajado. Muitos o conhecem em parte, dizendo entre si: Saíamos daqui, para não te ultrajares. Por quê? Porque é grande a diferença entre ti e ele. Quanto mais ultrajares, ele o terá por glória. Pensemos sempre dessa forma, e tornar-nos-emos superiores às ofensas. De que maneira? Vou dizer. Se temos contenda contra quem está revestido da púrpura, se o injuriamos, consideremos que nós próprios somos prejudicados; se o criticamos, merecemos o mesmo. O que dizes? – pergunto. Cidadão dos céus, possuidor da sabedoria do alto, mas unido a quem se ocupa de coisas terrenas, censuras a ti mesmo? Embora ele possua múltiplas riquezas, e detenha o poder, ainda não precebeu de que consta a tua felicidade. Não injuries a ti mesmo, ofendendo-o. Poupa-te a ti próprio, não a ele. Honra-te, não a ele. Não existe um provérbio: Quem honra, honra a si próprio? E com razão. Não honra o próximo, mas a si mesmo. Escuta a um sábio: “Aprecia-te segundo o teu valor” (Ecl 10,28). O que significa: “Segundo o teu valor”? Se ele defraudou por avareza, não defraudes; se injuriou, não injuries. Dize-me, por favor. Se um pobre tirasse lodo de teu átrio, por isso o levarias a juízo? De forma alguma. Por quê? Para não ofenderes a ti próprio, a fim de não seres condenado por todos. É o que acontece agora. Com efeito, o rico é um pobre, e quanto mais enriquece, tanto mais é verdadeira a sua pobreza. O ouro

é lodo depositado no átrio, não em tua casa, porque tua casa é o céu. Se com ele disputas em juízo, os cidadãos do céu não te condenarão? Não te expulsarão de sua pátria a ti, tão humilde e vil que por um pouco de lodo queres disputar? Se o mundo fosse teu, depois alguém o tomasse, devias antes converter-te do que disputar.

Não sabes que a terra inteira, dez, cem, dez mil vezes, e até o duplo não é comparável à mínima parte dos bens celestes? Ultraja-os, portanto, quem admira os bens terrenos, visto que tem por dignos de empenho os que tanto se diferenciam; ou antes, é impossível admirá-los. Por que, então, ficas estupefacto? Exorto-vos. Cortemos, embora tardiamente, cordões e laços. Tais são as realidades terrenas. Até quando nos curvaremos? Até quando mutuamente nos armaremos ciladas, à semelhança das feras, dos peixes? Ou melhor, as feras não armam ciladas umas às outras, e sim aos animais de espécie diferente. Por exemplo, um urso não mata facilmente outro urso, nem a serpente a uma serpente, devido à semelhança. Tu, porém, assassinas e causas males incontáveis a um membro do gênero humano, com inúmeros direitos: parentesco, intelecto, conhecimento de Deus, força da natureza, bens sem número, participação em idêntica natureza. Mas não utilizas o gládio, nem lhe enterras a direita na garganta? Cometes crimes (mais) graves, ocasionando-lhe contínuos incômodos. Pois, se cometesses aqueles crimes, livrá-lo-ias de cuidados; mas, agora tu o arrastas à fome, à escravidão, ao desalento e a muitos outros pecados. Afirmo e não deixarei de repetir; não visio predispor-vos ao assassinato, ou exortar-vos a cometer um mal menor, mas a não serdes ousados como se não existisse castigo, pois: “Mata o pobre o que lhe tira o sustento” e o pão (Eclo 34,22). Retenhamos as mãos, suplico, ou melhor, não as retenhamos. Estendamo-las corretamente, não em busca de aumento por avareza, mas tendo em vista a esmola. Não sejam mãos infrutuosas, ou áridas, uma vez que a mão que recusa esmola é árida, e a que adquire mais por avareza é abominável e impura. Ninguém coma com tais mãos; seria ofensa aos convidados. Dize-me. Imaginemos que alguém nos obrigasse a comer, reclinados sobre tapetes e almofadas macias, lençóis entretecidos de ouro, num casarão esplêndido, com uma turma de servos; além disso, uma baixela de ouro e prata, iguarias de toda espécie, lautas e suntuosas. Aceitássemos apenas que nos fossem ungidas as mãos com lodo e fezes humanas, e assim nos reclinássemos com os demais; alguém suportaria esta pena e não a consideraria uma ofensa? Sim, a meu ver, e imediatamente escaparia. Entretanto, vês tuas mãos cobertas de lodo e além disso os próprios alimentos, e não escapas, não foges, não repreendes; mas se o dono tiver autoridade, achas válido, e perdes a tua alma, ingerindo tais alimentos. Com efeito, a avareza é pior do que o lodo, pois a alma, não o corpo, adquire manchas que dificilmente se retiram. Vês o lodo cobrindo o comensal, as mãos, os olhos, a casa e a mesa (alimentos ainda mais manchados e impuros de esterco, ou coisa pior), no entanto, julgas-te honrado, esperando deliciar-te? Não respeitas a Paulo, que, se o quisermos, permite-nos sem reserva tomar lugar à mesa dos gentios, mas não, mesmo aos que o desejam, aceder à mesa dos cobiçosos do alheio? Pois diz ele: “Alguém que traga o nome de irmão e, não obstante, seja impudico” (1Cor 5,11). Aqui chama de irmão o fiel, não o monge. Pois de que consta a fraternidade? Do batismo da regeneração, do direito de chamar a Deus de Pai. Por isso, o catecúmeno, mesmo se monge, não é irmão; o fiel, contudo, apesar de secular, é irmão. “Alguém que traga o nome de irmão”.

Com efeito, então não havia ainda vestígios de monges, mas São Paulo aqui se dirige a seculares. “Alguém que traga o nome de irmão e, não obstante seja impudico ou avaro... ou bebedor. Com tal homem, nem se deve tomar refeição”. Não está se referindo a gentios. Como? “Se algum infiel”, isto é, gentio, “vos convidar e aceitardes o convite, comei de tudo o que vos for oferecido” (1Cor 10,27). “Alguém que traga o nome de irmão e, não obstante, seja bebedor”.

Ah! Que precisão! Nós, porém, não só não fugimos dos ébrios, mas até nos aproximamos dos futuros participantes da mesa. Por isso tudo está revolucionado, confuso, retorcido e perdido. Pois dize-me. Se uma dessas pessoas te convidar para um banquete, tu que és tido por pobre e humilde, será que como é conveniente dirás: Uma vez que as iguarias da mesa provêm da avareza, não concordo em manchar a minha alma? Não ficarás intimidado, envergonhado? Bastaria para corrigir essa pessoa e fazer com que se julgasse infeliz por causa das riquezas. Admiraria tua pobreza, se visse que com tanto zelo as menosprezas. Não sei como, mas nos fazemos escravos dos homens, embora Paulo sem cessar exclame: “Não vos torneis escravos dos homens” (1Cor 7,23). De que maneira nos tornamos escravos dos homens? Fazendo-nos escravos do ventre, do dinheiro, da glória, etc. Atraímos a liberdade que Cristo nos doou. Onde permanece aquele que se tornou escravo? Dize-me. Escuta a palavra de Cristo: “O escravo não permanece sempre na casa” (Jo 8,35). Tens uma sentença firme de que jamais entrará no reino, isto é, na casa. Pois, diz Cristo: “Na casa de meu Pai há muitas moradas” (Jo 14,2). O escravo, portanto, não permanece sempre na casa, a saber, o escravo do pecado. Quem, contudo, não permanece sempre na casa, permanece perpetuamente na geena, sem consolo algum. É um vício tão frequente que destes recursos retiram esmolas, e muitos aceitam. Por isso elimina-se nossa livre confiança, e já não podemos criticar pessoa alguma. Mas fuçamos da maldade daí proveniente. E vós que vos revolveis nesse lodo, cessai de cometer estas más ações, coibi a propensão a tais banquetes. Possamos enfim de algum modo aplacar a Deus e conseguir os bens prometidos. Seja-nos dado a todos alcançá-lo, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, com o qual ao Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

VIGÉSIMA SEXTA HOMILIA

11,20. *Foi pela fé, ainda, que Isaac abençoou Jacó e Esaú, em vista do futuro.*

21. *Foi pela fé que Jacó, à beira da morte, abençoou cada um dos filhos de José e se prostrou apoiado na ponta do seu bastão.*

22. *Foi pela fé que José, aproximando-se do fim, evocou o êxodo dos filhos de Israel e deu ordens a respeito dos seus restos mortais.*

“Muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes e não viram, e ouvir o que ouvis e não ouviram” (Mt 13,17). Acaso os justos conheceram o futuro? Sem dúvida. Pois, se o Filho não foi revelado àqueles que por sua fraqueza não podiam recebê-lo, com justeza manifestou-se aos resplandecentes pela virtude. Aqui Paulo assegura que conheciam o futuro, a saber, a ressurreição de Cristo. Ou é isto, ou a palavra: “*Foi pela fé, em vista do futuro*”, não se refere ao século futuro, mas ao futuro aqui na terra. Se assim não fosse, como um habitante em terra estrangeira daria tais bênçãos? De que forma devia obter a bênção e não recebeu a realização? Vês que o mesmo que se disse de Abraão diga-se de Jacó. Não usufruiu da bênção, mas a fruição das bênçãos chegou aos pósteros. Ele, porém, logrou as futuras. Verificamos que foi antes o irmão que a obteve. Ele (Jacó) que, de fato, viveu uma vida mercenária, em servidão, em perigos e insídias, em decepções e temores durante todo tempo, interrogado por Faraó, respondeu: “Meus dias foram poucos e infelizes” (Gn 47,9). O irmão, na realidade, viveu em segurança e autonomia, e além disso foi-lhe terrível. Em que tempo, portanto, advieram os bens, senão no futuro? Vês que, nos primórdios, os malvados delas gozaram; os justos, ao contrário, nem todos. Com efeito, Abraão era justo, e usufruiu delas, mas acompanhadas de aflições e provações. Mal possuía riquezas, porque o restante achava-se repleto de tribulações. Não é possível que o justo não se aflija, mesmo se for rico; pois necessariamente se aflige estando disposto a ser

lesado, ser injuriado e passar por outros sofrimentos. Apesar das riquezas, o gozo não está isento de aborrecimentos. Por quê? Porque vive entre aflições e dores. Se, portanto, os justos então viviam nas tribulações, muito mais agora. *“Foi pela fé, ainda, que Isaac abençoou Jacó e Esaú, em vista do futuro.”* Ora, Esaú era o mais velho, mas por causa da virtude Jacó foi preposto. Vês a importância da fé? Por que prometia aos filhos tantos bens, a não ser por acreditar sempre em Deus? *“Foi pela fé que Jacó, à beira da morte, abençoou cada um dos filhos de José”.* Aqui se insiram todas as bênçãos, de sorte que a fé e a profecia se manifestem. *“E se prostrou apoiado na ponta do seu bastão.”* Esse trecho demonstra que não só proferiu, mas também de tal forma confiou no futuro que também apontou para a realização. Pois como surgiria um rei de Efraim, disse: *“E se prostrou apoiado na ponta do seu bastão”*, isto é, apesar de velho, prostrou-se diante de José, representando a prostração futura de todo o povo. E isso já acontecera, quando seus irmãos se prostraram diante dele; posteriormente sucederia às dez tribos. Vês como predisse o futuro? Vês sua imensa fé? A fé no futuro? Uns acontecimentos presentes são apenas exemplo de paciência, de padecimentos e de nenhum bem, como sucedeu a Abraão e a Abel; em Noé, são exemplos da fé de que Deus existe e há remuneração. Pois fé é um termo de várias acepções, e ora significa uma coisa, ora outra. Ora indica remuneração, ora que não é idêntica para todos, e que é necessário combater a fim de receber os prêmios. Os acontecimentos relativos a José provêm apenas da fé. José ouviu o que fora prometido a Abraão, que lhe fora assegurado: *“A ti e à tua raça darei a terra em que habitas”* (Gb 17,8). E apesar de habitar em terra estrangeira, sem ter vislumbrado a realização da promessa, não desanimou, mas acreditou de tal modo que aludiu à saída, e deu ordens a respeito de seus ossos. Não acreditou somente ele, mas também induziu à fé os demais. Por isso também mandou que sempre se lembrassem da saída. Não teria dado ordens a respeito de seus restos se não tivesse firme convicção da futura volta. Por isso, ao dizerem alguns: Eis que também os justos providenciaram a respeito de seus sepulcros, respondamos que cuidaram, não, contudo, do lugar, porque sabiam que: *“Do Senhor é a terra e o que nela existe”* (Sl 24,1). Não o ignorava quem vivera com tanta sabedoria, e passara todo o tempo no Egito. Ele podia, se quisesse, voltar, sem lamentar-se e aborrecer-se. Mas tendo levado o pai para lá, por que ordenou que fossem transportados de lá os seus ossos? Não foi pelo motivo supramencionado?

Dize-me. Por que os ossos do próprio Moisés não foram depositados em terra estrangeira? Quanto aos de Aarão, de Daniel, de Jeremias e de vários apóstolos, nem sabemos onde foram colocados. Com efeito, são conhecidos os sepulcros de Pedro, Paulo, João e Tomé; dos outros, porém, apesar de tais, jamais foram conhecidos. Não o deploremos, nem sejamos pusilânimes; onde quer que formos sepultados: *“Do Senhor é a terra e o que nela existe”*. Faça-se o que deve ser feito. Mas chorar, prantear, deplorar os que partiram seria próprio de um pusilânime.

23. *Foi pela fé que Moisés, depois do seu nascimento, foi escondido durante três meses pelos seus pais,*

Com isto vês o que após a morte esperavam suceder na terra? E muita coisa houve após a morte deles. Por isso dizem muitos: Após a morte obtiveram o que não conseguiram em vida e não acreditavam que sucederia depois. José não disse: Em vida Deus não entregou a terra a meu pai, nem a meu avô, cuja virtude era respeitável. Aos malvados foi concedido e não a eles? Nada disso proferiu, mas pela fé tudo venceu e superou. José assegurou a respeito de Abel, Noé, Abraão, Isaac, que foram todos insignes e gloriosos. Ainda acresce o conforto, se comparados aos humildes. Pois, o que aquelas pessoas admiráveis, aparentemente inferiores, sofreram na terra não é tão grave; mas parecerem inferiores aos vulgares, é muito duro. E começa pelos pais de Moisés, que não eram insignes e nada possuíam de igual ao filho. E por isso, o Apóstolo adianta-se e aumenta o paradoxo, abrangendo

meretrizes e viúvas: *“Foi pela fé que Raab, a prostituta, não pereceu com os incrédulos, porque recebera pacificamente os espiões”* (Hb 11,31). E apresenta a recompensa não só da fé, mas também da infidelidade, como na época de Noé. Por enquanto é necessário dizer alguma coisa dos pais de Moisés. Faraó mandou matar todos os meninos, e nenhum escapou ao perigo. De onde, portanto, esperaram que o menino seria preservado? Pela fé. Qual?

que viram a beleza do menino

O aspecto dele inspirou-lhes a fé. Assim logo do início e ainda em faixas, fora ao justo infundida muita graça, não pela natureza, mas por obra de Deus. Reflete! Recém-nascido, tinha aparência bela, não disforme. Por quê? Não por natureza, mas por graça de Deus, que encantou e fortaleceu aquela egípcia bárbara. Ela o acolheu e adotou, embora a fé para tal não constituía vasta garantia. O que podia acreditar devido ao aspecto? Mas vós, replica-se, acreditais pelos fatos, tendo da fé muitos penhores. Efetivamente, com alegria aceitastes a espoliação dos bens, e outros eventos, provenientes da fé e da paciência. Mas porque acreditaram, e depois tiveram a fé de Abraão, apesar de os fatos parecerem contrários.

e não tiveram medo do decreto do rei.

Ora, num caso existiam as obras, enquanto o outro era simples expectativa. Foi ação dos pais, enquanto o próprio Moisés em nada contribuiu. Em seguida, apresenta-lhes exemplo adequado, ou antes, maior. Qual?

24. *Foi pela fé que Moisés, na idade adulta, renunciou ser filho de uma filha do Faraó.*

25. *Preferiu ser maltratado com o povo de Deus a gozar por um tempo do pecado.*

26. *Ele considerou a humilhação de Cristo uma riqueza maior do que os tesouros do Egito, por ter os olhos fixos na recompensa.*

Como se lhes dissessem: Nenhum de vós abandonou o esplêndido palácio, nem tais tesouros, nem, sendo-lhe possível tornar-se filho do rei, desprezou tudo isto conforme agiu Moisés. E assinalou que não abandonou por leviandade, dizendo: *“Renunciou”*, isto é, teve odio, aversão. Sendo-lhe proposto o céu, seria vão admirar o palácio do Egito.

E vê como Paulo o exprime de modo admirável. Não disse: Considerou riqueza maior do que os tesouros do Egito o céu e as coisas celestes, mas o quê? *“A humilhação de Cristo”*. Julgou melhor sofrer opróbrios por causa de Cristo do que a tranquilidade; disso constava sua recompensa. *“Preferiu ser maltratado com o povo de Deus”*. Com efeito, vós sofreis em vosso próprio favor; ele, contudo preferiu sofrer pelo próximo, e de bom grado enfrentou tantos perigos, quando lhe era lícito ter ótima vida e usufruir de abundância de bens. *“A gozar por um tempo do pecado.”* Deu o nome de pecado não querer afligir-se com o próximo; teve-o na conta de pecado. Se, portanto, ele considerou pecado não afligir-se prontamente por causa do próximo, era um grande bem a tribulação que padecia, enquanto estava ainda no palácio. Fazia-o prevendo algo de grande, e por isso disse o Apóstolo: *“Ele considerou a humilhação de Cristo uma riqueza maior do que os tesouros do Egito”*. O que quer dizer: *“A humilhação de Cristo”*? O opróbrio de que sofreis, a humilhação a que Cristo se submeteu, ou aquela a que ele se sujeitou por causa de Cristo, sendo ultrajado diante da rocha, da qual fez brotar água. *“E essa rocha era Cristo”* (1Cor 10,4). De que modo sofreu a humilhação de Cristo? Porque perdemos os bens paternos, somos ultrajados, sofremos males ao fugirmos para perto de Deus. Era admissível que ele também tenha sofrido ultrajes, quando ouviu: *“Acaso queres matar-me como mataste ontem o egípcio?”* (Ex 2,14). A humilhação de Cristo consiste em sofrer até o fim, até o último suspiro,

segundo os ultrajes que padeceu e as palavras: “Se és Filho de Deus” (Mt 27,40), da parte daqueles que o crucificaram, dos compatriotas. É humilhação de Cristo alguém sofrer opróbrios dos seus, dos beneficiados. E ele os padeceu da parte dos que receberam benefícios. Por isso os estimula, mostrando que também os sofreram Cristo e Moisés, duas insignes personalidades. Efetivamente, é maior o opróbrio de Cristo do que o de Moisés, porque o sofreu da parte dos seus. Mas nem um retribuiu, nem outro fulminou com raios. Foi ultrajado e tudo suportou, enquanto eles sacudiam a cabeça. Como era provável que eles também ouviam estas coisas e desejavam retribuição, Paulo afirma que Cristo e Moisés haviam sofrido tais coisas. Ao pecado, pois, destina-se tranquilidade; opróbrios, a Cristo. O que preferes? A humilhação de Cristo, ou o repouso?

27. *Foi pela fé que deixou o Egito, sem temer o furor do rei, e resistiu, como se visse o invisível.*

O que dizes? Não temeu? Ora, diz a Escritura, que diante das palavras que ouviu teve medo, e por isso cuidou de salvar-se pela fuga, fugiu e às escondidas escapou, e depois continuava receoso. Presta bem atenção ao que foi dito: “*Sem temer o furor do rei*”. A expressão visa ao que aconteceu depois. Quem temia não assumiria novamente o patrocínio, nem assumiria o empreendimento; voltar era próprio de quem confiava em Deus. De fato, não disse: Procura-me e indaga. Não ouse agredir de novo. Competia, portanto, à fé fugir. Por que não ficou? – pergunta-se. Para não se lançar no perigo previsto. Seria uma tentativa enfrentar perigos e dizer: Verificarei se Deus me salva. Foi também o que o diabo disse a Cristo: “Atira-te para baixo” (Mt 4,6). Vês que é diabólico enfrentar perigos em vão e inutilmente, e tentar obter a salvação da parte de Deus? Com efeito, não podia estar à frente da defesa, visto serem tão ingratos que não reconheciam os benefícios; teria sido estultícia e insensatez permanecer ali. Tudo isso aconteceu porque: “*Resistiu, como se visse o invisível*”. Se, portanto, nós espiritualmente sempre contemplarmos a Deus, se revolvermos sempre na mente esta lembrança, tudo será fácil, suportável, leve e seremos superiores a tudo. Pois se alguém vê o ser amado, ou antes dele se recorda, reanima-se e torna-se superior mentalmente, tudo suporta com facilidade, alegres pela lembrança. Quem revolve na mente aquele que se dignou amar-nos verdadeiramente, dele se recorda, no caso de sentir algo de aborrecido, terrível e perigoso estremecerá, será pusilânime? Jamais. Tudo nos parece difícil porque não nos lembramos de Deus como devemos, porque não temos continuamente esta lembrança. Com razão, ser-nos-á dito: Tu te esqueceste de mim, eu também me esquecerei de ti. Tratar-se-á de duplo mal: Nós dele nos esquecermos e ele de nós. São duas posições conjuntas, todavia são duas. Grandioso é Deus lembrar-se de nós, grandioso lembrarmo-nos dele. Assim proceder é escolher o bem; pratiquemo-lo e levemo-lo a termo. Por isso diz o profeta: “Eu me lembro de ti, desde a terra do Jordão e do Hermon, de ti, ó pequena montanha” (Sl 42,7). Dizia o povo que estava em Babilônia: “Eu me lembro de ti”.

Por conseguinte, também nós, como se estivéssemos em Babilônia, repitamo-lo. Embora não estejamos sentados no meio de inimigos, estamos, contudo, entre inimigos. Com efeito, dentre eles alguns cativos, enquanto tais, estavam sentados; outros, porém, não sentiam o cativo, como Daniel e os três jovens, que, embora estivessem também no cativo, eram mais ilustres naquela região do que o próprio rei que os aprisionara; de fato, aquele que os levava em cativo inclinava-se perante os cativos. Viste a importância da virtude? Apesar do cativo, ele os respeitava como senhores. Era mais cativo do que eles. Não seria tão espantoso se ele os respeitasse em sua pátria, como se ali reinassem, mas é espantoso que, havendo-os prendido, e estivessem em seu poder como cativos, na presença de todos, não se corou de prostrar-se e imolar um cordeiro. Vedes que as coisas de Deus são na realidade ilustres, enquanto as humanas são sombras? Ignorava que levava seus senhores, e lançou na fornalha aqueles que haveria de adorar, mas isto lhes parecia um sonho.

Temamos, caríssimos, temamos a Deus. Embora estejamos no cativeiro, seremos os mais ilustres. Haja temor de Deus e nada será incômodo, quer a pobreza, a doença, o cativeiro, a servidão, uma coisa enfadonha; ou melhor, obter-nos-á o contrário. Eles eram cativos, e o rei os adorou. Paulo era fabricante de tendas e sacrificavam-lhe como se fosse Deus. Daí se origina a questão. Interrogam muitos: Por que os apóstolos proibiram os sacrifícios, rasgaram as vestes, e fizeram-nos desistir do intento, com lágrimas dizendo: “Que estais fazendo? Nós também somos homens, mortais como vós” (At 14,15). Daniel nada fez de semelhante. De muitos fatos se deduz que ele era humilde, e não menos do que os apóstolos dava glória a Deus. Evidencia-se sobretudo e antes de tudo que era amado por Deus. Não lhe permitiria viver se usurpasse a honra devida a Deus, embora gozasse de honras; em segundo lugar, porque dizia com grande ousadia: “ Quanto a mim, ó rei, este mistério me foi desvendado, não porque tenha mais sabedoria que os outros” (Dn 2,30); em terceiro lugar, porque esteve na cova por causa de Deus; e quando o profeta lhe levou alimento, disse: “Deus lembrou-se de mim”, de tal forma era humilde e contrito. Estava na cova por causa de Deus e julgava-se indigno de que ele se recordasse e lhe prestasse atendimento. Nós, porém, que ousamos cometer pecados inúmeros e abomináveis, e somos dos mais celerados, se não formos atendidos desde a primeira prece, afastamo-nos. De fato, muito diferimos deles; quanto a diferença entre o céu e a terra, se não for mais ainda. O que dizes? Após tantos e ilustres feitos, depois do milagre realizado na cova, ainda te consideras humilde? Certamente, diz ele, pois por mais que fizemos, somos servos inúteis (Lc 17,10). Assim, muito tempo antes, cumpriu o preceito evangélico e julgava-se um nada. “Deus”, dizia, “lembrou-se de mim”. Vês como está repleta de humildade a sua oração? De igual modo diziam os três jovens: “Nós pecamos, praticando a iniquidade” (Dn 3,29); e em toda parte manifestam sua humildade. Ora, Daniel tinha incontáveis ocasiões de se exaltar, mas sabia que as possuía porque não se exaltava, nem corrompia o tesouro. Diante de todos os homens e da terra inteira, não é celebre somente porque o rei se prostrou perante ele e ofereceu-lhe sacrifício, mas porque o considerava um deus o rei que era honrado por toda a terra como deus. Com efeito, dominava a terra inteira, conforme se evidencia em Jeremias: “Eu fiz a terra, como uma veste” (cf. Jr 27,6). E ainda: “Entreguei-a a Nabucodonosor, meu servo”. E da mensagem que escreveu ainda se verificava que não só era admirado onde estava, mas em toda parte, e mais do que se o vissem os demais povos por carta confessaram sua servidão e o prodígio. Mas ainda era admirado pela sabedoria. “Certo, és mais sábio do que Daniel?” (Ez 28,3). E após tudo isso, este era tão humilde que mil vezes daria a vida pelo Senhor. Por que, então, sendo tão humilde, não recusou a prostração do rei, nem os sacrifícios? Não o direi. Basta-me formular a pergunta. Deixo-vos a solução, a fim de estimular-vos. Exorto-vos, no entanto, a fazerdes tudo por temor de Deus, tendo em vista tais exemplos. Certamente conseguiremos estes bens, se entendermos corretamente o futuro. É evidente que não agiu por arrogância pelas seguintes palavras: “Fiquem para ti os teus presentes” (Dn 5,17). De fato, existe outra questão: Repeliu as palavras, mas, de fato, recebeu honrarias e usou o colar. Herodes, tendo ouvido: “É um deus que fala, e não um homem!” (At 12,22), arrebatou e suas vísceras se derramaram, porque não deu glória a Deus. Daniel, porém, admitiu a honra a Deus, não só por palavras. Mas é necessário dizer por que razão. Lá os homens caíam em maior idolatria, aqui, não. Por que motivo? Porque era dar glória a Deus julgá-lo tal. Por isso disse antes: “Quanto a mim, este mistério me foi desvendado, não porque tenha mais sabedoria que os outros”. Aliás, não se vê que tenha aceitado os sacrifícios; diz-se que havia o propósito de sacrificar, mas não está claro que tenha sido efetuado. No outro caso, foram trazidos touros para serem imolados; e chamavam a um de Júpiter, e a outro de Mercúrio. Daniel aceitou o colar, para fazer-se conhecido. Mas por que não recusou o sacrifício? De fato, tentaram aqueles fazer, mas não o fizeram, e os apóstolos os impediram. Por isso aqui também devia-se

imediatamente recusar. Lá era o povo todo, aqui, porém, o tirano. Por que, então, este não impediu? Disse antes que não sacrificava como a um deus para eliminar o culto, por causa de maior milagre. De que maneira? Por causa de Deus. Emitiu um edito, confessando que ele era o Senhor, por isso não lhe recusava honra. Lá não era assim, mas consideravam deuses os apóstolos e por isso eles recusavam.

Aliás, depois de se prostrar, assim agiu; não se prostrou como diante de um deus, mas de um sábio. Não se tem certeza, porém, de que tenha sacrificado. Se ofereceu, ofereceu sem que Daniel o aceitasse. Como se explica que o rei o denominou Baltasar, o nome de seu deus? Não tinha os seus deuses em grande estima, uma vez que dava o nome dele a um cativo, ordenava adorar várias e múltiplas imagens, e cultuava um dragão. Os babilônios eram muito mais estultos do que os habitantes de Listra; por isso não era possível imediatamente fazê-los desistir. São possíveis logo muito acréscimos, e talvez alguém o faça, mas por enquanto basta. Se, portanto, queremos conseguir muitos bens, procuremos os pertencentes a Deus. Aqueles que buscam as coisas do mundo, perdem umas e outras. Os que dão a primazia às coisas de Deus, a ambas conseguem. Não procuremos, portanto, aquelas, mas estas, a fim de também alcançarmos os bens prometidos, em Cristo Jesus nosso Senhor.

VIGÉSIMA SÉTIMA HOMILIA

11,28. *Foi pela fé que celebrou a Páscoa, e fez a aspersão do sangue, para que o Exterminador não ferisse os primogênitos de Israel.*

29. *Foi pela fé que atravessaram o Mar Vermelho como se fosse terra enxuta, ao passo que os egípcios, tentando-o também, foram afogados.*

30. *Foi pela fé que as muralhas de Jericó caíram, depois de um cerco de sete dias.*

31. *Foi pela fé que Raab, a prostituta, não pereceu com os incrédulos, porque recebera pacificamente os espiões.*

Paulo costuma intercalar muitos argumentos para confirmar, e é prolixo em sentenças. Tal é a graça do Espírito: Não contém poucos sentidos numa multidão de palavras, mas na brevidade dos termos abrange vários e grandes pensamentos. Vê, portanto, como exortação, disserta sobre a fé, e adverte acerca da figura e do mistério, do qual possuímos a realidade. *“Foi pela fé que celebrou a Páscoa, e fez a aspersão do sangue, para que o Exterminador não ferisse os primogênitos de Israel.”* O que significa: *‘Aspersão do sangue’*? Sacrificavam um cordeiro nas casas, e com o sangue ungiam os marcos, protegendo-as da ação do exterminador no Egito. Se, portanto, o sangue do cordeiro no meio dos egípcios e em tão grande mortandade preservava os judeus, muito mais o sangue de Cristo nos preservará, ungindo não os marcos, mas as nossas almas. Eis que o Exterminador circula no meio da noite. Mas armemo-nos com aquela vítima. Chama a efusão de unção. Deus nos tirou do Egito, das trevas, da idolatria. Ora, o que se realizou então nada era, mas é grandiosa a realidade. O evento era efusão de sangue; a realidade é salvação, reforço, impedimento do morticínio. O anjo respeitou o sangue; sabia de quem era tipo, horrorizado ao pensar na morte do Senhor, e por isso não tocava nos marcos. Disse Moisés: Ungi. Ungiram e ficaram confiantes por causa da unção. Vós, porém, tendo o sangue do cordeiro, não confiais? *“Foi pela fé que atravessaram o Mar Vermelho como se fosse terra enxuta”*. Novamente compara todos ao povo, a fim de não replicarem: Não podemos ser como os santos. *“Foi pela fé que atravessaram o Mar Vermelho como se fosse terra enxuta, ao passo que os egípcios, tentando-o também, foram afogados”*. Neste trecho relembra-lhes o que sofreram no Egito. Por que foi pela fé? Porque esperaram que passariam pelo Mar, e por isso rezavam; ou melhor, era Moisés quem orava. Vês que sempre a fé supera os raciocínios humanos, a fraqueza, a humilhação? Vês, simultaneamente acreditavam e temiam o castigo, ora com o sangue das portas, ora no Mar Vermelho? E manifestava-se que era água; não uma visão, mas realidade, através dos que caíram e se afogaram. Mas como os que foram devorados pelos leões, e os que foram queimados na fogueira manifestavam a realidade, agora também vês que estas mesmas coisas foram salvação e glória para uns e morte para os outros. A fé é bem tão grande! Com efeito, quando chegarmos a tal perplexidade que não haja mais êxodo, então seremos libertados, embora cheguemos à morte, e nossa situação for inteiramente sem esperança e deplorada. O que restava? Os egípcios e o Mar os cercava, inermes, e haveria de afogá-los na fuga, ou iam cair nas mãos dos egípcios. Entretanto, Deus os livrou e conservou, numa situação dúbia. A água estendeu-se qual terra firme; submergiu os egípcios, como faz o mar. Para uns a natureza esquecia-se de si, para outros armava-se contra eles.

“Foi pela fé que as muralhas de Jericó caíram, depois de um cerco de sete dias”. O som de uma trombeta não pode demolir muros, mesmo no caso de tocar durante mil anos, mas para a fé tudo é possível.

Vês a mudança completa, não consequente, nem segundo a lei da natureza, mas além da expectativa? Com efeito, são eventos além da expectativa. Uma vez que o Apóstolo dizia em todos os

sentidos que deviam crer nas realidades esperadas, o discurso mostra bem que não apenas agora, mas desde o início todos os milagres foram operados e levados a bom termo pela fé. *“Foi pela fé que Raab, a prostituta, não pereceu com os incrédulos, porque recebera pacificamente os espiões.”* Seria vergonhoso parecerdes mais incrédulos do que uma prostituta. Ela mal ouvira o anúncio dos homens acreditou. O final foi consequente: Pereceram os demais, somente ela se salvou. Não disse a si mesma: Ficarei com muitos dos meus. Não disse: Seria eu mais prudente que tantos varões inteligentes que não acreditam, e devo acreditar? Não se portou conforme alguém teria dito ou pensado, mas acreditou no que eles afirmavam.

32. *Que mais dizer? Não teria tempo de falar com pormenores*

Ele não continua citando nomes, mas termina com a prostituta, e os envergonha devido à qualidade da pessoa. Não amplia as histórias, evitando ser prolixo; todavia, não os omite, mas sabiamente os percorre, tomando duas precauções: Fugir da saturação e não prejudicar a expressividade. Não calou totalmente, nem se tornou enfadonho. Tomou as duas atitudes. Alguém que conteste vigorosamente, e prolongue a disputa, abala a convicção do ouvinte, aborrecendo-o e criando contra si a opinião de ser ambicioso. Que se acomodasse ao que é proveitoso. *“Que mais dizer? Não teria tempo de falar com pormenores”*

de Gedeão, Barac, Sansão, Jefté, Davi, Samuel, e os profetas.

Alguns criticam a Paulo por incluir neste lugar Barac, Sansão e Jefté. O que dizes? Tendo citado a prostituta, não os mencionaria? Não me fales do restante de suas vidas; digas se acreditaram e se teriam se destacado pela fé. *“E os profetas”*

33. *Estes, pela fé, conquistaram reinos,*

Que mais dizer? Não teria tempo de falar com pormenores.

Vês que não presta testemunho de vidas insignes. Não era a principal interrogação, mas tratava-se de comprovação da fé. Dize-me. Não alcançaram sempre pela fé? De que forma? *“Estes, pela fé, conquistaram reinos”*, a saber, Gedeão e os seus.

praticaram a justiça,

Quais? Eles mesmos; ou a bondade aqui toma a denominação de justiça.

viram realizarem-se as promessas,

Julgo que se refere a Davi. Quais as promessas? As atinentes a que um descendente seu sentar-se-ia no seu trono.

amordaçaram a goela dos leões,

34. *extinguiram o poder do fogo, escaparam ao fio da espada,*

Vê que se achavam diante da morte: Daniel cercado de leões, os três jovens na fornalha, Abraão, Isaac e Jacó em diversas tribulações. Nem assim perderam a esperança. Isto é, a fé. Quando os fatos ocorrem em sentido contrário, importa crer que não é infelicidade, mas boa disposição. *“Escaparam ao fio da espada”*. Julgo que volta a falar dos três jovens.

recobram saúde na enfermidade, mostraram-se valentes na guerra, repeliram os exércitos estrangeiros.

Nesta passagem insinua os eventos da volta de Babilônia. *“Na enfermidade”*, isto é, no cativeiro. O povo judaico se achava em estado desesperador, semelhante a ossos de um morto; então realizou-se a volta. Quem esperaria a volta de Babilônia, e não somente que retornaria, mas também que haveria de

se fortificar, e de repelir exércitos estrangeiros? Ora, replica-se, nada disso nos sucedeu. Mas os feitos eram figuras do futuro.

35. *Algumas mulheres reencontraram os seus mortos pela ressurreição.*

Alude aos profetas, Eliseu e Elias, que ressuscitaram mortos.

Outros foram esquartejados, recusaram o resgate para chegar a uma ressurreição melhor.

Ora, nós não conseguimos ressurreição. Posso, diz ele, mostrar que eles também foram esquartejados, mas “*recusaram o resgate para chegar a uma ressurreição melhor*”.

Por que, dize-me, não quiseram viver, se era possível? Acaso não era por esperarem uma vida melhor? E aqueles que ressuscitaram mortos, preferiram morrer “*para chegar a uma ressurreição melhor*”, não igual à dos filhos de outras mulheres. Com isso, a meu ver, insinua João e Tiago; *apotympanismos* quer dizer decapitação. Era-lhes lícito ver o sol, possível não serem difamados, não morrer. No entanto, havendo ressuscitado a outrem, preferiram morrer “*para chegar a uma ressurreição melhor*”.

36. *Outros ainda sofreram a provação dos escárnios, experimentaram o açoite, as correntes e as prisões.*

37. *Foram lapidados, foram serrados e queimados.*

Termina com estes, mais afins. Especialmente serve de consolo a dor originada de causa idêntica; aliás, mesmo falando com vigor, se a dor não provém da mesma causa, nada consegues. Por isso, encerra o discurso referindo-se a vínculos, cárceres, açoites, lapidações, mencionando Estêvão e Zacarias. E acrescentou: morreram assassinados com golpes da espada.

O que dizes? Uns escaparam ao fio da espada, outros morreram. O que é isto? Qual deles louvas, a quem admiras? A estes ou àqueles? Sim, responde, a estes e àqueles; a estes mais semelhantes a vós, àqueles, porém, enquanto a fé prevaleceu diante da morte e é tipo do futuro. Dois são os prodígios da fé: Fazer grandes coisas padecendo intensamente, e estimar que nada sofre. Não podes, diz ele, dizer que fossem pecadores e homens sem valor, pois mesmo com o mundo inteiro contra eles, descubro que na balança terão maior peso. Por isso afirmou:

38. *Eles, de quem o mundo não era digno,*

Como os aceitaria, em nada sendo digno deles? Com isso anima-os, instruindo a não se apegarem às coisas presentes, e a meditarem acerca de bens melhores do que os atuais; de fato, nem o mundo inteiro é digno deles. O que queres então receber na terra? É uma ofensa receberes aqui a recompensa. Não tenhamos na mente, portanto, o mundo, não busquemos aqui a retribuição, não sejamos tão pobres. Se o mundo todo não é digno deles, por que buscas só uma parte? E com razão, pois são amigos de Deus. Denomina aqui mundo a multidão, ou a própria criação. A Escritura costuma dizer ambas as coisas. Se a criação inteira com os homens se apresentar, não iguala ao valor deles; e é exato. Dez mil pesos de palha e feno não equivalem a dez pérolas; assemelha-se o caso deles: “Porque é melhor um só” que faz a vontade de Deus do que dez mil iníquos (cf. Eclo 16,3); e dez mil não é muito, e sim imensa multidão. Pondera o valor do justo. “Disse Josué”, filho de Nun: “Sol, detém-te em Gabaon, e tu, lua, no vale de Aialon!” (Js 10,12). E assim se fez. Venha, pois, a terra inteira, ou antes, duas, três, quatro, dez, vinte terras e isto se fale e faça. Impossível! Mas o amigo de Deus dava ordens às criaturas do amigo; ou melhor, rogou ao amigo e os servos obedeciam. O inferior ordenava aos superiores. Vês que foram criadas na servidão e perfazem o curso que lhes fora imposto? Mais do que os feitos de Moisés. Por quê? Não é ação igual ordenar ao mar ou aos seres celestes; é grande,

muito grande, mas desigual. Escuta por que motivo isso aconteceu. Por quê? Porque o nome de Jesus era tipo de Cristo. Por isso, por ter o nome de Jesus em figura, a criatura reverenciou. Como? Não havia outro com o nome de Jesus? Mas este o figurava, pois tinha também o nome de Auses. E foi trocado. Era predição e profecia. Ele introduziu o povo na terra prometida, como Jesus no céu; não foi a Lei, nem Moisés, o qual ficou de fora. A Lei não introduz e sim a graça. Vês que as figuras muito tempo antes foram delineadas? Ordenou à criação, ou melhor, à mais importante parte da criação, abaixo do próprio chefe. Se vires Jesus, figura humana, dizer o mesmo, não te perturbes, nem te assustes. Ele, durante a vida de Moisés, afugentou os inimigos; também, com a Lei em vigor, dispôs todas as coisas, mas não abertamente. Vejamos, contudo, como é grande a virtude dos santos.

Se operam tais obras, se aqui fazem o que fazem os anjos, o que será no além? Qual o seu esplendor? Talvez queira um de vós ser tal, ter o poder de dar ordens ao sol e à lua. Aqui os que asseguram ser o céu uma esfera, o que dirão? Por que Josué não disse: Sol, detém-te, mas acrescentou: “Detém-te em Gabaon, e tu, lua, no vale de Aialon”? Isto é, o dia se prolongue. Igualmente sucedeu no tempo de Ezequias: O sol retrocedeu. É mais espantoso tomar o caminho oposto, sem ter terminado o curso. Mas, nós conseguiremos coisas maiores, se o quisermos. Com efeito, o que Cristo nos prometeu? Não deter o sol ou a lua, nem o retrocesso do sol; qual a promessa? Meu Pai e eu “a ele viremos e nele estabeleceremos morada” (Jo 14,23). Que me importa o sol, a lua, e estes milagres, se o próprio Senhor do universo descer, permanecer perto de mim? Não preciso daquela ação. Qual a necessidade? Ele servir-me-á de sol, lua, luz. Dize-me. O que preferes? O ingresso no palácio real, a possibilidade de alterar algo do que ali está fixo, ou ter com o rei tal familiaridade que o convenças a aproximar-se de ti? Não é muito mais? Como? Não é espantoso que o homem ordene à semelhança de Cristo? Cristo, porém, diz-se, não roga ao Pai, mas procede com autoridade. Certamente. Antes, portanto, confessa que não roga ao Pai e opera por sua autoridade. E então te perguntarei, ou melhor, instruir-te-ei sobre a oração que ele faz. Era por condescendência e segundo o plano divino (Cristo não era inferior a Josué, filho de Nun), e poderia nos ensinar dispensando uma oração. Ao ouvires um mestre balbuciar e recordar as letras, não dizes que ele as ignora; e ao interrogar: Onde está esta ou aquela letra? Sabes que não é por ignorância, mas para instrução do discípulo; assim também Cristo não rezava por precisar, mas para te induzir à oração assídua, ininterrupta, sóbria, intensamente vigilante. Vigiar, contudo, não é somente estar desperto à noite, mas estar vigilante também durante o dia; é o que se chama ser vigilante. Pode ser que alguém, ao rezar à noite, durma, e esteja desperto de dia sem orar, a saber, a alma está atenta a Deus, pensa no que diz, a quem fala, lembra-se de que os anjos estão presentes com tremor e temor, mas ele se aproxima bocejando e se coçando.

As preces são armas fortes quando emitidas com a devida atenção. E no intuito de entenderes sua força, pensa no seguinte: As preces frequentes vencem a impudência, a iniquidade, a crueldade, a audácia importuna. “Escutai o que diz este juiz iníquo” (Lc 18,6). E dominam a preguiça. Conseguiu a insistente súplica o que não obteve a amizade: “Mesmo que não se levante para dá-los por ser amigo, levantar-se-á ao menos por causa da sua insistência, e lhe dará tudo aquilo de que precisa” (Lc 11,8). A assiduidade dignificou a que era indigna: “Não fica bem tirar o pão dos filhos e atirá-lo aos cachorrinhos”. Ela insistiu: “É verdade, Senhor, mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos!” (Mt 15,26-27).

Apliquemo-nos, portanto, à oração. É arma forte, se atenta, frequente, isenta de vanglória, e sincera. A oração afugenta as guerras, presta benefício ao povo todo, até mesmo indigno: “Ouvi o seu clamor... Por isso, desci a fim de libertá-lo” (Ex 3,7-8). A oração é remédio salutar, obstáculo aos pecados, medicamento contra os delitos. Nela era assídua a viúva que se achava sozinha. Com efeito, se

rezarmos com humildade, batendo no peito como o publicano, se repetirmos o que ele dizia: “Tem piedade de mim, pecador!” (Lc 18,13), tudo conseguiremos. De fato, apesar de não sermos publicanos, temos pecados não menos graves. Não me digas que pecaste em matéria leve; possuem a mesma natureza. Denomina-se igualmente homicida o assassino de uma criança ou de um homem; também é avaro quem defrauda em muito ou em pouco. A lembrança das injúrias é grande, não pequeno pecado. O caminho dos que se lembram das injúrias leva à morte (cf. Pr 12,28); e: “Aquele que se encolerizar contra seu irmão sem motivo, será condenado ao fogo da geena” (cf. Mt 5,22); e quem chama seu irmão de louco, insipiente etc. Participantes indignos dos venerandos mistérios, invejamos, amaldiçoamos; alguns dos nossos com frequência se embriagam. Cada um desses pecados por si basta para excluir do reino; mais ainda, que defesa teremos, se acumulados? Precisamos, caríssimos, de muita penitência, muita oração, muita tolerância, muita persistência para alcançarmos os bens prometidos. Digamos, portanto, também nós: “Tem piedade de mim, pecador!” Ou melhor, não apenas digamos, mas também pensemos, e se alguém assim nos acusar, não nos irrite. “Nem como este publicano” (Lc 18, 11), ouviu ele, e não se encolerizou, mas se arrependeu; conseguiu a vitória, e repeliu o opróbrio. Indicou a ferida, procurou o remédio. Digamos, portanto: “Tem piedade de mim, pecador!”. Se no-lo for dito, não nos indignemos. Se acusados de incontáveis males, nos irritarmos porque outros ouvem, não se trata de humildade, ou confissão, mas de ostentação e vanglória. É ostentação, dir-se-ia, declarar-se pecador? Sim, adquirimos fama de humildade, somos admirados, exaltamo-nos com os louvores. Se de nós for dito o contrário, somos desprezados, de sorte que ainda neste caso visamos à glória.

O que é então a humildade? Suportar os opróbrios de outrem, reconhecer o pecado, tolerar as acusações. Nem isto seria humildade, mas benignidade. Declaramo-nos pecadores, indignos etc.; mas se o próximo nos impingir um desses opróbrios, não suportamos, irritamo-nos. Vês que não se trata de confissão, nem de benignidade? Afirmaste que assim és; não te irrites, se o ouves da parte do próximo e és criticado. Os pecados se tornam leves quando o próximo os exprobra. Ele impõe a si um peso, mas te introduz na sabedoria. Escuta o beato Davi, diante das maldições de Semei: “Deixai-o; se o Senhor lhe ordenou que o fizesse, talvez o Senhor considere a minha miséria e me restitua o bem pelas maldições de hoje” (2Sm 16,11-12). Tu, contudo, que atribuis a ti males exorbitantes, se não ouves elogio da parte dos potentados e justos, te exasperas. Vês que estás gracejando em questões não jocosas? Rejeitamos os elogios alheios desejando louvores, a fim de os obtermos maiores, e sermos mais admirados. Nós, por conseguinte, não aceitamos, no entanto desejamos, os louvores alheios, no intuito de alcançarmos maiores, sermos mais admirados. Não os admitimos a fim de aumentá-los e tudo fazemos em vista da glória, não da veracidade. Por isso as coisas se esvaziam, fazem-se dúbias. Suplico-vos, portanto; ao menos agora renunciái à mãe dos males, a vanglória, e vivei conforme apraz a Deus. Possamos conseguir os bens futuros, em Cristo Jesus nosso Senhor.

VIGÉSIMA OITAVA HOMILIA

11,37. *Levaram vida errante, vestidos com peles de ovelhas ou de cabras; oprimidos e maltratados, sofreram privações.*

38. *Eles, de quem o mundo não era digno, erravam pelos desertos e pelas montanhas, pelas grutas e cavernas da terra.*

Sempre me ocorre, especialmente ao meditar os feitos dos santos, renegar-me, porque nem em sonho experimento o que durante todo tempo eles viveram, isentos de penalidades devidas a pecados, sempre praticando o bem, sempre atribulados. Reflito sobre Elias, de quem hoje versa o discurso, pois

dele nesta passagem se diz: *“Levaram vida errante, vestidos com peles de ovelhas ou de cabras”*; e encerram-se os exemplos. O Apóstolo não o omite, porque lhes era familiar. E havendo lembrado os apóstolos, mortos à espada, apedrejados, retorna a Elias, que passou por aqueles padecimentos. Sendo provável que ainda não haviam concebido tal opinião a respeito dos apóstolos, retira exortação e consolo daquele que foi arrebatado, e era tido em máxima admiração: *“Levaram vida errante, vestidos com peles de carneiro ou de cabras; oprimidos e maltratados, sofreram privações. Eles, de quem o mundo não era digno”*. Não tinham manto, naquela excessiva tribulação, nem cidade, casa, gruta. Era segundo o que dizia Cristo: *“O Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça”* (Mt 8,20). O que digo? Nem uma gruta? Nem onde estar, pois nem na solidão gozavam de tranquilidade. De fato, ele não diz: Pousavam solitários, até dali fugiam e eram expulsos; não só de uma terra habitada, mas ainda duma inóspita. E lembra-lhes as pousadas, e o que lá aconteceu: *“Maltratados, sofreram privações”*. Assim é, acusam-vos por causa de Cristo. Essas coisas foram cometidas contra Elias. O que tinham para acusá-lo, expulsá-lo, persegui-lo e obrigarem a passar fome? Os apóstolos também sofriam desta forma, e por isso outra passagem dizia que decidiram enviar auxílio aos discípulos atribulados. *“Os discípulos decidiram então enviar, cada um conforme as suas posses, auxílios aos irmãos que moravam na Judeia”* (At 11,29).

“Maltratados”, isto é, sofredores nos caminhos, em perigos. Igualmente eles. *“Erravam”*. [O que quer dizer?] *“Erravam pelos desertos e pelas montanhas, pelas grutas e cavernas da terra.”* Pareciam apenas errar como fugitivos e migrantes, com a convicção de serem os piores celerados, indignos de ver o sol, que nem nos desertos encontravam refúgio, mas sempre deviam fugir, procurar esconderijos, vivos esconder-se em subterrâneos, sempre com medo.

39. *E não obstante, todos eles, se bem que pela fé tenham recebido um bom testemunho, não obtiveram a realização da promessa.*

40. *Porque Deus previa para nós algo de melhor, para que sem nós não chegassem à plena realização.*

E qual a recompensa, qual a retribuição de tão grande esperança? Grande, imensa, inexprimível! *“O que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram, e o coração do homem não percebeu, isso Deus preparou para aqueles que o amam”* (1Cor 2,9). *“Não obtiveram”*, esperavam e morreram assaz atribulados. Venceram durante tantos anos e não receberam; vós, porém, que ainda combateis, estais tristes? Pensai também vós o que significa, e que coisa grandiosa é estarem Abraão e o apóstolo Paulo à espera da consumação, a fim de então receberem a recompensa. O Salvador predisse que não haverá de a conceder enquanto também nós não chegarmos; como um pai benévolo diz a filhos queridos, e que cumpriram o dever, que não lhes dará alimento antes de chegarem os seus irmãos. Tu te irritas porque não recebeste ainda a recompensa? O que fará Abel, que venceu antes de todos e aguarda, sem ter sido coroado? O que dirá Noé? O que aqueles que viveram naquela época, que te esperam e os que virão depois de ti?

Vês que nossa condição é melhor do que a deles? Diz-se bem: *“Porque Deus previa para nós algo de melhor”*. No intuito de que não parecessem de melhor condição, se fossem coroados primeiro, Deus determinou em geral uma só ocasião para as coroas. Há tantos anos vencedor, e recebe a coroa contigo. Vês a providência de Deus? Não disse: Sem nós, não fossem coroados, e sim: *“Sem nós não chegassem à plena realização”*. Então mostrar-se-ão perfeitos. Antecederam-nos nos combates, mas não nos precederão nas coroas. Não os lesou. Honrou-nos. Eles aguardam os irmãos. Se todos formamos um só corpo, maior será o prazer do corpo numa coroação geral do que numa parcial. De fato, admiráveis são os justos que se alegram com os bens de seus irmãos como se fossem propriamente seus. Por isso também preferem ser coroados em conjunto com os demais membros.

Máximo prazer consiste uma glorificação unânime.

12,1. *Também nós, com tal nuvem de testemunhas ao nosso redor,*

A Escritura frequentemente retira consolo dos eventos nas tribulações, como nos dizeres do profeta: “Um abrigo contra o calor, a dureza, as chuvas” (Is 4,6); e Davi: “De dia o sol não te ferirá nem a lua de noite” (Sl 121,6). Assim se exprime recordando-se daqueles santos. As nuvens dão sombra àquele que está ardendo sob os raios do sol; assim ela reanima e reconforta a alma sofredora. E não disse: Acima de nós, e sim: “Ao nosso redor”. É melhor, visto que é claro que estar ao redor de nós dá-nos mais segurança. Chama de testemunhas não apenas as do Novo Testamento, mas ainda as do Antigo, uma vez que prestaram testemunho à grandeza de Deus. É o caso dos três jovens, de Elias e de todos os profetas.

rejeitando todo fardo

“*Todo*”. Qual? O sono, a negligência, os maus pensamentos, as vicissitudes humanas.

e o pecado que nos envolve,

Facilmente nos envolve, ou nos cerca sem dificuldade. Ou melhor, é fácil, se quisermos, superar o pecado.

corramos com perseverança ao certame que nos é proposto,

Não disse: Combatamos; nem: Lutemos; nem: Declaremos guerra, mas apresenta o que é mais leve: Corramos. Não disse: Intensifiquemos a corrida, mas: Sustentemos, não declinemos. “*Corramos ao certame que nos é proposto*”. Em seguida, nomeia Cristo, o principal conforto, princípio e fim:

2. *com os olhos fixos naquele que é o autor e o realizador da fé, Jesus,*

O próprio Cristo o repetia frequentemente a seus discípulos: “Se chamaram Beelzebu ao chefe da casa, quanto mais chamarão assim aos seus familiares!” (Mt 10,25); e ainda: “Não existe discípulo superior ao mestre, nem servo superior ao seu senhor” (Mt 10,24). “*Com os olhos fixos*”, disse ele, isto é, para aprendermos como correr, olhemos para Cristo. Em todas as artes e certames, fixando os olhos nos mestres, imprimimos na mente a arte, assimilando certas regras pela visão; assim também se queremos correr, e aprender a correr bem, olhemos para Cristo, “*O autor e o realizador da fé, Jesus*”. Que sentido tem isto? Ele nos incutiu a fé, deu-nos o início. Cristo o dizia aos discípulos: “Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi” (Jo 15,16). Paulo também declara: “Depois, conhecerei como sou conhecido” (1Cor 13,12). Se, porém, foi ele quem nos deu o começo, haverá também de nos impor o final.

que, em vez da alegria que lhe foi proposta, sofreu a cruz, desprezando a vergonha,

Isto é, se quisesse, podia nada sofrer, pois não cometeu pecado, nem se encontrou dolo em sua boca (Is 53,9), conforme ele próprio afirmou nos Evangelhos: “O príncipe do mundo vem; contra mim, ele nada pode” (Jo 14, 30). Por conseguinte, podia, se o quisesse, não ser crucificado: “Tenho poder de entregar a minha vida e poder de retomá-la” (Jo 10,18). Se, portanto, quem não tinha a mínima necessidade de ser crucificado, foi crucificado por nossa causa, quanto mais justo será suportarmos tudo com fortaleza? “*Que, em vez da alegria que lhe foi proposta, sofreu a cruz, desprezando a vergonha*”. O que quer dizer: “*Desprezando a vergonha*”? Escolheu, afirma, morte ignominiosa. Seja, morreu; por que morte ignominiosa? Não foi por outro motivo senão ensinar-nos a não dar importância à glória proveniente dos homens. Por isso, isento de pecado, escolheu-a, ensinando-nos a sermos audazes, e não lhe darmos importância. Por que não disse: Tristeza, mas: “*Vergonha*”? Porque não a suportou com tristeza. Escuta o final. Acrescentou:

e se assentou à direita do trono de Deus.

Vês o prêmio? Paulo o exprime, ao escrever: “Por isso Deus o exaltou grandemente e o agraciou com um nome que está acima de todo o nome, de modo que, ao nome de Jesus, se dobre todo joelho” (Fl 2,9-10). Refere-se ao que é segundo a carne. Ora, o exemplo bastaria inteiramente para nos persuadir, se não fosse proposto prêmio algum ao combate; no entanto, agora também não nos são propostos quaisquer prêmios, e sim grandes e inefáveis. Por essa razão, nós também, ao sofrermos algo, não pensemos nos apóstolos, mas em Cristo. Por que motivo? Porque sua vida foi repleta de opróbrios; sempre maledicências, como ser chamado de louco, sedutor e feiticeiro; e por vezes diziam os judeus: “Este homem não vem de Deus”; por vezes: “Não. Ele engana o povo”; e ainda: “Aquele impostor disse, quando ainda vivo: Depois de três dias ressurgirei!” Acusavam-no de arte mágica, nesses termos: “Ele não expulsa demônios, senão por Beelzebu” (Jo 9,16; 7,12; Mt 27,63; 12,24). E que estava louco e possesso. Não dizíamos com razão: “Ele tem um demônio! Está louco!” (Jo 10,20). E ouvia isso da parte dos beneficiados, enquanto operava milagres, manifestava as obras de Deus. De fato, se ouvisse isso sem nada ter feito, não seria tão espantoso. Mas causa excessivo espanto que, ao ensinar a verdade, chamavam-no de sedutor, e, ao expulsar demônios, ouvia a injúria de estar possesso, e, ao eliminar tudo o que era contrário, era denominado feiticeiro! Frequentemente lançavam-lhe essas acusações.

Se queres conhecer os ditos e a zombaria contra ele, os quais especialmente nos aborrecem, escuta primeiro a respeito da ascendência: “Não é ele o filho do carpinteiro, cujo pai e mãe conhecemos? E seus irmãos não vivem todos entre nós?” (cf. Mt 13,55). E zombavam por causa da terra natal, declarando que era de Nazaré. Ainda: “Estuda e verás que da Galileia não surge profeta” (Jo 7,52). Ele tolerava essas calúnias. E a pergunta: “A Escritura não diz que o Cristo virá de Belém?” (Jo 7,42). Queres ver os gracejos que empregavam contra ele, perto da crucifixão? Por zombaria se prostravam, batiam-no e esbofeteavam-no, dizendo: “Faze-nos uma profecia. Quem é que te bateu?”, e ofereciam-lhe vinagre, dizendo: “Se és Filho de Deus, desce da cruz!” (Mt 26,68; 27,40). Além disso, o servo do pontífice deu-lhe um tapa, e ele disse: “Se falei mal, mostra em que; mas se falei bem, por que me bates?” (Jo 18,23). E por escárnio impuseram-lhe a clâmide, cuspiram-lhe na face; e sempre o atribulavam, sujeitando-o a provações. Queres também ver as acusações, às ocultas e em público, as dos próprios discípulos? “Não quereis também partir?” “Tens um demônio” (Jo 6,67; 7,20), diziam os que já haviam acreditado. Dize-me. Ele não fugia sempre, umas vezes para a Galileia, outras para a Judeia? Acaso no próprio berço não foi atacado por muitas provações? Quando criança, a mãe não o tomou e desceu ao Egito? Por causa disso tudo foi dito: “*Com os olhos fixos naquele que é o autor e o realizador da fé, Jesus, que, em vez da alegria que lhe foi proposta, sofreu a cruz, desprezando a vergonha, e se assentou à direita do trono de Deus*”. Olhemos, portanto, para ele e para seus discípulos, lendo o que Paulo sofreu, e ouvindo o que ele afirma: “Por grande perseverança nas tribulações, nas necessidades, nas angústias, nos açoites, nas prisões, nas sedições, nos jejuns, nas fadigas, pela pureza, pela ciência” (2Cor 6,4-6); e ainda: “Até o momento presente ainda sofremos fome, sede e nudez; somos maltratados, não temos morada certa, e fatigamo-nos trabalhando com as nossas mãos. Somos amaldiçoados, e bendizemos; somos perseguidos, e suportamos; somos caluniados, e consolamos” (1Cor 4,11-13). Algum dos nossos pode afirmar que sofreu ao menos a mínima parte disto? Como impostores, como na má fama, como nada tendo (cf. 2Cor 6,8.10). E ainda: “Dos judeus recebi cinco vezes os quarentas golpes menos um. Três vezes fui açoitado. Uma vez apedrejado. Passei um dia e uma noite no abismo. Numerosas viagens. Muitas vezes, em tribulações, com angústia, fome” (2Cor 11,24-26). Ouve dele que isto era agradável a Deus: “A esse respeito, três

vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Respondeu-me, porém: ‘Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a minha força manifesta todo o seu poder’. Por isso eu me comprazo nas fraquezas, nos opróbrios, nas necessidades, nas angústias, nos golpes, nas prisões, para que pouse sobre mim a força de Cristo” (2Cor 12,8-10). Escuta também a palavra de Cristo: “No mundo tereis tribulações” (Jo 16,33).

3. Considerai, pois, aquele que suportou tal contradição por parte dos pecadores, para não vos deixar fatigar pelo desânimo.

Teve razão em acrescentar isso, pois se o próximo nos causa sofrimento, os do próprio Senhor não nos oferecem conforto? O que não fará por nós? Observa que, omitindo uma enumeração pormenorizada, aludiu ao todo pelo termo: “*Contradição*”, indicando: bofetadas, zombarias, ofensas, ultrajes, escárnios. Indicou o todo pelo termo: “*Contradição*”. Não apenas, mas ainda o atinente ao ensinamento da vida inteira. Ponderemos, sempre, caríssimos, estas coisas, e dia e noite as meditemos, cientes de retirarmos daí grandes bens, e muitas vantagens.

Imenso, de fato, imenso conforto constituem a paixão de Cristo e os sofrimentos dos apóstolos. Sabia de tal forma ser o caminho da virtude o melhor que também Cristo, disto não necessitado, por esse ingressou. Conhecia a ajuda da tribulação, maior causa de alívio. Escuta a palavra do próprio Cristo: “Aquele que não toma a sua cruz e me segue não é digno de mim” (Mt 10,38). Não só, mas quer ensinar: Se és discípulo, imita o mestre. Compete ao discípulo. Se ele veio em meio a tribulações, e tu com repouso, não ingressaste pelo mesmo caminho, e sim por outro. Prosseguirás sem segui-lo? Serás discípulo, se não segues o mestre? Paulo igualmente o afirma: “Somos fracos, vós, porém, sois fortes; vós sois bem considerados, nós, porém, somos desprezados” (1Cor 4,10). Seria razoável fazermos o contrário, vós discípulos, e nós os mestres? É importante, caríssimos, a tribulação e tem dois bons resultados: Apaga os pecados e fortifica-nos.

E se perverter e perder? Não é a aflição que o faz, mas a nossa covardia. De que modo? Enquanto formos sóbrios, rogarmos a Deus que não permita sermos tentados além do que podemos, sempre a ele aderirmos, firmes nas fileiras, e tivermos seu auxílio, mesmo se soprarem violentamente as tentações, serão apenas palha e folhas carregadas pelo vento. Escuta a palavra de Paulo: “Mas em tudo isso somos mais que vencedores” (Rm 8,37); e ainda: “Penso, com efeito, que os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deverá revelar-se em nós” (Rm 8,18). Anota a quantos perigos, naufrágios, frequentes aflições etc., ele chama de leves; imita este homem adamantino, revestido apenas levemente do corpo. És pobre? Não quanto Paulo, que lutava com a fome, a sede, a nudez; não sofreu isto por um dia, mas sempre. Onde consta? Escuta-o: “Até o momento presente ainda sofremos fome, sede e nudez” (1Cor 4,11). Ah! Quanta glória já adquirira na pregação, quanto suportara, e já haviam decorrido vinte anos quando escrevia. “Conheço um homem que, há catorze anos, foi arrebatado ao terceiro céu – se em seu corpo, se fora do corpo, não sei” (2Cor 12,2); e ainda: “Após três anos, subi a Jerusalém” (Gl 1,18). Novamente escuta-o: “Antes morrer! Ninguém me arrebatará esse título de glória!” Não apenas isto, mas ainda escrevia: “Somos considerados como a escória do universo” (1Cor 9,15; 4,13). O que há de mais duro que a fome? O frio, as ciladas dos irmãos, que ele denomina falsos irmãos? Não era chamado de perdição da terra, impostor, rebelde? Não era flagelado? Venham-nos à mente estas coisas, caríssimos, meditemos, relembremos e jamais afrouxaremos e enfraqueceremos, até mesmo se injuriados, espoliados, padecermos incontáveis males. Estimados nos céus, tudo nos será tolerável; ali tudo nos corra bem, e a nada de terreno daremos importância. Seriam sombras, sonhos. Das realidades esperadas e desejadas, seja o que for, nada é pesado por natureza, nem pelo tempo. O que queres que comparemos àquelas realidades atroz, ao

fogo inextinguível, ao verme imortal? Quais os padecimentos presentes comparáveis ao ranger dos dentes, às cadeias, às trevas exteriores, à ira, à aflição, às angústias? Mas, em relação ao tempo? E que são dez mil anos diante de séculos intermináveis? Acaso não se comparam a uma pequena gota diante do abismo ilimitado? Mas, quanto aos bens? Ali é maior a superabundância deles: “O que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram, e o coração do homem não percebeu” (1Cor 2,9). E será durante séculos sem limites. Não é válido, visando a este bem, ser mil vezes dilacerado, trucidado, queimado, sofrer mil espécies de morte, seja o que for de áspero em palavras e obras? Pois, se fosse possível vivermos ardendo no fogo, não devíamos tudo suportar a fim de conseguirmos os bens prometidos?

Mas, por que assim me expremo, à semelhança de um delírio, diante de homens que optam por não menosprezar o dinheiro, mas o buscam e a ele se apegam, qual bem imperecível, e se doarem um pouco do muito que possuem julgam ter cumprido o dever? Todavia, isto não é esmola. Esmola é a da viúva, que deu o necessário à sua subsistência (cf. Mc 12,44). Se não queres oferecer quanto a viúva, dá ao menos o supérfluo. Guarda o suficiente, não o supérfluo. Mas ninguém dá o supérfluo. Muitos criados, vestes de seda são supérfluos. Não é necessário, nem de serventia o que não faz falta para vivermos. É supérfluo, exterior a nós. Vejamos, se lhe apraz, de que precisamos para viver. Com dois criados apenas podemos viver. Com efeito, há pessoas que vivem não tendo criado algum. Que desculpa teremos, se dois não nos são suficientes? Podemos ter uma casa de tijolos com três aposentos, e basta. Dize-me. Alguns não vivem num aposento só, com os filhos, a mulher? Se te apraz, tenha dois criados. E, replicas, não é uma vergonha a mulher livre sair apenas com dois escravos? Não, não é vergonhoso à mulher livre caminhar com dois criados, e sim com muitos. Rides talvez, ouvindo isso. Crede, vergonhoso é andar acompanhada de muitos. Os vendedores de ovelhas, ou de escravos, acham indigno andar com muitos servos. É fausto e vanglória; o oposto é sabedoria e honestidade. Efetivamente, não deve a mulher livre apresentar-se com muitos seguidores. Seria virtude ter muitos? Não é espiritual; e o que não vem da alma não é livre. É verdadeiramente livre contentar-se com poucos; precisar de muitos é ser escravo e pior ainda.

Dize-me. Os anjos não percorrem a terra inteira sozinhos, sem acompanhantes? Os que deles não necessitam são piores do que nós que precisamos? Se, portanto, é próprio dos anjos não precisarem de acompanhantes, mais próximo da vida angélica acham-se os que têm necessidade de muitos ou de poucos? É indigno? Vergonhoso é cometer ação inconveniente. Dize-me. Qual a mulher que se faz notar pelos frequentadores da praça? A acompanhada de muitos, ou de poucos? Uma sozinha não aparece menos do que a que tem poucos acompanhantes? Vês que o outro caso é que causa vergonha? Qual atrai os olhares dos que estão na praça? As que usam belos mantos, ou a que se veste com simplicidade, sem afetação? Quais ainda as que atraem os olhares dos homens na praça, a carregada por mulas com baixeiros dourados, ou as que caminham com simplicidade, sem ornatos, mas com decoro? A esta nem vemos nem fitamos. Acaso àquela muitos não só são impelidos a olhar, mas ainda perguntam quem é e de onde procede? Omito declarar quanta inveja daí se origina. Dize-me. O que é vergonhoso: Ser visto, ou não? Qual maior a vergonha: Todos a olharem, ou ninguém? Todos perguntarem quem é, ou disto ninguém se preocupa? Vês que não agimos por pudor, mas por vanglória? Mas como é impossível disto vos absterdes, no momento basta-me reconhecerdes que não é vergonhoso. Somente o pecado provoca vergonha, que ninguém considera vergonha, mas é totalmente. As vestimentas sejam as úteis, não as supérfluas; de resto para não vos aborrecer demais, admoesto a não precisardes de ornatos de ouro, ou de fazendas leves. Não sou eu quem o diz, não são minhas as palavras. Escuta São Paulo ordenar às mulheres: “Elas se enfeitem, não com tranças, nem objetos de ouro, pérolas ou vestuário suntuoso” (1Tm 2,9). Mas, dize, como queres, Paulo? Pois talvez

afirmem que somente os objetos de ouro são preciosos, não as vestes de seda. Dize como queres. “Se, pois, temos alimento e vestuário, contentemo-nos” (1Tm 6,8). A veste sirva apenas para cobrir. Deus no-la deu para cobrirmos a nudez; pode realizá-lo, mesmo se for barata. Talvez estais rindo, porque usais vestes de seda; de fato, é ridículo. O que ordenou Paulo? E o que fazemos? Não dirijo a palavra apenas às mulheres, mas também aos homens. Todo o restante que tivermos são supérfluos. Somente os pobres não possuem objetos supérfluos; talvez até eles por necessidade, uma vez que, se fosse possível, nem eles renunciariam. Com efeito, até eles não têm o supérfluo, por oportunidade, ou na realidade. Usemos roupas que preencham sua finalidade. Para que muito ouro? Tais coisas convêm aos atores; esses fardos são próprios das meretrizes, que tudo fazem para serem vistas.

A atriz se enfeita, a que participa da orquestra quer ser vista por todos. A mulher piedosa não se enfeita dessa forma, mas possui enfeites bem melhores.

Tu também tens um teatro. Enfeita-te para aquele palco, reveste tal ornato. Qual é o teu teatro? O céu, a turba dos anjos. Não me refiro apenas às virgens, mas também às leigas. A que acredita em Cristo pertence àquele teatro. Profiramos palavras que aprazam aos espectadores; reveste-te de tal forma que lhes causes alegria. Dize-me. Se uma prostituta desistir dos ornatos de ouro, dos mantos, das zombarias, das palavras galantes e obscenas, colocar uma veste desprezível, entrar com simplicidade, empregar termos piedosos, dissertar sobre a temperança, não enunciar torpezas, acaso todos não se levantam? Não se dispersaria o teatro? Não a expulsariam por não agradar à plateia, e proferir palavras estranhas àquele teatro satânico? Se, ao invés, entrares no teatro dos céus com aquelas vestes, os espectadores te expulsarão. No além não são necessárias vestes douradas, mas diferentes. Quais? As mencionadas pelo profeta: “Com vestes bordadas de ouro, em roupagens multicolores” (Sl 45,14). Não vises tornar o corpo alvo e resplandecente, mas ornar a alma, que combate e luta. Toda a glória da filha do rei é interior, diz-se. Assim deves revestir-te, e livrar-te-ás de incontáveis males: O marido de cuidados, a ti de preocupações. Ele te respeitará se não precisares de muito.

Os homens costumam depreciar os que deles precisam; verificando, porém, que não necessitam, mudam de opinião e respeitam-nos. Se o marido vir que de nada careces e menosprezas seus dons, apesar de orgulhoso, mais te respeitará do que se estiveres revestida de ornatos dourados; não serás mais sua escrava. De fato, somos subordinados àqueles dos quais precisamos; se, porém, nos retirarmos, não estaremos mais sujeitos, mas saberão que lhes prestamos obediência por temor de Deus, não por causa do que podem dar. Com efeito, quem nos faz grandes doações, por maior honra que lhe prestemos, não considera que conseguiu grande coisa; ao invés, apesar de ser pouco o que obtiver, ficará grato. Não há de exprobrar, de se irritar, nem de defraudar por tua causa. O que é menos razoável do que adquirir ornatos de ouro a fim de usá-los nas termas e nas praças? Mas talvez não seja espantoso nas termas e nas praças, mas entrar na igreja com aquela veste é por demais ridículo. Efetivamente, por que ir com ornatos dourados aonde se vai para ouvir que não sejam usados ouro, pérolas, vestes suntuosas? Por que vens, mulher? Acaso para contradizer a Paulo, e mostrar que mesmo se ele o repetir mil vezes, não te converterás? Queres convencer-nos, a nós mestres, que em vão assim falamos? Dize-me. Se um infiel pagão ouvir a leitura da passagem onde São Paulo preceitua às mulheres que não se enfeitem com ouro, pérolas, e vestes preciosas (cf. 1Tm 2,9), e ele, cuja esposa é fiel, vir que ela se ocupa de ornamentar-se e compor-se com objetos de ouro para ir à igreja, não dirá a si mesmo, vendo-a no quarto aprontar-se e enfeitar-se: Por que fica no quarto? Por que esta demora? Por que colocar enfeites de ouro? Aonde quer ir? À igreja? Para quê? Para ouvir: Não com veste suntuosa? Ele não irá zombar? Não haverá de irromper em gracejos? Não julgará nossa religião jogo e

ilusão? Por isso, suplico, deixemos os ornamentos de ouro às pompas, aos teatros, aos quadros expostos nas oficinas. Não seja ornamento da imagem de Deus. A mulher livre orne-se com liberdade, liberdade isenta de orgulho, de ornato indecoroso. Se queres glória da parte dos homens, assim a obterás. Não admiramos tanto a mulher de um homem rico com ornamentos de ouro e vestes de seda. É vulgar! Em geral, admira-se e aplaude-se a que se revestir sóbria e simplesmente com tecido apenas de lã. Com efeito, em ornatos de ouro e vestes suntuosas há muitas iguais. Se as supera é ultrapassada por outra; e se excede a todas, certamente será vencida pela rainha. Esta vence inteiramente, até mesmo à imperatriz. Ela é a única rica que prefere vestes pobres. Por isso, para quem ambiciona a glória, eis a maior. Não me dirijo somente às viúvas e às mulheres ricas. Parece que o fazem obrigadas pela viuvez; mas mesmo às casadas. Ora, assim, replicam, não agrado ao marido. Não queres agradar ao marido, mas à multidão das mulheres pobres; ou antes, não agradar, mas humilhá-las, ocasionar-lhes dor, aumentar-lhes a pobreza. Quantas blasfêmias por tua causa! Não houvesse pobreza, retrucasse; Deus odeia os pobres, Deus não ama os que se acham em pobreza. Teu procedimento torna evidente a todos que não queres agradar ao marido, não é por isso que te enfeitas. Pois, ao atravessares o limiar do quarto, logo retiras tudo: vestes, enfeites de ouro e pérolas; não as usas em casa. Se, porém, queres certamente agradar ao marido, será pela indulgência, mansidão, honestidade. Acredita-me, ó mulher! Se teu marido for mil vezes propenso às coisas inferiores, incontinente, mais o atrairão a indulgência, a honestidade, a humildade, gastos comedidos, a modéstia. Pois, mesmo por mil coisas que excogitares, não conterás o impudico. Sabem-no as que têm tais maridos. Por mais que te ornes, ele, sendo incontinente, procurará outra. Não prenderás o homem temperante e pudico com estes ornatos; ao contrário, o aborrecerás, sugerindo-lhe que gostas dos enfeites. Se o marido respeitar e prudentemente não o disser, interiormente te condena; não reprimirá a emulação, o ciúme. Acaso já não eliminas o prazer ao excitares o ciúme?

Talvez ouças de má vontade estes dizeres e te irrites dizendo: Isto mais irrita os maridos contra as mulheres. Não o digo para irritá-los, mas quero despertar em vós a boa vontade, em vosso favor, não por causa deles. Não para libertá-los do ciúme, mas para vos livrar das fantasias desta vida. Queres parecer bela? Eu também o quero, mas da beleza que Deus procura, aquela que o rei deseja. De quem almejas intenso amor? De Deus ou dos homens? Se fores bela desta forma, Deus desejará tua beleza; do contrário, sem ela, ele te abominará e teus amantes serão os homens perversos. Nenhum homem honesto ama uma mulher casada. O mundo pagão também assim julga. O outro ornato, o da alma, a Deus atrai; a este, porém, aos homens perversos. Vê meu cuidado por vós, por vós tenho solicitude, a fim de serdes bonitas, verdadeiramente belas e insignes; em vez de homens perversos, amar-vos-á intensamente o Senhor do universo, Deus. A quem se assemelha aquela que ele ama? À que preside o coro com os anjos. Amada pelo rei, é considerada feliz entre todas. Qual a dignidade da amada por Deus? Menciones a terra inteira e coisa alguma encontrarás digna daquela beleza. Cultivemo-la, assim nos enfeitemos, a fim de chegarmos aos céus, aos cenáculos espirituais, ao tálamo do esposo imortal. Com efeito, a beleza corporal é em geral combatida, e mesmo se continuar bela, isenta de doenças ou preocupações, o que é impossível, não dura vinte anos; a outra, porém, sempre floresce, sempre vicejante. No além não há vicissitudes, a velhice não chega trazendo rugas, não debilita uma doença que se agrave, não corrompem os cuidados, o desalento; mas a tudo é superior. A corporal perde-se antes de aparecer; e se aparece, não são muitos os admiradores. De fato, os homens honestos não admiram; os que admiram, admiram com luxúria. Não a cultivemos, e sim a outra; a ela havemos de aderir, a fim de chegarmos ao tálamo com lâmpadas acesas. Não é exclusiva para as virgens essa promessa, mas é para as almas virgens. Pois, se fosse somente para as virgens, as cinco não seriam excluídas. Trata-se das virgens pelo espírito, livres das cogitações mundanas, que corrompem as

almas. Se, portanto, permanecermos íntegros, iremos para lá e seremos recebidos.

“Desposei-vos a um esposo único, a Cristo, a quem devo apresentar-vos como virgem pura” (2Cor 11,2), diz o Apóstolo. Não falava às virgens, mas à plenitude da Igreja. A alma incorrupta é virgem; embora tenha marido é virgem, digo, de posse da verdadeira e admirável virgindade, pois a virgindade corporal é companheira e sombra daquela; verdadeira virgindade é aquela. Cultivemo-la, e poderemos contemplar de fisionomia alegre, e entrar com lâmpadas acesas, se o óleo não nos faltar, se com ornamentos tecidos de ouro, confeccionarmos óleo que mantém as lâmpadas acesas; este óleo é o amor aos homens. Se partilharmos nossas posses com o próximo, e as transformarmos em óleo, então nos defenderão, e não diremos naquela ocasião: “Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas estão se apagando” (Mt 25,8), e não precisaremos das outras, não iremos aos vendedores e seremos excluídos, nem ouviremos aquela palavra terrível e tremenda, ao batermos à porta: “Não vos conheço!” Ele nos conhecerá e entraremos com o esposo, e penetrando no tálamo espiritual, gozaremos de bens inumeráveis. Se, pois, na terra de tal forma é elegante o tálamo, de tal modo esplêndidos os cenáculos que nenhum dos assistentes se saciará, quanto mais no além? O tálamo é o céu, e o tálamo é melhor do que o céu. Lá entraremos. Se o tálamo é de tal forma belo, como será o próprio esposo? E por que digo que tiremos os ornamentos de ouro para distribuir o produto aos necessitados? Pois se importa vendê-los, se em vez de mulheres livres se tornarem escravas, para poderem ser daquele esposo, gozar daquela beleza, somente ver aquela face? Não se deve com toda prontidão aceitar tudo? Apenas no intuito de contemplarmos o Rei que está na terra, muitas vezes renunciemos ao que temos nas mãos, embora necessário. Ao vires, porém, aquele que tem ambas as dignidades, de rei e esposo celeste, para seres digno não só de ver, mas também acederes com as lâmpadas, e estares perto dele, estar perpetuamente com ele, o que não deves fazer, praticar, tolerar? Por isso, rogo-vos, tenhamos algum desejo daqueles bens, desejemos aquele esposo, sejamos virgens de verdadeira virgindade. O Senhor requer a virgindade da alma. Com ela entraremos no céu, sem mácula nem ruga, ou algo de semelhante, para obtermos os bens prometidos. Seja-nos dado a todos nós consegui-lo pela graça e amor aos homens etc.

VIGÉSIMA NONA HOMILIA

12,4. *Vós ainda não resististes até o sangue em vosso combate contra o pecado!*

5. *Vós esquecesteis a exortação que vos foi dirigida como a filhos: Meu filho, não desprezes a educação do Senhor,
não te desanimes quando ele te corrige;*

6. *pois o Senhor educa a quem ele ama, e castiga todo filho que acolhe.*

7. *É para a vossa educação que sofreis. Deus vos trata como filhos. Qual é, com efeito, o filho cujo pai não educa?*

Duas são as espécies de consolo, aparentemente contraditórias, mas que se corroboram reciprocamente. Nesse trecho o Apóstolo colocou as duas. Uma é, em verdade, assegurar que certas pessoas padeceram muito; a alma tranquiliza-se diante de muitas testemunhas de seus próprios padecimentos, conforme os dizeres supramencionados: “*Lembraí-vos, contudo, dos vossos primórdios. Apenas havíeis sido iluminados, suportastes um combate doloroso*” (Hb 10,32). A segunda, porém, ao proferirmos: Não passou por grandes sofrimentos. Esta palavra nos revolta e altera e ficamos mais propensos a tudo sofrer. A primeira faz com que a alma aflita se recupere e se reconforte; esta, porém, converte a alma preguiçosa e prostrada e reprime a soberba. Vê o que diz o

Apóstolo, evitando que daquele testemunho brotasse o orgulho: *“Vós ainda não resististes até o sangue em vosso combate contra o pecado! Vós esquecestes a exortação que vos foi dirigida”*. E não acrescentou imediatamente a consequência, mas tendo destacado os que resistiram até o sangue, e acrescentado, ser uma glória os sofrimentos de Cristo, ligeiramente percorre o restante. Escreve aos coríntios: *“As tentações que vos acometeram tiveram medida humana”* (1Cor 10,13), isto é, foram pequenas. Basta para excitar e reanimar a alma, com o pensamento de que não alcançou as alturas, e convencida por meio dos precedentes eventos. Diz o seguinte: *Ainda não sofrestes a morte, mas perdestes somente as riquezas, a glória, fostes expulsos. Cristo por nós derramou o sangue; vós, nem por vós próprios. Ele resistiu até a morte, lutando pela verdade, em vosso favor; vós, porém, nem enfrentastes iminentes perigos mortais. “Vós esquecestes a exortação que vos foi dirigida”, isto é, inertes, deixastes cair as mãos. “Vós ainda não resististes até o sangue em vosso combate contra o pecado!”*. Mostra que o pecado sopra violento, bem armado. A palavra: *“Resististes”* é referente aos que estão de pé. *“Que vos foi dirigida como a filhos: Meu filho, não desprezes a educação do Senhor, não te desanimes quando ele te corrige”*. Consola, baseado nos fatos. Além disso, acrescenta palavras, em testemunho: *“ Não te desanimes quando ele te corrige”*. Provêm, portanto, de Deus. Não é pequeno consolo saber que se trata de obra de Deus tal permissão, conforme ainda à declaração de Paulo: *“A esse respeito, três vezes pedi ao Senhor... Respondeu-me, porém: ‘Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder’”* (2Cor 12,8-9). Por conseguinte, permite. *“O Senhor educa a quem ele ama, e castiga todo filho que acolhe.”* Não podes dizer que, apesar das aparências, existe justo isento de aflições. De fato, desconhecemos as aflições dos outros, porque forçoso é que todo justo passe por tribulações. É sentença de Cristo que o caminho largo e espaçoso conduz à perdição, o estreito e apertado à vida (cf. Mt 7,13). Se, portanto, por este se chega à vida, não é possível por meio de outro. Todos, pois, que alcançaram a vida, foi pelo caminho estreito. *“É para a vossa educação que sofreis. Deus vos trata como filhos. Qual é, com efeito, o filho cujo pai não educa?”* Por conseguinte, sofreis para correção, não por castigo, suplício, ou por mal. Vêde. Creiam, pois, que não foram abandonados pelo motivo que julgavam terem sido abandonados. Como se dissesse: Diante de tantos sofrimentos, pensais que Deus vos abandonou e vos odeia? Se não houvésseis sofrido é que devíeis suspeitar. Uma vez que ele castiga todo filho que acolhe, certamente não é filho quem não é castigado. Como? – replica-se. Os maus não sofrem? De fato, sofrem; como não? Mas não disse: Todo aquele que é castigado é filho, e sim: Todo filho é castigado. Mas não podes dizer: Existem muitos que são castigados, mesmo entre os malvados, tais como os homicidas, ladrões, feiticeiros, violadores dos sepulcros. Mas aqueles malvados sofrem castigos e não são flagelados como filhos, mas punidos como perversos, ao passo que vós, na qualidade de filhos. Vês como raciocina, fundamentado nos acontecimentos da Escritura, nas palavras, nos conceitos próprios, nos exemplos das vidas? Em seguida, também no que é habitual?

8. *Se estais privados da educação da qual todos participam, então sois bastardos e não filhos.*

Vês que diz o mesmo que não pode ser filho quem não é castigado? Na família os pais menosprezam os filhos bastardos, embora nada aprendam, não são insignes, mas quanto aos legítimos, receiam que se entreguem ao ócio; assim também no presente caso. Se, pois, é próprio dos bastardos não serem educados, devem alegrar-se pela educação, peculiar à legitimidade. Deus se porta convosco como a filhos, e por isso declara:

9. *Nós tivemos os nosso pais segundo a carne como educadores, e os respeitávamos. Não haveremos de ser muito mais submissos ao Pai dos espíritos, a fim de vivermos?*

Novamente exorta baseado nos próprios padecimentos, por aquilo que ele próprio padecia. Como

dizia acima: “*Lembraí-vos, contudo, dos vossos primórdios*”, também declara aqui: Deus procede para convosco como sendo filhos, e não podeis reclamar: Não podemos suportar. E filhos queridos. Pois, se eles respeitavam os pais carnis, como não venerais o Pai celeste? Embora a diferença não conste apenas disso, mas igualmente das pessoas, da própria causa e da realidade. Não é pela mesma razão que estes e aqueles são educados. Por isso acrescenta:

10. *Pois eles nos educaram por pouco tempo, segundo as suas impressões.*

Isto é, muitas vezes satisfazendo seu desejo, nem sempre visando ao que é vantajoso. Aqui não se pode dizer isto. Com efeito, não age por alguma vantagem própria, mas por vossa causa e apenas para vosso bem. Ali, para lhes serdes úteis, frequentemente em vão; aqui nada disto sucede. Vês que também traz consolo? Unimo-nos especialmente àqueles que não ordenam ou persuadem por próprio interesse, mas totalmente em nosso favor. Eis a sincera dileção e verdadeiro amor: em nada somos útil àquele que nos ama, no entanto por ele somos amados. Não nos ama no intuito de receber algo, mas de dar. Educa, tudo faz, emprega todo empenho para nos tornarmos capazes de acolher seus bens. “*Pois eles nos educaram por pouco tempo, segundo as suas impressões.*”

Deus, porém, nos educa para o aproveitamento, a fim de nos comunicar a sua santidade.

O que quer dizer: “*A sua santidade*”? Isto é, a pureza, para sermos dignos, à medida de nossas forças. Ele se empenha por receberdes, e tudo faz para vos dar; vós, no entanto, não vos esforçais por acolher. “Disse ao Senhor: ‘És tu o meu Senhor; não precisas de meus bens’” (Sl 16,2). “*Nós tivemos os nossos pais segundo a carne como educadores, e os respeitávamos. Não haveremos de ser muito mais submissos ao Pai dos espíritos, a fim de vivermos?*” “*Pai dos espíritos*”, dos carismas, das orações, ou das Potestades incorpóreas. Se assim morrermos, viveremos. E diz muito bem: “*Pois eles nos educaram por pouco tempo, segundo as suas impressões*”. Parece que nem sempre é útil; ele, contudo, educa segundo o que é vantajoso.

Existe, portanto, uma disciplina proveitosa, uma participação na santidade. E especialmente. Pois, quando expulsa a preguiça, a cupidez, o amor excessivo dos bens desta vida, quando converte, faz com que renunciemos a tudo o que é da terra (é uma tribulação), não santifica? Não atrai a graça do Espírito? Pensemos sempre nos justos, e vejamos de onde se tornaram ilustres e sobretudo Abel, Noé. Não foi pela tribulação? Era impossível não se afligir achando-se sozinho em meio a tão grande multidão de malvados. “Noé era um homem íntegro entre seus contemporâneos e agradou a Deus” (cf. Gn 6,9). Reflete. Se agora existem inúmeras pessoas cuja virtude devemos imitar, pais e mestres, de tal modo nos afligimos, como provavelmente se sentiria ele, sozinho entre tantos? Mas mencionaria aquela chuva extraordinária e admirável? Falaria de Abraão e seus padecimentos, tais como suas frequentes peregrinações, o rapto da mulher, os perigos, as guerras, as provações? E Jacó, quantos sofrimentos graves, expulso sempre, trabalhando em vão e gastando-se no trabalho para outrem? É necessário recensar todas as suas provações, apresentar o testemunho que prestava diante do Faraó: “Os anos de minha peregrinação... foram breves e infelizes, e não atingiram a idade de meus pais” (Gn 47,9)? Vamos falar de José? Do próprio Moisés, de Josué, de Davi, de Samuel, de Elias, de Daniel, de todos os profetas? Descobrirás que todos eles se tornaram insígnies pelas aflições. Dize-me. Queres ser ilustre pelo ócio, pelas delícias? Impossível! Vamos falar dos apóstolos? Ora, eles superaram a todos nas tribulações. Por que me refiro a isso? Cristo o declara igualmente: “No mundo tereis tribulações”; e ainda: “Chorareis e vos lamentareis, mas o mundo se alegrará” (Jo 16,33.20).

Estreito e apertado é o caminho que conduz à vida (cf. Mt 7,14).

O Senhor do caminho afirma que é estreito e apertado, no entanto, tu procuras o largo? Não é

absurdo? Não alcançará a vida, tu que ingressas por outro, e sim o que leva à perdição. Tu o escolheste. Queres que diga e apresente aqueles que passaram a vida nos prazeres? Subamos dos últimos aos primeiros. Aquele rico que ardia na fornalha, os judeus que viviam para o ventre, Deus deles, que sempre na solidão procuravam o ócio por que pereceram? Como os coetâneos de Noé, por terem escolhido uma vida lauta e dissoluta? E os sodomitas por causa da gula: “A iniquidade: na voracidade com que comia o seu pão” (Ez 16,49). Assim se afirma do que se fazia em Sodoma. Se, porém, a voracidade de pão faz tanto mal, o que diremos de outras iguarias? Esaú acaso não estava no repouso? E aqueles filhos de Deus que viram as mulheres, e se lançaram em precipícios? E aqueles que perdiam o juízo diante de outros homens? Todos os reis dos gentios, dos babilônios e egípcios, não terminaram mal a vida? Não estão em tormentos? Não é igual o que acontece agora? Dize-me. Escuta a palavra de Cristo: “Mas os que vestem roupas finas vivem nos palácios dos reis” (Mt 11,8), os que não as revestem, estão nos céus. Com efeito, a veste macia dissolve, quebra e diflui um ânimo austero. Apesar de revestido o corpo de uma veste áspera e dura, logo se torna delicado e fraco se vive entre prazeres. Onde vem, senão disto, que as mulheres sejam tão delicadas? – dize-me. Somente por natureza? Não, mas pelo estilo de vida e educação. Com efeito, são criadas com mimo, no ócio, com banhos, unguentos, quantidade de aromas, leite macio. E para teu conhecimento, anota o que digo. Arranca, por favor, uma árvore dentre as de um vergel no deserto, batida pelos ventos, e transplanta-a para um lugar úmido e sombreado; e descobrirás que se encontra em condições muito piores àquela da qual a tomaste no início. É verdade. As mulheres que cresceram nos campos, são mais fortes do que os homens citados, e elas na luta prostraram muitos deles. Se o corpo se tornou mais flácido, necessariamente a alma participa deste dano; pois grande parte das operações espirituais são atingidas pelas afecções corporais. De fato, nas doenças, enfraquecidos, somos outras pessoas; e sadios, novamente outras. Acontece o seguinte relativamente às cordas (de um instrumento): Se os tons são apagados e fracos, não corretamente emitidos prejudicam também o vigor da arte, forçada a atender à debilidade das cordas; assim também sucede ao corpo, que ocasiona muitos danos e imposições à alma. De fato, quando necessita de muitos cuidados, sujeita-se a dura servidão. Por isso, suplico, façamo-lo forte, não valetudinário. Não me dirijo apenas aos homens, mas também às mulheres. Por que motivo sempre o enfraqueceis com os prazeres, ó mulher, e o fazeis doentio? Por que corrompes as forças por meio da obesidade? A obesidade é frouxidão, não força. Renunciando a estas coisas, tua conduta difere. A beleza do corpo virá da decisão, presentes o vigor e os bons hábitos; do contrário, tu o cercarás de mil e várias doenças, não haverá de desabrochar, não se sentirá bem disposto, mas sempre triste.

Sabeis que uma bela casa numa atmosfera límpida torna-se esplêndida, e assim também a jovialidade da alma acresce a beleza da fisionomia; ao invés, triste e pesarosa torna-se mais feia. As doenças e dores causam tristeza e o corpo enfraquecido por muitos prazeres adoece. Por isso, se me obedeceis, fugi dos prazeres. Ora, ceder às delícias causa prazer, replica-se. Mas não tanto quanto as incomodidades. Aliás, o prazer da gula restringe-se ao paladar, à língua; retirada a mesa ou devorado o alimento, parece que dela não participaste; ou antes, muito pior, carregas peso, distensão, dor, insônia pela saciedade e dificuldade de respirar, arrotos. Mil vezes amaldiçoarás o estômago, quando devias detestar a intemperança.

Por conseguinte, não engordemos o corpo, mas escutemos o que diz Paulo: “Não procureis satisfazer os desejos da carne” (Rm 13,14). Ingerir alimentos assemelha-se a pegá-los e lançá-los na cloaca; ou antes, muito pior. Pois à cloaca não causam os males usuais; ao corpo ocasiona doenças incontáveis. O alimento suficiente, assimilável é nutritivo; o excesso, além do necessário, não só não

alimenta, mas prejudica. Ora, ninguém o constata, por causa de um prazer inoportuno e de um enganador preconceito vulgar. Queres nutrir o orpo? Corta o excesso, dá-lhe o suficiente, quanto é assimilável e proveitoso; não o sobrecarregues, para não soçobrar. O suficiente é alimento e prazer. Nada acarreta tanto prazer quanto o alimento bem ingerido; nada proporciona saúde, nada aguça os sentidos, nada igualmente afasta as doenças. O excedente é dano, incômodo e moléstia. Com efeito, a saciedade produz o mesmo que a fome, e até pior; pois esta em poucos dias acaba e livra o homem; aquela, contudo, arruína e corrompe o corpo, entrega-o a longa doença, e enfim causa a morte mais dolorosa. Nós, contudo, consideramos a fome abominável, e acorremos à péssima saciedade. Onde provém esta doença? Onde tal loucura? Não digo que devemos nos desnutrir, mas que comamos quanto seja agradável verdadeiramente, possa nutrir o corpo e fazer-nos aptos e idôneos, fortes, ajustados às atividades espirituais. Se forem ingeridos alimentos em demasia, fendem-se, por assim dizer, as cavilhas e as juntas e é impossível conter a inundação, que tudo dissolve e diflui. “Não procureis satisfazer os desejos da carne” (Rm 13,14). Disse com exatidão: “*Os desejos*”. Os prazeres oferecem matéria aos maus desejos; mesmo se o que se entrega aos prazeres for dos mais sábios, de vez em quando necessariamente sofre devido ao vinho e aos alimentos. É forçoso que se enfraqueça, que suporte maior chama. Daí vêm os estupros, os adultérios; não pode conter o fogo, ou antes, não lhe basta o que utiliza. A dissipação nos prazeres gera os maus desejos. A terra muito úmida e o esterco umedecido e com muitos humores criam vermes. Ao invés, a terra livre daquela umidade, ou esta é comedida, produz muitos frutos; até mesmo se inculta, produz ervas, mas se for bem tratada, frutifica. Assim também nos acontece. Não inutilizemos a carne, não a tratemos com insensatez, não a viciemos, mas nela plantemos frutos bons, árvores frutíferas, e cuidemos de não a estragarmos com prazeres, porque as terras, putrefatas, emitem vermes em vez de frutos. A inata cupidez, embriagada, gera maus, ou antes, péssimos desejos. Apartemos de todos os modos esta pernície, a fim de podermos alcançar os bens prometidos, em Cristo Jesus nosso Senhor etc.

TRIGÉSIMA HOMILIA

12,11. *Toda educação, com efeito, no momento não parece motivo de alegria, mas de tristeza. Depois, no entanto, produz naqueles que assim foram exercitados um fruto de paz e de justiça.*

12. *Por isso, reerguei as mãos enfraquecidas e os joelhos trôpegos;*

13. *endireitai os caminhos para os vossos pés, a fim de que não se extravie o que é manco, mas antes seja curado.*

Ao beber um medicamento amargo, primeiro sente-se tédio, e só depois percebe-se a utilidade. Tal é a virtude, e tal o vício. Este primeiro causa prazer, e logo pesar; a primeira, pesar e depois prazer. Mas de modo algum são iguais; não é de igual importância primeiro aborrecer-se e depois alegrar-se ou primeiro alegrar-se e em seguida ficar pesaroso. Por que motivo? Naquele caso, a expectativa da futura tristeza diminui o prazer presente; neste, a expectativa da futura alegria diminui a intensidade do pesar, de sorte que no primeiro caso jamais há alegria, neste, nunca tristeza. Não só, mas há outra diferença. Qual? A duração não é idêntica, mas muito maior, mais longa. Há também algo de maior no lado espiritual. Por isso Paulo se empenha em consolar; e assume novamente o parecer comum, ao qual ninguém pode resistir, nem opor-se a uma opinião geral. Pois se alguém enuncia a opinião de todos, há concordância e ninguém contradiz. Ficais pesarosos, diz ele, e é razoável; tal é a disciplina, tal o princípio. Por isso assim adita: “*Toda educação, com efeito, no momento não parece motivo de alegria, mas de tristeza*”. Muito bem! “*Não parece*”. A educação não é motivo de tristeza, mas

somente parece ser. Não esta ou aquela, mas todas. *“Toda educação, com efeito não parece motivo de alegria, mas de tristeza”*, isto é, a humana e a espiritual. Vês que ele disputa segundo noções comuns? *“Parece”*, diz ele, *“motivo de tristeza”*. Em consequência, não é. Que tristeza produz alegria? Nenhuma, como nem o prazer produz tristeza. *“Depois, no entanto, produz naqueles que assim foram exercitados frutos de paz e de justiça”*. Não disse: Fruto, e sim: *“Frutos”*, assinalando grande quantidade. *“Naqueles que assim foram exercitados”*. O que quer dizer: *“Naqueles que assim foram exercitados”*? Naqueles que durante muito tempo suportaram. Vês o eufemismo? A educação, por conseguinte, é exercício, que torna o atleta forte, invicto nos certames e insuperável nas guerras. Se toda disciplina é tal, também esta. Por isso, aguardam-se bens, e um fim suave e pacífico. Não admires de que, apesar de dura, produza frutos suaves. Com efeito, também nas árvores o insípido córtex é quase sempre áspero, entretanto os frutos são doces. Mas ele seguiu a opinião vulgar. Se tal a expectativa, por que deplorais? Por que, suportando males, sois indolentes em relação aos bens? Suportastes as coisas desagradáveis que devias tolerar. Não sejas indolente, portanto, relativamente à remuneração. *“Por isso, reerguei as mãos enfraquecidas e os joelhos trôpegos; endireitai os caminhos para os vossos pés, a fim de que não se extravie o que é manco, mas antes seja curado.”* Fala-lhes como a corredores, lutadores e guerreiros. Vês de que modo os arma e estimula? Exprime-se de acordo com o que eles pensam. *“Endireitai os caminhos”*, isto é, sem hesitação. Se a educação provém da caridade, se começa pela proteção, se termina bem, é pelos fatos, por palavras, e se revela em tudo. Por que sois indolentes? Tais são os desanimados, que não se robustecem nem com a esperança dos bens futuros. *“Andai com retidão.”* Não se estenda a claudicação, mas volte-se ao estado anterior, porque quem corre coxeando, acresce o mal. Vês que a cura está em nosso poder?

14. Procurai a paz com todos, e as santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor,

Insinua o mesmo que acima: *“Não deixemos as nossas assembleias”* (Hb 10,25). Nunca tão facilmente se é superado e vencido quanto ao estar isolado nas tentações. E vê de que forma: Divide-se a falange na batalha e os inimigos, encontrando os soldados separados, e portanto mais fracos, não terão trabalho, mas os aprisionarão. *“Procurai a paz com todos.”* Por conseguinte, também com os malfeitores. Ele diz o mesmo em outra passagem: *“Procurando, se possível, viver em paz com todos”* (Rm 12,18). Quanto a ti, tende paz, sem prejuízo para a piedade, mas com ânimo forte e generoso nos padecimentos. A tolerância dos males é grande arma, grande presídio nas provações. Dessa forma Cristo fortificava os discípulos, dizendo: *“Eis que eu vos envio como ovelhas entre lobos. Por isso, sede prudentes como as serpentes e sem malícia como as pombas”* (Mt 10,16). O que dizes? Estamos entre lobos e nos ordenas ser como ovelhas, como pombas? Sim, responde, mas ao malfeitor nada tanto envergonha quanto suportarmos com fortaleza o que nos é infligido, e não nos vingarmos por palavras, nem por fatos. Isto nos faz mais sábios, obtém-nos maior recompensa, e ajuda-os. Alguém te injuriou? Abençoa-o. Vê quanto lucraste com isto: Extinguiste o mal, obtiveste recompensa e o envergonhaste. Nada sofreste de grave. *“Procurai a paz com todos, e a santificação”*. Qual o sentido de *“Santificação”*? Temperança, honestidade no matrimônio. Se não é casado, permaneça casto, case-se. Se é casado, não cometa fornicção, una-se à sua mulher, pois isso também é santificação. De que modo? O matrimônio não é santificação, mas conserva a santificação procedente da fé, não permitindo união a uma prostituta. Pois o matrimônio é honroso (cf. Hb 13,4), não santo; é puro, embora não produza santificação, a não ser a de proibir manchar a que é dada pela fé. *“Sem a qual ninguém verá o Senhor”*. É o que afirma a Carta aos Coríntios: *“Não vos iludais! Nem os impudicos, nem os adúlteros, os idólatras, os sodomitas, os avarentos, os ladrões, os bêbados, os detratores, os raptos herdarão o reino de Deus”* (1Cor 6,9-10). De que modo o membro de uma meretriz poderá ser membro

de Cristo (cf. 1Cor 6,15)?

15. *vigiando atentamente para que ninguém seja faltoso, separando-se da graça de Deus. Nem haja raiz alguma e de amargura que, brotando, vos perturbe e, por meio dela, muitos sejam contaminados.*

16. *nem haja impuro algum, ou profano,*

Vês como sempre a cada um ele transmite a salvação comum. “Exortai-vos, antes, uns aos outros, dia após dia, enquanto ainda se disser ‘hoje’” (Hb 3,13).

Não arremesseis tudo sobre o mestre, sobre os que governam.

Podeis, também vós, edificar-vos uns aos outros. É o que o Apóstolo escrevia aos tessalonicenses: “Consolai-vos, pois, e edificai-vos mutuamente como já fazeis” (1Ts 5,11); e ainda: “Consolai-vos, pois, uns aos outros, com estas palavras” (1Ts 4,18). Também nós vos exortamos de igual modo. Se quiserdes, podeis mais do que nós praticar o bem; por mais tempo conviveis uns com os outros, conheceis-vos melhor mutuamente, não ignorais os delitos uns dos outros, e tendes maior confiança, caridade, trato diário. Isso não é insignificante para a instrução, mas oferece grande e oportuno acesso. Mais do que nós podeis censurar e exortar. Não só, mas eu sou um, vós sois muitos. Podeis, tantos como sois, ser mestres. Por isso, suplico-vos, não negligencieis essa graça. Cada qual tem a própria mulher, um amigo, um servo, um vizinho. Que o censure, admoeste. Não é despropositado para alimentar preparar uma refeição ou convívio, e ter um dia estabelecido para vos reunirdes e pela comunidade dar a cada um aquilo que lhe falta, por exemplo, se for o caso, ausentar-se para ir a um funeral, a uma ceia, ou auxiliar o próximo, e não transmitir o ensino da virtude? Sim, rogo, que ninguém o negligencie; receberá de Deus grande recompensa. E entendei. Aquele ao qual foram confiados cinco talentos, é mestre; aquele ao qual apenas um, é discípulo. Se o discípulo disser: Sou discípulo, não periclito; e simplesmente esconder a palavra que recebeu de Deus, e não admoestar, não ousar, não arguir, não legislar, se o puder, mas enterrar o talento, pois verdadeiramente é terra e cinza o coração que esconde a graça de Deus; se, portanto, esconder por preguiça, desonestidade, não o excusará dizer: Tinha apenas um talento. Tinha um talento; devias conseguir outro e duplicá-lo; se trouxesses um só, não serias inculcado. Não disse àquele que trouxe dois: por que não trouxeste cinco? Mas o considerou igual àquele que trouxe cinco. Por quê? Porque trabalhou com o que tinha. Por ter recebido menos que aquele ao qual foram confiados cinco, não foi negligente, nem se aproveitou da pequenez para ficar ocioso. Não deves olhar para aquele que tinha dois talentos; ou antes, devias olhar também para ele, e da mesma forma que ele, que tinha dois, imitou o que recebera cinco, assim também tu deves imitar aquele ao qual foram entregues dois. Pois se àquele que possui riquezas não distribui, inflige-se suplício, também quem pode admoestar seja a quem for, e não o faz, não lhe será infligido o máximo castigo? Aquilo nutre o corpo, isto a alma; lá impede a morte corporal, aqui, a eterna.

Ora, replicas, não tenho facilidade de falar. Mas não importa ter facilidade, eloquência. Se vires um amigo fornicar, dize-lhe: Cometes um pecado; não te envergonhas, não te coras? Pois é pecado. Ele não sabia, retrucas, que é pecado? Sim, sabe, mas cede à concupiscência. Os doentes também sabem que beber água fria é ruim, contudo precisam ter quem o proíba, porque quem está apegado, não lhe basta logo estar doente. Tu que estás são, deves curá-lo; e se não se convencer com as palavras, observa-o se retirando e o detém; talvez se envergonhe. E que adianta, respondes, se assim age por minha causa, retido por mim? Não perscrutes minuciosamente; por enquanto de qualquer modo fá-lo desistir da má ação; acostume-se a não ir àquele bátraco, coagido por ti ou por outro modo qualquer. É lucro. Quando se acostumar a não ir, então poderás, respirando um pouco, ensinar que assim se deve

agir por causa de Deus e não de um homem. Se queres logo corrigir o mundo todo, não o poderás; só progressivamente, aos poucos.

Se o vires dirigindo-se à bebida e aos banquetes com bebedeira, faze o mesmo. Por sua vez, roga-lhe que te auxilie e corrija se verificar defeito em ti. Assim, pois, a repreensão reverterá a ele próprio, vendo que também tu precisas de correção e auxilias qual amigo e irmão, não qual censor, ou mestre. Dize-lhe: Eu te ajudei, admoestando acerca do que te é proveitoso; e tu, proíbe e corrige o que vires em mim de vicioso. Se me vires iracundo, avarento, reprime, impede-o por meio de uma advertência. Eis o que é amizade. Um irmão ajudado por outro é qual cidade forte (cf. Pr 18,19). Não é comer e beber que geram amizade, pois os ladrões e homicidas possuem também tal espécie de amizade. Se formos amigos, verdadeiramente nos preocuparmos uns com os outros, e mutuamente nos conferirmos estes bens, chegamos a uma amizade proveitosa, empecilho de incidirmos na geena. O amigo corrigido não fique indignado, porque somos homens e temos defeitos. O amigo que corrige, não proceda com zombarias e intervindo em público, mas em particular, com mansidão. Quem repreende precisa de muita suavidade para que o corrigido suporte a incisão. Não vês com que suavidade os médicos aplicam o tratamento, ao cauterizar e operar? Mais ainda convém aos que repreendem agir dessa maneira; pois a repreensão afugenta mais do que o fogo e o ferro. Por isso os médicos se esforçam por fazer o corte com maior suavidade e delicadeza; por exemplo, cortam um pouco, e em seguida interrompem, deixando que os doentes respirem. Assim convém sejam as repreensões, para evitar que os arguidos escapem. Não as recusemos, mesmo se forem necessários opróbrios, ferimentos. De fato, os operados vociferam contra os que os cortam, mas estes não levam em conta senão que operam em prol da saúde deles. Também em nosso caso, tudo se faça para a repreensão ser útil, tudo se suporte em vista da recompensa prometida. “Carregai o peso uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo” (Gl 6,2). Repreendendo, portanto, e suportando o próximo, edificamos em Cristo. Aliviareis nosso labor, prestando-nos sempre auxílio. Estendendo a mão, seremos partícipes e sócios da salvação alheia e obteremos a própria. Suportemos, por conseguinte. Carregando o peso uns dos outros e arguindo, consigamos os bens prometidos, em Cristo Jesus nosso Senhor, ao qual com o Pai glória, na unidade do Espírito Santo etc.

TRIGÉSIMA PRIMEIRA HOMILIA

12,14. *Procurai a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor,*

Muitas são as características do cristianismo, destacando-se mais e melhor a mútua dileção e a paz. Por essa razão Cristo diz: “A minha paz vos dou”; e ainda: “Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 14,27; 13,35). Igualmente diz Paulo: “*Procurai a paz com todos, e a santificação*”, isto é, a honestidade, “*sem a qual ninguém verá o Senhor*”.

15. *vigiando atentamente para que ninguém se separe da graça de Deus.*

Como agem numa longa viagem os companheiros de grande comitiva, vede, diz ele, que ninguém fique para trás; não procuro apenas que alcanceis, mas olhai também uns pelos outros. “*Para que ninguém se separe da graça de Deus.*” Denomina graça de Deus os bens futuros, a fé evangélica, a ótima cidadania. Cinstutui tudo isto graça de Deus. Não me digas: É somente um que se perde; por um só Cristo morreu. Por um só Cristo morreu, e tu não te preocupas com ele? “*Vigiando atentamente*”, isto é, examinando atentamente, considerando, procurando saber como é costume em relação aos fracos, cuidando de tudo.

“*Nem haja raiz alguma de amargura que, brotando, vos perturbe*” (Dt 29,18). Encontra-se o dito no

Deuteronômio, e é metáfora extraída das plantas. “*Nem haja raiz alguma de amargura*”, conforme o Apóstolo escreve noutra passagem: “Um pouco de fermento leveda toda a massa” (1Cor 5,6). Não o quero somente por isso, mas também por causa da raiz de amargura que brota. A saber, mesmo que haja alguma destas raízes, não permitas que algo germine, mas arranca-o, a fim de não produzir fruto, não infeccionar e manchar. “*Nem haja raiz alguma de amargura que, brotando, vos perturbe*”

e, por meio dela, muitos sejam contaminados.

E com razão qualifica de amargo o pecado; de fato, nada existe de mais amargo. Sabem-no bem os que, depois de cometê-lo, consomem-se por causa da consciência que têm, com grande amargura. Muito amargo como é, subverte o raciocínio. A amargura é naturalmente ruim. Com razão disse: “*Raiz de amargura*”. Não disse: Amarga, e sim; “*De amargura*”, por ser possível que alguma raiz amarga produza frutos doces, mas não pode uma raiz, fonte e fundamento de amargura, talvez produzir frutos doces. Não são doces, mas totalmente amargos; acerbos, sem doçura, repletos de ódio e abominação. “*E, por meio dela, muitos sejam contaminados*”. Isto é, a fim de não acontecer, apartai os intemperantes.

16. *Nem haja impuro algum, ou profano, como foi Esaú, o qual, por uma só refeição, vendeu o seu direito de primogenitura.*

E por que Esaú foi fornicador? Não diz Paulo que Esaú foi fornicador, mas contrapõe a palavra: “*Procurai a santificação*” ao termo: “*Profano*”. Parece insinuá-lo. Ninguém seja profano como Esaú, isto é, guloso, intemperante, mundano, vendedor de um bem espiritual. “*O qual, por uma só refeição, vendeu o seu direito de primogenitura.*” Isto é, vendeu por própria covardia a honra que Deus lhe dera, e por pequeno prazer perdeu a máxima honra e glória. É peculiar propriamente àqueles, isto é, aos abomináveis, aos impuros.

Por isso não é apenas fornicador e impuro, mas também guloso, escravo do ventre. É escravo ainda do prazer, apegado à cupidez, obrigado a roubar, mil vezes indecoroso, porque é escravo daquele vício; e muitas vezes blasfema. Esaú não deu importância à primogenitura. Cuidando do alívio temporário, chegou até a vender a primogenitura. A primogenitura já é nossa, não dos judeus. Simultaneamente a tristeza aumenta. Como se insinuasse: O primeiro se fez segundo, e o posterior tornou-se primeiro. Primeiro pela constância; o outro, posterior pela negligência.

17. *Sabeis ainda que, em seguida, querendo herdar a bênção, foi rejeitado, pois não achou lugar para a conversão, embora com lágrimas a tivesse procurado!*

O que é isso? Exclui a penitência? Absolutamente, não. Mas a conversão não encontra lugar? Condenou a si mesmo, gemeu por que a conversão não encontrou lugar? Não se tratava de penitência. Não era penitência a tristeza de Caim, conforme o assassinato o demonstrou; assim também aqui as palavras não provinham de arrependimento e o assassinato o demonstrou depois. Pois Esaú estava decidido, e com isso já matara a Jacó. “*Estão próximos os dias de luto de meu pai. Então matarei meu irmão Jacó*” (Gn 27, 41). As lágrimas não lhe trouxeram arrependimento. E o Apóstolo não disse simplesmente: Pela penitência, e sim: Apesar das lágrimas, não encontrou lugar para a penitência. Por quê? Porque não se arrependeu como devia, em conveniente penitência. Não se arrependeu como devia. Aliás, por que o diria? Como? De novo exorta aqueles que se tornaram indolentes? Como, aos coxos? Como, uma vez que eram fracos e dissolutos? Eis o início da queda. A meu ver, indica fornicadores entre eles, mas não quer ainda repreendê-los; finge ignorar para que se corrijam. Devia, pois, primeiro simular desconhecimento; depois, se continuassem, repreender, para não perderem a vergonha. Foi o que fez também Moisés relativamente a Zambri e Cozbi (cf. Nm 25). “*Não achou*

lugar para a conversão”. Não encontrou lugar para a conversão, porque o pecado era maior do que o arrependimento; ou porque não fez conveniente penitência. Há pecados maiores do que a penitência. Diz-se o seguinte: Não caímos de forma incurável. Enquanto se tratar apenas de claudicar, é fácil corrigir; ao invés, se inteiramente desviado, o que restará? Fala aos que ainda não caíram desta forma, incutindo-lhes medo, e diz que não é possível ao que cair obter alívio; aqueles, contudo, que caíram, para não desesperarem, exorta, dizendo o contrário: “Meus filhos, por quem eu sofro de novo as dores do parto, até que Cristo seja formado em vós” (Gl 4,19); e ainda: “Vós que buscais a justiça na Lei, decaístes da graça” (Gl 5,4). Eis o testemunho de que eles haviam caído. Pois aquele que está de pé, ao ouvir que é impossível o perdão ao lapso, ficará mais forte, e mais firme em se manter de pé; ao contrário, o lapso, se usares o mesmo vigor, jamais se levantará. Com que esperança mudará? Não somente diz: “*Com lágrimas*”, mas também: “*A tivesse procurado*”. Não exclui, portanto, a penitência, ao declarar: “*Não achou lugar para a conversão*”, mas quer antes premuni-los, torná-los mais firmes para não caírem. Relembra estas coisas a todos os que não acreditam na geena. Todos os que julgam que os pecados não serão castigados reflitam: Por que Esaú não conseguiu perdão? Porque não fez conveniente penitência.

Queres ver a penitência adequada? Escuta qual foi o arrependimento de Pedro após a negação. O evangelista nos narra seus atos: “Ele, saindo dali, chorou amargamente” (Mt 26,75). Foi-lhe perdoado o pecado, visto que fez conveniente penitência. Ora, o sacrifício ainda não fora oferecido, não havia a vítima, não fora tirado o pecado, que ainda dominava e tiranizava. Ele toma conhecimento de que a negação não vinha tanto da negligência, quanto por que Deus o abandonara, ensinando-lhe a conhecer a medida humana, e a não replicar ao que o Mestre dizia, nem julgar-se melhor do que os outros, mas reconhecer que sem Deus nada se pode fazer, e que: “Se o Senhor não constrói a casa, em vão labutam os seus construtores” (Sl 127,1). Escuta que ao firmá-lo e adomestar a ser modesto, Cristo lhe disse, a ele somente: “Simão, Simão, eis que Satanás pediu insistentemente para te peneirar como trigo; eu, porém, orei por ti, a fim de que tua fé não desfaleça” (Lc 22,31-32). Com efeito, é provável que fosse orgulhoso, convicto de que amava mais a Cristo que os restantes e por isso o Mestre permitiu que pecasse e o negasse; em consequência também chorou amargamente e fez o que se seguiu ao pranto. De fato, o que não fez? Posteriormente enfrentou perigos inúmeros, e em todos demonstrou grande coragem e constância. Judas também se arrependeu, mas de modo péssimo: Enforcou-se. Esaú igualmente se arrependeu, conforme disse, ou antes, não se arrependeu, suas lágrimas não eram de penitência, mas antes insultos e ira; manifestaram-no os fatos subsequentes. O bem-aventurado Davi arrependeu-se dizendo o seguinte: “De noite eu choro na cama, banhando meu leito com lágrimas” (Sl 6,7). Depois de tantos anos, tantas gerações, chorava o pecado que cometera outrora, como se fosse recente. Aquele que se arrepende não deve irritar-se, nem enfurecer-se, mas ter a contrição de um condenado, que não goza de confiança, um sentenciado, salvo apenas por misericórdia, e ingrato para com o benfeitor, não reconhecido, réprobo e merecedor de incontáveis castigos. Se refletir, não haverá de se irritar, de se indignar, mas terá de chorar, prantear, gemer, lamentar-se noite e dia. O penitente jamais relegue ao esquecimento o seu pecado, mas rogue a Deus que não se lembre, enquanto ele próprio não o esquece. Se nos lembrarmos, Deus o esquecerá. Assumamos por nós mesmos os castigos, acusemo-nos e aplacaremos o Juiz. O pecado confessado diminui; não confessado torna-se pior. O pecado unido à impudência e à ingratidão, jamais se aquietará. De que modo tal pessoa poderá se precaver para não recair, uma vez que não reconhece ter pecado?

Por conseguinte, não neguemos nossos pecados, rogo, não sejamos despidorados, não recusemos o castigo. Escuta o que “Deus disse a Caim: ‘Onde está teu irmão Abel?’ Ele respondeu: ‘Não sei. Acaso

sou guarda de meu irmão?” (Gn 4,9). Vês que se agravou o pecado? Mas não foi o que sucedeu ao pai. O que foi? Tendo ouvido a pergunta: “Adão, onde estás?” Ouvi tua voz, respondeu: “Tive medo porque estou nu, e me escondi” (Gn 3,9-10). É um grande bem reconhecer os pecados, frequentemente recordar-se deles. Nada cura tanto o vício quanto essa assídua lembrança; nada torna o homem mais lento para o mal. Sei que a consciência ressalta e não tolera ser açoitada pela recordação dos pecados, que fortemente prende a alma e impõe-lhe um freio. Qual cavalo fogoso impacienta-se, e não quer se convencer de que pecou. Inteiramente satânico! Mas convençamo-la de que pecou, para se arrepender e contrita livrar-se dos castigos. Como queres, dize-me, conseguir perdão dos pecados, se ainda não os confessaste? Na verdade, este pecador merece misericórdia e clemência; tu, porém, que não te convences de ter pecado, seria justo conseguires misericórdia, portando-te de modo tão despidorado? Convictos de que pecamos, não o digamos só de boca, mas ainda mentalmente. Não apenas declaremos que somos pecadores, mas recenseemos os pecados, enumerando singularmente cada um. Não te digo que os profiras em público, nem te acuses na presença do próximo, mas que obedeças ao profeta que aconselha: “Revela o teu caminho ao Senhor” (Sl 37,5). Confessa-os na presença do Senhor, confessa perante o Juiz teus pecados, rezando, se não com a boca, ao menos mentalmente; e serás digno de que se compadeça de ti. Se te lembrares frequentemente de teus pecados, jamais guardarás rancor contra o próximo. Não o digo, se te convenceres de ser pecador. Isso não humilha tanto uma alma quanto aquela que por si examina cada um dos pecados. Não guardarás rancor, se os conservares perpetuamente na memória, não te encolerizarás, não amaldiçoarás, não serás soberbo, não recairás nos pecados, serás mais forte na prática do bem.

Vês quantos bens se originam da lembrança dos pecados? Inscrevamos estas coisas em nossa alma. Sei que a alma não suporta lembrança tão dolorosa; mas obriguemo-la, com energia. É preferível afligir-te agora com esta recordação do que ser castigado no futuro. Agora, se lembrares, os entregares frequentemente a Deus, e suplicares por causa deles, logo os apagarás; ao invés, se agora os esqueceres, no além te recordarás contra tua vontade, quando forem universalmente manifestados, revelados diante de todos, amigos, inimigos e anjos. Não se dizia somente a Davi: “Tu agiste em segredo, mas eu cumprirei tudo isso perante todos” (2Sm 12,12), mas a todos nós. Temeste os homens, e os respeitaste mais do que a Deus; e não te preocupaste quando Deus os via, mas te envergonhaste de que os homens vissem. Temem, diz-se, os olhos dos homens. Por isso serão castigados diante deles. Eu te arguirei, colocando teus pecados sob os olhos de todos. Para saberes que isto é verdade, e que naquele dia todos os nossos pecados serão revelados publicamente, a não ser que os apaguemos agora pela contínua lembrança, escuta como publicar-se-á a crueldade, a desumanidade dos que na terra não são infelizes. Foi dito: “Tive fome e não me destes de comer” (Mt 25,42). Quando isto será proferido? Num recanto? Ocultamente? Não, absolutamente; mas quando? Quando o Filho do Homem vier em sua glória, e reunir todos os povos, quando separar uns dos outros, então dirá aos ouvidos de todos, colocados à direita e à esquerda: “Tive fome e não me destes de comer. Vê ainda o que diz às cinco virgens, perante todos: “Não vos conheço!” (Mt 25,12). Cinco e cinco não assinalam somente o número cinco, mas todas as virgens más, crueis, desumanas, e as que não são tais. Assim também aquele que enterrou um talento, ouviu diante de todos, e também aqueles que trouxeram dois e cinco: “Servo mau e preguiçoso” (Mt 25,26). Não os repreende somente com palavras, mas também com os fatos. Segundo igualmente afirma o evangelista: “Olharão para aquele que traspassaram” (Jo 19,37). A ressurreição de todos, justos e pecadores, será simultânea; e o Juiz presente julgará a todos. Reflete, pois, sobre aqueles que estarão de luto, em dores, sendo arrastados ao fogo, enquanto os outros são coroados. “Vinde, benditos de meu Pai, recebei o reino preparado para vós desde a fundação do mundo”. E ainda: “Apartai-vos de mim, para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus

anjos” (Mt 25,34.41).

Não apenas escutemos as palavras, mas também coloquemos diante de nossos olhos o que está descrito e imaginemos que ali já estamos presentes, a nós se destinam estas palavras e somos arrastados para aquele fogo. Como ficará nossa alma? Que consolo terá? Como será, quando formos divididos pelo meio? Quando acusados de rapina? Que desculpa poderemos apresentar? Que discurso de aspecto agradável? Nenhum. Necessariamente aprisionados e curvados, seremos arrastados à boca das fornalhas, ao rio de fogo, às trevas, ao suplício imperecível e a ninguém poderemos rogar que nos liberte. Não é possível, diz-se, impossível atravessar daqui para lá. “Entre vós e nós existe um grande abismo” (Lc 16,26); nem aos que quiserem é possível passar e estender as mãos, mas forçoso é arder perpetuamente, sem auxílio algum, nem de pai, mãe, ou qualquer um, mesmo de quem gozar de muito crédito junto de Deus. O irmão não redime, resgatará o homem? (cf. Sl 49,8). Não existindo esperança de salvação, senão em si mesmo, por clemência de Deus, tudo façamos para que nossa vida seja pura, reta nossa conduta, e nem no início seja contraída mácula alguma. Se contrairmos, não durmamos manchados, mas continuemos sempre a purificar-nos das manchas pela penitência, pelas lágrimas, pelas preces, pela esmola. E o que sucederá, pergunta-se, se não tiver o que dar de esmola? Mas tens um copo de água fria, por mais pobre que sejas; tens dois óbolos se estás na pobreza, tens pés para visitar os doentes, para entrar no cárcere; tens um teto para receber os peregrinos. Não há, portanto, não há desculpa para os que não dão esmola. Frequentemente vo-lo repetimos, a fim de que ao menos pela frequência consigamos alguma coisa. Dizemo-lo, não tanto preocupados com os beneficiados, quanto por vós. Com efeito, aqueles dons são terrenos, mas vós recebeis em troca os celestes. Seja-nos dado a todos consegui-lo, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, com o qual ao Pai, na unidade do Espírito Santo glória, honra, império e adoração, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

TRIGÉSIMA SEGUNDA HOMILIA

- 12,18.** *Vós não vos aproximastes de uma realidade palpável: o fogo ardente, a escuridão, as trevas, a tempestade,*
- 19.** *o som da trombeta e o clamor das palavras; os ouvintes suplicaram não se lhes falasse mais.*
- 20.** *Pois já não suportavam o que lhes era ordenado. Até um animal, se tocar a montanha, será apedrejado.*
- 21.** *Na verdade, de tal modo era horrível o espetáculo, que Moisés disse: Sinto-me aterrado e trêmulo!*
- 22.** *Mas vós vos aproximastes do monte Sião e da Cidade do Deus Vivo, a Jerusalém celestial, e de milhões de anjos reunidos em festa,*
- 23.** *e da Igreja dos primogênitos cujos nomes estão inscritos nos céus, e de Deus, o Juiz de todos, e dos espíritos dos justos que chegaram à perfeição,*
- 24.** *e de Jesus, mediador de uma nova aliança, e do sangue da aspersão mais eloquente que o de Abel.*

Havia no templo um lugar admirável, o Santo dos Santos. E eram terríveis os acontecimentos no monte Sinai: fogo, trevas, escuridão, tempestade. Deus apareceu, diz-se, no Sinai através do fogo, da tempestade e das trevas (cf. Ex 19; Dt 5,22). O Novo Testamento, contudo, não foi estabelecido com nada disto, mas foi dado por Cristo num simples sermão. Vê, portanto, a comparação que o Apóstolo faz; e a colocou com razão em segundo lugar. Pois, quando os convenceu de vários modos, e revelou a

diferença entre os dois Testamentos, enfim deixando o primeiro, facilmente disserta sobre o segundo. E o que diz? “*Vós não vos aproximastes de uma realidade palpável: o fogo ardente, a escuridão, as trevas, a tempestade, o som da trombeta e o clamor das palavras; os ouvintes suplicaram não se lhes falasse mais. Pois já não suportavam o que lhes era ordenado. Até um animal, se tocar a montanha, será apedrejado.*” Estas coisas eram terríveis, era insuportável até a audição; nem um animal ousava subir. Mas tais eventos não se igualavam aos posteriores. Que comparação há entre o Sinai e o céu? Que fogo é palpável em comparação com Deus, que é impalpável? “*Pois o nosso Deus é um fogo abrasador!*” (Hb 12,29), foi dito. Os acontecimentos do monte Sinai foram terríveis, conforme se patenteia pela palavra: “Não nos fale o Senhor”; fale-nos Moisés (Ex 20,19). “*Pois já não suportavam o que lhes era ordenado. Até um animal, se tocar a montanha, será apedrejado. Na verdade, (de tal modo era horrível o espetáculo, que) Moisés disse: Sinto-me aterrado e trêmulo!*” O que há de espantoso afirmar-se que o povo sofreu a tal ponto, se Moisés ao ingressar na escuridão, onde Deus se encontrava, disse: “*Sinto-me aterrado e trêmulo! Mas vós vos aproximastes do monte Sião e da Cidade do Deus Vivo, a Jerusalém celestial, e de milhões de anjos reunidos em festa, e da Igreja dos primogênitos cujos nomes estão inscritos nos céus, e de Deus, o Juiz de todos, e dos espíritos dos justos que chegaram à perfeição, e de Jesus, mediador de uma nova aliança, e do sangue da aspersão mais eloquente que o de Abel.*” Vês por quantos motivos se mostra a proeminência do Novo Testamento sobre o Antigo? Com efeito, em vez da Jerusalém terrestre é dada a celeste. “*Mas vós vos aproximastes da Cidade do Deus Vivo, a Jerusalém celestial*”; em vez de Moisés, Jesus: “*E de Jesus, mediador de uma nova aliança*”; em vez de um povo, todos os anjos: “*E de milhões de anjos*”. E a que primogênitos se refere ao dizer: “*E da Igreja dos primogênitos*”? Todos os coros dos fiéis. Denomina os mesmos de “*Espíritos dos justos que chegaram à perfeição*”. Não leveis a mal, pois diz: Estareis em companhia deles. Qual o sentido da locução: “*E do sangue da aspersão mais eloquente que o de Abel*”? Então o sangue de Abel falou? Certamente. E escuta como Paulo o exprime: “*Foi pela fé que Abel ofereceu um sacrifício melhor que o de Caim. Graças a ela foi declarado justo...Graças a ela, mesmo depois de morto ainda fala!*” (Hb 11,4); e também diz Deus: “*A voz do sangue do teu irmão clama por mim*” (Gn 4,10). Por conseguinte, deve-se dizer isso, ou que ainda agora clama. Não é o que acontece ao sangue de Cristo; com efeito, ele purificou a todos, emite uma voz mais esplêndida e significativa, e dá testemunho maior pelos fatos.

25. *Prestai atenção para não deixar de ouvir aquele que vos fala! Porque se não escaparam do castigo quando recusaram ouvir aquele que os advertia sobre a terra, com maior razão ainda não escaparemos, se nos afastamos de quem nos fala do alto dos céus.*

26. *Ele, cuja voz um dia abalou a terra, agora proclama: Ainda uma vez abalarei não apenas a terra, mas também o céu.*

27. *As palavras: “ainda uma vez”, anunciam o desaparecimento de tudo o que participa da instabilidade do mundo criado, a fim de que subsista o que é inabalável.*

28. *Visto que recebemos um reino inabalável, guardemos bem esta graça. Por ela, sirvamos a Deus de modo que lhe seja agradável, com submissão e temor.*

29. *Pois o nosso Deus é um fogo abrasador!*

É terrível! Mas muito mais espantosas e preclaras são as realidades presentes. Não se trata de trevas, de escuridão, nem de tempestade, como outrora. E por que então Deus apareceu no fogo? Com isso, a meu ver, Deus quis insinuar a obscuridade do Antigo Testamento, e que a Lei era encoberta em sombras. Além disso, para mostrar que o legislador deve ser temível, e severo em punir os

delinquentes.

Por que o som da trombeta? Com razão, pois está presente na qualidade de rei. Certamente existirá igualmente na segunda vinda. “A trombeta tocará, e todos os mortos ressurgirão” (1Cor 15,52). Por conseguinte, pela virtude de Deus será universal a ressurreição. O som da trombeta não significa senão que todos haverão de ressurgir. Mas então tudo será sensível, perceptível, sonoro; em seguida, inteligível e visível. E assinala o fogo, porque Deus é um fogo: “*Pois o nosso Deus é um fogo abrasador!*”. Quanto à escuridão, às trevas e à fumaça, revelam que é terrível. Assim também diz Isaías: “A casa se encheu de fumo” (Is 6,4). E por que tempestade? O gênero humano era indolente, e tornava-se necessário despertá-lo. Ninguém era tão tardo que não se animasse diante destes acontecimentos, na promulgação das leis. Moisés falava, Deus lhe respondia; portanto, era preciso que Deus proferisse palavras. Tendo de promulgar a lei por intermédio de Moisés, fá-lo fidedigno. Eles não o viam por causa da escuridão, não o ouviam por causa da voz débil. Como, então? Deus respondeu de certo modo ao povo, e fazia com que ouvisse a promulgação das leis. Mas retomemos o princípio: “*Vós não vos aproximastes de uma realidade palpável: o fogo ardente, a escuridão, as trevas, a tempestade, o som da trombeta e o clamor das palavras; os ouvintes suplicaram não se lhes falasse mais*”. Eles, pois, motivaram a aparição de Deus através da carne. O que diziam? Fale-nos Moisés e não nos fale Deus.

Para que servem as comparações? Elevam, mostram realidades muito maiores. Eu considero admiráveis (as obras de Deus, a revelação de seu poder); ao menos desta forma demonstro que as nossas realidades são um tanto espantosas. São duplamente grandiosas, maiores e mais importantes, e cujo acesso é também mais fácil. Isto o Apóstolo escreve na Carta aos Coríntios: “Nós todos, com a face descoberta, refletimos como num espelho a glória do Senhor” (1Cor 3,18); e não como Moisés que punha um véu sobre a sua face. Não receberam o que nós recebemos. O que receberam? Viram trevas, escuridão, ouviram uma voz. Mas tu também ouviste uma voz, não na escuridão, mas através da carne; não foste perturbado, nem agitado por um tumulto, mas estiveste de pé, e falaste com o mediador. Aliás, mostrou pelas trevas que não é visível: “Tendo aos pés uma nuvem escura” (Sl 18,10). Naquela ocasião até Moisés temeu; agora, contudo, ninguém. Então o povo ficou parado embaixo; nós, porém, não estamos embaixo, mas acima do céu, perto de Deus, como filhos, não como Moisés. Lá era um deserto, aqui uma cidade, e uma assembleia de miríades de anjos; aqui mostra gáudio e alegria em vez da escuridão, trevas, tempestade. “*E da Igreja dos primogênitos cujos nomes estão inscritos nos céus, e de Deus, o Juiz de todos*”. Eles não se aproximaram, mas ficaram de longe, e também Moisés; vós, todavia, vos aproximastes. A eles atemoriza, nesses termos: “*E de Deus, o Juiz de todos.*” Assentar-se-á como Juiz não somente dos judeus e dos fiéis, mas da terra inteira. “*E dos espíritos dos justos que chegaram à perfeição.*” Refere-se aos homens honestos. “*E de Jesus, mediador de uma nova aliança, e do sangue da aspersão*”, isto é, da purificação. “*Mais eloquente que o de Abel.*” O sangue fala; muito mais vive o defunto. Escuta o que fala: “O próprio Espírito intercede com gemidos inefáveis” (Rm 8,26). De que modo fala? Desce sobre a mente sincera, estimula e faz com que fale. “*Prestai atenção para não deixar de ouvir aquele que vos fala!*”, isto é, não recuseis. “*Porque se não escaparam do castigo quando recusaram ouvir aquele que os advertia sobre a terra.*” De quem dizia? A meu ver, de Moisés. Afirma o seguinte: “*Se não escaparam do castigo quando recusaram ouvir aquele que*” promulgava a Lei “*sobre a terra, com maior razão ainda não escaparemos, se nos afastamos de quem nos fala do alto dos céus*”. Neste trecho mostra que não é outro, de forma alguma. Não designa diferentes legisladores, mas que é terrível quem fala do céu. São idênticos, mas este é mais terrível. Não há diferença de pessoas, mas de dons. Onde consta? Das

palavras subsequentes: *“Porque se não escaparam do castigo quando recusaram ouvir aquele que os advertia sobre a terra, com maior razão ainda não escaparão, se nos afastamos de quem nos fala do alto dos céus”*. Como? Trata-se de outra pessoa? Como então diz: *“Ele, cuja voz um dia abalou a terra”*. A voz de quem promulgou a Lei abalou a terra. *“Agora proclama: Ainda uma vez abalarei não apenas a terra, mas também o céu”*. As palavras: *“Ainda uma vez”* anunciam o desaparecimento de tudo o que participa da instabilidade da criação. Tudo afastado e unido no alto ao que é ótimo – eis uma tácita sugestão. Por que te lamentas de sofrer no mundo instável, afligindo-te neste mundo que terá passado dentro em breve? Se posteriormente houvesse aí repouso, então importava afligir-se na perspectiva do fim. *“A fim de que subsista o que é inabalável.”* O que há de inabalável? As realidades futuras.

Façamos tudo, portanto, por consegui-las e fruirmos destes bens. Sim, rogo e suplico, empreguemos tal esforço. Ninguém levanta um edifício numa cidade prestes a ser arruinada. Dize-me, por favor. Se alguém te informasse que esta cidade após um ano será destruída, mas aquela outra não, acaso edificarias na que está por ser destruída? Por isso, digo: Não edifiques neste mundo; em breve cairá e tudo perecerá. Por que digo: Cairá? Nós pereceremos antes de sua ruína, e sofreremos gravemente. Nós próprios sairemos. Por que edificarmos sobre areia?

Edifiquemos sobre a rocha (cf. Mt 7,27; 7,24). Irrompa seja o que for, aquele edifício ficará imperecível, nada o pode fazer ruir. E com razão. É inacessível aquele lugar a quaisquer insídias, apesar das investidas. Pois um terremoto, uma conflagração, as irrupções dos inimigos nos privam, mesmo durante a vida deste edifício, mas frequentemente nos fazem perecer com ele. Mesmo se ele ficar de pé, rapidamente nos arrebatava uma doença, ou não deixa os sobreviventes aproveitá-los bem. Qual o prazer onde existem doenças, calúnias, inveja, insídias? Ou se não sucederem tais coisas, muitas vezes nos condoemos, e nos irritamos porque não temos filhos, aos quais transmitir nossas casas etc.; além disso nos atormentamos por trabalhar em prol de estranhos. Muitas vezes também nossa herança passa a nossos inimigos, não somente após morreremos, mas até durante a vida. O que há de mais infeliz do que labutar em favor de inimigos, e para que eles vivam tranquilamente, acumulando pecados? Muitos exemplos disto se encontram nas cidades; calo-me, para não entristecer os que são privados; poderia citar nominalmente a alguns, narrar vários fatos, apontar-vos muitas casas que tiveram por donos os inimigos dos que as construíram; não somente as casas, mas até os escravos e toda a herança muitas vezes passaram aos inimigos. Tais são as coisas humanas. Nos céus nada disto temerás; isto é, morre uma pessoa, vem outra, um inimigo, e o sucede na herança. Pois ali não há morte, nem inimizades. Tabernáculos dos santos apenas. Para eles, contudo, há exultação, gáudio, alegria: *“Há gritos de júbilo e salvação nas tendas dos justos”* (Sl 118,15). São perpétuos, sem fim. Não decorre o tempo, não mudam os possuidores, mas ficam em contínua floração e viço; e com razão. Ali não existe corrupção, ruína, mas tudo é imortal, e intemporal. Gastemos dinheiro nesse edifício. Não precisamos de artífices, operários. Edificam-nos casas as mãos dos pobres, dos coxos, dos cegos, dos mutilados; estas mãos as edificam. Não te espantes por nos conduzirem ao reino, e nos alcançarem confiança junto de Deus.

A esmola é arte ótima e utilíssima, e patrocina os que a exercem. É amiga de Deus, sempre próxima dele, pede facilmente a graça que quiser. Apenas não a ultrajemos. Será ultrajada, se resultar de uma rapina. Se for pura, dá muita confiança àqueles que a enviam para o alto. Tamanha é a sua força que intercede pelos lapsos e pecadores. Rompe os vínculos, dissipa as trevas, extingue o fogo, mata o verme, exclui o ranger dos dentes. Diante dela com grande segurança abrem-se as portas dos céus. Ao entrar a rainha, nenhum dos guardas das portas ousará examinar quem é e de onde vem, e

imediatamente a recebem. Assim acontece relativamente à esmola. É realmente uma rainha, assemelhando os homens a Deus. “Sede misericordiosos, como o vosso Pai é misericordioso” (Lc 6,36). É alada e leve, com asas de ouro e um voo, grande deleite dos anjos. Ali, diz-se: “As asas da Pomba se cobrem de prata e suas penas com o brilho do ouro” (Sl 68,14). Voa como uma dourada pomba viva, de aspecto plácido e olhos suaves. Nada de melhor do que aqueles olhos. O pavão é belo, mas comparado com ela é uma gralha, de tal forma é bela e admirável. Olha perpetuamente para o alto, cercada da glória de Deus. É virgem com asas de ouro, bem ordenada, com a face cândida e suave. Alada e leve, fica de pé perto do trono real. Quando somos julgados, de repente se apresenta e aparece, e livra-nos do suplício, cobrindo-nos com suas asas. Deus a prefere aos sacrifícios. Frequentemente fala muito a respeito dela, a tal ponto a ama. “O Senhor protege o estrangeiro, sustenta o órfão e a viúva.” Quer ser intitulado por ela: O Senhor é compassivo e piedoso, diz Davi, paciente, muito misericordioso e verdadeiro (cf. Sl 146,9; 103,8 e 145,8); e ainda um outro: Existe um Deus misericordioso sobre toda a terra! (cf. Sl 57,12). Ela salvou o gênero humano, pois se Deus não se tivesse compadecido de nós, o mundo teria perecido. A misericórdia nos reconciliou quando éramos inimigos. Criou bens incontáveis, persuadiu ao Filho de Deus que se fizesse servo e se humilhasse. Imitemos, caríssimos, aquela que nos salvou; amemo-la, prefiramo-la às riquezas. Embora destas desprovidos, tenhamos uma alma compassiva. Nada tanto caracteriza o cristianismo quanto a esmola. Nada os incrédulos e todos mais admiram do que nossa compaixão. Nós também sempre precisamos desta misericórdia e dizemos diariamente a Deus: “Segundo tua grande misericórdia, tem compaixão de nós” (cf. Sl 25,7). Antes, começemos nós próprios; ou melhor, não somos os primeiros, porque ele anteriormente revela sua misericórdia para conosco. Mas, caríssimos, sigamo-lo em segundo lugar. De fato, os homens têm compaixão, apesar de haverem cometido inúmeros pecados. Muito mais Deus. Escuta o profeta: “Quanto a mim, como oliveira verdejante na casa de Deus” (Sl 52,10). Tornemo-nos tais, sejamos quais oliveiras. Cumpramos sempre os preceitos. Não basta ser como oliveira, mas ainda é necessário ser frutífera. Existem algumas pessoas que se compadecem dando pouco, uma vez ao ano, ou cada semana, ou ocasionalmente; são oliveiras, mas não verdejantes, e sim estéreis. Com efeito, os que se compadecem são oliveiras, mas visto que não dão liberalmente, não são oliveiras verdejantes. Sejamos férteis. Agora repito o que disse muitas vezes. A grandeza da esmola não se manifesta segundo a medida e a quantidade, mas de acordo com a boa disposição do doador. Sabeis o que fez a viúva. É conveniente mencionar sempre este exemplo, para que o pobre não desanime, visto que ela deu dois óbolos. Algumas pessoas ofereceram cabelos à construção do templo, e não foram rejeitadas. Se os que tinham ouro oferecessem cabelos, seriam abomináveis; mas se tinham só isto e o ofereceram, foram recebidos. Caim também não foi censurado por serem vis as ofertas, mas serem as piores que possuía: “Maldito o que tem no rebanho um macho, mas oferece a Deus um animal defeituoso” (Ml 1,14). Não disse de um modo absoluto, mas refere-se a quem possui e poupa. Se, portanto, alguém não possui, não é culpado, ou melhor, obtém recompensa. O que de mais insignificante do que dois óbolos, e menos do que cabelos? Mais insignificante do que flor de trigo? Todavia estas coisas não foram menos estimadas do que um vitelo ou ouro. Com efeito, “somos bem recebidos com os recursos que temos, não com o que não temos” (2Cor 8,12). Pratica o bem à medida que têm tuas mãos. Por isso, suplico, de bom grado demos de nossas posses aos pobres; embora pouco, receberemos igual recompensa à dos que deram mais, ou antes, maior do que a dos que apresentaram inumeráveis talentos. Se o fizermos, conseguiremos inefáveis tesouros da parte de Deus; se não somente ouvirmos, mas também praticarmos; se não apenas louvarmos, mas demonstrarmos por obras. Seja-nos dado a todos nós consegui-lo pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e nos

séculos dos séculos. Amém.

TRIGÉSIMA TERCEIRA HOMILIA

12,28. *Visto que recebemos um reino inabalável, guardemos bem esta graça. Por ela, sirvamos a Deus de modo que lhe seja agradável, com submissão e temor.*

29. *Pois o nosso Deus é um fogo abrasador!*

O mesmo que se diz em outra passagem: “O que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno” (2Cor 4,18). O Apóstolo, trazendo consolo aos males a que estamos sujeitos na vida presente, também aqui o faz, nesses termos: “*Guardemos bem esta graça*”, isto é, demos graças a Deus, fiquemos firmes. Não somente devemos suportar os males presentes, mas também dar muitas graças pelos bens futuros. “*Por ela, sirvamos a Deus de modo que lhe seja agradável*”, isto é, servimos a Deus de modo agradável, em tudo dando graças. “Fazei tudo sem murmurações nem reclamações” (Fl 2,14). Fazer com murmuração corta e elimina recompensa, como no caso dos israelitas. Conheceis as penas que sofreram por causa das murmurações. Por isso ele diz: “Não murmureis”. Não é possível servir a Deus de forma agradável, se não deres graças por tudo, pelas provas e pelo alívio. “*Com submissão e temor*”, isto é, não falemos sem pudor e com arrogância, mas nos portemos com reverência. É o sentido da locução: “*Com submissão e temor*”.

13,1. *O amor fraterno permaneça.*

2. *Não esqueçais da hospitalidade, porque graças a ela alguns, sem saber, acolheram anjos.*

Vê que ordena que eles observem os preceitos presentes, sem acréscimos. Não disse: Amai os irmãos, e sim: “*O amor fraterno permaneça*”. E não diz: Sede hospitaleiros, como se não o fossem, e sim: “*Não esqueçais a hospitalidade*”. Tal pode suceder devido às tribulações. Em seguida, adita o que mais estimula: “*Porque graças a ela alguns, sem saber, acolheram anjos*”. Vês quanta honra, quanto lucro! O que significa: “*Sem saber*”? Receberam como hóspedes pessoas desconhecidas. Foi grande a recompensa de Abraão, porque não sabia que se tratava de anjos, e os recebeu como hóspedes; se o soubesse, não seria admirável. Alguns dizem que ele também o insinuou e anunciou a Ló.

3. *Lembra-vos dos prisioneiros, como se vós fôsseis prisioneiros com eles, e dos que são maltratados, pois também vós tendes um corpo!*

4. *O matrimônio seja honrado por todos, e o leito conjugal, sem mancha; porque Deus julgará os fornicadores e os adúlteros.*

5. *Que o amor do dinheiro não inspire a vossa conduta. Contentai-vos com o que tendes,*

Vede quantas palavras acerca da temperança. “*Procurai a paz e a santificação*”; e: “*Nem haja impuro algum, ou profano*”; e aqui ainda: “*Deus julgará os fornicadores e os adúlteros*”. Sempre proibição acompanhada da respectiva penalidade. E reflete nesta base qual o modo. Tendo dito: “*Procurai a paz com todos e a santificação*”, acrescentou: “*Sem a qual ninguém verá o Senhor*”. E aqui: “*Deus julgará os fornicadores e os adúlteros*”, tendo colocado antes: “*O matrimônio seja honrado por todos, e o leito conjugal, sem mancha*”. Depois acrescenta a penalidade e manifesta que é justo por aquilo que se segue. Se o matrimônio é permitido, com razão é punido o fornicador, com justiça é castigado o adúltero. Agora prepara-se para atacar os hereges. Não disse novamente: Ninguém seja fornicador, mas, tendo dito uma vez, acrescenta como comum advertência e não dirigindo-lhes a palavra. “*Que o amor do dinheiro não inspire a vossa conduta. Contentai-vos com o*

que tendes.” Não disse: Nada deveis possuir, e sim: “*Que o amor do dinheiro não inspire a vossa conduta*”, isto é, a mente mantenha-se livre, mostre-se qual espírito sábio. Mostrar-se-á, se não buscarmos o supérfluo, mas apenas o necessário. Mais acima também afirmou: “*Aceitastes com alegria a espoliação dos vossos bens*” (Hb 10,34). Admoesta a que não sejam avarentos. “*Contentai-vos com o que tendes*”. Em seguida, vem o consolo para que não desesperem:

porque ele próprio disse: Eu nunca te deixarei, jamais te abandonarei.

6. *De modo que podemos dizer com ousadia: O Senhor é meu auxílio, jamais temerei; que poderá fazer-me o homem?*

Eis novo consolo nas provações.

7. *Lembrai-vos dos vossos dirigentes,*

Queria dizê-lo mais acima, e por isso ordenava: “*Procurai a paz com todos*”. Aos tessalonicenses admoestava o mesmo: Que lhes prestassem suma honra. “*Lembrai-vos dos vossos dirigentes*”,

que vos anunciaram a palavra de Deus. Considerai como terminou a vida deles, e imitai-lhes a fé.

Qual a consequência? Ótima, na verdade. Considerando sua convivência, a saber, sua vida, imitai-lhes a fé. A fé apoia-se numa vida pura. Ou a firmeza é denominada fidelidade. De que modo? Manifestam que firmemente crendo nas realidades futuras, levaram correto estilo de vida. Não mostrariam uma vida pura, se duvidassem das coisas futuras, se hesitassem. Por isso cuida aqui também disso.

8. *Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e por todos os séculos.*

9. *Não vos deixeis enganar por todas as espécies de doutrinas estranhas. Porque é bom que o coração seja fortificado pela graça e não por contendias sobre alimentos, os quais nunca foram de proveito para aqueles que a elas se dedicam.*

“*Ontem*” indica todo o tempo passado. “*Hoje*” é o presente. “*Séculos*” o futuro ilimitado, indescritível. Isto é, ouvistes falar de um pontífice que não passa, pois é sempre o mesmo. Talvez alguns dissessem que o crucificado não era o Cristo esperado, mas haveria de vir um outro. Assinala-o a locução: “*É o mesmo ontem, hoje e por todos os séculos*”. Com essas expressões afirma claramente que aquele que veio novamente virá, é o mesmo que anteriormente, é e será pelos séculos. Os judeus agora asseguram que um outro há de vir; e privando-se daquele que é, incidem no Anticristo. “*Não vos deixeis enganar por todas as espécies de doutrinas estranhas.*” Quer apartá-los não somente das doutrinas estranhas, mas de várias, pois sabia que de ambas as partes surgiria a maldade para os que foram seduzidos. “*Porque é bom que o coração seja fortificado pela graça e não por contendias sobre alimentos, os quais nunca foram de proveito para aqueles que a elas se dedicam*”. Sugere progressivamente aqueles que introduziam observâncias sobre alimentos. Pela fé todos se tornam puros; por conseguinte, precisa-se de fé, não de alimentos.

10. *Temos um altar do qual não podem se alimentar os que servem ao Tabernáculo.*

Os nossos não são como os judaicos, a tal ponto que nem ao pontífice é lícito deles participar. Por isso, tendo dito: Não observeis, parece referir-se àquele que destrói o que é seu; inverte novamente. Acaso nós também não observamos? – pergunta. Observamos muito bem, e não concedemos estas coisas nem aos sacerdotes.

11. *Porque os corpos dos animais, cujo sangue o sumo sacerdote carrega no Santuário para a expiação do pecado, são queimados fora do acampamento.*

12. *Foi por isso que Jesus, para santificar o povo por seu próprio sangue, sofreu do lado de fora da porta.*

Viste a figura resplandecente? *“Fora do acampamento”*, disse ele, e: *“Fora da porta”*. Uma vez que a oferta pelo pecado era uma espécie de tipo, e era queimada em holocausto fora da porta, com razão Jesus sofreu fora da porta e ofereceu-se por nossos pecados. Por isso devemos também nós imitar aquele que por nós sofreu a morte, e afastar-nos para longe das preocupações deste mundo, isto é, mantermo-nos fora do mundo e acima das realidades terrenas. Visando assinalá-los, acrescentou:

13. *Saiamos, portanto, ao seu encontro fora do acampamento, carregando a sua humilhação.*

Isto é, sofrendo o mesmo, associando-nos a ele na paixão. Condenado, foi crucificado do lado de fora; não nos envergonhemos de ir para fora do mundo. Sugere-o ao dizer: *“Fora do acampamento”* e *“Fora da porta”*.

14. *Porque não temos aqui embaixo cidade permanente, mas estamos à procura da cidade que está para vir.*

15. *Por meio dele ofereçamos continuamente um sacrifício de louvor a Deus, isto é, o fruto dos lábios que confessam o seu nome.*

“Por meio dele”, enquanto pontífice, segundo a carne. *“Que confessam o seu nome”*, isto é, sem proferir maldição, nada de malvado, audaz, imprudente; tudo façamos e digamos com pudor e reverência. Não o diz em vão, mas por estar ciente de que eles ficaram atribulados. A alma, de fato, nas aflições desespera e perde o pudor. Mas nós, não, diz ele. E ei-lo a repetir o que dizia acima. *“Não deixemos as nossas assembleias”* (Hb 10,25). Dessa forma poderemos agir sempre com reverência; com frequência por respeito humano deixamos de praticar atos desonestos.

16. *Não vos esqueçais da beneficência e da comunhão,*

Outrora Paulo vo-lo dizia, agora eu o digo. Não apenas aos irmãos presentes, mas também aos ausentes. Ninguém vos roubou; se alguns, porém, roubaram, quanto possível, exibi hospitalidade. Que desculpa teremos nós, se eles, após a espoliação, ouviram isso? E vê, ele ordena: *“Não vos esqueçais da beneficência”*, após dizer: *“Hospitalidade”*. Não indica coisas diferentes, mas uma só e mesma coisa por meio de vários termos. E não disse: Não vos esqueçais da recepção de peregrinos, e sim: *“Da hospitalidade”*, isto é, não apenas recebei peregrinos, mas também amai-os. Não declarou uma remuneração futura e reservada, para não torná-los mais indolentes, mas a que fora dada, acrescentando: *“Porque graças a ela alguns, sem saber, acolheram anjos”*. Vejamos mais acima: *“O matrimônio seja honrado por todos, e o leito conjugal, sem mancha”*. Por que motivo seja honrado? Porque conserva o fiel na castidade. Aqui também tacitamente alude aos judeus, que consideravam abominável o casamento: Aquele que se levanta da cópula, afirmam, não é puro. Não são abomináveis as ações naturais, ó judeu ingrato e insensível, mas o que provém do livre-arbítrio; pois se o matrimônio é honroso e puro, porque julgas que ele mancha? *“Que o amor do dinheiro não inspire a vossa conduta.”* A muitos que, depois de darem seus bens, querem sob pretexto de esmola readquiri-los, ele diz: *“Que o amor do dinheiro não inspire a vossa conduta”*, isto é, busquemos apenas o necessário, o indispensável. Ora, se nem isto nos for concedido? Não é assim, diz ele, não é; ele próprio o afirmou e não mente: *“Eu nunca te deixarei, jamais te abandonarei”*, de sorte que digamos com confiança: *“O Senhor é meu auxílio, jamais temerei; que poderá fazer-me o homem?”* (Sl 118,6). Como se dissesse: Tens uma promessa da parte dele, não duvides; ele próprio prometeu, não hesites. A palavra: *“Eu nunca te deixarei”* não trata apenas de riquezas, mas também do restante. *“O Senhor é meu auxílio, jamais temerei; que poderá fazer-me o homem?”* E com razão acrescentou o dito do

profeta, selando a palavra, e tornando-nos mais prontos, a fim de não desesperarmos. Digamos também nós em todas as provações, zombemos dos problemas humanos: Enquanto Deus nos for propício, ninguém nos vencerá. E se um for inimigo, apesar de serem amigos os demais, ele não lucrará; ao invés, se for amigo, enquanto os demais nos combaterem, em nada nos prejudicará. Por isso disse: *“Jamais temerei; que poderá fazer-me o homem?”* *“Lembraí-vos dos vossos dirigentes, que vos anunciaram a palavra de Deus”*. A meu ver, aqui se refere ao apoio, isto é: *“Que vos anunciaram a palavra de Deus. Considerai como terminou a vida deles, e imitai-lhes a fé”*. O que significa: *“Lembraí-vos”*? Frequentemente tratando disso, refletindo, buscando com apuro, perscrutando à vontade. Diz bem: *“Como terminou a vida deles”*, isto é, até o fim, porque sua vida teve fim ótimo. *“Jesus Cristo, ontem, hoje e por todos os séculos”*. Isto é, não julgueis que outrora operou milagres, e agora não os opera; ele é o mesmo, e sendo o mesmo, não há ocasião em que não possa atuar. Refletindo, disse: *“Lembraí-vos dos vossos dirigentes. Não vos deixeis enganar por todas as espécies de doutrinas estranhas”*. *“Estranhas”*, isto é, diversas daquelas que ouvistes. *“Todas as espécies”*, isto é, todo gênero de doutrinas. Estas nada possuem de estável, mas são variadas, principalmente sobre a diferença entre os alimentos. Em vista disto, acrescenta: *“É bom que o coração seja fortificado pela graça e não por contendias sobre alimentos”*. Estas são variadas, são estranhas. Nesta passagem ataca as observâncias supersticiosas acerca dos alimentos; demonstra como as observâncias supersticiosas incidem em doutrinas estranhas à fé reta, e daí se inclinam a várias e novas doutrinas. E vê que ele não ousa declará-lo abertamente, mas emprega uma sorte de enigma. Ao dizer: *“Não vos deixeis enganar por todas as espécies de doutrinas estranhas”*, e: *“É bom que o coração seja fortificado pela graça e não por contendias sobre alimentos”* enuncia quase o mesmo que Cristo: *“Não é o que entra pela boca que torna o homem impuro, mas o que sai da boca”* (Mt 15,11), e mostra que a fé é tudo; se ela nos estabilizar, o coração está em segurança.

A fé, portanto, confirma, os raciocínios agitam; a fé contrapõe-se ao raciocínio. *“Os quais nunca foram de proveito para aqueles que a elas se dedicam”*. Qual o lucro, dize-me, das observâncias? Ou não arruínam? Não estabelece sob pecado? Se importa observar, note-se que lucro traz. Boa observância é a fuga da maldade, a retidão do coração, a piedade para com Deus, a fé reta. *“Os quais nunca foram de proveito para aqueles que a elas se dedicam”*, isto é, aos que sempre praticam. É observância abster-se do pecado. De que adianta serem alguns celerados a ponto de não poderem participar dos sacrifícios? Nada os salvaria, embora se empenhassem muito nas observâncias; mas visto que não tinham a fé, estas não lhes foram de proveito. Em seguida extrai o sacrifício da ideia da figura, e dirige o discurso ao exemplar primitivo, dizendo: *“Porque os corpos dos animais, cujo sangue o sumo sacerdote carrega no Santuário para a expiação do pecado, são queimados fora do acampamento. Foi por isso que Jesus, para santificar o povo por seu próprio sangue, sofreu do lado de fora da porta”*. Aqueles eram figuras, e assim Cristo consumou todas as coisas, sofrendo do lado de fora. Significa também que ele sofreu espontaneamente, mostrando que não era em vão, mas constituía determinada figura, e o plano divino não era de sofrer do lado de fora, mas levar o sangue ao céu.

Vês, portanto, que somos partícipes do sangue levado ao Santo, ao verdadeiro Santuário, do sacrifício de que só o sacerdote fruía. Nós, por conseguinte, somos participantes da realidade. Se não participamos dos opróbrios, mas da santificação, os opróbrios eram causa da santificação; pois como ele foi atingido, nós também o fomos. Se, portanto, sairmos, com ele seremos partícipes.

O que quer dizer:

Saiamos, portanto, ao seu encontro

Sejamos partícipes de sua paixão,
carregando a sua humilhação.

Não foi sem motivo que sofreu do lado de fora da porta, mas para que também nós carreguemos a cruz, continuemos fora do mundo, e nos esforcemos por ali permanecer. Ele era atacado de opróbrios como um condenado, assim também nós.

Por meio dele ofereçamos continuamente um sacrifício,

A Deus. O que ele denomina sacrifício? Ele próprio o interpreta:

o fruto dos lábios que confessam o seu nome.

Isto é, preces, hinos, ações de graças. São os frutos dos lábios. Os antigos ofereciam ovelhas, vitelos e os doavam ao sacerdote. Nós, contudo, nada disso ofereçamos, e sim ações de graças em tudo, imitemos a Cristo, quanto possível. Isso germine em nossos lábios.

16. *Não vos esqueçais da beneficência e da comunhão, porque são antes os sacrifícios que agradam a Deus.*

Ofereçamos-lhe este sacrifício, a fim de que o apresente ao Pai; aliás, não são oferecidos, a não ser por intermédio do Filho, ou antes, também pelo coração contrito. Ele disse tudo isso por causa dos ouvintes mais fracos. É evidente que a graça é do Filho; de outra forma, seria igual em honra? “A fim de que todos honrem o Filho, como honram o Pai” (Jo 5,23). A não ser que, glorificado o Pai, também se glorifique o Filho, onde estaria a igualdade em honra? Uma vez que o fruto dos lábios que confessem seu nome é ação de graças por tudo e por aquilo que por nós sofreu, suportemos tudo com ânimo grato, seja pobreza, doença etc., pois só ele sabe o que nos é útil. “Não sabemos o que pedir, nem orar como convém” (Rm 8,26). Nós, que nem sabemos o que pedir como convém, a não ser que o apreendamos do Espírito, como saberemos o que nos é vantajoso? Esforcemo-nos por oferecer tudo com ações de graças, todos suportemos o que acontecer com ânimo forte. Quando estivermos na pobreza, na doença, demos graças; quando caluniados, demos graças, quando padecermos, demos graças. Assim aproximamo-nos de Deus, então também temos a Deus como devedor. Quando, porém, somos felizes, somos devedores e subordinados a Deus; aliás, também muitas vezes estas coisas nos levam a juízo, aquelas à expiação dos pecados. Aquelas atraem a misericórdia, a clemência. Estas exaltam até a arrogância, conduzem à indolência, e fazem com que imaginemos grandiosidades a nosso respeito; enfraquecem-nos. Por isso dizia também o profeta: “Para mim é bom ser afligido para aprender os teus estatutos” (Sl 119,71). Quando Ezequias foi beneficiado e libertado dos males, seu coração se exaltou; quando, porém, adoeceu, humilhou-se, aproximou-se de Deus. “Quando os matava então o buscavam, convertiam-se e o procuravam” (Sl 78,34); e ainda: “Cameu e saciou-se o amado e recalcitou” (Dt 32,15). O Senhor se dá a conhecer ao julgar. A tribulação é um grande bem. O caminho é estreito. A tribulação nos entrega à angústia. Quem não é afligido não pode entrar. Quem no caminho estreito é triturado e se angustia, goza de repouso, quem, contudo, se expande, não; ingressa e é triturado sob a cunha, como se diz. Escuta de que forma Paulo penetrou no caminho estreito: “Trato duramente o meu corpo e o reduzo à servidão” (1Cor 9,27). Castigava o corpo para entrar; por isso, em todas as aflições dava sempre graças a Deus. Sofreste prejuízo em dinheiro? Conferiu-te grande largueza! Perdeste a glória? Outra vastidão! Foste caluniado? Foram acreditadas as palavras ditas contra ti, e das quais não eras consciente? Alegra-te e exulta. “Bem-aventurados sois, quando vos injuriarem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por causa de mim. Alegrai-vos e regozijai-vos, porque será grande a vossa recompensa nos céus” (Mt 5,11-12). Por que te admiras por te irritares, e queres libertar-te das provações? Paulo quis ser libertado, e várias vezes rogou a Deus,

mas não o conseguiu. O termo: “três” representa várias vezes. “A esse respeito, três vezes pedi ao Senhor... Respondeu-me: ‘Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder’” (2Cor 12,8-9). Denomina fraqueza neste trecho as aflições. E então? Tendo ouvido isto, suporta com ânimo grato, e diz: “Por isso eu me alegro nas minhas fraquezas” (2Cor 12,10), isto é, apraz-me e fico tranquilo nas provações. Por tudo, portanto, demos graças, pelo alívio, pelas tribulações; não murmuremos, não sejamos ingratos. Dize também tu: “Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei” (Jó 1,21). Não saíste glorioso, não busques a glória. Entraste nesta vida despido não somente de dinheiro, mas também de glória e estima.

Reflete quantos males frequentemente se originaram das riquezas, ou melhor, escuta o que Cristo diz: “É mais fácil um camelo entrar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus” (Mt 19,24). Vês que grande impedimento para o bem são as riquezas, entretanto procuras enriquecer. Não te alegras com a pobreza, com ser afastado o obstáculo? Assim é estreito o caminho que conduz ao reino. Assim são largas as riquezas, cheias de fraqueza e inchaço. Por isso diz-se: “Vende os teus bens” (Mt 19,21), para que aquele caminho te receba. Por que ambicionas riquezas? Elas te foram tiradas para te libertar da servidão. Os verdadeiros pais, quando o filho se corrompe pelas relações com uma meretriz, e muitas vezes admoestado não se convence de largá-la, expulsam-na para longe. Tal é também a abundância de dinheiro. O Senhor, cuidando de nós, a fim de nos libertar dos danos, tira-nos as riquezas. Não consideres, portanto, um mal a pobreza. Mal é somente o pecado. Nem as riquezas são boas em si mesmas; somente é bom agradar a Deus. Busquemos, portanto, a pobreza, persigamo-la. Assim alcançaremos o céu, conseguiremos os bens celestes. Seja-nos dado a todos nós obtê-los, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

TRIGÉSIMA QUARTA HOMILIA

13,17. *Obedecei aos vossos dirigentes, e sede-lhes dóceis; porque velam pessoalmente sobre as vossas almas, e disso prestarão contas. Assim poderão fazê-lo com alegria e não gemendo, o que não vos seria vantajoso.*

Estar desprovido de governo é um mal e o fundamento de muitas tribulações, princípio de perturbação e confusão, principalmente na Igreja, onde é tanto mais pernicioso quanto o poder é maior e mais sublime. Pois, se de um coro tirares o regente, deixará de ser um coro harmonioso e bem ordenado; e se da falange de um exército removeres o general, a fileira não será mais bem ritmada e ordenada; e se retirares da nave o timoneiro, a nave submergirá. Assim também, se do rebanho afastares o pastor, tudo se revoluciona e perece. A anarquia é um mal e fundamento de ruína; não é mal menor a desobediência dos subordinados; pois o mesmo acontece. O povo que não obedece ao governador é semelhante àquele que não o tem, e talvez até pior, pois naquele caso há desculpa para a desordem; aqui, porém, não, mas até é punido. Talvez diga alguém que existe um terceiro mal, o de ser malvado o dirigente. Eu também o sei. Não é pequeno mal, mas muito pior do que a carência de governo; é melhor não ser guiado por ninguém do que por um malvado. Com efeito, este por vezes escapa salvo, por vezes também periclita, o outro, contudo, sempre incorre em perigo, levado ao báratro. Por quê, então, ordena Paulo: “Obedecei aos vossos dirigentes, e sede-lhes dóceis”? Tendo dito acima: “Considerai como terminou a vida deles, e imitai-lhes a fé”, agora diz: “Obedecei aos vossos dirigentes, e sede-lhes dóceis”. O que sucederá, replica-se, quando for mau, e não lhe obedecermos? Mau, dizes, de que modo? Se relativamente à fé, foge e evita-o, não somente se for um

homem, mas também se for um anjo que desça do céu. Se por causa da vida, não sejas muito exigente. Não dou este exemplo por mim mesmo, mas provém da divina Escritura. Escuta a palavra de Cristo: “Os escribas e fariseus estão sentados na cátedra de Moisés”. Tendo dito coisas graves, agora declara: “Estão sentados na cátedra de Moisés. Portanto, fazei tudo quanto vos disserem. Mas não imiteis as suas ações” (Mt 23,2-3). Têm a dignidade, diz ele, mas a vida é impura. Ora, não dai atenção à vida, mas às palavras, pois ninguém sofrerá dano por causa dos costumes deles. Por quê? Porque são manifestos a todos; e nem ele, embora seja mil vezes malvado, jamais ensinará o mal. Mas quanto à fé, que não é manifesta a todos, o malvado não deixará de ensinar uma doutrina perversa. Pois a palavra: “Não julgueis para não serdes julgados” (Mt 7,1), refere-se à vida, não à fé. Certamente o acréscimo o demonstra. “Por quereparas no cisco que está no olho do teu irmão, quando não percebes a trave que está no teu?” (Mt 7,3). “Fazei tudo quanto vos disserem” (Fazer é próprio das obras, não da fé); “mas não imiteis as suas ações”. Vês que não trata da doutrina, mas da vida e das obras? Mas Paulo então primeiro recomendou-lhes: *“Obedecei aos vossos dirigentes, e sede-lhes dóceis; porque velam pessoalmente sobre as vossas almas, e disso prestarão contas”*. Ouçam os dirigentes que, assim como convém aos súditos serem obedientes aos dirigentes, importa que os chefes sejam vigilantes e sóbrios. O que dizes? Vigia, o perigo ameaça-lhe a cabeça, está sujeito a penas por causa de teus pecados, por tua causa está receoso, e tu és preguiçoso, torpe e sórdido, e não queres obedecer? Por isso ele acrescenta: *“Assim poderão fazê-lo com alegria e não gemendo, o que não vos seria vantajoso”*. Vês que os chefes desprezados não devem vingar-se, mas a máxima vingança é chorar e gemer? E com razão. O médico igualmente desprezado pelo doente não deve se vingar, mas chorar e gemer. Mas se o chefe geme, Deus vingar-se-á em ti. Se atraímos o favor de Deus porque gememos devido a nossos pecados, não muito mais se gememos devido à arrogância e desprezo dos outros? Vês que não lhe permite irromper em injúrias? Vês quanta sabedoria? Importa que gema o desprezado, conculcado, escarrado. Não confies porque não te vingas; o gemido é pior do que qualquer vingança. Pois, quando ele nada alcança gemendo, invoca o Senhor. Quando um menino não ouve o mestre e preceptor, chama-se aquele que se porta com maior severidade para com ele. Assim acontece também aqui.

Ah! Grande perigo! O que dirás aos infelizes, que se jogam em tal abismo de suplícios? De todos aqueles que governas, mulheres, homens, crianças, deverás prestar contas; submetes tua cabeça a fogo tão intenso. Admiro que possa algum chefe se salvar, vendo que alguns, apesar das ameaças, entregam-se atualmente à indolência, e lançam-se em tão grande quantidade de questões a administrar. Os obrigados a isto não alcançam desculpa ou defesa, no caso de administrarem mal e serem negligentes. Também Aarão foi obrigado e enfrentou um perigo; e igualmente Moisés periclitou, apesar de ter várias vezes recusado. Saul, ao qual fora confiado o reinado, depois de ter recusado, enfrentou perigo, porque mal administrara. Quanto mais aqueles que se empenham em obtê-lo e se projetam no perigo? Tal pessoa muito mais será privada de perdão. Importa temer e estremecer, por causa da consciência e do peso do poder, mesmo se obrigados a recusar; nem se espontaneamente, não coagidos, incorrerem no mesmo. Mas deve também fugir, prevendo a grandeza da dignidade, e aqueles que foram captados sejam cautelosos e reverentes. Nada de imoderado, tudo em ordem. Antes de seres promovido afasta-te, convencido de que és indigno; mas se fores capturado, sê igualmente reverente, sempre precavido.

18. *Orai por nós, porque estamos convictos de possuir uma consciência boa, com a vontade de nos comportar bem em toda ocasião.*

Vês que se desculpa de escrever-lhes como a pessoas ofendidas, adversários, infensos a ele como transgressor e que não queriam nem ouvir seu nome. Exigindo daqueles que o odiavam, o que os

outros daqueles que os amam, diz o motivo: *“Estamos convictos de possuir uma consciência boa”*. Não me condenes. Minha consciência de nada me acusa, nem estamos cientes de vos ter armado ciladas. *“Estamos convictos de possuir uma consciência boa, com a vontade de nos comportar bem em toda ocasião.”* Por conseguinte, não somente entre os pagãos, mas também no meio de vós. Nada fizemos fraudulenta, nem hipocritamente; é provável que essas calúnias fossem intentadas contra ele. Escuta que foi acusado falsamente, segundo assegura Tiago: *“Ora, ouviram dizer que ensinas os judeus a apostatarem”* (cf. At 21,21). Não escrevo como inimigo mas como amigo. E comprova-o pelas palavras subsequentes:

19. *Fazei-o, peço-vos com insistência, para que eu vos seja restituído o mais breve possível.*

Tal súplica provinha de alguém que os amava intensamente. E não somente pedia, mas com todo zelo, a fim de que logo fosse ter com eles. É próprio de quem de nada de mal está consciente empenhar-se em visitar, e pedir que rezem por ele. Por esse motivo, tendo primeiro lhes pedido orações, impetra para eles todos os bens.

20. *O Deus da paz*

Assim se exprime porque entre eles existiam dissensões. Se, portanto, diz ele, Deus é Deus da paz, não haja dissídio entre nós.

que fez subir da terra o Pastor das ovelhas,

Refere-se à ressurreição. *“Grande”*. Outro suplemento. Aqui novamente até o fim confirma o que se diz acerca da ressurreição.

pelo sangue de uma aliança eterna, nosso Senhor Jesus Cristo

21. *vos torne aptos a todo bem, para fazer a sua vontade; que ele realize em vós o que é agradável diante de si,*

Mais uma vez presta-lhes grande testemunho: diz-se íntegro o que tem início e em seguida se completa. E implora para eles, o que é próprio de quem deseja o bem. E vê: nas outras cartas deseja no início, aqui, porém, no final. *“Que ele realize em vós o que é agradável diante de si.”*

por Jesus Cristo, ao qual seja dada glória pelos séculos dos séculos! Amém.

22. *Irmãos, eu vos peço suportar esta palavra de exortação. Aliás, eu vos envio apenas algumas palavras.*

Vês que lhes escreve o que não escreveu a nenhum outro? *“Aliás, eu vos envio apenas algumas palavras”*, isto é, não vos aborreço sendo prolixo. Julgo que eles não eram contrários a Timóteo, e por isso o coloca primeiramente.

23. *Sabei que o nosso irmão Timóteo foi libertado. Se vier logo, com ele irei ver-vos.*

“Libertado”, de onde? Julgo que fora lançado no cárcere; ou, se não, foi libertado em Atenas, o que também se verifica nos Atos.

24. *Saudai todos os vossos dirigentes e todos os santos. Os que vieram da Itália vos saúdam.*

25. *A graça esteja com todos vós! Amém.*

Assim poderão fazê-lo com alegria e não gemendo, o que não vos seria vantajoso.

Vês mostrar ele que a virtude não provém inteiramente de Deus, nem surge somente de nós? Ao dizer: *“Vos torne aptos a todo bem”* etc. o destaca, como se dissesse: Tendes, na verdade, virtude; precisais, contudo, de complementá-la. Ao dizer: *Obra e palavra boa*, assinala que a vida e a doutrina

devem ser retas. Acrescentou muito bem: *“Que ele realize em vós o que é agradável diante de si”*. *“Diante de si”*, a virtude máxima é fazer o que é agradável diante de Deus, conforme diz o profeta: *“O Senhor me retribui segundo a pureza de minhas mãos que ele vê com seus olhos”* (Sl 17,21.25). Havendo escrito muito, disse pouco em comparação com o que ia dizer, segundo declara em outra passagem: *“Atrás vos expus sumariamente. Lendo-me, podeis compreender a percepção que eu tenho do mistério de Cristo”* (Ef 3,3-4). Vê sua sabedoria. Não diz: Rogo-vos que suporteis a admoestação, e sim a palavra de *“exortação”*, consolo. Que ninguém se aborreça porque prolixas. Como? Era isso que lhes causava aversão? Não. Não quer indicar e dizer: Sois pusilânimes, pois a estes é peculiar não tolerar um longo discurso. *“Sabei que o nosso irmão Timóteo foi libertado. Se vier logo, com ele irei ver-vos.”* Estar disposto a ir com o discípulo basta para persuadi-los a se humilharem. *“Saudai todos os vossos dirigentes e todos os santos.”* Vê como os honra, escrevendo-lhes no lugar deles. *“Os que vieram da Itália vos saúdam. A graça esteja com todos vós! Amém.”* O que era comum a todos, colocou em último lugar. Quando a graça está conosco? Ao não infligirmos injúrias em troca do benefício, não formos indolentes quanto às dádivas. O que é a graça? A remissão dos pecados, a purificação. Ela está conosco.

O injuriador conserva a graça, não a perde? Imagina que Deus te perdoou os pecados; estará contigo a graça, ou o favor, ou a operação do Espírito, se pelas boas ações não a acolhes? Causa todos os bens a permanência em nós da graça do Espírito. É sempre guia no caminho; mas se ela se apartar esvoaçando ocasiona nossa perda e faz-nos estéreis.

Não a expulsemos, portanto; está em nosso poder que fique ou se afaste. Tal acontece quando pensamos nos bens celestes; sucede o oposto quando cuidamos dos bens da vida presente. *“Que o mundo não pode acolher, porque não o vê, nem o conhece”* (Jo 14,17). Chama de mundo a vida desonesta. Vês que não o possui a alma mundana? Para o retermos, precisamos de zelar, bem administrar o que é nosso, pôr em segurança com muita paz. O navio, sendo o vento favorável, não é impedido, nem submerge enquanto goza de vento próspero e contínuo; ao voltar, oferece aos nautas e pilotos grande glória pelo sucesso, dando-lhes muita tranquilidade, não deixando que se esforcem com os remos; livra-os do medo, e apresenta-lhes grande espetáculo com o seu curso. Assim também a alma munida do Espírito é superior a todas as vagas dessa vida; corta, porém, o caminho que leva ao céu com maior vigor do que aquela nave, porque não é impelida pelos ventos, mas tem as velas limpas, infladas pelo próprio Paráclito, e expele da cogitação tudo o que é fraco e dissoluto. Como o vento que incide numa vela frouxa não impele, assim também o Santo Espírito não pode permanecer numa alma frouxa, mas precisa de maior tensão e força.

Importa termos um ânimo ardente, e sempre nossas obras sejam intensas e fortes. Assim, rezemos com a atenção fixa no céu, não em redes, mas pela prontidão. Quando damos esmola, precisamos de tensão para que as preocupações com a casa, a solicitude acerca dos filhos e da mulher, o medo da pobreza, não irrompam e afrouxem as velas. Sempre atenta à esperança dos bens futuros, a alma captará bem a operação do Espírito. Nada de caduco e infeliz nela incidirá, e se incidir não prejudicará, mas imediatamente o repelirá com firmeza e sacudirá. Por isso precisamos de forte intenção. De fato, navegamos num mar grande e espaçoso, cheio de monstros e muitos escolhos, onde irrompem frequentes tempestades, e onde, após grande serenidade, levantam-se furiosas procelas. Devemos, portanto, se queremos navegar facilmente e sem perigo, desfraldar as velas, isto é, nosso livre-arbítrio; e basta. Abraão também, depois que firmou seus anelos em Deus e mostrou vontade íntegra, de que precisou? *“De nada. Mas, “Acreditou em Deus e foi-lhe reputado em justiça”* (Gn 15,6). A fé é própria de uma vontade genuína. Ofereceu o filho, e, embora não o tenha imolado,

recebeu a retribuição merecida por uma imolação; e, embora não tenha executado a obra, foi recompensado. Tenhamos, portanto, velas puras, novas, não envelhecidas: *“Ora, o que se torna antigo e envelhece está prestes a desaparecer”* (Hb 8,13). Não perfuradas, a fim de conter a operação do Espírito, pois: *“O homem psíquico não aceita o que vem do Espírito de Deus”* (1Cor 2,14). Como a teia de aranha não aguenta a força do vento, assim a alma entregue aos cuidados dessa vida, e o homem psíquico jamais acolherá a graça do Espírito. Desses em nada distam nossas cogitações, somente a visão conserva a consequência, privando-as de todo vigor. Mas o que nos pertence não é assim, se formos vigilantes; aconteça o que acontecer, tudo suportamos, superiores a tudo, e mais fortes do que quaisquer laços.

Um homem espiritual, se sobrevierem inumeráveis males, não é dominado por nenhum. E o que direi? Inflijam-se-lhe pobreza, doença, injúrias, maldições, ludíbrios, feridas, todo gênero de suplício, de irrisão, de opróbrios, de ultrajes, como se estivesse fora do mundo e livre dos padecimentos corporais, de tudo se rirá. Para não alardear, julgo haver muitas dessas pessoas, por exemplo, muitos dos que se retiraram para a solidão. Mas isso não é de admirar, replica-se. Digo que existem também nas cidades alguns, embora não suspeiteis, de forma alguma. Se queres, posso citar alguns dos que viveram outrora. E para entenderes, lembra-te de Paulo. A que males não esteve sujeito? Não suportou? Mas tudo tolerou com fortaleza. Imitemo-lo, e assim poderemos comparecer perante Deus e alcançar tranquilos o porto, carregados de mercadorias. Fixemos a mente no céu, lá permaneçamos em desejo, lancemo-nos no fogo espiritual, conservemos conosco a chama. Nenhum portador de uma chama teme o que lhe vem ao encontro, seja fera, homem, incontáveis laços; enquanto estiver acesa, todas as coisas cedem, dão lugar. A chama é insuportável, o fogo intolerável, tudo consome. Cerquemo-nos deste fogo, demos glória a nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, poder e honra, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

-

Coleção **PATRÍSTICA**

1. Padres Apostólicos, Clemente Romano – Inácio de Antioquia – Policarpo de Esmirna – Pseudo-Barnabé – Hermas – Pápias – Didaqué
2. Padres Apologistas, Carta a Diogneto – Aristides – Taciano – Atenágoras – Teófilo – Hérmiás
3. Apologias e Diálogo com Trifão, Justino de Roma
4. Contra as heresias, Ireneu de Lião
5. Explicação dos símbolos (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência, Ambrósio de Milão
6. Sermões, Leão Magno
7. A Trindade, S. Agostinho
8. O livre-arbítrio, S. Agostinho
- 9/1. Comentário aos Salmos (Salmos 1-50), S. Agostinho
- 9/2. Comentário aos Salmos (Salmos 51-100), S. Agostinho
- 9/3. Comentário aos Salmos (Salmos 101-150), S. Agostinho
10. Confissões, S. Agostinho
11. Solilóquios – A vida feliz, S. Agostinho
12. A Graça (I), S. Agostinho
13. A Graça (II), S. Agostinho
14. Homilia sobre Lucas 12 – Homilias sobre a imagem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo, Basílio de Cesareia
15. História eclesiástica, Eusébio de Cesareia
16. Os bens do matrimônio – A santa virgindade consagrada – Os bens da viuvez: Cartas a Proba e a Juliana, S. Agostinho
17. A doutrina cristã, S. Agostinho
18. Contra os pagãos – A encarnação do Verbo – Apologia ao imperador Constâncio – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de S. Antão, S. Atanásio
19. A verdadeira religião – O cuidado devido aos mortos, S. Agostinho
20. Contra Celso, Orígenes
21. Comentário ao Gênesis, S. Agostinho
22. Tratado sobre a Santíssima Trindade, S. Hilário de Poitiers
23. Da incompreensibilidade de Deus – Da Providência de Deus – Cartas a Olímpia, S. João Crisóstomo
24. Contra os Acadêmicos – A Ordem – A grandeza da Alma – O Mestre, S. Agostinho
25. Explicação de algumas proposições da Carta aos Romanos / Explicação da Carta aos Gálatas / Explicação incoada da Carta aos Romanos, S. Agostinho
26. Examerão – os seis dias da criação, S. Ambrósio
- 27/1. Comentário às Cartas de São Paulo/1 – Homilias sobre a Carta aos Romanos – Comentário sobre a Carta aos Gálatas – Homilias sobre a Carta aos Efésios, S. João Crisóstomo
- 27/2. Comentário às Cartas de São Paulo/2 – Homilias sobre a Primeira Carta aos Coríntios – Homilias sobre a Segunda Carta aos Coríntios, S. João Crisóstomo
- 27/3. Comentário às Cartas de São Paulo/3 – Homilias sobre as cartas: Primeira e Segunda a Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus, S. João Crisóstomo
28. Regra Pastoral, S. Gregório Magno

29. A criação do homem / A alma e a ressurreição / A grande catequese, S. Gregório de Nissa

30. Tratado sobre os Princípios, Orígenes

31. Apologia contra os livros de Rufino, S. Jerônimo

32. A fé e o símbolo / Primeira catequese aos não cristãos / A disciplina cristã / A continência, S. Agostinho

Título original

- Hypónnēma eîs tēn pròs Timòtheon Epistolēn prōtēn
- Hypónnēma eîs tēn pròs Timòtheon Epistolēn deutéran
- Hypónnēma eîs tēn pròs Tìton Epistolēn
- Hypónnēma eîs tēn pròs Philippēsious Epistolēn
- Hypónnēma eîs tēn pròs Kolossaeîs Epistolēn
- Hypónnēma eîs tēn pròs Thessalonikeîs Epistolēn prōtēn
- Hypónnēma eîs tēn pròs Thessalonikeîs Epistolēn deutéran
- Hypónnēma eîs tēn pròs Philēmona Epistolēn
- Hermēneia eîs tēn pròs Hebraíous Epistolēn

Tradução

Mosteiro de Maria Mãe do Cristo

Direção editorial

Claudiano Avelino dos Santos

Coordenação de desenvolvimento digital

Erivaldo Dantas

Coordenação editorial

Bento Silva Santos

Supervisão

Heres Drian de Oliveira Freitas

Assistente editorial

Jacqueline Mendes Fontes

Revisão

Iranildo Bezerra Lopes

Capa

Marcelo Campanhã

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

João Crisóstomo, Santo, ca. 347-407.

Comentário às cartas de São Paulo/3: Homílias sobre as cartas: Primeira e Segunda a Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus, Santo, João Crisóstomo; [tradução Mosteiro de Maria Mãe de Cristo]. – São Paulo: Paulus, 2013. – (Coleção Patrística; 26)

eISBN 9788534939034

1. Bíblia. N.T. Timóteo, Tito, Filipenses, Colossenses, Tessalonicenses, Filemon, Hebreus - Comentários 2. Bíblia. N.T. Epístolas de Paulo - Comentários I. Título. II. Série.

11-13969 CDD-227.207

Índices para catálogo sistemático

1. Cartas de Paulo: Epístolas – Timóteo, Tito, Filipenses, Colossenses, Tessalonicenses, Filemon, Hebreus: Comentários 227.207
2. Coríntios: Epístolas paulinas: Comentários 227.207

© PAULUS – 2014

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)

Tel. (11) 5087-3700 • Fax (11) 5579-3627

www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

eISBN 9788534939034